DICIONÁRIO DO ARTESANATO INDÍGENA

BERTA G. RIBEIRO

Cláudio Martins

DICIONÁRIO DO ARTESANATO INDÍGENA

A elaboração deste *Dicionário* obedeceu ao propósito de sistematizar a cultura material indígena. Esperamos que, dessa forma, possa prestar bons serviços aos que dele disporem, oferecendo informações práticas necessárias ao manejo e estudo dos objetos recolhidos aos museus e encontrados nas aldeias.

Além da parte lexicográfica, tornou-se necessário dotá-lo de ilustrações. E também de informações de ordem técnica e científica, a saber, os processos de manufatura e as matérias-primas neles empregadas.

Às definições de cada artefato foi dado o desenvolvimento compatível com sua importância, o qual é detalhado nos itens e globalizado nas definições genéricas. Era também essencial imprimir ao *Dicionário* uma disposição que facilitasse o inter-relacionamento das palavras-chave, o que foi feito.

Tendo em vista a simplificação e facilidade de manuseio, os itens limitaram-se ao vocabulário já consagrado pelo uso, dando-se, sempre que necessário, sinônimos. Encontrar-se-ão alguns neologismos inevitáveis para indicar os objetos que não têm designação vernácula.

Procurou-se englobar no *Dicionário* todas as categorias de artefatos encontradas, comumente, nos acervos de museus etnográficos. Os claros que acaso tenham ficado poderão ser preenchidos, com o uso, segundo as normas aqui estabelecidas.

As ilustrações de Hamilton Botelho Malhano valorizam excepcionalmente os glossários, imprimindo-lhes, além de um aspecto atraente, as clarificações que só a gravura pode oferecer. Elas foram desenhadas em escala, indicada na legenda, à vista das peças, e com detalhes que ajudam a entendê-las e documentá-las. Os apetrechos de trabalho artesanal, designados implementos, são distribuídos pelas categorias a que servem.

A nomenclatura se constitui, assim, num amplo museu etnográfico "portátil" em que os protótipos são definidos e desenhados. Acreditamos que este trabalho, por sua natureza, exercerá uma função sistematizadora a serviço da recuperação dos acervos, não só indígenas mas também de cultura popular, que, a partir de agora, poderão ser consultados e estudados convenientemente.

BERTA G. RIBEIRO

DICIONÁRIO DO ARTESANATO INDÍGENA

DICIONÁRIO DO ARTESANATO INDÍGENA

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

R367d

Ribeiro, Berta G.
Dicionário do artesanato indígena / Berta G. Ribeiro ; ilustrações de Hamilton Botelho Malhano. – Belo Horizonte : Itatiaia ; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

(Coleção Reconquista do Brasil. 3. série especial ; v. 4)

Bibliografia.

1. Artesanato – Brasil – Dicionários 2. Índios da América do Sul – Brasil – Artesanatos – Dicionários I. Malhano, Hamilton Botelho. II. Título. III. Série ; Reconquista do Brasil. 3. série especial : v. 4.

87-2526

CDD-745.508998081
-745.503

Índices para catálogo sistemático:

1. Artesanato : Dicionários 745.503
2. Artesanato indígena : Brasil 745.508998081
3. Brasil : Artesanato indígena 745.508998081

COLEÇÃO RECONQUISTA DO BRASIL (3ª série especial)
Dirigida por Antonio Paim, Roque Spencer Maciel de Barros
e Ruy Afonso da Costa Nunes. Diretor até o volume 3
Mário Guimarães Ferri (1918-1985)

Volume 4

De todos os volumes desta "Série Especial" da Coleção "Reconquista do Brasil" são tirados cem exemplares em papel vergé creme - numerados de 001 a 100, fora do Comércio, destinados a colecionadores e biblilófilos.

CAPA
CLÁUDIO MARTINS

Ilustrações de
Hamilton Botelho Malhano

EDITORA ITATIAIA LIMITADA

BELO HORIZONTE

Rua São Geraldo, 53 — Fone : 222-8630
Rua da Bahia, 902 — Fones : 224-5151 e 226-6997
Rua São Geraldo, 67 — PABX: 212-4600 e 222-7002

BERTA G. RIBEIRO

DICIONÁRIO DO ARTESANATO INDÍGENA

Renato Nicolai

Editora Itatiaia Limitada
Editora da Universidade de São Paulo

5

Projeto: NOMENCLATURA DAS COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS

Apoio: Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos, Fundação Nacional pró-Memória, Ministério da Cultura

COORDENADORIA
GERAL DE
ACERVOS
MUSEOLÓGICOS

Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Museu do Índio, Fundação Nacional do Índio

Capa: Cláudio Martins

Apresentação: Thekla Hartmann

Revisão: *Gilberto Lima Martins*

Coordenação Gráfica/ Diagramação/
Composição e Arte-final:
Line's Studio Ltda - (021) 263-1029

1988

Direitos de Propriedade Literária adquiridos pela
EDITORA ITATIAIA LIMITADA
Belo Horizonte

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Berta Ribeiro escreve muito e escreve bem. E sempre sobre o tema que faz anos a preocupa: o produto tangível do trabalho humano, o artefato. Como expressão de arte ou de técnicas artesanais diversas, no seu contexto de origem – na aldeia indígena ou no bairro rural – ou no meio para o qual se transplanta, o universo urbano. Portanto, a todos os que, por inclinação ou por ofício, estão ligados ao objeto, a obra escrita de Berta Ribeiro interessa. E eis outra característica dela: menos que à autora ou sua carreira, essa obra sempre serve aos outros, sejam colecionadores particulares, curiosos, aficcionados ou curadores de museus, sejam índios, artesãos rústicos ou órgãos oficiais incumbidos do fomento ao artesanato popular, sejam estudiosos de cultura material. Incompletos muitas vezes, os escritos de Berta Ribeiro são, entretanto, sempre pioneiros, respondendo a necessidades difusas, ainda não formuladas, na orla do consciente. Arrojados também, mesmo atrevidos: quem, senão Berta, ousaria um tesauro, um dicionário da terminologia artefatual? Como a exigir um mínimo de ordem na babel de projetos que visam desnorteadamente um resgate da memória nacional no vazio de conceitos básicos para isso, de critérios operantes, de terminologia precisa e adequada! Quem, senão Berta, a reconhecer através do presente trabalho a desordem crônica e gritante dos depósitos de museus – pomposamente designados por "reservas técnicas" – em que se atulham milhares de artefatos obtidos e mantidos a alto custo, sem nome, sem história e sem destinação?

Ao meter-se na insana trabalheira de fabricar uma terminologia para racionalizar o trato com o objeto, Berta Ribeiro por certo desejou as controvérsias a que daria origem. Testado em espécimes isolados e em coleções, seu esquema promete abrir a discussão entre as gentes do "métier", desprovidas até agora de uma proposta orgânica para designar, classificar e comparar artefatos.

Thekla Hartmann
Museu Paulista

PREFÁCIO

A presente nomenclatura das coleções etnográficas tem por objetivo normalizar a terminologia dos produtos de cultura material indígena recolhidos a museus, prestando-se, também, em parte, para recuperar informação de material semelhante proveniente da cultura rústica brasileira.

Trata-se de criar uma linguagem documental controlada capaz de indexar documentos museológicos e facilitar o acesso às informações, assim estruturadas, mediante catalogação com uso de computador. O trabalho se recomenda tendo em vista que:

1) a documentação museológica manual exige grande esforço, quase sempre infrutífero;

2) a necessidade de cadastrar os acervos artefatuais de tribos indígenas extintas, em vias de extinção ou ameaçadas de descaracterização, a fim de recuperar as informações neles contidas;

3) essa recuperação presta-se não só a fins acadêmicos, ou de "memória nacional", senão, também, a fins práticos: o resgate do patrimônio ancestral pelos próprios índios;

4) tanto curadores de museus como antropólogos se ressentem da falta de um guia terminológico para uniformizar a descrição dos elementos de cultura material e o cadastramento das coleções para pesquisa e consulta. Neste sentido, a normatização vocabular proposta interessa a um âmbito muito grande de instituições, tanto museológicas como antropológicas, no Brasil e no exterior. Só assim será possível ter acesso às coleções como se tem, normalmente, aos livros de uma biblioteca.

Cabe reconhecer que a clientela potencial de um catálogo sistemático de documentos etnográficos é ainda pequena. São poucos, com efeito, os especialistas interessados em pesquisas de acervos museológicos no campo da etnologia indígena e cultura popular. É de se prever, contudo, que a catalogação mecânica das coleções propiciará a oportunidade de:

1) atrair maior número de estudiosos para essa subdisciplina da antropologia;

2) atrair, inclusive, os próprios artífices indígenas que encontrarão num acervo museológico recuperado os documentos vivos das manifestações materiais de sua cultura;

3) oferecer um instrumento para cuidar melhor da preservação das coleções.

O projeto de construção da presente nomenclatura teve início em maio de 1985 – durante a gestão de Carlos de Araújo Moreira Neto no Museu do Índio, da Fundação Nacional do Índio, quando estive à frente do Setor de museologia desse Museu – mediante a troca de correspondência entre essa instituição e o Programa Nacional de Museus, da Fundação Nacional pró-Memória, dirigido por Rui Mourão, o qual foi extinto, em agosto de 1986, ao ser criada a Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos. Naquela oportunidade, a museóloga Adalgiza Bomfim d'Eça, do referido Programa, e que atualmente dirige a Coordenadoria de Documentação e Pesquisa da CGAM, foi colocada à disposição do projeto, participando ativamente de sua formulação, ou seja, da metodologia de indexação e das etapas iniciais de redação dos glossários. Em outubro de 1985, o projeto foi interrompido em virtude de minha pesquisa de campo entre os índios Desâna, do alto rio Negro, e meu desligamento do Museu do Índio. Foi retomado em março de 1986 e concluído em julho de 1987.

Na etapa inicial, com a assistência de Adalgiza Bomfim d'Eça, foram realizadas consultas com as museólogas Célia Corsino, Margarida Ramos e Helena Ferrez sobre aspectos técnicos, tais como, a estruturação dos glossários tendo em vista as relações entre os termos – sinonímicas, hierárquicas e outras – isto é, à maneira de tesauro.

Posteriormente, em março de 1986, o projeto foi exposto por mim e por Adalgiza a um grupo de trabalho convocado para a 15ª Reunião bianual da Associação Brasileira de Antropologia, que teve lugar em Curitiba. Participaram do encontro as antropólogas Maria Heloísa Fénelon Costa, do Museu Nacional, Sonia Ferraro Dorta, do Museu Paulista, Edna de Melo Taveira, do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, Lux Vidal, do Acervo Plínio Ayrosa da Universidade de São Paulo, Ana Margareth Heye e Ricardo Gomes Lima, do Instituto Nacional do Folclore, que ofereceram sugestões e ajudaram a melhorar o projeto. Para isso também contribuiram Lúcia H. van Velthem, do Museu Goeldi e Dominique Gallois, do Acervo Plínio Ayrosa, às quais foram enviados, tal como às pessoas anteriormente citadas, os capítulos iniciais dos glossários para apreciação e crítica.

A realização desse estudo não teria sido possível sem o entusiasmo e a dedicação de Adalgiza Bomfim d'Eça. E não fosse a solicitude e perícia do antropólogo, arquiteto e desenhista Hamilton Botelho Malhano, que se incumbiu das ilustrações. A familiaridade de Malhano com as coleções etnográficas do Museu Nacional, a experiência de trabalho de campo entre os índios Karajá e do alto Xingu, tornaram exeqüível a imensa tarefa de que se incumbiu – elaborar 1.430 desenhos – no curto espaço de um ano, em tempo parcial. Para isso, foi colocado à disposição do projeto por M. H. Fénelon Costa, responsável pelo Setor de Etnologia do Departamento de Antropologia do Museu Nacional.

Contribuiu, igualmente, para a viabilização deste trabalho, a colaboração da museóloga do Museu Nacional, Fátima Regina do Nascimento, que separou as peças solicitadas e sugeriu outras que complementaram o inventário. Semelhante ajuda foi prestada pela museóloga do Museu do Índio, Maria José N. Sardella, que, além disso, elaborou os desenhos iniciais das peças. Igualmente solícitos foram os naturalistas do Museu Nacional que conferiram os nomes científicos dos elementos da flora e da fauna utilizados pelos índios em seus artesanatos. Os agradecimentos que lhes devo estão registrados nos capítulos aos quais ofereceram sua generosa colaboração. Cumpro entretanto o dever de consignar, com mais ênfase, minha gratidão à botânica Paula Leclette, que reviu toda a parte referente à flora. Na revisão dos originais prestou-me inestimável ajuda o museólogo Gilberto Lima

Martins e, na leitura de alguns capítulos, a arqueóloga Eliana Carvalho. À Elizabeth Travassos, do Instituto Nacional do Folclore, devo a redação da parte técnica do capítulo sobre Instrumentos musicais e de sinalização.

O projeto, que se intitulou Nomenclatura das coleções etnográficas, recebeu um financiamento da Fundação Nacional pró-Memória, do Ministério da Cultura, para custear a execução dos desenhos, a composição dos textos e a montagem em arte-final, competentemente executadas pela Line's Studio. A autora pôde realizar o trabalho na qualidade de pesquisadora do Museu do Índio e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O Museu do Índio custeou parte da feitura dos desenhos ao esgotar-se a verba para isso alocada pela Fundação Nacional pró-Memória.

A pesquisa de campo realizada em 1980 entre diversas tribos do Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso, em 1981, entre os Asuriní e Araweté, sul do Pará, e em 1985-6, entre os Desâna do rio Tiquié, noroeste do Amazonas, onde estudei a tecnologia indígena, foi financiada pela *National Geographic Society*, de Washington. A documentação fotográfica de campo que ilustra este livro se deve ao médico Dr. Frederico F. Ribeiro, que me acompanhou ao PIX e ao Sul do Pará. As fotos de estúdio – e as de campo entre os Karajá – são de autoria de Pedro Lobo, exceto às devidamente creditadas a Domingos Lamônica e Ricardo Moderno.

Às instituições e pessoas citadas externo aqui meus sinceros agradecimentos, consciente de que este trabalho muito deve a seu apoio. Agradeço de modo especial o Editor deste livro, Pedro Paulo Moreira, que, ao ver os seis primeiros capítulos em arte-final, me animou a concluir o trabalho, garantindo sua publicação.

BGR, julho de 1987.

INTRODUÇÃO

"A classificação é um instrumento básico para todas as ciências. Transforma o caos do mundo exterior em categorias sistemáticas, cujo comportamento pode ser observado. Quanto melhor for a classificação, melhor será a compreensão da origem, desenvolvimento e interação do fenômeno ao qual se aplica. A construção de uma boa classificação é, conseqüentemente, um pré-requisito necessário para o progresso de qualquer campo científico".

B. J. Meggers & C. Evans 1970:1

Desde há muito, os museus etnográficos se ressentem da falta de normas para a classificação de suas coleções, bem como de um vocabulário técnico que permita sua identificação e comparação, tornando o arquivo dessas informações facilmente manuseável. Desta mesma carência se ressentem os antropólogos dedicados aos estudos de cultura material, ou seja, à análise dos artefatos do ponto de vista de sua função, seu valor como documento histórico, artístico, simbólico e de identificação étnica.

Existem, é certo, inúmeros guias de registro de dados culturais. Dentre os mais conhecidos, cabe citar o *Guia prático de antropologia* (1973), tradução do *Notes and queries in anthropology*, coordenado por uma comissão do Royal Institute of Anthropology of Great Britain and Ireland, bem como o *Guia para la clasificación de los datos culturales* (1954), tradução do *Outline of cultural materials*, coordenado por George P. Murdock. Para a indexação de documentos, conta-se com o *Thesaurus de materiais culturais* editado pela UNESCO e traduzido por iniciativa da Fundação Rui Barbosa (cf. J. Viet (org.) 1983), bem como o trabalho coordenado por Hagar Espanha Gomes para o IBITC (19[illegible] ms.). Trata-se de esforços empreendidos com o objetivo de criar uma linguagem documentária capaz de indexar documentos e facilitar o acesso a informações de natureza sócio-cultural. E, mais amplamente, promover a cooperação entre instituições e o desenvolvimento de pesquisas no campo das ciências humanas.

Nos últimos anos, a preocupação de normalizar a indexação de documentos, através da construção de tesauros, extravasou do círculo de bibliotecários e documentalistas ao dos museólogos, antropólogos e analistas de sistemas. Trata-se, neste caso, de forjar instrumentos operativos para a descrição física dos objetos. Isto é, a elaboração de glossários, preferencialmente ilustrados, de técnicas e formas e respectiva taxonomia.

O Programa Nacional de Museus, da Fundação Nacional pró-Memória, Ministério da Cultura, iniciou os estudos tendentes a desenvolver terminologias com estrutura de tesauros para acervos museológicos, a nível nacional, em vários campos: histórico, belas artes, arte sacra e artesanato popular e indígena. O mesmo fez a Fundação Joaquim Nabuco tendo em vista recuperar a informação de documentos museológicos ecléticos de seu acervo e de outros museus pernambucanos.

A Fundação Roberto Marinho empreendeu experiência semelhante no caso da "Memória da farmácia", a fim de catalogar e colocar em programa de computador 60 mil peças. Para isso elaborou um glossário de termos farmacêuticos (J. C. Barbosa de Oliveira et alii 1985), de cuja metodologia o presente trabalho se beneficiou largamente.

No campo da etnologia indígena, a tarefa de elaborar uma classificação tipológica e tecnológica dos adornos plumários dos índios do Brasil foi por mim enfrentada quando, em 1957, se me apresentou a oportunidade de realizar um estudo contextualizado da arte plumária dos índios Kaapor (cf. D. Ribeiro e B. G. Ribeiro 1957). Nessa oportunidade, estudei as coleções do Museu Nacional e Museu do Índio, publicando um ensaio classificatório-taxonômico de adornos de penas utilizado, desde então, por pesquisadores e museólogos do Brasil e do exterior (ver B. G. Ribeiro 1957, reeditado em 1986).

Retornando ao Museu Nacional, em 1977, empreendi a ordenação e normalização vocabular das técnicas e formas dos artefatos trançados dos índios do Brasil, aplicável também aos conjuntos de artefatos do mesmo gênero das populações regionais brasileiras (cf. B. G. Ribeiro 1980ms, 1985, 1986a). Em seguida, dediquei-me ao estudo – de campo e museológico, como no caso anterior – das artes têxteis indígenas do Brasil (cf. B. G. Ribeiro 1982, 1983, 1984). Elaborei uma nomenclatura das técnicas de trama e malha, e dos respectivos produtos, levantando, ao mesmo tempo, segundo registros bibliográficos e informações de campo, as matérias-primas têxteis e corantes utilizadas pelos nossos índios. Essa taxonomia, acompanhada de ilustrações (B. G. Ribeiro 1986b) integra o volume 2 – *Tecnologia indígena* – da *Suma etnológica brasileira*, edição atualizada do *Handbook of South American Indians* (cf. D. Ribeiro, ed., B. G. Ribeiro, coord., 1986).

O volume citado, bem como o que se segue – *Arte índia*, volume 3 da *Suma* – foram concebidos para oferecer, prioritariamente, esse instrumento taxonômico indispensável aos estudos de cultura material e à catalogação dos acervos de museus etnográficos. O primeiro deles contém artigos sobre a classificação de armas indígenas, de Vilma Chiara; de caracterização da cerâmica indígena, de Tânia Andrade Lima; do equipamento doméstico e de trabalho, de Lúcia H. van Velthem; das artes têxteis e dos estilos de trançado, de B. G. Ribeiro; da casa e da aldeia, de Maria Heloísa Fénelon Costa e Hamilton Botelho Malhano, os três últimos acompanhados de glossários. No volume *Arte índia* é reproduzido, em versão revista, meu artigo sobre a classificação dos adornos plumários (1957), anteriormente citado, e incluído um estudo sobre música e instrumentos musicais indígenas, de Anthony Seeger, acompanhado de glossário ilustrado, de Elizabeth Travassos.

Esse esforço de classificação tipológica e elaboração taxonômica vem a ser o esteio para a implementação da presente terminologia. Ela se propõe abranger o universo de artefatos recolhidos a museus, mediante os quais as populações indígenas atendem às suas necessidades de

provimento da subsistência, conforto doméstico, transporte, reprodução da vida social e da identidade étnica. Futuramente, poderá estender-se a acervos museológicos da cultura rústica brasileira.

Para tornar possível esta tarefa, o então Programa Nacional de Museus colocou à disposição do projeto, de maio de 1985 a dezembro de 1986, a museóloga Adalgiza Bomfim d'Eça, com experiência e vivo interesse em problemas de documentação artefatual. O trabalho conjunto de uma antropóloga, especializada em estudos de cultura material, e uma museóloga, familiarizada com as técnicas de construção de sistemas de indexação, permitiu criar uma linguagem uniforme e sintética. Essa terminologia foi hierarquicamente estruturada, à maneira de um tesauro, cujo modelo é a *Memória da farmácia. Glossário de termos farmacêuticos* (op. cit.), tendo em vista a utilização de sistemas mecânicos de registro e cruzamento de dados para futura programação em computador.

A utilidade prática dessa taxonomia ainda não pode ser devidamente avaliada. Com efeito, o estudo das expressões materiais da cultura tem sido negligenciado, entre nós, nas últimas décadas. Entretanto, o cadastramento racional e a manutenção dos acervos museológicos fará com que eles se tornem disponíveis – como o são as bibliotecas e os arquivos – acarretando grande estímulo à pesquisa. Ao mesmo tempo, proverá os antropólogos de um vocabulário técnico normatizado que permitirá o registro uniforme de informações tomadas comparáveis. Ou seja, oferecerá uma ferramenta para contextualizar o sistema de objetos no âmbito da economia, da vida social e da ideologia do grupo indígena estudado, permitindo uma compreensão mais profunda da sociedade como um todo.

Na verdade, os conteúdos cognitivo e simbólico da cultura material só podem ser inferidos em estudos de campo prolongados em que, concomitantemente, se focalizam aspectos ecológicos, sociais, rituais e cosmológicos. Contudo, nenhum deles dispensa a descrição física dos artefatos produzidos para todo o tipo de atividade social, segundo uma nomenclatura estabelecida.

Estudos e glossários dessa natureza representarão uma contribuição inestimável também para a pesquisa arqueológica. Não só os arqueólogos desenvolveram técnicas sofisticadas para a classificação tipológica de seus materiais, tendo em vista o tratamento estatístico, como buscam avidamente informações etnográficas que clarifiquem suas análises.

Pressupostos metodológicos

A falta de uma metodologia destinada a uniformizar a nomenclatura das coleções etnográficas recolhidas a museus toma impossível a identificação das peças registradas no Livro de tombo e inviabiliza a utilização de sucessivas catalogações. Embora a maioria dos museus etnográficos conte com museólogos para fazer a curatoria das coleções, estes não são treinados por antropólogos interessados em estudos de cultura material. Em conseqüência, pouco se beneficiam, uns e outros, das respectivas experiências. Esta carência determinou procedimentos descritivos e terminológicos independentes, e dificilmente comparáveis, de material etnográfico.

Trabalhando no Museu Nacional, em minha primeira fase, de 1953 a 1958, verifiquei que cada curador esforçava-se por fichar as coleções. Faltava, no entanto, uma base uniforme para classificá-las, descrevê-las e nomeálas. Em 1949, foi feita uma tentativa nesse sentido, conforme se lê no relatório da Divisão de Antropologia do Museu Nacional daquele ano:

"A naturalista Heloísa Alberto Torres prosseguiu seus trabalhos sobre tecidos, trançados e cerâmica indígenas, através do levantamento bibliográfico e observações diretas. Colaborou na tradução de textos estrangeiros sobre o assunto, tendo em vista a *fixação de uma terminologia técnica segura*" (o grifo é meu).

Este trabalho nunca chegou a ser divulgado. O presente é uma tentativa de suprir essa lacuna. Minha intenção, e a de A. B. d'Eça, era fazer uma edição experimental datilografada para testar a aplicação da nomenclatura. Para esse efeito, conforme foi dito, os três primeiros capítulos foram enviados a colegas de diversos museus, "tendo sido testada sua aplicabilidade com pessoas de museus não muito familiarizados com o assunto, mas necessitando catalogar por força de suas funções" (Carta de Sonia F. Dorta, Museu Paulista, de 30.6.1987). Entretanto, como o projeto foi financiado para a entrega do livro em arte-final, não foi possível aguardar o resultado dessas consultas. E tampouco desenhar as peças em tamanho maior, para posterior redução, porque encareceria demasiado a publicação.

Por tudo isso, não consideramos este trabalho pronto e acabado. Ele terá de ser revisto, aperfeiçoado, depurado de erros e imprecisões, atualizado e completado, uma vez que a cultura material, como parte integrante da cultura, não é estática. Muito ao contrário, muda e se transforma continuamente no tempo e no espaço. Embora estejam aqui dicionarizados 598 espécimes-tipo (e desenhados 1.430, contando variantes e técnicas) eles não representam todo o elenco de objetos que compõe o acervo artefatual indígena, apesar de aproximarem-se bastante desse total. Muitas são as variações que resultam não somente de padrões culturais distintos, no que se refere a estilo e função, mas também da disponibilidade de matérias-primas, da influência de outros estilos e, até mesmo, das idiossincrasias de cada artesão.

O que cumpre fazer é agrupar essa variação em uma série de tipos, isto é, considerar o protótipo e não o espécime em si. Em outras palavras, cabe adotar regras universais de classificação em que os detalhes são obviados e as características definidoras do artefato levadas em conta.

Um segundo princípio classificatório básico a ser observado na estruturação de uma taxonomia é que os tipos de artefatos selecionados como paradigmas ". . . sejam descritíveis em termos que outros investigadores possam reconhecer e compreender. Uma classificação que não pode ser acuradamente repetida por outra pessoa não tem qualquer valor como instrumento de trabalho" (Meggers & Evans 1970:22-23).

Um terceiro princípio fundamental, segundo os referidos autores, é o de que, "em cada nível de classificação as categorias devem ser mutuamente excluídas". Exemplificando: "Um grupo de tipos cerâmicos, no qual um é definido pelo tempero, outro pela queima, e um terceiro pelo tratamento da superfície é totalmente intratável porque muitos cacos se encaixariam igualmente bem em todas as três categorias" (Meggers & Evans 1970:24-25).

Outras regras fundamentais levadas em conta podem ser assim resumidas: 1) cada designação, rótulo ou descritor (ver infra) não pode ser repetido, sendo excludente em relação aos demais; 2) características suplementares, úteis à classificação e diagnóstico do artefato,

devem ser incorporadas ao rótulo; 3) as designações não podem ultrapassar quatro termos para permitir uma uniformidade ao código (de quatro letras) a ser usado na programação do computador; 4) conforme o caso, a designação pode constar de um a quatro termos, devendo o artefato ser caracterizado, com prioridade, pelo primeiro citado; 5) os tipos devem ser descritos nos verbetes e diagnosticados nas designações, compreendendo-se por *descrição* "... uma completa enunciação das características tipológicas, enquanto que o *diagnóstico* é uma breve enunciação das características que diferenciam um tipo de outros estreitamente relacionados" (Meggers & Evans 1970:43).

Foram igualmente levadas em conta as normas estabelecidas por especialistas em documentação e indexação para normatizar os descritores, entendendo-se por descritor a "palavra ou expressão que representa um conceito, ou seja, o termo preferido para a indexação" (Gomes et alii 1984:5). Assim, na redação dos verbetes foram considerados os seguintes princípios:

> 1) "Todos os conceitos que figuram na definição como características do conceito definido devem ser também definidos, e esta informação deve estar indicada de forma clara. 2) Deve-se evitar definições circulares. O termo a ser definido não deve ser usado na definição. 3) Um conceito que pertence a mais de um sistema conceitual deve ter mais de uma definição. Nos tesauros são acrescentados qualificadores ou modificadores aos termos porque, na realidade, são considerados como conceitos diferentes. 4) Para facilitar o entendimento de uma definição podem ser usadas ilustrações" (Gomes s/d: 7).

E, finalmente, o princípio de que se deve

> "Assegurar que os termos e seus relacionamentos reflitam a linguagem usada pelos especialistas no campo coberto pelo tesauro" (Gomes et alii 1984:55).

A propósito, cabe mencionar que se encontra em curso um projeto de levantamento das coleções, e respectivos colecionadores, de diversos museus etnográficos do Brasil e do exterior (comunicação pessoal de Thekla Hartmann). O primeiro resultado, referente às coleções do Museu Paulista, acaba de ser divulgado (Damy & Hartmann 1986:220-273). A ele se somam os procedidos — em termos numéricos, somente — pelo Museu Goeldi (Rodrigues & Figueiredo 1982) e Acervo Plínio Ayrosa do Departamento de Ciências Sociais da USP (Gallois et alii 1986). Na medida em que tais levantamentos sejam uniformizados, em seus propósitos e métodos, o conjunto oferecerá um banco de dados sobre a cultura material indígena com potencialidades de estudo e troca de informações. É de se esperar que a presente terminologia seja uma ferramenta para alcançar esse objetivo.

Plano geral

Um dos problemas que se colocou na elaboração da presente nomenclatura foi o da classificação do sistema de objetos indígenas e o do seu inter-relacionamento. Nossa opção recaiu sobre as categorias básicas já consagradas na bibliografia etnológica no capítulo das manufaturas. Tais são: cerâmica, trançados, tecidos, adornos plumários, armas e outras a seguir discriminadas. Essa classificação leva em conta, primordialmente, a matéria-prima empregada, a técnica de confecção que dela deriva e a morfologia do artefato.

Essas categorias, contudo, têm de ser superordenadas numa classe mais abrangente, que leve em conta critérios como uso, função e simbologia. Quanto a esse tópico, cabe fazer uma observação preliminar referente ao uso de termos como implemento, utensílio doméstico, de uso pessoal, adorno, amuleto e objeto ritual, igualmente classificadores dos artefatos.

Utiliza-se a palavra *implemento* para significar ferramenta. Ou seja, o petrecho empregado na produção de outros, tendo em vista o exercício de atividades econômicas ou artesanais. Por exemplo, os implementos agrícolas, os de caça, pesca, guerra ou aqueles utilizados na fiação e tecelagem.

O termo *utensílio* indica objetos de uso doméstico, ou seja, os de cozinhar e servir e os de conforto. Dentre outros, teríamos a complexa utensilhagem para o processamento da mandioca que inclui raladores (madeira endentada), peneiras e tipitis, panelas, torradores de cerâmica, pás de virar beiju, colheres, etc. E também objetos de uso pessoal tais como, bolsas, artigos de indumentária e proteção sexual e os de toucador: carimbos para pintura corporal, aparelhos para escarificação e tatuagem, furação de orelhas e lábio, pentes, etc.

Atavios pessoais, inclusive os plumários, são tidos como *adornos* também chamados paramentos, quando com forte conotação simbólica e ritual. Alguns deles, no entanto, foram classificados como *amuletos* sempre que trazem implícito o caráter de talismãs de uso pessoal. Os adornos sonantes foram incluídos na categoria de instrumentos musicais, na qualidade de chocalhos, ou seja, idiofones.

Os objetos de uso ritual têm geralmente designações peculiares à índole do artefato — máscara, escudo trançado, cetro, bastão — o qual desempenha função específica em certos cerimoniais. Essas características foram pesquisadas na literatura etnográfica, já que não são explicitadas, freqüentemente, nos livros de tombo. O mesmo se aplica à instrumentália do pajé.

No que se refere a uso, função e simbologia, os artefatos etnográficos discriminam-se em duas grandes classes:

I — Utensílios e implementos ligados às atividades de subsistência, conforto doméstico e pessoal.

II — Adornos e objetos de uso pessoal; artefatos rituais, mágicos e lúdicos.

Na primeira classe enquadram-se os implementos necessários às: a) atividades agrícolas; b) atividades de caça e pesca; c) atividade guerreira; d) atividade artesanal; e) transporte. E, ainda, os utensílios que guarnecem a casa, indispensáveis ao preparo e serviço de alimentos, bem como ao conforto doméstico.

A segunda divisão abrange atavios de uso pessoal, a saber: a) adornos de diversas matérias-primas e técnicas, dentre os quais têm destaque os paramentos plumários; b) objetos de vestuário, toucador, proteção sexual e uso pessoal; c) objetos de uso cerimonial, lúdico, mnemônico, mágico, musicais e de sinalização. Nessa classe têm destaque os aparelhos para estimulantes e narcóticos, a instrumentália do pajé, os amuletos, principalmente infantis, as insígnias de chefia e/ou clânicas.

Tais segmentos englobam praticamente a totalidade de artefatos que compõem a cultura material indígena. Eles são listados, segundo essas duas grandes divisões, no índice analítico que encerra o volume, o qual coincide, em parte, com o elaborado por Sturtevant (1969). A ordenação dos glossários, porém, foi feita levando em

conta, a par dos critérios funcionais acima citados, as características físicas que identificam os objetos, os quais são assim discriminados na literatura etnológica. Neste sentido, temos implementos, utensílios, adornos e objetos mágico-lúdico-rituais alocados dentro das seguintes categorias:

10 – Cerâmica
20 – Trançados
30 – Cordões e tecidos
40 – Adornos plumários
50 – Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador
60 – Instrumentos musicais e de sinalização
70 – Armas
80 – Utensílios e implementos de madeira e outros materiais
90 – Objetos rituais, mágicos e lúdicos.

Comparada com outras classificações de dados culturais materializados em objetos vê-se que, a presente reúne, como as demais, dois critérios: forma e função e/ou expressão e conteúdo. Não há como fugir a essa alternativa, uma vez que o objeto em si contém essas características. Pode-se argumentar que os tecidos, por exemplo, são confeccionados tanto para atividades de subsistência (puçás para pesca), para transporte (tipóia para carregar criança ou objetos), para conforto doméstico (rede de dormir), para vestuário (saias) e para adorno (cintos, braçadeiras, etc., ou como suporte para adornos plumários). Sua característica precípua, contudo, é serem produtos de manipulação do fio, devendo por isso ficar na categoria de tecidos discriminados, dentro dela, por grupos genéricos, pelas referidas funções. O mesmo ocorre no caso dos trançados, que têm uma utilização ainda mais diversificada: desde a casa, que não deixa de ser um enorme cesto emborcado, até as esteiras, os cestos-cargueiros, os cestos-bolsos e outros cestos-recipientes, os cestos-coadores, dentre os quais o tipiti, os cestos-armadilhas de pesca ou caça.

A categoria 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador exclui os paramentos plumários devido o seu elevado número e o fato de terem dado lugar a uma técnica específica de atadura e colagem das penas. E também por serem abundantes, nas culturas indígenas, os ornamentos feitos de materiais ecléticos, tais como sementes, frutos. cocos, ossos, dentes, garras, conchas, etc., não raro enfeitados de penas. Dessa categoria excluem-se também os ornatos sonantes. Estes estão inventariados em 60 Instrumentos musicais e de sinalização, porque são assim classificados pelos etnomusicólogos. Esta última categoria poderia ter sido incluída na que trata de objetos rituais (n.º 90). Justifica-se a exclusão por existirem estudos classificatórios específicos a respeito dos instrumentos musicais, os quais incluem também objetos que produzem sons que imitam o pio das aves, o grunhido de certos animais e os trocanos, que são tambores de sinalização.

A matéria-prima "madeira", que é "pau para toda a obra", é discriminada apenas no caso de implementos e utensílios (ver n.º 80). Isto é, quando serve a atividades econômicas (paus de cavouco, pás de virar beiju, pilões), de conforto (bancos), de transporte por água (canoas, remos). Objetos rituais, tais como bastões, cetros, embora também feitos de madeira, são inventariados numa categoria à parte (n.º 90). O mesmo diz respeito a arcos, bordunas e sarabatanas que fazem parte do elenco da categoria 70 Armas. Na categoria 80 – Utensílios e implementos de madeira e outros materiais – contam-se os líticos (machados de pedra), de osso, dente, a exemplo dos formões, as conchas raspadeiras, etc.

Note-se que não se abriu uma categoria referente a "arte". Isto porque, considera-se que qualquer produto artesanal indígena, tanto utilitário quanto cerimonial ou lúdico, contém elementos de expressão estética e de singularidade étnica, não cabendo esse tipo de distinção.

Como se vê, optou-se pela divisão em categorias que obedecem critérios morfológicos e tecnológicos, de um lado, funcionais e simbólicos, do outro, alojando os itens da nomenclatura dentro de cada uma delas. A ordenação dos itens por função, unicamente, sem levar em conta matérias-primas e as técnicas por elas determinadas dificultaria a consulta, uma vez que os usuários estão familiarizados com essa tipologia e, geralmente, se interessam por certas categorias de artefatos e não por sua totalidade. Além disso, o índice analítico agrupa os descritores segundo critérios funcionais, que também levam em conta os presentes, isto é, morfológicos e tecnológicos. O Glossário complementar de cada categoria de artefatos oferece outros esclarecimentos a respeito dos princípios utilizados em cada caso.

Organização do glossário

O inter-relacionamento dos itens de cada categoria de objetos assemelha-se à estrutura de tesauro. Isto é, obedece à ordenação hierárquica e à nomenclatura de tópicos internacionalmente consagrada, assim discriminados:

Termo principal (seguido de código: quatro letras para uso de computador)
Def. (definição mais genérica do termo e sua particularização quando pertinente)
Sin. (termo sinônimo – UF: *used for)*
T. Gen. (termo genérico – BT: *broad term)*
T. Esp. (termo específico – NT: *narrower term)*
T. Rel. (termo relativo – RT: *related term)*
V. tb. (ver também: relação associativa com itens de outro grupo genérico)

O *Termo principal* corresponde à designação do artefato. O código alfabético (quatro letras da designação) será acrescido posteriormente quando contarmos com a assessoria de um analista de sistemas.

Def. é o campo em que o termo é definido na forma de verbete, com apoio na consulta bibliográfica e no inventário das coleções do Museu Nacional e Museu do Índio. Sempre que o artefato apresenta variantes significativas, constantes do inventário ou da bibliografia, a definição procura englobá-las. Evita-se, desse modo, uma caracterização particularizada de peças pouco correntes no acervo indígena. Entretanto, em alguns casos, torna-se recomendável a explicitação de peças únicas, como é o caso dos objetos rituais singularizados segundo a tribo. Sempre que o verbete é transcrito de uma fonte bibliográfica, segue-se o nome do autor, data e páginas da publicação. Note-se que algumas definições foram transcritas do Dicionário Aurélio, o que foi indicado.

Sin. Os sinônimos são termos remissivos citados para ajudar na identificação da peça registrada no Livro de tombo, não raro sob esses rótulos, provenientes da linguagem regional. A relação de sinonímia só é registrada quando pertinente.

T. Gen. Trata-se do *Termo genérico* ou grupo hierarquicamente superior. Em outras palavras, exprime

a superordenação do *Termo principal* no *Grupo genérico* a que se vincula. Cada *Grupo genérico* é definido e listados os itens a ele relacionados. Corresponde a famílias de objetos que reúnem os que se relacionam entre si, não em função da morfologia e sim dos fins a que se destinam.

T. Esp. O *Termo específico*, listado apenas nos *Grupos genéricos*, explicita os itens a ele subordinados.

T. Rel. O *Termo relativo* especifica o item (ou itens) subordinados ao *Termo principal* dentro de um mesmo *Grupo genérico*. Dessa forma estabelece-se o inter-relacionamento entre o item (Termo principal) com o grupo em que se enquadra. Por exemplo: Panela (Termo principal) pertence ao Grupo genérico "Cerâmica utilitária para a cozinha", relacionando-se com Caçarola (Termo relativo) pertencente ao mesmo grupo.

V. tb. Em *Ver também* são mencionados os termos (ou o termo) que se relacionam ao *Termo principal* (item) que pertencem a um *Grupo genérico* (ou Grupos) diversos deste, segundo critérios de ordem morfológica ou funcional. É o caso do já mencionado Grupo genérico "Cerâmica utilitária para a cozinha" cujos itens se relacionam com os do Grupo genérico "Cerâmica para o lume".

Consulte. Com esse termo remete-se o leitor para outra categoria de artefatos que se vincula à que está sendo inventariada.

Achamos indispensável dotar o glossário de ilustrações, a exemplo do que fizeram os organizadores da *Memória da farmácia* (op. cit.), a fim de tornar a informação mais clara e sistematizada. Poderão ser aplicadas duas ou mais figuras num mesmo verbete sempre que houver variantes significativas para indicar o Termo principal. Cada uma delas foi desenhada em escala à vista das peças, isto é, de paradigmas tomados de determinada tribo das coleções do Museu Nacional e Museu do Índio. Em alguns casos, tivemos de recorrer a protótipos ilustrados em catálogos, tais como, os do Museu Pigorini, de Roma, Museu Etnográfico, de Genebra, Museu Etnográfico, de Berlim, Museu Haffenreffer de Antropologia, da Brown University, de Bristol, dentre os estrangeiros; e do Museu Paulista, Museu Goeldi e Museu Regional Dom Bosco, dentre os nacionais. E, ainda, a ilustrações de artefatos existentes em monografias etnológicas, devido à dificuldade de localizar ou à inexistência dos paradigmas nas coleções consultadas. Nas legendas das ilustrações constam as seguintes abreviaturas: M. N. (Museu Nacional), M. I. (Museu do Índio), esc. (escala).

Glossário complementar

Nas introduções presentes nos Glossários complementares de cada categoria de artefato explicitamos critérios e informações úteis a respeito do Glossário dos Itens e dos Grupos genéricos em que se enquadram. E oferecemos explicações pertinentes aos diversos tópicos constantes do Glossário complementar. Nele se incluem conceitos globais, tais como, o que se entende por Trançados, Sistemas de tecelagem ou Cerâmica. E, ainda, Processos de manufatura, Implementos para a manufatura, Acessórios e partes componentes do artefato, bem como Matérias-primas empregadas, hauridas de informações bibliográficas e minhas notas de campo.

Nem todas as categorias têm o mesmo número de tópicos. A categoria 10 Cerâmica contém maior número deles porque integra glossários desenvolvidos pelos arqueólogos, a saber, Tratamento e acabamento da superfície, Tipos de decoração e Motivos decorativos. Nem todos os verbetes desses tópicos são, porém, passíveis de ilustração gráfica. O rol dos motivos decorativos, aplicável a várias categorias de artefatos – trançados, tecidos, decoração das cuias, cerâmica – é incluído nesta última, complementado pelos Motivos específicos do trançado, presente nessa categoria. Ao invés de reunir em uma categoria à parte os implementos artesanais, mediante os quais se obtém determinado produto, eles são distribuídos pelos respectivos Glossários complementares. Contudo, na qualidade de artefatos recolhidos a museus, estão listados no índice analítico do fim do volume. Com exceção dos seixos rolados – quando polidores de cerâmica –, os raspadores, vitrificadores, perfuradores, etc., usados pelo oleiro não são listados, porque se trata de implementos improvisados que não comparecem, geralmente, nas coleções dos museus.

A numeração dos *Grupos genéricos* dos glossários complementares vem precedida do número referente à respectiva categoria de artefato e de dois dígitos suplementares: 10.01, 10.02, no caso da 10 Cerâmica; 20.01, 20.02, no caso de 20 Trançados e assim por diante.

Na definição dos verbetes são utilizados, freqüentemente, sinônimos que não devem, sem embargo, comparecer como descritores. Por exemplo: urdidura (descritor), urdume (sinônimo não autorizado, exceto quando utilizado no texto descritivo).

Aproveitamos, o mais extensamente possível, os termos já em uso, dando-lhes, no entanto, uma conceituação precisa para que o objeto ou a técnica possam ser reconhecidos com o mínimo de margem de erro. Não obstante, foi preciso inventar nomes, em alguns casos e manter coerência entre eles quando aplicados a materiais, procedimentos e funções semelhantes. No caso de algumas categorias, como a dos Adornos plumários, efetuou-se a discriminação de praticamente todos os artefatos, técnicas de manufatura, tratamento e acondicionamento das penas. Isto se tornou possível, devido ao estudo pormenorizado das coleções efetuado por mim e outros pesquisadores e a publicação de um número substancial de catálogos das coleções plumárias.

O elenco de matérias-primas, listado em cada categoria de artefato, foi pesquisado na bibliografia etnológica. Ele vem acompanhado dos respectivos nomes científicos.

As definições dos glossários complementares são oferecidas para facilitar ao usuário o preparo da ficha descritiva do objeto que deverá ser colocada em programa de computador. Não foi possível elaborar um modelo de ficha para acompanhar esta nomenclatura. Entretanto, cabe ter presente a necessidade de adotar um "formato único para as descrições", conforme propugnam Meggers & Evans (1970:42) no caso da cerâmica arqueológica. Justificam essa proposta, como segue:

> "Diversas razões práticas favorecem a adoção de um modelo uniforme e completo: 1) serve para relembrar os aspectos de um tipo cerâmico que podem ser esquecidos por não serem diagnósticos ou por serem relativamente insconspícuos; 2) garante a descrição do mesmo conjunto de características para todos os tipos cerâmicos; e 3) organiza a informação, facilitando a comparação de tipos pertencentes ao mesmo ou a diferentes complexos cerâmicos" (ibidem).

A elaboração de uma nomenclatura, que constitui o último passo de um processo de classificação, vem a ser o primeiro a possibilitar o estudo de um sistema de objetos. A propósito, diz H. Balfet: "Denominar os objetos

é o primeiro passo, e talvez o mais delicado, pelo fato de que a maior parte dos nomes é, ou excessivamente vaga ou demasiado precisa, ou talvez ambas as coisas ao mesmo tempo" (1974: 186).

Pelo caráter do presente trabalho tivemos de restringir-nos a um formalismo taxonômico. Isso não significa que se deva isentar os objetos de seu significado, do papel e função que exercem na cultura tribal. Não foi possível aprofundar esses conteúdos, detendo-nos, por exemplo, nas representações gráficas que singularizam alguns objetos, enriquecendo a informação que podem prestar.

Jean Baudrillard (1973:9-10) compara a abundância de artefatos da civilização urbana a uma flora ou uma fauna sujeita a mutações, com espécies que desaparecem e que, ao contrário da natureza, não foram devidamente inventariadas, faltando até vocabulário para designá-las. E, mais, que o usuário não tem consciência da "realidade tecnológica do objeto". O contrário ocorre a nível tribal. Cada artefato – e seus componentes – possui um nome, cujo significado semântico pode ser a chave para a compreensão dos princípios etnotaxonômicos de um grupo indígena. O reconhecimento, modo de aquisição e preparo das matérias-primas manufatureiras é um campo quase virgem e fértil para a investigação etnológica. Sua importância pode ser aquilatada quando se considera que boa parte do tempo disponível do homem e da mulher é dispendido na confecção de artefatos para as atividades de subsistência, o conforto doméstico e, sobretudo, os adornos pessoais, inclusive a pintura corporal. Esses ornamentos estão associados a um sistema de classes de idade e, a par de seu valor estético-decorativo, possuem propriedades mágico-religiosas. Assim sendo, todo o equipamento produtivo e ornamental se vincula estreitamente à vida econômica, social e ideológica. O conjunto das expressões materiais da cultura indígena, a que todos os membros do grupo têm acesso, como produtores e consumidores, é o espelho de seu estilo de vida. E, em função disso, é aqui inventariado.

10

CERÂMICA

10
CERÂMICA

GRUPOS GENÉRICOS

Nº	Grupo
01	Cerâmica utilitária para cozinha
02	Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço
03	Cerâmica para o lume
04	Cerâmica estatuária temático-figurativa
05	Cerâmica específica para a venda

CERÂMICA UTILITÁRIA PARA A COZINHA (01)
Def. Objetos de argila para uso doméstico.
Uso: para cozinhar e/ou frigir alimentos sólidos e/ou líquidos.
T. Esp. Caçarola
Panela
Torrador
V. tb. Cerâmica para o lume (03)

CERÂMICA UTILITÁRIA E/OU CERIMONIAL PARA ARMAZENAGEM E SERVIÇO (02)
Def. Peças de argila de variadas formas e tamanhos que guarnecem a casa. Quando de uso cerimonial, ou para a venda, são decoradas e, às vezes, vitrificadas.
Uso: para fermentar, armazenar e servir alimentos sólidos, pastosos e/ou líquidos, comuns e inebriantes.
T. Rel. Bilha
Bilhas comunicantes
Colher de barro
Jarra
Moringa
Pote
Prato
Taça
Tigela
Travessa
Xícara
V. tb. Cerâmica utilitária para a cozinha (01)
Cerâmica específica para a venda (05)

CERÂMICA PARA O LUME (03)
Def. Peças de argila cozida usadas como fogareiro ou como sustentáculo de panelas postas ao lume.
Uso: cozinha e doméstico em geral.
T. Esp. Fogareiro
Trempe de barro
V. tb. Cerâmica utilitária para a cozinha (01)

CERÂMICA ESTATUÁRIA TEMÁTICO-FIGURATIVA (04)
Def. Modelagem de barro temático-figurativa representando a figura humana tribal, com seus emblemas característicos, e/ou conjuntos de figuras abordando temas tais como: atividades de subsistência (femininas, masculinas); transporte, vida familiar, vida ritual, figura antropomorfa fantástica (multicéfala, sobrenatural) e, ainda, elementos da fauna (anfíbios, peixes, répteis, aves e mamíferos).
Uso: lúdico e/ou para o comércio
T. Esp. Boneca Karajá
V. tb. Cerâmica específica para a venda (05)

CERÂMICA ESPECÍFICA PARA A VENDA (05)
Def. Objetos de barro, feitos por influência do contato com a sociedade nacional, destinados exclusivamente para o mercado externo.
Uso: comércio.
T. esp. Cinzeiro
Pote para plantas
V. tb. Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço (02)
Cerâmica estatuária temático-figurativa (04)

ITENS

Nº	Item
01	Bilha
02	Bilhas comunicantes
03	Boneca Karajá
04	Caçarola
05	Cinzeiro
06	Colher de barro
07	Fogareiro
08	Jarra
09	Moringa
10	Panela
11	Pote
12	Pote para plantas
13	Prato
14	Taça
15	Tigela
16	Torrador
17	Travessa
18	Trempe de barro
19	Xícara

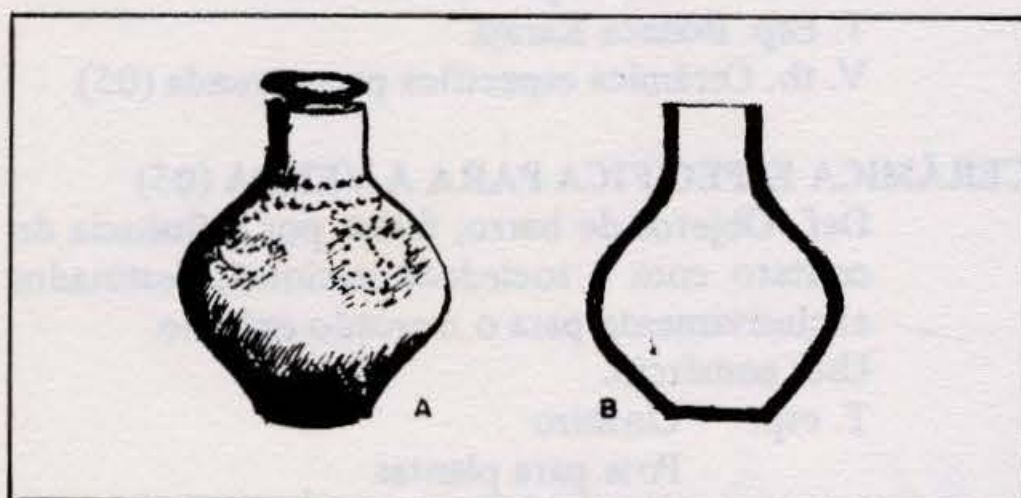
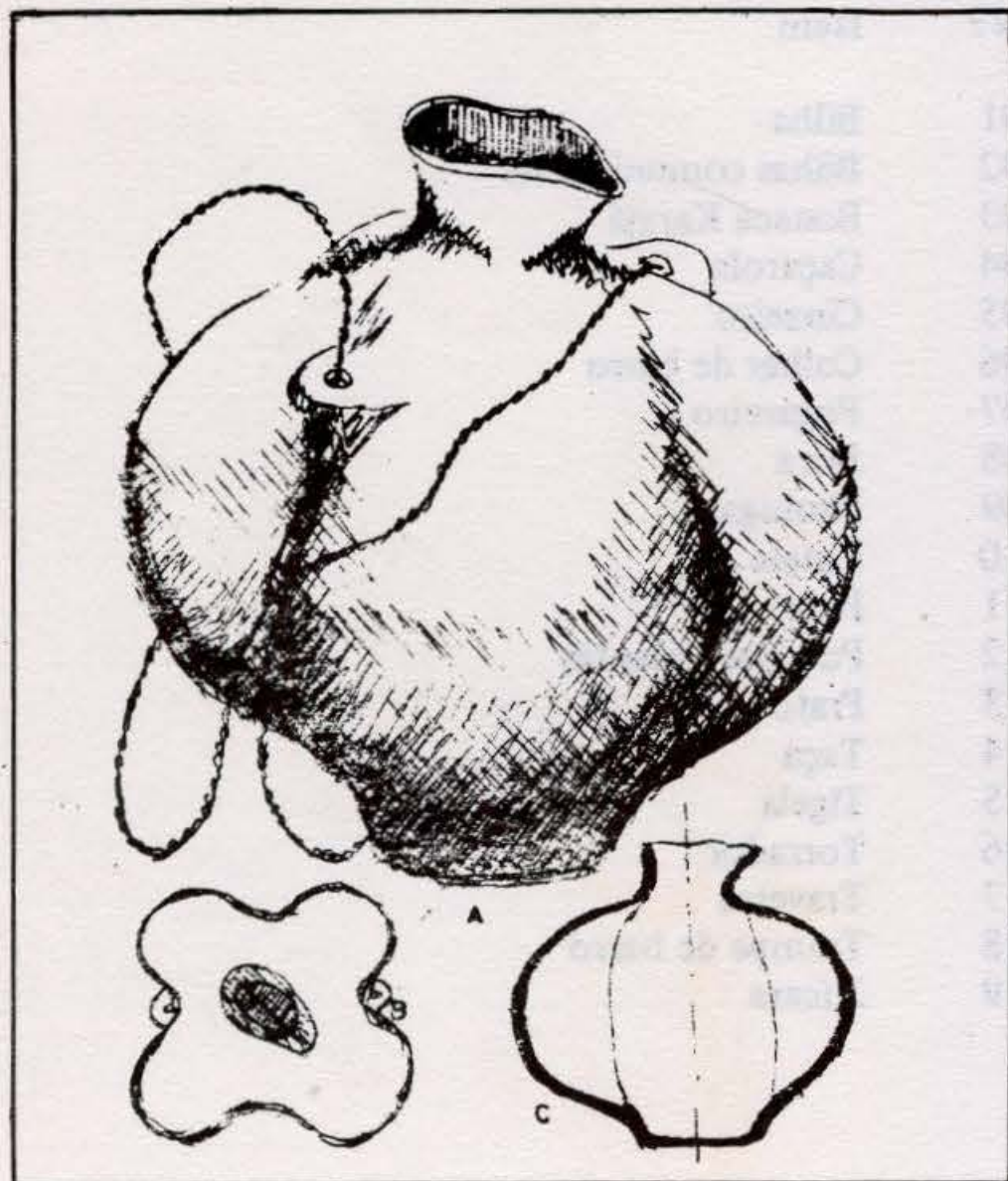
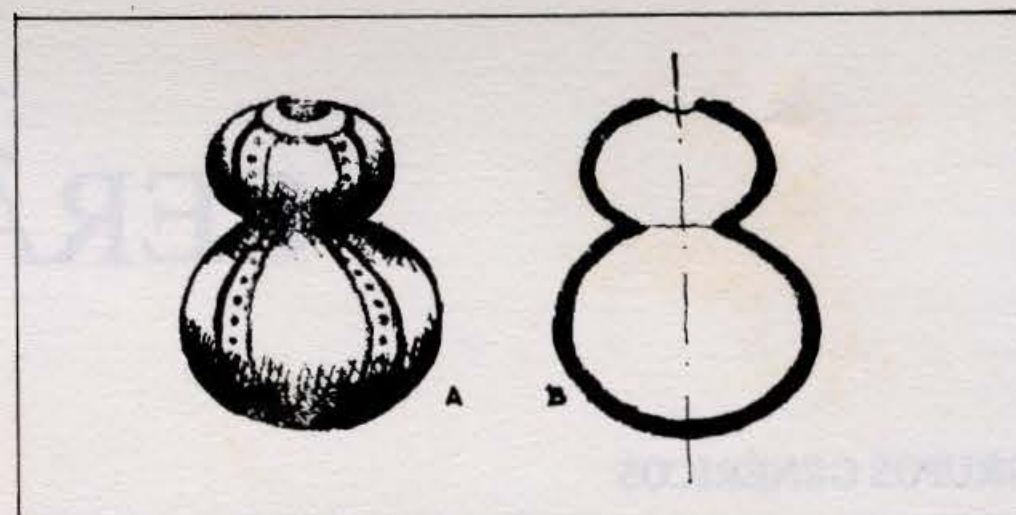
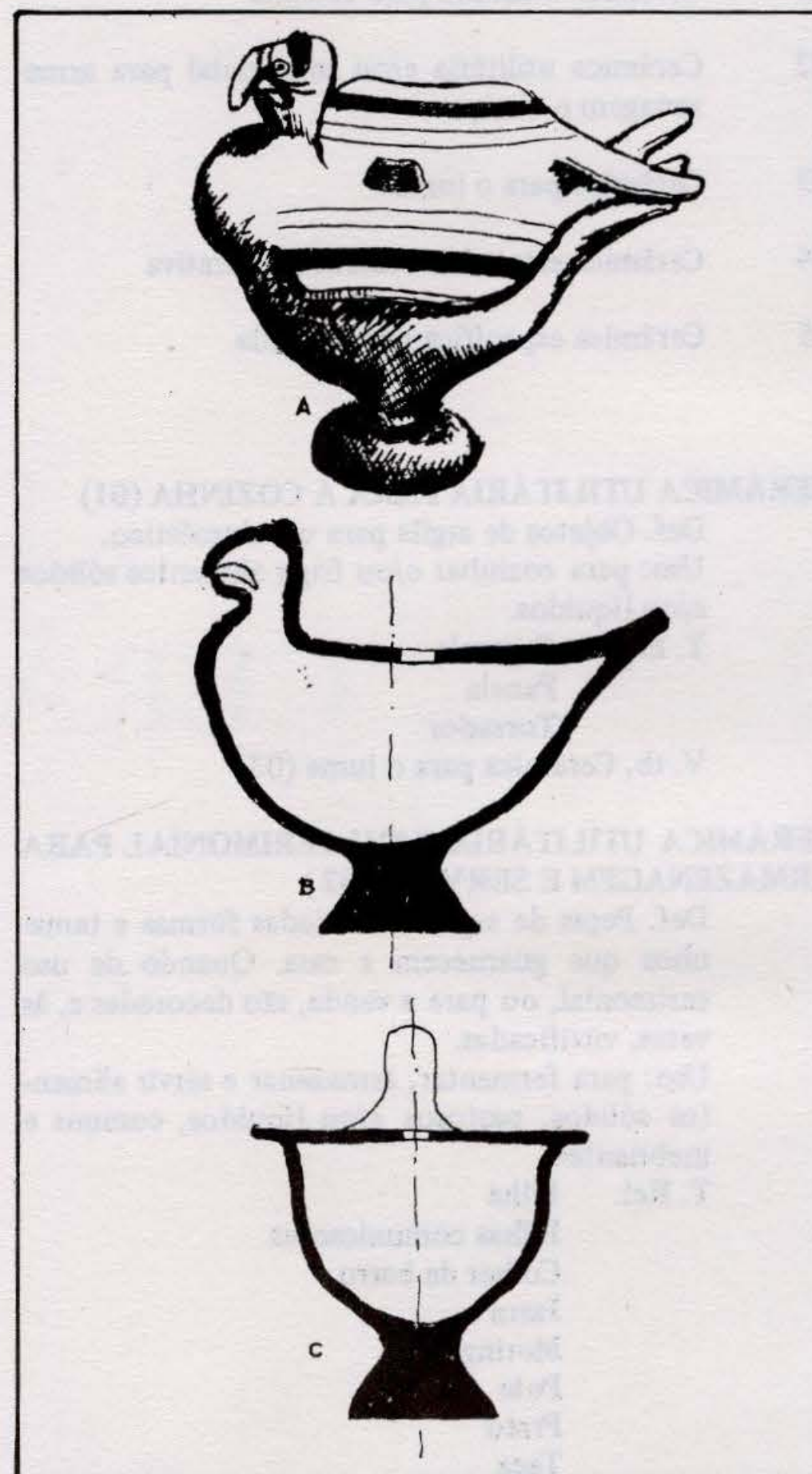
ASSADOR
Use: TORRADOR

BILHA

Def. Vaso bojudo, provido ou não de gargalo e boca estreita, com ou sem tampa e com ou sem asa. Varia segundo a representação figurativa em: a) *fitomorfa* (imita a forma de um vegetal) distinguindo-se, como mais comuns, os tipos cabaciforme (forma de cabaça) e frutiforme (forma de fruta); b) *zoomorfa* (em forma de animal). Peça usada para conter e servir líquidos.

Sin. Botija

T. Gen. Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço (02)

T. Rel. Bilhas comunicantes
Jarra
Moringa

Bilha. Índios Terêna, M.N. nº 36.596. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Secção reta (perfil).

Bilha frutiforme. Índios Marúbo, M.I. nº 75.4.85. Esc. 1:2. A. Vista da peça. B. Detalhe da vista superior. C. Secção longitudinal.

Bilha fitomorfa representando uma cabaça. Índios Karajá, M.N. nº 35.918. Esc. 1:5: A. Vista da peça. B. Secção longitudinal.

Bilha zoomorfa representando uma ave. Índios Karajá, coleção particular. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Secção longitudinal. C. Secção transversal.

BILHAS COMUNICANTES

Def. Bilhas de cerâmica, de tamanho e formato desigual, ligadas entre si por um tubo vazado que permite o fluxo do líquido. De uso provavelmente ritual, encontradas apenas entre os Palikúr.

T. Gen. Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço.

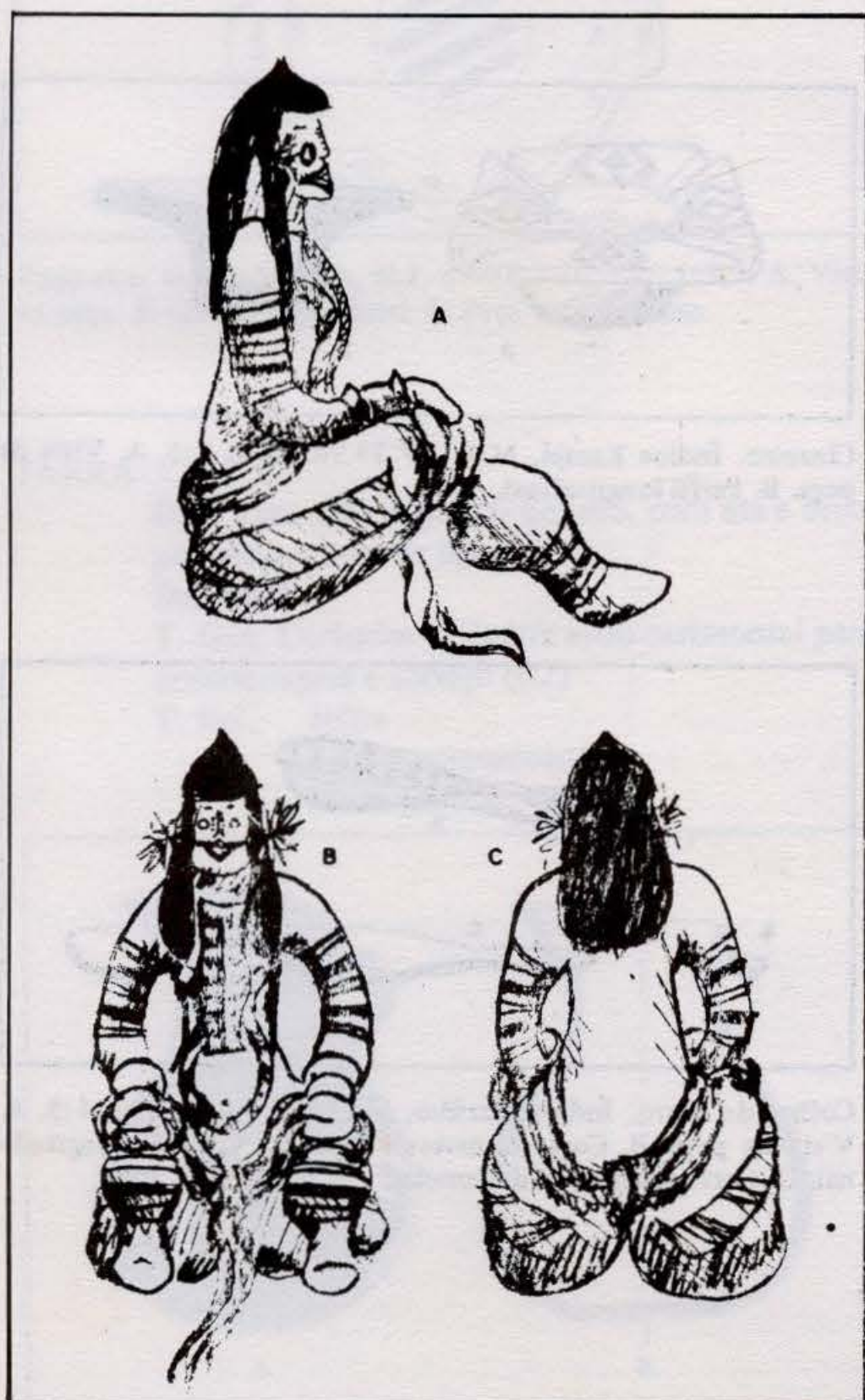
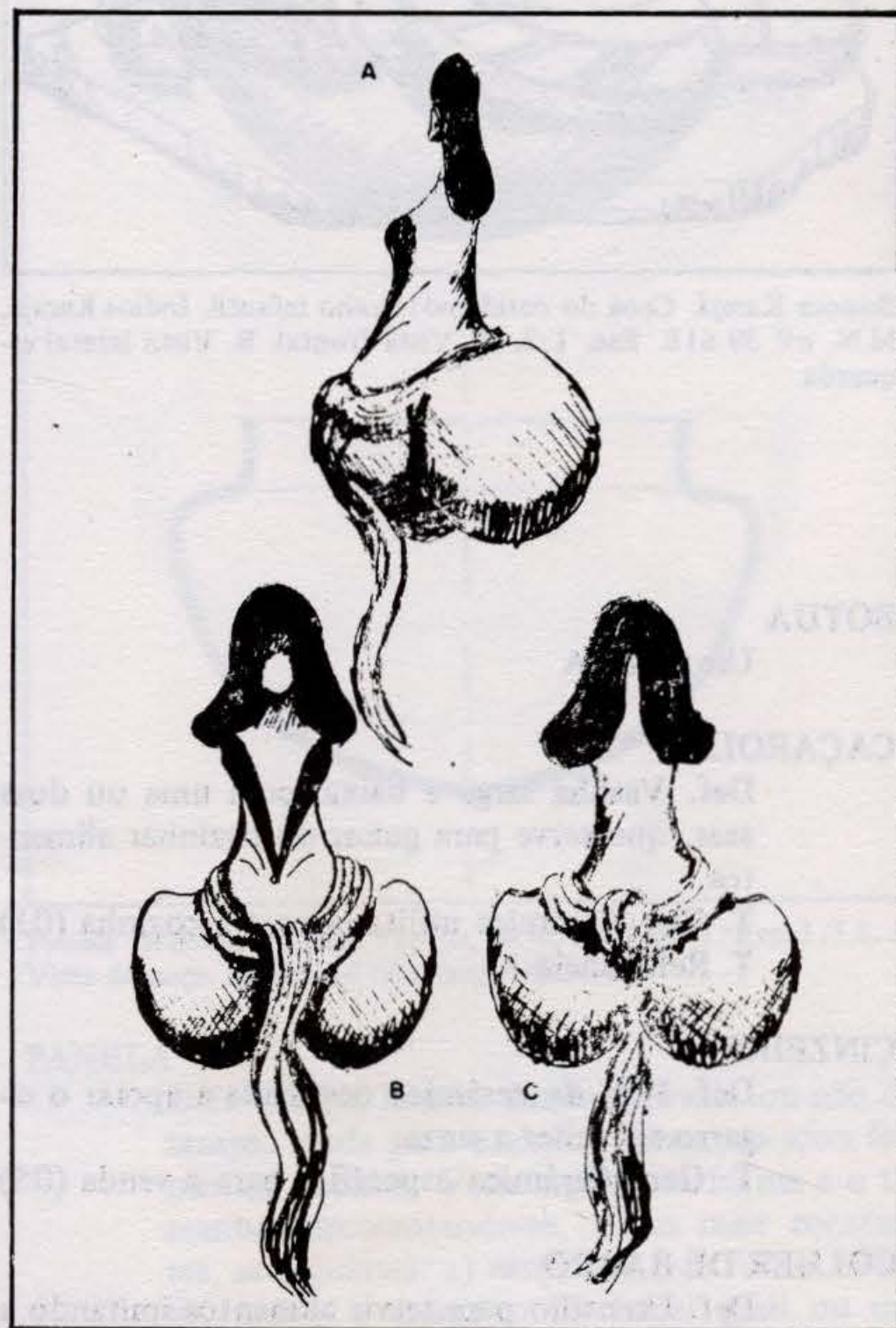
T. Rel. Bilha
Jarra
Moringa

BONECA KARAJÁ

Def. Objetos de barro modelados representando: a) cenas do cotidiano, principalmente a rotina diária: processamento da mandioca (atividade feminina), caça e pesca (atividade masculina); b) locomoção por terra (com cestos-cargueiros) ou por água (com canoas) de pessoas, caça, pesca, produtos agrícolas; c) figura humana cultural (jovem, adulto, homem, mulher); d) figura humana fantástica (seres bicéfalos, multicéfalos, xipófagos e sobrenaturais antropomórfos); e) cenas da vida familiar (casal, mulher grávida, parto); f) cenas da vida ritual (máscaras de aruanã, aplicação da marca tribal, pintura corporal, funeral, etc.) g) elementos da fauna (anfíbios, peixes, répteis, aves, mamíferos). Uso lúdico e para o comércio.

T. Gen. Cerâmica estatuária temático-figurativa (04)

Consulte: 90 Objetos rituais, mágicos e lúdicos

Bilhas comunicantes. Índios Palikúr, M.I. nº 8171. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Secção longitudinal.

Boneca Karajá para a venda. Índios Karajá, M.N. nº 39.942. Esc. 1:5. A. Vista lateral. B. Vista anterior. C. Vista posterior.

Boneca Karajá (*litxokó waritxoré* = boneca, menina) do tipo tradicional. Índios Karajá M.N. s/nº Esc. 1:2. A. Vista lateral. B. Vista anterior. C. Vista posterior.

Boneca Karajá. Cena do cotidiano: banho infantil. Índios Karajá, M.N. nº 39.618. Esc. 1:2. A. Vista frontal. B. Vista lateral esquerda.

BOTIJA

Use: BILHA

CAÇAROLA

Def. Vasilha larga e baixa, com uma ou duas asas, que serve para guisar ou cozinhar alimentos.

T. Gen. Cerâmica utilitária para a cozinha (01)

T. Rel. Panela

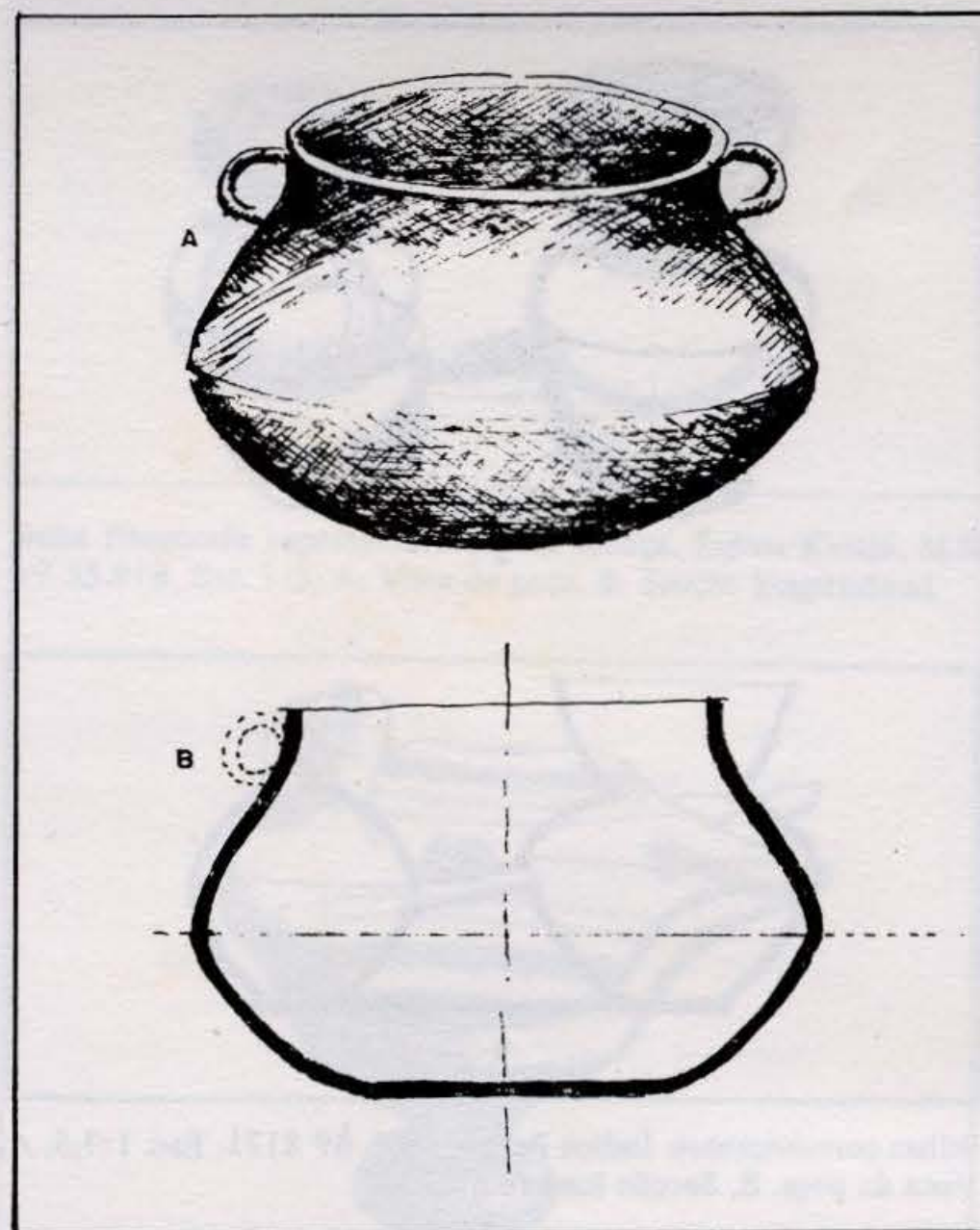
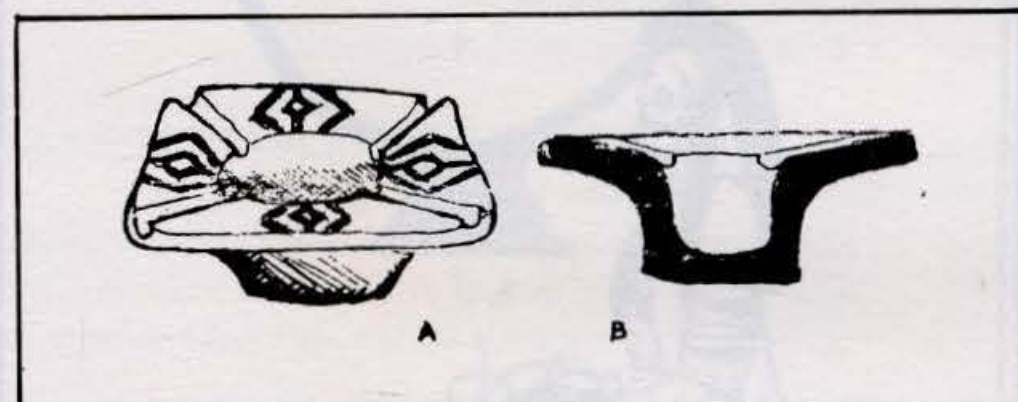
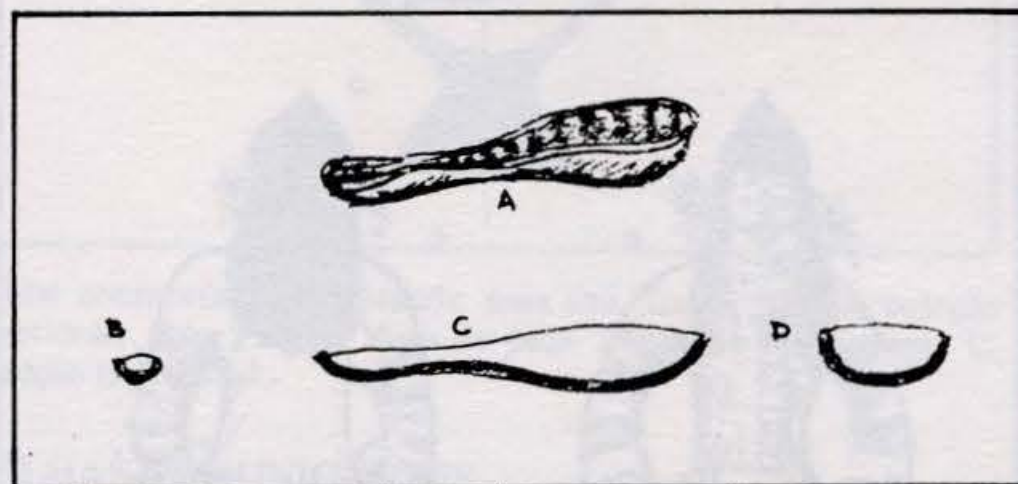
CINZEIRO

Def. Peça de cerâmica destinada a apoiar o cigarro e receber a cinza.

T. Gen. Cerâmica específica para a venda (05)

COLHER DE BARRO

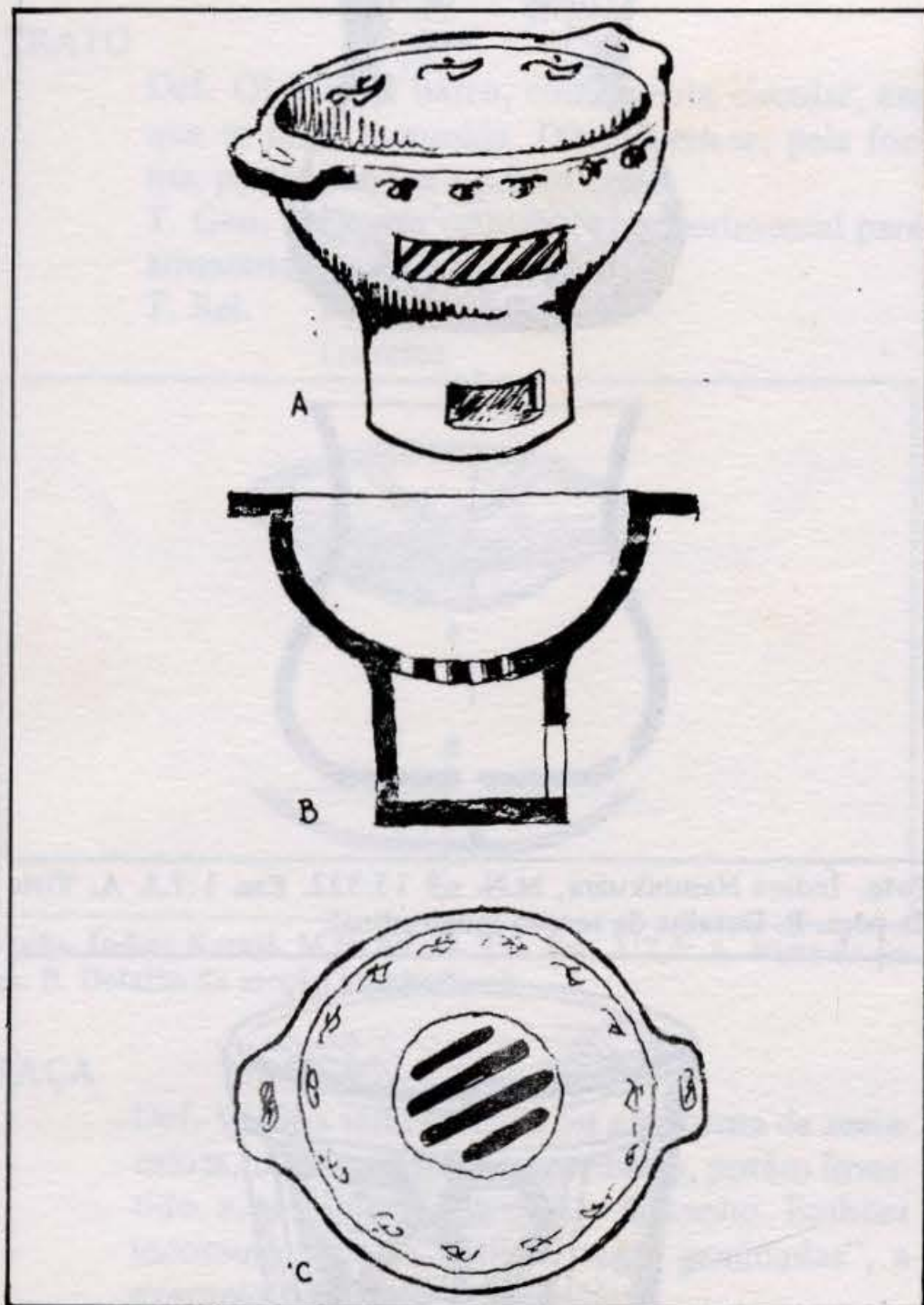
Def. Utensílio para servir alimentos imitando a forma de porongo cortado ao meio.

T. Gen. Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço (02)

Caçarola. Índios Baníwa, M.N. nº 40.295. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Corte longitudinal.

Cinzeiro. Índios Karajá, M.N. nº 39.945. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Perfil longitudinal.

Colher de barro. Índios Marúbo, M.I. nº 75.4.89. Esc. 1:5. A. V'sta da peça. B. Corte transversal do cabo. C. Corte longitudinal. D. Corte transversal da concha.

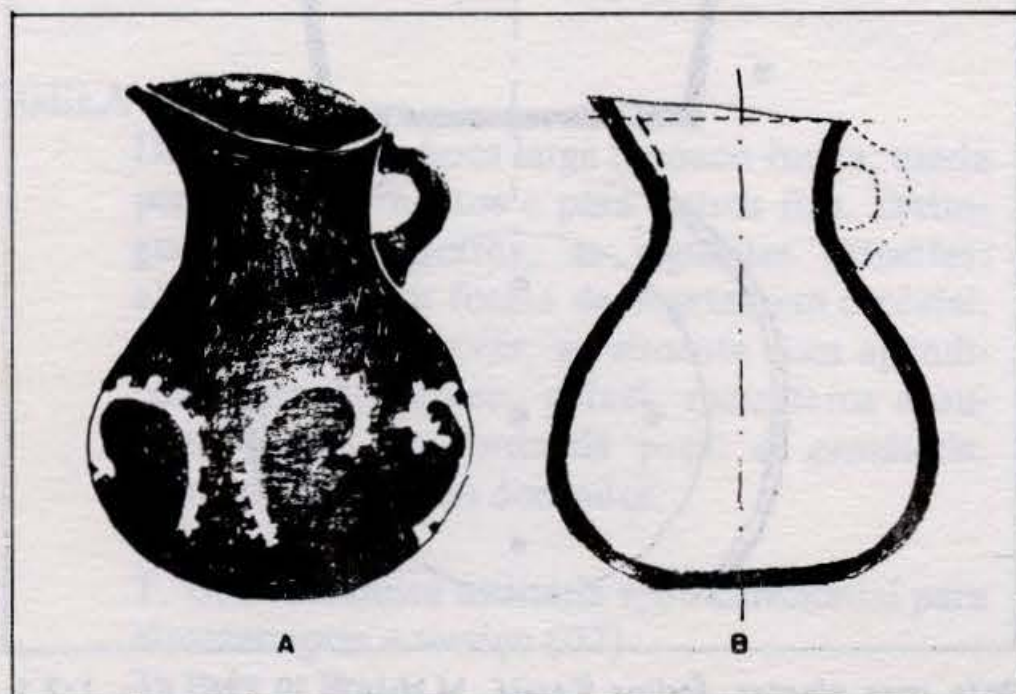
CUMBUCA

Use: TIGELA

FOGAREIRO

Def. Pequeno vaso de barro portátil onde se coloca brasas para cozinhar. Incomum na cultura indígena e certamente de influência forânea.
T. Gen. Cerâmica para o lume (03)
T. Rel. Trempe

Fogareiro, Índios Mirânia, M.I. nº 78.1.16. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Corte longitudinal. C. Peça vista de cima.

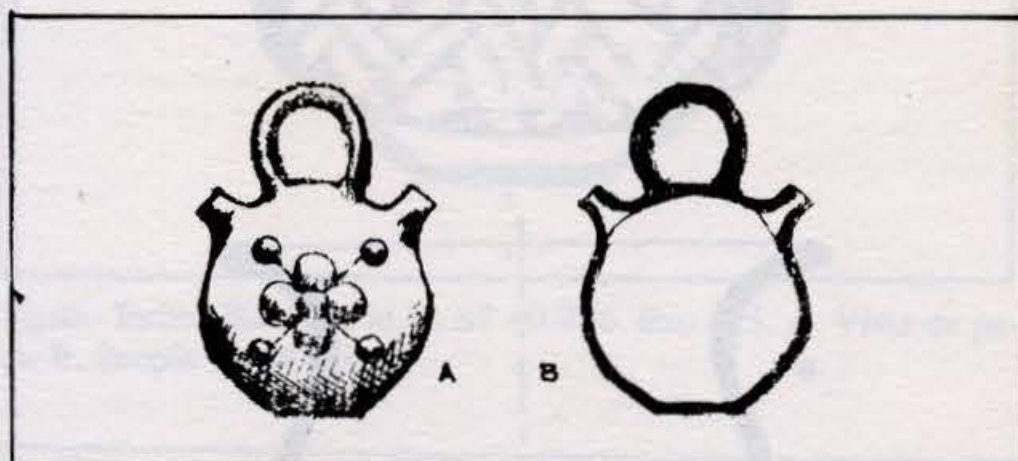
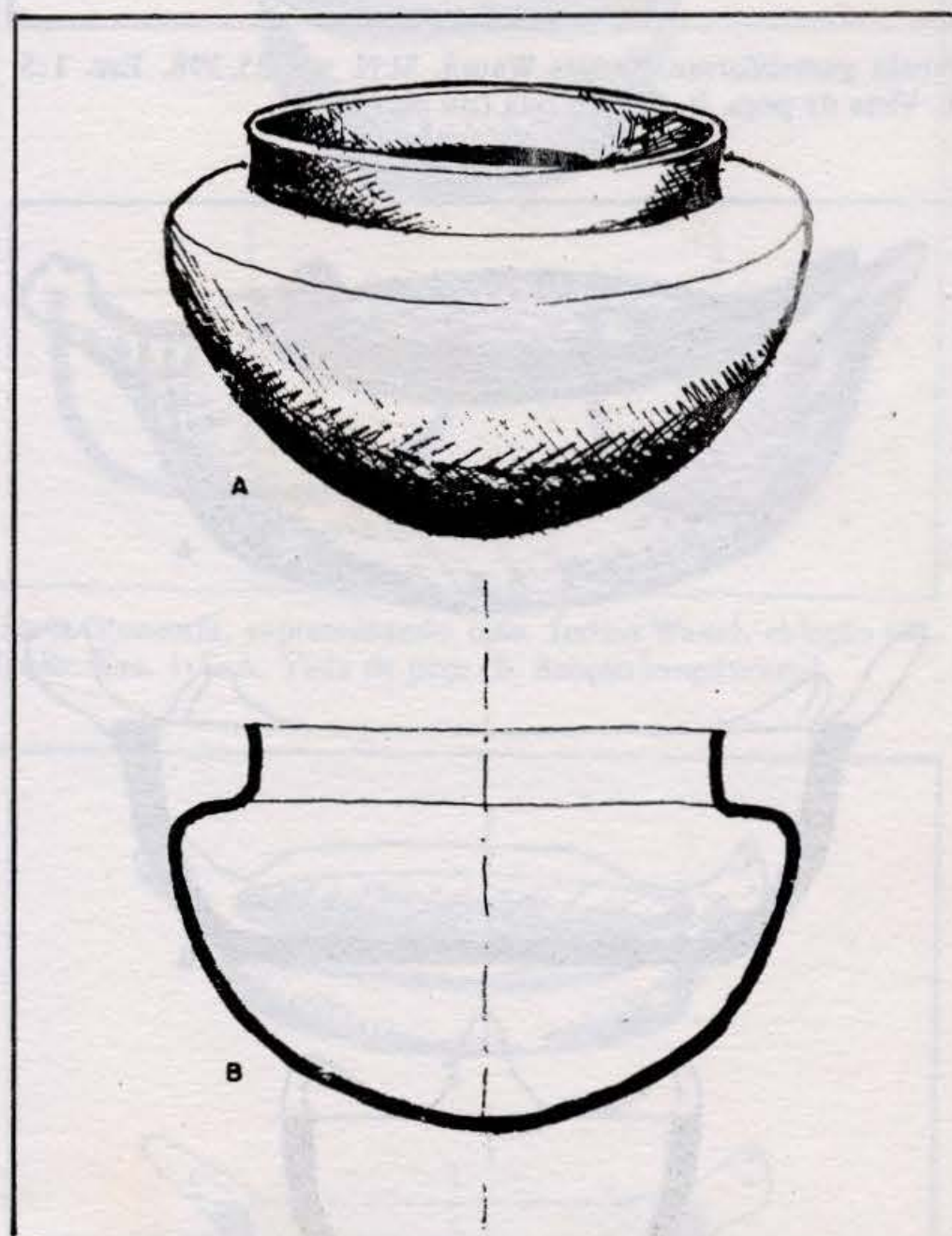
JARRA

Def. Vaso alto e pouco bojudo, com asa e bico, próprio para servir água.
Sin. Jarro
T. Gen. Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço (02)
T. Rel. Bilha
Bilhas comunicantes
Moringa

Jarra. Índios Tukâno, M.N. nº 40.363. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Secção reta (perfil).

JARRO

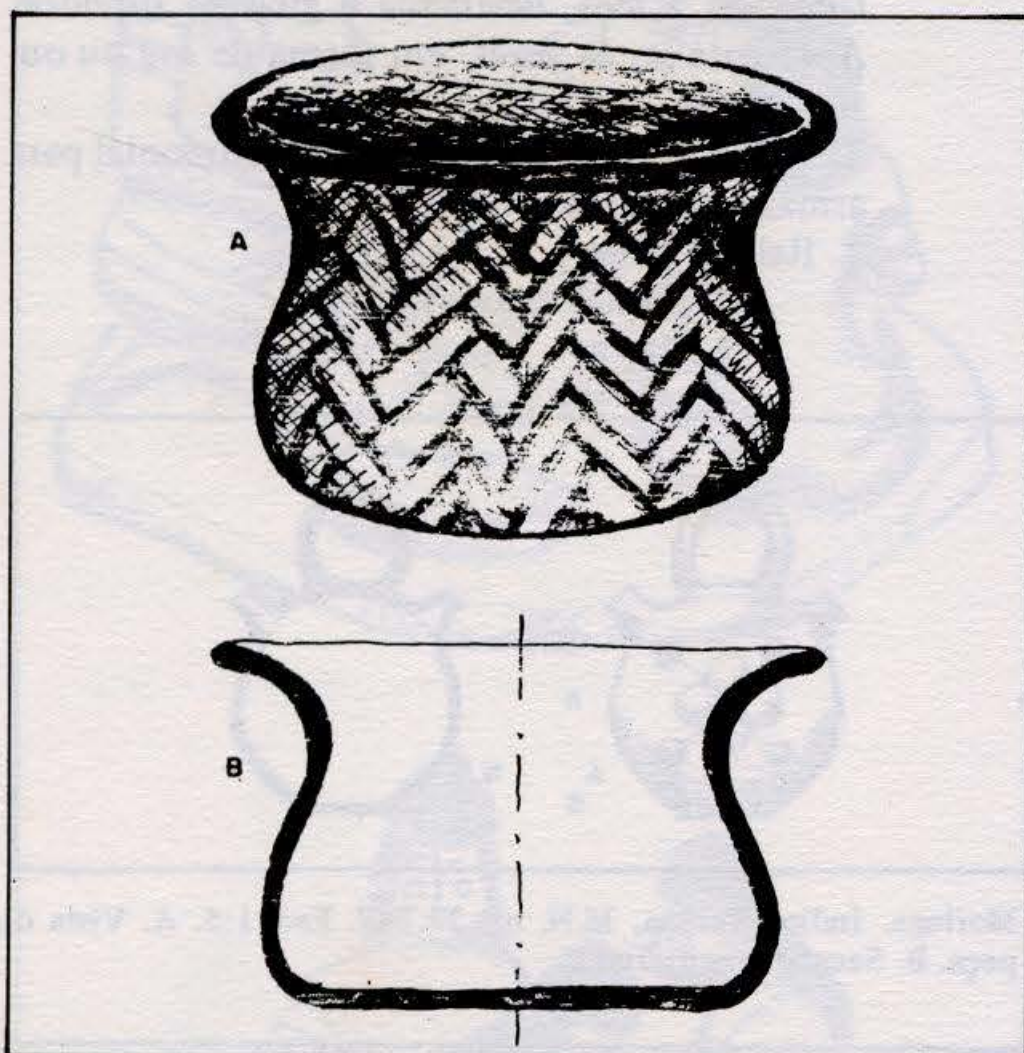
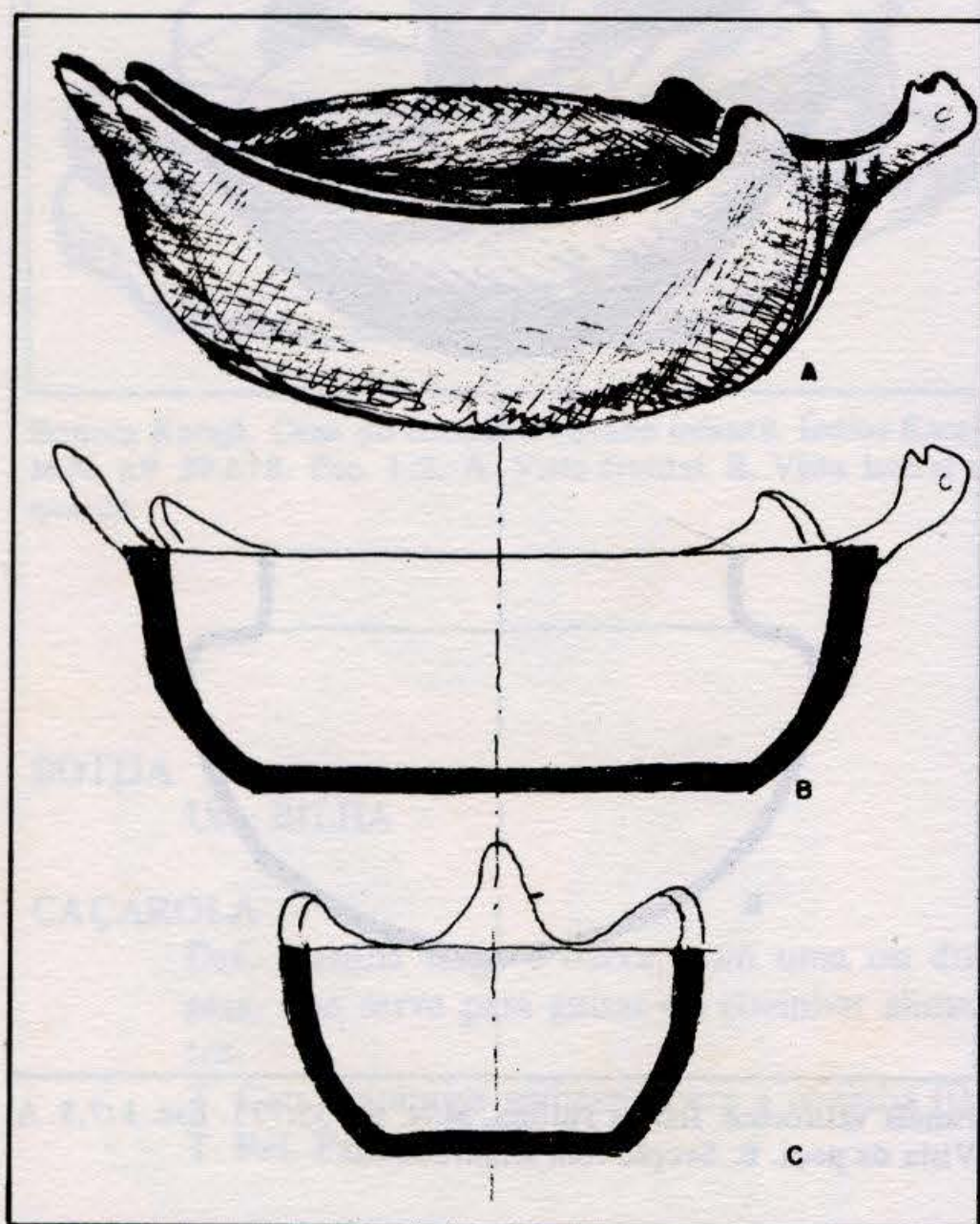
Use: JARRA

MORINGA

Def. Vasilha de barro com um ou dois gargalos ladeando a alça, destinada a guardar líquidos. Apresenta-se, às vezes, em forma de ave ou outro animal.
T. Gen. Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço (02)
T. Rel. Bilha
Bilhas comunicantes
Jarra

Moringa. Índios Terêna, M.N. nº 37.749. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Secção longitudinal.

Panela vasiforme. Índios Jurúna, M.N. nº 35.771. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Secção reta longitudinal.

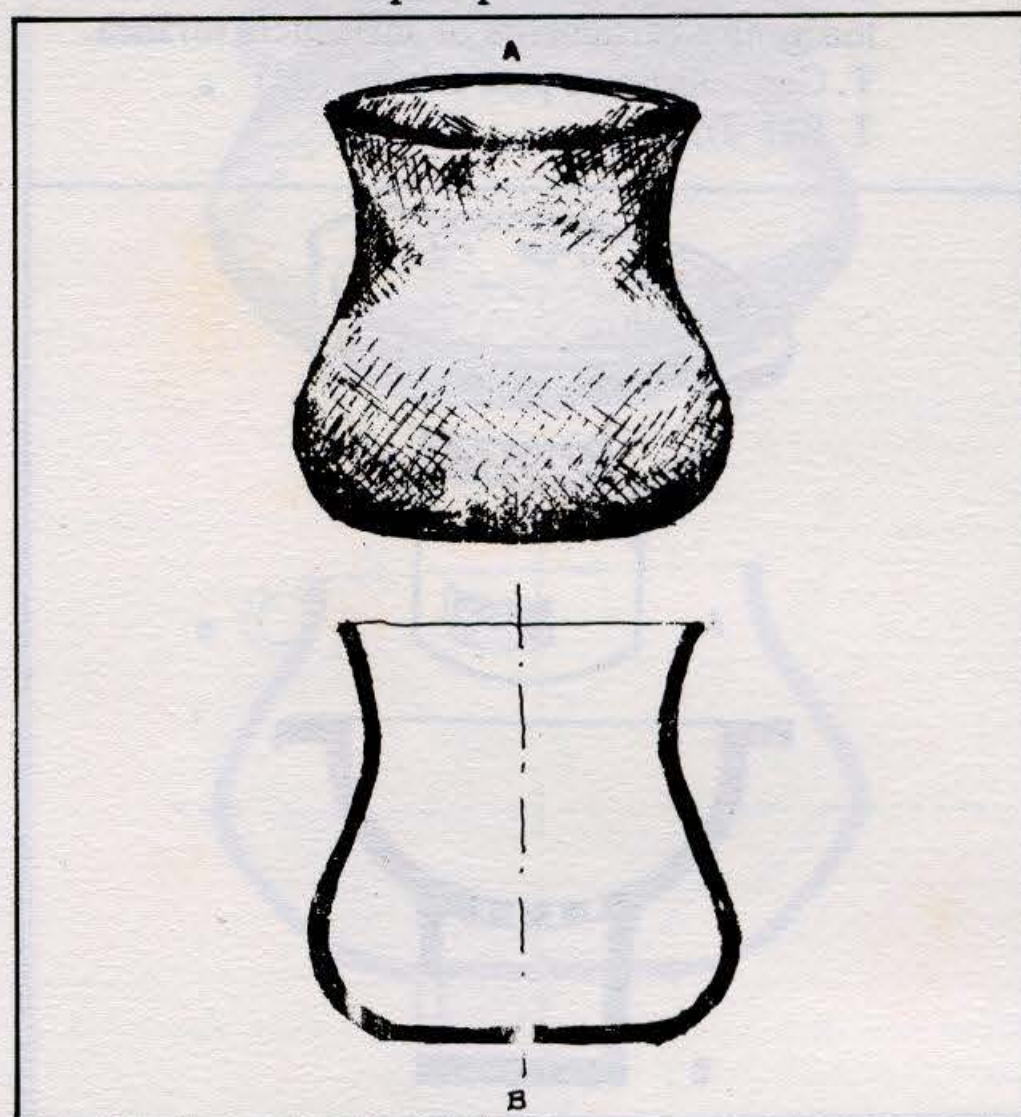
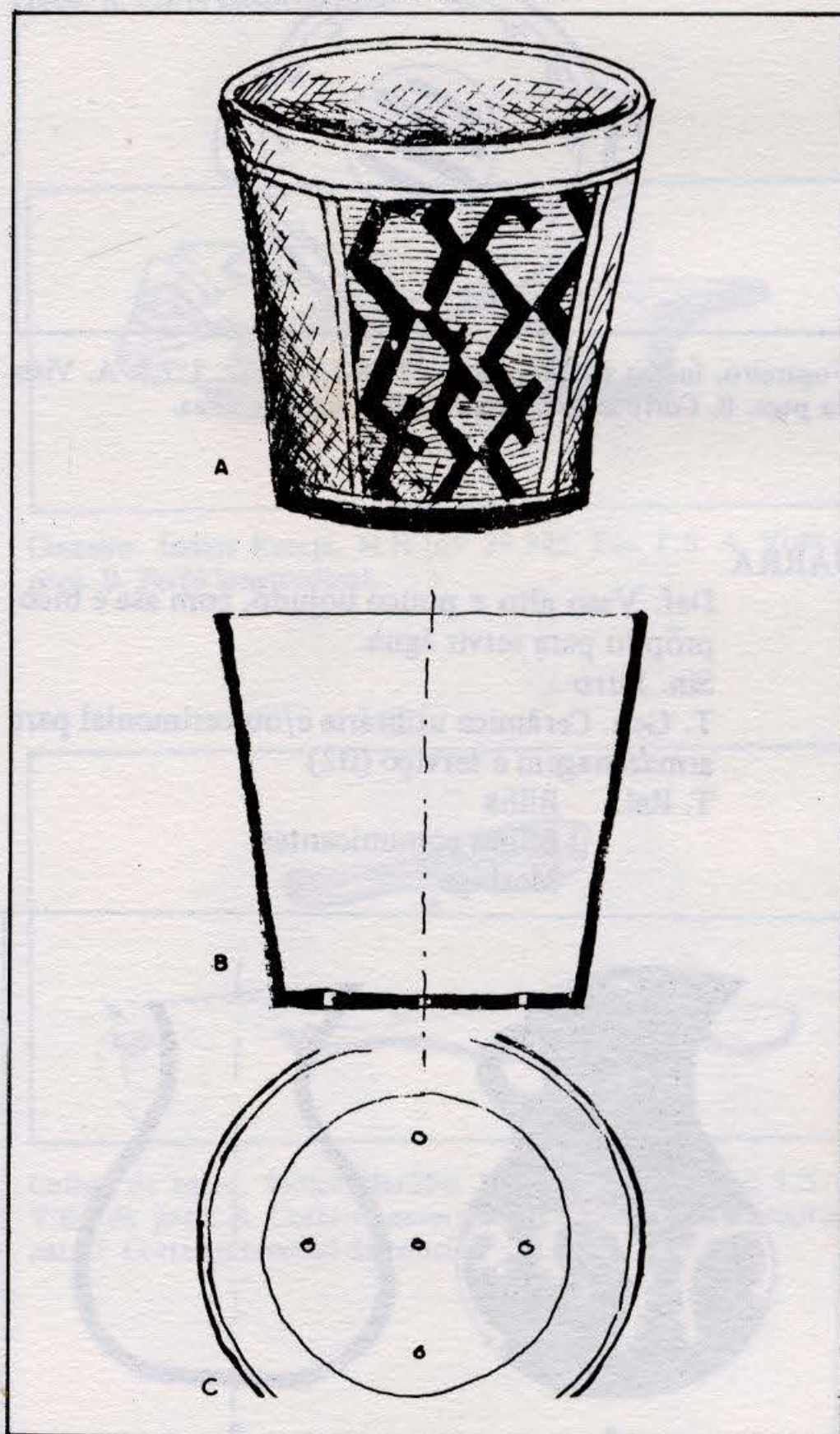
PANELA

Def. Vasilha larga e funda, provida ou não de tampa, usada para cozinhar alimentos e/ou fermentar bebidas. Varia segundo a forma e o tamanho, apresentando-se, como mais constantes, as seguintes: a) *vasiforme* (em forma de vaso, sendo o diâmetro do bocal igual ou um pouco menor que o do fundo); b) *gameliforme* (em forma de gamela, baixa, atarracada, com o diâmetro da boca aproximadamente igual ao

do fundo); c) *alguidariforme* (em forma de alguidar, larga, rasa, de forma trapezoidal ou ovalada).
T. Gen. Cerâmica utilitária para a cozinha (01)
T. Rel. Caçarola

Panela gameliforme. Índios Waurá, M.N. nº 35.398. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Secção reta (ou perfil).

Panela alguidariforme representando um quelônio. Índios Waurá, M.N. nº 38.980. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Perfil longitudinal. C. Perfil transversal.

POTE

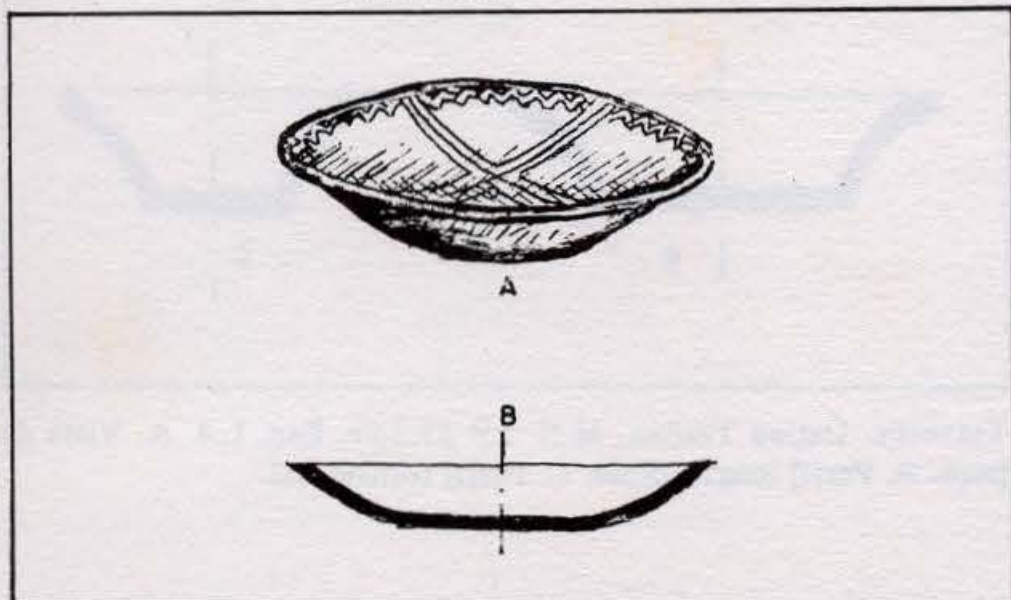
Def. Vasilha de bocal largo e tamanho avantajado usada para carregar e armazenar água. Freqüentemente empregam-se para esse fim panelas, principalmente as vasiformes.

T. Gen. Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço (02)
V. tb. Pote para plantas

Pote. Índios Nambikuára, M.N. nº 13.322. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da secção longitudinal.

Pote para plantas. Índios Karajá, M.N. nº 39.896. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da secção longitudinal. C. Vista do fundo com orifícios.

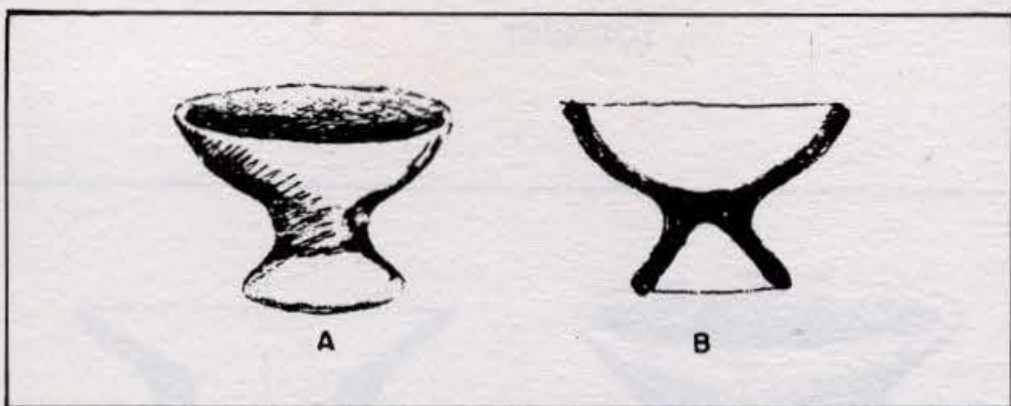
POTE PARA PLANTAS

Def. Vasilha de barro de bocal largo e tamanho avantajado, com furos no fundo, destinada a receber terra para plantio.
T. Gen. Cerâmica específica para a venda (05)
V. tb. Pote

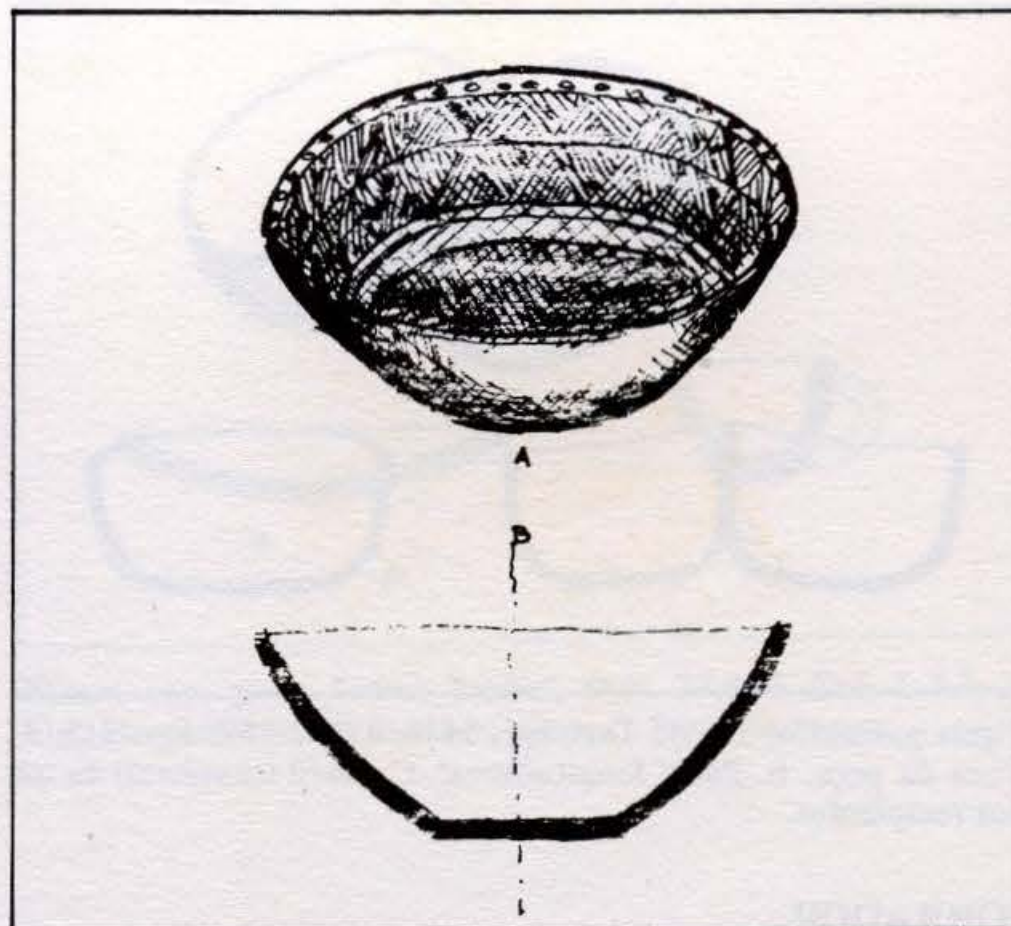
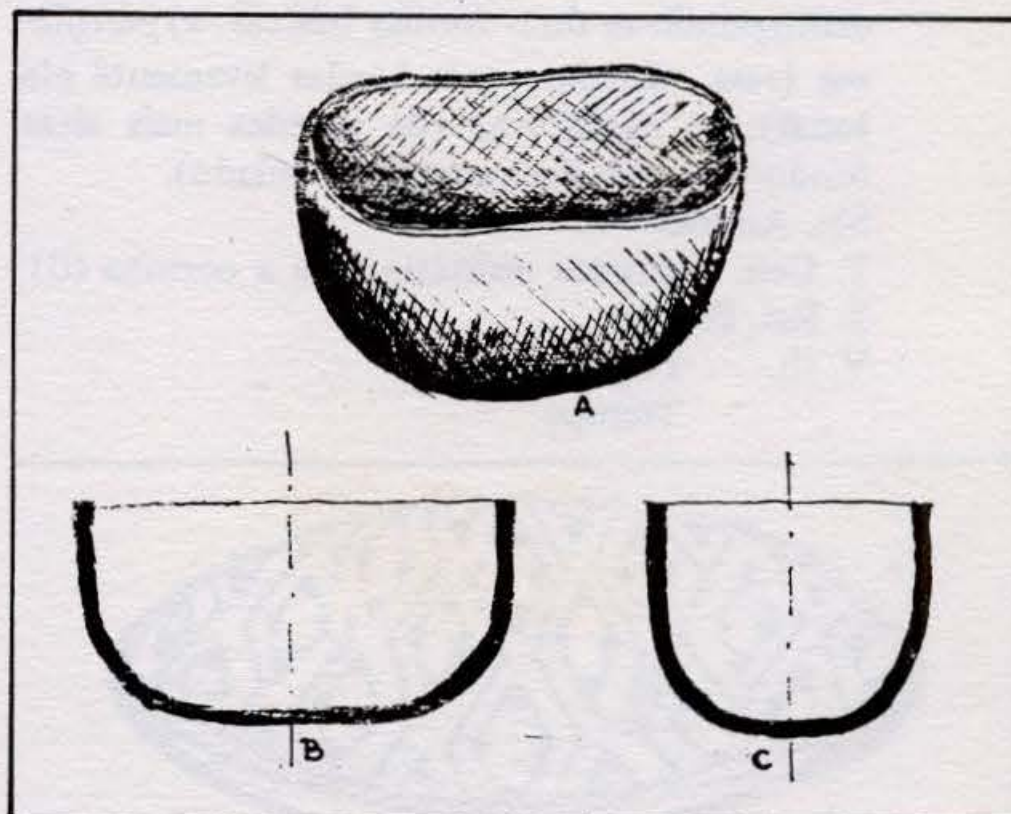
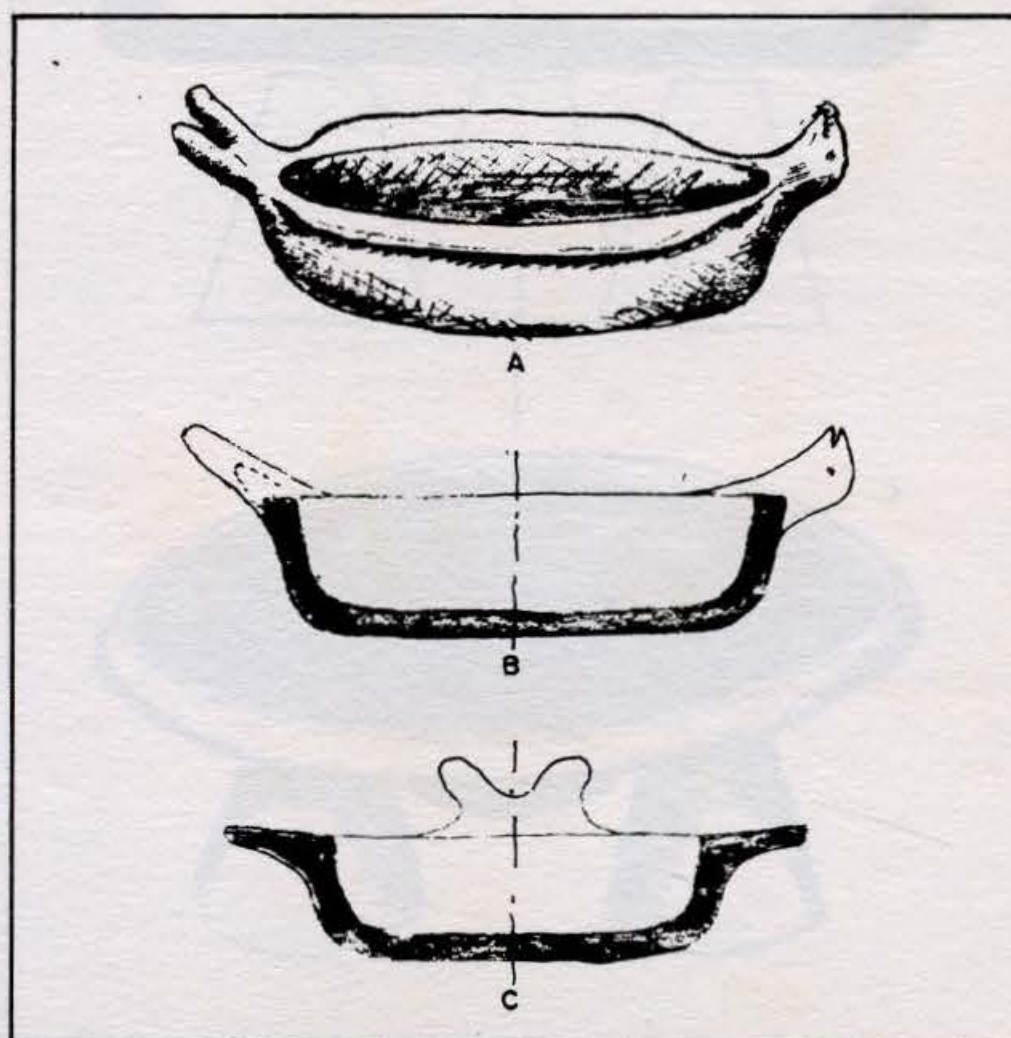
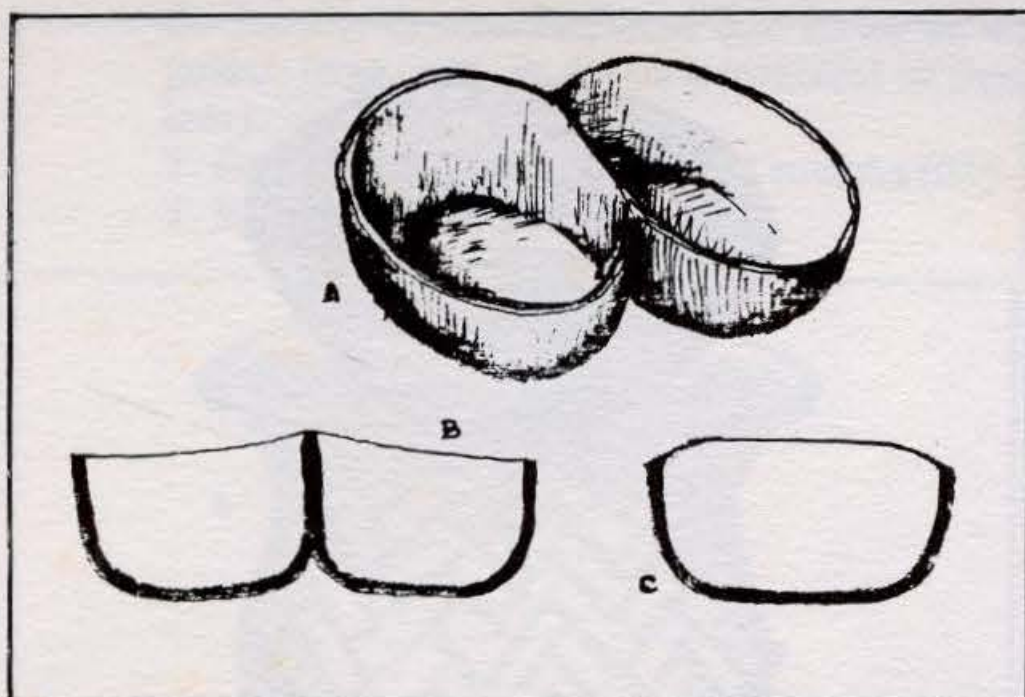
PRATO

Def. Objeto de barro, comumente circular, em que se serve a comida. Distinguem-se, pela forma, pratos fundos e pratos rasos.
T. Gen. Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço (02)
T. Rel. Tigela
Travessa

Prato. Índios Karajá, M.N. nº 35.300. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da secção longitudinal.

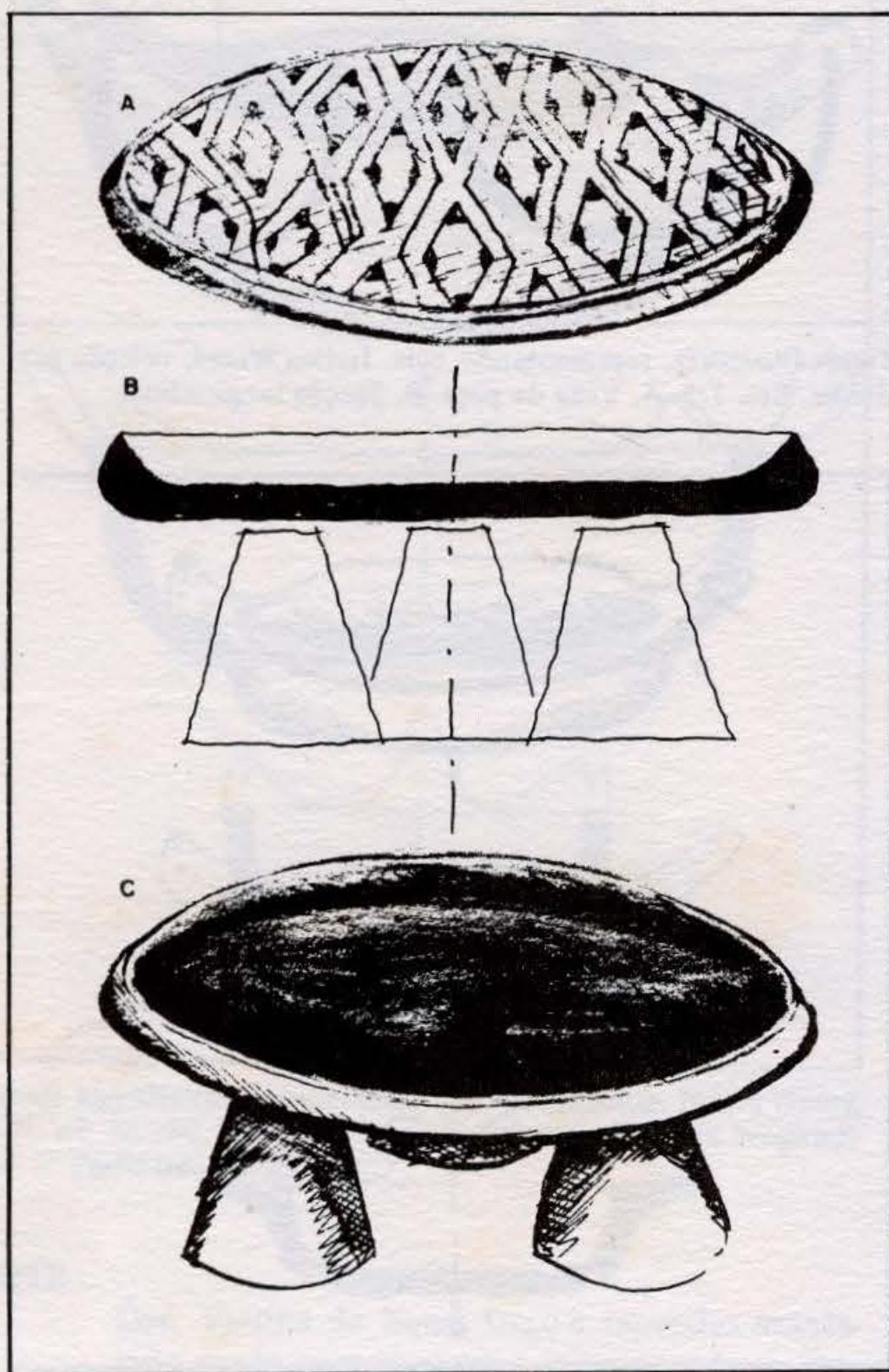
TAÇA

Def. Vasilha semi-esférica ou em forma de meia-calota, com pedestal assemelhado, porém invertido, e, geralmente, de menor tamanho. Embora incomum, ocorre o tipo "taças geminadas", a exemplo das tigelas geminadas.
T. Gen. Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço (02)
T. Rel. Tigela

Taça. Índios Hohodene, M.N. nº 40.196. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe do perfil.

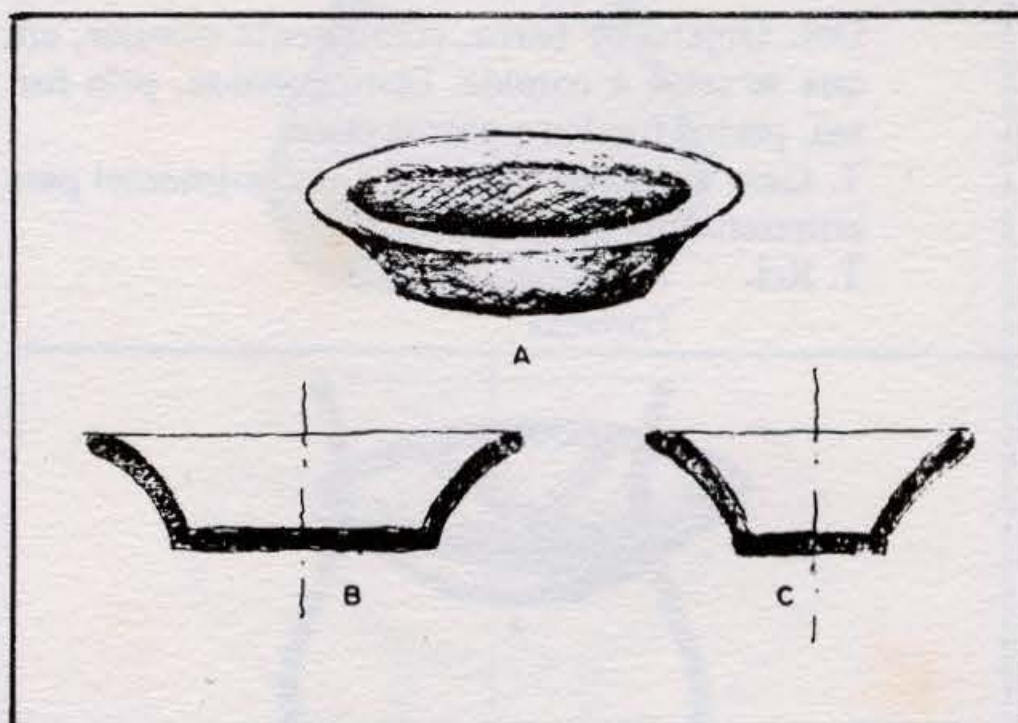
TIGELA

Def. Vasilha de boca larga e pouco funda, usada para servir alimentos e para outros fins. Distinguem-se, pela forma, as seguintes variantes: a) *fitomorfa,* em forma de vegetal, em especial, de cuia; b) *zoomorfa,* geralmente com apêndices figurando répteis, peixes, mamíferos e outros animais na borda da peça; c) *geminada,* com aderência num dos lados.
Sin. Cumbuca
T. Gen. Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço (02)
T. Rel. Prato
Taça
Travessa

Tigela. Índios Baníwa, M.N. nº 40.286. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Secção longitudinal.

Tigela fitomorfa, representando cuia. Índios Waurá, coleção particular. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Secção longitudinal.

Tigela zoomorfa representando ave. Índios Waurá, M.N. nº 35.782. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Perfil longitudinal. C. Perfil transversal.

Tigela geminada. Índios Tapirapé, M.N. nº 32.119. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Perfil longitudional. C. Perfil transversal de um dos recipientes.

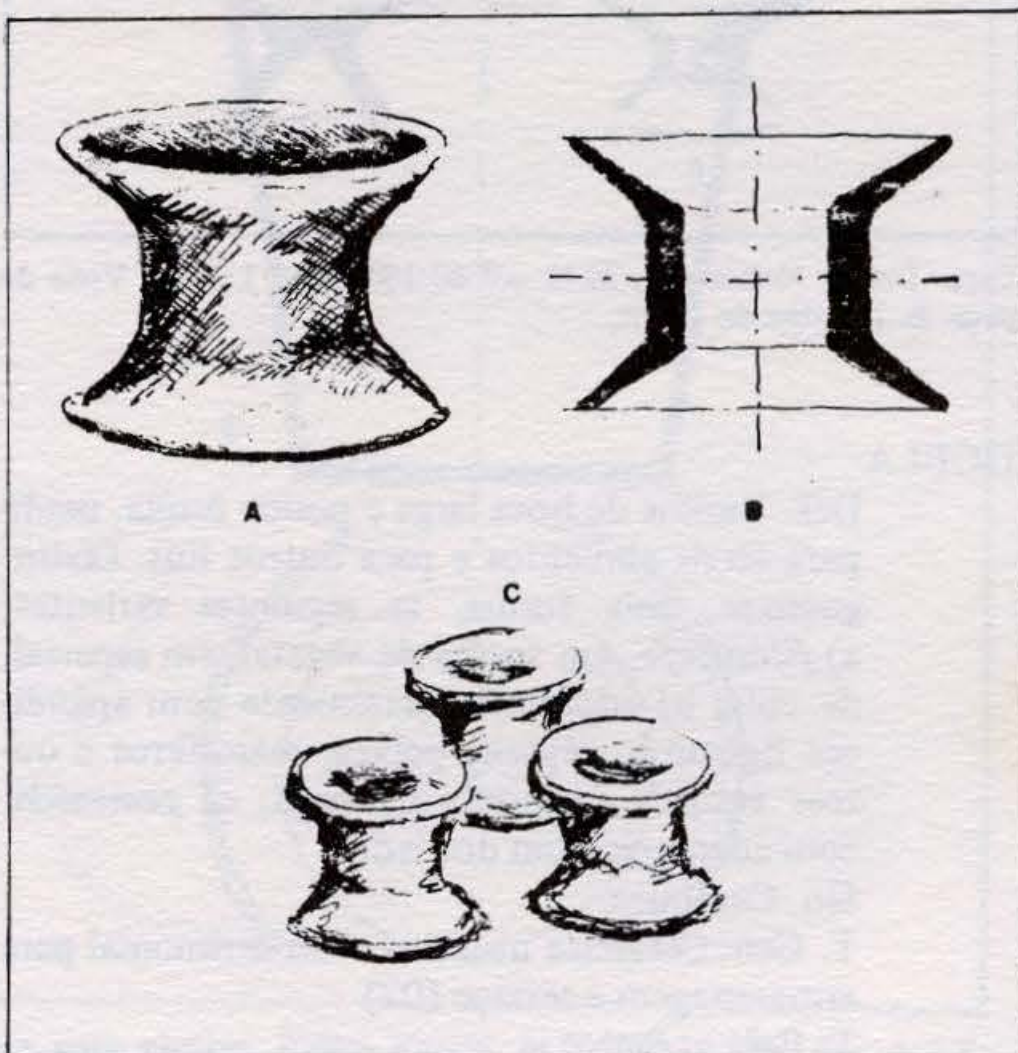
TORRADOR

Def. Peça de barro, circular ou ovalada, destinada a torrar farinha e/ou beiju. Varia em tamanho, podendo alcançar até 1 m de diâmetro, distinguindo-se duas formas básicas: a) *platiforme* (rasa, circular, com bordas levemente elevadas); b) *tigeliforme* (de paredes mais altas, fundo plano ou ligeiramente abaulado).
Sin. Assador
T. Gen. Cerâmica utilitária para a cozinha (01)
T. Rel. Panela
V. tb. Fogareiro
Trempe

Torrador. Índios Waurá, M.N. nº 40.023. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça emborcada. B. Perfil, inclusive das trempes. C. Torrador sobre as trempes.

TRAVESSA

Def. Peça oval em que se serve a comida.
T. Gen. Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço.
T. Rel. Prato
Tigela

Travessa. Índios Terêna, M.N. nº 37.759. Esc. 1:4. A. Vista da peça. B. Perfil longitudinal. C. Perfil transversal.

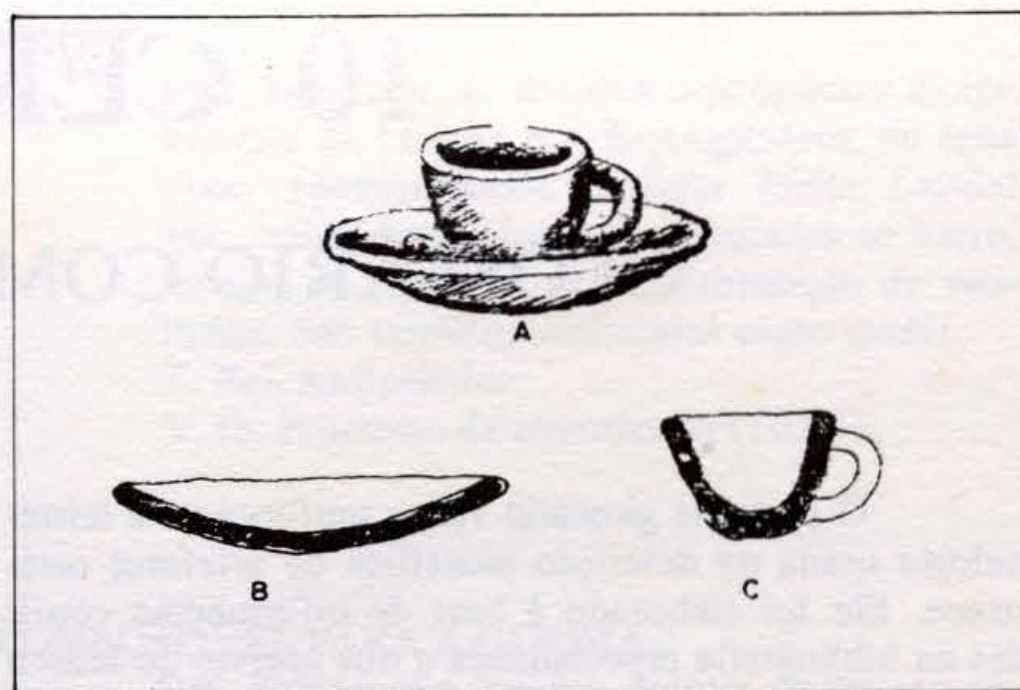
TREMPE DE BARRO

Def. Peça de argila, geralmente utilizada em número de três para equilibrar a panela ao lume. Ocorrem formas cilíndricas, hiperbólicas e trapezoidais.
T. Gen. Cerâmica para o lume (07)
T. Rel. Fogareiro
V. tb. Caçarola
Panela
Torrador

Trempe. Índios Desâna, M.N. nº 40.366. A. Vista de uma unidade. B. Perfil. C. O conjunto das peças.

XÍCARA

Def. Vasilha pequena com alça, geralmente acompanhada de pires, usada para servir líquidos. De influência forânea, é encontrada apenas entre tribos muito aculturadas.
T. Gen. Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço

A

B C

Xícara com pires. Índios Terêna, M.N. 37.763. Esc. 1:3,3. A. Vista do conjunto. B. Perfil do pires. C. Perfil da xícara.

10 CERÂMICA

GLOSSÁRIO COMPLEMENTAR (10.00)

O presente glossário visa a uniformizar a terminologia usada na descrição científica de artefatos cerâmicos. Ele foi elaborado à base de informações contidas na bibliografia especializada e nos acervos do Museu Nacional e do Museu do Índio. Oferece definições de termos técnicos, que não se encontram nos dicionários, ou que são usados de forma aleatória por antropólogos e museólogos. Além de facilitar a comunicação entre os especialistas, pelo uso de uma linguagem controlada, presta informações úteis, sobretudo no que se refere à etnobotânica e aos implementos utilizados na confecção de artefatos de barro.

Do ponto de vista morfológico, distingue-se duas séries de recipientes cerâmicos, do mesmo modo que cesteiros: 1) recipientes abertos (a) planos (pratos, travessas), (b) de maior (panelas) ou menor (tigelas) profundidade; 2) recipientes "fechados" em que o diâmetro máximo é sempre maior que o do bocal (bilhas) (Balfet 1974:186). Nas coleções consultadas não encontramos tigelas com cabo, à maneira de frigideiras.

No presente glossário complementar os termos são reunidos sob as seguintes seções, correspondentes a *grupos genéricos:* Definições genéricas (10.01), Matérias-primas (10.02), Processos de manufatura (10.03), Implementos (10.04), Partes componentes do vasilhame (10.05), Tratamento e acabamento da superfície (10.06), Tipos de decoração (10.07), Motivos decorativos (10.08). Os inter-relacionamentos – com estrutura de *thesaurus* – abrangem apenas esses grupos genéricos, com exclusão, portanto, dos anteriormente definidos para o glossário geral da nomenclatura cerâmica.

O grupo (10.01) contém palavras usadas como categorias inclusivas, devidamente definidas: vasilha, vasilhame, etc. . O grupo (10.02) relaciona as matérias-primas usadas para a confecção, tratamento e acabamento da superfície, queima e decoração da cerâmica. Os grupos (10.06) e (10.07) incorporam definições empregadas na terminologia da cerâmica arqueológica brasileira, tomadas de Chmyz et alii (1966), com seus equivalentes em inglês. A maioria dessas designações tem sido utilizada, somente na descrição de material pré-histórico encontrado em nosso país. Achamos útil, contudo, explicitá-la na presente nomenclatura.

Os Motivos decorativos (10.08) são divididos em dois grandes grupos: naturalistas e geometrizantes. Este último termo indica que, embora possam parecer formas geométricas aos olhos do observador estranho, e assim classificadas, não se exclui a possibilidade de serem interpretadas como temático-figurativas pelos seus executantes indígenas. Esses padrões e a respectiva nomenclatura aplicam-se a outras categorias de artefatos (trançados, tecidos, pirogravura de lagenária, etc.) objeto da presente nomenclatura. Os respectivos designativos foram adaptados de Chmyz et alii *(op. cit.)*,), Achero (1973), Belelli (1980), B. G. Ribeiro (1986a). Além de Chmyz et alii *(op. cit.)*, os glossários baseiam-se em consulta a trabalhos específicos com preocupações classificatórias e taxonômicas: Andrade Lima (1986) Gruber (1982ms), Marois & Scatamacchia (1986ms), Balfet (1974). De grande valia foram as sugestões dadas por Ondemar Dias e Eliana Carvalho. Na bibliografia mencionam-se apenas as obras gerais sobre o tema. Indicações bibliográficas referentes a grupos indígenas ceramistas específicos podem ser consultadas nessas obras.

DEFINIÇÕES GENÉRICAS (10.01)

CERÂMICA

Def. Arte de confeccionar artefatos com argila submetidos à combustão a alta temperatura.

PEÇA

Def. O termo é usado no sentido de espécime.

VASILHA

Def. Qualquer recipiente de cerâmica próprio para conter substâncias líquidas ou sólidas.
T. Rel. Vasilhame
Vaso

VASILHAME

Def. Plural de vasilha. Termo que abrange todos os recipientes de cerâmica.
T. Rel. Vasilha
Vaso

VASO

Def. Termo genérico de recipiente de cerâmica indicador da forma: alongado ou bojudo, mas com certo estreitamento no gargalo e no bocal.
T. Rel. Vasilha
Vasilhame

MATÉRIAS-PRIMAS (10.02)

ANTIPLÁSTICO

Def. Para a confecção da cerâmica, ocorre, normalmente, a adição de materiais desengordurantes ou temperos (antiplásticos) que endurecem a argila. Encontram-se, não raro, misturados aos depósitos de barro naturais. Distinguem-se os constituídos de 1) substâncias orgânicas: espículas de esponja calcinada, denominada regionalmente cauxi (ou cauixi); ossos moídos; conchas esfareladas; palha picada; estrume de gado; pó de carvão; cinza de uma árvore do cerrado ("orelha de burro") não identificada botanicamente; cinza da casca e do caule da árvore "cega-machado" *(Lythraceae* sp.; *Physocalymna* sp.); e, sobretudo, várias espécies do gênero *Licania,* conhecidas como

cariapé (também como caraipé ou caripé); 2) substâncias inorgânicas: grãos de quartzo, mica, feldspato; cacos triturados; pedras calcáreas, areia, terra, tijolos e telhas triturados. O material orgânico ou inorgânico introduzido na pasta destina-se a produzir condições propícias à secagem e queima da cerâmica.
Sin. Desengordurante
T. Rel. Cariapé
Cauxi
V. tb. Processos de manufatura (10.03)

ARGILA
Def. "Silicatos de alumínio hidratados que constituem os minerais silicosos" (Dicionário Aurélio).
Sin. Barro
V. tb. Processos de manufatura (10.03)

BARRO
Use: ARGILA

BARRO BRANCO
Use: CAULIM

CARAJURU
Def. Tinta vermelho-telha extraída da decantação das folhas miúdas de uma trepadeira da família das Bigoniáceas *(Arrabidaea chica* H.B.K.) em cocção na água.
T. Rel. Corantes
V. tb. Tipos de decoração (10.07)

CARIAPÉ
Antiplástico adicionado à argila a fim de temperar a pasta. Registram-se as seguintes espécies botânicas da família das Crisobalanáceas: *Licania octandra* (Hoffmgg ex. R. & S.) Kuntze subsp *pallida* (Hook. f.) Prance, identificada por Prance entre os índios Deni (Prance 1986: 132). O mesmo autor cita *Couepia longipendula* Pilg da família das Rosáceas em uso para o mesmo fim na mesma tribo. A bibliografia menciona ainda: *Licania turiuva* e *Hirtella octandra.* As cascas dessas plantas são cortadas em tiras e secas ao sol. Amontoadas de modo piramidal são queimadas lentamente pelas brasas introduzidas no centro da pirâmide. As cinzas resultantes são socadas no pilão e peneiradas, aproveitando-se o pó mais fino como mistura do barro. A esse pó os índios Desâna adicionam o sumo da folha do cansanção *(Urera caracasana* Griseb), uma urticácea.
T. Rel. Antiplástico
V. tb. Processos de manufatura (10.03)

CAULIM
Def. Argila de cor branca que, quando dissolvida na água, serve como engobo ou para a decoração pintada e/ou incisa do vasilhame. Conhecida também como tabatinga, designação de origem tupi.
Sin. Barro branco
T. Rel. Corantes
V. tb. Tipos de decoração (10.07)

CAUXI
Def. Espículas de animais espongiários monaxônicos da família dos Espongilídeos, de água doce, (possivelmente *Tubella Mello Leitão)* que, reduzidas a cinzas e misturadas ao barro, servem de tempero para a fabricação de vasilhame. São também conhecidas como cauixi.
T. Rel. Antiplástico
V. tb. Processos de manufatura (10.03)

COMBUSTÍVEL PARA A QUEIMA
Def. Substâncias vegetais agentes da ignição para a queima da cerâmica. Distinguem-se, entre os materiais orgânicos, as seguintes madeiras que conferem coloração avermelhada ao vasilhame: catingueira *(Caesalpinia pyramidalis);* angico *(Piptadenia* sp.); imburana de cambão *(Bursera leptophloeus).* E, ainda, a bainha da folha de babaçu *(Orbygnia martiana),* certas cascas de árvore que contém látex e o excremento de gado, usado por tribos mais aculturadas. Entre os Desâna emprega-se, também para a queima, o ninho do cupim.
V. tb. Processos de manufatura (10.03)

CORANTES
Def. Substâncias usadas para a decoração do vasilhame. Ocorrem basicamente nas tonalidades branca, preta, vermelha e amarela, podendo ser de origem vegetal ou mineral. 1) Substâncias corantes vegetais são extraídas das folhas de carajuru *(Arrabidaea chica),* de colorido vermelho-tijolo, do fruto do jenipapo *(Genipa americana)* negro-azulado, das sementes do urucu *(Bixa orellana)* de colorido carmim. E ainda do verniz de pau-santo, da família das Gutíferas *(Kielmeyera coriacea),* negro brilhante, e do verniz do angico da família das Leguminosas mimosóideas, do gênero *Piptadenia,* de colorido amarelo-vítreo. 2) Substâncias corantes minerais para a cerâmica são obtidas de: a) hematita, sesquióxido de ferro que fornece pigmento vermelho; b) limonito, hidróxido de ferro, compacto ou terroso, que provê pigmento amarelo; c) caulim ou barro branco; d) pedra preta, que, esfregada com um pouco d'água em uma pedra maior produz tinta negra.
T. Rel. Carajuru
Caulim
"Corante" negativo
Envernizadores de superfície
Esfumaradores de superfície
V. tb. Tratamento e acabamento da superfície (10.06)
Tipos de decoração (10.07)

"CORANTE" NEGATIVO
Def. Substância vegetal que inibe a fixação do esfumaramento, contrastando o negro da fumegação à cor natural do barro em que foi aplicada a decoração. Entre os Desâna emprega-se, para esse fim, cinza branca do tronco e cascas de cupiuba *(Goupia glabra* Aubl) misturada

com água e sumo da folha de cubiu *(Solanum sessiliflorum* Dun.).
T. Rel. Corante
V. tb. Tratamento e acabamento da superfície (10.06)
Tipos de decoração (10.07)

DESENGORDURANTE
Use: ANTIPLÁSTICO

ENVERNIZADORES DA SUPERFÍCIE
Def. O envernizamento – ou vitrificação – da superfície do vasilhame, após a queima, com o objetivo de impermeabilizá-lo ou embelezá-lo, se efetua através da aplicação de uma camada vítrea, ou seja, transparente de resina das seguintes espécies botânicas: breu de jutaí, da família das Leguminosas *(Hymenaea courbaril* L.) resina de jatobá, da mesma família *(Copaifera trichiofficinalis)*; látex de sorva, da família das Apocináceas *(Couma utilis)*; resina de simaneiro (?), de acácia (?) e outras plantas não identificadas; vernizes de pau-santo *(Kielmeyera coriacea)* e de angico *(Piptadenia* sp.) também são usados como corantes.
T. Rel. Corantes
V. tb. Implementos (10.04)
Tratamento e acabamento da superfície (10.06)
Tipos de decoração (10.07)

ESFUMADORES DA SUPERFÍCIE
Def. O esfumaçamento da superfície do vasilhame, após a queima, tendo em vista sua impermeabilização e enegrecimento uniforme é obtido mediante o emprego das seguintes matérias-primas vegetais: maceração da casca de um arbusto (possivelmente *Myrtaceae* sp.), das folhas verdes do mamão, da família das Caricáceas *(Carica papaya)*, de cocos de jarina *(Phytelephas macrocarpa)*, de folhas de abiu *(Lucuma caimito)* e da palha de milho *(Zea mays)*.
T. Rel. Corantes
"Corante" negativo
V. tb. Tratamento e acabamento da superfície (10.06)
Tipo de decoração (10.07)

FIXADOR
Use: MORDENTE

MORDENTE
Def. Substância vegetal que, combinada com um corante, fixa as cores na pintura da cerâmica ou em qualquer outro suporte. Registram-se as seguintes espécies: casca da vagem do ingá e respectiva entrecasca *(Inga lateriflora)*; caroço esmigalhado do algodão *(Gossypium barbadense)* óleo do fruto do pequi *(Caryocar brasiliense)*; látex e maceração de folhas e de entrecasca de espécies vegetais não identificadas.
Sin. Fixador
T. Rel. Corantes
V. tb. Tipos de decoração (10.07)

PASTA
Def. Argamassa de barro e antiplástico usada para a confecção da cerâmica.
T. Rel. Antiplástico
V. tb. Processos de manufatura (10.03)

POLIDORES DA SUPERFÍCIE
Def. Matéria-prima vegetal, animal e mineral é empregada no polimento da superfície do vasilhame. Registram-se as seguintes a) substâncias vegetais: coco inajá *(Maximiliana regia)* e coco jarina *(Phytelephas macrocarpa)*; fragmento de porongo ou cuia, da família das Cucurbitáceas *(Lagenaria* sp. e *Crescentia cujete* L.); folha lixeira de um arbusto *(Curatelia americana* L.), sabugo de milho *(Zea mays)*; um fungo conhecido como orelha-de-pau ou urupé *(Polyporus sanguineus)* que, umedecido endurece como couro, servindo para brunir a cerâmica; b) substâncias animais: concha fluvial; c) minerais: seixos rolados.
V. tb. Tratamento e acabamento da superfície (10.06)

PROCESSOS DE MANUFATURA (10.03)

ACORDELADO *(Coiled)*
Def. Técnica de confecção de cerâmica que consiste na superposição de roletes de pasta, de comprimento variado, em sentido circular ou espiralado, até construir as paredes do vaso.

MODELADO
Def. Modelagem direta de uma pasta de barro. Comumente essa técnica é usada na confecção da base do vaso ou de peças pequenas: tortuais do fuso, apitos, trempes, figuras humanas ou da fauna, cachimbos e miniaturas.

MOLDADO *(Mold made)*
Def. Técnica de manufatura de cerâmica realizada com o auxílio de um molde. Não existe registro dessa técnica na cerâmica indígena brasileira.

QUEIMA *(Firing)*
Def. Processo físico-químico que consiste em transformar a pasta plástica em objeto sólido submetendo-a à elevada temperatura: 400-500° C, necessária para desidratar a argila (Balfet 1974:191). "A presença ou ausência de oxigênio e carbono durante a queima afeta a coloração da pasta, uma vez que a argila reage quando aquecida, já que contém, entre outras substâncias, ferro e alumina. A grosso modo, se esse aquecimento ocorre em atmosfera oxidante (rica em oxigênio), a cerâmica apresenta uma coloração nas gamas marrom, amarelo, laranja e vermelho; se ocorre em ambiente redutor (rico em monóxido de carbono) assumirá tonalidades entre o preto, cinza e branco. Entre indígenas brasileiros, a queima se processa normalmente em atmosfera oxidante. Não registra-

mos nenhum grupo atual que queime cerâmica em ambiente redutor". (Andrade Lima 1986: 177).
V. tb. Matérias-primas (10.02)

TORNEADO *(Wheel made)*
Def. Técnica de confecção de cerâmica que consiste em elaborar o recipiente com o auxílio de uma roda de torno (roda do oleiro). Técnica desconhecida dos oleiros indígenas.

IMPLEMENTOS (10.04)

ALISADORES
Def. Espátulas de madeira, facas ou colheres de metal, afeiçoadas para alisar as paredes internas e externas do vasilhame.
V. tb. Tipos de decoração (10.07)

ENTALHADORES
Def. Estiletes ou lâminas empregados para produzir pequenos cortes no lábio ou na superfície do vasilhame.
V. tb. Tipos de decoração (10.07)

ESCOVADORES
Def. Implementos de pontas múltiplas usados para produzir sulcos paralelos na superfície ainda úmida do vasilhame.
V. tb. Tipos de decoração (10.07)

IMPRESSORES
Def. Implementos (bambu, cartucho de bala, concha, lâmina, corda, tecido, trançado, etc.) utilizados para imprimir ou gravar padrões estandardizados na pasta úmida da superfície do vasilhame.
V. tb. Tipos de decoração (10.07)

PERFURADORES
Def. Implementos pontiagudos e de pontas múltiplas para riscar, pontualizar, gravar ou imprimir.
V. tb. Tipos de decoração (10.07)

PINCÉIS
Def. Pequenos estiletes ou outros implementos para a pintura: 1) envoltos em uma das extremidades com chumaço de algodão; 2) penas de aves; 3) talos aveludados de determinados vegetais; 4) cabelo humano.
V. tb. Tipos de decoração (10.07)
Motivos decorativos (10.08)

POLIDORES
Def. Implementos para polimento e brilho da parede dos vasos. Ocorrem de origem vegetal e/ou animal; conchas, frutos, sementes, pedaços de cuias ou porongos, cocos das palmeiras inajá e jarina, seixos rolados, palha de milho e as folhas ásperas do caimbé *(Curatelia americana* L.), da família das Dileniáceas, que servem de lixa para brunir a cerâmica e outros materiais.
V. tb. Matérias-primas (10.02)
Tratamento e acabamento da superfície (10.06)

RASPADORES
Def. Implementos para o tratamento da superfície: lâminas, conchas, pedaços de cabaça ou cuia, facas ou colheres de metal.
V. tb. Tratamento e acabamento da superfície (10.06)
Tipos de decoração (10.07)

VITRIFICADORES
Def. Estiletes providos em uma das extremidades de um chumaço de algodão, à maneira de pincéis, destinados a espalhar uma leve camada de resina ou verniz ainda quente na superfície do vasilhame.
V. tb. Tratamento e acabamento da superfície (10.06)

PARTES COMPONENTES DO VASILHAME (10.05)

ALÇA *(Handle)*
Def. Apêndice vazado destinado a suspender a vasilha. Em forma de arco, situa-se no topo da peça.

ASA *(Lug)*
Def. Apêndice compacto ou vazado, destinado a soerguer a vasilha, apenso aos lados da mesma. (Ver fig. 3).

BASE *(Base)*
Def. Parte inferior de sustentação do vasilhame. Distinguem-se as seguintes variantes: a) plana; b) côncava; c) convexa; d) arredondada; e) anelar; f) quadrada; g) em pedestal. (Ver figs. 1 a 12).

BEIRA
Use: BORDA

BICO *(Spout)*
Def. Forma afunilada disposta no centro ou na parte lateral da borda de um pote ou jarra.

BOCA *(Mouth)*
Def. Abertura superior do vaso. Distinguem-se as seguintes variantes principais: a) circular; b) elíptica ou ovóide; c) quadrangular; d) retangular; e) irregular.

BOJO
Def. A maior parte do corpo do vaso. Compreende toda a extensão, exceto a borda, o gargalo e a base do vaso.

BORDA
Def. Extremidade terminal do vasilhame. Pode apresentar as seguintes características princi-

pais: a) direta; b) extrovertida; c) introvertida; e) com orifícios decorativos.
Distingue-se com o termo *lábio* a culminância da borda. (Ver igs. 1 a 12)

CONTORNO
Def. Delimitação das paredes do vasilhame. Distinguem-se três variantes principais: a) simples; b) carenado *(carinated)*, em que o contorno do bojo se apresenta com um ângulo no meio; c) complexo, quando o bojo apresenta reentrâncias ou representação figurativa. (Ver figs. 1 a 12).

GARGALO
Def. Porção intermediária entre a borda e o bojo dos potes, jarras, moringas e panelas vasiformes. (Ver fig. 1).
Sin. Pescoço.

LÁBIO
Def. Extremidade terminal da borda. Pode apresentar reentrâncias e outros tipos de decoração. Os mais comuns são: a) plano; b) ondulado; c) detilhado ou serrilhado. (Ver figs. 2, 5, 6, 7).

PÉ *(Foot)*
Def. Apêndice disposto na base da vasilha para fins de sustentação. Pode ser em número de três (trípoda), quatro (tetrápoda) ou mais (polípoda). Os pés podem ser ocos ou sólidos, de forma cilíndrica ou esférica. (Ver fig. 8).

PESCOÇO
Use: GARGALO

TRATAMENTO E ACABAMENTO DA SUPERFÍCIE (10.06)

ALISADO *(Smooted)*
Def. Processo de nivelação da superfície das peças cerâmicas. Varia entre regular e irregular.
V. tb. Implementos (10.04)

BANHO *(Wash)*
Def. Revestimento de saibro fino, mais delgado que o engobo, de aspecto transparente, aplicado ao vasilhame antes da queima, abrangendo toda ou parte da superfície da peça.

ENGOBO *(Slip)*
Def. Revestimento aplicado às paredes do vasilhame antes da queima. Consiste numa fina camada de argila (branca ou colorida) diluída na água, abrangendo toda ou parte da superfície das peças. A tinta é pressionada com uma semente ou objeto roliço, produzindo certo lustro.
V. tb. Matérias-primas (10.02)
Processo de manufatura (10.03)

ENVERNIZAMENTO
Def. Técnica de tratamento da superfície que consiste em impermeabilizar o vasilhame mediante a aplicação de um verniz.
V. tb. Matérias-primas (10.02)
Tipos de decoração (10.07)

ESFUMAÇAMENTO
Def. Técnica de impermeabilização das paredes do vaso através da fumegação. (Ver figs. 7, 12).
V. tb. Matérias-primas (10.02)
Tipos de decoração (10.07)

POLIDO *(Polished)*
Def. Técnica de complementação do alisamento e raspagem destinada a tornar impermeável e lustrosa a superfície do vasilhame. Ocorre tanto na parte interna quanto externa da peça.
V. tb. Matérias-primas (10.02)
Implementos (10.04)

RASPAGEM
Def. Tratamento da superfície que elimina eventuais asperezas. É feita com conchas, pedaços de cabaça e cuia, facas ou colheres de metal.
V. tb. Matérias-primas (10.02)
Implementos (10.04)

VITRIFICAÇÃO
Def. Aplicação de uma resina após o cozimento e decoração do vasilhame. (Ver figs. 4 e 10).
V. tb. Matérias-primas (10.02)
Implementos (10.04)

TIPOS DE DECORAÇÃO (10.07)

ACANALADO *(Grooved)*
Def. Tipo de decoração em que a superfície da peça de cerâmica é marcada com os dedos, formando sulcos alongados.

APENDICULAR
Def. Aplicação de decoração modelada na borda ou no bojo da vasilha antes da queima. Os apêndices podem ser: zoomorfos, antropomorfos e geometrizantes. (Ver fig. 8).
V. tb. Processos de manufatura (10.03)
Partes componentes do vasilhame (10.05)

APLICADO *(Aplique)*
Def. Tipo de decoração que fixa uma ou várias tiras ou bolas de pasta na borda ou no bojo do vasilhame para efeito ornamental.
V. tb. Partes componentes do vasilhame (10.05)

CANELADO *(Ridged)*
Def. Tipo de decoração que consiste em pressionar com a extremidade do dedo a face interna da peça de cerâmica em sentido perpendicular

à borda, ocasionando caneluras salientes e alongadas na face oposta.
V. tb. Partes componentes do vasilhame (10.05)

CARIMBADO *(Stamped)*
Def. Tipo de decoração que consiste em imprimir na pasta úmida da superfície do vasilhame a marca de um instrumento (bambu, cartucho de bala, concha, etc.), ou padrões estandardizados.
V. tb. Implementos (10.04)

CORRUGADO *(Corrugated)*
Def. Tipo de impressão feita com o dedo ou com espátula na junção dos roletes e que produz uma superfície com relevos rítmicos, com variações. *(Apud* Marois & Scatamacchia 1986ms.).
V. tb. Implementos (10.04)

CORRUGADO-SIMPLES *(Simple corrugated)*
Def. Tipo de decoração resultante do enrugamento externo dos roletes pela superposição da parte inferior de uns sobre a superfície de outros.

CORRUGADO-UNGULADO *(Fingernail-marked corrugated)*
Def. Tipo de decoração em que às corrugações se associam ungulações.

DIGITADO *(Fingertip & Fingernail marked)*
Def. Tipo de decoração que consiste em imprimir simultaneamente a ponta do dedo e da unha na superfície do vasilhame.

ENEGRECIMENTO
Def. Na impossibilidade de obter o enegrecimento das paredes do vaso durante a queima, ele é obtido, com propósitos decorativos após a queima. Para isso, esfrega-se a parede interna com: 1) maceração de casca de um arbusto; 2) casca de árvore; 3) folhas verdes de mamão (usadas também para o fogo). Feito isso, o vaso é emborcado sobre uma fogueira de pau e palha.
T. Rel. Pintura "em negativo"
V. tb. Matérias-primas (10.02)
Processos de manufatura (10.03)
Tratamento e acabamento da superfície (10.06)

ENTALHADO *(Nicked)*
Def. Tipo de decoração que consiste em produzir pequenos cortes no lábio ou na superfície do vasilhame.
V. tb. Implementos (10.04)

ESCOVADO *(Brushed)*
Def. Tipo de incisão feita na superfície ainda úmida, com um implemento com pontas múltiplas, ou outra espécie de implemento, que produz sulcos paralelos em baixo relevo.
V. tb. Implementos (10.04)

EXCISO *(Excised)*
Def. Tipo de decoração que consiste em retirar, antes da queima, porções da superfície do vaso de tamanhos, formas e profundidades variadas.
V. tb. Processos de manufatura (10.03)

GRAVADO *(Engraved)*
Def. Tipo de decoração que consiste na retirada por abrasão, com implemento apropriado, depois da queima, de faixas ou porções da superfície do vasilhame.
V. tb. Processos de manufatura (10.03)
Implementos (10.04)

IMPRESSO EM ZIGUEZAGUE *(Rocker stamped)*
Def. Tipo de decoração resultante da impressão de marcas contínuas em ziguezague obtidas com um implemento à maneira de lâmina.
V. tb. Implementos (10.04)
Motivos decorativos (10.05)

INCISO
Def. Tipo de impressão que consiste em apertar um instrumento, deslizando-o sobre a superfície da pasta ainda plástica, produzindo uma ou mais linhas em baixo relevo. *(Apud* Marois & Scatamacchia 1986ms).
V. tb. Implementos (10.04)

INCRUSTADO *(Retouched* ou *Inlaid)*
Def. Aplicação nos sulcos da decoração marcada, entalhada, excisa ou incisa, de barro ou pigmento de cor contrastante.

MARCADO-COM-CORDA *(Cord marked)*
Def. Impressão na superfície externa da cerâmica, antes da queima, de marcas de cordas.

MARCADO-COM-TECIDO *(Fabric marked)*
Def. Impressão na superfície externa do vasilhame, antes da queima, de marcas de tecido.

PINÇADO *(Pinched)*
Def. Tipo de decoração que consiste em produzir marcas salientes na superfície da vasilha por meio de beliscadas.

PINTADO *(Painted)*
Def. Tipo de decoração executada antes ou depois da queima da cerâmica, em sua superfície interna ou externa, diretamente ou sobre o engobo ou o banho, formando padrões ornamentais. (Ver figs. 1, 5. 9, 10, 11).
T. Rel. Pintura "em negativo"
V. tb. Matérias-primas (10.02)
Tratamento e acabamento da superfície (10.06)
Motivos decorativos (10.08)

PINTURA "EM NEGATIVO"
Def. Registram-se dois processos: 1) a decoração, aplicada após a queima, é recoberta de uma argila amarelada, diferente da que foi empregada na confecção da vasilha. Esta volta a ser esfumarada e, quando esfria, a camada protetora é retirada. Registra-se entre os grupos

Pano. 2) A decoração é feita (também após a queima) com sumo de determinadas plantas. Submetida a peça ao esfumaramento, enegrece toda a superfície, exceto a parte submetida à decoração, que exibe, depois de lavada, a cor natural do barro. Registra-se entre os grupos Tukâno. (Ver figs. 2.e 3)
T. Rel. Pintado
V. tb. Matérias-primas (10.02)
Tratamento e acabamento da superfície (10.06)
Motivos decorativos (10.08)

PONTEADO *(Punctuated)*
Def. Decoração executada com um implemento pontiagudo que deixa marcas soltas de tamanhos e formas variadas.

PONTEADO ARRASTADO *(Drag & jab punctuated)*
Def. Decoração executada com um implemento provido de uma ou mais pontas, que produz, alternadamente, pontos e sulcos interligados na superfície do vaso.
V. tb. Implementos (10.04)

UNGULADO *(Finger marked)*
Def. Impressão com a ponta das unhas de marcas agrupadas em diversas posições na superfície do vasilhame.

MOTIVOS DECORATIVOS (10.08)

MOTIVOS GEOMETRIZANTES
Def. Desenhos produzidos com o dedo, ou com um pincel improvisado, diretamente sobre a peça antes ou depois de cozida, ou depois de cozida sobre o banho ou o engobo, de caráter geometrizante. Isto é, representando figuras da geometria linear que, para os índios, podem ou não ser simbólico-figurativos. Entre as inúmeras variantes distinguem-se as seguintes, registradas na literatura etnológica e arqueológica:

AMPULHETA
Dois triângulos opostos pelo vértice.

ARABESCOS
Linhas e rabiscos entrelaçados.

CHEVRONS
Sucessão de Vs na vertical ou na horizontal. (Ver Cerâmica fig. 9).

CRUCIFORMES
Entrecruzamento de duas linhas na vertical e na horizontal.

DIAMANTE
Rombóide sólido circunscrito por outro maior e vazado.

ESCALONADOS
Figuras em forma de escadas com a sucessão de ângulos retos.

ESPINHA DE PEIXE
Sucessão e embutimento de ângulos retos. (Ver Cerâmica fig. 5).

ESPIRAIS
Curvas em caracol.

FAIXAS
Zona da superfície que se distingue do resto pela coloração ou aspecto diferente.

FIGURAS EM "H"
Intersecção de duas linhas à semelhança da letra "H" maiúscula.

FIGURAS EM "T"
Intersecção de duas linhas à semelhança da letra "T" maiúscula.

FIGURAS ESQUARTEJADAS
Quatro chevrons contrapostos dois a dois.

FIGURAS LABIRÍNTICAS
Desenvolvimento simétrico de traço quebrado, deixando um espaço intermédio com tendência concêntrica. (Ver Cerâmica fig. 10).

GREGAS
Figuras formadas por ângulos retos em movimento meândrico mas com as extremidades soltas.

LINHAS RETAS
Simples segmento que pode repetir-se ao dobro ou ao múltiplo. Apresentam-se na vertical, horizontal ou em posição oblíqua.

LOSANGOS
Rombos quadriláteros com dois ângulos agudos e dois obtusos. (Ver Cerâmica fig. 11)

LOSANGOS CONCÊNTRICOS
Sucessão dessas figuras circunscritas por outras da mesma natureza de maior tamanho.

MEANDROS
Volteios sinuosos.

PONTOS
Apresentam-se alinhados em faixas paralelas ou agrupados deixando espaço entre si.

QUADRADOS
Equilátero com quatro ângulos retos.

QUADRADOS CONCÊNTRICOS
Sucessão dessas figuras de tamanho maior.

RAIOS
Cada um dos traços que partindo de um centro se distribuem de forma divergente em todas as direções.

RETÍCULO

Entrecruzamento de linhas na horizontal, vertical e em posição oblíqua, isto é, em forma hexagonal.

VOLUTAS

Figuras espiraladas.

ZIGUEZAGUE

Linha quebrada que forma ângulos salientes e reentrantes alternadamente. (Ver Cerâmica fig. 1).

MOTIVOS NATURALISTAS

Def. Desenhos produzidos com o dedo, ou com um pincel improvisado, diretamente sobre a peça antes ou depois de cozida, ou depois de cozida sobre o banho ou o engobo, de caráter figurativo-naturalista. As inúmeras variantes podem ser reunidas nos seguintes grandes grupos: 1) desenhos *antropomorfos,* em forma humana natural ou fantástica, neste caso, representando, comumente, entes sobrenaturais. 2) desenhos *zoomorfos,* em forma animal, dividindo-se os que representam mamíferos, aves, peixes, répteis, quelônios, anfíbios, invertebrados; 3) desenhos *fitomorfos,* em forma vegetal, que são os mais raros. (Ver Cerâmica fig. 9).

A B

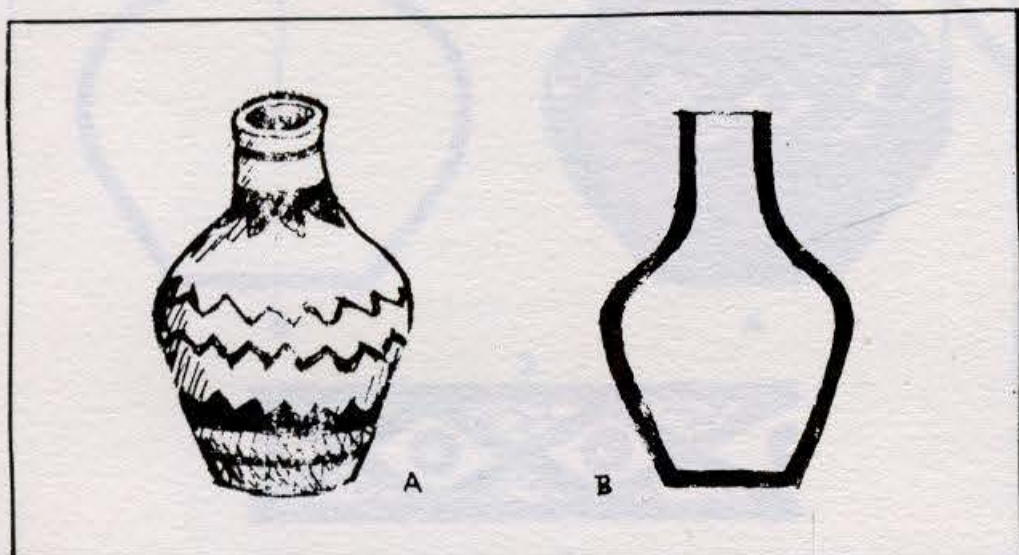



Fig. 1 – Bilha com gargalo, borda direta circular, contorno complexo, fundo plano, Decoração pintada: motivo ziguezague. Índios Karajá, M.N. nº 37.712. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Secção longitudinal.

A B

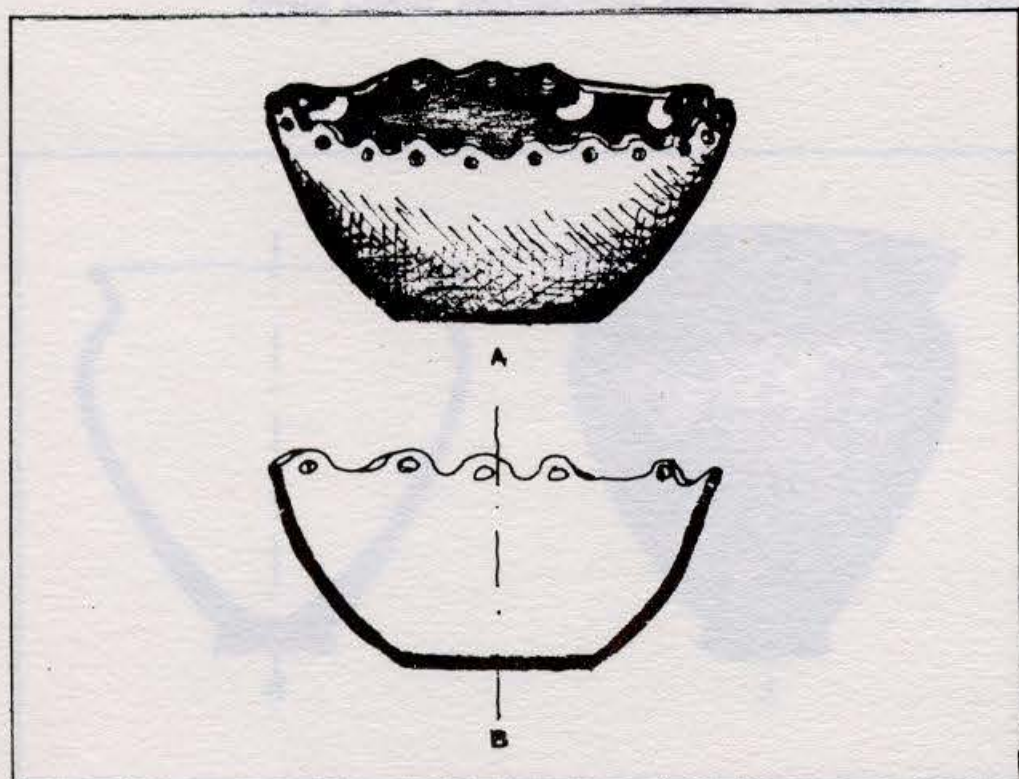



Fig. 2 – Tigela com lábio ondulado, borda com orifícios, contorno simples, fundo plano. Decoração: pintura em negativo na face interna e polida na externa. Índios Tukâno, M.N. nº 40.230. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Secção longitudinal.

A B

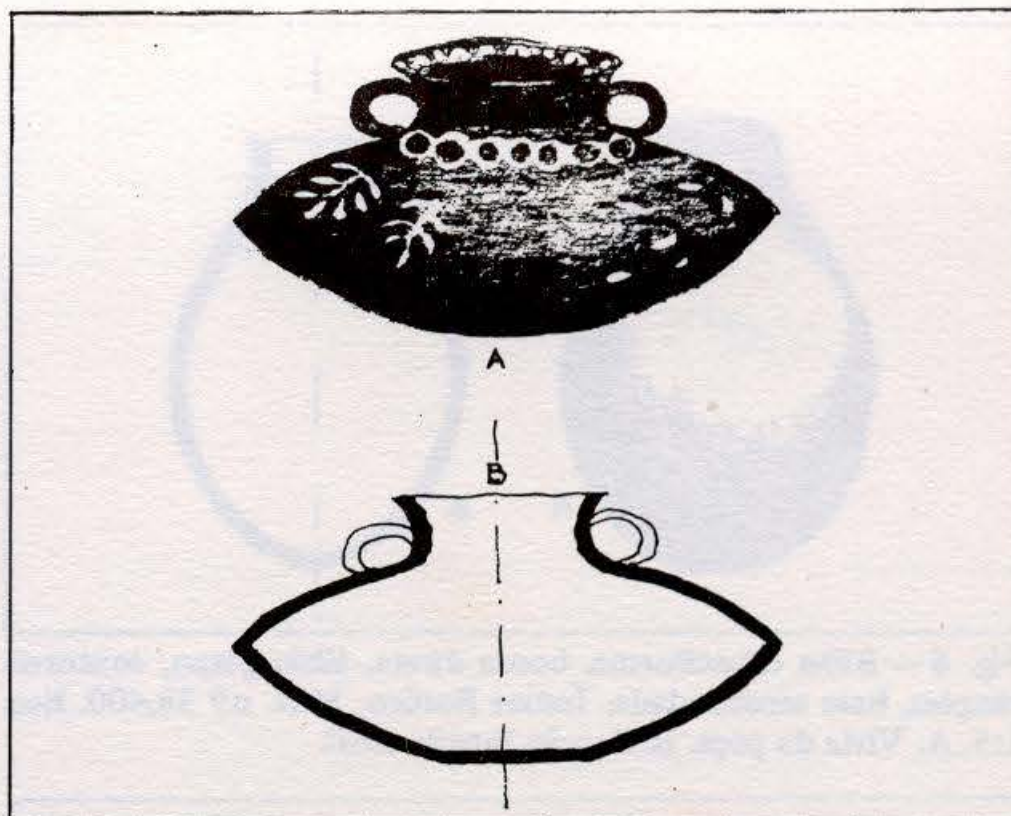



Fig. 3 – Bilha com asas, borda extrovertida, contorno carenado, fundo plano, pintura em negativo. Índios Tukâno, M.N. nº 40.235. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Secção longitudinal.

A B

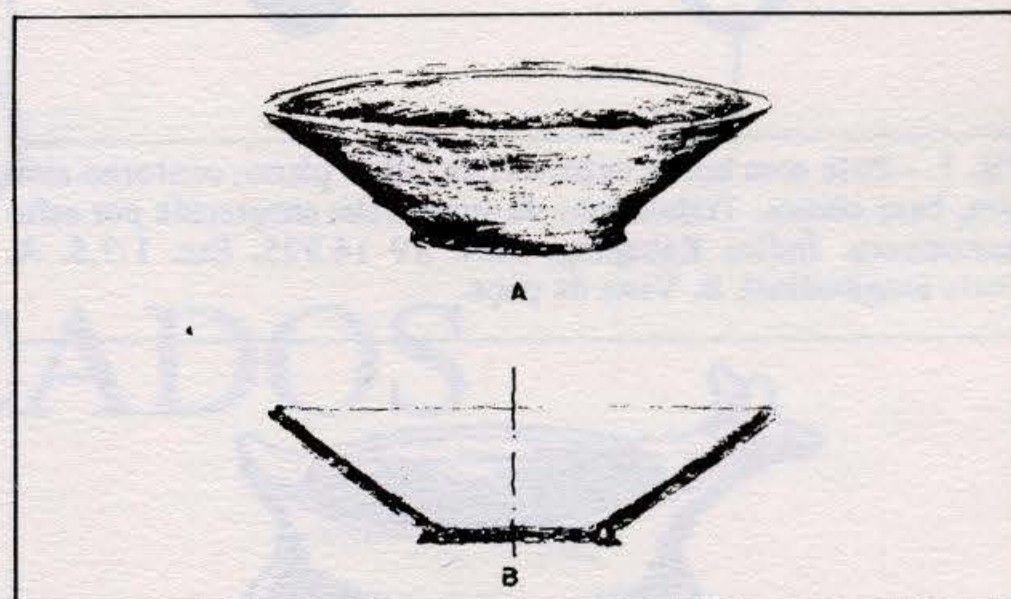



Fig. 4 – Tigela com borda direta, contorno simples, fundo plano. Acabamento da superfície: vitrificada interna e externamente. Índios Tukúna, M.N. nº 32.644. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Secção longitudinal.

A B

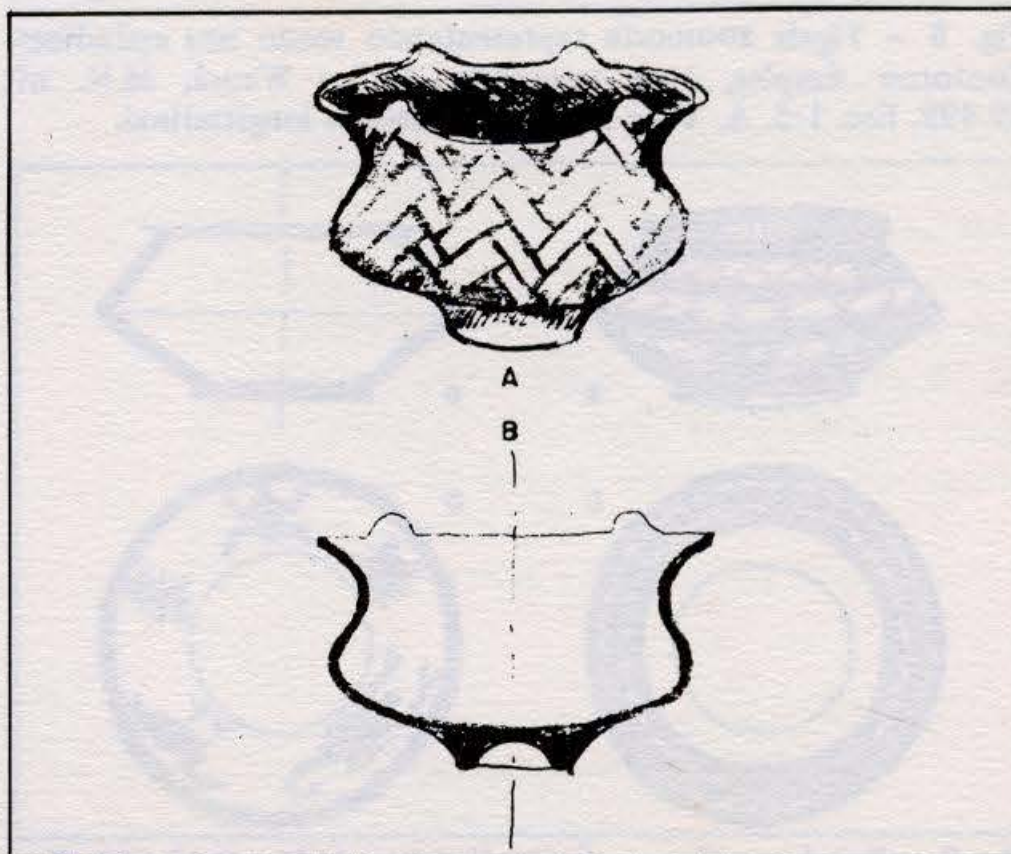



Fig. 5 – Panela gameliforme, borda extrovertida, lábio ondulado, contorno complexo, base em pedestal. Decoração pintada: motivo espinha de peixe. Índios Waurá, M.N. nº 32.325. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Perfil.

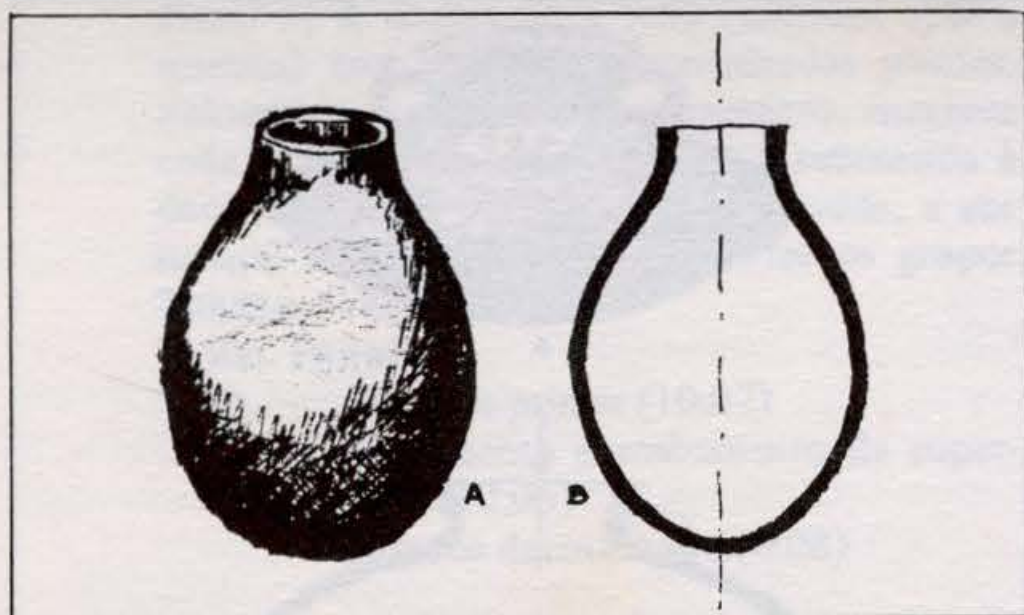



Fig. 6 – Bilha cabaciforme, borda direta, lábio plano, contorno simples, base arredondada. Índios Borôro, M.N. nº 38.400. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Secção longitudinal.

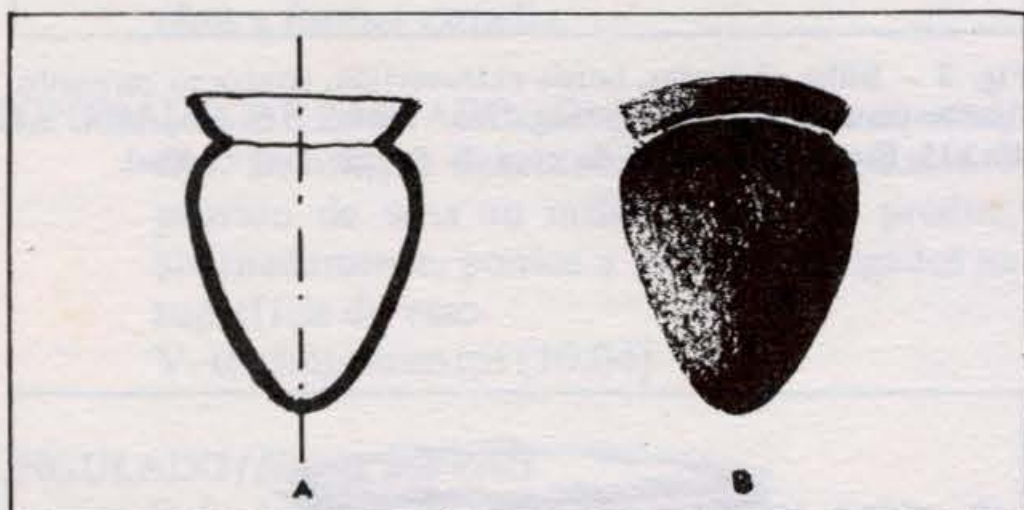



Fig. 7 – Pote com borda extrovertida, lábio plano; contorno simples, base cônica. Tratamento da superfície: enegrecida por esfumaramento. Índios Kaingáng, M.N. nº 14.925. Esc. 1:7,5. A. Corte longitudinal. B. Vista da peça.

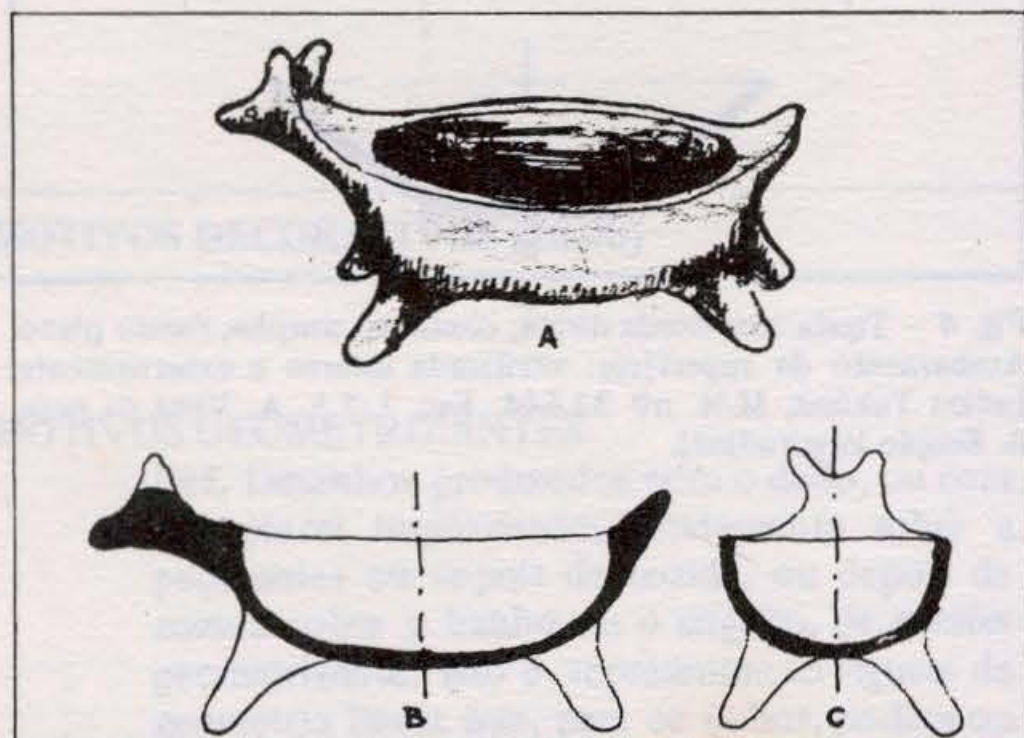



Fig. 8 – Tigela zoomorfa representando veado nos apêndices. Contorno simples, base tetrapode. Índios Waurá, M.N. nº 39.499. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Secção longitudinal.

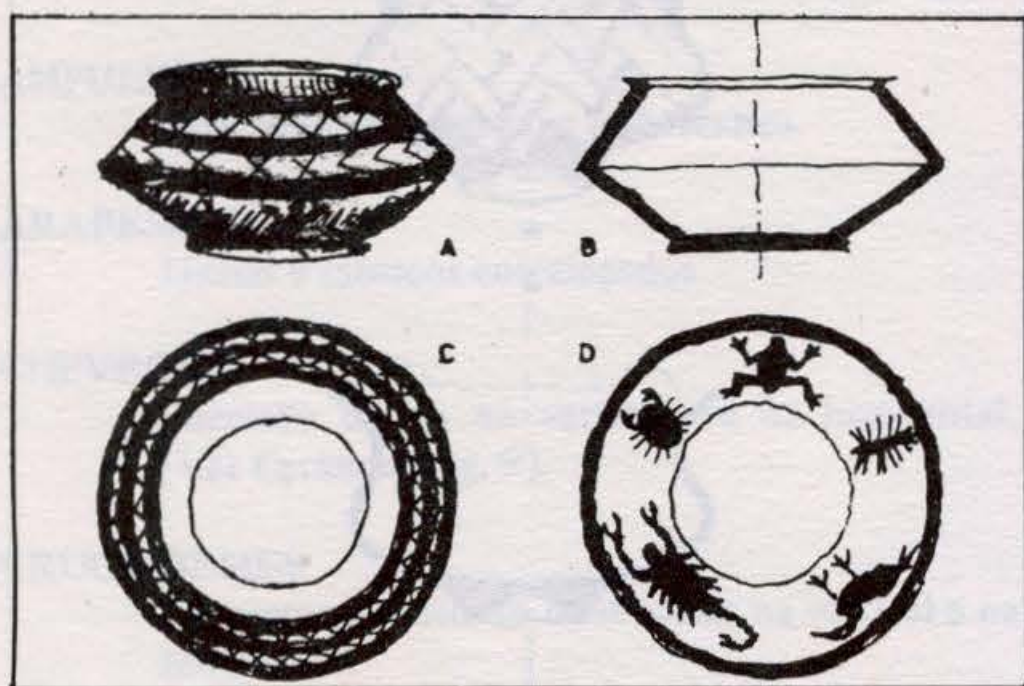



Fig. 9 – Panela vasiforme. Índios Tukúna, M.N. nº 33.463. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da secção longitudinal. C. Vista superior da decoração: chevron. D. Vista inferior da decoração: naturalista, com elementos da fauna. Contorno carenado, borda extrovertida, base anelar.

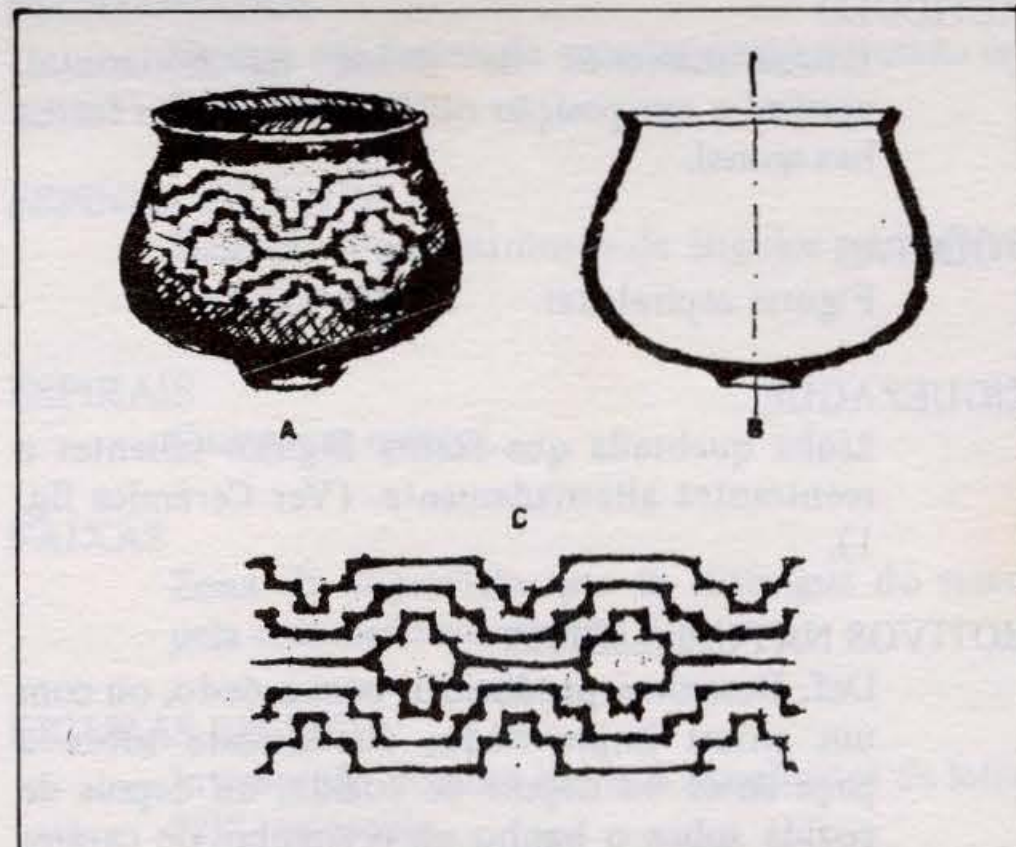



Fig. 10 – Panela gameliforme, borda extrovertida, contorno simples, base em pedestal. Índios Conibo, M.N. nº 9.646. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Secção longitudinal. C. Detalhe da decoração: motivo labiríntico. Acabamento da superfície: vitrificada sobre engobo pintado.

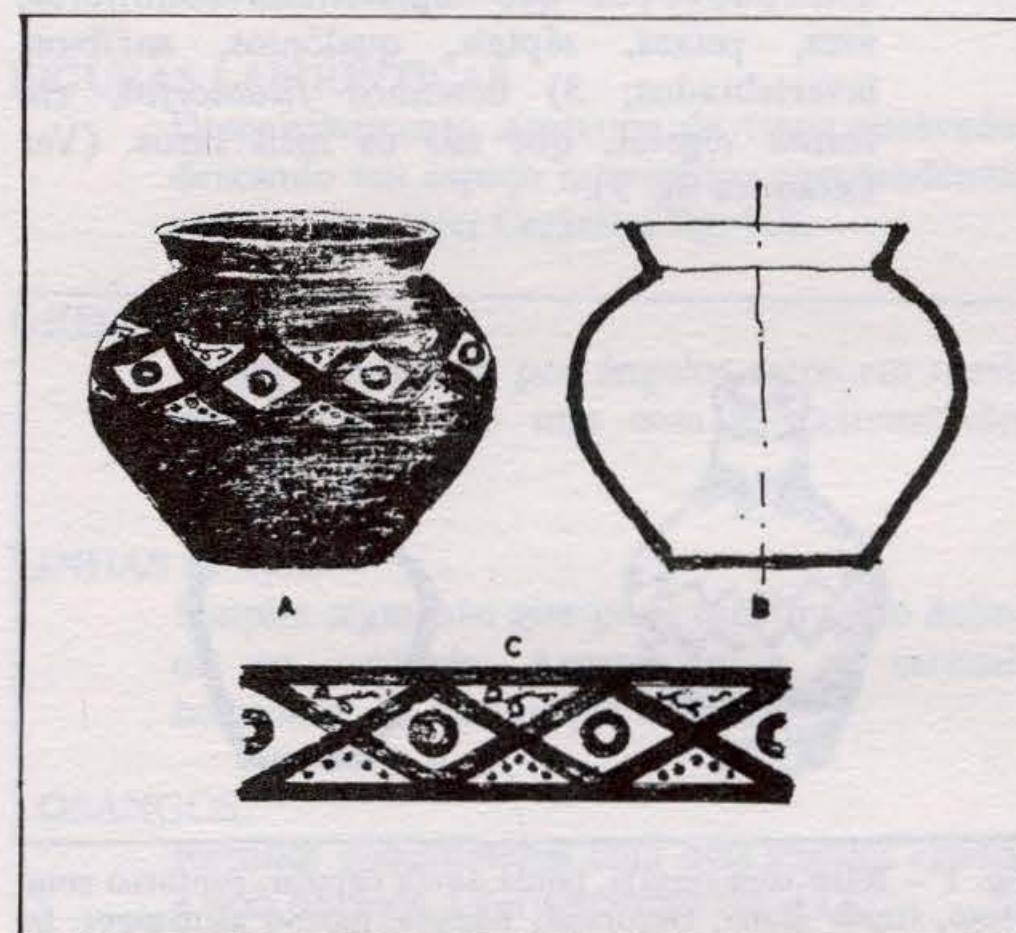



Fig. 11 – Panela vasiforme. Índios Tukúna, M.N. nº 32.618. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Perfil. C. Detalhe da decoração: losangos circunscrevendo círculos e ladeados por ponteado. Contorno complexo, borda extrovertida, fundo plano.

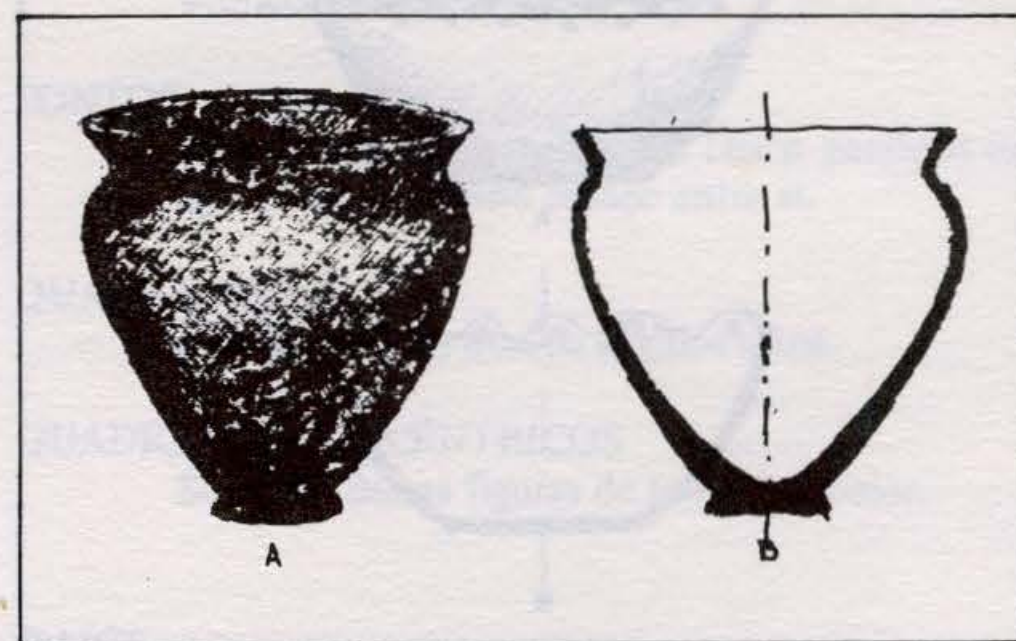



Fig. 12 – Pote de borda extrovertida, contorno simples, lábio direto, base anelar. Acabamento da superfície: enegrecida por esfumaramento. Índios Mundurukú, M.N. nº 34.231. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da secção longitudinal.

20

TRANÇADOS

20
TRANÇADOS

GRUPOS GENÉRICOS

Nº	Grupo
01	Trançados para uso e conforto doméstico
02	Trançados para a caça e a pesca
03	Trançados para o processamento da mandioca
04	Trançados como meios de transporte de carga
05	Trançados para uso e adorno pessoal
06	Trançados específicos para a venda

TRANÇADOS PARA USO E CONFORTO DOMÉSTICO (01)

Def. Compreende a variada esteiraria usada para sentar ou dormir, para abanar e atiçar o fogo e para proteger a carga das canoas. E, ainda, a cestaria utilizada como recipiente para armazenar provisões, guardar utensílios e implementos de fiação e tecelagem, servir alimentos sólidos e/ou líquidos, no caso dos cestos impermeabilizados. E, mais, os cestos – registrados no alto rio Negro – para a defumação de pimenta e saúva. E, por fim, a rede de dormir trançada de folíolos de seda de buriti, comum entre os Xerente e diversos grupos Timbíra.

Uso: para conforto pessoal, para a cozinha e a armazenagem.

T. Esp. Abano trançado
Apá
Cantil com invólucro trançado
Cesto alguidariforme
Cesto bornaliforme
Cesto gameliforme
Cesto paneiriforme
Cesto platiforme
Cesto tigeliforme
Cesto vasiforme
Defumador trançado
Esteira
Rede de dormir trançada
Suporte de cabaça

V. tb. Trançados para o processamento da mandioca (03)
Trançados como meios de transporte de carga (04)

TRANÇADOS PARA A CAÇA E A PESCA (02)

Def. Este grupo engloba os cestos-armadilhas para a caça e a pesca, bem como uma esteira-barragem empregada para atrapar o peixe. Exclui os receptáculos trançados para setas envenenadas com curare, descritos na categoria Armas.

Uso: implementos especializados para a caça e a pesca.

T. Esp. Arapuca
Caniçada
Covo
Nassa
Socó

Consulte: (70) Armas

TRANÇADOS PARA O PROCESSAMENTO DA MANDIOCA (03)

Def. Cestos de diferentes formas e tamanhos especializados para servir à transformação de uma planta venenosa – a mandioca brava – em alimento.

Uso: tratamento da mandioca para fazer farinha, beiju, bebidas doces e fermentadas.

T. Esp. Cumatá
Peneira
Tipiti
Tipiti de torção
Tuaví

V. tb. Trançados para uso e conforto doméstico (01)
Trançados específicos para a venda (06)

TRANÇADOS COMO MEIOS DE TRANSPORTE DE CARGA (04)

Def. Compreende cestos de tamanho avantajado e diferentes formas – inclusive os alguidariformes, bornaliformes e gameliformes, descritos no rol dos cestos-recipientes – adaptados para carregar nas costas, isto é, com alça cingindo a testa ou duas alças para os braços, à maneira de mochila, destinados ao transporte de carga. E, também, uma faixa trançada para carregar crianças de colo e gaiolas para transportar pequenos animais.

Uso: No transporte por terra de crianças e carga.

T. Esp. Aturá
Cesto-cargueiro coniforme
Cesto-cargueiro quadrangular
Gaiola trançada
Jamaxim
Tipóia trançada

V. tb. Trançados para uso e conforto doméstico (01)

TRANÇADOS PARA USO E ADORNO PESSOAL (05)

Def. Atavios trançados para ornamentar o corpo; cestos-bolsos para a guarda e transporte de pequenos haveres. Exclui tipoia trançada para carregar crianças, usada, às vezes, como ornato cerimonial.

Uso: pessoal.

T. Esp. Aro trançado
Braçadeira trançada
Cesto bolsiforme
Cesto estojiforme
Chapéu trançado
Cinta trançada
Cinto trançado
Coroa trançada
Disco occipital
Ferradura occipital
Pára-sol
Patrona
Patuá
Pingente trançado dorsal
Pulseira trançada
Sandália trançada

V. tb. Trançados como meio de transporte de carga (04)

TRANÇADOS ESPECÍFICOS PARA A VENDA (06)

Def. Objeto trançado geralmente miniaturizado, destinado exclusivamente para o mercado externo.

Uso: Comércio

T. Esp. Tipiti para a venda

V. tb. Trançados para uso e conforto doméstico (01)
Trançados para o processo da mandioca (03)
Trançados como meios de transporte de carga (04)
Trançados para uso e adorno pessoal (05)

ITENS

Nº	Item
01	Abano trançado
02	Apá
03	Arapuca
04	Aro trançado
05	Aturá
06	Braçadeira trançada
07	Caniçada
08	Cantil com invólucro trançado
09	Cesto alguidariforme
10	Cesto bolsiforme
11	Cesto bornaliforme
12	Cesto estojiforme
13	Cesto gameliforme
14	Cesto paneiriforme
15	Cesto platiforme
16	Cesto tigeliforme
17	Cesto vasiforme
18	Cesto-cargueiro coniforme
19	Cesto-cargueiro quadrangular
20	Chapéu trançado
21	Cinta trançada
22	Cinto trançado
23	Coroa trançada
24	Covo
25	Cumatá
26	Defumador trançado
27	Disco occipital
28	Esteira
29	Ferradura occipital
30	Gaiola trançada
31	Jamaxim
32	Nassa
33	Pára-sol
34	Patrona
35	Patuá
36	Peneira
37	Pingente trançado dorsal
38	Pulseira trançada
39	Rede de dormir trançada
40	Sandália trançada
41	Socó
42	Suporte de cabaça
43	Tipiti
44	Tipiti de torção
45	Tipiti para a venda
46	Tipóia trançada
47	*Tuaví*

ABANADOR
Use: ABANO TRANÇADO

ABANO TRANÇADO

Def. Objeto trançado de forma variada – retangular, trapezoidal, triangular, quadrado – semelhante a uma pequena esteira, provido de uma parte superior mais resistente para empalmar. É usado para atiçar o fogo e para abanar-se.

Sin. Abanador

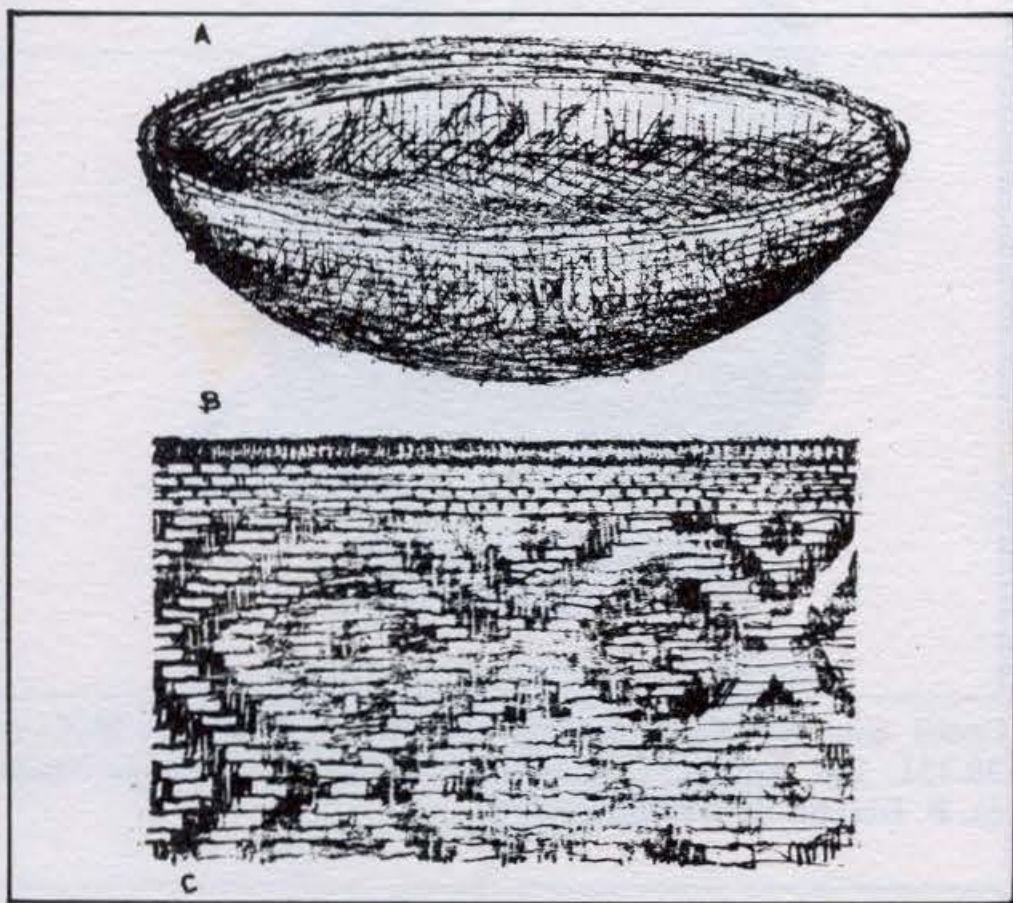
T. Gen. Trançados para uso e conforto doméstico (01)

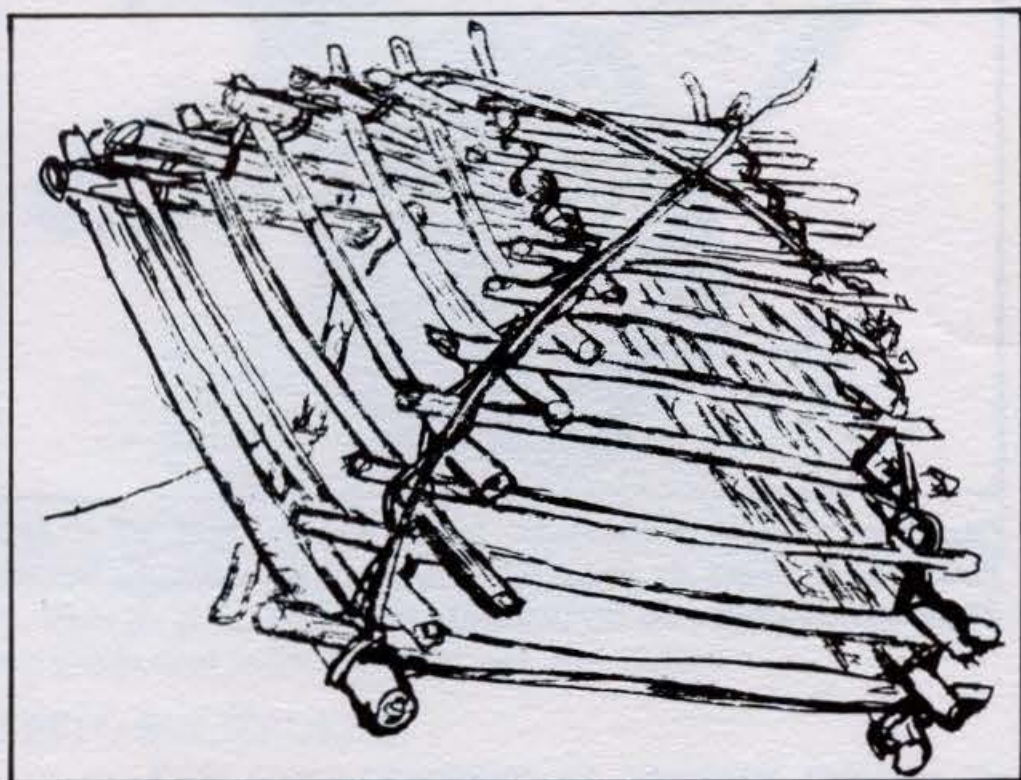
T. Rel. Esteira

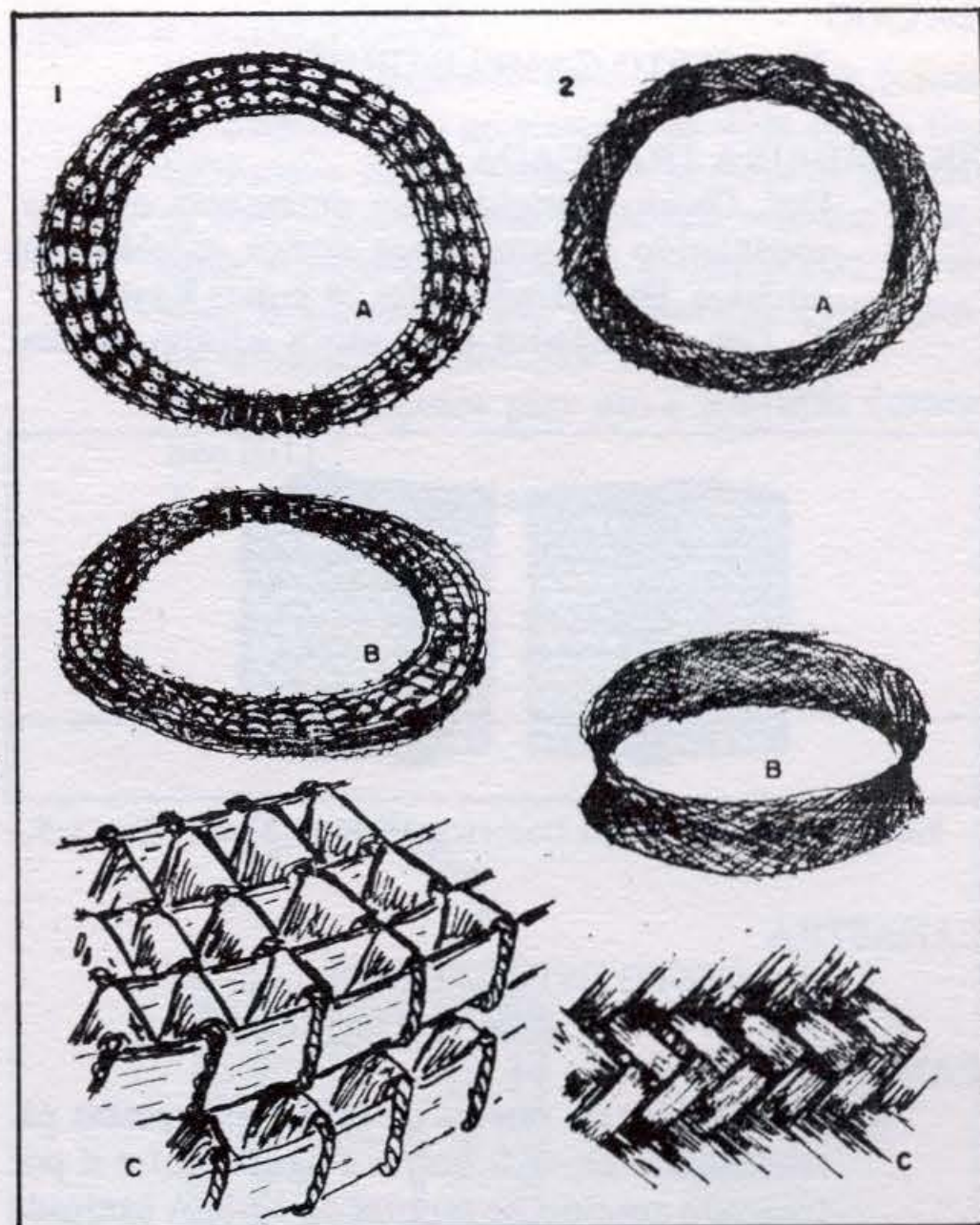
Abano trançado. Índios Yawalapití, M.N. nº 40.117. A. Vista da peça. B. Detalhe do remate. C. Detalhe do trançado. Esc. 1:10.

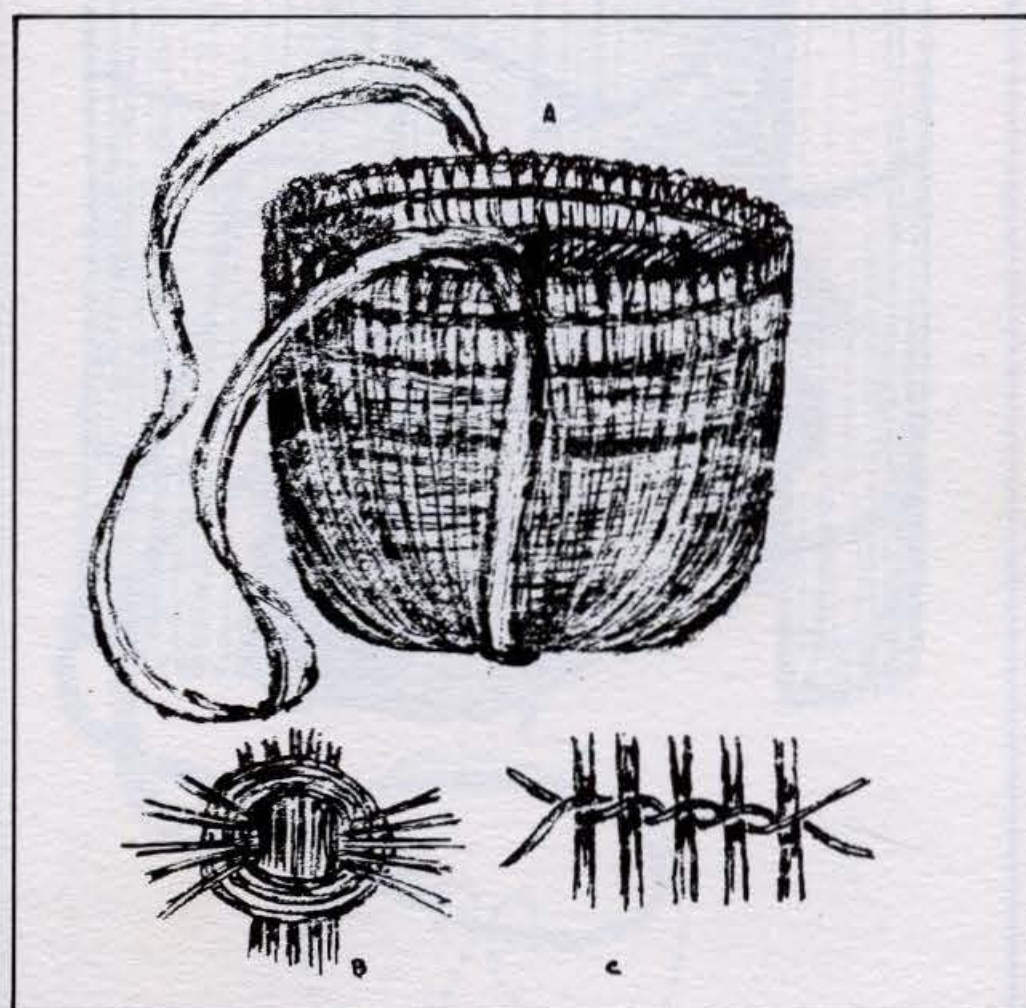
APÁ

Def. Cesto tigeliforme semelhante à meia-calota ou meia-esfera, de crivo fechado, empregado como recipiente, como coador de líquidos e pa-

ra servir alimentos sólidos. Apresenta-se freqüentemente em forma miniaturizada.
T. Gen. Trançado para uso e conforto doméstico (01)
T. Rel. Cesto tigeliforme
V. tb. Cumatá

Apá. Índios Tukâno, M.N. nº 37.467. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado e do arremate da borda com aros múltiplos.

ARAPUCA
Def. Cilada feita de estiletes de madeira dispostos em forma piramidal, unidos entre si por trançado torcido. É utilizada como armadilha para apanhar pássaros e pequenos animais.
T. Gen. Trançados para a caça e a pesca (02)
V. tb. Processos de manufatura (20.03)

Arapuca. Índios Tenetehara, M.N. nº 33.956. Esc. 1:10.

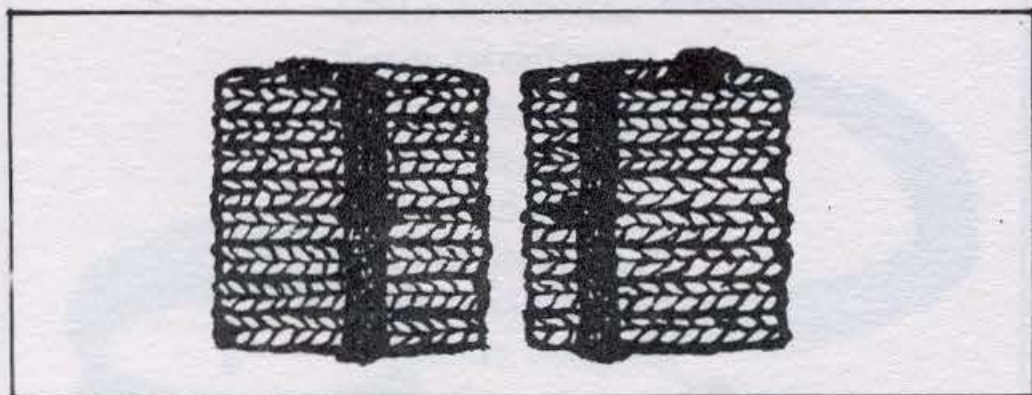
ARO TRANÇADO
Def. Coroa estreita usada como suporte de adorno plumário ou como enfeite trançado para a cabeça.
T. Gen. Trançados para uso e adorno pessoal (05)
T. Rel. Coroa trançada
Consulte: 40 Adornos plumários

Aro trançado. 1. Índios Hohodene, M.N. nº 40.305. 2. Índios Kuruaya, M.N. nº 20.368. A. Vista da peça. B. Perspectiva. C. Detalhe do trançado.

ATURÁ
Def. Termo em língua geral, dicionarizado, que designa cestos-cargueiros esféricos, em forma de paneiros, providos de alça para cingir a testa e levar nas costas. Trançado torcido de fasquias de cipó. Destina-se ao transporte de produtos da roça, da mata e à locomoção de objetos durante as viagens por terra.
T. Gen. Trançados como meios de transporte de carga (04)
T. Rel. Cesto paneiriforme
V. tb. Processos de manufatura (20.03)

Aturá: cesto-cargueiro paneiriforme esférico, Índios Makú, M.N. nº 40.155. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do início do trançado. C. Detalhe do trançado das paredes do cesto.

BALAIO

Use: CESTO GAMELIFORME

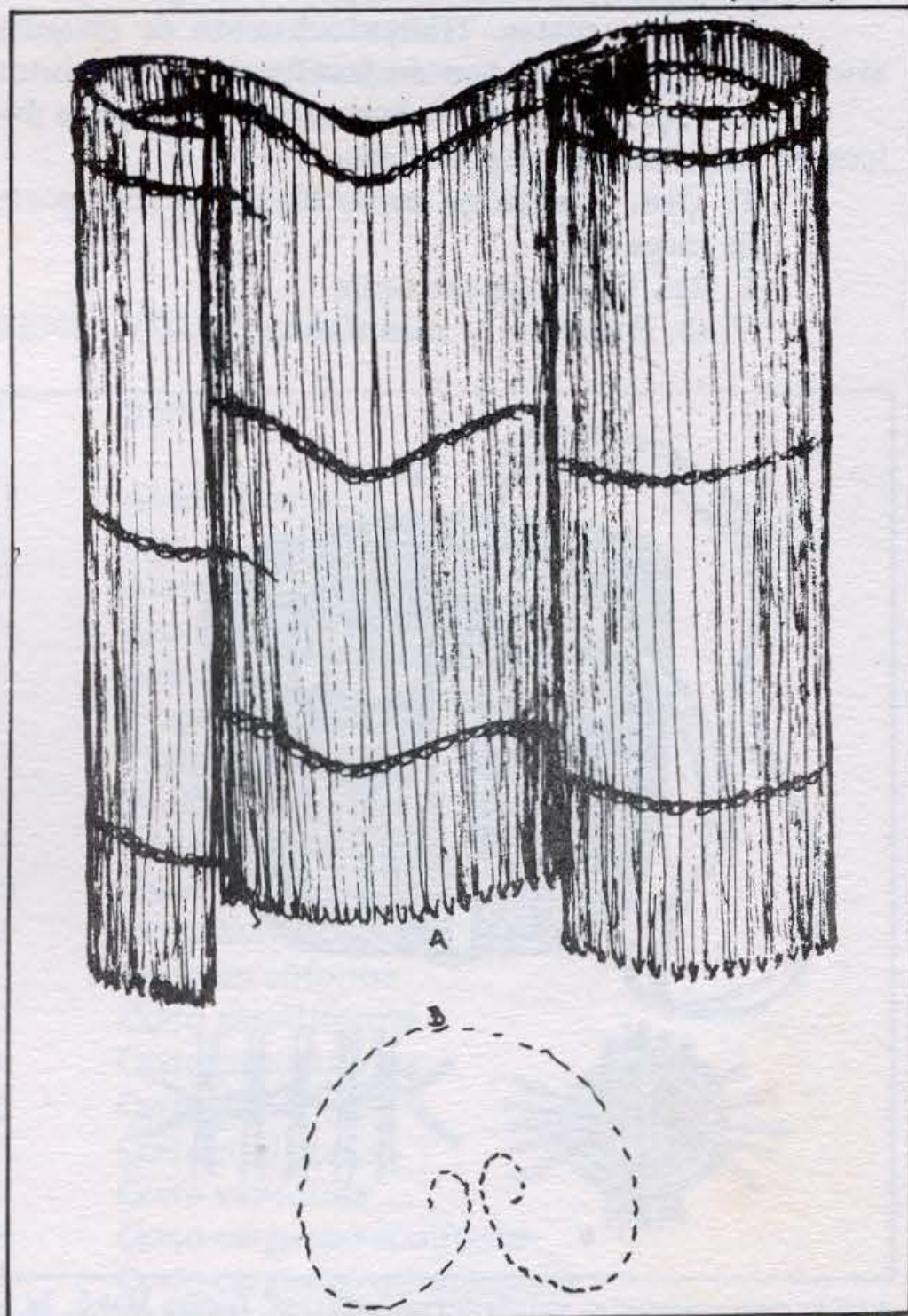
BRAÇADEIRA TRANÇADA

Def. Objeto trançado que ornamenta o braço, constituído de uma longa trança enrolada em círculos. Encontrado entre os índios Kayapó.
T. Gen. Trançados para uso e adorno pessoal (05)

Pulseira trançada. Índios Gorotíre, M.N. nº 38.287. Esc. 1:5.

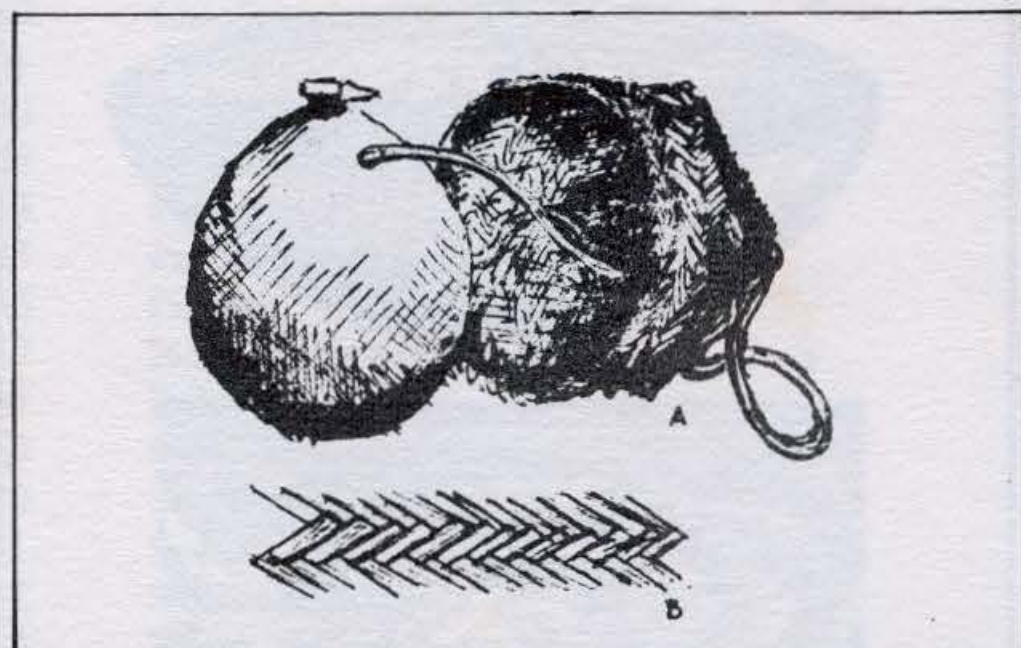
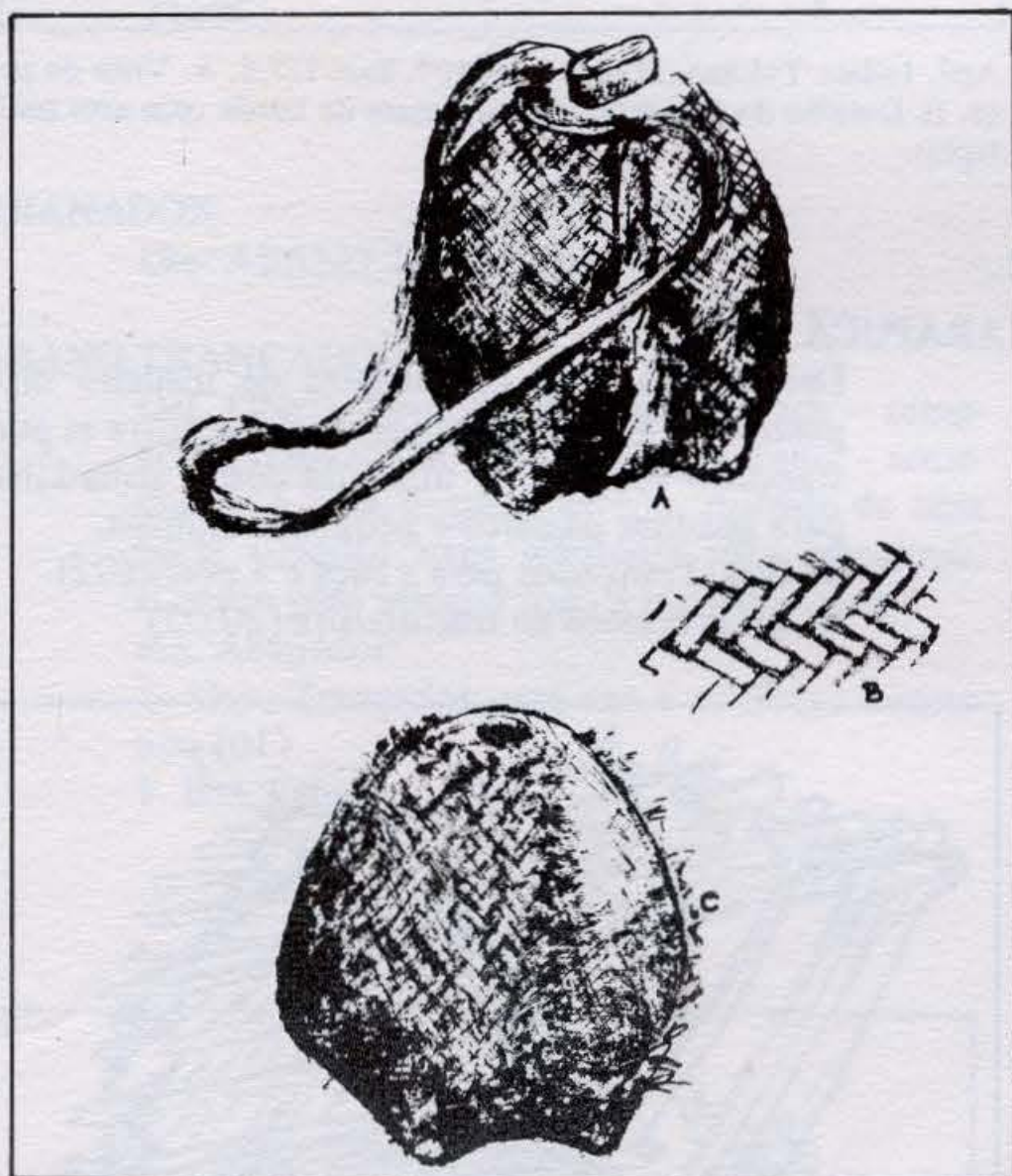
CANASTRA

Use: CESTO ESTOJIFORME

CANIÇADA

Def. Esteira de varetas de madeira dispostas paralelamente umas às outras e ligadas entre si por trançado torcido de faquias de cipó. A caniçada (ou pari) é presa nas margens do igarapé, lago ou paraná por paus fincados no leito do rio servindo de barragem para atrapar os peixes, principalmente por ocasião da pesca com timbó.
Sin. Pari
T. Gen. Trançados para a caça e a pesca (02)
V. tb. Esteira
Processos de manufatura (20.03)

Caniçada. Índios Tenetehara. *Apud* Wagley & Galvão 1961:224. A. Vista da peça. B. Modo de enrolá-la quando em desuso.

CANTIL COM INVÓLUCRO TRANÇADO

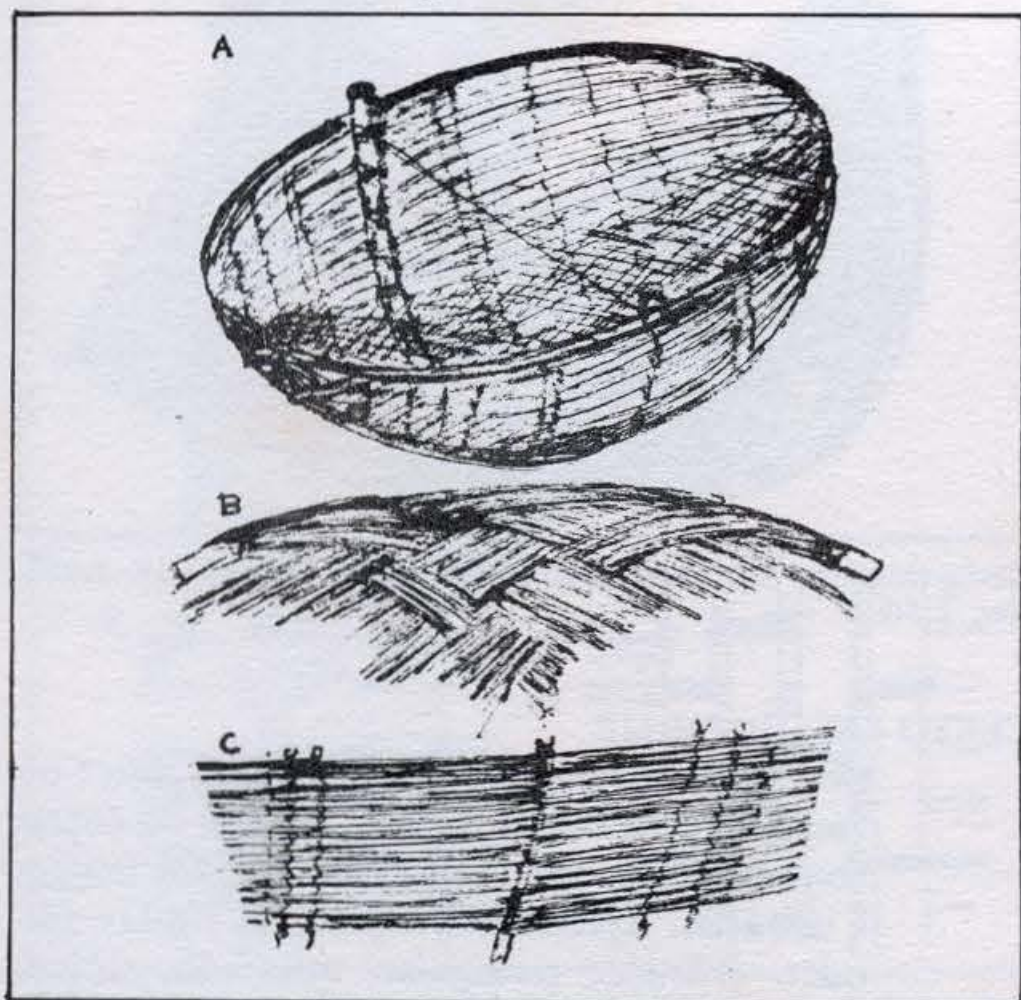
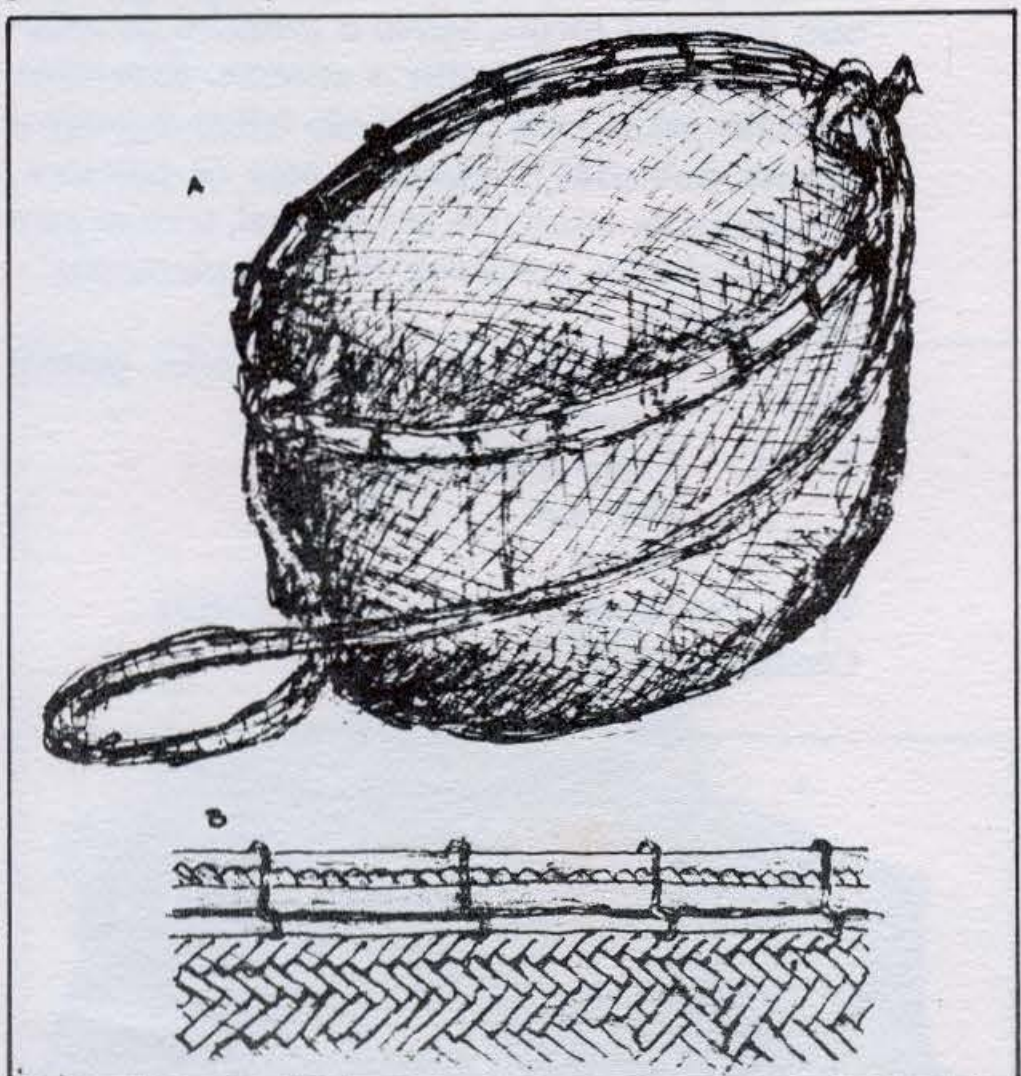
Def. Recipiente de cabaça com revestimento ou tampa trançada e alça para levar nas viagens. Usado para acondicionar água ou óleo de babaçu para passar na pele contra mosquitos.
T. Gen. Trançados para uso e conforto doméstico (01)

Cantil com tampa trançada. Índios Gorotíre-Kayapó, M.N. nº 38.351. Esc. 1:5. A. Vista da peça (cabaça) e da tampa trançada. B. Detalhe do trançado.

Cantil com invólucro trançado. Índios Asuriní, M.N. nº 40.889. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado. C. Detalhe da cabaça sem parte do revestimento trançado.

CARTUCHEIRA

Use: PATRONA

CESTO ALGUIDARIFORME

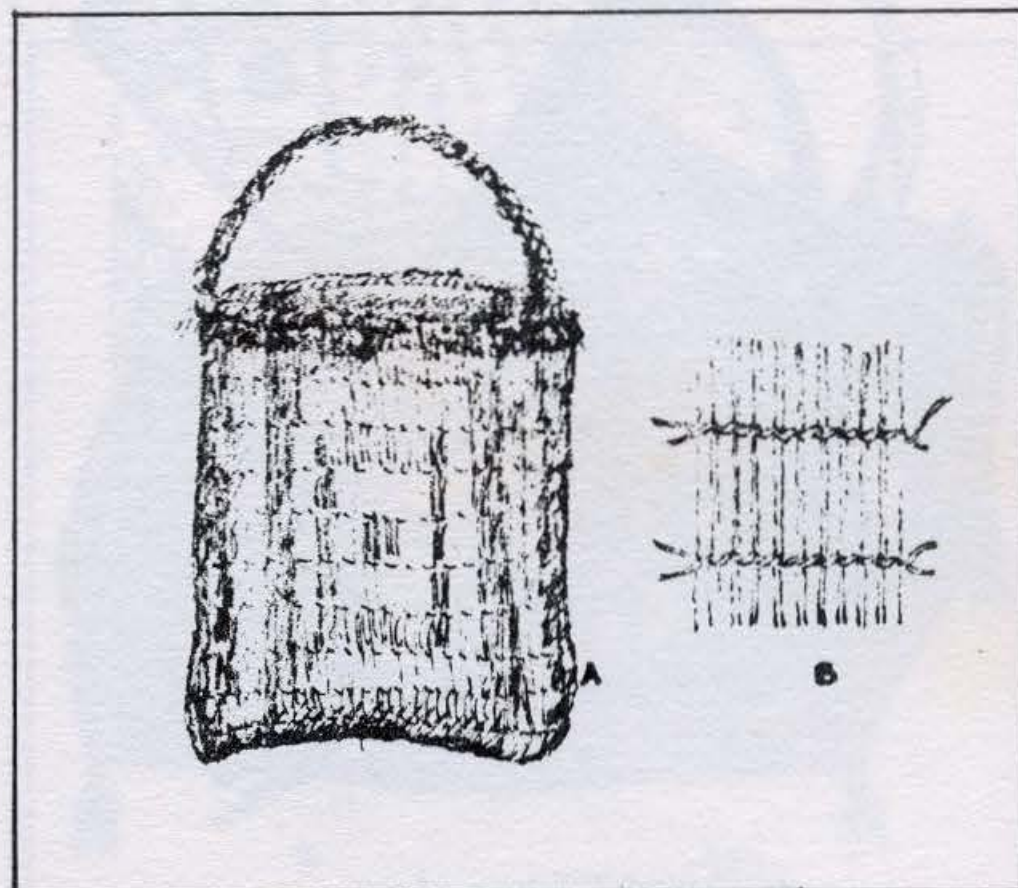
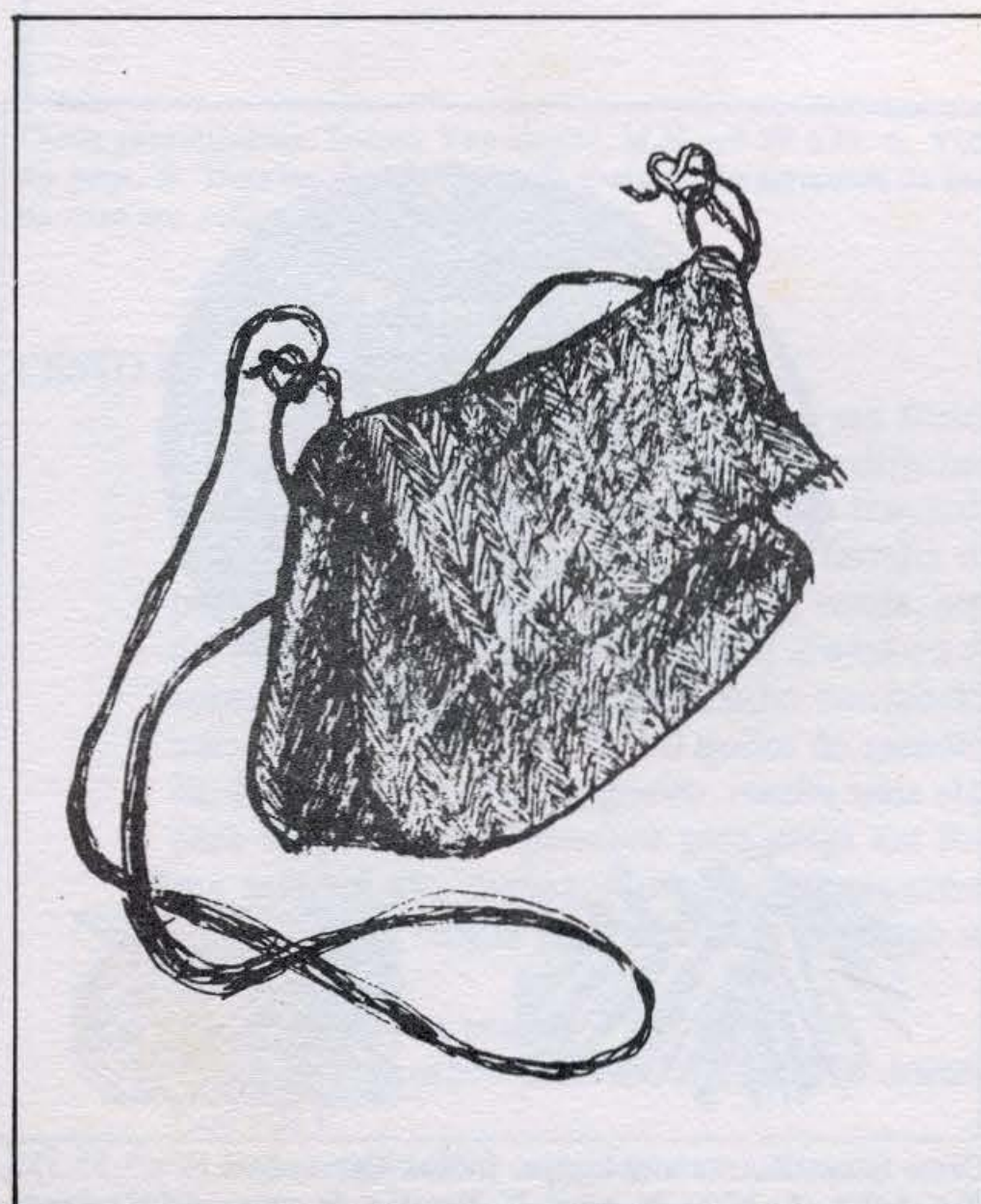
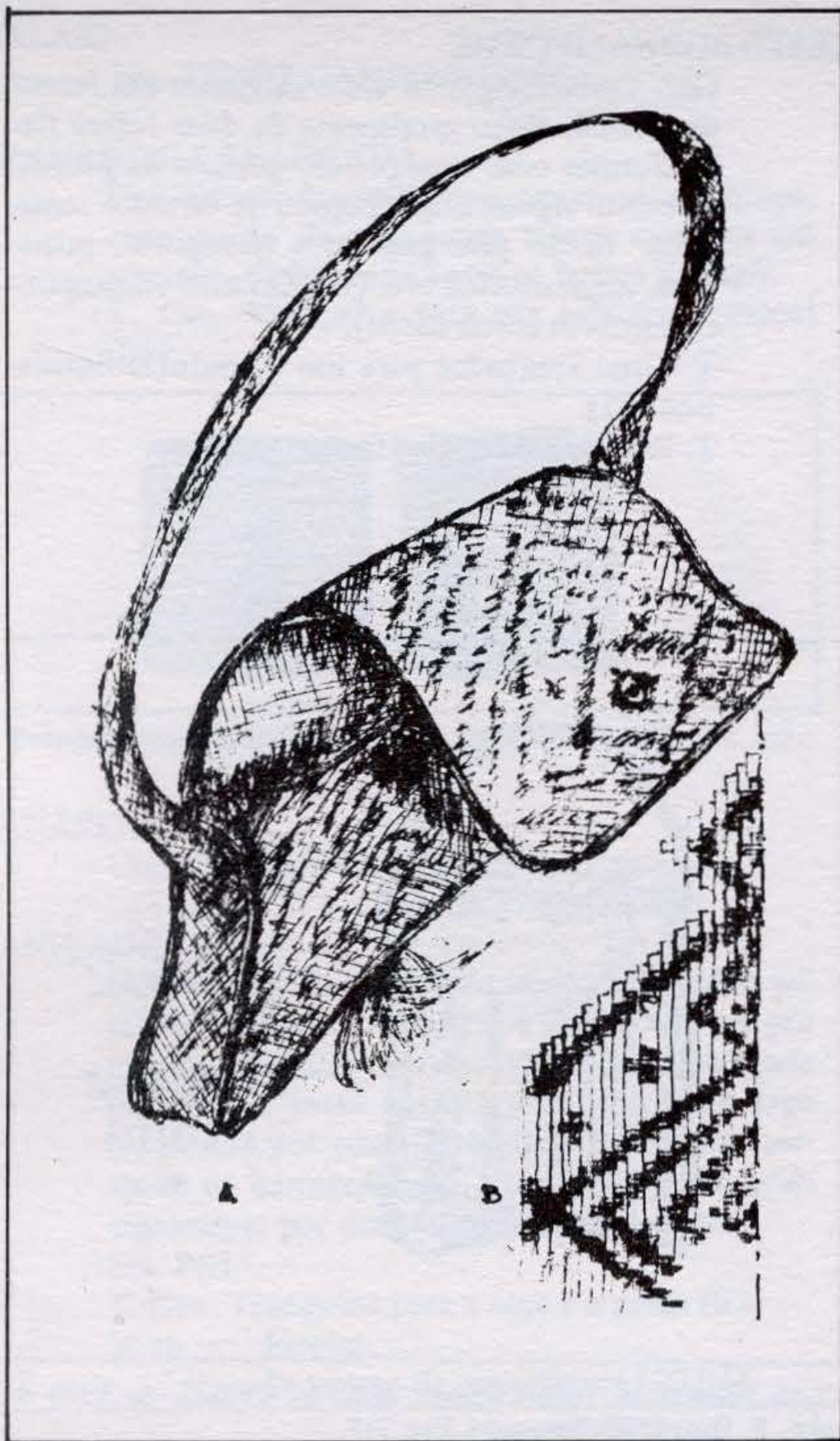
Def. Cesto-recipiente e/ou cargueiro em forma de alguidar, isto é, alongado ou ovalado na borda e, comumente, mas não necessariamente, no fundo. Apresenta-se em tamanho normal ou miniaturizado prestando-se à guarda de objetos ou para servir alimentos. (Os Borôro utilizam cestos alguidariformes para o enterro secundário

dos ossos do morto). Quando usado para a carga é provido de longa alça que cinge a testa.
T. Gen. Trançados para uso e conforto doméstico (01)
T. Rel. Cesto gameliforme

Cesto alguidariforme. Índios Yawalapití, M.N. nº 39.508. A. Vista da peça. B. Detalhe do fundo. C. Detalhe do trançado das paredes. Esc. 1:7,5.

Cesto-cargueiro alguidariforme. Índios Karajá, M.N. nº 39.968. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado e do arremate da borda; aro duplo com entremeio de corda. Esc. 1:10.

CESTO BOLSIFORME

Def. Cesto-recipiente de espessura mínima ou espessura média, chamado comumente bolsa, sacola ou patrona e provido de alça para carregar ou pendurar. Varia em tamanho e forma: retangular, quadrangular, ovalado, com ou sem aba. De uso pessoal, serve para guardar e carregar pequenos pertences.
T. Gen. Trançados para uso e adorno pessoal (05)
T. Rel. Cesto estojiforme
Patrona
Consulte: 30 Cordões e tecidos

CESTO BORNALIFORME

Def. Cesto-recipiente e/ou cargueiro em forma de bornal. Feito geralmente de duas folhas flabeliformes com o respectivo pecíolo da palmeira buriti. Apresenta-se bojudo de variados tamanhos. Usado para guardar e transportar provisões, implementos etc. (Os Xavante empregam-no também como berço).
T. Gen. Trançados para uso e conforto doméstico (01)
T. Rel. Cesto alguidariforme

Cesto bolsiforme. Índios Karajá, M.N. nº 28.625. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado. Esc. 1:5.

Cesto bolsiforme. Índios Krikatí, M.N. nº 38.700. Esc. 1:5.

Cesto bolsiforme de trançado duplo. Índios Tenetehara, M.N. nº 33.824. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado.

Cesto-cargueiro bornaliforme. Índios Xavante, M.I. nº 5.821. Esc. 1:10.

CESTO ESTOJIFORME

Def. Cestos-recipientes tipo "caixa", "cofre" ou "estojo" com tampa, paredes singelas ou duplas com entremeio de folha para torná-los imunes à umidade. Apresentam contextura rígida e formato definido: retangular, quadrado, elítico. São chamados telescópicos (do inglês *telescoping baskets)* e pacarás, palavra de origem Karib, quando o recipiente e a tampa se duplicam quanto à forma, sendo o primeiro de tamanho menor para permitir o encaixe. Reserva-se o termo patuá para os que são feitos segundo a técnica dobrada; e, patrona, para os portáteis, à maneira de bolsa. De uso pessoal, servem para guardar objetos preciosos, como os plumários.

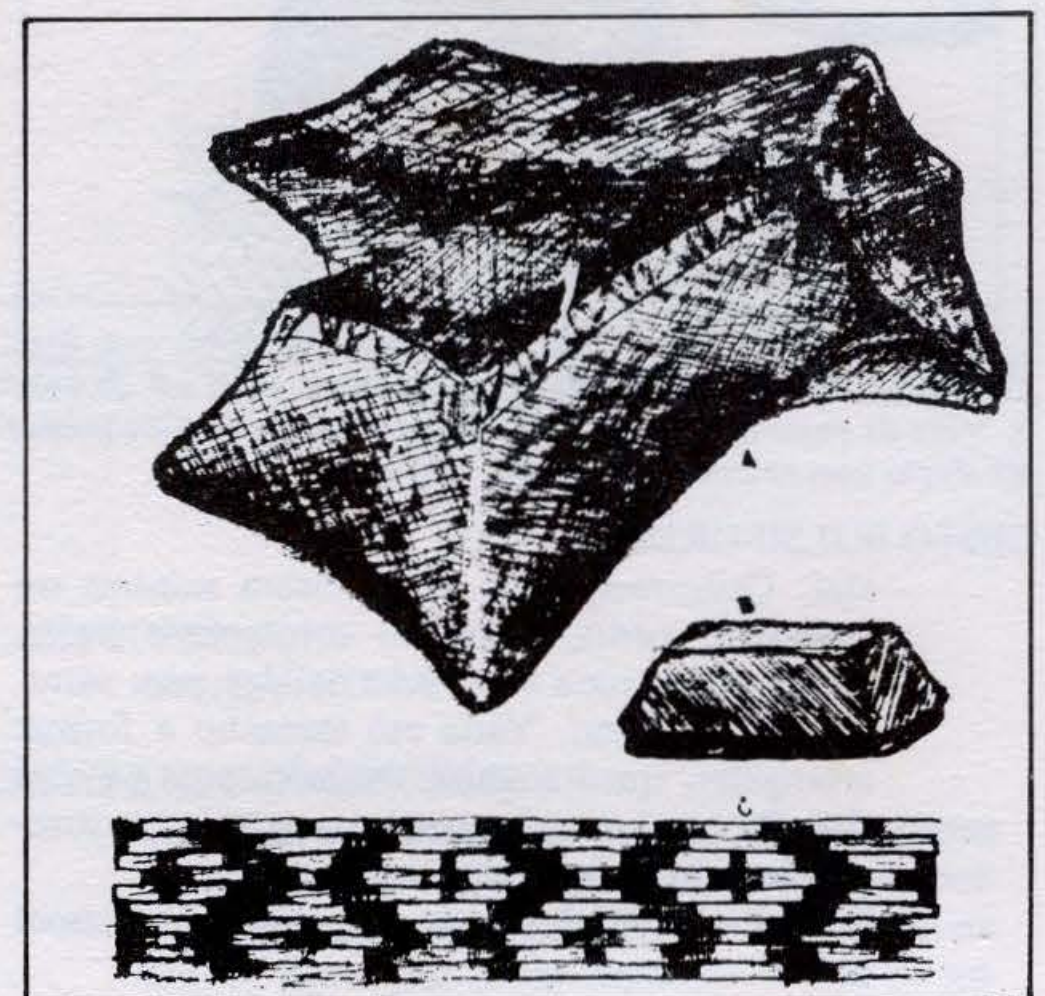
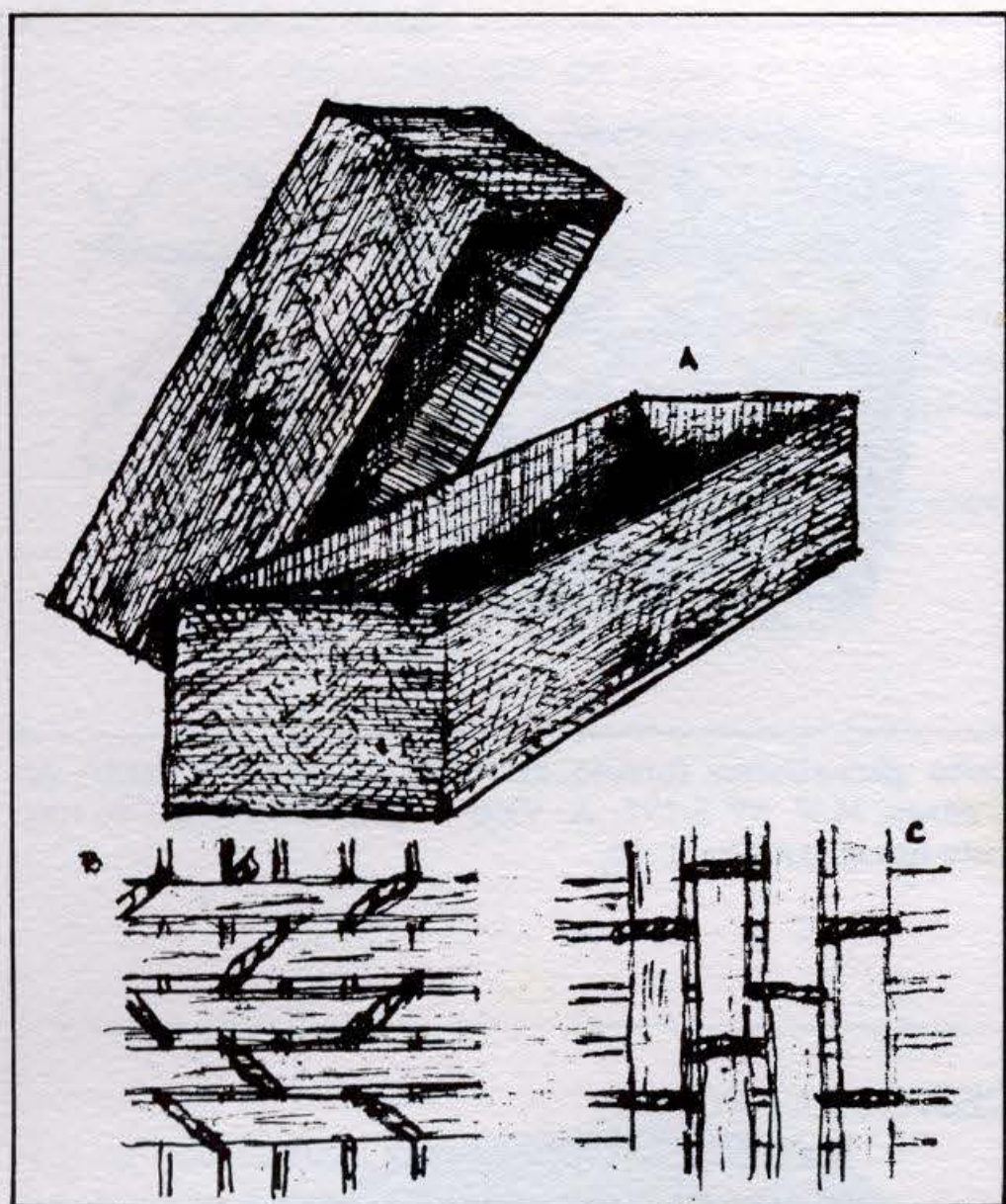
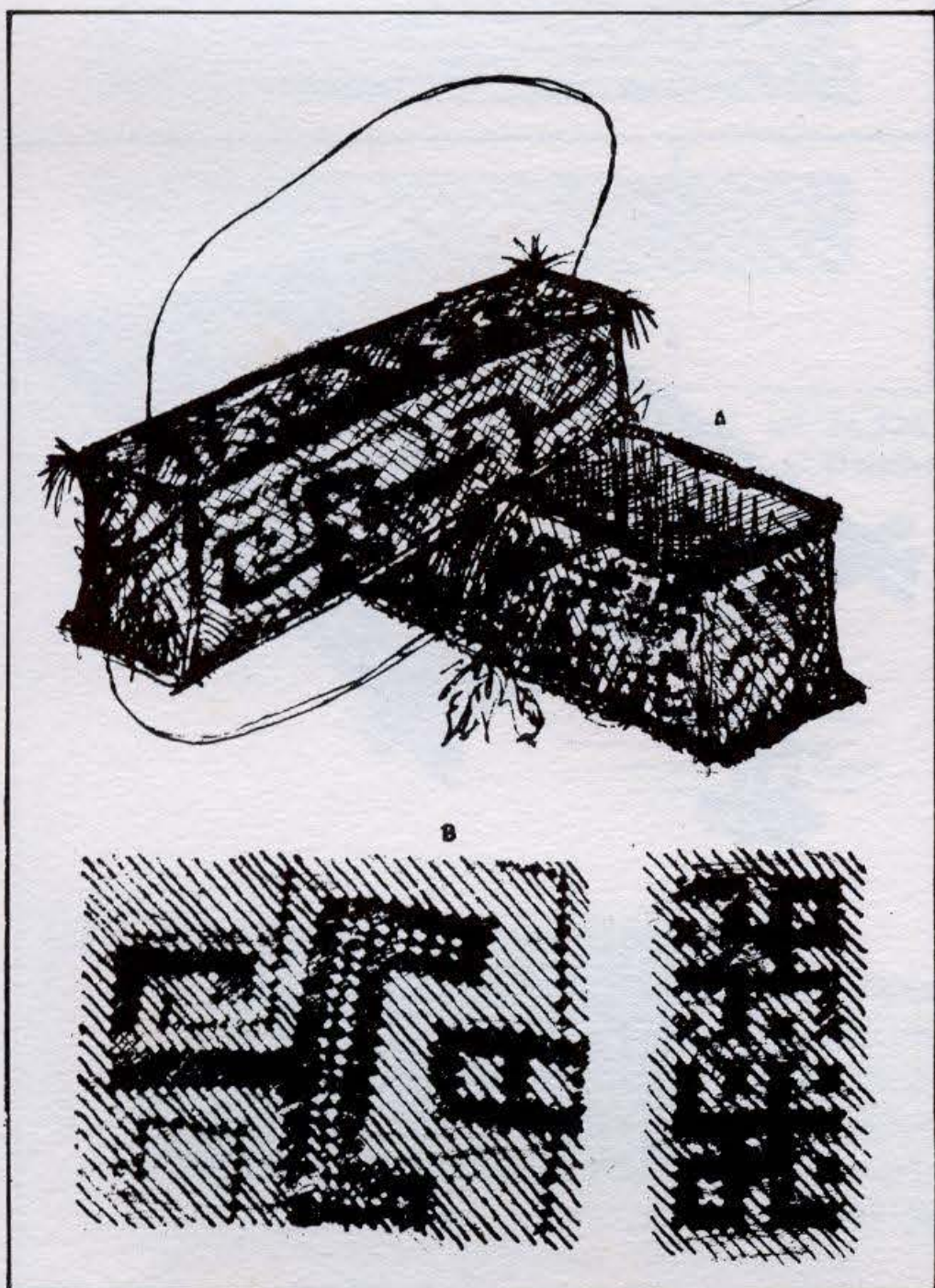
Sín. Canastra

T. Gen. Trançados para uso e adorno pessoal (05)

T. Rel. Cesto bolsiforme
Patrona
Patuá

V. tb. Processos de manufatura (20.03)

Consulte: 40 Adornos plumários

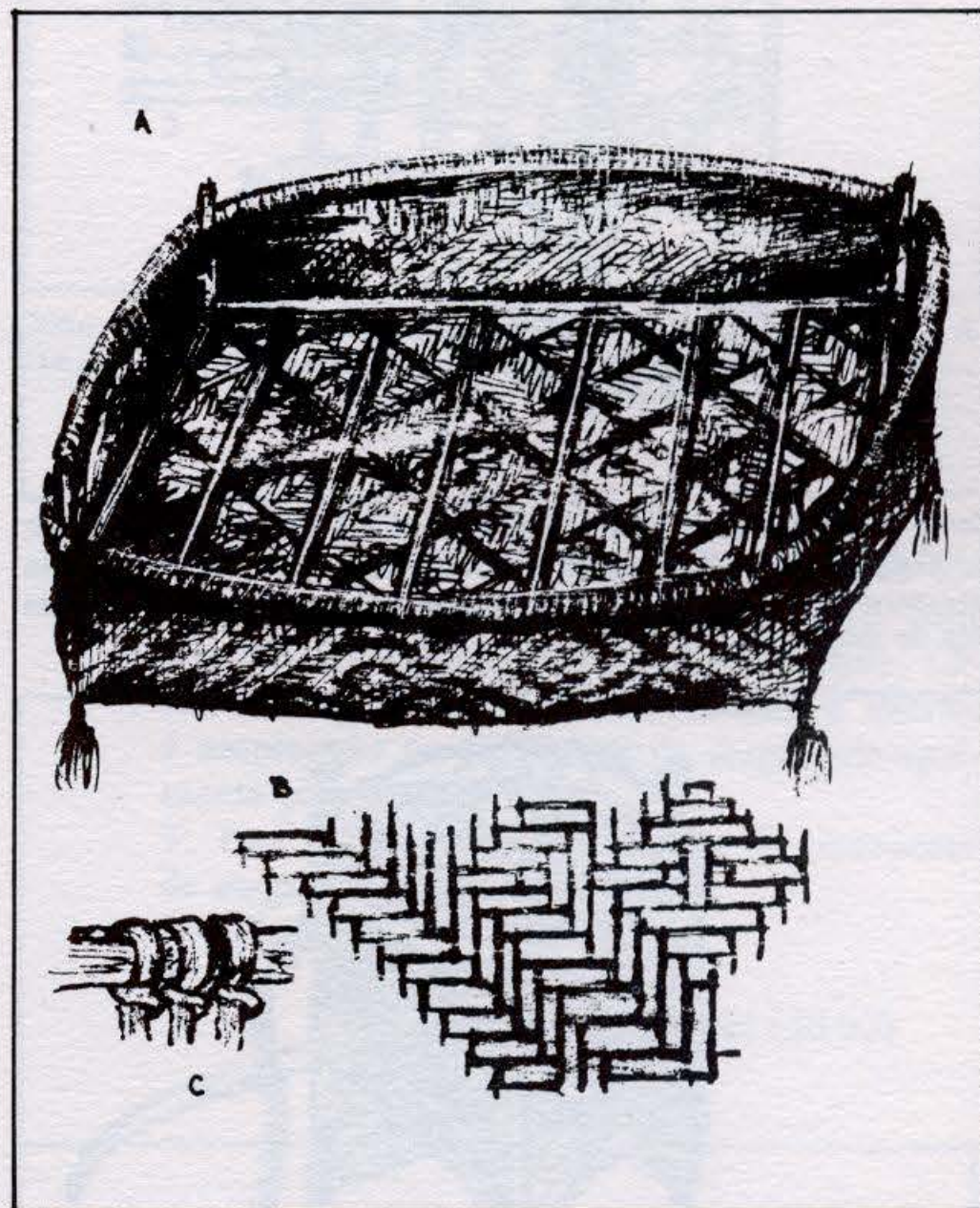
Cesto bornaliforme com tampa. Índios Apinayé, M.N. nº 23.330. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da superposição das folhas com respectivo pecíolo. C. Detalhe do trançado lateral.

Cesto estojiforme. Índios Galibí, M.N. nº 20.070. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Peça com a tampa (telescópica). C. Detalhe do trançado.

Cesto estojiforme. Índios do rio Uaupés, M.N. nº 8174. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado enlaçado com trama flexível visto no anverso; C. Visto no reverso.

Cesto estojiforme. Índios Waiwai, M.I. nº 79.5.29. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe dos motivos de trançado: lagarta mítica e pássaros. Designação tribal e regional: pacará.

CESTO GAMELIFORME

Def. Cesto-recipiente e/ou cargueiro (transportado sobre a cabeça) semelhante à gamela. Ou seja, de borda alargada e diâmetro proporcional ao da base. O bojo do cesto caracteriza-se por ser "atarracado", isto é, mais largo que alto, podendo assumir as seguintes conformações: retangular, quadrada, arredondada. Os de tamanho maior servem para a guarda e transporte de provisões, sendo freqüentes os miniaturizados.

Sin. Balaio

T. Gen. Trançados para uso e conforto doméstico (01)

T. Rel. Cesto paneiriforme

Cesto gameliforme. Índios Yawalapití, M.N. nº 39.639. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado. C. Detalhe do arremate da borda com aro roliço. Esc. 1:10.

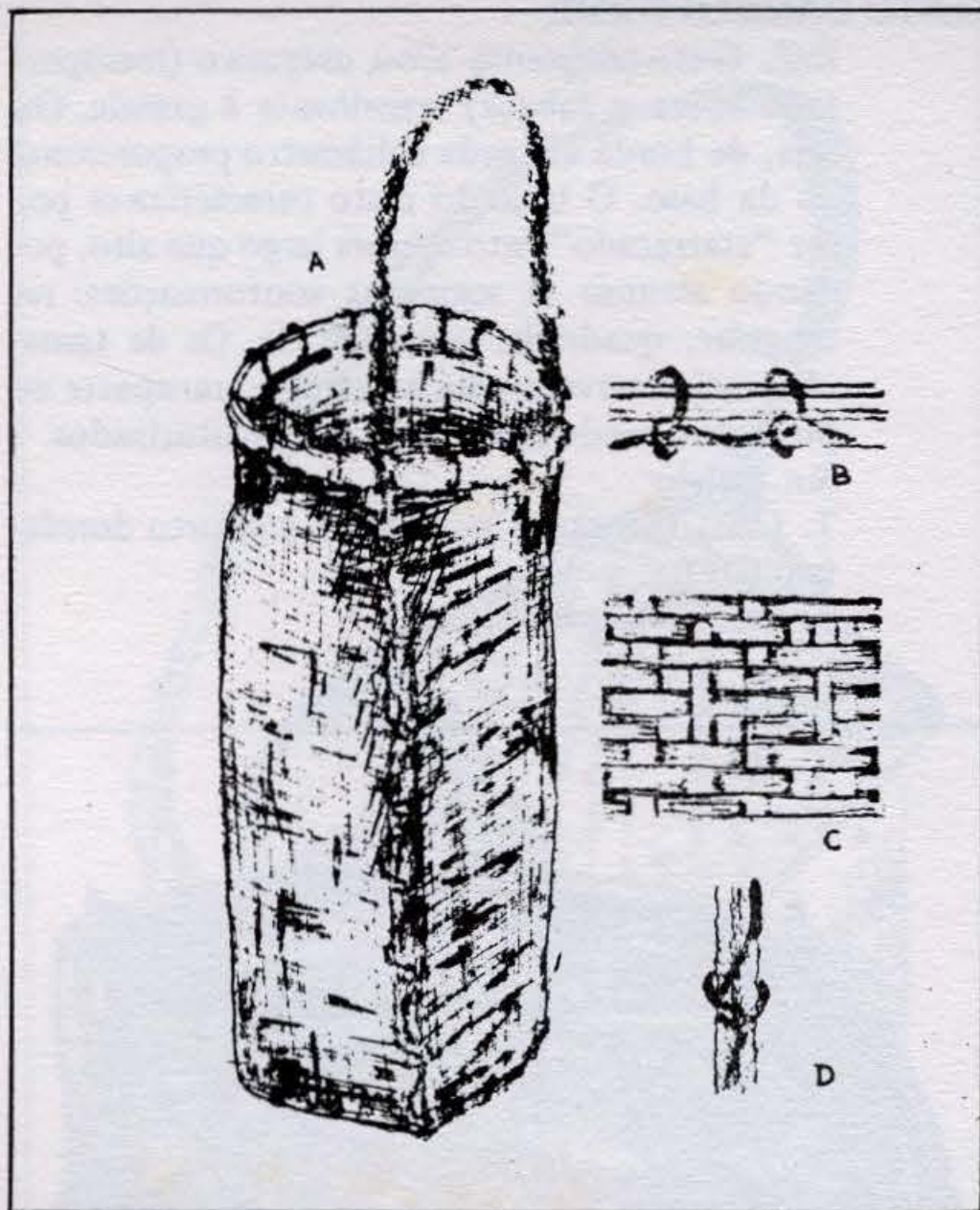
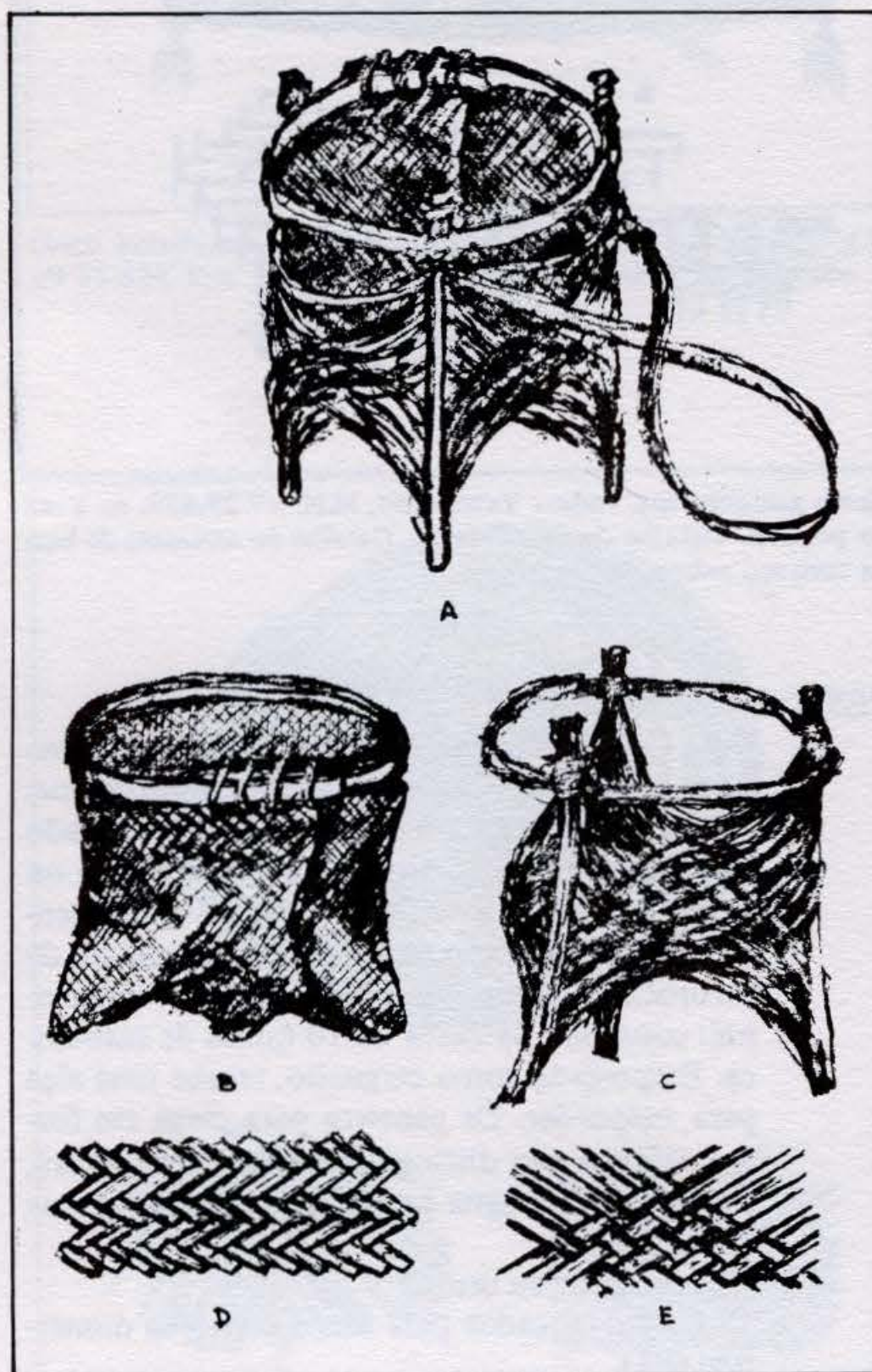
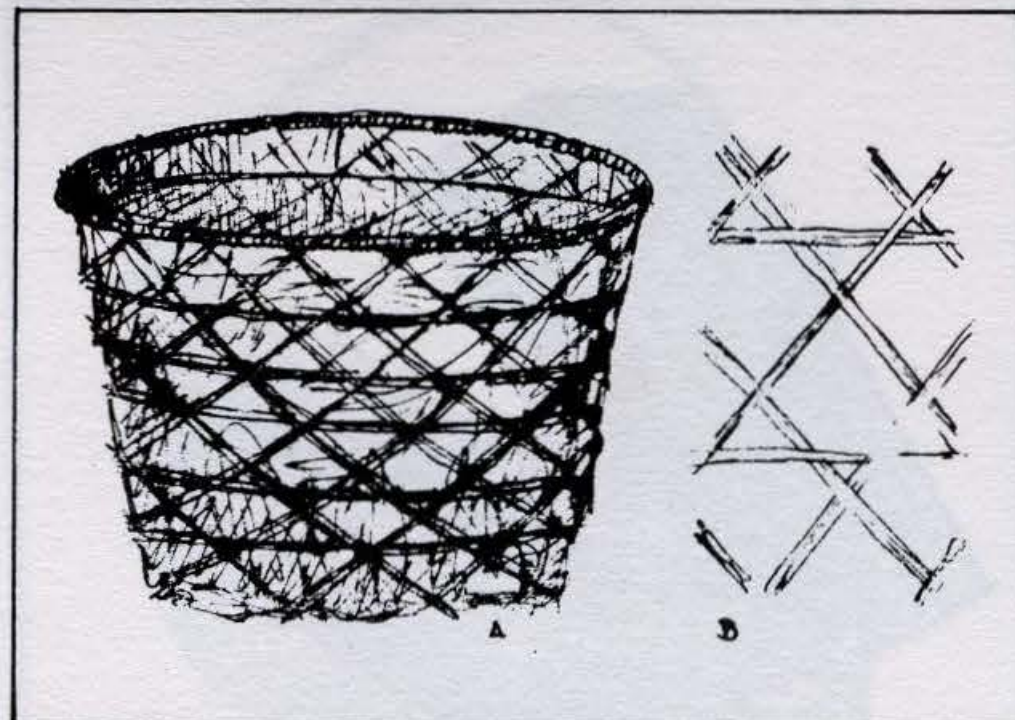
CESTO PANEIRIFORME

Def. Cesto recipiente e/ou cargueiro em forma de paneiro. Isto é, assemelhado ao gameliforme, porém de maior altura e geralmente de trançado hexagonal. É usado para armazenar farinha ou para "ensacá-la" quando destinada à venda, sendo para isso forrado com folhas de arumã ou de sororoca. Apresenta-se em tamanho convencional: conteúdo de cerca de 10 quilos de mandioca. Empregado como cargueiro, recebe uma alça para suspender. Os paneiros para carga em forma esférica são distinguidos pelo termo aturá, originário da língua geral, de largo emprego na Amazônia.

Sin. Paneiro (ou urutu)

T. Gen. Trançados para uso e conforto doméstico (01)

T. Rel. Aturá
Cesto gameliforme

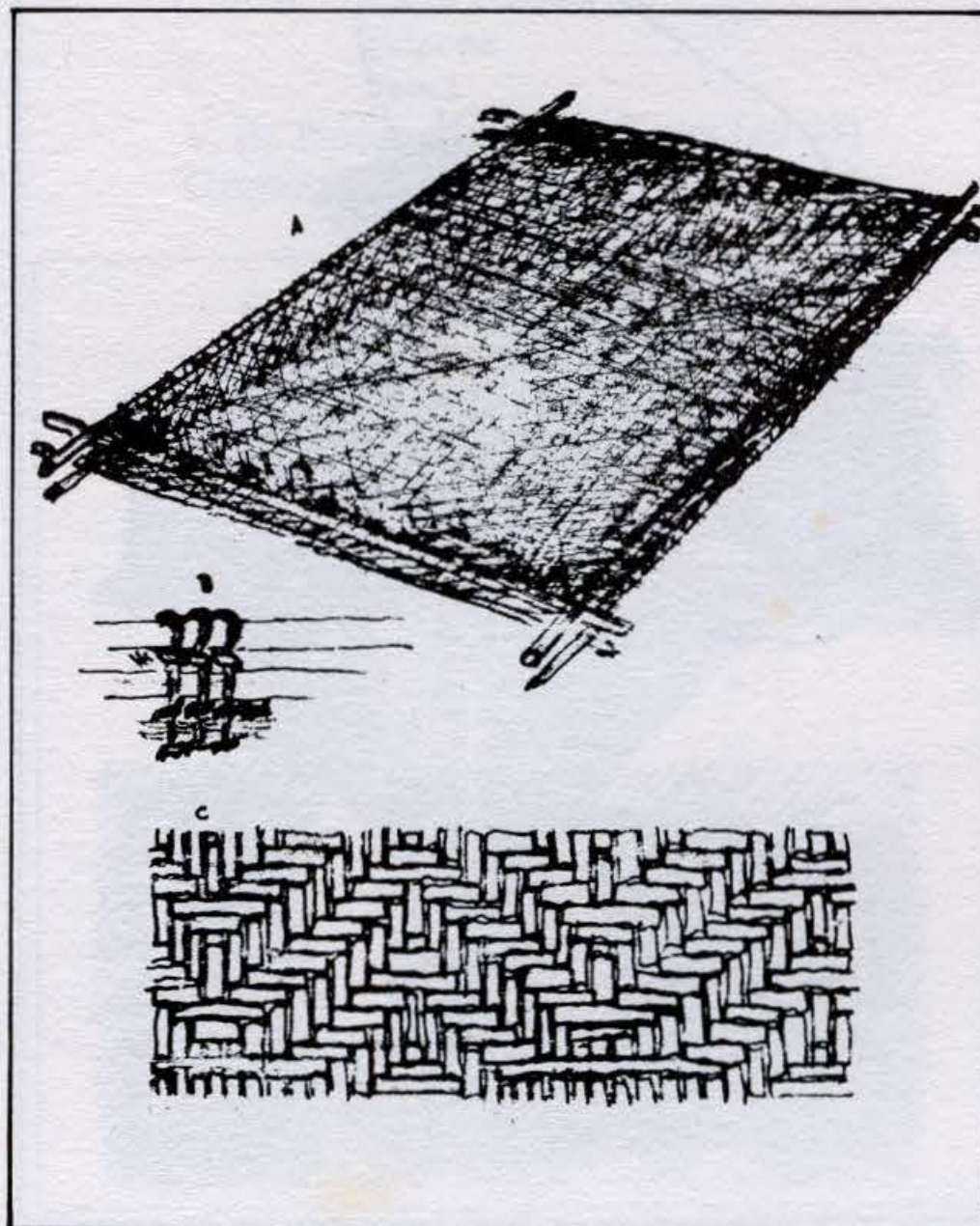
V. tb. Processos de manufatura (20.03)

Cesto paneiriforme. Índios Krikatí, M.N. 38.696. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado sarjado. C. Detalhe do arremate da borda; acabamento anelar. D. Detalhe da fixação da alça de suspensão.

Cesto paneiriforme com base trípode. Índios Pakaa-novas, M.N. nº 38.939. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Parte interna. C. Suporte trípode. D. E. Detalhe dos trançados de cada uma das partes.

Cesto paneiriforme forrado de folhas de sororoca. Índios das Guianas, M.N. nº 5.797. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado hexagonal. Esc. 1:10.

CESTO PLATIFORME

Def. Cesto-recipiente raso assemelhado ao prato. Em alguns casos é provido de paredes de pequena altura ou delas desprovido. Apresenta-se de forma redonda, quadrada ou retangular. Os que têm malhas de crivo aberto são usados para cernir farinha, sendo classificados como peneiras.

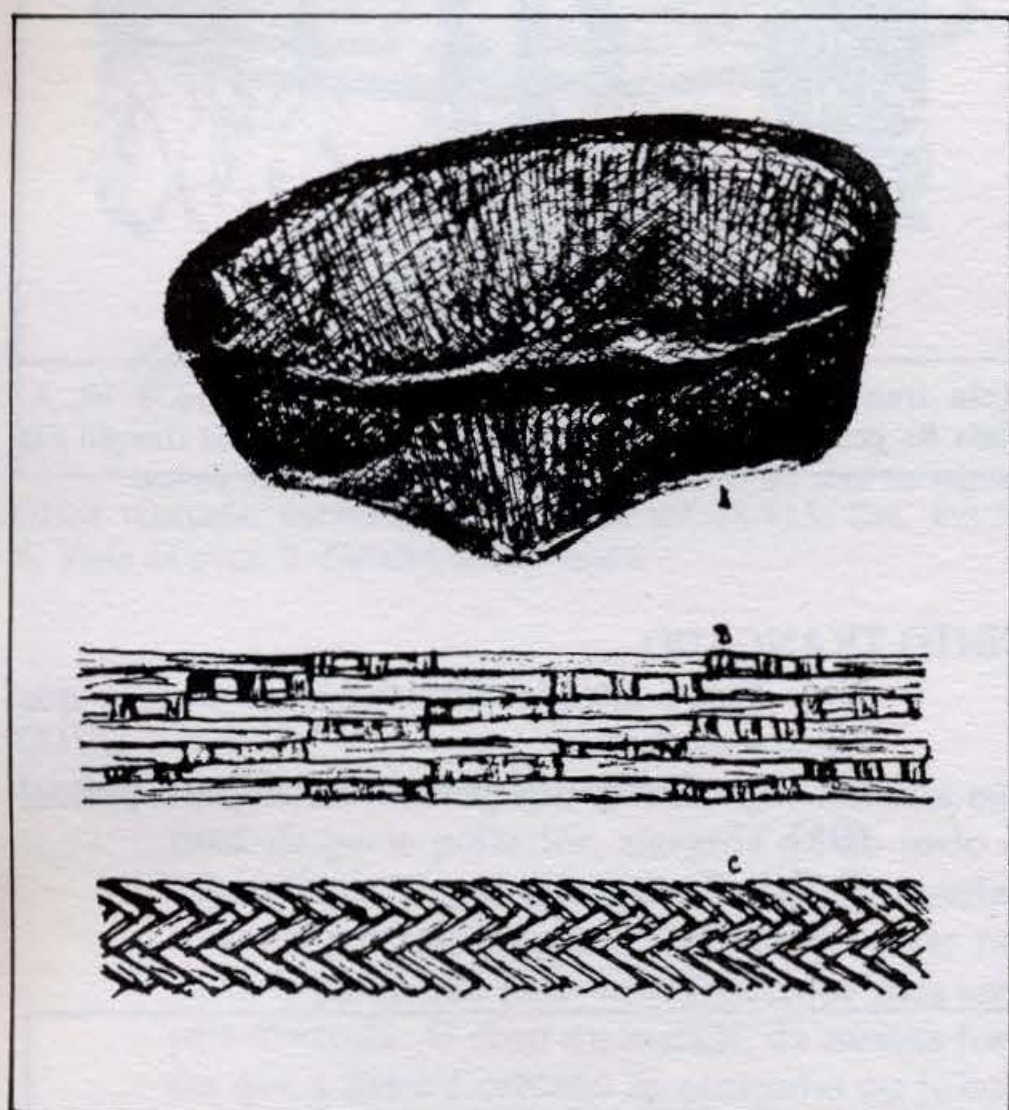
T. Gen. Trançados para uso e conforto doméstico (01)

T. Rel. Apá

V. tb. Peneira

Cesto platiforme. Índios Tembé, M.N. nº 15.238. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do arremate da borda com reforço entretrançado. C. Detalhe do trançado.

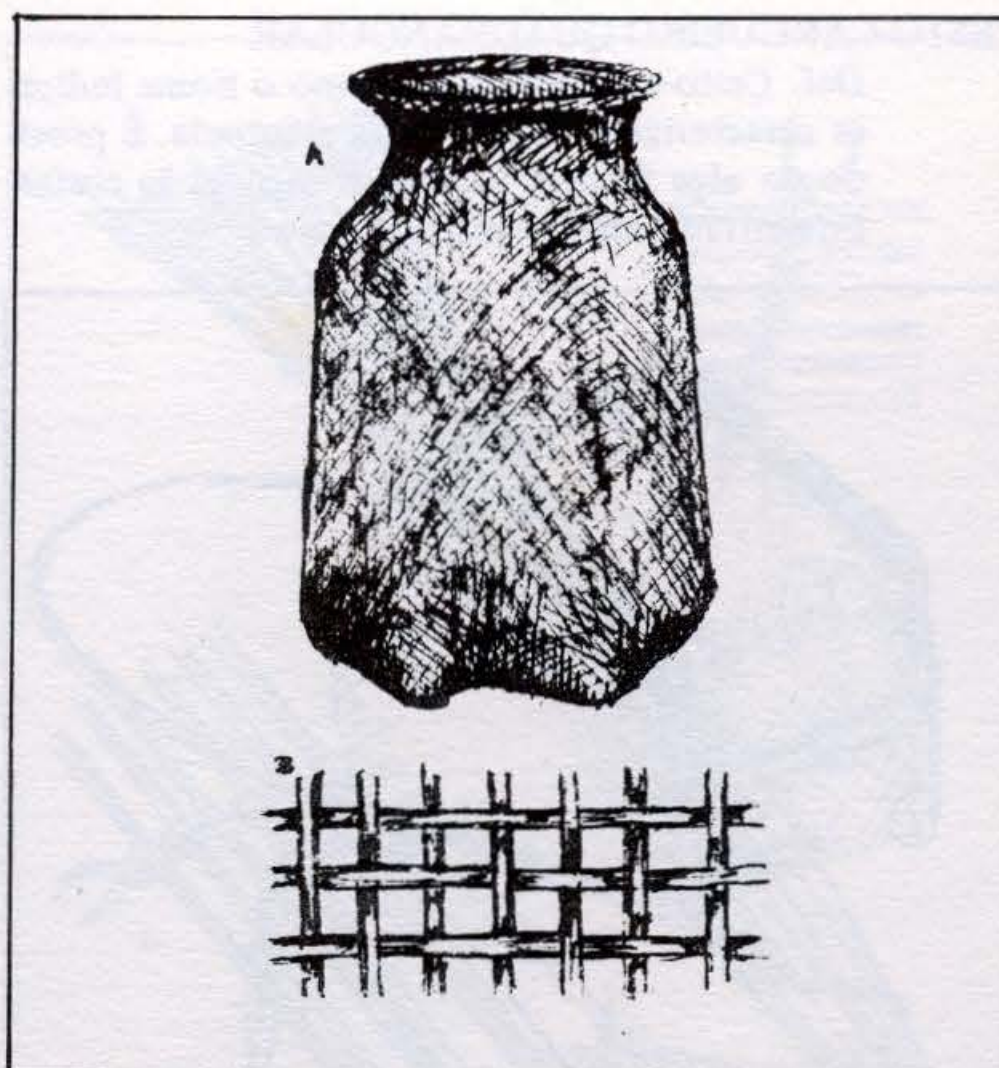
CESTO TIGELIFORME

Def. Cesto-recipiente em forma de tigela. Apresenta-se comumente de conformação arredondada, fundo plano e paredes de pouca altura. Os cestos tigeliformes de base côncava, isto é, à maneira de meia esfera são distinguidos pelo vocábulo apá, originário da língua geral. São usados para servir alimentos, para pequenos guardados ou, como no caso da cumatá, para filtrar.

T. Gen. Trançados para uso e conforto doméstico (01)
T. Rel. Apá
V. tb. Cumatá

Cesto tigeliforme. Índios Abitana-Huanyan, M.N. nº 26.326. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado. C. Detalhe da borda com auto-remate.

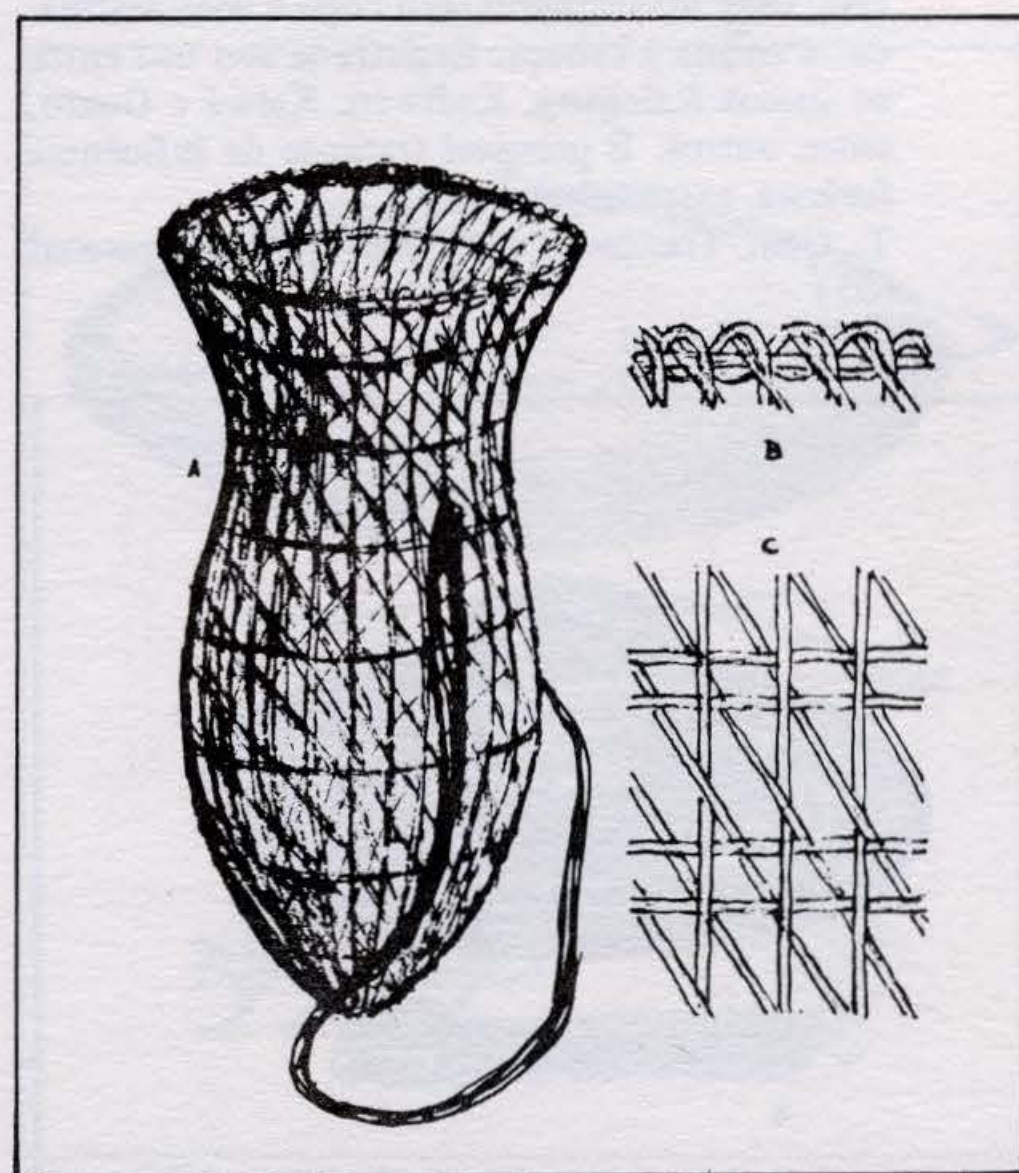
CESTO VASIFORME

Def. Cesto recipiente em forma de vaso. Varia quanto à base, contorno e bocal, podendo ou não ser provido de gargalo e ter bojo esférico, cilíndrico ou em forma de campânula. Ocorre em inúmeras tribos sendo empregado como cesto de pescador (samburá, cofo), defumador de pimenta ou para a guarda de objetos longos.

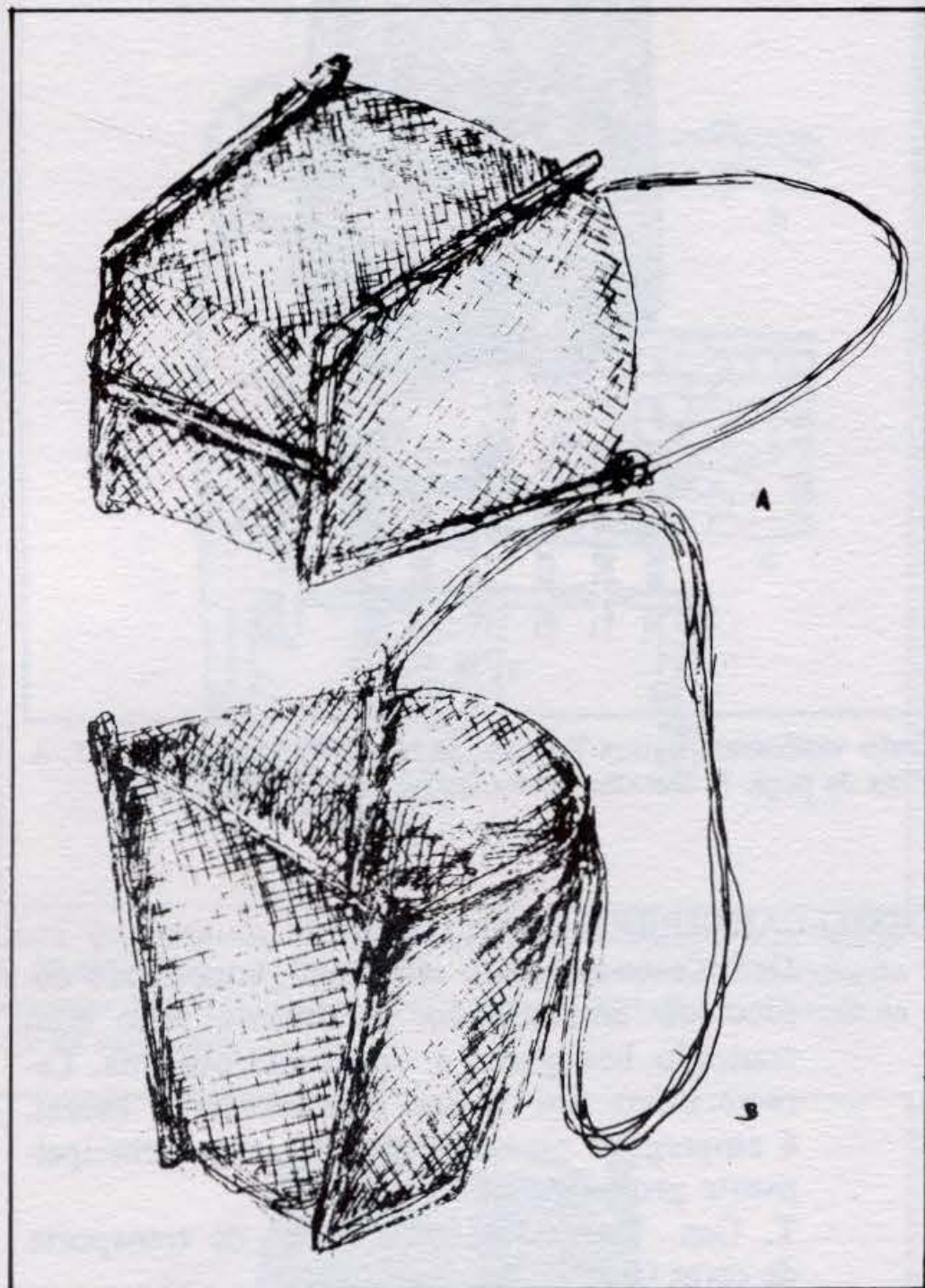
Sin. Samburá (ou cofo)
T. Gen. Trançados para o uso e conforto doméstico (01)

Cesto vasiforme. Índios Tukâno, M.N. nº 40.148. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado: quadricular aberto.

CESTO-CARGUEIRO CONIFORME

Def. Cesto-cargueiro cilíndrico, com fundo cônico ou arredondado, geralmente feito com trançado hexagonal e borda extrovertida. Característico dos índios Nambikuára e Paresí, é empregado no transporte de carga, principalmente provisões.

T. Gen. Trançados como meios de transporte de carga (04)
T. Rel. Aturá
V. tb. Cesto vasiforme
Processos de manufatura (20.03)

Cesto-cargueiro coniforme. Índios Nambikuára, M.N. nº 38.866. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do arremate anelar da borda. C. Detalhe do trançado: hexagonal oblíquo.

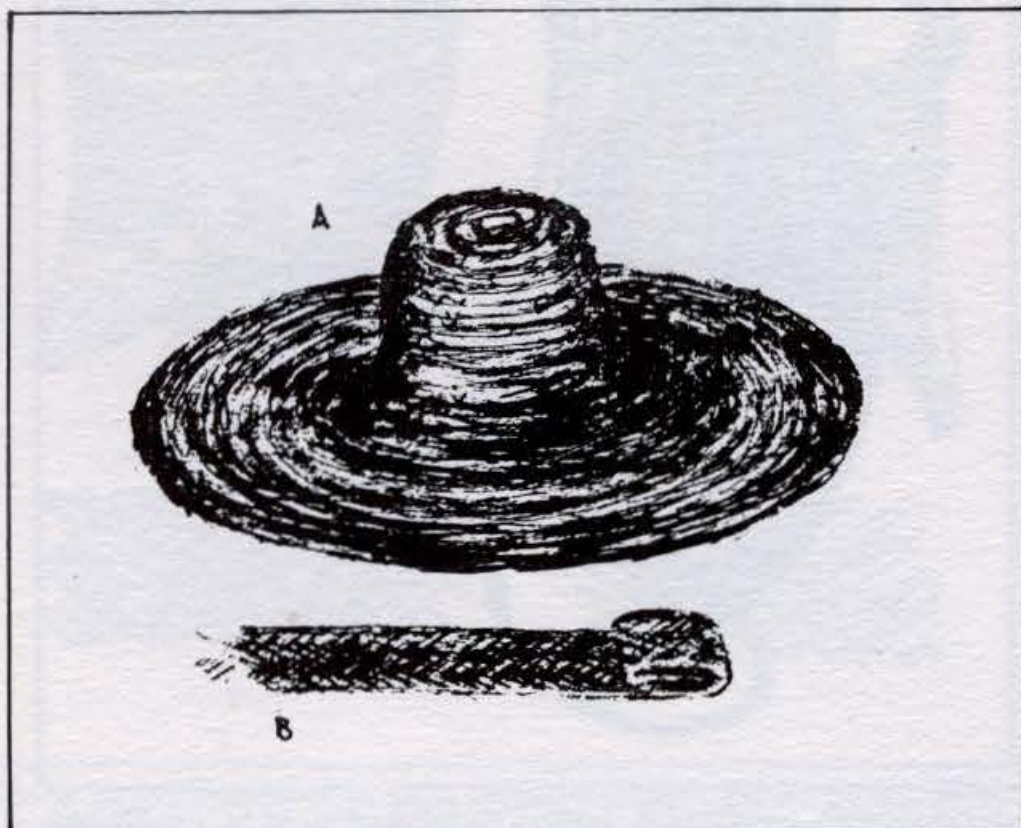
CESTO-CARGUEIRO QUADRANGULAR

Def. Cesto-cargueiro que, como o nome indica, se caracteriza por sua forma quadrada. É provido de alça frontal para levar a carga às costas. Encontrado apenas entre os Kaiwá.

Cesto-cargueiro quadrangular. Índios Kaiwá, M.N. nº 33.581. Esc. 1:10. A. Vista do fundo da peça. B. Vista frontal da peça.

CHAPÉU TRANÇADO

Def. Peça do vestuário com copa e abas destinada a cobrir a cabeça. Registra-se seu uso entre os índios Kaingang, Kadiwéu, Kaiwá e Guató, entre outros. É provável tratar-se de influência forânea, extra-tribal.

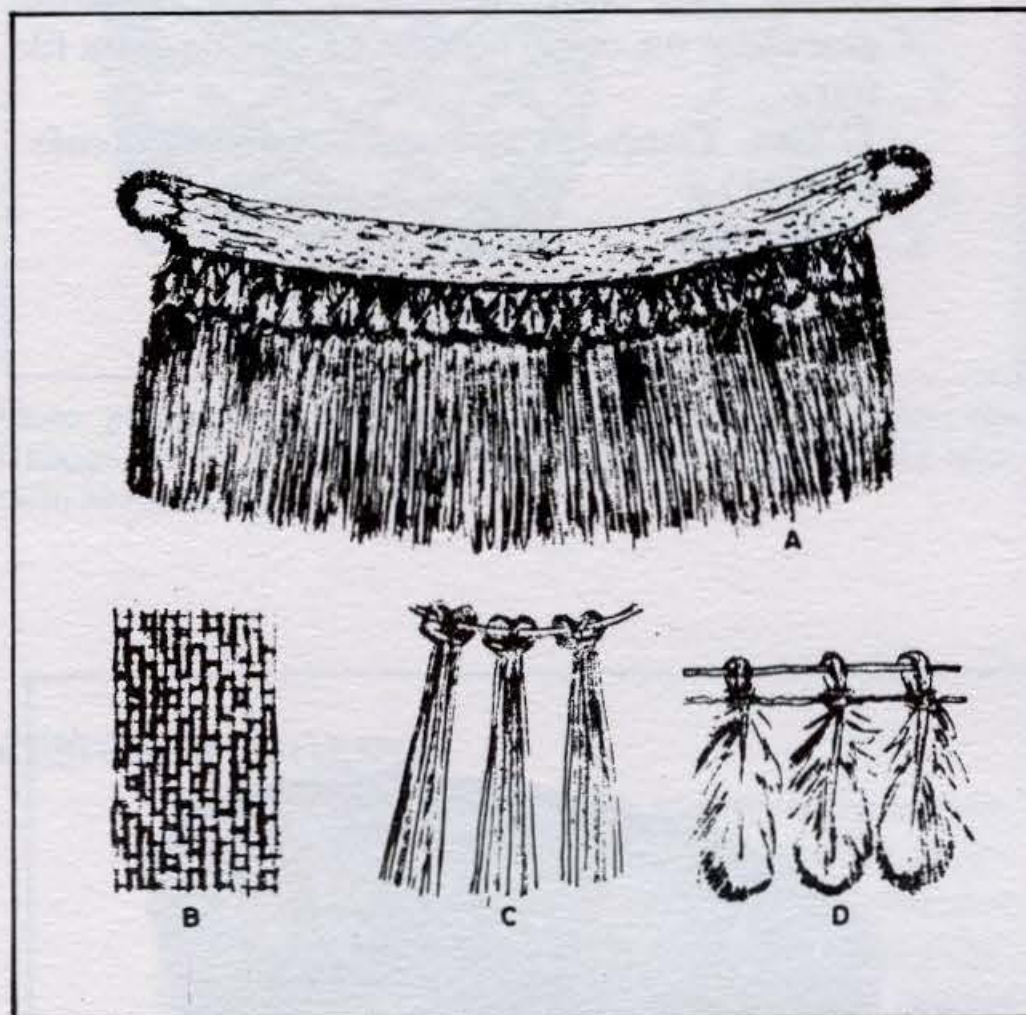
T. Gen. Trançados para uso e adorno pessoal (05)

T. Rel. Pára-sol

Chapéu trançado. Indios Kaingáng, M.N. nº 7.464. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe da tira trançada.

CINTA TRANÇADA

Def. Adereço trançado que cinge a cintura, mais largo que o cinto, provido ou não de ornamentos plumários e franjas.

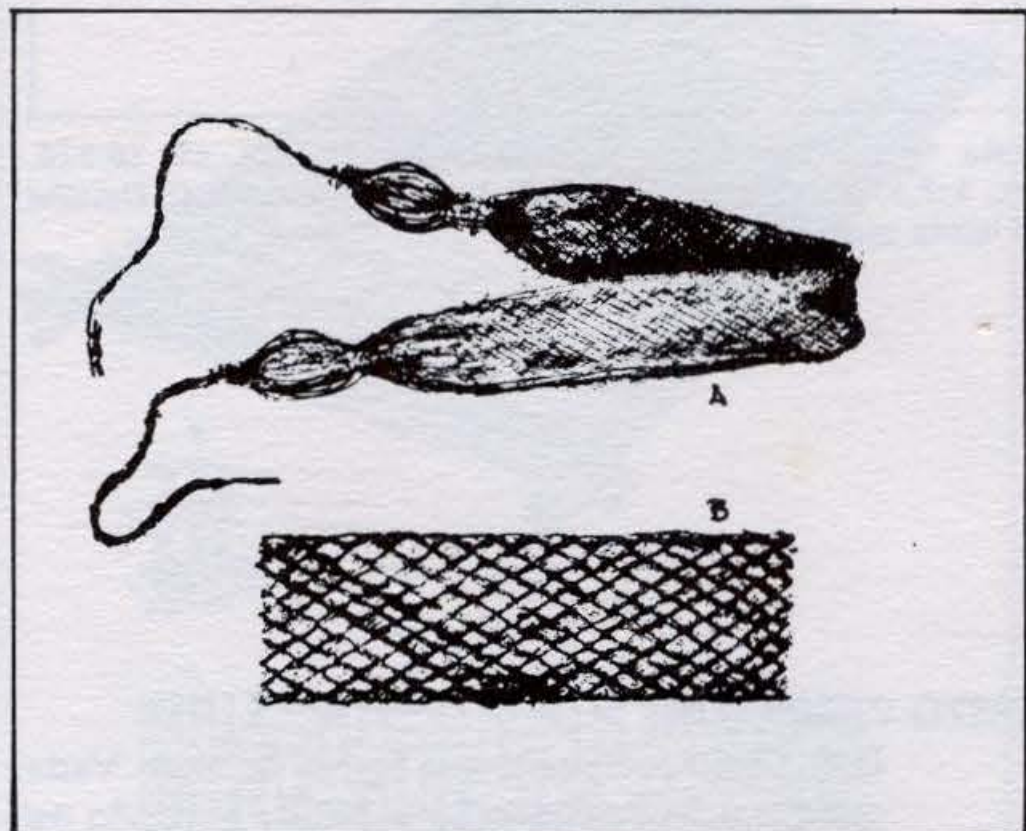
T. Gen. Trançados para uso e adorno pessoal (05)

T. Rel. Cinto trançado

Cinta trançada. Índios Karajá, M.N. nº 39.979. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado. C. Detalhe da fixação das franjas na orla do trançado. D. Detalhe da fieira de penas.

CINTO TRANÇADO

Def. Faixa estreita formando um círculo que cinge a cintura.

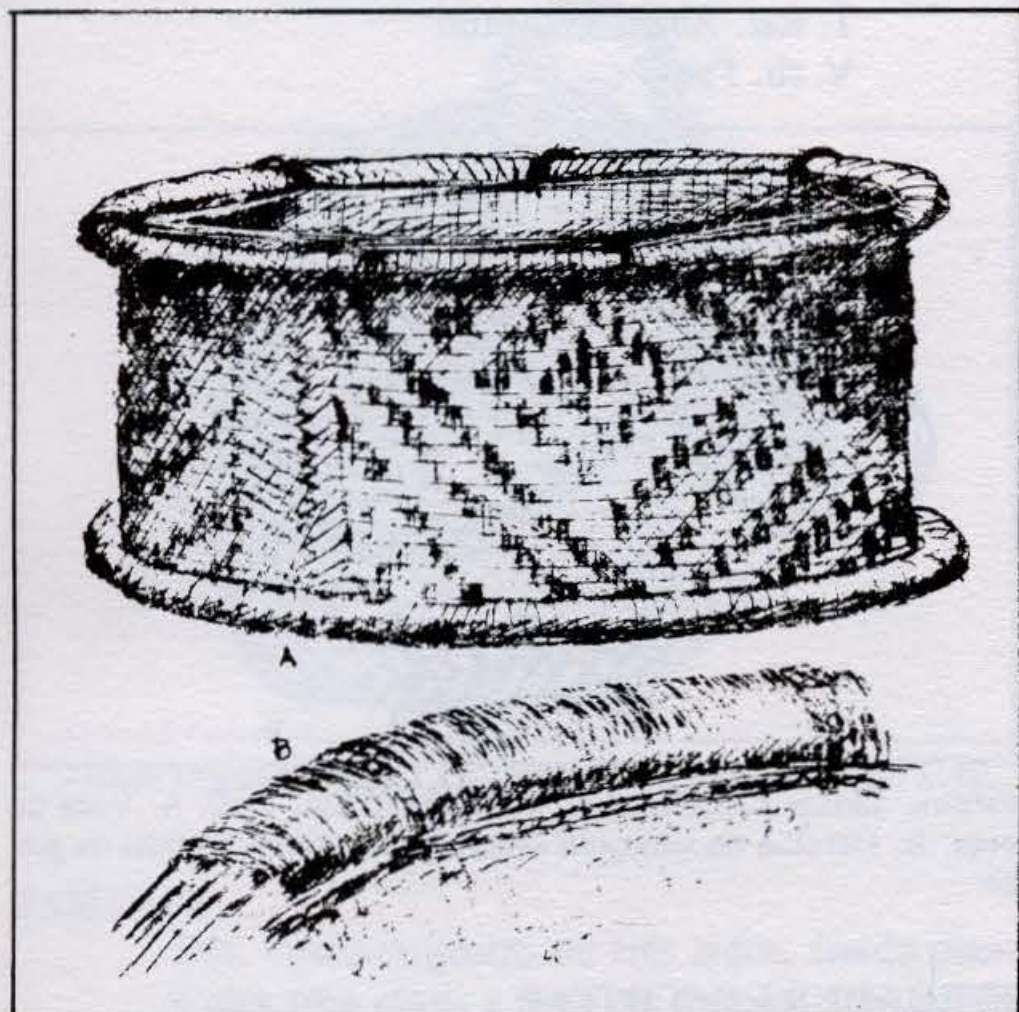
T. Gen. Trançados para uso e adorno pessoal (05)

T. Rel. Cinta trançada

Cinto trançado. Índios Gorotíre-Kayapó, M.N. nº 38.288. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado: xadrezado em diagonal.

COADEIRA

Use: CUMATÁ

COROA TRANÇADA

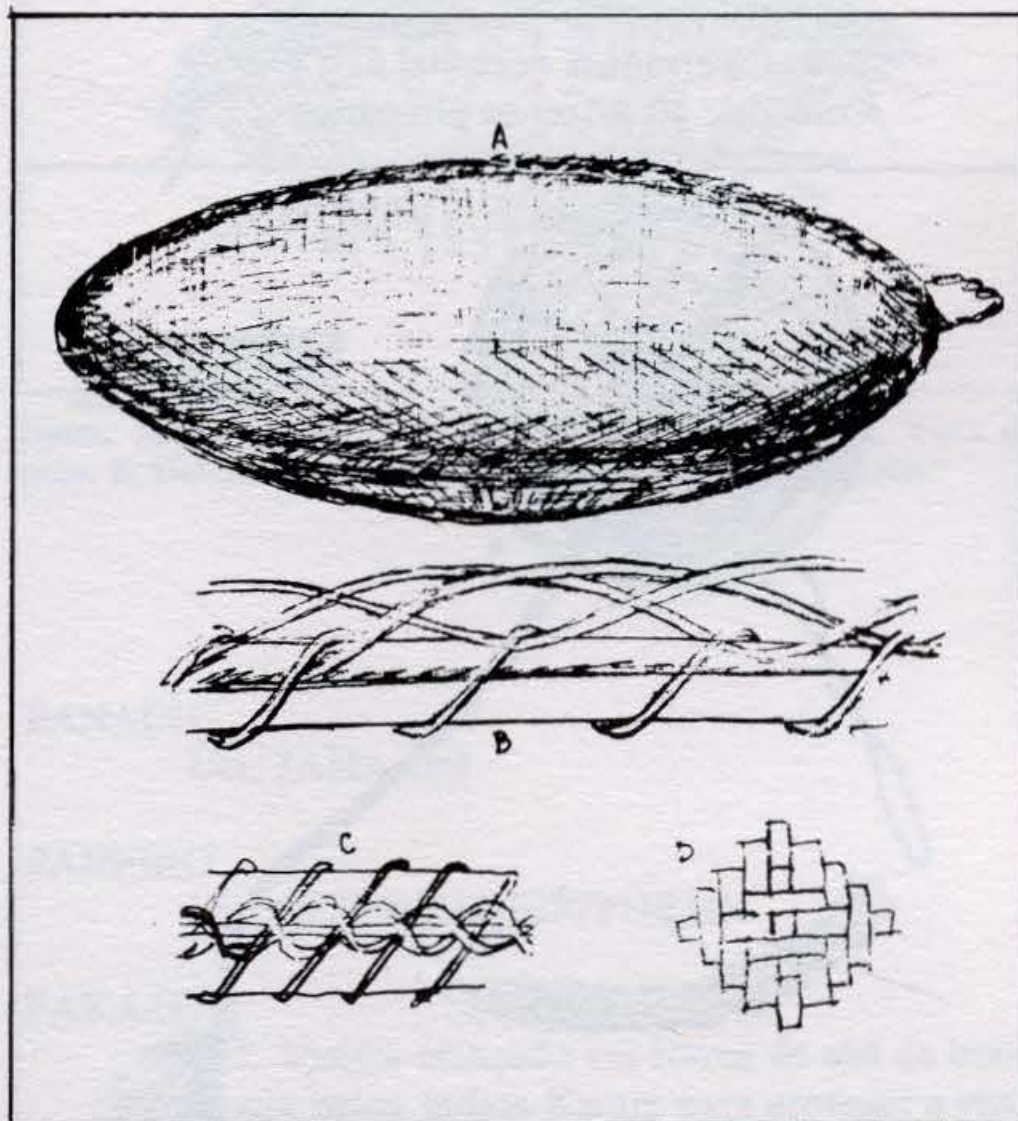
Def. Objeto trançado de pouca altura que cinge a cabeça servindo ou não como suporte para adorno plumário.
T. Gen. Trançados para uso e adorno pessoal (05)
T. Rel. Aro trançado
Consulte: 40 Adornos plumários

Coroa trançada. Índios Kalapálo, M.N. nº 38.715. Esc. 1:3,3. A. Vista da peça. B. Detalhe do arremate.

COVO

Def. Armadilha de pesca oblonga, fechada em funil na parte posterior, alargada na do meio e extrovertida na anterior. As varetas são unidas entre si por trançado torcido. Ao penetrar no covo, o peixe não pode movimentar-se para sair pela abertura. O covo ou matapi, da mesma forma que a nassa é cercado de caniçadas ou folhagens para obrigar o peixe a cair na armadilha. Empregado às vezes com mola e isca.
Sin. Matapi
T. Gen. Trançados para a caça e a pesca (02)
T. Rel. Nassa
V. tb. Processos de manufatura (20.03)

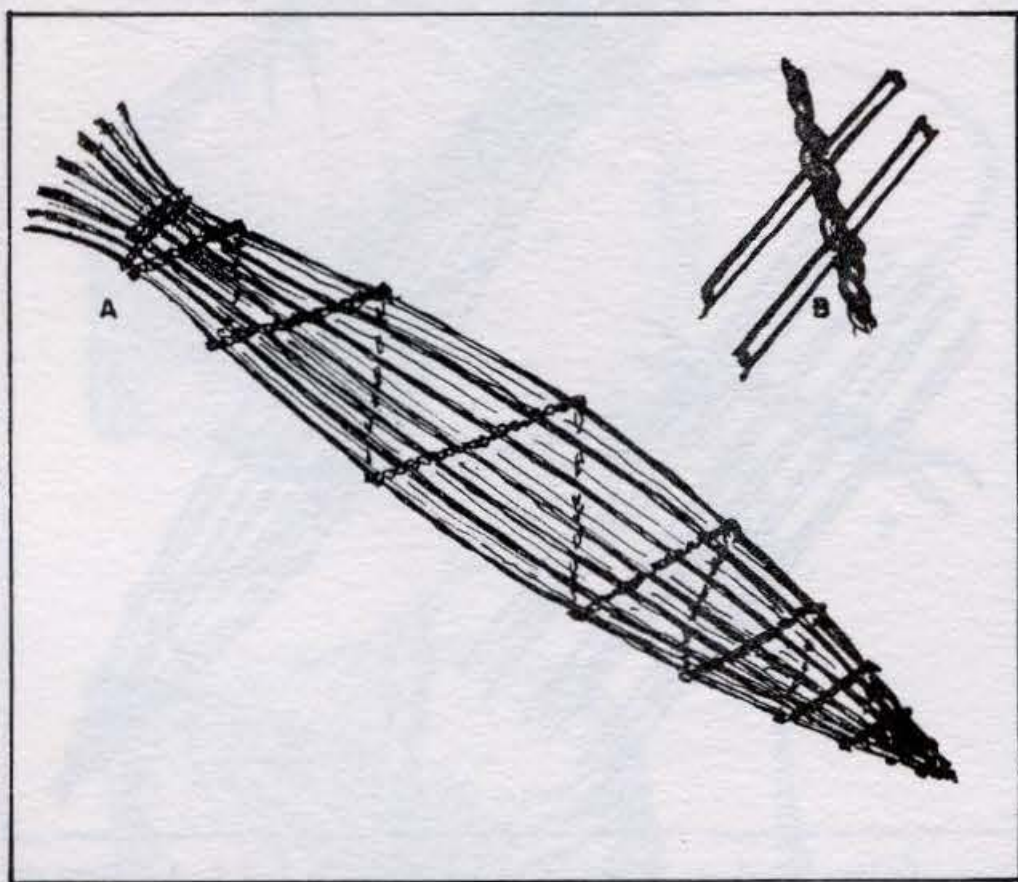
Covo. Índios Desâna, M.N. nº 40.271. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado. C. Detalhe da bifurcação da ripa disposta ao avesso.

CUMATÁ

Def. Cesto-coador em forma de tigela rasa e avantajada. É usado para extrair o primeiro veneno (manicoera) da polpa da mandioca amarga por todos os grupos indígenas do alto rio Negro, onde é conhecido por essa designação, originária da língua geral.
Sin. Coadeira
T. Gen. Trançados para o processamento da mandioca (03)
T. Rel. Peneira
V. tb. Apá .
Cesto tigeliforme

Cumatá. Índios Wanâna, M.N. nº 40.132. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Vista lateral do arremate da borda. C. Arremate da borda visto de cima: com entremeio de trança. D. Detalhe do início do trançado: umbigo olho.

DEFUMADOR TRANÇADO

Def. Cesto oblongo ou retangular suspenso sobre o fogo usado no alto rio Negro para defumar pimenta e, eventualmente, invertebrados comestíveis.

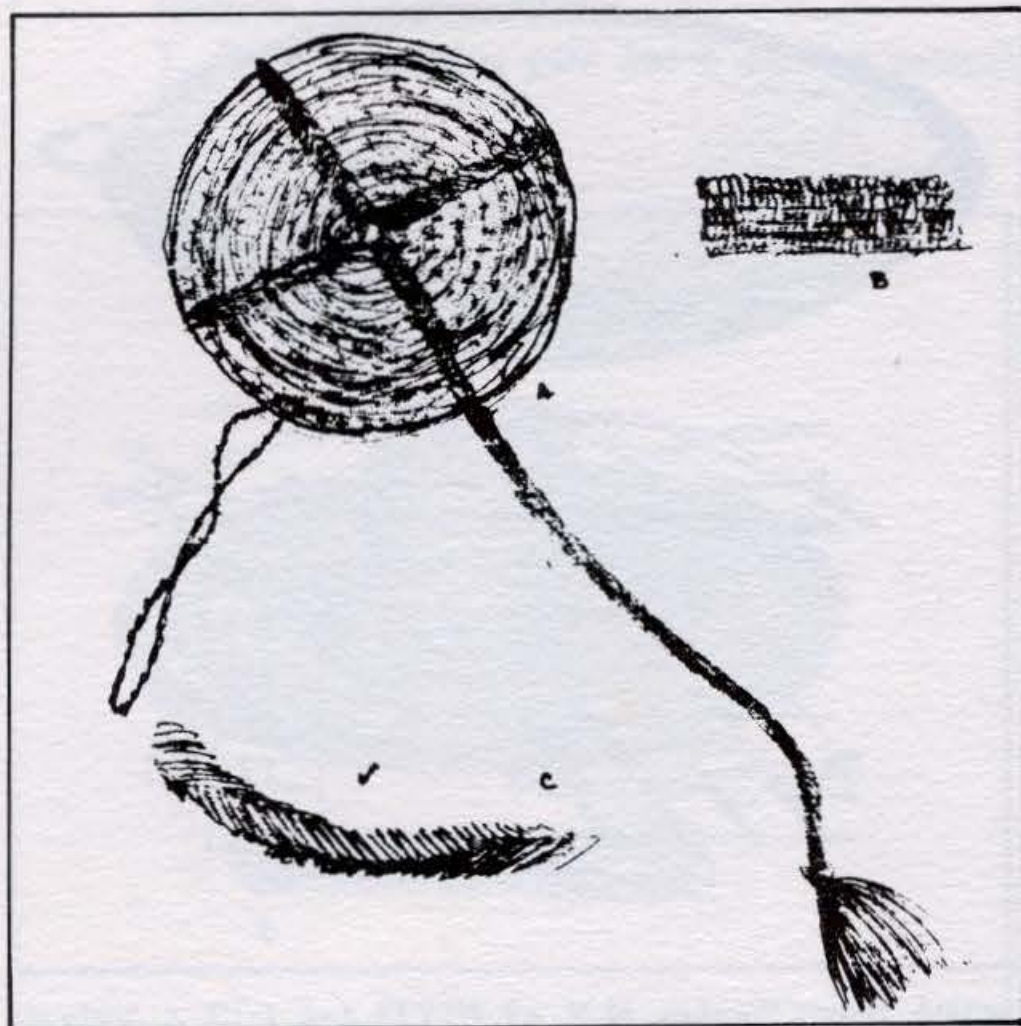
T. Gen. Trançados para uso e conforto doméstico (01)

Cesto defumador de pimenta. Índios Desâna, M.N. nº 40.272. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe de fixação das varetas.

DISCO OCCIPITAL

Def. Roda, provida de orifício central, construída pelo envolvimento progressivo de uma tala de taquara por fio de algodão. Pelo orifício passa uma alça, que cinge a testa, firmando o disco no occipicio. Nele se apoia o toucado: adorno plumário dos índios Kayapó.

T. Gen. Trançados para uso e adorno pessoal (05)

T. Rel. Ferradura occipital

Consulte: 40 Adornos plumários

Disco occipital, suporte de adorno plumário. Índios Mentuktíre, M.N. nº 40.046. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado embricado. C. Detalhe do pingente de algodão.

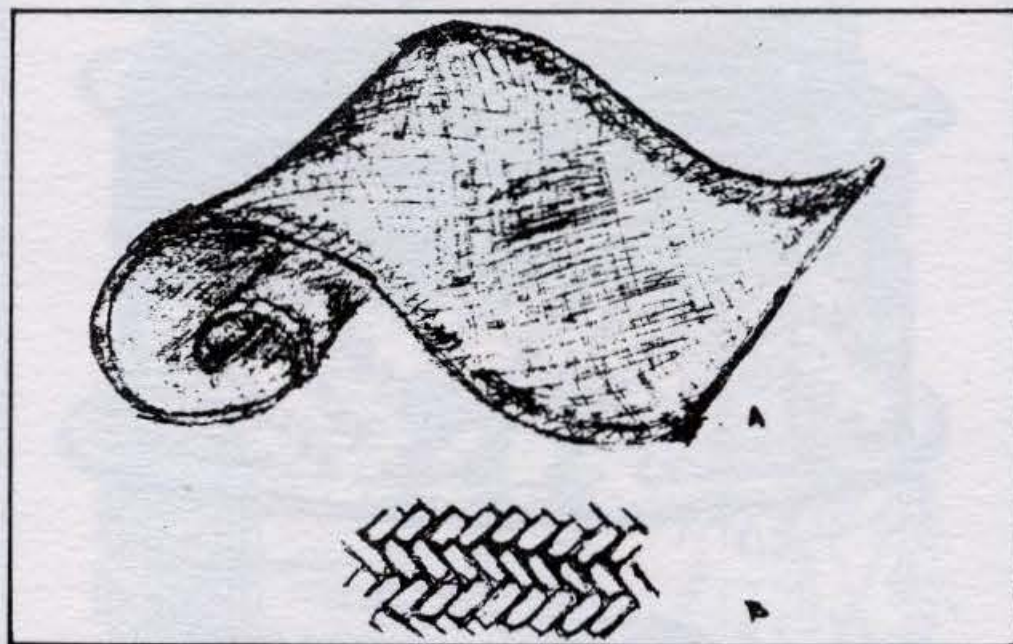
ESTEIRA

Def. Trançado de duas dimensões e tamanhos variados usado como leito, assento, cobertura e divisória interna das casas, tapume das entradas da casa e como paravento. E, ainda, para cobrir a carga nas canoas.

Sin. Tupé

T. Gen. Trançados para uso e conforto doméstico (01)

T. Rel. Abano trançado

V. tb. *Tuaví*

Esteira. Índios Krikatí, M.N. nº 39.757. Esc. 1:20. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado sarjado com padrão espinha de peixe.

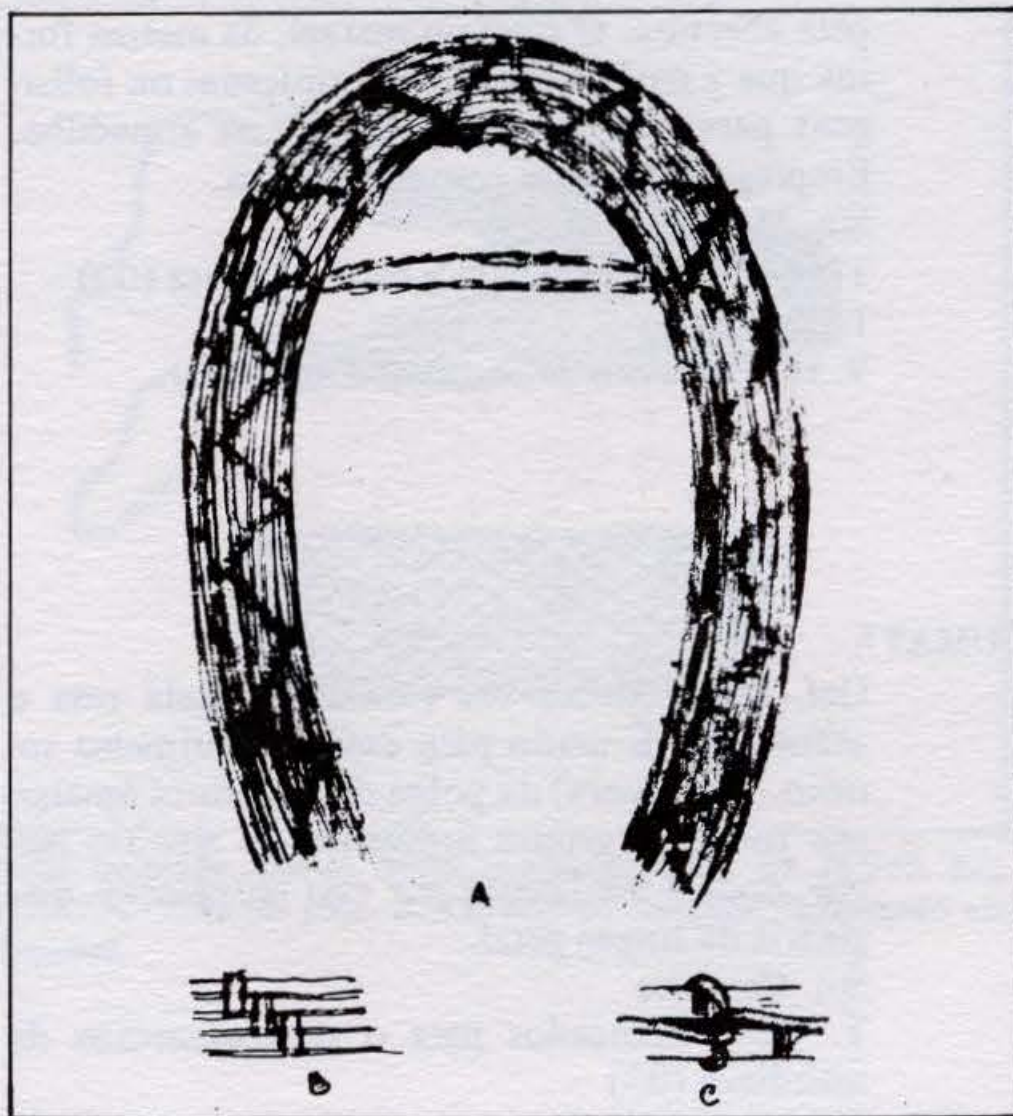
FERRADURA OCCIPITAL

Def. Aro duplo, de trançado embricado, preso ao occipício por uma alça que cinge a testa. O adorno plumário – diadema occipital rotiforme – é introduzido entre os dois arcos que lhe servem de suporte.

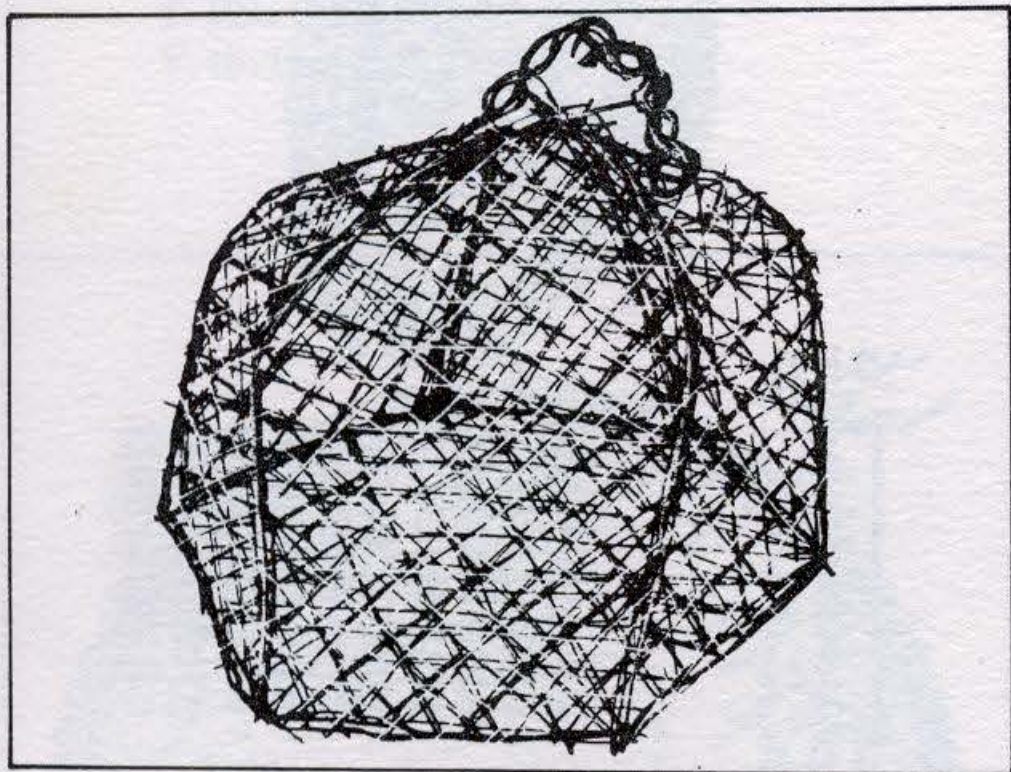
T. Gen. Trançados para uso e adorno pessoal (05)

T. Rel. Disco occipital

V. tb. Processos de manufatura (20.03)

Consulte: 40 Adornos plumários

Ferradura occipital, suporte de adorno plumário. Índios Gorotíre, M.N. nº 35.730. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado embricado. C. Detalhe da união dos dois aros.

GAIOLA TRANÇADA

Def. Cestos bojudos de variadas formas, de trançado hexagonal, para serem mais leves e permitirem a entrada do ar, com alça para transportar aves e pequenos animais.
T. Gen. Trançados como meios de transporte de carga (04)
V. tb. Processos de manufatura (20.03)

.Gaiola trançada. Índios Tariâna, M.N. nº 40.247. Esc. 1:10.

JAMAXIM

Def. Cesto-cargueiro de três lados, fundo plano e alça para cingir a testa ou carregar nos ombros como mochila. Feito geralmente de trançado hexagonal para ser mais leve. É usado para transportar produtos da roça e da mata, para a locomoção de rede e outros pertences durante as viagens.
Sin. Panacu
T. Gen. Trançados como meios de transporte de carga (04)
V. tb. Processos de manufatura (20.03)

Jamaxim. Índios Guajajara, M.N. nº 20.328. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado.

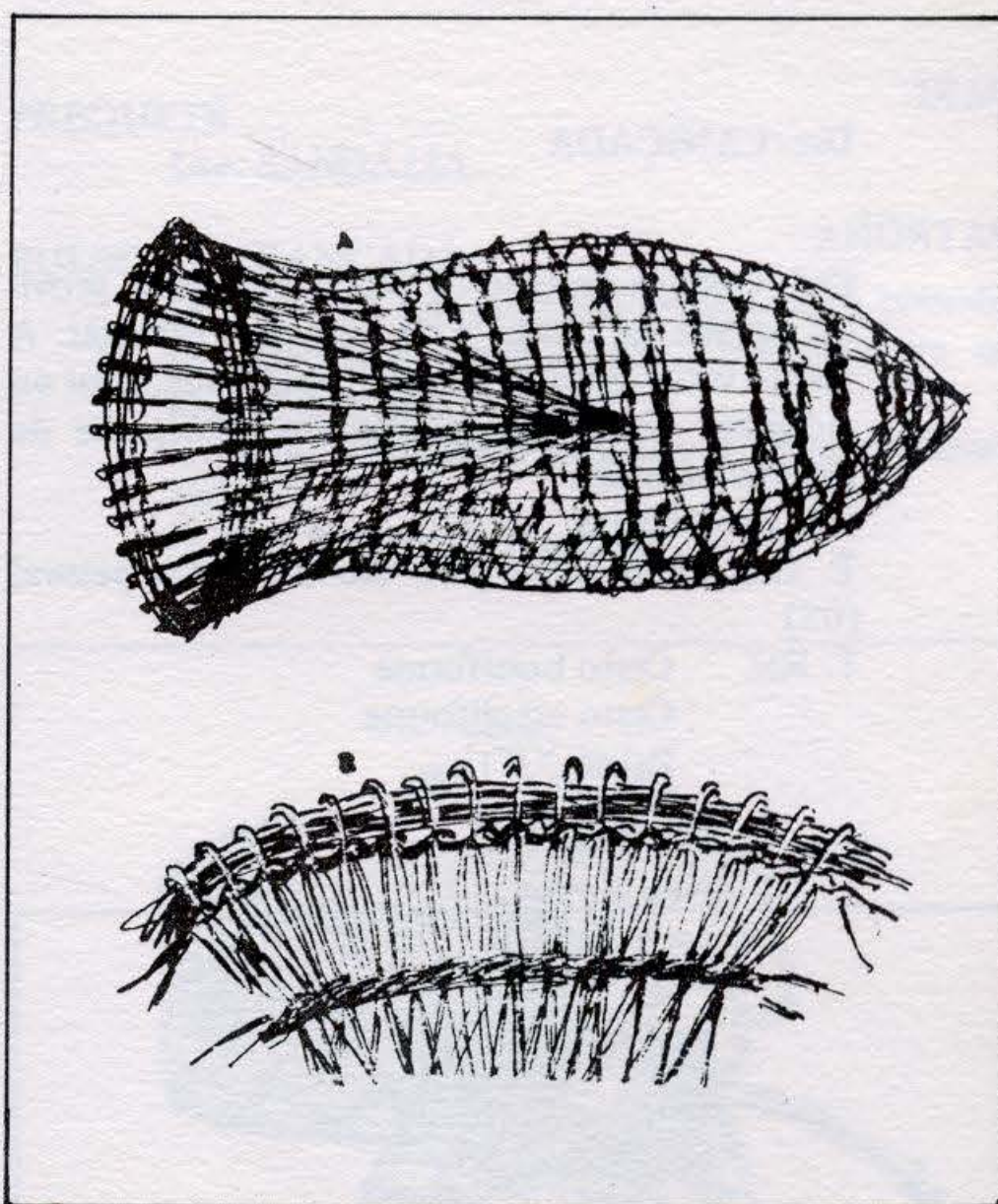
JEQUI

Use: NASSA

MATAPI

Use: COVO

NASSA

Def. Cesto cilíndrico afunilado para a extremidade posterior, com reforço de anéis de cipó, provido de um cone ("coração") interno, ocupando metade da extensão do cesto, feito de varetas soltas mas muito próximas umas das outras. O cone interno se abre quando o peixe penetra na armadilha e se fecha à sua passagem. É empregado em águas encachoeiradas cercado de uma barragem para obrigar o peixe a entrar na cilada.
Sin. Jequi
T. Gen. Trançados para a caça e a pesca (02)
T. Rel. Covo

Nassa. Índios Waurá, M.N. nº 37.791. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do arremate anelar e do trançado torcido.

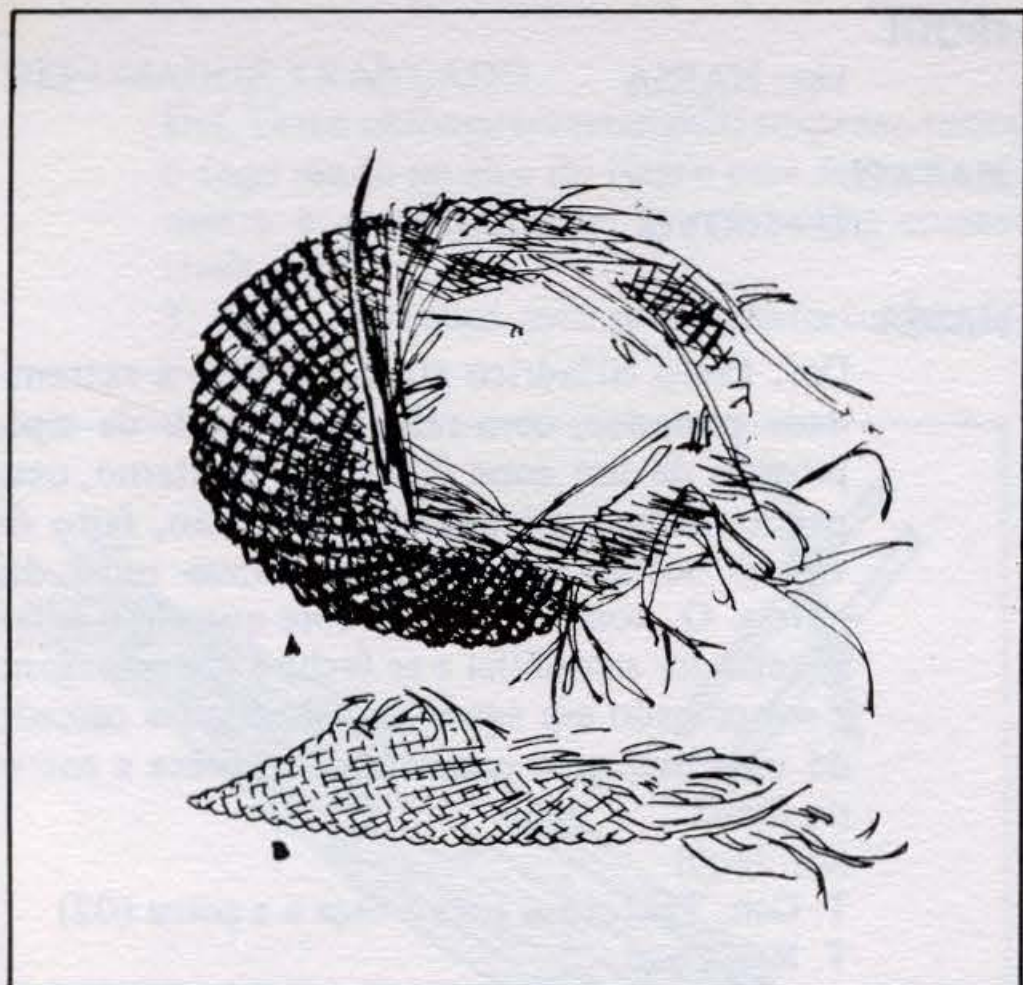
PANACU

Use: JAMAXIM

PANEIRO

Use: CESTO PANEIRIFORME

PARÁ-SOL

Def. Viseira trançada em forma de aba de boné. Usada pelos índios Karajá para proteger a vista.
T. Gen. Trançado para uso e adorno pessoal (05)
T. Rel. Chapéu trançado

Pára-sol. Índios Karajá, *apud* Krause 1911:206 fig. 33. Esc. aprox. 1:7,5. A. Vista superior. B. Vista lateral.

Patrona. Índios Kadiwéu, M.N. nº 37.590. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado costurado. C. Detalhe da alça.

PARI

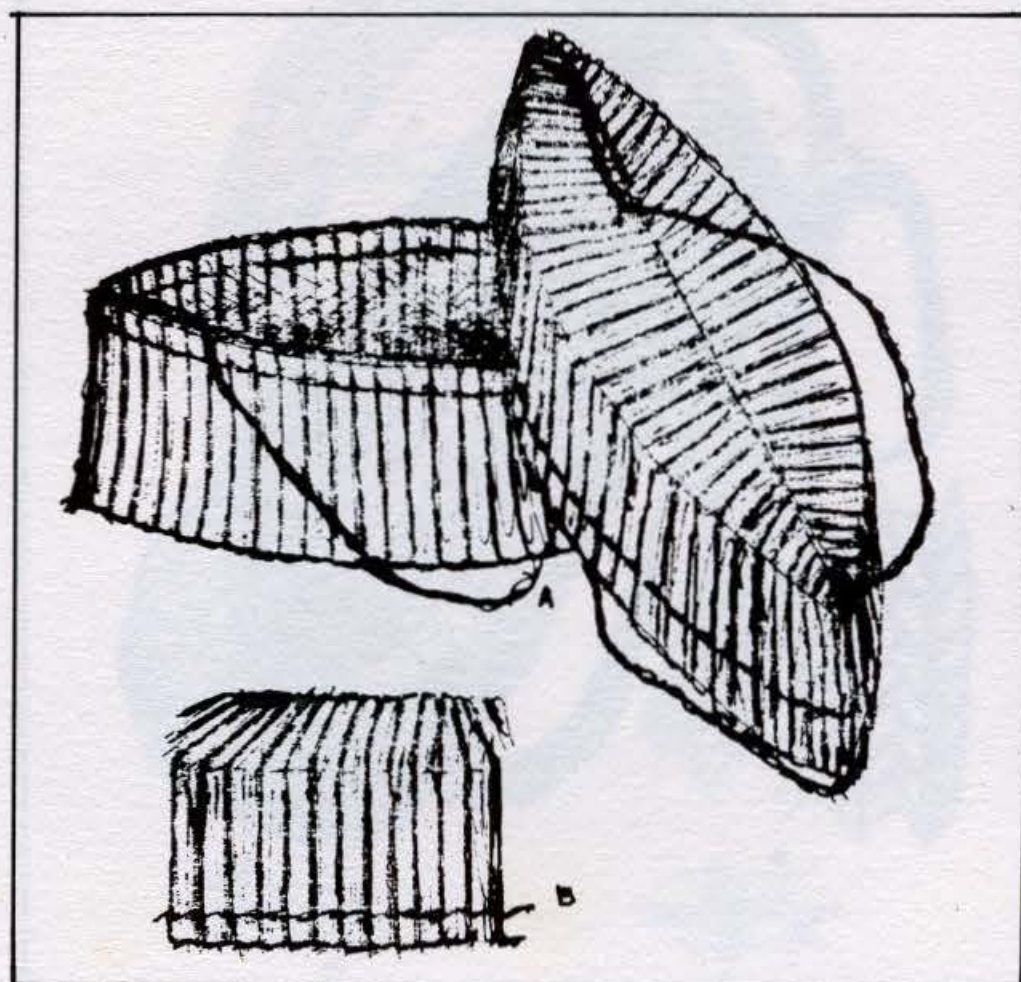
Use: CANIÇADA

PATRONA

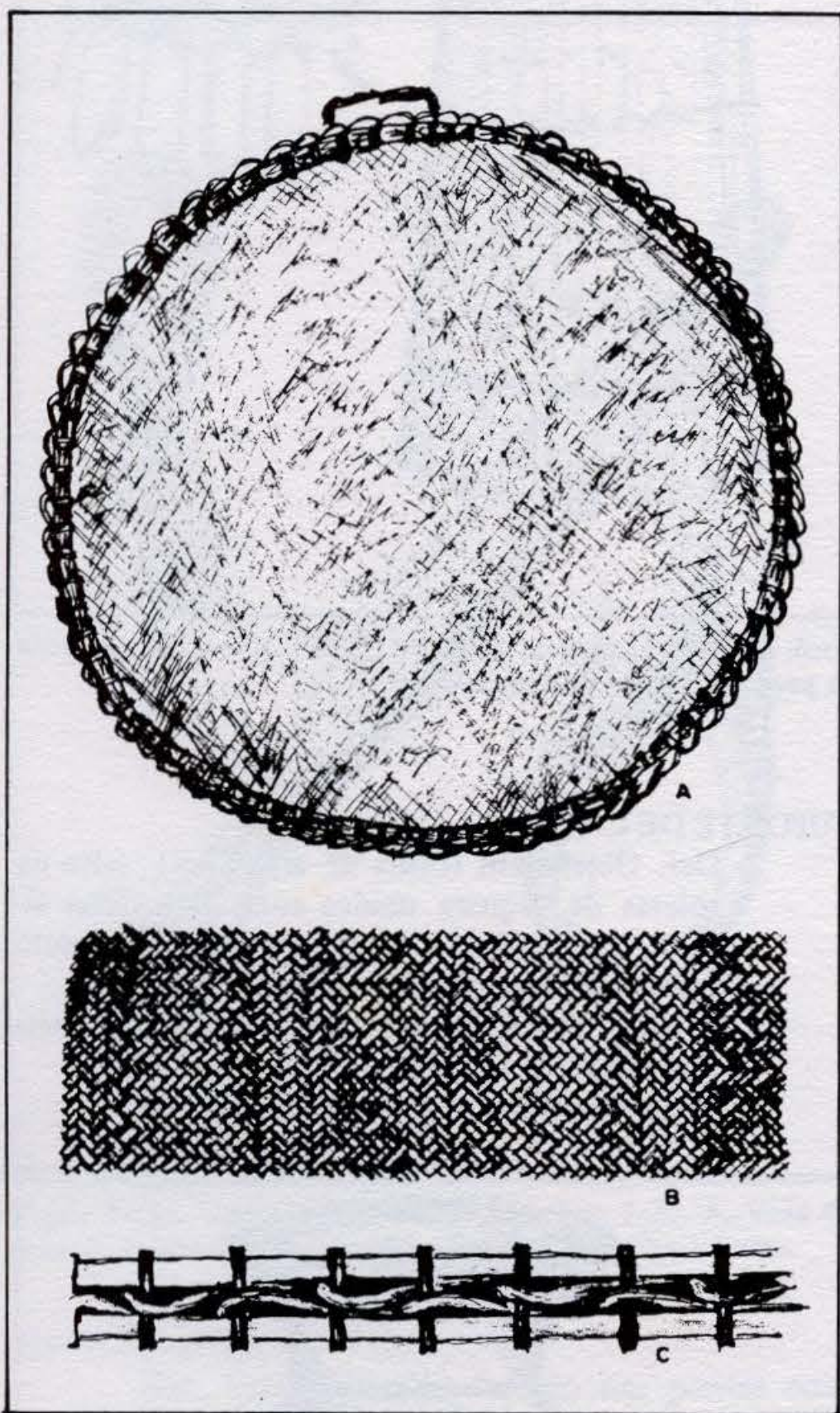
Def. Cesto-recipiente de estrutura rígida, provido de aba ou tampa e de alça para carregar. A forma varia entre retangular, quadrada, oval ou redonda. Usado na guarda ou transporte de objetos pessoais.
Sin. Cartucheira
T. Gen. Trançados para uso e adorno pessoal (05)
T. Rel. Cesto bolsiforme
Cesto estojiforme
Patuá

Patrona (cesto estojiforme). Índios Asuriní, M.N. nº 40.877. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado (enlaçado com trama flexível) no anverso. C. Detalhe do reverso.

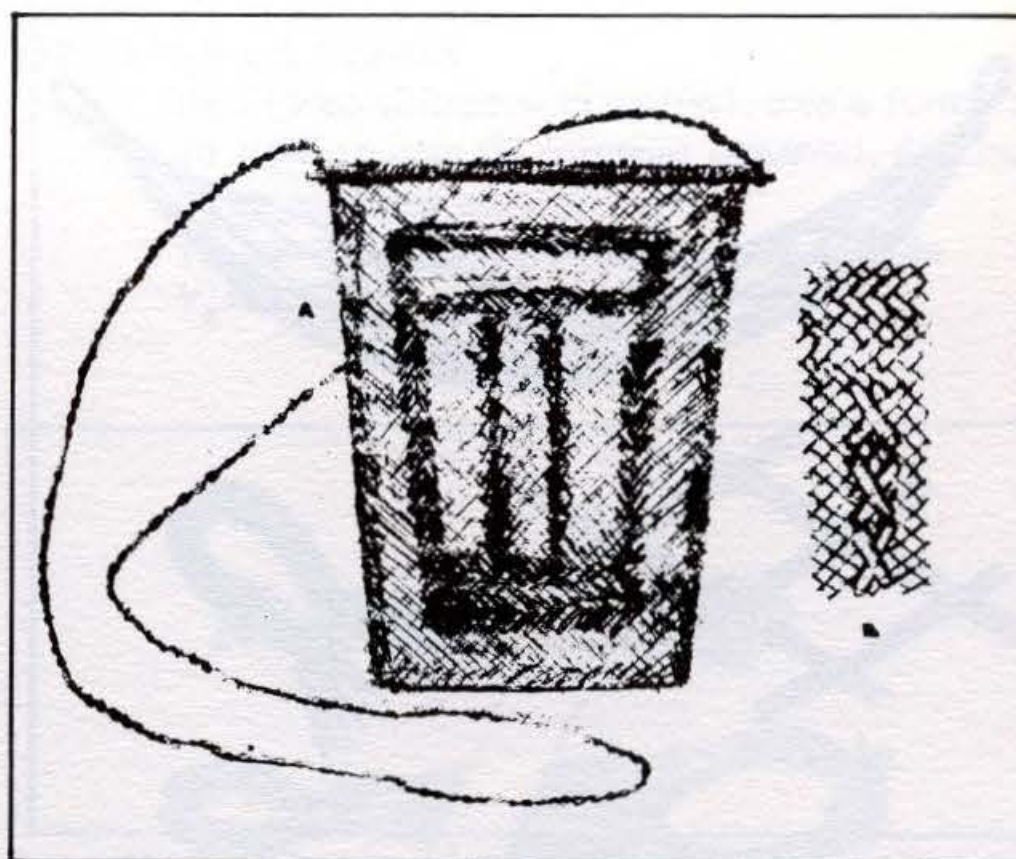
PATUÁ

Def. Cesto recipiente estojiforme, de conformação elíptica, retangular ou quadrada, confeccionado segundo a técnica dobrada. De uso pessoal, presta-se à guarda dos bens mais valiosos, como os adornos plumários.
T. Gen. Trançados para uso e adorno pessoal (05)
T. Rel. Cesto estojiforme
Patrona
V. tb. Processos de manufatura (20.03)
Consulte: 40 Adornos plumários

Patuá. Índios Karajá, M.N. nº 28.626. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça: recipiente e tampa telescópica. B. Detalhe da técnica de confecção (dobrado).

PENEIRA

Def. Cesto platiforme, isto é, raso, em forma de prato, circular, retangular ou quadrado. Apresenta-se de crivo aberto, na parte central, ou com as talas relativamente afastadas para cernir a farinha.
Sin. Tamiz
T. Gen. Trançados para o processamento da mandioca (03)
T. Rel. Cumatá
V. tb. Cesto platiforme

Peneira. Índios Wanâna, M.N. nº 40.134. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado. C. Detalhe do arremate: aro duplo com entremeio de corda.

PINGENTE TRANÇADO DORSAL

Def. Pequena esteira retangular, feita segundo a técnica de trançado sarjado e bordado, provida ou não de ornato plumário, pendente sobre a nuca, de uso infantil.
T. Gen. Trançado para uso e adorno pessoal (05)
V. tb. Processos de manufatura (20.03)

Pingente trançado dorsal. Índios Mentuktíre, M.N. nº 40.055. Esc. 1:2. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado bordado.

PREQUETÉ

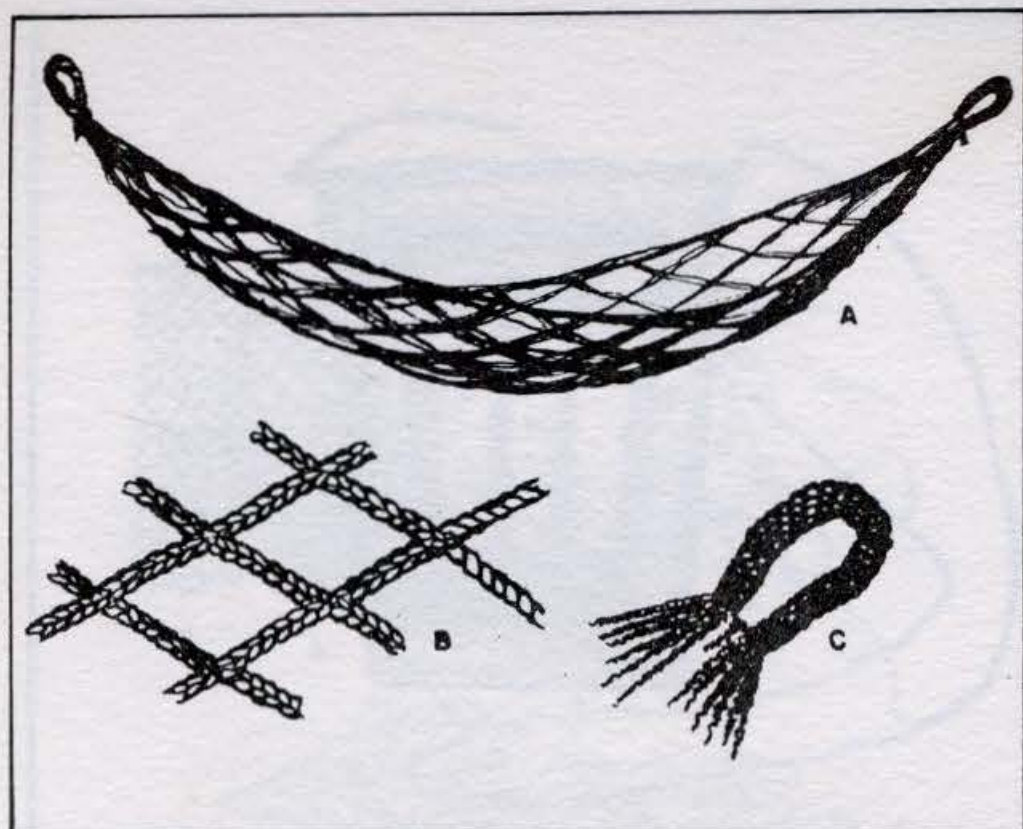
Use: SANDÁLIA

PULSEIRA TRANÇADA

Def. Ornato trançado que cinge o pulso provido de apêndices ornamentais. Comum entre os grupos Kayapó.
T. Gen. Trançados para uso e adorno pessoal (05)
T. Rel. Braçadeira trançada

Pulseira trançada. Índios Kayapó. *Apud* Fritz Krause 1911:384. M.I. nº 8068, índios Gorotíre-Kayapó.

REDE DE DORMIR TRANÇADA

Def. Leito balouçante feito de flabelos de folha de palmeira por entrançamento. Comum entre os índios Xerente e alguns grupos Timbíra.
T. Gen. Trançados para uso e conforto doméstico (01)

Rede trançada. Índios Krahó, M.N. nº 38.245. Esc. 1:33,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da trança. C. Detalhe do punho.

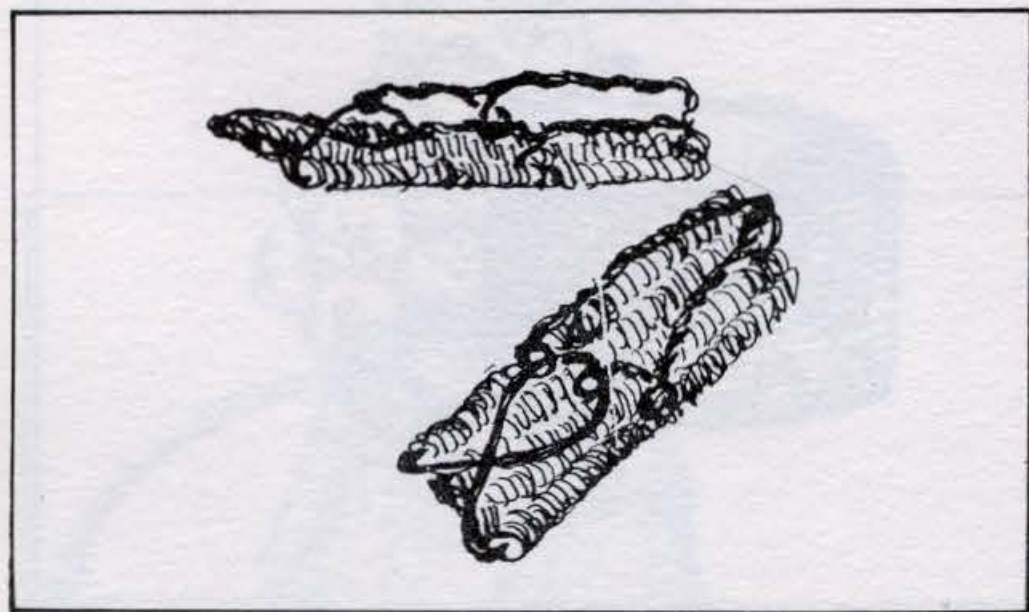
SAMBURÁ

Use: CESTO VASIFORME

SANDÁLIA TRANÇADA

Def. Calçado constituído de sola e presilhas para prender os dedos do pé feito com matéria-prima e técnica de trançado. Registrado em uso entre os Krahó, Karajá e índios das Guianas. Prequeté é, segundo Gastão Cruls (1945: 286), a "sandália de que se servem os índios para andar nos campos. É feita de talos de buriti".

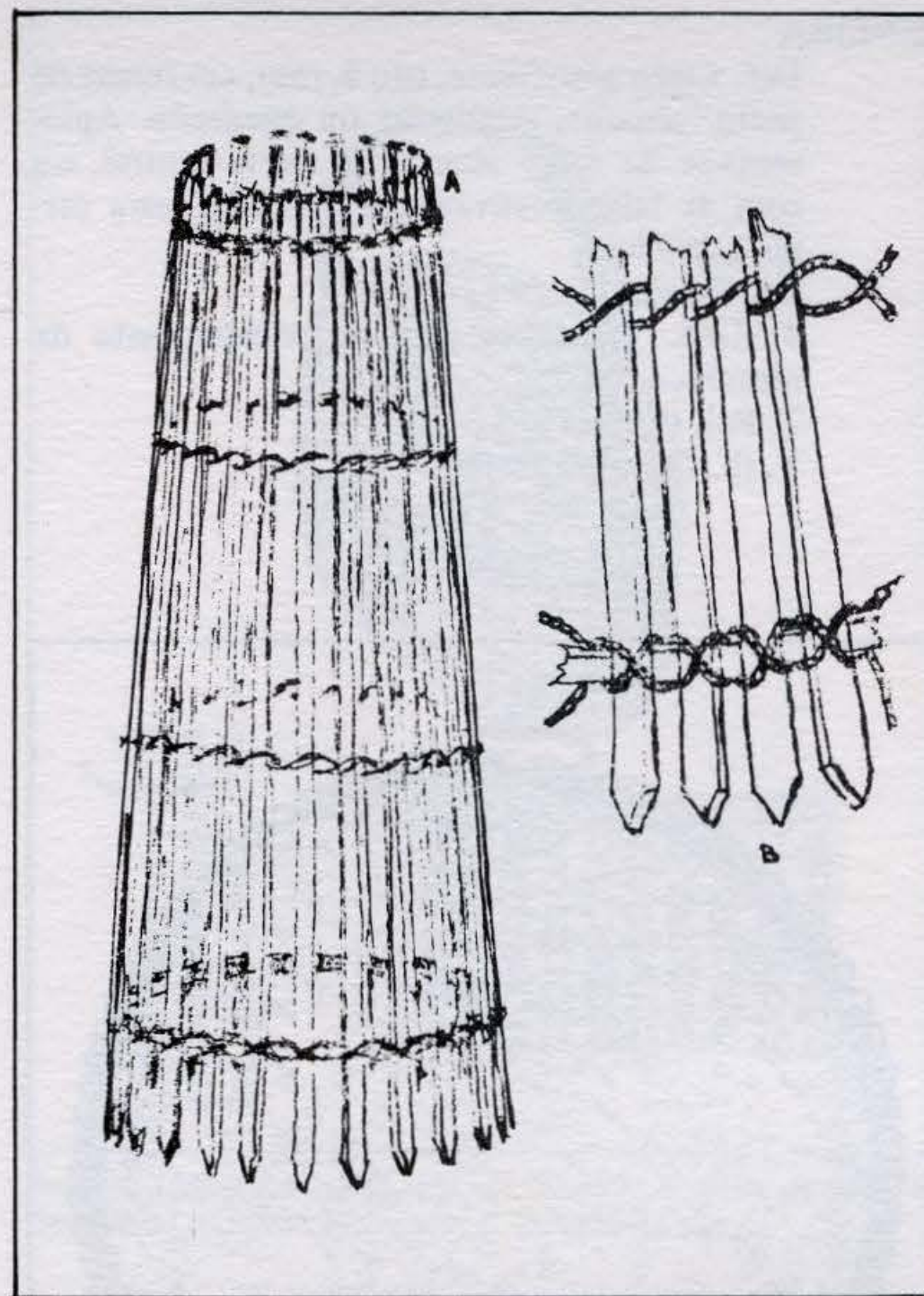
Sin. Prequeté

T. Gen. Trançados para uso e adorno pessoal (05)

Sandália trançada. Índios Krahó, M.N. nº 38.154. Esc. 1:7,5.

SOCÓ

Def. Armadilha de pesca em forma de cone truncado feito de lascas de madeira, ou talas da nervura da folha do babaçu, aguçadas na extremidade inferior. Usada em águas rasas, é jogada sobre o peixe para aprisioná-lo. A designação "socó" (*mororó* em Tenetehara) é comum na região, segundo Wagley & Galvão (1961:223).

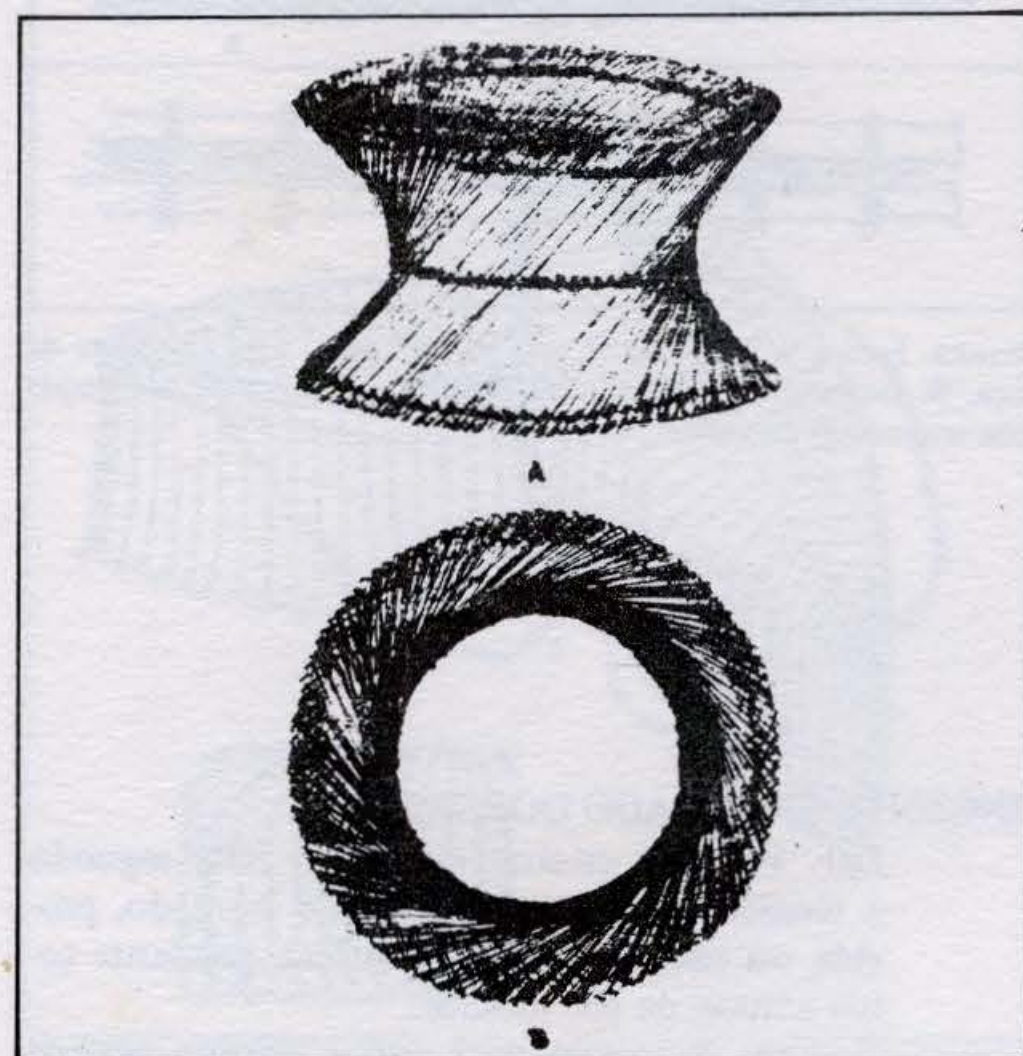
T. Gen. Trançados para caça e pesca (02)

T. Rel. Covo
Nassa

Socó. Índios Tenetehara, M.N. nº 33.954. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado.

SUPORTE DE CABAÇA

Def. Objeto em forma de ampulheta feito de roletes de taquara unidos entre si a várias alturas por trançado torcido. Serve de suporte para cuias, cabaças ou panelas de cerâmica.

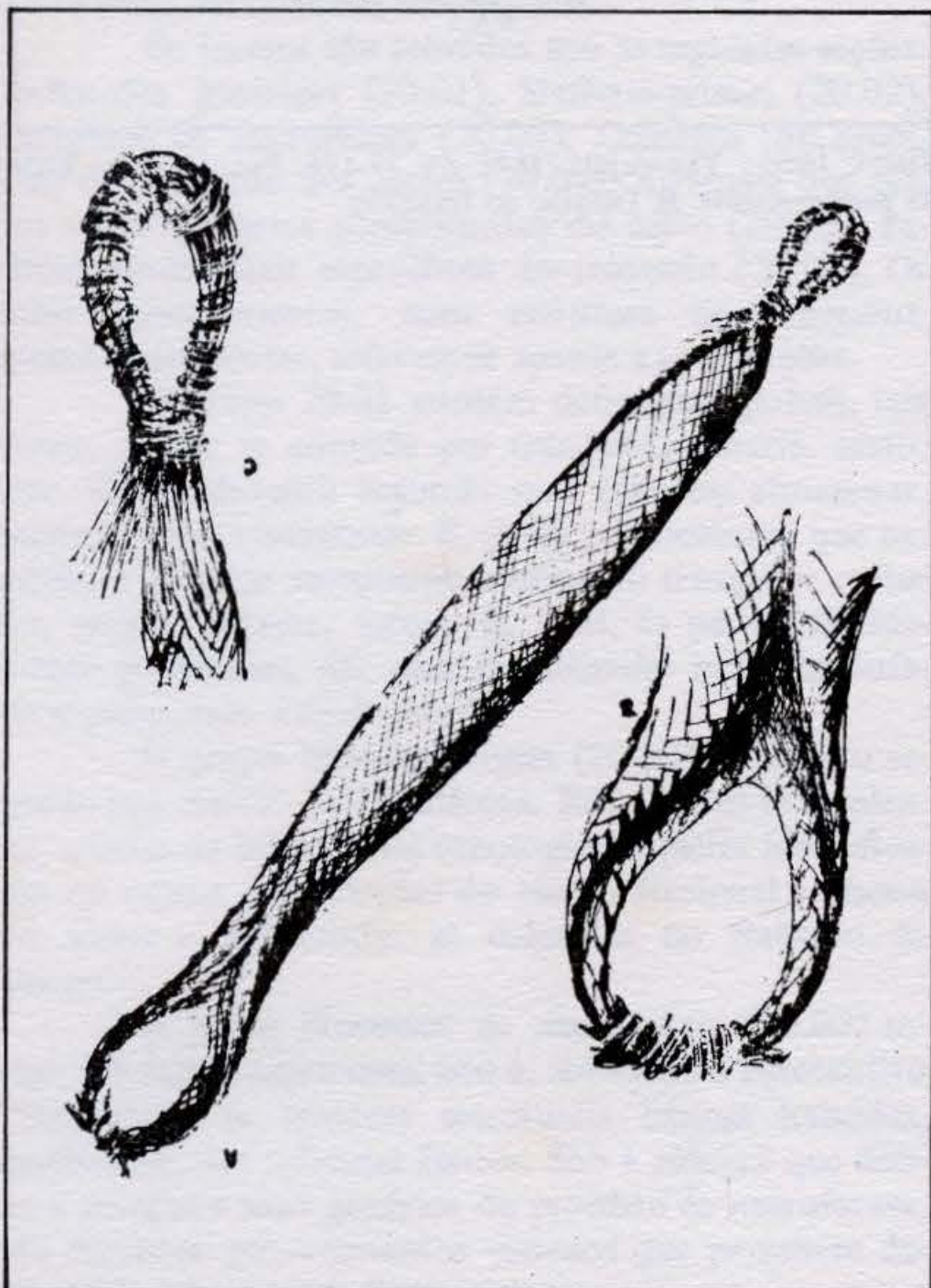
T. Gen. Trançados para uso e conforto doméstico (01)

V. tb. Processos de manufatura (20.03)

Suporte de cabaça ou de panela. Índios Kuikúro, M.N. nº 35.964. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Vista superior da peça.

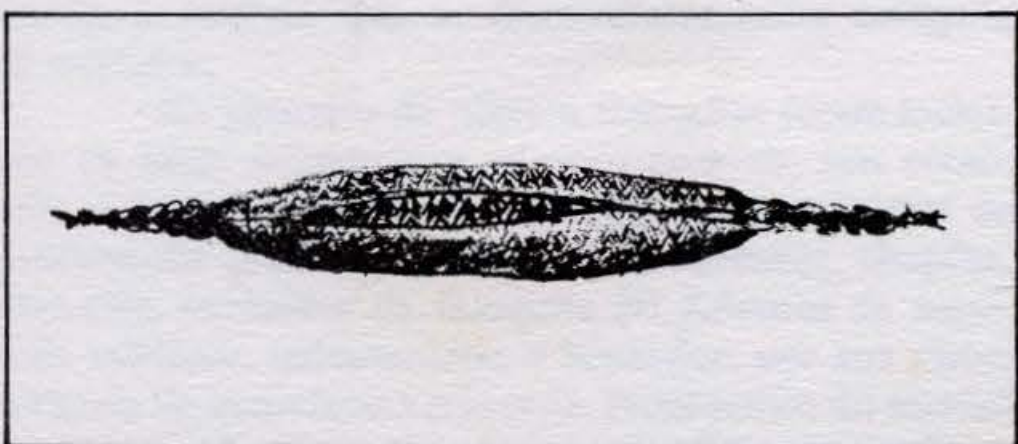
TAMIZ

Use: PENEIRA

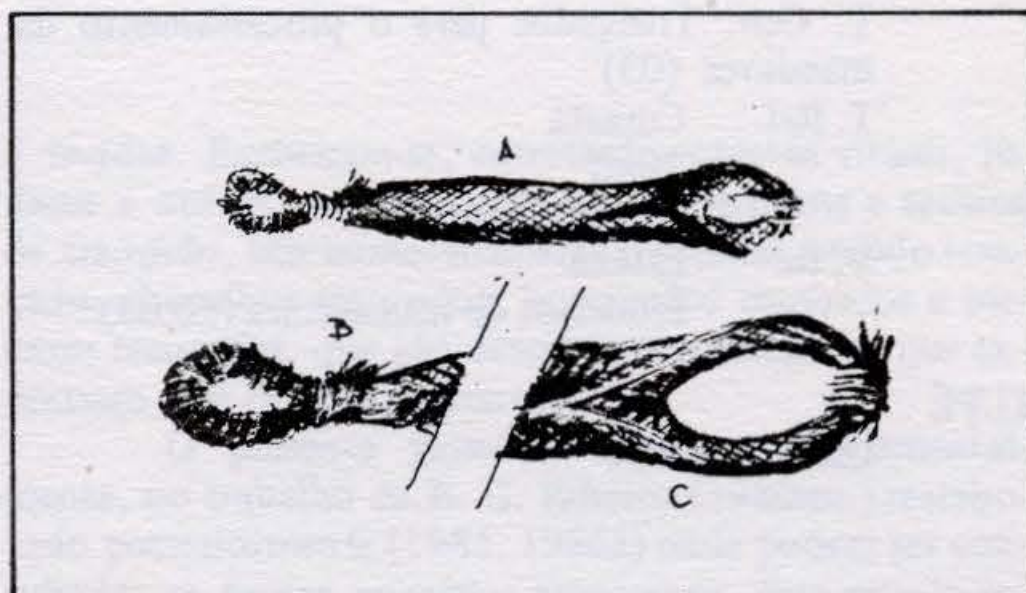
TIPITI

Def. Cesto cilíndrico extensível, com abertura na parte superior e duas alças: a de cima para prender a um ponto fixo; a de baixo para introduzir a alavanca e fazê-lo distender-se. Usado para extrair o ácido hidrociânico da mandioca brava.
T. Gen. Trançado para o processamento da mandioca (03)
T. Rel. Tipiti de torção
V. tb. Tipiti para a venda

Tipiti. Índios Tukúna, M.N. nº 32.752. Esc. 1:20. A. Vista da peça. B. Detalhe da alça superior. C. Detalhe da alça inferior.

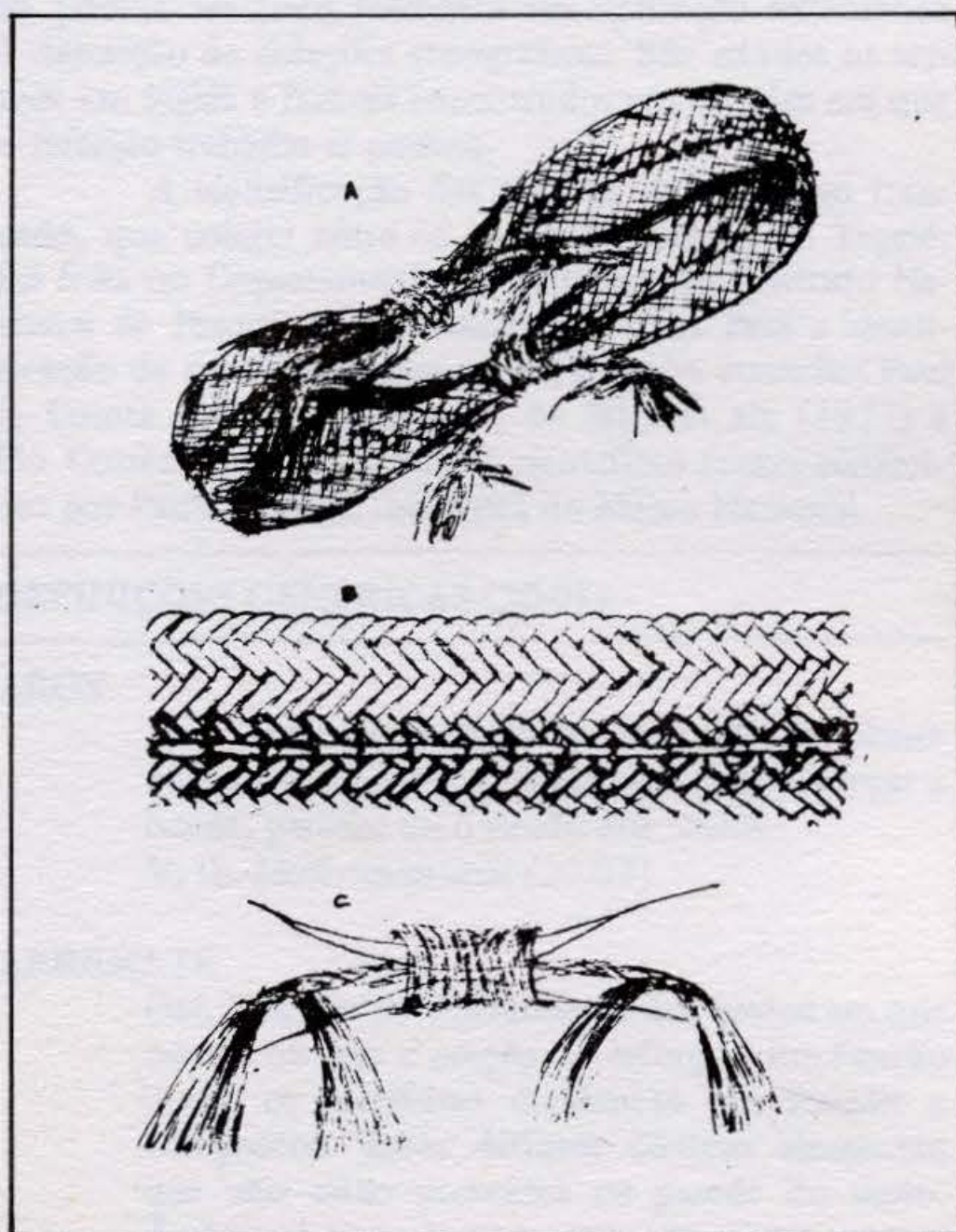
TIPITI DE TORÇÃO

Def. Cesto oblongo torcido nas pontas com uma abertura no sentido do comprimento onde se coloca a polpa da mandioca brava para extrair, por torção, o ácido hidrociânico. Registrado entre os grupos Kayapó e Timbíra.
T. Gen. Trançados para o processamento da mandioca
T. Rel. Tipiti

Tipiti de torção. Índios Mentuktíre-Kayapó, M.N. nº 40.047. Esc. 1:10.

TIPITI PARA A VENDA

Def. Cesto cilíndrico extensível, com o formato do tipiti, porém de pequeno tamanho, destinado ao comércio externo.
T. Gen. Trançados específicos para a venda
V. tb. Tipiti

Tipiti para a venda (miniatura). Índios Tukâno, M.N. nº 40.055. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. C. Detalhe das alças.

TIPÓIA TRANÇADA

Def. Faixa trançada que se usa a tira-colo para carregar criança pequena. Encontrada entre os grupos Kayapó e Timbíra.
T. Gen. Trançados como meios de transporte de carga (04)

Tipóia trançada. Índios Mentuktíre (ou Txukahamãi) M.N. nº 40.050. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado, inclusive o relevo "bordado". C. Detalhe do arremate frontal com pingentes.

TUAVÍ

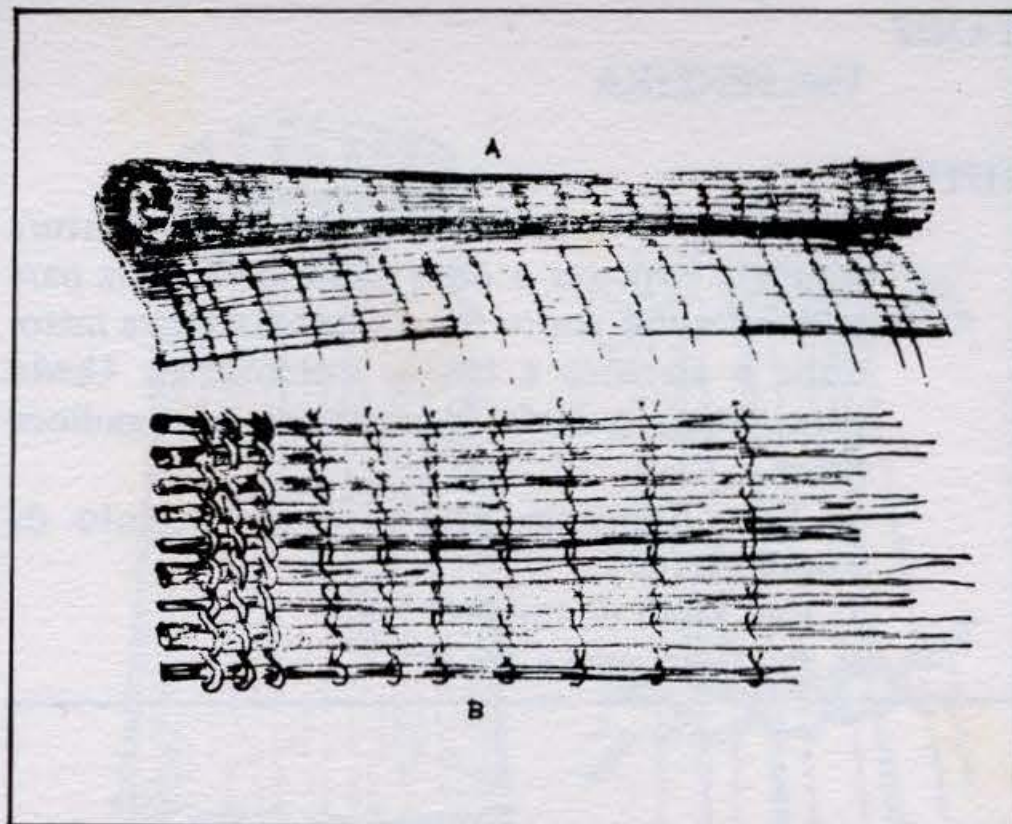
Def. Designação tribal alto-xinguana de uma esteirinha usada em lugar do tipiti (ou da cumatá) pelas tribos dessa área a fim de comprimir a massa ralada da mandioca brava e filtrar o ácido hidrociânico. Confeccionada com a nervura da folha do buriti segundo a técnica de trançado torcido.

T. Gen. Trançados para o processamento da mandioca (03)

T. Rel. Cumatá
Tipiti
Tipiti de torção

V. tb. Esteira
Processos de manufatura (20.03)

TUPÉ

Use: ESTEIRA

Tuaví. Índios Yawalapití, M.N. nº 39.476. Esc. 1:10. A. Vista da peça enrolada. B. Detalhe do trançado.

20 TRANÇADOS

GLOSSÁRIO COMPLEMENTAR (20.00)

A exemplo do glossário complementar da cerâmica, apresentamos aqui as definições que completam as dos itens, a fim de uniformizar a terminologia necessária à descrição das coleções etnográficas.

Os termos são reunidos sob as seguintes seções: Definições genéricas (20.01), Matérias-primas (20.02), Processos de manufatura (20.03), Começos (ou umbigos) do trançado dos cestos (20.04), Arremate dos cestos (20.05), Partes componentes do cesto (20.06), Padrões ornamentais específicos do trançado (20.07). Os inter-relacionamentos, com estrutura de *thesaurus*, quando pertinentes, referem-se apenas a essas seções.

O grupo 20.01 contêm definições globais, tais como, o que se entende por trançado, cestaria, cesto, este último descrito segundo suas funções: armazenar, tamizar, coar, transportar. E, ainda, os vocábulos que explicitam técnicas estruturais básicas do trançado: costurar, cruzar, enlaçar, torcer. E, mais, as partes, devidamente preparadas, das plantas utilizadas nessa manufatura: palha, tala, folíolo, etc.

O grupo Matérias-primas (20.02) é descrito segundo sua classificação botânica. Relacionam-se as plantas citadas na bibliografia etnológica, aquelas identificadas no exame das coleções do Museu Nacional e Museu do Índio e, sobretudo, as coletadas no trabalho de campo.

A seção Processos de manufatura (20.03) inclui, sob forma adjetivada, isto é, abstraído o substantivo "trançado", as técnicas estruturais básicas hauridas, igualmente, das referidas fontes. Sob a rubrica que define a categoria mais genérica do processo de manufatura, são descritos procedimentos conexos que permitem decompô-la em suas principais variantes.

Os Começos (20.04) e Arremates (20.05) dos cestos esmiuçam informações sobre procedimentos presentes nos receptáculos propriamente ditos.

Equivalente à seção "Partes componentes do vasilhame", a intitulada Partes componentes do cesto (20.06) define os vocáculos pertinentes.

Os motivos decorativos, geometrizantes devido às características da matéria-prima e procedimentos técnicos, constam do glossário complementar da cerâmica (10.08). Entretanto julgamos útil acrescentar-lhes alguns verbetes sob o título Padrões ornamentais específicos do trançado (20.07), explicitando as designações atribuídas a motivos que se desenvolvem nessa categoria de artefatos.

No glossário de objetos trançados foram incluídos os itens referentes a adornos pessoais, tais como: aros e coroas (geralmente utilizados como suportes de ornamentos plumários), bem como sandalias, chapéus, pára-sóis, excluídos da categoria 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador, por sua característica de manufatura trançada. Procedemos do mesmo modo em relação a adornos pessoais feitos segundo os sistemas da tecelagem, reunidos na categoria 30 Cordões e tecidos. Excluíram-se, entretanto, objetos rituais, lúdicos e outros executados com matéria-prima e técnica de trançado, tais como: máscaras trançadas, escudo trançado, chocalhos trançados, brinquedos trançados e carcazes trançados, que são descritos nas categorias que expressam suas respectivas funções.

O presente glossário baseia-se, fundamentalmente, no trabalho de B. G. Ribeiro (1980ms.) reelaborado posteriormente (1985, 1986a) onde podem ser consultadas as fontes primárias respectivas. Esse estudo incorpora os princípios classificatórios e a taxonomia utilizada por autores de língua inglesa e francesa que procederam a um esforço semelhante, a exemplo de Mason (1904, reeditado em 1976), Balfet (1952), Adovasio (1977), O'Neale (1949, reeditado em 1986), e Roth (1924, reeditado em 1970). Ele se beneficiou, igualmente, de trabalho de campo realizado por mim entre os grupos indígenas que habitam o Parque Indígena do Xingu e o alto rio Negro, na consulta e fichamento de cerca de mil peças das coleções do Museu Nacional e Museu do Índio, bem como das monografias sobre trançados dos índios Wayâna-Aparai, de Lúcia H. van Velthen (1984) e Karajá, de Edna de Mello Taveira (1978).

Embora refeita inúmeras vezes, essa taxonomia ainda carece de burilação e aperfeiçoamento, o que só poderá ser feito mediante sua aplicação sistemática à descrição de coleções etnográficas. São citados os termos em inglês e francês encontrados nos estudos em que o referido trabalho se pautou.

A identificação das plantas utilizadas no trançado, que coletei entre os índios Desâna do rio Tiquié, foi feita no Departamento de Botânica do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Para a identificação de espécies citadas na bibliografia consultei Paul le Cointe (1947), Marlene F. da Silva et alii (1977) e Pio Corrêa (1976). Os nomes científicos foram conferidos por Paula Leclette, botânica do Museu Nacional.

DEFINIÇÕES GENÉRICAS (20.01)

AROS

Def. Anéis de madeira ou cipó, planos, plano-côncavos ou roliços, utilizados para reforçar a borda, paredes ou o fundo dos cestos.

V. tb. Matérias-primas (20.02)

ARREMATE

Def. Técnica de acabamento dos cestos em que ocorre ou não a adição de reforços. Em função disso, os arremates dividem-se em simples e compostos. Estes últimos contém elementos que não estão presentes na parede do cesto. Ambos os tipos comparecem nas quatro categorias estruturais básicas do entrançamento: 1) trançado cruzado, compreendendo os grupos arqueado, hexagonal, quadriculado e sarjado;

2) trançado enlaçado; 3) trançado torcido; 4) trançado costurado. Os tipos tecnológicos mais comuns, entre os arremates simples, são: 1) ourela simples ou auto-remate: 2) ourela dupla. Entre os arremates compostos distinguem-se: 1) acabamento anelar; 2) acabamento com aro duplo e entremeio de corda; 3) acabamento com aro duplo e entremeio de trança; 4) acabamento com aro duplo entretrançado; 5) acabamento com aros múltiplos; 6) acabamento com aro plano; 7) acabamento com aro roliço; 8) acabamentos decorativos; 9) acabamento com encaixe trançado; 10) acabamento com reforço apartado.
T. Rel. Umbigo
V. tb. Arremate dos cestos (20.05)

CESTA
Use: CESTO

CESTARIA
Def. Conjunto de objetos – cestos-recipientes, cestos-coadores, cestos-cargueiros, armadilhas de pesca e outros – obtidos pelo entrançamento de elementos vegetais flexíveis ou semi-rígidos usados para transporte de carga, armazenagem, receptáculo, tamis ou coador. Variam em tamanho, forma, decoração, técnica de manufatura, mas obedecem basicamente às exigências ditadas por sua funcionalidade. Vasilhame é o equivalente à cestaria em cerâmica.
T. Rel. Trançado

CESTO
Def. Termo genérico que define qualquer receptáculo feito segundo a técnica de entrançamento de matéria-prima vegetal adredemente preparada. Equivale ao termo vasilha ou vaso na cerâmica. Do ponto de vista morfológico, distinguem-se os seguintes tipos principais de cestos-recipientes: 1) alguidariformes; 2) bolsiformes; 3) bornaliformes; 4) estojiformes; 5) gameliformes; 6) paneiriformes; 7) platiformes; 8) tigeliformes; 9) vasiformes.
Sin. Cesta.

CESTO-CARGUEIRO
Def. Vocábulo que designa genericamente os recipientes usados para transportar carga. Apresentam alça para cingir a testa ou duas delas para transpor os braços, repousando o peso nas costas. Distinguem-se os seguintes tipos principais: 1) cesto-cargueiro alguidariforme; 2) cesto-cargueiro bornaliforme; 3) cesto-cargueiro coniforme; 4) cesto-cargueiro paneiriforme com sua variante esférica designada aturá; 5) cesto-cargueiro quadrangular; 6) jamaxim (cesto-cargueiro de 3 lados).

CESTO-COADOR
Def. Objeto trançado plano ou côncavo, de crivo fechado, destinado a filtrar um líquido.

CESTO-IMPERMEABILIZADO
Def. Cestos tornados impermeáveis pelo capeamento interno de uma camada de cerol (cera de abelha com fuligem) (índios Xokléng), ou externo do mesmo ou de outro material (aljavas para setas de sarabatana). Ou ainda, cestos estojiformes de paredes duplas com entremeio de folhas de arumã (índios das Guianas, entre outros), infensos à umidade.

CESTO-RECIPIENTE
Def. Receptáculo de variadas formas (alguidariforme, bolsiforme, bornaliforme, estojiforme, gameliforme, paneiriforme, platiforme, tigeliforme, vasiforme) destinado a receber um conteúdo sólido ou armazená-lo.

CESTO-TAMIS
Def. Objeto trançado plano ou côncavo, de crivo aberto, destinado a peneirar farinha.

CONJUNTO DE ELEMENTOS *(Set of elements,* i.)
Certo número de elementos (urdidura ou trama) agindo como uma unidade no ato de entretrançar ou costurar.
V. tb. Processos de manufatura (20.03)

COSTURAR *(To coil,* i.)
Def. Uma das grandes divisões da técnica de trançar: envolvimento do elemento passivo (urdidura, rolo de sustentação) pelo elemento ativo (trama), em forma espiralada. No trançado costurado distinguem-se os que se fazem com 1) falso nó; 2) ponto de nó; 3) ponto longo; 4) ponto espacejado.
Sin. Espiralar
T. Rel. Técnicas básicas
V. tb. Processos de manufatura (20.02)

CRUZAR *(To twill,* i.)
Def. O elemento ativo (trama) cruza e transpõe um ou mais elementos passivos (urdidura), como nos tecidos, segundo fórmulas distintas: 1 sobre, 1 sob, 2 sobre, 1 sob, etc.. Na categoria dos trançados cruzados incluem-se os seguintes: 1) arqueado; 2) quadriculado; 3) hexagonal; 4) sarjado.
Sin. Entrecruzar
T. Rel. Técnicas básicas
V. tb. Processos de manufatura (20.03)

DESCORTICAR
Def. Fragmentar o colmo de marantáceas, gramíneas e o pecíolo da folha nova da palmeira buriti para libertar a parte esponjosa interna, descartável, e desmembrar a epiderme (raspada ou não), em lâminas ou talas.
V. tb. Matérias-primas (20.02)

ELEMENTO
Def. "Parte ou unidade componente da estrutura de um produto entretecido. A palavra refere-se a fio, linha, cerda, cordão ou qualquer unidade natural ou trabalhada com fibras ou com talas para formar uma manufatura" (I. Emery 1966:27)

ENLAÇAR *(To wrap,* i.)
Def. Conjunto de elementos seriados, correspondentes à urdidura, enlaçados pela trama em

meia volta, volta completa ou em cruz, neste caso por trama flexível. No processo de enlaçar distinguem-se: 1) enlaçado vertical; 2) enlaçado com trama flexível; 3) enlaçado com grade; 4) enlaçado embricado.
Sin. Entrelaçar
T. Rel. Técnicas básicas
V. tb. Processos de manufatura (20.03)

ENTRECRUZAR
Use: CRUZAR

ENTRELAÇAR
Use: ENLAÇAR

ENTRETORCER
Use: TORCER

ENTRETRANÇAR *(Interwork*, i.)
Def. Uma das duas macrodivisões da técnica de trançar (a segunda é costurar). Compreende três categorias estruturais básicas: trançados cruzados, enlaçados e torcidos.
T. Rel. Técnicas básicas

ESPARTARIA
Use: TRANÇADO

ESPIQUE
Use: NERVURA

ESPIRALAR
Use: COSTURAR

FASQUIA
Def. Tiras de aráceas (cipós) ou anonáceas (embiras) utilizadas na manufatura dos trançados.

FLABELIFORME
Def. Folha de palmeira (buriti, caranã, etc.) em forma de leque.

FOLÍOLO
Def. Filamento partido longitudinalmente do grelo ou da folha madura (flabeliforme ou pinulada) de palmeira. A essa parte preparada da planta costuma-se chamar palha. São sinônimos de folíolos constantes na bibliografia: tiras, flabelos, pínulas.
Sin. Pínula
T. Rel. Palha
V. tb. Matérias-primas (20.02)

GRELO
Use: OLHO

LÂMINA
Use: TALA

MARCHETAR
Def. Proveniente de *marqueterie* (f.): incrustar, à maneira dos mosaicos. O trançado marchetado é sempre bicromo, permitindo realçar os desenhos desenvolvidos pela técnica de sarja.
T. Rel. Cruzar
V. tb. Padrões ornamentais específicos do trançado (20.07)

NERVURA
Def. Veio da folha de palmeira (buriti, bacaba) utilizado no trançado semi-rígido. Sinônimos constantes da bibliografia: espinho, espique.
Sin. Espique
V. tb. Matérias-primas (20.02)

OLHO
Def. Folha de palmeira antes de abrir, ou seja, a prefoliação. São sinônimos de olho presentes na bibliografia: grelo, broto, pendão.
Sin. Grelo

PALHA
Def. Limbo das folhas de palmeira flabeliforme ou pinulada, extraído do grelo, isto é, da folha da palmeira antes de abrir-se, ou da folha madura.
T. Rel. Folíolo
V. tb. Matérias-primas (20.02)

PENADA
Use: PINULADA

PÍNULA
Use: FOLÍOLO

PINULADA
Def. Folha de palmeira (tucum, ubim, etc.) em forma de pena.
Sin. Penada
V. tb. Matérias-primas (20.02)

SEDA
Def. Fibra retirada do grelo (préfoliação da palmeira) utilizada na confecção de trançados finos, quando não fiada, e no cordame e tecelagem, depois de fiar.
V. tb. Matérias-primas (20.02)

TALA
Def. Matéria-prima córnea, não lenhosa, de certa rigidez, ou seja, a porção descorticada longitudinalmente de marantáceas, gramíneas ou do pecíolo da folha nova (grelo) da palmeira, empregada no trançado.
Sin. Lâmina
V. tb. Matérias-primas (20.02)

TÉCNICAS BÁSICAS
Def. Distinguem-se dois procedimentos básicos na confecção do corpo do cesto ou da esteira: 1) o de entretrançar, em que o elemento trama intercepta o elemento urdidura, transpondo sob e sobre, alternadamente, um ou mais desses elementos, sem o uso de implementos; 2) o de costurar, em que um elemento ativo (trama) envolve um passivo (suporte ou urdidura) contínuo. Neste caso, utiliza-se, às vezes, um implemento perfurador (agulha ou sovela) para perpassar a urdidura. A classe dos entretrançados, ao se levar em conta seu elemento

móvel, a trama, permite distinguir três técnicas básicas, as de cruzar, enlaçar e torcer.
T. Rel. Costurar
Cruzar
Enlaçar
Entretrançar
Torcer
V. tb. Processos de manufatura (20.03)

TORCER
Def. Procedimento que consiste em rotar dois elementos da trama, relativamente flexíveis, em torno de um (ou mais) elementos da urdidura. Os principais tipos encontrados nessa categoria de trançado são: 1) torcido vertical; 2) torcido gradeado; 3) torcido horizontal.
Sin. Entretorcer
T. Rel. Técnicas básicas
V. tb. Processos de manufatura (20.03)

TRAMA
Elemento (ou conjunto de elementos) ativo que entrecruza uma série de elementos passivos, ou seja, a urdidura, para formar o trançado. No produto final e, mesmo no ato de trançar, tornam-se indiferenciados a trama e a urdidura.
T. Rel. Urdidura
Técnicas básicas
V. tb. Processos de manufatura (20.03)

TRANÇADO
Def. Técnica de interpor, alternadamente, elementos vegetais previamente preparados, para construir manufaturas planas ou recipientes. A composição desses elementos (palha, tala), a maneira pela qual interceptam um ao outro, e o seu espacejamento, provêm a chave das técnicas do trançado. Elas se dividem em duas grandes classes: entretrançados e costurados que, por sua vez, se subdividem em categorias, tipos e subtipos.
Sin. Espartaria
T. Rel. Cestaria
Técnicas básicas
V. tb. Processos de manufatura (20.03)

UMBIGO
Def. Começo do trançado, que se diferencia quase sempre do corpo, principalmente no caso dos cestos-recipientes, coadores ou cargueiros, variando segundo a técnica básica empregada. Os começos de trançado mais comuns são: 1) umbigo ampulheta; 2) umbigo ampulhetas múltiplas; 3) umbigo asterisco; 4) umbigo asteriscos múltiplos; 5) umbigo diamante; 6) umbigo com nervura da folha; 7) umbigo em nó; 8) umbigo em olho; 9) umbigo quadricular aberto, 10) umbigo radial; 11) umbigo suástica.
T. Rel. Arremate
V. tb. Começos dos cestos (20.04)

URDIDURA
Def. Elemento passivo que, na tecelagem, é tensionado pelas barras do tear. No trançado, a urdidura exerce a mesma função, prescindindo de tear devido à sua rigidez. Não se distingue da trama, no ato de trançar, por ser, também, às vezes, elemento ativo, e, menos ainda, no produto acabado.
T. Rel. Trama
Técnicas básicas
V. tb. Processos de manufatura (20.03)

VARETAS
Def. Lascas de madeira, mais ou menos espessas, ou ripas do pecíolo da folha de certas palmeiras, empregadas na confecção dos cestos-armadilhas e de outros objetos que exigem urdidura rígida.
V. tb. Matérias-primas (20.02)

MATÉRIAS PRIMAS (20.02)

AÇAI *(Euterpe oleracea* Mart.)
Da família botânica das Palmáceas. Utiliza-se o limbo da folha na manufatura dos trançados e cobertura das casas.

ARUMÃ *(Ischnosiphon* spp.)
Da família das Marantáceas. O colmo da planta é descascado, quando se deseja tingi-lo ou mesmo mantê-lo na cor natural; é usado com casca, que confere ao trabalho maior resistência e uma cor pardo clara laqueada. O arumã (ou guarimã) é utilizado por tribos amazônicas, a partir do Maranhão, onde a planta parece abundante, crescendo em regiões semi-alagadas: manguezais, cabeceiras de igarapés. Os Desâna distinguem, com termos específicos de sua língua, cinco espécies (ou cultivares?) de arumã; os Wayâna-Aparai, três (Velthen, comunicação pessoal).

BABAÇU *(Orbignya speciosa* Mart.) Barb. Rodr.
Da família das palmáceas. Utiliza-se o limbo da folha pinulada reduzida a folíolos na confecção de trançados.

BACABA VERDADEIRA *(Oenocarpus bacaba* Mart.)
Palmácea. Do pecíolo da folha se extraem varetas para construir armadilhas de pesca: nassa e covo, esta última, sem funil interno. A palha e a nervura da folha são também empregadas em obras trançadas.

BANANEIRA DO MATO *(Heliconia hirsuta* L.)
Planta da família das Musáceas. Suas folhas largas são usadas para forrar paneiros de trançado aberto.

BREU
"Denominação comum a várias espécies de Burseráceas arbóreas, produtoras de resina que, coagulada no tronco da árvore, constitui o breu" (Marlene Freitas da Silva et alii 1977:38). Essa resina misturada com carvão é empregada para endurecer o fio de croatá que serve de amarrilho ao acabamento dos cestos.
V. tb. Arremate dos cestos (20.05).

BURITI (*Mauritia vinifera* Mart.)
Palmeira de folhas flabeliformes, isto é em forma de leque. Os índios utilizam a nervura e o limbo da folha madura, isto é, aberta com ou sem o respectivo pecíolo; e os folíolos do grelo. O buriti, que viceja no planalto central do Brasil, fornece ainda a seda ou linho do olho para fazer fio ou mesmo trançado, e o pecíolo laminado para fazer talas dos trançados mais rígidos.

CAPIM RABO DE RAPOSA (*Andropogon bicornis* L.)
Erva perene (1,50m de altura por 1cm de diâmetro) da família das Gramíneas, que forma touceiras. O caule com a casca é partido ao meio e no miolo poroso são introduzidos os espinhos da palmeira patauá que servem de dentes dos pentes (índios Tukâno). Depois essa base é revestida com lâminas da casca desse capim entramadas com fio de croatá untado no breu.
Consulte: 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador

CARAJURU (*Arrabidaea chica* H.B.K.)
Corante vermelho-tijolo extraído das folhas dessa planta, da família das Bigoniáceas. O processo de manufatura da tinta é descrito no Glossário complementar da Cerâmica (10.02).
T. Rel. Corantes
Consulte: 10 Cerâmica

CARANÁ (*Mauritia huebneri* Burret)
Palmeira de folhas em forma de leque (flabeliformes) de que se utiliza a palha para trançados e coberturas de tetos.

CARANDÁ (*Copernicia australis* Becc.)
Palmeira de folha flabeliforme de que se utiliza o limbo, separado em folíolos, para a cobertura de casas e obras de espartaria.

CEROL
Def. Pasta de cera de abelha e fuligem com que se unta o fio ou a tira da casca de cipó-ambé para que adira ao suporte. Os Wayâna-Aparai utilizam um mordente extraído da entrecasca do ingá do mato (*Inga paraensis* Ducke), a qual impregnam da fuligem de "breu queimado e pulverizado, ou, mais freqüentemente, de fuligem de cerol mani (*Symphonia globulifera* L.) queimado, ou de lamparina, recolhida em panela de terracota" (Lúcia H. van Velthen 1984: 101).

CIPÓ AMBÊ-AÇU (*Philodendron imbe* Schott)
Cipó-trepadeira (família das Aráceas) que se enrosca em árvores de até 50 metros de altura. O diâmetro é de 2 cm sendo a madeira utilizada, depois de descascada, para fazer os aros de contorno da borda das apás (rio Tiquié, alto rio Negro). A casca é largamente empregada em obras de trançado.
V. tb. Arremate dos cestos (20.05)

CIPÓ FONTE (*Philodendron* aff. *megalophyllum* Schott)
Cipó da família das Aráceas, com milímetros de espessura. É usado para amarrar entre si as varetas da armadilha de pesca *iminó* (em tukâno), recolhido no rio Tiquié, alto rio Negro.

CIPÓ-PAU (*Connarus* sp.)
Da família das Conaráceas, que dá em igapó. Mede 2 cm de diâmetro e é utilizado, depois de descascado, para formar o aro interno da armadilha de pesca covo. Coletado no rio Tiquié, alto rio Negro.

CIPÓ TITICA (*Heteropsis* aff. *spruceana* Schott) (ou *Heteropsis* af *jenmani* Oliv.)
Ipífita da família das Aráceas. É empregada para fazer aturás e peneiras. Para isso o cipó, que tem 1 cm de diâmetro, é descascado e lascado em duas metades.

CORANTES
Def. Pigmentos vegetais utilizados com ou sem mordente para tingir as talas adredemente preparadas de Marantáceas, Gramíneas ou do pecíolo da prefoliação do buriti. Cada tala assim obtida apresenta uma parte lisa (interna) e rugosa (externa) que, no caso dos trançados pintados depois de prontos de uma espécie de Gramínea, entranha a tinta. Prévio à laminação das talas, a tinta é aplicada no colmo depois de raspada a camada verde que contém a clorofila, a fim de que seja absorvida.
T. Rel. Carajuru
Jequitibá
Urucu
Consulte: Glossários complementares de: 10 Cerâmica; 30 Cordões e tecidos.

CROATÁ (*Bromelia morreniana* (Regel) Mez)
Plantada na roça, dessa Bromeliácea se extrai a fibra que, torcida e passada no breu, é utilizada para amarrar o acabamento das apás e urutus: designação regional (alto rio Negro) dada a cestos paneiriformes.
V. tb. Arremate dos cestos. (20.05).

CUMATÉ (*Myrcia atramentifera* Barb. Rodr.)
Árvore de pequeno porte que cresce em capoeira de terra firme da família das Mirtáceas. A casca produz uma substância utilizada como mordente para fixar o pigmento do urucu e do carajuru.
T. Rel. Mordente.

CURUÁ PIXUNA (*Attalea spectabilis* Mart.)
Palmeira de que se utiliza o limbo da folha, reduzida a folíolos, para a manufatura de trançados e a cobertura das casas. (Índios Wayâna-Aparai, inf. pes. Lúcia v. Velthen).

ENVIREIRA (*Guatteria* sp.)
Desse arbusto da família das Anonáceas, de 3m de altura por 4cm. de diâmetro, extrai-se a entrecasca para fazer a alça dos aturás.

FIXADOR
Use: MORDENTE

INAJÁ (*Maximiliana regia* Mart.)
Palmácea. As folhas pinuladas são utilizadas no trançado depois de preparadas em folíolos.

INGÁ (*Ingá* spp.)
Diversas espécies da família Leguminosae Mimosoideae. A seiva da entrecasca é usada como mordente para fixar o pó de carvão com que se tinge as talas de arumã, colmo de Gramíneas ou o pecíolo da folha do buriti.
T. Rel. Mordente

JACITARA (*Desmoncus polyacanthos* Mart.)
Palmeira escandente que cresce em igapó, alcançando até 40 m. de altura por 1 cm de diâmetro. O caule é reduzido a lâminas bem finas servindo para amarrar o acabamento das apás. Lascado em talas mais grossas serve para amarrar o acabamento das peneiras e cumatás. (Índios Desâna, Wayâna-Aparai e outros).
V. tb. Arremate dos cestos. (20.05)

JEQUITIBÁ (*Cariniana estrellensis* (Raddi) O. Ktze)
Árvore da família das Lecitidáceas cuja entrecasca expele seiva vermelha usada na tintura dos cestos pelos índios Kayabí.
T. Rel. Corante.

LOURO(?) (*Ocotea* sp. cf. *O. boissieriana* (Meissn) Mez)
Da família das Lauráceas, esse arbusto-trepadeira atinge 4 m de altura por 2 cm de diâmetro. Do tronco se extraem talas para fazer amarrilhos destinados ao acabamento de artefatos trançados tais como a cumatá, peneiras e urutus. Do caule jovem, mais fino, faz-se o aro de contorno de arremate dos mesmos cestos, bem como os cilindros internos da armadilha de pesca chamada *iminó* em tukâno do rio Tiquié.
V. tb. Arremate dos cestos (20.05)

MANGABEIRA (*Hancornia speciosa* Gomez)
Essa árvore da família das Apocináceas produz um látex usado para fixar o negro da fuligem na tintura do pecíolo do olho do buriti pelos índios do alto Xingu.
T. Rel. Mordente

MARAJÁ (*Bactris* sp.)
Palmeira que cresce em igapó. O caule é fasquiado em ripas usadas para preparar as varetas da armadilha de pesca covo (sem funil interno).

MIRITI (*Mauritia flexuosa* L.)
Espécie de palmeira parecida ao buriti que viceja no norte do Brasil. Cresce em grandes concentrações nos manguezais. Ocorre também nas cabeceiras dos igarapés e outros locais úmidos. Da folha flabeliforme se trançam cestos e esteiras.

MORDENTE
Def. Substância vegetal aplicada com um corante na haste de Marantáceas, Gramíneas ou no pecíolo do buriti prévio à sua redução a talas para o entrançamento.
Sin. Fixador
T. Rel. Cumaté
Ingá
Mangabeira
Tinteira

MURUMURÚ (*Astrocaryum murumuru* Mart.)
Palmeira de 2 a 6 m de altura por 30 cm de diâmetro com o tronco coberto de espinhos agudos. As folhas são utilizadas no trançado Wayâna-Aparai (inf. pes. L. v. Velthen).

OURICURI (*Cocos coronata* M.)
Diversos grupos indígenas do Nordeste, a exemplo dos Pankararú e Fulniô, utilizam o olho (folha antes de abrir) dessa palmeira para trançar bolsas, esteiras e chapéus.
Sin. Uricuri

PATAUÁ (*Jessenia bataua* (Mart.) Burret)
Palmeira que cresce em terra firme, à margem dos igarapés, e em igapós. O pecíolo da folha é laminado em talas que são usadas como varetas da armadilha de pesca nassa (com funil interno).

PAXIÚBA (*Socratea exorrhiza* (Mart.) H. Wendl.)
Palmeira que cresce em terra firme, manguezal e igapo. O tronco é lascado para fazer as varetas do cacuri e do caiá (armadilhas de pesca conhecidas por essas designações em língua geral no alto rio Negro).

PAXIUBINHA (*Iriartella setigera* Mart.) H. Wendl.)
Palmeira de terra firme, que alcança 4 m de altura, quando madura, e 2 a 3 cm de diâmetro. O caule é lascado em varetas que são usadas como ripas para a construção de caniçadas ou paris (barragens de igarapés para a pesca), cacuris (armadilhas permanentes para a pesca a beira do rio), caiás (armadilhas permanentes para a pesca em cachoeira) e covos. Também conhecida como caruatana porque usada para fazer o tubo da sarabatana.

RABO DE ARARA (*Norantea guianensis* Aubl.)
Arbusto escandente da família Marcgraviácea de 2 cm de espessura. É descascado e vergado enquanto verde, deixado secar ao sol e empregado para fazer os aros de contorno da apá. (Índios Desana, rio Tiquié).
V. tb. Arremate dos cestos (20.05)

SORÓROCA (*Ravenala guyanensis* Petersen)
Planta da família botânica Musácea, de folhas largas, utilizada para forrar cestos a fim de proteger a carga.

TABOCA (*Guadua angustifolia* Kunth.)
Planta da família das Gramíneas que, depois de descorticada e laminada, é reduzida a talas para o trançado.
Sin. Taquara.

TAQUARA
Use: TABOCA

TAQUARINHA *(Arundinaria* sp.)
Planta da família das Gramíneas de que se fazem talas empregadas em obras de trançado pelos índios Kayabí, Asuriní e Araweté.

TINTEIRA *(Miconia regelii* Cogn)
Árvore da família Melastomatácea. Da entrecasca se extrai uma resina vermelha que serve de mordente para fixar o pó de carvão com que se tinge as talas descascadas do arumã.
T. Rel. Mordente

TUCUMÃ-VERDADEIRO *(Astrocaryum aculeatum* G. F.W. Meyer)
Da família das Palmáceas. *(Astrocaryum tucuma* Mart.). Utiliza-se a seda para fazer linha. A palha fica inútil para o trançado, depois de retirado o linho, exceto a nervura com que se trançam abanos.

UBIM *(Geonoma paniculigera* Mart.)
Palmeira de folhas grandes pinuladas utilizadas geralmente para trançar esteira mantendo-se a respectiva nervura. Emprega-se também para a cobertura das casas.

URUCU *(Bixa orellana* L.)
Árvore cultivada de cujo fruto se retira um corante vermelho, quando maduro, e amarelo quando verde. Adicionado ou não ao mordente, o urucu é empregado na tintura das talas para o trançado.
T. Rel. Corantes

PROCESSOS DE MANUFATURA (20.03)

ARQUEADO *(Wickerwork,* i.; *clayonage,* f.)
Def. Grupo de trançados da categoria dos cruzados. O entrançamento se processa segundo a fórmula 1 sobre, 1 sob, a exemplo do trançado quadricular ou xadrezado. Distingue-se dele pelo fato da urdidura ser rígida, de grosso calibre, e a trama flexível e delgada, produzindo o efeito de uma série de protuberâncias. Essa aparência ocorre também em exemplares de trançados sarjados (ou cruzados em diagonal). (Ver fig. 1).

COSTURADO *(Coiled work,* i.; *spiralée,* f.)
Def. Essa técnica tem princípios em comum com a cerâmica – superposição de rolos em espiral – e com a costura e bordado. É produzida pelo envolvimento de um elemento passivo (urdidura) por outro ativo (trama). Distinguem-se os seguintes grupos: 1) *trançado costurado com falso nó.* A trama flexível avança em espiral, envolvendo o feixe que compõe a urdidura. Assim se forma um capeamento que esconde camada por camada o suporte do trançado. 2) *Trançado costurado com ponto de nó.* A trama descreve uma figura-de-oito, mas ao dar a volta sobre si mesma, quando introduzida entre os dois suportes, forma uma série de ligaduras mais ou menos aparentes, segundo se trate de folíolo de textura espessa ou delgada. 3) *Trançado costurado com ponto longo.* Ao invés de envolver camada por camada, o elemento da trama dá duas voltas sobre a camada que está enlaçando e, em seguida, uma mais longa, abrangendo esta e a precedente, deixando espaços abertos entre uma e outra malha. 4) *Trançado costurado espacejado.* Aqui se procede como no caso de trançados costurados com falso nó, exceto que, ao invés de encostar uma malha na outra, deixa-se um espaço, fazendo coincidir longitudinalmente os pontos executados pela trama e deixando à mostra o rolo que serve de sustentação ao trabalho. (Ver figs. 2, 3, 4, 5).
Sin. Espiralado.

CRUZADO EM DIAGONAL
Use: SARJADO

DOBRADO
Def. Técnica de revestimento de cestos estojiformes – arcabouços ovais, quadrados ou retangulares – com folíolos de palha que se sobrepõem parcialmente, na forma de dobras, sendo fixados por meio de costura. Não se trata propriamente de técnica de trançado, a não ser pela matéria-prima empregada, porque aqui não se dá o entrecruzamento de urdidura e trama. (Ver fig. 6).

ENLAÇADO *(Wrapedwork,* i., *enroulé,* f.)
Def. Técnica de trançado executada com dois elementos, urdidura e trama, em que este último enlaça o primeiro. Distinguem-se os seguintes grupos: 1) *Enlaçado vertical.* Compõe-se de uma série de elementos enfileirados verticalmente (urdidura) em torno dos quais é enlaçada a trama, que corre em sentido horizontal. 2) *Enlaçado com trama flexível.* Os elementos da urdidura são enlaçados pela trama flexível, que dá uma volta completa ao redor de cada um deles, ou em forma de cruz. 3) *Enlaçado com grade.* Os elementos da urdidura, dispostos em cruz e espacejados entre si, são enlaçados pelo elemento da trama de duas formas: volteando-se em forma de "s" e de maneira espiralada. 4) *Enlaçado embricado.* A trama semi-rígida se embrica ao envolver o elemento da urdidura. (Ver figs. 7, 8, 9, 10, 11).
Sin. Entrelaçado.

ENTRELAÇADO
Use: ENLAÇADO

ENTRETORCIDO
Use: TORCIDO

ESPIRALADO
Use: COSTURADO

HEXAGONAL *(Hexagonal,* i.)
Def. Técnica de trançado em que concorrem pelo menos três elementos que se entrecruzam, na vertical, horizontal e diagonal, formando geralmente ângulos obtusos e aberturas romboi-

dais. Em outras palavras, a urdidura, composta de dois elementos, mantidos diagonalmente, ou em posição perpendicular, é perpassada pela trama, que também pode ser constituída de dois elementos que se cruzam entre si. Distinguem-se os seguintes grupos. 1) *Hexagonal reticular.* Intervêm três elementos, dois deles, os da urdidura, dispostos em sentido diagonal e o terceiro, a trama, na horizontal. As aberturas delineiam losangos como no retículo ou filé. 2) *Hexagonal triangular ou treliça.* Urdidura de dois elementos dispostos em diagnal e um terceiro e um quarto (trama) que os cruzam, na vertical e horizontal, dividindo a abertura assim formada em quatro triângulos. 3) *Hexagonal oblíquo.* Talas da urdidura se cruzam quadricularmente na vertical e horizontal e a tala da trama perpassa em diagonal os ângulos formados anteriormente pela intersecção daqueles dois elementos. Constrói-se, assim, um gradeado com abertura oblíqua. (Ver figs. 12, 13, 14).

QUADRICULAR *(Checkerwork* – i.)

Def. Um elemento da trama intercepta e transpõe, segundo a fórmula um sobre, um sob (1/1), transversalmente, um elemento da urdidura, colocado em posição vertical, formando ângulos retos e desenhos quadriculares, como os do tabuleiro de xadrez. Ocorrem duas variantes principais. 1) *Trançado quadricular gradeado.* O princípio estrutural é o mesmo, apenas a intercepção dos dois elementos, urdidura e trama, é feita a certa distância uma da outra, deixando aberturas ou grades. 2) *Trançado quadricular diagonal.* Urdidura e trama se cruzam diagonalmente, formando ângulos obtusos. (Ver figs. 15, 16).

Sin. Xadrezado.

SARJADO *(Twilledwork* – i.)

Def. Correndo embora em sentido reto e, mais ainda, no caso de correr em sentido oblíquo, a trama produz um efeito diagonal ao perpassar dois ou mais elementos da urdidura, segundo a fórmula 2/2, 1/3, etc., dando lugar a uma multiplicidade de desenhos geométricos. (Ver figs. 17, 18).

Sin. Cruzado em diagonal.

V. tb. Motivos ornamentais específicos do trançado (20.07)

TORCIDO *(Twined work,* i.; *torsadé,* f.)

Def. Categoria de trançados em que o urdume é constituído, de um modo geral, de um único elemento e a trama de dois elementos torcidos um sobre o outro. Observação importante a respeito da técnica de entretorcimento é que se trata, freqüentemente de um misto de trançado e tecelagem, pela utilização de cordões ou talas flexíveis, passíveis de torção, como no caso dos trançados enlaçados. Cabe, por isso, falar de torcido flexível e torcido semi-rígido, para caracterizar os produtos dessa técnica. Distinguem-se os seguintes grupos: 1) *Torcido vertical.* Consiste em um par de talos flexíveis ou fios lançados sobre si mesmos que, simultaneamente, em cada meia volta, entretecem um elemento da urdidura que corre em sentido perpendicular envolvendo-o transversalmente. 2) *Torcido gradeado.* Um par de elementos da trama volteia dois elementos da urdidura, ao invés de um, que se interceptam em forma de cruz, produzindo o efeito de grade. 3) *Torcido horizontal.* A urdidura é disposta horizontalmente e a trama corre em sentido vertical constituída, com freqüência, de elemento semi-rígido ou cordão. (Ver figs. 19, 20, 21).

Sín. Entretorcido.

XADREZADO

Use: QUADRICULAR

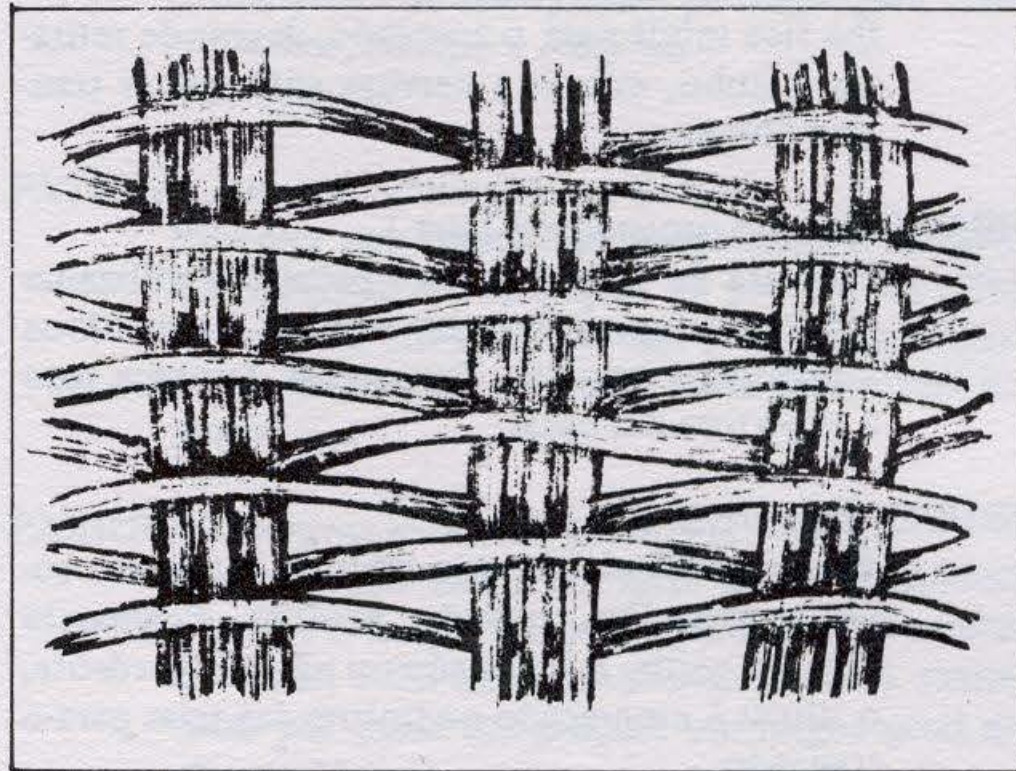



Fig. 1 – Trançado arqueado. Protótipo: Índios Baníwa, M.N. nº 19.600.

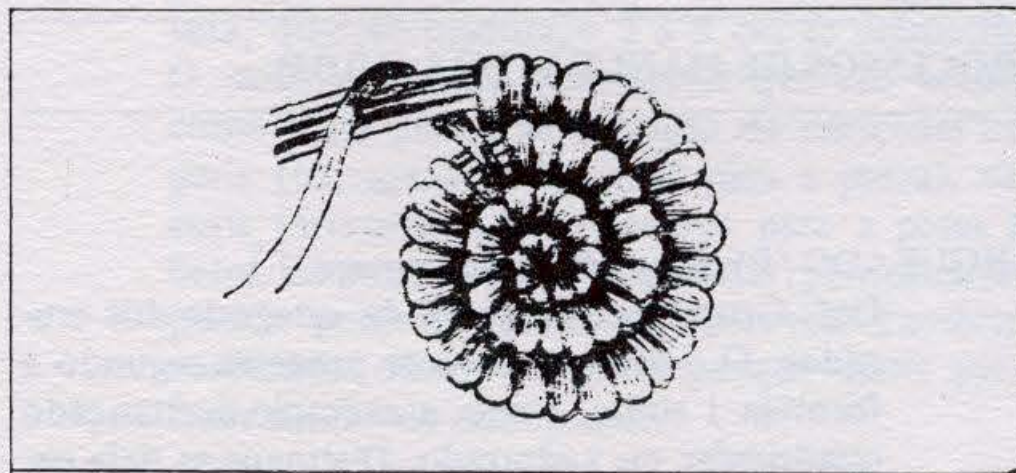



Fig. 2 – Trançado costurado com falso nó. Paradigma: Índios do Chaco, M.N. nº 3.798.

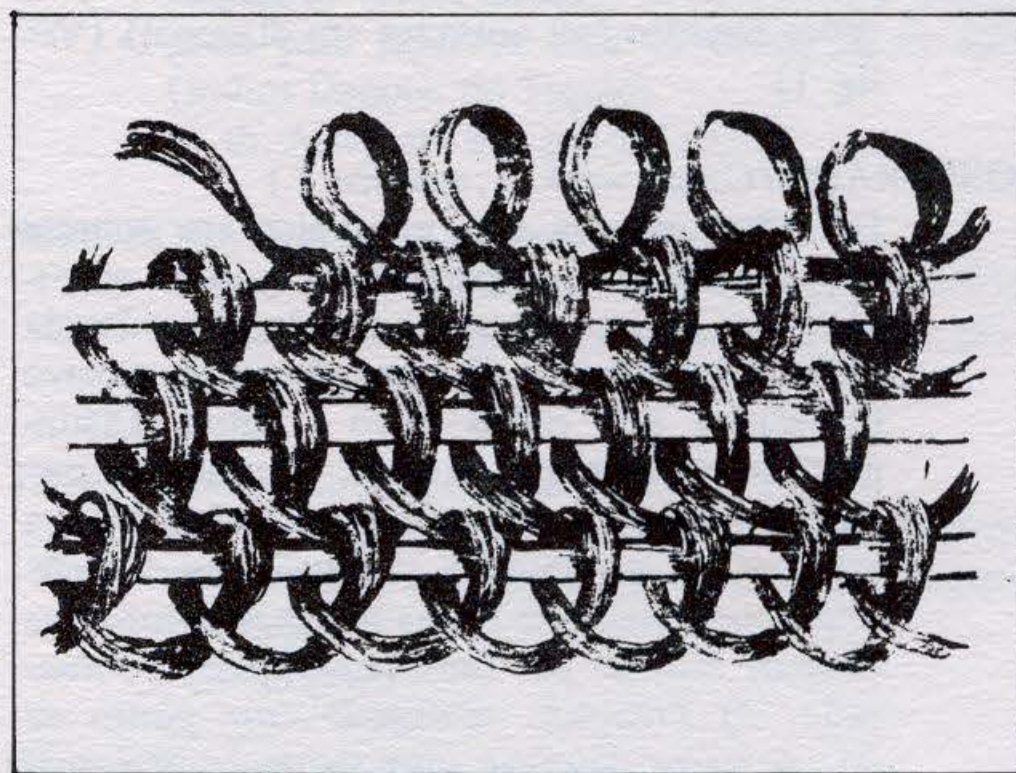



Fig. 3 – Trançado costurado com ponto de nó. Espécime-tipo: Índios Kadiwéu, M.N. nº 37.591.

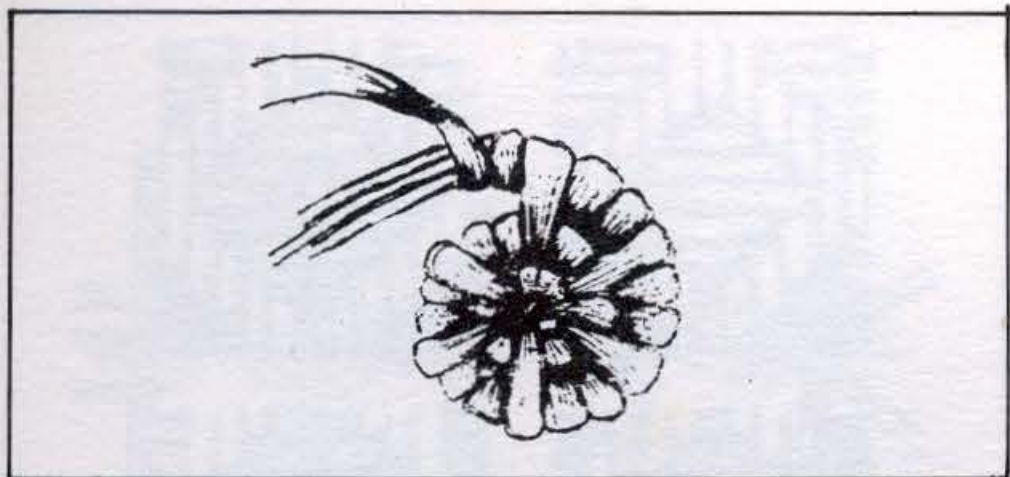



Fig. 4 – Trançado costurado com ponto longo. Protótipo: índios Kadiwéu, M.I. nº 388.

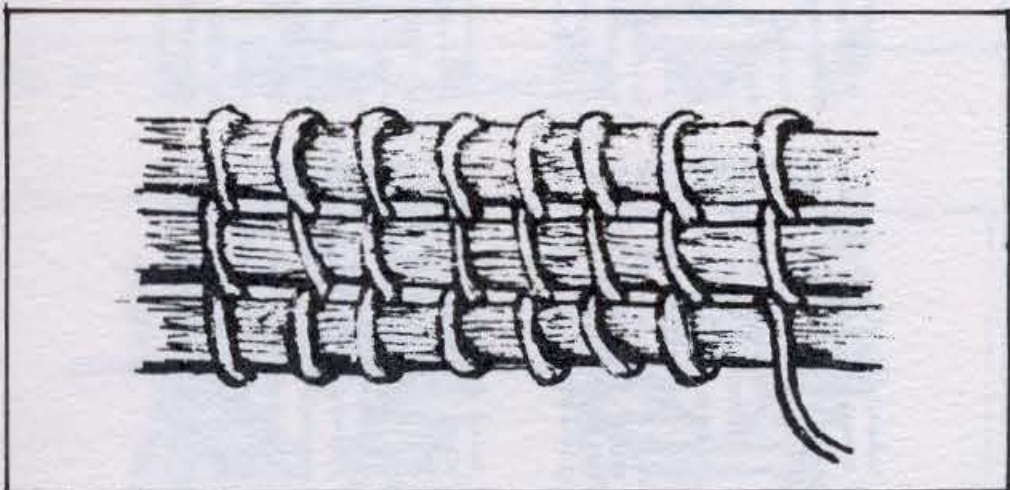



Fig. 5 – Trançado costurado espacejado. Paradigma: índios Canela-Ramkokamekra, M.N. nº 27.006.

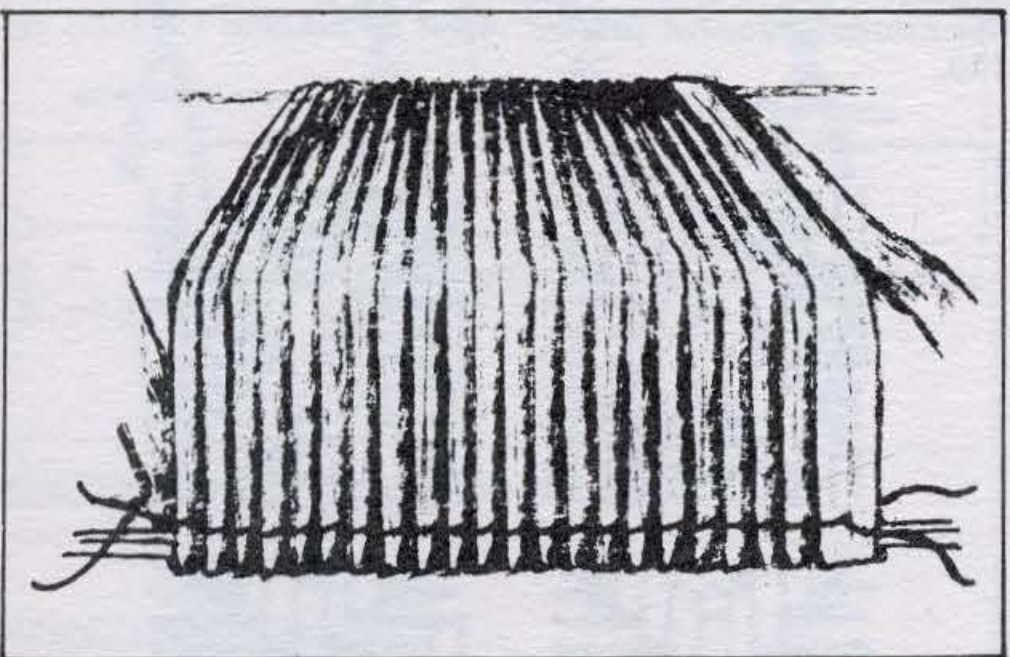



Fig. 6 – Trançado dobrado. Paradigma: índios Karajá, M.N. nº 28.626.

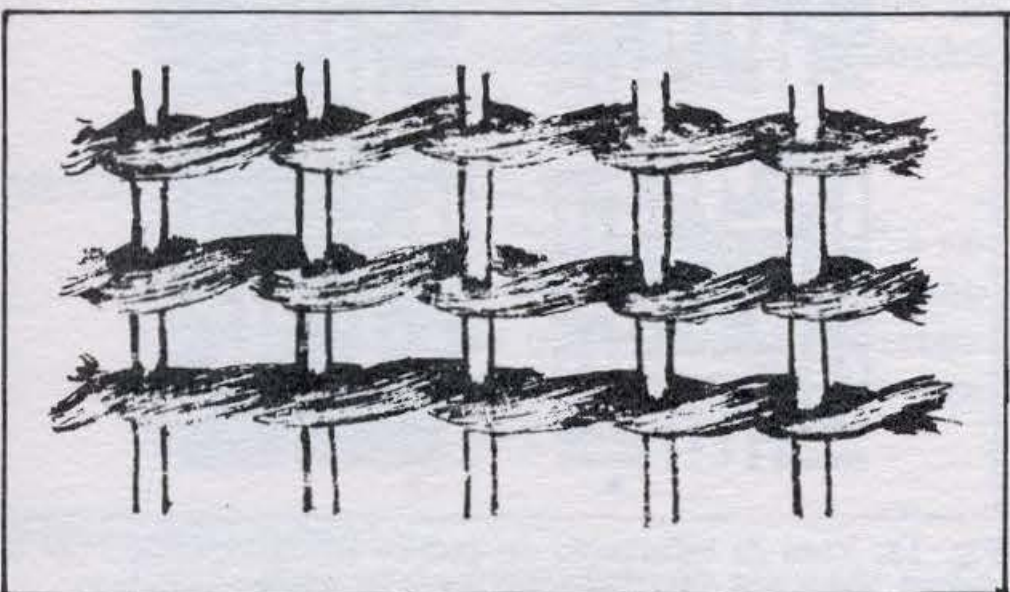



Fig. 7 – Trançado enlaçado vertical. Protótipo: índios Bakairí, M.N. nº 17.568.

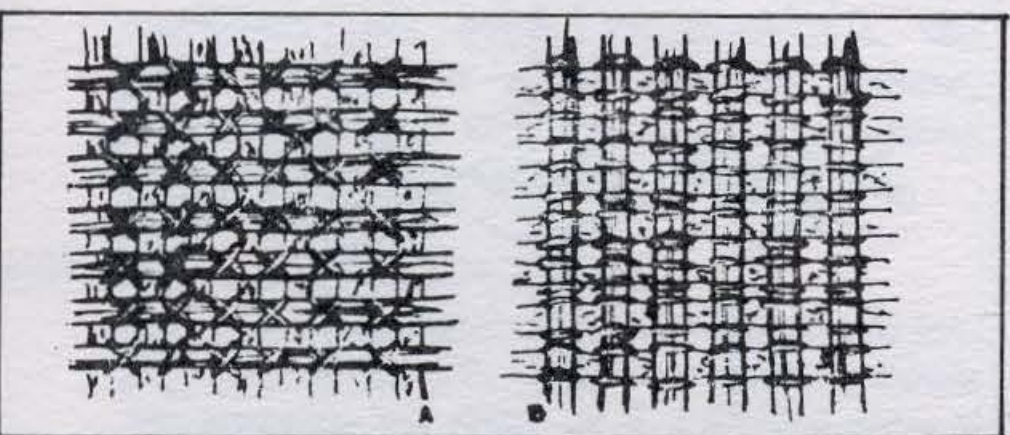



Fig. 8 – Trançado enlaçado com trama flexível. Espécime-tipo: índios Asuriní, M.N. nº 40.920. A. Verso. B. Anverso.

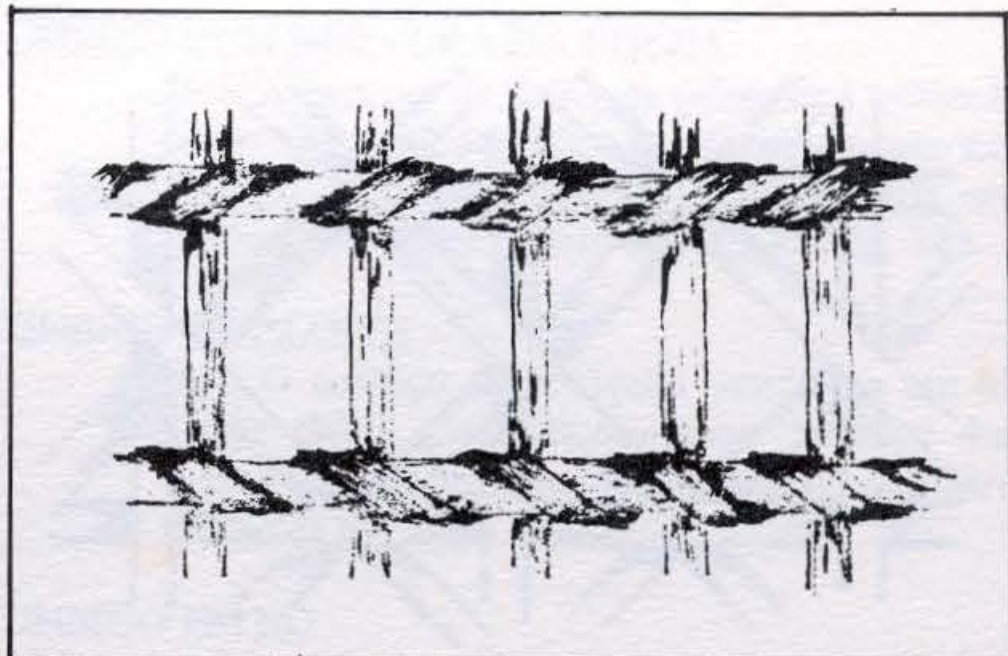



Fig. 9 – Trançado enlaçado com grade. Cesto paneiriforme, índios Makuxí, M.N. nº 27.966.

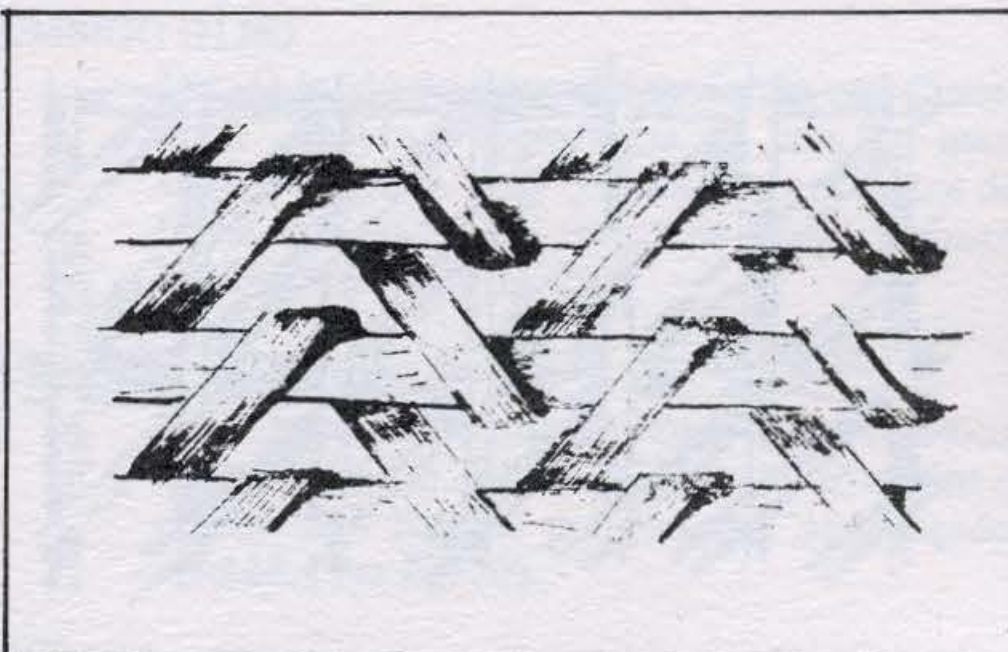



Fig. 10 – Trançado embricado I. Protótipo aro trançado, índios do alto rio Negro, M.N. nº 16.648.

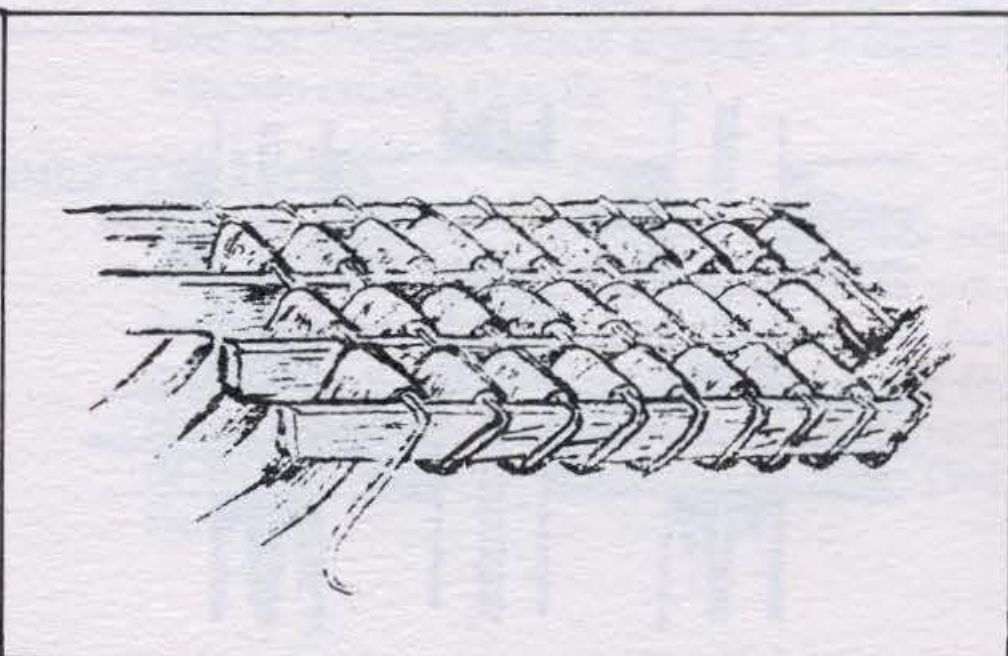



Fig. 11 – Trançado embricado II. Aro trançado, índios Hohodene, M.N. nº 40.305.

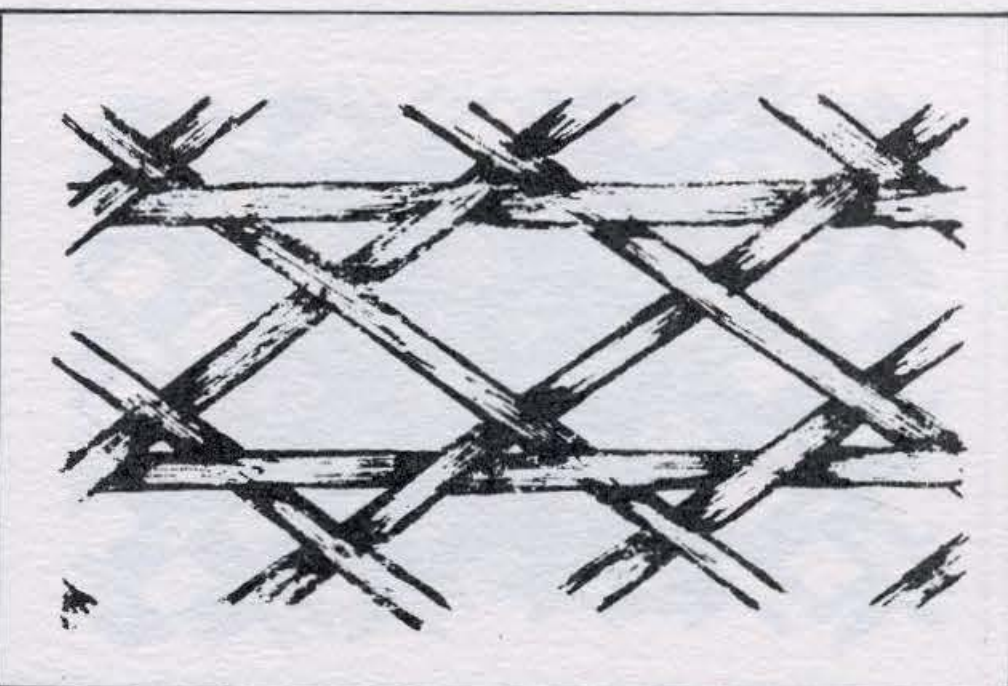



Fig. 12 – Trançado hexagonal reticular. Espécime-tipo: índios das Guianas, M.N. nº 5.797.

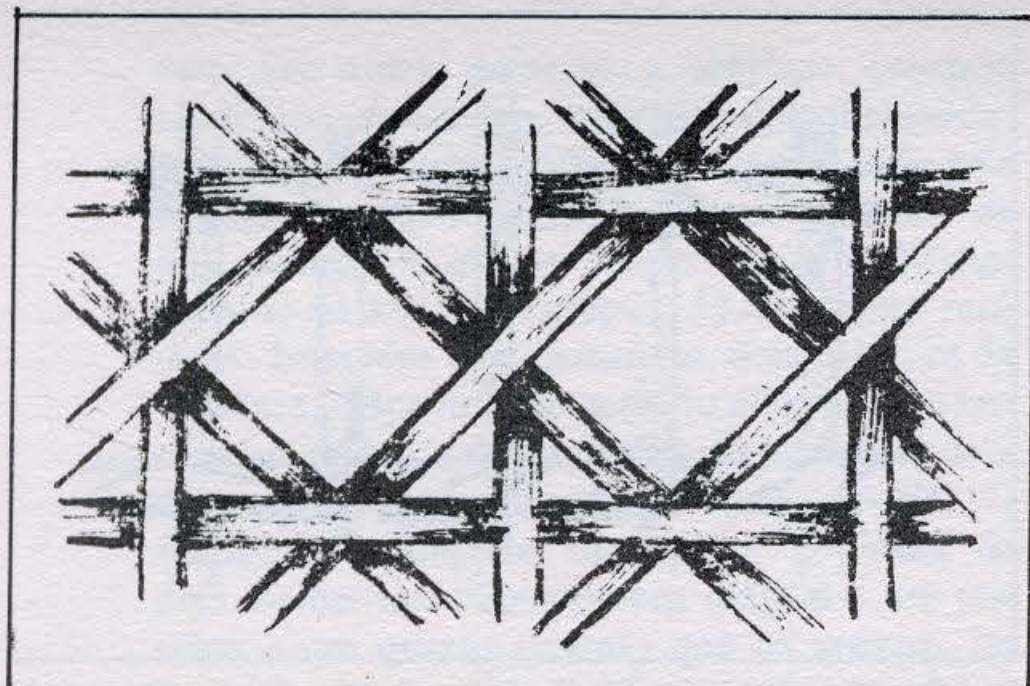



Fig. 13 – Trançado hexagonal triangular. Paradigma: índios do Rio Branco, M.N. nº 27.980.

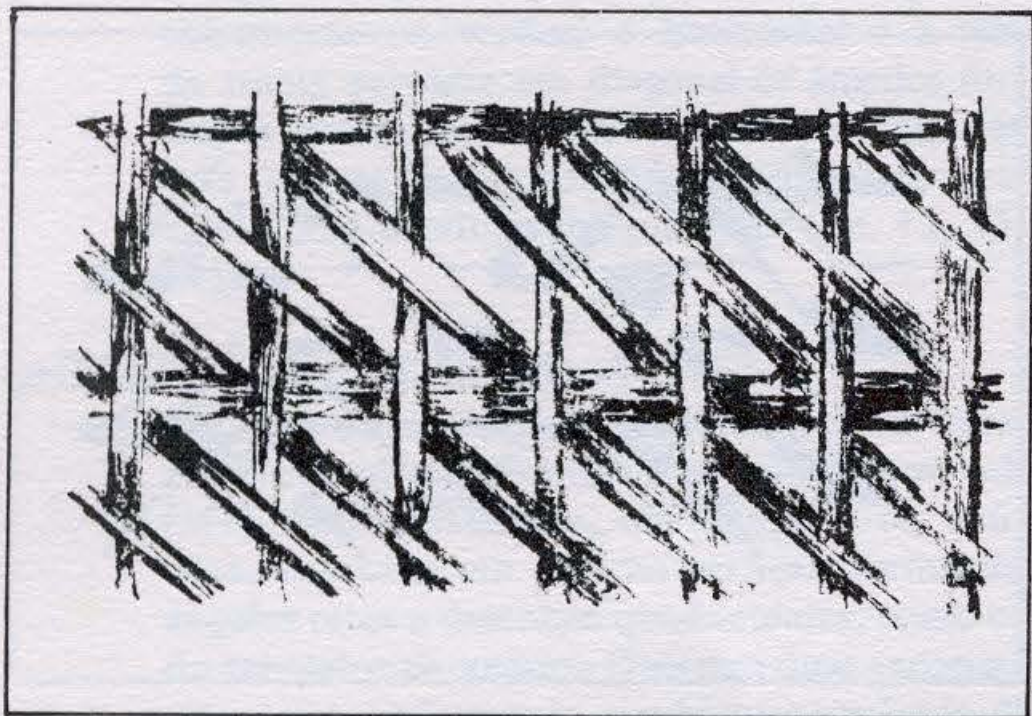



Fig. 14 – Trançado hexagonal obliquo. Espécime-tipo: cesto-cargueiro coniforme, índios Paresí, M.N. nº 2.548.

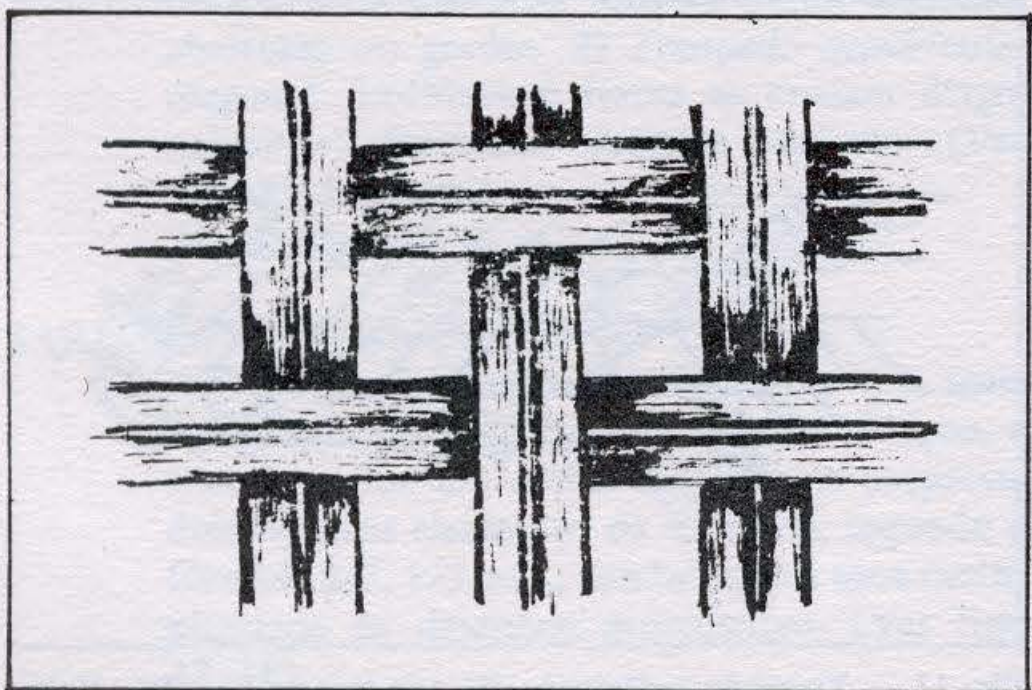



Fig. 15 – Trançado quadricular gradeado. Espécime-tipo: cesto paneiriforme, índios Mawá-tapuia, M.N. nº 20.392.

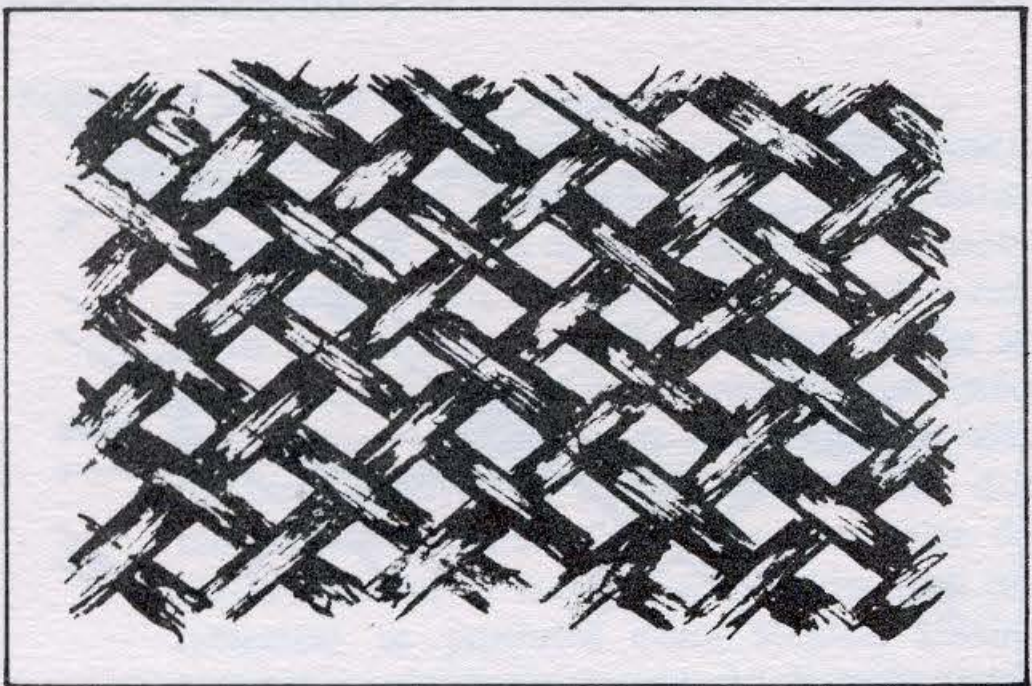



Fig. 16 – Trançado quadricular diagonal. Protótipo: índios Taulipáng, M.N. nº 27.553.

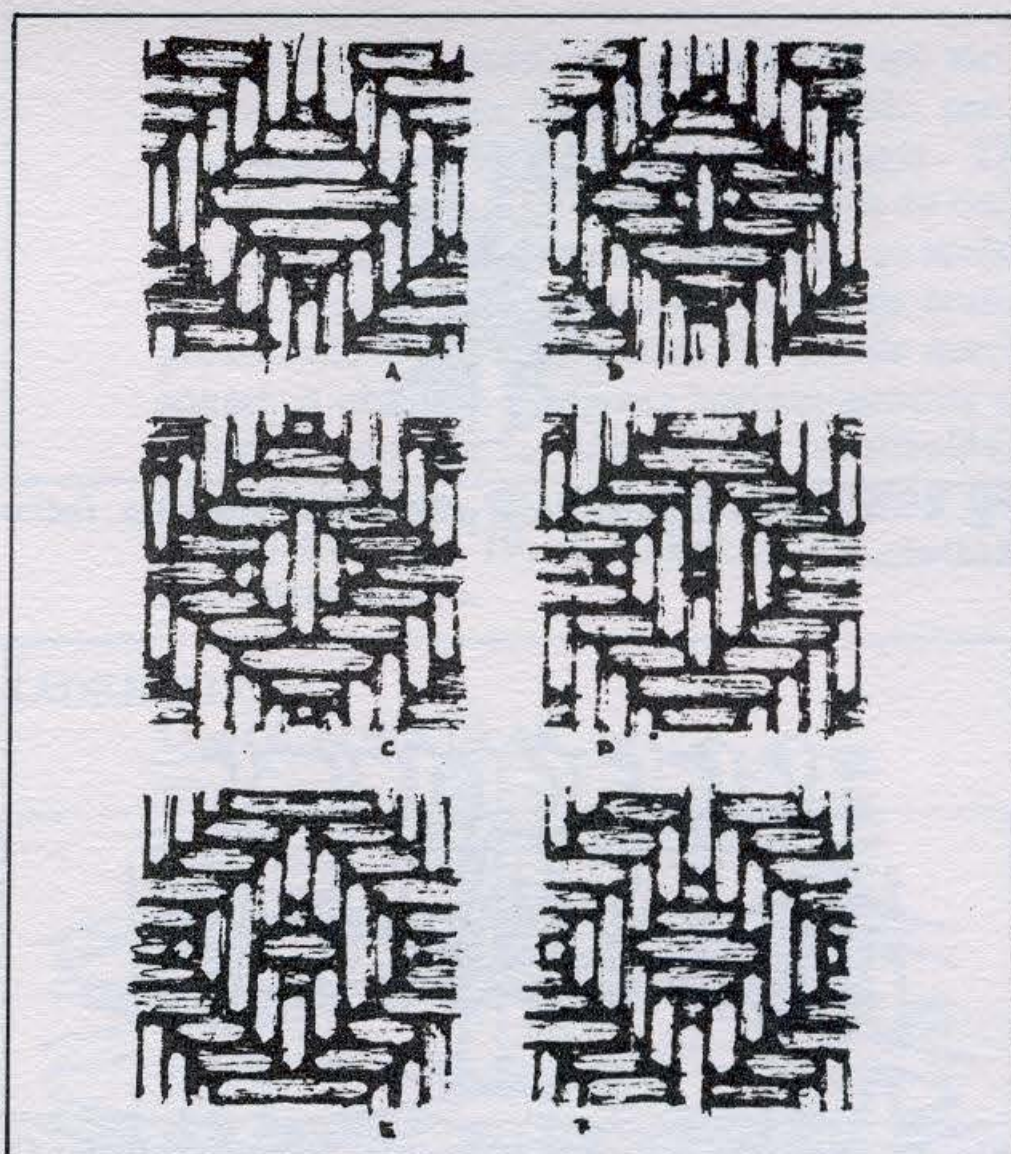



Fig. 17 – Trançado sarjado. Unidades básicas ou "panos", na linguagem das esteireiras do nordeste, que justapostos, permitem desenvolver inúmeros padrões. *Apud* M. Schmidt 1942:291 fig. 170.

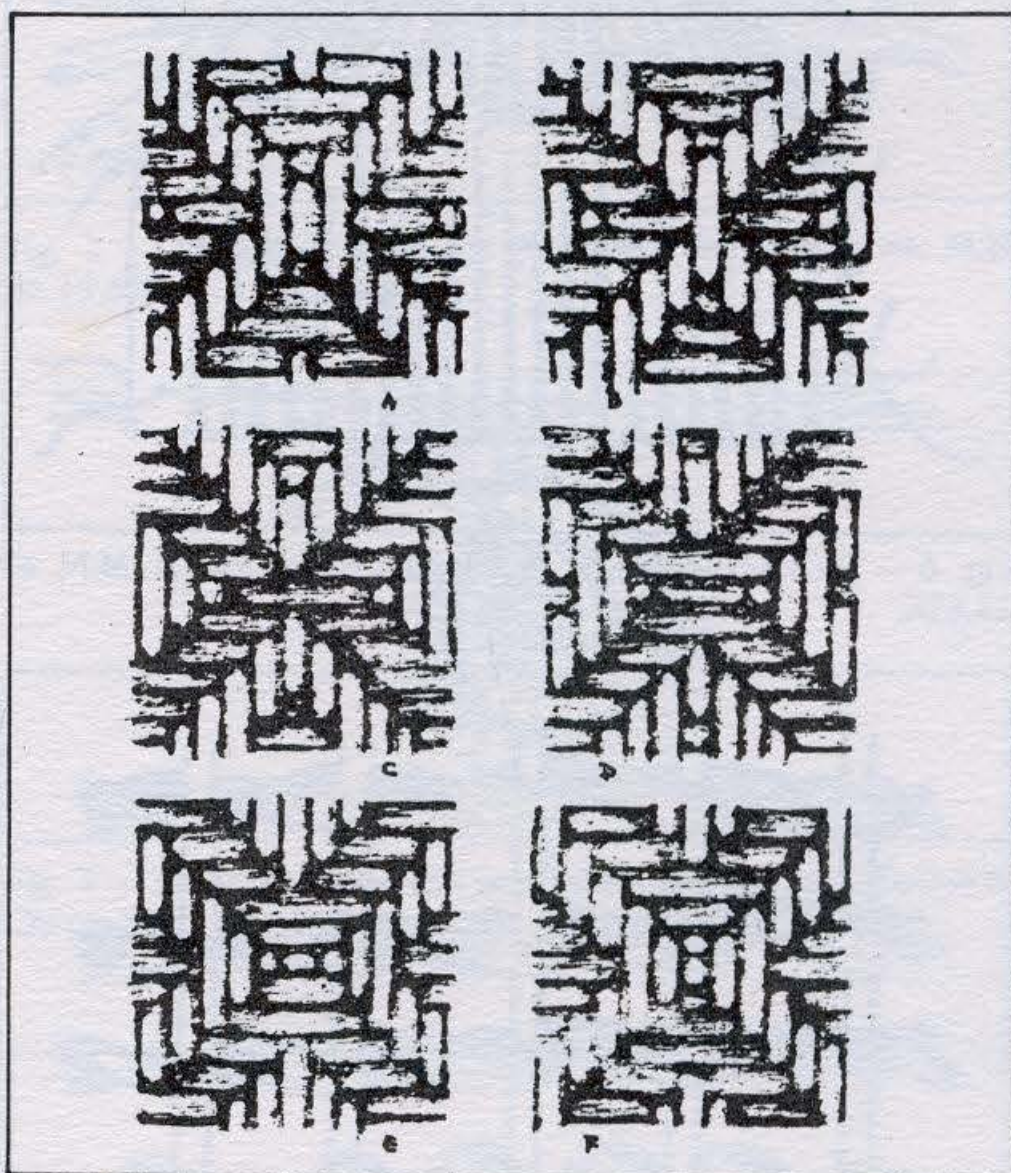



Fig. 18. Vista da bifurcação do padrão losango representado na fig. 17. *Apud* Schmidt 1942:291 fig. 170. Trançado sarjado.

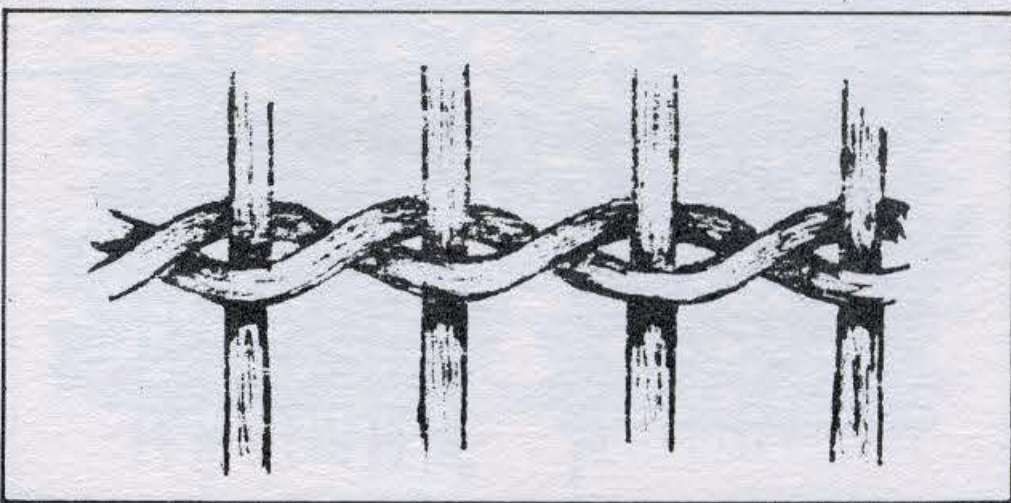



Fig. 19 – Trançado torcido vertical. Cesto-cargueiro bornaliforme, índios Xavante, M.N. nº 28.486.

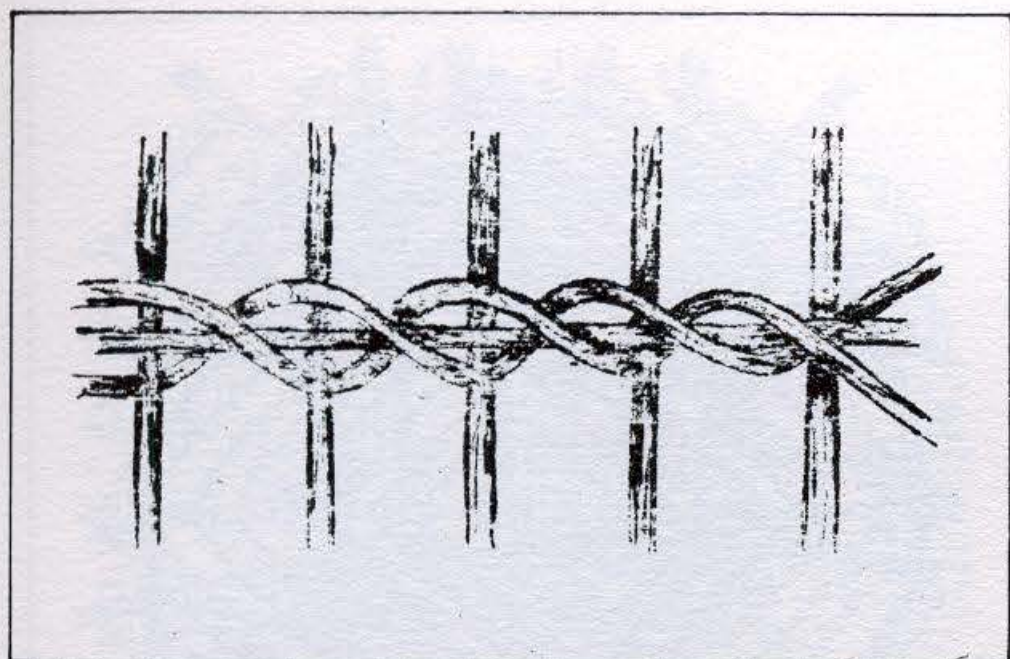



Fig. 20 – Trançado torcido gradeado.

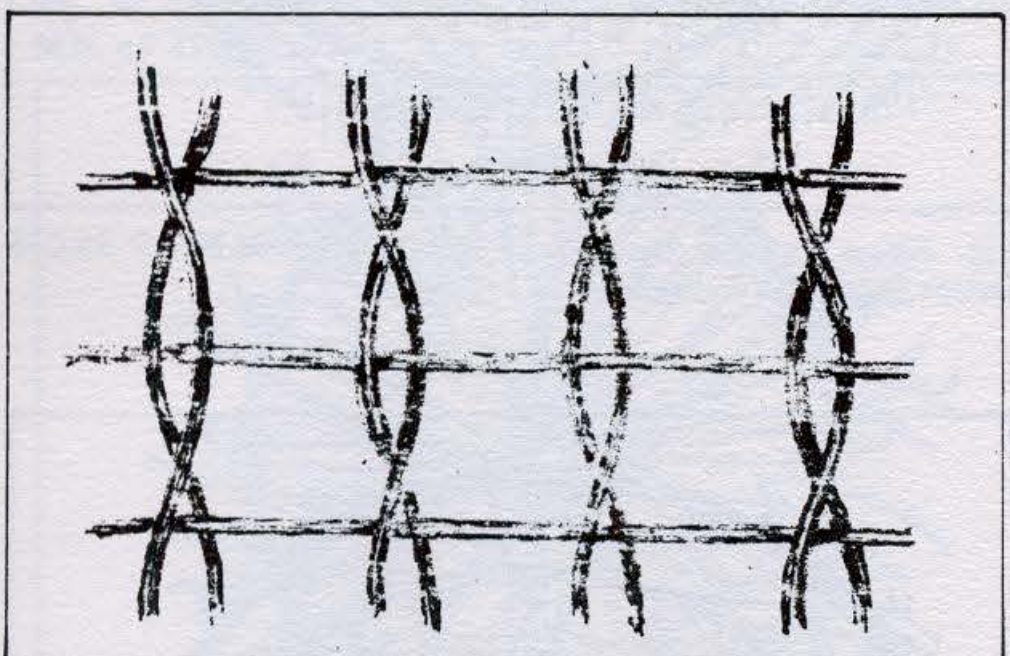



Fig. 21 – Trançado torcido horizontal. Esteira índios Karajá, M.N. nº 39.179.

COMEÇOS DOS CESTOS (20.04)

UMBIGO AMPULHETA

Def. O cruzamento das talas conforma dois triângulos opostos pelo vértice, ou seja, uma ampulheta. Ocorre freqüentemente nos cestos de fundo quadrado, emoldurados por quadrados concêntricos. (Ver fig. 22).

UMBIGO AMPULHETAS MÚLTIPLAS

Def. Semelhante ao "umbigo ampulheta" é repetido duas ou três vezes segundo o tamanho do cesto. Ocorre nos cestos estojiformes retangulares, sendo emoldurado por retângulos concêntricos. (Ver fig. 23).

UMBIGO ASTERISCO

Def. O começo da construção do cesto (de trançado torcido) é obtido dispondo-se os elementos da urdidura em posição radial os quais são envolvidos pela trama. Paulatinamente, vão sendo adicionadas novas talas ao urdume, prosseguindo-se o trabalho dentro do esquema do trançado torcido. (Ver fig. 24).

UMBIGO ASTERISCOS MÚLTIPLOS

Def. Tipo tecnológico de início de trançado torcido. Ocorre quando 16 elementos da urdidura são cruzados em séries de 4 e fixados entre si pela passagem em círculo de dois elementos. (Ver fig. 25).

UMBIGO COM NERVURA DA FOLHA

Def. A nervura da folha da palmeira é utilizada como base para dar início ao entrançamento dos folíolos. Ocorre nos trançados sarjados de cestos bornaliformes e platiformes. (Ver fig. 26).

UMBIGO DIAMANTE

Def. O começo do trançado conforma um losango cheio que denominamos "umbigo diamante". É circunscrito por losangos concêntricos. (Ver fig. 27).

UMBIGO EM NÓ

Def. Inicia-se o trabalho dando um nó na urdidura e trama. Comparece, eventualmente, nas três categorias de trançado. (Ver fig. 28).

UMBIGO OLHO

Def. O início do trançado conforma uma "janelinha" devido à reentrância de uma ou mais talas, ocorrendo mais comumente nos cestos de fundo quadrado, em forma de gamela ou nos tigeliformes. (Ver fig. 29).

UMBIGO QUADRICULAR ABERTO

Def. Os elementos da urdidura se entrecruzam quatro a quatro deixando intervalos entre uns e outros. São fixados por carreiras de trançado torcido. (Ver fig. 30).

UMBIGO RADIAL

Def. Começo de cesto de trançado torcido e costurado. Um anel é enlaçado por pontos que irradiam dele circularmente. Encontrado também em trançados feitos segundo a técnica de trançado sarjado. (Ver fig. 31).

UMBIGO SUÁSTICA

Def. Nesse tipo de umbigo, que comparece nos trançados torcidos, dezesseis elementos da urdidura são cruzados em ângulos retos, 4 a 4, formando um padrão de trançado quadricular fechado semelhante a uma suástica. Uma carreira de trançado torcido os mantêm no lugar. (Ver fig. 32).

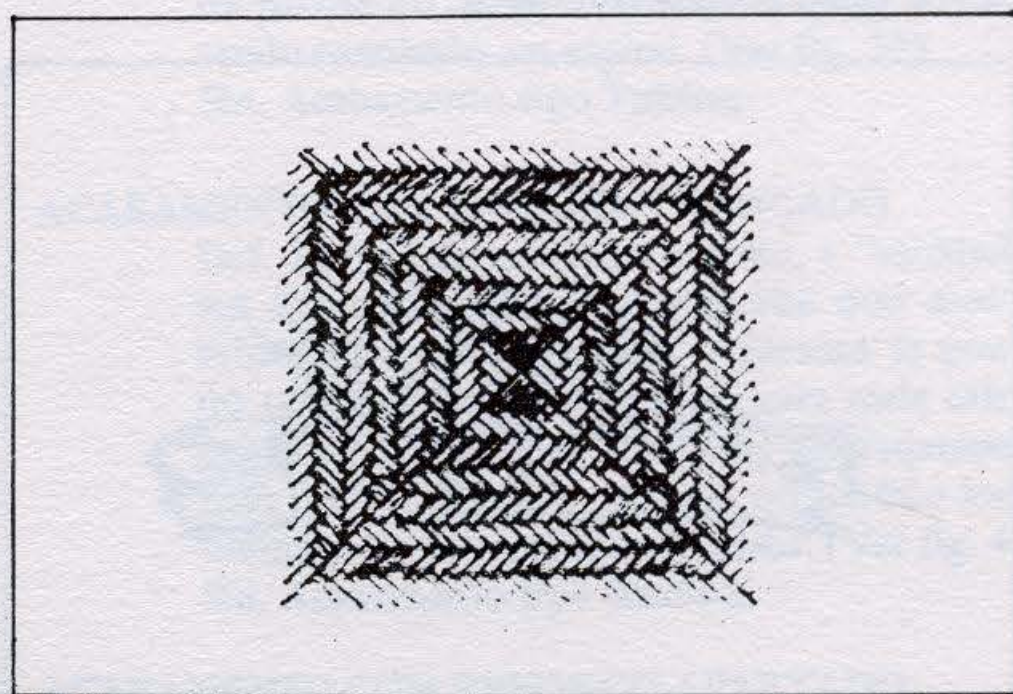



Fig. 22. Umbigo ampulheta. Protótipo, M.N. nº 34.254, índios Mundurukú.

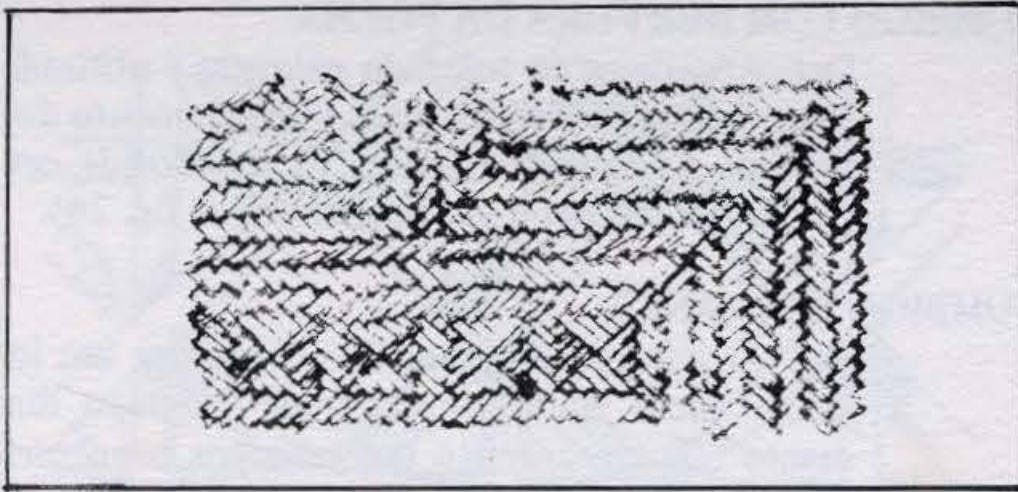



Fig. 23 – Umbigo ampulhetas múltiplas. Paradigma: M.N. nº 17.251, provavelmente ind. Mawé.

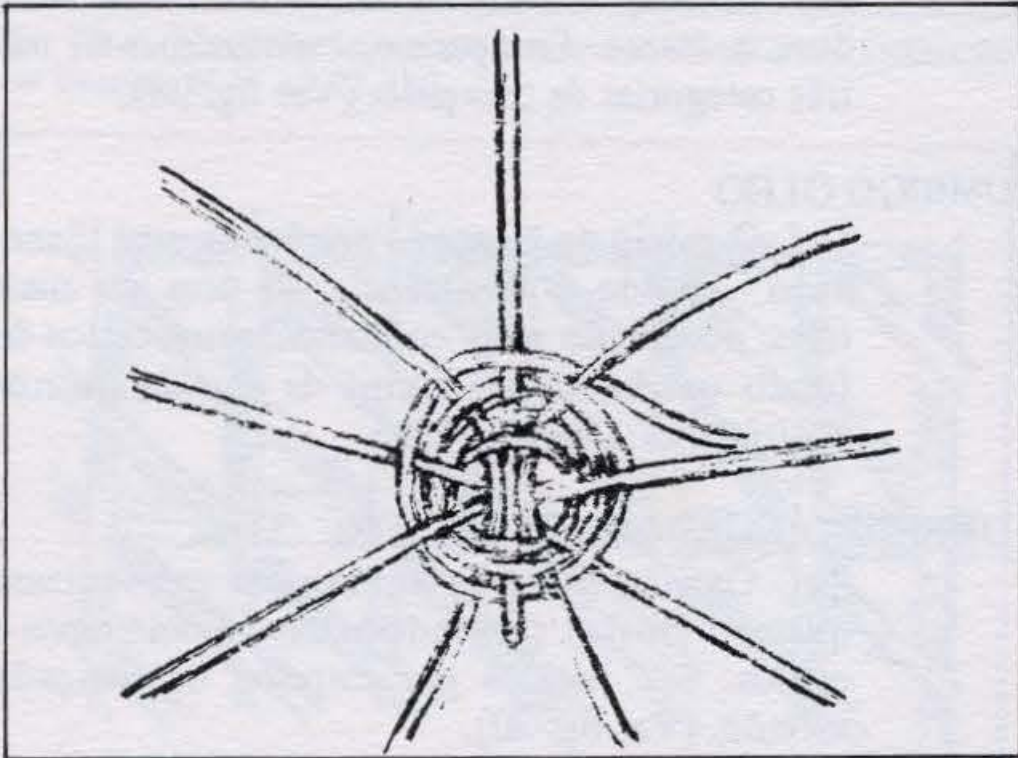



Fig. 24 – Umbigo asterisco. Protótipo M.N. nº 19.581, índios Makú.

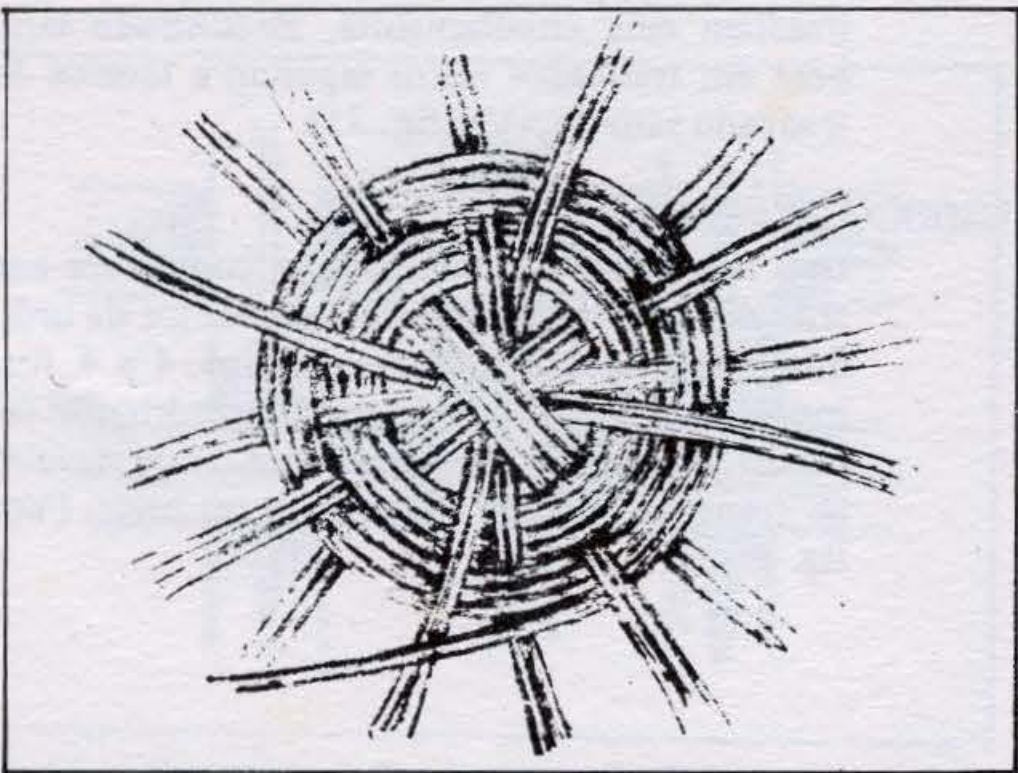



Fig. 25 – Umbigo asteriscos múltiplos. Paradigma, M.N. nº 39.018, índios Sanumá-Yanomâmi.

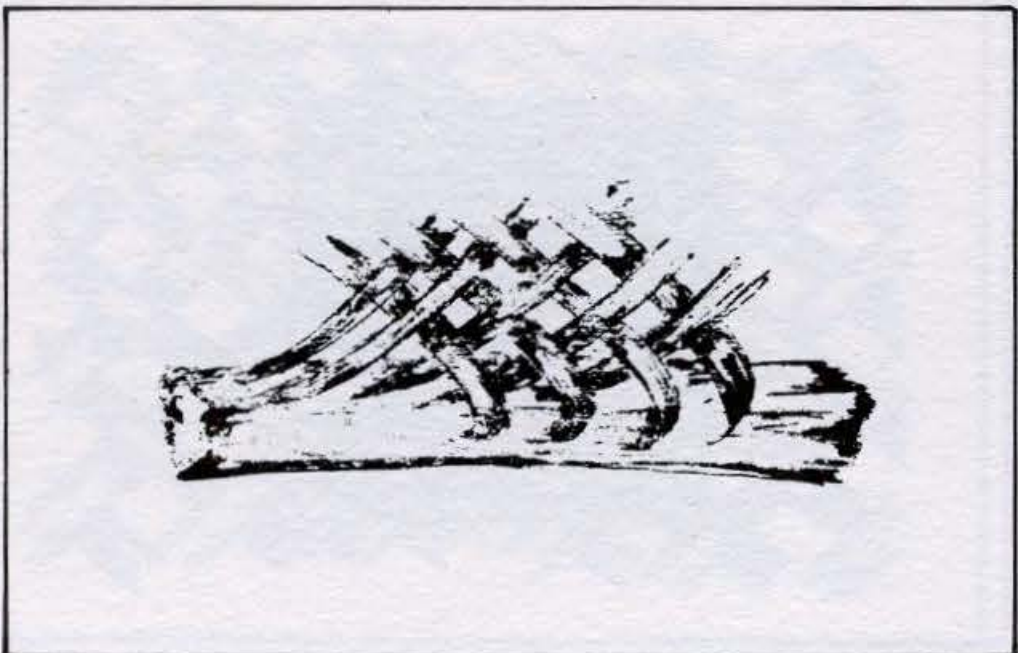



Fig. 26 – Umbigo com nervura de folha. Paradigma M.N. 28.632, índios Karajá.

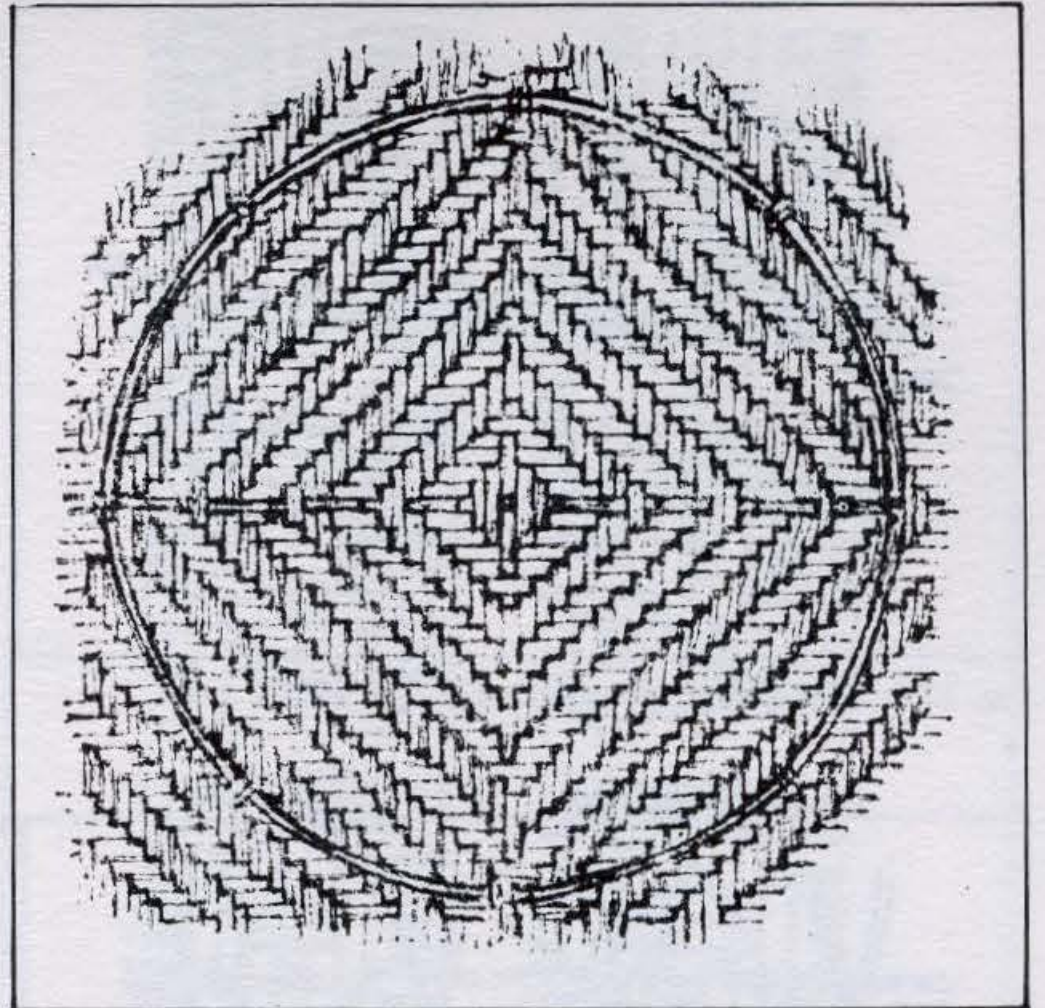



Fig. 27 – Umbigo diamante. Espécime-tipo: M.N. nº 39.038 índios Sanumá-Yanomâmi.

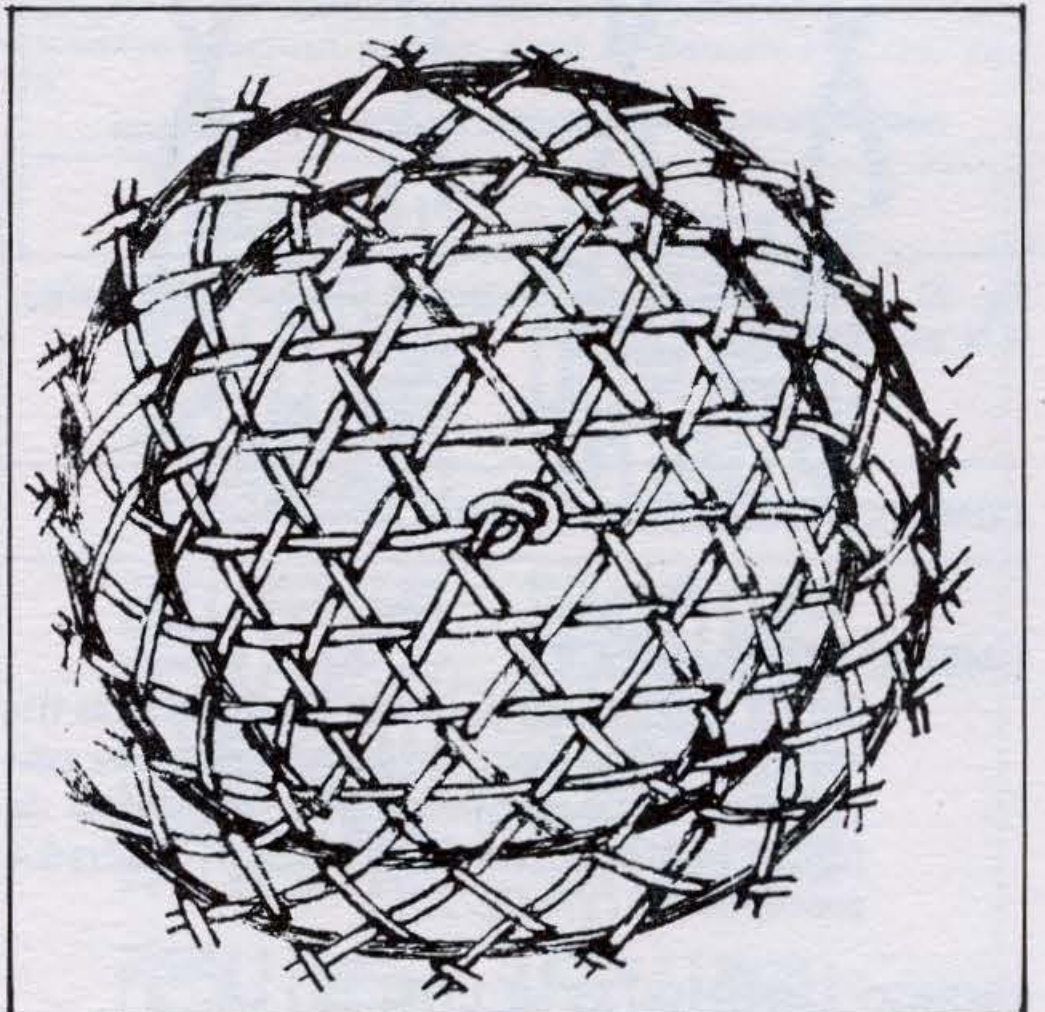



Fig. 28 – Umbigo em nó. *Apud* Roth 1924:326.

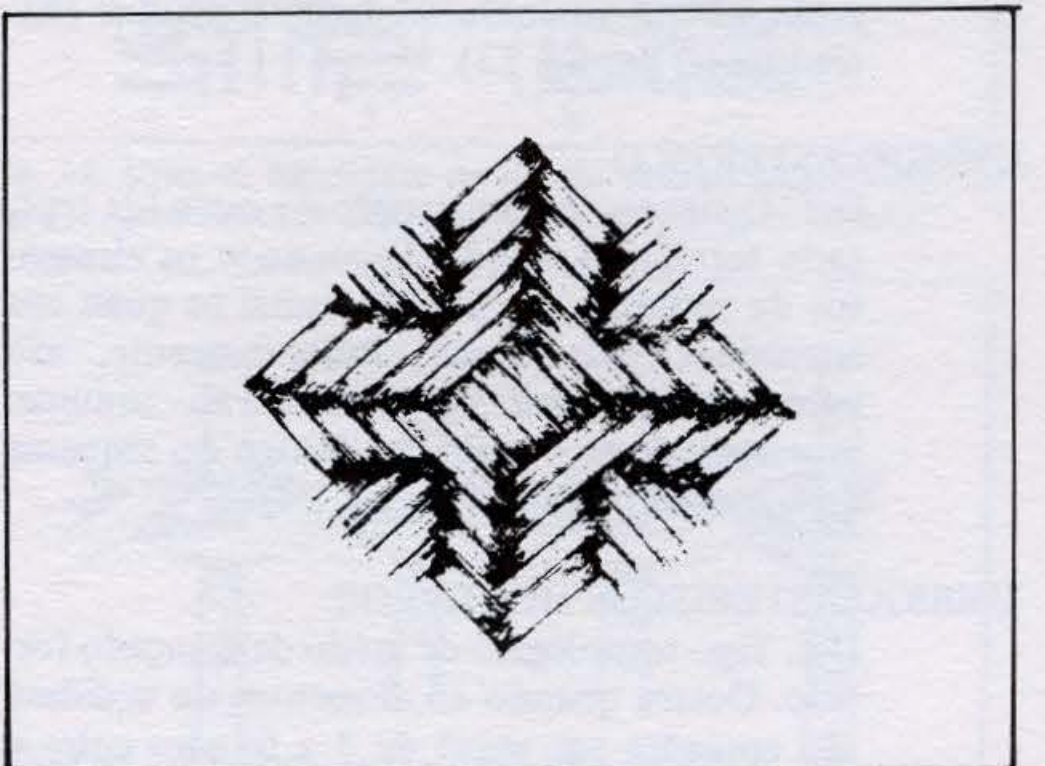



Fig. 29 – Umbigo olho. Cesto gameliforme, índios Yawalapití, M.N. nº 39.212.

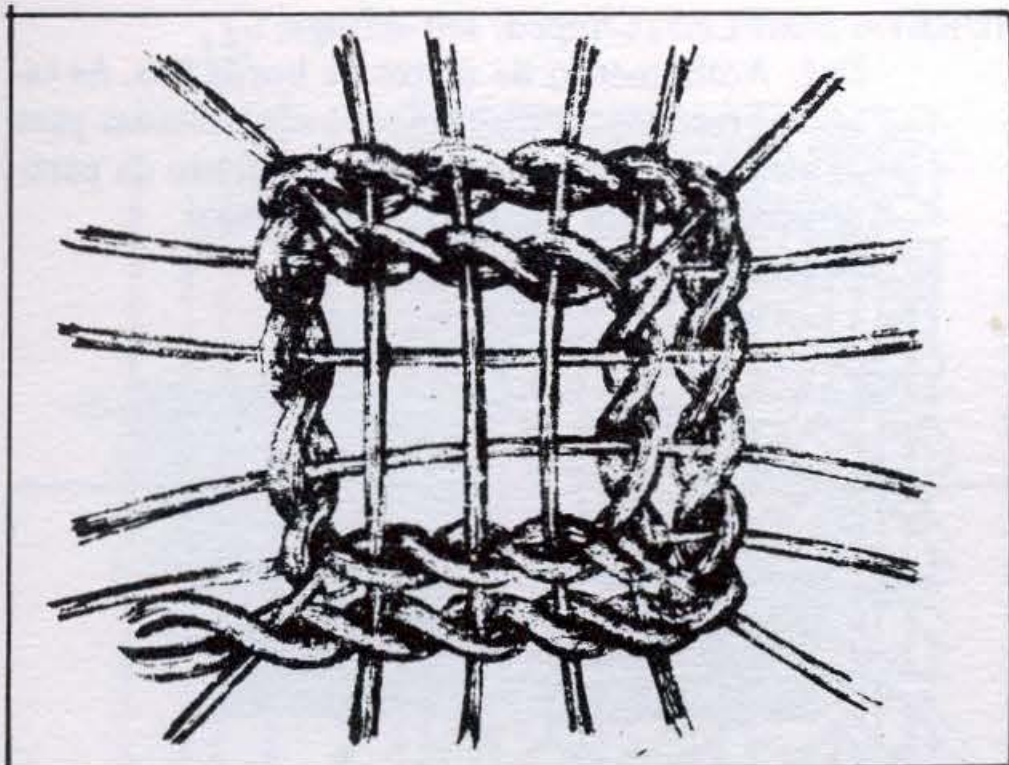



Fig. 30 – Umbigo quadricular aberto. Protótipo: índios Mirânia, M.N. nº 21.905.

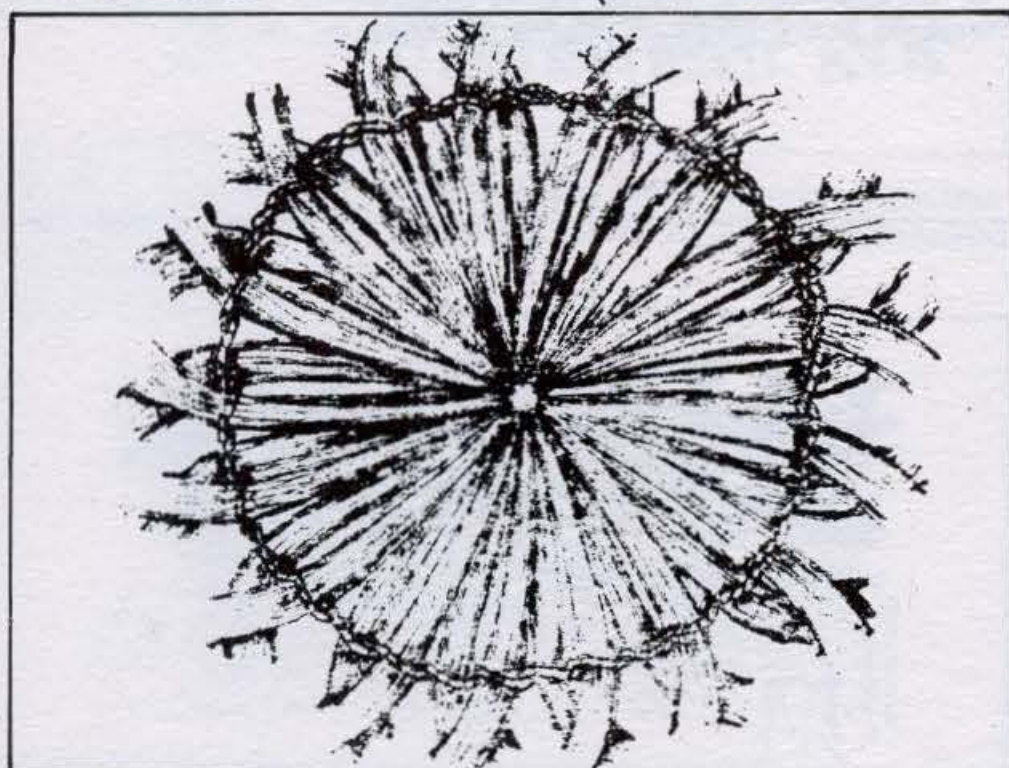



Fig. 31 – Umbigo radial. Paradigma: índios do Brasil (?), M.N. nº 8.118.

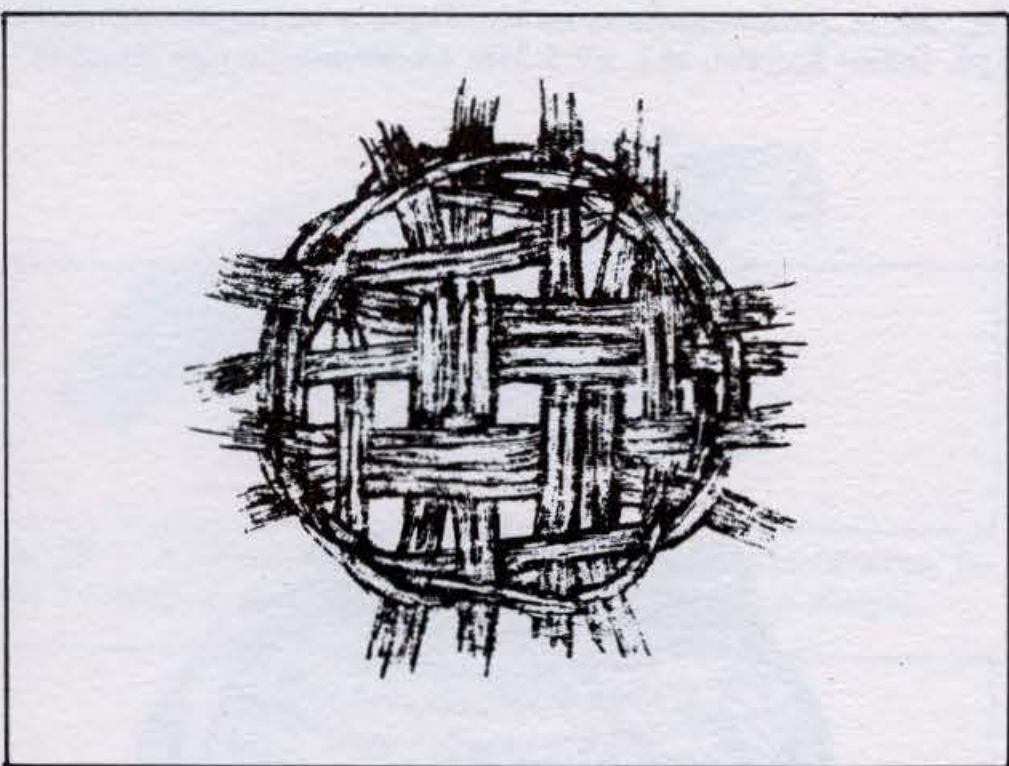



Fig. 32 – Umbigo suástica. Paradigma: índios Sanumá-Yanomâmi, M.N. nº 21.905.

ARREMATE DOS CESTOS (20.05)

ACABAMENTO ANELAR

Def. Esse tipo de arremate de cestos, com borda reforçada, se caracteriza pela aplicação de um reforço de madeira, cipó ou palha às partes terminais do trançado, preso com um amarrilho. Uma tela em espiral recobre toda a circunferência da borda do cesto. (Ver fig. 33).

ACABAMENTO COM ARO DUPLO E ENTREMEIO DE CORDA

Def. Ocorre nos cestos com borda reforçada. À parede do cesto são aplicados dois meios-aros e as talas sobressalentes do trançado, por eles englobadas, são torcidas juntas como uma corda e fixadas com um fio de algodão em espiral. (Ver fig. 34).
Sin. Acabamento tipo Kayabí.

ACABAMENTO COM ARO DUPLO E ENTREMEIO DE TRANÇA

Def. Remate do grupo de cestos com borda reforçada. Dois meios-aros são justapostos, interna e externamente, à beira do cesto, interceptando as talas sobressalentes do trançado. Essas talas são amarradas aos referidos aros com fio de algodão e separadas uma da outra sobre os mesmos em forma de trança. (Ver fig. 35).
Sin. Acabamento tipo Tapirapé.

ACABAMENTO COM ARO DUPLO ENTRETRANÇADO

Def. Remate com borda reforçada. O reforço roliço, aplicado à extremidade da parede do cesto, é entretrançado como se fosse a continuação dela, aparecendo as pontas do reforço sobressalentes ao trançado. (Ver fig. 36).
Sin. Acabamento tipo Guianas.

ACABAMENTO COM ARO PLANO

Def. Classificado no grupo dos cestos com borda reforçada. A beira do trançado é dobrada para dentro, formando uma borda de cerca de 5 cm. Em seguida é colocado um aro plano, no lado interno e externo, de vara de madeira fina ou cipó, costurado com linha.
Sin. Acabamento tipo Uaupés. (Ver fig. 37).

ACABAMENTO COM ARO ROLIÇO

Def. Característico de certos cestos (gameliformes, vasiformes) com borda reforçada. O aro roliço é colocado rente à extremidade superior do cesto sendo preso à mesma com costura feita com fio de algodão (Ver fig. 38)
Sin. Acabamento tipo Xingu.

ACABAMENTO COM AROS MÚLTIPLOS

Def. Do grupo de cestos com borda reforçada. Três ou quatro aros são aplicados à extremidade da parede do cesto, o último dos quais, à borda, sendo envolvido em espiral. (Ver fig. 39).
Sin. Acabamento tipo Tukâno.

ACABAMENTO COM ENCAIXE TRANÇADO

Def. Depois de trançado o cesto, e "moldado" em forma de meia calota, recebe dois aros de reforço interno e externo. Aparadas as pontas do trançado, para arredondar essa meia esfera, aplica-se uma faixa trançada separadamente. Essa faixa é dobrada ao meio no sentido longitudinal e presa às paredes do cesto. (Ver fig. 40).
Sin. Acabamento tipo Baníwa.

ACABAMENTO COM REFORÇO APARTADO

Def. Remate de cesto com borda reforçada. Uma farpa de madeira é apensa ao bordo do

cesto e em torno dela são reunidas as talas da urdidura aos molhos, separados uns dos outros por intervalos regulares amarrados em espiral. (Ver fig. 41).
Sin. Acabamento tipo Kaapor.

ACABAMENTOS DECORATIVOS
Def. No arremate dos cestos podem vir a ocorrer procedimentos vários de efeitos decorativos. Eles são obtidos pelo acréscimo de um reforço de elementos da mesma textura dos que conformam os cestos ou de texturas contrastantes. No vasto repertório desses acabamentos, destacam-se os seguintes: *1) figura de oito; 2) enlaçado duplo; 3) enlaçado espiralado; 4) enlaçado com falso nó; 5) trança.* (Ver figs. 42, 43, 44).

ACABAMENTO TIPO BANÍWA
Use: ACABAMENTO COM ENCAIXE TRANÇADO

ACABAMENTO TIPO GUIANAS
Use: ACABAMENTO COM ARO DUPLO ENTRETRANÇADO

ACABAMENTO TIPO KAAPOR
Use: ACABAMENTO COM REFORÇO APARTADO

ACABAMENTO TIPO KAYABÍ
Use: ACABAMENTO COM ARO DUPLO E ENTREMEIO DE CORDA

ACABAMENTO TIPO TAPIRAPÉ
Use: ACABAMENTO COM ARO DUPLO E ENTREMEIO DE TRANÇA

ACABAMENTO TIPO TUKÂNO
Use: ACABAMENTO COM AROS MÚLTIPLOS

ACABAMENTO TIPO TXIKÃO
Use: OURELA DUPLA

ACABAMENTO TIPO UAUPÉS
Use: ACABAMENTO COM ARO PLANO

ACABAMENTO TIPO XINGU
Use: ACABAMENTO COM ARO ROLIÇO

AUTO-REMATE
Use: OURELA SIMPLES

OURELA DUPLA
Def. Remate dos cestos de borda lisa. Os folíolos sobressalentes do trançado são desdobrados das paredes do cesto ao atingirem a beira, sendo introduzidos enxertos sobrepostos aos mesmos, quase imperceptivelmente. Assim se duplica a borda do cesto. O mesmo efeito é obtido quando se aplica um apêndice trançado sobre a ourela, a exemplo de alguns cestos Munduruku. (Ver figs. 45).
Sin. Acabamento tipo Txikão.

OURELA SIMPLES *(Clipped, self-selvage,* i.)
Def. Acabamento de cestos de borda lisa. As talas sobressalentes do trançado são voltadas para dentro e se procede o reentrançamento da parte dobrada na face interna. (Ver fig. 46).
Sin. Auto-remate.

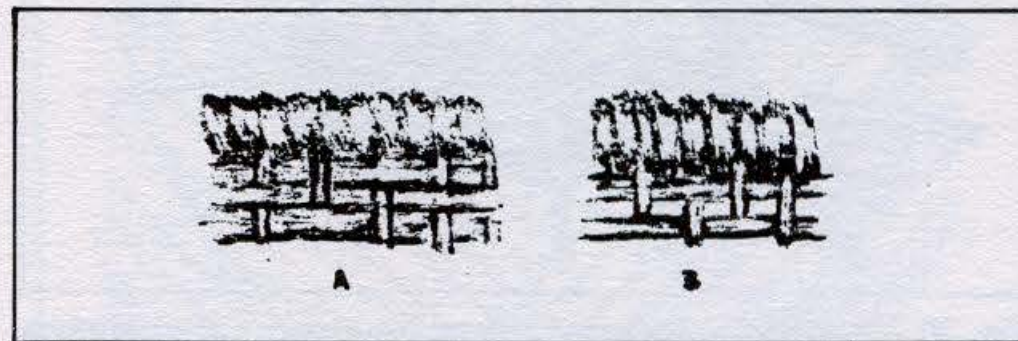



Fig. 33 – Acabamento anelar. Cesto-cargueiro coniforme, índios Paresí, M.N. nº 2.550. A. Verso. B. Anverso.

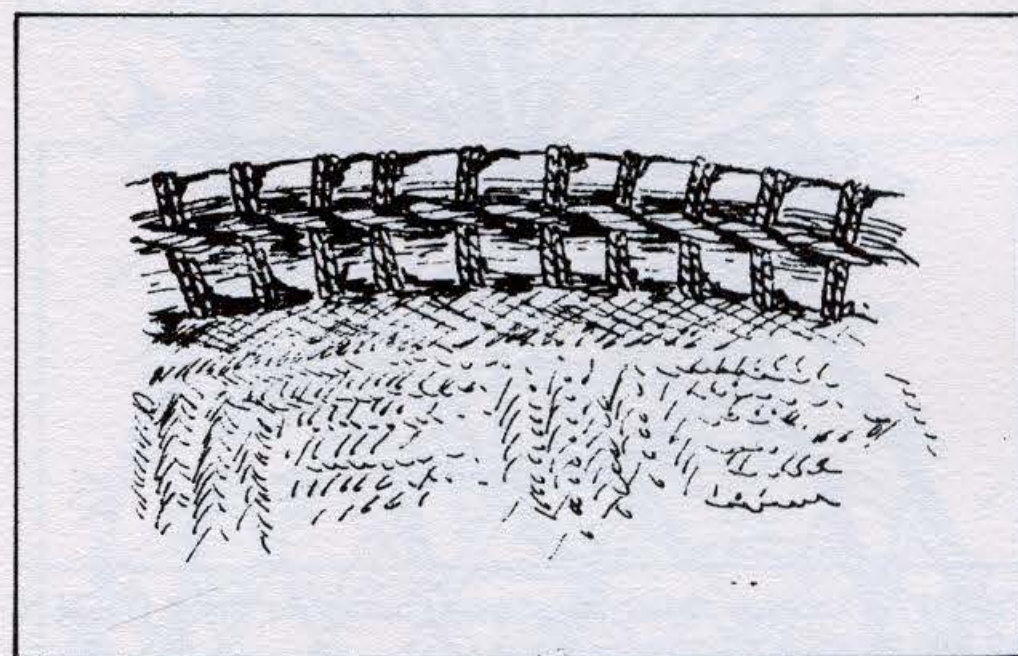



Fig. 34 – Acabamento com aro duplo e entremeio de corda. Apâ, índios Kayabí, M.I. nº 6.310. (Acabamento tipo Kayabí).

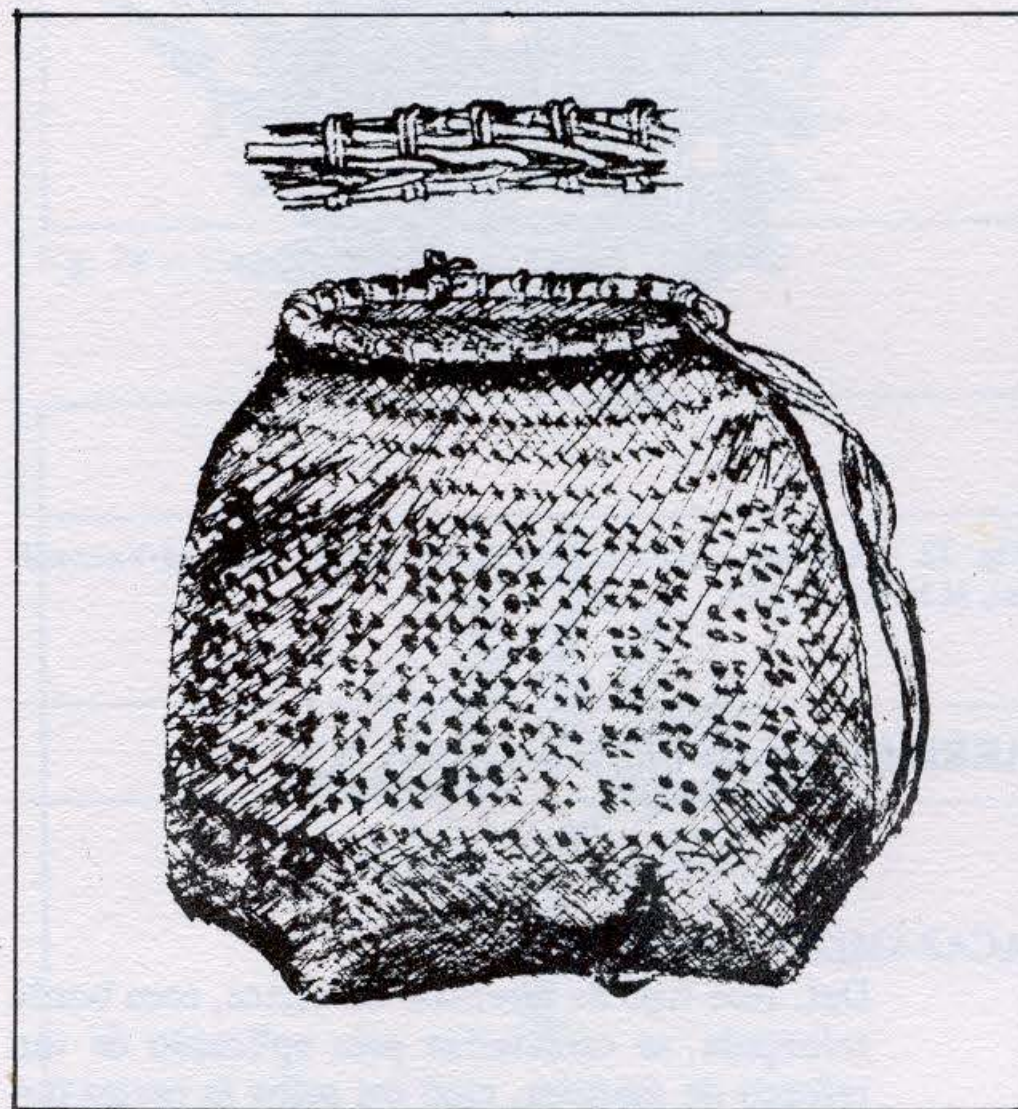



Fig. 35 – Acabamento com aro duplo e entremeio de trança. Cesto vasiforme, índios Tapirapé, M.N. nº 32.060. (Acabamento tipo Tapirapé).

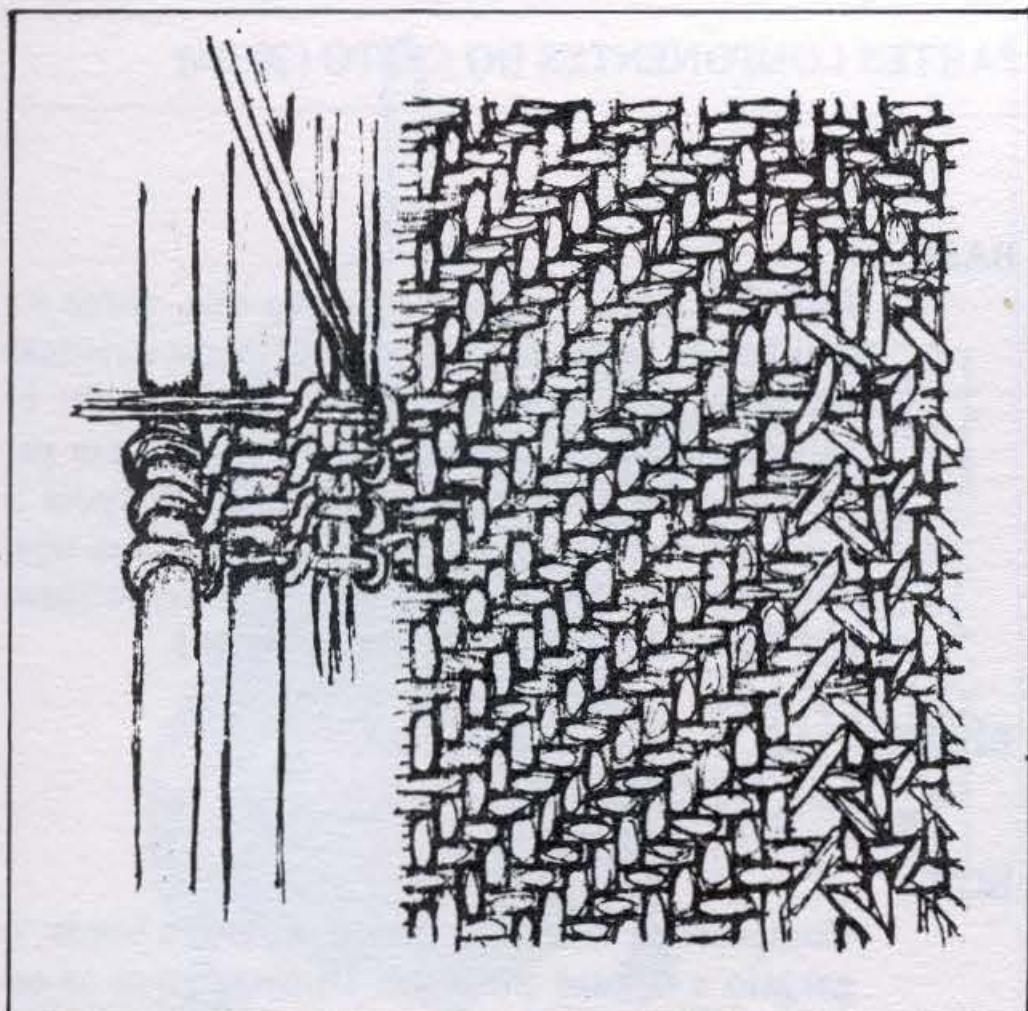



Fig. 36 – Acabamento com áro duplo entretrançado. Espécime-tipo, peneira dos índios Tembé, M.N. nº 15.236. (Acabamento tipo Guianas).

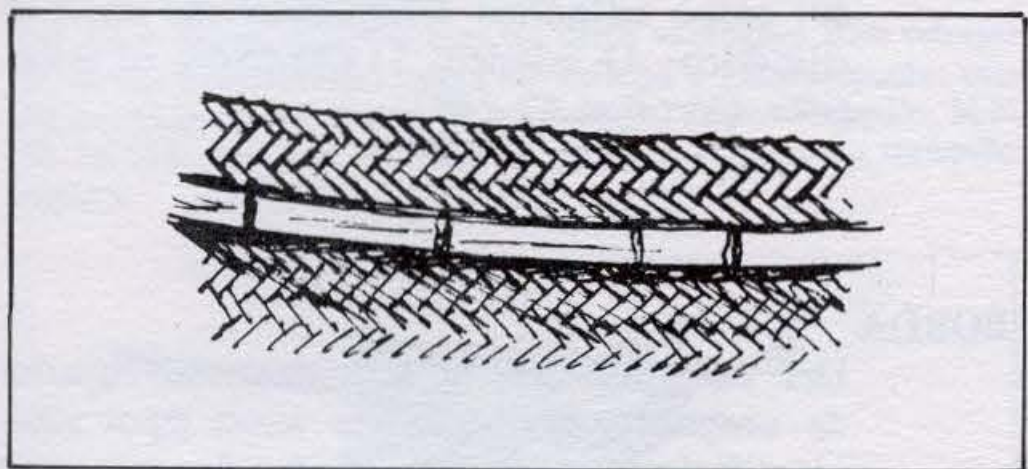



Fig. 37 – Acabamento com aro plano. Cesto paneiriforme, índios Desâna, M.N. nº 40.257. (Acabamento tipo Uaupés).

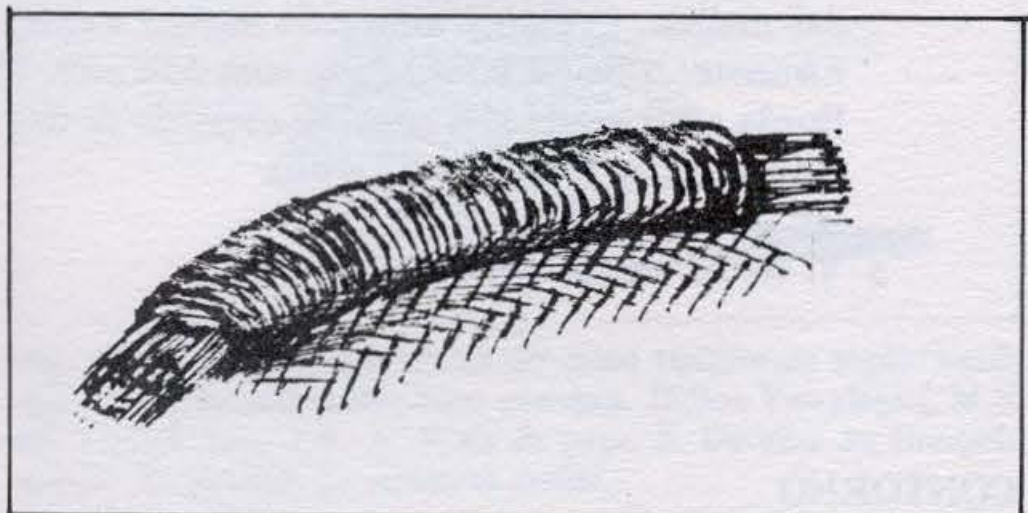



Fig. 38 – Acabamento com aro roliço. Cesto gameliforme, índios Yawalapití, M.N. nº 39.639. (Acabamento tipo Xingu).

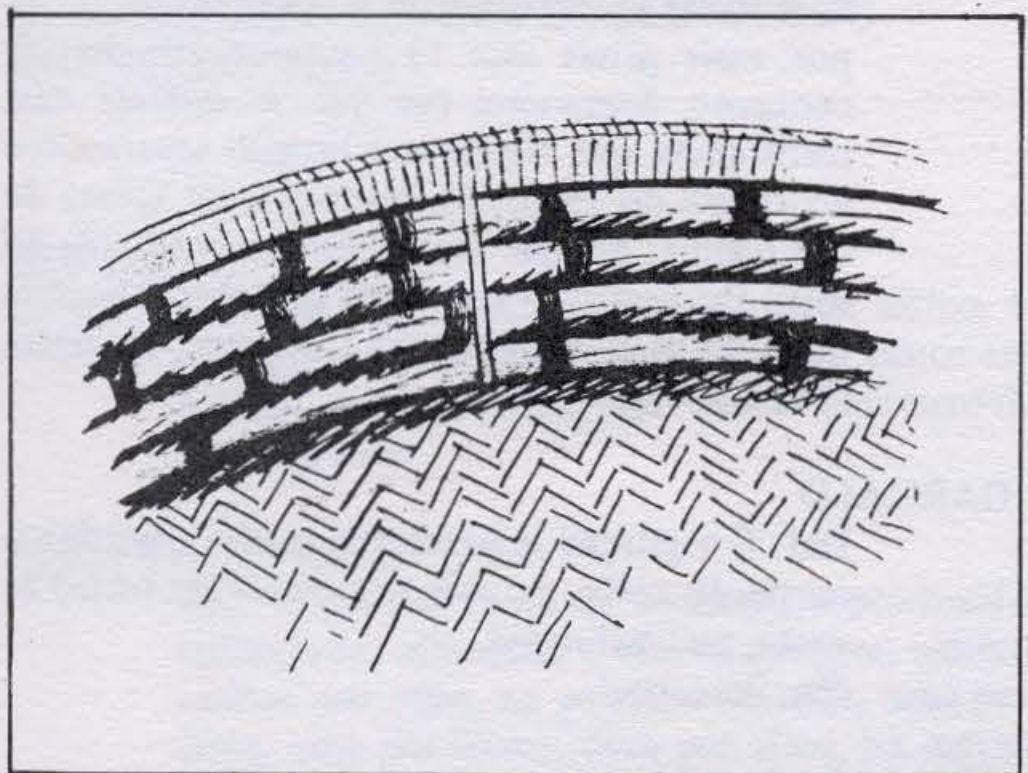



Fig. 39 – Acabamento com aros múltiplos. Apá dos índios Tukâno do rio Uaupés, M.N. nº 35.623. (Acabamento tipo Tukâno).

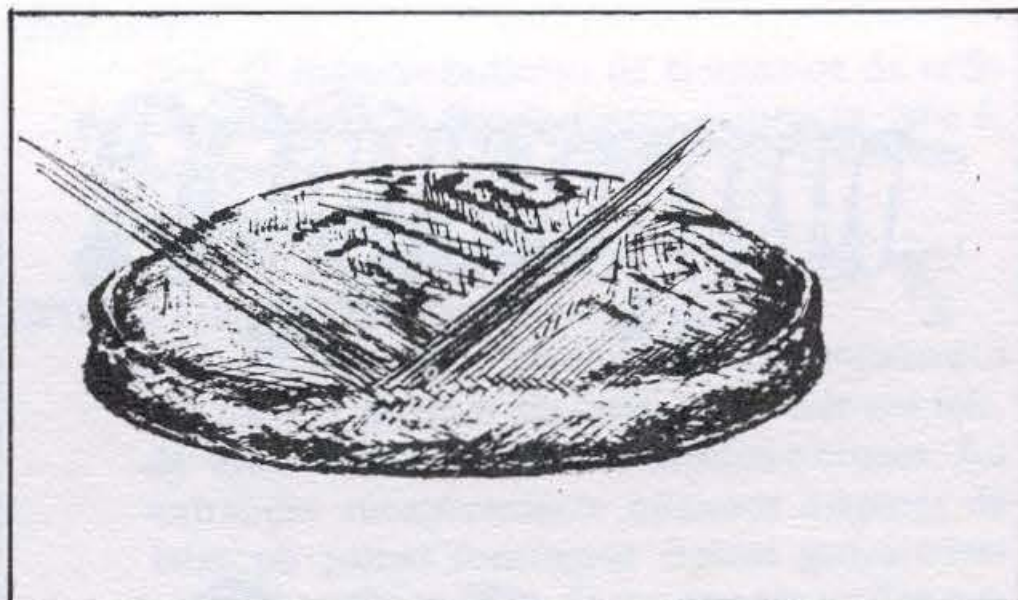



Fig. 40 – Acabamento com encaixe trançado. Apá, índios do Uaupés, M.N. nº 21.386. (Acabamento tipo Baníwa).

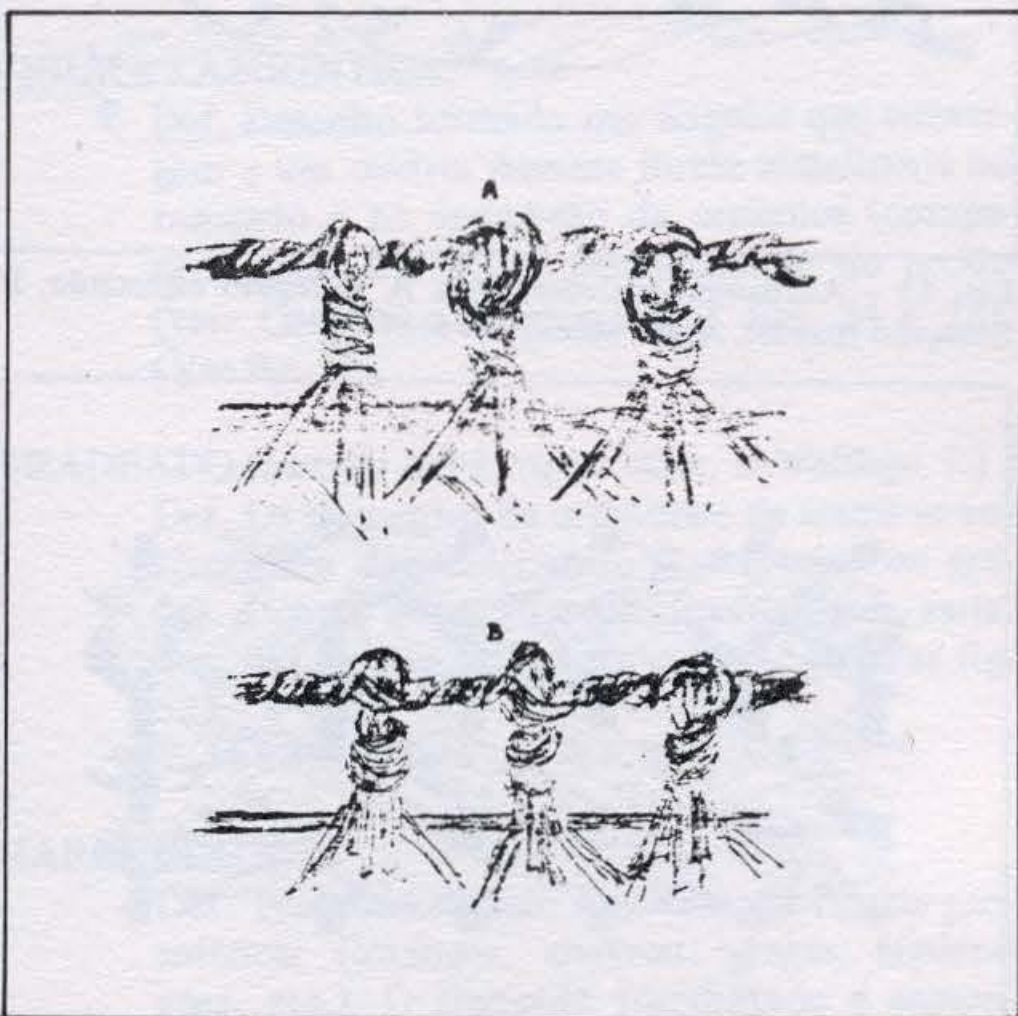



Fig. 41 – Acabamento com reforço apartado. Jamaxim, índios Kaapor, M.N. nº 24.579. A. Verso. B. Reverso. (Acabamento tipo Kaapor).

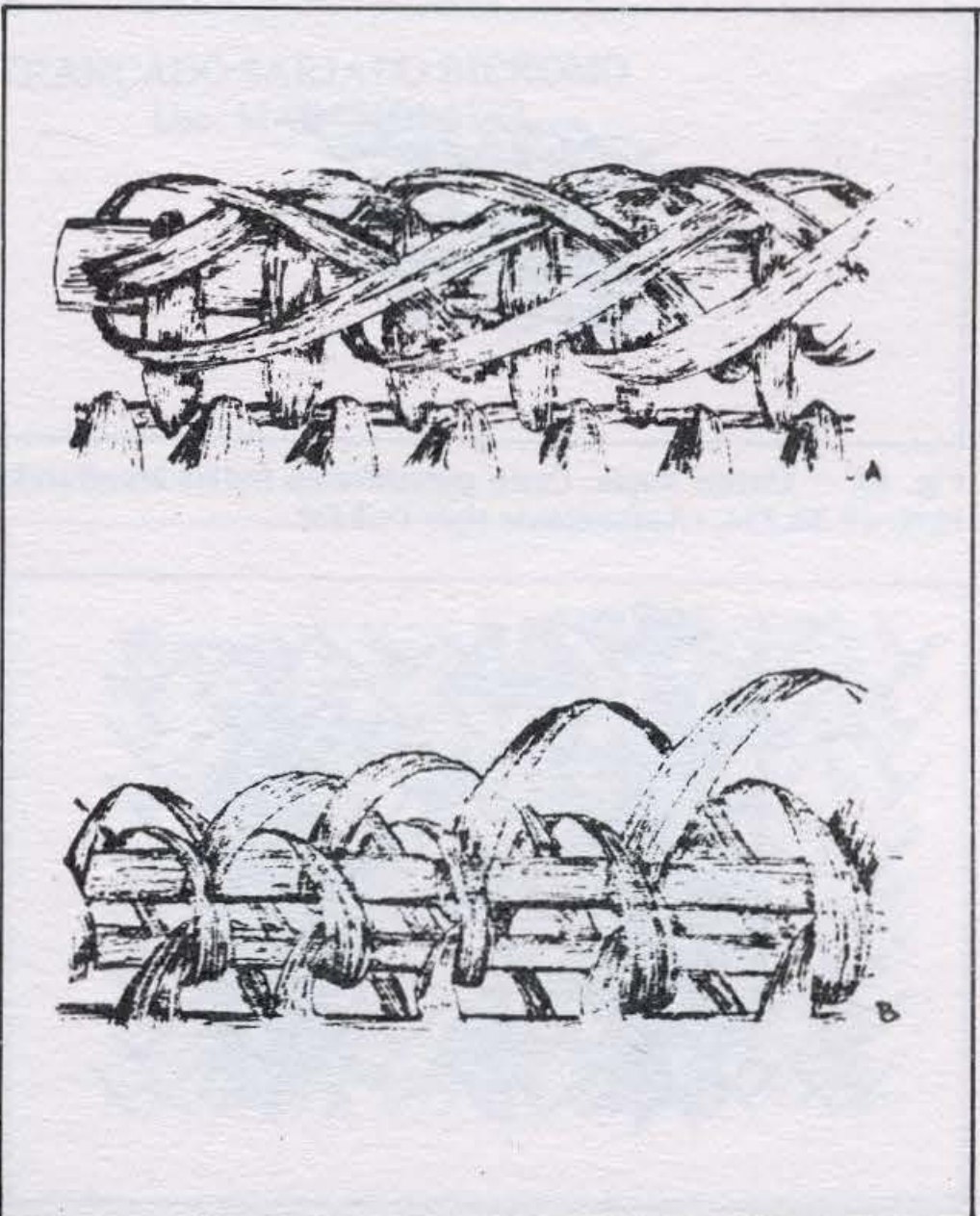



Fig. 42 – Acabamentos decorativos. A. Figura-de-8. B. Enlaçado duplo. *Apud* Mason 1976:273-277.

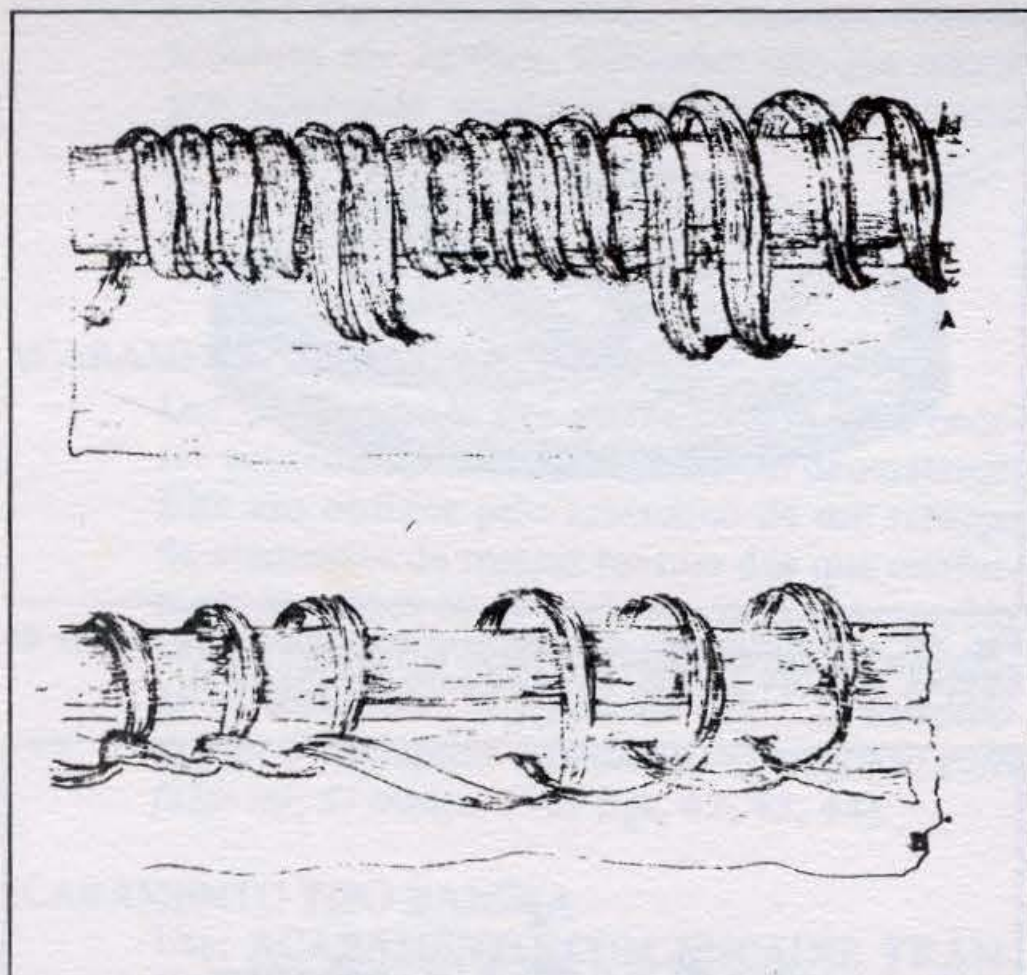



Fig. 43 – Acabamentos decorativos. A. Enlaçado espiralado. B. Enlaçado com nó. *Apud* Mason 1976:273-277.

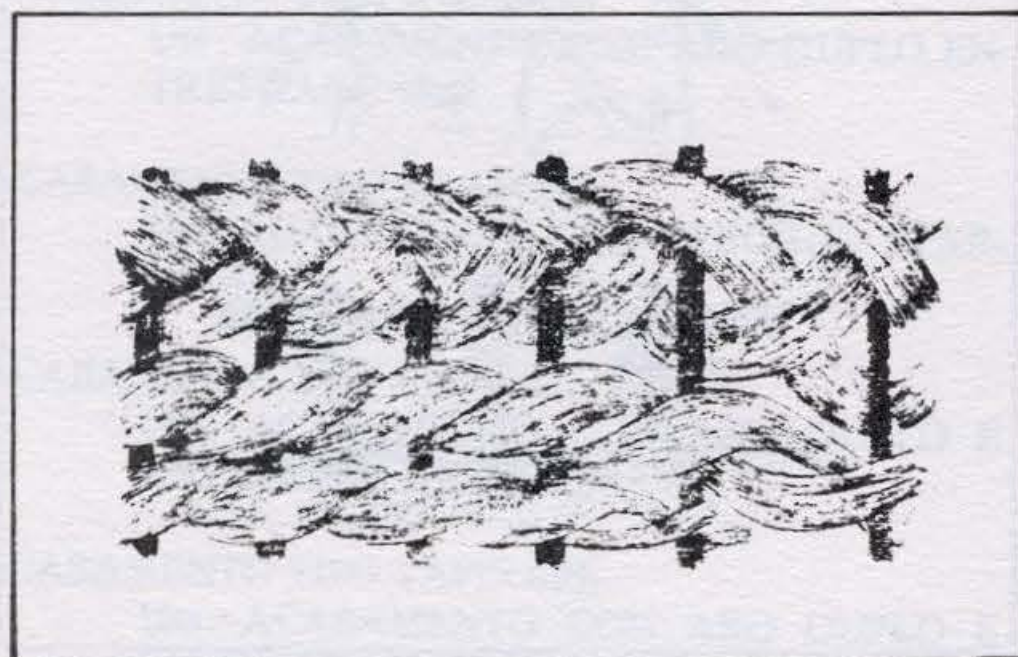



Fig. 44 – Acabamento decorativo em trança. *Apud* Mason 1976: 273-277.

Fig. 45 – Ourela dupla. Cesto gameliforme índios Mundurukú, M.N. nº 34.254. (Acabamento tipo Txikão).

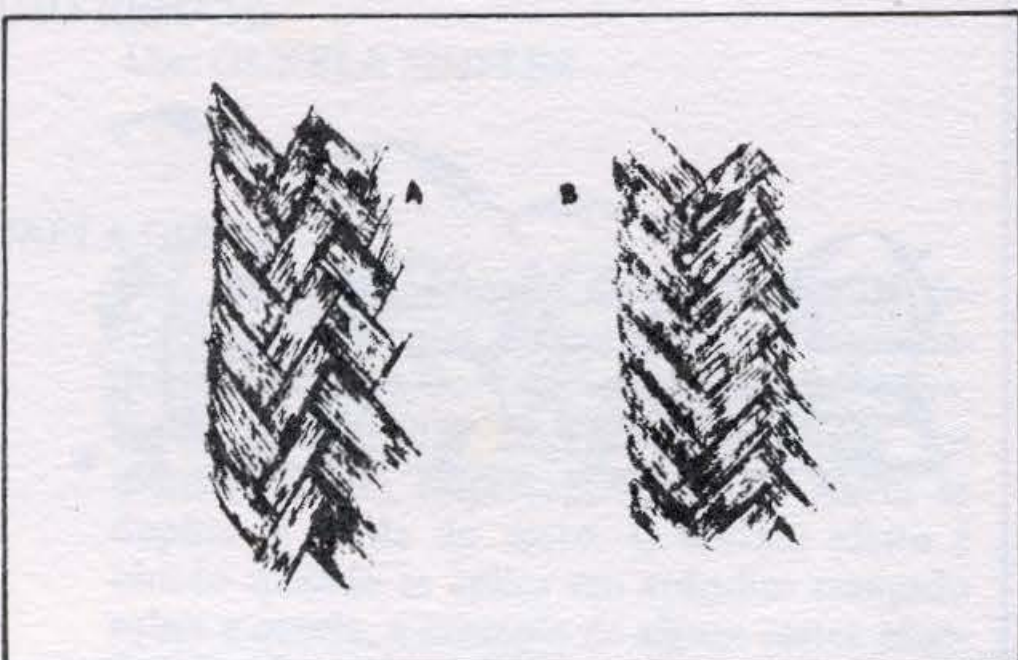



Fig. 46 – Ourela simples. Cesto gameliforme índios Tembé, M.N. nº 5.234. A. Verso. B. Anverso.

PARTES COMPONENTES DO CESTO (20.06)

BASE

Def. É a parte inferior do cesto que, como na vasilha de cerâmica, apresenta características distintas, sendo mais comuns as seguintes: 1) arredondada; 2) cônica; 3) convexa; 4) em pedestal: parte inferior vasada na qual se apoia o bojo do cesto; 5) bipode ou tetrapode, ou seja, com duas ou quatro pontas que correspondem aos "pés" do cesto. (Ver figs. 47 e 48).

BEIRAL

Use: BORDA

BOJO

Compreende toda a extensão, exceto a borda, o gargalo e a base do cesto. Distinguem-se os seguintes tipos cuja nomenclatura enuncia a forma. 1) Campânula: o contorno do cesto apresenta uma reentrância na parte central; 2) cônico: corpo cilíndrico terminando em cone; 3) cilíndrico; 4) esférico; 5) quadrado; 6) retangular. (Ver figs. 47 e 48).

BORDA

Def. Parte concernente ao acabamento superior de um cesto. Distinguem-se vários tipos autoidentificáveis pela enunciação da respectiva nomenclatura: 1) Borda constrita: o estreitamento do beiral é obtido pela junção apertada das malhas. 2) Borda reforçada interna e externamente: o beiral é reforçado com dois aros. 3) Borda extrovertida: o beiral se expande de dentro para fora. (Ver figs. 47 e 48).

Sin. Beiral

V. tb. Arremate dos cestos (20.05)

CONTORNO

Def. Do mesmo modo como o vasilhame cerâmico, o contorno do corpo do cesto pode ser dotado de protuberâncias e reentrâncias. Os tipos mais gerais são: 1) contorno simples; 2) contorno composto, em que se assinala uma reentrância que delimita o gargalo separando-o do corpo do cesto; 3) contorno em forma de campânula: admite uma reentrância situada no meio do cesto; 4) contorno complexo: registra duas ou mais reentrâncias no corpo do cesto. (Ver fig. 47)

GARGALO

Def. É a porção intermediária entre a borda e o corpo do cesto, no caso dos cestos em forma de vasos, ou vasiformes.

Sín. Pescoço.

PESCOÇO

Use: GARGALO

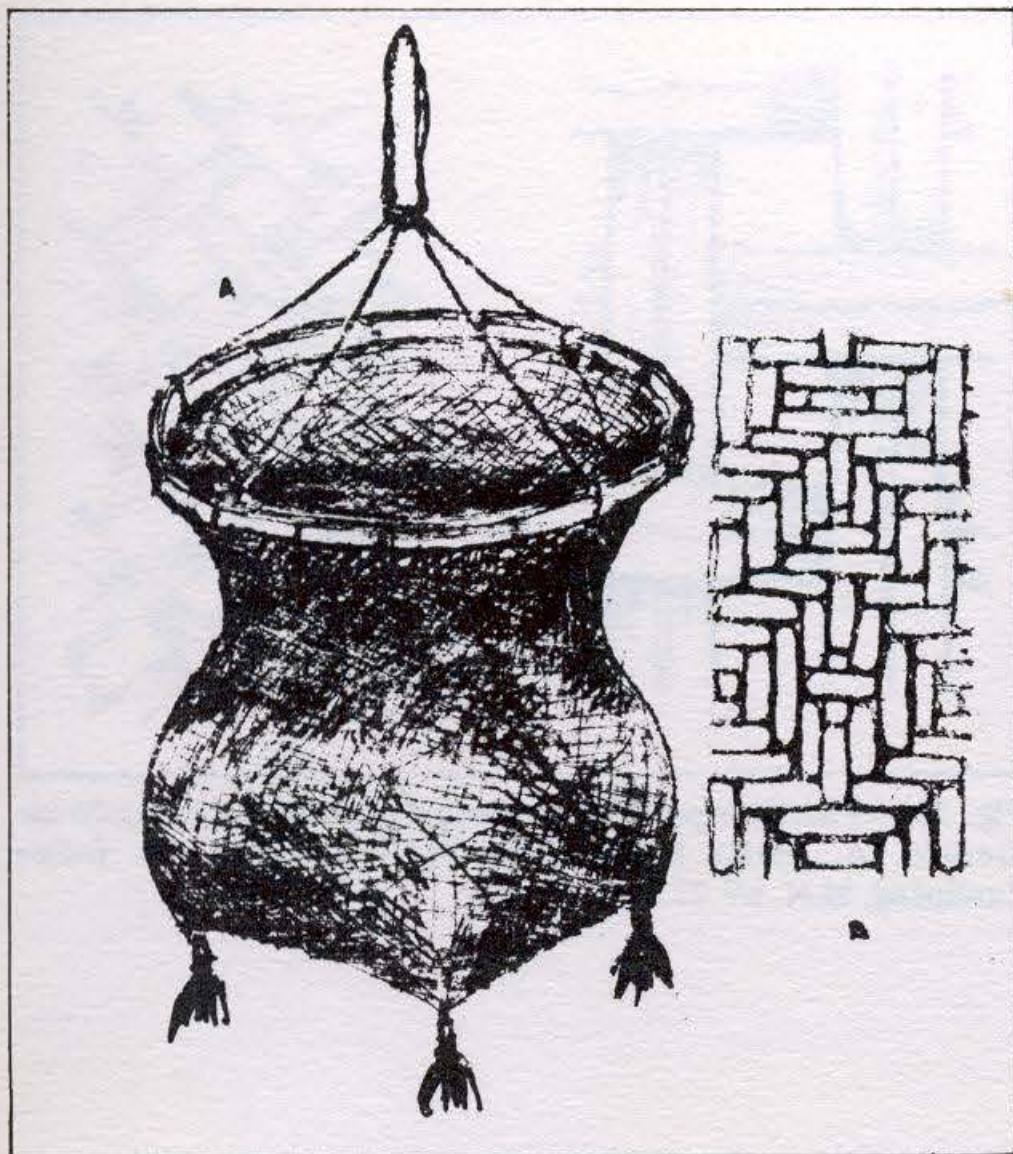



Fig. 47 – Partes componentes do cesto vasiforme. Base tetrapode; borda extrovertida, reforçada interna e externamente; contorno composto em forma de campânula. Índios Kalapálo, M.N. nº 35.544. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado: sarjado.

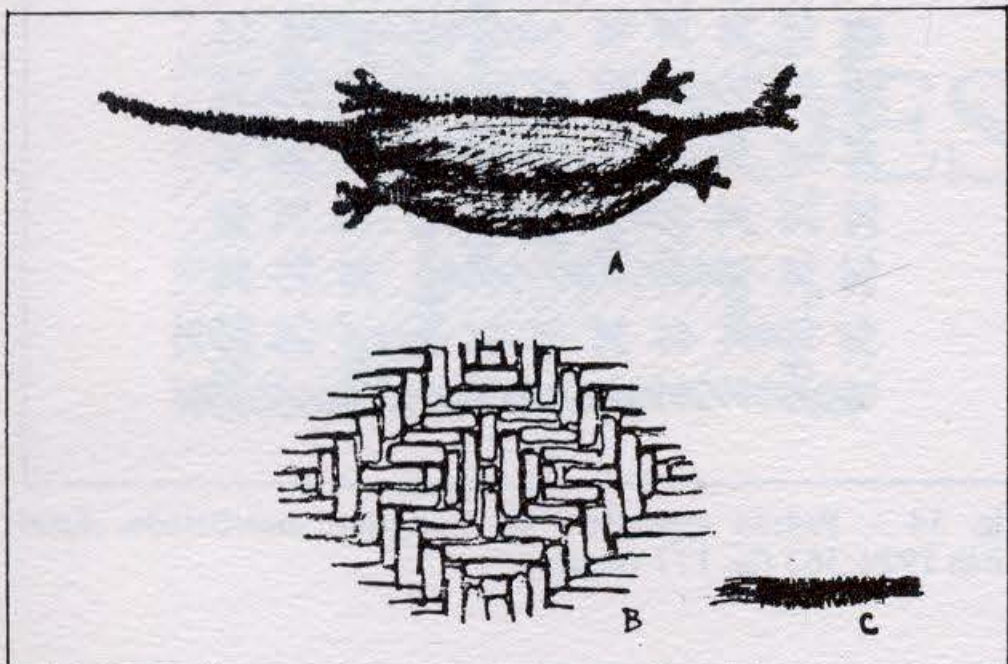



Fig. 48 – Partes componentes do cesto tijeliforme (apá): borda com apêndice zoomorfo; base convexa. Índios Yawalapití, M.N. nº 37.433. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado sarjado. C. Detalhe do arremate anelar.

PADRÕES ORNAMENTAIS ESPECÍFICOS DO TRANÇADO (20.07)

BORDADO

Def. Padrão de trançado sarjado que utiliza o acréscimo de folíolos ou flabelos de maior espessura para produzir um relevo ornamental. (Ver fig. 49).

CASA DE ABELHAS

Def. O padrão "casa de abelhas" é produzido saltando-se, alternada e sucessivamente, quatro malhas por cima, na primeira carreira, uma por cima, uma por baixo, duas por cima, na segunda carreira, e uma por cima, uma por baixo e quatro por cima na terceira. (Ver fig. 50).

COMPACTO

Def. O entrecruzamento de elementos da urdidura e trama se faz de forma compacta, isto é, sem deixar aberturas ou grades.
T. Rel. Gradeado

ESPINHA DE PEIXE *(Herringbone* – i.)

Def. Esse padrão é obtido pelo entrançamento das malhas, de duas em duas, ou de três em três, de uma só vez, formando ângulos obtusos. Ao entrançar sucessivamente números díspares de talas ou palhas formam-se figuras geométricas realçadas pelo reflexo da luz nos trançados monocromos. Espinha de peixe é o padrão mais corrente nos trançados sarjados. (Ver fig. 51).

FIGURA LABIRÍNTICA

Def. Desenho formado por ângulos que convergem a um centro. Assume forma semelhante no trançado e na decoração da cerâmica (comparar: 10.08 fig. 10) e dissemelhante no tecido (ver: Cordões e tecidos 30.03 figs. 24 e 25). (Ver fig. 52).

GRADEADO *(Lattice Work, open work,* i.; *treillage,* f.)

Def. Os elementos da urdidura e da trama se entrecruzam deixando entre si aberturas ou grades. Ocorre nos trançados quadriculares, sarjados, hexagonais, enlaçados e torcidos. (Ver fig. 53).
T. Rel. Compacto

MARCHETADO

Def. Trançado sarjado que compõe figuras geométricas (losangos, chevron, gregas, ziguezagues, etc.). O trançado marchetado é sempre bicromo, permitindo dar realce às figurações derivadas da técnica de trançar. (Ver fig. 54).
Sin. Trançado sarjado bicromo.

TRANÇADO SARJADO BICROMO

Use: MARCHETADO

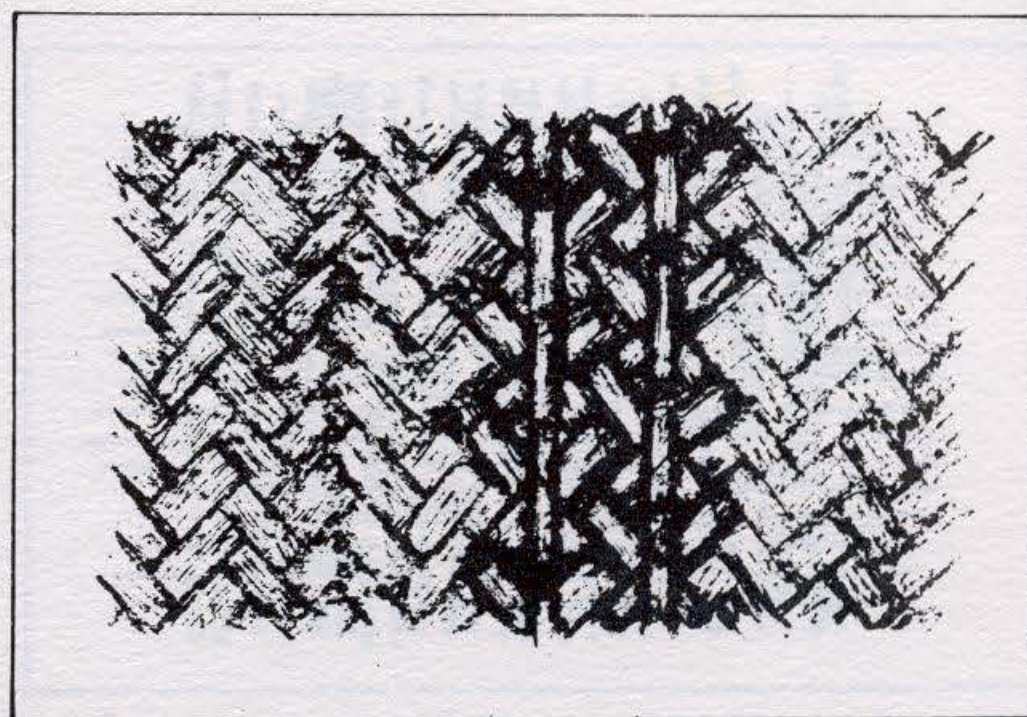



Fig. 49 – Padrão específico do trançado bordado. Índios Mentuktíre, M.N. nº 40.050.

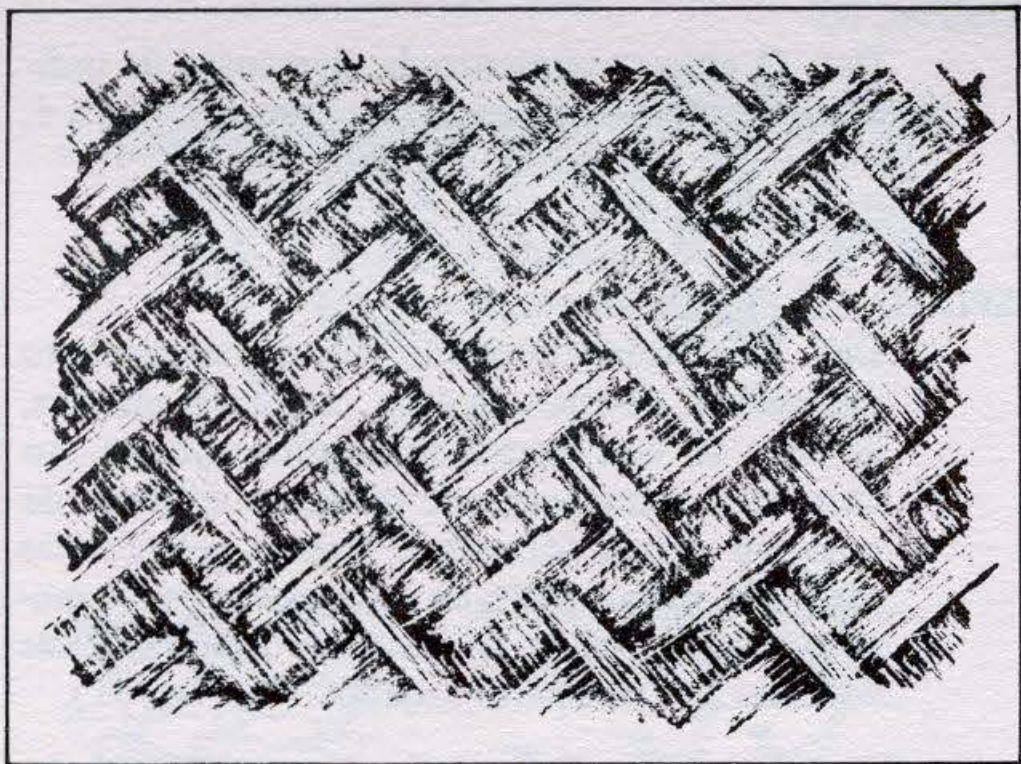



Fig. 50 – Padrão específico do trançado: casa de abelhas. Índios Kayabí, M.I. nº 6307.

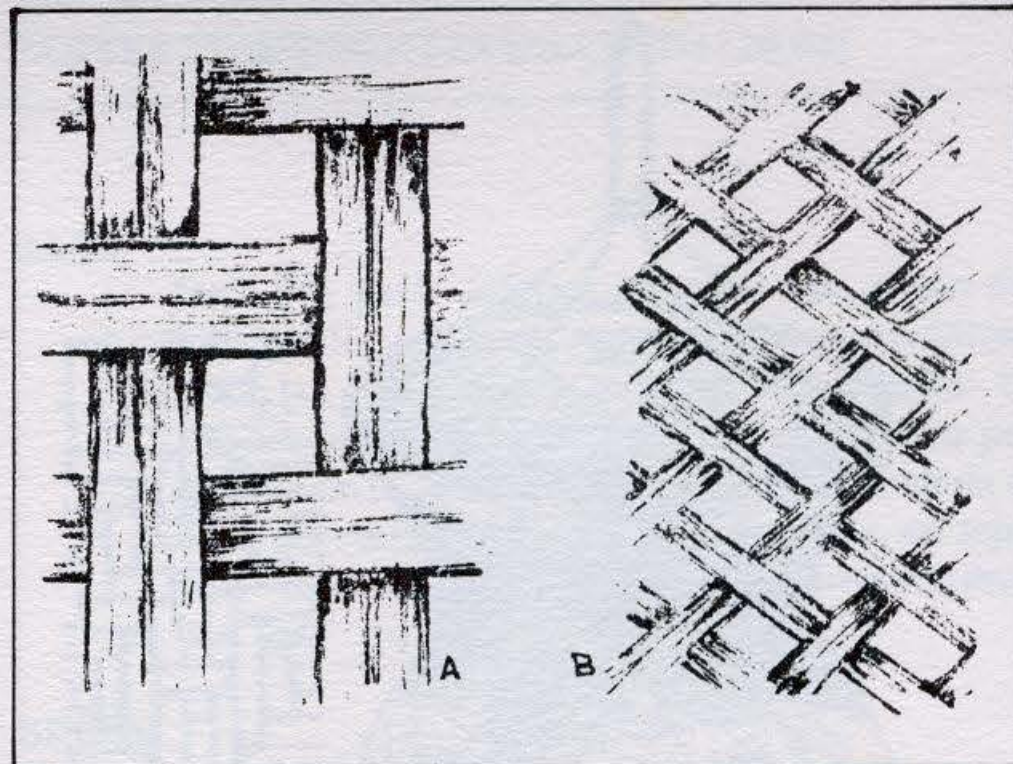



Fig. 53 – Padrão específico do trançado: gradeado; trançado xadrezado. A. Índios Mawá-tapuia, M.N. nº 20.932; B. Índios Taulipáng, M.N. nº 27.553.

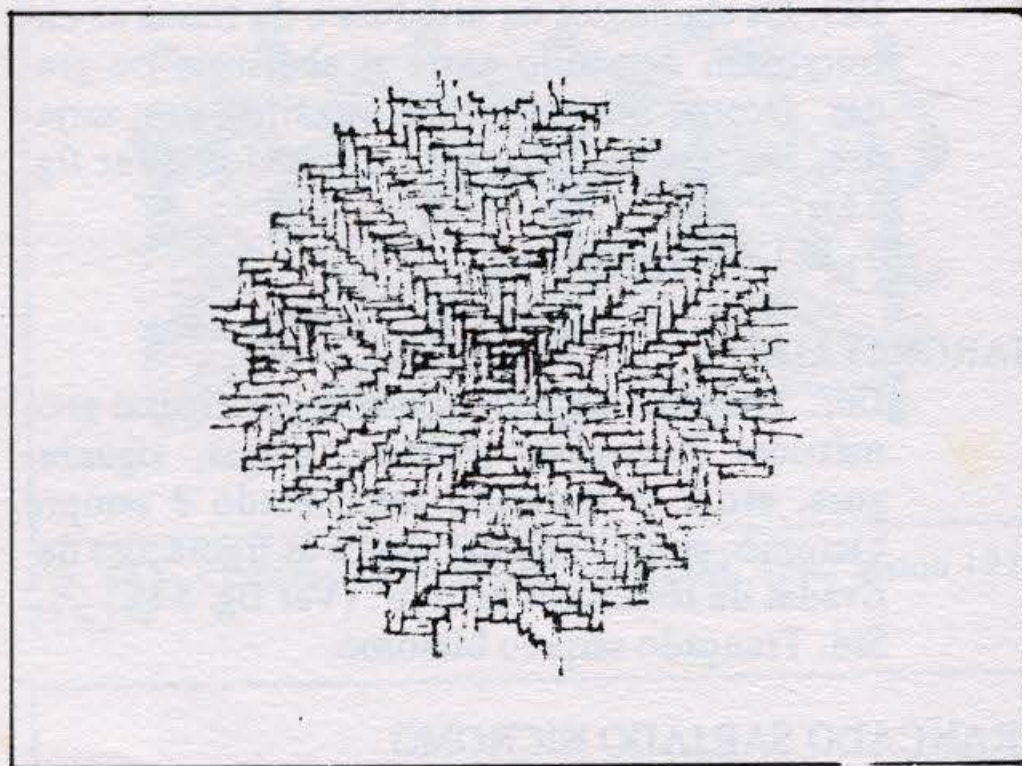



Fig. 51 – Padrão específico do trançado: espinha de peixe e chevron: umbigo em "olho". Índios Yawalapití, coleção particular.

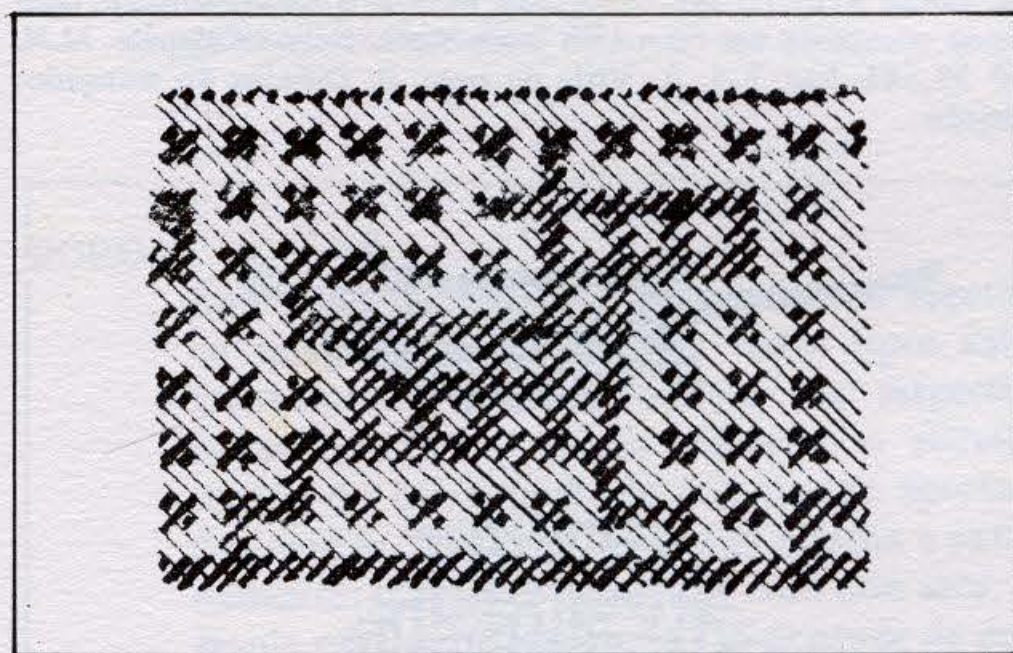



Fig. 54 – Padrão específico do trançado: marchetado. *Apud* Roth 1924:363 fig. 177 (veado).

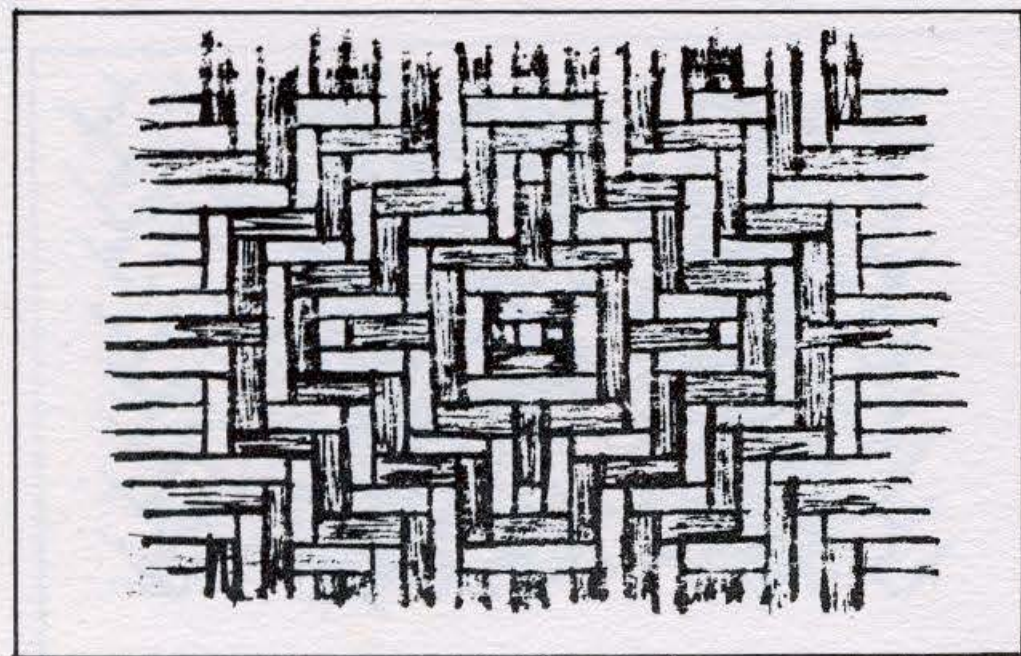
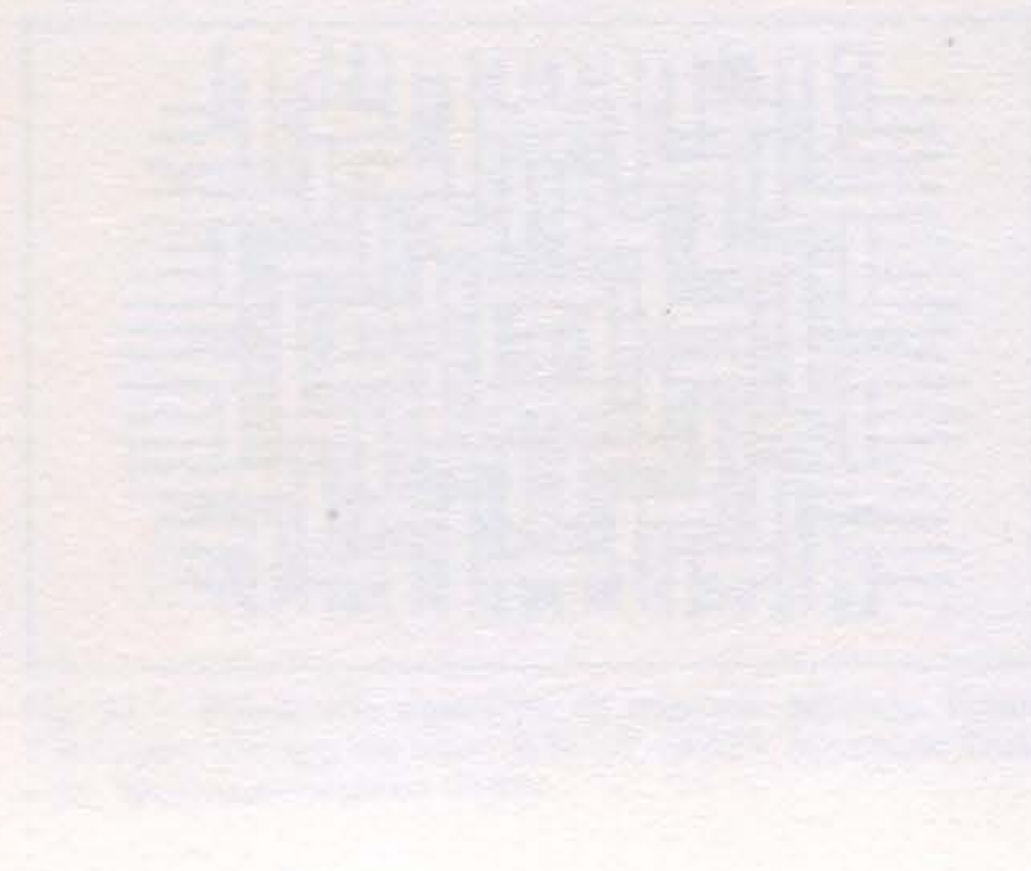
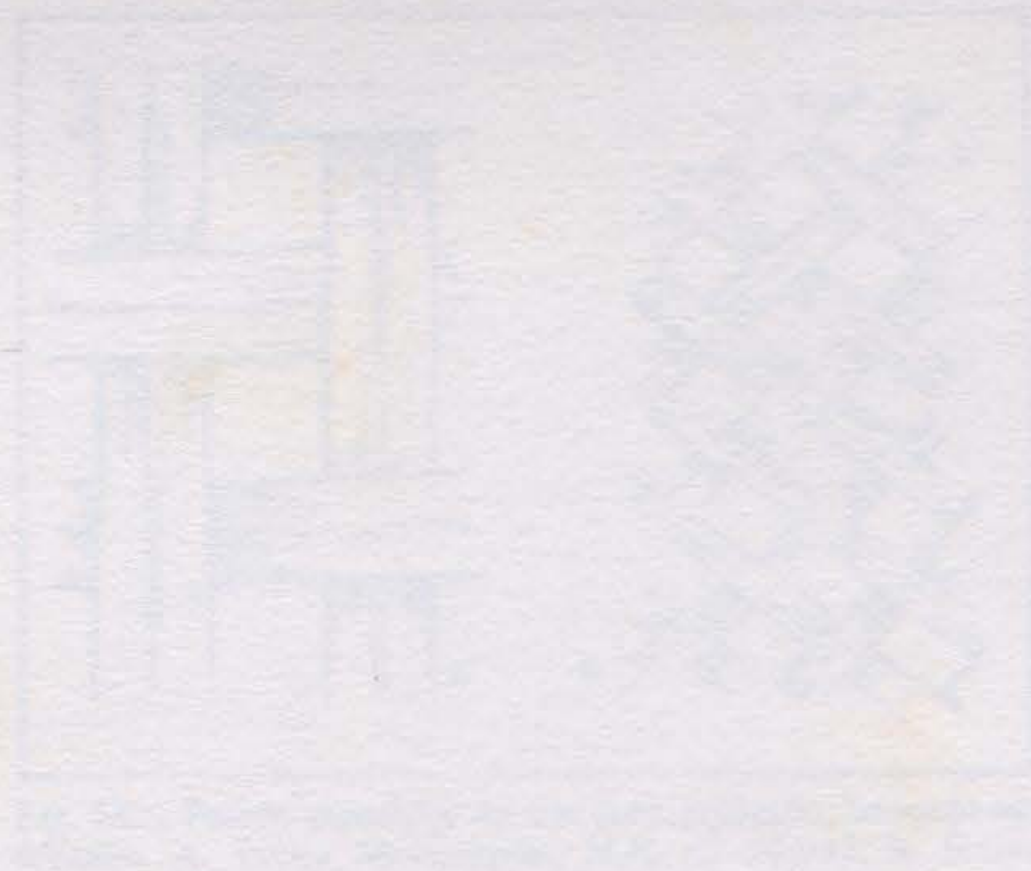



Fig. 52 – Padrão não específico do trançado: labirinto. Índios Yawalapiti; umbigo em olho, M.N. nº 39.639. (Consulte: Cerâmica. Motivos decorativos 10.08).

30
CORDÕES E TECIDOS

30

CORDÕES E TECIDOS

GRUPOS GENÉRICOS

Nº	Grupo
01	Tecidos para conforto pessoal
02	Tecidos para a pesca
03	Tecidos para o transporte
04	Cordões e tecidos para vestuário e adorno

TECIDOS PARA CONFORTO PESSOAL (01)

Def. Objetos feitos segundo a técnica e materiais próprios da tecelagem para comodidade e bem-estar pessoal ou doméstico.

Uso: para dormir, agasalhar, abanar ou defender-se de mosquitos.

T. Esp. Abano tecido
Cobertor
Mosquiteiro
Rede de dormir

TECIDOS PARA A PESCA (02)

Def. Aplicação das técnicas e materiais da tecelagem para a confecção de objetos necessários às tarefas de ação sobre a natureza para o provimento da subsistência.

Uso: rede tecida para a pesca.

T. Esp. Jereré
Puçá

TECIDOS PARA TRANSPORTE (03)

Def. Artefatos tecidos adequados para o transporte.

Uso: Receptáculos aparelhados para o transporte de crianças e bens.

T. Esp. Alforge
Bolsa tecida
Saco-cargueiro
Sacola
Tipóia tecida

CORDÕES E TECIDOS PARA VESTUÁRIO E ADORNO (04)

Def. O conjunto de peças tecidas ou compostas de cordões destinadas antes a adornar e a personalizar o corpo, do que vesti-lo, servindo de insígnia distintiva de sexo, idade e filiação étnica. A tipóia é excluída desse elenco embora exerça, não raro, função de vestuário, a par de faixa porta-criança.

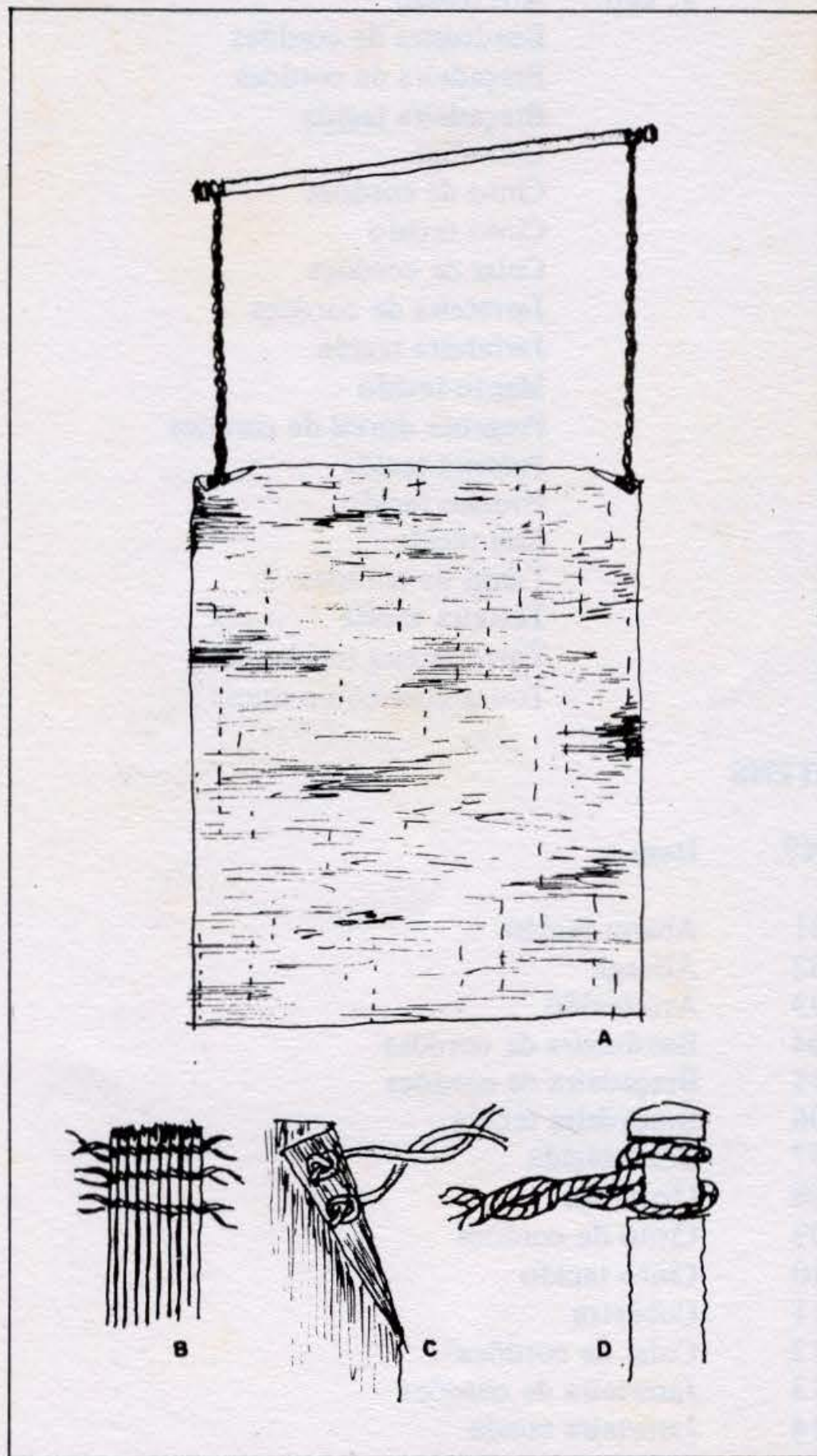
Uso: Vestimenta ou adorno de cabeça, tronco e membros.

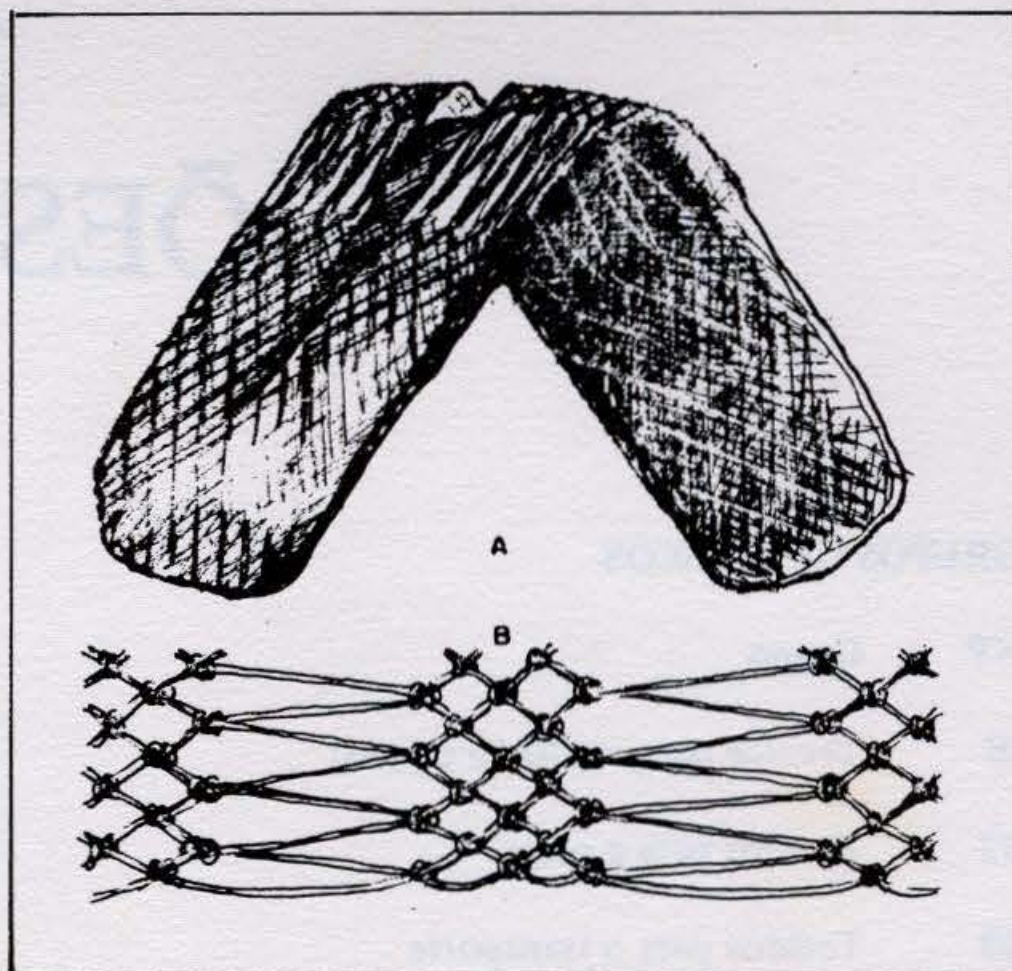
T. Esp. Aro tecido
Bandoleira de cordões
Braçadeira de cordões
Braçadeira tecida
Cinta-liga
Cinto de cordões
Cinto tecido
Colar de cordões
Jarreteira de cordões
Jarreteira tecida
Manto tecido
Pingente dorsal de cordões
Pulseira tecida
Poncho tecido
Saia tecida
Tanga de cordões
Testeira tecida
Tornozeleira tecida
Touca com cobre-nuca

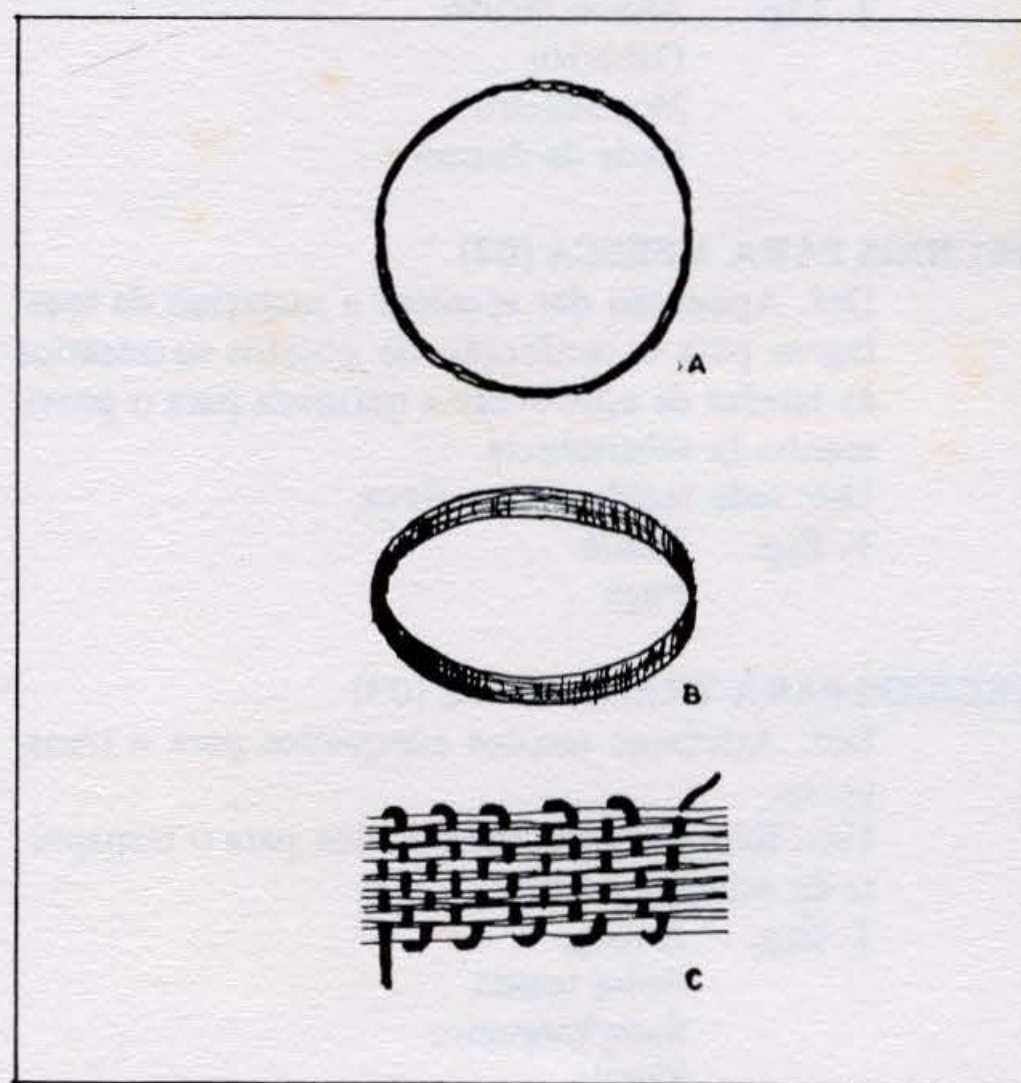
ITENS

Nº	Item
01	Abano tecido
02	Alforge
03	Aro tecido
04	Bandoleira de cordões
05	Braçadeira de cordões
06	Braçadeira tecida
07	Bolsa tecida
08	Cinta-liga
09	Cinto de cordões
10	Cinto tecido
11	Cobertor
12	Colar de cordões
13	Jarreteira de cordões
14	Jarreteira tecida
15	Jereré
16	Manto tecido
17	Mosquiteiro
18	Pingente dorsal de cordões
19	Pulseira tecida
20	Poncho tecido
21	Puçá
22	Rede de dormir
23	Saco-cargueiro
24	Sacola
25	Saia tecida
26	Tanga de cordões
27	Testeira tecida
28	Tipóia tecida
29	Tornozeleira tecida
30	Touca com cobre-nuca

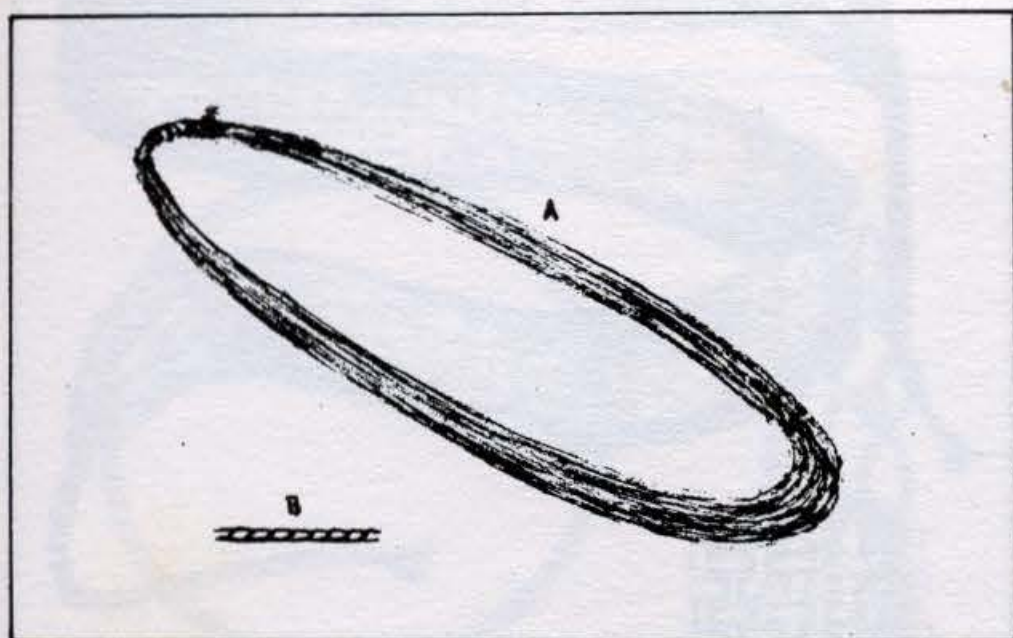
ABANADOR
Use: ABANO TECIDO

ABANO TECIDO
Def. Ventarola feita segundo o sistema de tecelagem (entretorcido) pelos índios Guató para conforto pessoal.
Sin. Abanador
T. Gen. Tecidos para conforto pessoal (01)
T. Rel. Mosquiteiro
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

Abano tecido. Índios Guató, M.N. nº 3.880. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do tecido. C. Detalhe da alça. D. Detalhe do suporte.

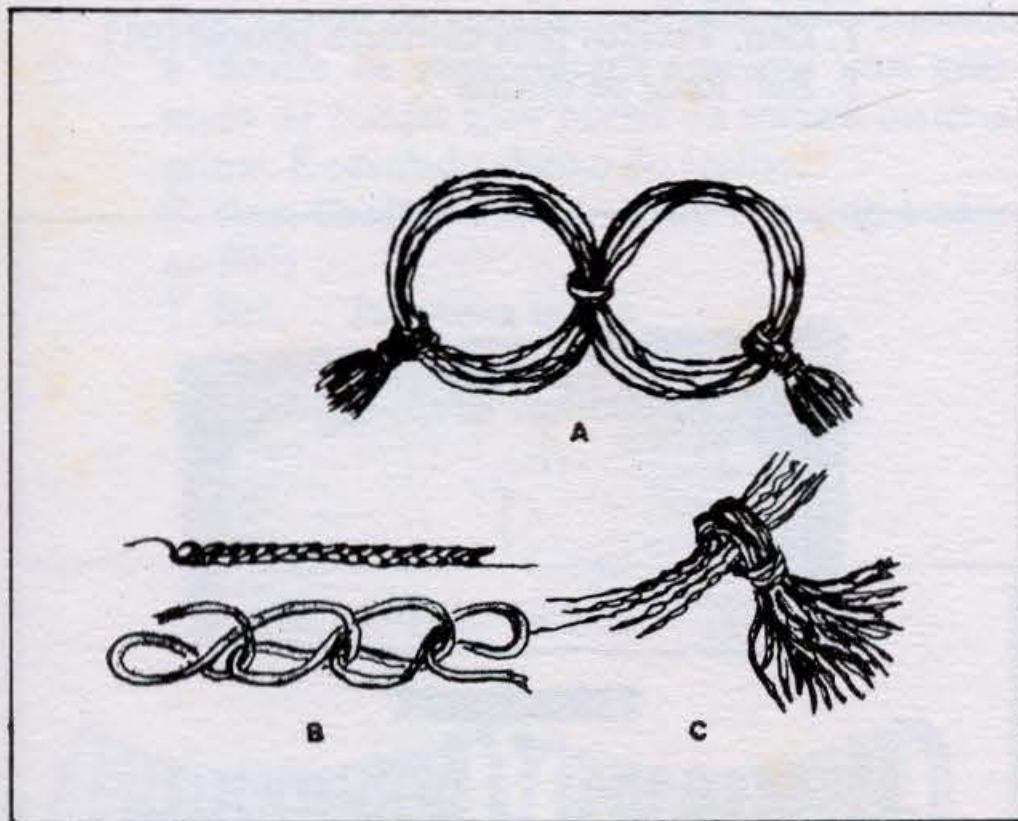
ALFORGE
Def. "Duplo saco, fechado nas extremidades e aberto no meio, formando como que dois bornais, que se enchem equilibradamente, sendo a carga transportada no lombo de cavalgaduras ou ao ombro das pessoas." (Dic. Aurélio). Registrado apenas entre os Kadiwéu.
T. Gen. Tecidos para o transporte (03)
T. Rel. Saco-cargueiro

Alforge. Índios Kadiwéu, M.I. nº 1.125. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do tecido com arremate da abertura.

ARO TECIDO
Def. Anel confeccionado segundo o sistema de tecelagem que cinge a cabeça.
T. Gen. Cordões e tecidos para vestuário e adorno (04)
T. Rel. Testeira tecida

Aro tecido. Índios Araweté, M.N. nº 40.810. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Perspectiva. C. Detalhe da técnica.

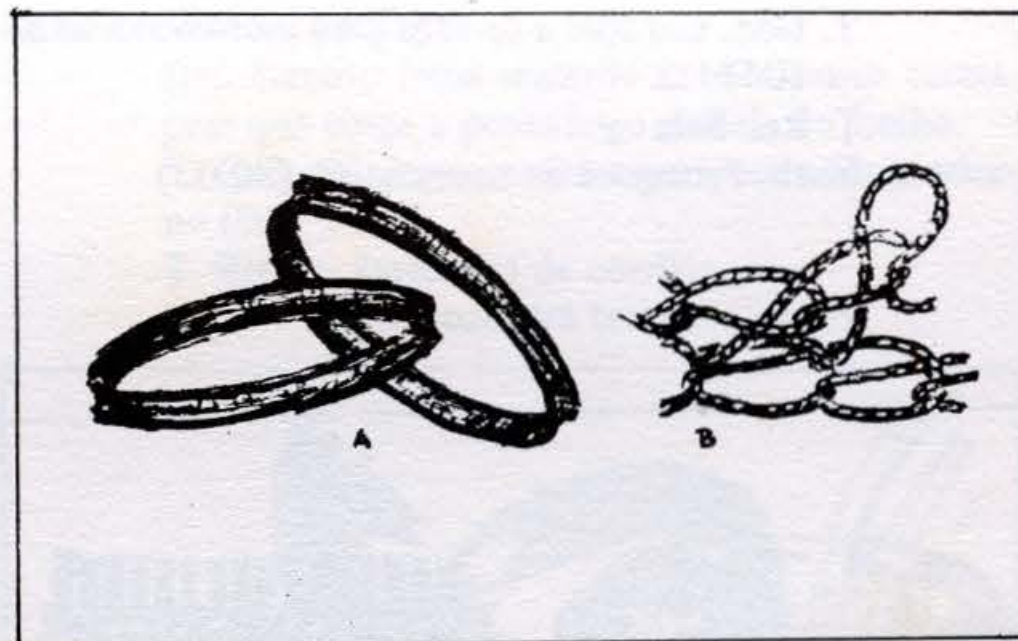
BANDOLEIRA DE CORDÕES
Def. Enfeite usado a tiracolo constituído de cordéis de algodão com ou sem pingentes ornamentais.

T. Gen. Cordões e tecidos para vestuário e adorno (04)

Bandoleira. Índios Ramkokamekra-Canela, M.I. nº 1.302. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe de um dos cordéis.

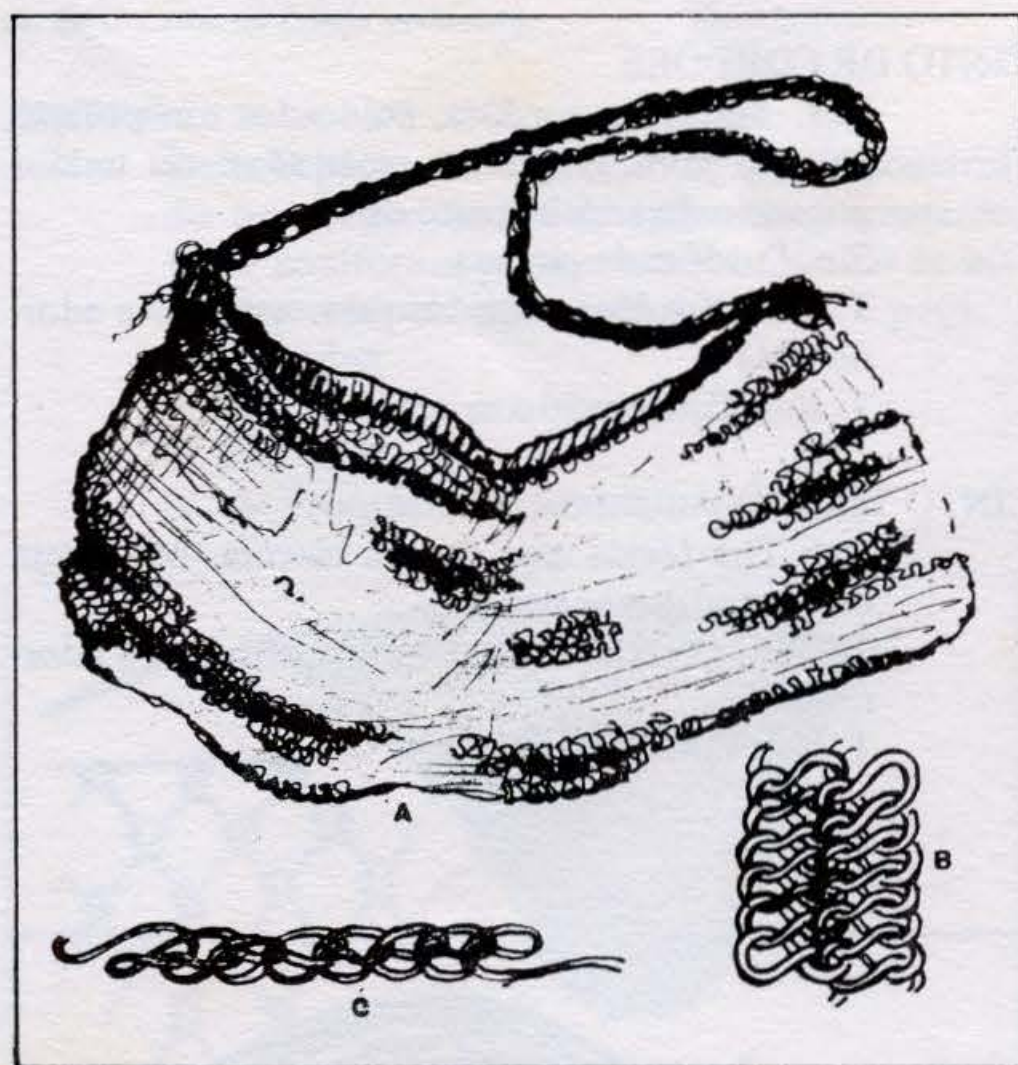
BRAÇADEIRA DE CORDÕES

Def. Conjunto de cordões executados segundo a técnica de croché ou passamanaria, com ou sem borlas ou franjas que se usa no antebraço.
T. Gen. Cordões e tecidos para vestuário e adorno (04)
T. Rel. Braçadeira tecida
Pulseira tecida.
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

Braçadeira de cordões. Índios Asuriní, M.N. nº 40.908. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe de cada fio e da técnica. C. Detalhe da borla.

BRAÇADEIRA TECIDA

Def. Faixa estreita tecida, geralmente segundo a técnica de croché, que se usa na altura do bíceps, provida ou não de franjas.
T. Gen. Cordões e tecidos para vestuário e adorno (04)
T. Rel. Braçadeira de cordéis
Pulseira tecida
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

Braçadeira tecida. Indios Jurúna, M.I. nº 1.687. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe do croché.

BOLSA TECIDA

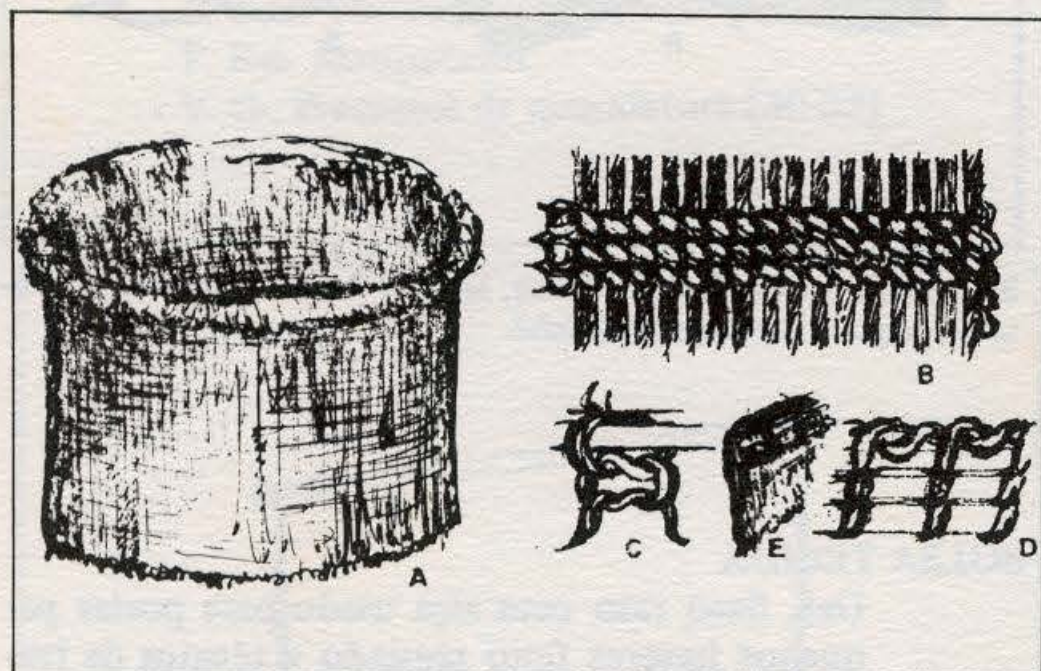
Def. Saco raso com alça usado para portar pequenos haveres feito segundo a técnica de trabalho em malha.
T. Gen. Tecidos para o transporte (02)
T. Rel. Sacola
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

Bolsa tecida. Índios Txikão, M.N. nº 39.684. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do Tecido. C. Detalhe da alça.

CAPA

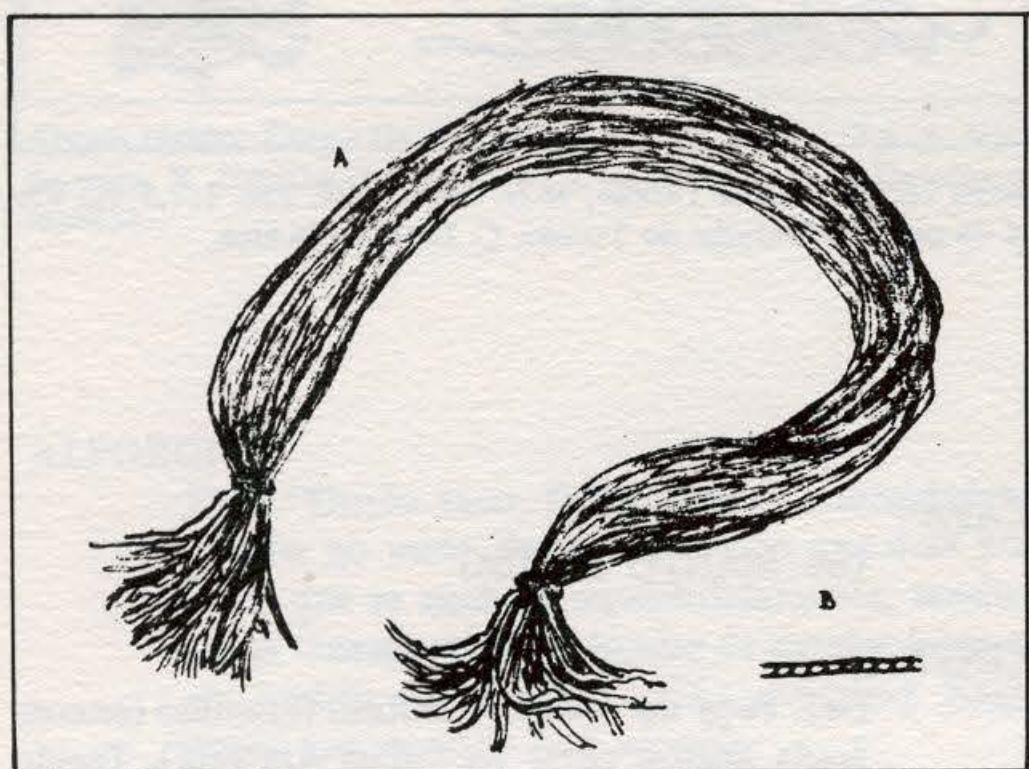
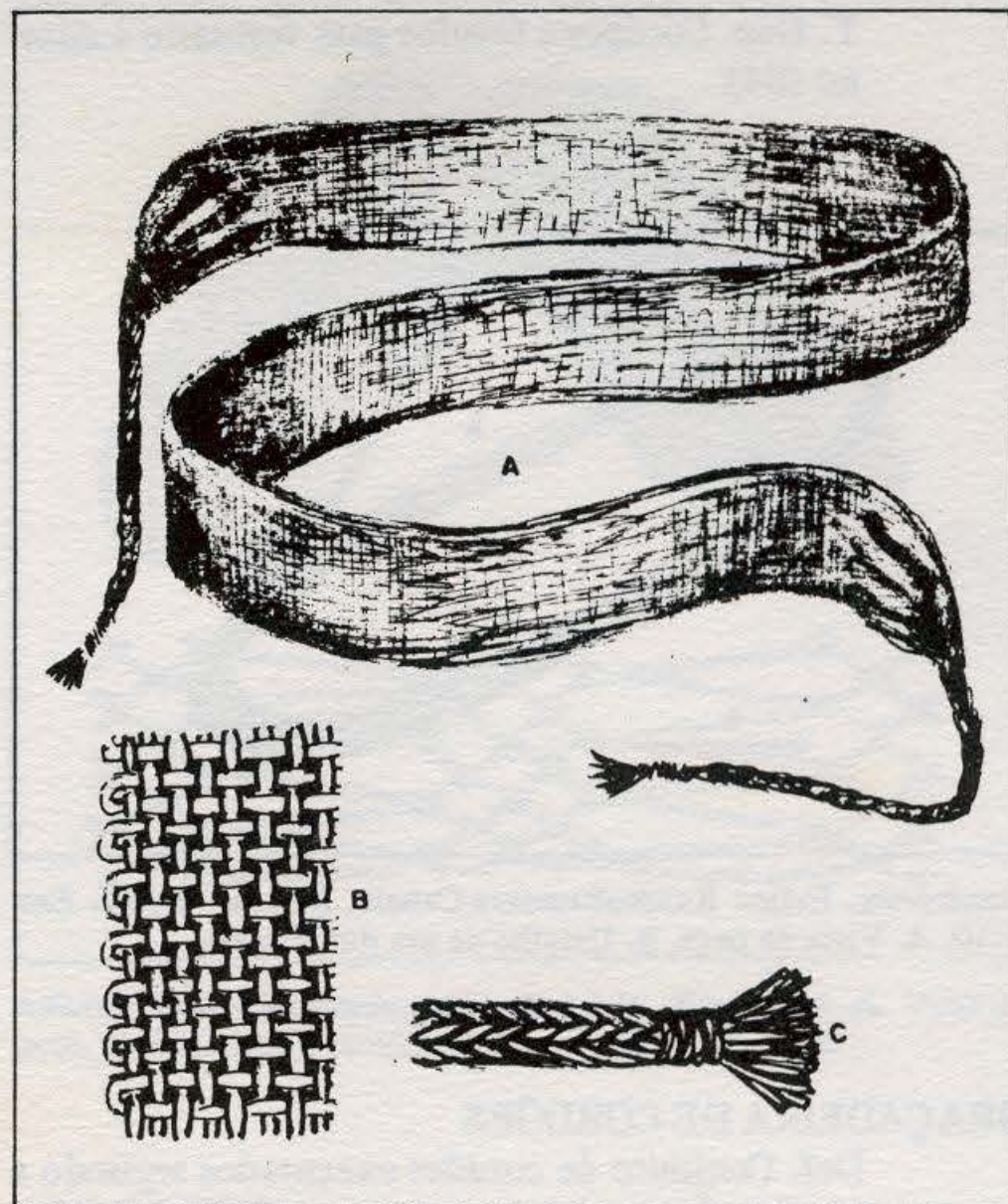
Use: MANTO TECIDO

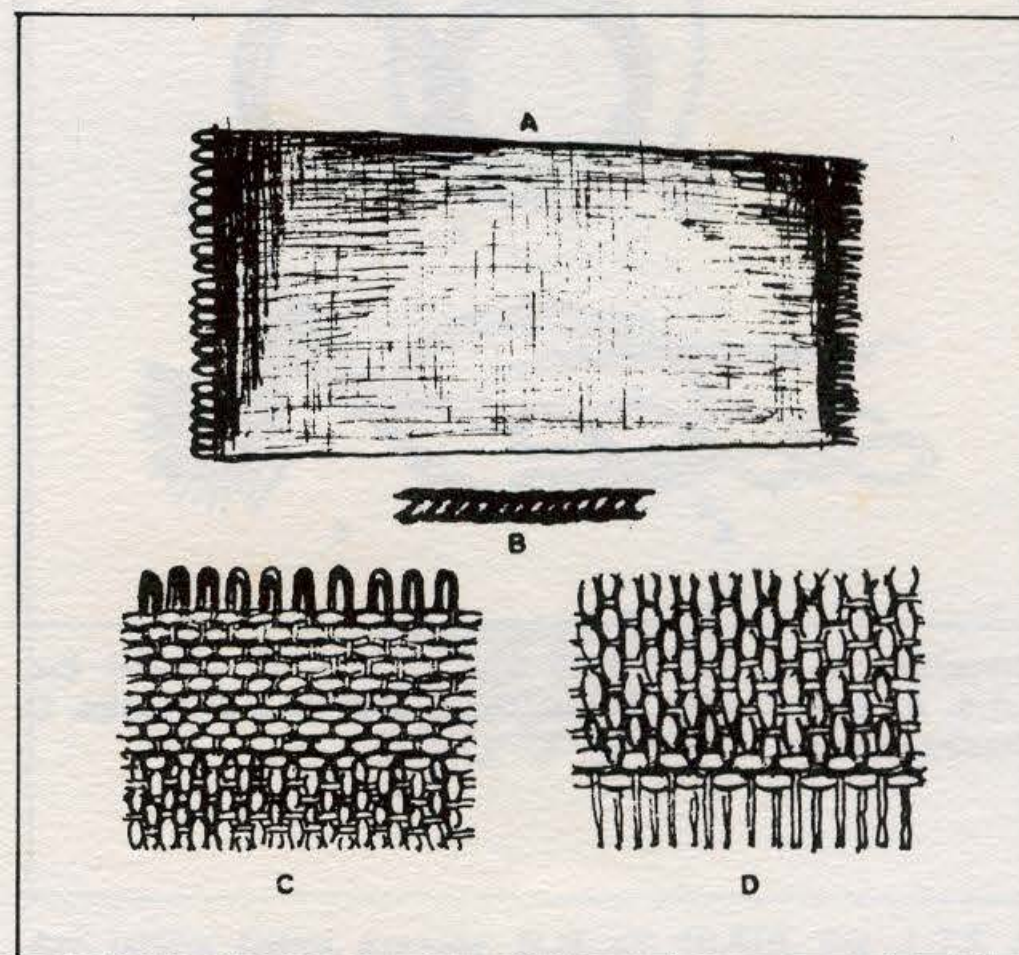
CINTA-LIGA

Def. Peça do vestuário íntimo feminino (encontrada apenas entre os índios Araweté). Tecido entretorcido compacto, que cinge os quadris até metade da coxa, usado abaixo da saia.

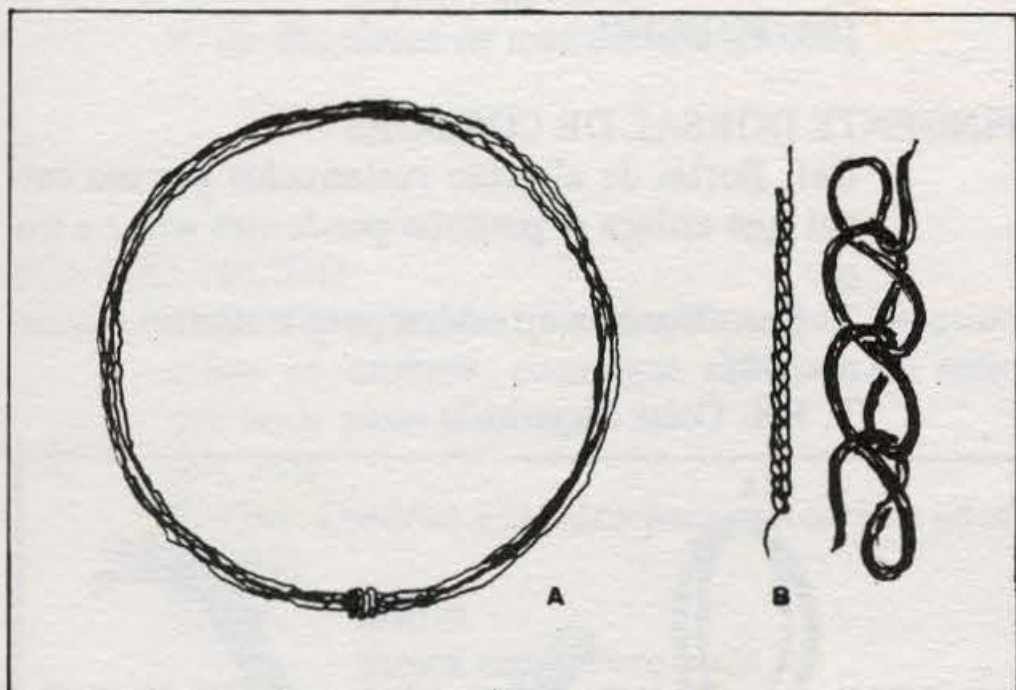
T. Gen. Cordões e tecidos para vestuário e adorno (04)
T. Rel. Saia
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

Cinta-liga. Índios Araweté, M.N. nº 40.798. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do tecido. C. Detalhe do arremate inferior. D. Detalhe da torção dos fios na borda superior. E. Detalhe do enrolamento na borda superior.

CINTO DE CORDÕES
Def. Inúmeros cordões, colocados em posição paralela com as pontas amarradas, ou unidos por meio do enrolamento de fios.
Sin. Cordões de cintura
T. Gen. Cordões e tecidos para vestuário e adorno (04)
T. Rel. Cinto tecido

CINTO TECIDO
Def. Tira tecida que cinge a cintura, de largura ou comprimento variado.
T. Gen. Cordões e tecidos para vestuário e adorno (04)
T. Rel. Cinto de cordões

Cinto de cordões. Índios Yawalapití, M.N. nº 40.038 Escala 1:7,5.

Cinto tecido. Indios Paresí, M.N. nº 4.174. Escala 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do tecido. C. Detalhe do arremate.

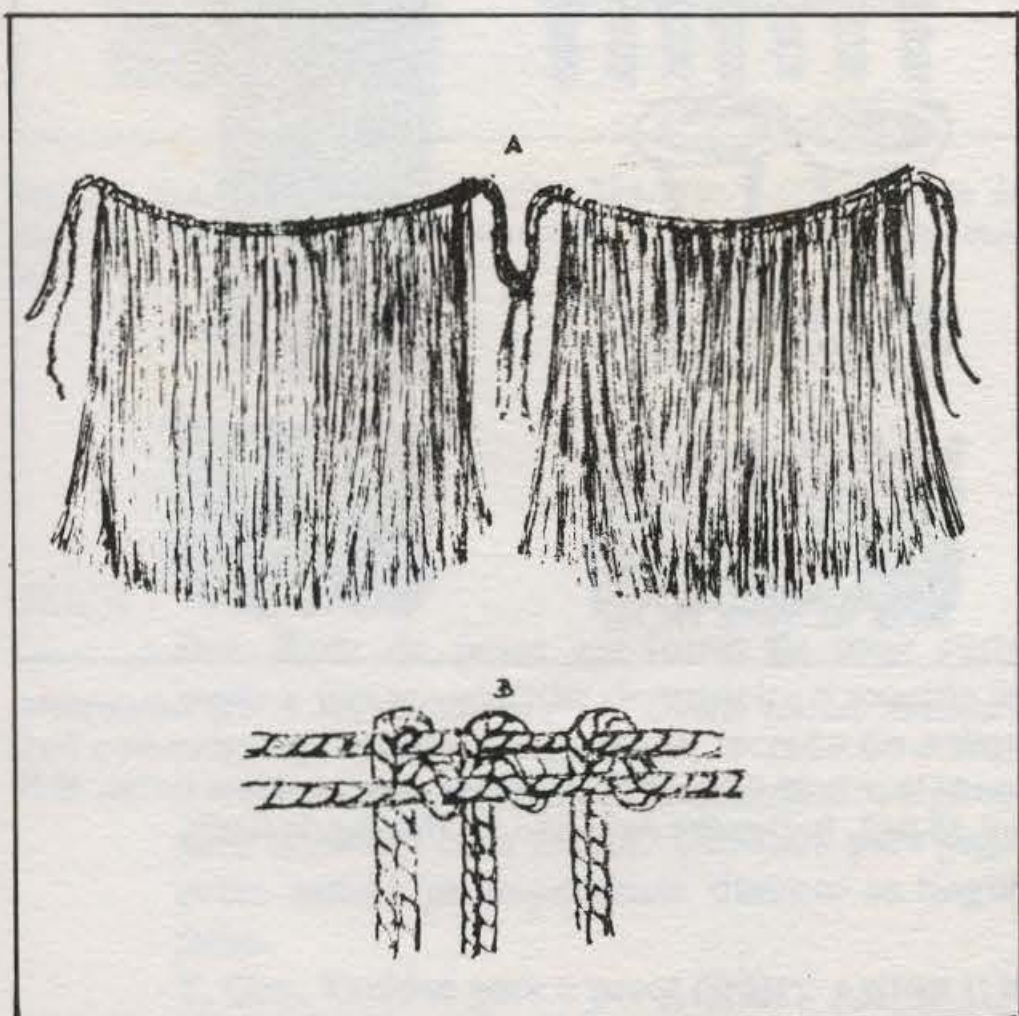
COBERTOR
Def. Peça tecida de regular tamanho usada para agasalho e conforto.
Sin. Manta
T. Gen. Tecidos para conforto pessoal (01)
T. Rel. Rede de dormir

Cobertor. Índios Guaraní, M.N. nº 2.299. Escala 1:33,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do fio. C. Detalhe do tecido e borda superior. D. Detalhe do tecido e borda inferior.

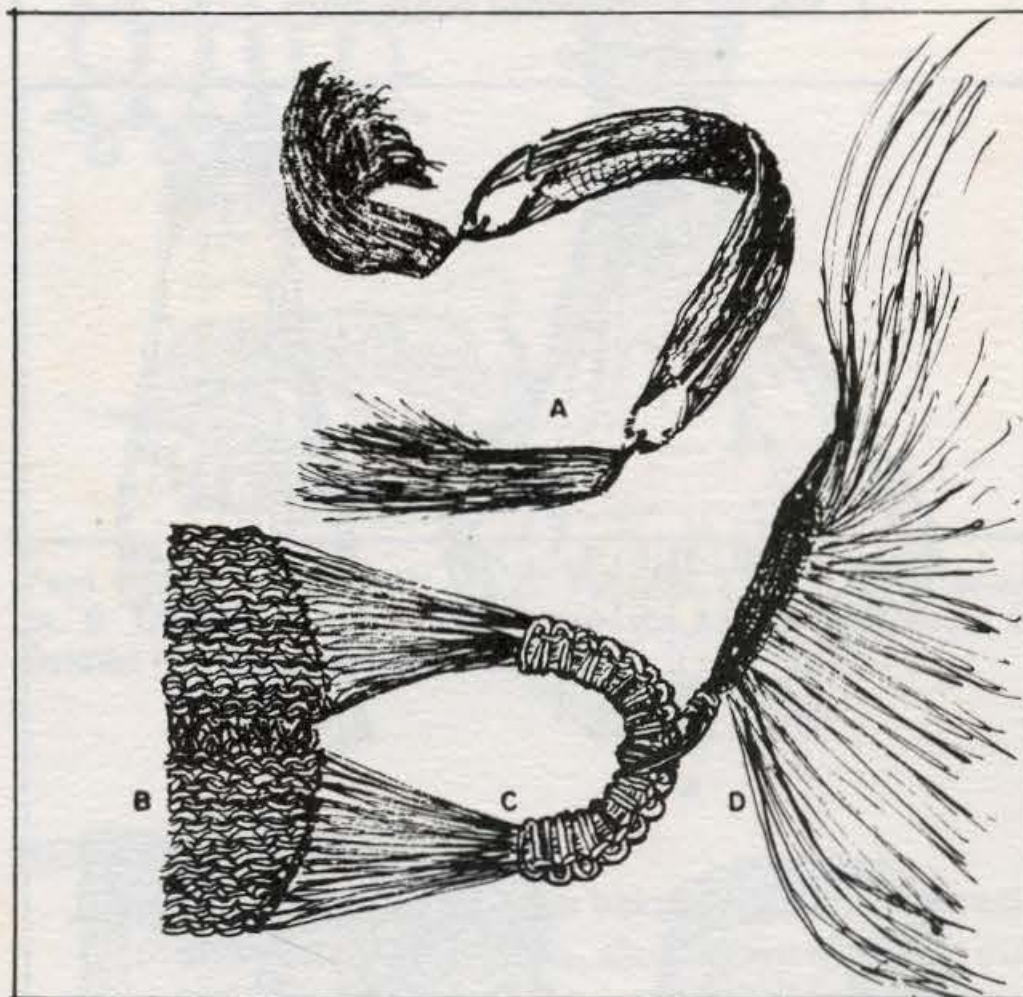
COLAR DE CORDÕES
Def. Ornato de cordões, tecidos geralmente segundo a técnica de passamanaria, de interlaçamento ou croché, usado à volta do pescoço.

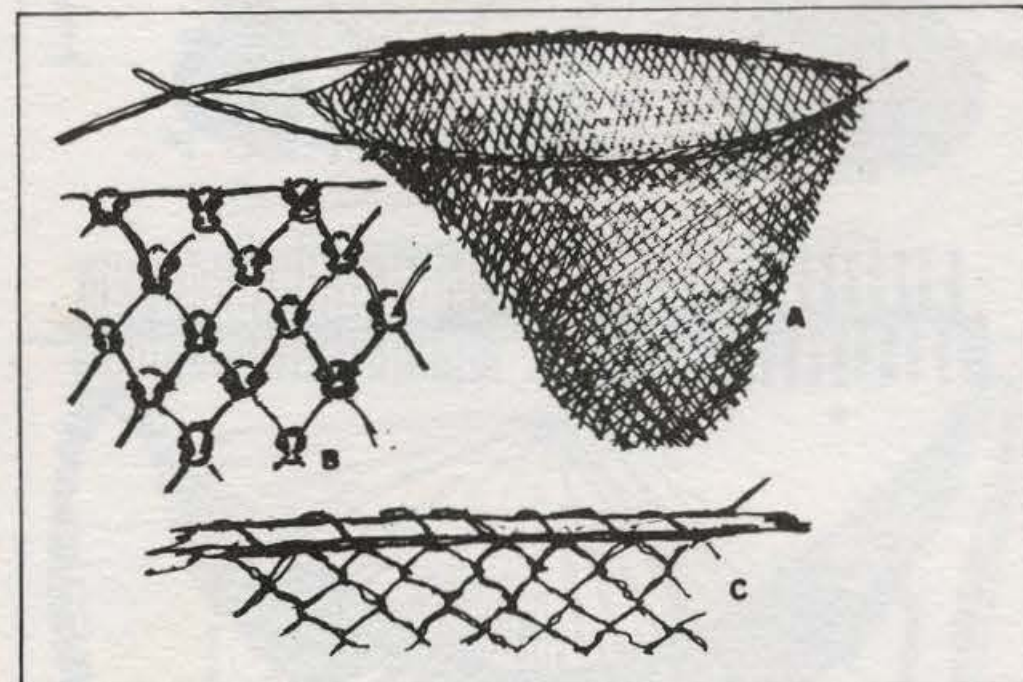
T. Gen. Cordões e tecidos para vestuário e adorno (04)
T. Rel. Pingente dorsal de cordéis
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

Colar de cordões. Índios Asuriní, M.N. nº 40.917. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do cordel e da técnica de croché.

CORDÕES DE CINTURA
Use: CINTO DE CORDÕES

FAIXA FRONTAL
Use: TESTEIRA TECIDA

JARRETEIRA DE CORDÕES
Def. Cordel de algodão confeccionado segundo a técnica de passamanaria sustenta uma guarnição de franjas e/ou borlas da mesma matéria-prima. É enrolado abaixo do joelho.
T. Gen. Cordões e tecidos para vestuário e adorno (04)
T. Rel. Jarreteira tecida
Tornozeleira tecida
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

Jarreteira de cordões. Índios Karajá, M.I. nº 1.117. Esc. 1:10. A. Vista do par. B. Fixação dos fios no coz.

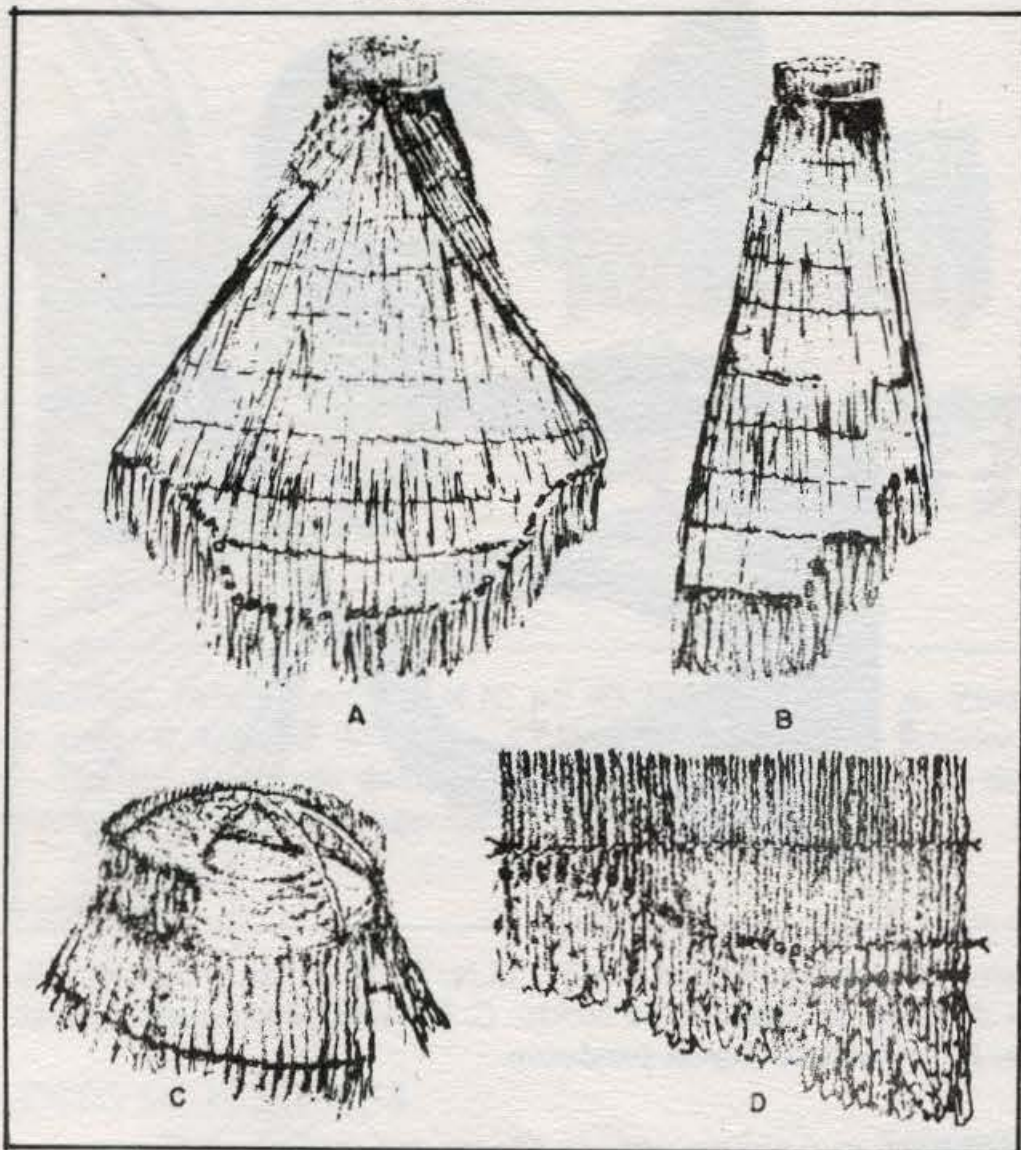
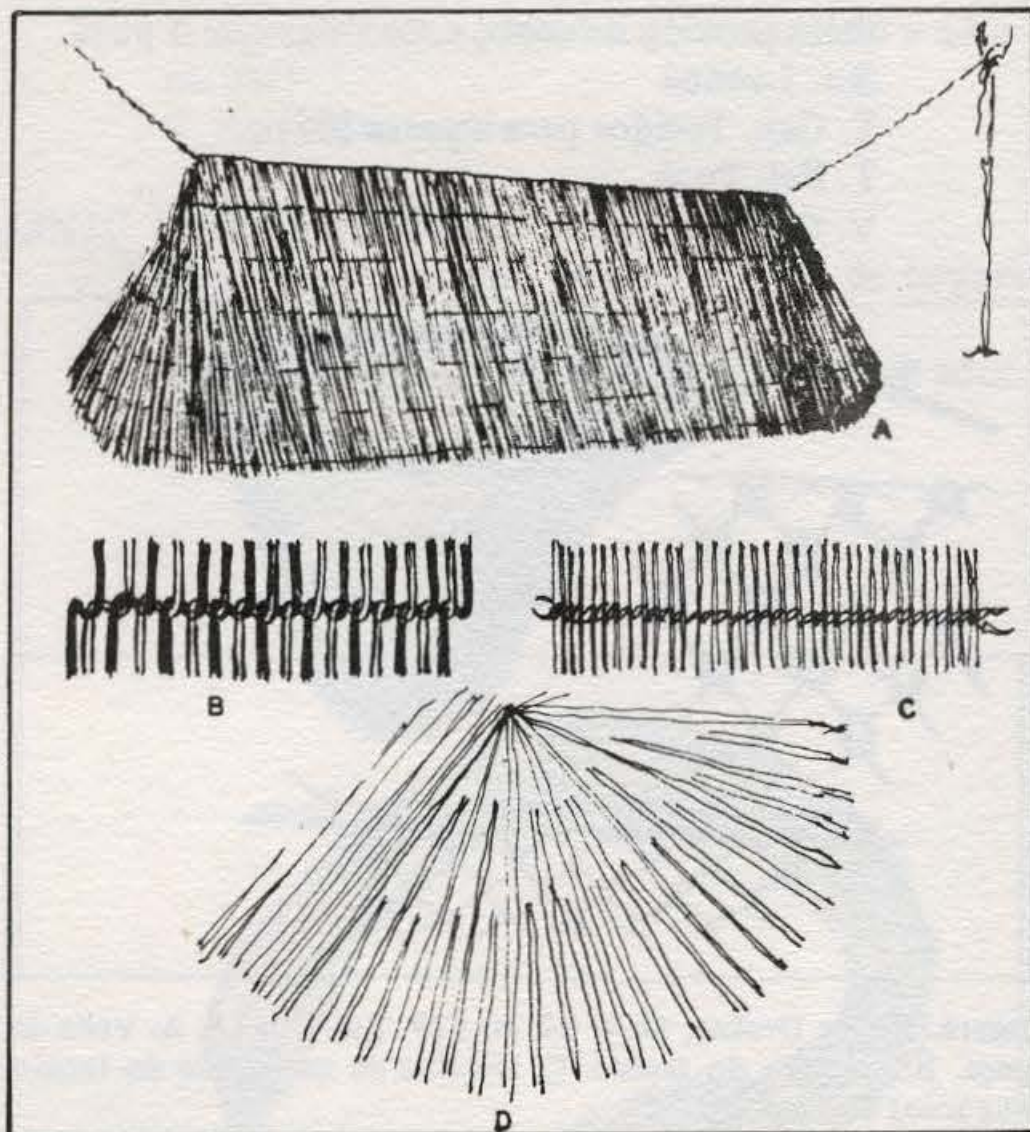
JARRETEIRA TECIDA
Def. Ornato feito segundo as técnicas de tecelagem que cinge a perna logo abaixo do joelho.
T. Gen. Cordões e tecidos para vestuário e adorno (04)
T. Rel. Jarreteira de cordéis
Tornozeleira tecida

Jarreteira tecida. Índios Karajá, M.N. 30.906. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do tecido. C. Detalhe do arremate com alça. D. Detalhe da franja pendente.

JERERÉ
Def. Espécie de aparelho de pesca construído segundo a técnica de enlace com enodação. Rede coniforme presa a um semicírculo de madeira provido de cabo, mais longa que o puçá.
Sin. Landuá
T. Gen. Tecidos para a pesca (02)
T. Rel. Puçá
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

Jereré. Índios Desâna, M.N. nº 40.179. Esc. 1:33,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do tecido. C. Detalhe da amarração do tecido nos arcos de madeira.

LANDUÁ
Use: JERERÉ

MANTA
Use: COBERTOR

MANTO TECIDO

Def. Vestimenta larga e sem mangas, com ou sem capuz, que se apoia nos ombros, e/ou na cabeça, prolongando-se pelas costas.
Sin. Capa
T. Gen. Cordões e tecidos para vestuário e adorno (04)
T. Rel. Touca com cobre-nuca
Poncho

Manto. Índios Jurúna, M.N. nº 13.581. Escala 1:33,5. A. Vista da peça. B. Vista lateral direita. C. Detalhe da armação superior: capuz. D. Detalhe do tecido e do arremate, com penas, da borda.

Mosquiteiro. Índios Guató, M.N. nº 33.481. Esc. 1:33,5. A. Perspectiva. B. Detalhe da aresta superior. C. Detalhe do tecido. D. Detalhe da disposição dos fios, em diversos tamanhos, para formar as partes curvas (cônicas).

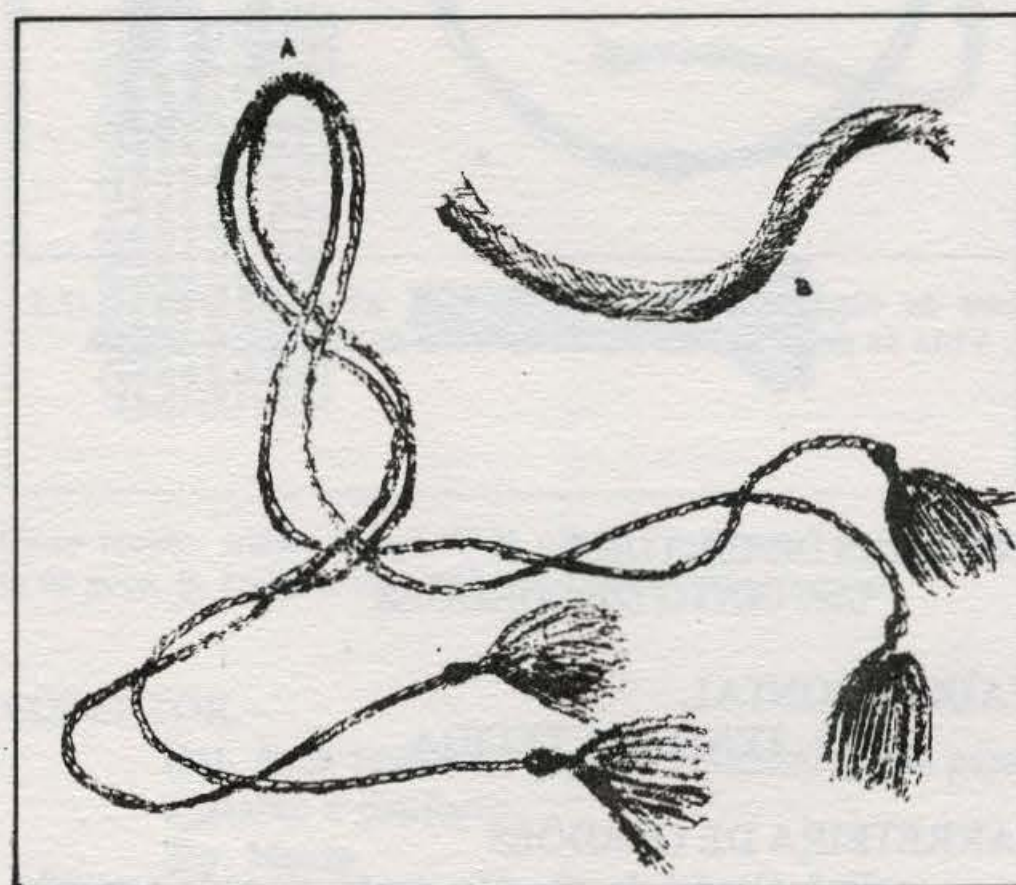
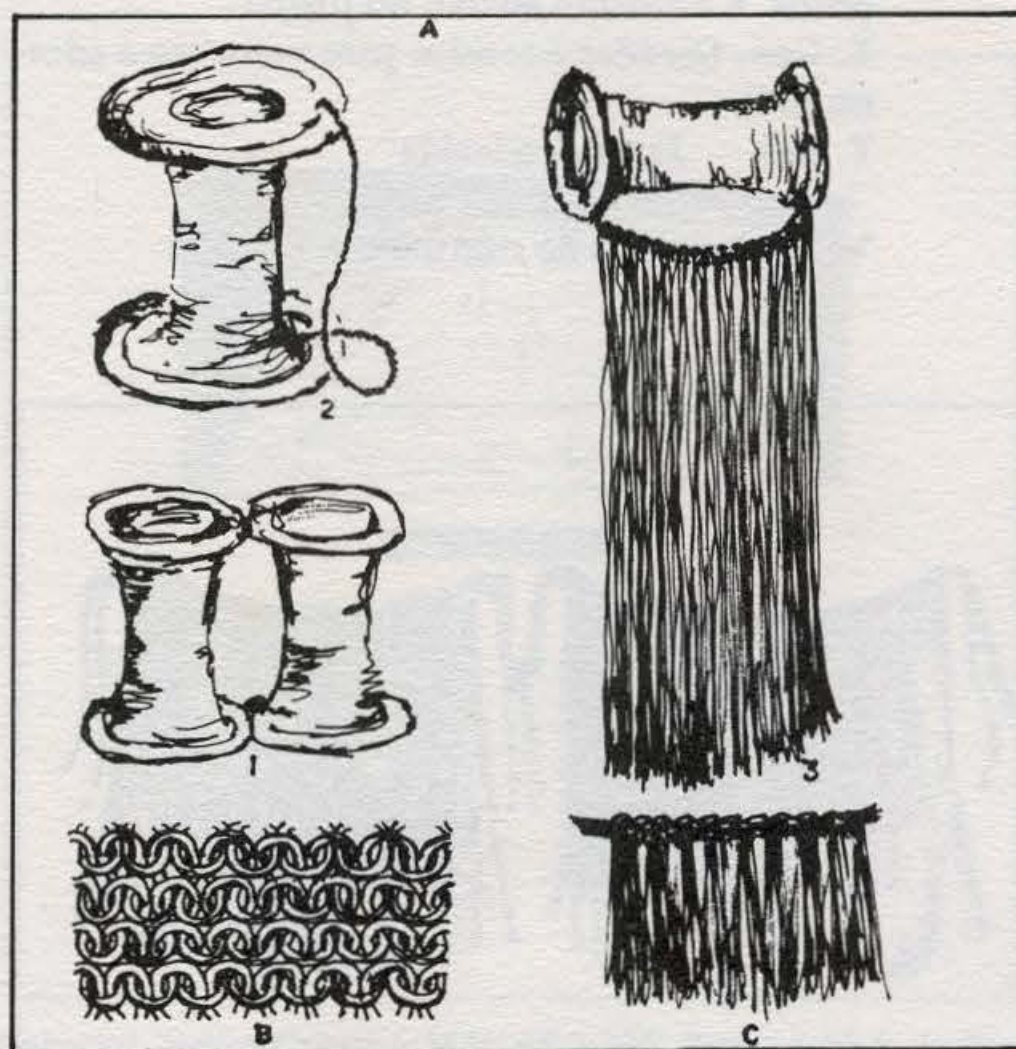
MOSQUITEIRO

Def. Cortinado executado segundo a técnica de entretorcido espaçado usado pelos índios Guató para defenderem-se contra os mosquitos.
T. Gen. Tecidos para conforto pessoal (01)
T. Rel. Abano tecido
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

PALA

Use: PONCHO

PINGENTE DORSAL DE CORDÕES

Def. Borlas de algodão sustentadas por um cordel que enlaça o pescoço pendentes sobre a nuca.
T. Gen. Cordéis e tecidos para vestuário e adorno (04)
T. Rel. Colar de cordéis

Pingente dorsal de cordões. Indios Karajá, M.I. nº 1.137. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do cordel em passamanaria.

Pulseiras. Índios Karajá. A. Vista das peças. 1. Par incompleto, M.N. nº 28.945. 2. Peça isolada com cordão para prender a franja. M.N. nº 28.946. 3. Peça isolada com cordão e franja, M.N. nº 28.947. B. Detalhe do tecido. C. Detalhe da franja.

PULSEIRA TECIDA

Def. Ornato circular tecido, de largura variada, com ou sem franjas, usado no pulso. Confeccio-

nado segundo a técnica de interlaçamento ou croché.
T. Gen. Cordões e tecidos para vestuário e adorno (04)
T. Rel. Braçadeira de cordões
Braçadeira tecida
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

Puçá. Índios Desâna, M.N. nº 40.268. Esc. 1:7,5 A. Vista da peça. B. Detalhe do tecido com amarração no aro de madeira. C. Detalhe do umbigo: começo do tecido.

PONCHO TECIDO

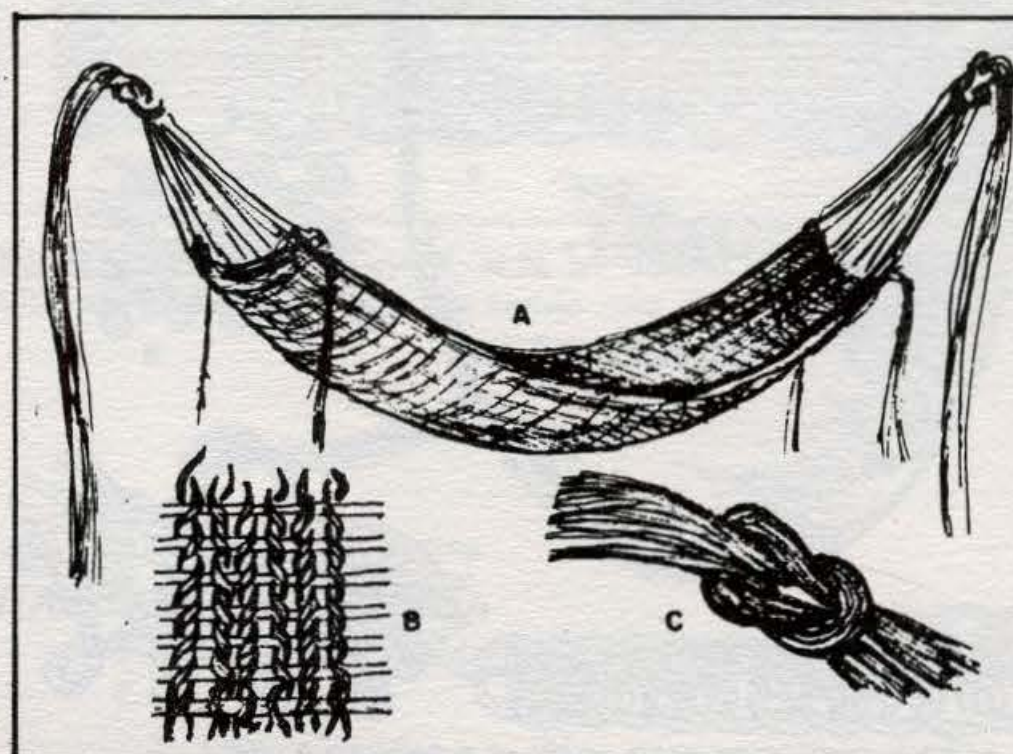
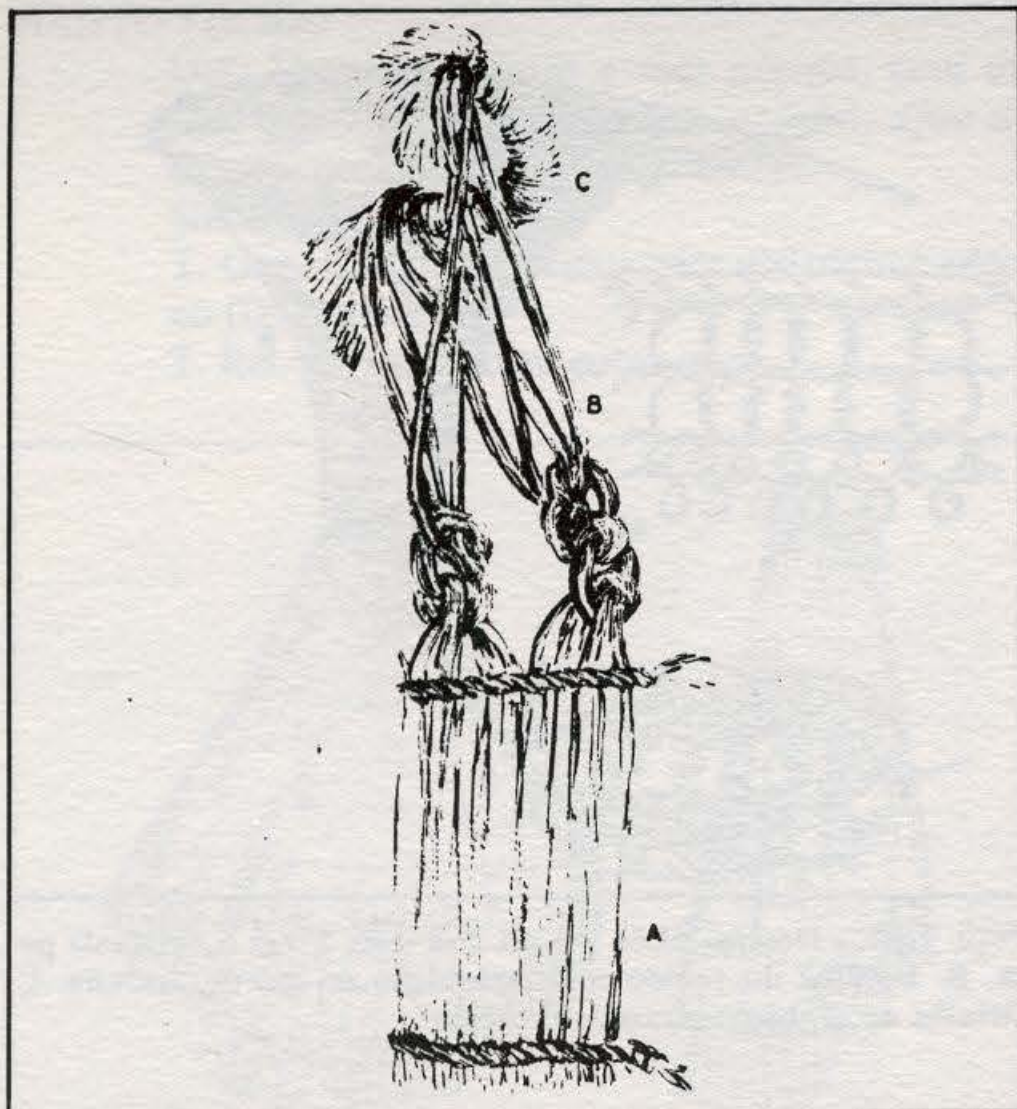
Def. Capa tecida quadrangular, que descansa sobre os ombros, com uma abertura no meio por onde passa a cabeça.
Sin. Pala
T. Gen. Cordões e tecidos para vestuário e adorno (04)
T. Rel. Manto
Touca com cobre-nuca

Poncho. Índios Guaraní, M.I. nº 1.325. Esc. 1:20. A. Vista da peça. B. Detalhe do tecido e arremate. C. Detalhe do talho central.

PUÇÁ

Def. Rede de pesca em forma de cone curto presa a um aro circular de madeira e munida de cabo. Construída segundo a técnica de enlace com ou sem enodação. Diferencia-se do jereré pelo tamanho bem menor. Utilizada para pegar peixe miúdo principalmente durante as tingüijadas.
T. Gen. Tecidos para a pesca (02)
T. Rel. Jereré
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

REDE DE DORMIR

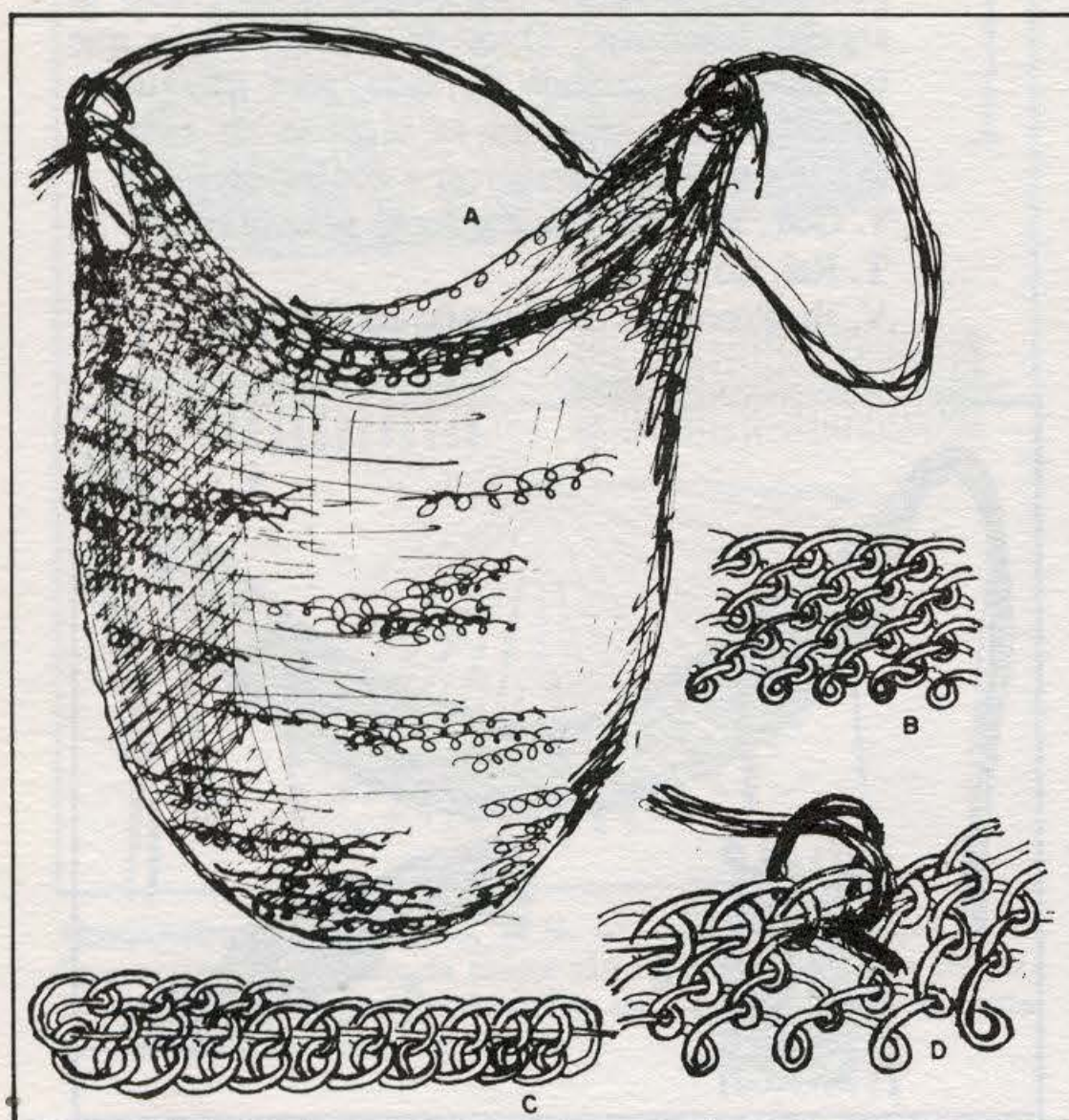
Def. "Espécie de leito balouçante, feito de tecido resistente de linho, algodão ou qualquer outra fibra e suspenso pelas extremidades, terminadas em punhos ou argolas, em armadores ou ganchos, geralmente pregados em paredes, árvores, ou em armações metálicas, etc." (Dicionário Aurélio). Para fins descritivos, distinguimos os seguintes componentes na rede de dormir: 1) *cama*, correspondente à parte tecida; 2) *cabos elementares*, equivalendo ao prolongamento da urdidura não entretecida; 3) *cabos suplementares (scale lines,* i.) que são cordas mais grossas que trespassam os cabos elementares e as argolas terminais para aumentar o comprimento da rede; 4) *punhos*, nome dado às argolas terminais; 5) *corda de suspensão* que trespassa os punhos da rede para soerguê-la. Manufaturada segundo as técnicas de entrelaçar, entretecer, entretorcer e contratorcer.
T. Gen. Tecidos para conforto pessoal (01)
T. Rel. Cobertor.
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

Rede de dormir. Indios Kamayurá, M.N. nº 17.615. Escala 1:33,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do tecido. C. Detalhe da união do punho com a corda de suspensão.

Rede de dormir. A. Cama, ou parte tecida. B. Cabos suplementares, que aumentam o comprimento da rede. C. Punho. *Apud* Baldus 1970:252 fig. 15. Índios Tapirapé.

SACO-CARGUEIRO

Def. Receptáculo tecido em técnica de enlace, fechado nos lados e no fundo, com abertura na borda e alça para carregar. Usado para transporte à maneira do cesto-cargueiro: com a carga nas costas e a alça cingindo a testa. Diferencia-se da sacola por ser de maior tamanho. Construído segundo a técnica de enlace com ou sem enodação.

T. Gen. Tecidos para o transporte (02)

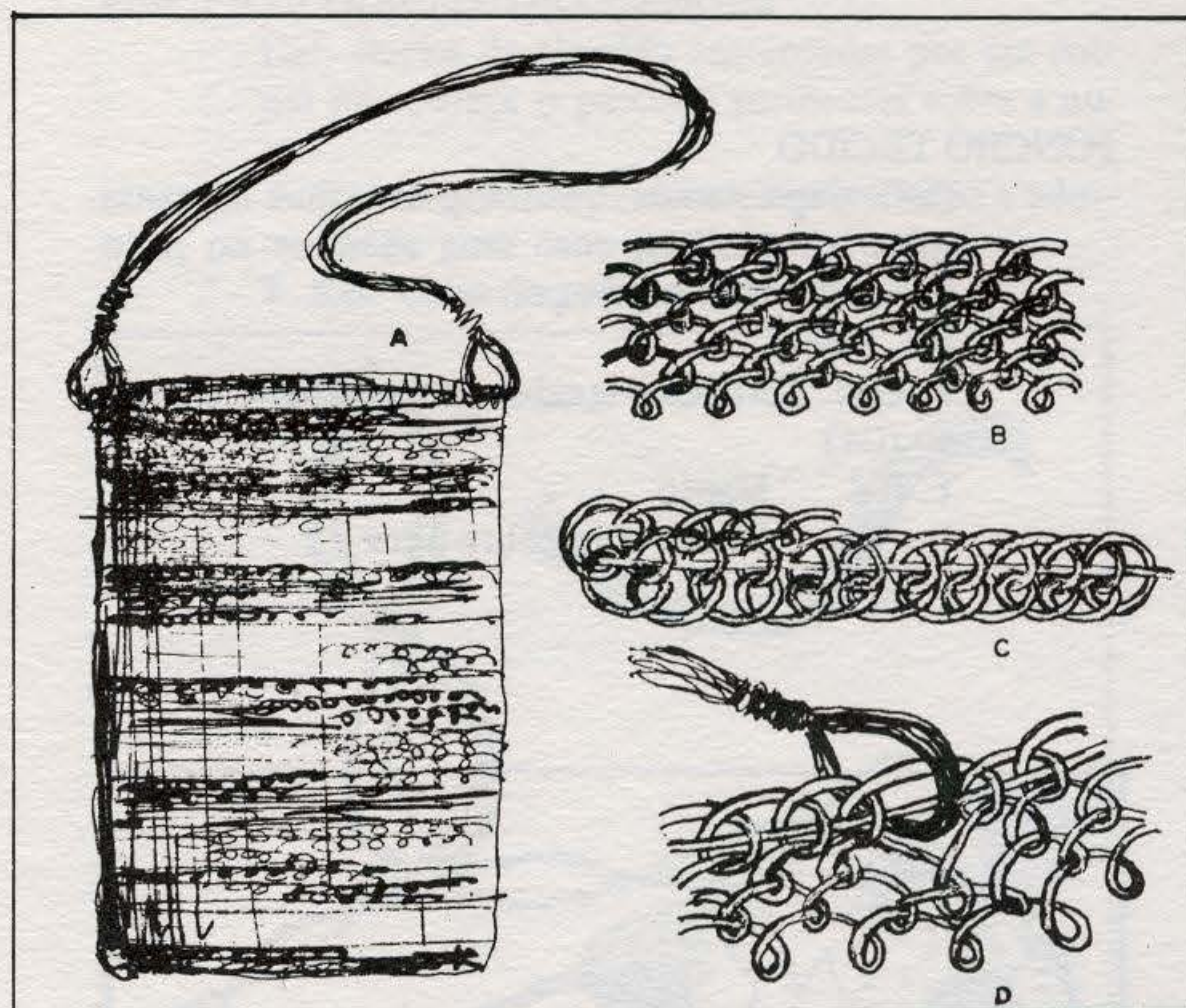
T. Rel. Alforge

V. tb. Processos de manufatura (30.03)

Saco-cargueiro. Índios Botocudo, M.N. nº 5.233. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do tecido. C. Detalhe do umbigo. D. Detalhe do arremate com fixação da alça de suspensão.

SACOLA

Def. Tecido segundo a técnica de enlace na forma de saco com alça para suspender. Usado para transporte ou armazenagem de pequenos guardados. Diferencia-se do saco-cargueiro pelo seu tamanho consideravelmente menor.

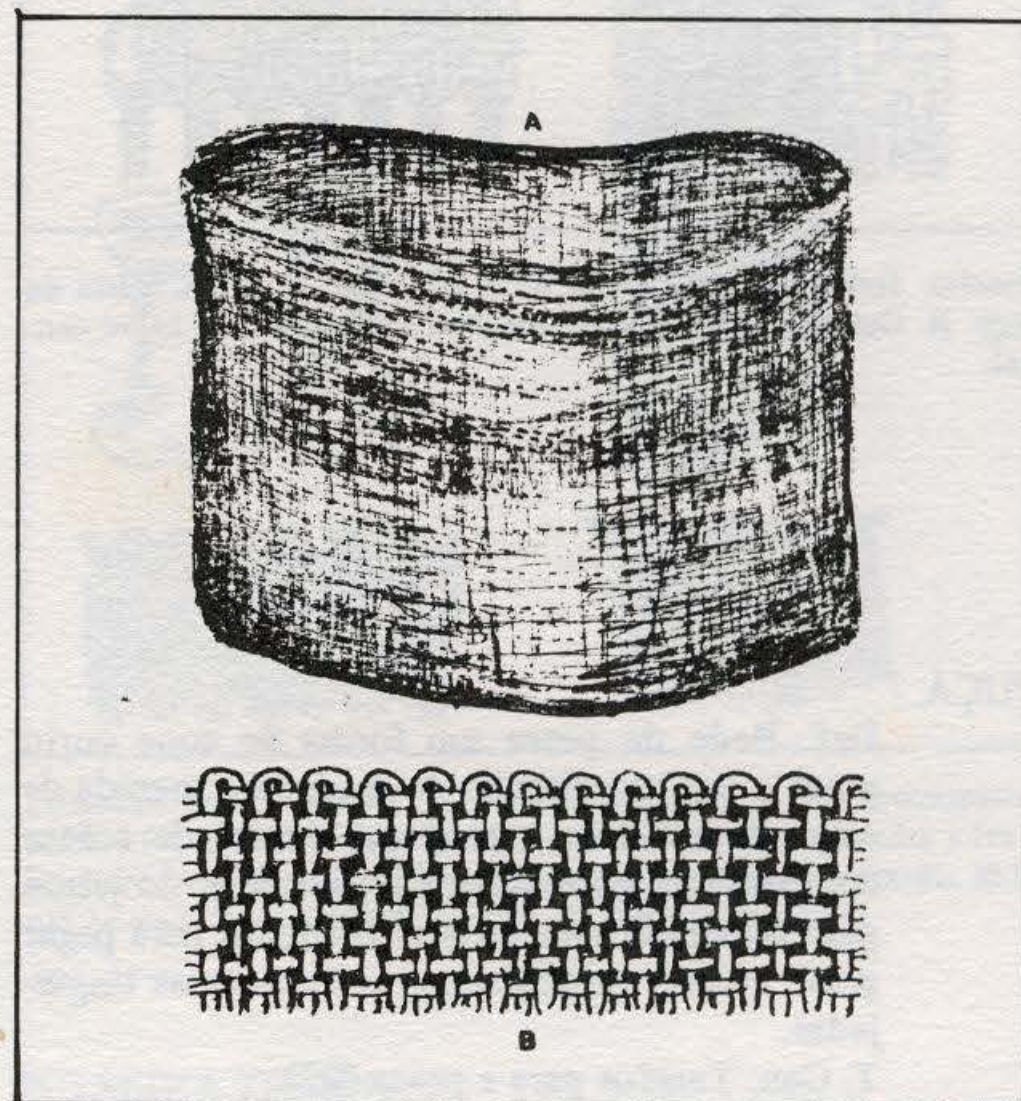
T. Gen. Tecidos para o transporte (02)

T. Rel. Bolsa tecida

Sacola. Índios Botocudo M.N. nº 3.273. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do tecido. C. Detalhe do início da tecedura. D. Detalhe do término da tecedura com encaixe da alça de fios.

SAIA TECIDA

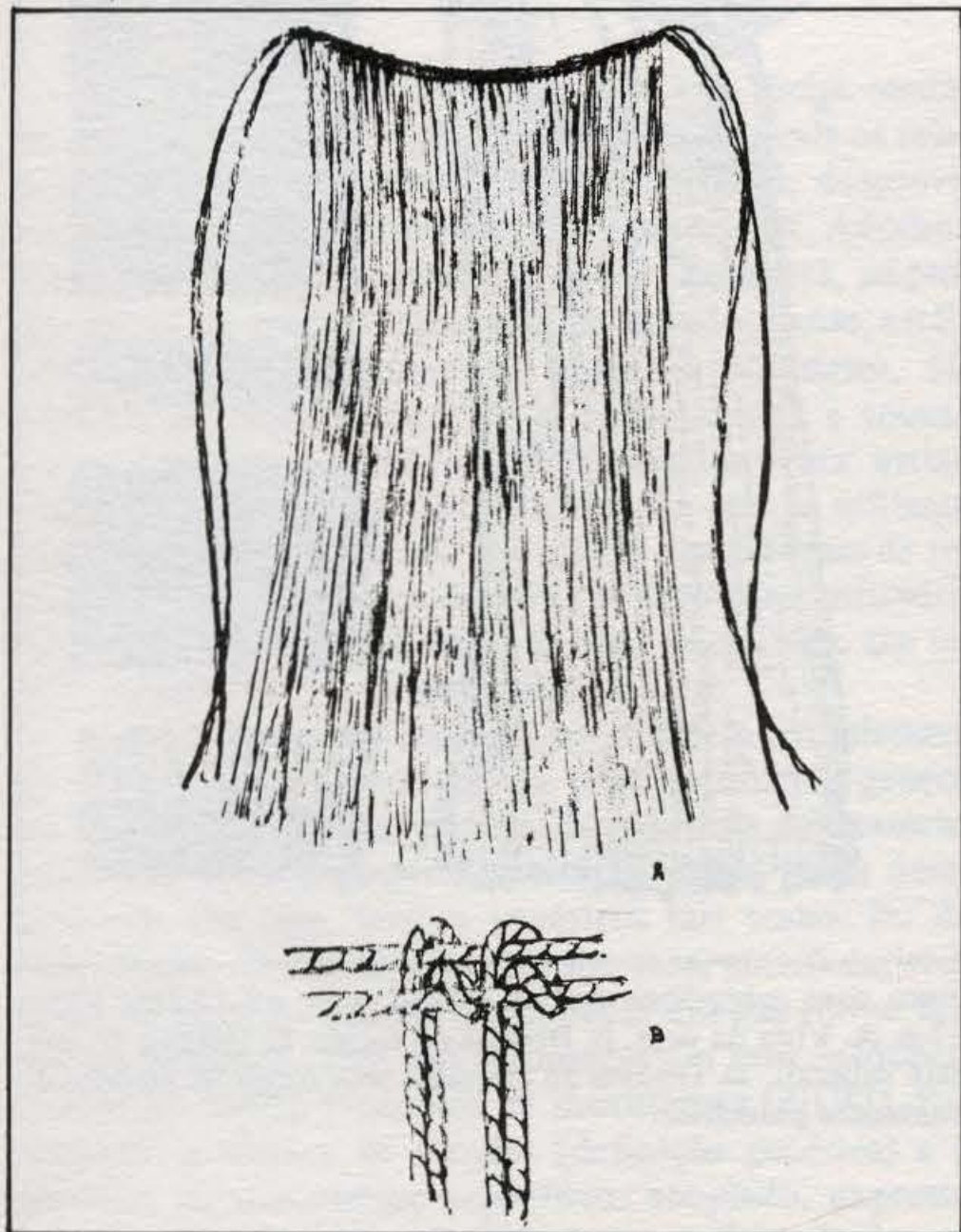
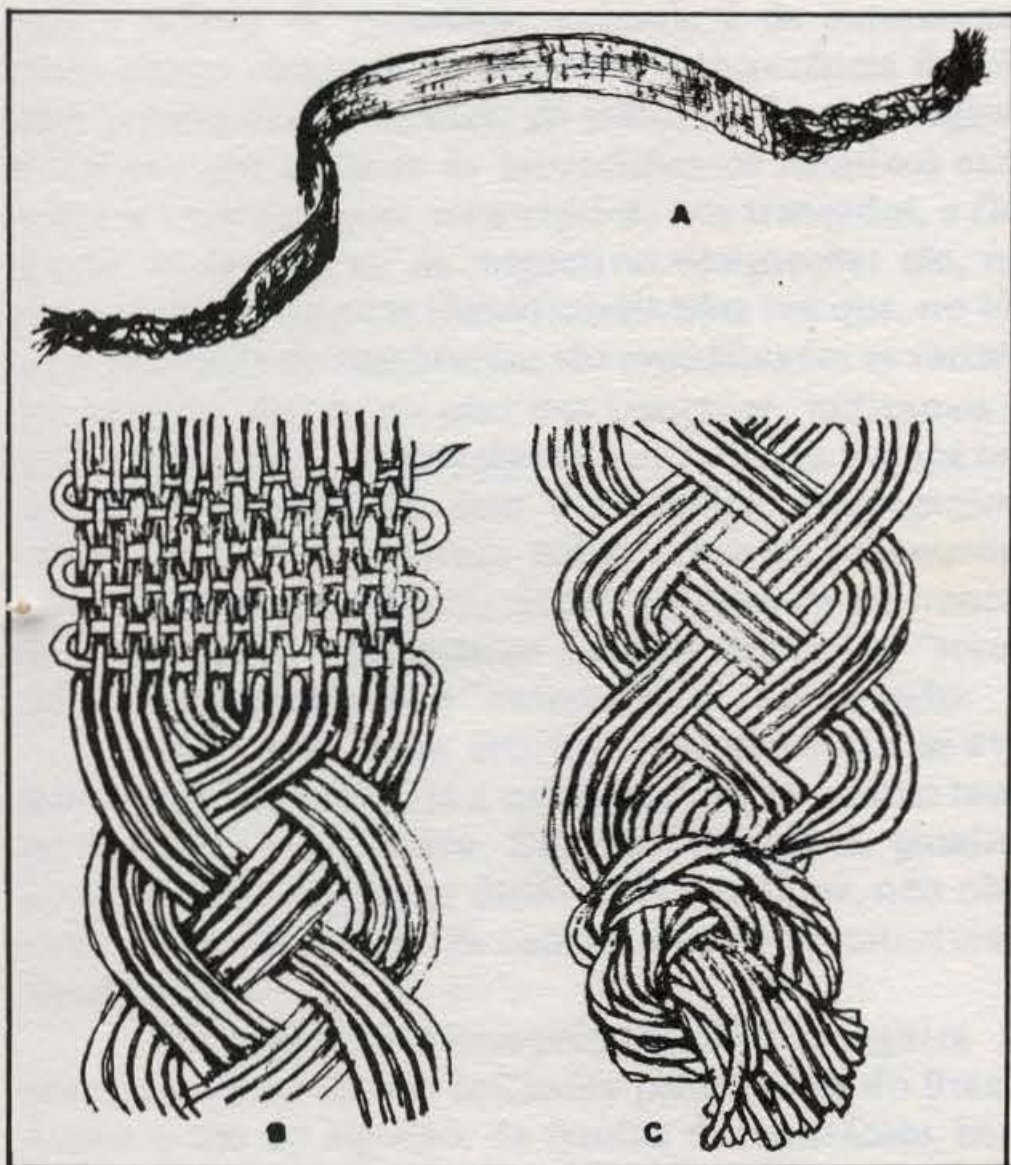
Def. Peça do vestuário feminino, executada segundo o sistema de tecelagem, que se prolonga da cintura até uma certa altura da perna.

T. Gen. Cordões e tecidos para vestuário e adorno (04)

T. Rel. Cinta-liga

Saia tecida. Índios Paresí, M.N. nº 4.183. Escala 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do tecido e do arremate.

TANGA DE CORDÕES

Def. Espécie de avental constituído de cinto e franjas de cordéis que cobrem o corpo desde o ventre até as coxas. De uso feminino, entre os índios Marúbo e Karajá, ou de uso masculino (na região glútea) entre os Txikão.

T. Gen. Cordões e tecidos para vestuário e adorno (04)

Tanga de cordões. Índios Karajá, *apud* Krause 1940-1944: 276 fig. 69. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação da guarnição de franjas.

Testeira tecida. Índios Asuriní, M.N. nº 40.863. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do tecido (frente). C. Detalhe do arremate (verso).

TESTEIRA TECIDA

Def. Tira ou faixa tecida que se usa na testa. É amarrada na altura do occipício pelos fios soltos da urdidura.

Sin. Faixa frontal

T. Gen. Cordões e tecidos para vestuário e adorno (04)

T. Rel. Aro tecido

TIPOI

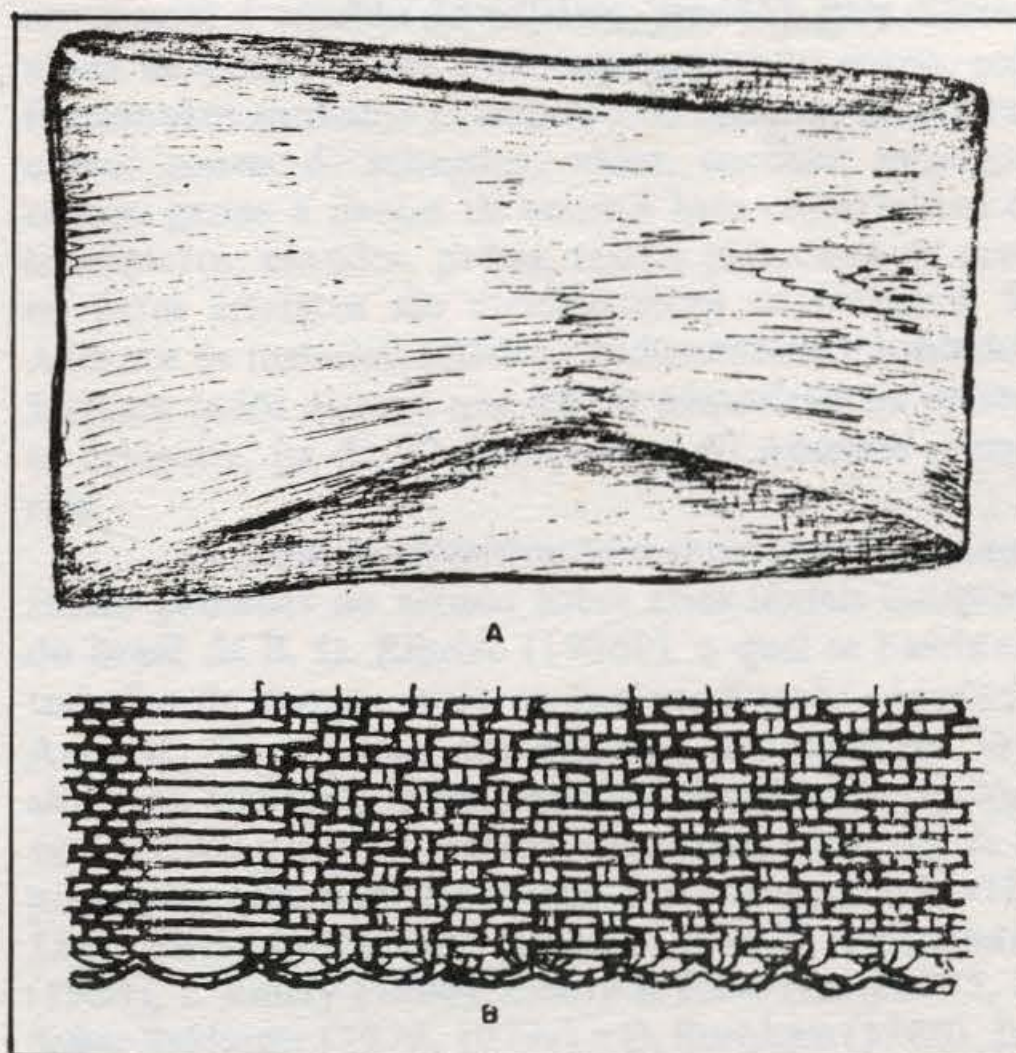
Use: TIPÓIA TECIDA

TIPÓIA TECIDA

Def. Faixa tecida, de largura variada, passada no ombro a tira-colo, isto é, por baixo do braço oposto a esse ombro. Usada como porta-criança, e, eventualmente, para carga leve ou mesmo como adorno do tórax. Confeccionada segundo a técnica de entretecer e/ou entretorcer.

Sin. Tipoi

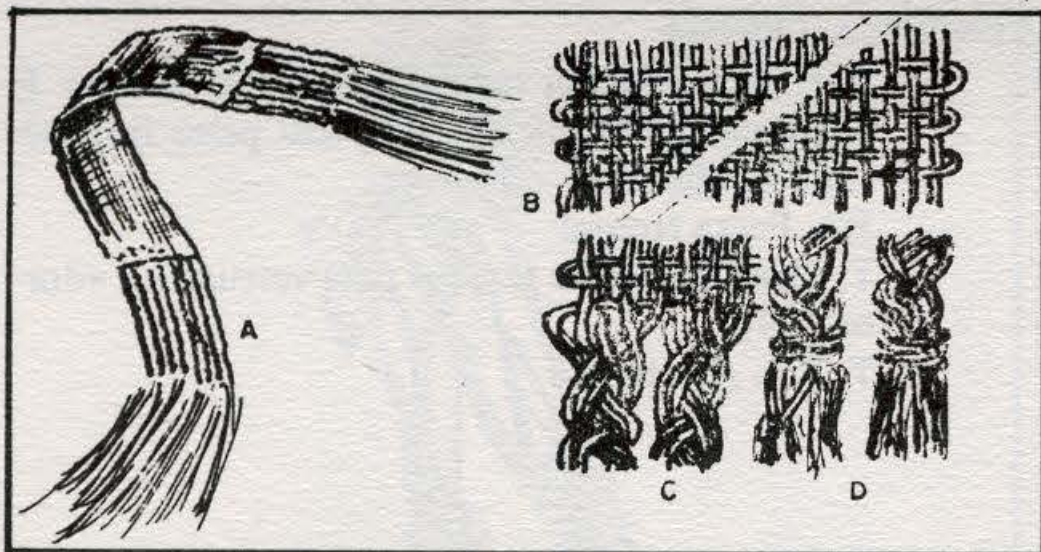
T. Gen. Tecidos para o transporte (03)

V. tb. Processos de manufatura (30.03)

Tipóia tecida. Índios Kayabí, M.N. nº 40.031. Escala 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do tecido com o arremate da borda.

TORNOZELEIRA TECIDA

Def. Ornato tecido usado na altura do tornozelo.

T. Gen. Cordões e tecidos para vestuário e adorno (04)

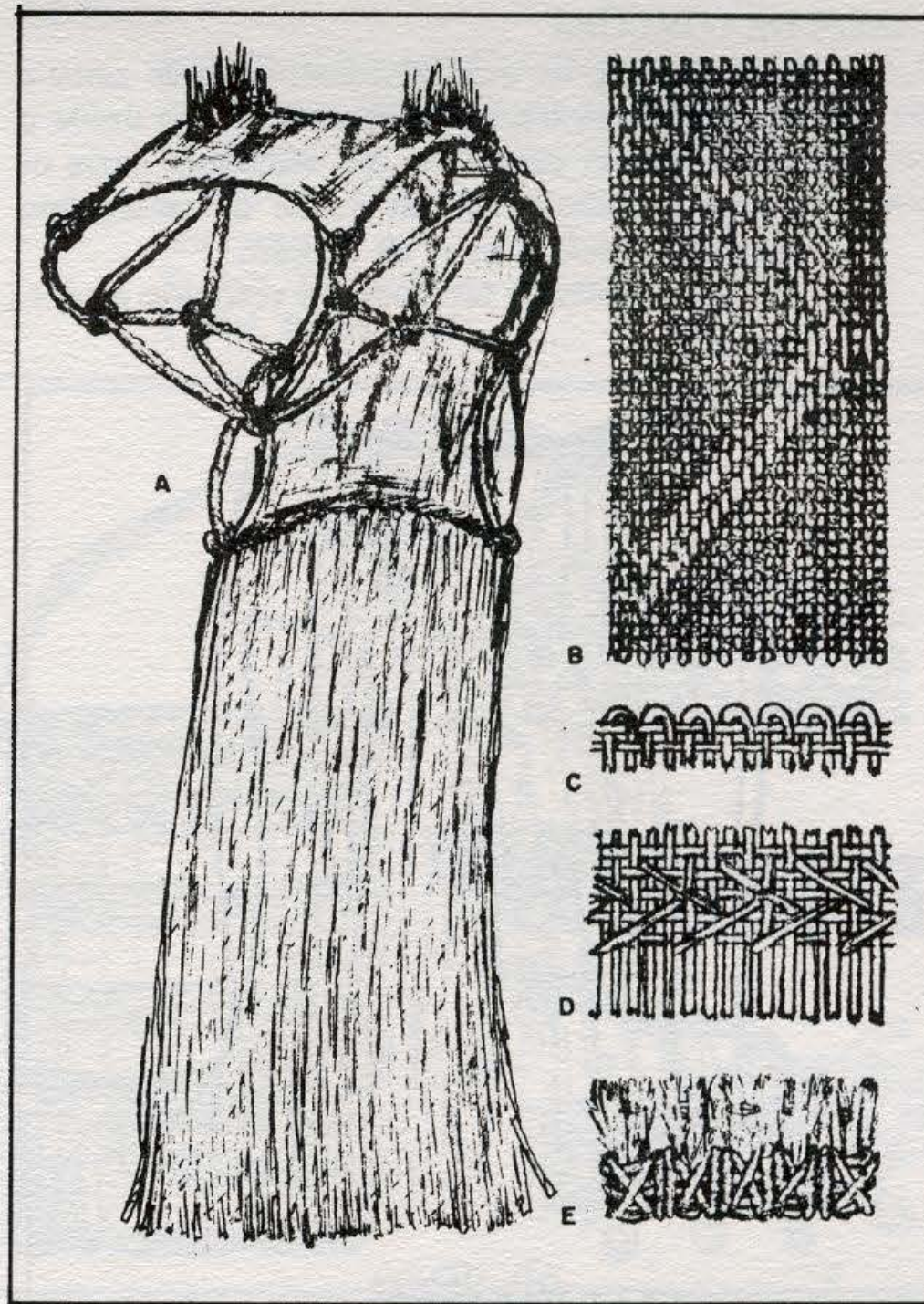
T. Rel. Jarreteira de cordões

Jarreteira tecida

Tornozeleira tecida. Índios Txikão, M.N. nº 40.126. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do tecido. C. Detalhe do arremate. D. Detalhe da franja.

TOUCA COM COBRE-NUCA

Def. Peça do vestuário ritual dos índios Txikão que cobre a cabeça, o pescoço e os ombros. Tecido de algodão ornamentado com botões de plumas na touca e arremate de franjas.

T. Gen. Cordões e tecidos para vestuário e adorno (04).

T. Rel. Manto
Poncho

Touca com cobre-nuca. Índios Txikão, M.N. nº 13.580. Escala 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do tecido. C. Detalhe do arremate superior. D. Detalhe do arremate com franja. E. Detalhe do ornamento plumário.

30 CORDÕES E TECIDOS

GLOSSÁRIO COMPLEMENTAR (30.00)

A presente categoria de artefatos inclui cordame e tecidos para múltiplos usos, dentre os quais os relacionados com o vestuário e adorno corporal, desprovidos praticamente de ornamentação apendicular. Adornos feitos com contas de conchas, cocos, sementes, miçangas, garras de animais, tabocas e, sobretudo, penas, estão enfeixados nas categorias: 40 Adornos plumários, 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador e, parcialmente, na de 20 Trançados. Para evitar confusões com ornatos semelhantes em que se utilizam matérias-primas e técnicas, que não as dos sistemas de tecelagem, adjetivamos os descritores com o modificador "tecido". Por exemplo: tipóia tecida, saia tecida, aro tecido, pulseira tecida, abano tecido, etc.

Tal como procedemos no glossário complementar de trançados, incluímos no ítem Definições genéricas (30.01) as designações de tratamentos da matéria-prima que a torna passível de utilização em obras dessa indústria. Ou seja, termos genéricos tais como: fio de duas pernas, fusada, laçada em volta seca, almofada, etc.. E, ainda, técnicas básicas explicitadas em sua forma verbal, no infinitivo. Elas são retomadas em seus desdobramentos no tópico Processos de manufatura (30.03). Por exemplo: a técnica de acoplar (definição genérica) e o processo de manufatura específico: acoplado, expresso por um adjetivo e/ou acoplado com malha saltada, variante.

Cabe assinalar que algumas técnicas de tecelagem, tais como as de entrelaçar e entretorcer, recebem a mesma designação de suas correlatas, no trançado. E que a técnica de entretecer equivale à de entrecruzar nessa última categoria de artefatos. A ocorrência de termos homônimos se verifica, de resto, nas línguas inglesa e francesa por tratar-se de procedimentos idênticos executados com materiais semi-rígidos, nos trançados, e flexíveis, na tecelagem. As respectivas designações são, no entanto, perfeitamente identificáveis uma vez que, no tópico Processos de manufatura são especificadas as variantes cabíveis. Assim, no caso dos trançados, utilizamos o termo enlaçado e as variações encontradas na técnica básica de entrelaçar. No caso dos tecidos, empregamos, como equivalente, o termo enlace (com ou sem enodação). Para diferenciar a técnica de entretorcer no trançado e no tecido, empregamos a forma adjetivada "torcido", no primeiro caso, e "entretorcido", no segundo.

Por meio desse artifício esperamos que se evitem confusões, tornando a nomenclatura ao mesmo tempo inclusiva e específica. Em outras palavras, passível de diferenciar categorias distintas de artefatos, não obstante o fato de terem em comum elementos estruturais significativos.

O tópico Matérias-primas (30.02) registra as principais fibras têxteis utilizadas pelos índios do Brasil. Avulta o uso do algodão, da família das malváceas, bem como fibras de palmáceas e bromeliáceas. Embora raro, ocorre também o emprego do linho extraído de plantas de outras famílias botânicas.

São igualmente discriminados os corantes aplicados na tintura do fio, porém apenas os de origem vegetal. O barro preto (tejuco) é mencionado por um autor (Frikel 1973) como pigmento para tingir fibra entre os Tiriyó. Seu uso foi também observado por B. G. Ribeiro entre os Jurúna e por Jussara Gruber, entre os Tukúna, em combinação com corantes vegetais ainda não identificados. Fica aqui o registro.

O tópico Implementos (30.04) especifica os objetos utilizados para os processos de fiação e tecelagem. Tal como ocorre no caso da cerâmica, muitos desses objetos têm sido recolhidos a museus etnográficos. Eles não foram, no entanto, incluídos como itens entre os produtos dessas técnicas e sim como instrumentos para torná-las possíveis. Entre outros são citados: o fuso e suas partes; o tear, seus componentes e acessórios; agulhas, etc. Sua descrição e ilustração no glossário complementar permite classificá-los tipologicamente para fins de arrolamento de acervos.

Como vimos, o item relativo a vestuário e adorno pessoal é seguido do adjetivo "tecido" para diferenciá-lo de outras vestes e adornos usados no corpo, confeccionados mediante o emprego de matérias-primas tais como: contas de sementes, cocos, conchas, miçangas; cascos, garras e dentes de animais bem como élitros de coleópteros; canudos, palhas, talas e entrecasca de árvore. Estes artefatos são dicionarizados na categoria 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador. Incluem todos aqueles que não se enquadram na presente categoria, na de 20 Trançados e 40 Adornos plumários.

A presente classificação e respectiva taxonomia foram pautadas no estudo sobre artes têxteis indígenas do Brasil de B. G. Ribeiro (1986b), o qual se baseia em trabalho de campo entre os Jurúna, Kayabí, Asuriní e Araweté, bem como em consulta bibliográfica. Esta abrangeu trabalhos semelhantes de classificação tipológica e tecnológica e em monografias etnográficas. Entre os primeiros, cabe destacar Frodin & Nordenskiöld (1918), Ling Roth (1916/18), Amsden (1932), Montandon (1934), I. Emery (1966), Emery & Fiske (eds.) 1977, A. Seiler-Baldinger (1979, 1979a) e D. Burnham (1980). Entre os últimos, os mais relevantes foram: Frikel (1973), Bird (1979), Roth (1924) e D. Newton (1971). Para a identificação das matérias-primas usadas na tinturaria e tecelagem valemo-nos das informações constantes da bibliografia e, complementarmente, de Paul LeCointe (1947), Marlene Freitas da Silva et alii (1977) e Alfredo A. de Andrade (1926).

DEFINIÇÕES GENÉRICAS (30.01)

ACOPLAR *(Linking,* i.)

Def. Ligação que se realiza por meio de uma conexão elástica na qual intervém: um fio contínuo de extensão ilimitada e um dispositivo de

sustentação: o tear. Resulta um tecido elástico, em sentido transversal, leve e fresco. Essa técnica é empregada unicamente na produção de redes de dormir pelos Tukúna e Tiriyó. Apresenta uma variante: acoplamento com malha saltada. Entre os Makuxí, Taulipang e Wapitxâna registra-se uma técnica com princípios semelhantes, também exercida com um elemento contínuo e ajuda de outro tipo de tear: um retângulo completo. O tecido resultante é designado "acoplado tipo Tumupasa".
T. Rel. Trabalho em malha
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

ALMOFADA
Def. Preâmbulo da fiação do algodão. Conjunto de discos ou rodelas de floco de algodão sotopostas e estiradas. Em alguns casos (índios Araweté), a almofada é batida sobre um suporte flexível para separar e uniformizar as fibras. A felpa é retirada pela orla externa da almofada, em forma de tira – a tirada – a qual, igualada e uniformizada por distenção manual, é atada ao castão do fuso, procedendo-se à torção. A atadura é feita por laçada em volta seca.
T. Rel. Fiação
Laçada em volta seca
Rodela
Tirada
V. tb. Matérias-primas (30.02)
Processos de manufatura (30.03)
Implementos (30.04)

BRAÇADA
Def. Comprimento do fio de algodão, equivalente ao braço estendido, no ato de bobiná-lo na vareta do fuso.
T. Rel. Fiação
V. tb. Matérias-primas (30.02)
Implementos (30.04)

CAPULHO DE ALGODÃO
Def. Casulo ou invólucro filamentoso da semente do algodão.
T. Rel. Fiação
V. tb. Matérias-primas (30.02)

CALA *(Shed,* i.; *fogue,* f.)
Def. Abertura formada pela separação em dois leitos ou duas camadas, anterior e posterior, dos fios alternados da urdidura, mediante o uso do liço, acessório do tear. A lançadeira é arremessada nesse vão para entretecer. (Ver fig. 42).
Sin. Passo
T. Rel. Tecelagem verdadeira
V. tb. Processos de manufatura (30.03)
Implementos (30.04)

CARREIRA CAPITAL *(Heading line, tailing line,* i.)
Def. Primeira carreira feita em técnica entretorcido ou contratorcido, que impede que a teia se desmanche quando retirada do tear. Ao mesmo tempo ajuda a separar e manter eqüidistante a série de fios da urdidura. Corresponde ao amortecedor em outros sistemas de tecelagem. (Cf. fig. 42)
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

CONTRA-CALA *(Counter-shed,* i.; *contre-fogue,* f.)
Def. Segunda abertura ou vão produzido no plano da urdidura quando se levanta o liço, acessório do tear, para introduzir a trama. (Ver fig. 42).
Sin. Contra-passo
T. Rel. Tecelagem verdadeira
V. tb. Processos de manufatura (30.03)
Implementos (30.04)

CONTRA-PASSO
Use: CONTRA-CALA

CONTRATORCER *(Countertwining,* i.)
Def. Técnica de tecer em tear amazônico com urdume na vertical e/ou tear de varas alçadas com urdume na horizontal em que se combina torção em "Z" e torção em "S" de dois fios, alternada ou conjuntamente, dando a aparência de uma trança.
T. Rel. Entretorcer
Torção em "Z", torção em "S"
V. tb. Processos de manufatura (30.03)
Implementos (30.04)

ENREDAR
Use: ENTRELAÇAR

ESTOFO
Use: TECIDO

ENTRANÇAR
Def. Técnica de trabalho a dedo usada para a produção de cordões ornamentais, redondos ou quadrados, bastante freqüente como elemento de adorno corporal indígena.
T. Rel. Passamanaria
Trabalho a dedo
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

ENTRELAÇAR *(Looping,* i.)
Def. Trabalho em malha com um elemento de tamanho limitado. Essa técnica exige o uso de acessório: agulha de orifício ou suporte de estilete que serve de gabarito para uniformizar as malhas. Compreende técnicas de enlace sem enodação e de enlace com enodação, isto é, com a formação de nós.
Sin. Enredar
T. Rel. Filé
V. tb. Trabalho em malha
Processos de manufatura (30.03)
Implementos (30.04)

ENTRETECER *(Weaving,* i.)
Def. Técnica de tecelagem em tear amazônico, isto é, com urdume na vertical provido de acessórios, que permitem a abertura de cala e contra-cala para a tramação. Também conhecida como tecelagem verdadeira. O entretecido sarjado é a forma mais elaborada de entretecimento.
T. Rel. Tecelagem verdadeira
Trabalho em trama
V. tb. Processos de manufatura (30.03)
Implementos (30.04)

ENTRETORCER *(Twining,* i.)
Def. Técnica de tecer em tear com varas alçadas e o urdume na horizontal mediante a torção de dois fios da trama que englobam, perpendicularmente, um ou mais elementos da urdidura.
T. Rel. Contratorcer
Trabalho em trama
V. tb. Processos de manufatura (30.03)
Implementos (30.04)

FIAÇÃO
Def. Operação que transforma matéria-prima têxtil em fio. Quando se utiliza fibras de certas bromeliáceas, o processo é mais demorado. A folha é mergulhada na água para decompor as matérias não fibrosas e, posteriormente, batida, lavada e seca ao sol. Para destacar a seda da préfoliação de palmeiras o procedimento é mais direto, mas exige grande habilidade manual. Separa-se a seda da palha que é usada para o trançado ou descartada. A seda é igualmente lavada e posta a secar ao sol. A fiação do algodão exige a separação da felpa do caroço. O floco assim obtido é transformado em uma rodela. Várias delas são unidas e espichadas para formar uma almofada de diâmetro maior. Uma tira de algodão é retirada e distendida manualmente da orla da almofada e atada ao castão do fuso por laçada em volta seca. Procede-se, em seguida, à torção dessa tira.
T. Rel. Almofada
Braçada
Fio de duas pernas
Fusada
Laçada em volta seca
Rodela
Tirada
Torção em "Z", torção em "S"
V. tb. Matérias-primas (30.02)
Processos de manufatura (30.03)
Implementos (30.04)

FILÉ *(Network,* i.)
Def. Tecido reticular aberto feito segundo a técnica de enlace com enodação
T. Rel. Entrelaçar
Trabalho em malha
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

FIO-BASTIDOR
Def. Armado em círculo, o fio serve de suporte para o início de trabalho em malha, especificamente, a técnica de enlace com enodação.
T. Rel. Trabalho em malha.
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

FIO DE DUAS PERNAS *(Two ply yarn; double yarn,* i.)
Fio de duas dobras. Linha ou corda formada pela torção de dois fios. (Ver fig. 28).
T. Rel. Fiação

FIO-ENREDADOR
Def. Linha ativa, nos trabalhos com um único elemento, que enreda as malhas para formar o tecido.
T. Rel. Trabalho em malha
V. tb. Processos de Manufatura (30.03)

FUSADA
Def. Porção de fio enrolada no fuso. Chamamos fusada cônica o enrolamento do fio no fuso em forma de cone. (Ver fig. 37).
T. Rel. Fiação
V. tb. Implementos (30.04)

INTERLAÇAR *(Interlooping,* i.)
Def. Trabalho em malha executado com um único elemento de tamanho ilimitado, uma vez que o fio enredador não precisa passar pelas laçadas. *Crochê* e *tricô* representam os dois principais tipos de interenlace.
T. Rel. Trabalho em malha
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

LAÇADA EM VOLTA SECA
Def. Modo de atar o fio, sem dar nó, ao castão do fuso para que não resvale.
T. Rel. Fiação
V. tb. Implementos (30.04)

PADRÕES DECORATIVOS
Def. Conjunto de figuras geométricas (lineares, retangulares, triangulares e outras atípicas) desenvolvidas no ato de entretecer. As mais comuns, obtidas, principalmente, no tecido sarjado – definidas no tópico Motivos decorativos (10.08) em Cerâmica (10) – são as seguintes: ampulheta, chevron, cruciforme, diamante, escalonado, espinha de peixe, figuras labirínticas, meândricas e esquartejadas, linhas retas, losangos, losangos concêntricos, retículo, ziguezague. (Ver figs. 20 a 25).
T. Rel. Entretecer
Consulte: 10 Cerâmica, Motivos decorativos (10.08).

PALMINHAR *(Darn, darned,* i.)
Def. Levantar, um a um, com os dedos, os elementos da urdidura para a introdução da trama. É a forma mais elementar e também a mais laboriosa de tecelagem.
T. Rel. Entretecer

PASSAMANARIA
Def. Fitas-galões e cordões feitos por entrançamento. (Ver fig. 17).
Sin. Passamanes
T. Rel. Entrançar
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

PASSAMANES
Use: PASSAMANARIA

PASSO
Use: CALA

PONTO DESPARELHO *(Uneven twill,* i.)
Def. No entretecido sarjado, os elementos da trama não transpõem o mesmo número de elementos da urdidura. As duas faces da obra são dissímiles. Ou, na definição de Irene Emery: "Nenhum elemento passa sobre o mesmo número que passou sob. Assim, as duas faces são estruturalmente desiguais. Nenhum tecido em

diagonal (sarjado) pode ser construído com menos de três grupos diferentes de urdumes e o construído com três apenas é necessariamente desparelho: 2 por cima e um por baixo, ou 2/1. Com quatro urdumes, seja emparelhados (2/2) ou desparelhos (3/1), é possível tecer diagonalmente; com cinco, existe uma possibilidade de escolha entre o diagonal desparelho (4/1 ou 3/2). O número de ordens de interlaçamentos possível aumenta com o número de urdumes" (Emery 1966:99).

T. Rel. Entretecer
Ponto flutuante
Ponto parelho

V. tb. Processos de manufatura (30.03)

PONTO FLUTUANTE *(Floats,* i.)

Def. No tecido sarjado, ponto flutuante é cada porção do elemento da trama ou da urdidura que permanece sem entramar sobre duas ou mais unidades do conjunto oposto.

T. Rel. Entretecer
Ponto desparelhado
Ponto parelho

V. tb. Processos de manufatura (30.03)

PONTO PARELHO *(Even Twill,* i.)

Def. No entretecido sarjado, cada conjunto de elementos da trama cruza, alternadamente, sob e sobre o mesmo número de elementos da urdidura, produzindo padrões idênticos nas duas faces da obra, embora a direção das diagonais seja invertida.

T. Rel. Entretecer
Ponto desparelho
Ponto flutuante

V. tb. Processos de manufatura (30.03)

REPASSO

Def. Programação da urdidura para formar os padrões decorativos. "Receita do tecido" na linguagem das tecedeiras de Goiás. (Garcia 1981:130).

T. Rel. Entretecer
Padrões decorativos

V. tb. Processos de manufatura (30.03)

RODELA

Preâmbulo da fiação do algodão. Iniciado o processo pela separação da felpa do caroço, procede-se a seu afeiçoamento na forma de disco ou placa. Vários deles são reunidos e espichados para formar a almofada, da qual se destacam tiras, as tiradas, com que se inicia a fiação.

T. Rel. Almofada
Fiação
Tirada

V. tb. Matérias-primas (30.02)

TECELAGEM

Def. Técnica de interpor regularmente os fios, com ou sem o uso de implementos e aparelhos. Produz-se, assim, um tecido, seja mediante trabalho a dedo, trabalho em malha ou trabalho em trama.

T. Rel. Tecelagem verdadeira
Tecido
Técnicas básicas
Trabalho a dedo
Trabalho em malha
Trabalho em trama

TECELAGEM VERDADEIRA *(Weaving,* i.)

Def. Técnica de tecer em tear amazônico com urdume na vertical. A tramação se processa levantando um a um os fios da urdidura para a passagem da teia; ou erguendo todo o urdume de uma só vez, mediante o uso do liço e a abertura de cala/contra-cala.

T. Rel. Cala
Contra-cala
Entretecer
Palmilhar

V. tb. Processos de manufatura (30.03)
Implementos (30.04)

TECIDO *(Fabric, web,* i.)

Def. O produto acabado, depois de feita a tecedura: por entretecimento, entretorcimento, entrelaçamento, acoplamento ou por interlaçamento.

Sin. Estofo

T. Rel. Acoplar
Contratorcer
Entrelaçar
Entretecer
Entretorcer
Interlaçar

V. tb. Processos de manufatura (30.03)

TÉCNICAS BÁSICAS DE TECELAGEM

Def. A arte de tecer admite duas macro-divisões: trabalho em trama e trabalho em malha. A primeira pressupõe o uso de um dispositivo para a tensão dos fios da urdidura: o tear. E o uso de dois elementos, urdidura e trama ou dois conjuntos de elementos que se entrecruzam formando o tecido. A segunda se processa pelo emprego de um único elemento contínuo de tamanho finito ou infinito, e o uso ou não de um implemento, agulha de ponta (tricô), agulha de gancho (crochê) ou agulha de orifício (enlace), ou simplesmente um gabarito. O trabalho em trama compreende as seguintes técnicas básicas: contratorcer, entretecer, entretorcer. A técnica de acoplar, embora feita com um único elemento contínuo, não pode prescindir de tear: duas estacas fincadas no chão onde se tece o produto. O mesmo diz respeito a outro tipo de acoplamento, tipo Tumupasa, feito com tear. O trabalho em malha inclui as técnicas de entrelaçar (com ou sem enodação), e a de interlaçar (crochê, tricô). O trabalho a dedo que, como o nome indica, é executado sem qualquer implemento, compreende a técnica de entrançar, isto é fazer tranças com três ou mais fios, de que resulta a passamanaria.

T. Rel. Acoplar
Contratorcer
Entrançar
Entrelaçar
Entretecer
Entretorcer
Interlaçar

V. tb. Processos de manufatura (30.03)
Implementos (30.04)

TEIA

Use: TRAMA

TIRADA

Def. Preâmbulo da fiação do algodão. Tira retirada da orla da almofada, igualada e uniformizada por distenção manual, operação que antecede a torção do fio no fuso.

T. Rel. Almofada
Fiação
Rodela
Torção em 'Z', torção em 'S'

V. tb. Matérias-primas (30.02)
Processos de manufatura (30.03)
Implementos (30.04)

TORÇÃO EM 'Z'/TORÇÃO EM 'S' (*'Z' twist, 'S' twist*, i.)

Def. Técnica de fiação e/ou tecelagem. Ao torcer um par de fibras, de bromeliáceas ou palmáceas, na perna, ou de filamentos de algodão, no fuso, obtém-se uma torção em 'Z' se ela for executada da direita para a esquerda, no sentido dos ponteiros do relógio e uma torção em 'S' se for da esquerda para a direita. Uma pessoa destra obterá uma torção em 'Z' e uma pessoa canhota uma torção em 'S'. Essas designações provêm da aparência da parte central das letras 'S' e 'Z', isto é, obtêm-se espirais que lembram a queda das referidas letras. O mesmo ocorre ao executar-se as técnicas de entretorcer e contratorcer.

T. Rel. Contratorcer
Entretorcer
Fiação
Fio de duas pernas
Rodela
Tirada

V. tb. Matérias-primas (30.02)
Processos de manufatura (30.03)
Implementos (30.04)

TRABALHO A DEDO (*Fingerwork*, i.)

Def. Sistema de tecelagem em que não intervém o uso de implementos ou dispositivos de tensão dos fios: o tear.

T. Rel. Passamanaria
Técnicas básicas de tecelagem

V. tb. Processos de manufatura (30.03)

TRABALHO EM MALHA (*Meshwork*)

Def. Sistema de tecelagem com um único elemento, de tamanho limitado ou ilimitado, para a formação de laçadas com ou sem nós. Compreende as técnicas de: acoplar, entrelaçar com ou sem nós, interlaçar.

T. Rel. Acoplar
Entrelaçar
Interlaçar
Fio-bastidor
Fio-enredador
Filé
Tecelagem
Tecido
Técnicas básicas de tecelagem

V. tb. Processos de manufatura (30.03)

TRABALHO EM TRAMA

Def. Sistema de tecelagem em que intervêm dois elementos – urdidura e trama – que se entrecruzam de forma a construir um tecido. Compreende as técnicas de entretecer, entretorcer e contratorcer.

T. Rel. Cala
Carreira capital
Contra-cala
Contratorcer
Entretecer
Entretorcer
Palmilhar
Ponto desparelho
Ponto flutuante
Ponto parelho
Repasso
Tecelagem
Tecelagem verdadeira
Tecido
Técnicas básicas de tecelagem

V. tb. Processos de manufatura (30.03)

TRAMA (*Weft, bar*, i.; *trame*, f.)

Def. Fio contínuo ou separado que entretece ou enlaça a urdidura para formar um tecido.

Sin. Teia

T. Rel. Trama aparente
Urdidura

V. tb. Processos de manufatura (30.03)

TRAMA APARENTE (*Weft faced*, i.)

Def. Tecido em que a trama predomina no verso, ou em ambas as faces, ocultando a urdidura.

T. Rel. Trama
Urdidura

V. tb. Processos de manufatura (30.03)

URDIDURA (*Warp, end*, i.; *chaine*, f.)

Def. A série de fios, relativamente passiva, montada no tear entre a qual é interposta a trama. Ou: a base fixa sobre a qual enteia o tecelão. No tear amazônico, o plano da urdidura corre em sentido longitudinal; no tear com varas alçadas, em sentido horizontal.

Sin. Urdume

T. Rel. Trama
Urdidura anterior/posterior
Urdidura aparente
Urdidura balançada
Urdidura frontal/costal

V. tb. Processos de manufatura (30.03)
Implementos (30.04)

URDIDURA ANTERIOR/POSTERIOR

Def. Série de fios disposta na frente do bastão-separador após sua divisão em dois planos: fios pares e fios ímpares. Presos ao liço, os fios pares formam a cala e a contra-cala, quando o liço é levantado. (Ver figs. 39, 41 e 42).

T. Rel. Cala
Contra-cala
Urdir

Urdidura
Urdidura frontal/costal
V. tb. Processos de manufatura (30.03)
Implementos (30.04)

URDIDURA APARENTE (*Warp faced*, i.)
Def. Tecido em que a urdidura predomina no verso, ou em ambas as faces, ocultando praticamente a trama.
T. Rel. Trama
Trama aparente
Urdidura
Urdidura balançada
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

URDIDURA BALANÇADA (*Balanced plain weave*, i.)
Def. Urdidura e trama, da mesma espessura e equilibradamente espaçadas, permitem ver ambos os elementos.
T. Rel. Trama
Trama aparente
Urdidura
Urdidura aparente
V. tb. Processos de manufatura (30.03)

URDIDURA FRONTAL/COSTAL
Def. Montada a urdidura, o urdume frontal é o que fica na parte anterior das barras do tear e, o costal, na posterior. (Ver fig. 43)
T. Rel. Urdir
Urdidura
Urdidura anterior/posterior
V. tb. Processos de manufatura (30.03)
Implementos (30.04)

URDIMENTO
Use: URDIR

URDIR
Def. Montagem da urdidura nas barras (urdideiras) do tear.
Sin. Urdimento
T. Rel. Urdidura
Urdidura anterior/posterior
Urdidura frontal/costal
V. tb. Processos de manufatura (30.03)
Implementos (30.04)

URDUME
Use: URDIDURA

MATÉRIAS-PRIMAS (30.02)

AÇAFRÃO-DA-TERRA (*Curcuma longa; C. tinctoria* Gubi)
Corante da família Zingiberaceae. Planta originária do velho mundo difundida entre diversas tribos: alto Xingu, Kayabí, Jurúna, Karajá e alto rio Negro, onde é conhecida sob a alcunha de mangarataia. Da raiz (rizoma) extrai-se corante amarelo. O preparo da tinta é mais elaborado entre os Jurúna do que entre outros grupos, uma vez que lhe juntam folhas maceradas de planta não identificada como mordente; tornando o tanino mais firme e o amarelo mais carregado: cor de mostarda.
T. Rel. Corantes.

ALGODÃO (*Gossypium* spp.)
Principal fibra têxtil da família Malvaceae empregada por tribos indígenas brasileiras. A bibliografia registra o uso das espécies *G. hirsutum, G. barbadense, G. purpurascens, G. vitifolium.* A primeira espécie é originária provavelmente das Antilhas e a segunda da América Central. Os índios conhecem cultivares de duas cores: branco-manteiga e pardo claro, este último apelidado popularmente como algodão pardo, algodão-ganga ou algodão-macaco.
T. Rel. Plantas têxteis e para cordame

ALGODÃO MACACO
Use: ALGODÃO PARDO

ALGODÃO PARDO (*Gossypium* sp.)
Cultivar de algodoeiro, cuja fibra é pardacenta. É utilizado, entre outros, pelos índios Kayabí e Jurúna.
Sin. Algodão-macaco
T. Rel. Plantas têxteis e para cordame

ANANÁS
Use: CURAUÁ

ANIL (*Indigofera suffrutticosa* Mill.)
Corante da família Leguminosae papilionoideae. A bibliografia registra o uso dessa planta na tinturaria de fios na cor azul claro. (Glenboski 1975:109).
T. Rel. Corantes.

BURITI (*Mauritia flexuosa* L.)
Palmeira que fornece o linho do grelo (seda) para fazer o fio.
T. Rel. Plantas têxteis e para cordame

CANSANÇÃO
Use: URTIGA BRAVA

CARAGUATÁ (*Bromelia pinguin* L.)
Da família das Bromeliáceas. Entre as tribos chaquenhas e as do nordeste do Brasil é comum o emprego do seu linho, extraído por raspagem, como fibra têxtil.
Sin. Gravatá
T. Rel. Plantas têxteis e para cordame

CARAUÁ
Use: CAROÁ

CAROÁ (*Neoglaziovia variegata* Mez)
Da família das Bromeliáceas, é plantada pelos índios do alto Xingu. Fornece a seda para a produção de puçás, entre outros produtos.
Sin. Carauá
T. Rel. Plantas têxteis e para cordame

CIPÓ ANINGA-PARÁ (?) (*Dieffanbachia humilis* Poepp)
Cipó (aninga-pará?) da família das Aráceas, de cujo rizoma os índios Tukúna extraem matéria corante amarela. (*Apud* Glenboski, 1975:120; Seiler-Baldinger 1979:76).
T. Rel. Corantes

CORANTES

Def. Matéria tintorial podendo ser de origem vegetal, animal ou mineral.

Sin. Pigmentos

T. Rel. Açafrão-da-terra
Anil
Cipó aninga-pará
"Hoja morada"
Jenipapo
Maranta (espécie de)
Mogno
Pau campeche
Pau-de-arara
"Platanillo de altura"
Pupunha
Tatajuba de espinho
Urucu

CROATÁ *(Bromelia morreniana* (Regel) Mez)

Planta herbácea da família Bromeliaceae, cultivada na roça. A fibra, untada no breu, é utilizada para amarrilhos no acabamento de cestos e outros artefatos pelos grupos Tukâno do rio Tinquié.

T. Rel. Plantas têxteis e para cordame

CURAUÁ *(Ananas sativus,* Schult, var.)

Bromeliácea de cujas folhas os índios Tiriyó extraem, por raspagem, fibras muito resistentes para a confecção de tecidos e, principalmente, cordas.

Sin. Ananás

T. Rel. Plantas têxteis e para cordame

ENVIRA

Use: IMBAÚBA

ENVIRA DE JANGADA

Use: ENVIRA PENTE DE MACACO

ENVIRA PENTE DE MACACO *(Apeiba* sp.; *Apeiba echinata* Gaertn. (?)

A entrecasca dessa arvoreta, da família Tiliaceae, é empregada pelos índios Tapirapé na feitura de cordas para armar a rede de dormir.

Sin. Envira de Jangada.

T. Rel. Plantas têxteis e para cordame

GRAVATÁ

Use: CARAGUATÁ

"HOJA MORADA" *(Phyllanthus accumintus* Vahl)

As folhas dessa planta, da família Euphorbiaceae, são esfregadas diretamente na linha produzindo um colorido violáceo. Usada pelos índios Tukúna do Peru (Seiler-Baldinger 1979:79; Glenboski 1975:122) e talvez também pelos Waiwai.

T. Rel. Corantes

IMBAÚBA *(Cecropia pachystachya* Trèc.)

Arvoreta da família Moraceae de cuja entrecasca se retira fibra para indústria têxtil indígena e, sobretudo, para cordaria.

Sin. Envira

T. Rel. Plantas têxteis e para cordame

JENIPAPO *(Genipa americana* L.)

A casca e os frutos dessa árvore da família das Rubiáceas contém um corante azul escuro ou violeta que, pela oxidação do contáto com o ar, se torna preto. É empregada pelos índios na pintura corporal e tingimento dos tecidos, trançados e outros artefatos.

T. Rel. Corantes

MARANTA, espécie de (?) *(Calathea loeseneri,* Macbride)

Das folhas maceradas dessa Marantácea os índios Tukúna extraem um corante verde para tingir o fio. *(Apud* Seiler-Baldinger 1979:76; Glenboski 1975:123).

MIRITI *(Mauritia flexuosa* L.)

Espécie de palmeira que viceja no norte do país, da qual os índios Tiriyó extraem a seda para fazer fios e tecidos.

T. Rel. Plantas têxteis e para cordame

MOGNO *(Swietenia macrophylla* King)

Da entrecasca do mogno (família Meliaceae), os índios Asuriní obtém uma matéria corante marrom com que tingem suas meadas de algodão.

T. Rel. Corantes

PAU BRASIL

Use: PAU-DE-ARARA

PAU CAMPECHE *(Hematoxylon campechianum)*

Família das Cesalpináceas "de cuja casca em estado putrido extraem os índios uma tinta de finíssimo carmim" (Andrade 1926:190). O corante, kemateina, purpura vivo, segundo esse autor, utilizado na indústria tintorial, fornece vários matizes, entre os quais, o violeta (op. cit.: 191).

T. Rel. Corantes

PAU-DE-ARARA *(Sickingia tinctoria* (H.B.K. K.Sch.)

A entrecasca dessa árvore, da família Rubiaceae, contém uma matéria tintorial a brasileina, que fornece corante vermelho para tingir a linha utilizada pelos índios Tukúna, além de outros, em suas obras têxteis. Quando a fervura do lenho se faz com águas ferruginosas surge "um matiz bruno-violeta, em lugar do carmim nítido, da verdadeira matéria corante, que é a brasileina" (Andrade 1926:190). (Ver também. Glenboski 1975:104, 126, Seiler-Baldinger 1979:78).

Sin. Pau-brasil

T. Rel. Corantes

PIGMENTOS

Use: CORANTES

"PLATANILLO DE ALTURA" *(Realmia* sp.)

Da família Zingiberaceae. As frutas frescas são esmagadas fornecendo um pigmento púrpura utilizado pelos índios Tukúna para colorir fios e entrecasca de árvore. (Glenkoski 1975:126; Seiler-Baldinger 1979:79).

PLANTAS TÊXTEIS E PARA CORDAME

Def. Matérias-primas vegetais de que se extraem fibras, as quais, devidamente preparadas, são empregadas em obras de cordaria e tecelagem.

T. Rel. Algodão
Algodão pardo
Buriti
Caraguatá
Caroá
Croatá
Curauá
Imbaúba
Envira pente de macaco
Miriti
Tucum
Urtiga brava

PUPUNHA (*Guilielma gasipaes* (H. B. K.) Bailey)

Das folhas dessa Palmácea, os índios Tukúna extraem matéria tintorial de cor verde para seus trabalhos de cordaria e tecelagem. (Seiler-Baldinger 1979:76).

T. Rel. Corantes

TATAJUBA-DE-ESPINHO (*Chlorophora tinctoria*, Guad.)

Madeira de cor amarelo-vivo da família das Moráceas, cujo corante (ácido morintânico) da mesma cor é utilizado para corar fios de algodão e palmária (Andrade 1926:187)

T. Rel. Corantes

TUCUM (*Astrocaryum tucuma* Mart.; *A. Chambira*; *A. humile*)

Família Palmae. A bibliografia registra três espécies do gênero *Astrocaryum* que fornecem seda como fibra têxtil para a produção de fios e tecidos.

T. Rel. Plantas têxteis e para cordame

URTIGA BRAVA (*Urera caracasana* Griseb)

Planta da família das Urticáceas cujas fibras sedosas e resistentes são empregadas pelos índios do sul do Brasil na confecção de obras têxteis.

Sin. Cansação (Amazônia)

T. Rel. Plantas têxteis e para cordame

URUCU (*Bixa orellana* L.)

Árvore cultivada da família das Bixáceas. Do envólucro da semente dissolvido em água retira-se matéria tintorial vermelho-carmim (bixina) de largo emprego na tinturaria de fios e outros fins. O corante orelina do urucu, de tonalidade amarelo-alaranjada, é também empregado na tinturaria de fios e tecidos.

T. Rel. Corantes

PROCESSOS DE MANUFATURA (30.03)

ACOPLADO (*Linked, linkage*, i.)

Def. Técnica de tecelagem executada com um fio contínuo que enlaça as duas barras do tear, fincadas no chão. O fio enredador, guiado por uma "agulha" (corda mais grossa), abrange, transversalmente, em espiral frouxa, o urdume que fora previamente montado no tear, encadeando malhas em carreiras sucessivas. Estas se apresentam sob forma elástica e escorregadia. Essa técnica é exercida pelos índios Tukúna e Tiriyó, entre outros, na manufatura de redes de dormir. (Ver fig. 1).

T. Rel. Acoplado com malha saltada
Acoplado tipo Tumupasa

V. tb. Definições genéricas (30.01)

ACOPLADO COM MALHA SALTADA (*Linkage with row skiping*, i.)

Def. Variante da técnica de acoplamento. Consiste em, sucessivamente, formar uma malha acoplada e um cruzamento (sob/sobre) de uma malha deixada sem acoplar na carreira anterior. Esse tipo de tecido é muito elástico, transversalmente, e mais denso quando deixado em repouso. Técnica dos Tukúna, entre outros, para redes de dormir. (Ver fig. 2).

T. Rel. Acoplado
Acoplado tipo Tumupasa

V. tb. Definições genéricas

ACOPLADO TIPO TUMUPASA (*Frame looping, looping on a frame*, i.)

Def. Técnica de acoplamento com o uso de um pequeno tear com a urdidura na vertical, manipulado nessa posição e/ou horizontalmente, e o emprego de fio contínuo de tamanho ilimitado. Os urdumes interceptam uns aos outros de tal forma que um elemento ativo entrecruza diagonalmente outros elementos segundo a fórmula um sobre, um sob. Em outras palavras, cada fio do urdume é cruzado pelo fio adjacente, fixado com separadores, *sem* empregar trama. À medida que o trabalho prossegue, o urdume se enteia automaticamente no lado oposto. Esse tipo de tecido, extremamente elástico, é utilizado na manufatura de tipóias. Foi minuciosamente descrito por Roth (1924:400-411) sendo encontrado entre grupos Karib, Aruak e Warrau das Guianas (Makuxí, Taulipáng e Wapitxâna do Brasil). É também citado entre os Tiriyó (Frikel 1973:108) e entre grupos da Bolívia por Nordenskiöld (1924:197-8). Adotamos a designação que lhe foi dada por esse autor: tecido *tipo Tumupasa*, região onde ocorre na Bolívia. (Ver figs. 3, 4).

T. Rel. Acoplado
Acoplado com malha saltada

V. tb. Definições genéricas (30.01)

BROCADO

Use: ENTRETECIDO FLUTUANTE

CONTRATORCIDO (*Countertwined, chain twist*, i.)

Def. Trabalho em trama. Técnica de tecelagem produzida quando quatro fios da trama englobam entre si um ou mais elementos do urdume. No processo de manufatura ocorrem duas variantes: 1) contratorcido alternado; 2) contratorcido combinado. O produto final, com aparência de trança, é, no entanto, idêntico. Ou seja, o entretorcimento em "S" e em "Z" contrapostos. (Ver. fig. 5).

T. Rel. Contratorcido alternado
Contratorcido combinado
Entretorcido
V. tb. Definições genéricas (30.01)

CONTRATORCIDO ALTERNADO
Def. Técnica de tecelagem: contratorcer. Com a ajuda de bobinas executa-se uma carreira de torção em "Z" e outra de torção em "S". Juntas oferecem a aparência de trança. Para isso o espaço entre ambas deve ser nulo. Essa técnica é praticada pelos índios Tenetehara, Kaapor e das Guianas, em tear amazônico, isto é, com o urdume na vertical, na manufatura de redes de dormir. (Ver fig. 6).
T. Rel. Contratorcido
Contratorcido combinado
Entretorcido
V. tb. Definições genéricas (30.01)

CONTRATORCIDO COMBINADO
Def. Trabalho em trama. Torção executada em movimento unificado com o uso de quatro fios: os do centro passando por trás da urdidura; os dos lados, um à direita e o outro à esquerda. Depois de pronto, o trabalho apresenta a forma de trança. Essa técnica é exercida pelos índios do alto Xingu em tear com o urdume na horizontal para a manufatura de redes de dormir. (Ver fig. 7).
T. Rel. Contratorcido
Contratorcido alternado
Entretorcido
V. tb. Definições genéricas (30.01)

CROCHÉ *(Crochet*, i. e f.)
Def. Técnica de interlaçar (trabalho em malha) com fio de comprimento ilimitado, uma vez que o elemento enredador não precisa ser introduzido totalmente na laçada precente. "Caracteriza-se pelo interlaçamento *(interlooping)* vertical e lateral das laçadas e cada nova laçada (ou uma série delas constituindo um novo ponto) prende a anterior na mesma carreira" (I. Emery 1966:39). Nos trabalhos de croché, uma trancinha é executada à mão. Subseqüentemente, é trabalhada com agulha de gancho, horizontalmente, abrangendo as malhas laterais da mesma carreira e, verticalmente, as da carreira precedente. Essa técnica é muito difundida entre índios do Brasil. (Ver figs. 8,9).
T. Rel. Tricô
V. tb. Definições genéricas (30.01)
Implementos (30.04)

ENLACE COM ENODAÇÃO *(Knoting, knoted loops,* i.)
Def. Trabalho em malha. Enlace da argola pendente da carreira anterior e formação de um nó. Dependendo do tipo de nó, o verso e o reverso são dissímiles. A enodação se processa com a ajuda de um implemento: agulha de orifício e/ou gabarito, abarcando uma laçada da carreira anterior que fica pendente. Por isso se diz que o nó é formado de dois elementos, embora executado com um único fio enredador de comprimento limitado. Quando a laçada de sustentação desempenha um papel passivo na feitura do nó, ele pode ser movido ligeiramente e se diz que o nó é *suspenso*. Quando a laçada da carreira anterior participa de forma mais ativa na constituição do nó diz-se que o nó é *fixo*. Distinguem-se os seguintes tipos de nós: 1) nó cabeça de calhandra; 2) nó d'escota; 3) nó quadrado; 4) nó rede de pesca; 5) nó simples. Essa técnica, presente no tecido enredado, do tipo filé *(network)* é empregada principalmente na confecção de redes de pescar (puças, jererés, redis de pesca), nas sacolas e sacos-cargueiros.
T. Rel. Nó cabeça de calhandra
Nó d'escota
Nó quadrado
Nó rede de pesca
Nó simples
V. tb. Definições genéricas (30.01)

ENLACE CIRCUNSCRITO *(Encircled looping,* i.)
Def. Técnica de entrelaçar sem enodação. As laçadas das carreiras subseqüentes circundam, por sua porção terminal (a coroa da laçada), as das carreiras antecedentes. O produto assemelha-se a tricô. (Ver fig. 10).
T. Rel. Enlace sem enodação
Enlace simples
Enlace simples com suporte
V. tb. Definições genéricas (30.01)

ENLACE DE AMPULHETAS ACOPLADAS *(Linked hourglass looping,* i.)
Def. Técnica de entrelaçar sem enodação. Laçadas acopladas lateral e verticalmente em carreiras sucessivas, formam figuras-de-8 interconectadas pela porção terminal. (Ver fig. 11).
T. Rel. Enlace interconectado figura-de-8
Enlace interconectado lateral-terminal
Enlace interconectado malha-ampulheta
Enlace sem enodação
V. tb. Definições genéricas (30.01)

ENLACE INTERCONECTADO FIGURA-DE-8 *(Figure-8 looping overlaping and interlacing,* i.)
Def. Técnica de entrelaçar sem enodação. Malhas duplas, adjacentes, interconectadas e sobrepostas formam figuras-de-8. Freqüentemente também chamada "forma ampulheta". (Ver fig. 12).
T. Rel. Enlace de ampulhetas acopladas
Enlace interconectado lateral-terminal
Enlace interconectado malha-ampulheta
Enlace sem enodação
V. tb. Definições genéricas (30.01)

ENLACE INTERCONECTADO LATERAL-TERMINAL *(Simple interconnected looping; laterly linked looping,* i.)
Def. Técnica de entrelaçar sem enodação. As laçadas são conectadas lateralmente entre si e verticalmente por sua porção terminal. (Ver fig. 13).

T. Rel. Enlace de ampulhetas acopladas
Enlace interconectado figura-de-8
Enlace interconectado malha-ampulheta
Enlace sem enodação
V. tb. Definições genéricas (30.01)

ENLACE INTERCONECTADO MALHA-AMPULHETA (*Double-interconnected looping*, i.)
Def. Técnica de entrelaçar sem enodação. Laçadas duplas, em figura de ampulheta, são interconectadas lateralmente entre si e verticalmente por sua porção terminal. (Ver fig. 14).
T. Rel. Enlace de ampulhetas acopladas
Enlace interconectado figura-de-8
Enlace interconectado lateral-terminal
Enlace sem enodação
V. tb. Definições genéricas (30.01)

ENLACE SEM ENODAÇÃO (*Looping*, i.)
Def Trabalho em malha. O produto é obtido com um fio enredador contínuo, de extensão limitada, uma vez que tem que passar por dentro das malhas, guiado ou não com agulha de orifício. Essa técnica é empregada na confecção de bolsas, sacolas, sacos-cargueiro, puçás e, no caso dos Maxakalí, de redes de dormir.
T. Rel. Enlace circunscrito
Enlace de ampulhetas acopladas
Enlace interconectado figura-de-8
Enlace interconectado lateral-terminal
Enlace interconectado malha-ampulheta
Enlace simples
Enlace simples com suporte
V. tb. Definições genéricas (30.01)

ENLACE SIMPLES (*Simple looping*, i.)
Def. Técnica de entrelaçar sem enodação. Sobre um fio-bastidor são formadas laçadas trespassadas em carreiras sucessivas. Técnica executada, geralmente, com agulha de osso ou metal com orifício. (Ver fig. 15).
T. Rel. Enlace circunscrito
Enlace sem enodação
Enlace simples com suporte
V. tb. Definições genéricas (30.01)
Implementos (30.04)

ENLACE SIMPLES COM SUPORTE (*Simple looping with inlay*, i.)
Def. Variante de enlace simples exemplificada na tecelagem Tukúna. Técnica de entrelaçar sem enodação. Terminada uma carreira de laçadas simples, procede-se ao retorno da linha nas malhas anteriormente formadas. (Ver fig. 16).
T. Rel. Enlace circunscrito
Enlace sem enodação
Enlace simples
V. tb. Definições genéricas (30.01)
Implementos (30.04)

ENTRANÇADO (*Multiple-strand plaiting*, i.)
Def. Técnica de entrançar, ou seja, procedimento destinado a formar tranças a partir de quatro ou mais fios cruzados diagonalmente. Dependendo do número de elementos usados e do seu arranjo, obtém-se entrançamentos muito complexos para cordas e tecidos estreitos designados em seu conjunto *passamanaria*. Dolores Newton (1971:49) menciona o entrançamento oblíquo, com variantes, que ela denomina "trança sarjada oblíqua". Utilizam-se números pares (4 a 8) de fios que se cruzam entre si emendados uns aos outros. Dessa forma, pode-se construir, além de cordões, também fitas. Essa técnica é utilizada pelos grupos Timbíra, Kayabí e outros na confecção de colares, faixas, pulseiras, etc. (Ver fig. 17).
V. tb. Definições genéricas (30.01)

ENTRETECIDO (*Weaved*, i.)
Def. Procedimento destinado a formar um tecido pelo entrecruzamento em ângulos retos, agudos e obtusos de duas séries de elementos: urdidura e trama. O entretecimento é praticado, primordialmente, em tear amazônico (com urdume na vertical) e em tear de cintura. Corresponde à técnica de entrecruzar, no trançado, compreendendo diversos tipos que dão lugar à formação de uma infinidade de padrões ornamentais.
T. Rel. Entretecido acanalado
Entretecido acetinado
Entretecido flutuante
Entretecido sarjado
Entretecido simples
V. tb. Definições genéricas (30.01)
Implementos (30.04)

ENTRETECIDO ACANALADO (*Raised warp design*, i.)
Def. Técnica de entretecimento em tear. O entretecido simples ou sarjado é ornamentado com estrias mediante a introdução de um fio mais grosso no processo de tramação.
T. Rel. Entrecido
Entretecido acetinado
Entretecido flutuante
Entretecido sarjado
Entretecido simples
V. tb. Definições genéricas (30.01)
Implementos (30.04)

ENTRETECIDO ACETINADO (*Satin weave*, i.)
Def. Técnica de entretecimento em tear. O sistema de tramação se baseia em uma unidade de cinco (ou seu múltiplo) urdumes e cinco tramas. Cada trama passa sobre quatro elementos da urdidura e sob o quinto adjacente. O cetim apresenta o reverso como 'imagem no espelho': o contrário do anverso. Aspecto liso e suave ao tato. (Ver fig. 18).
T. Rel. Entretecido
Entretecido acanalado
Entretecido flutuante
Entretecido sarjado
Entretecido simples
V. tb. Definições genéricas (30.01)
Implementos (30.04)

ENTRETECIDO FLUTUANTE *(Float weaves,* i.)

Def. Técnica de entretecimento em tear. "Qualquer porção da urdidura ou trama que permanece sem tramar sobre duas ou mais unidades do conjunto oposto, no anverso ou verso do tecido" (I. Emery 1966:75). Também chamado adamascado ou brocado. (Ver fig. 19).

Sin. Brocado.

T. Rel. Entretecido
Entretecido acanalado
Entretecido acetinado
Entretecido sarjado
Entretecido simples

V. tb. Definições genéricas (30.01)
Implementos (30.04)

ENTRETECIDO SARJADO *(Twill weave, twilled,* i.)

Def. Entretecimento em tear de urdidura e trama em sentido diagonal, segundo a fórmula 2/2, 2/3, 3/1, etc., levantando-se sempre os fios contrários aos tramados na carreira precedente. Corresponde ao trançado sarjado, como tipo tecnológico, propiciando, como este último, o desenvolvimento de uma grande variedade de motivos ornamentais, sendo "espinha de peixe" o mais corrente. (Ver fig. 20). Ver também figs. 22 a 25: alguns padrões ornamentais de trançado sarjado.

Sin. Sarja

T. Rel. Entretecido
Entretecido acanalado
Entretecido acetinado
Entretecido flutuante
Entretecido simples

V. tb. Definições genéricas (30.01)
Implementos (30.04)

ENTRETECIDO SIMPLES *(Plain weave, tabby, simple weave, checker,* i.)

Def. Técnica de entretecimento em tear segundo a fórmula 1 sobre, 1 sob. Conhecido como tipo tafetá. Corresponde ao trançado quadriculado ou xadrezado. (Ver fig. 21).

Sin. Tafetá

T. Rel. Entretecido
Entretecido acanalado
Entretecido acetinado
Entretecido flutuante
Entretecido sarjado

V. tb. Definições genéricas (30.01)
Implementos (30.04)

ENTRETORCIDO *(Twined,* i.)

Def. Entretorcimento em tear com varas alçadas e o urdume na horizontal de dois (ou três) fios da trama que englobam um ou mais fios da urdidura dispostos perpendicularmente. A torção da direita para a esquerda, no sentido horário, assume a forma de "Z"; o contrário, a forma de "S". A técnica de entretorcer é empregada pela maior parte das tribos indígenas brasileiras na manufatura de redes de dormir, saias e tipóias.

T. Rel. Entretorcido compacto
Entretorcido espaçado

V. tb. Definições genéricas (30.01)
Implementos (30.04)

ENTRETORCIDO COMPACTO

Def. Montagem das carreiras da trama entretorcida pegadas umas às outras, produzindo um tecido com trama aparente. (Ver fig. 26).

T. Rel. Entretorcido
Entretorcido espaçado

V. tb. Definições genéricas (30.01)
Implementos (30.04)

ENTRETORCIDO ESPAÇADO

Def. As carreiras entretorcidas da trama são armadas a uma distância regular umas das outras, deixando a urdidura aparente. (Ver figs. 26, 27)

T. Rel. Entretorcido
Entretorcido compacto

V. tb. Definições genéricas (30.01)
Implementos (30.04)

FIAÇÃO EM 'Z' / FIAÇÃO EM 'S' *(Z spun, S spun,* i.)

Def. A fiação em 'Z' é obtida girando-se o fuso no sentido da rotação dos ponteiros do relógio *(clockwise)* e a fiação em 'S' em sentido oposto *(anti-clockwise).* No primeiro caso, temos espirais da direita para a esquerda que, vistas longitudinalmente, conformam a queda da parte central da letra 'Z'; no segundo, da letra 'S'. O algodão é mais facilmente fiado no sentido horário (fiação em 'Z') e o linho no sentido anti-horário (fiação em 'S'). A fiandeira destra produz fio com torção em 'Z' e a canhota com torção em 'S' (Hodges 1964:126). A fiação do algodão exige o uso do fuso; a da fibra de palmeiras, não requer implemento. Existem variações quanto ao tamanho e modo de fiar com o fuso representadas pelo fuso e modo de fiar bakairi que se distingue do fuso e modo de fiar borôro. (Ver fig. 28).

T. Rel. Fiação tipo bakairí
Fiação tipo borôro

V. tb. Definições genéricas (30.01)
Implementos (30.04)

FIAÇÃO TIPO BAKAIRI

Def. A fiandeira imprime um movimento de rotação à parte pré-tortual do fuso, encostando-o na perna ou na coxa, mantendo o fuso em posição vertical ou semi-inclinada. Em função disso, a parte inferior da haste è mais alargada, para que o tortual não resvale, e a superior provida geralmente de um dispositivo para segurar o fio. O modo de fiar bakairi é o mais generalizado entre os índios do Brasil.

T. Rel. Fiação em 'Z', fiação em 'S'
Fiação tipo borôro

V. tb. Definições genéricas (30.01)
Implementos (30.04)

FIAÇÃO TIPO BORÔRO

Def. A fiandeira executa o trabalho sentada, com o fuso em posição horizontal, apoiando e rotando a extremidade pós-tortual do mesmo em algum suporte. Esse método de fiar algodão só é praticado no Brasil pelos índios Borôro.

T. Rel. Fiação em 'Z', fiação em 'S'
Fiação tipo Bakairi

V. tb. Definições genéricas (30.01)
Implementos (30.04)

NÓ CABEÇA DE CALHANDRA (*Cow hitch*, i.)
Def. Técnica de entrelaçar com enodação. Duas laçadas simples perpassam a argola pendente, situando-se em lados opostos desta. O nó é por isso chamado simétrico com faces dissímiles. (Ver fig. 29).
T. Rel. Enlace com enodação
Nó d'escota
Nó quadrado
Nó rede de pesca
Nó simples
V. tb. Definições genéricas (30.01)

NÓ D'ESCOTA (*Sheet bent knot*, i., *noed d'écoute*, f.)
Def. Técnica de entrelaçar com enodação. "O fio-enredador passa dentro da coroa da laçada da carreira anterior, envolve suas duas pontas e cruza sobre a porção ascendente, antes de deixar a laçada" (Annemarie S.-Baldinger 1979: 14). (Ver fig. 30).
Sin. Nó de tecelão
T. Rel. Enlace com enodação
Nó cabeça de calhandra
Nó quadrado
Nó rede de pesca
Nó simples
V. tb. Definições genéricas (30.01)

NÓ DE TECELÃO
Use: NÓ D'ESCOTA

NÓ DIREITO
Use: NÓ QUADRADO

NÓ QUADRADO (*Square knot*, i.)
Def. Técnica de entrelaçar com enodação. O fio-enredador (linha ativa), depois de contornar a alça pendente, penetra com as duas pontas dentro da mesma. Desenhos diversos no anverso e reverso. (Ver fig. 31).
Sin. Nó direito
T. Rel. Enlace com enodação
Nó cabeça de calhandra
Nó d'escota
Nó rede de pesca
Nó simples
V. tb. Definições genéricas (30.01)

NÓ REDE DE PESCA (*Fishnet knot*, i.)
Def. Técnica de entrelaçar com enodação. Suspenso de uma alça, o nó é formado pela passagem da linha ativa (fio-enredador) por trás, por dentro e por fora da alça, apresentando um desenho diverso na frente e atrás. (Ver fig. 32).
T. Rel. Enlace com enodação
Nó cabeça de calhandra
Nó d'escota
Nó quadrado
Nó simples
V. tb. Definições genéricas (30.01)

NÓ SIMPLES (*Simple knot*, i.)
Def. Técnica de entrelaçar com enodação. Formado pelo trespasse do fio-enredador na laçada pendente e o cruzamento de suas pontas. (Ver fig. 33).
T. Rel. Enlace com enodação
Nó cabeça de calhandra
Nó d'escota
Nó quadrado
Nó rede de pesca
V. tb. Definições genéricas (30.01)

SARJA
Use: ENTRETECIDO SARJADO

TAFETÁ
Use: ENTRETECIDO SIMPLES

TRICÔ (*Knitting*, i., *tricot*. f.)
Def. Técnica de interlaçamento vertical. Ou seja, as laçadas são alinhadas verticalmente, cada qual enganchando a laçada correspondente da carreira anterior. A técnica de tricô é descrita e ilustrada por Roth (1924:107), entre os índios das Guianas, com o uso de 4 agulhas de ponta e, por D. Newton (1971:41-44), entre os Timbíra e outros grupos indígenas. É difícil distinguir essa técnica no produto final. Estruturalmente, pode ser confundida com o enlace circunscrito, variante de enlace sem enodação, chamada *inter-enlace vertical* ou *vertical interlooping* por I. Emery (1966:40). Em ambos os casos, as laçadas nas carreiras subseqüentes circundam, por sua porção terminal (coroa da laçada) as da carreira que as antecedem. (Ver fig. 34).
T. Rel. Enlace circunscrito
Enlace sem enodação
Croché
V. tb. Definições genéricas (30.01)
Implementos (30.04)

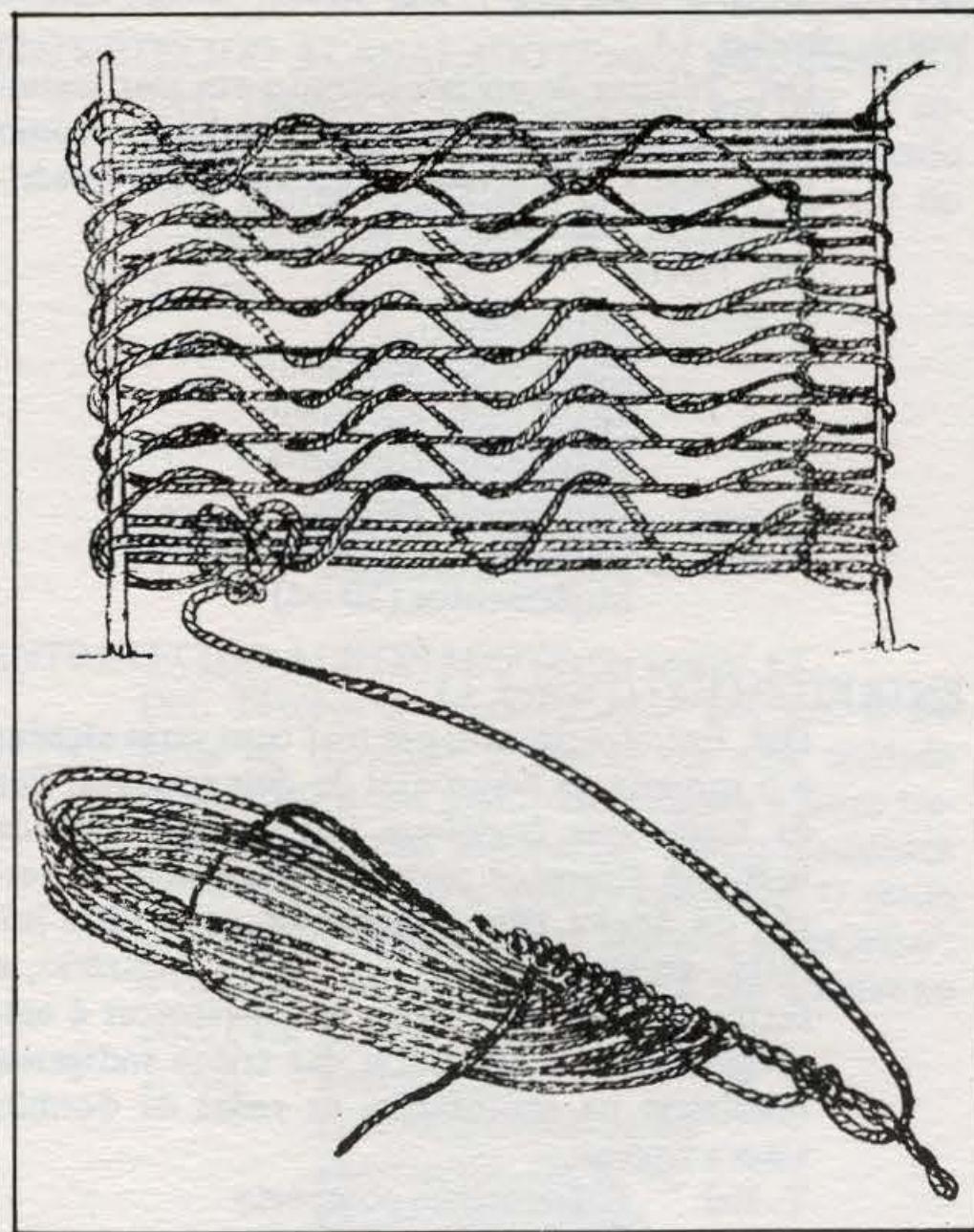



Fig. 1 – Técnica de acoplamento. Manufatura de rede sobre duas estacas fincadas no chão: tear de varas alçadas. *Apud* Roth 1924: 396 fig. 209. Índios Warrau.

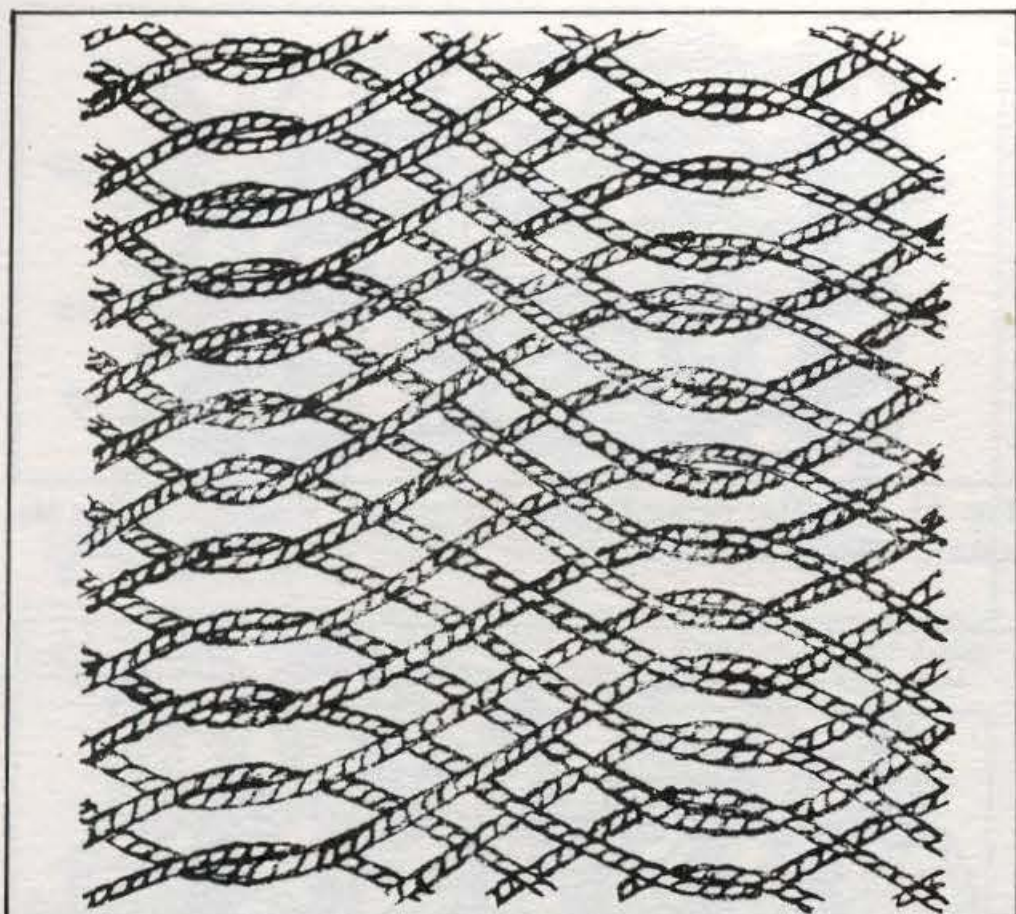



Fig. 2 – Acoplamento com malha saltada. Rede dos índios Tukúna. *Apud* Jussara Gruber.

Fig. 5 – Contratorcido. Rede dos Índios das Guianas. *Apud* Roth 1924:385 fig. 197.

Fig. 3 – Acoplado tipo Tumupasa. Processo de manufatura de tipóia em tear com separadores. *Apud* Roth 1924:409 fig. 223.

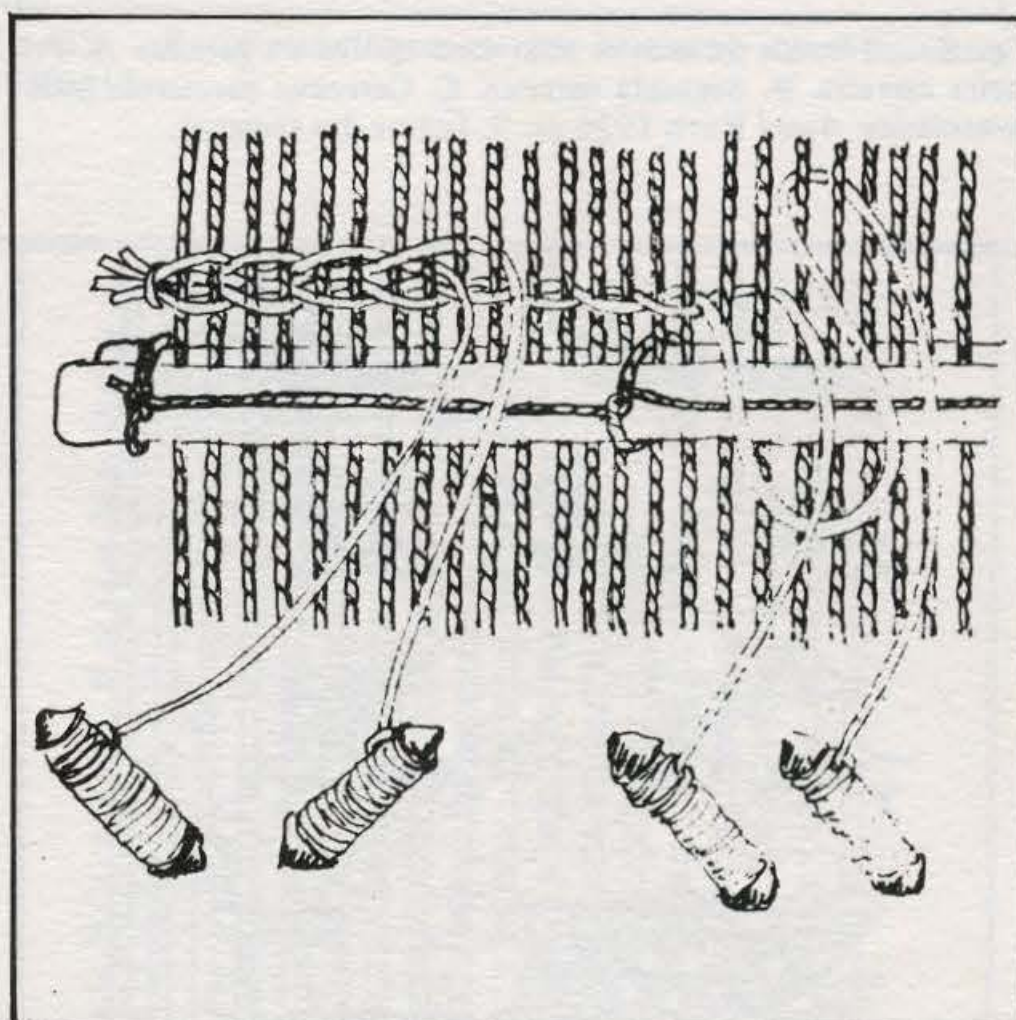



Fig. 6 – Contratorcido alternado com uso de bobinas. Rede dos índios das Guianas. *Apud* Roth 1924 pr. 127A.

Fig. 4 – Modo de terminar a tipóia tecida segundo o processo "acoplado tipo Tumupasa". Índios Makuxí, *apud* Roth 1924: 408 fig. 22.

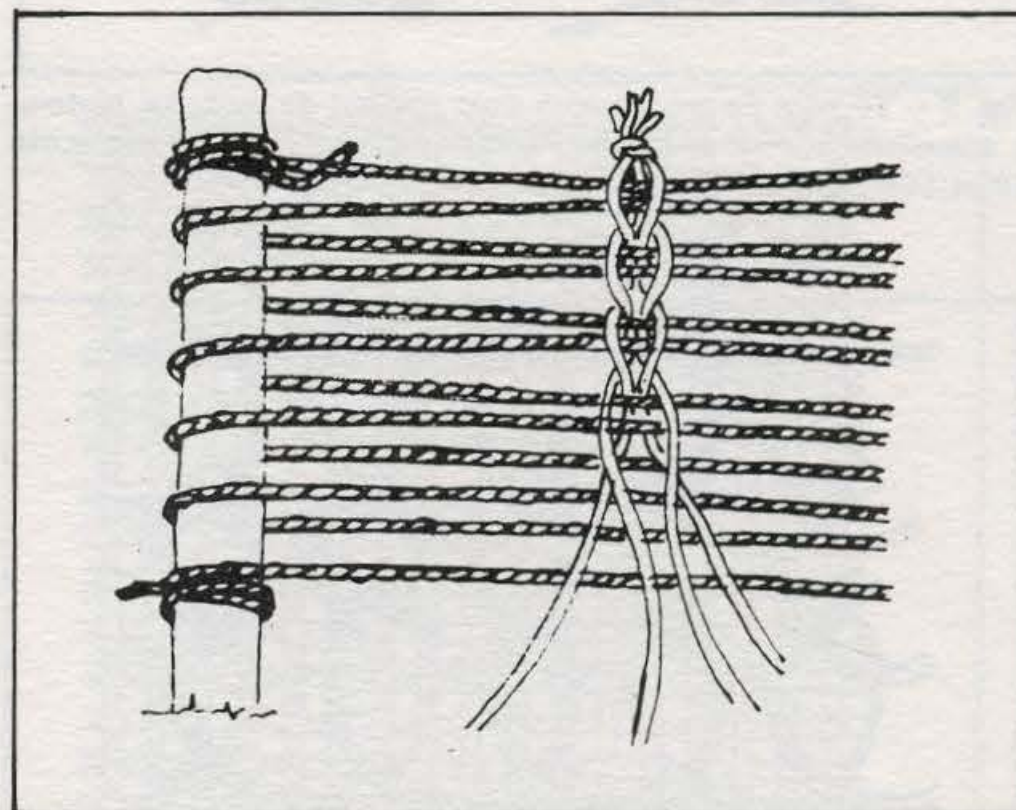



Fig. 7 – Contratorcido combinado. Rede dos índios das Guianas. *Apud* Roth 1924:384 fig. 196.

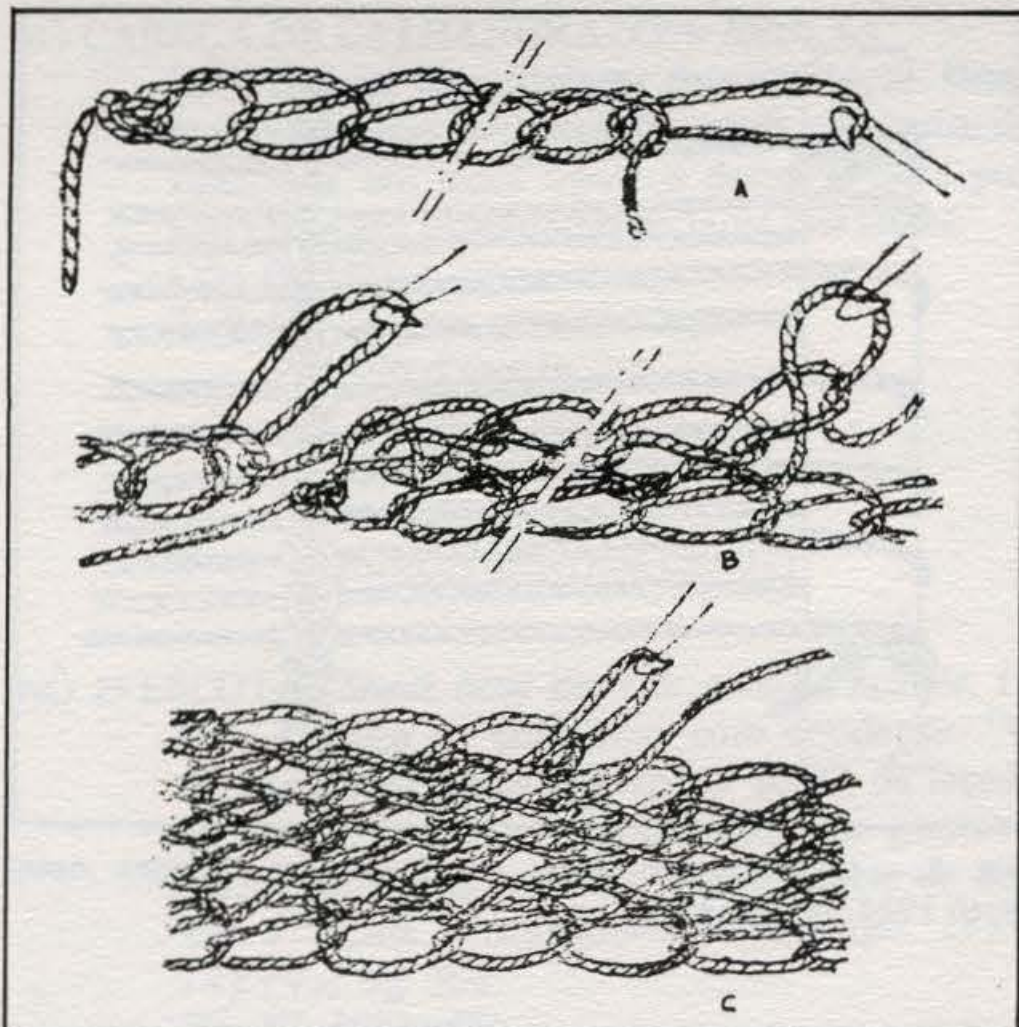



Fig. 8 – Técnica de croché com uma agulha de gancho. A. Primeira carreira. B. Segunda carreira. C. Carreiras sucessivas interconectadas. *Apud* Roth 1924 pr. 9. Índios das Guianas.

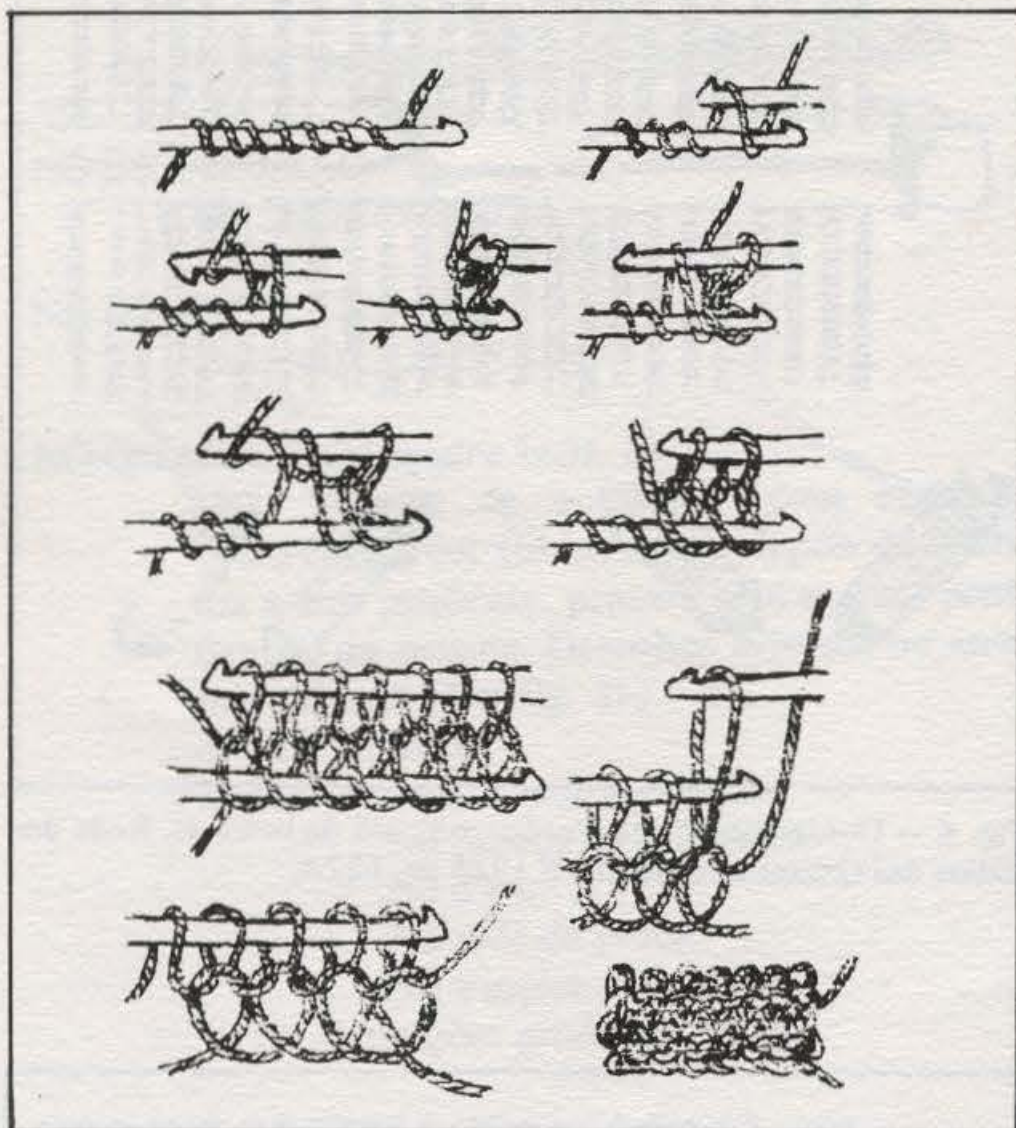



Fig. 9 – Técnica de croché com duas agulhas de madeira. Note-se a semelhança com a malha "enlace circunscrito". *Apud* Roth 1924:106 fig. 22. Índios das Guianas.

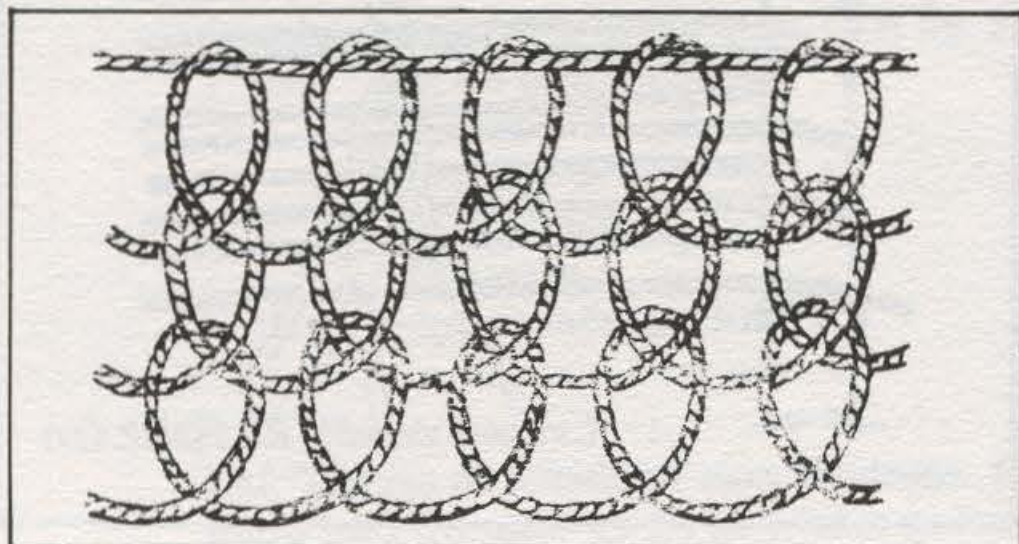



Fig. 10 – Enlace circunscrito. *Apud* J. Gruber. Bolsas dos índios Tukúna.

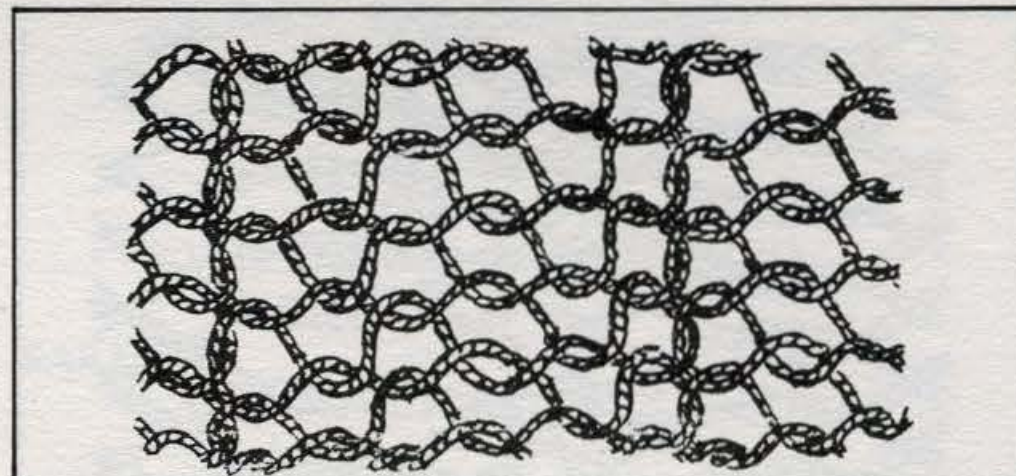



Fig. 11 – Enalce de ampulhetas acopladas. Rede dos índios Maxakali, coleção particular.

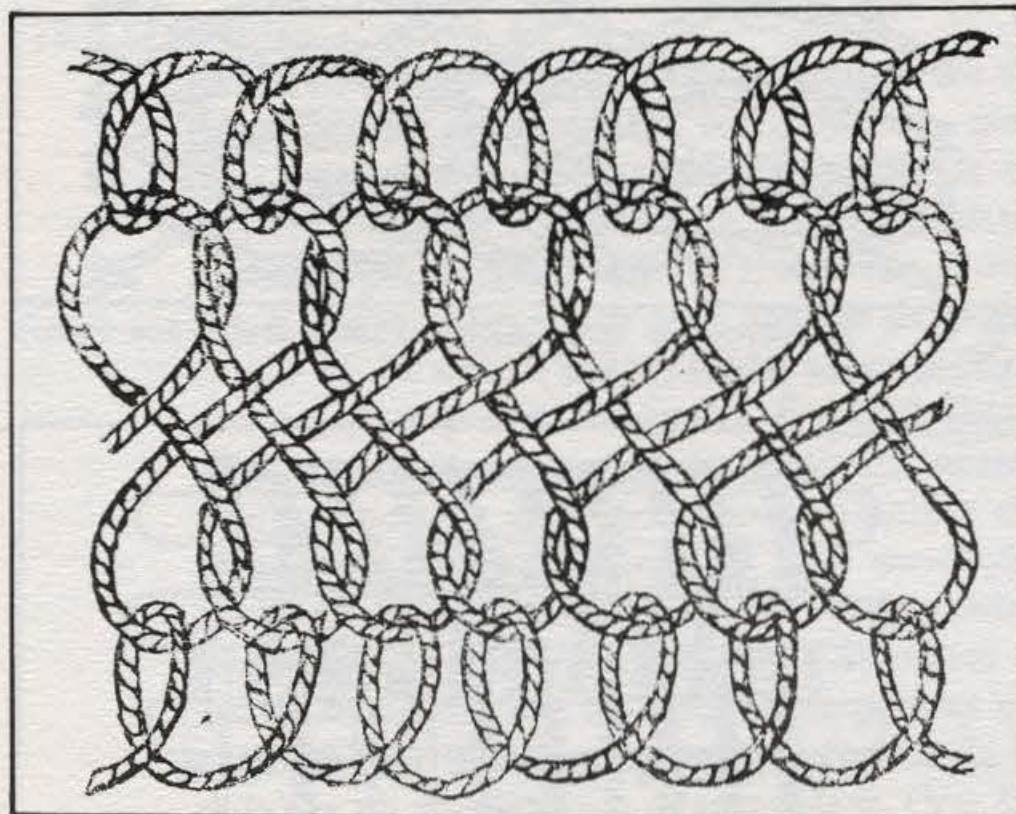



Fig. 12 – Enlace interconectado figura-de-8, *Apud* J. Gruber.

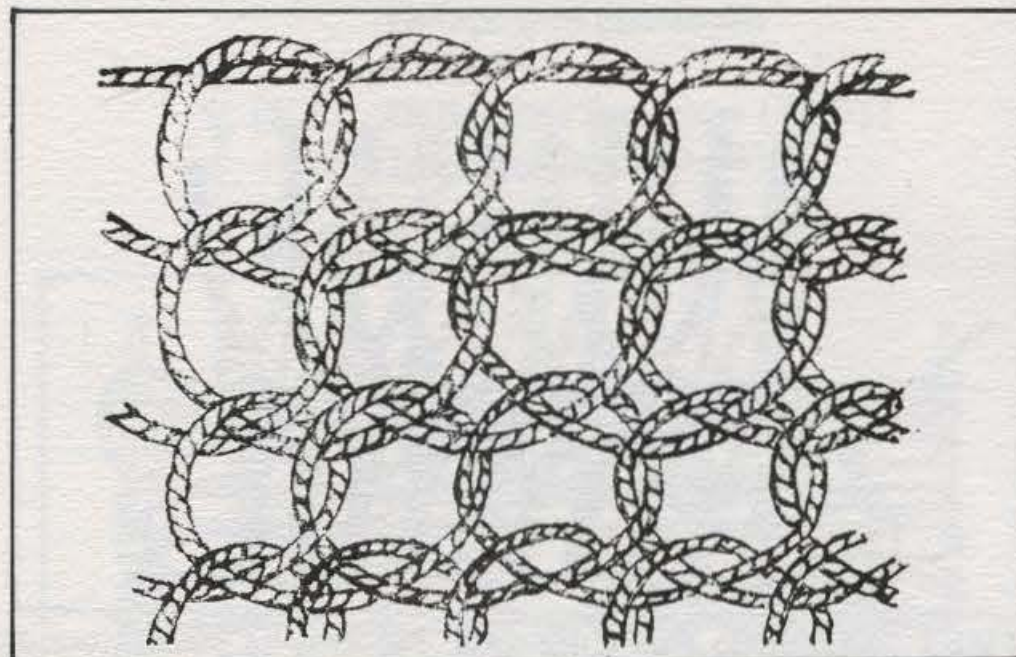



Fig. 13 – Enlace interconectado lateral-terminal. *Apud* J. Gruber.

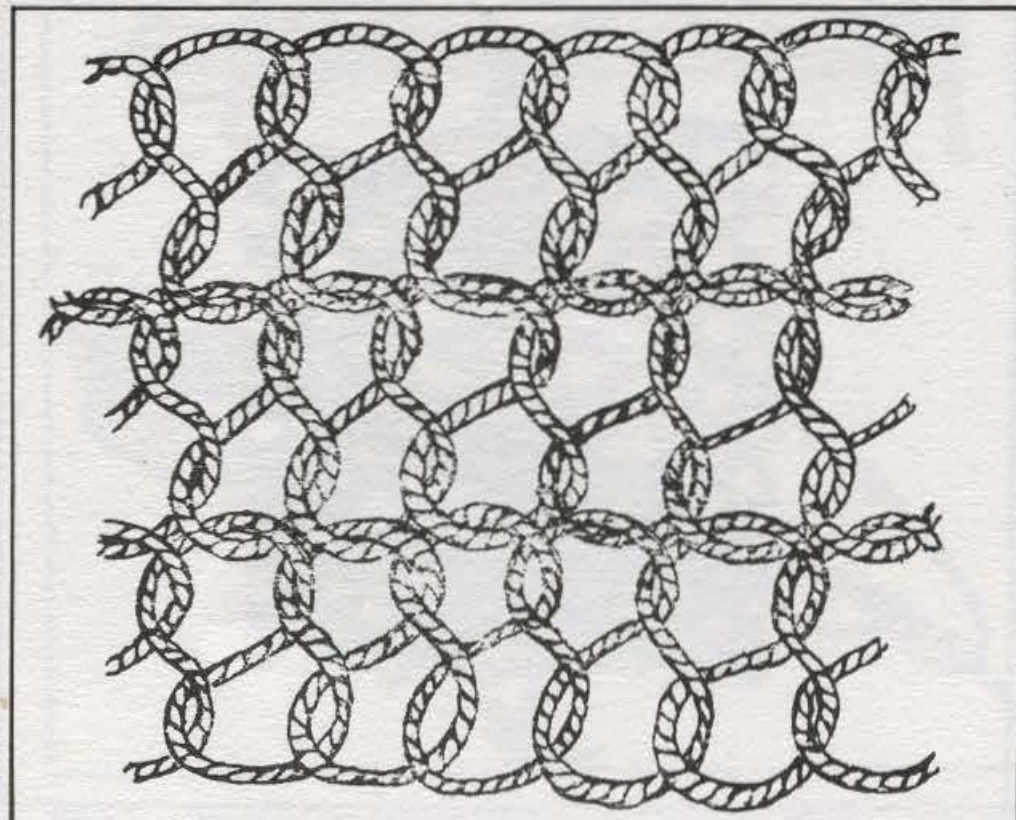



Fig. 14 – Enlace interconectado malha-ampulheta. *Apud* J. Gruber.

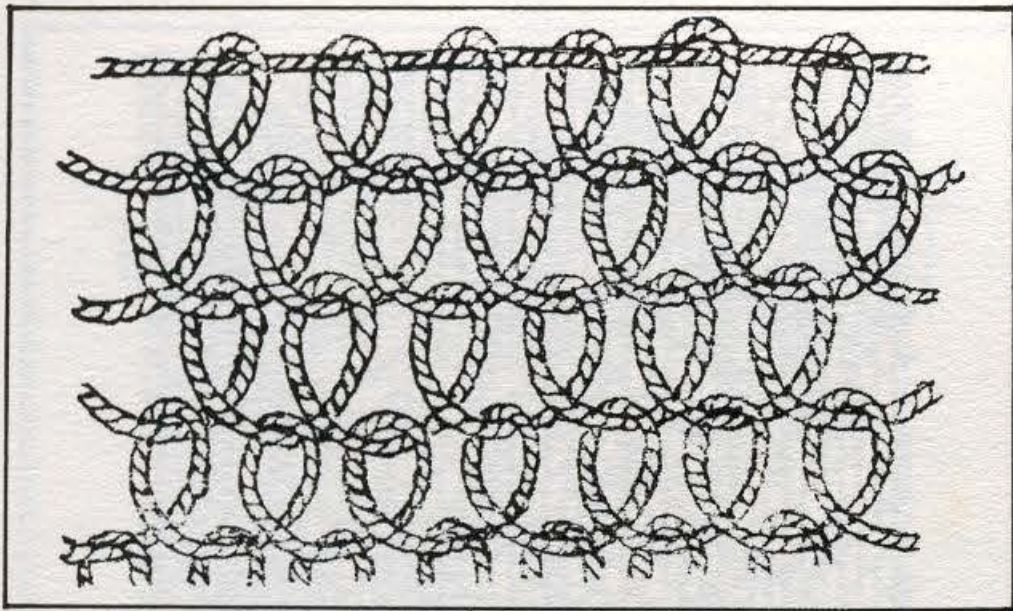



Fig. 15 – Enlace simples. Bolsas dos índios Tukúna. *Apud* Jussara Gruber.

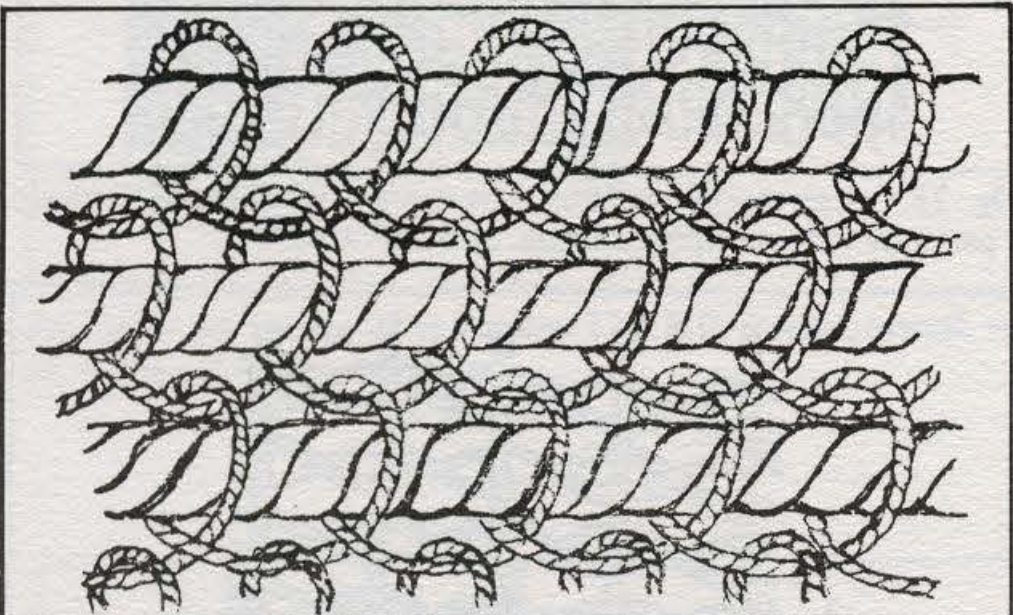



Fig. 16 – Enlace simples com suporte *Apud* J. Gruber. Bolsas dos índios Tukúna.

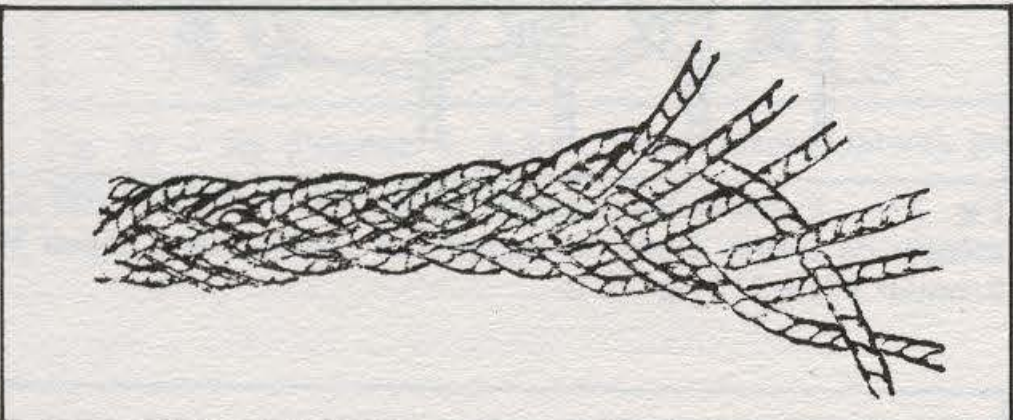
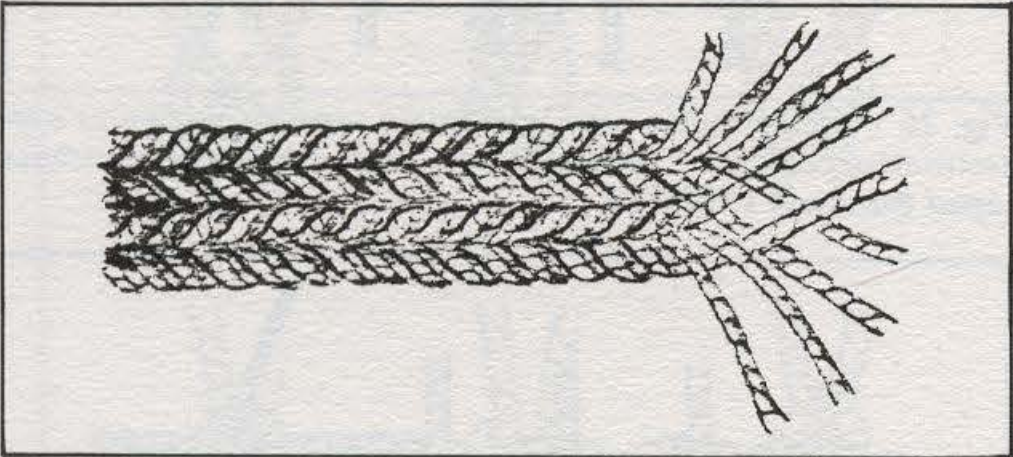



Fig. 17 – Entrançado (passamanaria). *Apud* Seiler-Baldinger 1979:30 fig. 66a, 66b.

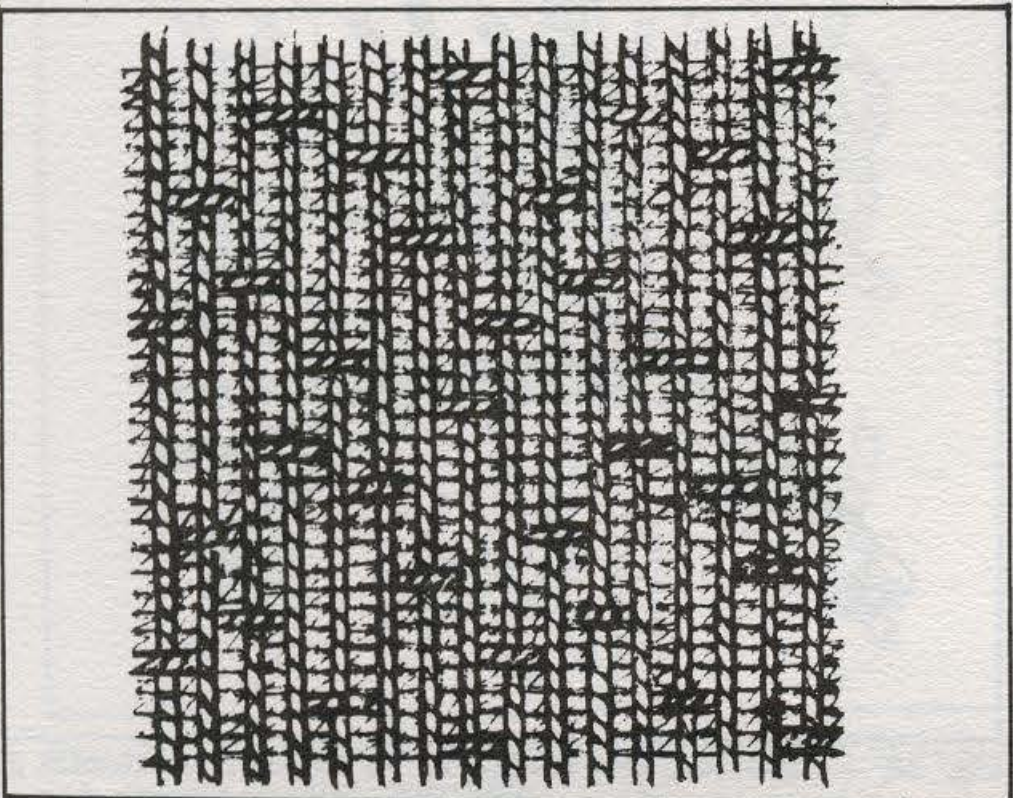



Fig. 18 – Entretecido acetinado. *Apud* Burnham 1980:113.

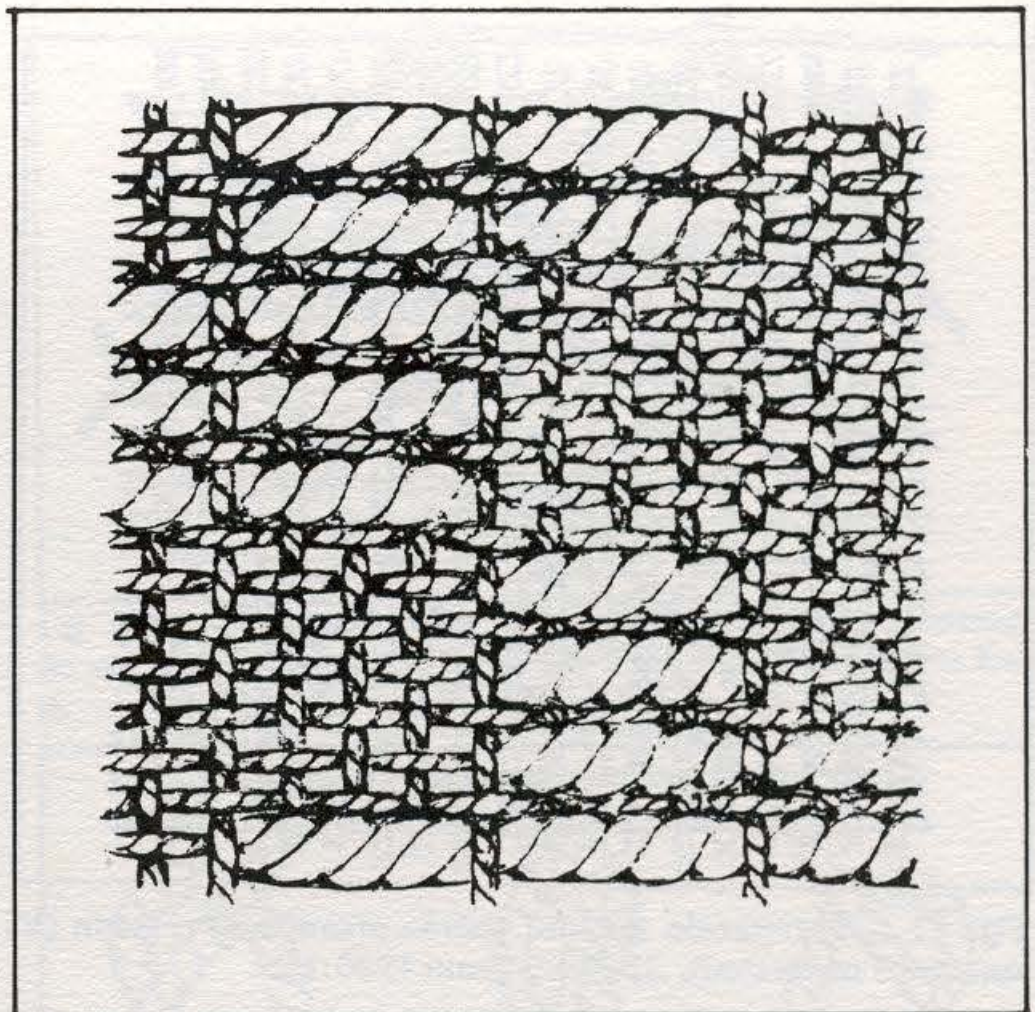



Fig. 19 – Entretecido flutuante (ou brocado). *Apud* Burnham 1980:115.

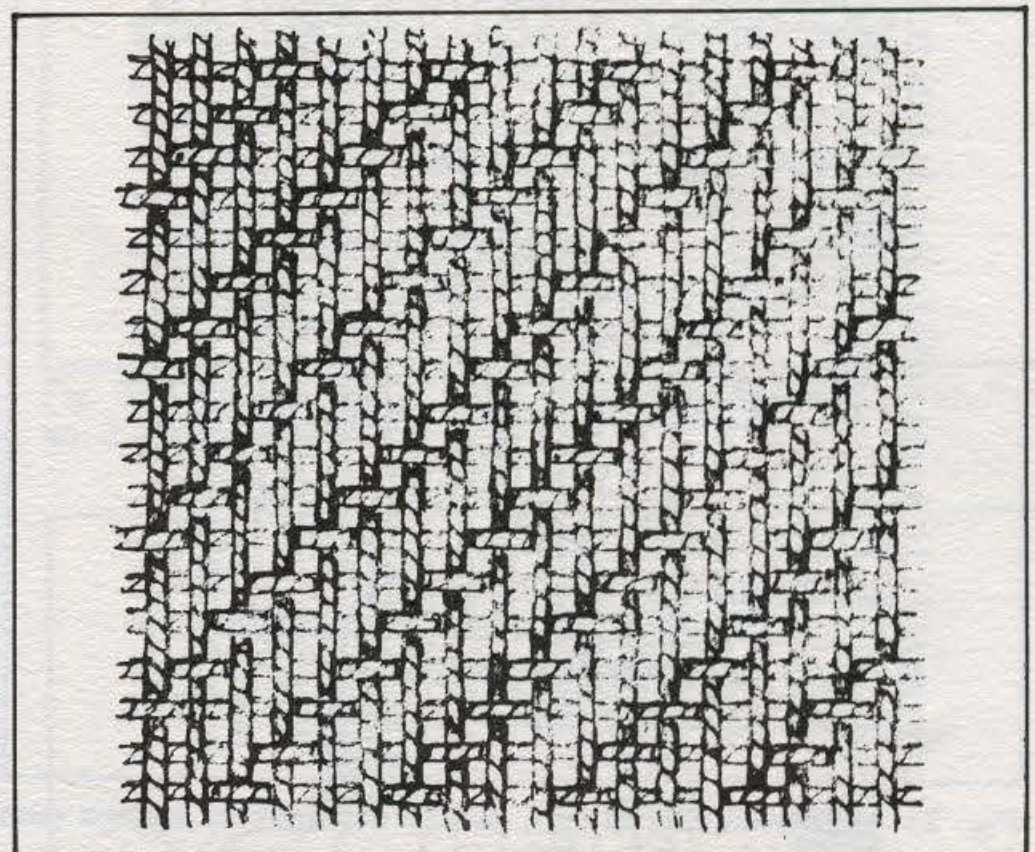



Fig. 20 – Entretecido sarjado. Padrão espinha de peixe *(herringbone)*. *Apud* Burnham 1980:154.

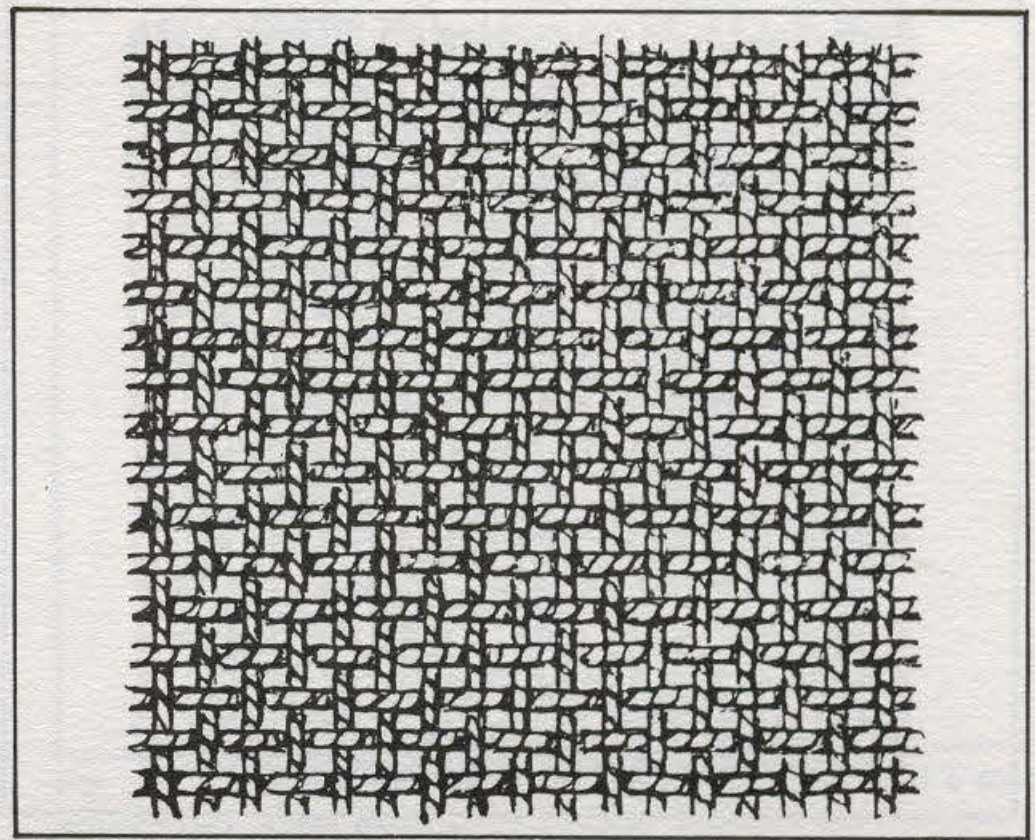



Fig. 21 – Entretecido simples. *Apud* Burnham 1980:139.

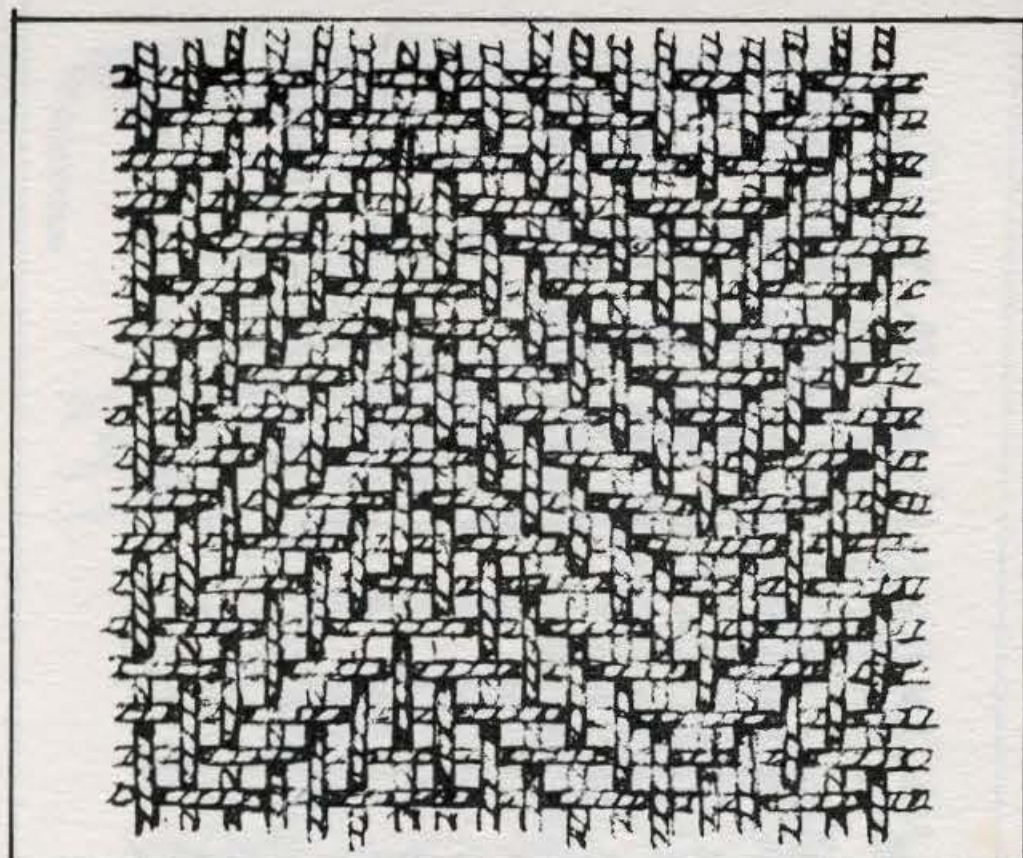



Fig. 22 – Entretecido sarjado, padrão ornamental chevron (Vs sucessivos na vertical). *Apud* Burnham 1980:156.

Fig. 25 – Entretecido sarjado com motivo labirinto. Desenhado a partir de foto de tipóia Jurúna, M.N. nº 40.071.

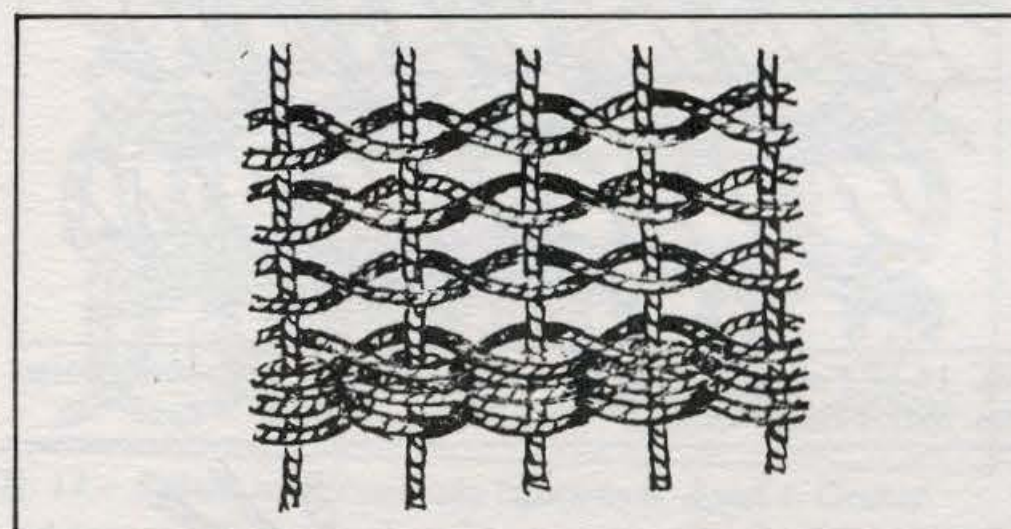



Fig. 26 – Entretorcido espaçado (parte superior da figura) e entretorcido compacto (inferior) com dois elementos da trama. *Apud* Burnham 1980:196.

Fig. 23 – Entretecido sarjado, padrão ornamental losango com diamante. *Apud* Burnham 1980:156.

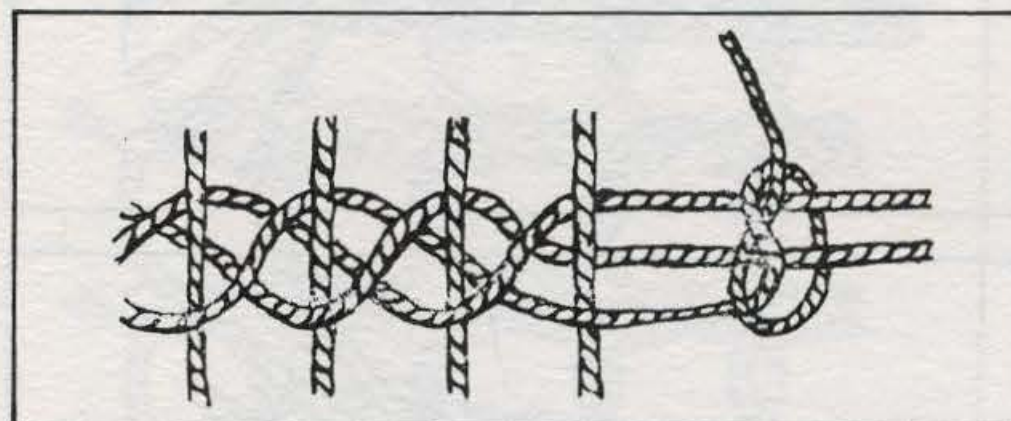



Fig. 27 – Entretorcido: urdume na vertical e o uso de três elementos da trama. Rede de dormir dos índios Paresí. *Apud* M. Schmidt 1914:212 fig. 71 B.

Fig. 24 – Motivo labiríntico em entretecido sarjado. Desenhado a partir de foto de Fred Ribeiro: cobertor dos índios Jurúna.

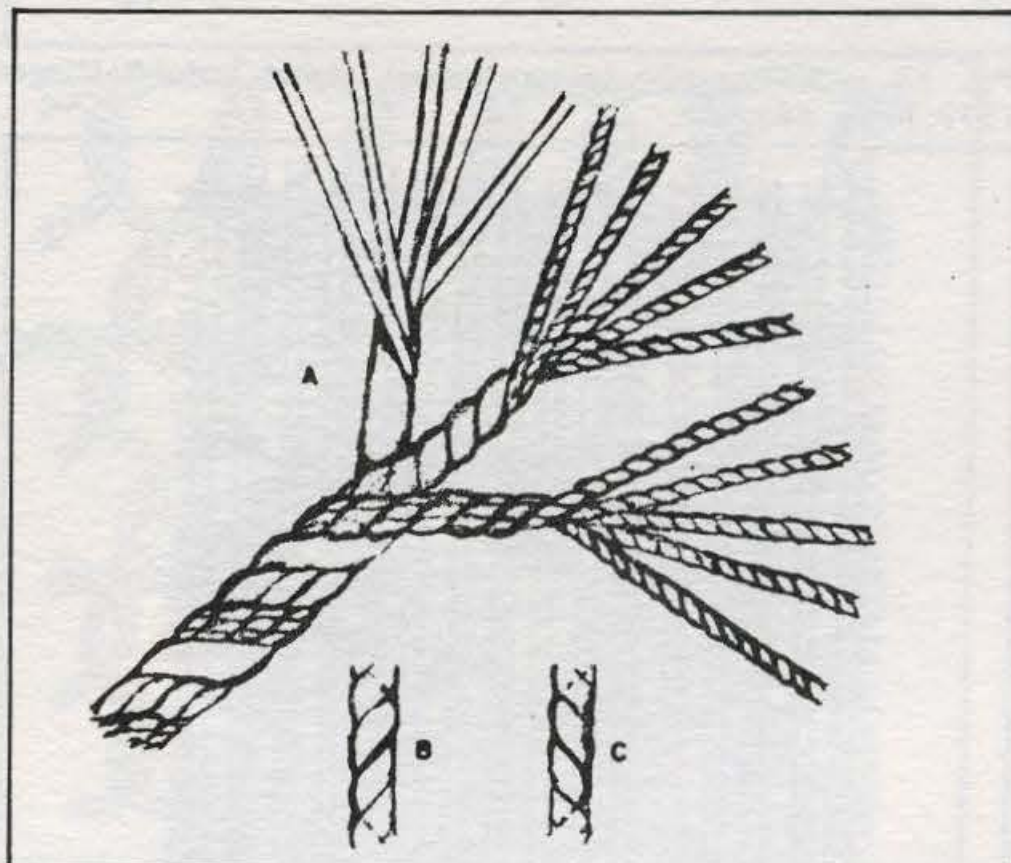



Fig. 28 – Cabo com três cordas. A. As cordas constituintes do cabo apresentam torção em "S"; o cabo, torção em "Z". B. Torção em "Z". C. Torção em "S". *Apud* Hodges 1964 fig. 28.

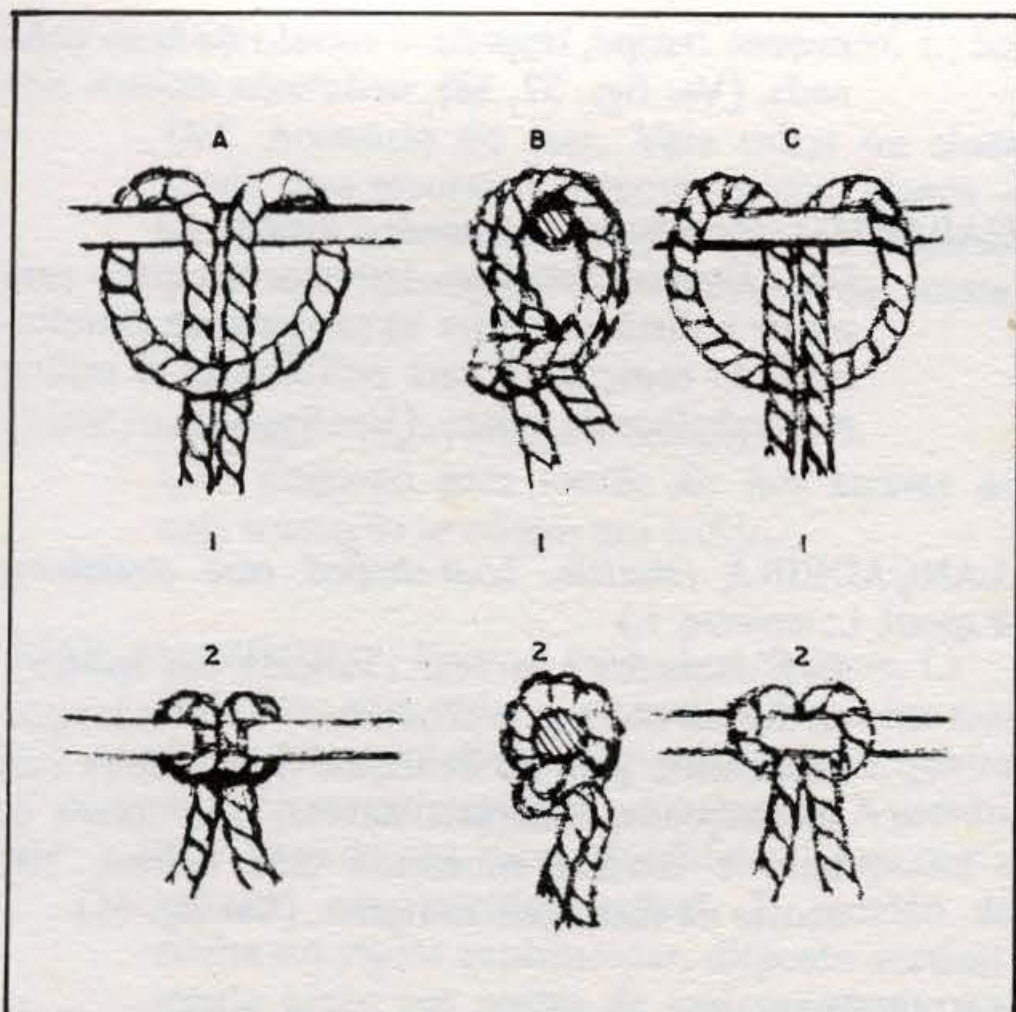



Fig. 29 – Nó cabeça de calhandra. 1. A.B.C. frontal, lateral, verso, frouxo. 2. idem; apertado.

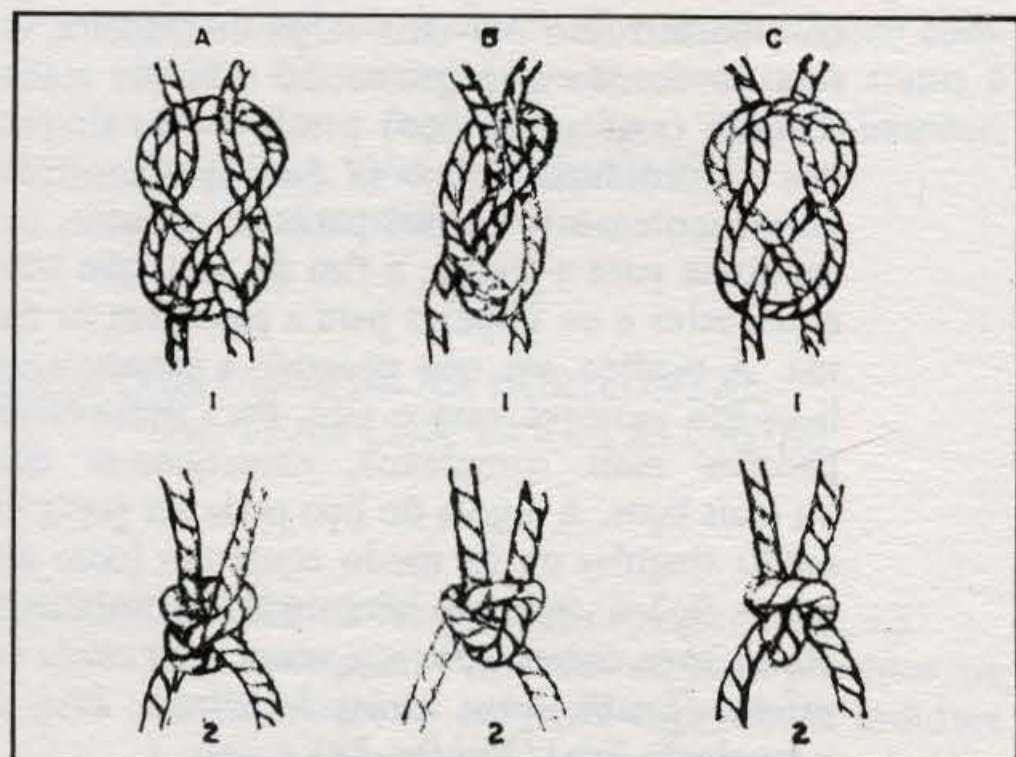



Fig. 30 – Nó d'escota. 1. A.B.C. Vista anterior, lateral, posterior, frouxo. 2. idem: apertado.

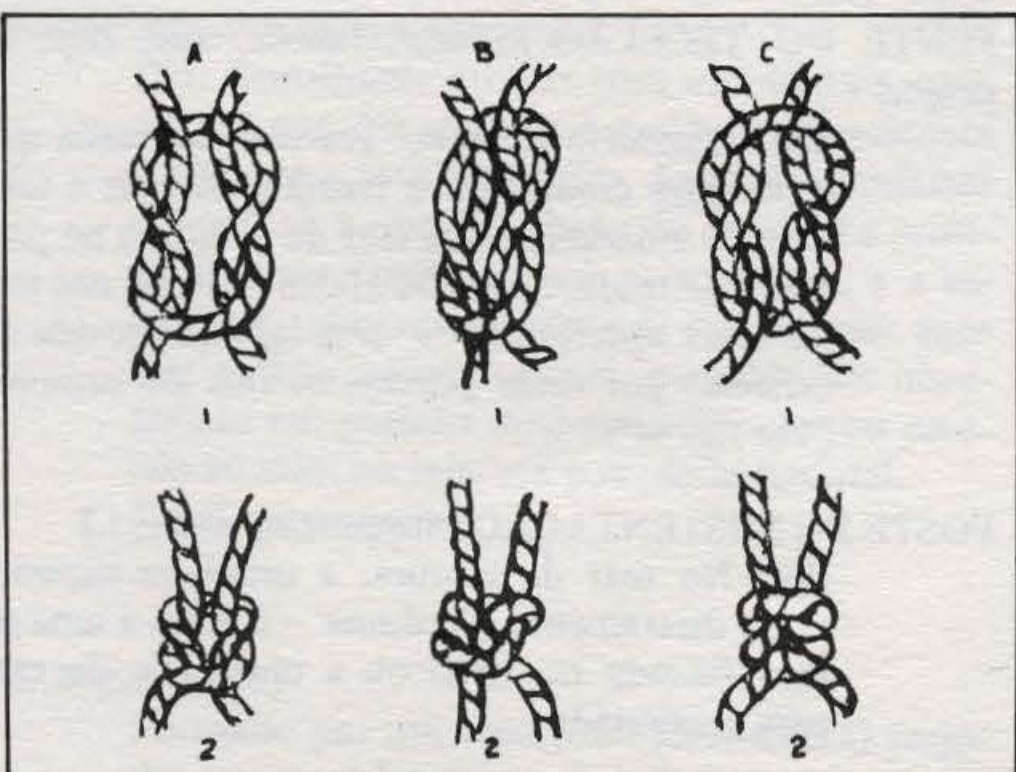



Fig. 31 – Nó quadrado. 1. A.B.C. Visto de frente, de lado e de trás, frouxo. 2. idem: apertado.

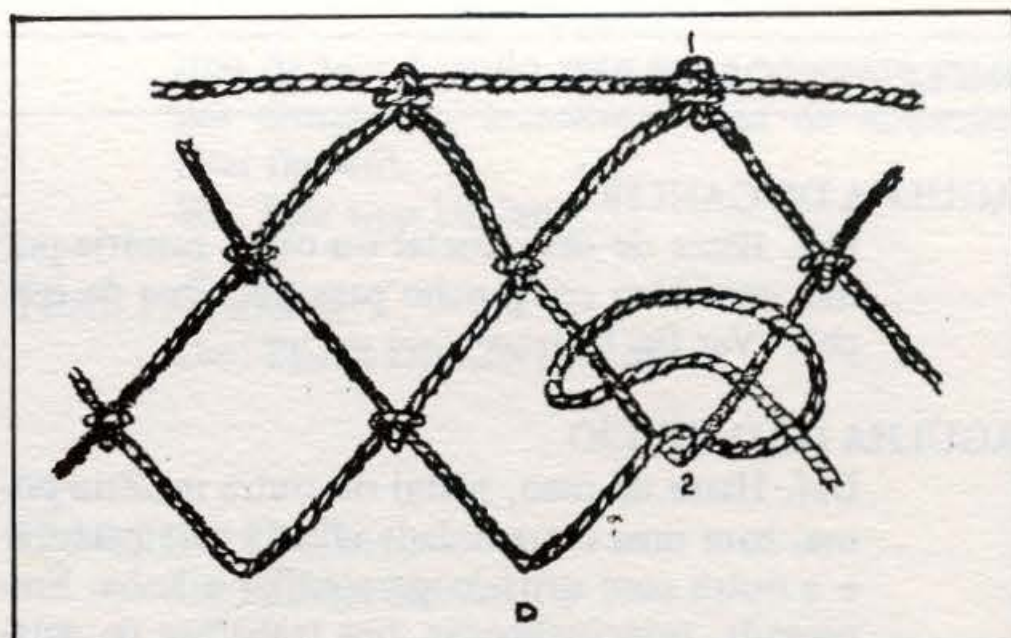



Fig. 32 – Nó rede de pesca. 1. Início da enodação. 2. Formação do nó. *Apud* Krause 1911:288 fig. 136b.: coifa dos índios Karajá.

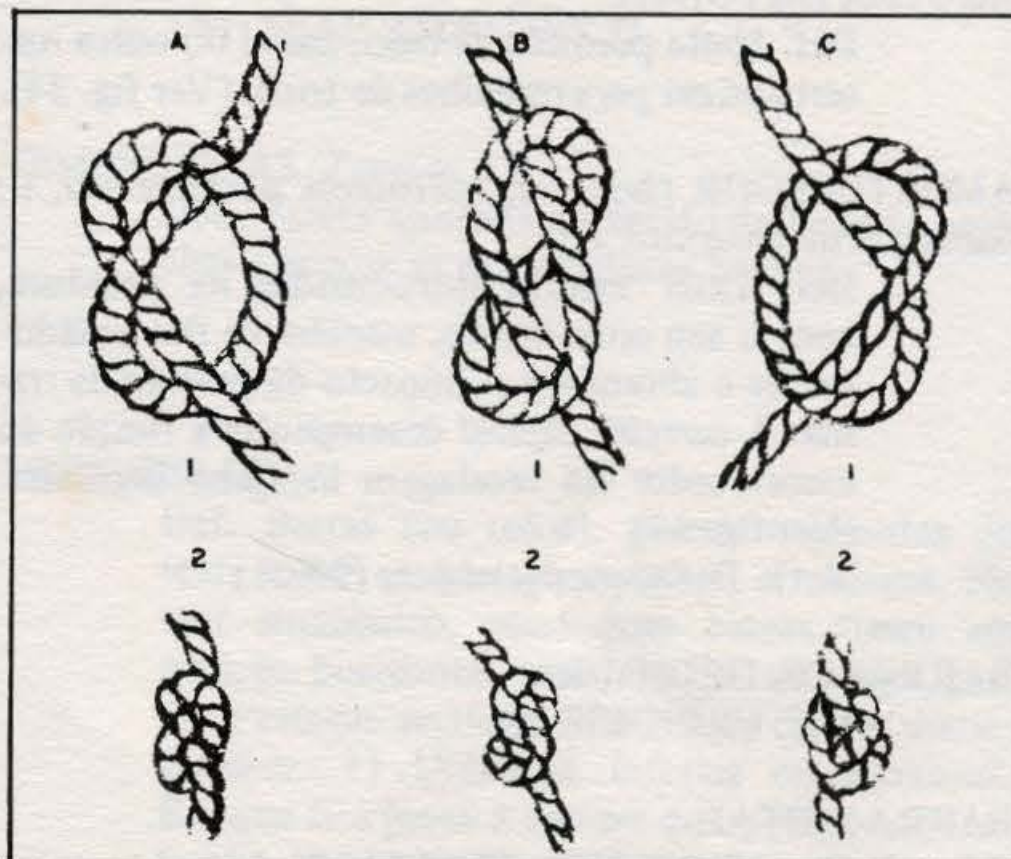



Fig. 33 – Nó simples. 1. A.B.C. Vista frontal, lateral, verso, frouxo. 2. idem: apertado.

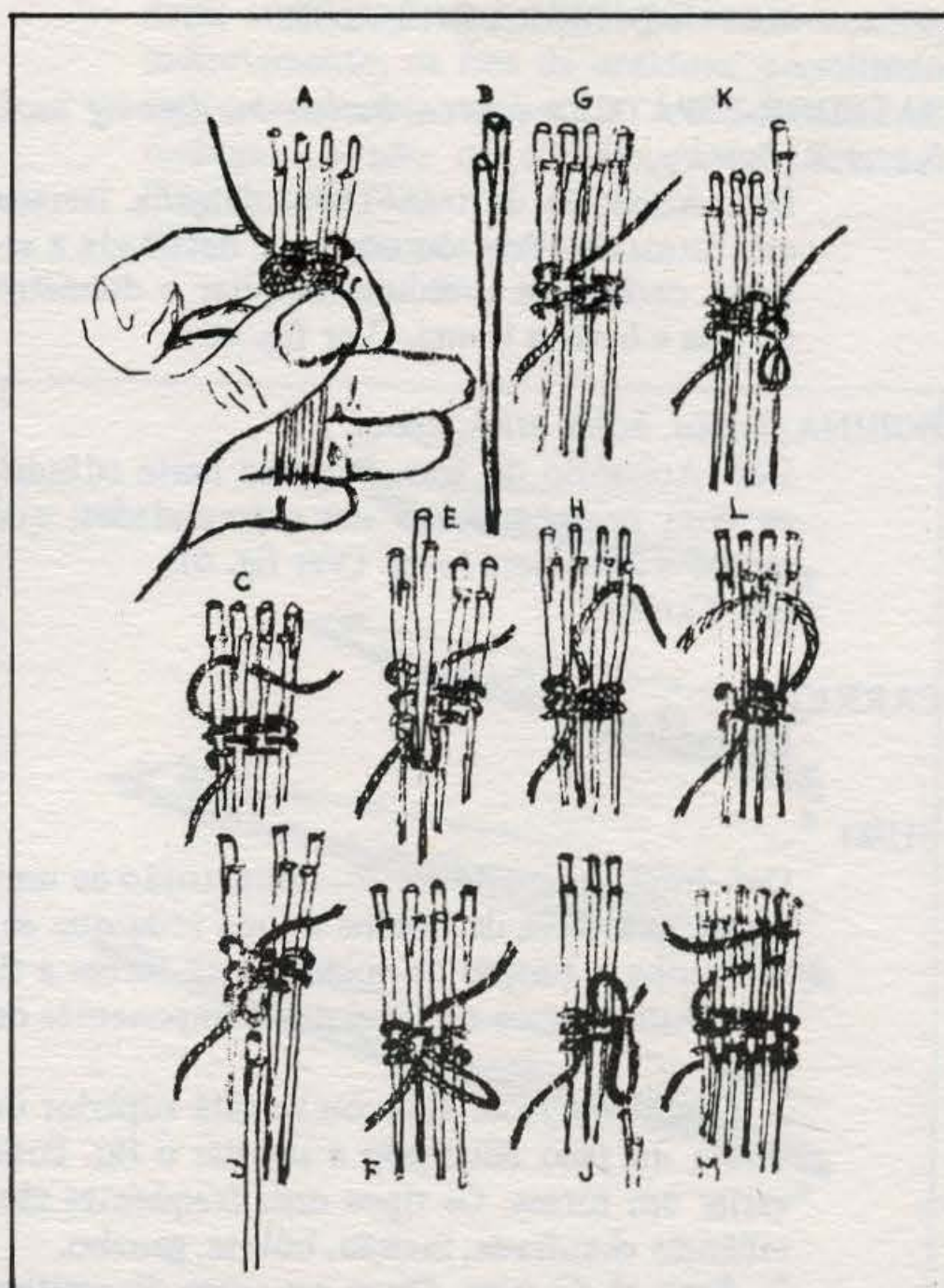



Fig. 34 – Técnica de tricô com quatro agulhas (A/L) e com 6 agulhas (M). *Apud* Roth 1924:107 fig. 2. Índios das Guianas.

IMPLEMENTOS (30.04)

AGULHA DE GANCHO
Def. Haste de osso, metal ou outra matéria-prima, com bico em gancho para trabalhos de crochê. (Ver fig. 35).

AGULHA DE ORIFÍCIO
Def. Haste de osso, metal ou outra matéria-prima, com uma extremidade afilada para perfurar e a outra com orifício para enfiar a linha. Empregada, principalmente, nos trabalhos de enlace. (Ver fig. 36).

AGULHA DE PONTA
Def. Haste pontuda de osso, metal ou outra matéria-prima para trabalhos de tricô. (Ver fig. 34).

AMORTECEDOR *(laze-rod,* corruptela de *lease-rod,* i.; *baguettes de croissure,* f.)
Def. Duas varetas introduzidas na urdidura, após o seu cruzamento, mantêm os fios eqüidistantes e abrandam o impacto da pressão da trama. A *carreira capital* desempenha a função do amortecedor na tecelagem indígena brasileira. (Ver fig. 42).
V. tb. Definições genéricas (30.01)

BARRAS DA URDIDURA
Use: URDIDEIRAS

BARRA DISTAL
Use: URDIDEIRA SUPERIOR

BARRA PROXIMAL
Use: URDIDEIRA INFERIOR

BATEDOR-ESPÁTULA *(batte, batten in, darning tool, beater,* i.; *battant,* f.)
Def. Acessório de tear. Tábua delgada, lavrada em forma de remo ou espátula, destinada a separar os fios da urdidura, ampliar o diâmetro da cala e bater a trama. (Ver fig. 40).

BOBINA *(bobin, bobin-stick, spool,* i.)
Def. Acessório de tear. Pequena haste cilíndrica com protuberâncias nas extremidades, que recebe a linha para tecer. (Ver fig. 6).
Sin. Carretel

CARRETEL
Use: BOBINA

FUSO
Def. Implemento de fiação. Constituído de uma vareta que serve de bobina e uma roda que desempenha a função de volante para torcer a fibra. Distinguimos os seguintes componentes do fuso:
1. *Castão do fuso.* Bico ou remate superior da vareta do fuso destinado a sujeitar o fio. Pode variar em forma. Os tipos mais freqüentes são: saliência chanfrada, incisão, bolota, gancho.
2. *Tortual do fuso.* Disco ou outro dispositivo adaptado à parte inferior da vareta do fuso destinado a imprimir-lhe movimento rotativo e, ao mesmo tempo, impedir o resvalo da linha bobinada. (Ver figs. 37, 38).

GABARITO *(Mesh-gauge,* i.; *moule à mailles,* f.)
Def. Acessório do tear. Implemento usado para medir a distância entre as carreiras no entretorcimento espaçado e para uniformizar as malhas nos trabalhos de enlace. (Ver fig. 44).

LANÇADEIRA *(shuttle, boat-shaped case containing a spool,* i.; *navette,* f.)
Def. Acessório de tear. Talhada em madeira, de forma oblonga e achatada, é envolta longitudinalmente pelo fio da trama. A lançadeira mais aperfeiçoada, chamada naveta, tem forma de bote e contém encaixada uma bobina. Não ocorre na tecelagem indígena. (Ver fig. 45).

LIÇAROL
Use: LIÇO

LIÇO *(Heddle-stick, heddle-rod,* i.; *harnais,* f.)
Def. Acessório de tear que levanta, simultaneamente, a série de fios alternos do urdume. O liço é constituído por uma farpa de madeira, vareta ou cordão mais grosso, ao qual são atadas correias (argolas do liço) presas a fios alternados da urdidura. O liço se destina a controlar permanentemente os fios pares do urdume, trazendo-os para a frente, a fim de abrir um leito entre estes e os ímpares para a passagem da trama. À medida em que progride a tecedura, os liços são movidos para o alto. Para desenvolver padrões mais complexos, empregam-se dois ou mais liços. A argola do liço pode ser presa de modo singular ou de modo contínuo (com um único fio) a cada fio alternado do urdume e atada, cada correia, por sua vez, a uma corda ou vareta. *(Leash, lease, string heddle,* i.; *lisse,* f. = argola do liço) (Ver fig. 39).
Sin. Liçarol

NIVELADOR *(level,* i.)
Def. Vara adaptada ao tear, paralelamente à urdideira inferior, destinada a aprumar a carreira capital e as carreiras sucessivas.

PENTE DO TECELÃO *(Spacer, raddle, saie, sley,* i.; *peigne,* f.)
Def. Acessório do tear. Travessa denteada que serve para comprimir a trama e adensar a teia. Evita o emaranhar dos fios da urdidura no processo de tecer. Para esse efeito é usada, nos teares mais aperfeiçoados, uma lâmina provida de orifícios por onde passam os fios do urdume. (Ver fig. 41).

POSTE DE SUSTENTAÇÃO *(Supporting-stake,* i.)
Def. No tear de cintura, a urdideira superior – ou diretamente o urdume – é presa a uma estaca fincada no chão ou a um esteio da casa para tensioná-lo.

ROLOS DE URDIMENTO
Use: URDIDEIRAS

SEPARADOR *(Shed rod, shed holder, warp rod,* i.; *baton, rouleau séparateur,* f.)
Def. Acessório do tear. Vara roliça ou chata usada para separar o urdume em dois planos – anterior e posterior – de fios pares e ímpares, para abrir passagem à introdução da trama. (Ver. fig. 42).

TEAR *(weaving, loom,* i., *métier à tissage,* f.)
Def. Engenho para tensão de fios através de cuja tramação se obtém um tecido.

TEAR AMAZÔNICO *(Vertical loom, heddle loom,* i.)
Def. Tear com urdume na vertical, também chamado tear verdadeiro. Um conjunto de quatro varas forma um quadrado ou retângulo. A urdidura é passada nas barras (urdideiras) superior e inferior, em sentido vertical. É provido de cunha ou vigote suplementar, disposto verticalmente junto aos postes de sustentação das urdideiras para calibrar estas últimas. Ou seja, na medida em que o urdume é tramado, é preciso mover a urdideira superior para afrouxá-lo. Para isso, essas cunhas são proporcionalmente adelgaçadas ou o vigote suplementar aparado para diminuir a altura. O tear amazônico comporta dispositivos para movimentar a trama e a urdidura: separador, liço, espátula-batedor, lançadeira. (Ver figs. 39, 42, 43).
Sin. Tear vertical

TEAR COM URDUME NA HORIZONTAL
Use: TEAR COM VARAS ALÇADAS

TEAR COM VARAS ALÇADAS *(Upright loom,* i.)
Def. Dois pilares fincados no chão providos, ou não, de travessa na parte superior. A urdidura é passada horizontalmente nessas varas alçadas. (Ver fig. 44).
Sin. Tear com urdume na horizontal

TEAR DE CINTURA *(Body tensioned loom, waist loom,* i.; *métier à tissage horizontal,* f.)
Def. Semelhante ao tear com urdidura na vertical, no que diz respeito à moldura que sustenta o urdume e seus acessórios. A urdideira inferior (proximal, a que fica junto do tecelão) é provida de uma faixa que enlaça a cintura, e a superior é amarrada ao poste de sustentação. Este tear é teoricamente móvel, podendo ser manipulado em posição semi-perpendicular ou paralela ao solo, ou seja, em posição horizontal.
Sin. Tear peruano

TEAR EM ARCO
Formado por um cipó (ou madeira fina) vergado em semicírculo ou ferradura, cujas pontas são atadas a uma barra. A urdidura é montada nela e numa barra colocada junto ao arco. Esse tipo de tear é usado para tecer peças de pequenas dimensões, inclusive tangas de miçangas. (Ver fig. 46).
Sin. Tear tipo Ucaiali

TEAR PERUANO
Use: TEAR DE CINTURA

TEAR TIPO UCAIALI
Use: TEAR EM ARCO

TEAR VERTICAL
Use: TEAR AMAZÔNICO

TEMPEREIRAS *(Temple,* i.)
Def. Vareta ajustada ao tecido destinada a espichar e igualar as extremidades laterais.

URDIDEIRAS
Def. Barras (ou rolos), partes integrantes do tear, sobre as quais é montado o urdume. No tear amazônico, essas duas barras ficam em posição horizontal, paralelas uma à outra, presas a estacas verticais. Nesse tipo de tear distinguem-se: 1) Urdideira inferior ou proximal. É a que fica junto à cintura do operador do tear *(waist beam; breast beam,* i.; *pointrinière,* f.). 2) Urdideira superior ou distal. É a que fica na extremidade mais afastada do tecelão. 3) Urdideira auxiliar. Travessa em que são enlaçados, indiretamente, os fios da urdidura, permitindo que o tecido seja retirado do tear em forma de retângulo e não de cilindro *(head stick,* i.). (Ver figs. 47, 48).
Sin. Barras da urdidura
Rolos de urdimento

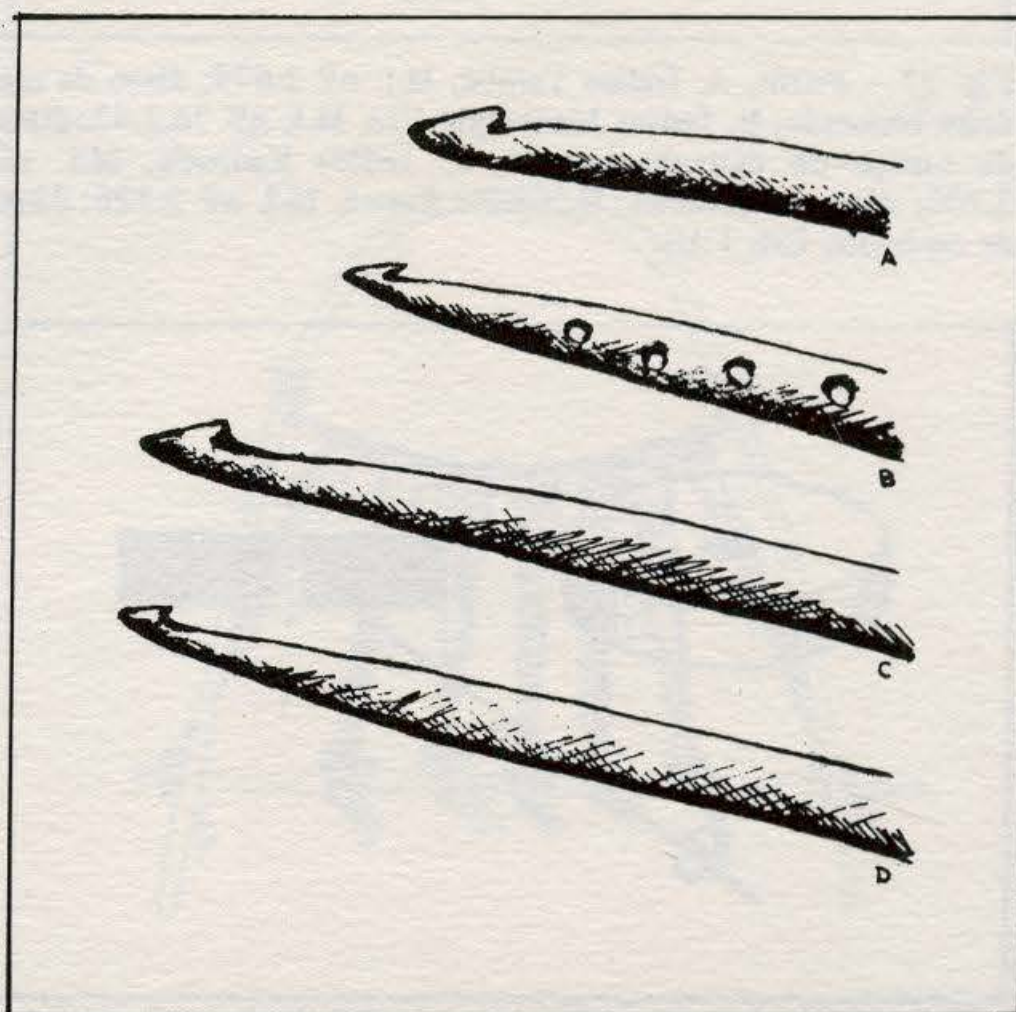



Fig. 35 – Agulhas de gancho para croché feitas de tíbia de mutum. Índios Asuriní. Col. Museu Nacional.

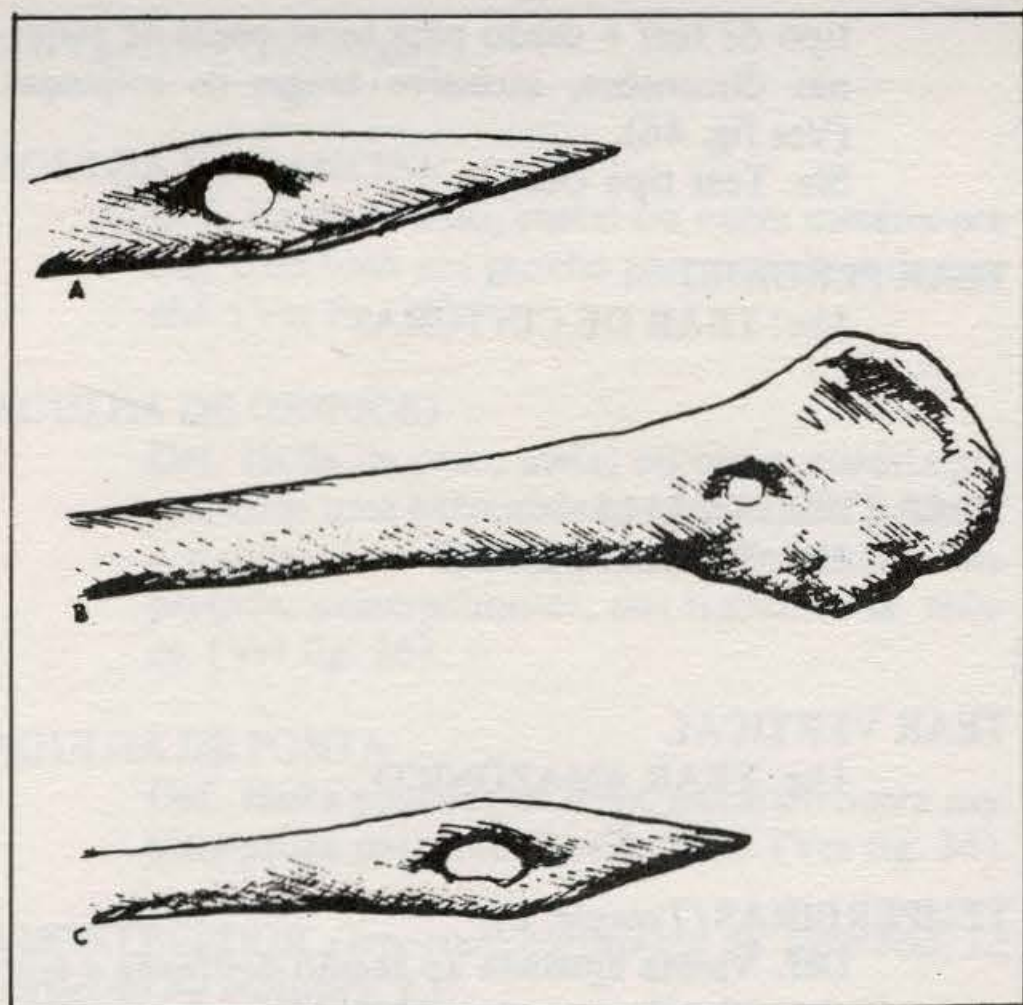



Fig. 36 – Agulhas de orifício de osso. Índios Tukúna. Col. Museu Nacional.

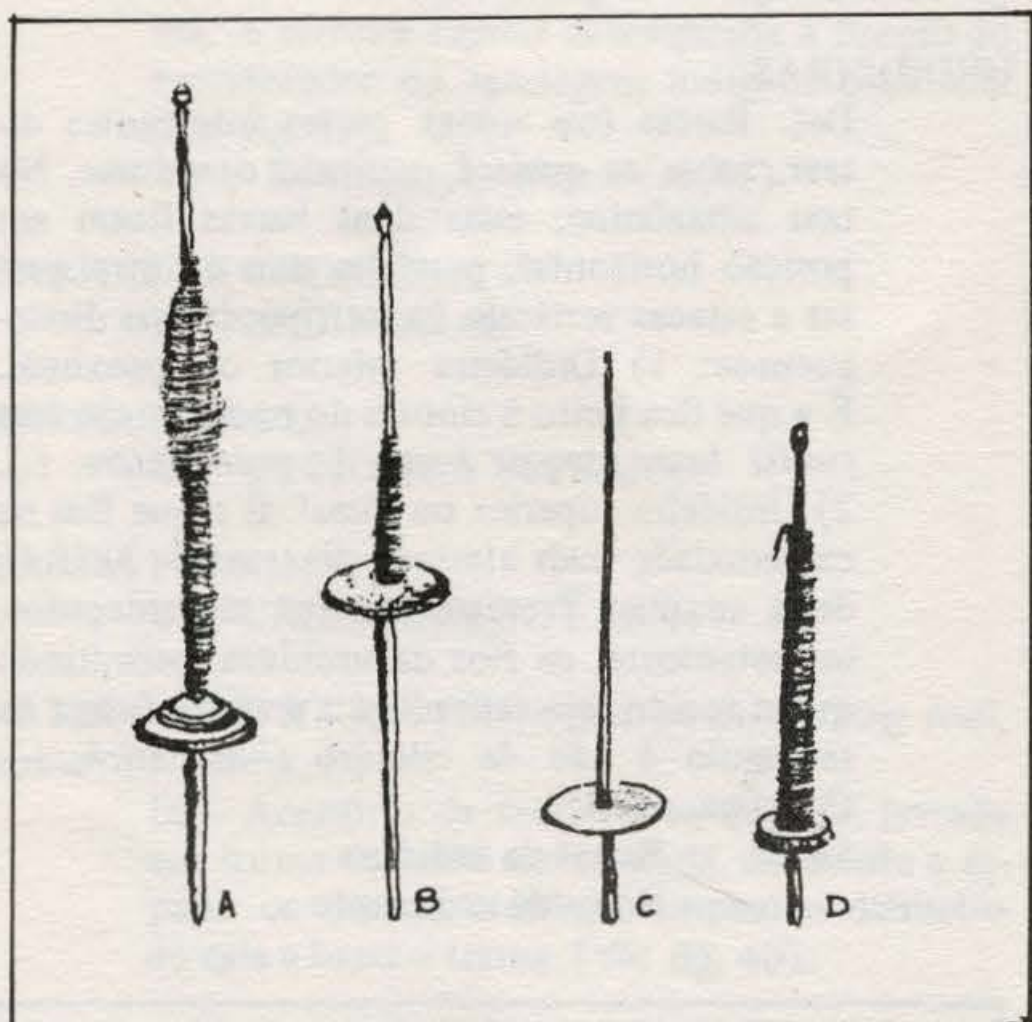



Fig. 37 – Fusos. A. Índios Tembé, M.I. nº 2.678: disco de madeira torneada; B. Índios Menkragnotíre, M.I. nº 76.2.42: disco de ouriço de castanha-do-pará; C. Índios Kadiwéu, M.I. nº 2.200: disco de madeira; D. Índios Kaiwá, M.I. nº 2.226: disco de cerâmica. Esc. 1:10.

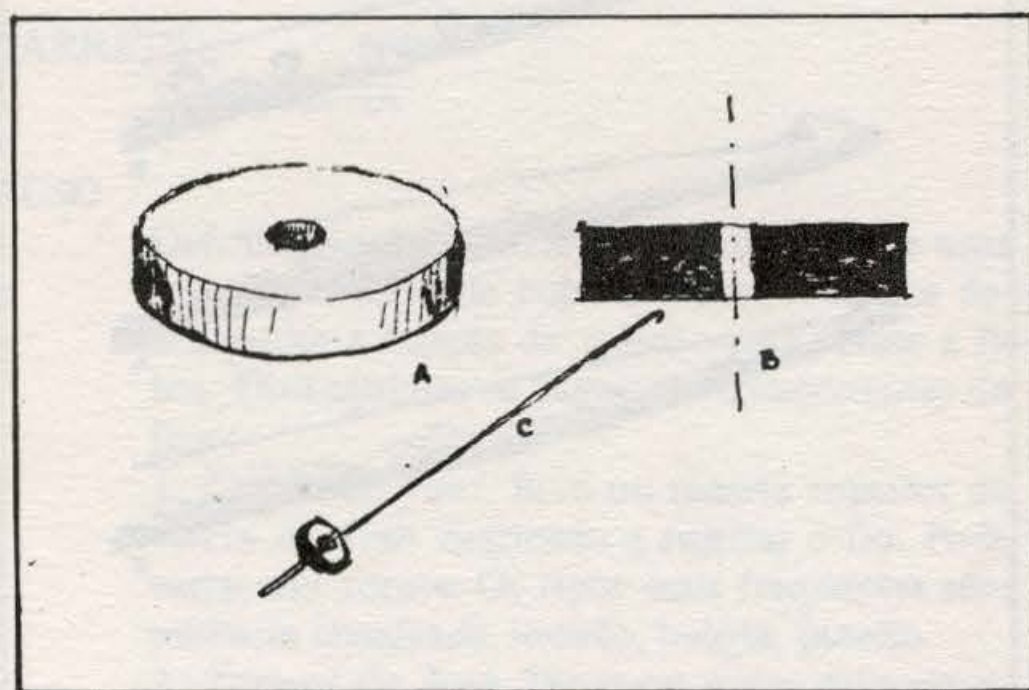



Fig. 38 – Fuso com tortual de cerâmica. Índios Nambikuára, M.N. nº 38.829. Esc. 1:2. A. Vista da peça. B. Secção transversal. C. Encaixe do tortual na haste do fuso.

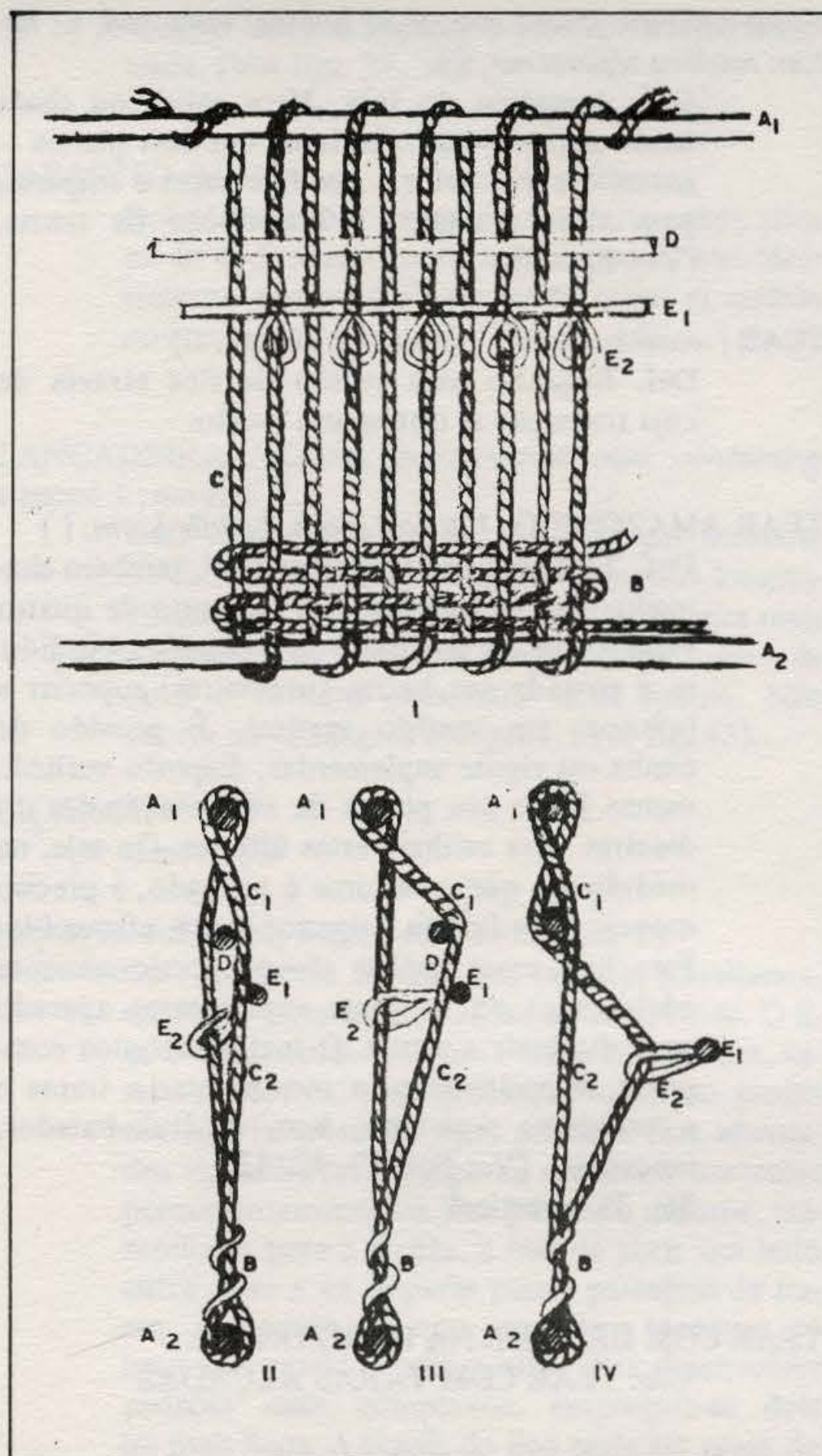



Fig. 39 – Tear tipo amazônico com o urdume na vertical, provido de liço. I. A1. Urdideira superior; A2. Urdideira inferior. B. Início de entretecido simples. C. Urdidura. D. Separador. E1. Liço. E2. Argolas do liço. II. Corte transversal com o liço em repouso. III. IV. Liço em movimento mostrando cala e contracala. *Apud* Burnham 1980:87.

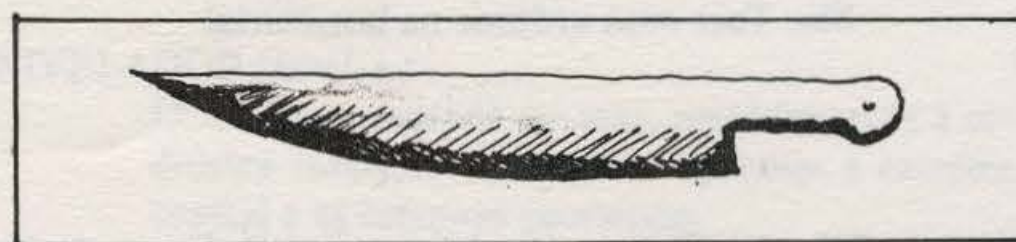



Fig. 40 – Espátula-batedor. Índios Kadiwéu, M.I. s/nº. Esc. 1:5.

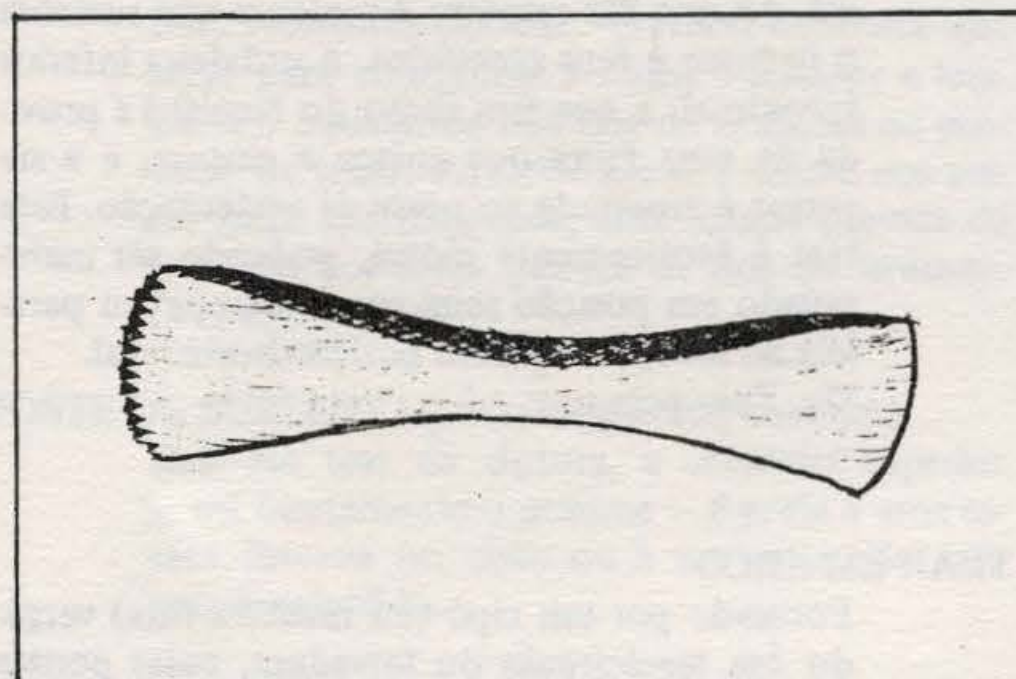



Fig. 41 – Pente do tecelão. Índios Jurúna, M.N. nº 40.080. Esc. 1:10.

Fig. 44 – Tear com varas alçadas com urdume na horizontal. Observe-se o gabarito que alinha as carreiras de entretorcido. Estas abrangem a urdidura frontal e costal. Rede Índios das Guianas, *apud* Roth 1924:183 fig. 195.

Fig. 42 – Tear tipo amazônico em que os separadores exercem a função dos liços. A. Vista da peça. B. Perfil. Desenhado a partir de foto: tecelagem de tipóia dos Índios Asuriní.

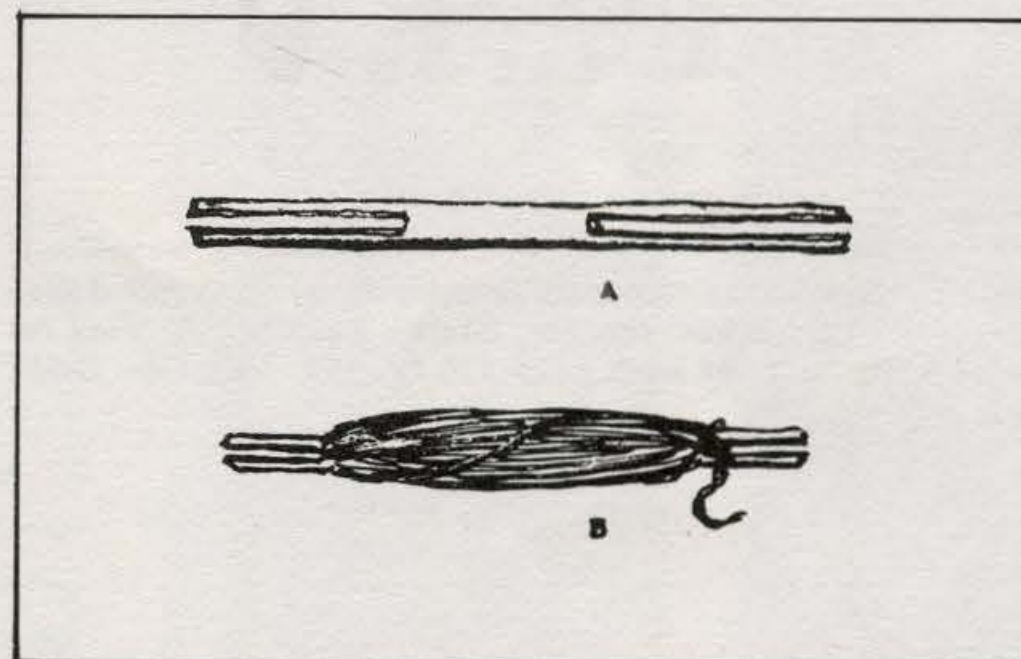



Fig. 45 – Lançadeira empregada na tecédura de rede segundo a técnica de acoplamento. Índios Waiwai. A. M.I. nº 79.5.68, sem a linha; B. M.I. nº 79.5.67, com a linha bobinada. Esc. 1:5.

Fig. 43 – Tear amazônico com urdume na vertical provido de liço, separadores, batedor-espátula e carreira capital. A. Vista da peça. B. Perfil vendo-se acima da urdideira inferior, a urdideira auxiliar. Manufatura de rede dos Índios das Guianas. *Apud* Roth 1924:391 fig. 204.

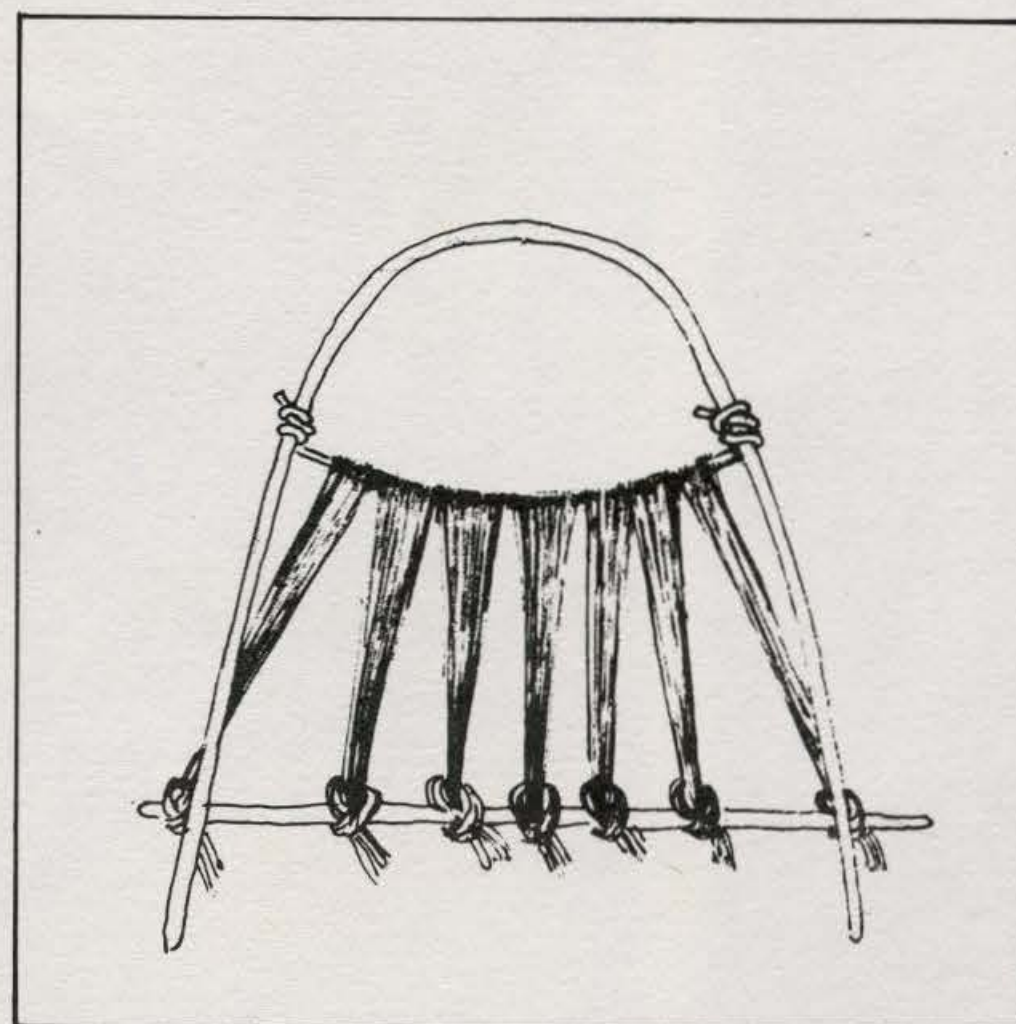



Fig. 46 – Tear em arco para tecedura de tanga de miçangas. Índios das Guianas, *apud* Roth 1924:120 pr. 17.

Fig. 48 – Urdideiras superior, inferior e auxiliar (a do centro) mostradas esquematicamente com destaque para o modo como é montado o urdume. *Apud* Burnham 1980:133.

A B

Fig. 47 – Tear amazônico para manufatura de redes com destaque para as urdideiras: superior, inferior e auxiliar. A. Vista da peça, B. Perfil. *Apud* Roth 1924:386 fig. 199. Índios das Guianas.

1

2

3

5

6

4

Prancha I - Cerâmica

7

8

9

10

11

12

Prancha II - **Cerâmica**

13

14

15

16

17

18

Prancha III - Trançados

19

20

21

22

23

24

Prancha IV - Trançados

25

26

27

28

29

30

Prancha V - Cordões e tecidos

31

32

33

34

Prancha VI - Cordões e tecidos.

35

36

37

38

Prancha VII - Cordões e tecidos.

39

40

41

42

43

Prancha VIII - Adornos plumários.

44

45

46

47

48

Prancha IX - Adornos plumários.

49

50

51

52

53

54

Prancha X - Adornos plumários.

55

56

57

58

Prancha XI - Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador.

59

60

61

62

Prancha XII - **Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador.**

63

64

65

66

Prancha XIII - Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador.

67

68

69

70

Prancha XIV - Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador.

71

72

73

74

Prancha XV - Instrumentos musicais e de sinalização

75

76

77

78

79

80

Prancha XVI - Armas

81

82

83

84

85

86

87

Prancha XVII - Utensílios e implementos de madeira e outros materiais.

88

89

90

91

Prancha XVIII - Objetos rituais, mágicos e lúdicos.

92

93

Prancha XIX - Objetos rituais, mágicos e lúdicos.

94

95

96

97

Prancha XX - Objetos rituais, mágicos e lúdicos.

40
ADORNOS PLUMÁRIOS

40
ADORNOS PLUMÁRIOS

GRUPOS GENÉRICOS

Nº	Grupo
01	Adornos plumários da cabeça
02	Adornos plumários do tronco
03	Adornos plumários dos membros

ADORNOS PLUMÁRIOS DA CABEÇA (01)

Def. Ornamentos, da categoria dos plumários, usados na face ou no crânio subdivididos em: 1) cingem ou cobrem totalmente a calota craniana; 2) usados na altura do vértex: verticais, transversais; 3) usados no occipício; 4) usados na fronte em posição horizontal, vertical; 5) usados na face: fronte, nariz, orelhas, lábio inferior, cantos da boca; 6) usados na cabeleira.
Uso: adereço pessoal, ritual ou cotidiano, definidor da condição etária, sexual, social e étnica.
T. Esp. Aro emplumado
Brincos emplumados
Capacete
Coifa
Coifa com cobre-nuca
Coroa radial emplumada
Coroa vertical emplumada
Diadema horizontal
Diadema occipital rotiforme
Diadema rotiforme alçado
Diadema transversal
Diadema vertical
Diadema verticial rotiforme
Faixa frontal emplumada
Grampo da cabeleira
Grinalda
Grinalda com cobre-nuca
Labrete emplumado
Leque do occipício
Narigueira emplumada
Ornato emplumado da face
Penacho alçado na fronte
Pingente da cabeleira
Placa occipital emplumada
Testeira emplumada
Tiara emplumada
Toucado

ADORNOS PLUMÁRIOS DO TRONCO (02)

Def. Ornamentos, da categoria dos plumários, usados no tronco subdivididos em: 1) adornos do pescoço: peitorais, dorsais; 2) usados a tiracolo; 3) adornos da cintura; 4) adornos ventrais/lombares.
Uso: adereço pessoal, ritual ou cotidiano, definidor da condição etária, sexual, social e étnica.
T. Esp. Bandoleira emplumada
Cinta emplumada
Cinto emplumado
Colar emplumado
Colar-apito emplumado
Mantelete emplumado
Pingente dorsal emplumado
Poncho emplumado
Saiote emplumado

ADORNOS PLUMÁRIOS DOS MEMBROS (03)

Def. Ornamentos usados nos membros subdivididos em: 1) adornos do pulso; 2) usados na altura do bíceps; 3) usados abaixo do joelho; 4) usados no tornozelo.
Uso: Adereço pessoal, ritual ou cotidiano, definidor da condição etária, sexual, social e étnica.
T. Esp. Braçadeira emplumada
Jarreteira emplumada
Penacho alçado da braçadeira
Pulseira emplumada
Tornozeleira emplumada

ITENS

Nº	Item
01	Aro emplumado
02	Bandoleira emplumada
03	Braçadeira emplumada
04	Brincos emplumados
05	Capacete
06	Cinta emplumada
07	Cinto emplumado
08	Coifa
09	Coifa com cobre-nuca
10	Colar emplumado
11	Colar-apito emplumado
12	Coroa radial emplumada
13	Coroa vertical emplumada
14	Diadema horizontal
15	Diadema occipital rotiforme
16	Diadema rotiforme alçado
17	Diadema transversal
18	Diadema vertical
19	Diadema verticial rotiforme
20	Faixa frontal emplumada
21	Grampo da cabeleira
22	Grinalda
23	Grinalda com cobre-nuca
24	Jarreteira emplumada
25	Labrete emplumado

26 Leque do occipício
27 Mantelete emplumado
28 Narigueira emplumada
29 Ornato emplumado da face
30 Penacho alçado da braçadeira
31 Penacho alçado na fronte
32 Pingente da cabeleira
33 Pingente dorsal emplumado
34 Placa occipital emplumada
35 Poncho emplumado
36 Pulseira emplumada
37 Saiote emplumado
38 Testeira emplumada
39 Tiara emplumada
40 Tornozeleira emplumada
41 Toucado

ARO EMPLUMADO
Def. Anel de material rijo adornado de penas que cinge a cabeça. Espécie de coroa estreita.
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)
T. Rel. Grinalda
Consulte: 20 Trançados, 30 Cordões e tecidos, 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador

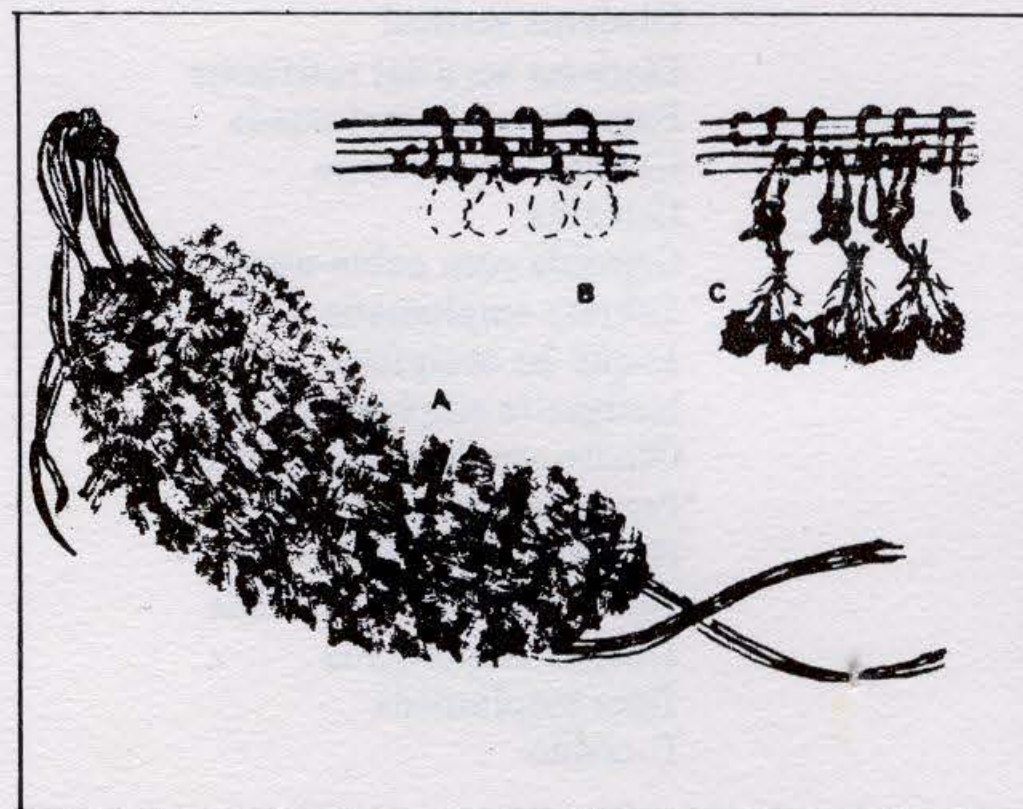
Aro emplumado. Índios Javaé, M.N. nº 30.731. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação das plumas ao aro: emplumação em pétala. C. Detalhe da fixação do penacho frontal.

ALFINETE DA CABELEIRA
Use: GRAMPO DA CABELEIRA

AURICULARES
Use: BRINCOS

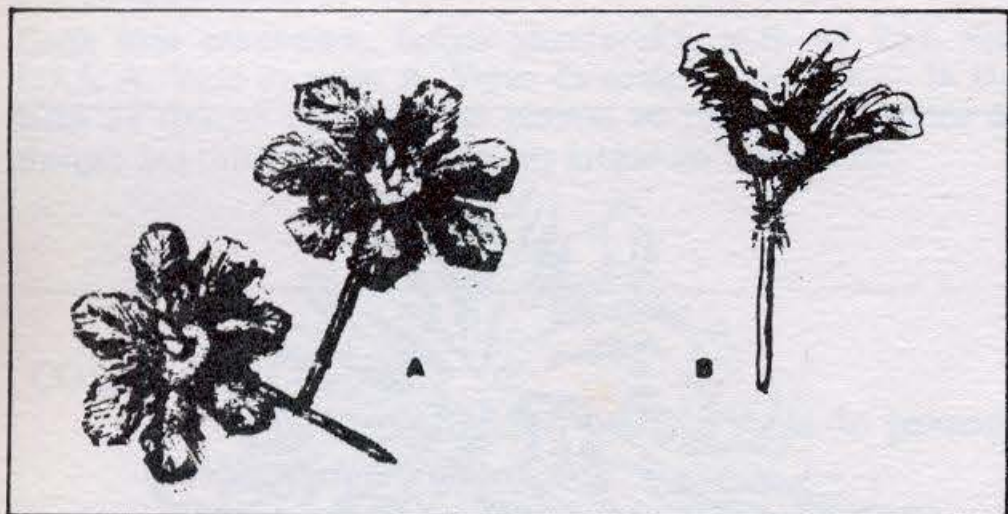
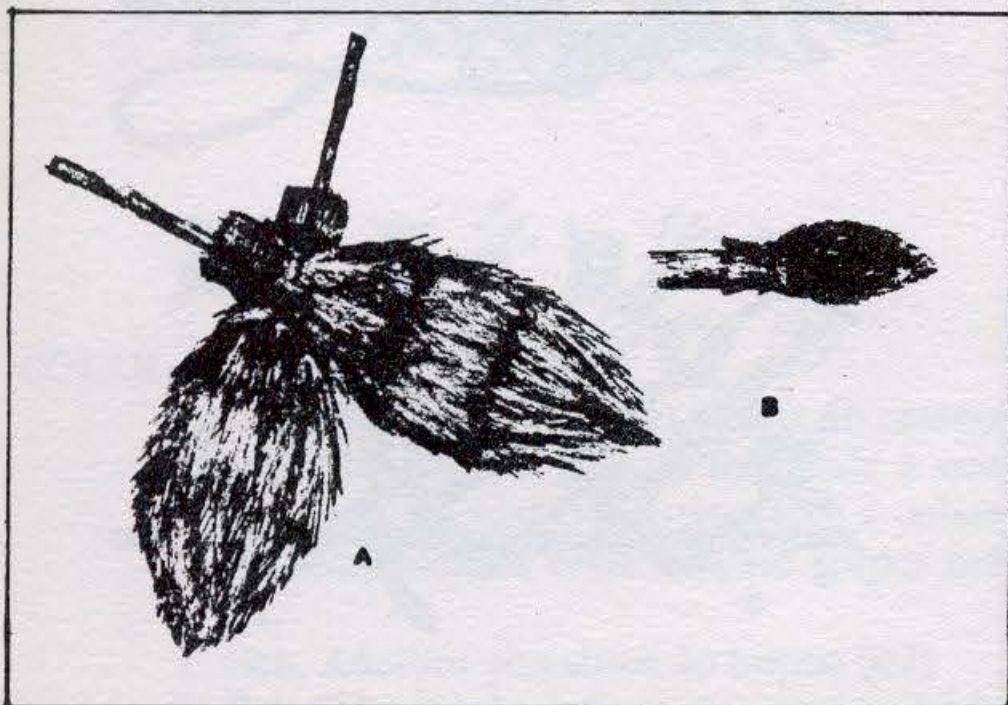
BANDOLEIRA EMPLUMADA
Def. Adorno plumário usado a tiracolo.
T. Gen. Adornos plumários do tronco (02)
Consulte: Cordões e tecidos (30), Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador (50)

Bandoleira emplumada. Índios Mundurukú, M.N. nº 777. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da emplumação em roseta da guirlanda de plumas.

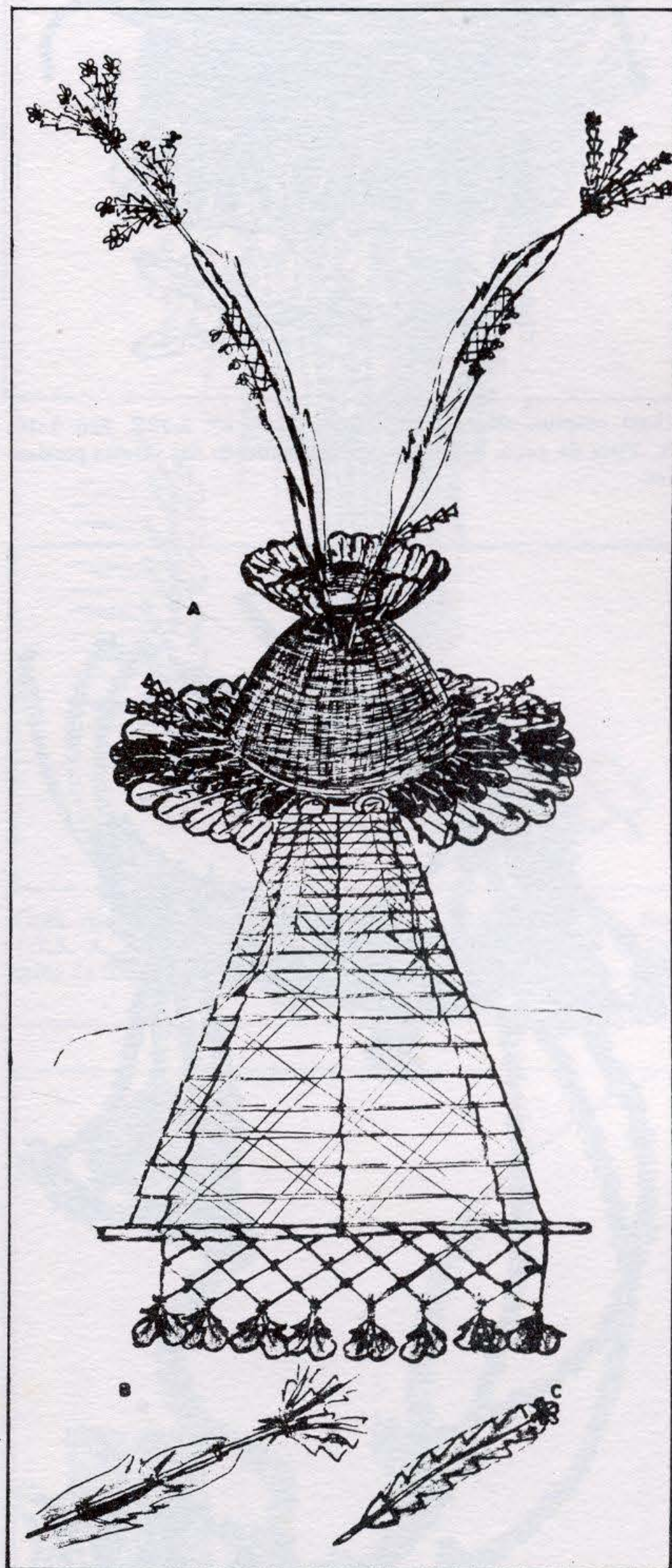
BRAÇADEIRA EMPLUMADA
Def. Adorno plumário usado na altura do biceps.
T. Gen. Adornos plumários dos membros (03)
T. Rel. Pulseira emplumada
Consulte: 20 Trançados, 30 Cordões e tecidos, 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador

Braçadeira emplumada. Índios do alto Xingu, M.N. nº 39.392. Esc. 1:2,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da passamanaria com alças soltas. C. Detalhe da fixação de flores de plumas nas alças.

Braçadeira emplumada. Índios Kaapor, M.N. nº 24.666. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da emplumação: flores com estames.

BRINCOS EMPLUMADOS

Def. Ornatos de penas pendentes do orifício do lobo da orelha, ou colocados sobre o pavilhão auricular como um lápis.
Sin. Auriculares
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)
Consulte: 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador

Brincos emplumados. Índios Karajá, M.N. nº 35.309. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da emplumação: rosetas de penas.

Brincos emplumados. Índios do alto Xingu, M.N. 39.507. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da emplumação embricada: botão de plumas.

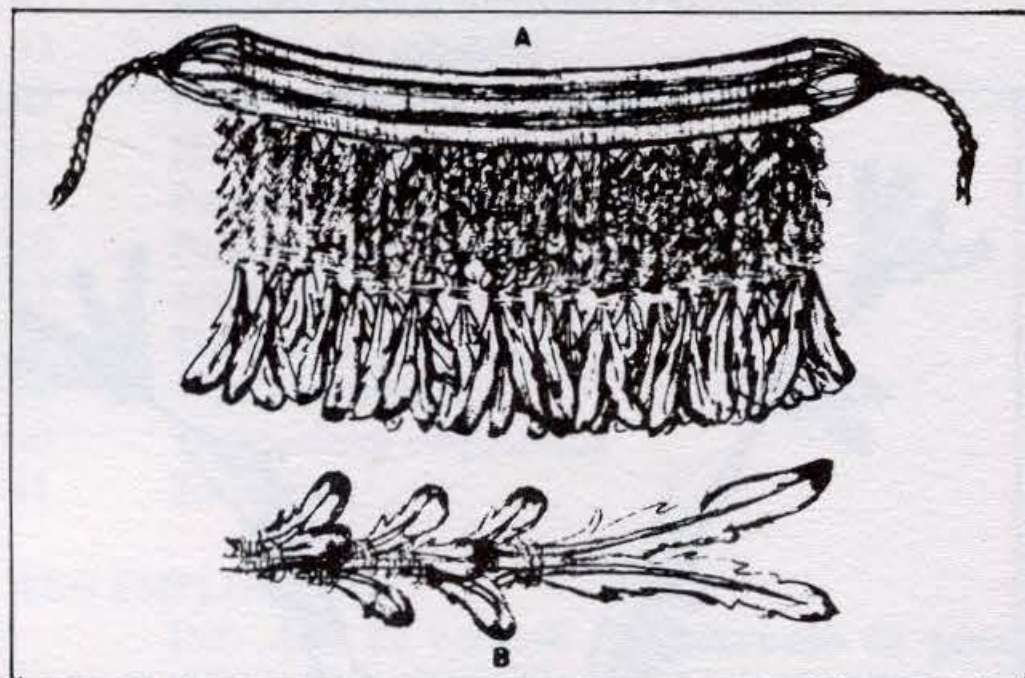
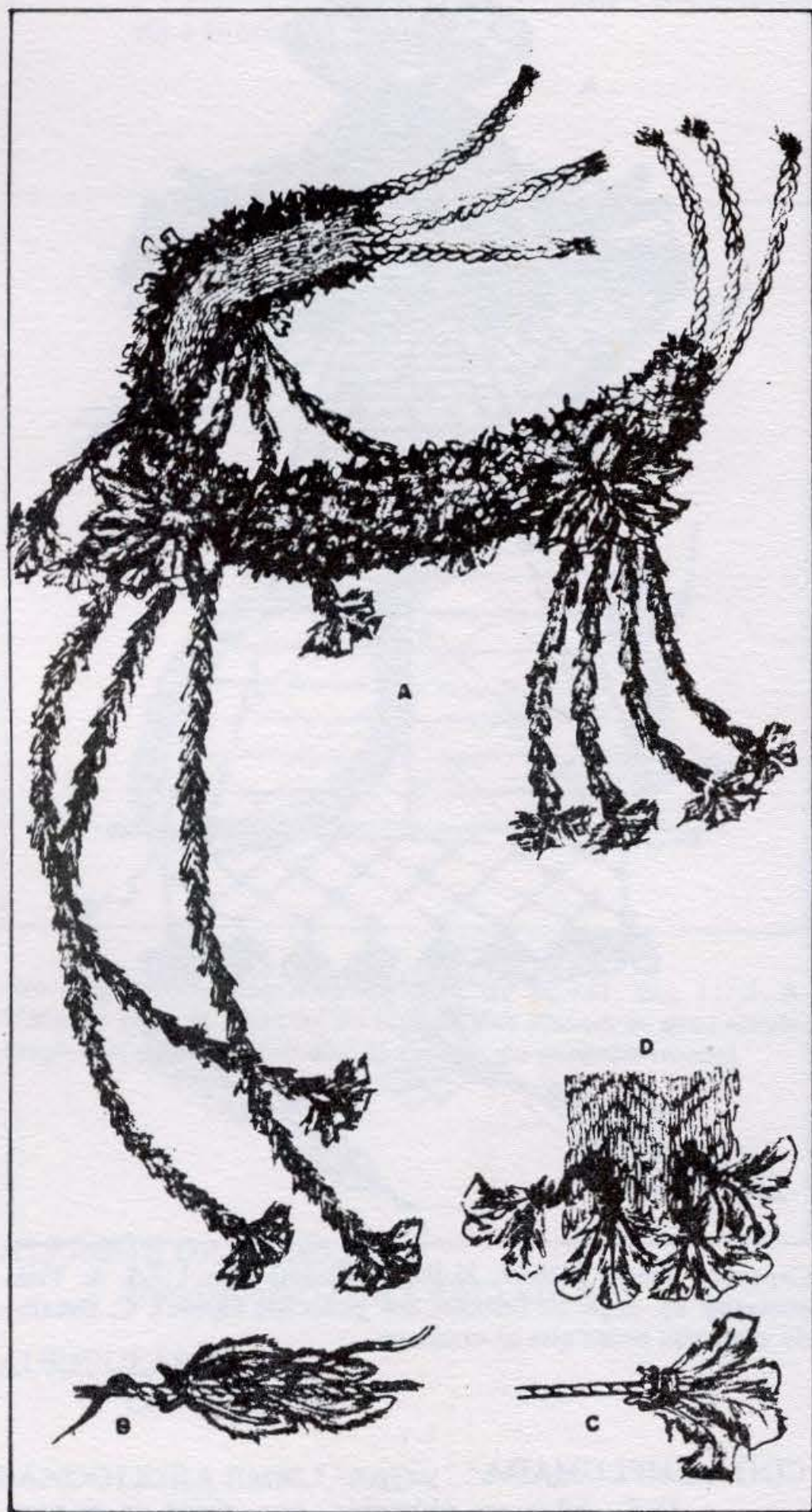
CAPACETE

Def. Armação rija para a cabeça, de palha trançada, fechada no bordo superior e ornamentada de penas.
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)
T. Rel. Coroa vertical

Capacete. Índios Palikúr, M.N. nº 25.350. Esc. 1:7,5. A. Vista posterior da peça. B. Detalhe dos penachos alçados. C. Detalhe do corte das penas que os encimam.

CINTA EMPLUMADA

Def. Adereço plumário que cinge a cintura, mais largo que o cinto.
Sin. Sobrecinto
T. Gen. Adornos plumários do tronco (03)

T. Rel. Cinto emplumado

Consulte: Trançados (20), Cordões e tecidos (30), Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador (50)

Cínta emplumada. Índios Karajá, M.N. nº 2.395. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe da emplumação das varetas pendentes.

Cinto emplumado. Índios Mundurukú, M.N. nº 781. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da emplumação dos pingentes. C. Detalhe da emplumação do arremate dos pingentes. D. Detalhe da fixação dos tufos de penas ao tecido.

CINTO EMPLUMADO

Def. Adorno plumário que envolve a cintura, mais estreito que a cinta.

T. Gen. Adornos plumários do tronco (02)

T. Rel. Cinta emplumada

Consulte: 20 Trançados, 30 Cordões e tecidos, 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador

COIFA

Def. Cobertura flexível para a cabeça, em forma de touca, geralmente de tecido em filé e revestida de penas.

T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)

T. Rel. Coifa com cobre-nuca

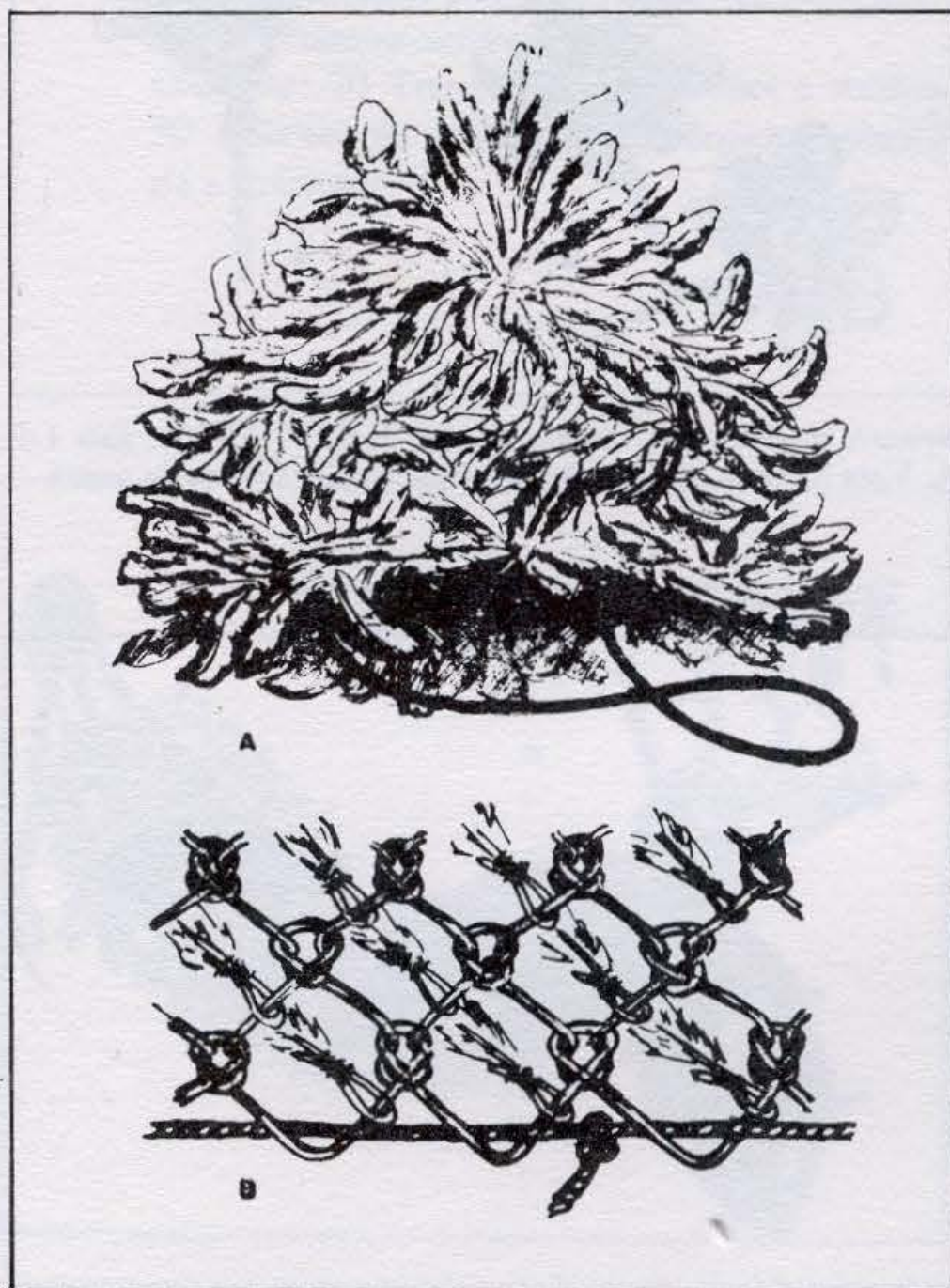
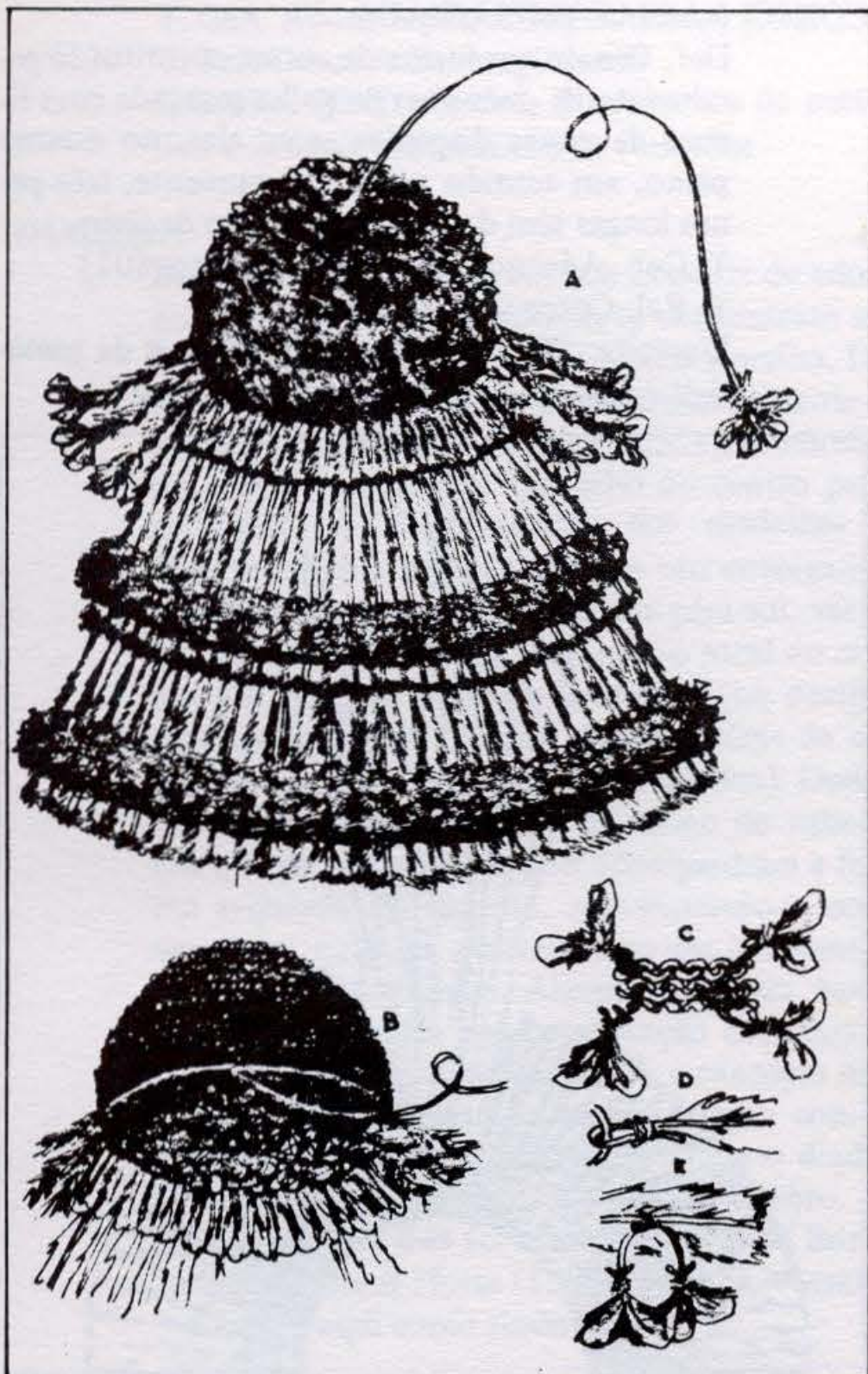
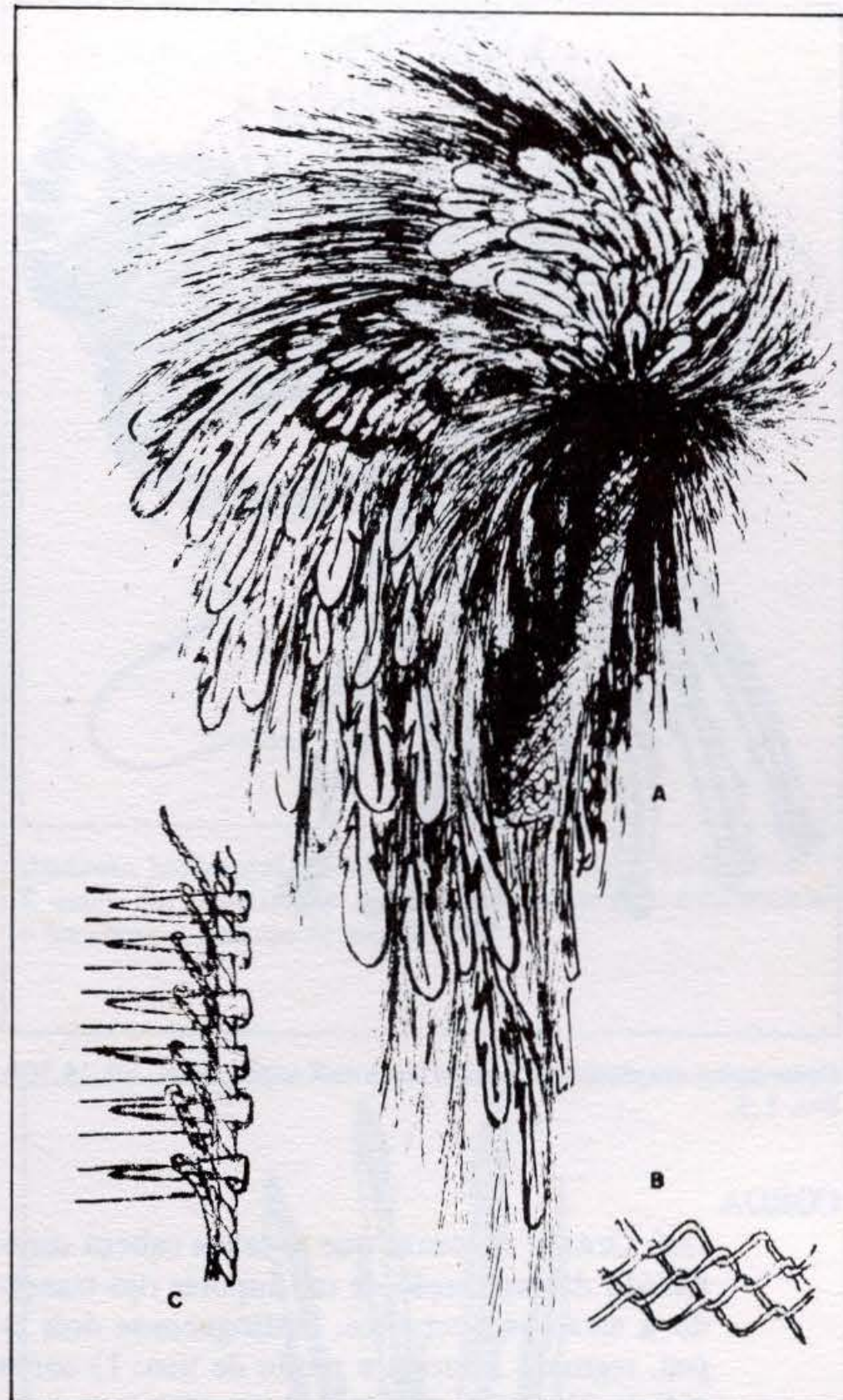
Consulte: 30 Cordões e tecidos

COIFA COM COBRE-NUCA

Def. Adorno de penas em forma de coifa com apêndice plumário que cobre a nuca.

T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)

T. Rel. Coifa

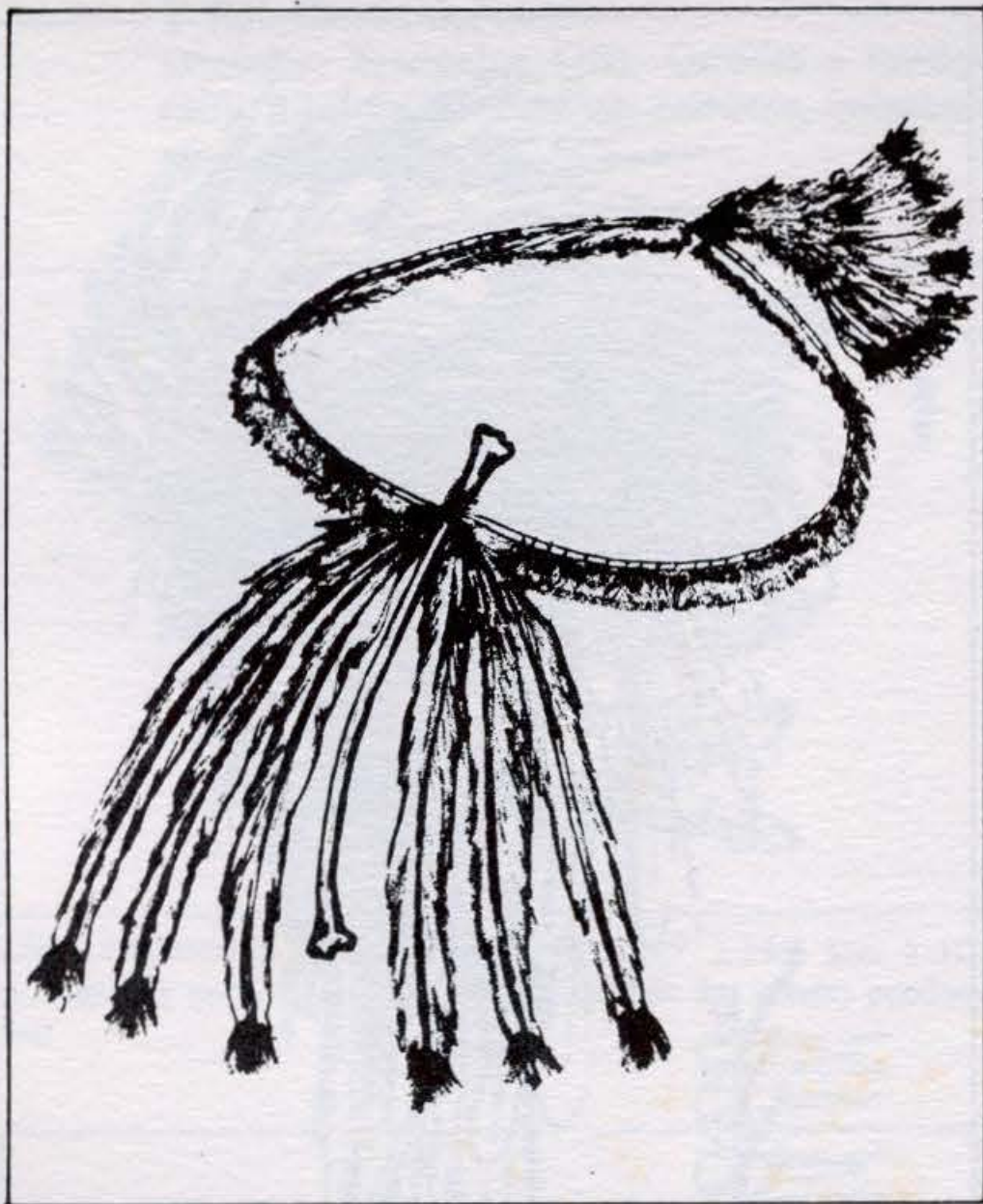
Consulte: 30 Cordões e tecidos

Coifa. Índios Karajá, M.N. nº 29.020. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação de tufos de plumas nos intervalos dos nós do filé.

Coifa com cobre-nuca. Índios Mundurukú, M.N. nº 755. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Verso da coifa em crochê. C. D. Detalhe da fixação dos tufos de plumas ao tecido. E. Detalhe de fixação dos tufos de penas às penas longas do cobre-nuca.

Coifa com cobre-nuca. Índios Kaingáng, M.N. nº 23.151. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do suporte tecido. C. Detalhe de fixação das penas.

COLAR EMPLUMADO

Def. Ornato plumário usado à volta do pescoço, repousando sobre o colo.
T. Gen. Adornos plumários do tronco (02)
T. Rel. Colar-apito emplumado
Pingente dorsal emplumado
Consulte: 30 Cordões e tecidos, 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador

COLAR-APITO EMPLUMADO

Def. Ornato plumário usado à volta do pescoço, repousando sobre o colo. É freqüente a ocorrência de colares-apitos emplumados e colares-flautas emplumados entre diversos grupos indígenas.
T. Gen. Adornos plumários do tronco (02)
T. Rel. Colar emplumado
Consulte: 60 Instrumentos musicais e de sinalização, 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador

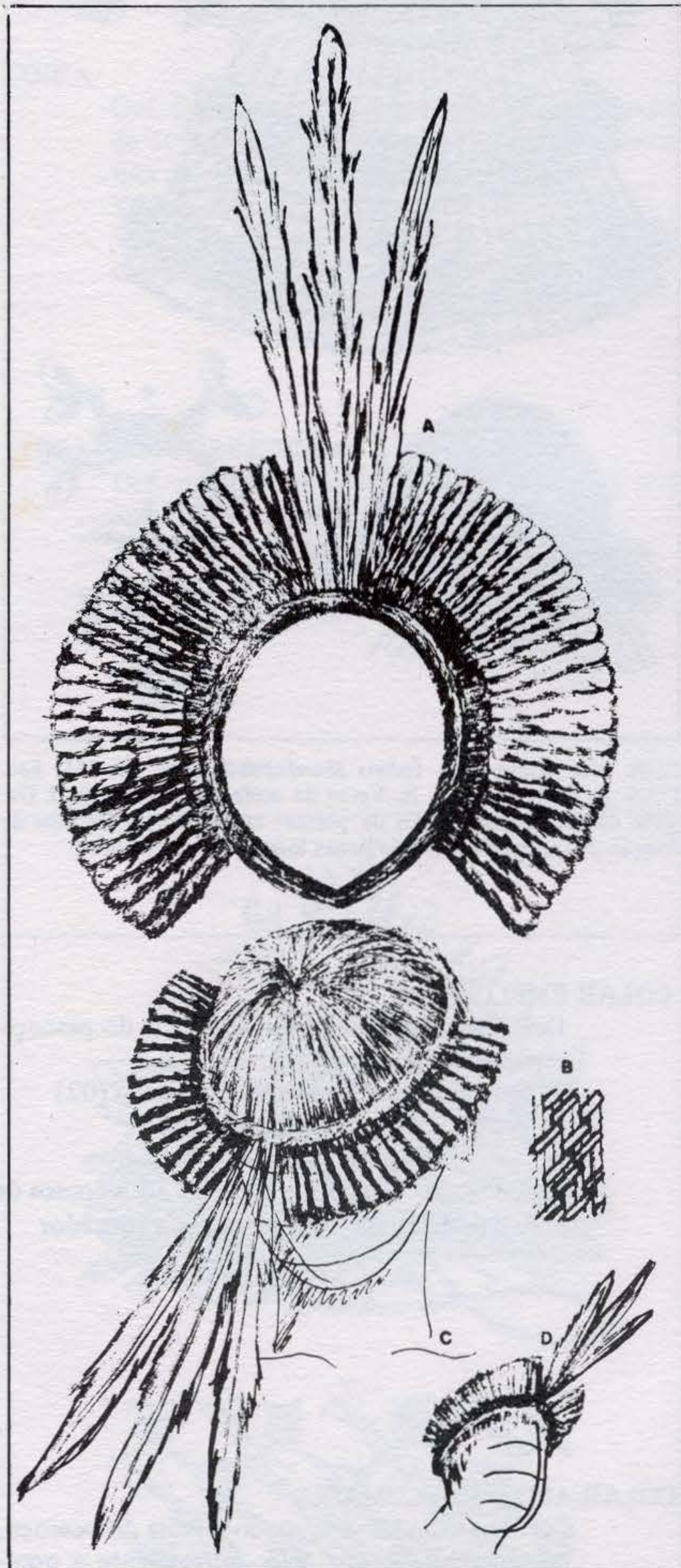
Colar emplumado de uso feminino. Índios Kaapor, M.N. nº 24.612. Esc. 1:5.

Colar-apito emplumado. Índios Urubus-Kaapor, M.N. nº 24.708. Esc. 1:5.

COROA

Def. Ornato de penas que rodeia a cabeça constituído da associação de um suporte rijo trançado a arranjos plumários. Distinguem-se dois tipos, segundo a forma e modo de uso: 1) coroa radial; 2) coroa vertical. O suporte trançado, quando independe do ormamento plúmeo, é usado, muitas vezes, separadamente.

Coroa vertical. Índios Karajá, M.N. nº 30.726. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da emplumação das varetas: emplumação em pétala.

COROA RADIAL EMPLUMADA

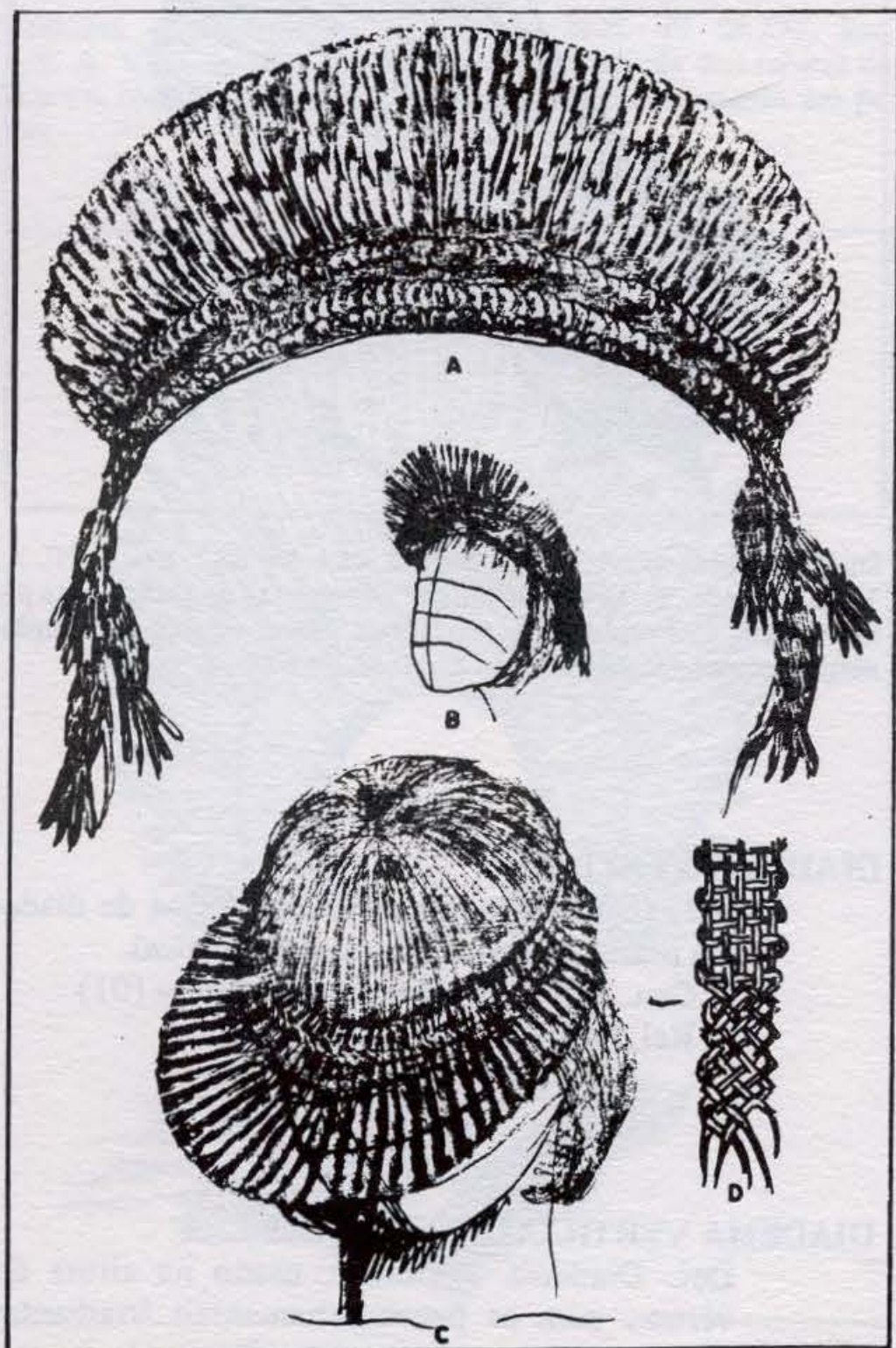
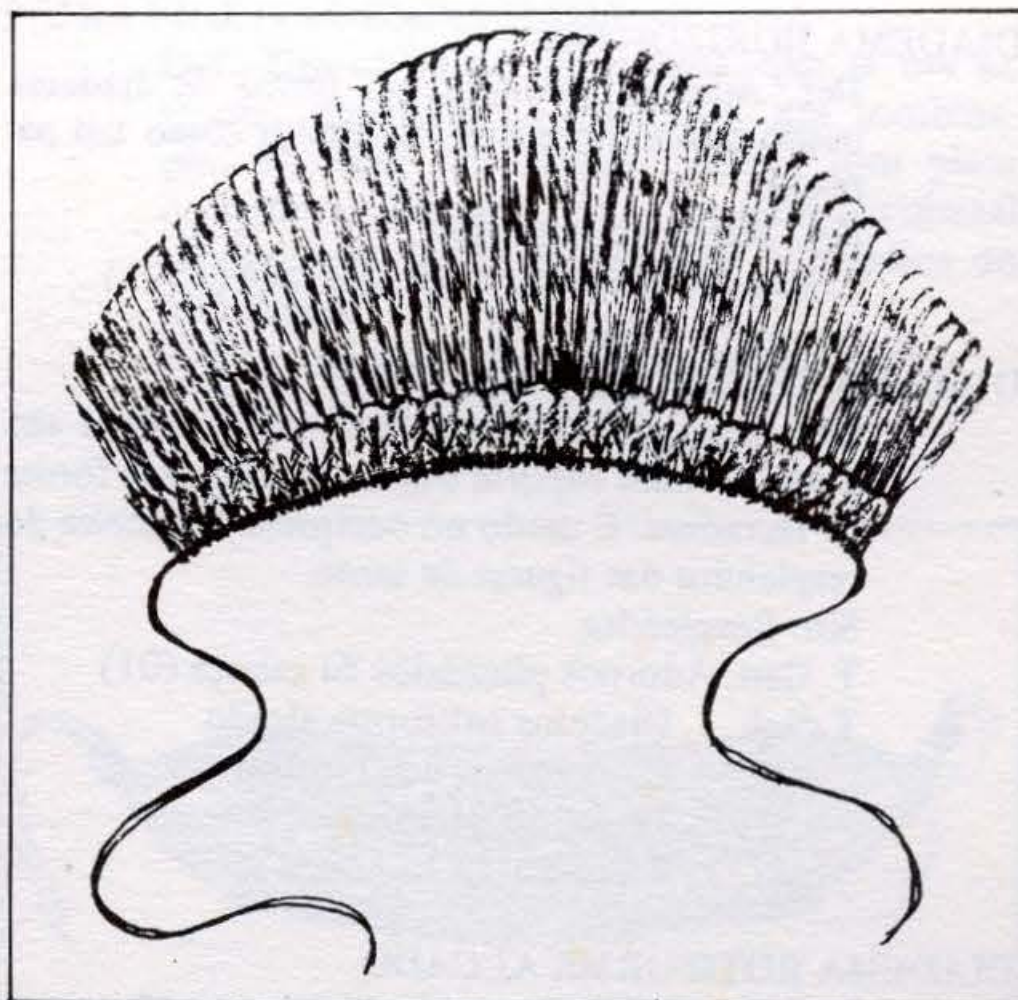
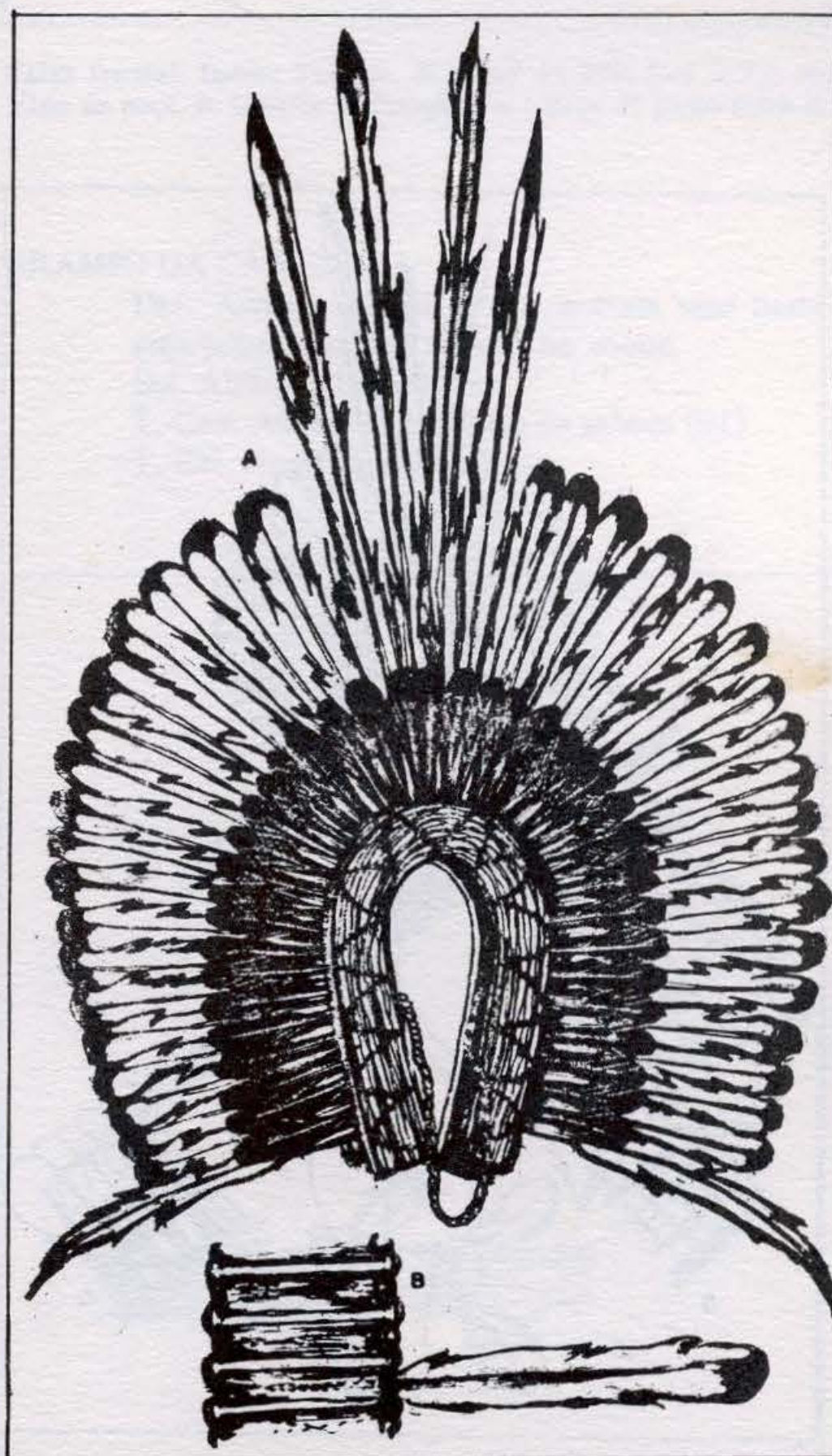
Def. Ornato em forma de coroa, constituído geralmente de duas abas de palha trançada com fieiras de penas dispostas entre elas, no mesmo plano, em sentido radial. Comumente, três penas longas têm destaque no centro da fieira.
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)
T. Rel. Coroa vertical emplumada
Consulte: 20 Trançados, 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador

Coroa radial. Índios Wapitxâna, M.N. nº 1.035. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado do aro. C.D. Modo de uso.

COROA VERTICAL EMPLUMADA

Def. Ornato em forma de coroa, em que as penas ornamentais ou as varetas que as sustentam mantêm posição ereta, rodeando todo o crânio.

T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)
T. Rel. Coroa radial emplumada
Consulte: 20 Trançados, 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador

DIADEMA

Def. Ornato de cabeça em que as penas de adorno ou varetas que as sustêm se concentram na frente, aproximadamente de orelha a orelha. De um modo geral, as penas ultrapassam bastante o suporte (cordel-base ou faixa tecida), diminuindo gradativamente de tamanho do centro para os lados. A discriminação dos diademas é feita segundo a posição em que são envergados na cabeça: horizontal, como um pára-sol, vertical, transversal. E mais, segundo o local do crânio em que são situados: occipital (no occipício), verticial (no vértex), alçado (acima da cabeça preso num casquete que o sustém). Designamos *diadema rotiforme* o ornato de cabeça em que as penas de adorno acompanham a forma arqueada do suporte, apresentando-se convergentes na base e divergentes ou irradiantes na extremidade livre. Alguns diademas horizontais são usados em combinação com faixas frontais, sobre coroas trançadas, a exemplo dos índios do alto Xingu; ou em associação com o diadema verticial rotiforme *(pariko)* e o diadema transversal, no caso dos índios Borôro. A designação que lhes foi atribuída, no caso Borôro, por Nicola & Horta (1986:19, 115) – viseira – é citada aqui como sinônimo.

Diadema horizontal. Índios Urubus-Kaapor, M.N. nº 24.599. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. C. Uso da peça. D. Detalhe do suporte tecido nas extremidades.

Diadema horizontal. Índios Borôro, M.N. nº 24.963. Esc. 1:5. É usado em combinação com o diadema verticial rotiforme e/ou o transversal, à modo de viseira.

Diadema occipital rotiforme. Índios Karajá, M.N. nº 36.651. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do encastoamento das penas longas nos roletes.

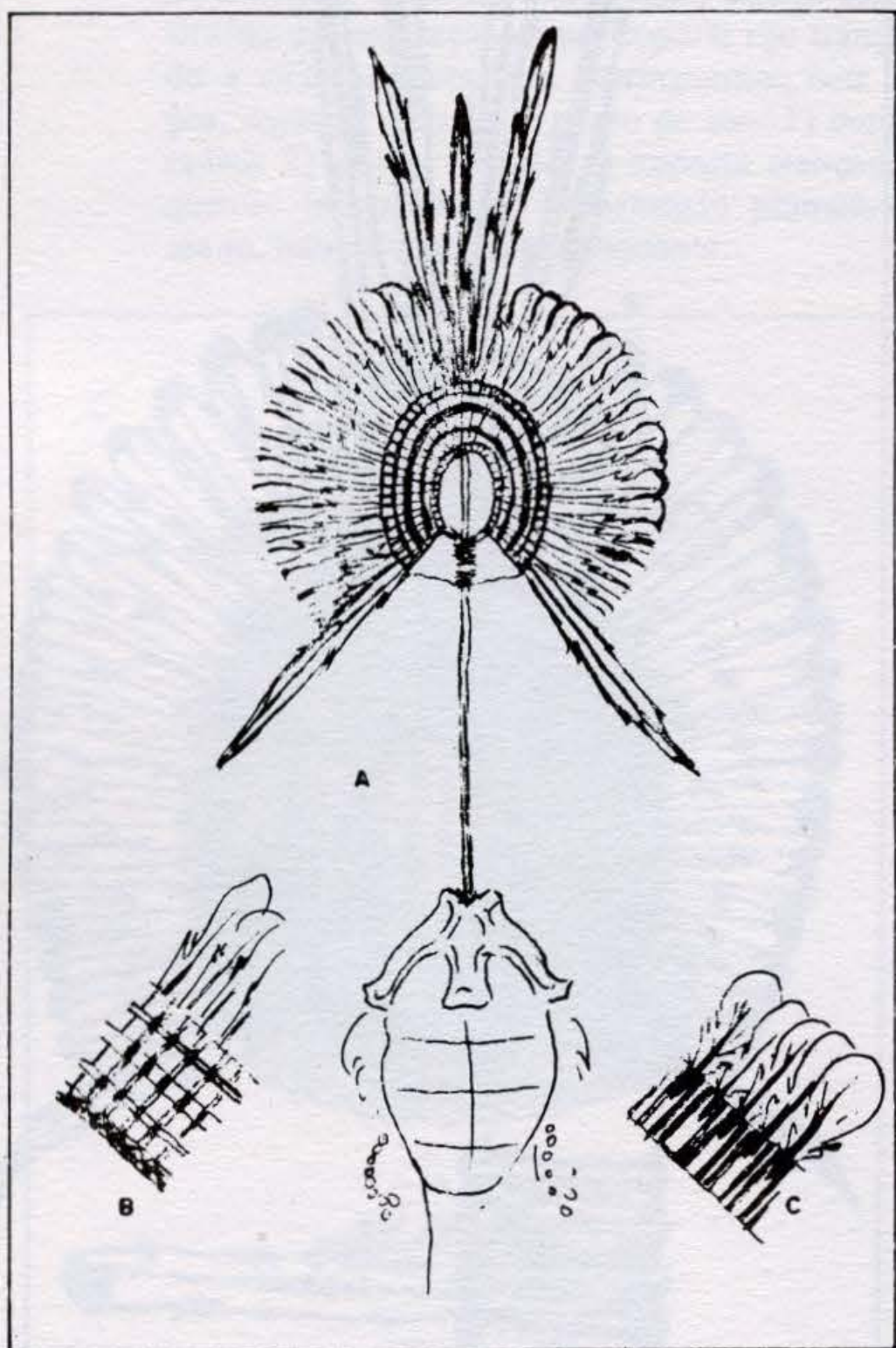
DIADEMA HORIZONTAL

Def. Adorno plumário em forma de diadema usado horizontalmente na cabeça como um pára-sol.
Sin. Viseira emplumada
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)

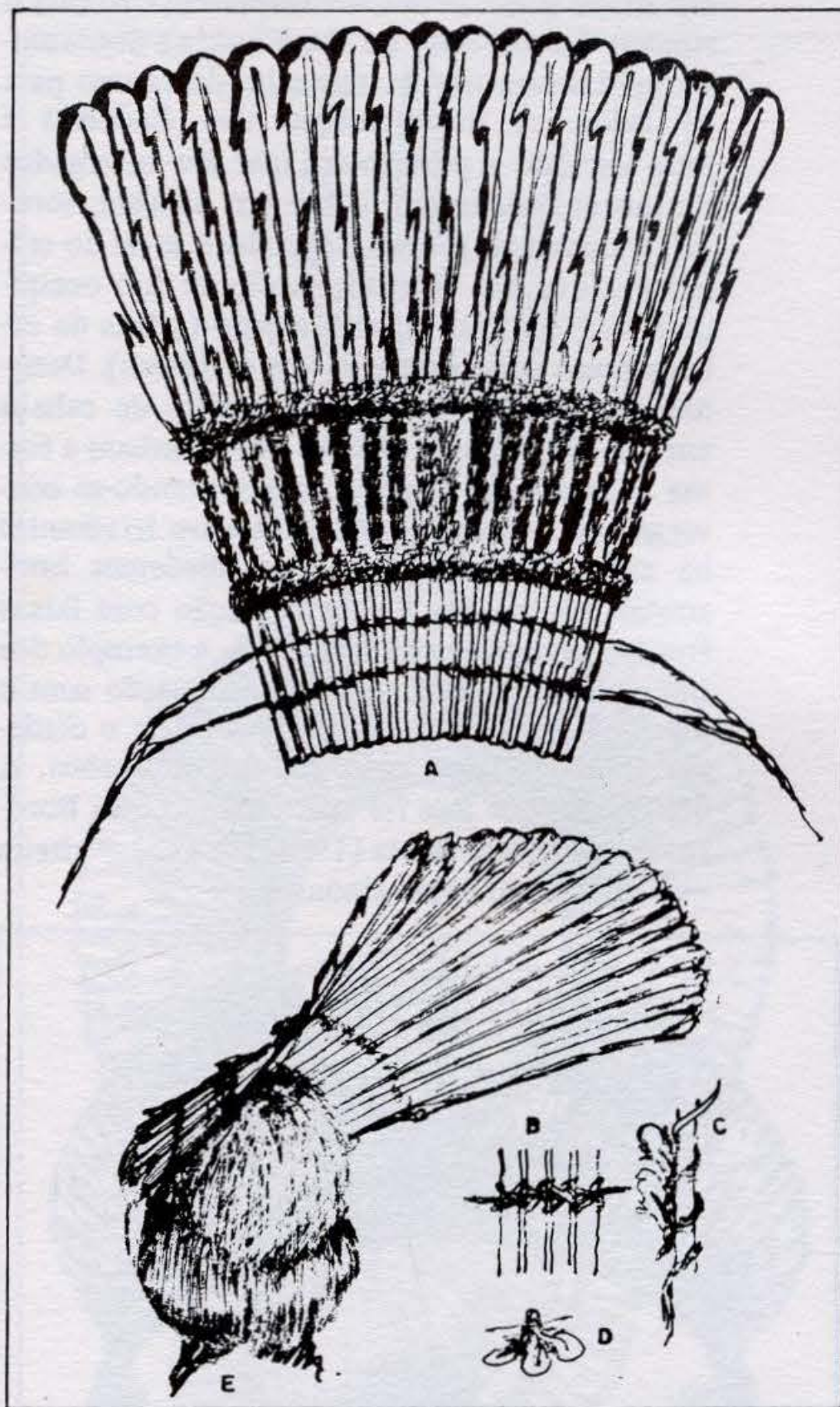
DIADEMA OCCIPITAL ROTIFORME

Def. Diadema rotiforme em que as penas são inseridas num suporte duplo trançado em forma de ferradura. É usado no occipício à maneira do resplendor das figuras de santo.
Sin. Resplendor
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)
T. Rel. Diadema rotiforme alçado
Diadema verticial rotiforme
Leque do occipício
Toucado

DIADEMA ROTIFORME ALÇADO

Def. Ornato em forma de diadema rotiforme alçado sobre solidéu de cera ou de trançado ajustado à cabeça.
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)
T. Rel. Diadema occipital rotiforme
Diadema verticial rotiforme

Diadema rotiforme alçado. Índios Mentuktíre, M.N. nº 39.275. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça e modo de usá-la. B. Detalhe da fixação dos roletes que sustentam as penas. C. Detalhe do encastoamento das penas.

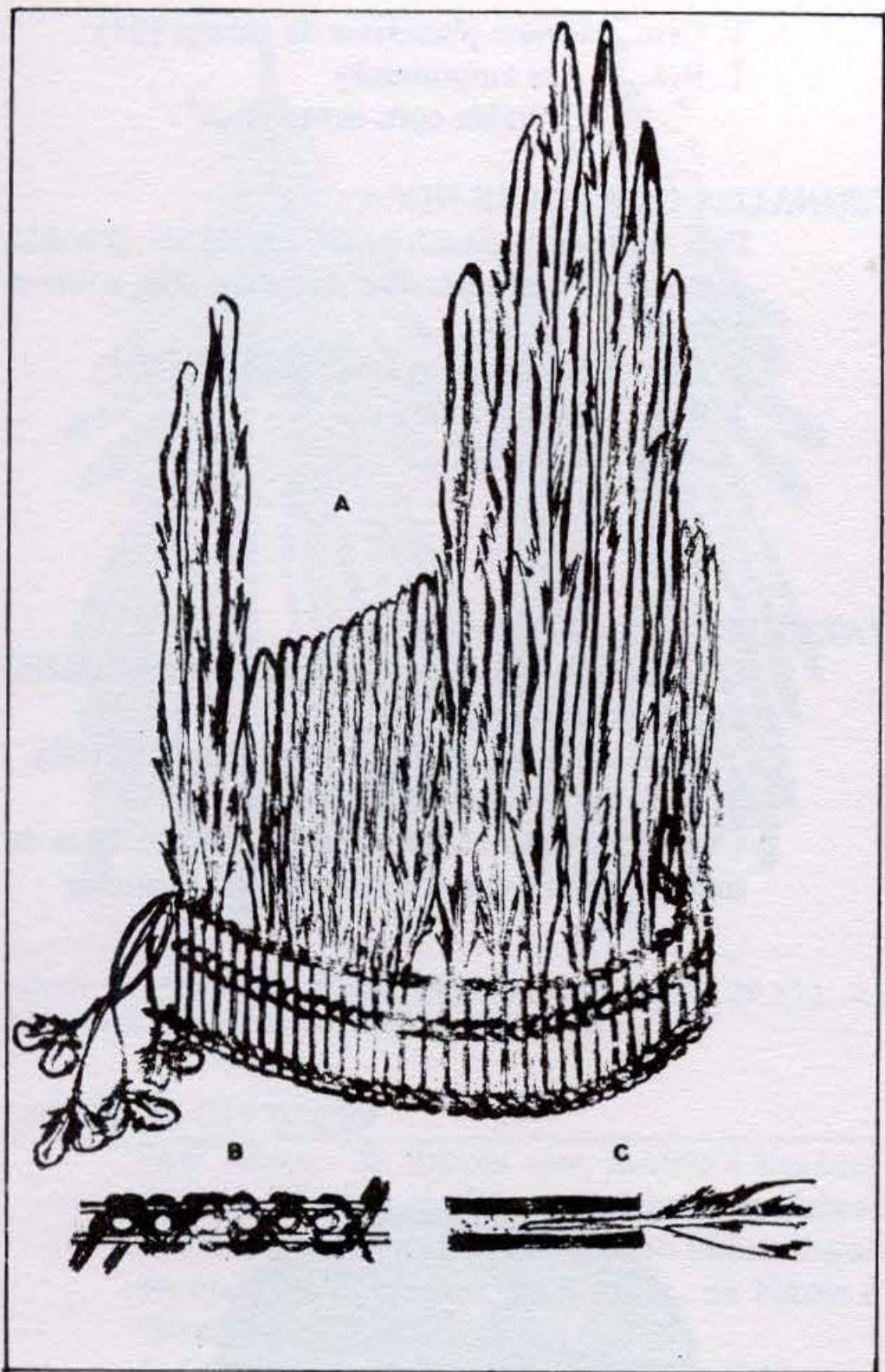
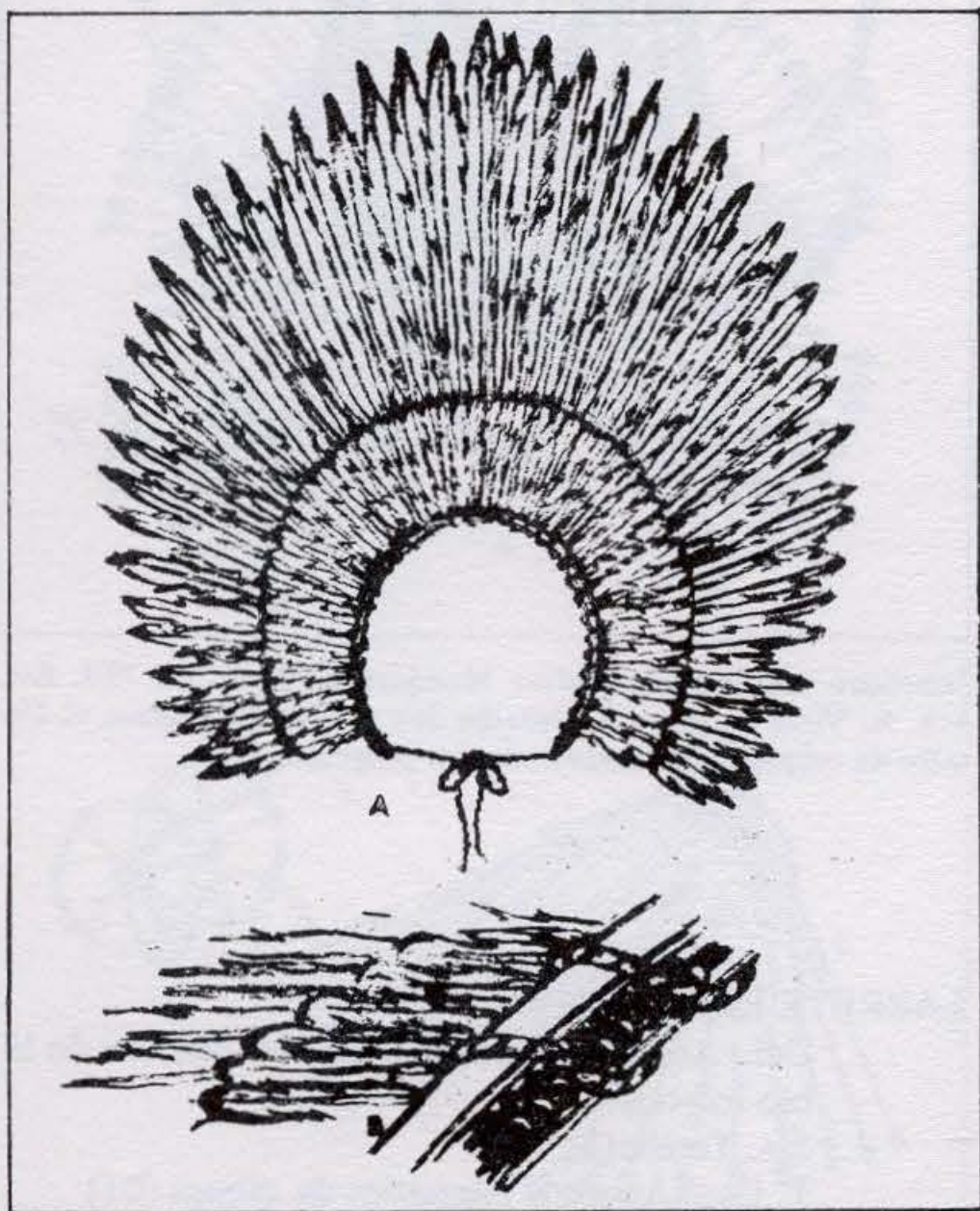
DIADEMA TRANSVERSAL

Def. Ornato em forma de diadema usado obliquamente na cabeça em sentido anteroposterior. É usado pelos Borôro em combinação com o diadema horizontal e o diadema verticial rotiforme.
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)

Diadema transversal. Índios Borôro, M.I. nº 582. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Modo de junção das varetas de fixação das penas longas. C. Emplumação em pétala dessas varetas. D. Emplumação arminhada das varetas. E. Modo de uso.

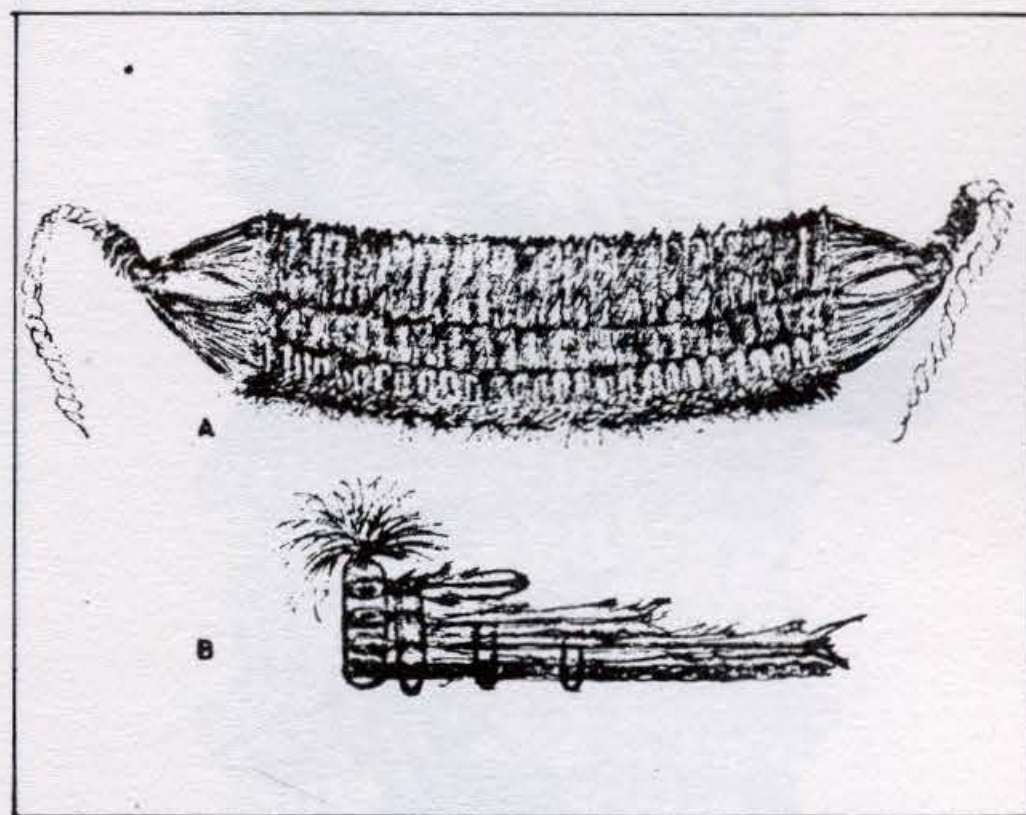
DIADEMA VERTICAL

Def. Ornamento plumário em forma de diadema usado na fronte em posição vertical.
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)
T. Rel. Diadema verticial rotiforme

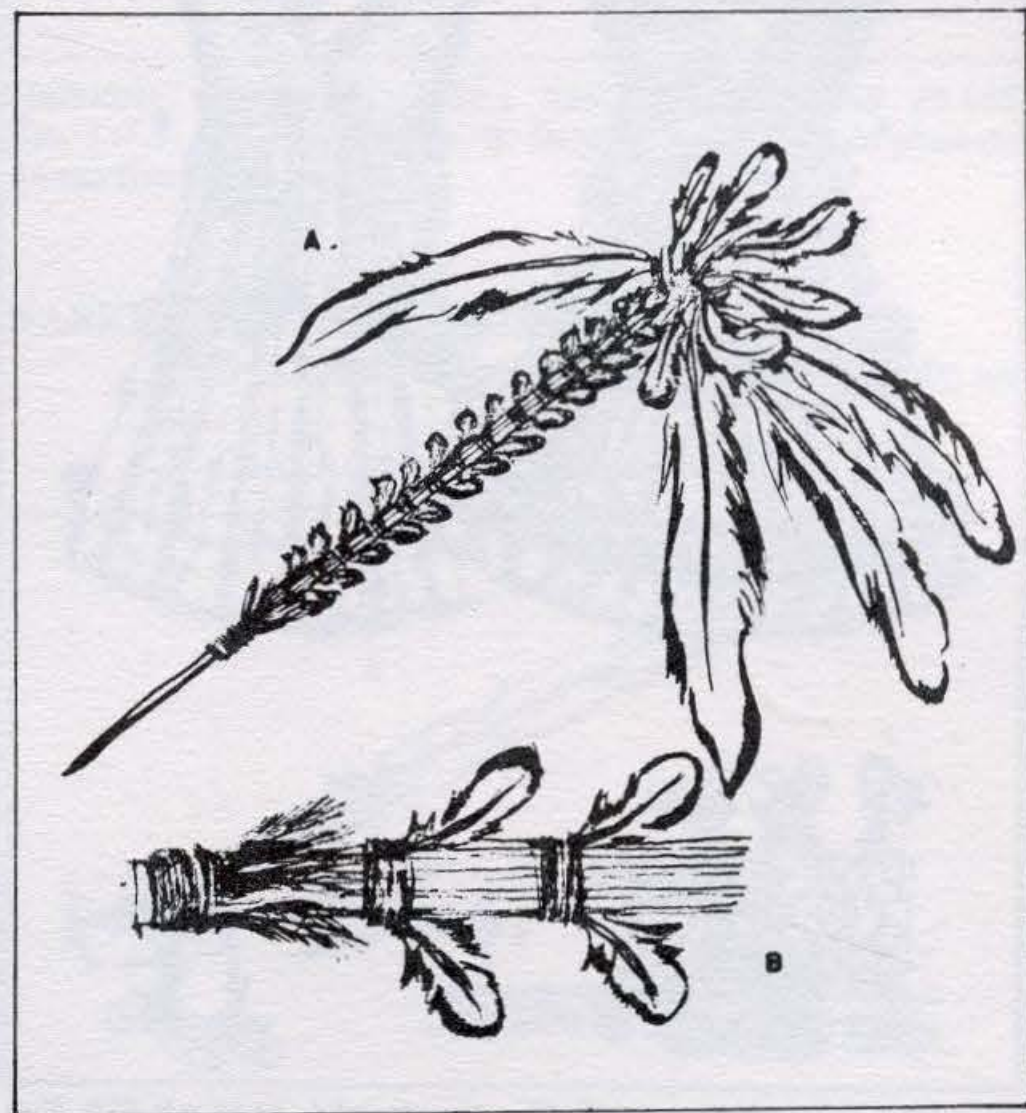
DIADEMA VERTICIAL ROTIFORME

Def. Diadema rotiforme, usado na altura do vértex, com as penas ornamentais irradiantes inseridas em suporte semicircular.
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)
T. Rel. Diadema vertical

Diadema vertical. Índios Mentuktíre, M.N. nº 38.295. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da amarração dos roletes do suporte (camada inferior). C. Detalhe do encastoamento das penas.

Diadema verticial rotiforme. Índios Borôro, M.N. nº 4.721. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação das fieiras de penas entre si.

FAIXA FRONTAL EMPLUMADA

Def. Tira ou faixa emplumada, que se usa na fronte, amarrada no occipício, em combinação, no caso dos índios Tukâno, com placa occipital emplumada, ou diadema horizontal sobre coroa trançada, no caso dos índios do alto Xingu.
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)
T. Rel. Testeira emplumada

Faixa frontal. Índios Tukâno, M.N. nº 14.810. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação das fieiras de penas entre si.

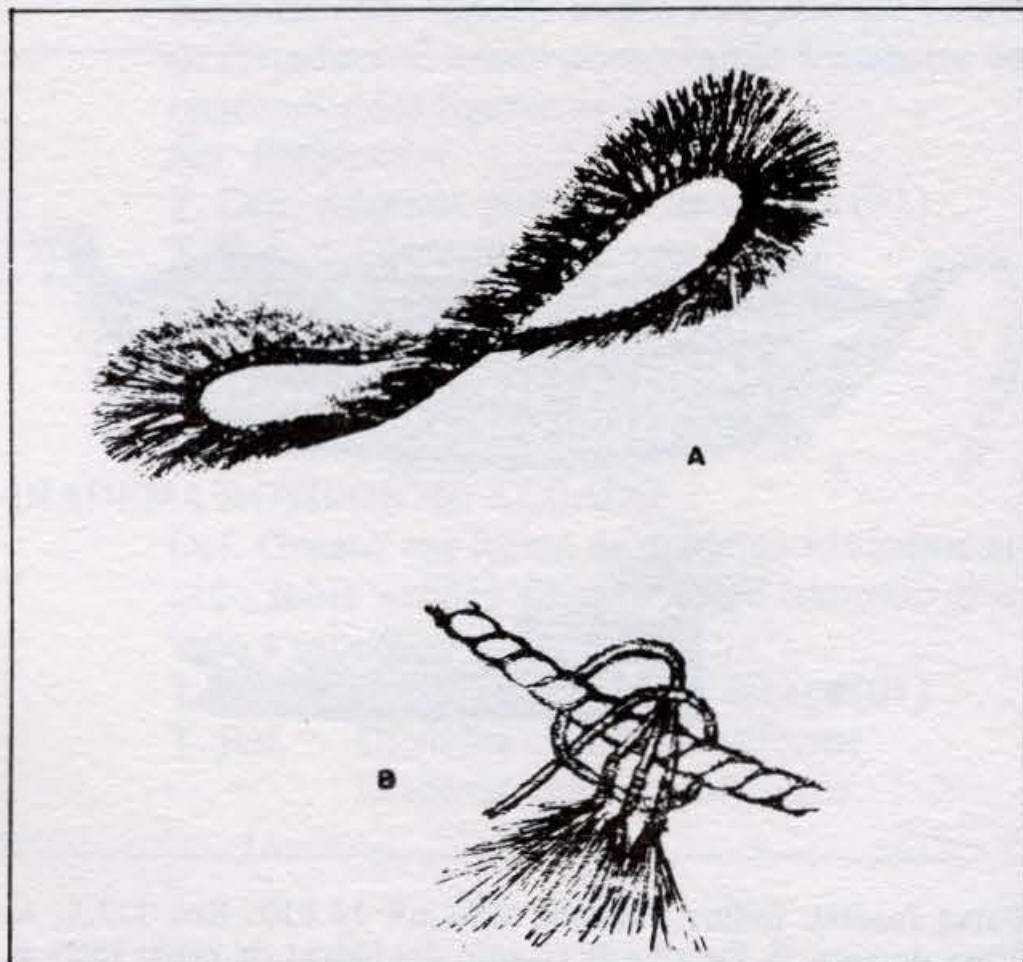
GRAMPO DA CABELEIRA

Def. Arranjo plumário que encima uma haste cuja ponta oposta é enfiada no coque.
Sin. Alfinete da cabeleira
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)
T. Rel. Pingente da cabeleira

Grampo da cabeleira. Índios Borôro, M.N. nº 28.913. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da emplumação da haste.

GRAMPO DA FRONTE

Use: PENACHO ALÇADO NA FRONTE

GRINALDA

Def. Enfeite plumário em forma de festão. Rodeia a cabeça sustentado sobre base flexível de tecido ou cordéis.

Grinalda. Índios Guajajara, M.N. nº 33.278. Esc. 1:3. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação dos tufos de plumas à base.

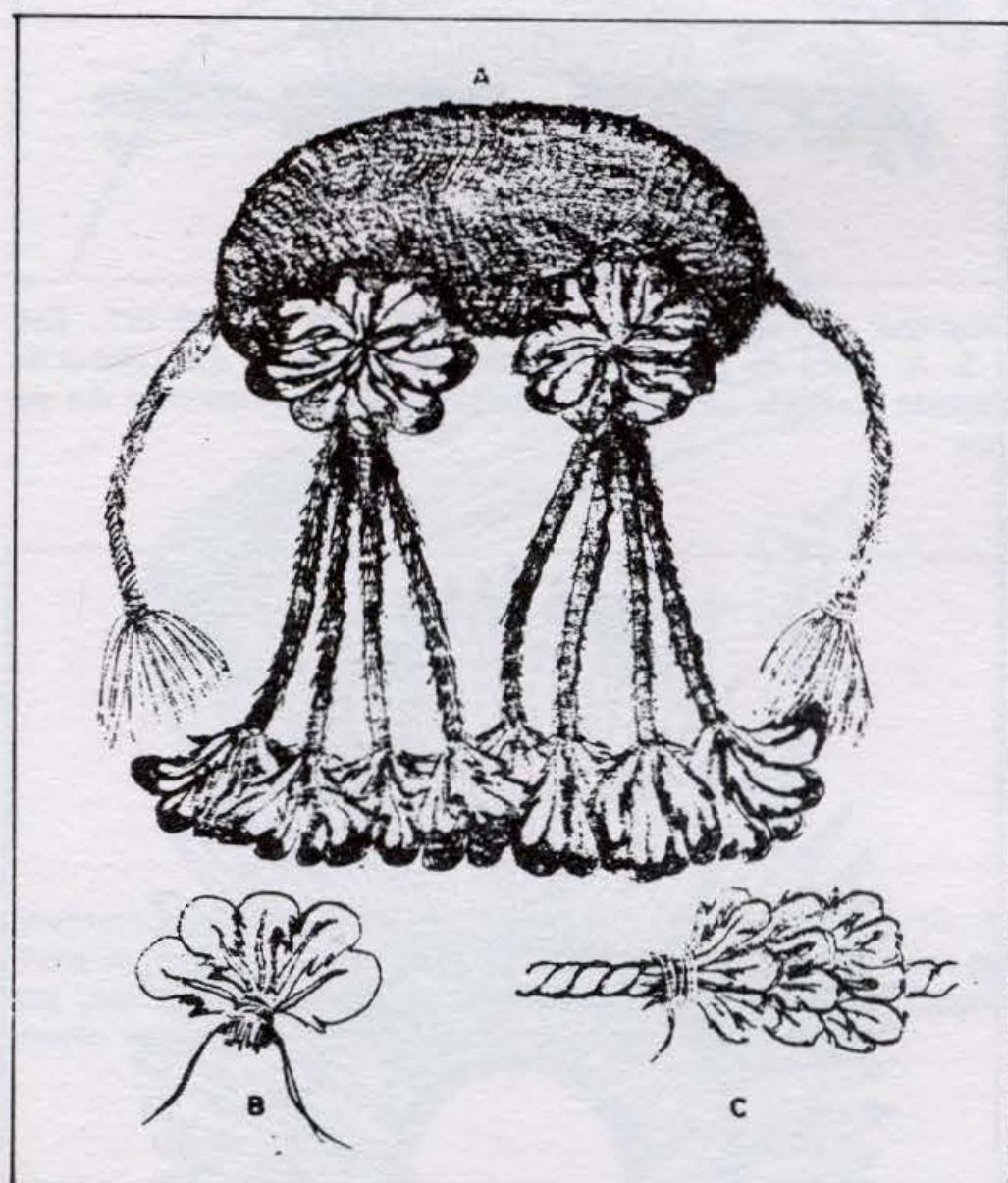
Grinalda com cobre-nuca. Índios Mundurukú, M.N. nº 759. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Verso da peça: tecido sarjado. C. D. Detalhe da fixação dos tufos de plumas ao tecido. E. Detalhe da fixação dos tufos de plumas às penas longas do cobre-nuca.

T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)
T. Rel. Aro emplumado
Grinalda com cobre-nuca

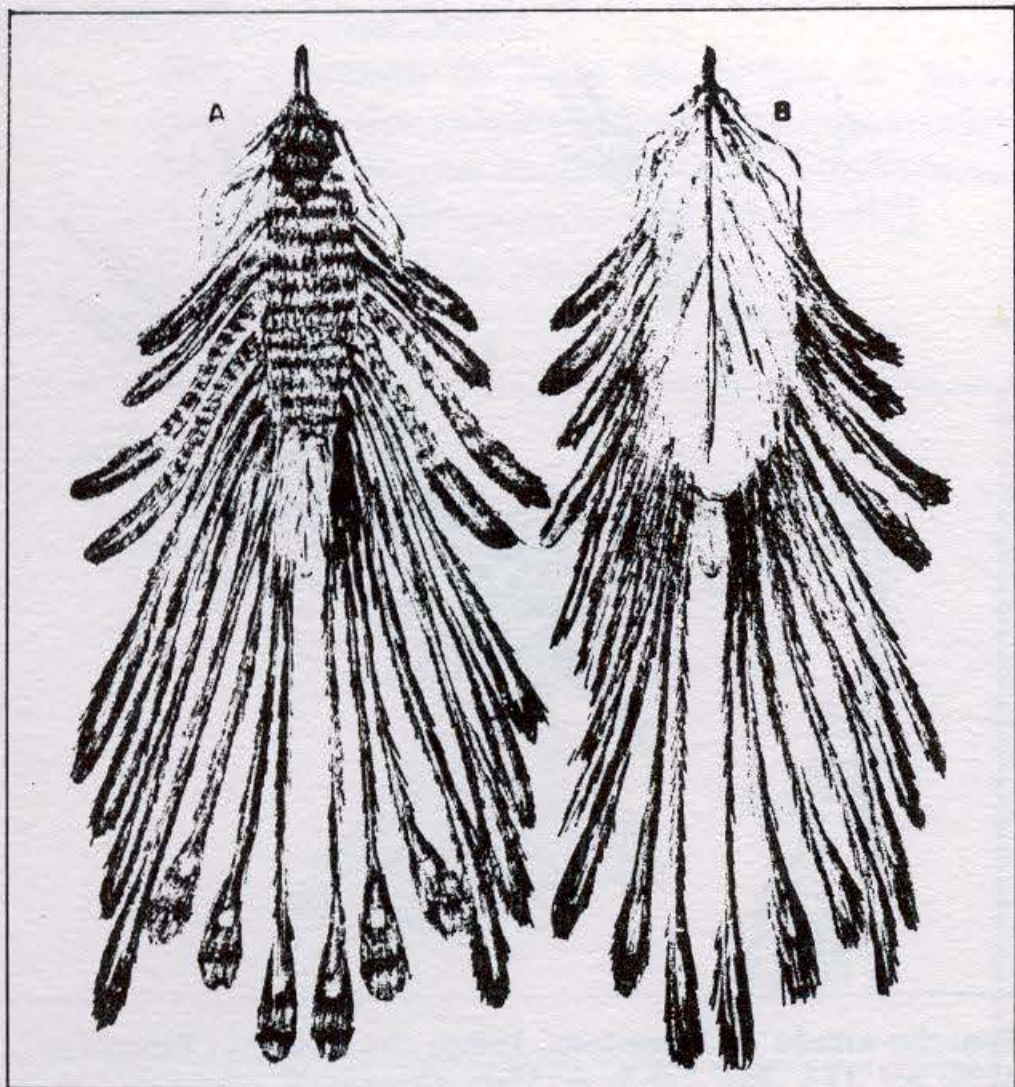
GRINALDA COM COBRE-NUCA

Def. Enfeite plumário em forma de grinalda provido de um apêndice de penas que cobrem a nuca.
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)
T. Rel. Aro emplumado
Grinalda

JARRETEIRA EMPLUMADA

Def. Enfeite plumário que cinge a perna imediamente abaixo do joelho.
T. Gen. Adornos plumários dos membros (02)
T. Rel. Tornozeleira emplumada
Consulte: 30 Cordões e tecidos, 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador

Jarreteira emplumada. Índios Mundurukú, M.N. nº 770. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe dos molhos de plumas. C. Detalhe da emplumação embricada dos pingentes.

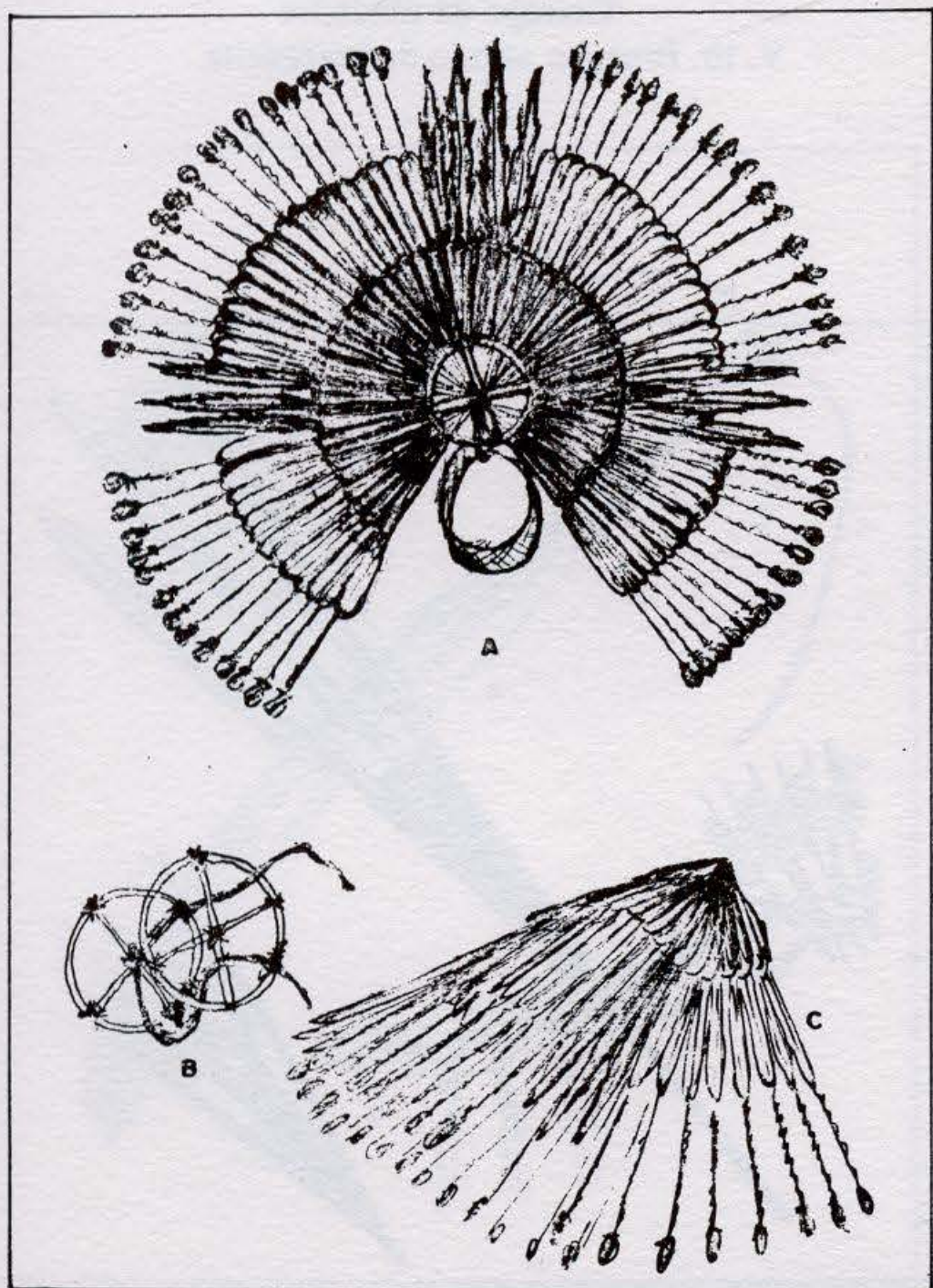
LABRETE EMPLUMADO

Def. Adorno plumário usado no orifício do lábio inferior.
Sin. Tembetá
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)
T. Rel. Ornatos emplumados da face
Consulte: 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador

Labrete emplumado. Índios Urubus-Kaapor, M.N. 29.532. A. Vista da peça no anverso. B. Vista no reverso.

LEQUE DO OCCIPÍCIO

Def. Adorno de cabeça que, devido à ligadura flexível e à superposição parcial das penas, abre-se e fecha como um leque. Aberto assemelha-se ao diadema rotiforme, lembrando, na forma e estrutura, a cauda do pavão.

T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)

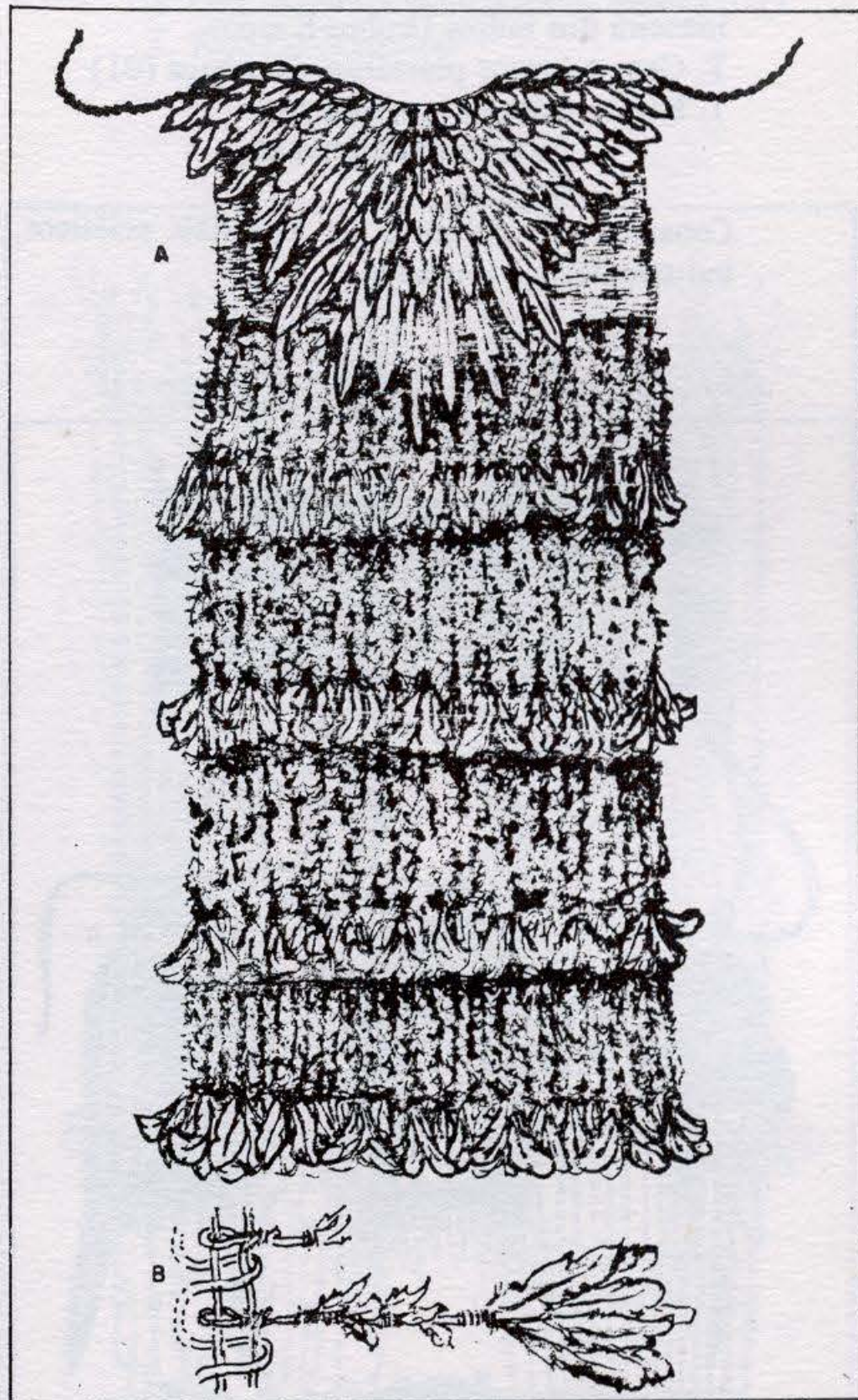
T. Rel. Diadema occipital rotiforme
Toucado

Leque do occipício. Índios Karajá, M.N. nº 39.983. Esc. 1:6,5. A. Vista da peça. B. Detalhe dos discos que mantém o leque alçado no occipício. C. Detalhe da peça semi-fechada.

MANTELETE EMPLUMADO

Def. Ornato plumário sustentado à volta do pescoço, repousando sobre os ombros, dorso e peito.

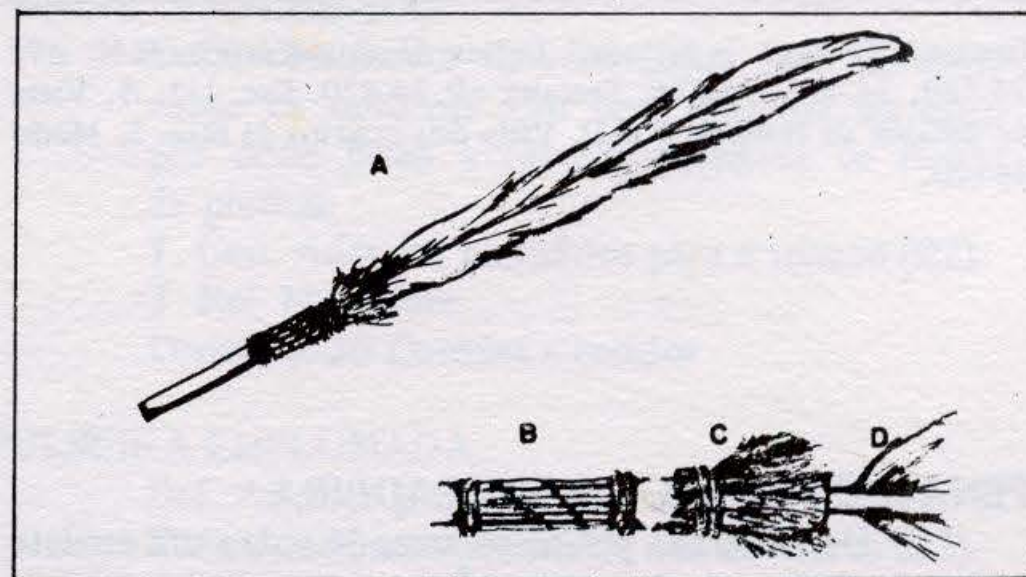
T. Gen. Adornos plumários do tronco (02)

T. Rel. Poncho emplumado

Consulte: 30 Cordões e tecidos

Mantelete emplumado. Índios Xamakôko, M.N. nº 22.168. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe das fieiras de plumas e de sua fixação ao tecido.

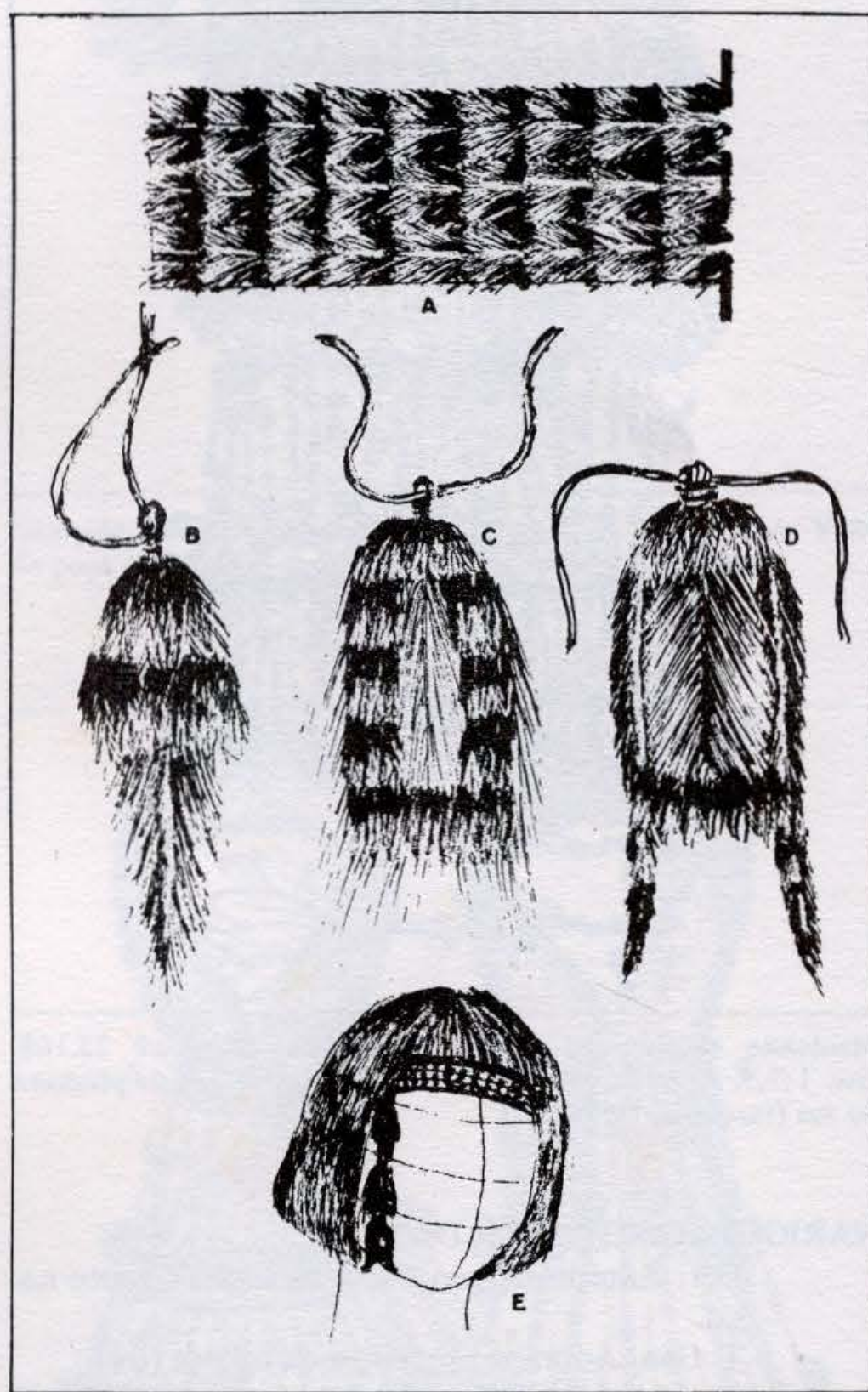
NARIGUEIRA EMPLUMADA

Def. Adorno de penas que atravessa o septo nasal.

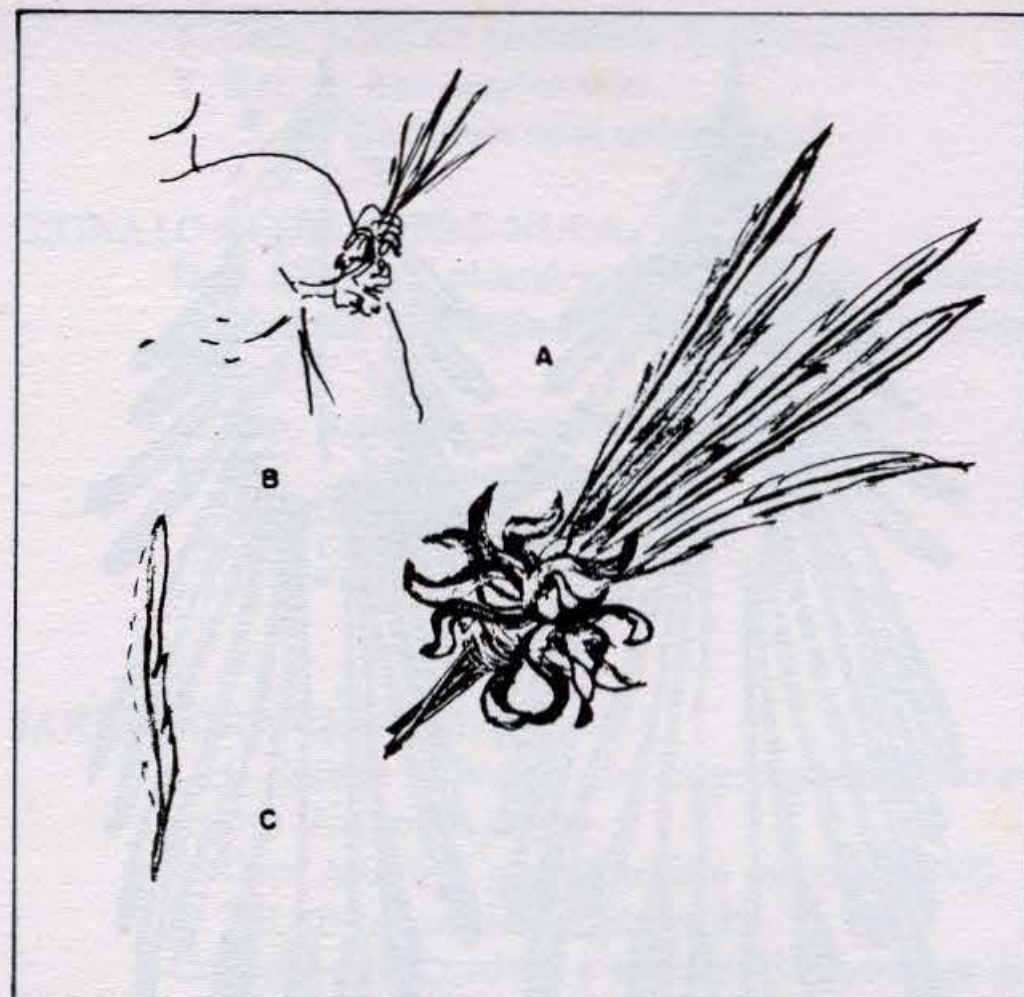
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)

Narigueira emplumada. Índios Nambikuára, M. N. nº 12.091. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. C. Detalhe do trançado com espinho de ouriço e do acabamento com plumas do rolete de taquara. D. Detalhe do encastoamento de pena longa no rolete.

T. Rel. Ornato emplumado da face
Consulte: 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador

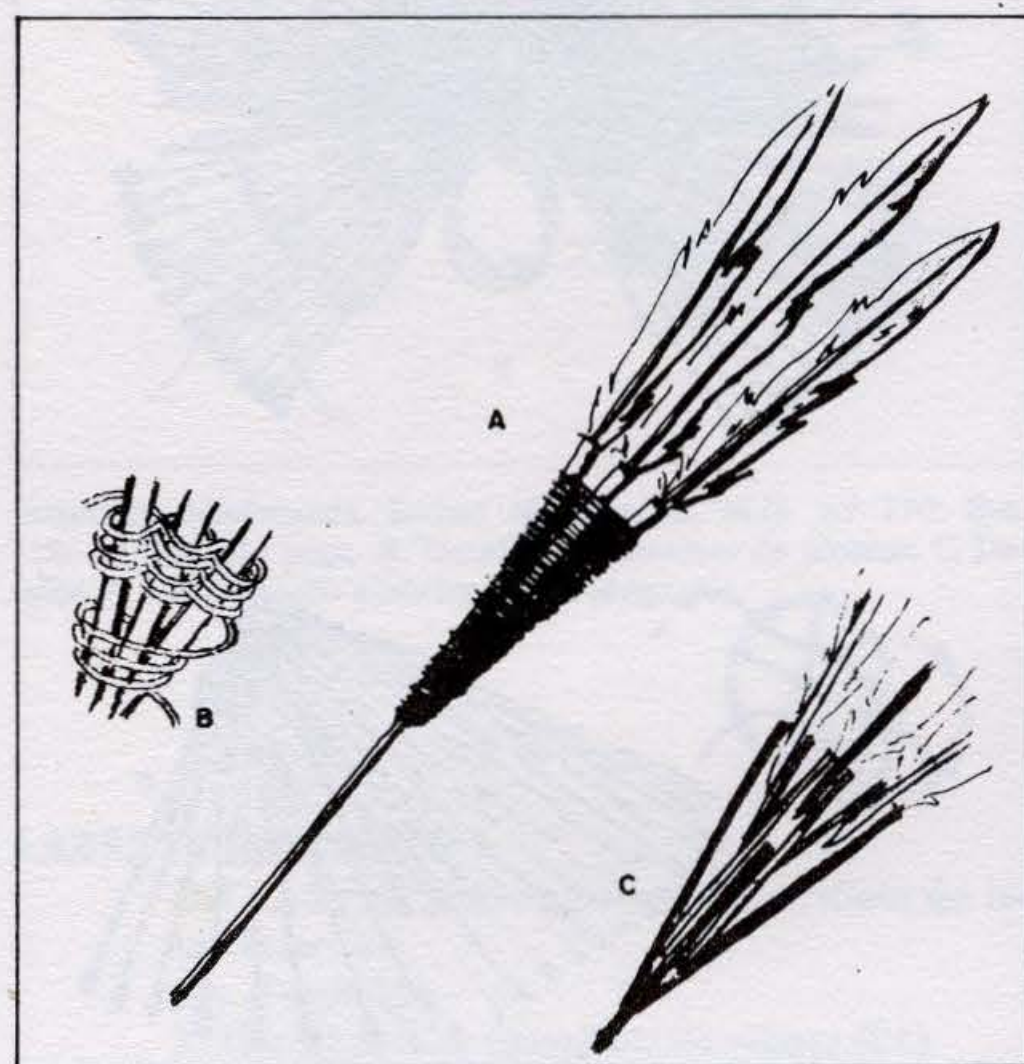
ORNATO EMPLUMADO DA FACE

Def. Adereço plumário que se adere à face, à maneira dos índios Urubus-Kaapor.
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)
T. Rel. Labrete emplumado
Narigueira emplumada
Testeira
Consulte: 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador

Ornatos da face e testeira. Índios Urubus-Kaapor M.N. nºs 24.480, 24.478, 24.476. Testeira nº 24.470. Esc. 1:1. A. Vista de detalhe da testeira. B.C.D. Vista dos ornatos da face. E. Modo de uso.

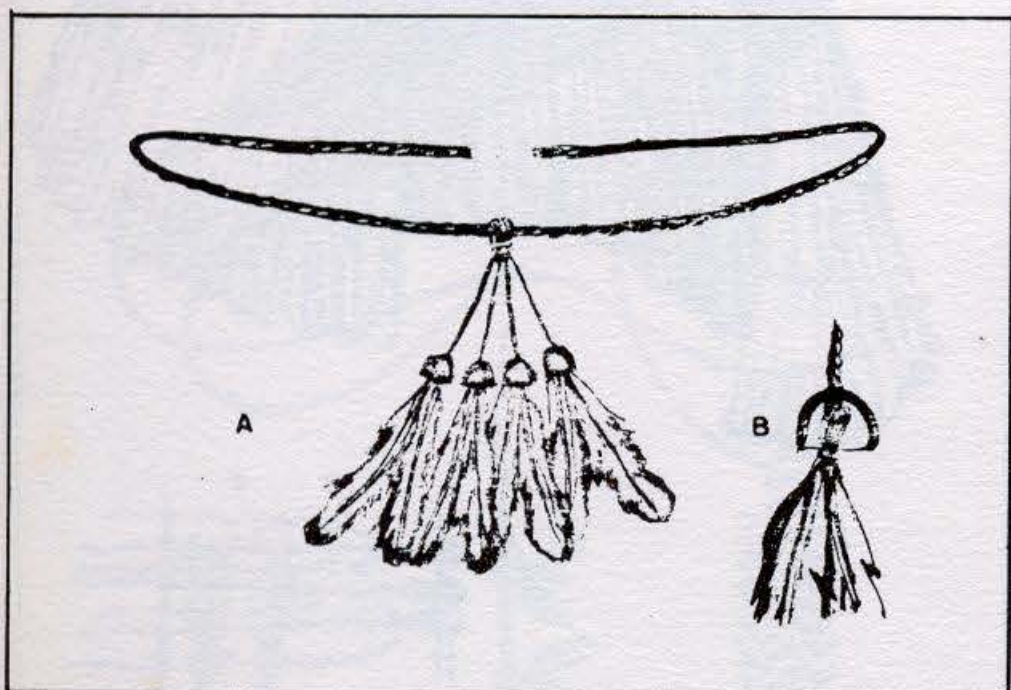
PENACHO ALÇADO DA BRAÇADEIRA

Def. Ornato plumário armado sobre um estilete usado na altura do bíceps em posição vertical preso na braçadeira.
T. Gen. Adornos plumários dos membros (03)
V. tb. Penacho alçado na fronte

Penacho alçado da braçadeira. Índios das Guianas (Yanomâmi?) M.N. nº 233. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Modo de uso da peça. C. Detalhe do corte longitudinal das penas situadas junto ao estilete-suporte.

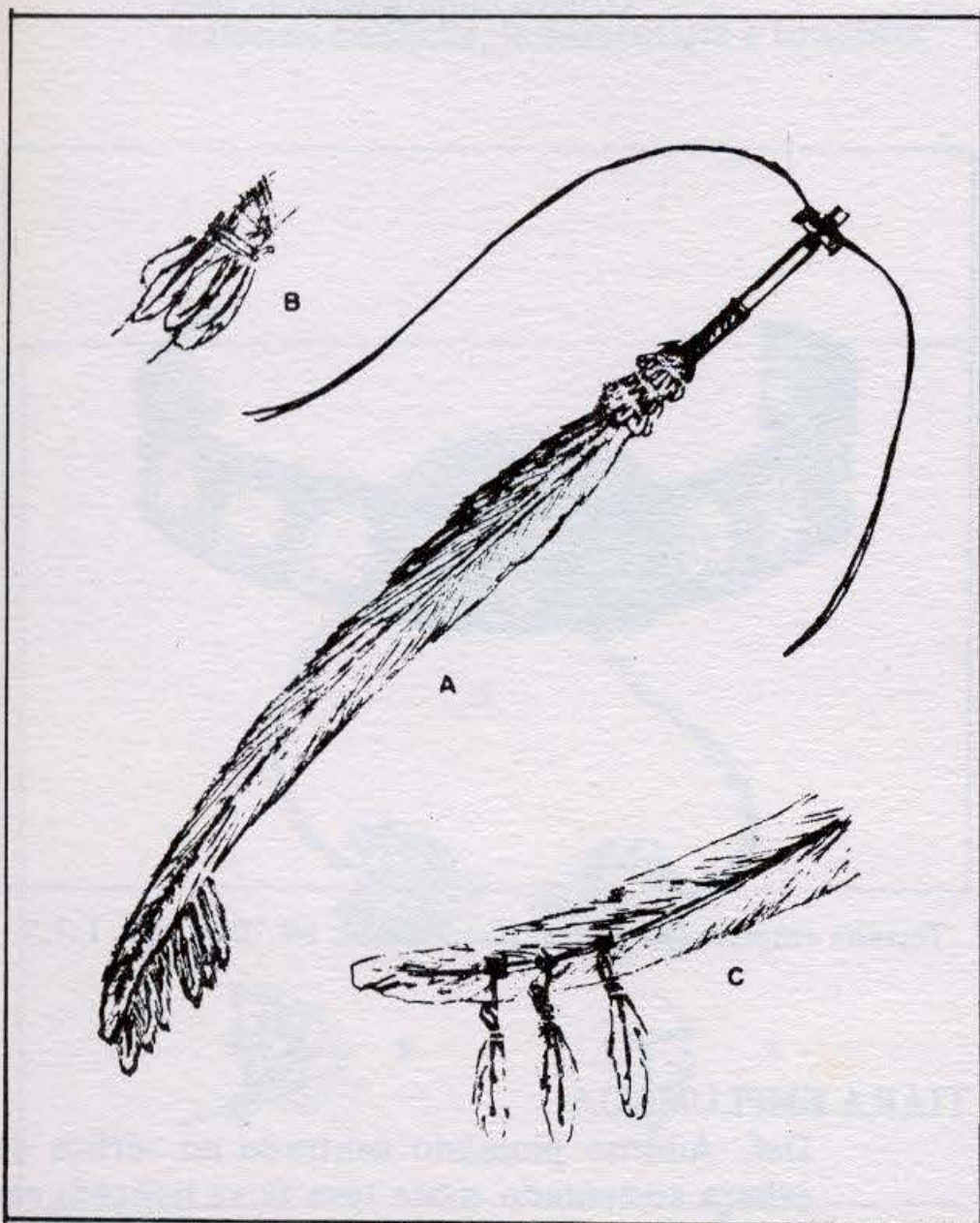
PENACHO ALÇADO NA FRONTE

Def. Adereço plumário fixado em estilete preso por um suporte na fronte.
Sin. Grampo da fronte
T. Rel. Diadema vertical
Grampo da cabeleira
V. tb. Penacho alçado da braçadeira

Penacho alçado na fronte. Índios Kayapó, M.N. nº 38.279. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação entre si dos roletes. C. Detalhe do encastoamento das penas.

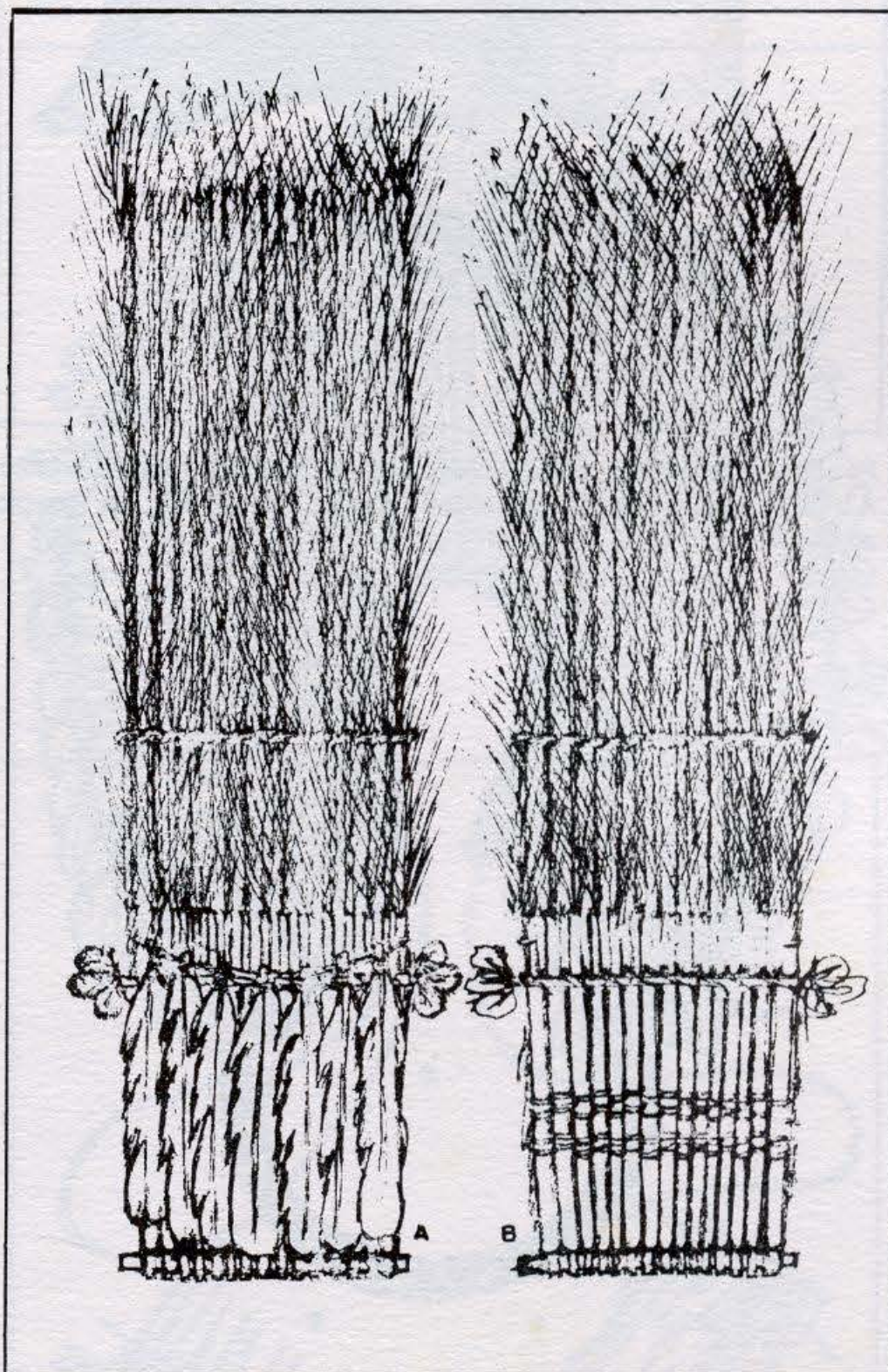
PINGENTE DA CABELEIRA

Def. Conjunto de tufos ou molhos de penas pendentes dos cabelos reunidos na nuca (índios Karajá) ou de uma longa trança (índios Waiwai).
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)
T. Rel. Grampo da cabeleira

Pingente da cabeleira. Índios Gorotíre-Kayapó, M.N. nº 38.272. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação dos tufos de plumas à semente.

PINGENTE DORSAL EMPLUMADO

Def. Adereço plumário pendente sobre o dorso, preso a um cordel ou outro suporte que enleia o pescoço.
T. Gen. Adornos plumários do tronco (02)
T. Rel. Colar emplumado

Pingente dorsal emplumado. Índios Mentuktíre, M. N. nº 40.048. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da emplumação em roseta. C. Detalhe da fixação de plumas à pena longa.

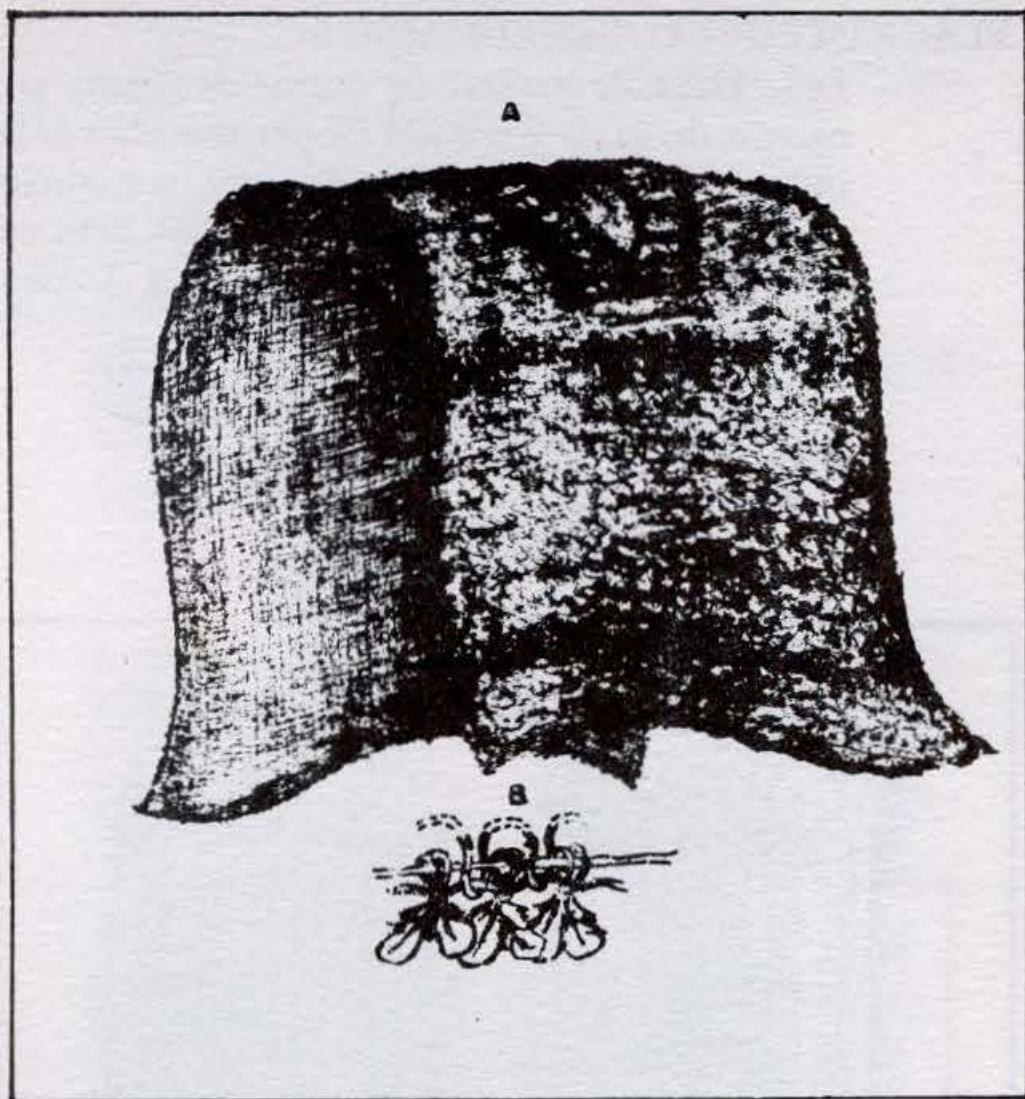
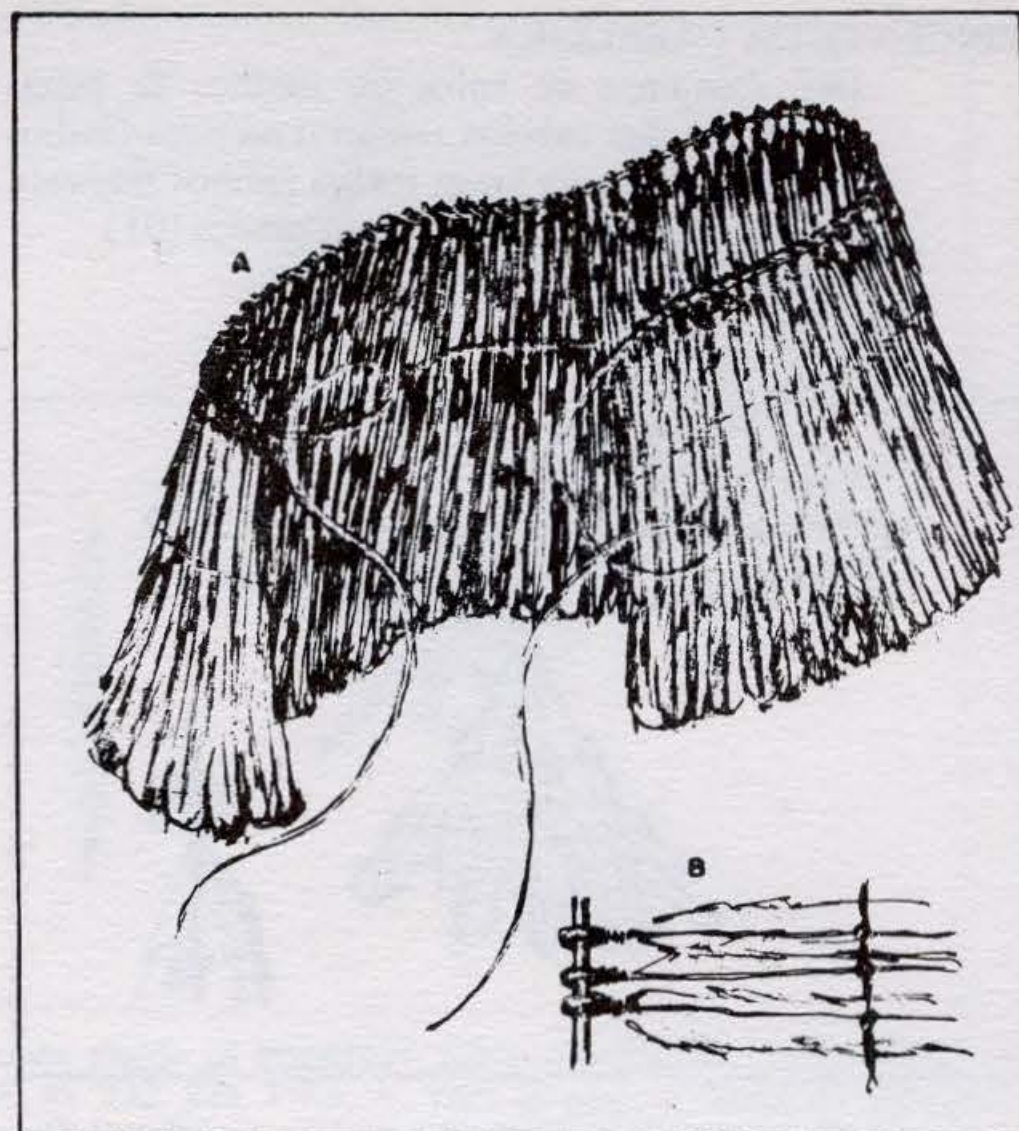
PLACA OCCIPITAL EMPLUMADA

Def. Placa de varetas de arumã encimada por egretas de garça e ornada de penas e plumas de outra ave. Usada na altura da nuca, em combinação com a faixa frontal, e, às vezes, com um penacho na horizontal, pelos grupos Tukâno e Baníwa do alto rio Negro.
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)
T. Rel. Faixa frontal

Placa occipital emplumada. Índios Tukâno, M.N. nº 24.364. Esc. 1:5. A. Vista da peça no anverso. B. Vista do Reverso.

PONCHO EMPLUMADO

Def. Vestimenta quadrangular, que descansa sobre os ombros, com uma abertura no meio por onde passa a cabeça, revestida de fieiras de plumas.
T. Gen. Adornos plumários para o tronco (02)
T. Rel. Mantelete
Consulte: 30 Cordões e tecidos

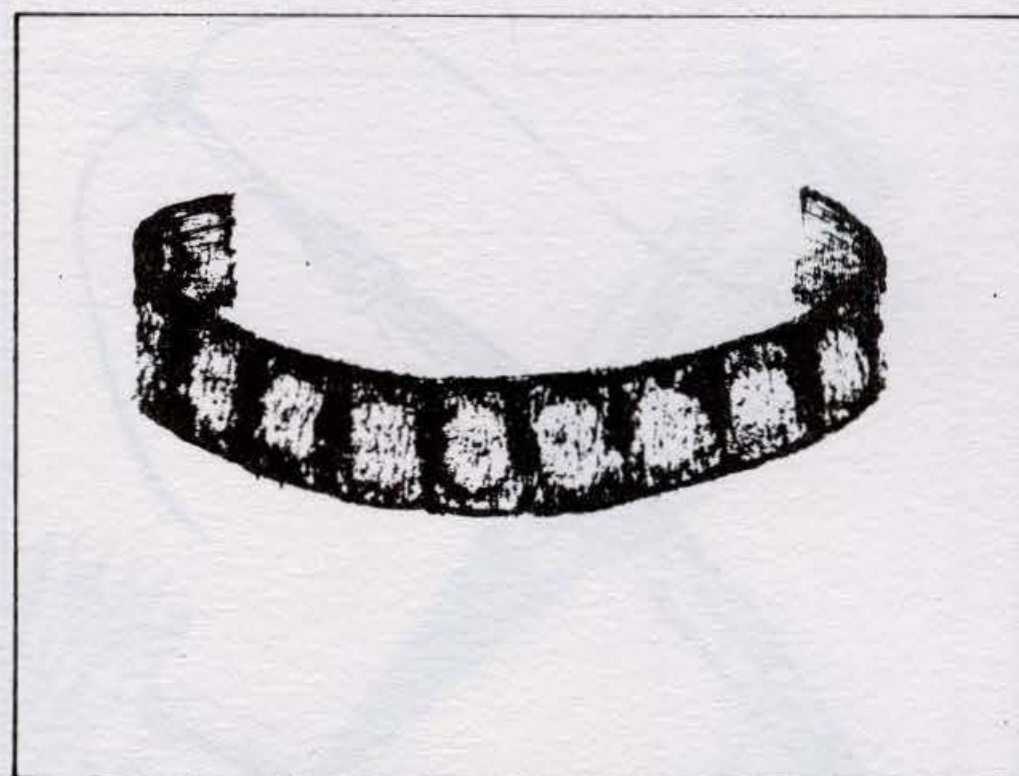
PULSEIRA EMPLUMADA

Def. Adereço plumário que cinge o pulso.
T. Gen. Adornos plumários dos membros (03)
T. Rel. Braçadeira emplumada
Consulte: 20 Trançados, 30 Cordões e tecidos, 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador

Poncho emplumado. Índios Guajajara, M.N. nº 2.956. Esc. 1:20. A. Vista da peça. B. Detalhe das fieiras de plumas e sua fixação ao tecido.

Saiote emplumado. Índios Kayabí, M.N. nº 17.509. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação das 85 penas de mutum com 32 cm de comprimento.

Pulseira emplumada. Índios Kaapor, M.N. nº 24.633. Esc. 1:2,5.

TESTEIRA EMPLUMADA

Def. Fita de pano ou líber à qual são coladas peles com as respectivas plumas da cabeça de saís. Na face interna, a tira é revestida de uma leve camada de látex que, quando aquecida, derrete, aderindo à pele. Encontrada apenas entre os índios Urubus-Kaapor.

T. Rel. Faixa frontal emplumada
Ornato emplumado da face

Testeira emplumada. Índios Kaapor, M.I. nº 7080. Esc. 1:2,5.

RESPLENDOR

Use: DIADEMA OCCIPITAL ROTIFORME

SAIOTE EMPLUMADO

Def. Ornato plumário que cinge a cintura cobrindo a região perineal, a exemplo dos saiotes emplumados usados pelos índios Kayabí.

T. Gen. Adornos plumários do tronco (02)

SOBRECINTO

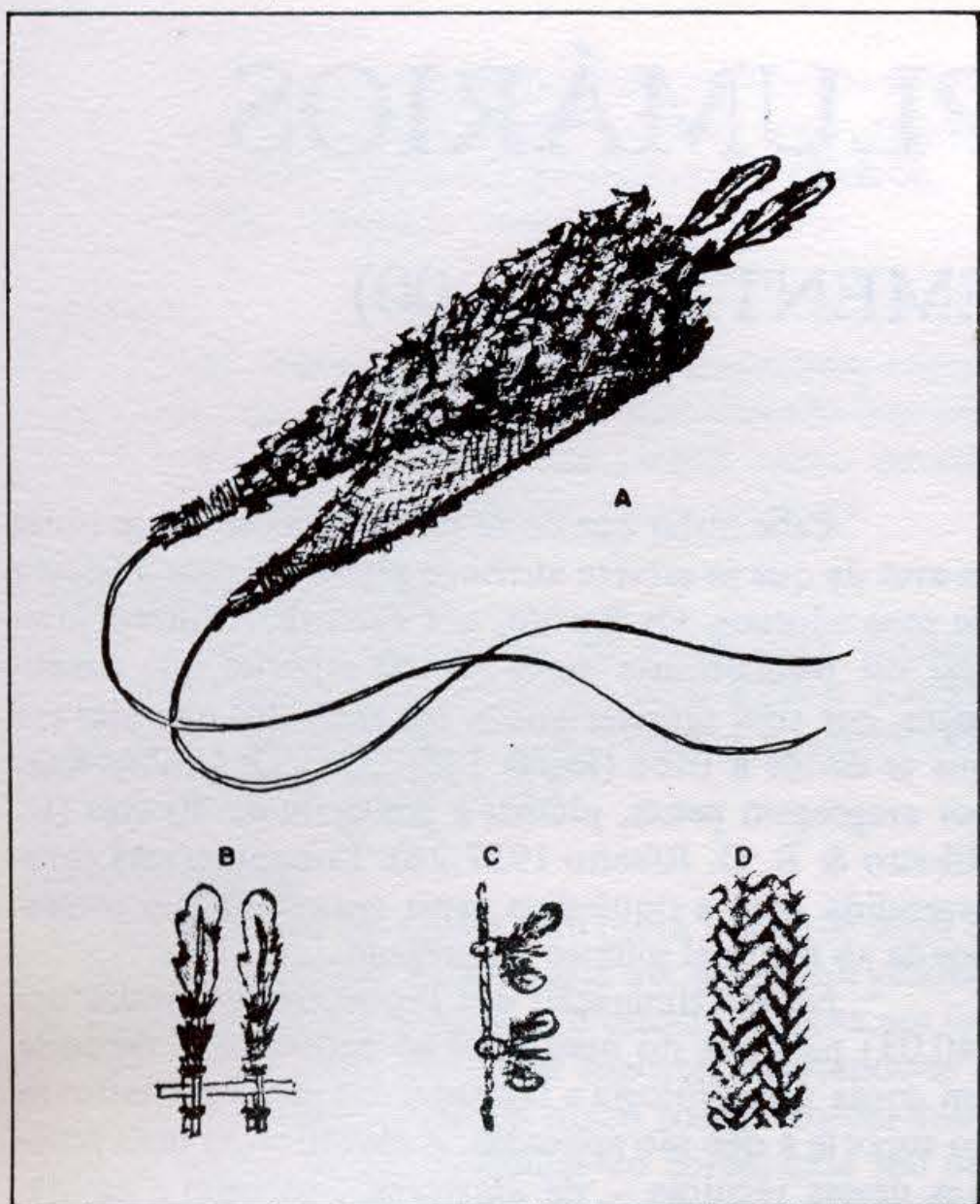
Use: CINTA EMPLUMADA

TEMBETÁ

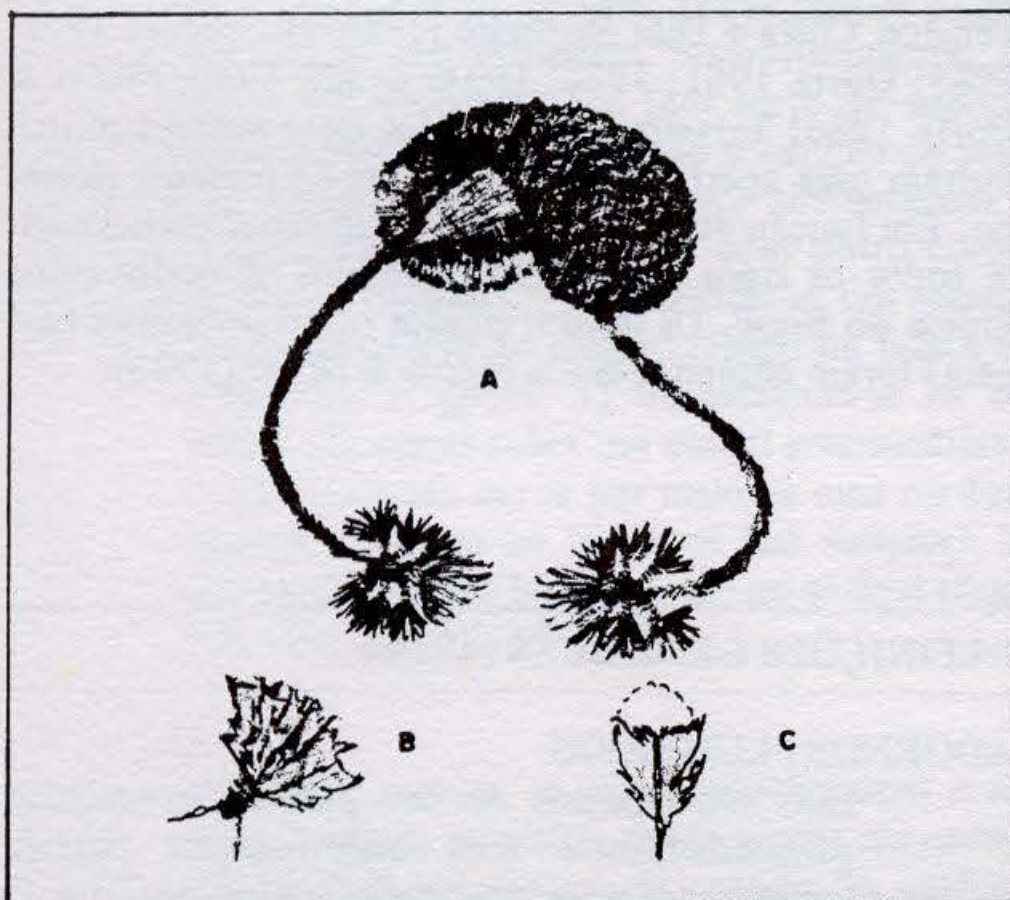
Use: LABRETE EMPLUMADO

TIARA EMPLUMADA

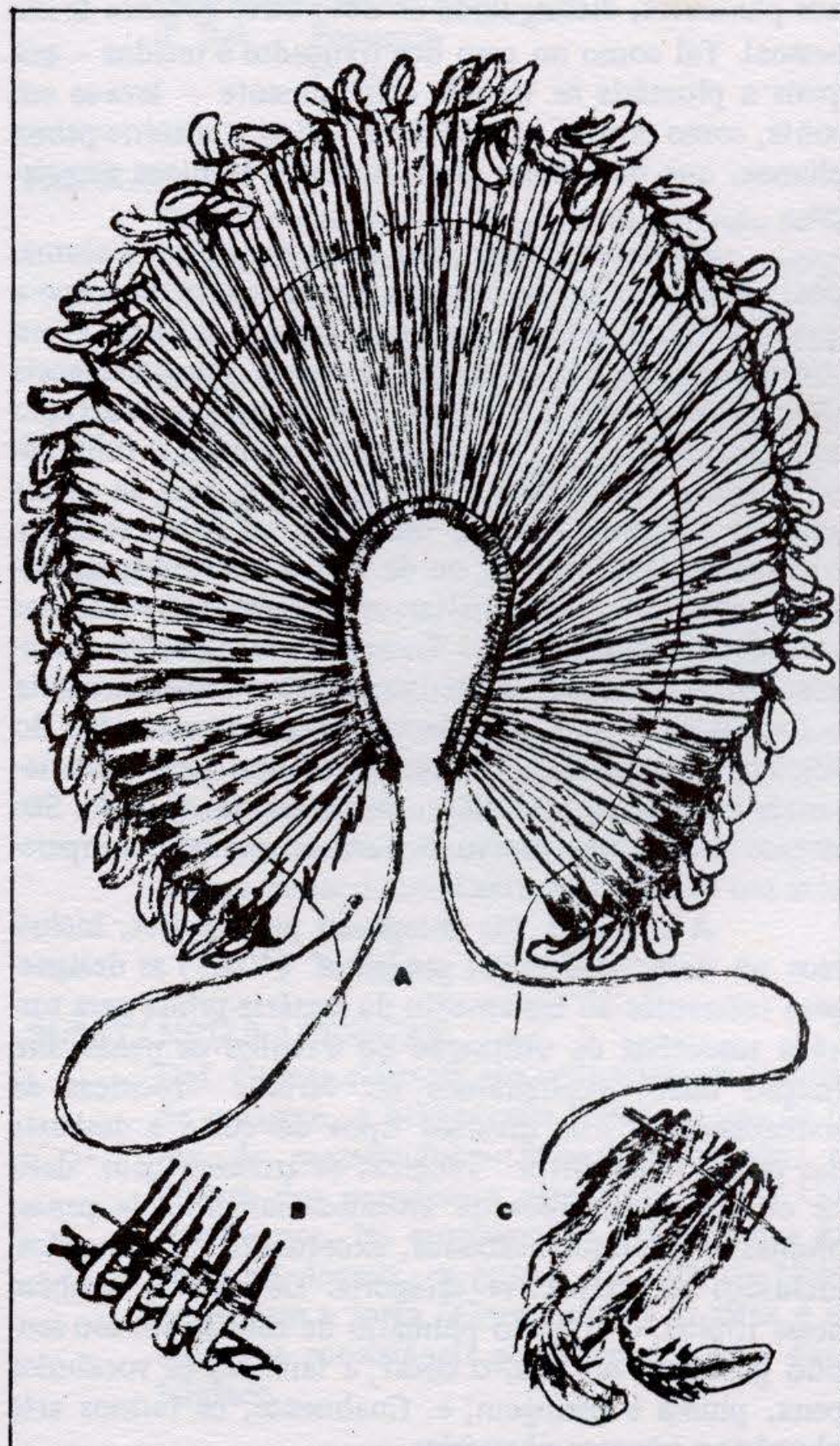
Def. Adorno plumário centrado no vértice da cabeça sustentado sobre uma faixa trançada em forma de calha. Comum entre os grupos da família lingüística Kayapó.

T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)

Tiara. Índios Mentuktíre, M.N. 38.265. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe do ornato central. C. Detalhe das fieiras constituintes. D. Detalhe do suporte trançado.

TORNOZELEIRA EMPLUMADA

Def. Ornato plumário que cinge o tornozelo.
T. Gen. Adornos plumários dos membros (02)
T. Rel. Jarreteira emplumada
Consulte: 30 Cordões e tecidos, 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador

Tornozeleira emplumada. Índios Mundurukú, M.N. nº 732. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe do molho de plumas. C. Detalhe do corte das plumas.

TOUCADO

Def. Adorno plumário usado no occipício, com as penas em posição radial, emoldurando a cabeça e prolongando-se pelo dorso até a cintura. Emprega-se o termo para designar o chapéu das freiras.
T. Gen. Adornos plumários da cabeça (01)
T. Rel. Diadema occipital rotiforme
Leque do occipício

Toucado. Índios Mentuktíre-Kayapó, M.N. nº 38.248. Esc. 1:6,5. A. Vista da peça. B. Detalhe de fixação dos canhões das penas sobre o cordel-base. D. Detalhe da fixação das penas da orla.

VISEIRA EMPLUMADA

Use: DIADEMA HORIZONTAL

40 ADORNOS PLUMÁRIOS

GLOSSÁRIO COMPLEMENTAR (40.00)

Não obstante fazerem parte de uma categoria mais abrangente, se se considera seu uso e função, decidimos elaborar uma nomenclatura específica para os adornos plumarios, distinguindo-os dos outros adornos de uso pessoal. Tal como no caso dos trançados e tecidos – aos quais a plumária se vincula estreitamente – leva-se em conta, como critério classificador básico, a matéria-prima plúmea, que determina procedimentos técnicos singulares.

Na determinação dos tipos de adornos plumários, assim como na de outros atavios, a parte do corpo a que se aplicam definem em certa medida, a forma e, em conseqüência, a nomenclatura do objeto. Dessa categoria são excluídos os artefatos que, não obstante a decoração com plumas e penas, esse elemento constitui o subsidiário e não a característica precípua. É o caso de certos adornos corporais tecidos, trançados ou feitos com outros materiais e técnicas; ou de alguns instrumentos musicais, armas, etc. Para evitar confusões com vocábulos contidos nas categorias 20 Trançados, 30 Cordões e tecidos, 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador, os que aqui se incluem são acrescidos do adjetivo "emplumado", por representar essa característica a qualidade definidora de maior significação. São isentos desse qualificativo os termos que não comparecem nas outras categorias.

A exemplo das categorias precedentes, incluímos no item "Definições genéricas" (40.01) as designações referentes ao tratamento da matéria-prima para torná-la suscetível de utilização no trabalho de penas. Em função disso, explicitamos no verbete "Técnicas de transformação", os diversos tipos de corte e desbaste das penas. O descritor "Técnicas de armazenagem "define os principais tipos de acondicionamento de penas, plumas e artefatos acabados, excetuados os trançados, incluídos na respectiva categoria. Definimos, também nesse tópico, o artefato plumário de cabeça em seu sentido genérico, ou seja, o cocar; e também os vocábulos pena, pluma e penugem; e, finalmente, os termos arte plumária e adornos plumários.

No tópico das Matérias-primas (40.02) relacionamos os nomes vulgares e científicos das aves de que se servem os plumistas indígenas para seus lavores, explicitando a parte do corpo da ave de que são retiradas as penas e plumas bem como o respectivo colorido. Essa lista foi revista pelo ornitólogo Pedro Ernesto Correia Ventura, do Museu Nacional. A identificação das aves foi feita por Helmuth Sick e Fernando Novais à vista das coleções do Museu Nacional, quando da elaboração do trabalho publicado em 1957 (B. G. Ribeiro 1957). As designações das cores foi determinada na mesma ocasião, sendo traduzidas do inglês do catálogo de Ridgway (1912). As matérias-primas dos cordames, talas e palhas utilizadas nas obras de penas não foram incluídas neste tópico, devendo ser consultadas no glossário complementar de Trançados (20.02) e Cordões e tecidos (30.02). Explicitam-se aqui algumas substâncias adesivas.

Cabe notar que dessa relação não constam todas as aves de que se servem as tribos plumistas para a feitura de seus adornos. Os Borôro, por exemplo, utilizam integral ou parcialmente cerca de 50 espécies que constituem, por suas características, insígnias dos oito clãs em que se divide a tribo (Horta 1986:228). Os Urubus-Kaapor empregam penas, plumas e penugem de 30 aves (D. Ribeiro & B. G. Ribeiro 1957:26). Tampouco está compreendida aqui a riquíssima gama cromática que corresponde ao material plúmeo empregado.

Na discriminação dos Processos de manufatura (40.03) partiu-se do mais geral ao particular, levando-se em conta a morfologia e tamanho das penas e a natureza do suporte a que são aplicadas. A classificação mais genérica dessas técnicas – de amarração, colagem e montagem – é detalhada em seus desdobramentos mais comumente encontrados na consulta às coleções e à bibliografia pertinente.

A presente classificação e terminologia correspondente baseia-se na que B. G. Ribeiro publicou em 1957, reeditada em 1986, onde se encontram as referências bibliográficas respectivas. Para a sua elaboração, além da consulta a estudos monográficos, procedeu ao estudo das coleções de 74 tribos plumistas dos acervos do Museu Nacional e Museu do Índio, representando as principais áreas culturais e as maiores famílias lingüísticas. Os conjuntos plumários dos Urubus-Kaapor, Mundurukú, Karajá, Borôro, grupos do alto Xingu, Apiaká, Mawé, Tapirapé, Tukâno, Guajajara e Tembé foram objeto de análise mais detida. Esse estudo intitulado "Bases para uma classificação dos adornos plumários dos índios do Brasil" serviu de apoio à monografia *Arte plumária dos índios Kaapor* (D. Ribeiro e B. G. Ribeiro 1957). A eles seguiram-se trabalhos que utilizaram, parcialmente, a nomenclatura citada, a saber: Velthem 1975; Fénelon Costa e Dias Monteiro (1968-9); Schoepf 1971, 1985; Dorta 1981; 1986; Dorta et alii 1980; Nicola & Dorta 1986; Teixeira 1983. Todos esses autores contribuíram para aperfeiçoar a sistemática do presente glossário. Em função disso foi possível discriminar praticamente todos os tipos de adornos plumários utilizados pelos índios do Brasil. Os termos citados como sinônimos (use para) foram compilados em Nicola & Dorta (1986).

DEFINIÇÕES GENÉRICAS (40.01)

ADORNOS PLUMÁRIOS

Def. Ornamentos de uso pessoal, executados primordialmente com matéria-prima plúmea segundo técnicas adequadas a esse material. O conjunto desses paramentos define a personalidade étnica de um grupo indígena.

T. Rel. Arte plumária

ARTE PLUMÁRIA

Def. Componentes estéticos, estilísticos e técnicos de uma atividade artesanal cujo material definidor básico é a plumagem dos pássaros.

T. Rel. Adornos plumários

COCAR

Def. Designação genérica para qualquer adorno de cabeça feito de penas com suporte trançado ou tecido. Equivale aos termos cesto, no caso dos trançados, e vasilha, no da cerâmica.

CORDEL-AMARRILHO

Def. Fio de algodão ou outra fibra utilizado para juntar o canhão da pena à parte dobrada da mesma depois que trespassa o cordel-base. (Ver figs. 15, 19 a 21).

CORDEL-BASE

Def. Fio de algodão ou outra fibra que serve de sustentáculo à montagem das penas (ou plumas) em fieira. Trespassa-se o canhão da pena em forma de alça, sobre esse suporte, amarrando-se as duas partes com um outro cordel (cordel-amarrilho). As extremidades do cordel-base são deixadas livres e com o comprimento necessário ao fim a que se destina a fieira. (Ver figs. 15, 19 a 21).

CORDEL DE MONTAGEM

Def. Designação atribuída ao cordel que produz a conexão de fieiras entre si sem ajuda de um forro. (Ver figs. 29, 30).

CORTE DAS PENAS

Def. Técnica de transformação. As formas mais correntes são: 1) aparo das pontas das penas para formar um semicírculo, mais alto no centro e decrescente para os lados; 2) aparo de plumas na ponta e nos lados, de forma serrilhada; 3) talho de formas atípicas, presente na plumária Wayâna-Aparai (*Apud* Schoepf 1985:14). (Ver figs. 34 a 37).

FIEIRAS DE PENAS

Def. Uma série de plumas, penas médias ou penas longas são montadas, horizontalmente, ao longo de: 1) cordel que lhes serve de suporte (cordel-base), trespassando-se o canhão da pena em forma de alça sobre este sustentáculo e amarrando-se as duas partes com outro cordel (cordel-amarrilho); 2) utilizando-se um mesmo cordel que serve ao mesmo tempo de base e de amarrilho às penas; 3) trespassando-se os canhões das penas sobre um cordel intermediário. A atadura pode dar-se por meio de uma ou duas laçadas e a) um nó insolúvel (nó simples); b) por meio de duas laçadas e um nó solúvel (falso nó). (Ver figs. 15, 19 a 21).

FIO-GUIA

Def. Para manter as penas eqüidistantes e no mesmo plano, na fieira, faz-se correr um cordel (fio-guia) à meia altura, de canhão em canhão, entre as barbas ou através dos raques, dando ou não um nó de cada vez. (Ver figs. 15, 17).

T. Rel. Fieiras de penas

PENAS

Def. Designamos com o vocábulo "penas" as mais longas e as de tamanho médio. *Penas de contorno* são as que cobrem o corpo da ave, exceto as asas e a cauda. Denominadas *tectrizes* ou *coberteiras*, pelos ornitólogos, elas se dividem em inferiores e superiores. *Retrizes* são as penas caudais, que orientam o vôo das aves. *Rêmiges* são as das asas, distinguindo-se as primárias, secundárias e terciárias. *Canhão* ou *cálamo* é a base da pena, ou seja, o tubo córneo que sobressai à parte provida de barbas ou *vexilos*. O *raque* é o eixo da pena, que corresponde à sua espinha dorsal.

T. Rel. Penugem
Pluma

PENUGEM

Def. Frouxel leve e esfiapado desprovido de raque, ou seja, penas moles que protegem o corpo dos filhotes e comparecem na parte inferior de aves adultas, principalmente as aquáticas, como os patos. Na plumária indígena a penugem é aplicada na orla ou base de fieiras de penas e na ponta de penas longas, assim como no corpo e em alguns artefatos.

PLUMAS

Def. Define-se com esse termo a plumagem com cálamo curto e sem mecanismo de ligamento entre as barbas, que caracteriza as penas de contorno. Falamos, assim, de plumas da crista, pescoço, dorso, peito e das *uropígeas*. Estas últimas localizam-se num triângulo que cobre as últimas vértebras das aves, no qual se implantam as penas da cauda.

T. Rel. Penas
Penugem

SUBSTÂNCIAS ADESIVAS

Def. Gomas elásticas são utilizadas nas técnicas de colagem. A bibliografia registra o uso de látex de maçaranduba *(Mimosups excelsa)* na feitura dos mosaicos e placas dos índios Urubus-Kaapor. Na emplumação das varandas das redes de dormir, os grupos do Alto rio Negro empregam a sorva *(Couma utilis)*. O látex é incolor, de consistência gordurosa e grande durabilidade.

TÉCNICAS BÁSICAS DE EMPLUMAÇÃO

Def. Distinguem-se duas técnicas básicas de emplumação: 1) técnicas de amarração; 2) técnicas de colagem. Na técnica de amarração leva-se em conta a natureza do material que serve de base às penas, bem como o tamanho destas. Assim, distingue-se a fixação de plumas, penas médias e penas longas a cordéis, talas, roletes, estofos, sementes,, etc. Nas técnicas de colagem, discrimina-se apenas a natureza do material plúmeo, com abstração do suporte. A técnica de montagem refere-se à associação das várias partes que compõem o adorno.

TÉCNICAS DE ARMAZENAGEM

Def. Para a conservação de penas e dos artefatos plumários registram-se os seguintes procedimen-

tos. 1) As penas longas são acondicionadas em canudos de taquaruçu (*Guadua superba*, Hub.), que os índios abrem nas extremidades, tiram o miolo e fecham com as penas, hermeticamente, amarrando o tampo com um cordão e colocando algodão cru nas frestas. 2) As plumas são conservadas presas a pedaços de pele do pássaro, de modo que possam ser retiradas aos tufos sempre que necessário. 3) Os artefatos já preparados e as penas mais preciosas são guardados em caixas de madeira lavrada ou em patuás trançados, defendendo-os assim da umidade e de insetos. (Ver figs. 38 a 40).
Consulte: 20 Trançados

TÉCNICAS DE TRANSFORMAÇÃO
Def. Compreendemos por esta expressão os procedimentos que antecedem o trabalho do plumista. Nesta ordem de considerações, distingue-se: 1) corte das penas com propósitos ornamentais; 2) desbaste do frouxel do canhão da pena; 3) deplumação das barbas até um terço do comprimento do raque, para facilitar sua introdução nas laçadas, aparando-se a ponta sobrante no lado avesso; 4) dissecação, secagem e preparo das peles emplumadas; 5) modificação do colorido original das penas, ou seja, a prática da tapiragem e de outros métodos. (Ver figs. 34 a 37).
T. Rel. Corte de penas
Tapiragem

TAPIRAGEM
Def. Descoloração artificial da plumagem em aves vivas. É obtida arrancando-se as penas de psitacídeos (araras e papagaios). Ao refazer-se a plumagem adquire uma "coloração amarela marmorada de vermelho". Essa prática é muito expandida entre grupos indígenas brasileiros, sendo conhecida como tapiragem, termo *criollo* das Guianas (Teixeira 1984:43). Segundo esse ornitólogo, isso se deve provavelmente a traumatismos a que são submetidas as aves, ao lhes serem arrancadas as penas, e não à administração de ungüentos ou poções por via oral, conforme se acreditava anteriormente.

MATÉRIAS-PRIMAS (40.02)

ACAUÃ – *Herpetotheres cachinnans* (L.)
Ordem Falconiformes, família dos Falconídeos. Os índios Urubus-Kaapor utilizam as penas pardas com faixas transversais claras da cauda na feitura do labrete. Presentes também nos diademas verticais dos índios Bakairí e os do alto Xingu.

ANACÃ – *Deroptyus accipitrinus* (L.)
Ordem Psittaciformes, família dos Psitacídeos. Papagaio com uma gola de penas longas ao redor do pescoço. O dorso e as asas são verdes, o ventre azul com manchas verdes e vermelhas, primárias pretas e o restante das remiges verde e preto, plumas das faces pardas com raque claro. Registrado o uso entre diversos grupos plumistas.

ANAMBÉ-AÇU – *Haematoderus militaris* (Shaw)
Ordem Passeriformes, família dos Cotingídeos. Plumas carmins do abdomen são empregadas nos pingentes dos diademas horizontais pelos índios Urubus-Kaapor e dos aros emplumados pelos índios Tiriyó.

ANAMBÉ AZUL – *Cotinga cayana* (L.)
Ordem Passeriformes, família dos Cotingídeos. Os Kaapor empregam a pele abdominal com plumas azul-de-bremen (ou azul turquesa) nos pingentes dos diademas horizontais e as plumas cotinga-púrpura do papo do anambé macho, bem como tufos das mesmas plumas na feitura dos mosaicos dos labretes, brincos, medalhões dos colares femininos e tiras laterais dos colares-apito masculinos. Os Wãiãpĩ bem como os Wayâna, além de outras tribos, também empregam as plumas desse pássaro.

ANAMBÉ ROXO – *Cotinga cotinga* (L.)
Ordem Passeriformes, família dos Cotingídeos. Plumas dorsais azul-comélia (ou azul-púrpura) e vináceo-púrpura do pescoço e abdomem superior têm emprego semelhante às do anambé azul entre os índios Urubus-Kaapor e Wayâna.

ANUM BRANCO – *Guira guira* Gmel.
Ordem Cuculiformes, família dos Cuculídeos. Registrado o uso das retrizes bicolores marrom/bege nos diademas verticiais rotiformes dos índios Borôro (Horta 1981:32).

ANUM PRETO – *Crotophaga ani* L.
Ordem Cuculiformes, família dos Cuculídeos. Os Borôro empregam as retrizes negro-chumbo na confecção dos diademas verticiais rotiformes, conhecidos como *paríko* em sua língua (Horta 1981:30).

ARAÇARIPOCA – *Selenidera maculirostris* (Licht.)
Ordem Piciformes, família Ramfastídeos. Utiliza-se a pele com a respectiva plumagem dessa ave na feitura dos brincos dos índios Borôro.

ARARA AZUL – *Anodorhynchus hyacinthinus* (Lath.)
Ordem Psittaciformes, família dos Psitacídeos. Coloração inteiramente azul intenso. Emprego das penas caudais registrado entre os Borôro, principalmente na confecção do diadema verticial rotiforme, além de outros adornos. Comum na plumária de inúmeras tribos.
Sin.: araruna, arara-preta.

ARARACANGA – *Ara macao* (L.)
Ordem Psittaciformes, família dos Psitacídeos. Predomina a cor vermelha. A quase totalidade das tribos utiliza, em suas obras, as plumas vermelho-escarlates do peito, as penas amarelo-alaranjadas da cobertura das asas, as tectrizes inferiores vermelho-coral, as caudais vermelho-escarlate e as plumas azul-italiano da região uropígea dessa espécie.
Sin. arara vermelha

ARARA CANINDÉ – *Ara ararauna* (L.)

Ordem Psittaciformes, família dos Psitacídeos. Retrizes azuis com amarelo na face inferior são empregadas pelos Borôro no diadema verticial rotiforme; pelos índios do alto Xingu no diadema vertical; pelos Wayâna-Aparái no capacete-máscara e por várias outras tribos em seus múltiplos adornos.

ARARA VERDE – *Ara chloroptera* Gray

Ordem Psittaciformes, família dos Psitacídeos. Caracterizada por ter penas verdes nas coberteiras superiores médias das asas. As penas axilares, ventre, cabeça e manto, são vermelho-brasil, as rêmiges primárias e secundárias, azuis, e as terciárias, esverdeadas. As plumas dorsais e do pescoço são também vermelho-brasil, as retrizes, parte vermelho, parte azul, sendo as da região uropígea azul-italiano iridiscentes. Estas últimas são registradas no adorno das saias Kaapor e todas elas empregadas por inúmeras tribos plumistas.

ARARIMBA GRANDE – *Ceryle torquata* (L.)

Ordem Coraciiformes, família dos Alcedínídeos. Registradas cinco espécies no Brasil. As penas caudais negras com manchas brancas são encontradas nos colares-apito masculinos dos Kaapor. Registrado também seu uso na plumária Wayâna.

BACACU PRETO – *Xipholena lamelipennis* (Lafresnaye)

Ordem Passeriformes, família dos Cotingídeos. O macho tem plumagem de coloração escura com brilho purpúreo, rêmiges e caudais brancas. Registrado o uso das plumas dorsais e peitorais pelos Kaapor nos pingentes dos diademas horizontais, modificadas, por ação do calor de uma chama do colorido original para o vermelho-granadino. (Comunicação pessoal de Helmuth Sick).

Sin. Anambé preto

BIGUA – *Phalacrocorax olivaceus* (Humb.)

Ordem Pelecaniformes, família dos Falacrocoracídeos. Coloração geral preta, dorso superior e coberteiras cinzento-escuros, penas marginadas de preto. Registrado o uso na plumária Borôro.

BIGUATINGA – *Anhinga anhinga* (L.)

Ordem Pelecaniformes, família dos Falacrocoracídeos. Ave de plumagem preto-esverdeado brilhante, coberteiras da asa branco-prateado no macho; cabeça, peito e pescoço nas fêmeas são branco-sujo. Registrado o uso de suas penas na plumária dos índios do alto Xingu.

Sin. anhinga

COLHEIREIRO – *Ajaia ajaja* (L.)

Ordem Ciconiiformes, família dos Tresquiornitídeos. Coloração geral rósea com carmim nas pequenas coberteiras das asas e nas coberteiras superiores da cauda. Toda a plumagem dessa ave é utilizada em diversos adornos dos índios Karajá e, parcialmente, na dos índios Tapirapé.

CUJUBIM – *Pipile cujubi* (Pelzelm)

Ordem Galliformes, família dos Cracídeos. Schoepf (1971:20) registra o uso de penas rêmiges negras com brilho azul dessa ave nos capacetes-máscaras dos índios Wayâna (Coleção Museu de Genebra).

CURIANGO-TESOURA – *Hydropsalis brasiliana* (Gmelin)

Ordem Caprimulgiforme, família dos Caprimulgídeos. Penas cinzentas são empregadas nas coifas dos índios Karajá.

Sin. Bacurau-tesoura

EMA – *Rhea americana* (L.)

Ordem Reiforme, família dos Reídeos. Registrado o emprego de penas dessa ave de colorido predominantemente bruno-cinzento nas coifas dos Karajá.

GALO DOMÉSTICO

Ordem Galliformes, família Fasianídeos. Registrado o uso das penas caudais brancas dessa ave no capacete-máscara dos índios Wayâna (*apud* Schoepf 1971:20).

GARÇA-BRANCA-GRANDE – *Egretta alba* (L.)

Ordem Ciconiiformes, família dos Ardeídeos. Emprega-se principalmente as egretas brancas, a exemplo de um adorno dos índios Tukâno: placa occipital emplumada. Penas brancas dessa e de outras partes do corpo dessa ave – que às vezes são confundidas com as da garça-branca-pequena, de menor tamanho – são também registradas no capacete-máscara e no aro emplumado dos índios Wayâna-Aparái; na coroa radial dos Kaxináwa; nos diademas Kayapó; nas coifas Kayabí e nas fieiras de penas dessa e de outras tribos.

GARÇA-BRANCA-PEQUENA – *Egretta thula* (Molina)

Ordem Ciconiiformes, família dos Ardeídeos. Registrado o uso de plumas brancas (de contorno?) em pulseiras dos índios Mundurukú. E, ainda, nas peças acima citadas. Cabe assinalar ser difícil a distinção entre as penas das duas espécies de garças-brancas nos artefatos acabados.

GATURAMO – *Euphonia* spp.

Ordem Passeriformes, família dos Traupídeos. São conhecidas inúmeras espécies, classificadas nesse gênero e no antigo *Tanagra*. Os Urubus-Kaapor empregam as plumas dorsais azul-ultramarino nos pingentes dos diademas horizontais.

GAVIÃO-CARIJÓ – *Buteo magnirostris* (Gmelin)

Ordem Falconiformes, família dos Acipitrídeos. Retrizes bege desse gavião, também conhecido como "pega-pinto" e idaié são usadas no diadema verticial rotiforme dos Borôro (Horta 1981:30) e nas coifas Karajá.

GAVIÃO-DE-PENACHO – *Spizaetus ornatus* (Daudin)

Ordem Falconiformes, família dos Acipitrídeos. Os índios Borôro empregam a penugem abdominal bem como as retrizes bicolores marrom/branco e as marrons em diversos adornos plu-

mários, dentre os quais o diadema vertical rotiforme (Horta 1981:31, 32). Os índios do alto Xingu empregam as penas caudais dessa ave para matizar as amarelas da cauda do japu no diadema vertical.
Sin. uiraçu.

GAVIÃO-DE-PENACHO – *Morphnus guianensis* (Daudin)
Os Kayapó-Xikrin usam as rêmiges negras estriadas de branco dessa ave no resplendor (Schoepf 1971:22); o mesmo autor registra o uso das mesmas penas em adornos plumários Wayâna. Assinala-se também seu emprego em fieiras de penas dos Kayabí usadas como diademas, saiotes e manteletes.

GAVIÃO-PEGA-MACACO – *Spitzaetus tyrannus* (Wied)
Ordem Falconiformes, família dos Acipitrídeos. Utiliza-se a pena preta listrada de cinza no diadema vertical dos alto-xinguanos, nos toucados e diademas dos Kayapó, nos colares dos Suruí e Cintas-Largas, nas fieiras de penas dos Kayabí e nos grampos de cabeleira dos Borôro.

GAVIÃO-REAL – *Harpia harpyja* (L.)
Ordem Falconiforme, família dos Acipitrídeos. Utiliza-se a penugem abdominal branca na plumária de diversas tribos; as penas negras estriadas de cinza da cauda são registradas no diadema transversal dos Borôro e dos Umotína. As mesmas penas são vistas no diadema vertical dos índios do alto Xingu, bem como no penacho alçado na nuca que o acompanha. Comparecem, ainda, na coroa radial Kaxináwa. As penas ventrais brancas e as rêmiges listradas de branco-negro são registradas na plumária Kayapó e Wayâna-Aparái.
Sin. harpia

GRALHA-DO-CAMPO – *Cyanocorax cristatellus* (Tem.)
Ordem Passeriformes, família dos Corvídeos. Penas de coloração azul-ultramarino, cabeça e parte anterior do pescoço pardo-escuro, peito, abdomem e ponta da cauda brancos. Registrado o uso na plumária Borôro: diadema verticial rotiforme.

GRAÚNA – *Gnorimopsar chopi* (Vieillot)
Ordem Passeriformes, família dos Icterídeos. De coloração geral negra com brilho azulado. Assinalado seu uso nos pingentes dos pentes dos índios Urubus-Kaapor com o emprego das plumas do peito.

GUARÁ – *Eudocimus ruber* (L.)
Ordem Ciconiiformes, família dos Tresquiornitídeos. Ave conhecida na bibliografia sob os nomes científicos de *Ibis rubra* (L.) e *Guara rubra* (L.). Penas de coloração carmim e pontas das rêmiges exteriores da mão pretas. As penas de guará eram profusamente usadas pelos grupos Tupinambá que habitavam a costa na época da descoberta na confecção de mantos, coifas, gargantilhas e outros adornos plumários.

GUARAJUBA – *Aratinga guarouba* (Gmelin).
Ordem Psittaciformes, família dos Psitacídeos. Utilizam-se as plumas do pescoço amarelo-limão dessa ave na confecção das pulseiras, braçadeiras e tornozeleiras dos índios Urubus-Kaapor. Apresenta as rêmiges verdes.

INHAMBU-GALINHA – *Tinamus guttatus* Pelzeln
Ordem Tinamiformes, família dos Tinamídeos. Penas costais inferiores pardo-avermelhadas rajadas de preto, ventre marrom claro. Registra-se seu uso na plumária dos índios Kayabí.

INHAMBU – *Tinamus major* (Gmelin)
Ordem Tinamiformes, família dos Tinamídeos. Coloração da plumagem ventral cinza com listas onduladas de marrom na parte superior; o restante é branco. Registrado seu uso na plumária Kayabí.

JABIRU-DO-SUL – *Mycteria americana* L.
Ordem Ciconiiformes, família dos Ciconídeos. Plumagem branca registrada por Schoepf (1971: 20,44) no toucado (*krokonti* na língua kayapó) ornamentando as pontas das penas longas de arara desse adorno plumário característico dos índios Kayapó.
Sin. tuiuiu (na Amazônia)

JABURU – *Jabiru mycteria* (Licht.)
Ordem Ciconiiformes, família dos Ciconídeos. Ave de grande porte de coloração geral branca. As penas das asas são usadas pelos índios Karajá nos leques do occipício; pelos Borôro e Umotína nos diademas transversais.
Sin. tuiuiu.

JACAMIM-DAS-COSTAS-CINZAS – *Psophia crepitans* L.
Ordem Gruiformes, família dos Psofídeos. Schoepf (1971:22, 54) registra o emprego de plumas negras muito curtas do pescoço dessa ave nos adornos plumários Wayâna. Seu uso é também registrado nas braçadeiras dos extintos Borôro orientais (Nicola & Dorta 1986:118) e nas jarreteiras Mundurukú.

JACU-PEBA – *Penelope superciliaris* Temm.
Ordem Galliformes, família dos Cracídeos. Penas negras com brilho metálico azulado da cauda são utilizadas nas fieiras de penas para diversos usos pelos índios Kayabí.
Sin. jacu-açu, jacu-pemba, cujubim

JACUBIM – *Pipile cumanensis* (Jacquin)
Ordem Galliformes, família dos Cracídeos. Registrado o uso das plumas de brilho verde-azulado na plumária Kayabí (Costa & Monteiro 1968-9:141).
Sin. jacutinga

JAPU – *Gymnotinops yuracares* (Lafresnaye & d'Orbigny)
Ordem Passeriformes, família dos Icterídeos, gêneros *Gymnostinops* Scl. e *Psarocolius* Wagler Penas amarelo-ouro da cauda utilizadas pelos índios Urubus-Kaapor, alto Xingu, Kayabí,

Borôro e várias outras tribos em diversos adornos. Nos artefatos acabados as penas dessa ave são confundidas com as do João-congo que se diferencia dela apenas pelo tamanho.

JOÃO-CONGO – *Psarocolius decumanus* (Pallas)
Ordem Passeriformes, família dos Icterídeos. As penas amarelo-ouro da cauda são empregadas por inúmeras tribos, entre as quais, Urubus-Kaapor, Borôro, alto Xingu e Kayabí.

LECRE – *Onychorhynchus coronatus* (Müller)
Ordem Passeriformes, família dos Tiranídeos. Plumas de coloração marrom, rêmiges marrom claras, dorso marrom escuro e topete em leque vermelho rajado de verde-azulado brilhante com ponta negra e cauda canela claro. Os Urubus-Kaapor utilizam o topete ou crista para acabamento das testeiras emplumadas.
Sin. papa-mosca-real

MAGUARI – *Euxenura maguari* (Gmelin)
Ordem Ciconiiformes, família dos Ciconídeos. Penas rêmiges pretas empregadas no arranjo plumário do capacete dos índios Palikúr e numa coifa dos índios Jurúna (*apud* Nicola & Dorta 1986:117, 118).
Sin. jabiru-moleque

MUTUM-CAVALO – *Mitu mitu* (L.)
Ordem Galliformes, família dos Cracídeos. Difere dos mutuns do gênero *Crax* por não possuir as penas da crista encrespadas. O colorido geral é preto com ponta da cauda branca. Os machos e fêmeas apresentam o ventre cor de canela. As penas e plumas são empregadas por quase todas as tribos plumistas, a exemplo da narigueira Nambikuára. Os Mundurukú mantinham mutuns em cativeiro nas aldeias para a utilização das penas.

MUTUM-PINIMA – *Crax fasciolata* Spix
Ordem Galliformes, família dos cracídeos, quatro espécies registradas no Brasil. Machos e fêmeas têm plumas negras curvas na crista sendo as das fêmeas listradas transversalmente de branco, tal como as demais penas e plumas do corpo. As penas da cauda dos machos são negras com reflexos metálicos verdes e ponta branca. A plumagem dessa ave é de uso generalizado entre índios do Brasil. A penugem abdominal marrom acanelada das fêmeas é utilizada nas braçadeiras e cintos dos índios Mundurukú.

PAPAGAIO-CORNETEIRO – *Amazona amazonica* (L.)
Ordem Psittaciformes, família dos Psitacídeos, com onze espécies brasileiras. Coloração geral verde, penas caudais de coloração verde escura e ponta verde clara com mancha laranja; rêmiges azul escura e espelho encarnado; rêmiges externas azul escuras vexilo exterior verde; internas verdes e espelho laranja. Seu uso é referido no diadema verticial rotiforme dos índios Borôro, no toucado Kayapó e no diadema vertical do alto Xingu.

PAPAGAIO VERDADEIRO – *Amazona aestiva* (L.)
Ordem Psittaciformes, família dos Psitacídeos. Penas caudais verde-maça, cambiando para o verde-floresta e penas rêmiges verde-laranja-azul, espelho vermelho e plumas amarelas no pescoço. Empregadas nos capacetes-máscaras dos Wayâna, na plumária Borôro, na dos índios do alto Xingu, do rio Branco e de diversas outras tribos.

PATO-DO-MATO – *Cairina moschata* (L.)
Ordem Anseriformes, família dos Anatídeos. Cabeça e parte inferior do corpo de plumagem pardo-escura; parte superior preta com reflexos metálicos esverdeados e purpurinos; coberteiras das asas, brancas. Registrado o uso da penugem branca dos filhotes para arminhar as pontas das penas longas de arara, dos diademas verticiais rotiformes dos Borôro, bem como das penas longas de diversas aves, no leque do occipício dos Karajá.
Sin. pato selvagem

PATURI – *Oxyura dominica* (L.)
Ordem Anseriformes, família dos Anatídeos. Registrado o uso das retrizes marrom e pretas no diadema verticial rotiforme (*paríko* na língua borôro) dessa tribo. (Horta 1981:31).

PAVÃOZINHO-DO-PARÁ – *Eurypyga helias* (Pallas)
Ordem Gruiformes, família dos Euripigídeos. Coloração da plumagem muito complexa, destacando-se a mancha ocelar ferrugínea, semelhante a de certas borboletas, das rêmiges inferiores. Os Urubus-Kaapor empregam essas penas em seus adornos plumários. Os Borôro e Kayabí utilizam também as penas listradas preto-branco da cauda. Registrado igualmente o uso das referidas penas nos ornatos dos índios Tembé.

PERDIZ – *Rhynchotus rufescens* (Temm.)
Ordem Tinamiformes, família dos Tinamídeos. O colorido vermelho das plumas do dorso é listrado de preto e amarelo claro; garganta branca, pescoço e peito cor de canela, ventre marrom claro, flancos barrados como no dorso. Registrado o uso na plumária dos índios do alto Xingu (Costa & Monteiro 1968-9:141).

PERIQUITO – *Brotogeris chrysopterus* (L.) e/ou *Pionites leucogastei* (Kuhl)
Ordem Psittaciformes, família dos Psitacídeos. Coloração geral verde. O emprego das penas verde-azuladas e das coberteiras alaranjadas (estas últimas somente em *B. chrysopterus*) é assinalado nos pingentes dorsais dos colares femininos dos índios Urubus-Kaapor. Registrado também o seu uso na plumária Kayabí.

POMBA-PARARI – *Zenaida auriculata* (Des Murs)
Ordem Columbiformes, família dos Columbídeos. Empregada a penugem branca nos diademas horizontais (ou viseiras) dos índios Borôro.

POMBA-TROCAL – *Columba speciosa* Gmelin
Ordem Columbiformes, família dos Columbídeos. Plumas pardo-matizadas com brilho

cúpreo empregadas no acabamento das duas faces dos diademas horizontais dos índios Urubus-Kaapor.

QUERO-QUERO – *Vanellus chilensis* (Molina)
Ordem Charadriiformes, família dos Caradriídeos. Colorido geral cinzento-claro, com ornatos pretos na cabeça, peito, asas e cauda. As coberteiras menores da asa são verde-metálicas, escapulares bronze, basalmente brancas na barriga. Registrado o uso das penas caudais brancas entre os Kayabí.
Sin. téu-téu.

SAÍ-AÇU – *Cyanerpes cyaneus* (L.)
Ordem Passeriformes, família dos Cerebídeos. Pele da cabeça azul-genciano e azul-luminoso com orla negro-veludo; penas rêmiges negras com faces internas amarelo-limão. São empregadas nos colares-apito e outros adornos plumários dos índios Urubus-Kaapor.

SAÍ AZUL – *Dacnis cayana* (L.)
Ordem Passeriformes, família dos Cerebídeos. Os Kaapor empregam a pele azul-persa dos saís machos nos pingentes de seus diademas horizontais e em outros tipos de adornos.

SAURÁ – *Phoenicircus carnifex* (L.)
Ordem Passeriformes, família dos Cotingídeos. Colorido geral vermelho-carmim. As penas retrizes vermelho-escarlate com ponta vermelho-marroquino são empregadas nos medalhões dos colares femininos pelos índios Kaapor.
Sin. uiratata (pássaro de fogo)

SOCÓ-BOI – *Tigrisoma lineatum* (Boddaert)
Ordem Ciconiiforme, família dos Ardeídeos. Cabeça, pescoço e manto castanhos. Costas com listas onduladas de cinza e marrom. Peito marrom estriado de branco. Largo emprego na plumária dos índios Kayabí. Registrado também numa coifa dos índios Jurúna (Nicola & Dorta 1986:118).

SURUCUÁ – *Trogon rufus* Gmelin
Ordem Trogoniformes, família dos Trogonídeos. Penas retrizes externas rajadas de branco-negro fofas e macias são registradas nos colares-apito dos índios Urubus-Kaapor, em fieiras de penas dos Kayabí e penas amarelo-pêssego nos capacetes-máscaras dos Wayâna. O gênero *Trogon* tem oito espécies.

TUCANO-DO-BICO-PRETO – *Ramphastos vitellinus* Licht
Ordem Piciformes, família dos Ranfastídeos, com seis espécies e seis subespécies no Brasil. As plumas alaranjadas, sedosas e brilhantes, do papo, e as vermelho-escarlate do abdomem superior (ou faixa peitoral) são empregadas em pingentes dos adornos plumários Kaapor. Registrado seu uso em inúmeras tribos plumistas.

TUCANUÇU – *Ramphastos toco* Müller
Os Borôro empregam peles com a respectiva plumagem branca marginada estreitamente de vermelho do peito para a confecção de brincos e coroas; os Yanomâmi utilizam-na nas braçadeiras. Registrado o seu uso em diversas outras tribos.

URUBU – *Cathartes aura* (L.)
Ordem Falconiformes, família dos Catartídeos. Utiliza-se a penugem arminhada dos filhotes do urubu-cabeça-vermelha na plumária Borôro e nas faixas emplumadas dos grupos Tukâno.

URUTÁU – *Nyctibius griseus* (Gmelin)
Ordem Caprimulgiformes, família dos Caprimulgídeos. Registrado o uso na plumária Kayabí (Costa & Monteiro 1968-9:141).

URUTÁU MÃE-DA-LUA – *Nyctibius grandis* (Gmelin)
Ordem Caprimulgiformes, família dos Caprimulgídeos. Registrado o uso na plumária Kayabí (Costa & Monteiro 1968-9:141).

VIUVINHA – *Colonia colonus* (Vieillot)
Ordem passeriformes, família tiranídeos. Cabeça cinzento-clara e uropígeo branquicento. Utiliza-se as longas penas caudais negras do macho para ampliar a envergadura das ornis imaginária figurada nos labretes Kaapor.
Sin. tesoura

XEXEU – *Cacicus cela* (L.)
Ordem Passeriformes, família dos icterídeos. Pássaro preto com amarelo-vivo no dorso posterior estendendo-se sobre parte da cauda. Da mesma cor são as coberteiras internas das asas. Registrado o uso no diadema vertical dos índios do alto Xingu (Costa & Monteiro 1968-9:141) e nas coifas dos índios Karajá.
Sin. japim

PROCESSOS DE MANUFATURA (40.03)

BORLAS DE PLUMAS
Def. Técnica de amarração mediante a fixação entre si de tufos de plumas tomados juntos e presos por um atilho à parte em espiral.
T. Rel. Feixe de penas

BOTÃO DE PLUMAS
Def. Técnica de amarração. Fixação em torno da ponta de cordéis ou hastes de plumas armadas com o lado direito da pluma para fora, aderindo inteiramente à base e ocultando o suporte e os amarrilhos. Resulta num aspecto semelhante a um botão de rosa. (Ver fig. 11).
T. Rel. Emplumação embricada em círculo

CONEXÃO DE FIEIRAS DE PENAS EM CONTRATORCIDO
Def. Técnica de montagem. Fixação de fieiras de penas (ou plumas) entre si sem ajuda de um forro. As fieiras são combinadas com fios sem emplumação, dispostos paralelamente entre elas, sendo conectadas, a espaços regulares, por uma trama em trança semelhante a das redes de dormir, conhecida como "contratorcido". Dá-se a superposição das camadas de plumas do mes-

mo modo como se assenta a plumagem nos pássaros vivos. Ocorre entre os grupos das Guianas e os índios Tukúna. (Ver fig. 30).
T. Rel. Conexão de fieiras de penas em filé
Consulte: Cordões e tecidos (30)

CONEXÃO DE FIEIRAS DE PENAS EM FILÉ
Def. Técnica de montagem. Fixação de fieiras de penas (ou plumas) entre si sem ajuda de um forro. O cordel de montagem descreve formas romboidais, amarrando e enodando ora uma ora outra fieira adjacente. Resulta um efeito semelhante à técnica de filé na tecelagem, que denominamos "casa de abelha". As camadas de plumas eriçadas lembram o veludo. (Ver fig. 29).
T. Rel. Conexão de fieiras de penas em contratorcido
Consulte: 30 Cordões e tecidos

COSTURA DE FIEIRAS DE PENAS A TECIDOS
Def. Técnica de montagem. Fixação de fieiras de penas (ou plumas) a estofos. Tratando-se de tecido compacto, a costura se faz, normalmente, com agulha de orifício, em espiral, ou com ponto semelhante ao nosso caseado. É comum às faixas frontais dos índios do alto Xingu, Apiaká e Tukâno. (Ver fig. 33).
T. Rel. Costura de tufos a tecidos

COSTURA DE TUFOS A TECIDOS
Def. Técnica de amarração: fixação de tufos de plumas a tecidos compactos. Os tufos são amarrados à ponta de um cordel cuja extremidade oposta perpassa uma malha do tecido recebendo outro tufo. Como os tufos são armados próximos uns aos outros, resulta que as plumas se mantêm erguidas, assemelhando-se o conjunto a um veludo. Registrada na plumária Mundurukú. (ver fig. 27).

EMPLUMAÇÃO ARMINHADA
Def. Técnica de colagem. A penugem branca de filhotes de aves é colada, geralmente com látex vegetal, a uma superfície: tecido, trançado, pena mais longa ou o próprio corpo. A designação "arminhada" se justifica por utilizar-se o frouxel alvo de filhotes de patos, gaviões, etc. Ocorre entre os Karajá, Borôro e outros grupos. (Ver fig. 25).

EMPLUMAÇÃO EMBRICADA EM CÍRCULO
Def. Técnica de amarração: fixação em torno de cordéis, hastes ou roletes ocos, em sentido vertical, de plumas armadas com o lado direito da pluma para fora. A pluma adere ao suporte conferindo à peça um aspecto roliço como as caudas dos animais. (Ver figs. 6, 9).
T. Rel. Botão de plumas
Emplumação embricada numa só face do suporte

EMPLUMAÇÃO EMBRICADA NUMA SÓ FACE DO SUPORTE
Def. Técnica de amarração mediante a fixação a uma das faces de um cordel ou haste de plumas ou penas médias armadas a uma das faces do suporte com o lado direito das penas para fora. (Ver fig. 10).
T. Rel. Emplumação embricada em círculo

EMPLUMAÇÃO EM PASSAMANARIA
Def. Técnica de amarração. Fixação a um cordel, executado segundo a técnica de passamanaria, de tufos de penas atados às alças deixadas livres em lados opostos do cordel. Registrada nas braçadeiras dos índios do alto Xingu e como atavio dos chocalhos dos grupos das Guianas. (Ver fig. 14).
Consulte: 30 Cordões e tecidos

EMPLUMAÇÃO EM PÉTALA
Def. Técnica de amarração mediante a fixação a uma das faces de um cordel ou haste de plumas ou penas médias armadas a uma das faces do suporte com o lado avesso das penas para fora, permitindo ver a face interna e externa da pena, o suporte e a atadura. (Ver fig. 7).
T. Rel. Emplumação embricada numa só face do suporte

EMPLUMAÇÃO EM PLACA
Def. Técnica de colagem. Peles com as respectivas plumas são coladas numa superfície, pena mais longa ou o próprio corpo, neste último caso, os ornatos da face entre os índios Kaapor. (Ver fig. 23).

EMPLUMAÇÃO EM ROSETA
Def. Técnica de amarração. Fixação em torno de cordéis, hastes ou roletes ocos, em sentido vertical, de plumas armadas com o lado avesso da pluma para fora em torno de um suporte, imprimindo-lhe a feição de pétalas. A atadura se faz com um cordel-amarrilho em espiral, que prende os canhões das plumas. (Ver figs. 5, 8).
T. Rel. Flores de plumas
Flores de plumas com estames
Rosetas de penas

EMPLUMAÇÃO NOS INTERVALOS DOS NÓS DO FILÉ
Def. Técnica de amarração. Fixação de penas, tufos ou flores de plumas ou rosetas de penas, por um atilho especial, nos intervalos dos nós do filé. Essa técnica é praticada pelos índios Karajá, do Alto Xingu e outros na emplumação das coifas. (Ver fig. 31).
T. Rel. Emplumação nos nós do filé
Consulte: 30 Cordões e tecidos

EMPLUMAÇÃO NOS NÓS DO FILÉ
Def. Essa técnica só foi registrada entre os antigos Tupinambá que executavam, ao mesmo tempo, o filé e a emplumação, introduzindo os canhões das plumas nos nós do retículo. (Ver fig. 4).
T. Rel. Emplumação nos intervalos dos nós do filé

ENCAIXE DE PENAS A SEMENTES
Def. Técnica de amarração mediante a fixação a sementes, cocos ou cascos de animais, etc. de tufos de plumas ou molhos de penas penden-

tes de um atilho que atravessa o orifício aberto no encaixe. (Ver fig. 12).
T. Rel. Encastoamento de penas a roletes

ENCASTOAMENTO DE PENAS A ROLETES
Def. Técnica de amarração. Fixação à ponta de varas ou a roletes ocos de penas médias ou penas longas engastadas ou amarradas à extremidade do suporte, ou ambos. (Ver fig. 22).
T. Rel. Encaixe de penas a sementes

FEIXES DE PENAS
Def. Técnica de amarração que consiste na fixação entre si de molhos de penas de tamanho médio presas por um atilho em espiral. Equivale à "borla de plumas", variando a nomenclatura devido à natureza do material plúmeo.
T. Rel. Borla de plumas

FIEIRA DE PENAS COM CORDEL INTERMEDIÁRIO
Def. Técnica de amarração. Fixação ao longo de cordéis, em sentido horizontal, de plumas, penas médias e penas longas com trespasse dos canhões sobre um cordel intermediário que enleia o cordel-base, conferindo grande maleabilidade à fieira. Técnica registrada na plumária Karajá, Kayapó, etc. (Ver figs. 20, 21).

FIEIRA DE PENAS COM ENCAIXE DO CANHÃO
Def. Técnica de amarração. Fixação ao longo de cordéis, em sentido horizontal, de penas longas de grossos canhões com trespasse dos canhões seccionados sobre o cordel-base e ajustamento da parte dobrada na abertura produzida no canhão. Esta técnica é praticada pelos índios das Guianas, Karajá e Kepkiriwát, entre outros. Dispensa-se a amarração, a não ser que se queira reforçar a fixação da pena. (Ver fig. 20).
T. Rel. Fieira de penas sobre cordel-base

FIEIRA DE PENAS SEM CORDEL-BASE
Def. Técnica de amarração. Fixação ao longo de cordéis, em sentido horizontal, de plumas, penas médias e penas longas com trespasse dos canhões sobre um único cordel que serve ao mesmo tempo de base e amarrilho às penas. Técnica representada em alguns artefatos plumários dos índios Karajá, Borôro e Kaingáng. (Ver fig. 3).

FIEIRA DE PENAS SOBRE CORDEL-BASE
Def. Técnica de amarração. Fixação ao longo de cordéis, em sentido horizontal, de plumas, penas médias e penas longas com trespasse dos canhões sobre um cordel-base, amarrados com um atilho contínuo por meio de nós simples ou nós-de-porco. (Ver figs. 19, 28).
T. Rel. Fieira de penas com encaixe de canhão
Nó de porco
Nó simples

FLORES DE PLUMAS
Def. Técnica de amarração mediante a fixação, em torno da ponta de cordéis ou hastes, de plumas armadas em círculo com o lado avesso da pluma para fora. Esta técnica assemelha-se a das nossas flores de papel. (Comparar com fig. 5).
T. Rel. Emplumação em roseta
Flores de plumas com estames
Rosetas de penas

FLORES DE PLUMAS COM ESTAMES
Def. Técnica de amarração mediante a fixação em torno da ponta de cordéis ou hastes de plumas armadas em círculo, com o lado avesso da pluma para fora, e com um apêndice central, à maneira de estames. (Ver fig. 13).
T. Rel. Emplumação em roseta
Flores de plumas
Rosetas de penas

MOLHOS DE PENAS
Def. Técnica de amarração mediante a fixação entre si de duas ou mais penas de tamanho médio, por meio de um atilho em espiral. Equivale a "tufos" no caso de plumas, variando apenas as características do material plúmeo. (Ver fig. 2).
T. Rel. Tufos de plumas

MOSAICO DE PLUMAS
Def. Técnica de colagem. Fixação a uma superfície — tecido, trançado, líber, folha seca, pena mais longa, ou o próprio corpo — de plumas isoladas ou aos tufos, em camadas sucessivas, que se embricam uma às outras. A colagem é feita com goma elástica, prendendo-se apenas os canhões, deixando-se as barbas soltas e com o mesmo viço com que se apresentam na plumagem dos pássaros. Aos índios Kaapor cabe primazia na execução dos mosaicos, técnica também praticada pelos Karajá e Borôro. (Ver fig. 24).

NÓ DE PORCO *(Demi-clef de capellage,* f.)
Def. Com um cordel-amarrilho são dadas duas voltas superpostas, deixando o segmento livre para o lado de dentro. Introduz-se o canhão da pena nas laçadas, dobrando-o sobre si mesmo e fazendo-o trespassar o cordel-base. A seguir, puxa-se as duas pontas do cordel-amarrilho para apertar o nó. O nó se desfaz quando a pena é retirada ou destruída. Com esse tipo de nó prende-se a pata do porco, daí a designação. (Ver fig. 19).
Sin. Nó falso
T. Rel. Nó simples

NÓ FALSO
Use: NÓ DE PORCO

NÓ SIMPLES
Def. O cordel-amarrilho passa por trás do canhão de pena dobrado sobre o cordel-base e pela frente do canhão, sendo a ponta solta introduzida na laçada antes de abranger a pena seguinte.
T. Rel. Nó de porco

ROSETA DE PENAS
Def. Técnica de amarração: fixação em torno da ponta de cordéis ou hastes de penas médias armadas com o lado avesso para fora, à maneira de pétalas, permitindo ver o suporte e a atadura.

T. Rel. Emplumação em roseta
Flores de plumas
Flores de plumas com estames

TÉCNICAS DE AMARRAÇÃO

Def. Um dos dois procedimentos básicos no trabalho de penas (o outro é a técnica de colagem). Considerando-se os materiais e o processo de manufatura distinguem-se os seguintes tipos de emplumação: 1) fieiras de penas sobre cordel-base (amarrilhos de nó de porco e nó simples); 2) fieiras de penas sem cordel-base; 3) fieiras de penas sobre cordel-base com encaixe de canhão; 4) fieiras de penas com cordel intermediário; 5) emplumação em roseta; 6) emplumação embricada em círculo; 7) emplumação embricada numa só face do suporte; 8) flores de plumas; 9) flores de plumas com estames; 10) botão de plumas; 11) rosetas de penas; 12) emplumação em pétala; 13) tufos de plumas; 14) feixes de penas; 15) encaixe de penas (ou plumas) a sementes ou cascos de animais; 16) encastoamento de penas a roletes (ou varas); 17) enodação de penas no filé; 18) enodação de penas nos intervalos dos nós do filé; 19) borlas de plumas; 20) costura de tufos a tecidos; 21) emplumação em passamanaria; 22) molhos de penas.

TÉCNICAS DE COLAGEM

Def. Um dos dois procedimentos básicos no trabalho de penas (o outro é a técnica de amarração). Considerando-se os materais e o processo de manufatura distinguem-se os seguintes tipos de emplumação: 1) mosaico de plumas; 2) emplumação em placa; 3) emplumação arminhada.

TÉCNICAS DE MONTAGEM

Def. Compreendem a combinação de várias partes elaboradas separadamente para compor o adorno. Distinguem-se os seguintes tipos: 1) conexão de fieiras de penas (ou plumas) em contratorcido; 2) conexão de fieiras de penas (ou plumas) em filé; 3) costura de fieiras de penas a tecidos.

TRAMA DE PLUMAS

Def. Técnica de emplumação mediante a fixação de plumas a estofos. Simultaneamente à entramação do urdume em tear intercalam-se entre os fios da urdidura, a espaços regulares, tufos de pluminhas que sobressaem ao tecido nos lados. Técnica empregada pelos índios Kaapor, Tukúna e do rio Uaupés na confecção de cintos. (Ver fig. 26).

TUFOS DE PLUMAS

Def. Técnica de amarração que consiste na fixação entre si de duas ou mais plumas por um atilho especial.

Penas da asa. 1. Parápteras. 2. Tectrizes. 3. Rémiges bastardas. 4. Falsas rémiges. 5. Rémiges primárias. 6. Rémiges secundárias ou de segunda ordem. 7. Rémiges escapulares.

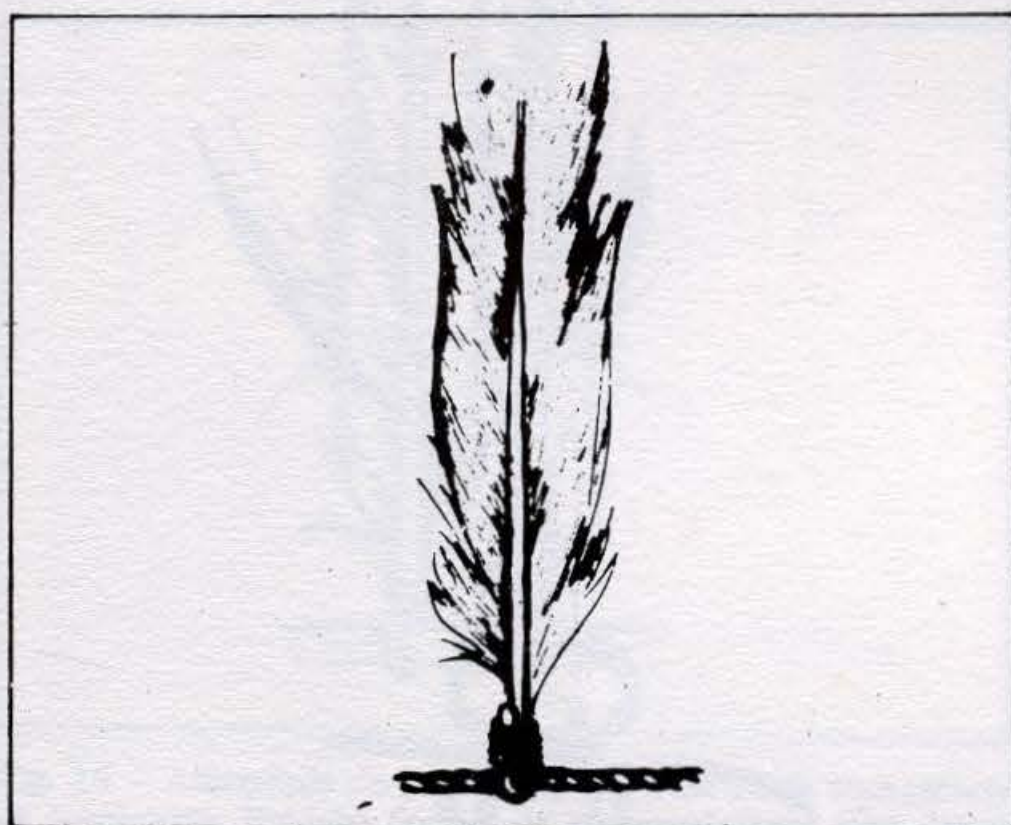



Fig. 1 – Amarração em espiral de pena longa sobre cordel-base.

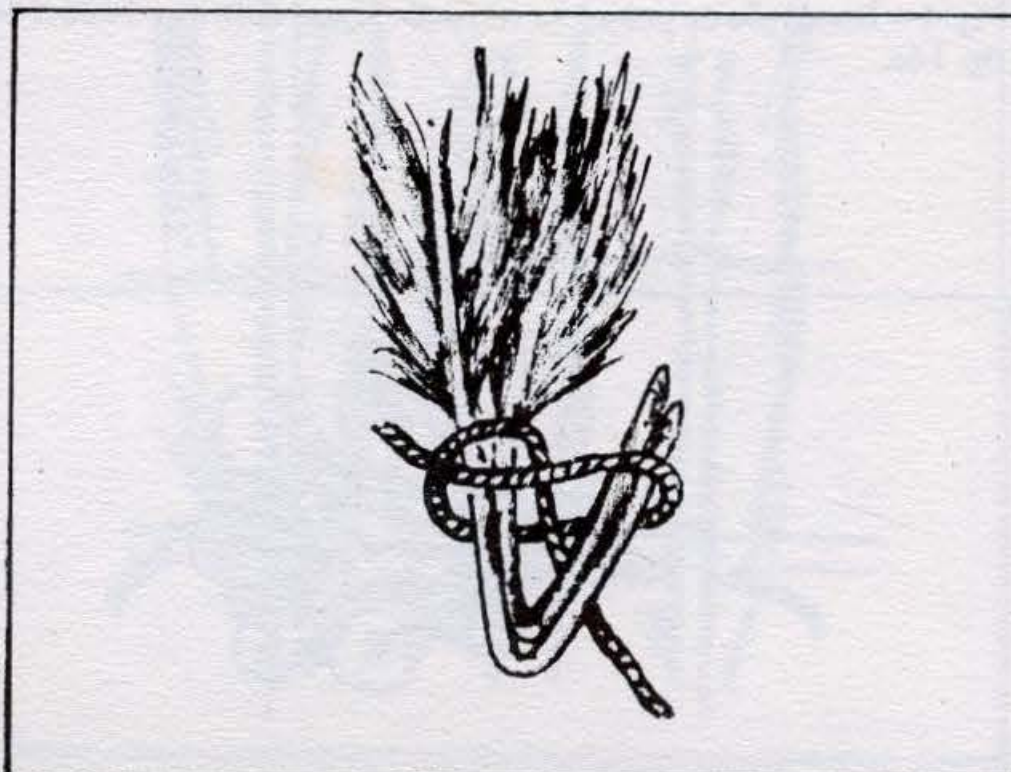



Fig. 2 – Molho de penas. *Apud* Krause 1911:398 fig. 256c.

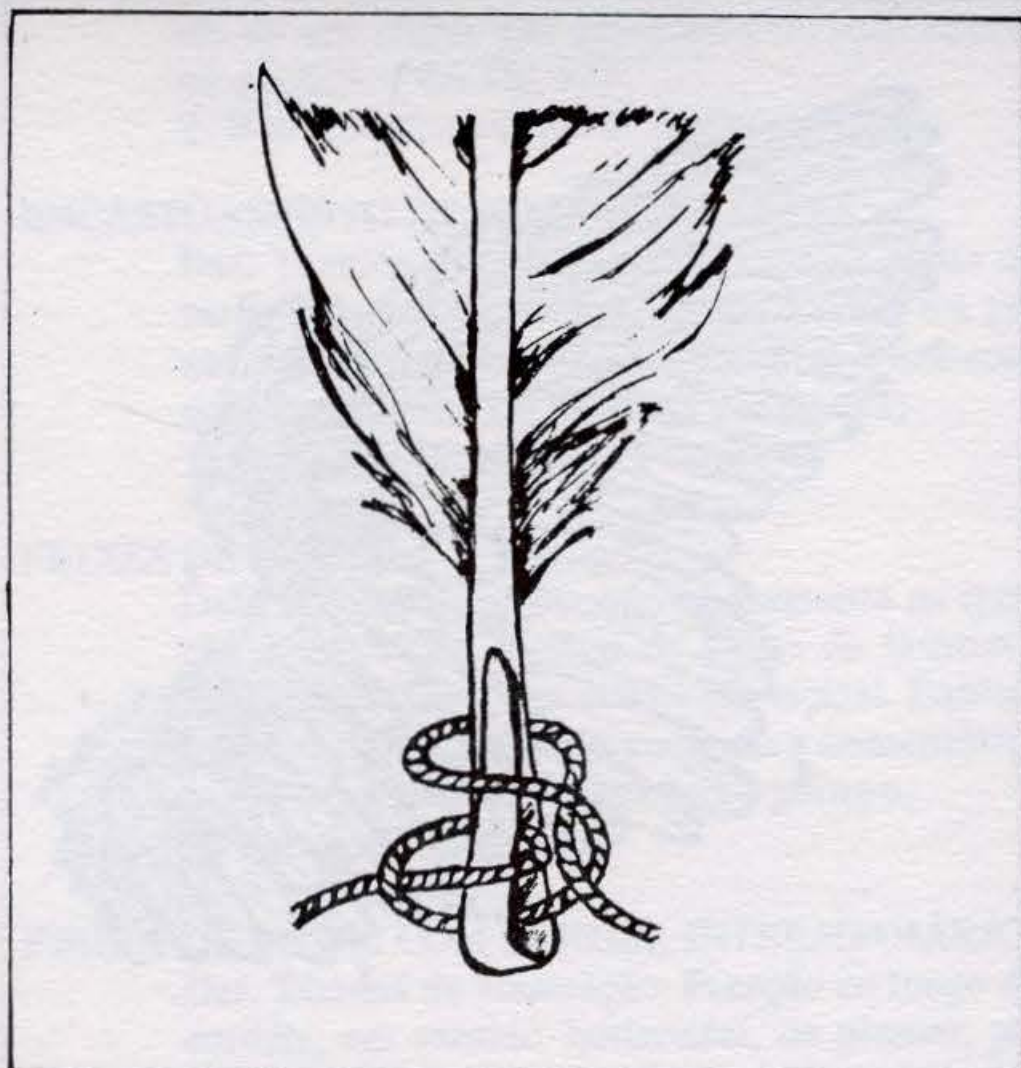



Fig. 3 – Amarração de pena com nó simples sem cordel-base. *Apud* Krause 1911:398 fig. 255a.

Fig. 4 – Enodação de penas em retículo. *Apud* Métraux 1928:144 fig. 16a.

Fig. 5 – Emplumação em roseta de plumas justapostas.

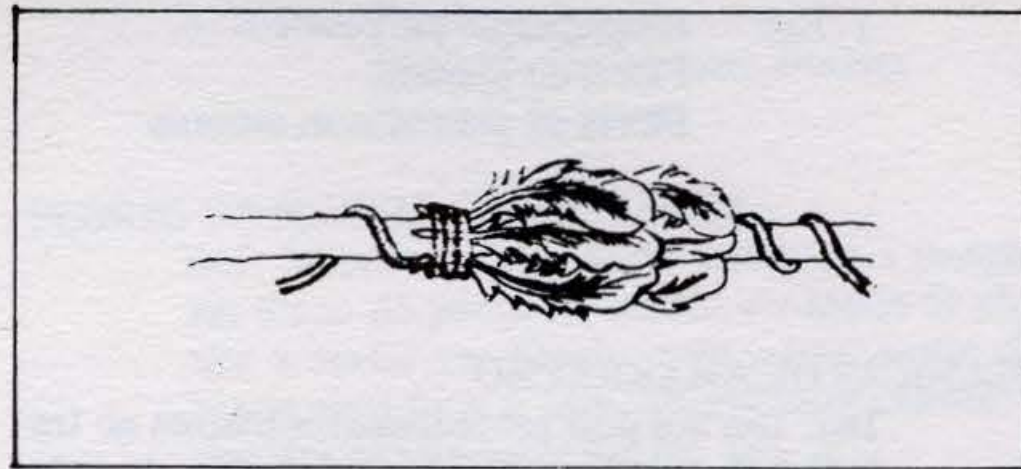



Fig. 6 – Emplumação embricada em círculo de plumas justapostas.

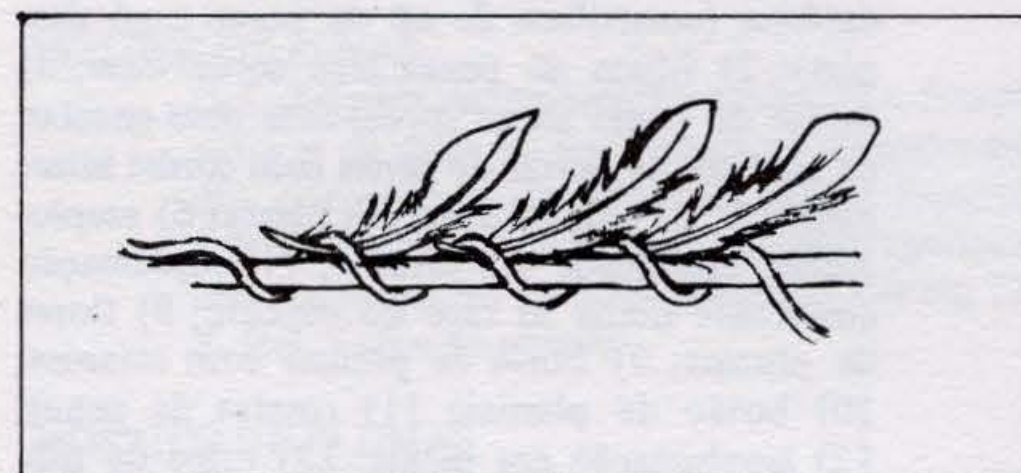



Fig. 7 – Emplumação em pétala.

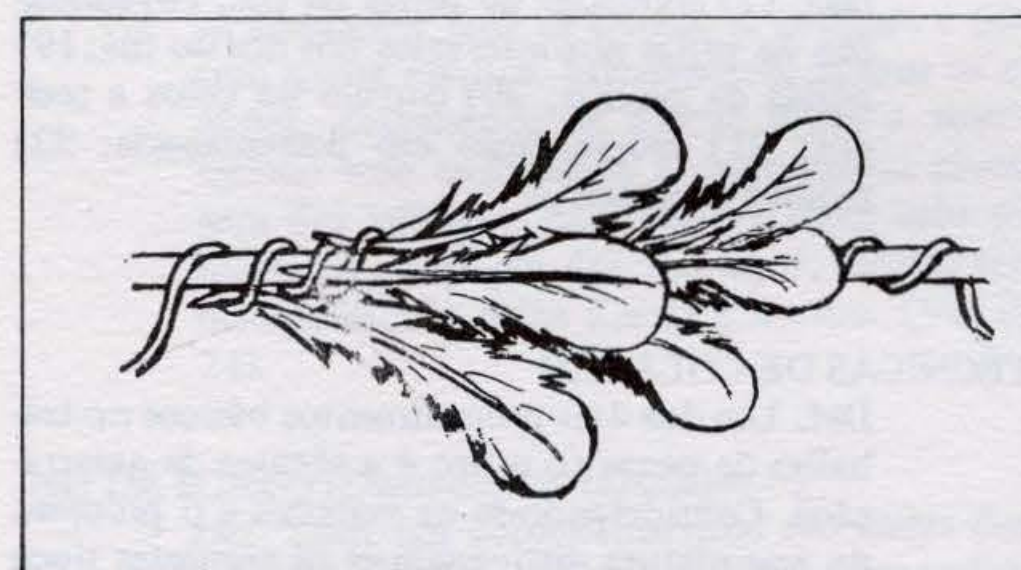



Fig. 8 – Emplumação em roseta de plumas alternadas.

Fig. 9 – Emplumação embricada em círculo de plumas alternadas.

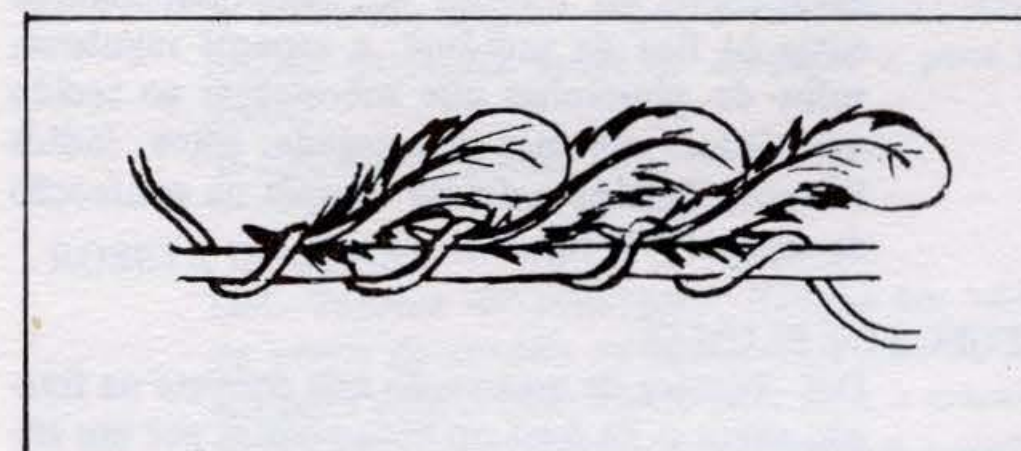



Fig. 10 – Emplumação embricada numa só face do suporte.

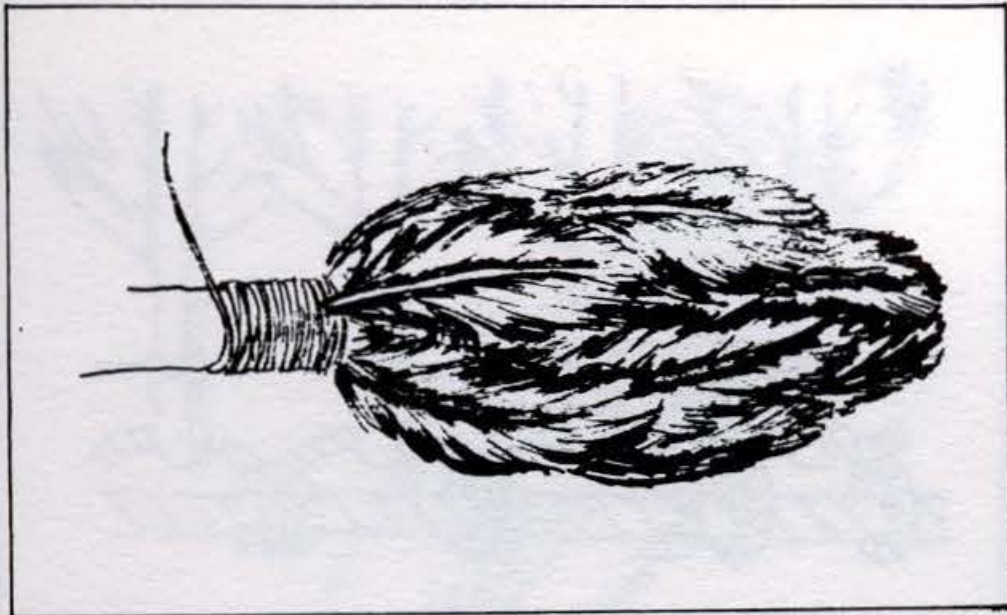



Fig. 11 – Botão de plumas. Brinco alto-xinguano.

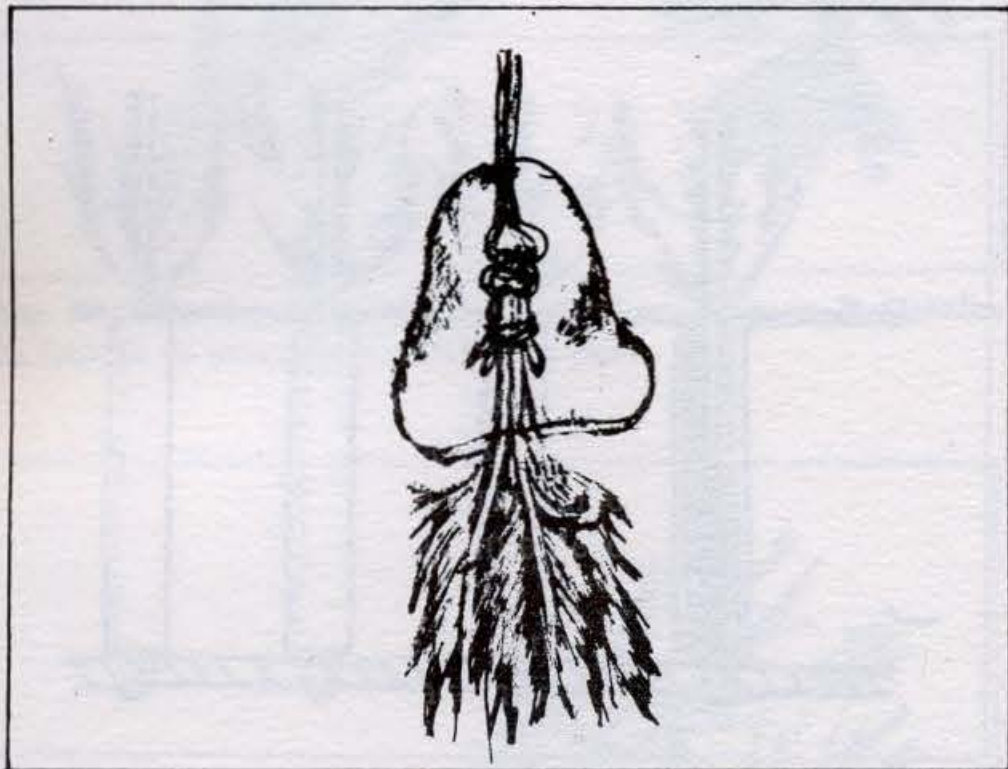



Fig. 12 – Encaixe de penas a sementes. *Apud* Krause 1911:301 fig. 158a.

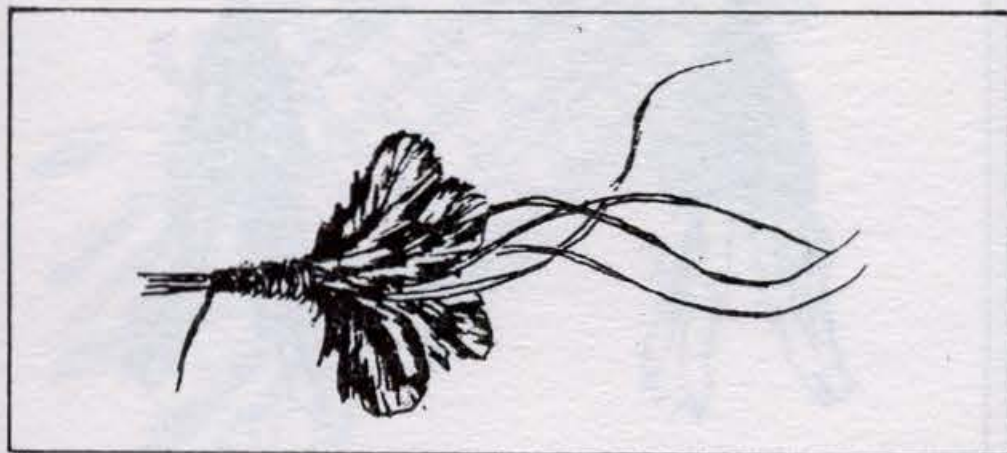



Fig. 13 – Flor de plumas com estames. Pingente emplumado do pente Kaapor.

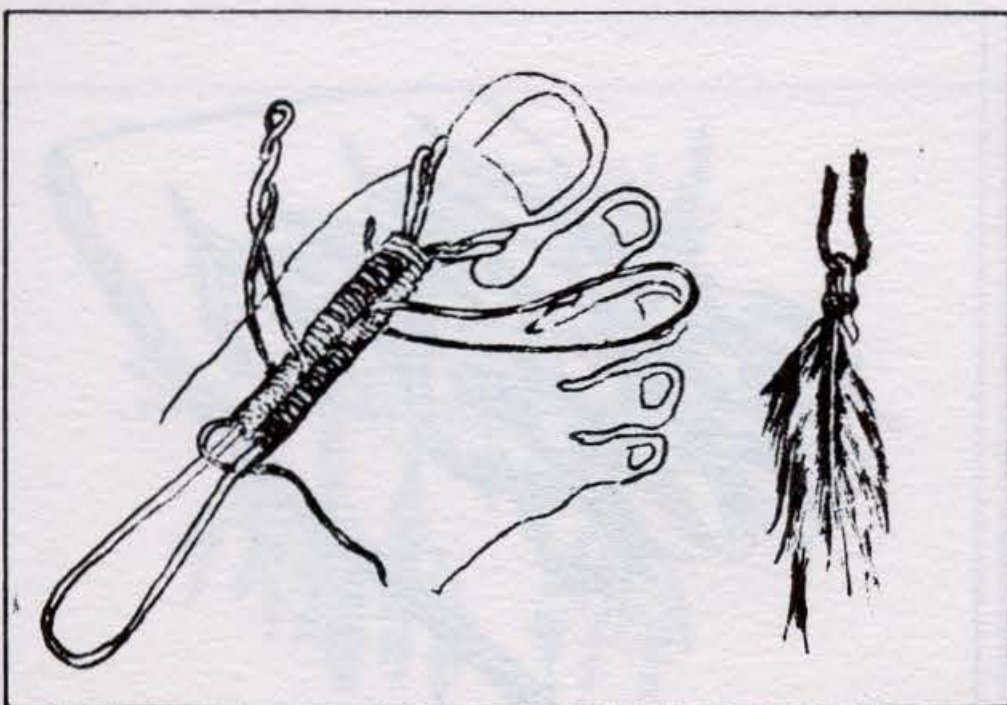



Fig. 14 – Fase de confecção de uma corda de passamanaria para receber plumas nas alças. Braçadeira emplumada dos Índios do Alto Xingu.

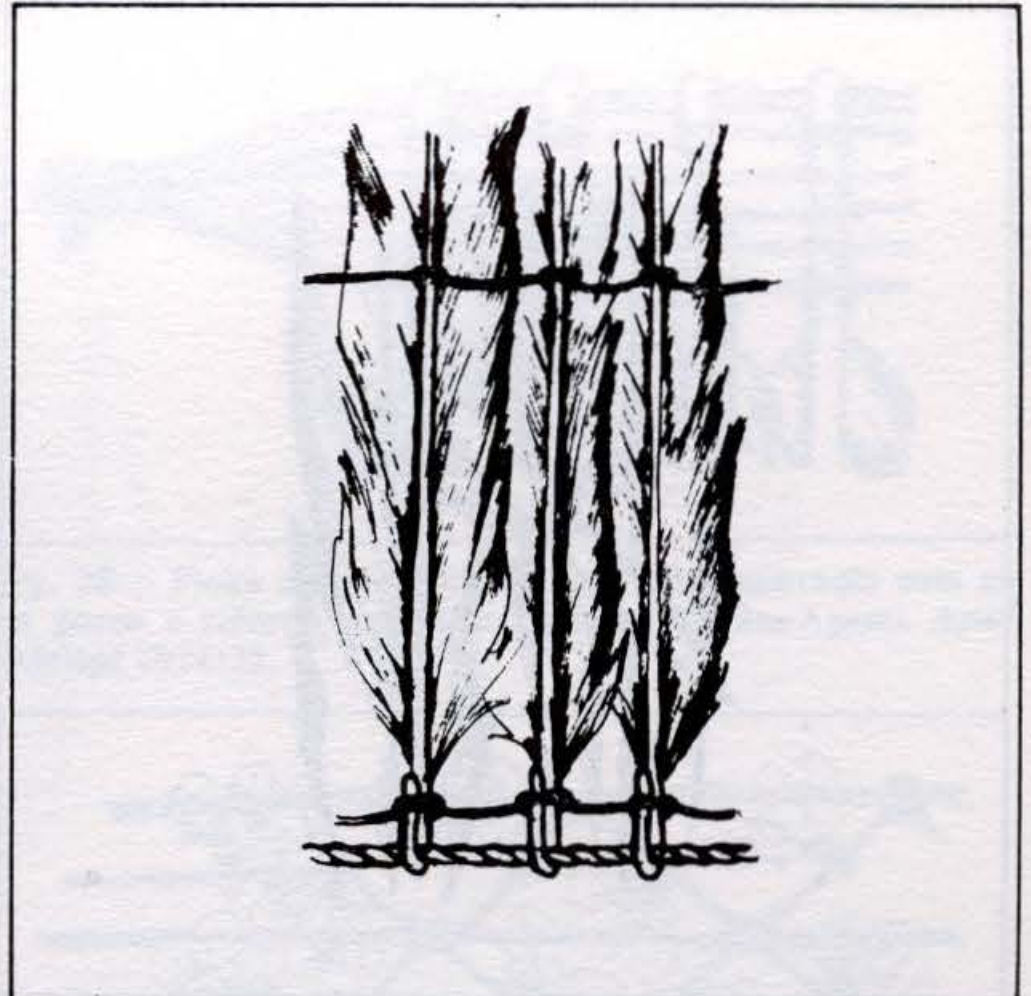



Fig. 15 – Fieira de penas sobre cordel-base. Amarração: nó simples.

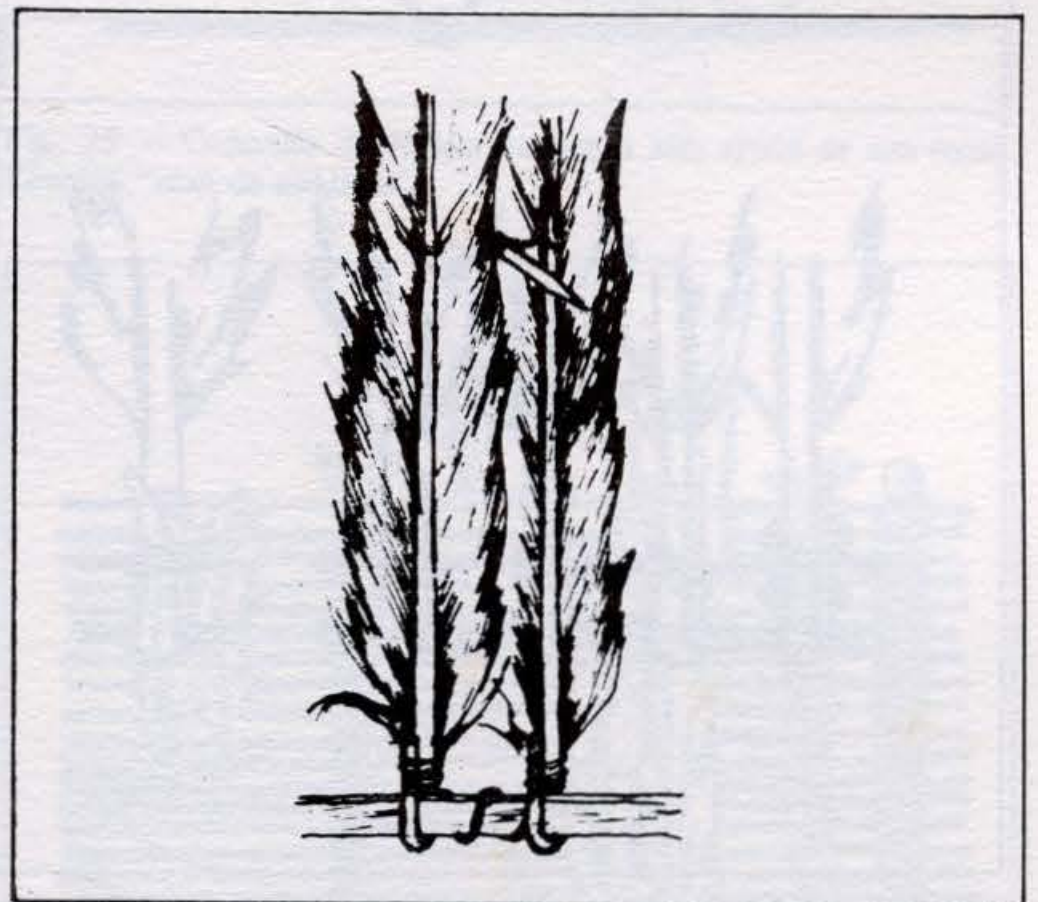



Fig. 16 – Amarração de penas longas à meia altura com reforço de torniquete. Penacho frontal de aro emplumado (Ind. Javaé, M. N. nº 30.731).

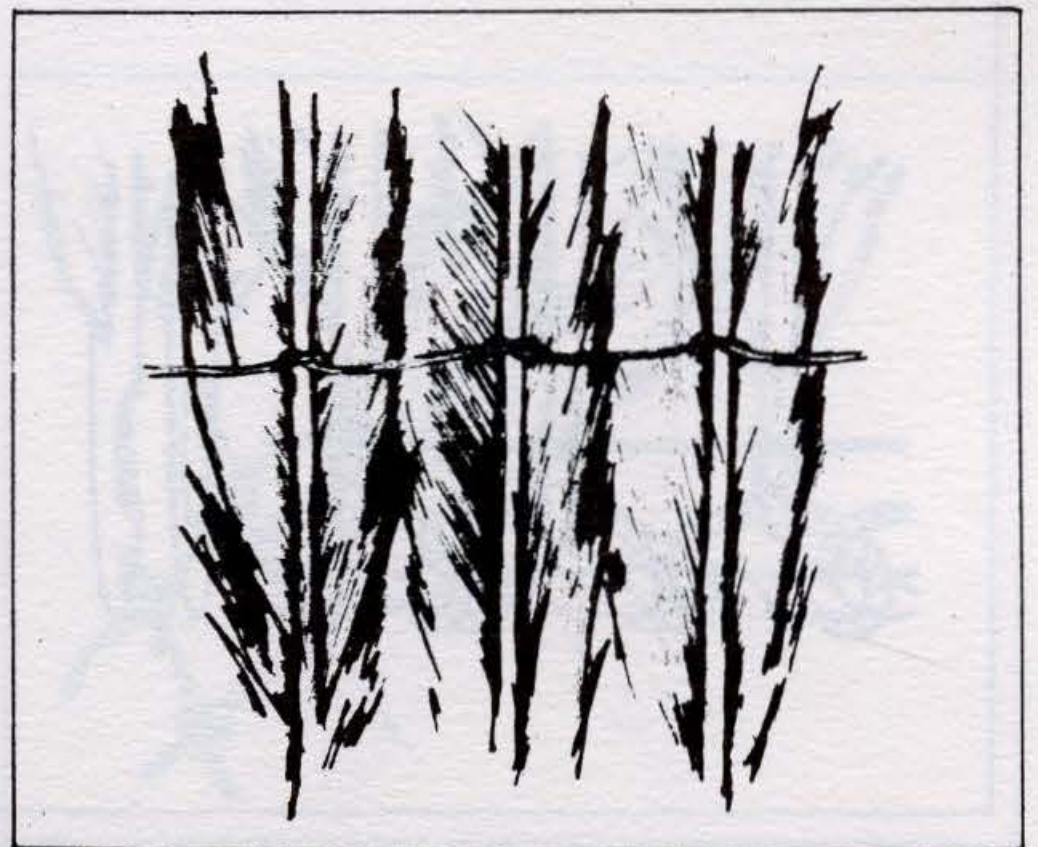



Fig. 17 – Detalhe de amarração de penas longas à meia altura com fio-guia e nó simples.

Fig. 18 – Detalhe do anverso da fig. 16.

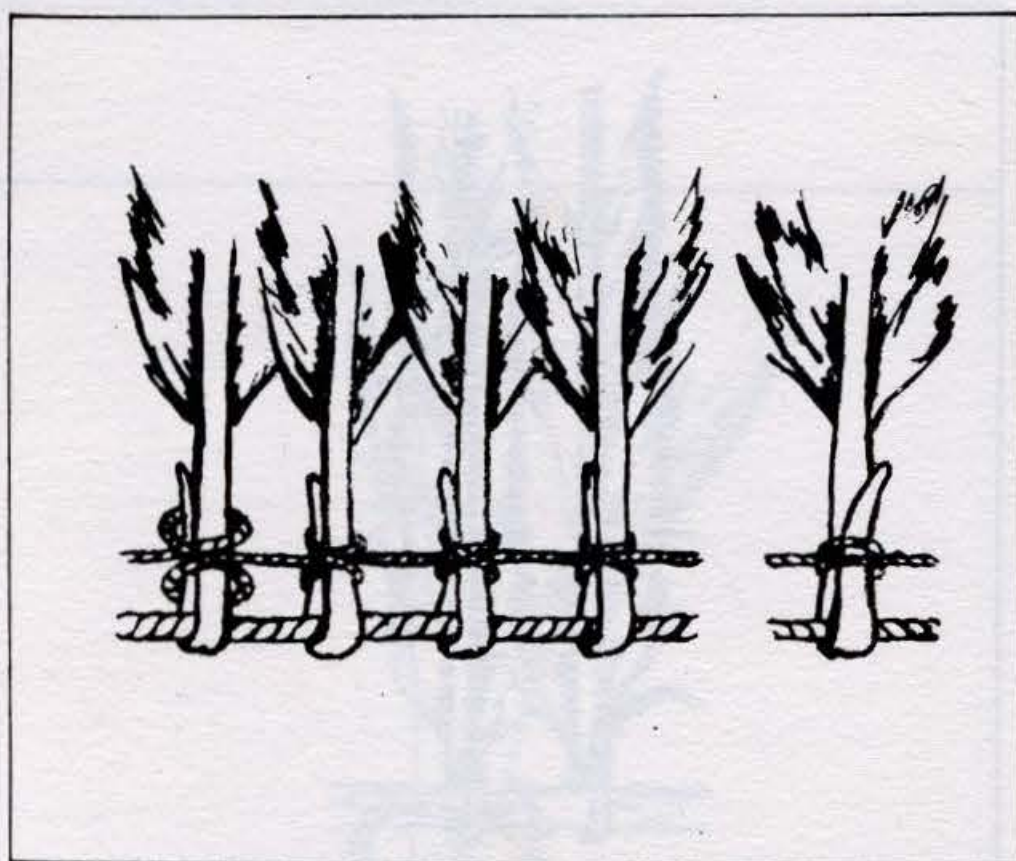



Fig. 19 – Fieira de penas sobre cordel-base. Técnica de amarração: nó de porco (ou falso nó).

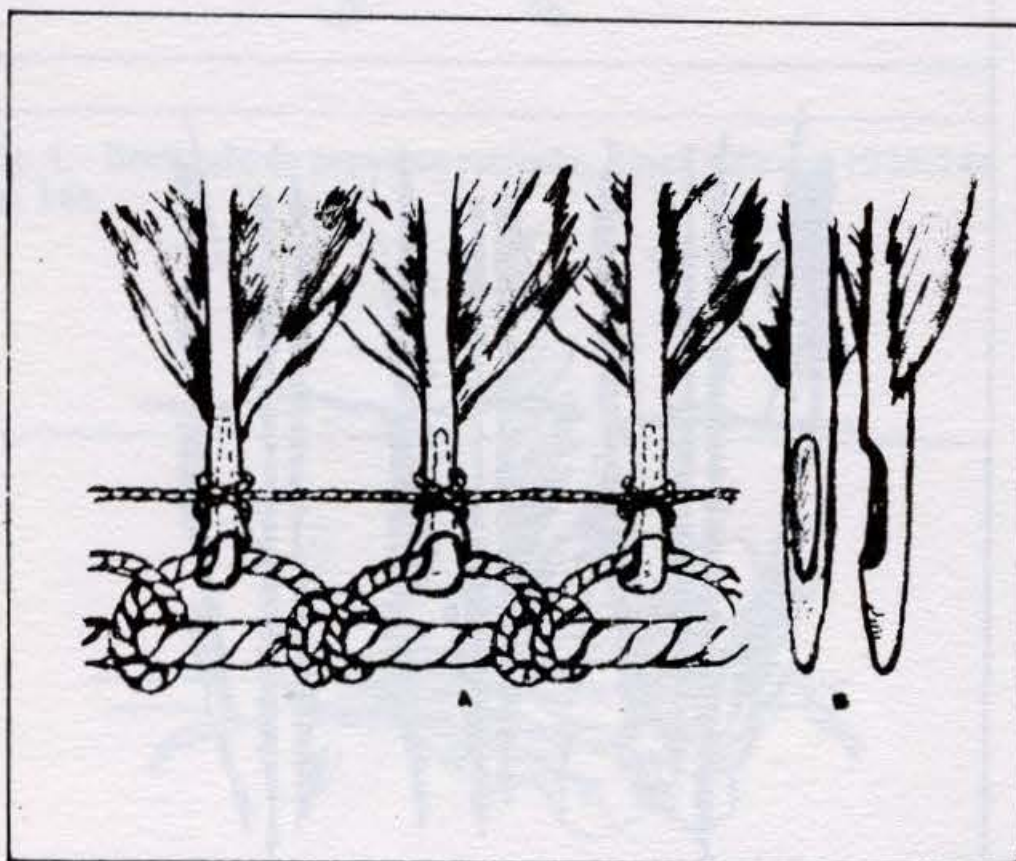



Fig. 20 – Fieira de penas com encaixe do canhão. A. Amarração com nó de porco sobre atilho intermediário. B. Talhe para o encaixe.

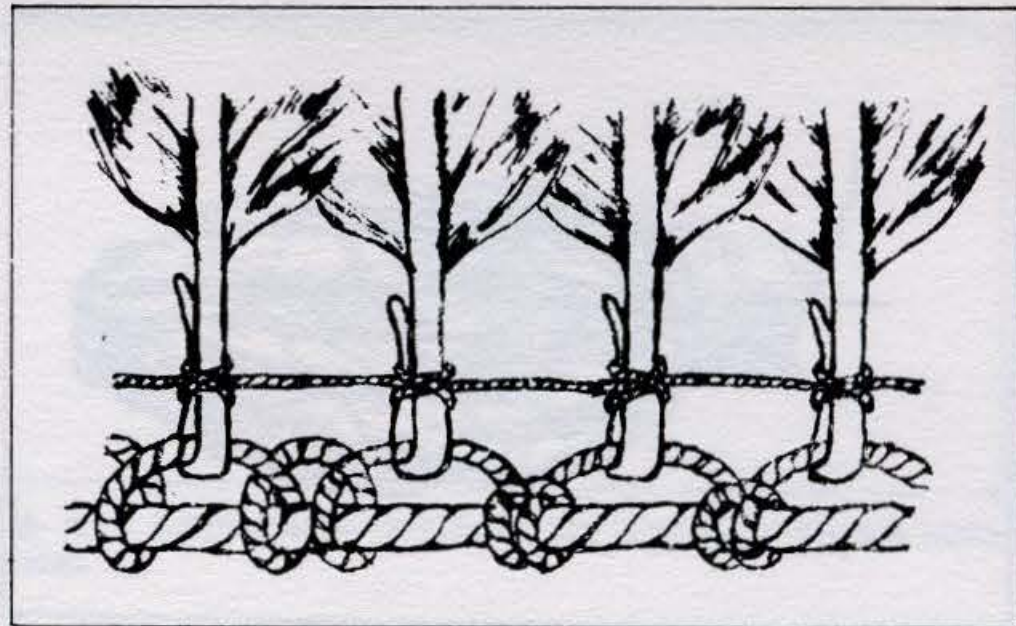



Fig. 21 – Fieira de penas sobre cordel-base armada com atilho intermediário. Técnica de amarração: nó de porco.

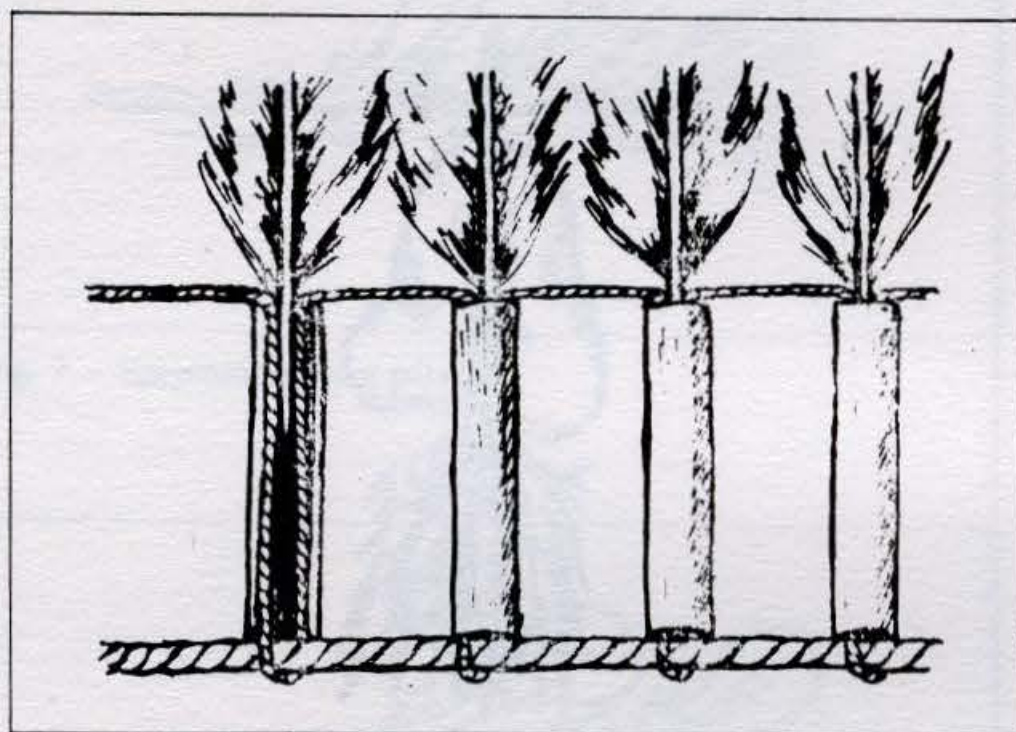



Fig. 22 – Encastoamento de penas a roletes de taboca.

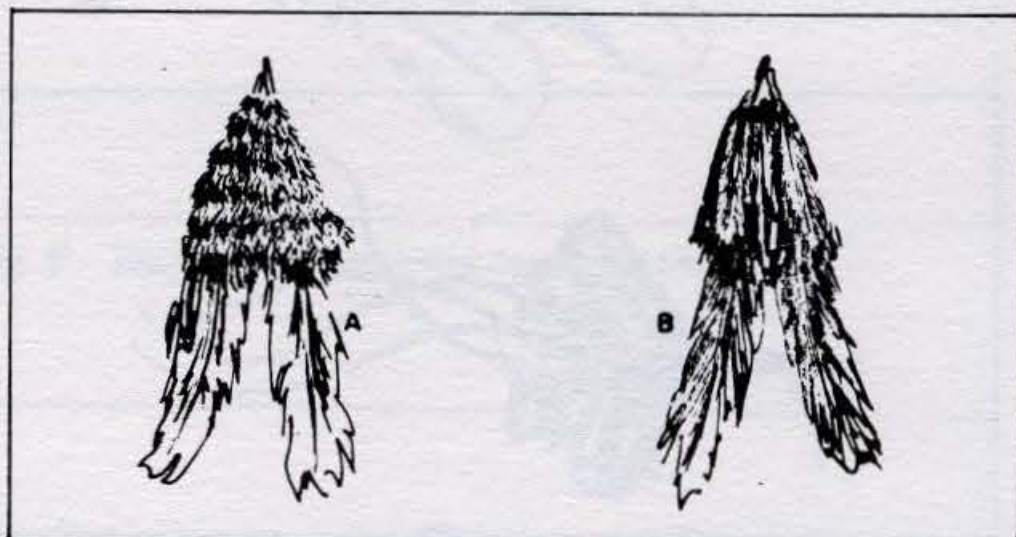



Fig. 23 – Técnica de colagem: emplumação em placa. A. Verso. B. Reverso.

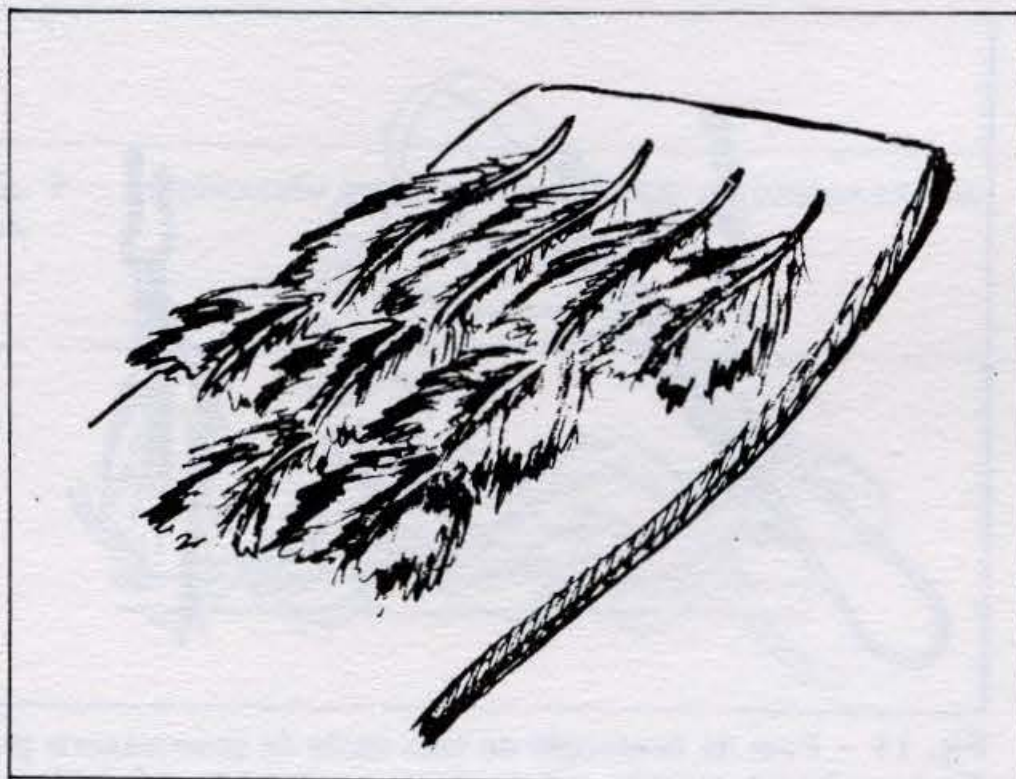



Fig. 24 – Emplumação em mosaico: técnica de colagem.

Fig. 25 – Emplumação arminhada. A. Vista da pena. B. Detalhe da fixação da penugem no canhão da pena.

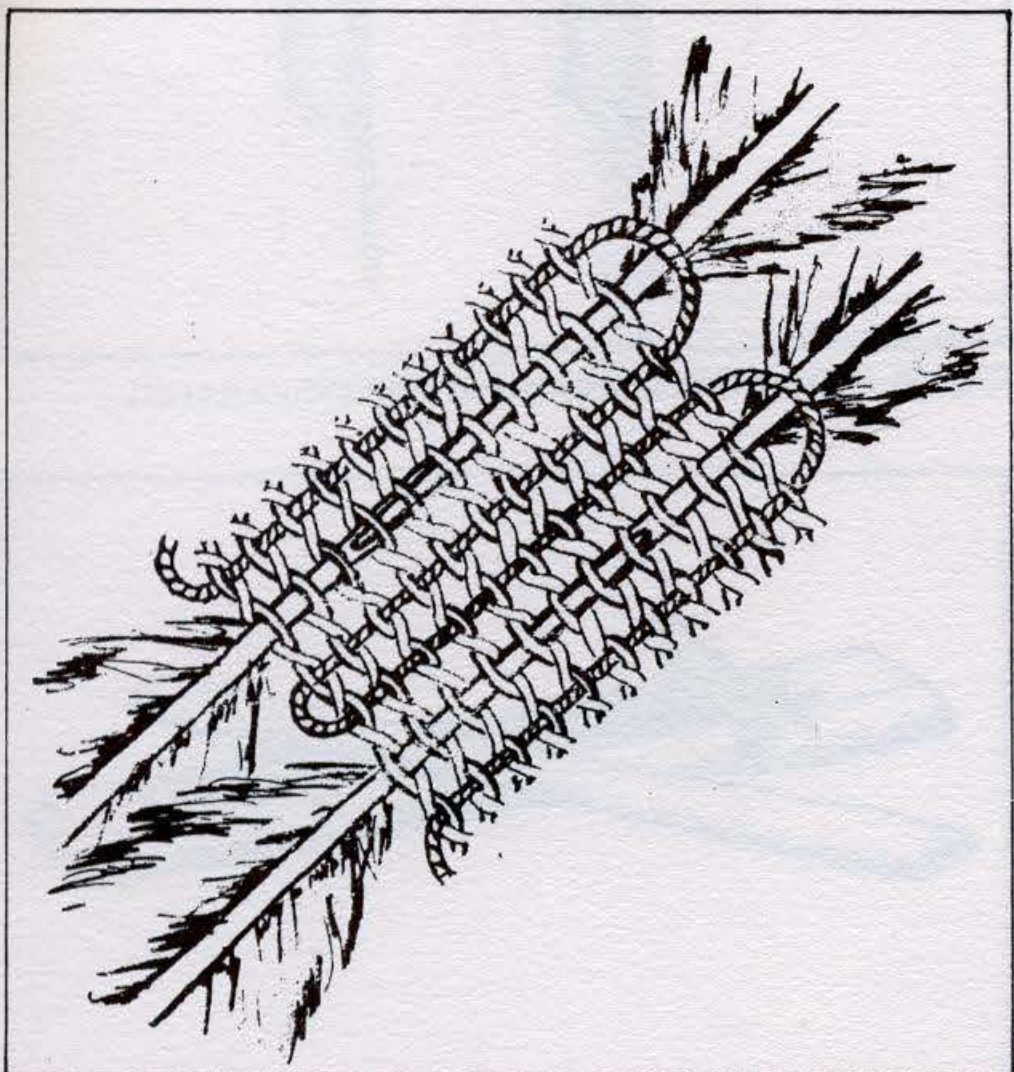



Fig. 26 – Trama de plumas. Cinto dos índios Urubus-Kaapor.

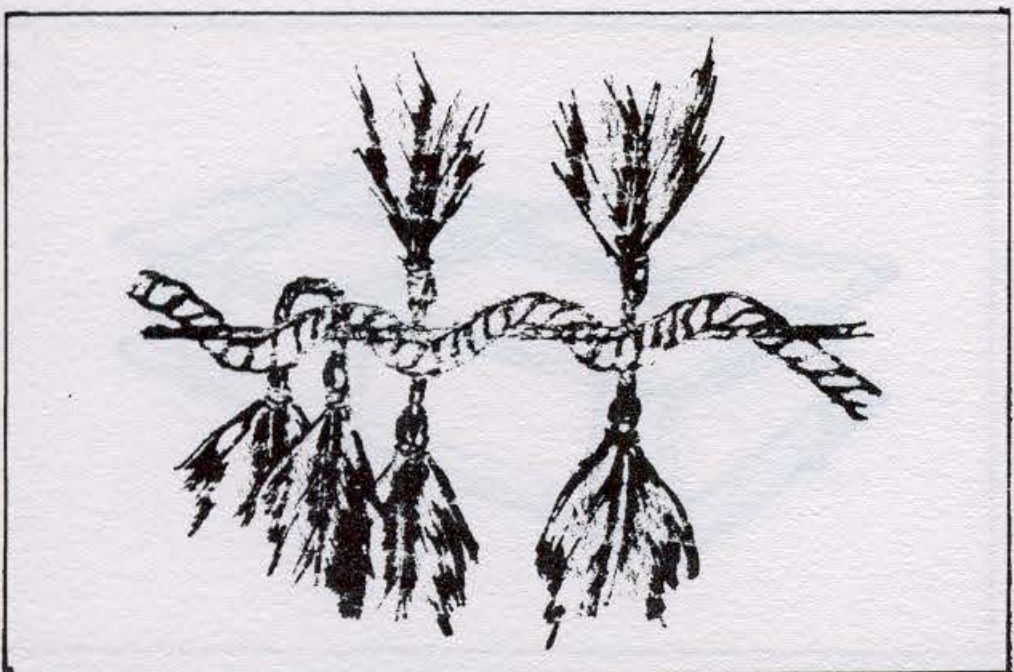



Fig. 27 – Costura de tufos de plumas a tecidos. Cinto Munduru-kú.

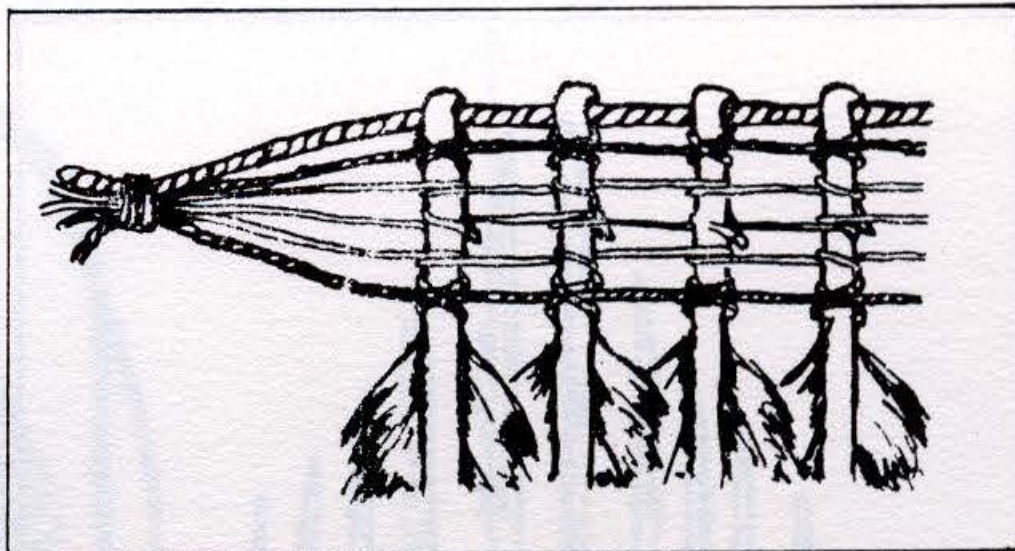



Fig. 28 – Fieira de penas sobre cordel-base, amarração com nó de porco e reforço suplementar. Índios Wayâna-Aparai. *Apud* Schoepf 1971:28.

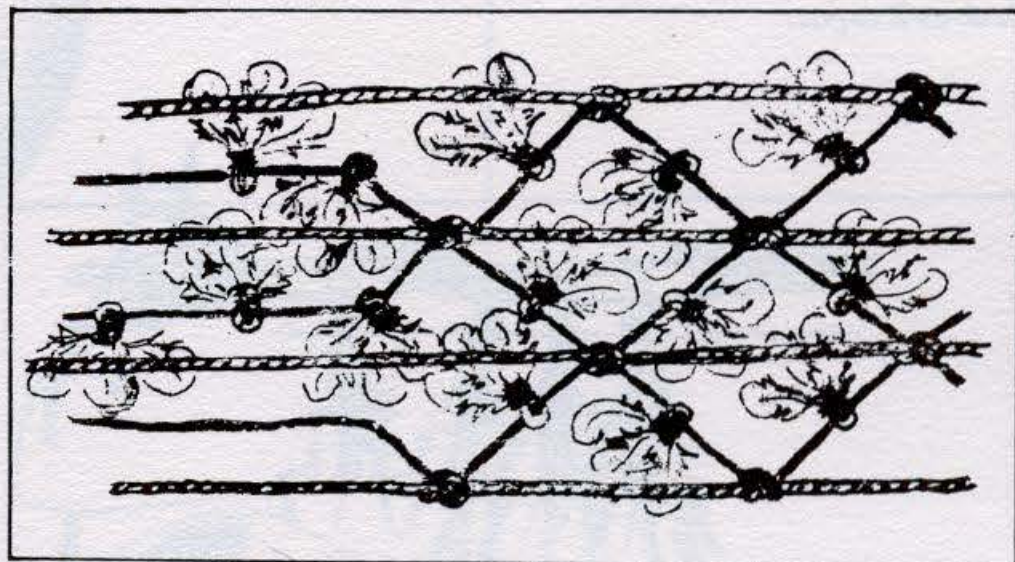



Fig. 29 – Conexão de fieiras de penas sem ajuda de um forro. Técnica "casa de abelhas".

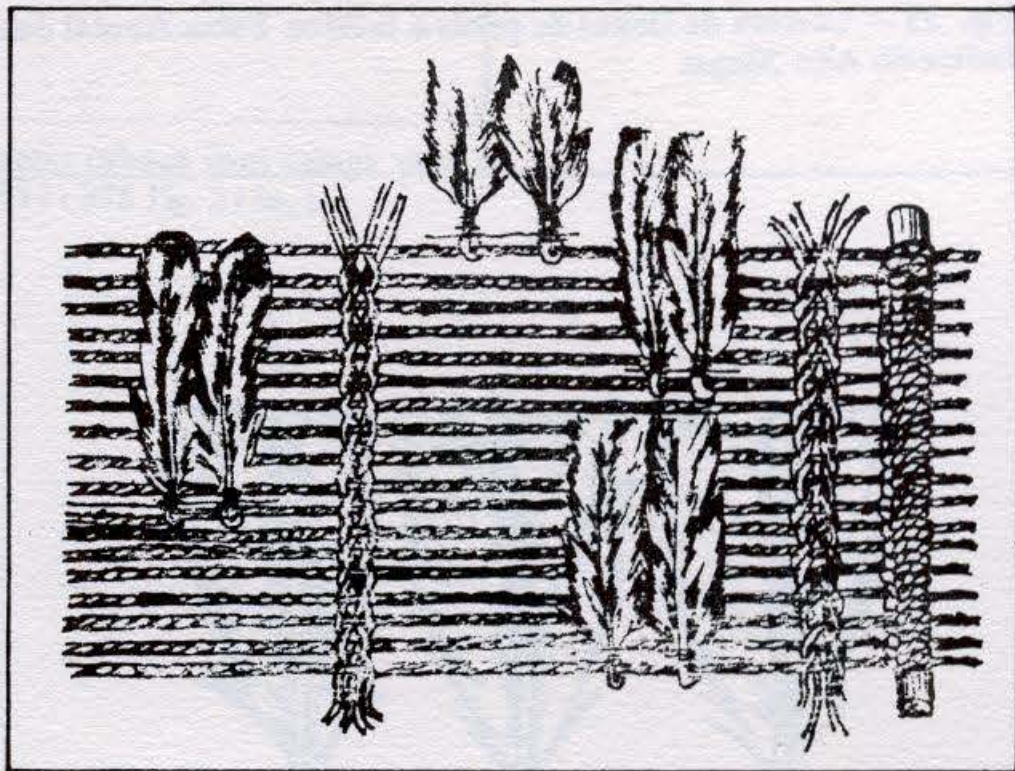



Fig. 30 – Conexão de fieiras de penas sem ajuda de um forro pela técnica de contratorcido.

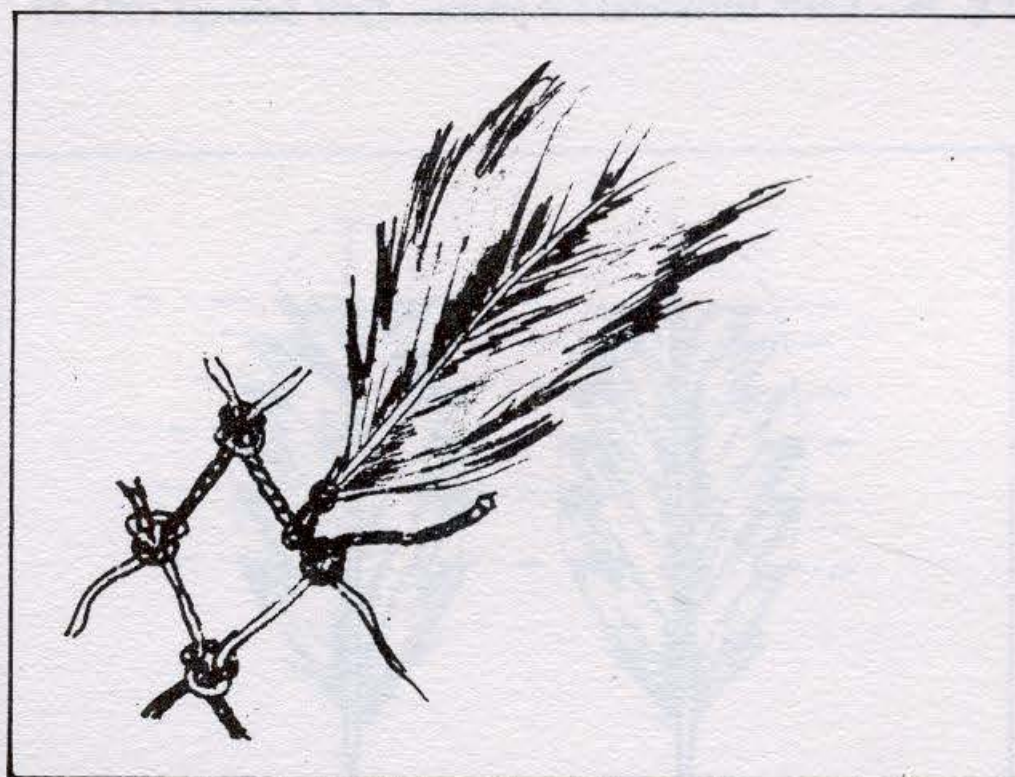



Fig. 31 – Fixação de penas nos intervalos dos nós do retículo. Coifa dos índios Karajá.

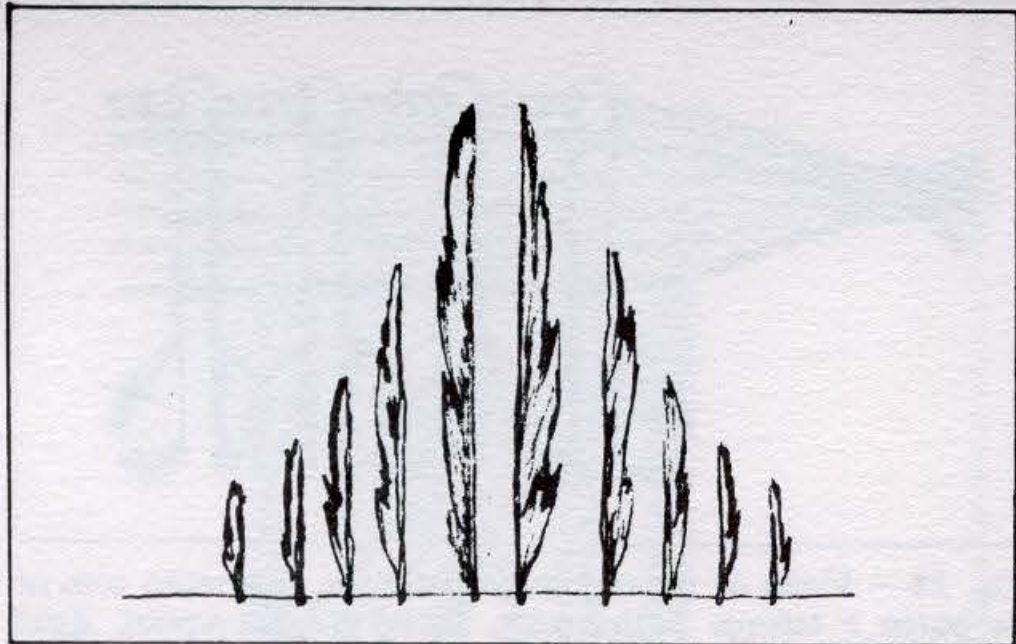



Fig. 32 – Corte transversal do diadema horizontal dos índios Urubus-Kaapor.

Fig 36 – Corte em chanfradura: A1 à direita; A2 à esquerda; B angular.

Fig. 33 – Costura de fieiras de penas a tecidos. Faixa frontal dos índios do Alto Xingu.

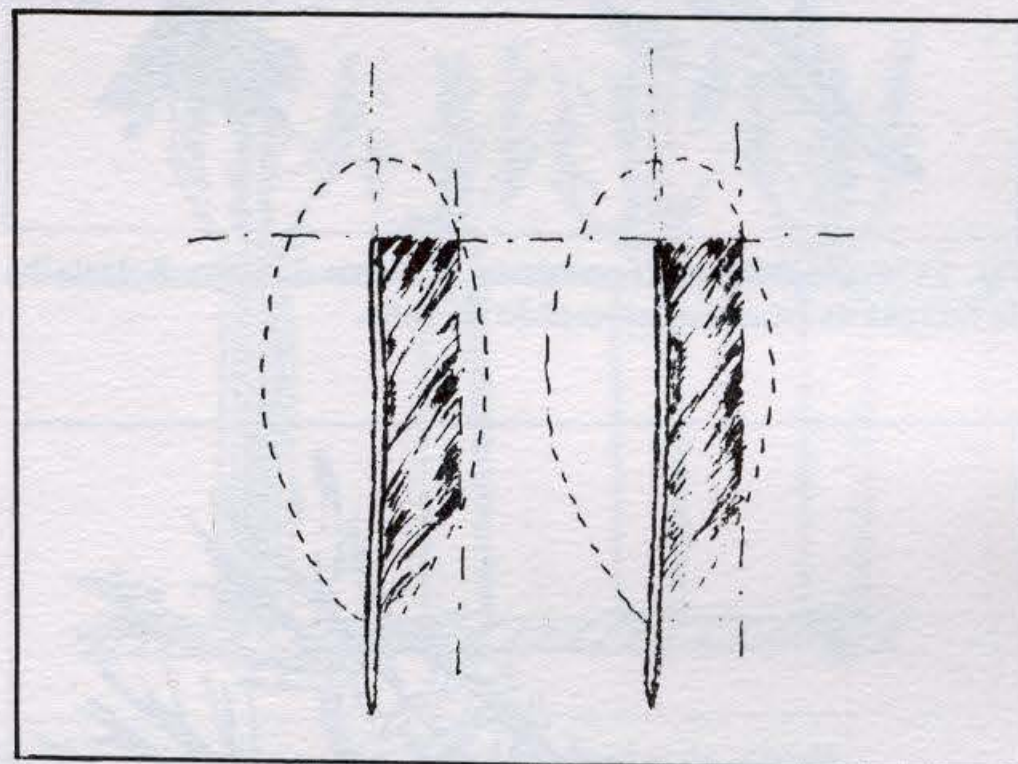



Fig. 37 – Bipartição da pluma com chanfradura vertical.

Fig. 34 – Corte horizontal das plumas. *Apud* Schoepf 1971:27

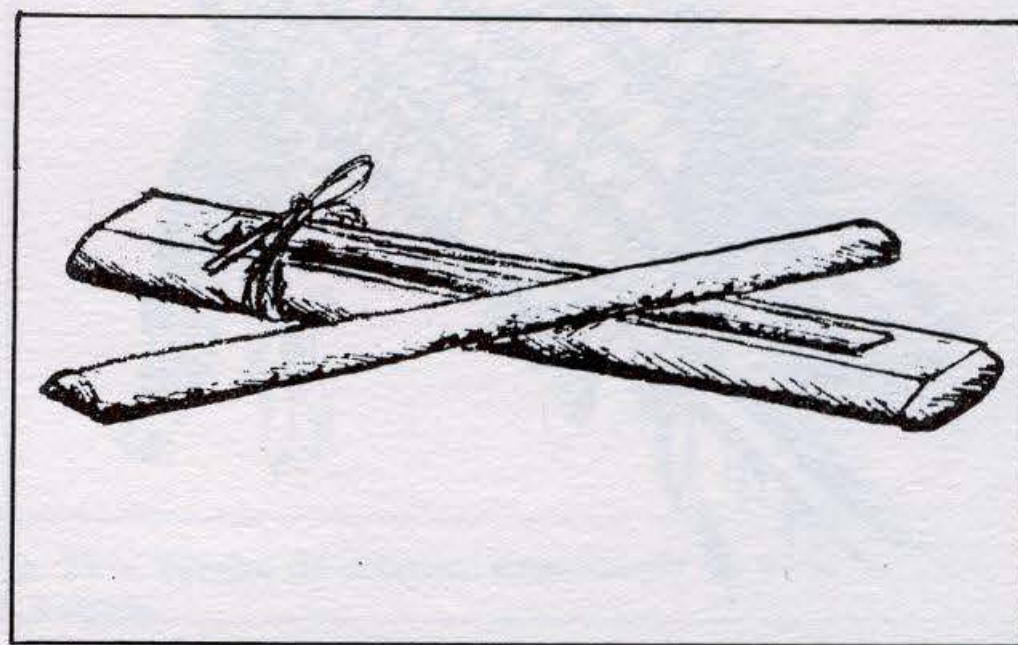



Fig. 38 – Estojo de taquara para guardar penas. Índios Kayapó, M.I. 75.6.204. Esc. 1:10.

Fig. 35 – Corte serrilhado das plumas. *Apud* Schoepf 1971:27.

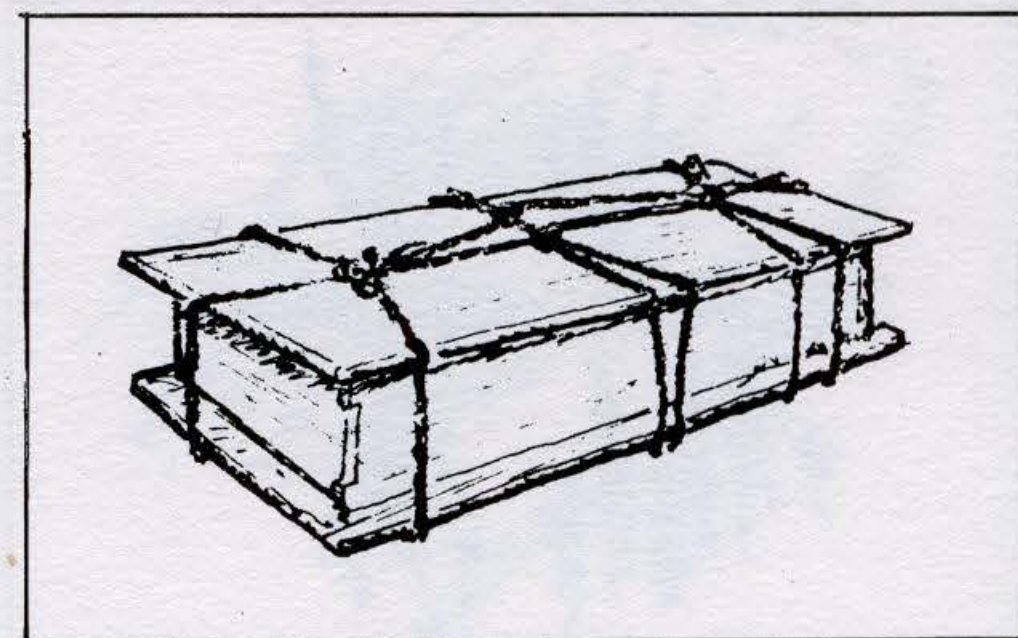



Fig. 39 – Estojo para guardar adornos de penas de madeira lavrada. Índios Kaapor, M.I. nº 5331. Esc. 1:10.

Fig. 40 – Técnicas de armazenagem: cabaça com tampa para a guarda de plumas. *Apud* Krause 1911: 375 fig. 215a, b.

50
ADORNOS DE MATERIAIS ECLÉTICOS, INDUMENTÁRIA E TOUCADOR

50

ADORNOS DE MATERIAIS ECLÉTICOS, INDUMENTÁRIA E TOUCADOR

GRUPOS GENÉRICOS

Nº	Grupo
01	Adornos de materiais ecléticos da cabeça
02	Adornos de materiais ecléticos do tronco
03	Adornos de materiais ecléticos dos membros
04	Indumentária e arranjos de decoro
05	Objetos de toucador
06	Objetos de uso pessoal

ADORNOS DE MATERIAIS ECLÉTICOS DA CABEÇA (01)

Def. Ornamentos de materiais ecléticos – da fauna, flora, do reino mineral, produto industrial – Usados na face ou no crânio, subdivididos em: 1) cobrem ou cingem a calota craniana; 2) usados nas asas do nariz, septo nasal, lóbulo das orelhas, lábio inferior, cantos da boca; 3) pendem da cabeleira.

Uso: adereço pessoal, ritual ou cotidiano, definidor da condição etária, social e étnica.

T. Esp. Auricular bico de tucano
Auricular cavilha
Auricular de metal
Auricular de miçangas
Auricular de sementes
Auricular disco de madrepérola
Auricular discóide compacto
Auricular discóide vasado
Auricular fragmentos de madrepérola
Botoque botão de madeira
Botoque disco de madeira
Capacete couro de onça
Coroa contas de caramujo
Coroa garras de onça
Estilete facial
Estilete nasal
Fita frontal couro de onça
Fita frontal de folíolo
Labrete cavilha
Labrete de acúleos
Labrete de concha
Labrete de madeira
Labrete de miçangas
Labrete de osso
Labrete de resina
Labrete fragmentos de madrepérola
Narigueira contas de caramujo
Tembetá de quartzo
Tubo pendente da cabeleira
Turbante cabelos humanos
Turbante pêlo de macaco

ADORNOS DE MATERIAIS ECLÉTICOS DO TRONCO (02)

Def. Ornamentos confeccionados com materiais de origem vegetal, animal, mineral e produtos industriais, usados no tronco, subdivididos em: 1) adornos do pescoço, peitorais e dorsais; 2) usados a tira-cola; 3) adornos de cintura; 4) adornos ventrais-lombares. Excluem-se os adereços registrados em 20 Trançados, 30 Cordões e tecidos, 40 Adornos plumários. E, ainda, os cintos-sonantes inventariados como chocalhos em fieira na categoria 60 Instrumentos de música e de sinalização.

Uso: adereço pessoal, ritual ou cotidiano, definidor da condição etária, sexual, social e étnica.

T. Esp. Bandoleira cruzada contas de caramujo
Bandoleira de miçangas
Bandoleira de sementes
Cinto contas de caramujo
Cinto couro de onça
Cinto de miçangas
Cinto dentes de mamífero
Colar anéis de coco
Colar antenas de coleóptero
Colar canutilhos de osso
Colar canutilhos de taquara
Colar contas de caramujo
Colar contas de coco e dentes
Colar contas de coco tucum
Colar contas de madrepérola
Colar costelas de cobra
Colar costelas de pássaros
Colar de miçangas
Colar de sementes
Colar dentes de mamífero

Colar dentes em camadas superpostas
Colar dentes recortados de osso
Colar élitros de coleóptero
Colar garras de onça
Colar miçangas e sementes
Colar miniaturas escultóricas de tucum
Colar pingente de quartzo
Colar plaquetas quadrilaterais de madrepérola
Colar plaquetas retangulares de caramujo
Colar plaquetas retangulares de madrepérola
Colar raques de penas
Colar recortes de metal
Corselete dorsal de miçangas
Gargantilha de miçangas
Peitoral de acúleos
Peitoral de metal
Peitoral dentes de macaco
Peitoral dentes de onça
Peitoral dentes de roedor
Peitoral pente e pingente
Peitoral unhas tatu canastra
Pingente dorsal peles de animais
Sobrecinto de miçangas
Sobrecinto de sementes

ADORNOS DE MATERIAIS ECLÉTICOS DOS MEMBROS (03)

Def. Atavios dos membros confeccionados com matéria-prima de origem vegetal, animal, produto industrial e mista, subdivididos em: 1) usados nos dedos; 2) adornos do pulso; 3) usados na altura do bíceps; 4) usados abaixo do joelho; 4) usados no tornozelo. Deixam de ser incluídos neste grupo as jarreteiras e tornozeleiras sonantes, isto é, feitas de casco de animal ou endocárpio de coco e cápsulas de frutos, as quais foram inventariadas na categoria 40 Instrumentos musicais e de sinalização, como chocalhos em fieira.
Uso: adereço pessoal, ritual ou cotidiano, definidor da condição etária, sexual, social e étnica.
T. Esp. Anel
Braçadeira contas de caramujo
Braçadeira de couro
Braçadeira de folíolo
Braçadeira de miçangas
Braçadeira de sementes
Braçadeira pêlo de jupará
Jarreteira de borracha nativa
Jarreteira de miçangas
Pulseira cauda de tatu
Pulseira de borracha nativa
Pulseira de madeira
Pulseira de metal
Pulseira de miçangas
Pulseira de sementes
Pulseira osso de ave
Pulseira ouriço de castanha
Pulseira recortes coco de tucum
Tornozeleira de miçangas

INDUMENTÁRIA E ARRANJOS DE DECORO (04)

Def. Peças confeccionadas com matéria-prima de origem vegetal, exceto as que foram inventariadas nas categorias: 20 Trançados, 30 Cordões e tecidos. Inclui "vestes" destinadas antes a adornar e a personalizar o corpo que a vesti-lo e arranjos de decoro masculinos e femininos, indicativos da condição etária e a filiação étnica.
Uso: vestimenta e protetor sexual.
T. Esp. Avental de líber
Cinta de líber
Encacho de líber
Estojo peniano
Saia franjas de líber
Sandália de borracha nativa
Sandália medula de buriti
Tanga de miçangas
Tanga de sementes
Uluri

OBJETOS DE TOUCADOR (05)

Def. Implementos feitos de materiais ecléticos para a escarificação, perfuração e pintura do corpo, bem como para pentear-se, segundo os padrões culturais de cada grupo indígena.
Uso: tratamento e embelezamento do corpo.
T. Esp. Carimbo-cabaça
Carimbo coco-babaçu
Carimbo-corda
Carimbo-garfo
Carimbo plano-largo
Carimbo-rolo
Carimbo-vareta
Carimbo-vértebras
Dilatador lóbulos das orelhas
Escarificador
Espátula para pintura facial
Furador de lábio, orelha, nariz
Pente duplo de uma haste
Pente singelo de duas hastes
Pente singelo de uma haste
Pincel para pintura corporal
Recipiente produtos de toucador
Riscador para pintura corporal
Saquinho líber para carajuru
Tatuador

OBJETOS DE USO PESSOAL (06)

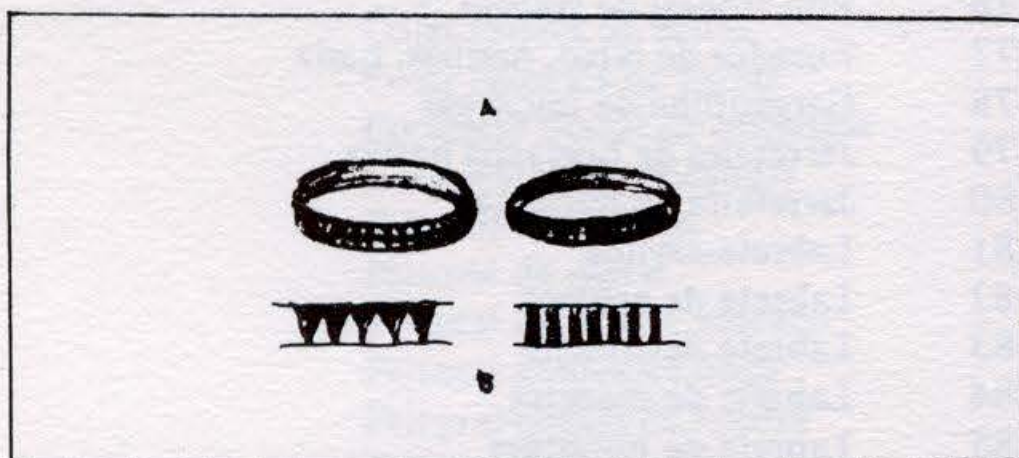
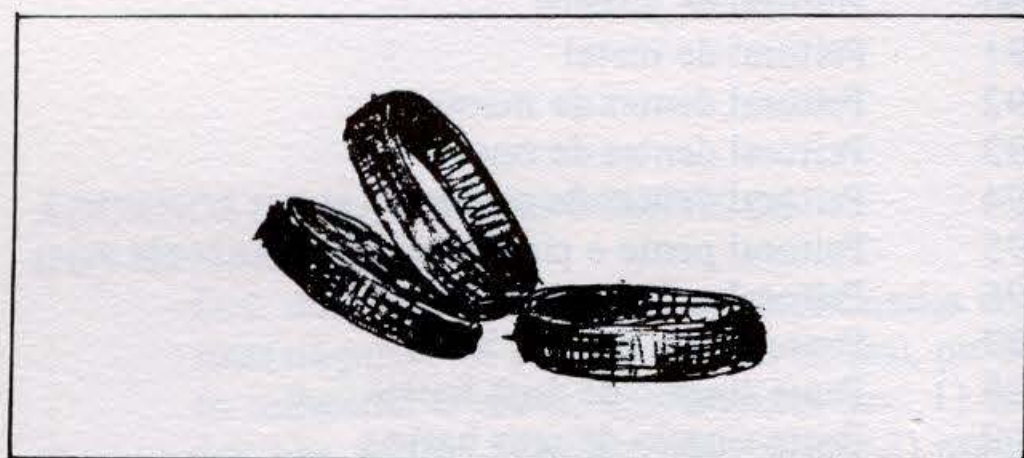
Def. Artefatos feitos de elementos da flora e da fauna adequados para a guarda e transporte de bens e para carregar crianças de colo.
Uso: receptáculos aparelhados para o transporte de crianças, para a guarda e transporte de bens.
T. Esp. Bolsa carapaça de tatu
Bolsa de cabaça
Bolsa de couro
Tipóia de líber

ITENS

Nº	Item
01	Anel
02	Auricular bico de tucano
03	Auricular cavilha
04	Auricular de metal
05	Auricular de miçangas
06	Auricular de sementes
07	Auricular disco de madrepérola
08	Auricular discóide compacto
09	Auricular discóide vasado
10	Auricular fragmentos de madrepérola
11	Avental de líber
12	Bandoleira cruzada contas de caramujo
13	Bandoleira de miçangas
14	Bandoleira de sementes
15	Bolsa carapaça de tatu
16	Bolsa de cabaça
17	Bolsa de couro
18	Botoque botão de madeira
19	Botoque disco de madeira
20	Braçadeira contas de caramujo
21	Braçadeira de couro
22	Braçadeira de folíolo
23	Braçadeira de miçangas
24	Braçadeira de sementes
25	Braçadeira pêlo de jupará
26	Capacete couro de onça
27	Carimbo-cabaça
28	Carimbo coco-babaçu
29	Carimbo-corda
30	Carimbo-garfo
31	Carimbo plano-largo
32	Carimbo-rolo
33	Carimbo-vareta
34	Carimbo-vértebras
35	Cinta de líber
36	Cinto contas de caramujo
37	Cinto couro de onça
38	Cinto de miçangas
39	Cinto dentes de mamífero
40	Colar anéis de coco
41	Colar antenas de coleóptero
42	Colar canutilhos de osso
43	Colar canutilhos de taquara
44	Colar contas de caramujo
45	Colar contas de coco e dentes
46	Colar contas de coco tucum
47	Colar contas de madrepérola
48	Colar costelas de cobra
49	Colar costelas de pássaro
50	Colar de miçangas
51	Colar de sementes
52	Colar dentes de mamífero
53	Colar dentes em camadas superpostas
54	Colar dentes recortados de osso
55	Colar élitros de coleóptero
56	Colar garras de onça
57	Colar miçangas e sementes
58	Colar miniaturas escultóricas de tucum
59	Colar pingente de quartzo
60	Colar plaquetas quadrilaterais de madrepérola
61	Colar plaquetas retangulares de caramujo
62	Colar plaquetas retangulares de madrepérola
63	Colar raques de penas
64	Colar recortes de metal
65	Coroa contas de caramujo
66	Coroa garras de onça
67	Corselete dorsal de miçangas
68	Dilatador lóbulos das orelhas
69	Encacho de líber
70	Escarificador
71	Espátula para pintura facial
72	Estilete facial
73	Estilete nasal
74	Estojo peniano
75	Fita frontal couro de onça
76	Fita frontal de folíolo
77	Furador de lábio, orelhas, nariz
78	Gargantilha de miçangas
79	Jarreteira de borracha nativa
80	Jarreteira de miçangas
81	Labrete-cavilha
82	Labrete de acúleos
83	Labrete de concha
84	Labrete de madeira
85	Labrete de miçangas
86	Labrete de osso
87	Labrete de resina
88	Labrete fragmentos de madrepérola
89	Narigueira contas de caramujo
90	Peitoral de acúleos
91	Peitoral de metal
92	Peitoral dentes de macaco
93	Peitoral dentes de onça
94	Peitoral dentes de roedor
95	Peitoral pente e pingente
96	Peitoral unhas tatu canastra
97	Pente duplo de uma haste
98	Pente singelo de duas hastes
99	Pente singelo de uma haste
100	Pincel para pintura corporal
101	Pingente dorsal peles de animais
102	Pulseira cauda de tatu
103	Pulseira de borracha nativa
104	Pulseira de madeira
105	Pulseira de metal
106	Pulseira de miçangas
107	Pulseira de sementes
108	Pulseira osso de ave
109	Pulseira ouriço de castanha
110	Pulseira recortes coco de tucum
111	Recipiente produtos de toucador
112	Riscador para pintura corporal
113	Saia franjas de líber
114	Sandália de borracha nativa
115	Sandália medula de buriti
116	Saquinho líber para carajuru
117	Sobrecinto de miçangas
118	Sobrecinto de sementes
119	Tanga de miçangas
120	Tanga de sementes
121	Tatuador
122	Tembetá de quartzo
123	Tipóia de líber
124	Tornozeleira de miçangas
125	Tubo pendente da cabeleira
126	Turbante de cabelos humanos
127	Turbante pêlo de macaco
128	*Uluri*

ANEL

Def. Pequeno círculo para adornar o dedo, podendo ser de côco tucum ou inajá, com ou sem entalhes decorativos, dentre os de matéria-prima vegetal; da cauda do camaleão ou da lagartixa teiu, dentre os de origem animal, registrados entre os grupos Timbíra (Nimuendaju 1946:56) e os Karajá (Krause 1941-44 vol. 82:286); ou de metal martelado e recortado de moedas, comum a várias tribos: Tiriyó (Frikel 1973:171), Kadiwéu (D. Ribeiro 1980:297).

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)

Anéis de cauda de camaleão e lagartixa teiu. Índios Karajá. A. Vista das peças. B. Detalhes. *Apud* Krause 1941-44 vol. 82:286 fig. 81a,b. Tamanho natural.

Anéis de coco tucum. Índios Suruí de Rondônia, M. I. nº 81.1.17. Esc. 1:1.

ANQUINHAS

Use: SOBRECINTO DE MIÇANGAS

AURICULAR

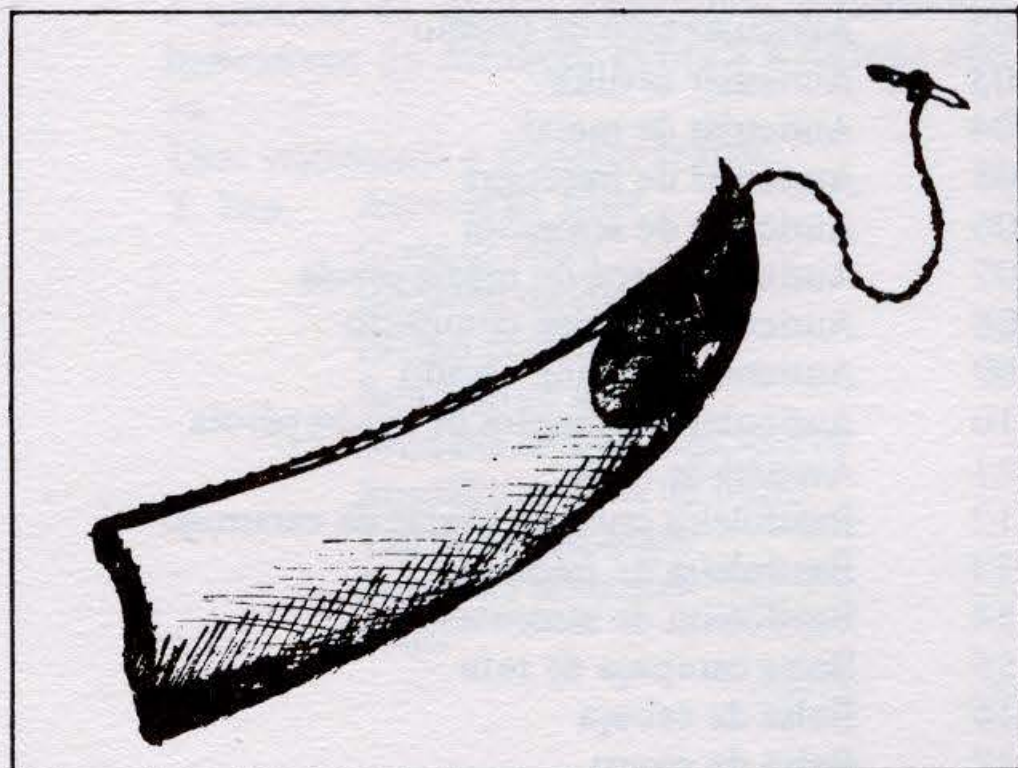
Def. Tendo reservado o termo brinco para os adornos do lóbulo da orelha, feitos com plumas, empregamos o vocábulo auricular para os de materiais incluídos na presente categoria. Dentre os mais usuais, discriminamos os de tipo cavilha, discóide vasado, discóide compacto, de madrepérola, de metal, de bico de tucano, de sementes e de miçangas, este último, comum, atualmente, entre os Kayapó.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Consulte: 40 Adornos plumários

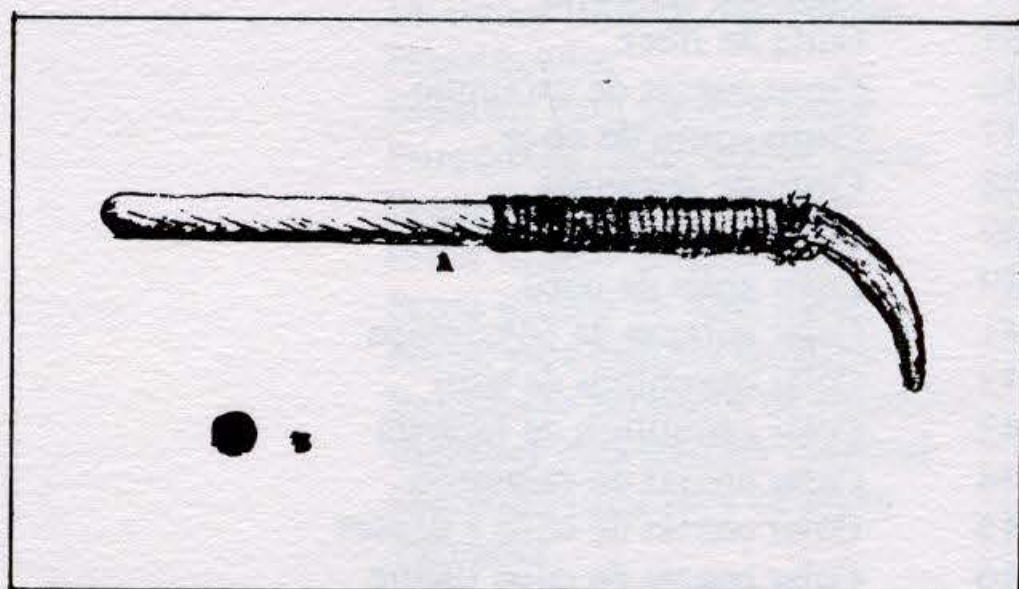
AURICULAR BICO DE TUCANO

Def. Ornato de uso masculino formado pela parte superior do bico do tucanuçu, pendente de um longo fio, que termina por uma cavilha introduzida no orifício do lóbulo da orelha. Encontrado entre os índios Borôro (Albisetti & Venturelli 1962:423).

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Auricular bico de tucano. Índios Borôro, *apud* Albisetti & Venturelli 1962:423. Museu Regional Dom Bosco nº B54 1819. Esc. 1:1,5.

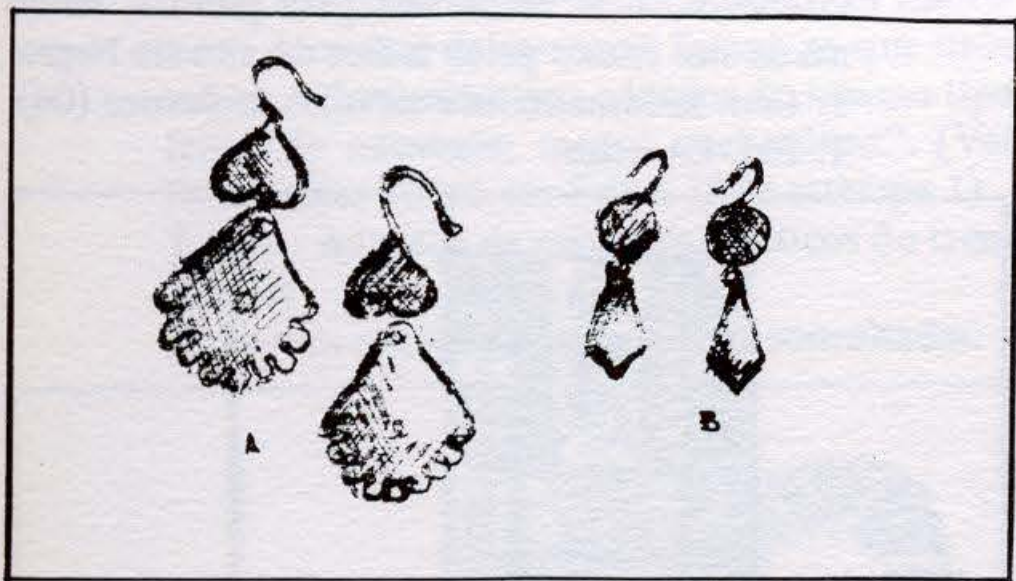
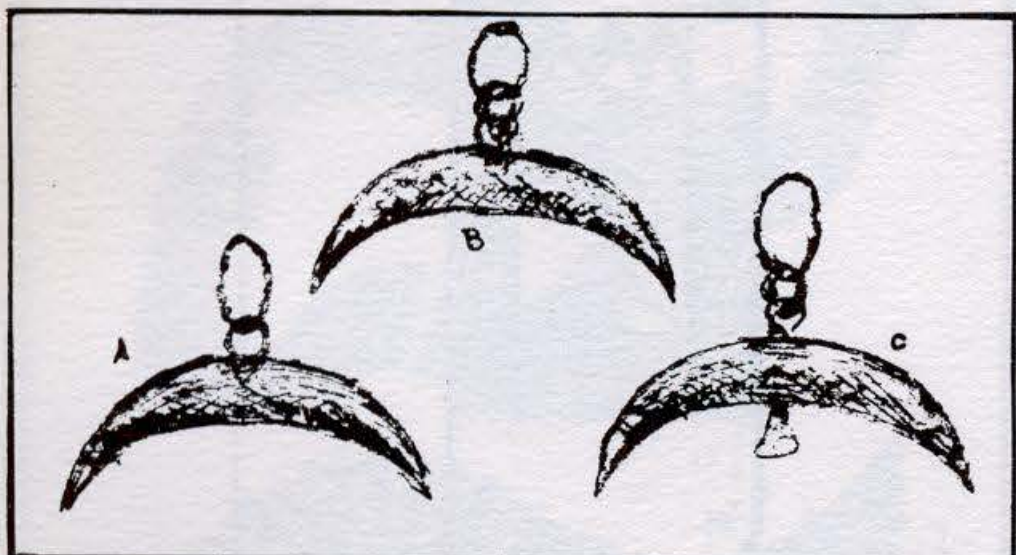
AURICULAR-CAVILHA

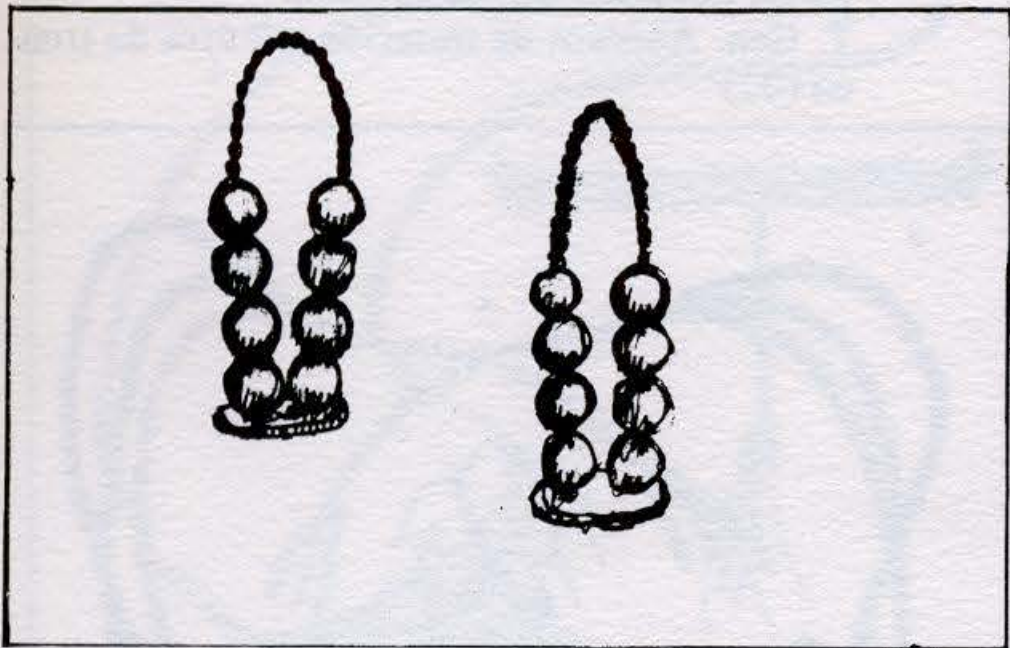
Def. Adorno do lóbulo da orelha constituído de um simples pedaço de pau roliço, à maneira dos índios Xavante (Maybury-Lewis 1984:314), de um troço de taquara tendo engastado na parte da frente um dente de cotia ou a ponta do chifre de veado ornada de plumas, ao modo dos índios Kayabí (Grünberg 1967:71).

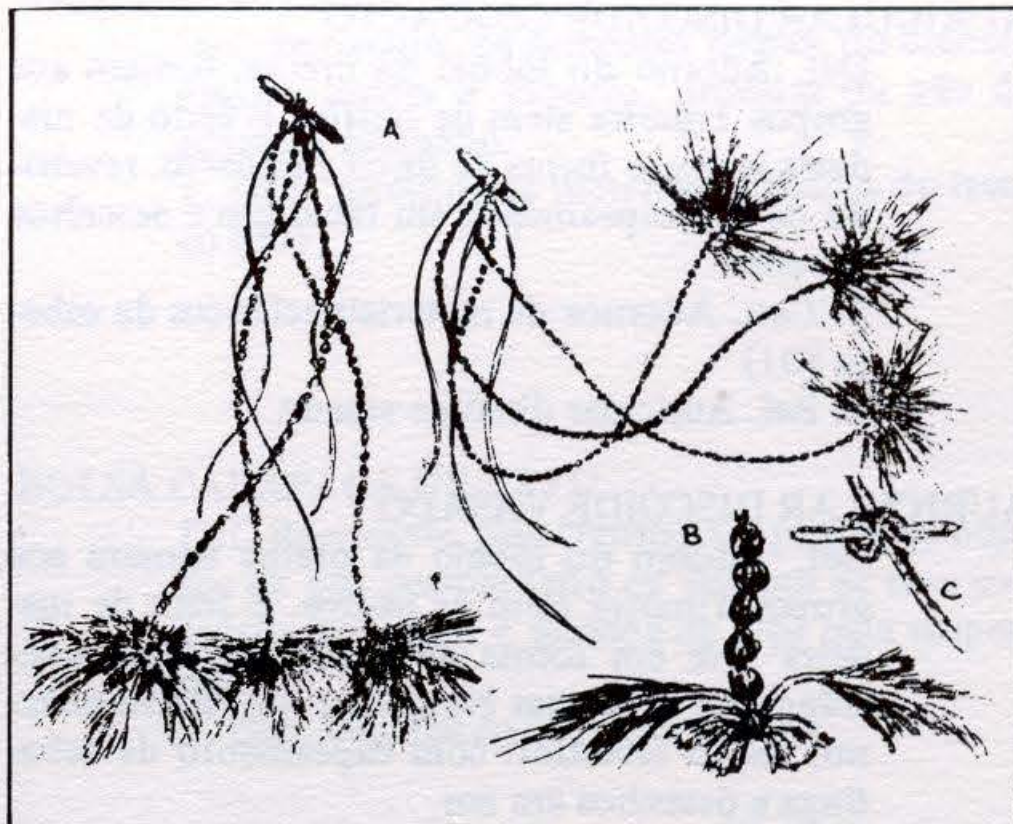
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Auricular-cavilha com dente de roedor. Índios Kayabí, M.N. nº 14.214. Esc. 1:2. A. Vista da peça. B. Corte transversal.

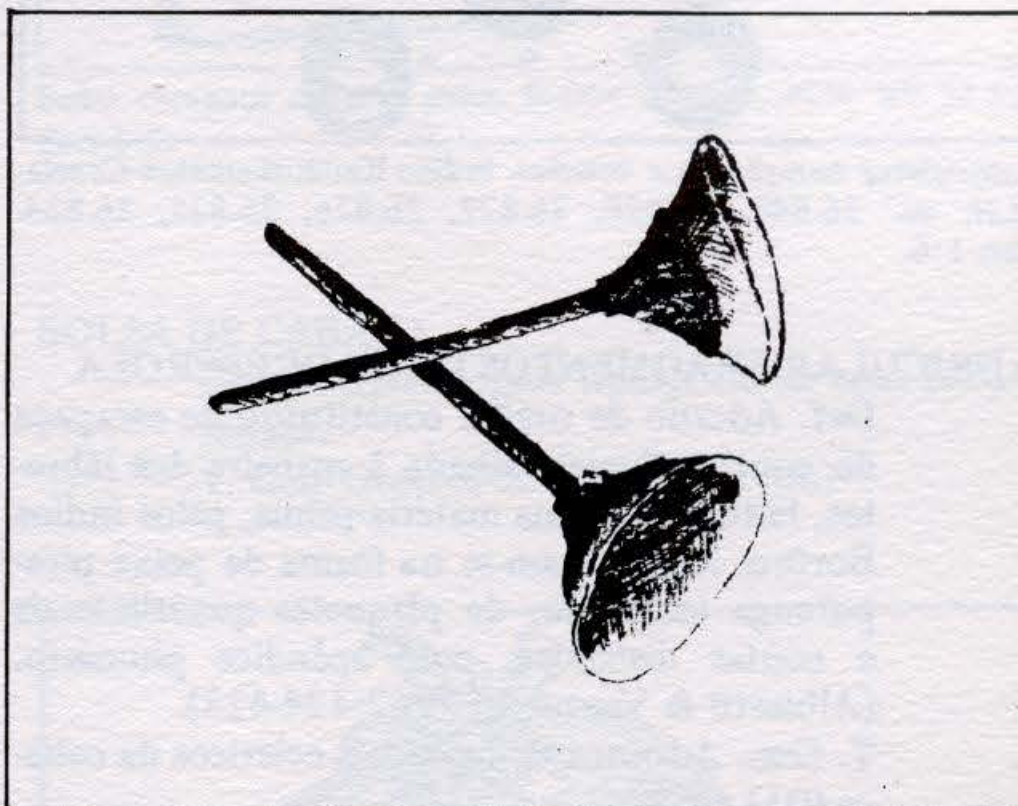
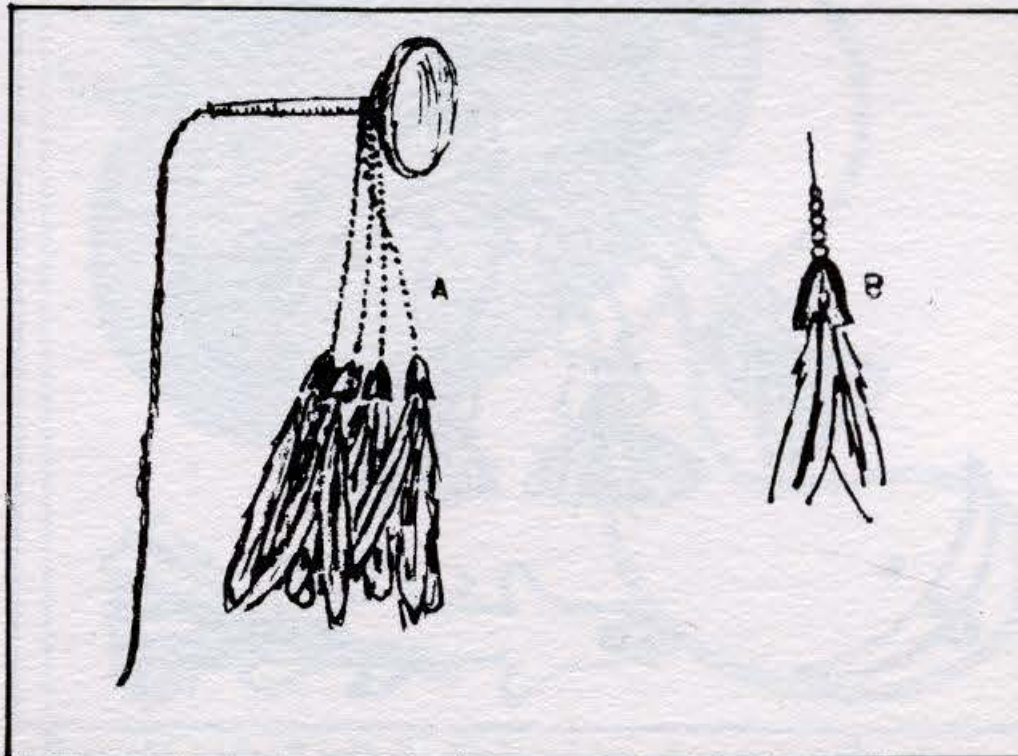
AURICULAR DE METAL

Def. Adorno do lóbulo da orelha feito de matéria-prima industrial modificada. Ocorre entre os índios Kadiwéu, que martelam moedas de prata, limam-nas e as recortam, imitando ourivesaria (D. Ribeiro 1980:299); entre os Tiriyó, que procedem do mesmo modo (Frikel 1973: 174) e entre os Borôro, que recortam o metal em forma de crescente com os cornos para baixo, à maneira do peitoral de tatu-canastra e do

de metal (Albisetti & Venturelli 1962:364 e 425).
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Auricular pingente de metal. Índios Kadiwéu. Desenho segundo foto Museu do Índio.

Auricular pingente de metal. Índios Borôro, *apud* Albisetti & Venturelli 1962:425, A. B. C. Museu Regional Dom Bosco ns. B58 3580, B58 3581, B58 3582.

AURICULAR DE MIÇANGAS
Def. Contas graúdas de vidro enfiadas em cordel que atravessa o furo do lóbulo da orelha. Característico dos índios Kayapó.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Auricular de miçangas. Índios Kayapó, desenho segundo foto. Esc. 1:2.

AURICULAR DE SEMENTES
Def. Enfeite para o lóbulo da orelha feito de sementes negras e pingente de flores de plumas. Ocorre entre os índios Araweté.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01
Consulte: 40 Adornos plumários

Auricular de sementes. Índios Araweté, M.N. nº 40.774. Esc. 1:3. A. Vista da peça. B. Detalhe das flores de plumas. C. Detalhe do pino que se introduz no furo da orelha.

AURICULAR DISCO DE MADREPÉROLA
Def. Adorno auricular feito de caramujo aruá em forma de disco unido com cerol (breu e cera de abelha) a uma cavilha de madeira.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Auricular disco de madrepérola. Índios Marúbo, M.I. nº 75.4.13. Esc. 1:2,5.

Auricular disco de madrepérola com pingente. Índios Gorotíre-Kayapó, M.I. nº 78.7.4. Esc. 1:2,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do pingente (sementes, coco partido ao meio e plumas).

AURICULAR DISCÓIDE COMPACTO

Def. Adorno do lóbulo da orelha, comum aos grupos Timbíra além de outros. É feito de madeira leve em forma de disco compacto, revestido de um capeamento em tabatinga e desenhos em cor.

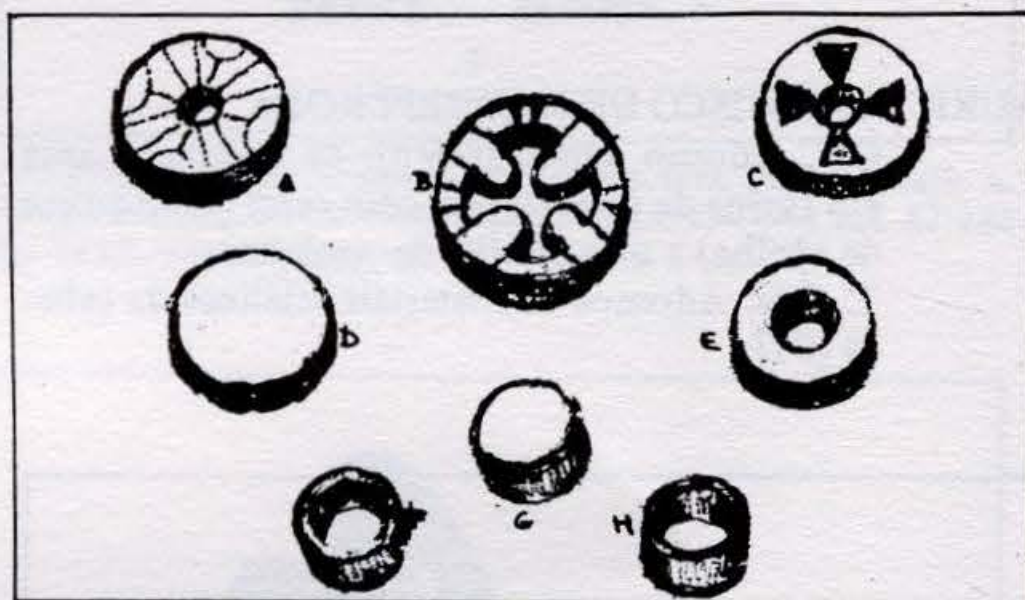
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

T. Rel. Auricular discóide vasado

AURICULAR DISCÓIDE VASADO

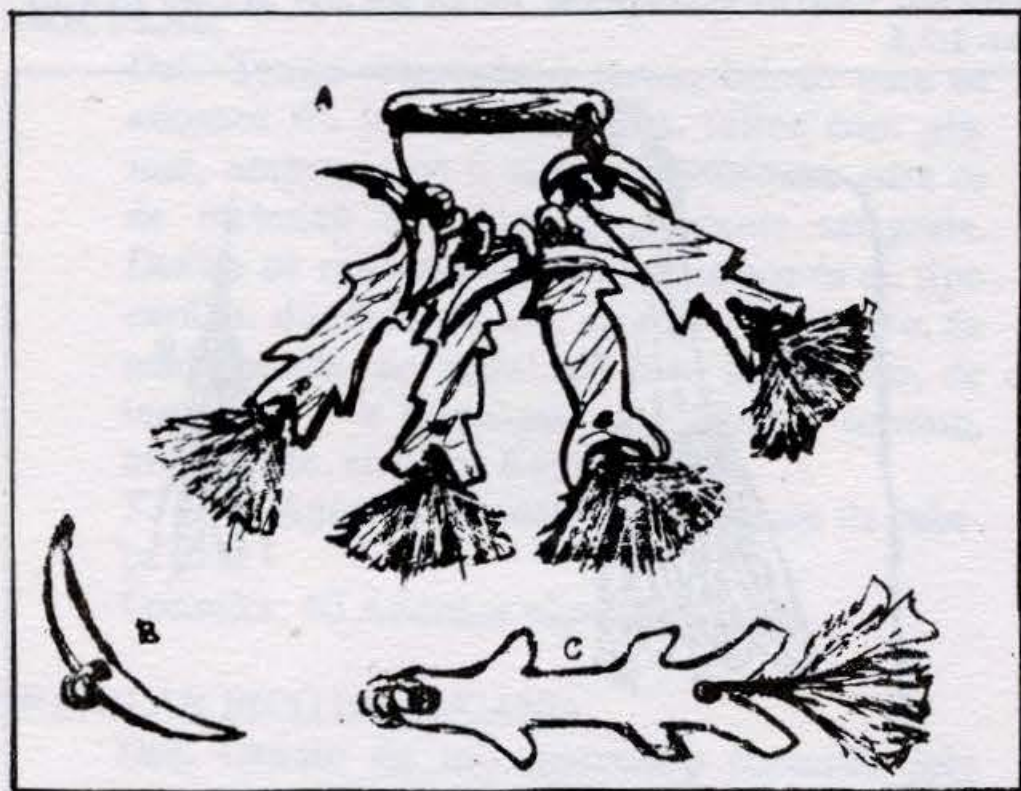
Def. Adorno do lóbulo da orelha comum aos grupos Timbíra além de outros. É feito de madeira leve em forma de argola ou com reentrâncias e saliências esculpidas no vasado interno, sendo revestido com capeamento de tabatinga e desenhos em cor.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

T. Rel. Auricular discóide compacto

Auriculares compactos e vasados. Índios Ramkokamekra-Canela. M.N. ns. 26.840, 26.828, 26.827, 26.826, 26.825, 26.824. Esc. 1:6.

AURICULAR FRAGMENTOS DE MADREPÉROLA

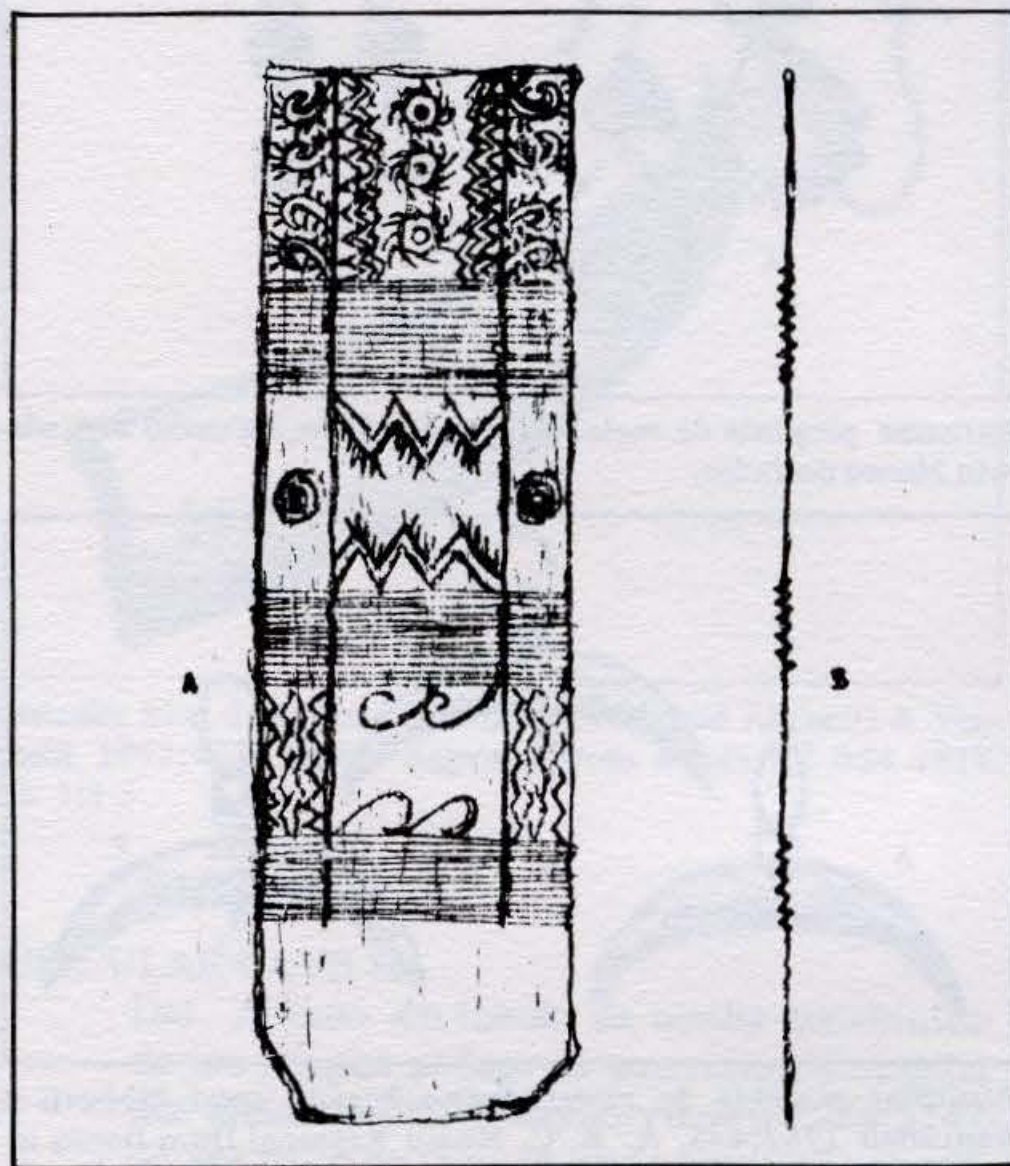
Def. Adorno de orelha constituído de carapaça de concha fluvial talhada à maneira dos labretes, feitos da mesma matéria-prima, pelos índios Borôro. Apresentam-se na forma de peixe piraputanga estilizado, de plaquetas quadrilaterais e contas discóides, com apêndice plumário. (Albisetti & Venturelli 1962:424-425).

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Auricular fragmentos de madrepérola. Índios Borôro, Museu Regional Dom Bosco nº B55 2509. *Apud* Albisetti & Venturelli 1962:424. A. Vista da peça. B. Detalhe de componente subsidiário. C. Detalhe do componente principal.

AVENTAL DE LÍBER

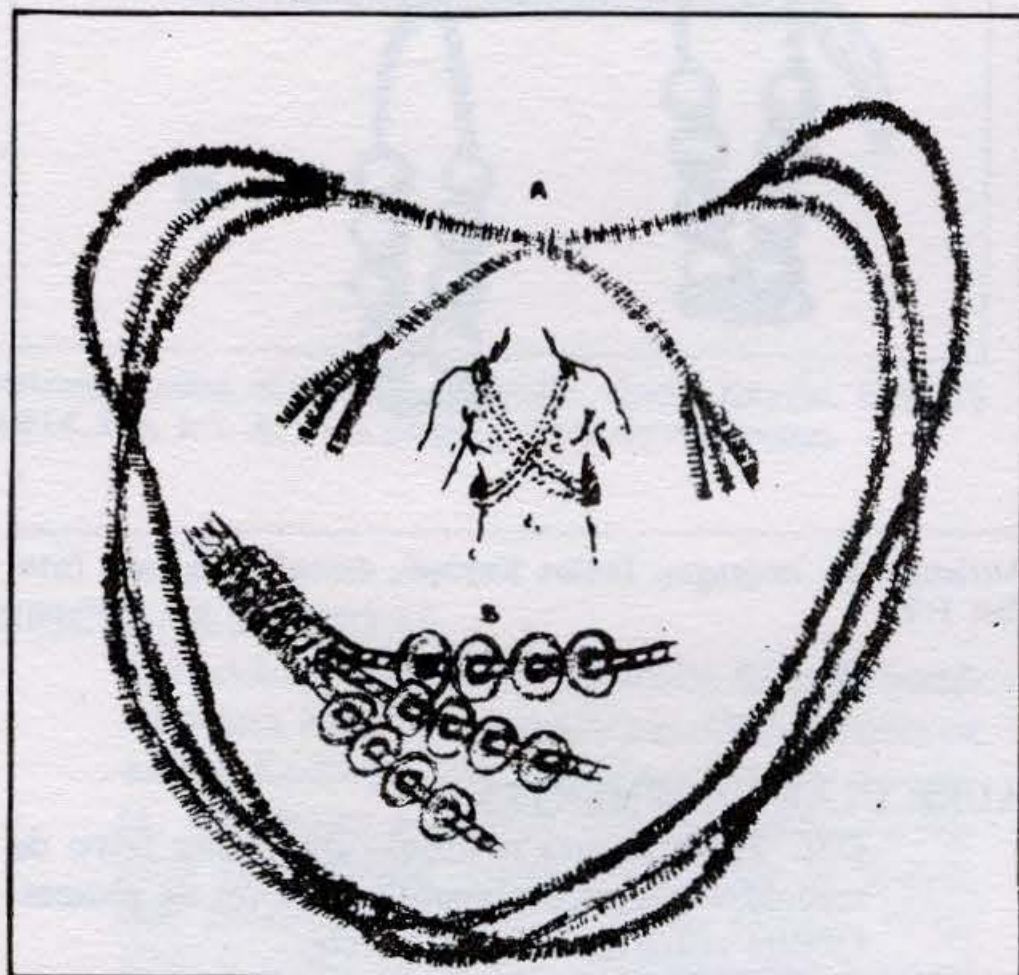
Def. Espécie de avental retangular feito de estopa natural de entrecasca de árvore de algumas espécies do gênero *Ficus*. É plissado, a certos intervalos, e serve de tela para pintura, sendo usado nos rituais pelos índios do alto rio Negro.

T. Gen. Indumentária e arranjos de decoro (04)

T. Rel. Encacho

Avental de líber. Índios Tukâno, M. N. nº 17.718. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Perfil mostrando trechos plissados.

BANDOLEIRA CRUZADA CONTAS DE CARAMUJO

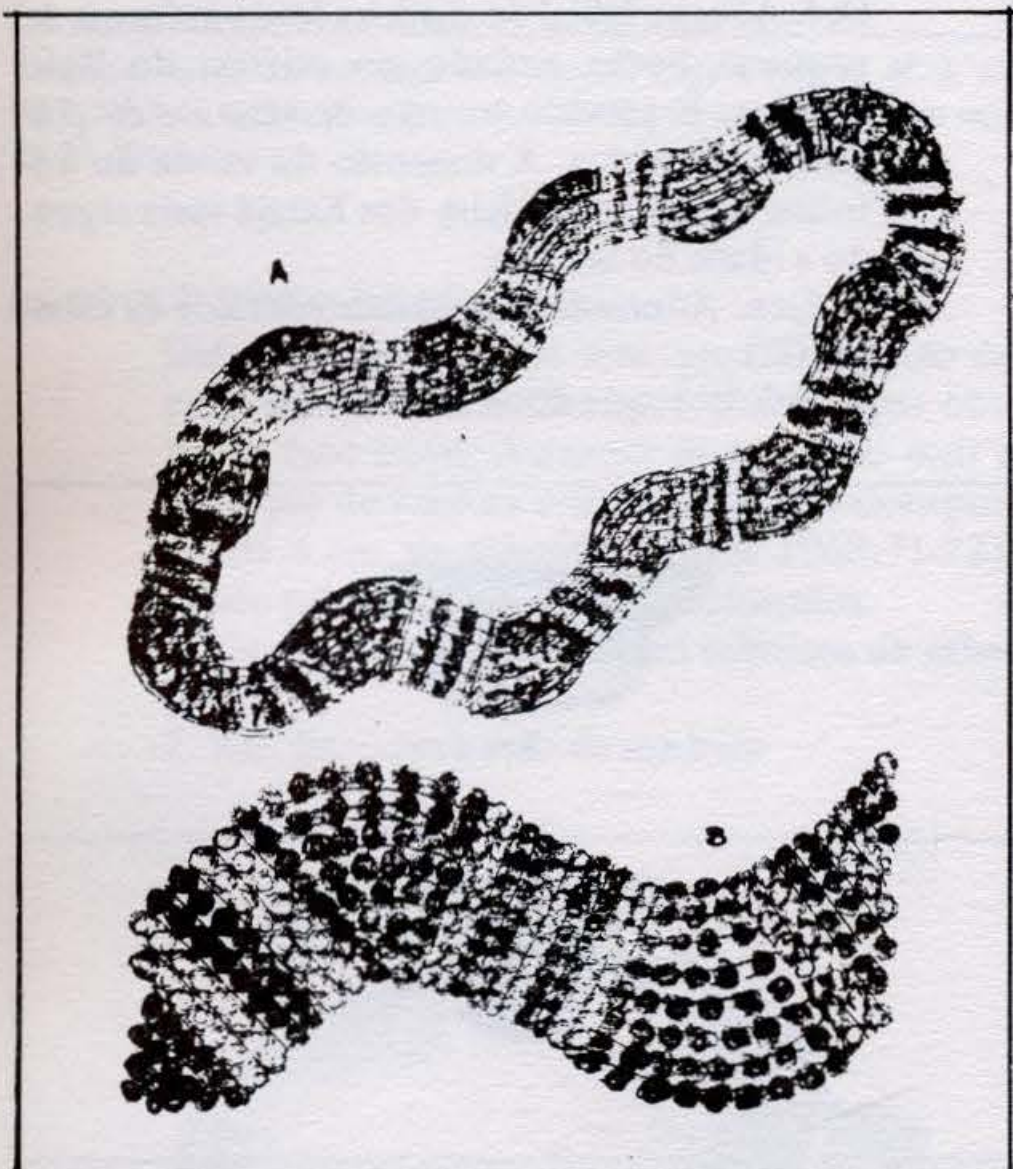
Def. Enfiaduras de contas discóides de caramujo aruá, com orifício no centro. São usadas a tiracolo, em duas séries, cruzadas em x sobre o peito, traspassando cada ombro.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Bandoleira cruzada contas de caramujo. Índios Marúbo, M. I. nº 75.4.99. Esc. 1:10. A. Vista da peça (uma só unidade). B. Detalhe da enfiadura das contas discoides.

BANDOLEIRA DE MIÇANGAS

Def. Enfiaduras de contas de vidro, usadas a tira-colo, apoiadas num e noutro ombro e cruzadas sobre o peito. Segundo Frikel (1973: 168), referindo-se aos índios Tiriyó, "as bandoleiras de contas de caramujo foram, ao que tudo indica, substituídas por adornos do mesmo tipo feitas de miçangas, menos quebradiças". (Ver foto, índias Tiriyó em Frikel 1973 estampa 1).

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Nota: sem protótipo nas coleções consultadas.

Bandoleira de sementes. Índios da Guiana Brasileira, M.N. nº 8.274. Esc. 1:10. A. vista da peça. B. Detalhe da enfiadura com alternância de sementes negras e brancas.

Bandoleira de sementes. Índios Kayapó, Museu de Genebra nº 33.391. *Apud* Schoepf 1971:48 fig. 32. A. Vista da peça. B. Detalhe do pingente.

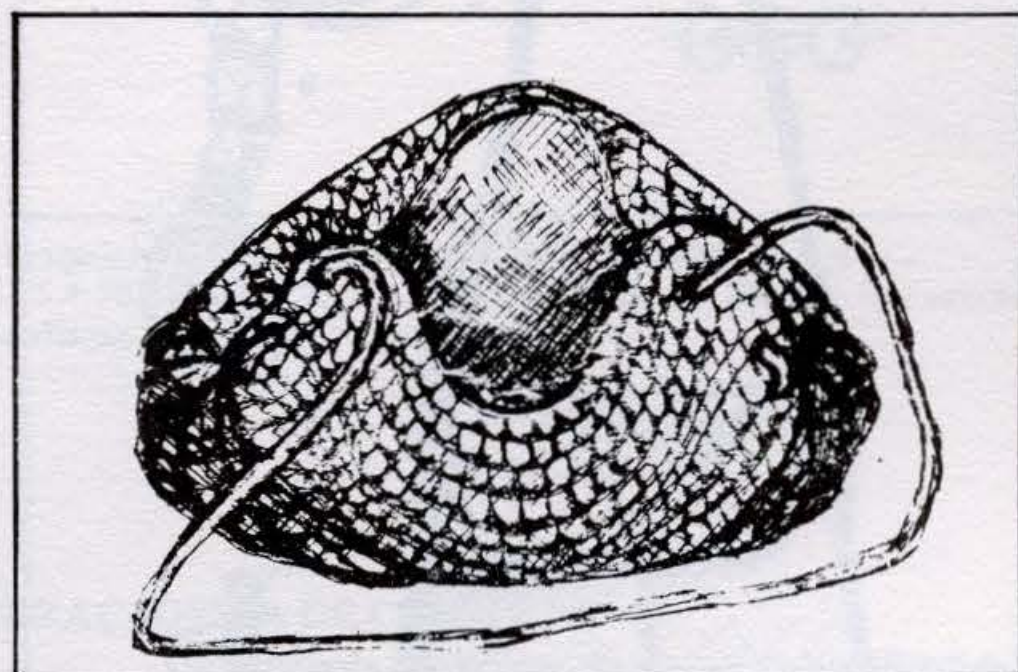
BANDOLEIRA DE SEMENTES

Def. Enfiaduras de sementes negras, ou branco-negras, usadas a tiracolo, providas ou não de pingente plumário.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

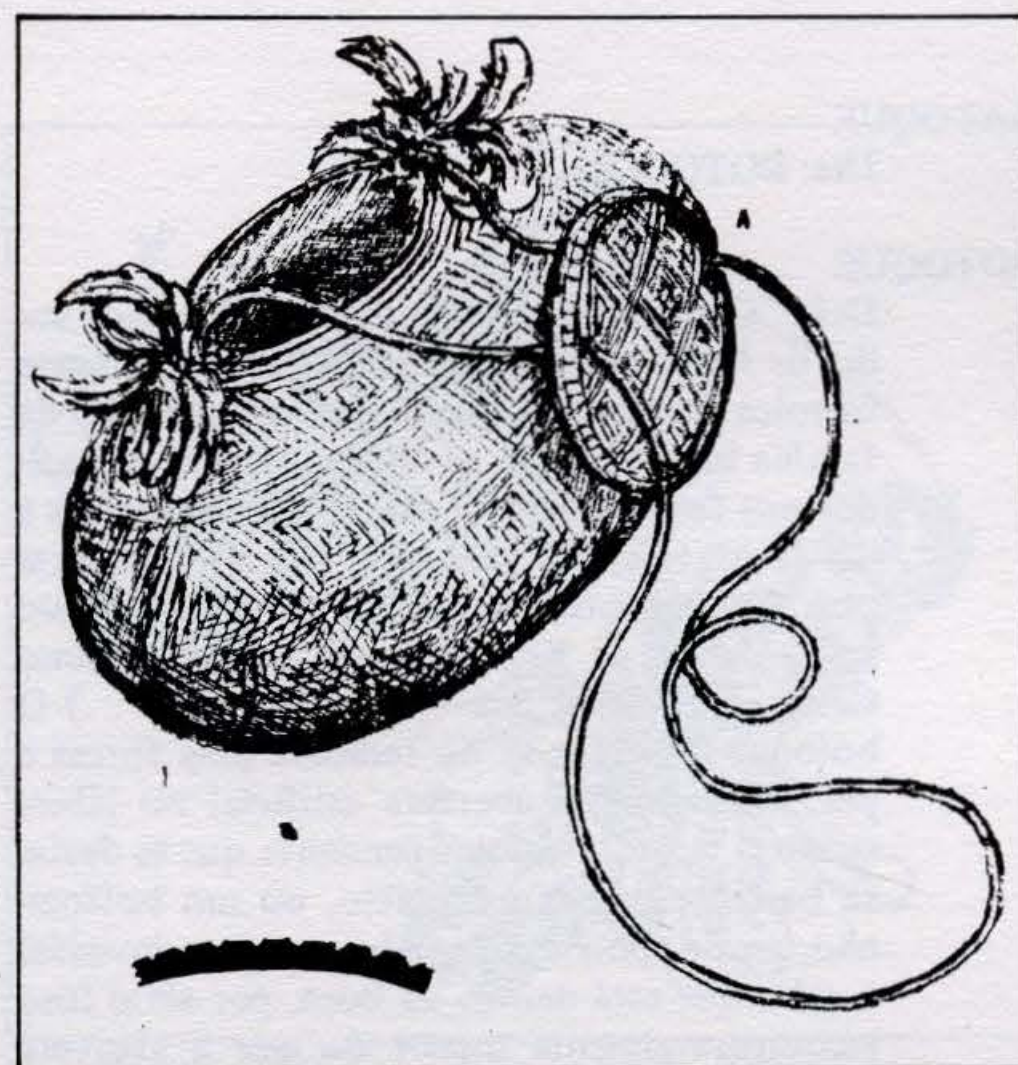
BOLSA CARAPAÇA DE TATU

Def. Recipiente para transportar pequenos objetos de uso pessoal feito de couraça de tatu costurada dos lados e provida de alça para suspender.

T. Gen. Objetos de uso pessoal (06)

Bolsa carapaça de tatu peba. Índios Tukúna, M.N. nº 32.537. Esc. 1:5.

BOLSA DE CABAÇA

Def. Recipiente para transporte de bens feito de cabaça.

T. Gen. Objetos de uso pessoal (06)

Bolsa de cabaça. Coleção particular. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe das incisões na cabaça.

BOLSA DE COURO

Def. Receptáculo de couro de onça, lontra ou outro animal usado para transporte de miudezas durante as viagens. Registrado entre os Taulipáng, além de outros. (Koch-Grünberg 1982: 65, pr. 15 figs. 4,5).

T. Gen. Objetos de uso pessoal (06)

Bolsa de couro. Índios Taulipáng, *apud* Koch-Grünberg 1982:65, pr. 15 figs. 4,5 Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da costura lateral. C. Detalhe do fecho.

BATOQUE

Use: BOTOQUE

BOTOQUE

Def. "Com esta palavra, que é sinônimo de rolha de barril e tonel, os portugueses designavam os rolos enormes que certas tribos brasileiras da família lingüística Jê usavam e usam introduzidos nos furos artificiais dos lóbulos da orelha e do lábio inferior, passando daí a denominar uma dessas tribos, na qual ambos os sexos usam tais enfeites, os Krenak do rio Doce, de Minas Gerais e Espírito Santo, Botocudos. (. . .) O botoque distingue-se do tembetá pela forma e pelo tamanho da abertura artificial no lábio, sendo o tembetá ou um pendente que se destaca bastante debaixo do lábio, ou um botãozinho, sendo, porém, em todos os casos, invisível o cabo que está dentro da boca, por ser o furo incomparavelmente menor do que a abertura necessitada pelo botoque que reduz o beiço ao papel de uma simples orladura" (Baldus & Willems 1939:33-34). Empregamos o vocábulo botoque no sentido que lhe é dado pelos autores citados, distinguindo-o de tembetá e labrete, adjetivados segundo as respectivas matérias-primas.

Sin. Batoque

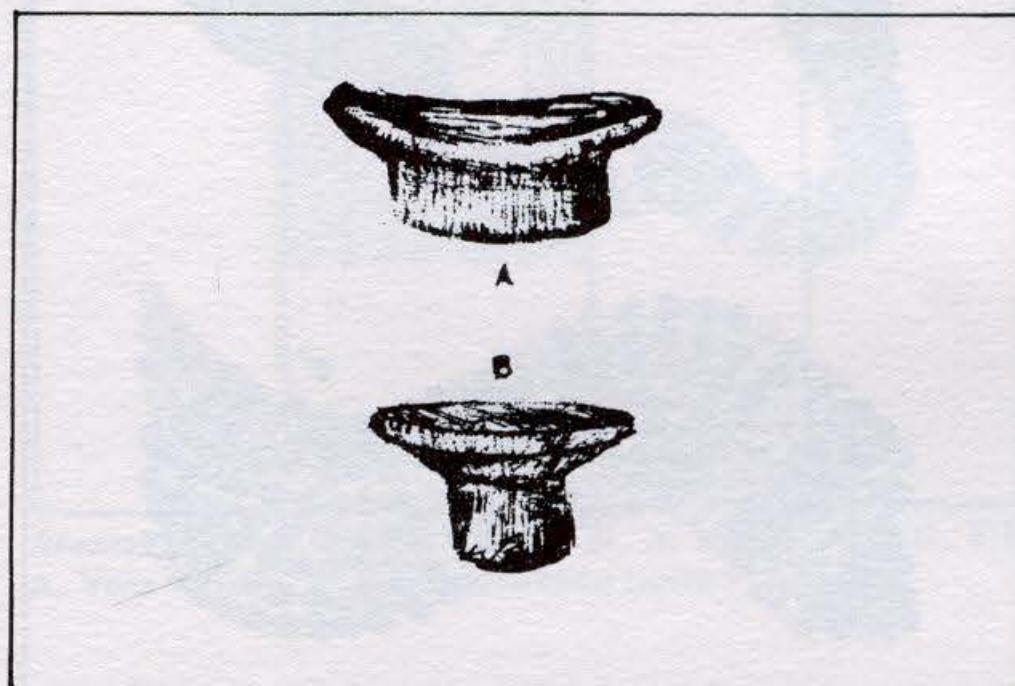
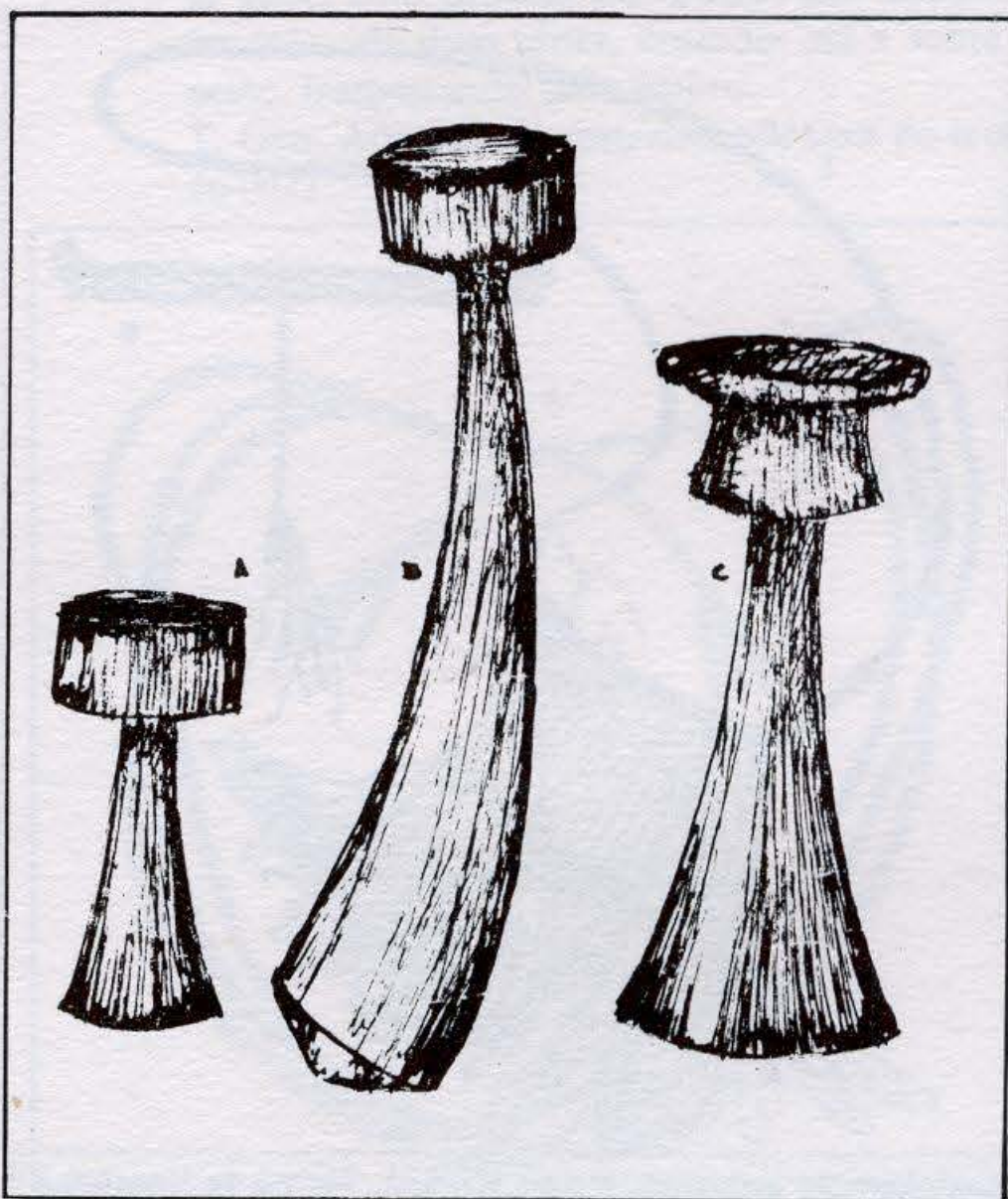
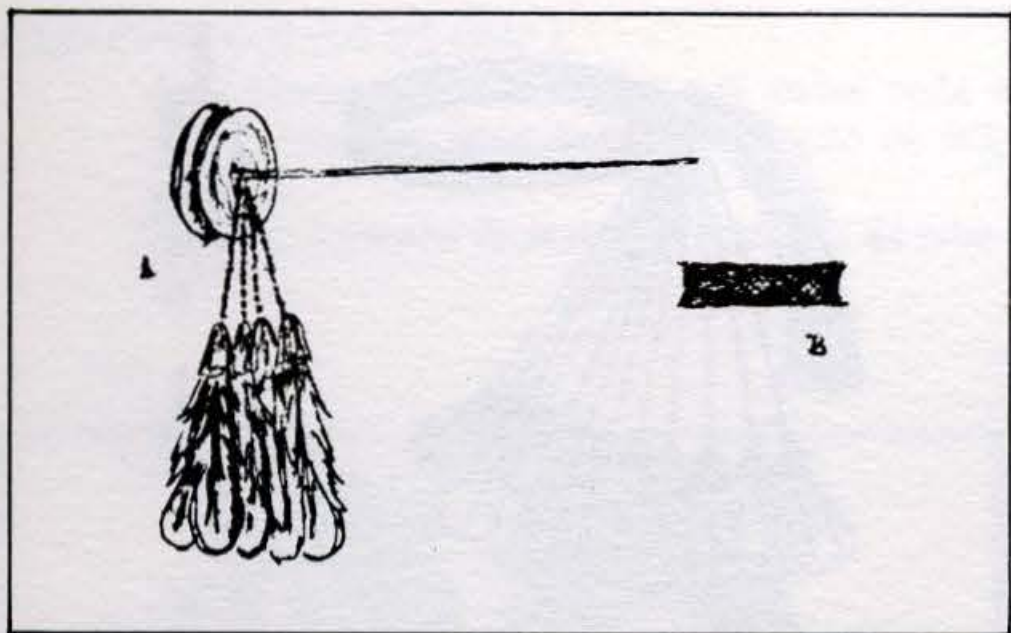
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

T. Rel. Labrete
Tembetá

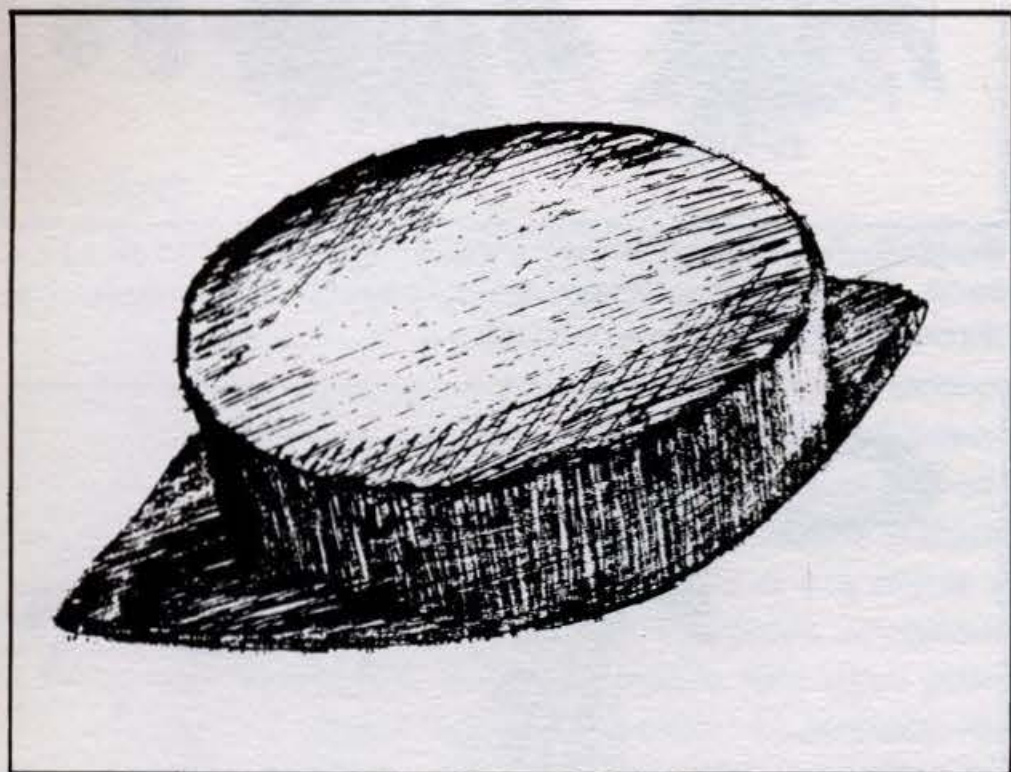
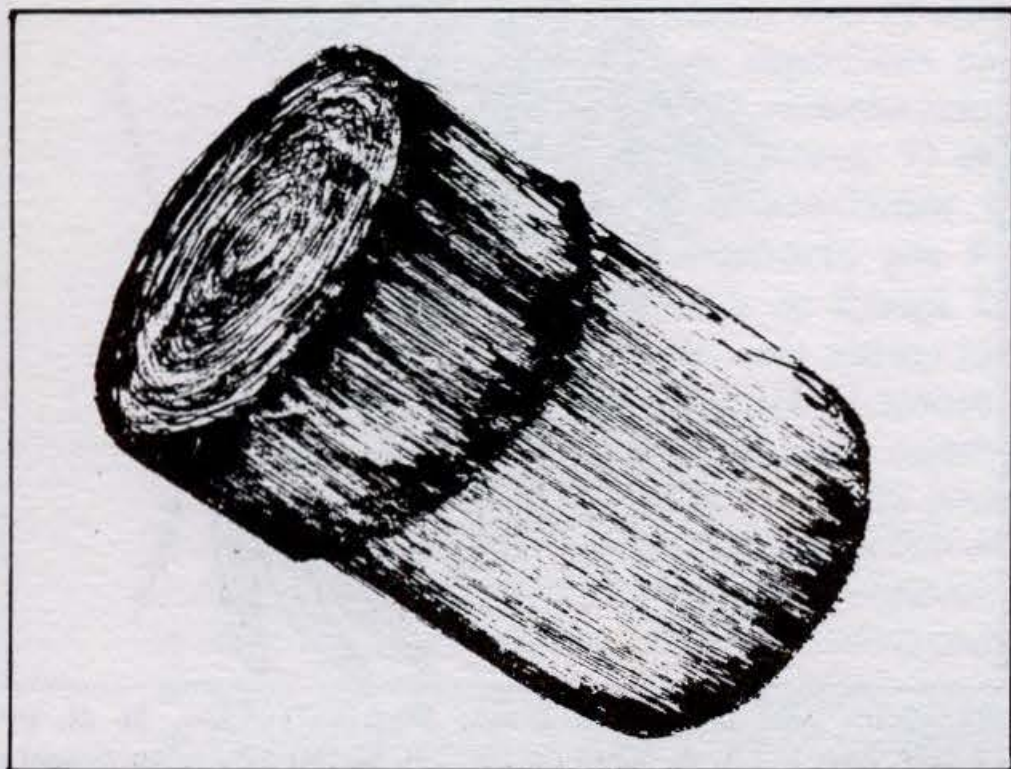
BOTOQUE BOTÃO DE MADEIRA

Def. Adorno labial de madeira leve em forma de pequeno botão enfiado no orifício do lábio inferior. É provido ou não de vareta e de pingentes plumários. A dimensão da vareta do botoque botão de madeira dos Karajá varia segundo a idade do usuário.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

T. Rel. Botoque disco de madeira

Botoque botão de madeira. Índios Kayapó. *Apud* Krause 1941-44 vol. 92:172 fig. 220a, b. Tamanho natural.

Botoque botão de madeira com vareta. Índios Kayapó. *Apud* Krause 1941-44 vol. 92:173 fig. 221 a-c. Tamanho natural.

Botoque botão de madeira com vareta. Índios Xikrin, M. I. nº 70.7.39. 1:2. A. Vista da peça. B. Detalhe da decoração com urucu do disco.

BOTOQUE DISCO DE MADEIRA

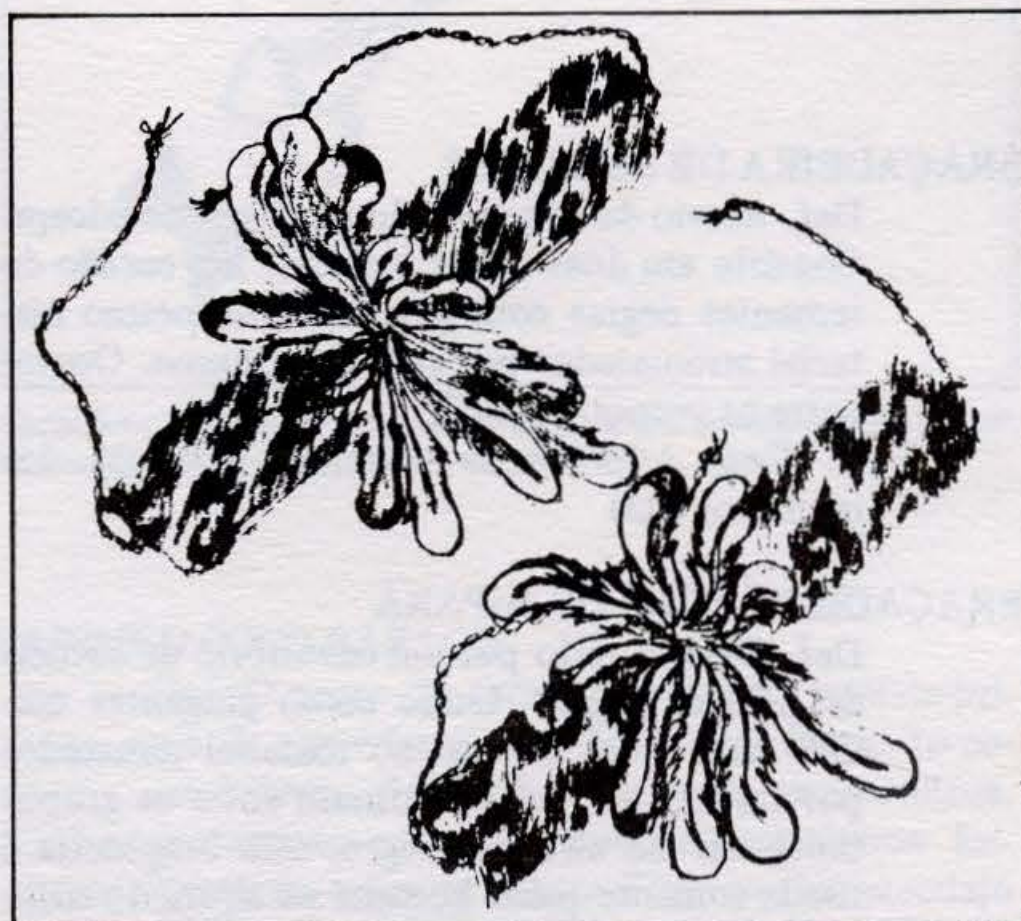
Def. Disco de madeira leve, provido ou não de pendente de vareta, contas e plumas, que obstrui o furo labial. Aumenta de tamanho com a dilatação do furo ao avançar da idade, alcançando até 4 cm. de diâmetro (Frikel 1968:71-72). Usado pelos Kayapó, Suya e Botocudos.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)
T. Rel. Botoque botão de madeira

Botoque disco de madeira. Índios Kokraimoro-Kayapó, Museu de Genebra nº 15-32081, *apud* Fuerst 1967:32, fig. 19.

Botoque disco de madeira. Índios Xikrin-Kayapó, Museu de Genebra nº 16-33421, *apud* Fuerst 1967:32, fig. 20.

BRAÇADEIRA CONTAS DE CARAMUJO

Def. Adorno usado na altura do bíceps constituído de uma sucessão de disquinhos de caramujo aruá enfiados num cordão.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)

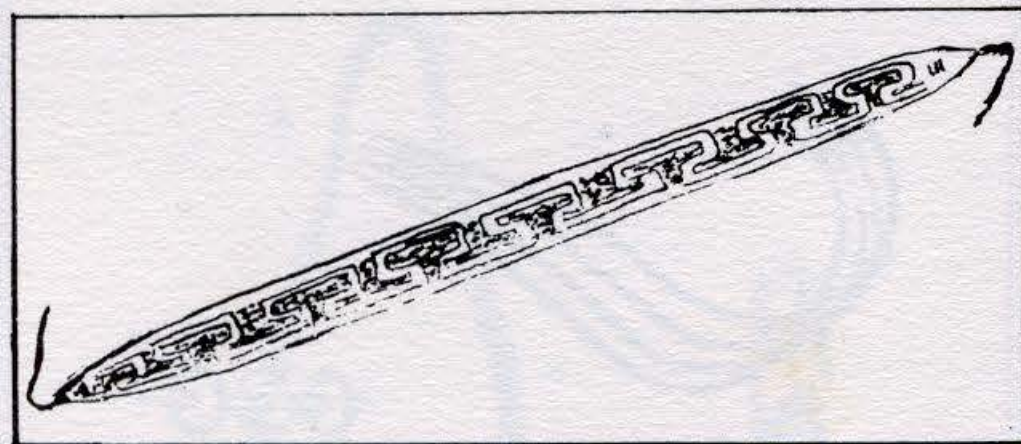
Braçadeira contas de caramujo. Índios Marúbo, M. I. nº . . . . . 75.4.103. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe das contas enfiadas.

BRAÇADEIRA DE COURO

Def. Argola de couro de onça (índios Borôro) ou de lagarto (índios Marúbo) usada na altura do bíceps, com ou sem pingentes ornamentais. Uma variante é representada pela braçadeira Borôro com recamado de acúleos brancos de ouriço cacheiro entrelaçados com linha preta de algodão sobre uma tira de couro de animal. (Cf. Albisetti & Venturelli 1962:317).
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)

Braçadeira de couro. Indios Borôro, *apud* Albisetti & Venturelli 1962:317. Museu Regional Dom Bosco ns. B57 3163 1, B57 3163 2. Esc. 1:5.

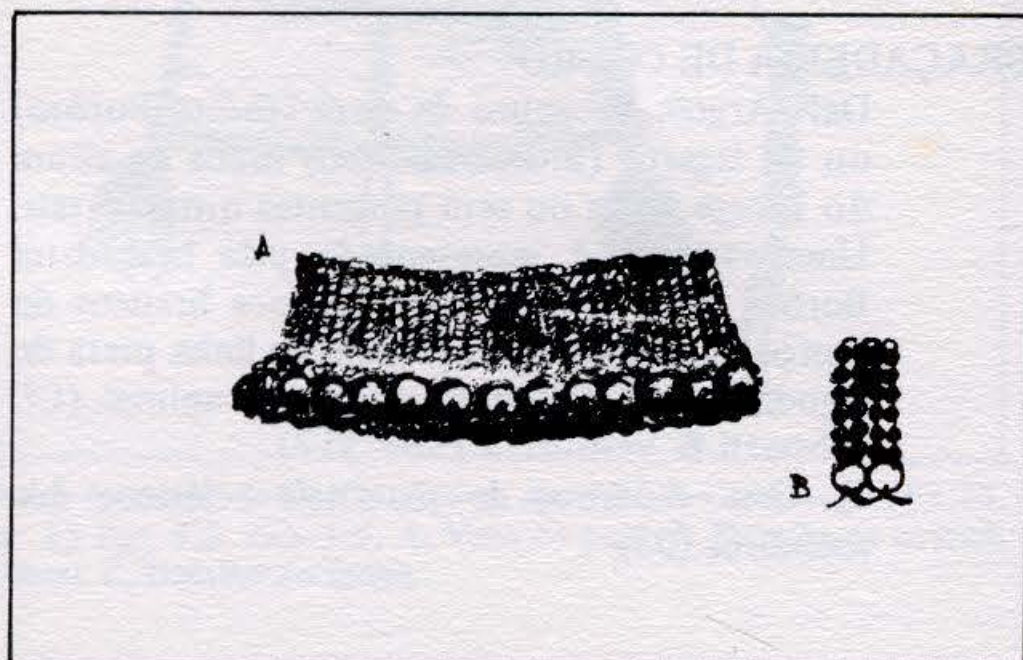
BRAÇADEIRA DE FOLÍOLO

Def. Folíolo ou pínula do olho do babaçu usado na altura do bíceps pelos grupos Timbíra, tido como protetor contra doenças. (Nimuendaju 1946:55). Ocorre também entre os Waiwai, além de outros grupos.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)

Braçadeira de folíolo. Índios Waiwai, *apud* Roth 1929 pr. 30a.

BRAÇADEIRA DE MIÇANGAS

Def. Tecido de miçangas médias arrematado por berloques de miçangas graúdas usado no antebraço pelos índios Kayapó e Timbíra.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)

Braçadeira de miçangas. Índios Kayapó. Desenho segundo foto. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da estrutura.

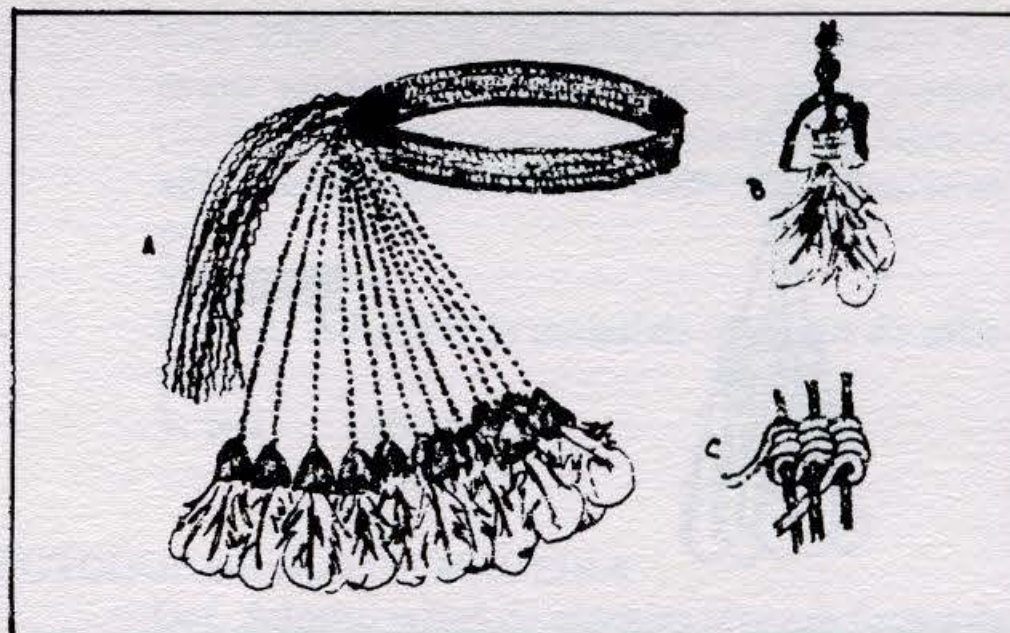
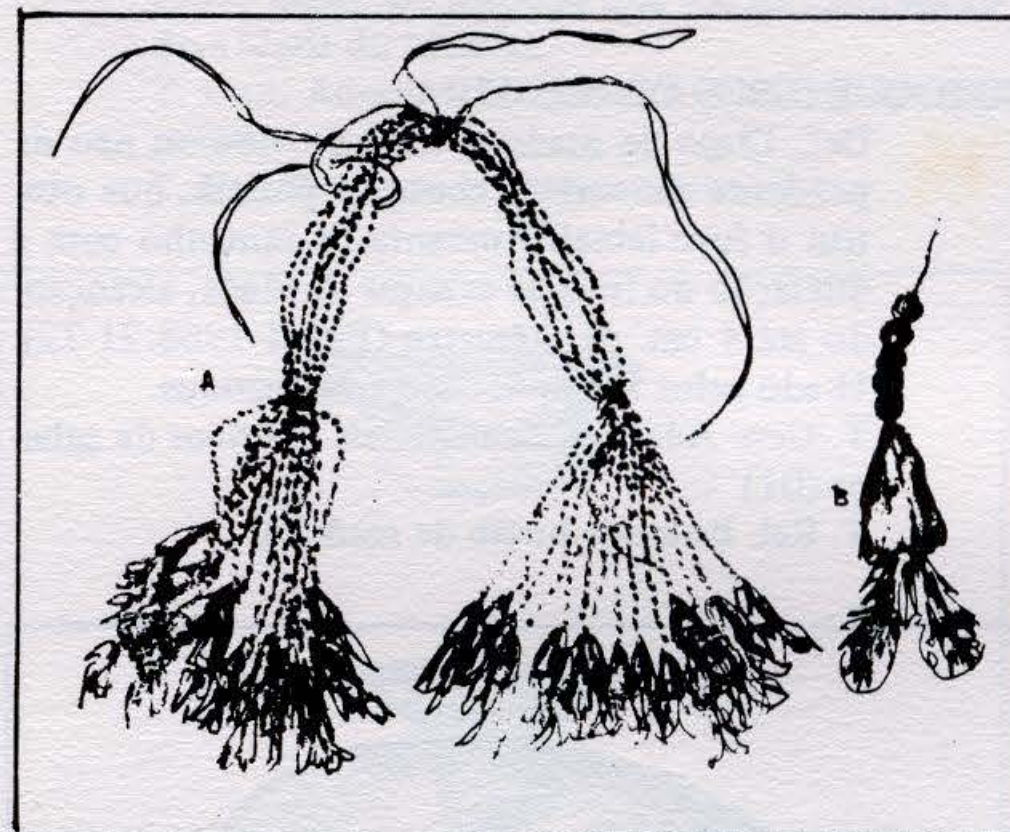
BRAÇADEIRA DE SEMENTES

Def. Atavio do braço usado na altura do bíceps. Consiste em duas a três voltas de um cordão de sementes negras com pingentes do mesmo material arrematados por tufos de plumas. Ocorre entre os grupos Kayapó.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)

BRAÇADEIRA PÊLO DE JUPARÁ

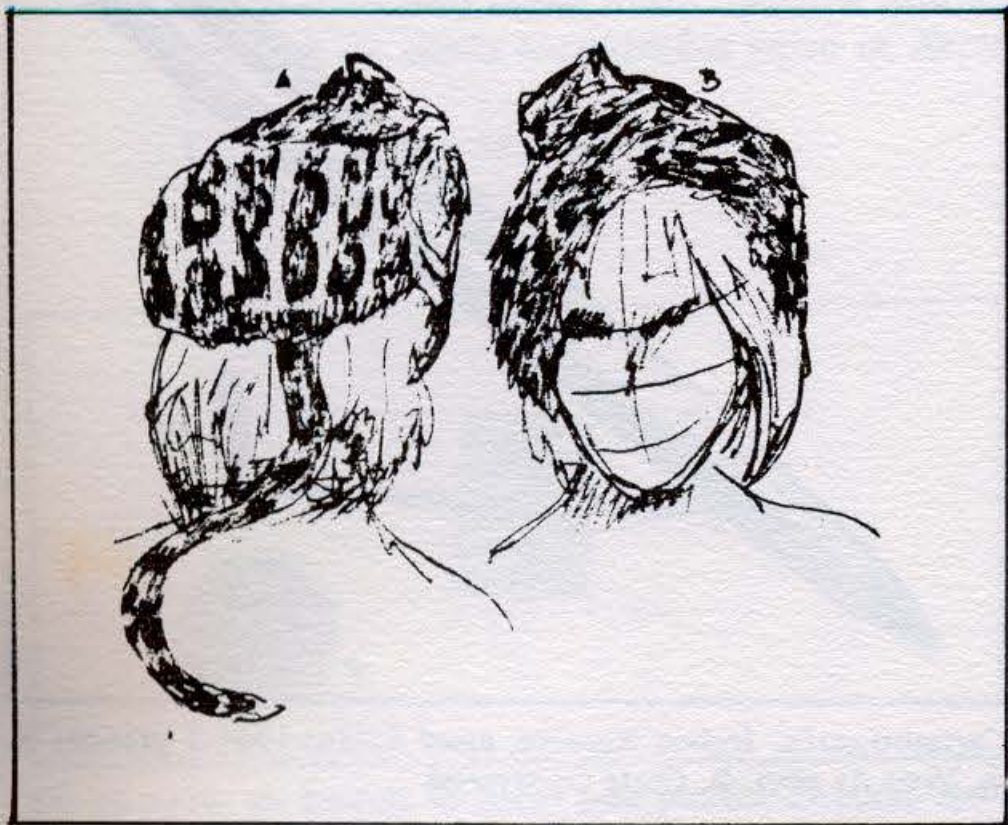
Def. Círculo feito por um envoltório de cordéis de pêlo de jupará, tendo como pingentes cordéis mais finos do mesmo material rematados por molhos de penas. Comum entre os grupos indígenas do alto rio Negro, essa braçadeira é usada somente pelos homens na altura do cotovelo.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)

Braçadeira de sementes. Índios Kayapó, *apud* Schoepf 1971 51 fig. 37. A. Vista da peça. B. Detalhe do pingente de sementes, coco cortado ao meio e tufo de plumas. C. Detalhe do tecido de algodão da braçadeira.

Braçadeira de sementes. Índios Xikrin, *apud* Frikel 1968:64 est. 9a. A. Vista da peça. B. Detalhe do pingente de sementes, coco partido ao meio e tufo de plumas.

Braçadeira pêlo de jupará. Índios Waikino-Tukâno, M. N. nº 19.609. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do envolvimento dos 17 fios para formar a braçadeira. C. Detalhe da fixação das penas aos fios.

CAPACETE COURO DE ONÇA

Def. Ornamento da cabeça que cobre toda a calota craniana feito de couro curtido de felino.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Capacete couro de onça. Índios Nambikuára, M. N. nº 12.050. Esc. 1:7,5. A. Vista traseira da peça em uso. B. Vista dianteira.

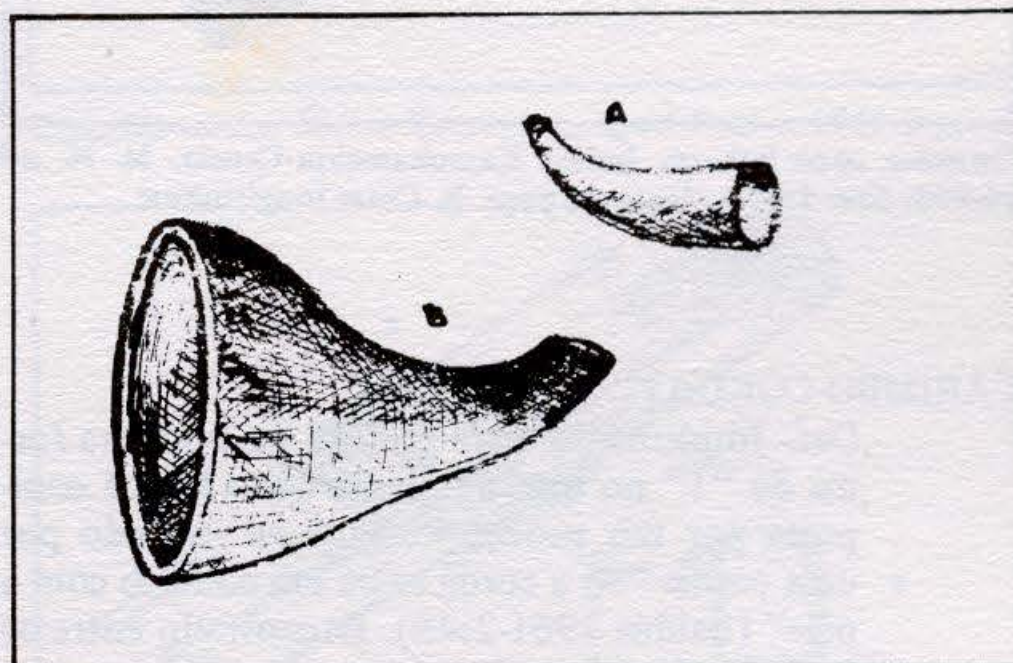
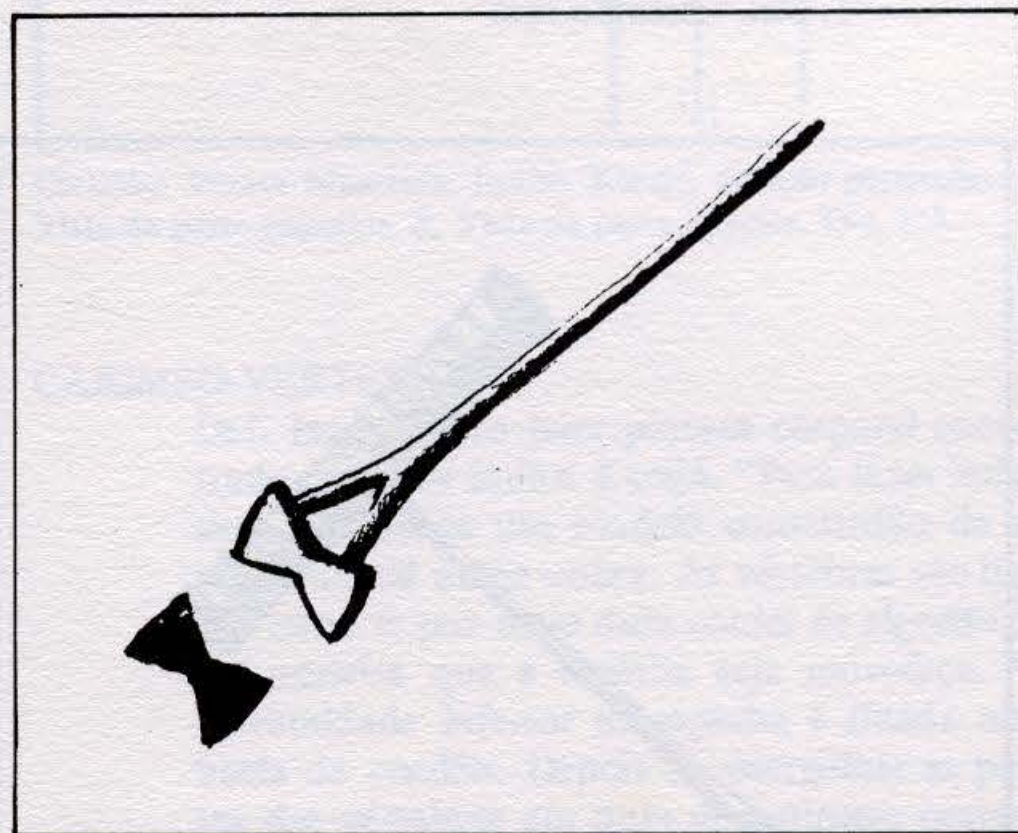
CARIMBO

Def. Implemento de madeira, taquara, medula do pecíolo do buriti, fragmento da cabaça, coco seccionado ao meio, cuja parte entalhada é embebida em tinta e aplicada à pele e, só excepcionalmente, ao líber, para adornar a indumentária de dança. A classificação tipológica dos carimbos dos índios do Brasil, devida a Baldus (1961-2:8-87), que adotamos, leva em conta a forma, a matéria-prima e os padrões ornamentais resultantes. Baldus distingue sete tipos principais e alguns subtipos, a saber: 1) *carimbo-vareta,* dividido em a) vareta para círculos; b) vareta para manchas angulares ou arredondadas; c) vareta-lâmina para traços; d) vareta denteada lateralmente; e) vareta bipartida; f) vareta tripartida. 2) *Carimbo plano-largo,* com a) uma superfície carimbante; b) duas superfícies carimbantes. 3) *Carimbo-garfo;* 4) *carimbo-rolo;* 5) *carimbo-babaçu;* 6) *Carimbo-cabaça;* 7) *carimbo-corda.* A esse elenco acrescentamos o *carimbo-vértebra* de cobra, registrado por F. Krause (1943 vol. 93:142) entre os Karajá. O carimbo distingue-se do molde, este último registrado entre os grupos Guaikurú. Consiste, nesse caso, não "de instrumentos para estampar, mas de moldes recortados em couro para serem colocados diretamente no corpo, a fim de seu vazio ser preenchido com matéria corante" (Baldus 1961/2:9). Para a pintura corporal com carimbo, os Ramkokamekra empregam látex de *Sapium* sp. misturado com carvão (Nimuendaju (1946:53).

T. Gen. Objetos de toucador (05)

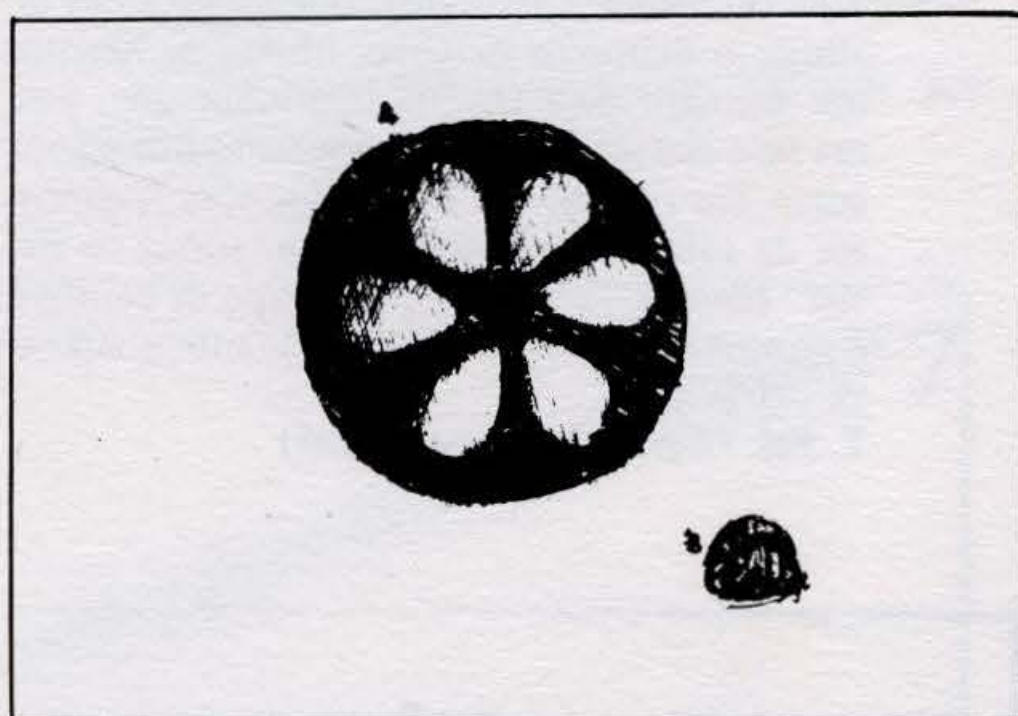
CARIMBO-CABAÇA

Def. A designação desse implemento para pintura corporal deriva da matéria-prima de que é feito: o fruto do cabaceiro *(Cucurbita lagenaria* L.). "Seccionando-o transversalmente, antes de atingir o diâmetro máximo, obtêm os Xerente um carimbo para círculo. Carimbos que, pela sua face convexa, se distinguem tanto dos planos como dos roliços, são fabricados com fragmentos de cabaça, por exemplo, em forma de flecha" (Baldus 1961-2:48). Esse tipo de carimbo é encontrado entre os índios Xerente e Apinayé.

T. Rel. Objetos de toucador (05)

Carimbo-cabaça tendo a parte carimbante circular. Índios Xerente. *Apud* Baldus 1961-2:39 fig. 26. A. B. Cada carimbo é privativo de determinado clã.

Carimbo-cabaça com a parte carimbante em forma de ampulheta. Índios Apinayé, *apud* Baldus 1961-2: 35 fig. 22.

CARIMBO COCO BABAÇU

Def. O nome do carimbo deriva da matéria-prima de que é feito: metade do endocárpio do coco babaçu, do qual se extraem as amendoas, permitindo estampar desenhos estrelários. Encontrado entre os grupos Timbíra (Nimuendaju 1946:54), os Karajá e Kayapó (Baldus 1961-2: 48). Os Borôro empregam o coco seccionado do acuri para obter o desenho de estrela, que para

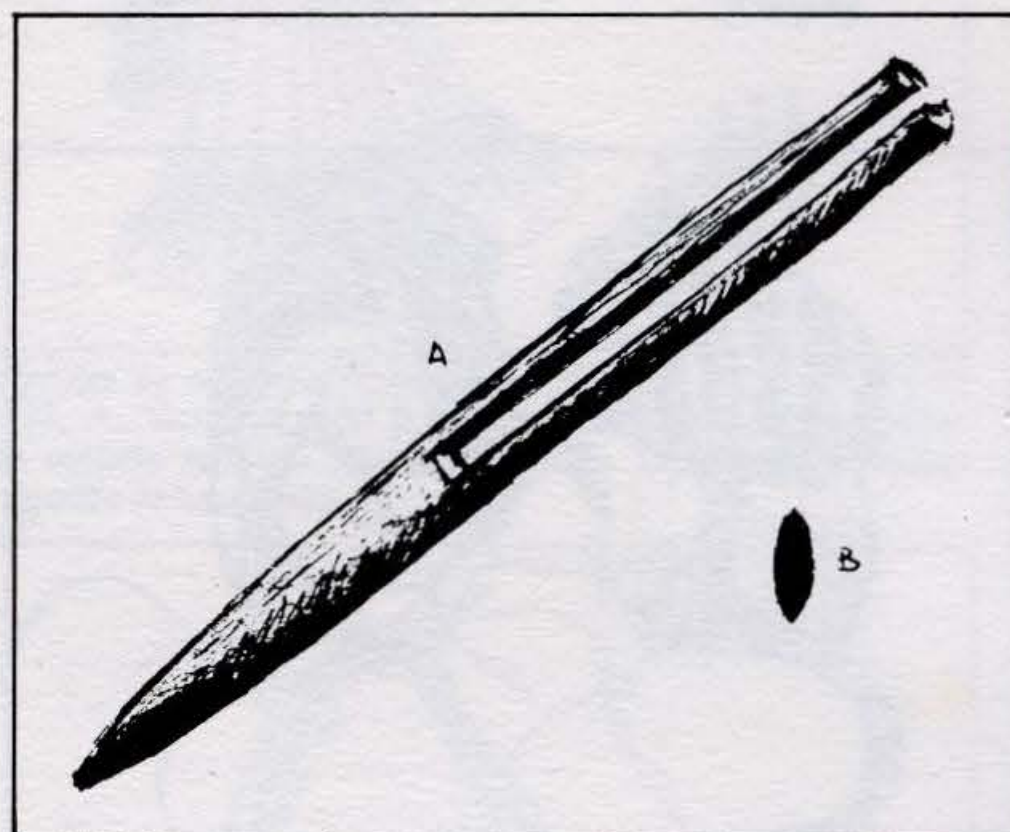
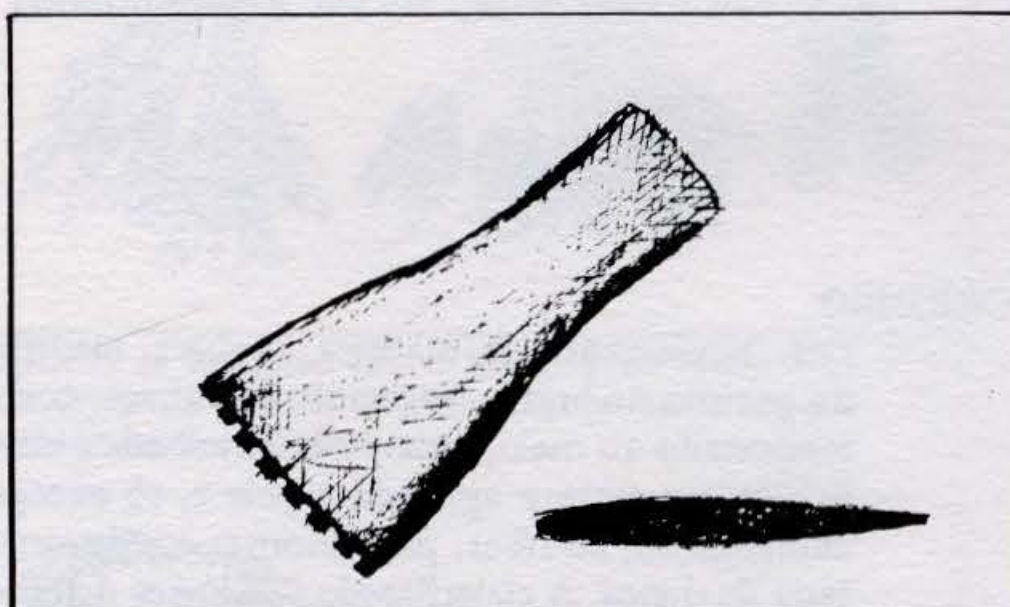
eles representa pegadas de gambá (Albisetti & Venturelli 1962:75).
T. Gen. Objetos de toucador (05)

Carimbo coco babaçu. Índios Ramokamekra-Canela, M. N. nº 26.895. Esc. 1:1. A. Vista da peça. B. Corte longitudinal.

CARIMBO-CORDA

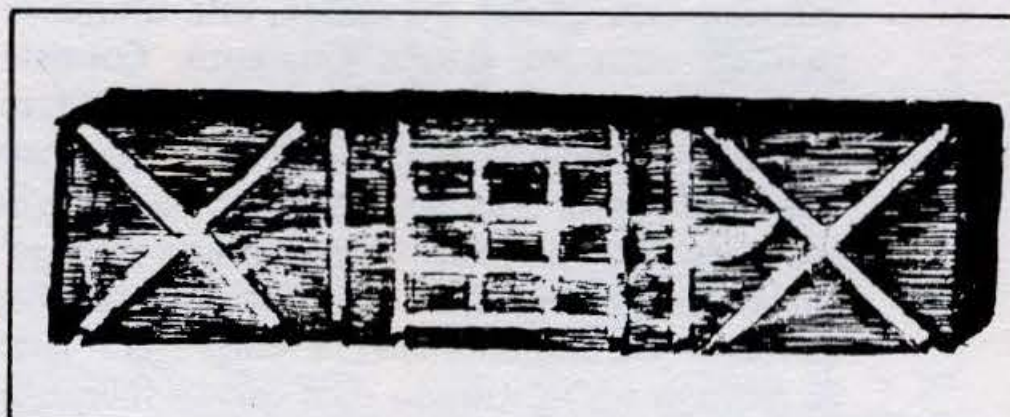
Def. Implemento para pintura corporal na forma de "T" no qual a travessa dessa letra é composta por um pedaço de taquara rodeado por uma corda. "Só a corda entra em contato com a pele" (Baldus 1961-2:48). Encontrado entre os Tiriyó e Kaxuyana, na forma descrita, e entre os Amahuáka ao modo de um triângulo. A vareta circundada de corda dos Xerente é descrita como carimbo-rolo por Baldus (ibidem).
T. Gen. Objetos de toucador (05)
T. Rel. Carimbo-rolo

Carimbo-corda. Índios Tiriyó, *apud* Frikel 1973:312 fig. 36a.

CARIMBO-GARFO

Def. O carimbo para pintura corporal empregado para traçar linhas paralelas é formado por dois dentes, entre os Xerente, e quatro a cinco, entre os grupos Timbíra (Baldus 1961-2:47). Esse tipo de carimbo também permite produzir pontilhados, como ocorre entre os Canela (Nimuendaju 1946:54).
T. Gen. Objetos de toucador (05)
T. Rel. Riscador para pintura corporal

Carimbo-garfo. Índios Xerente, *apud* Baldus 1961-2 prancha X. A. Vista da peça. B. Corte transversal.

Carimbo-garfo. Índios Ramkokamekra-Canela, M. N. nº 26.895. Esc. 1:2,5. A. Vista da peça. B. Corte longitudinal.

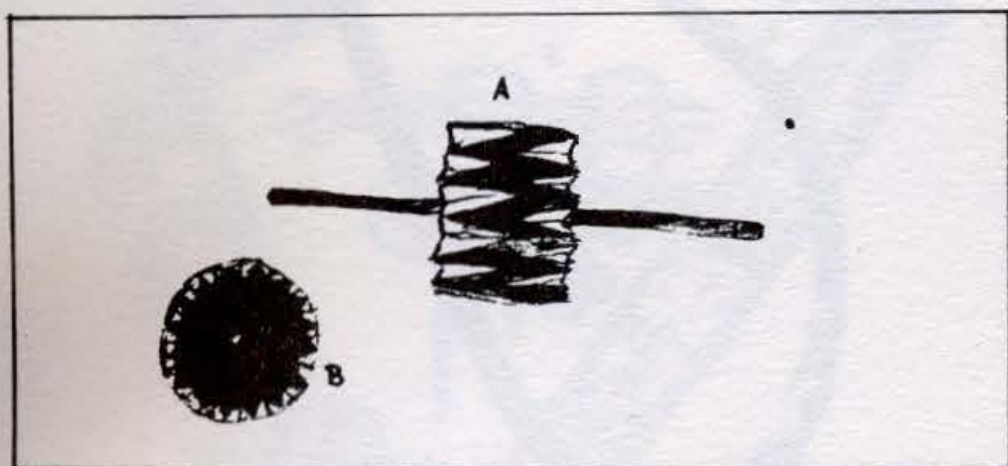
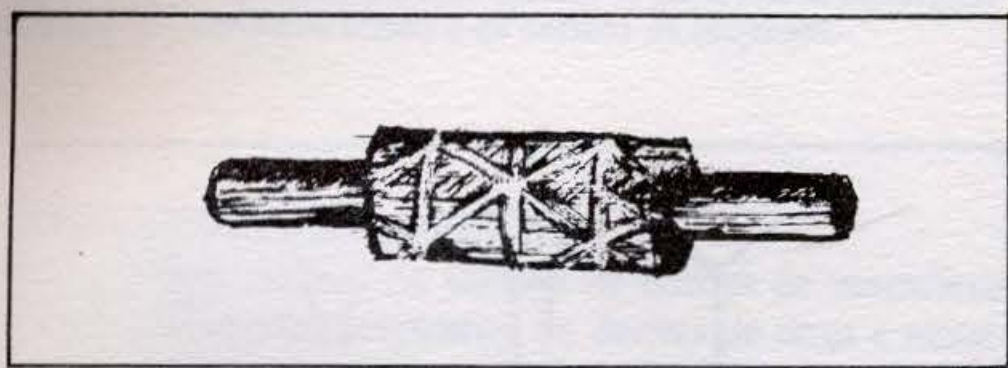
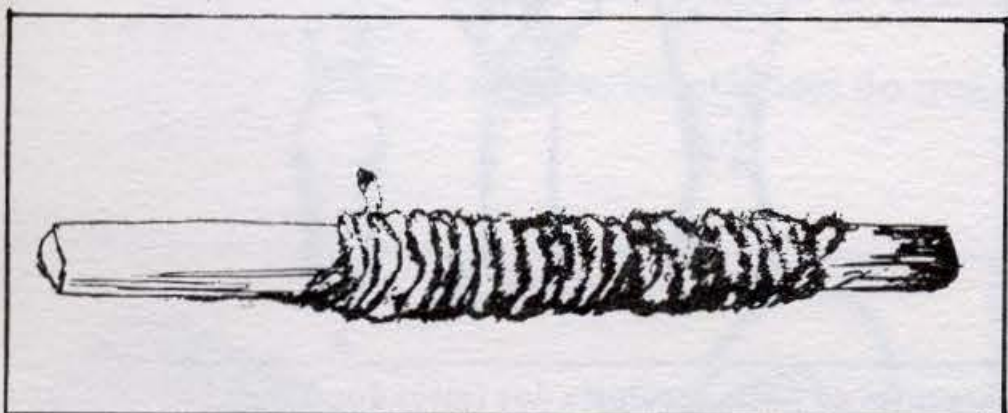
CARIMBO PLANO-LARGO

Def. Neste tipo de carimbo, feito da medula do pecíolo do buriti, a superfície carimbante é mais extensa, permitindo a incisão de maior número de desenhos a ser estampado na pele. Baldus (1961-2:47) distingue dois subtipos: 1) com uma face carimbante; 2) com duas faces carimbantes. Encontrado entre os Xerente, Krahô, Canela, Palikúr e Kaiwá (ibidem).
T. Gen. Objetos de toucador (05)

Carimbo plano-largo para pintura corporal. Índios Ramkokamekra-Canela, M. N. nº 26.889. Esc. 1:2,5.

CARIMBO-ROLO

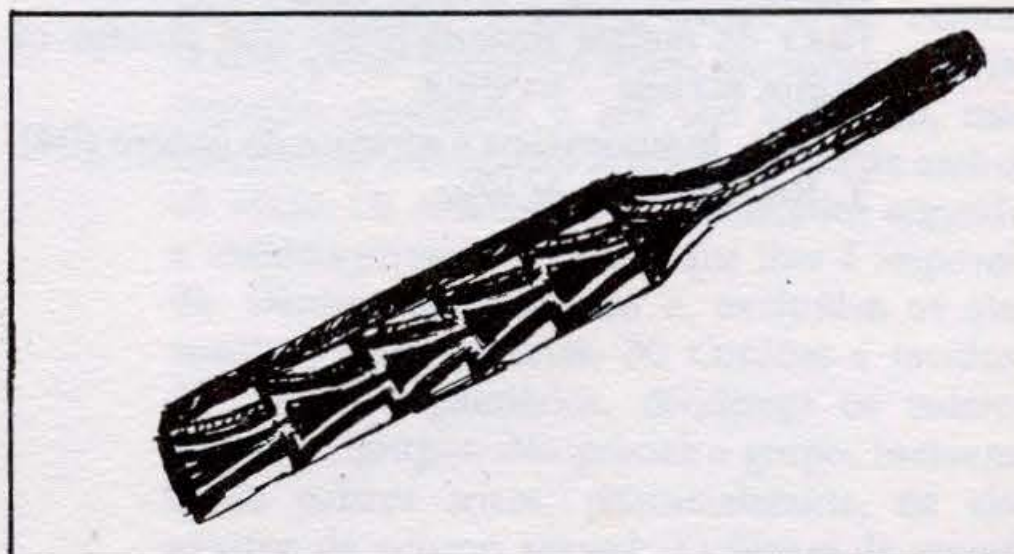
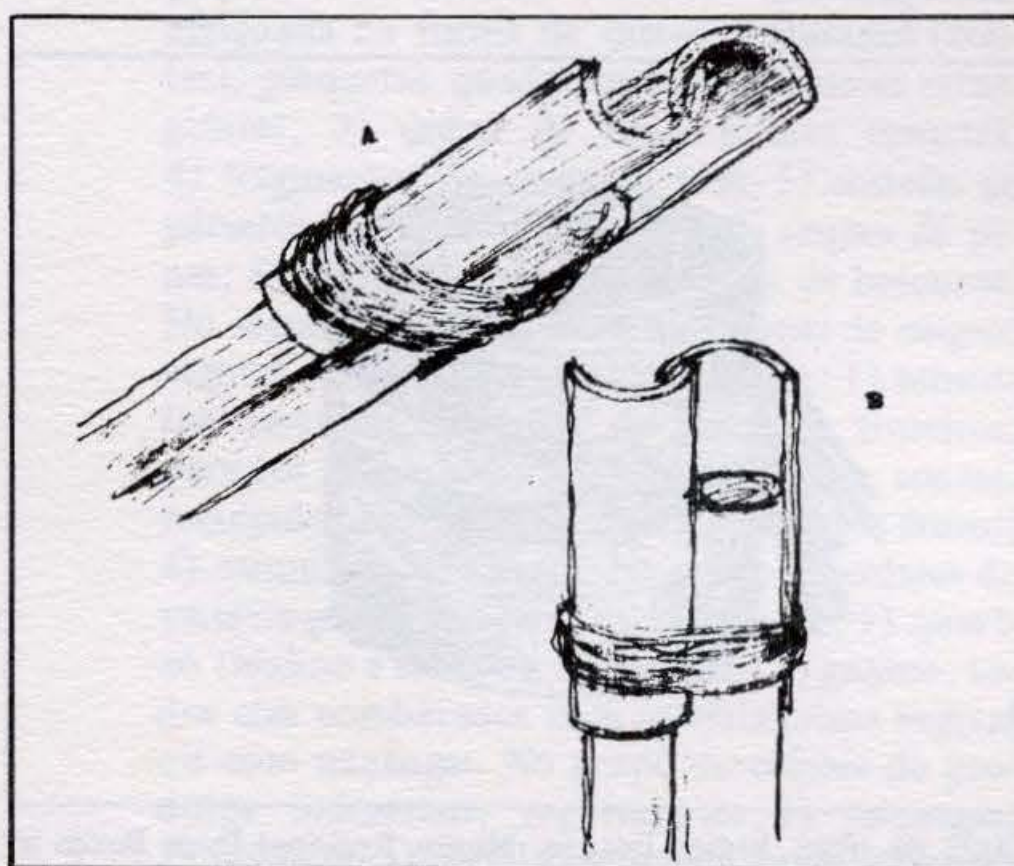
Def. Carimbo cilíndrico para pintura corporal feito de madeira ou da medula do pecíolo do buriti. Pelo formato, assemelha-se às toras utilizadas nas corridas pelos grupos Timbíra. Encontrado entre estes e os índios do noroeste amazônico (grupos Tukâno e os Yekuâna) onde são talhados unicamente em madeira. Baldus (1961-2:48) inclui neste tipo "os cilindros envoltos de corda encontrados entre os Xerente".

T. Gen. Objetos de toucador (05)

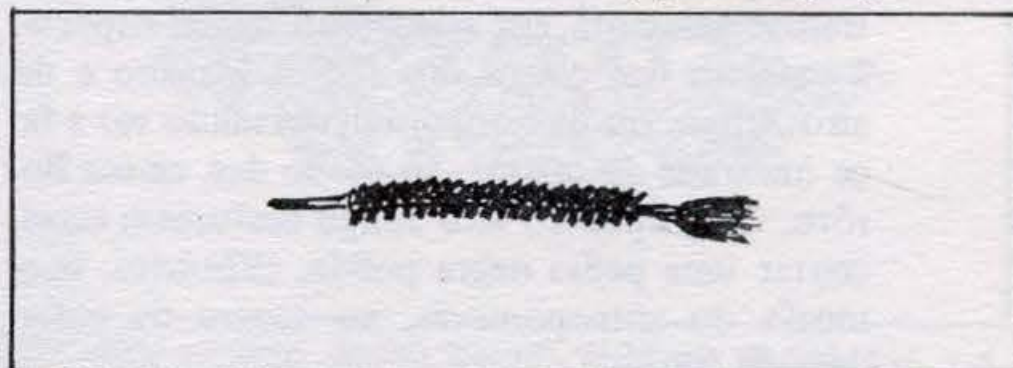
T. Rel. Carimbo-corda

Carimbo-rolo de medula de buriti para pintura corporal. Índios Ramkokamekra-Canela, M.N. nº 26.904. Esc. 1:2,5. A. Vista da peça. B. Corte transversal.

Carimbo-rolo cilíndrico para pintura corporal. Índios Ramkokamekra-Canela, M. N. nº 26.902. Esc. 1:2,5.

Carimbo-rolo cilíndrico envolto de corda. índios Xerente. *Apud* Baldus 1961-2:40 fig. 27.

CARIMBO-VARETA

Def. Implemento para pintura corporal formado de um pedaço de taquara (índios Kaingáng e Guaraní) ou de aroeira (índios Karajá) que, como o nome indica, apresenta a forma de uma lâmina estreita e comprida. Baldus (1961-2:47) distingue vários subtipos segundo o desenho que produz o carimbo ou a forma deste. Tais são: a) para produzir círculos (índios Xerente); b) para produzir manchas arredondadas ou angulares (Canela); c) para produzir traços (índios da Guiana brasileira: Palikúr, Tiriyó, Kaxuyâna); e) vareta bipartida (Waiwai, Karajá, Apinayé) constituída de dois pedaços de taquara amarrados juntos; f) vareta tripartida (índios do noroeste do Amazonas) formada por três varetas amarradas juntas.

T. Gen. Objetos de toucador (05)

Carimbo-vareta. Índios Kaxuyâna, *apud* Baldus 1941-2 pr. XII.

Carimbo Vareta bipartida. Índios Karajá, coleção particular. A. Vista da parte superior. B. Vista da parte inferior. Esc. 1:3.

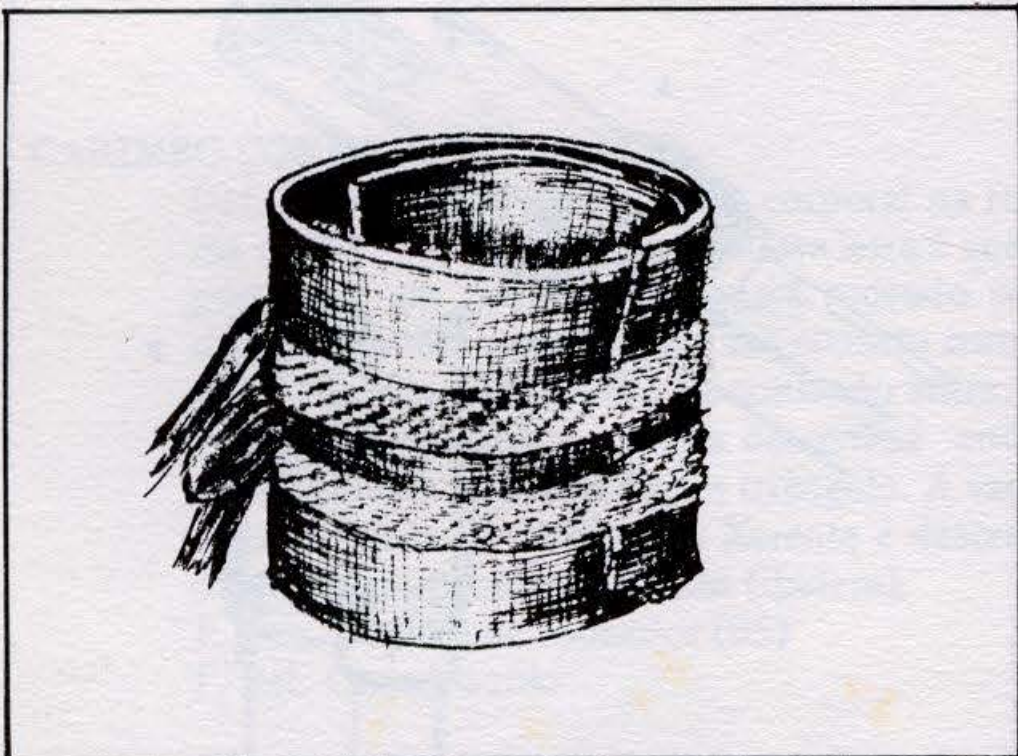
CARIMBO-VÉRTEBRAS

Def. Implemento para pintura corporal encontrado entre os índios Karajá. "Para fazer linhas sinuosas, usa-se um modelo constituído de espinha dorsal duma cobra. As vértebras são ligadas entre si por meio dum cordel de algodão de tal maneira que a espinha seja movediça. Na extremidade inferior da espinha é fixada uma borla de cordéis. Depois de mergulhar as pontas das vértebras em tinta de jenipapo passa-se a matriz sobre o corpo em ziguezague, de modo que apareça na pele, a um tempo, uma faixa larga de numerosas linhas em ziguezague" (Krause 1943 vol. 93:142, pr. 68 fig. 2).

Carimbo-vértebras para pintura corporal. Índios Karajá, *apud* Krause 1943 vol. 93:142, pr. 68 fig. 2).

CINTA DE LÍBER

Def. Larga faixa que cinge o ventre feita de entrecasca de árvore, às vezes enegrecida por maceração na lama, de uso feminino entre os Borôro e Karajá, e masculino entre os Umáua (Koch-Grünberg 1910 vol. 2:122 fig. 63). As mulheres Borôro e Karajá fixam o encacho – faixa da mesma matéria-prima que protege os órgãos sexuais – na cinta.

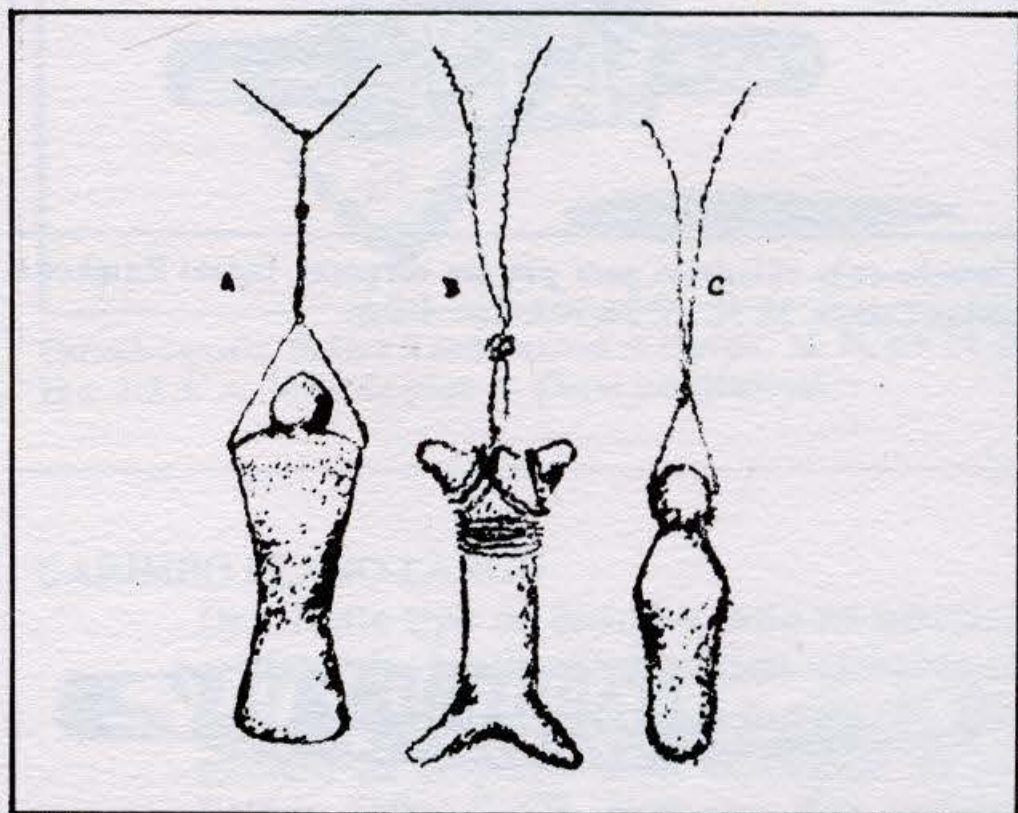
T. Gen. Indumentária e arranjos de decoro (04)

T. Rel. Encacho de líber

Cinta de líber. Índios Borôro, Museu Regional Dom Bosco nº B55 2534, *apud* Albisetti & Venturelli 1962:315.

CINTO CONTAS DE CARAMUJO

Def. Compreende os adornos de cintura constituídos de contas redondas, discóides, com um furo no centro, feitas de caramujo gastrópode ou de concha, cuja face interna é revestida em madrepérola. As contas podem ser enfiadas transversalmente em relação ao cordel-suporte, à maneira dos cintos dos índios Marúbo e do alto Xingu, ou na horizontal, deixando ver a face nacarada da conta, ao modo dos cintos Borôro. Os grupos do alto Xingu costumam acrescentar uma pedra negra polida, cilíndrica, zoomorfa ou antropomorfa, no centro da enfiadura de contas.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Cinto de contas de caramujo. Índios Bakairí, M. N. nº 14.105. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe dos discos.

Pingentes de pedra esculpida dos cintos dos índios do alto Xingu. *Apud* Hartmann 1986:190.

CINTO COURO DE ONÇA

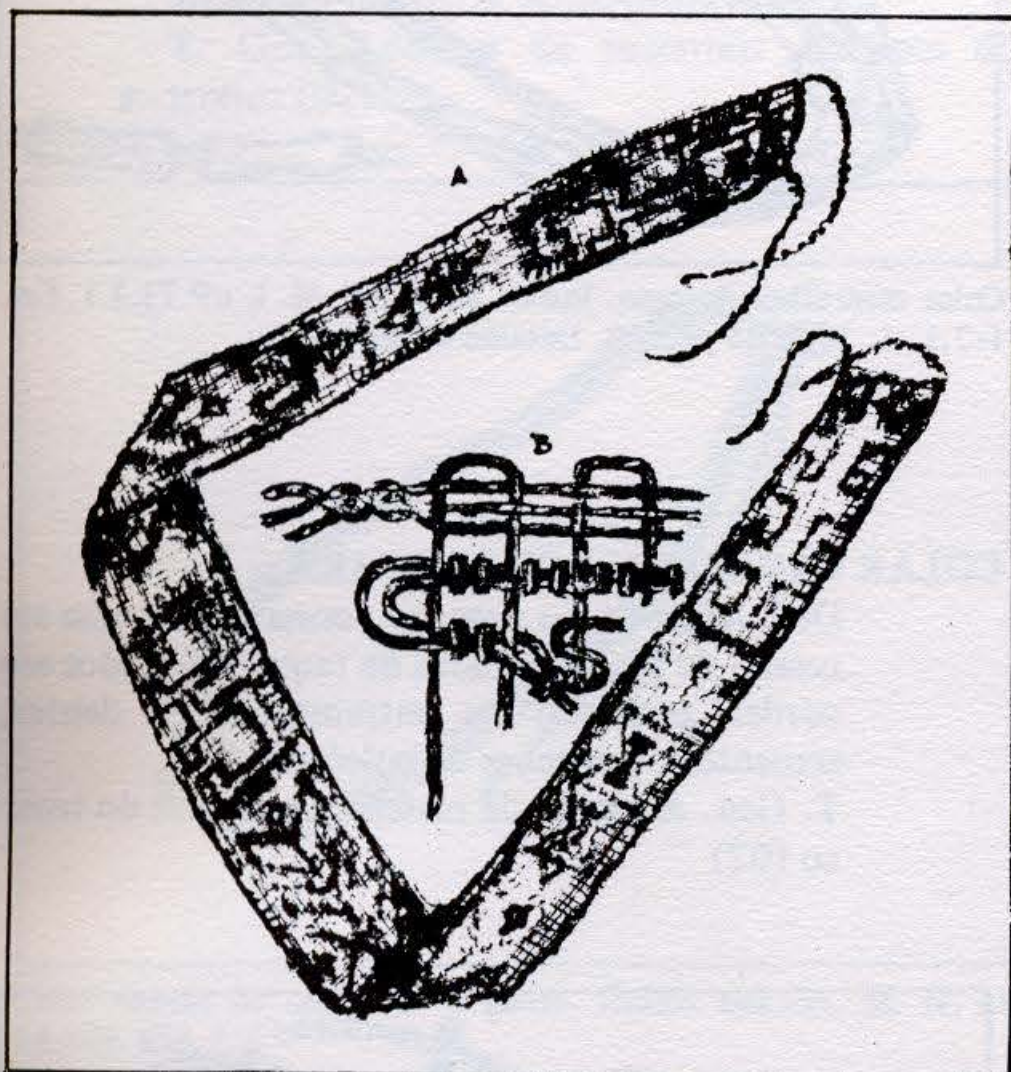
Def. Adorno masculino de cintura constituído por uma tira de 15 a 20 cm de largura de couro de onça. É provido de atilhos e adornado na beira com continhas de sementes e tufos de plumas. Encontrado entre os Xikrin (Frikel 1968:69) e outras tribos.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Nota: sem protótipo nas coleções consultadas.

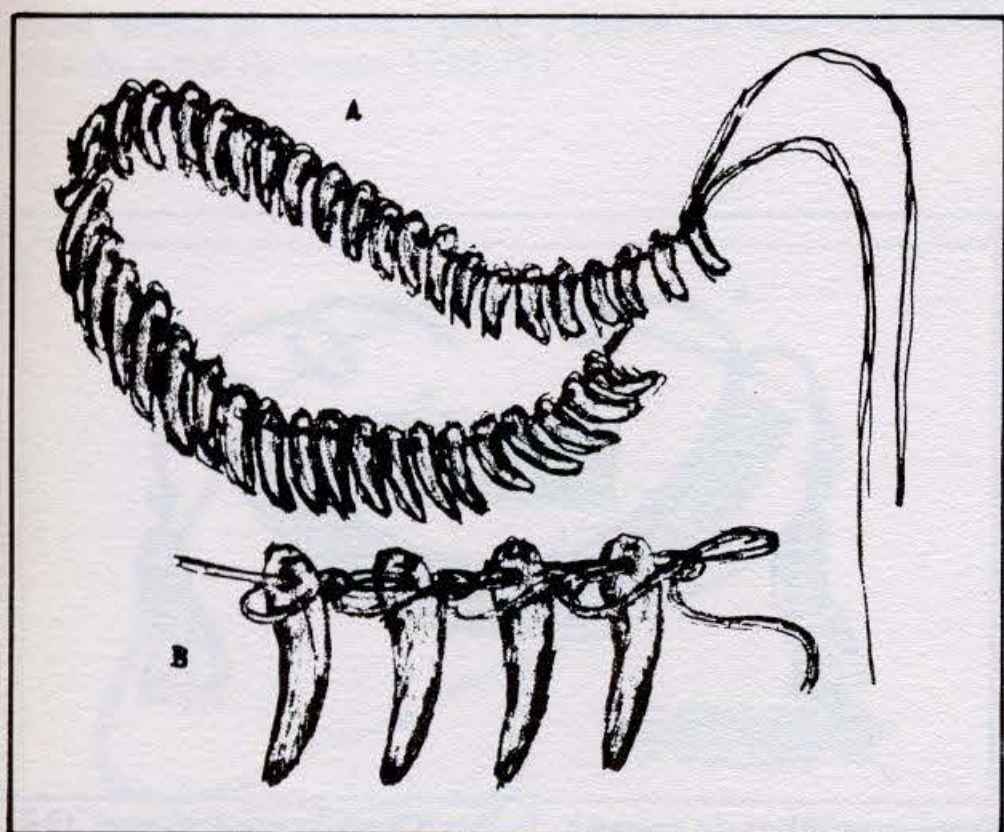
CINTO DE MIÇANGAS

Def. Adorno que cinge a cintura tecido em tear com algodão e contas de vidro.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Cinto de miçangas. Índios Waiwai, M.I. nº 79.5.19. Esc. 1:5. A. Vista da peça: padrões Navaho ensinados pelas missionárias americanas. B. Detalhe da ourela e da enfiada de miçangas.

CINTO DENTES DE MAMÍFERO

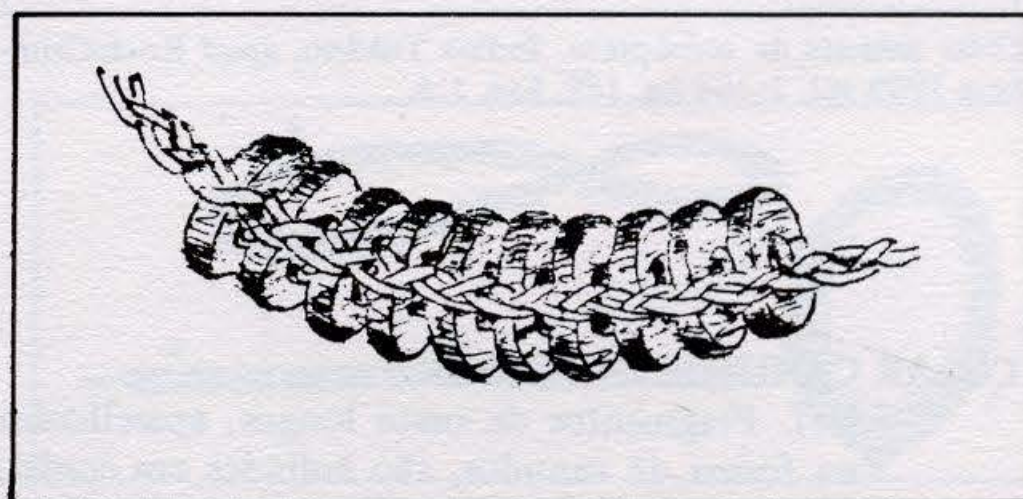
Def. Atavio da cintura de dentes de mamífero feito exclusivamente de dentes de onça e macaco-prego, entre os Tiriyó: "Perfurados na raiz, são depois enfiados numa corda de algodão ficando divididos em dois grupos, um para cada lado do quadril" (Frikel 1973:172). Os dos índios do Uaupés apresentam a fileira de dentes em toda a volta.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Cinto dentes de onça. Índios do rio Uaupés, M.N. nº 1.071. Esc. 1.10. A. Vista da peça. B. Detalhe da enfiadura e amarração.

COLAR

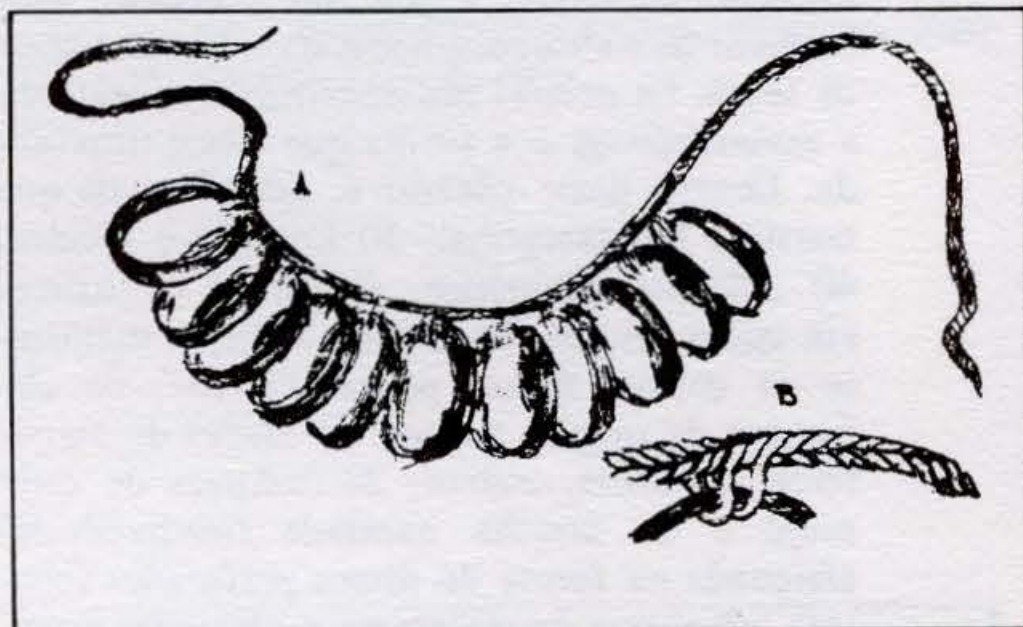
Def. Adorno que volteia o pescoço, cujos componentes ornamentais se distribuem por toda a extensão da peça. O termo *Peitoral* é reservado aos adereços do mesmo gênero em que os elementos de destaque decorativo se concentram no meio da peça, pendentes sobre o peito. São numerosíssimos e muito variados os colares usados pelos índios do Brasil, geralmente de fabricação masculina e seu uso exclusivo, mas também de elaboração feminina e uso de ambos os sexos. Os colares são discriminados segundo a matéria-prima e a forma que lhes é imprimida. Dentro desse critério e, excluídos os que constam das categorias, 30 Cordões e tecidos, 40 Adornos plumários, dividimos os colares em cinco grupos. No primeiro grupo, incluem-se os colares feitos, primacialmente, de elementos de origem animal: 1) dentes de mamíferos, roedores, outros; 2) carapaça de caramujo e de concha nacarada (madrepérola) afeiçoada na forma de discos perfurados (contas), plaquetas quadriláteras e plaquetas retangulares; 3) unhas de onça e tatu canastra; 4) fragmentos de ossos de aves; 5) costelas de pássaros; 6) costelas de cobra; 7) raques de penas; 8) élitros (asas) e mandíbulas de besouros. No segundo grupo — matérias-primas de origem vegetal — destacam-se os colares de: 1) sementes diversas; 2) cocos de palmeira (inteiros, partidos ao meio, fragmentados em contas, esculpidos em figurinhas); 3) caroços de frutos; 4) canutilhos de taboca. No grupo de colares de matéria-prima mineral encontram-se; 1) quartzo (hialino e leitoso); 2) diabásio; 3) gnaisse, todos eles combinados com matéria prima vegetal ou com miçangas. No grupo de colares de produtos industriais, registram-se: 1) miçangas; 2) plástico; 3) metal (cartuchos, latas, moedas) martelado, polido, recortado e gravado. Finalmente, os colares-miscelânea são os que combinam algumas das matérias-primas acima citadas. Variam muitíssimo e sua designação decorre da substância predominante de que são feitos. Na presente nomenclatura oferecemos apenas alguns exemplos.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Consulte: 30 Cordões e tecidos; 40 Adornos plumários

Colar anéis de coco. Índios Kayabí, M.N. nº 39.649. Esc. 1:5. O desenho ilustra detalhe do colar segundo Grünberg 1967:72 fig. 41.

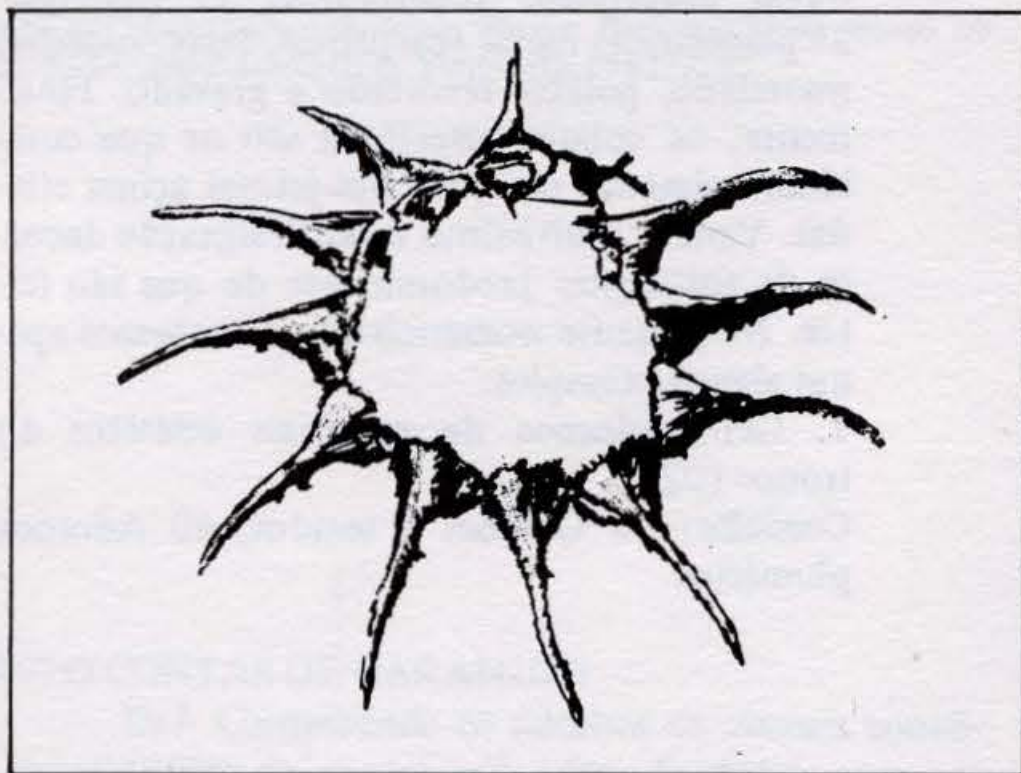
COLAR ANÉIS DE COCO

Def. Atavio do pescoço formado por uma série de anéis de coco inajá presos entre si pela entramação decorativa de um cordel. Característico dos índios Kayabí.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar anéis de coco da palmeira tucum. Índios Kayabí, *apud* Grünberg 1967:73, A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação dos anéis.

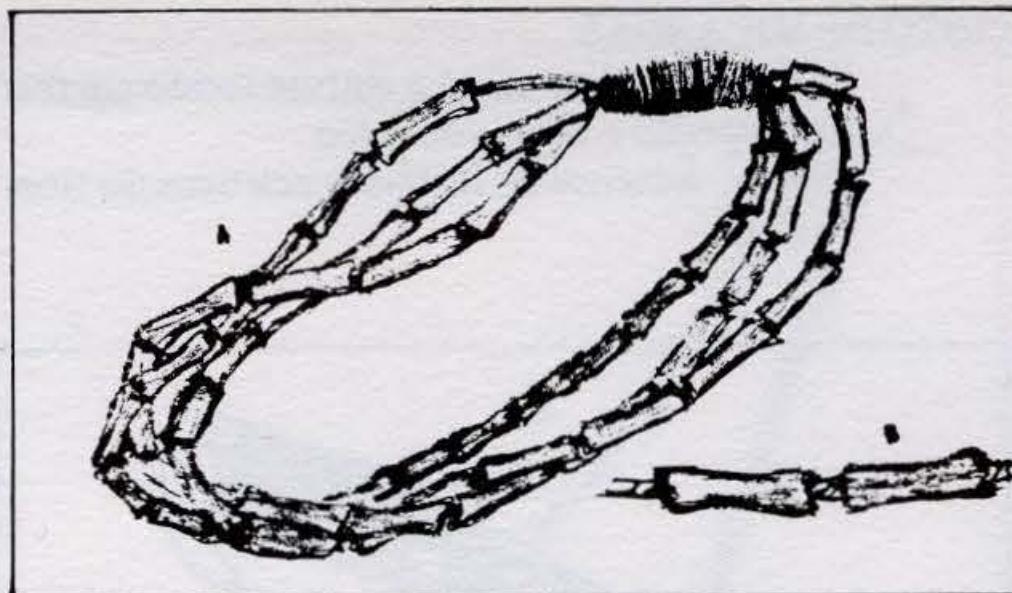
COLAR ANTENAS DE COLEÓPTERO

Def. Adereço do pescoço formado por uma sucessão de mandíbulas córneas de besouro. Encontrado entre os grupos do alto rio Negro (Koch-Grünberg 1909 vol. 1:306 fig. 189).

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar antenas de coleóptero. Índios Tukâno, *apud* Koch-Grünberg 1909 vol. 1:306 fig. 189, Esc. 1:5.

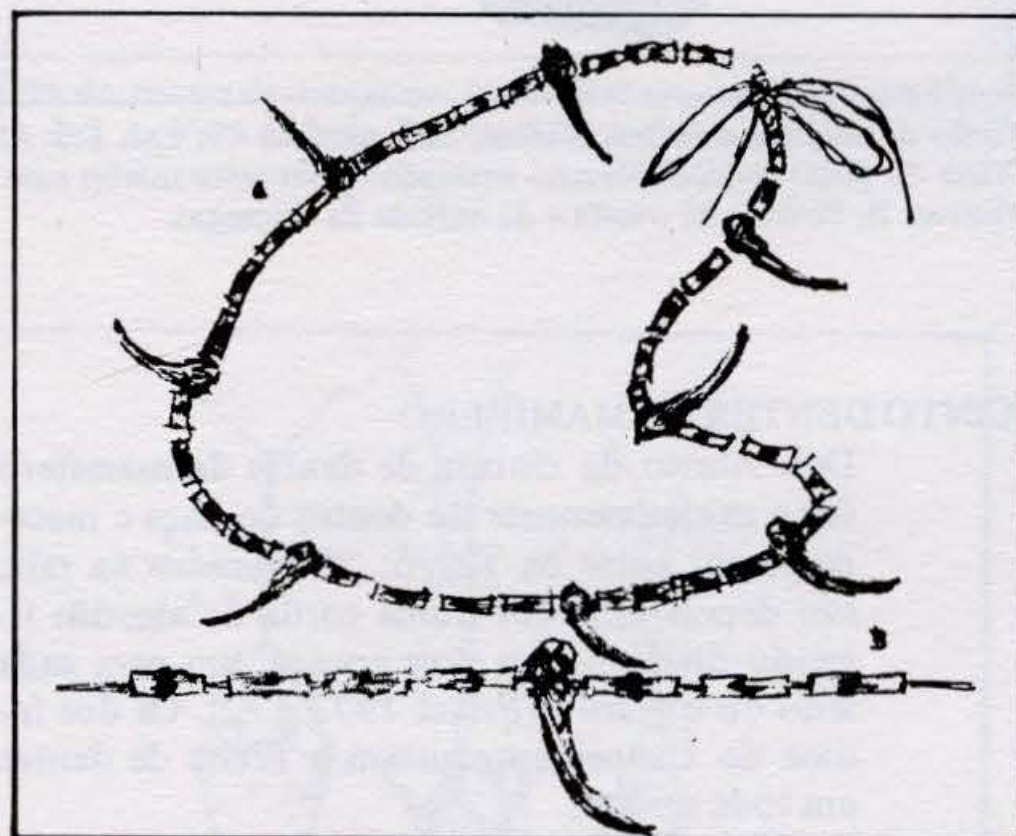
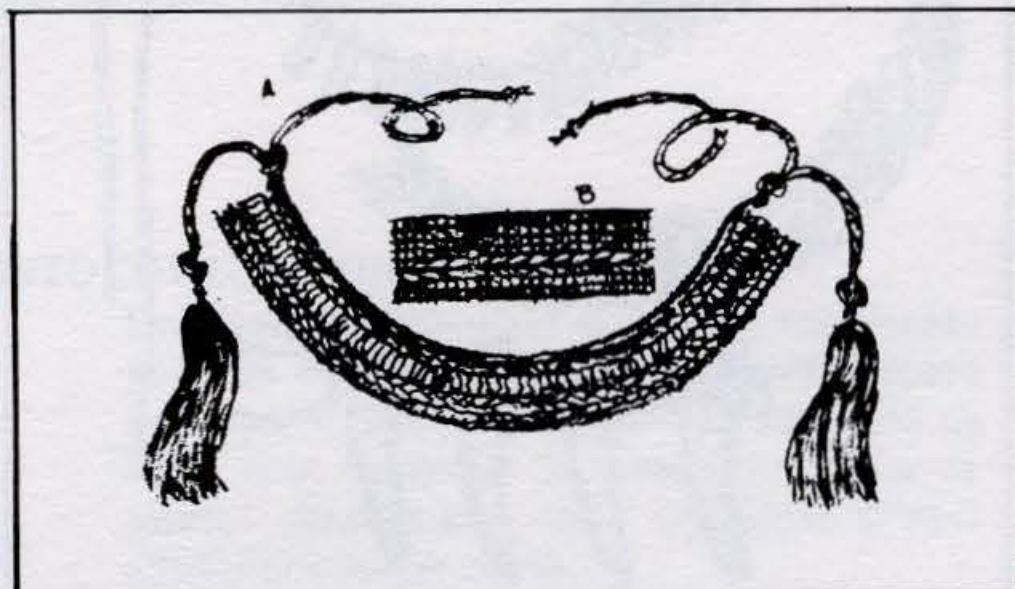
COLAR CANUTILHOS DE OSSO

Def. Fragmentos de ossos longos, aparelhados na forma de canudos, são enfiados em cordel, constituindo colares de uma ou mais voltas.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar canutilhos de osso. Índios Parakanã, M. I. nº 71.1.1. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da enfiadura.

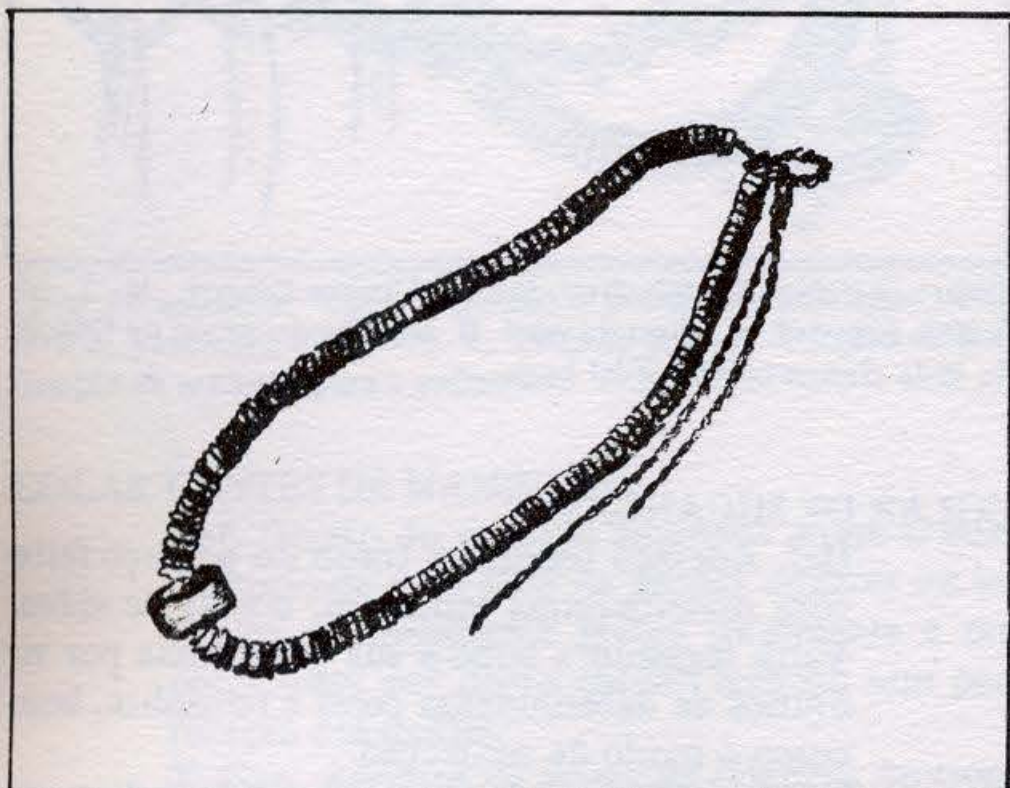
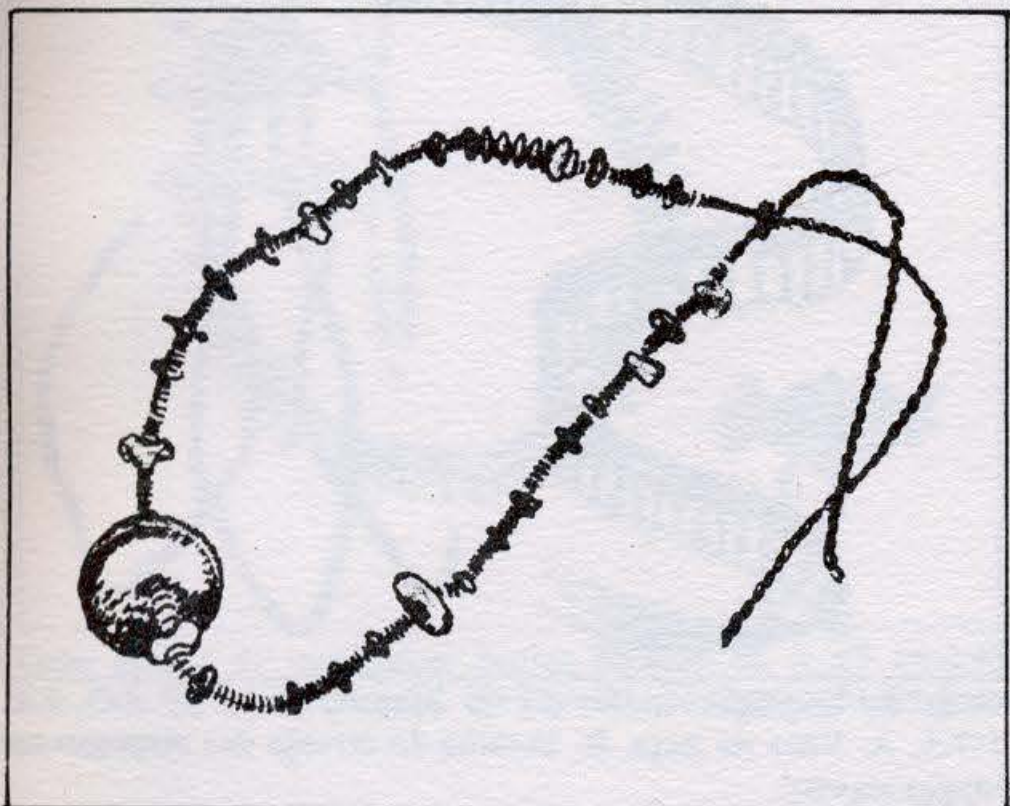
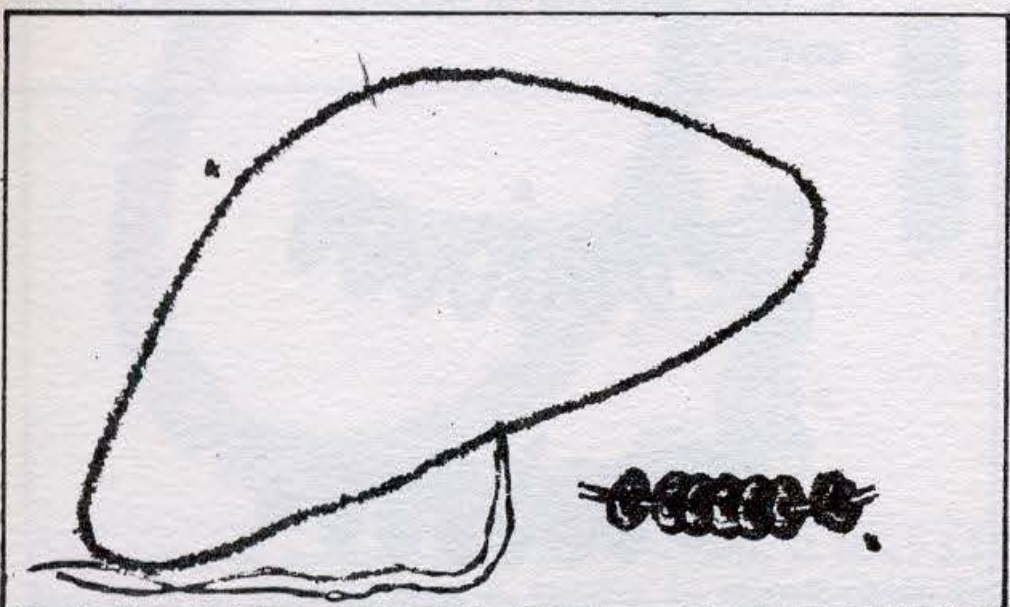
COLAR CANUTILHOS DE TAQUARA

Def. Adereço do pescoço formado por uma sucessão de finos canudos de taquara enfiados em cordel, podendo ser entremeados de dentes, sementes ou antenas de coleópteros.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar canutilhos de taquara e entremeio de antenas de coleóptero. Índios Nambikuára, M. N. nº 13.046. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe da montagem dos elementos constituintes no suporte.

Colar canutilhos de taquara. Índios Kayapó, *apud* Krause 1941-44 vol. 93:137 fig. 228. A. Vista da peça. B. Detalhe da construção.

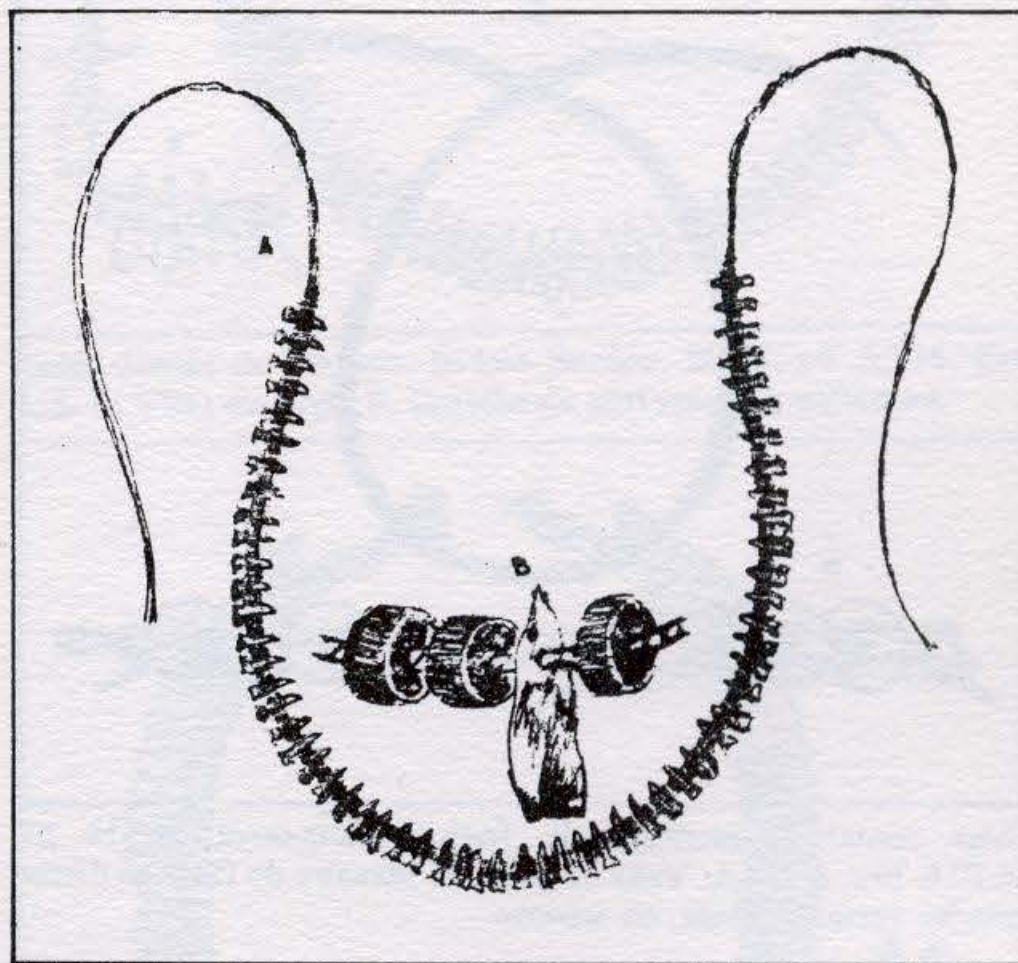
COLAR CONTAS DE CARAMUJO

Def. Contas redondas, em forma de disco, com um furo no centro, feitas de caramujo terrestre, enfiadas em cordel de algodão. Artesanato característico do alto Xingu, de uso feminino, no qual se especializaram os grupos Karib da área. Comum entre várias outras tribos.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar contas de caramujo e pedra. Índios Bakairí, M. N. nº 14.109. Esc. 1:5.

Colar contas de caramujo, pedra e dentes de mamífero. Índios Trumái. *Apud* Hartmann 1986:191.

Colar contas de caramujo. Índios Marúbo, M. I. nº 75.4.92. A. Vista da peça. B. Detalhe da enfiada. Esc. 1:10.

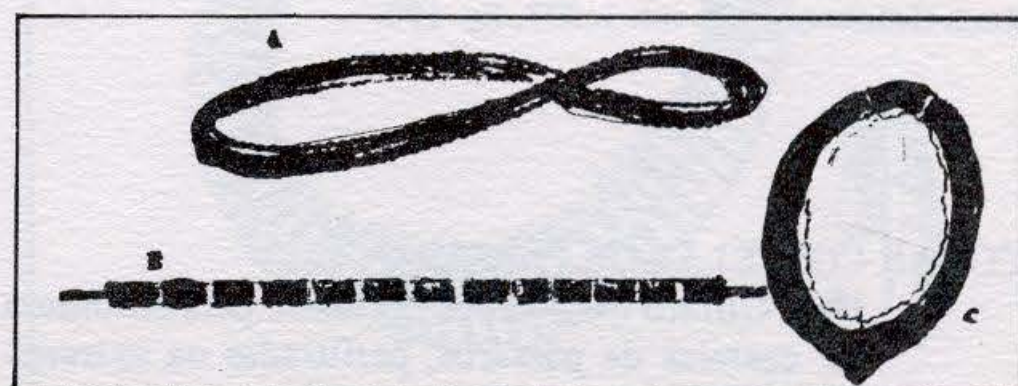
COLAR CONTAS DE COCO E DENTES

Def. Adereço que cinge o pescoço constituído de contas de endocárpio de tucum ou de outra palmeira e dentes de mamífero, geralmente macaco.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos para o tronco (02)

Colar contas de coco e dentes. Índios Suruí de Rondônia, M. I. nº 81.1.18. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da enfiada de contas de tucum, incisivos e molares de macaco.

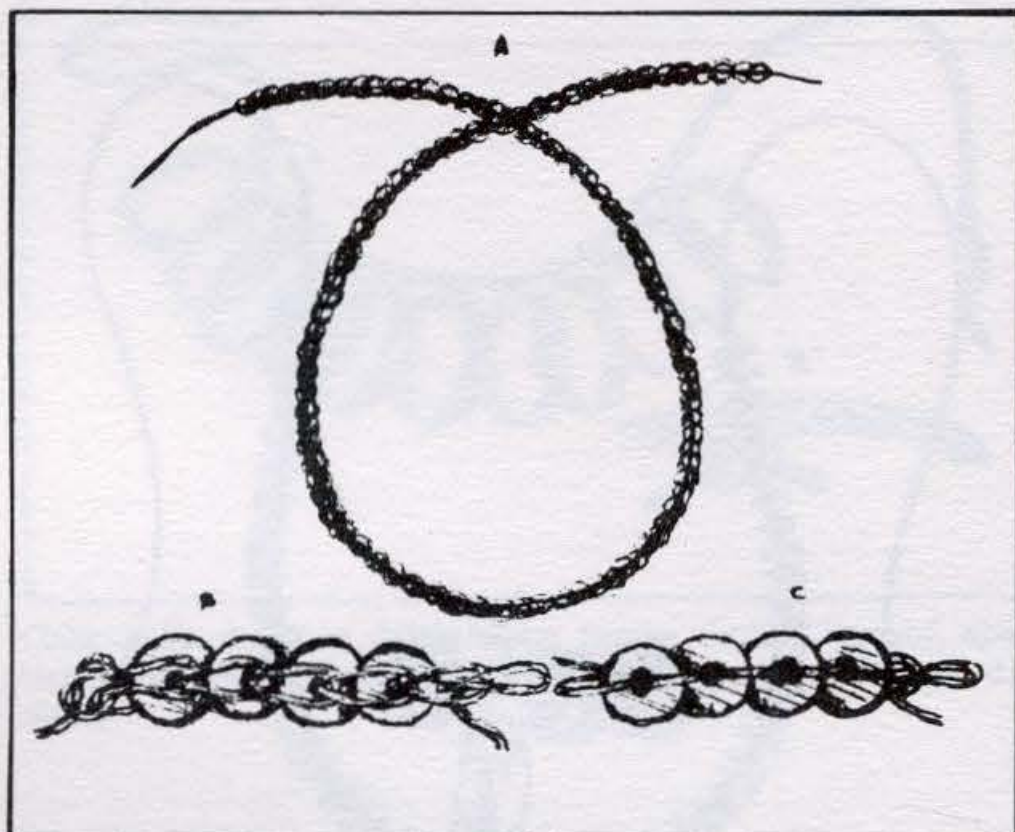
COLAR CONTAS DE COCO TUCUM

Def. Adereço do pescoço constituído de minúsculos discos cilíndricos perfurados feitos de fragmentos do endocárpio do coco da palmeira tucum. Ocorre entre os Nambikuára, Cinta-largas, e inúmeras outras tribos.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar contas de coco tucum. Índios Pakaa-novas, M. N. nº 35.078. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da enfiada de contas. C. Secção longitudinal do tucum, proporcional às contas do detalhe B.

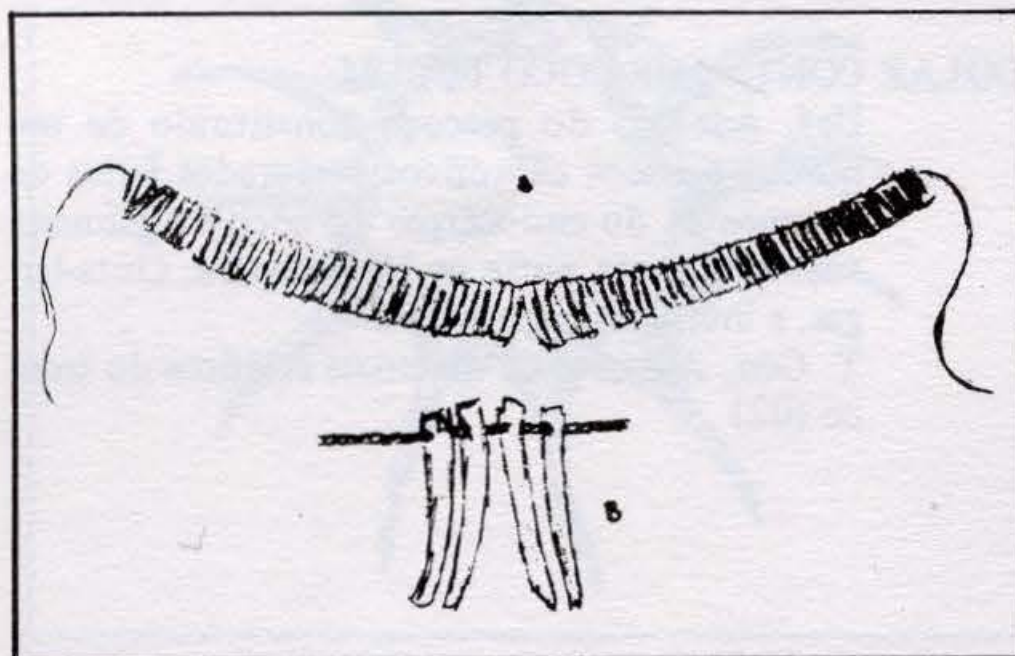
COLAR CONTAS DE MADREPÉROLA

Def. Discos de concha nacarada, com perfuração central, dispostos de maneira a tornar visível a superfície da conta, que lembra botão de madrepérola. Encontrado entre os Borôro e outros grupos indígenas.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar contas de madrepérola. Índios Pakaa-nova, M. N. nº 35.076. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Maneira de fixar os discos vista no verso. C. Idem, no anverso.

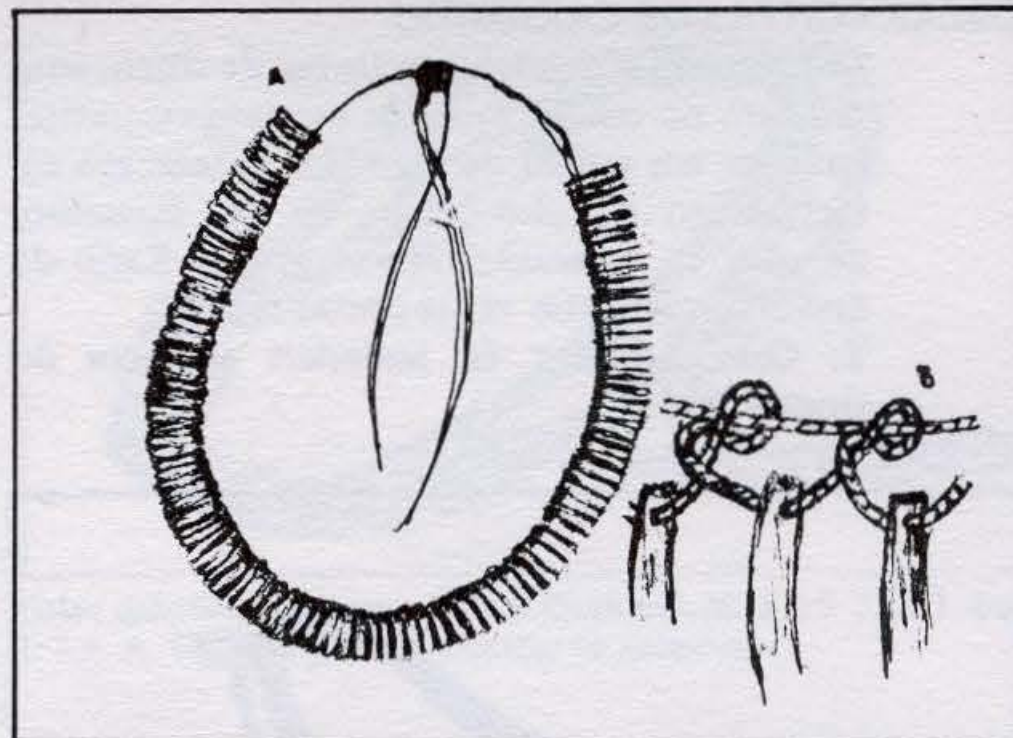
COLAR COSTELAS DE COBRA

Def. Adereço do pescoço formado pela enfiadura em cordel de costelas perfuradas de ofídio.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar costelas de cobra surucucu. Índios do rio Uaupés. *Apud* Koch-Grünberg 1909 vol. 1:307, fig. 190.

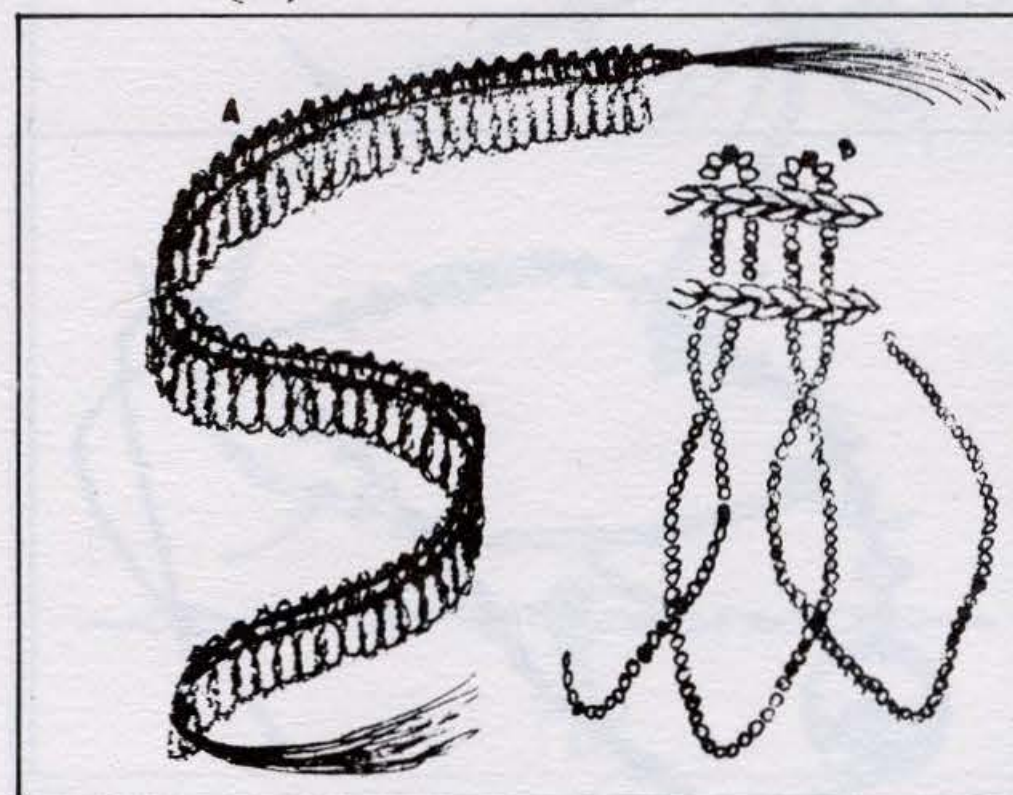
COLAR COSTELAS DE PÁSSARO

Def. Ornato do pescoço formado pela enfiadura de costelas de pássaros, perfuradas na extremidade superior, sobrepondo-se parcialmente umas às outras.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar costelas de pássaro. Índios Urubus-Kaapor, M. I. nº 8.003. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe do modo de fixação de cada elemento ao cordel-base.

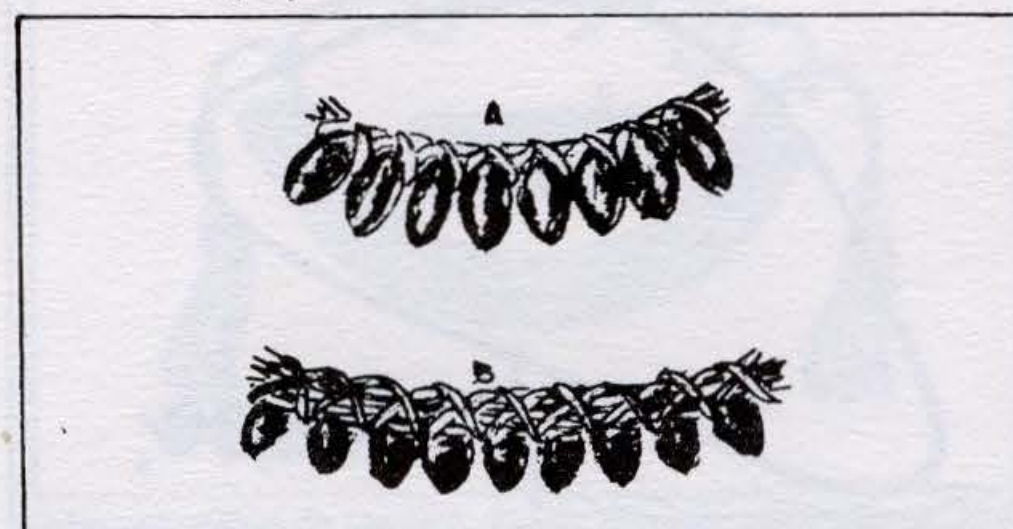
COLAR DE MIÇANGAS

Def. Adereço usado em torno do pescoço feito com matéria-prima industrial: contas de vidro. Varia segundo a tribo e sua preferência por vidrilhos de determinadas cores e tamanhos, bem como o modo de confecção.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar de miçangas. Índios do rio Branco, M. N. nº 243. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do arranjo das miçangas em longas argolas.

COLAR DE SEMENTES

Def. Adorno que volteia o pescoço constituído de sementes de leguminosa inteiriças presas a um cordel de sustentação.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar de sementes. Índios Kayabí, *apud* Grünberg 1967:72 fig. 4a. A. Detalhe do colar visto de frente. B. Idem, verso.

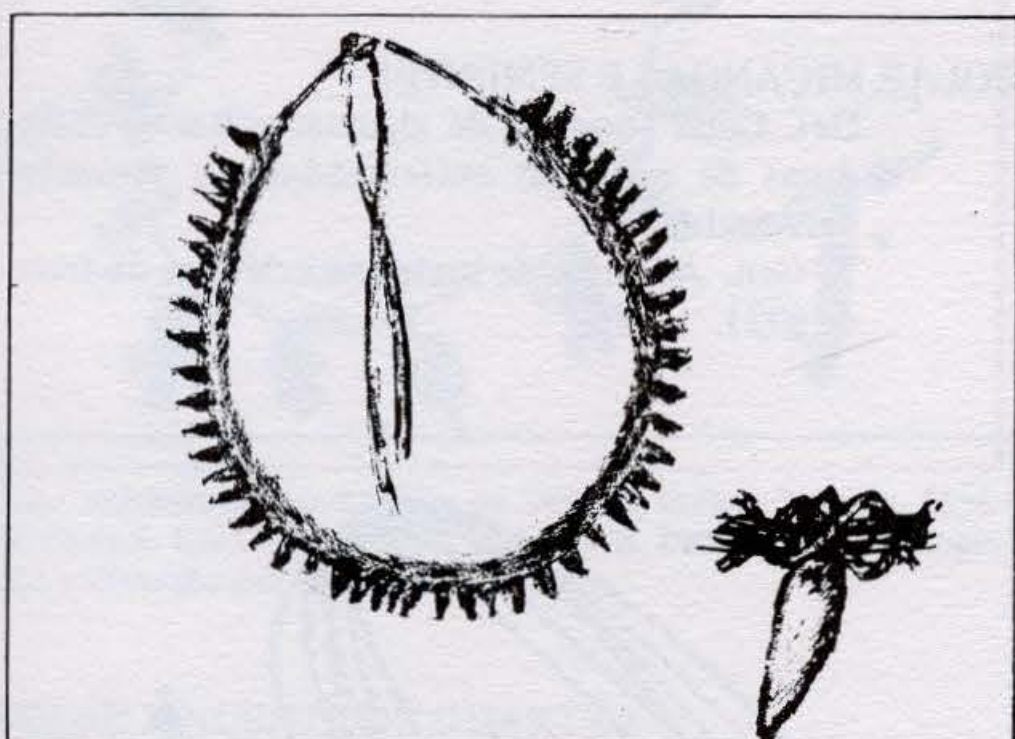
Colar de sementes "olho-de-pombo". Índios Borôro, *apud* Albisetti & Venturelli 1962:870. A. Vista da peça. B. Detalhe da perfuração da semente para a enfiadura.

Colar dentes de macaco. Índios Borôro, M. N. nº 3.176. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da perfuração e enfiadura.

COLAR DENTES DE MAMÍFERO

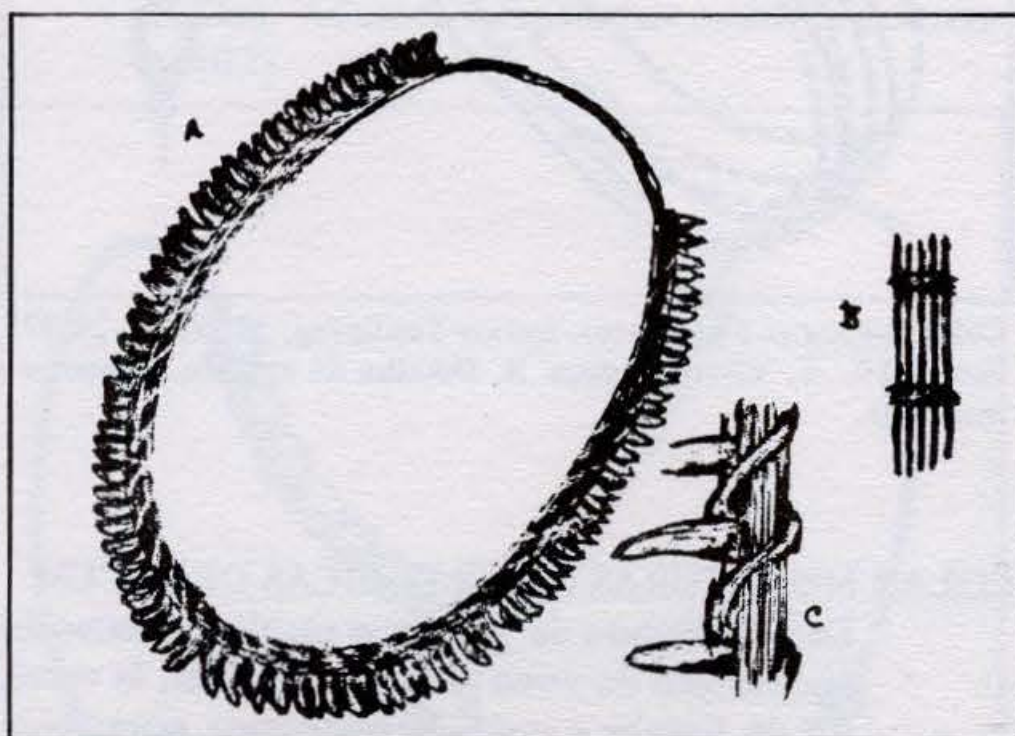
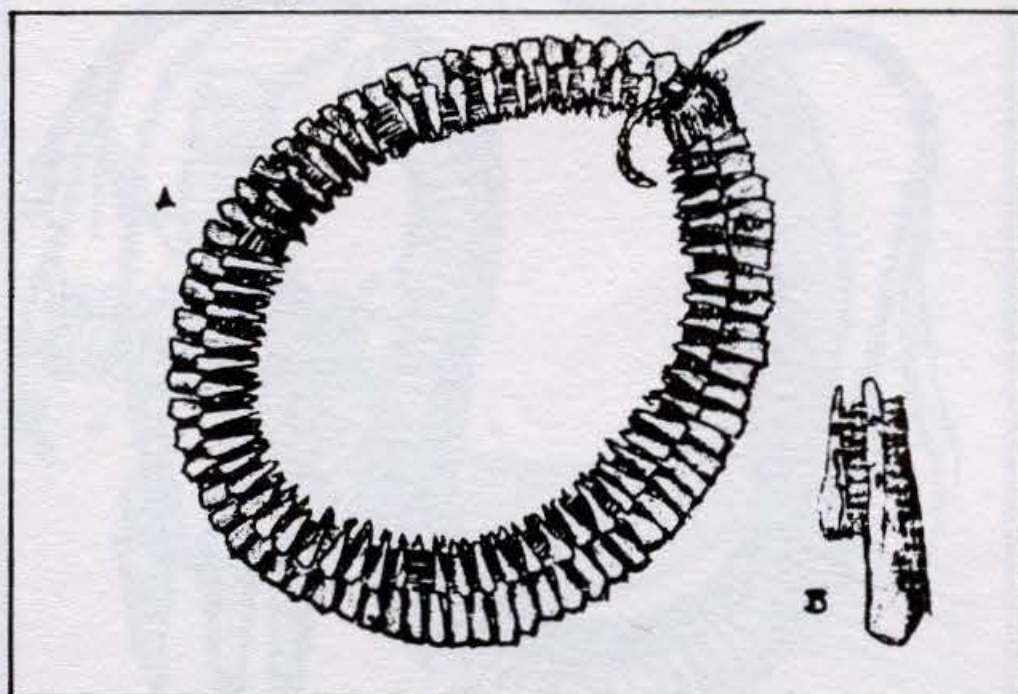
Def. Ornato do pescoço pendente sobre o colo formado de uma série de dentes molares ou incisivos de mamíferos presos fortemente a um cordel-base por outro cordel, com ou sem perfuração dos dentes.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar dentes de macaco. Índios Kuikúro, *Apud* Hartmann 1986:190.

Colar dentes de jaguatirica. Índios Kaapor, M. I. nº 68.2.49. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da amarração do dente no suporte.

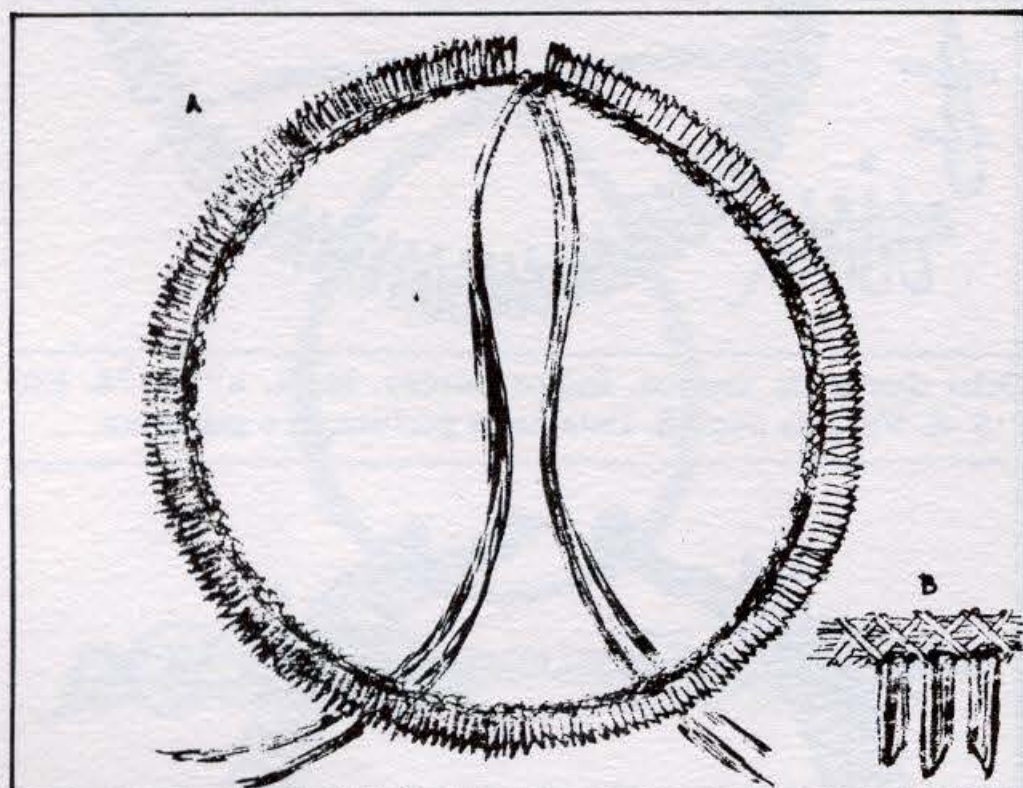
COLAR DENTES EM CAMADAS SUPERPOSTAS

Def. Adorno do pescoço formado por duas ou mais camadas de dentes de mamíferos sobrepostas umas às outras. Das pontas prolongam-se atilhos rematados ou não por borlas de algodão.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar dentes de porco-do-mato. Índios Mirânia, M. N. nº 5.211. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do suporte rígido duplo de taquara. C. Detalhe da fixação dos dentes no interior da armação.

Colar dentes em camadas superpostas. Índios Kayabí, *apud* Grünberg 1967:74 fig. 46. A. Vista da peça. B. Detalhe da superposição dos dentes.

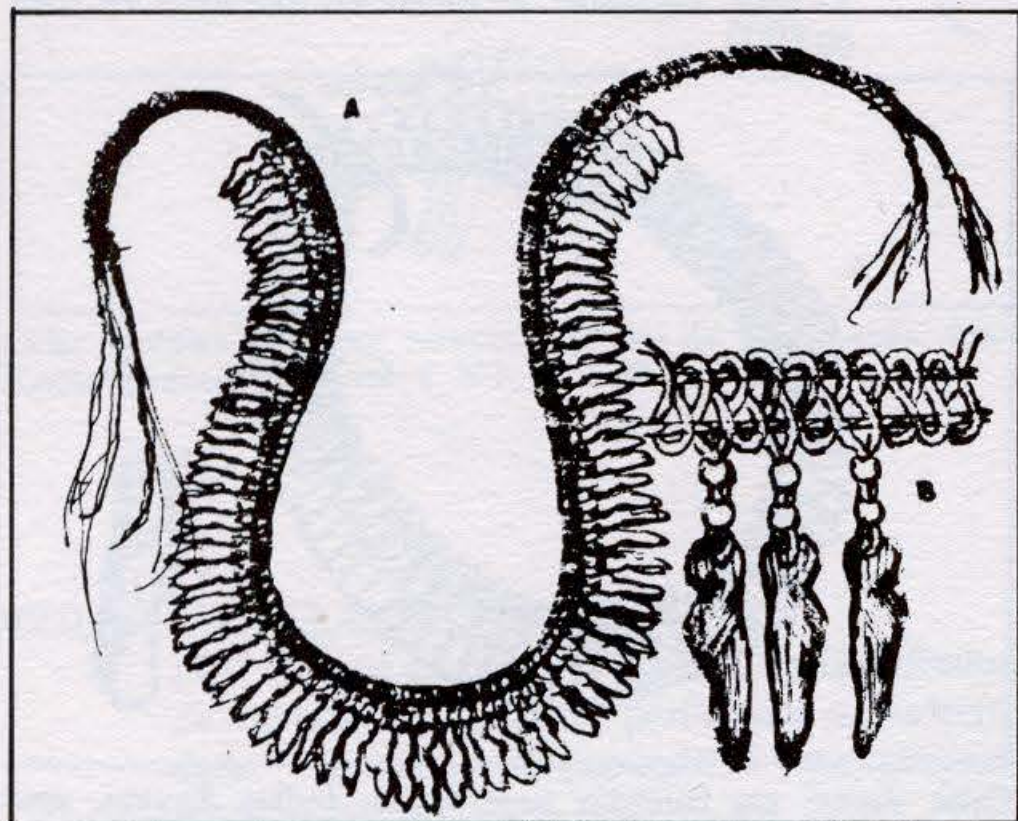
COLAR DENTES RECORTADOS DE OSSO

Def. Ornamento para o pescoço constante de peças de osso, geralmente de anta, recortadas de modo a imitar dentes de animais. Compõe-se de mais de uma centena dessas peças aparelhadas de maneira a apresentar uniformidade em tamanho e forma.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar dentes recortados de osso. Índios Makuxí, M. N. nº 22.109. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação dos fragmentos de osso.

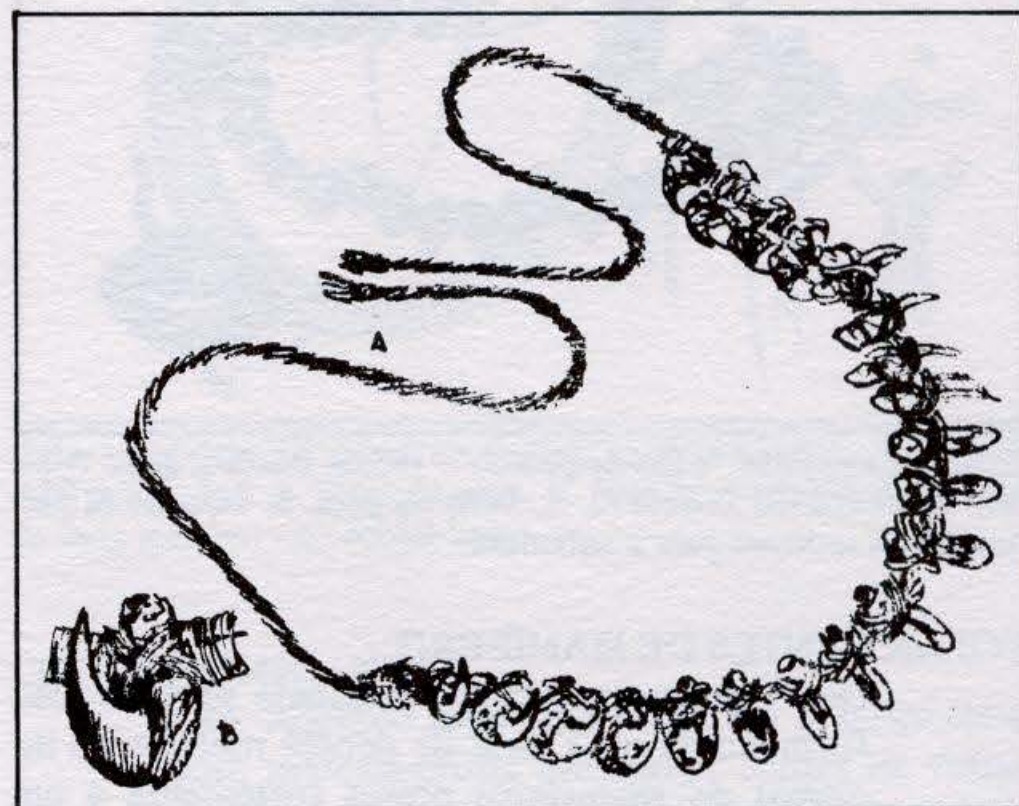
COLAR ÉLITROS DE COLEÓPTERO

Def. Ornato do pescoço constituído de uma série de asas de besouro, de consistência córnea e brilho metálico, perfuradas e enfileiradas ao longo de um cordel. Encontrado entre os grupos do alto rio Negro (Koch-Grünberg 1909 vol. 1:306 fig. 189).

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar élitros de coleóptero. Índios do rio Uaupés, M. N. nº 531. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da estrutura.

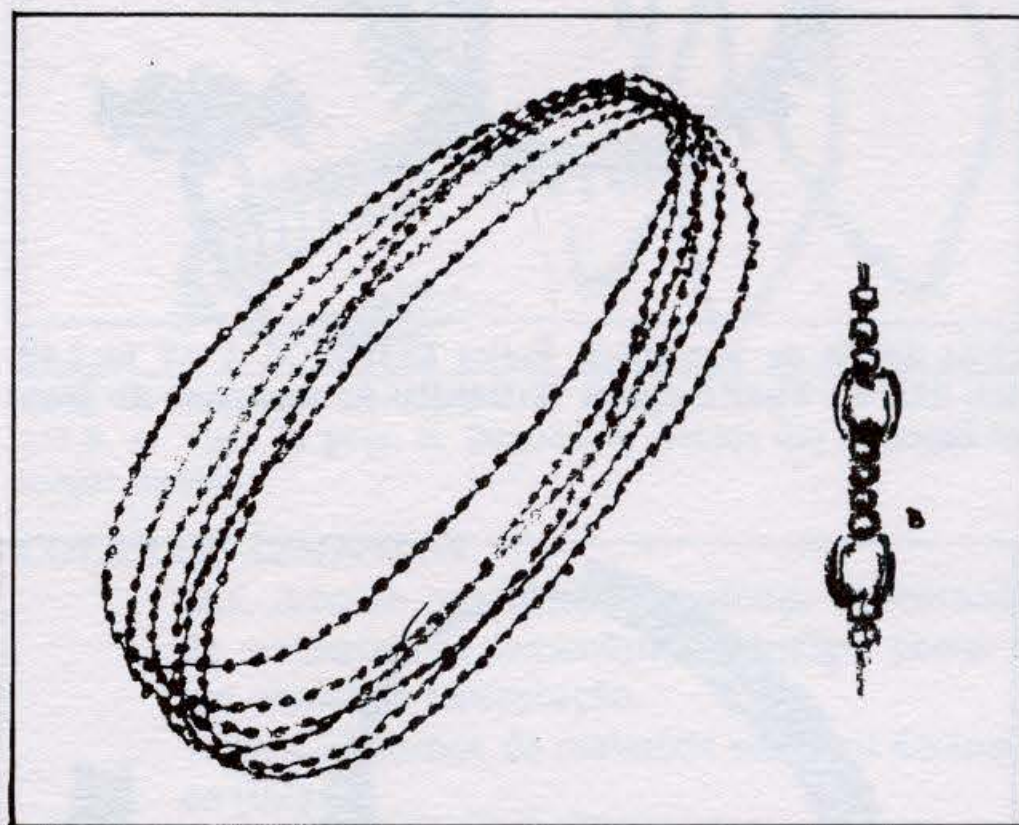
COLAR GARRAS DE ONÇA

Def. Adorno do pescoço constituído da amarração de garras do felino sobre um cordel-base. Encontrado entre os índios do alto Xingu.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar garras de onça. Índios Mehináku, M. I. nº 870. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação das garras.

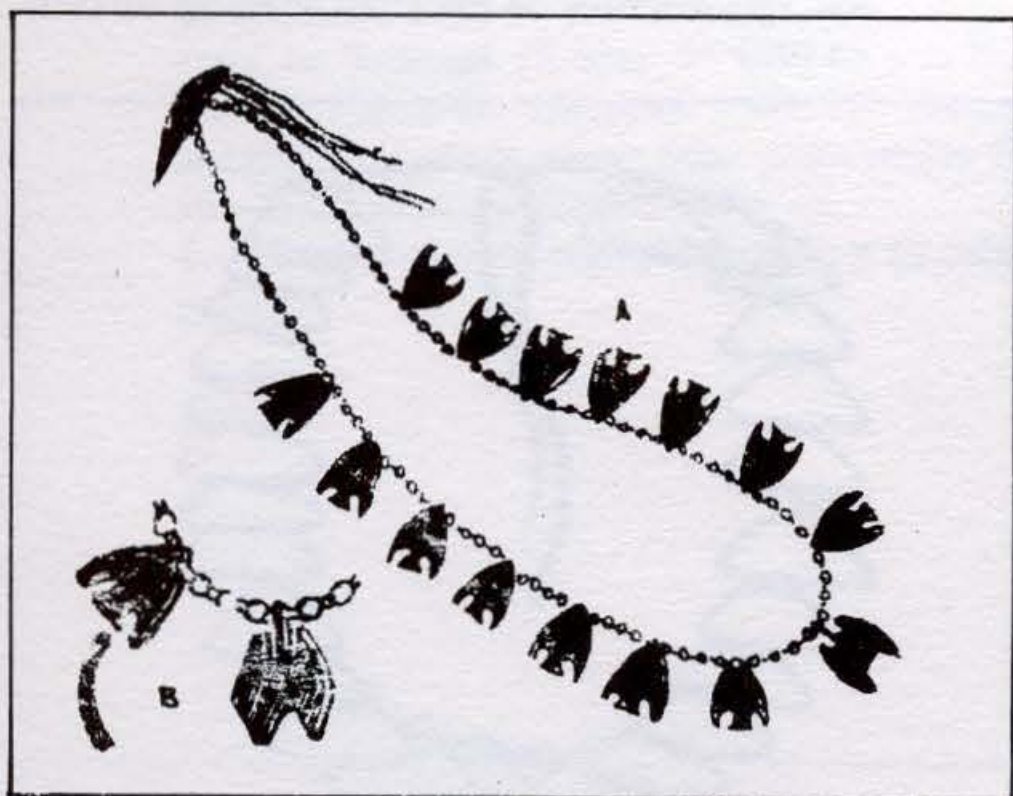
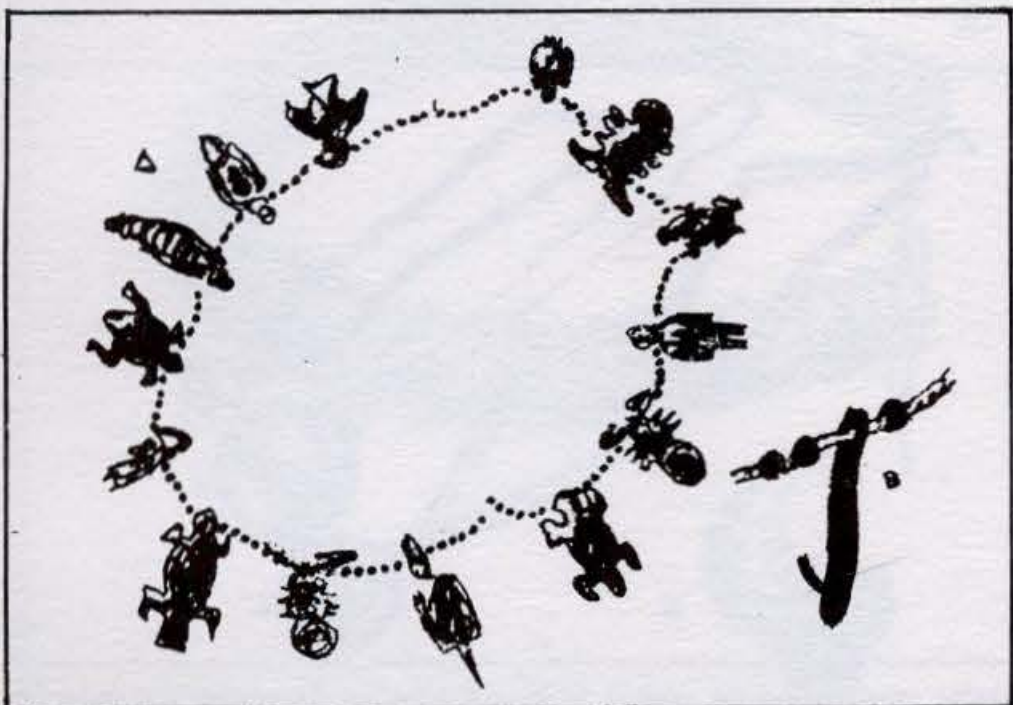
COLAR MIÇANGAS E SEMENTES

Def. Colar formado de algumas voltas de enfiaduras de miçangas entremeadas por sementes perfuradas.

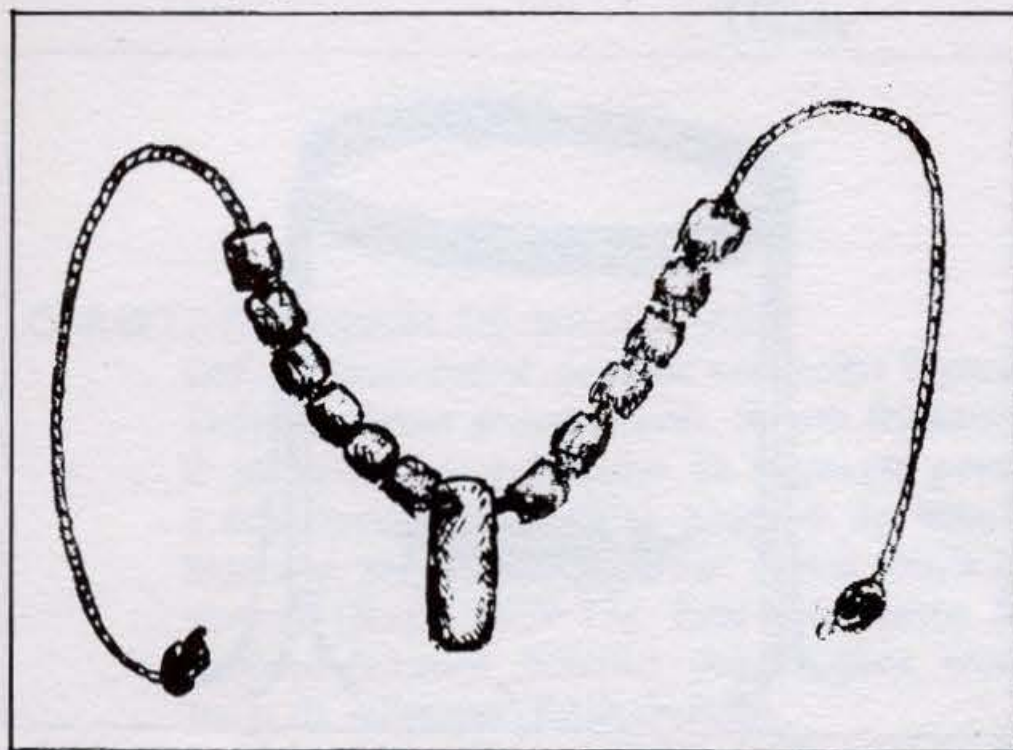
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar miçangas e sementes. Índios Taulipáng, M. N. nº 28.077, Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe da enfiada sementes e miçangas.

COLAR MINIATURAS ESCULTÓRICAS DE TUCUM

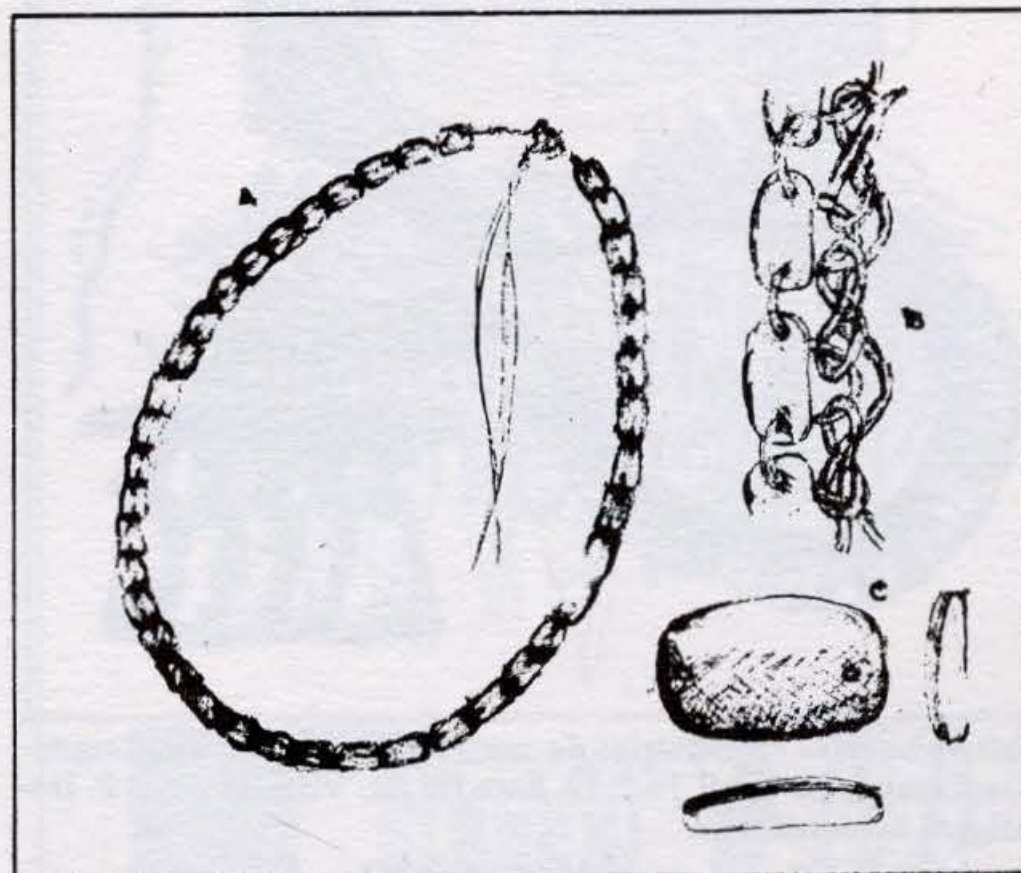
Def. Enfiadura de pequenas esculturas feitas do endocárpio do coco tucum, acrescidas, às vezes, do de bacaba e inajá. Representam, comumente, batráquios, peixes, quelônios e figuras antropomorfas usados em volta do pescoço, entremeados de sementes negras ou miçangas co-

loridas. Artesanato característico dos Tukúna.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar miniaturas escultóricas de tucum. Índios Mehináku. *Apud* Hartmann 1986:192. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe das figuras e das sementes intercaladas: frente e perfil.

Colar miniaturas escultóricas de tucum. Índios Tukúna, M.N. nº 32.665. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe das miçangas e da perfuração das figuras de tucum.

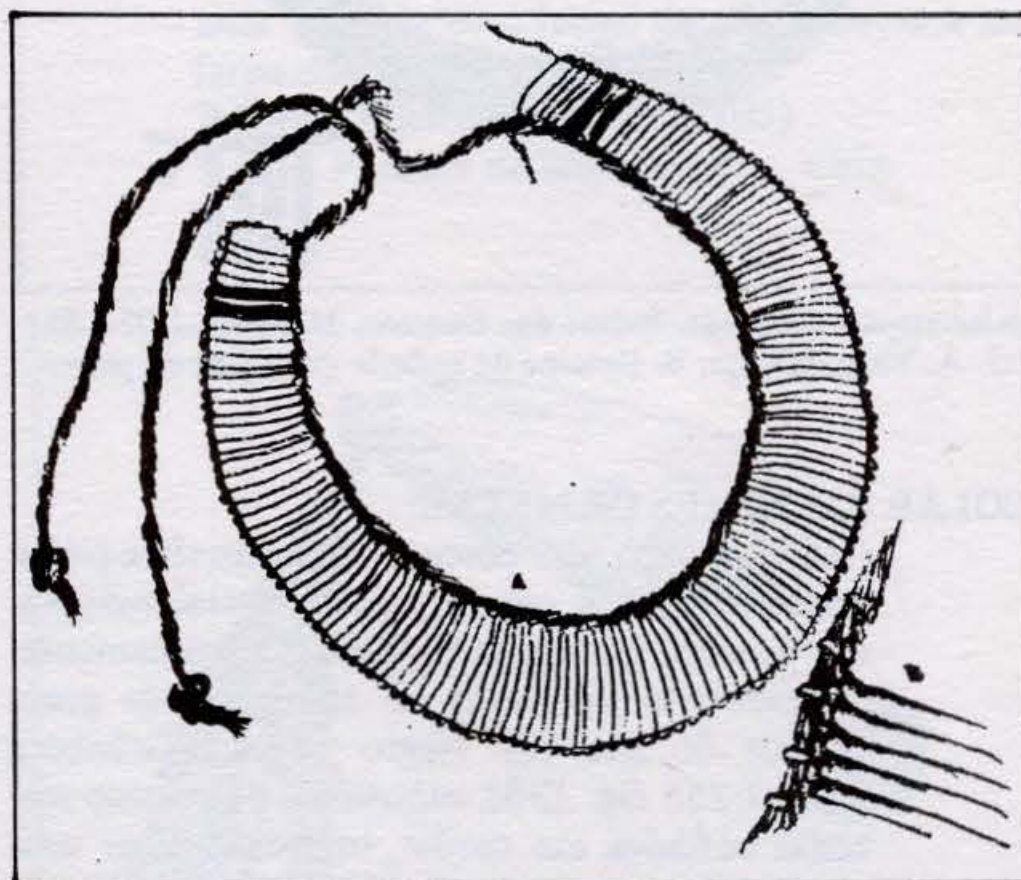
COLAR PINGENTE DE QUARTZO

Def. Adorno do pescoço constituído de um cilindro de quartzo leitoso, perfurado junto ao ápice, ladeado de uma fieira de contas graúdas negras, perfuradas e enfiadas num cordel.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar pingente de quartzo. Índios Tukâno, M. N. nº 530. Esc. 1:5.

COLAR PLAQUETAS QUADRILATERAIS DE MADREPÉROLA

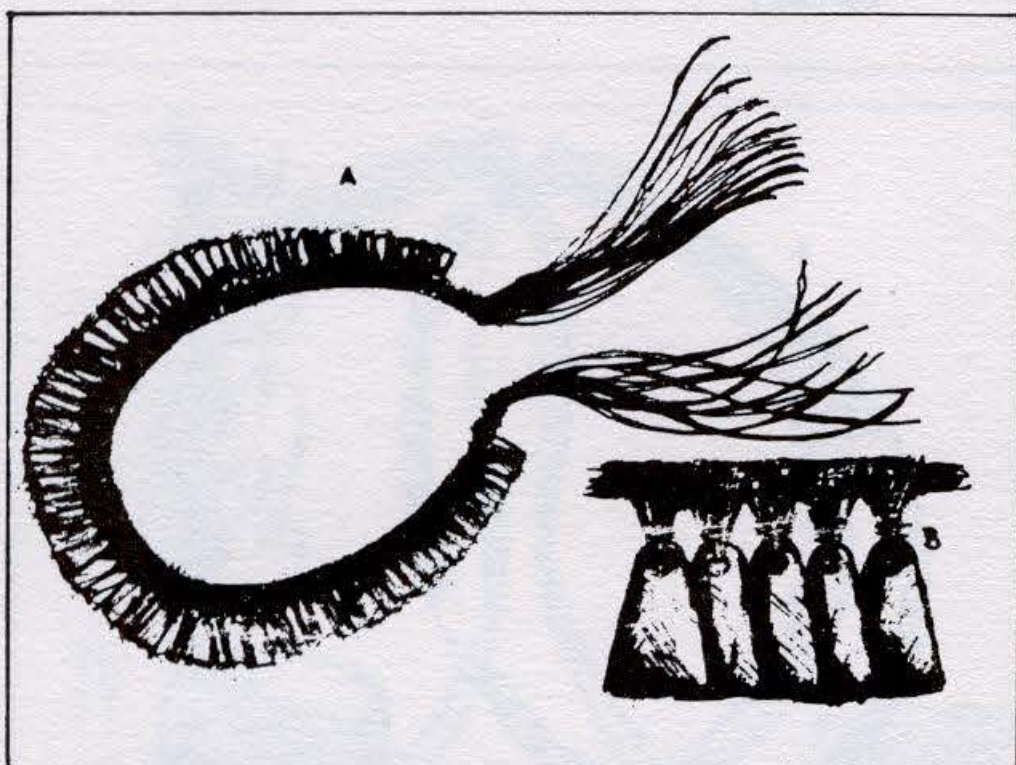
Def. Adereço que cinge o pescoço formado de plaquetas quadrilaterais de concha, com arestas arredondadas e dois furos nas extremidades para passar a enfiadura. Esta é, por sua vez, enlaçada num cordel-base.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar de plaquetas quadrilaterais de madrepérola. Índios Wayâna, M. N. nº 33.480. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação das plaquetas. C. Plaqueta e cortes transversal e longitudinal.

COLAR PLAQUETAS RETANGULARES DE CARAMUJO

Def. Plaquetas retangulares, meio abauladas, com dois pequenos furos nas duas extremidades — por onde passa um cordel de algodão — constituem colares de uso de ambos os sexos no alto Xingu. Nos dois lados intercalam-se as vezes, duas plaquetas negras esculpidas em tucum que contrastam com o nácar branco do caramujo.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar plaquetas retangulares de caramujo. Índios Bakairí, M. N. nº 17.441. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação das plaquetas.

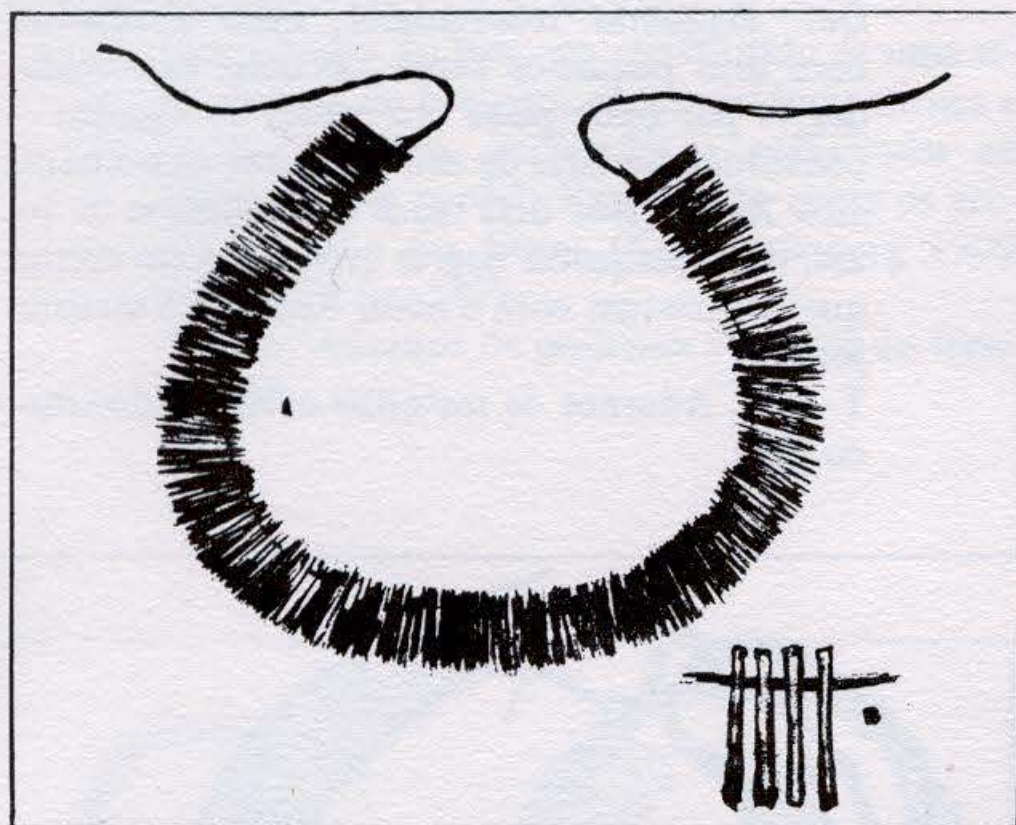
COLAR PLAQUETAS RETANGULARES DE MADREPÉROLA

Def. Retângulos de nácar de concha, com um furo no segmento superior, são enfiados em cordel para formar o colar. Comum entre os grupos Kayapó.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (01)

Colar plaquetas retangulares de madrepérola. Índios Menkragnotíre-Kayapó, M. I. nº 76.2.12. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da confecção.

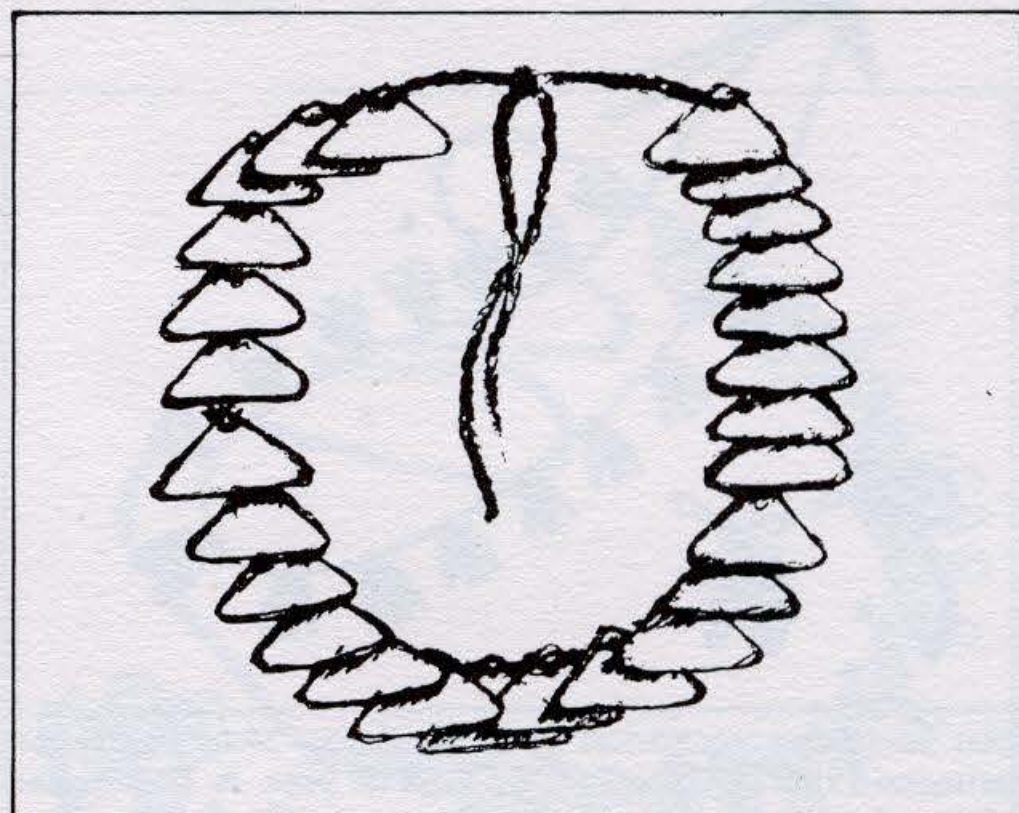
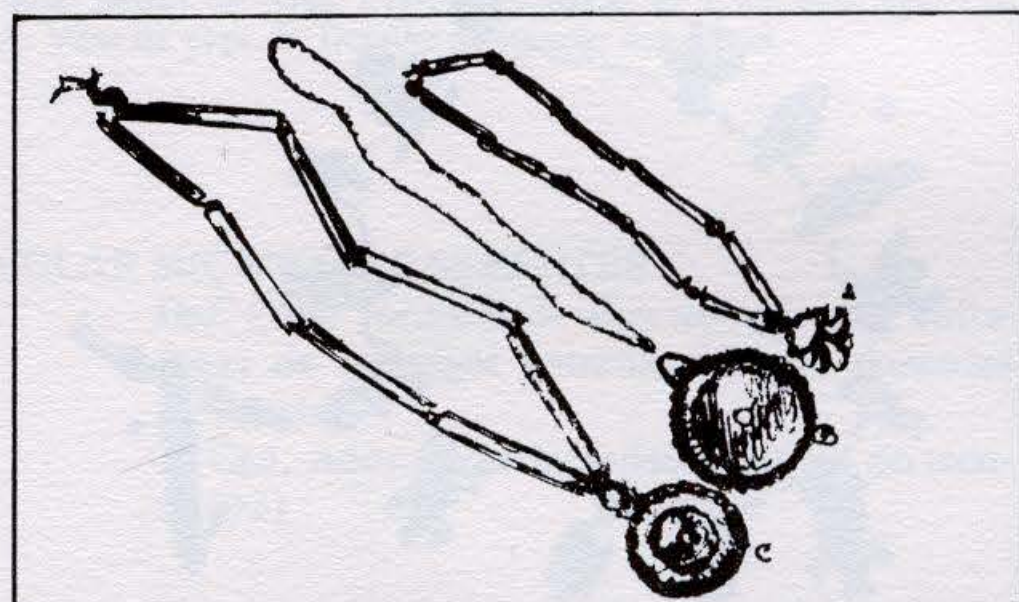
COLAR RAQUES DE PENAS

Def. Adorno do pescoço constituído por fragmentos da parte córnea, não emplumada, das penas de aves, enfiadas em cordel.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar raques de penas. Índios das Guianas, M. N. nº 1.073. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da enfiada de raques de penas.

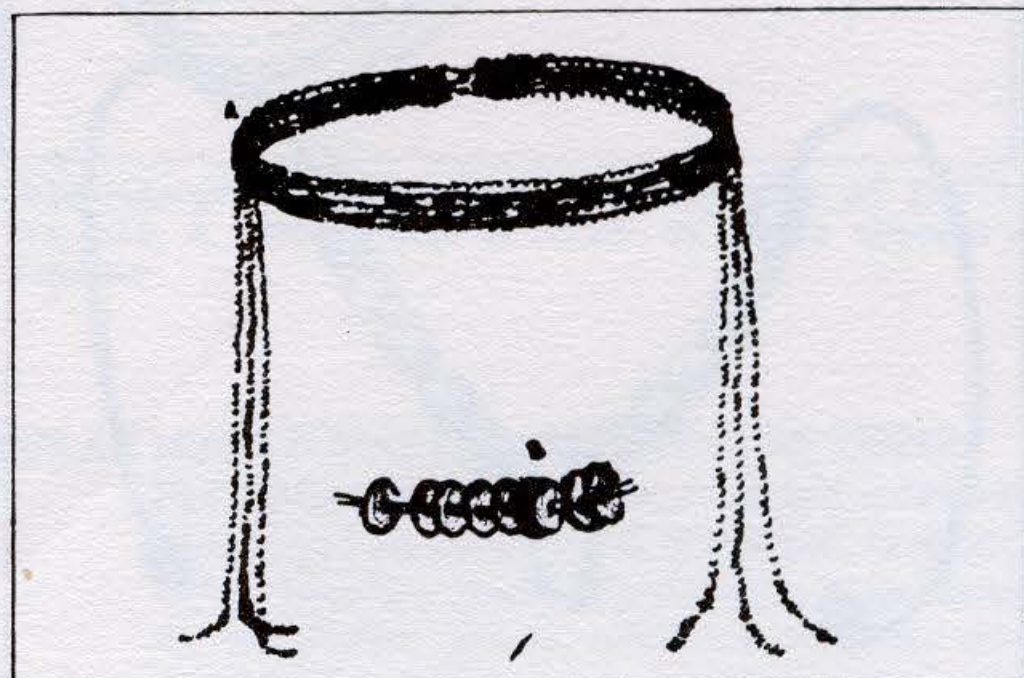
COLAR RECORTES DE METAL

Def. Adereço do pescoço cuja matéria-prima predominante é constituída de metal martelado, limado, recortado e sulcado artisticamente. Apresenta-se na forma de triângulos de prata (índios do alto Rio Negro – Koch-Grünberg 1909 I:255 fig. 138), canutilhos do mesmo material enfiados em cordel, intercalando-se contas de miçangas e rematando-se com placas gravadas com desenhos simples (índios Kadiwéu – D. Ribeiro 1980:299); peitoral de metal imitando o de unhas de tatu-canastra (índios Bororo – Albisetti & Venturelli 1962:263-4), também ocorrente nos auriculares dessa tribo.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Colar recortes de metal. Índios Tukâno, M. N. nº 20.756. Esc. 1:5.

Colar canutilhos de metal. Índios Kadiwéu. Desenho segundo foto do Museu do Índio. Esc. 1:5.

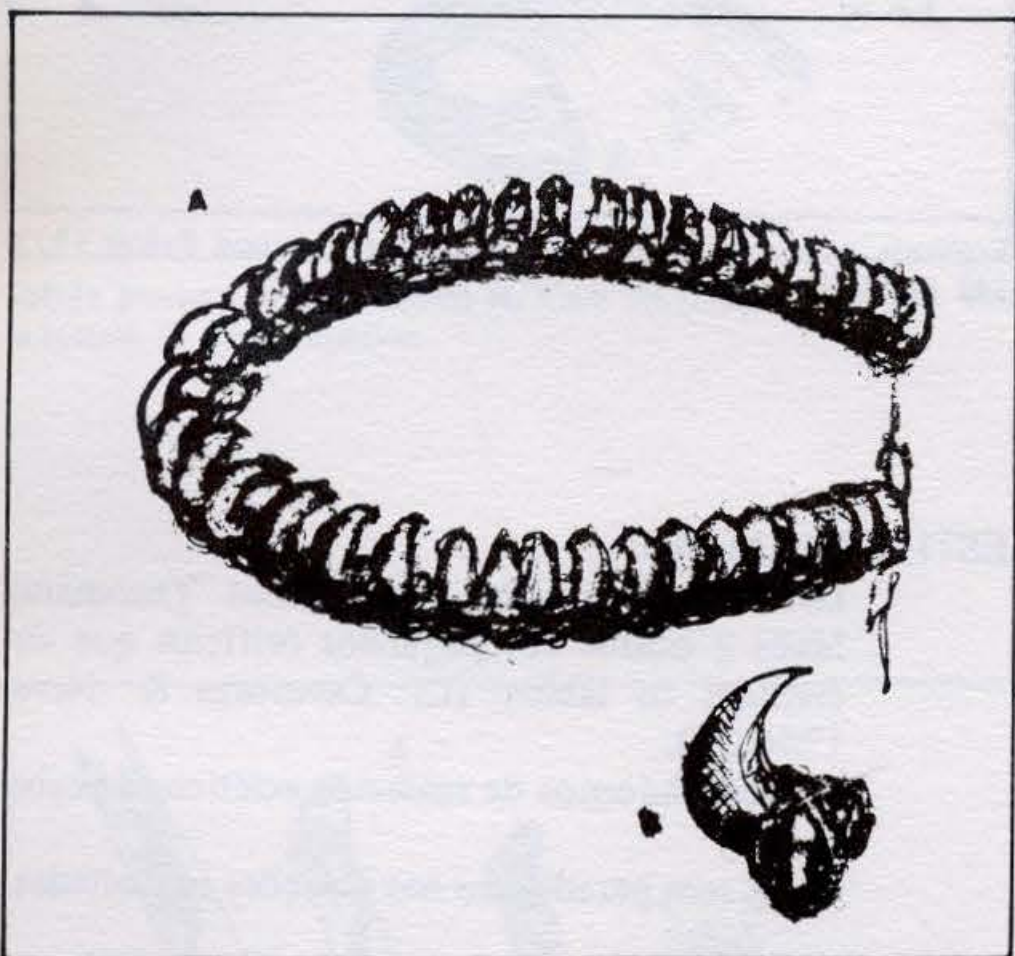
COROA CONTAS DE CARAMUJO

Def. Enfiada de pequenos discos de caramujo com seis pingentes do mesmo formato dispostos, simetricamente, na metade do círculo. O ornato rodeia o crânio caindo os pingentes sobre as têmporas. Característico dos índios Marúbo.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Coroa contas de caramujo aruá. Índios Marúbo, M. I. nº 75.4.96. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe da enfiada de contas.

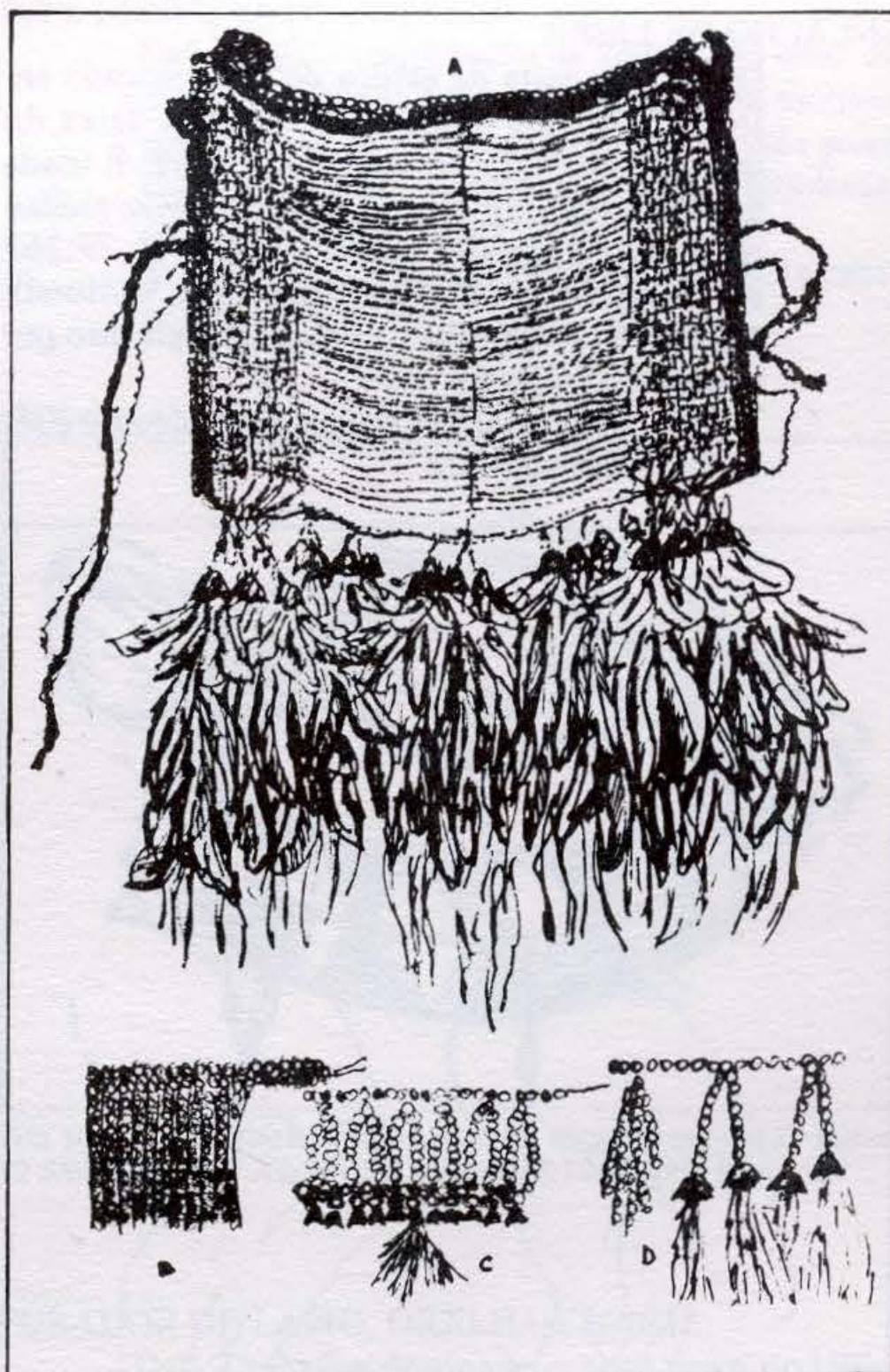
COROA GARRAS DE ONÇA

Def. Aro de madeira envolto com fio de algodão que prende certo número de unhas de onça dispostas com as pontas para cima. Ocorre entre os Tapirapé (Baldus 1970:123) e os Borôro (Albisetti & Venturelli 1962:58). Ornato semelhante é usado como colar pelos índios do alto Xingu (Steinen 1940:176 fig. 5).

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Coroa garras de onça. Índios Borôro, M. N. nº 3.966. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação da unha da onça.

CORSELETE DORSAL DE MIÇANGAS

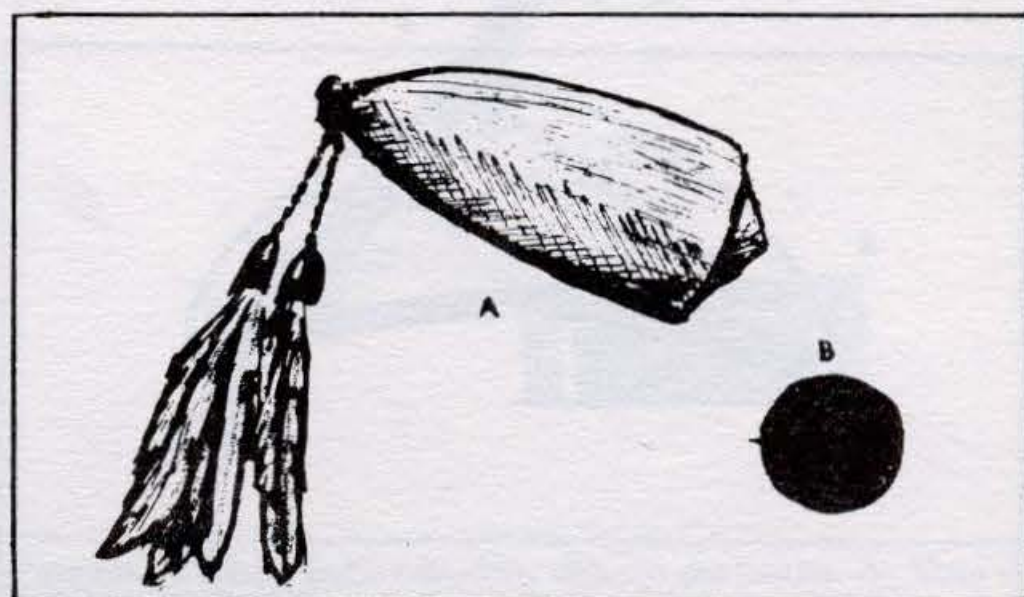
Def. Adorno dorsal, peculiar aos índios Waiwai, Tiriyó e outros grupos Karib, de uso feminino. É formado por enfiaduras de miçangas presas a duas varetas na vertical, providas de amarrilhos que prendem a peça nas costas acima da cintura (Roth 1929:77). Esse ornamento foi equivocadamente descrito por Farabee como tanga de miçangas (Roth,ibidem).

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Corselete dorsal de miçangas. Índios Waiwai, *apud* Roth 1929 pr. 29. A. Vista da peça. B. Detalhe do tecido lateral. C. Detalhe das franjas. D. Detalhe dos pingentes.

DILATADOR LÓBULOS DAS ORELHAS

Def. Cone de madeira leve, com uma das pontas aguçada, cuja função é dilatar, paulatinamente, o lóbulo das orelhas das crianças. Encontrado entre os grupos Kayapó, – e usado diariamente pelas crianças de ambos os sexos – os Waiwai e outros. Entre os índios do Xingu, K. v. d. Steinen (1940:147, 156) registra, para esse fim, uma lasca de osso longo de jaguar presa a uma farpa de madeira.

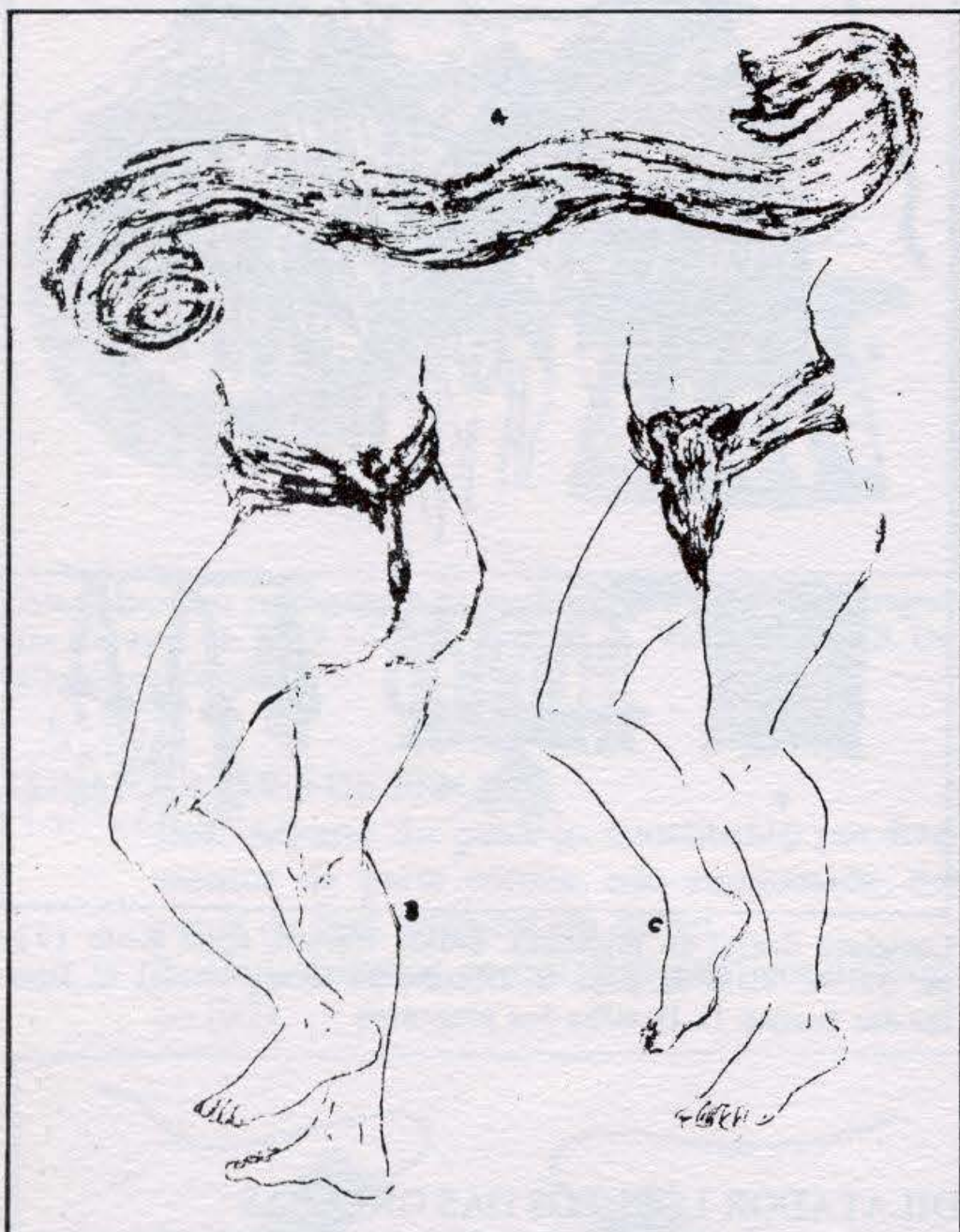
T. Gen. Objetos de toucador (05)

T. Rel. Furador de lábio, orelhas, nariz

Dilatador do lóbulo das orelhas. Índios Gorotíre-Kayapó, M. I. nº 8.077. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Corte transversal.

ENCACHO DE LÍBER

Def. Tanga feita de estopa de líber lançada entre as pernas e sustentada por uma faixa do mesmo material que volteia a cintura. É usada pelos homens, no ato rio Negro, e pelas mulheres entre os Karajá (Krause 1941-44 v. 79:263 pr. 51 fig. 2) e os Borôro (Albisetti & Venturelli 1962:315). Neste caso, o líber é enegrecido por maceração na lama.

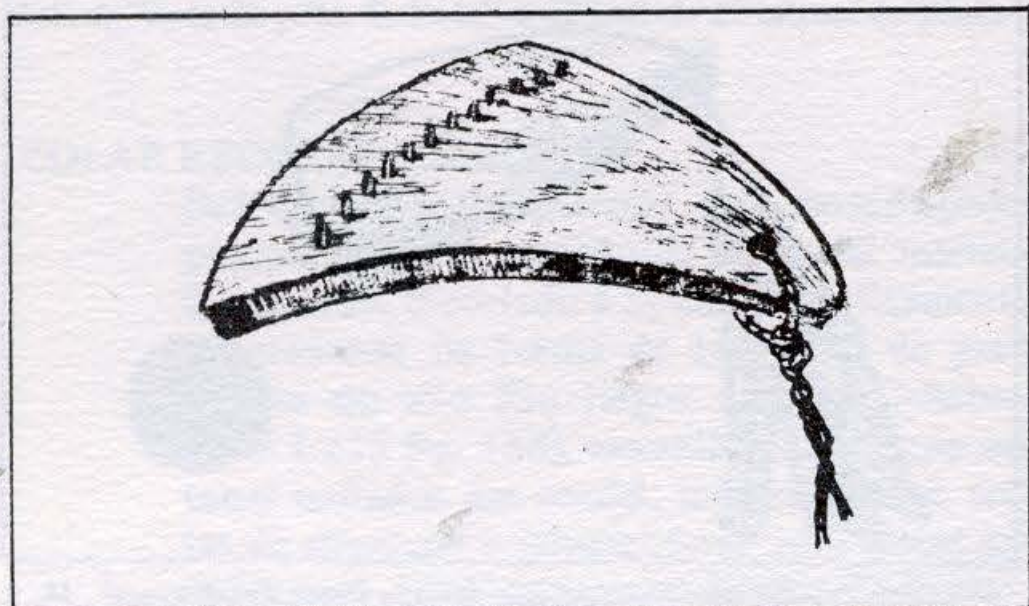
T. Gen. Indumentária e arranjos de decoro (04)

T. Rel. Cinta de líber

Encacho de líber. Índios Karajá. A. Vista da peça, M. I. nº 5.913. Esc. 1:20. B. C. Desenho livre segundo foto *apud* Krause 1941-44 vol. 82 pr. 51 fig. 2.

ESCARIFICADOR

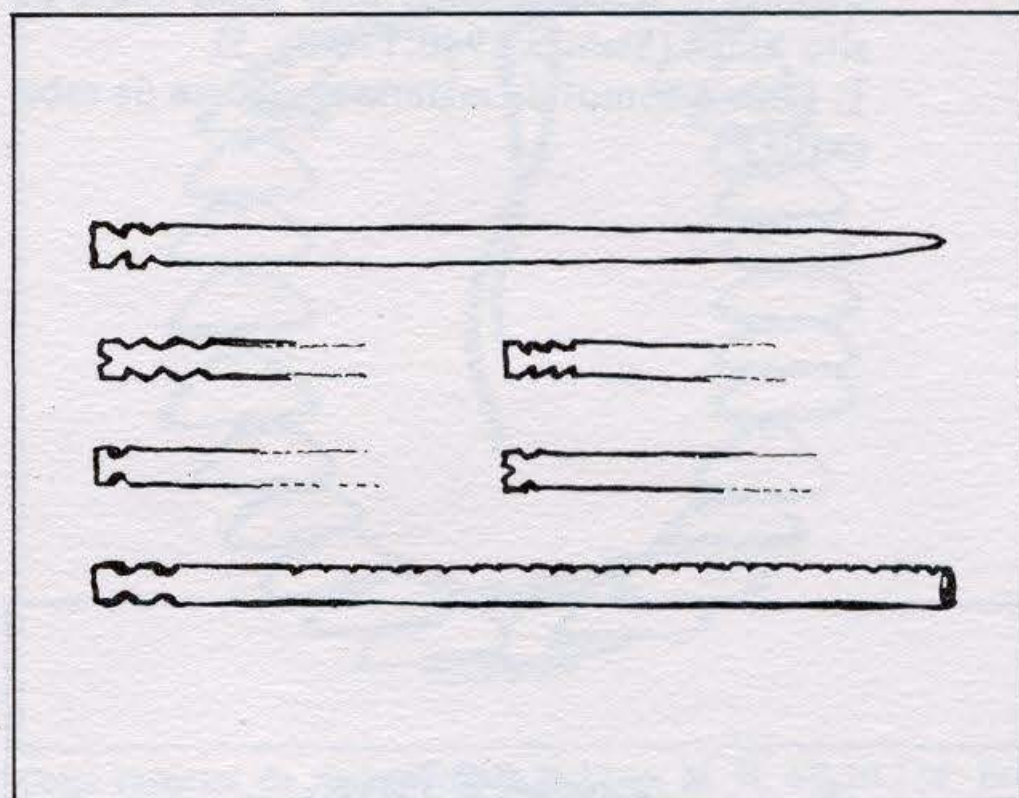
Def. Pedaço triangular de cuia, provido de uma série de dentes agudos de peixe traíra, peixe-cachorro ou unhas de roedores, encravados junto à borda superior e fixados atrás por meio de um rolete de cera. Utilizado para sangrar a pele e fortalecer o corpo.

Sin. Sarjador

T. Gen. Objetos de toucador (05)

Escarificador. Índios Bakairí, M. N. nº 17.740. Esc. 1:2.

ESPÁTULA PARA PINTURA FACIAL

Def. Fina lasca de madeira lavrada, com ou sem incisões, guardada em estojo, destinada a aplicar pintura facial.

T. Gen. Objetos de toucador (05)

Espátula para pintura facial. Índios Tiriyó, *apud* Frikel 1973: 312 fig. 36c.

ESTILETE FACIAL

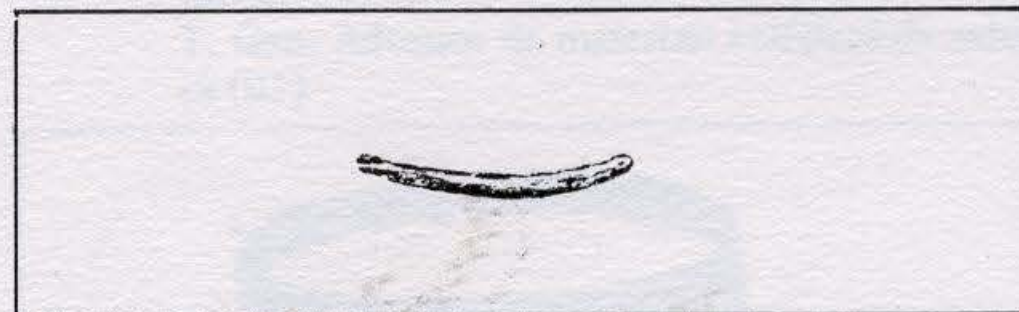
Def. Ornato usado pelos índios Yanomâmi, Matis e outros em pequenos orifícios que circundam os lábios. (Cf. Cavuscens & Neves 1986:34).

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Nota: sem paradigmas nas coleções consultadas.

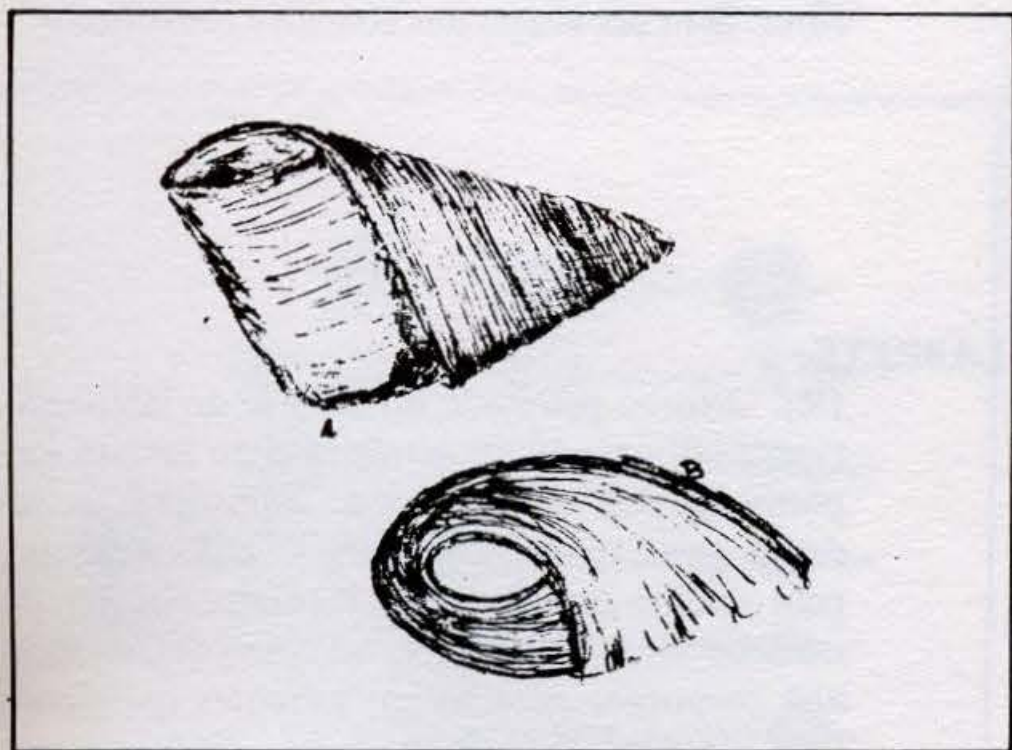
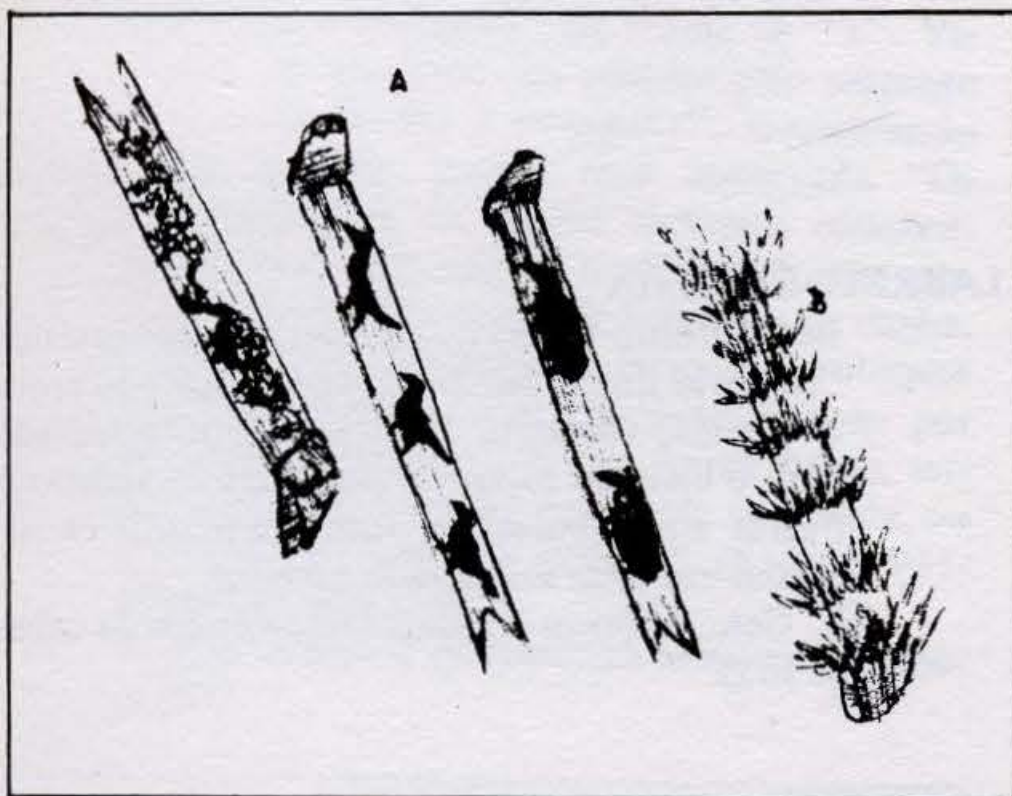
ESTILETE NASAL

Def. Estilete curvo nacarado, feito de caramujo aruá, usado pelas mulheres Marúbo, em número de quatro a seis, nas asas das narinas. (D. Melatti 1985:42).

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Estilete nasal. Índios Marúbo, M. I. nº 75.4.41. Esc. 1:1.

ESTOJO PENIANO

Def. Protetor sexual masculino feito de folíolo de broto de palmeira. Consiste em uma dobradura afunilada, com orifício na ponta, para imprensar o prepúcio e ocultar a glande. O estojo peniano de uso cerimonial dos Borôro

tem um prolongamento do folíolo ornado com pinturas e penugem.
Sin. Veste púdica
T. Gen. Indumentária e arranjos e decoro (04)

Estojo peniano. Índios Xikrin, M. I. nº 70.7.78. Esc. 1:1. A. Vista lateral. B. Vista superior.

Estojo peniano com prolongamento do folíolo. Índios Borôro. A.M.N. ns. 32.960, 32.962, 32.968 (com desenhos pintados). B. M. N. nº 32.969 (com ornato de penugem). Esc. 1:3.

FITA FRONTAL COURO DE ONÇA

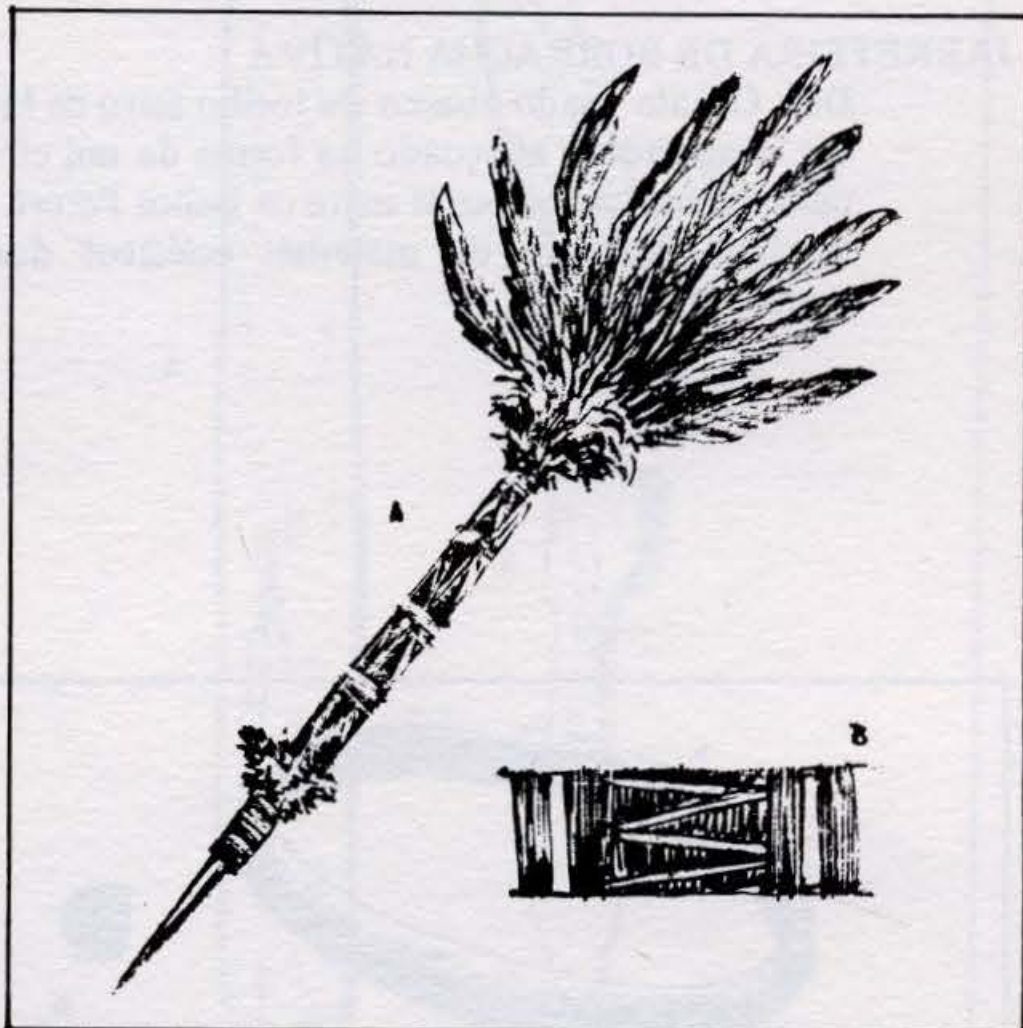
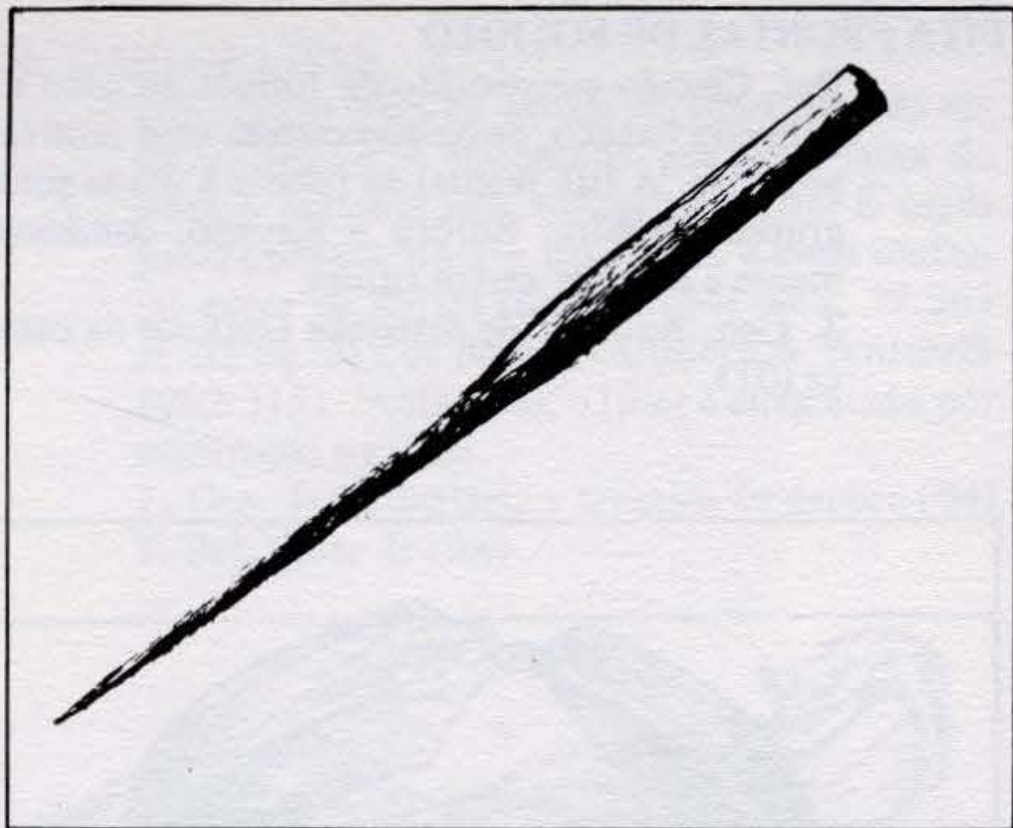
Def. Círculo constituído de uma faixa de couro de onça usada no crânio como insígnia de chefia em certos rituais pelos índios do alto Xingu.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)
Nota: sem protótipo nas coleções consultadas.

FITA FRONTAL DE FOLÍOLO

Def. Círculo constituído de folíolo do olho da palmeira babaçu, docorado ou não com motivos pintados. A fita frontal de folíolo é usada pelos grupos Timbíra, Borôro e Kayapó, cotidianamente e durante certos rituais.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Fita frontal de folíolo. Índios Boróro, Museu Regional D. Bosco nº 55-2506, *apud* Albisetti & Venturelli 1962:395. Esc. 1:5.

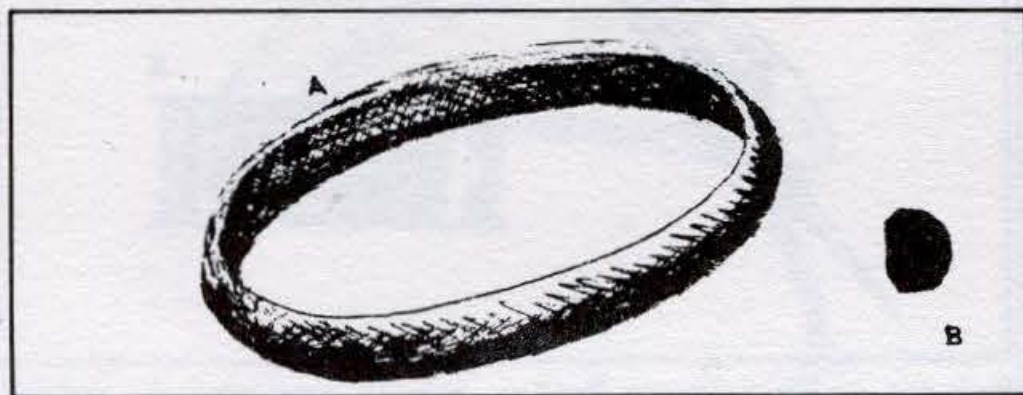
FURADOR DE LÁBIO, ORELHAS, NARIZ

Def. Utensílio destinado a abrir furos no lábio inferior, nos lóbulos das orelhas ou no septo nasal. Consiste de um osso longo ou um bastonete de madeira com ponta afilada, provido às vezes de ornato plumário. É empregado pelos índios Timbíra (Nimuendaju 1946:49-50), Tapirapé (Baldus 1970:124), Karajá (Krause 1941-44:187), Borôro (Albisetti & Venturelli 1962:224) para esse e outros fins, como tirar espinhos e bichos de pé.
T. Gen. Objetos de toucador (05)

Furador de lábio. Índios Borôro, coleção particular. A. Vista da peça. B. Detalhe da ornamentação do cabo com acúleos de ouriço-cacheiro.

Furador de orelhas. Índios Canela *apud* Nimuendaju 1946:50.

GARGANTILHA DE MIÇANGAS

Def. Adereço constituído de três ou mais voltas de enfiadura de miçangas, presas nas varetas posteriores dos auriculares disco de madrepérola, tangente ao pescoço. Quando se usa a gargantilha de miçangas dispensa-se o pingente plumário dos auriculares. (Informação pessoal de Catherine Howard). Ver também Yde (1965: 219 fig. 82), Índios Waiwai.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)
Nota: Sem paradigma nas coleções consultadas.

JARRETEIRA DE BORRACHA NATIVA

Def. Ornato usado abaixo do joelho feito de látex coagulado e afeiçoado na forma de um círculo. Encontrado apenas entre os índios Paresí.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)

Jarreteira de borracha nativa. Índios Paresí, M. N. nº 4.188. A. Vista da peça. B. Corte transversal.

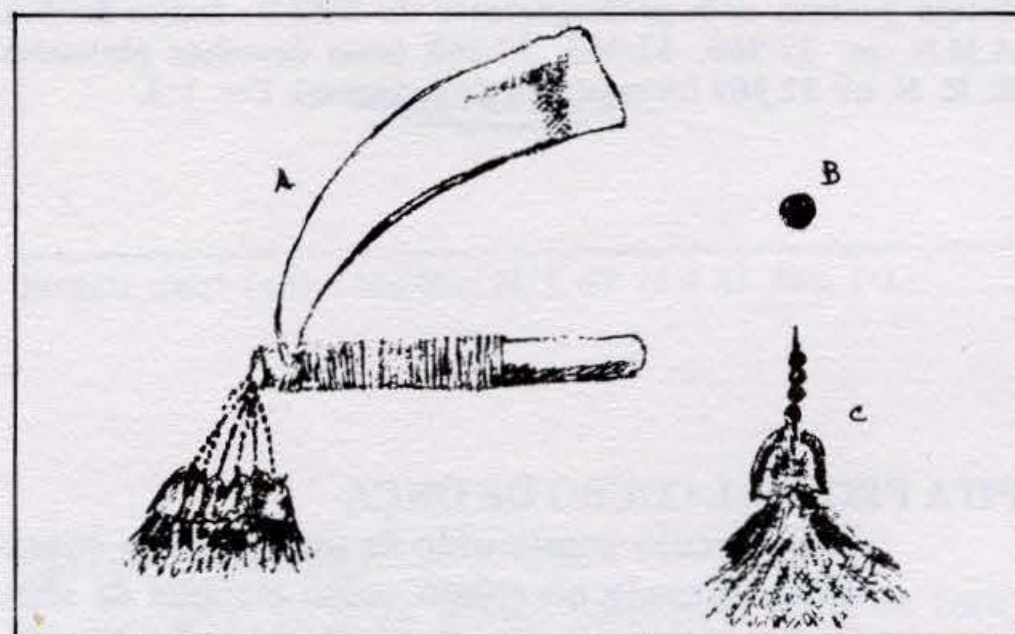
JARRETEIRA DE MIÇANGAS

Def. "Consiste num pequeno tecido de miçangas, semelhante a malhas de rede, possuindo na fila inferior decoração feita de peninhas de tucano ou franjas de algodão" (Frikel 1973:171, índios Tiriyó).
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)
T. Rel. Tornozeleira de miçangas
Nota: Sem protótipo nas coleções consultadas.

LABRETE

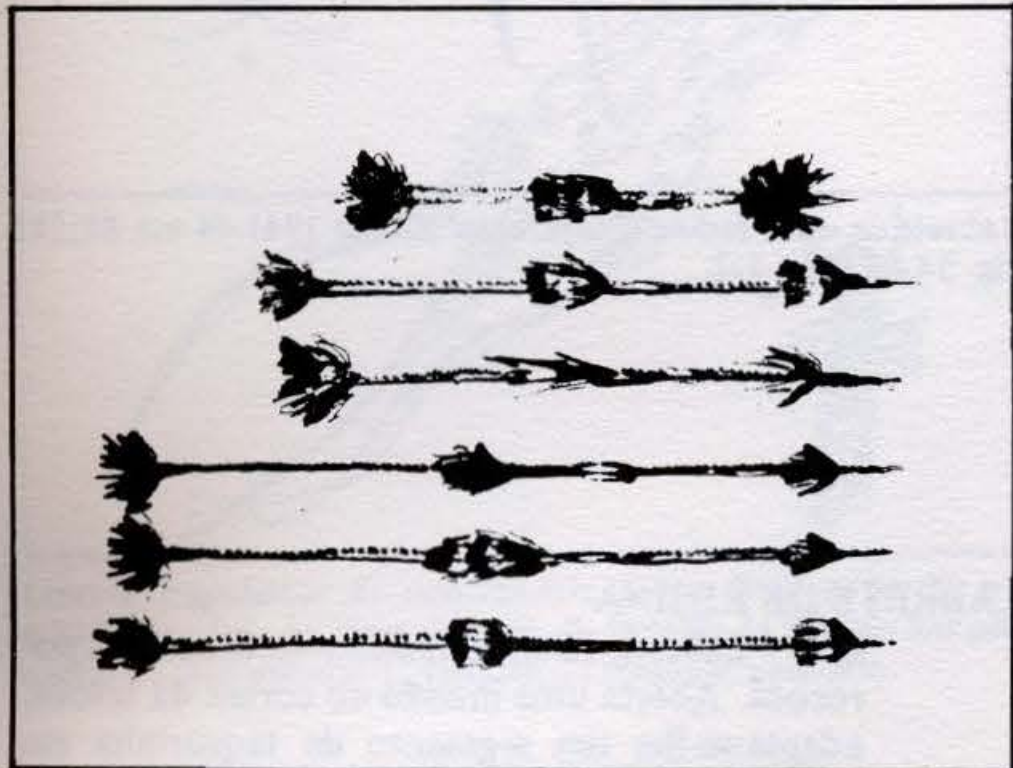
Def. Adorno pendente do orifício do lábio inferior. Distingue-se do tembetá e do labrete emplumado pela matéria-prima empregada — pedra e pena, respectivamente — e do botoque, pelo mesmo motivo e pelo formato, circular, de madeira leve. Os labretes, tal como outros adornos corporais, apresentam variantes que denotam sua qualidade de insígnias tribais, clânicas e subclânicas. Às vezes são constituídos de uma simples talisca de taquara ou madeira que impede o fechamento do orifício do lábio.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)
T. Rel. Botoque
Tembetá
Consulte: 40 Adornos plumários

LABRETE-CAVILHA

Def. Adorno usado no orifício do lábio inferior "de sorte que o bastão possa ser mantido entre os dentes" (Schoepf 1971:50). É ornamentado com o bico do tucano e pingentes de sementes negras arrematadas por tufos de plumas encastoadas em coco seccionado ao meio.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Labrete-cavilha. Índios Kayapó, Museu de Genebra nº 33.408, *apud* Schoepf 1971:50 fig. 38. A. Vista da peça. B. Secção transversal do bastonete. C. Detalhe do tufo de plumas e fio de sementes.

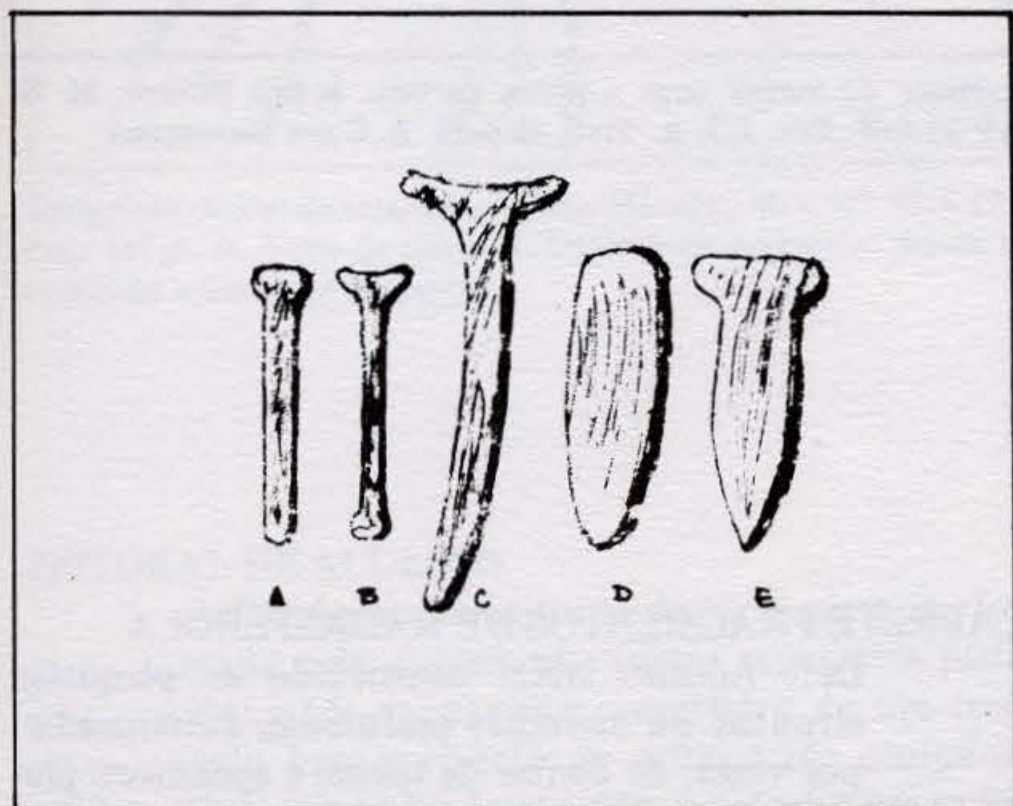
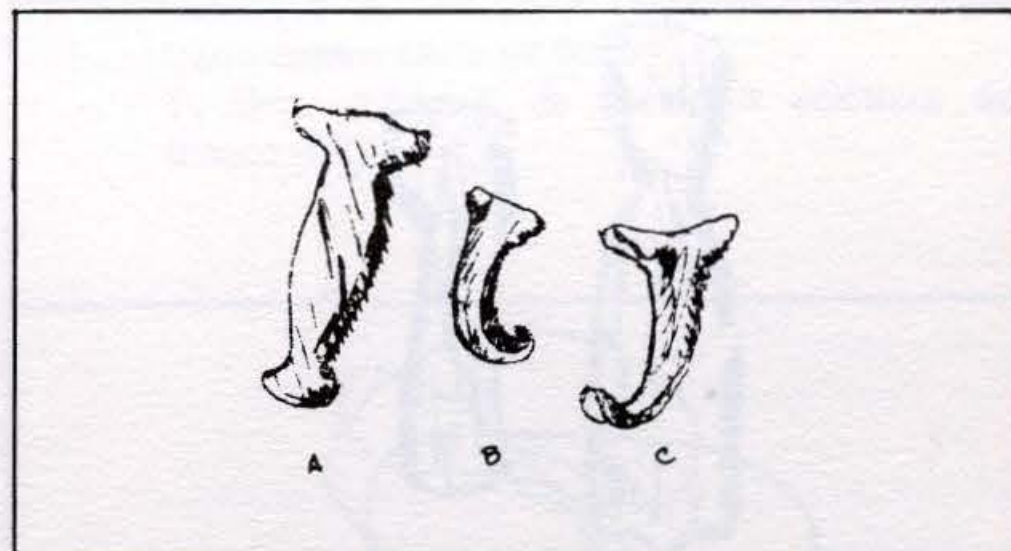
LABRETE DE ACÚLEOS

Def. Para formar o labrete, acúleos brancos de ouriço-cacheiro são entramados com fio de algodão negro tendo como suporte uma lasca de taquara ou a nervura da folha da palmeira. Encontrado somente entre os Borôro.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Labrete de acúleos. Índios Borôro, M. N. nºs 32.880, 33.094, 33.093, s/nº Esc. 1:3.

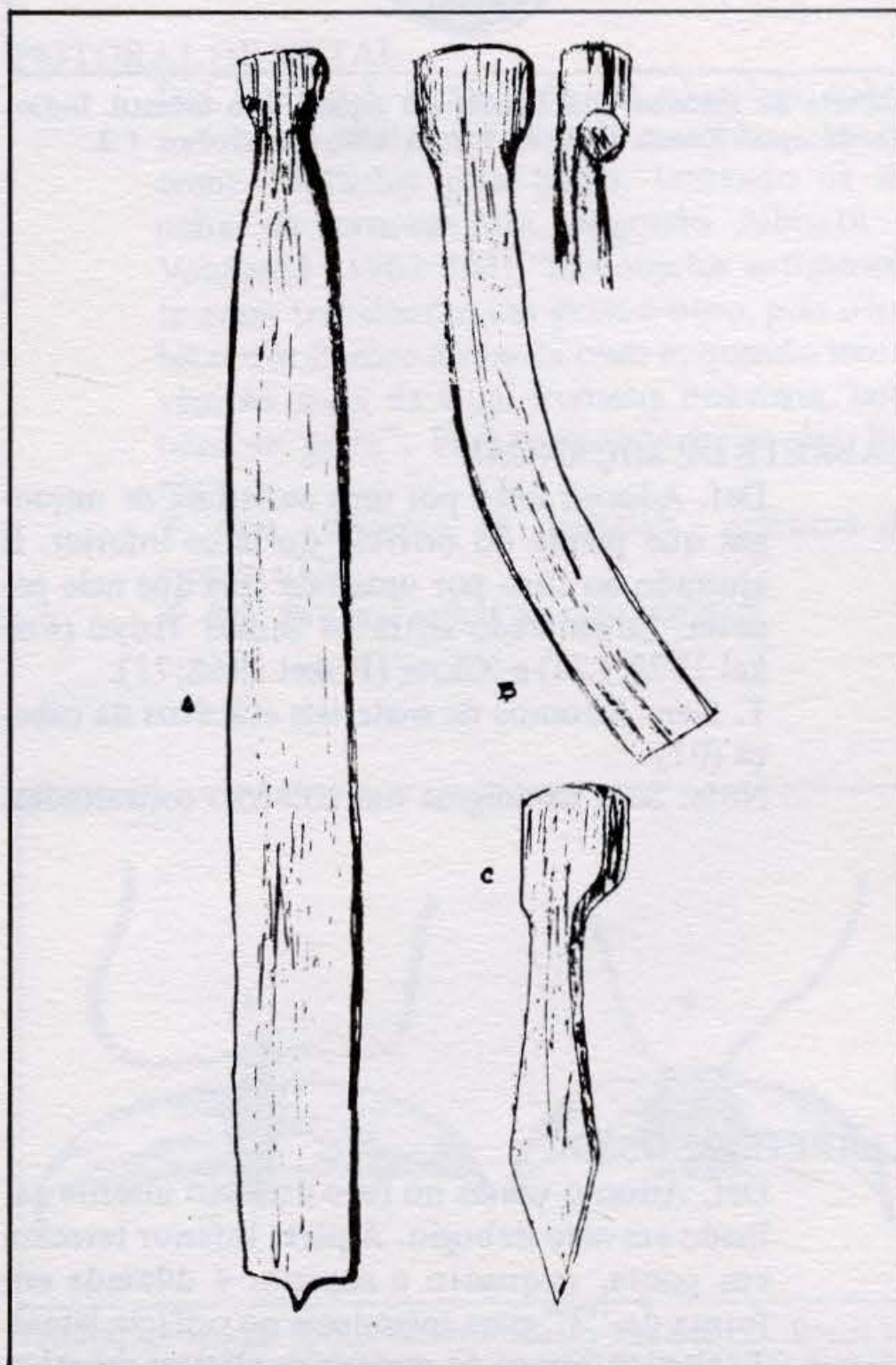
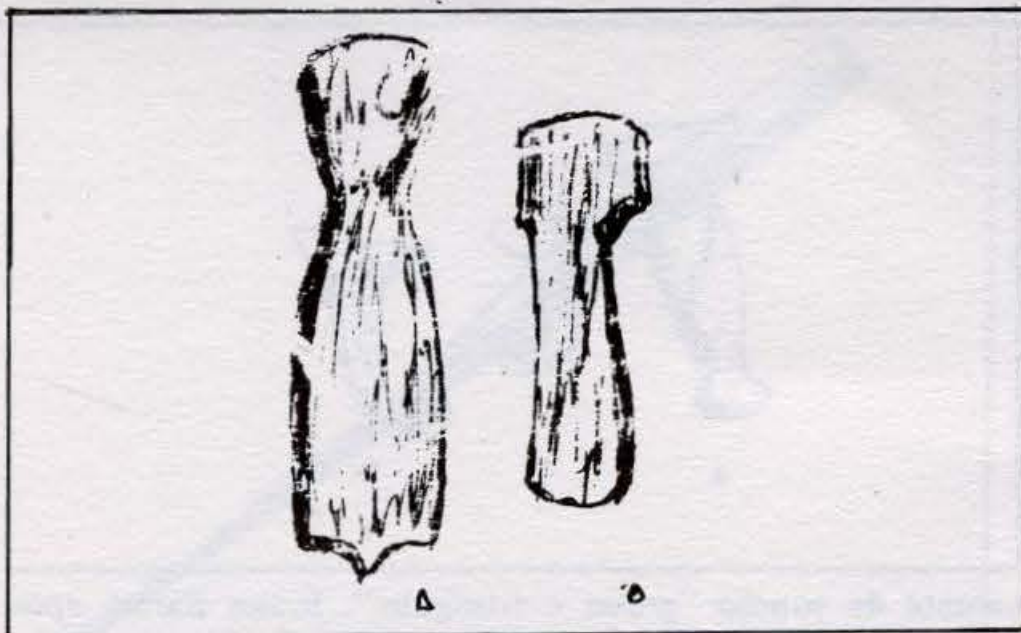
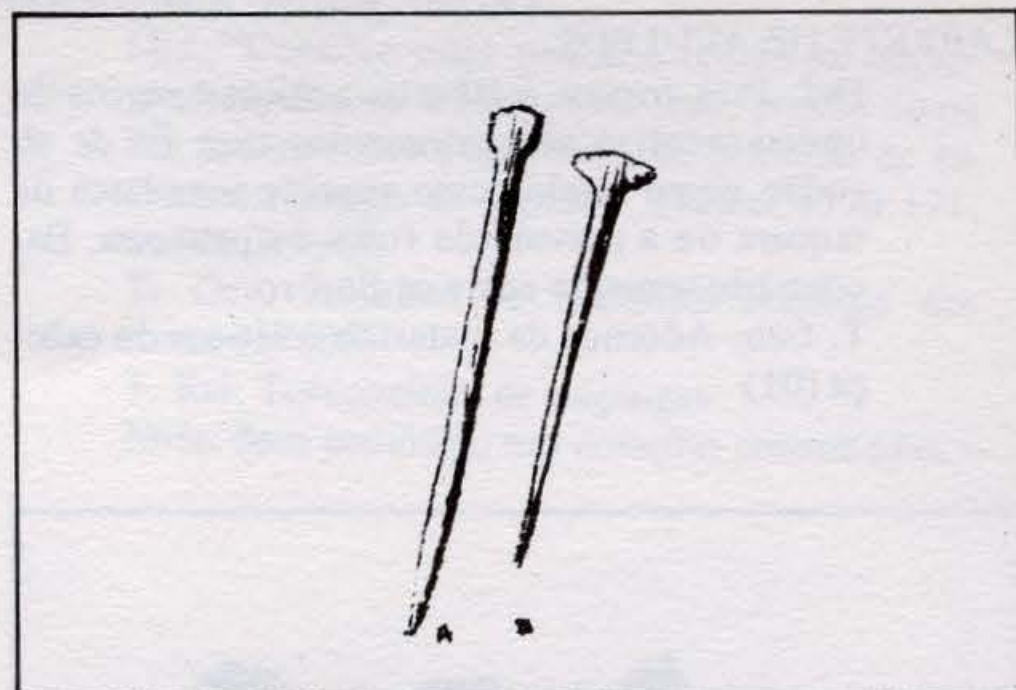
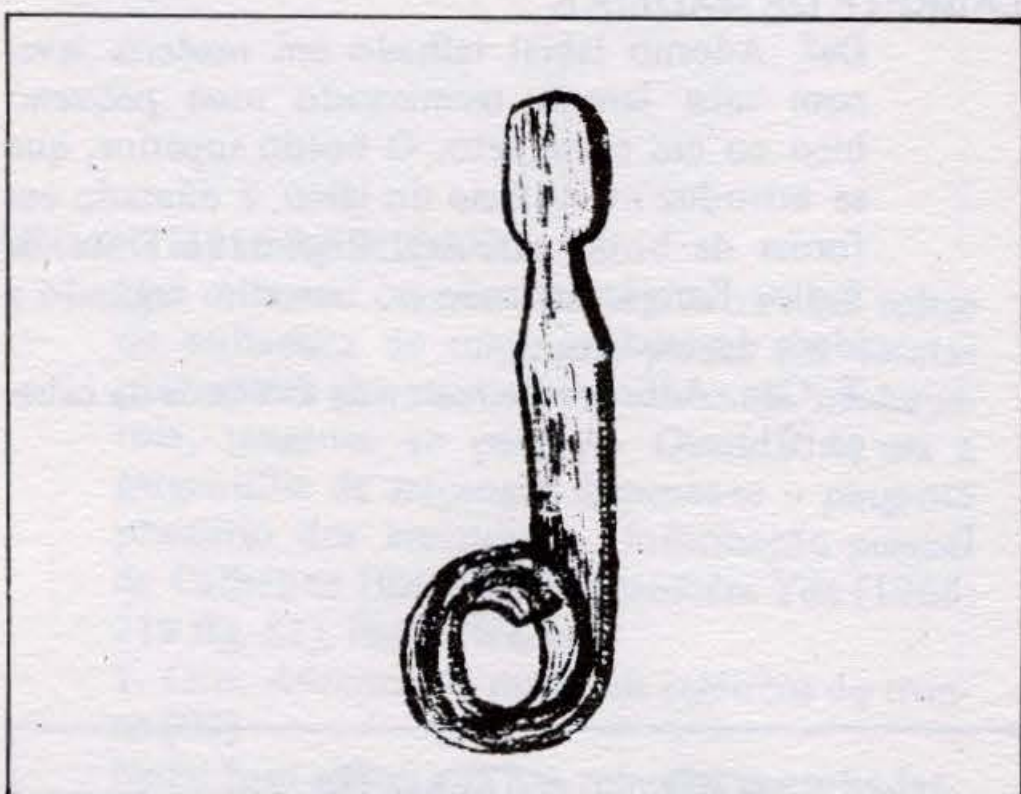
LABRETE DE CONCHA

Def. Adorno labial talhado em carapaça de concha "fina e bicúspide" na forma de "T". Variantes desse ornato são obtidos pelo emprego de concha "grossa e triangular", apresentando forma análoga, porém mais encurvada. "Os botoques feitos de concha bicúspide caracterizam-se por um brilho de madrepérola, são chatos e estreitos, em forma de vareta ou de cunha, e com remate geralmente largo. Os botoques feitos da concha triangular distinguem-se por um brilho alvacento; são de forma grossa, terminando quase sempre em ponta recurvada, ou apresentando formas arqueadas". (Krause 1941-44 vol. 81:188-189).

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Labrete de concha "fina e bicúspide". Índios Karajá, *apud* Krause 1941-44 vol. 81:188, fig. 55, a-e. Esc. 1:2.

Labrete de concha "grossa e triangular". Índios Karajá, *apud* Krause 1941-44 vol. 81:188 fig. 56,a-c. Esc. 1:2.

LABRETE DE MADEIRA

Def. Adorno labial talhado em madeira leve, com uma lamela terminando num pequeno bico ou em corte reto. O bordo superior, que se introduz no orifício do lábio, é dilatado em forma de botão circular. Registrado entre os índios Karajá, variando no tamanho segundo a idade do usuário.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Labrete de madeira com lamela longa. Índios Karajá. *Apud* Krause 1941-44 vol. 81:189 fig. 58, a-c. Esc. 1:2.

Labrete de madeira com lamela curta. Uso adulto. Índios Karajá, *apud* Krause 1941-44 vol. 81:189, fig. 59,a-b. Esc. 1:2.

Labrete de osso. Índios Karajá, *apud* Krause 1941-44 vol. 81:188 fig. 54,a,b. Esc. 1:2.

Labrete de madeira com lamela em espiral. Uso infantil. Índios Karajá, *apud* Krause 1941-44 vol. 81:188, fig. 57. Esc. 1:2.

LABRETE DE RESINA

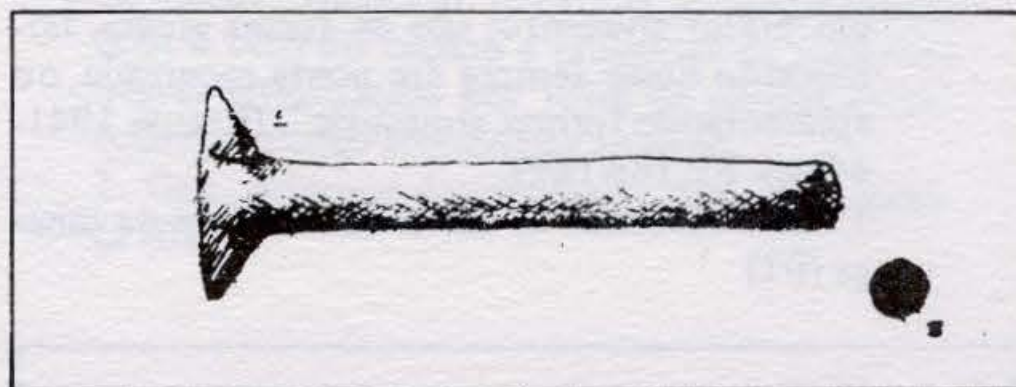
Def. "Labrete feito de resina solidificada de pororoca. Aberta uma incisão no córtex da árvore, adapta-se-lhe um segmento de taquarinha em cuja cavidade em pouco tempo a seiva se solidifica. Retirada, vem cuidadosamente polida e transformada em pingente, cujo comprimento pode alcançar 35 cm." (Albisetti & Venturelli 1962:375). (Informação referida aos índios Borôro). Apresenta forma cilíndrica com um prolongamento em "T" na extremidade que se introduz no orifício do lábio inferior.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

LABRETE DE MIÇANGAS

Def. Adorno feito por uma enfiadura de miçangas que pende do orifício do lábio inferior. É ajustado ao furo por uma tala fina que nele penetra. Encontrado entre os índios Tiriyó (Frikel 1973:174) e Xikrin (Frikel 1968:71).

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Nota: Sem parádigma nas coleções consultadas.

Labrete de resina com a ponta partida. Índios Borôro, M. N. nº 33.068. Esc. 1:2. A. Vista da peça. B. Corte transversal.

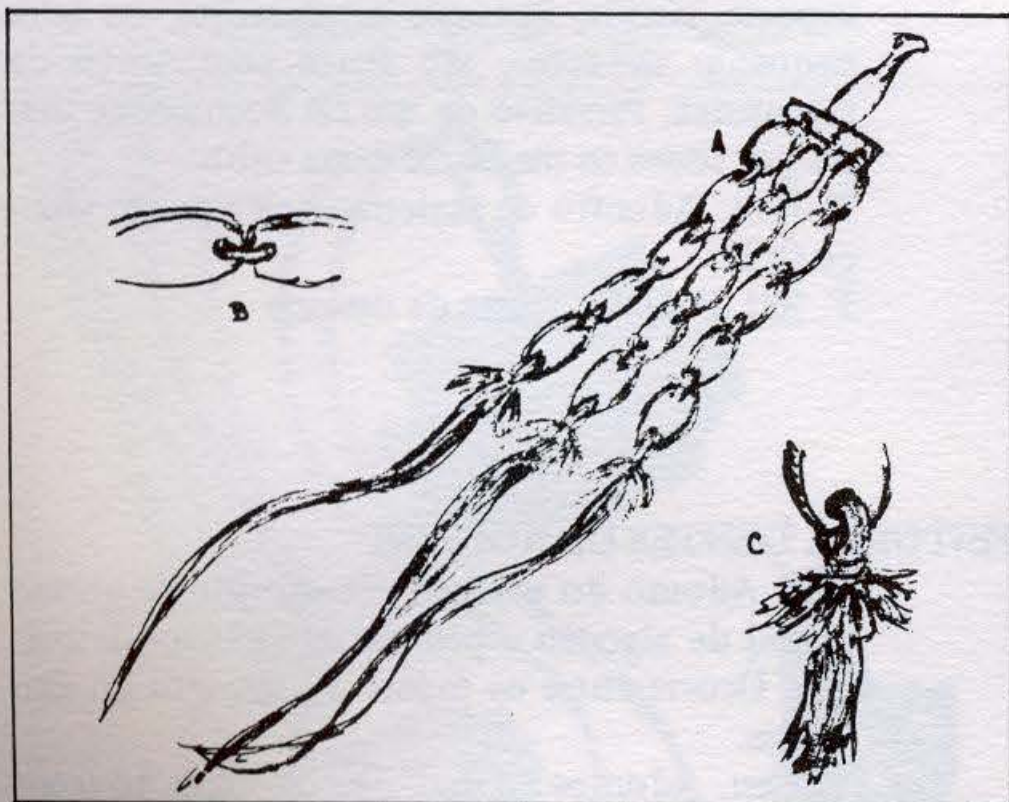
LABRETE DE OSSO

Def. Adorno usado no furo do lábio inferior talhado em osso debugio. A parte inferior termina em ponta, enquanto a superior é dilatada em forma de "T" para introduzir no orifício labial.

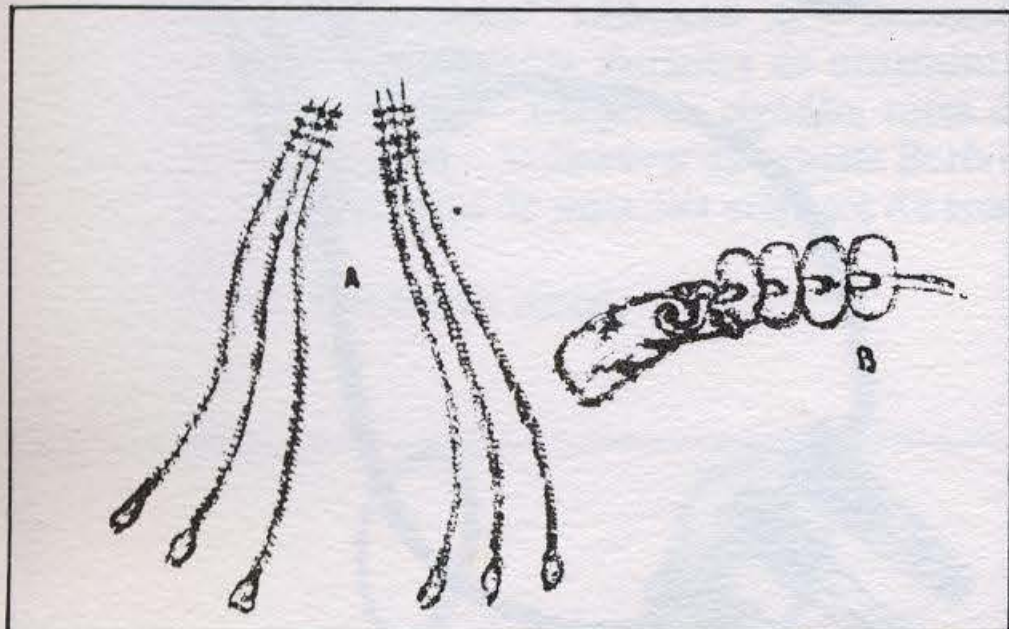
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

LABRETE FRAGMENTOS DE MADREPÉROLA

Def. Adorno labial constituído de plaquetas elípticas ou discóides perfuradas, entremeadas, por vezes, de contas de tucum e apêndices: plumário e de cabelos humanos. A extremidade superior é em forma de T para prender o labrete

no orifício bucal. Característico dos índios Borôro.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Labrete fragmentos de madrepérola. Índios Borôro, M. N. nº 4.703. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação das plaquetas de madrepérola. C. Detalhe do pingente plumário.

NARIGUEIRA CONTAS DE CARAMUJO

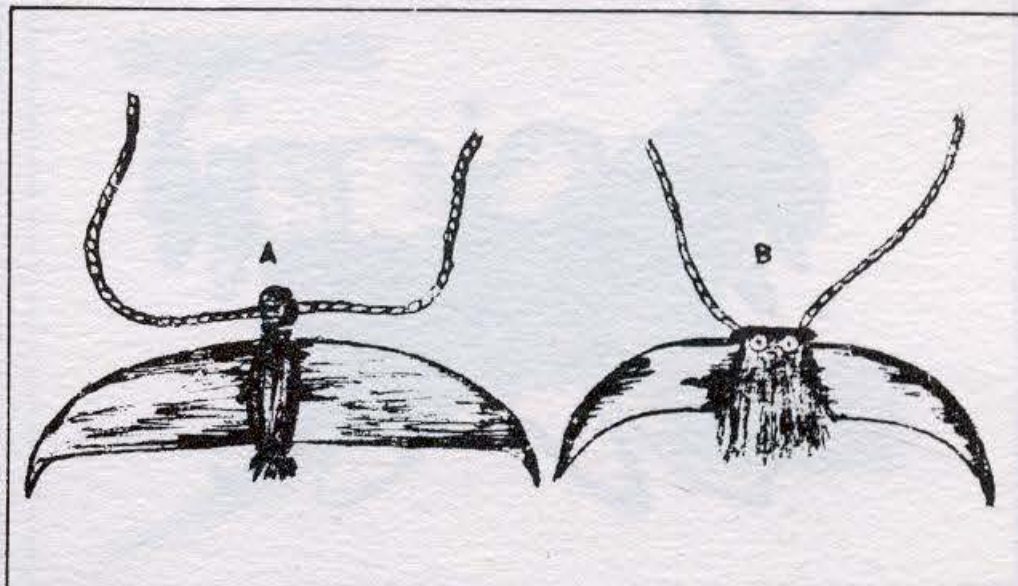
Def. Ornato que atravessa o septo nasal e repousa sobre o pavilhão da orelha. É constituído por um par de três enfiaduras de contas de caramujo aruá, arrematadas por algumas continhas negras de côco murumuru e dentes de macaco. Registrada apenas entre os Marúbo.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Narigueira contas de caramujo. Índios Marúbo, M. I. nº 75.4.111. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do arremate: discos de caramujo e dente de macaco.

PEITORAL DE ACÚLEOS

Def. Adorno constituído de "um pingente formado pela reunião de quatro segmentos justapostos de taquarinhas, revestidos de um trançado branco-e-preto de acúleos (de ouriço-cacheiro) e linha de algodão, e ornados nas extremidades, e no meio, por tufozinhos de plumas" (Albisetti & Venturelli 1962:368-369). Registrado apenas entre os Borôro.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Peitoral de acúleos de ouriço-cacheiro. Índios Borôro, Museu Regional Dom Bosco nº B56 2579. *Apud* Albisetti & Venturelli 1962:368. Esc. 1:1,5.

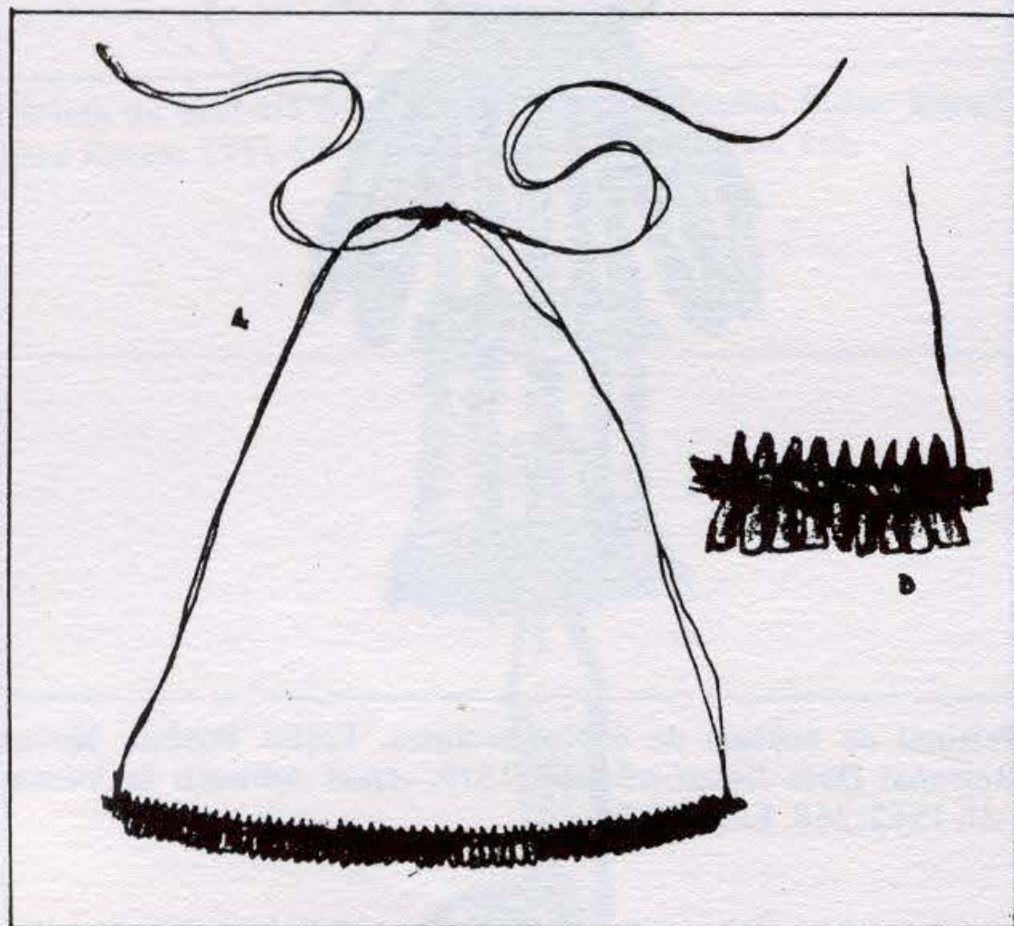
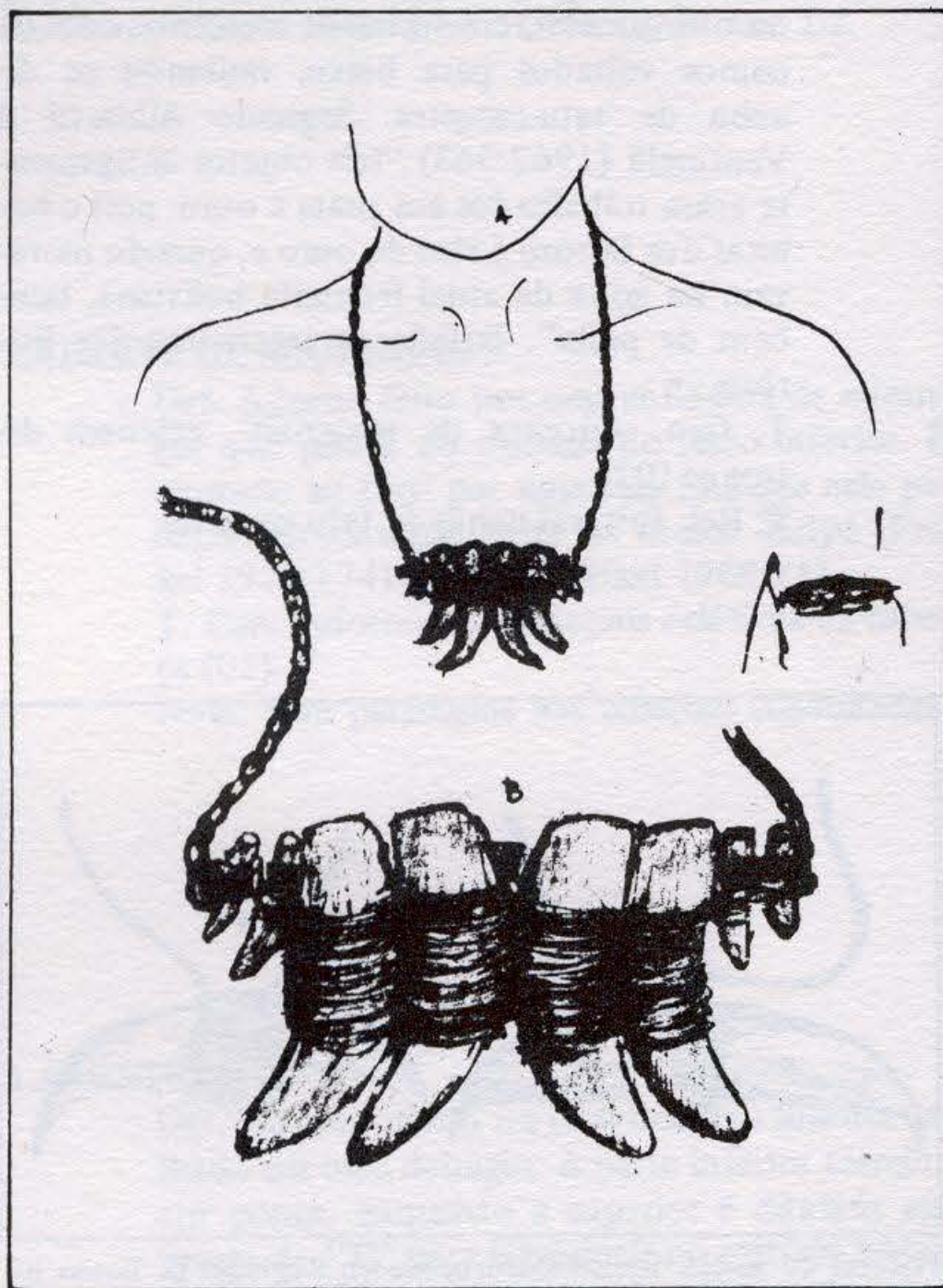
PEITORAL DE METAL

Def. Ornato de retalhos de lata, alumínio, cobre ou outro metal, em forma de crescente, com os cornos voltados para baixo, imitando os de unha de tatu-canastra. Segundo Albisetti & Venturelli (1962:363) "tais objetos antigamente eram trabalhados em prata e ouro, pois o habitat dos Borôro é rico de ouro e, quando moravam na zona da atual fronteira boliviana, também de prata". Enfeite característico dos Borôro.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)
T. Rel. Peitoral unhas de tatu canastra

Peitoral de metal. Índios Borôro, Museu Regional D. Bosco nº B59 4044. *Apud* Albisetti & Venturelli 1962:364. A. Vista da peça. B. A mesma forma feita com unhas de tatu-canastra.

PEITORAL DENTES DE MACACO

Def. Atavio formado por uma série singela ou dupla, de dentes de macaco, os quais são enfileirados e amarrados em linha reta sobre um suporte rígido, que pende sobre o peito. Característico dos índios Borôro.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

T. Rel. Peitoral dentes de onça

Peitoral dentes de macaco. Índios Borôro, M. I. nº 874. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da amarração dos dentes.

Peitoral dentes de onça. Índios Borôro, M. N. nº 3.209. Esc. 1:2. A. Modo de uso. B. Vista da peça.

PEITORAL DENTES DE ONÇA

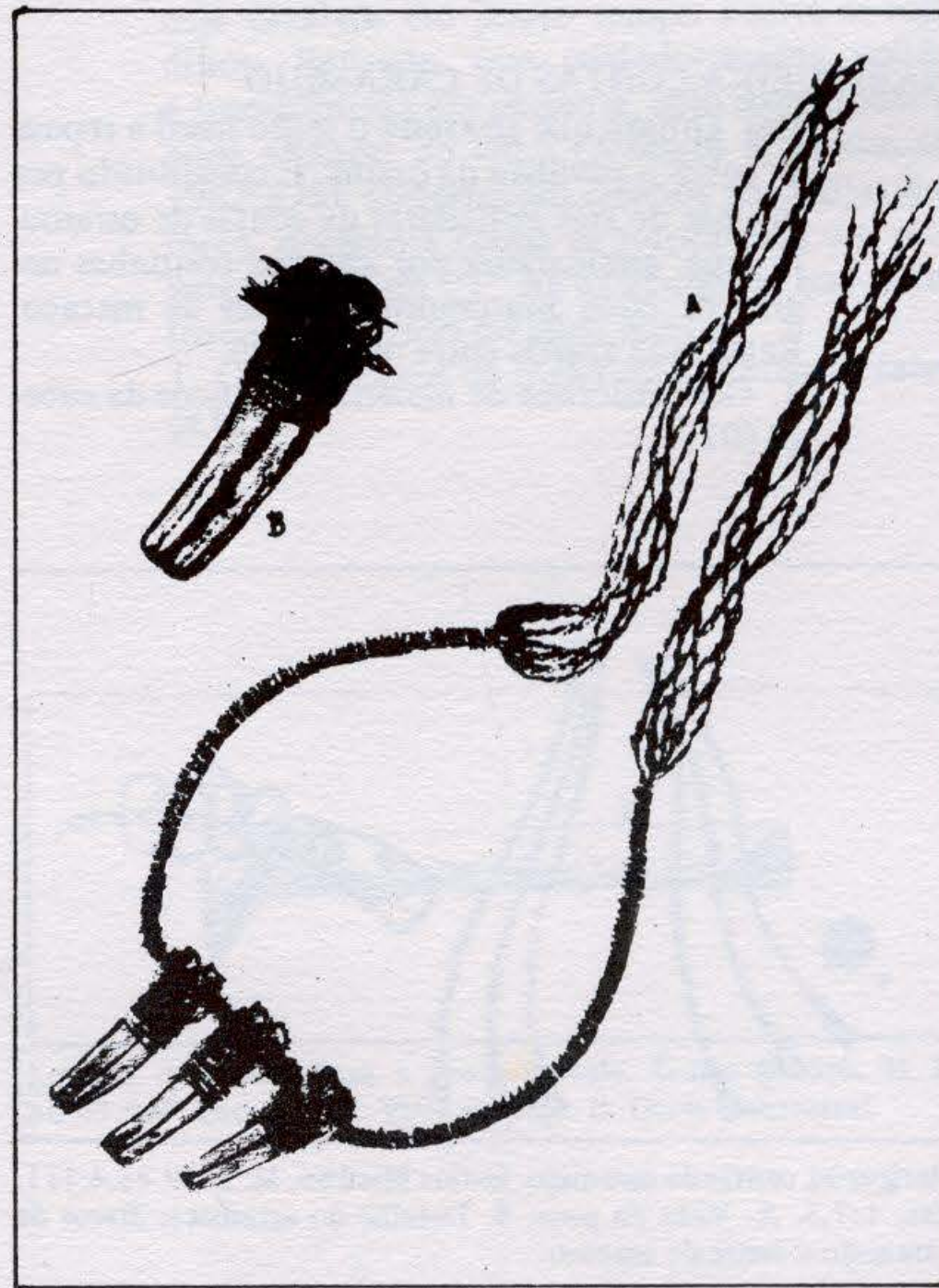
Def. Adereço pendente do pescoço repousando sobre o peito. É formado por quatro caninos e dois a quatro molares de onça pintada ou suçuarana amarrados entre si em linha reta sobre um suporte rígido. Peitorais semelhantes, ou com pequenas variações, são feitos com dentes de jaguatirica. Privativo de um clã Borôro mas usado por todos os membros dessa tribo.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

T. Rel. Peitoral dentes de macaco

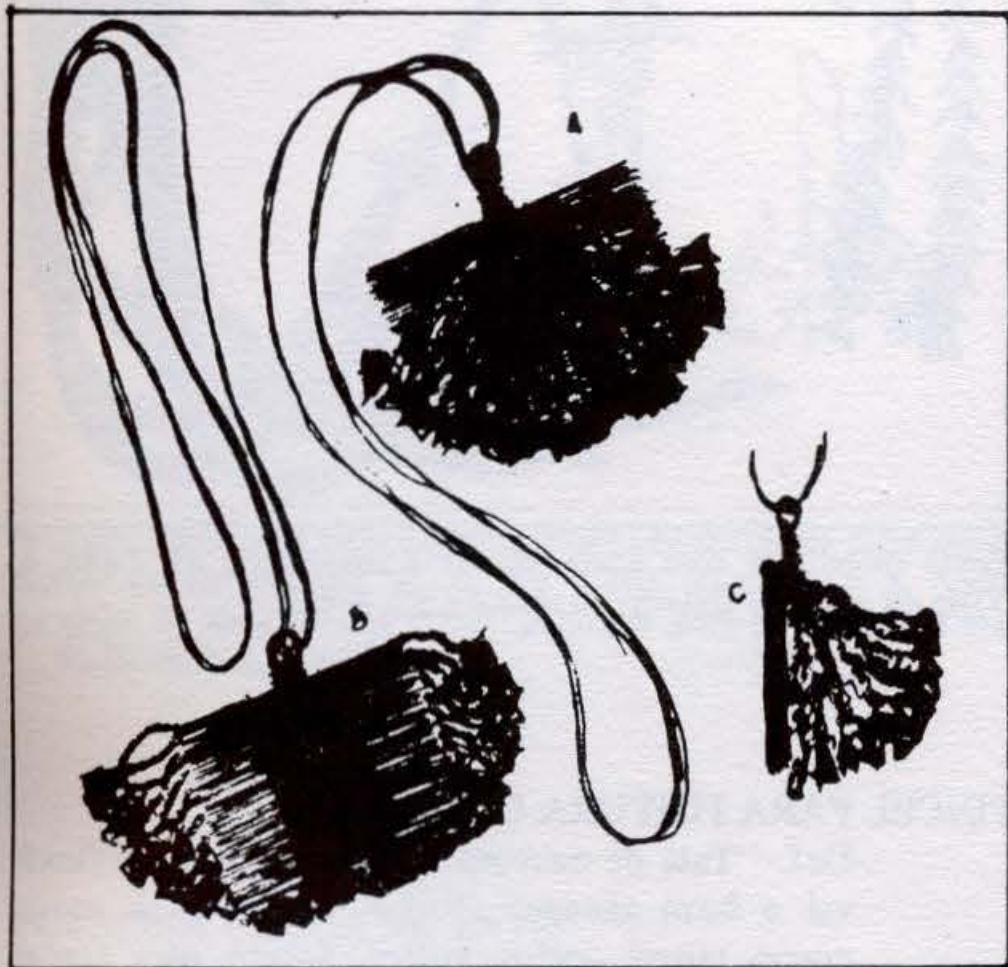
PEITORAL DENTES DE ROEDOR

Def. Adorno do pescoço constituído de grosso cordel de algodão e peitoral de incisivos de roedor. Ocorre entre os índios Txikão e os do alto Xingu.

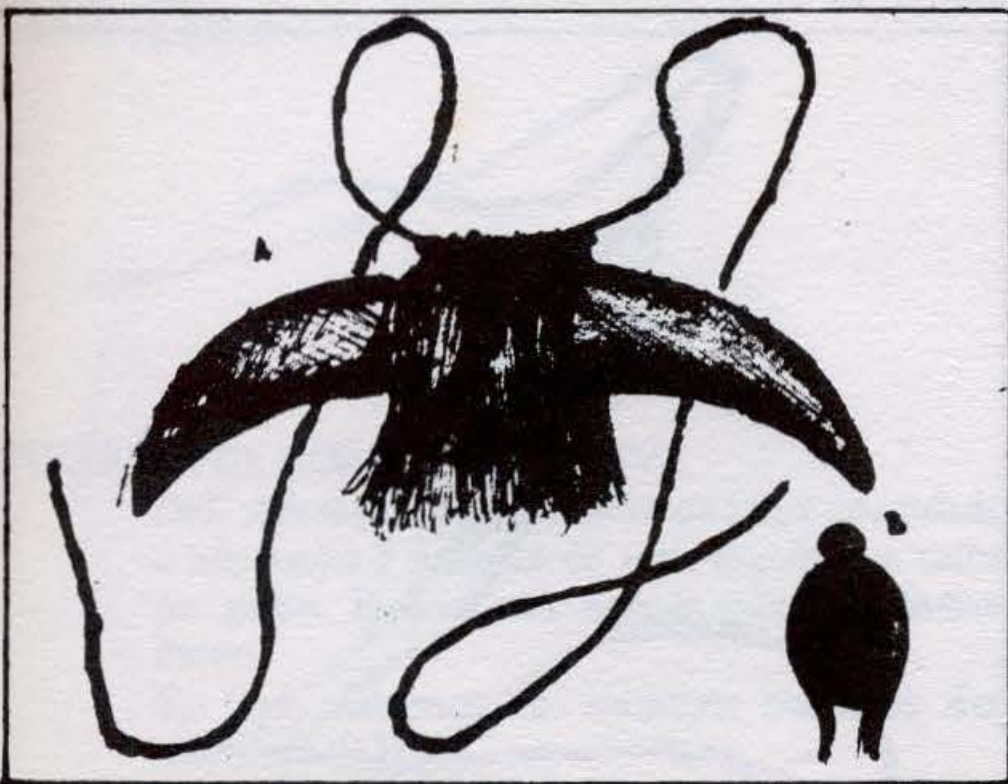
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Peitoral dentes de roedor. Índios Txikão, M. I. nº 7.900. A. Vista da peça. B. Detalhe de fixação dos dentes de capivara. Esc. 1:5.

PEITORAL PENTE E PINGENTE

Def. Pente duplo de uma haste, acompanhado de um pingente de miçangas arrematado por casco de pequeno animal não identificado. É levado em torno do pescoço suspenso em cordão

tecido em passamanaria com fios de algodão. Encontrado apenas entre grupos Timbíra.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)
V. tb. Pente
Consulte: 30 Cordões e tecidos

Colar pente e pingente. Índios Ramkokamekra-Canela, M. I. nº 68.5.28. Esc. 1:5. A. Vista da peça no anverso: pente e pingente. B. Vista do reverso. C. Detalhe do perfil.

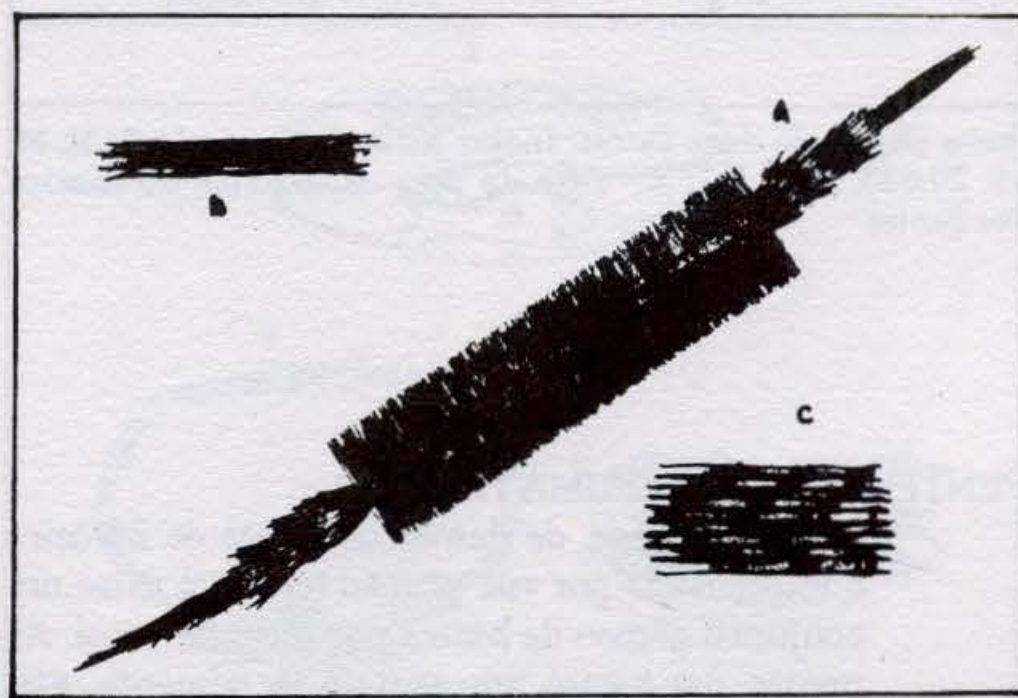
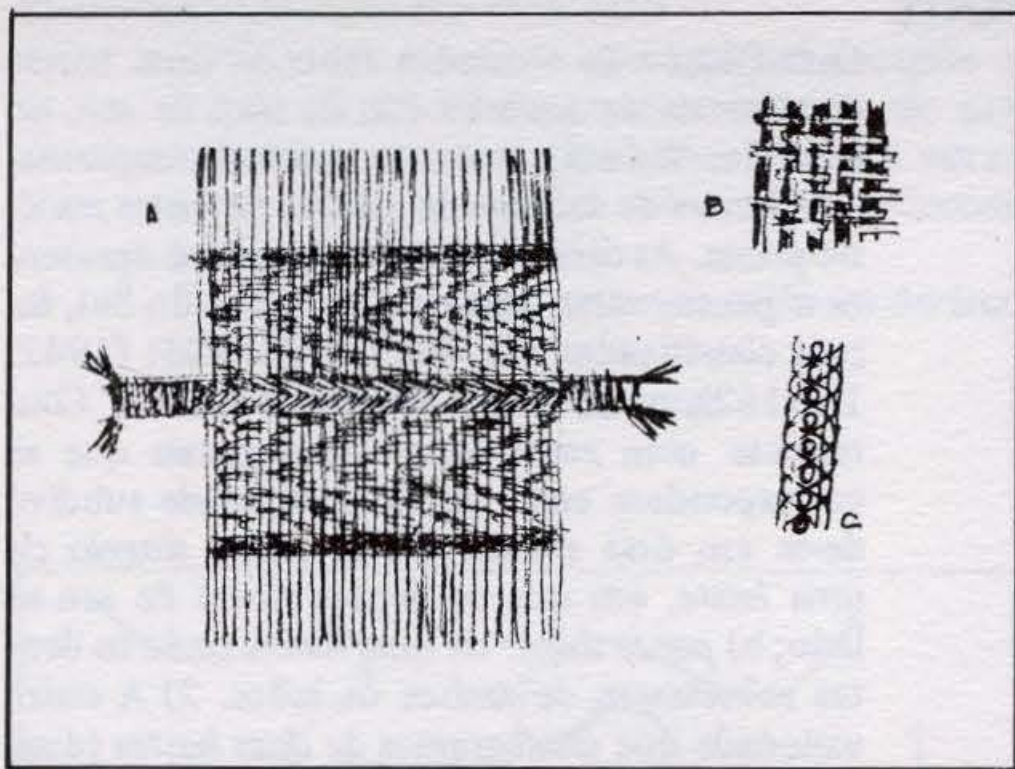
PEITORAL UNHAS TATU CANASTRA

Def. Peculiar aos índios Borôro. "Formado pelas duas maiores unhas das patas anteriores do tatu-canastra, unidas pela base por meio de algumas nervuras de folíolos de palmeiras, revestidas com um blocozinho de cerol. (. . .) É suspenso ao pescoço por sustaches de fios de algodão trançados" (Albisetti & Venturelli 1962:365). Apresenta variantes na ornamentação apendicular – franjas de algodão, tufos de diversas plumas – indicativas de subclãs Borôro.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)
T. Rel. Peitoral de metal

Peitoral unhas tatu canastra. Índios Borôro, M. N. nº 3.963. Esc. 1:2. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação das unhas ao suporte.

PENTE

Def. Objeto de toucador feito de duas barras transversais de madeira (ou de osso de ave, no caso dos Waiwai), entre as quais são imprensados dentes de taliscas de pau ou de outra matéria-prima. As diversas formas em que se apresenta o pente, entre índios da América do Sul, foram classificadas por Wilhelm Schmidt (1942: 161-162), como segue: 1) "*de uma haste.* Contenta-se com essas barras transversais que se correspondem entre si. Esta variedade subdivide-se em dois subgrupos: a) *pente singelo de uma haste,* em que os dentes ficam de um só lado; b) *pente duplo de uma haste,* onde os dentes sobressaem de ambos os lados. 2) A outra variedade que chamaremos de *duas hastes* (duas vezes cada sistema de duas barras transversais) comporta hastes separadas entre si por certo intervalo que, habitualmente, é coberto por um desenho de trançado. Ainda aqui distinguem-se duas subvariedades, as quais chamaremos: c) *pentes singelos de duas hastes* e d) *pentes duplos de duas hastes".* A forma *d* não parece ocorrer entre grupos indígenas do Brasil. As hastes transversais que imprensam os dentes podem ter entalhes decorativos ou pingentes de tufos e rosetas de plumas. Os pentes tanto são usados para pentear quanto para ornamentar a cabeleira.
T. Gen. Objetos de toucador (05)
V. tb. Peitoral pente e pingente

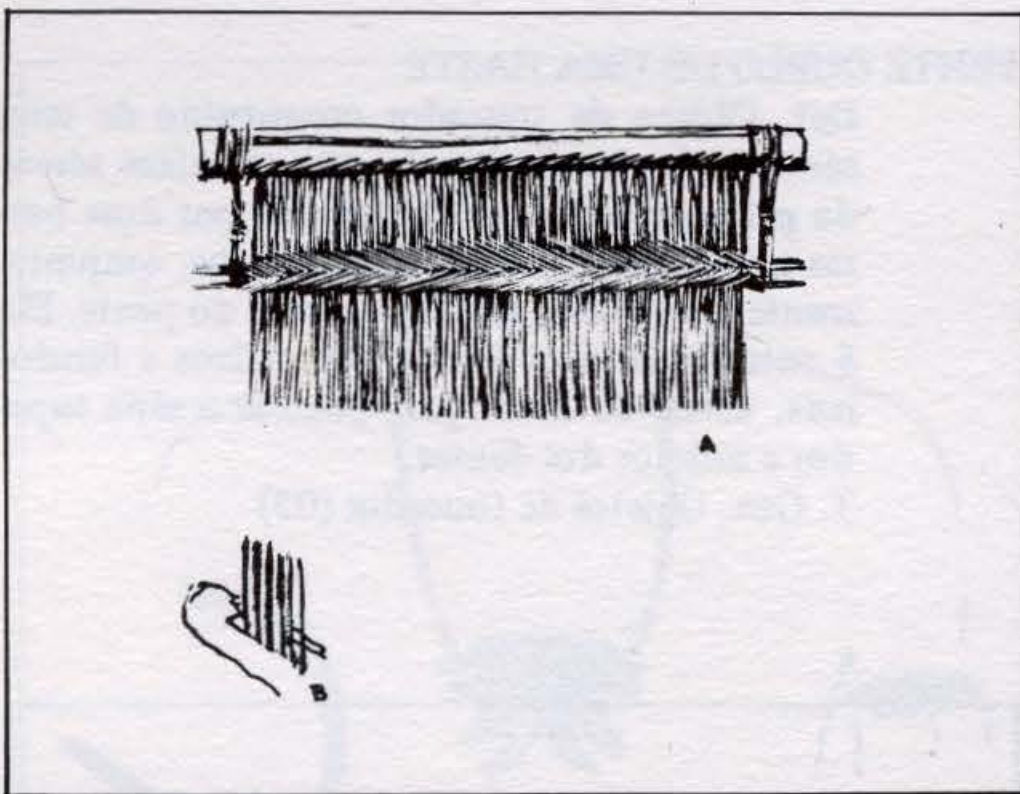
PENTE DUPLO DE UMA HASTE

Def. Objeto de toucador constituído de uma série de dentes (lascas de pau ou raízes aéreas da palmeira paxiúba) imprensada por duas barras transversais fixadas com cerol que, conjuntamente, compõem a haste suporte do pente. Ela é entramada, para efeitos decorativos e funcionais, deixando livres para pentear a série superior e inferior dos dentes.
T. Gen. Objetos de toucador (05)

Pente duplo de uma haste. Índios do rio Uaupés, M. N. nº 391. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação dos dentes na haste. C. Detalhe do trançado ornamental da haste.

Pente duplo de uma haste. Índios Borôro, M. N. nº 3.971. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação dos dentes entre si. C. Fixação dos dentes à haste.

PENTE SINGELO DE DUAS HASTES

Def. Objeto de toucador constituído de duas hastes (barras transversais duplas) entre as quais se inserem lascas pontudas de madeira, em série paralela. A fixação é feita com aglutinante de breu e reforçada por entramação de fio de algodão.

T. Gen. Objetos de toucador (05)

T. Rel. Pente singelo de uma haste

Pente singelo de duas hastes. Índios Xirianá (Yanomâmi), M. N. nº 20.033. Esc. 1:2. A. Vista da peça. B. Detalhe do encaixe dos dentes.

PENTE SINGELO DE UMA HASTE

Def. Uma série de dentes de lascas de madeira é imprensada por sua porção terminal entre um conjunto gêmeo de hastes por meio de cerol. As pontas das hastes apresentam, geralmente, atavios de plumas.

T. Gen. Objetos de toucador (05)

T. Rel. Pente singelo de duas hastes

Pente singelo de uma haste. Índios Kaapor M. I. nº 2.646. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação dos dentes.

PINCEL PARA PINTURA CORPORAL

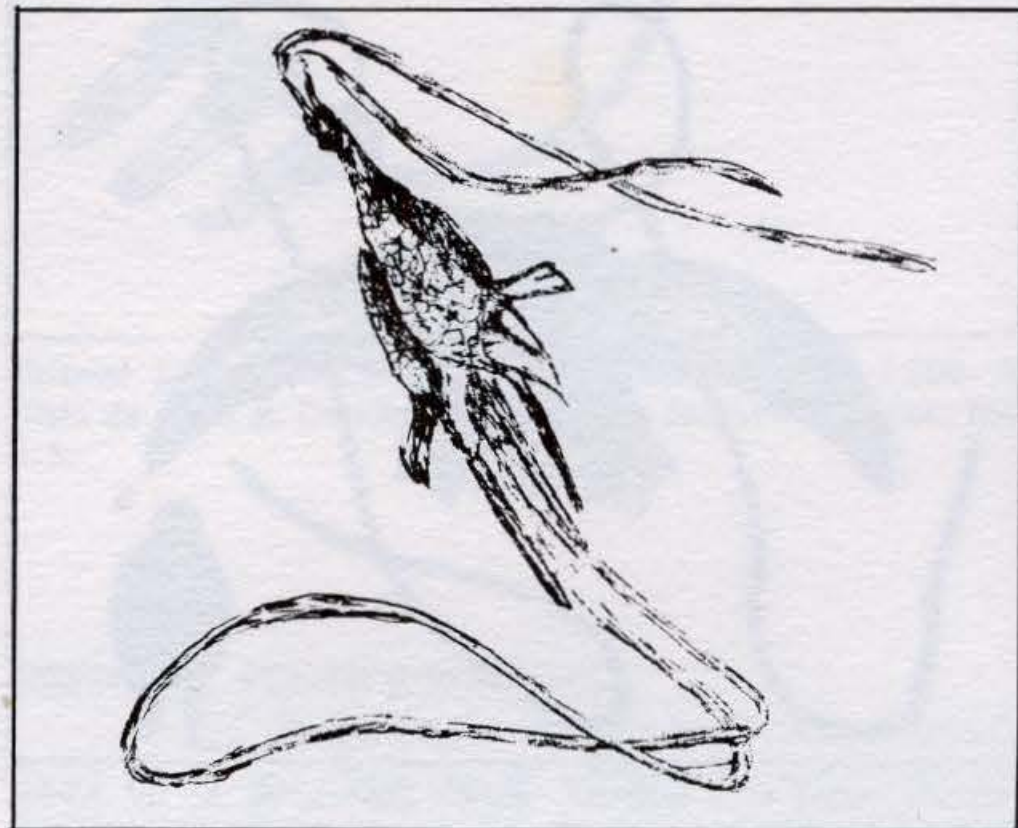
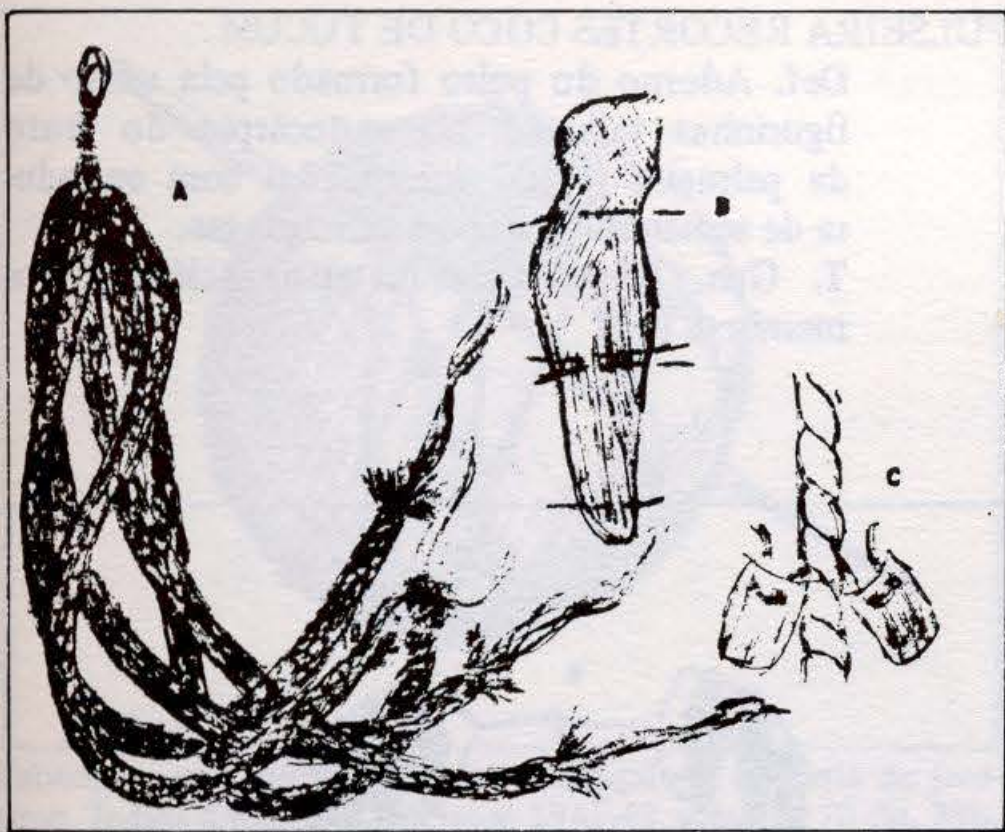
Def. "Tala de nervura de folha de babaçu flexível e bem alisada" (Frikel 1968:56). É usada como pincel, pelos índios Xikrín para traçar linhas largas com tinta de jenipapo. Para aplicação do látex de mangabeira, que permite grudar na pele penugem ou tinta de azulão, os índios Xikrín empregam uma tala de sororoca recortada na ponta para formar os fios do pincel (Frikel 1968:57).

T. Gen. Objetos de toucador (05)

Nota: sem protótipo nas coleções consultadas.

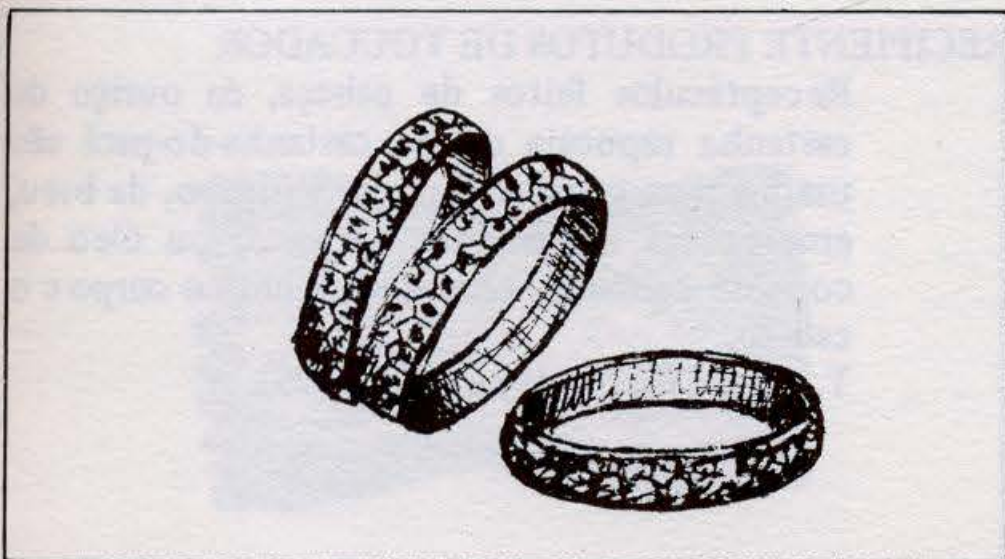
PINGENTE DORSAL PELES DE ANIMAIS

Def. Ornato pendente de um fio de algodão sobre as costas constituído de asas de coleóptero, bicos de aves, caudas de animais, carapaça de tatu, etc. . Registrado por Koch-Grünberg (1982:46 pr. VIII) entre os Makuxí e Taulipáng.

Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

Pingente dorsal carapaça de tatu. Índios Makuxí, *apud* Koch-Grünberg 1982:48 pr. VIII fig. 1.

Pingente dorsal com disposição embricada de étitros de coleóptero. Índios do rio Uaupés, M. N. nº 8.262. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe dos cortes possíveis para a fixação da asa. C. Modo de fixação da asa.

PULSEIRA CAUDA DE TATU

Def. Atavio para o pulso constituído por um segmento da couraça de placas justapostas em mosaico da cauda do tatu.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)

Pulseira cauda de tatu. Índios Nambikuára, M. N. nº 12.842, 12.844, 12.849. Esc. 1:5.

PULSEIRA DE BORRACHA NATIVA

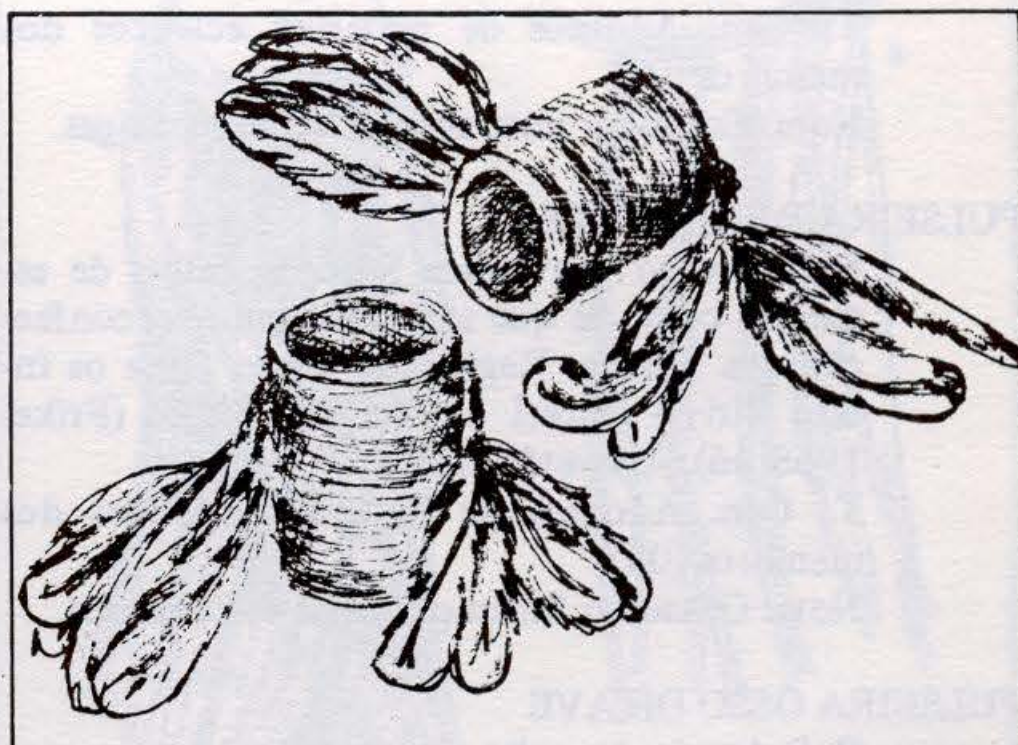
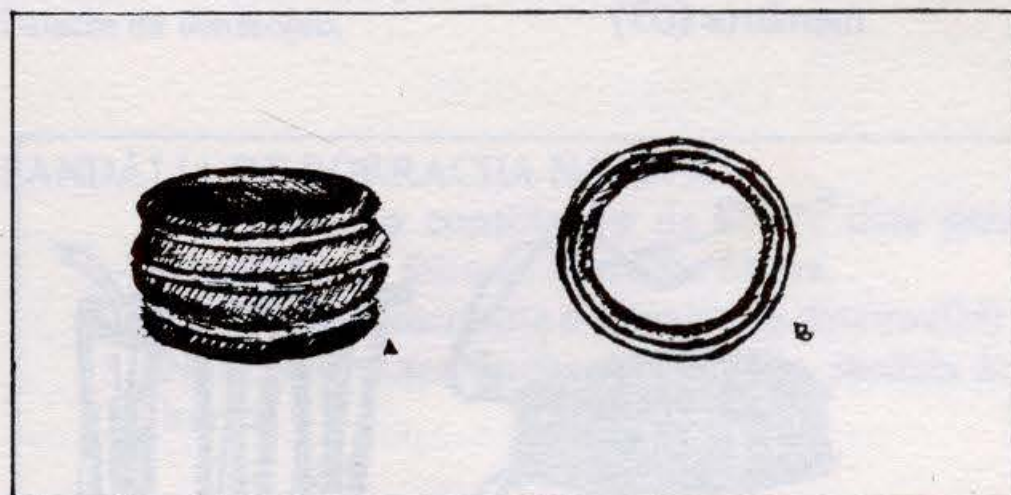
Def. Adereço do pulso feito de látex coagulado e afeiçoado à maneira de uma argola que caiba no pulso. Encontrado apenas entre os índios Paresí.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)

Nota: Ver ilustração da jarreteira de borracha nativa, cujo formato é idêntico ao da pulseira dessa matéria-prima.

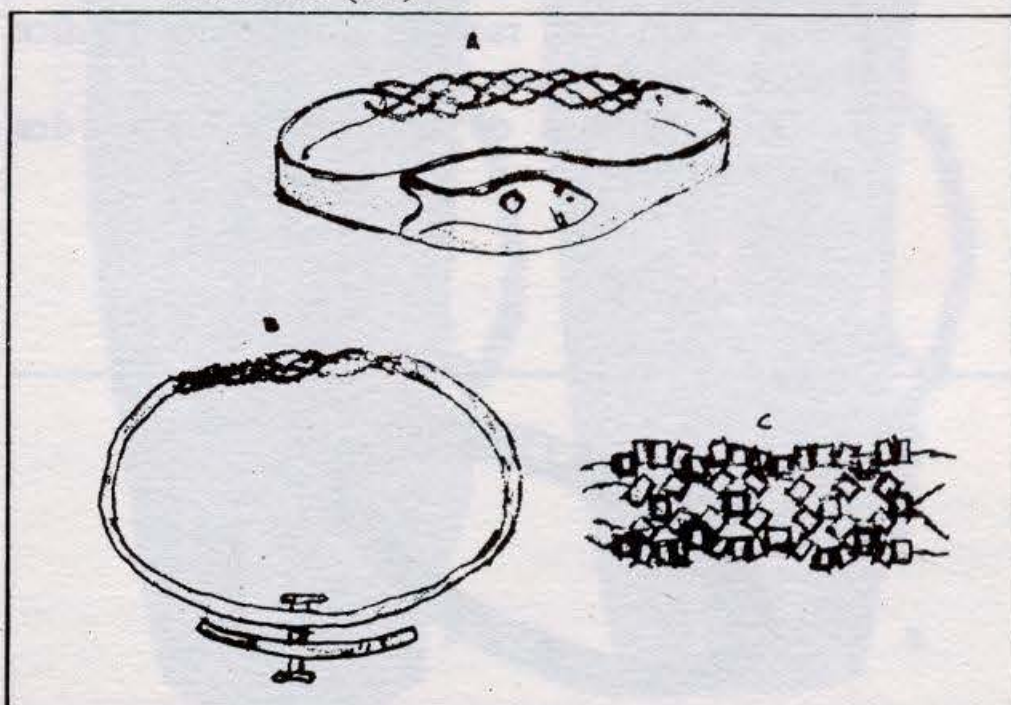
PULSEIRA DE MADEIRA

Def. Cilindro talhado em madeira para uso no pulso. Comum aos grupos Timbíra.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)

Pulseira de madeira. Índios Krikatí, M. N. nº 29.580. Esc. 1:5.

Pulseira de madeira. Índios Ramkokamekra-Canela, M. N. nº 26.801. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Vista superior.

PULSEIRA DE METAL

Def. Ornamento usado no pulso feito de metal martelado, recortado, polido e gravado com desenhos geométricos ou naturalistas, no caso dos índios Kadiwéu. Os Tiriyó e outros grupos Karib da Guiana brasileira adquirem, para esse fim, metal amarelo dos negros *bush* da Guiana (Frikel 1973:169 est. XVIId). Roth 1929:78).

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)

Pulseira de metal. Índios Kadiwéu, M. I. nº 1.288. Esc. 1:2. A. Vista da peça. B. Perfil. C. Detalhe do fecho tecido com miçangas.

PULSEIRA DE MIÇANGAS

Def. Ornato do pulso constituído de uma enfiadura de várias voltas usada no pulso. Registrado, entre outros, em uso pelos índios Tiriyó (Frikel 1973:169).

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)

Nota: Consultar ilustração cinto de miçangas.

PULSEIRA DE SEMENTES

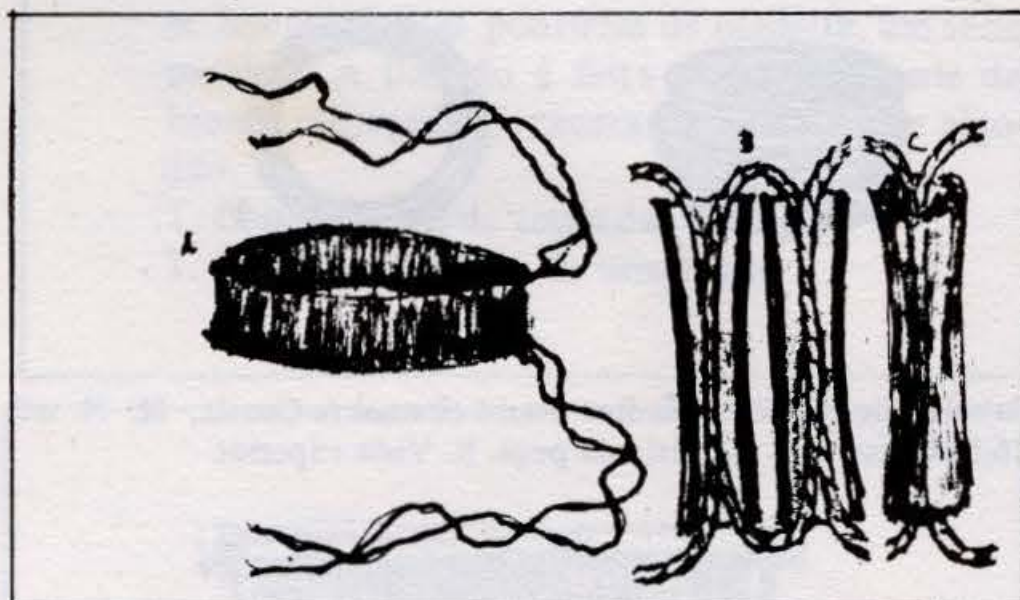
Def. Ornato dos pulsos feito de cascas de sementes como as que são empregadas na confecção dos colares. Registrado o uso entre os índios Tiriyó (Frikel 1973:170), Xikrin (Frikel 1968:66), Araweté e outros.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)

Nota: Consultar ilustração colar de sementes.

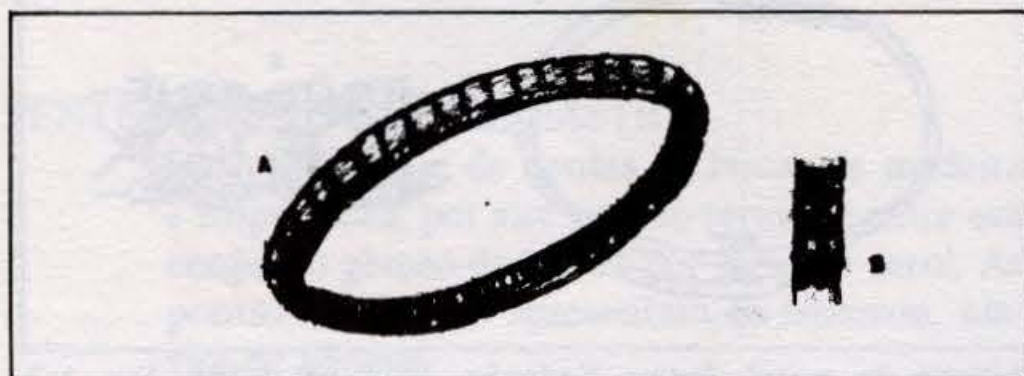
PULSEIRA OSSO DE AVE

Def. Atavio do pulso constituído de segmentos de ôsso de ave dispostos paralelamente uns aos outros e ligados entre si por fio de algodão.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)

Pulseira osso de ave. Índios Parintintín, Museu Pigorini nº 11.575/G, *apud* Zevi et alii 1983:109 fig. 222.

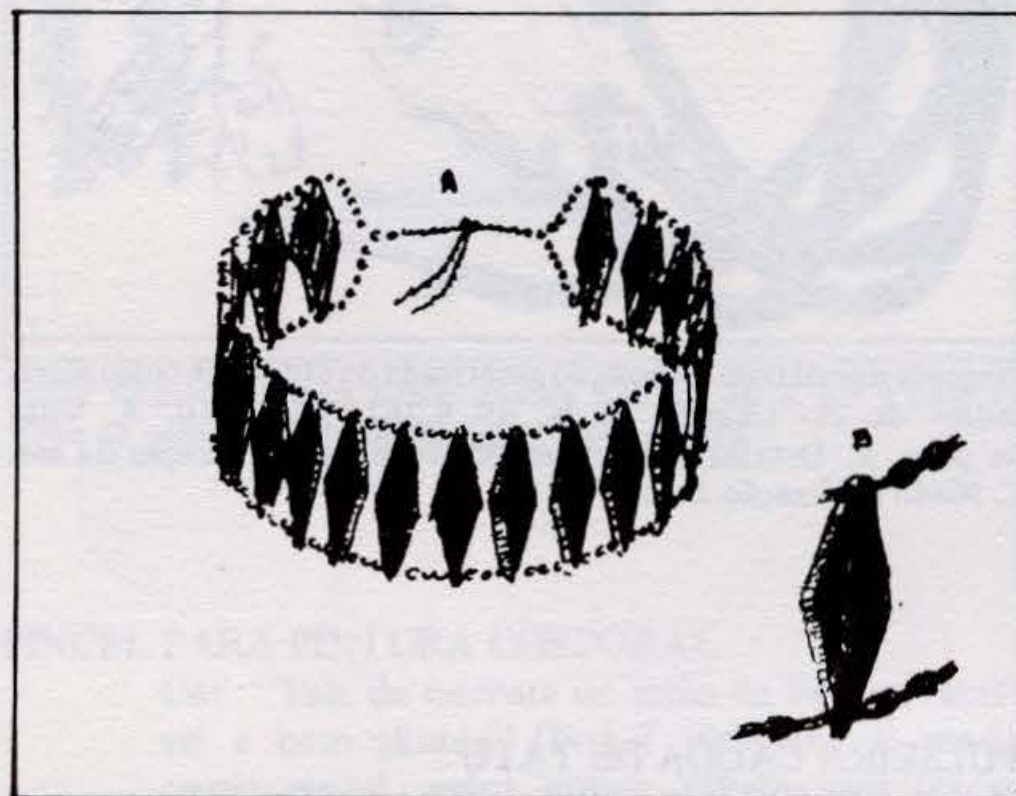
PULSEIRA OURIÇO DE CASTANHA

Def. Aro recortado em ouriço de castanha-do-pará, ornamentado com a aplicação de fragmentos quadrangulares de osso de mutum, (índios Asuriní), ou sem essa decoração justaposta, e sim com recortes nos bordos (índios Borôro, Tiriyó e outros).

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)

Pulseira ouriço de castanha. Índios Asuriní, M. I. nº 71.11.19. Esc. 1:3. A. Vista da peça. B. Detalhe da incrustação.

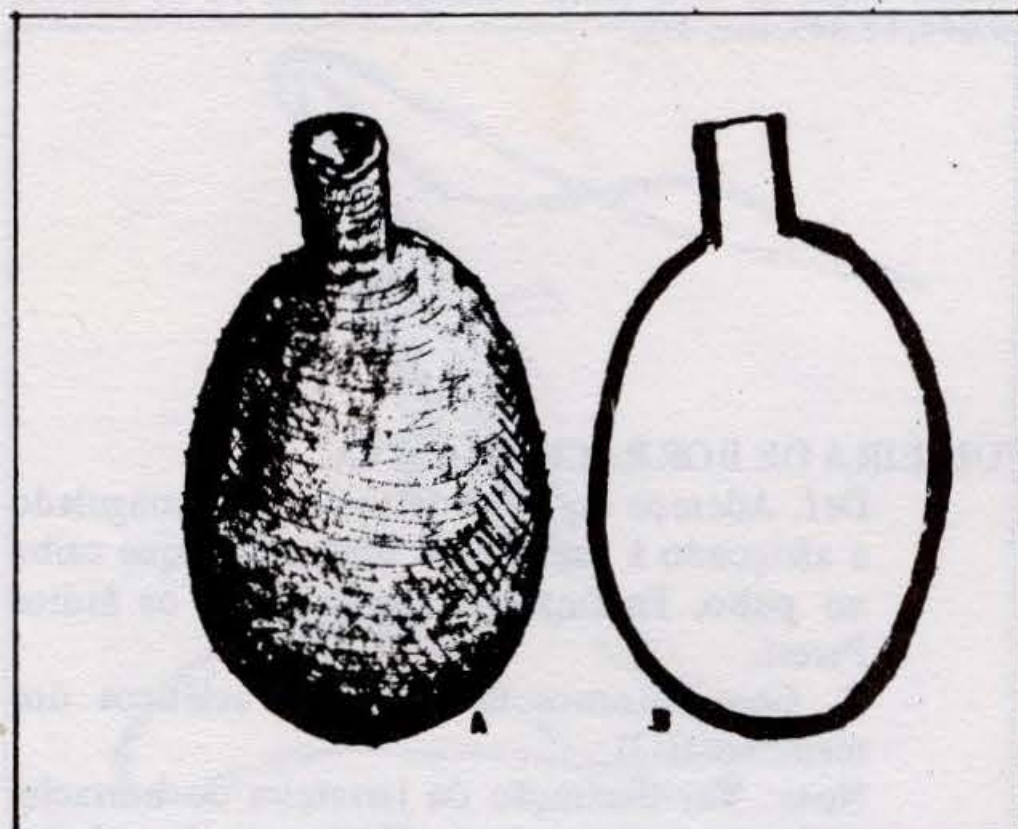
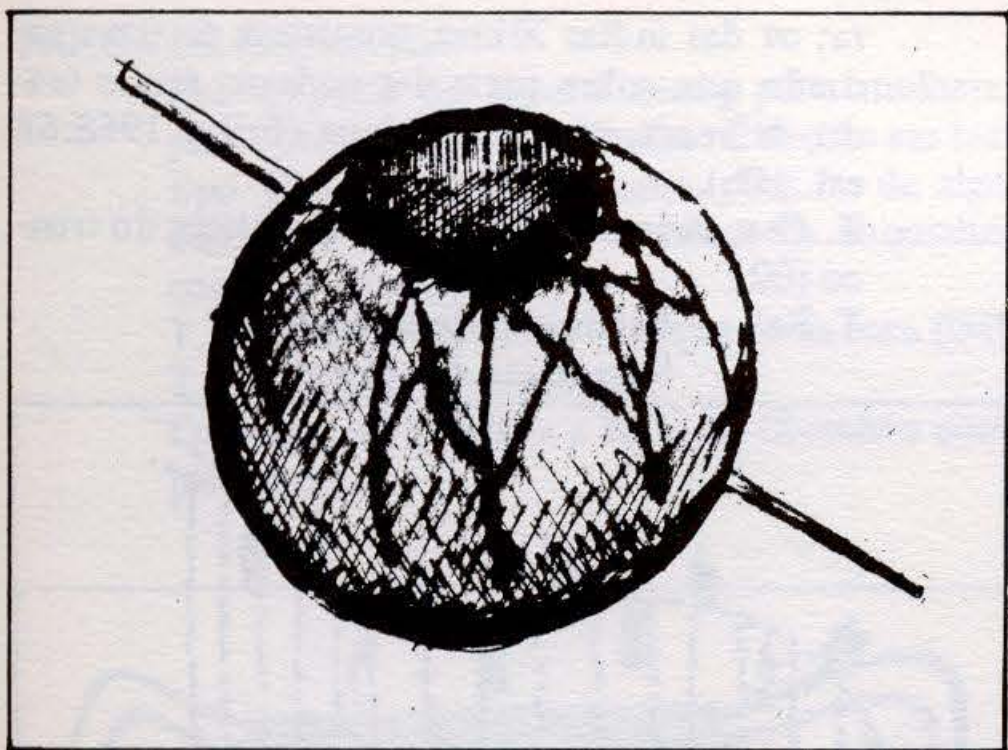
PULSEIRA RECORTES COCO DE TUCUM

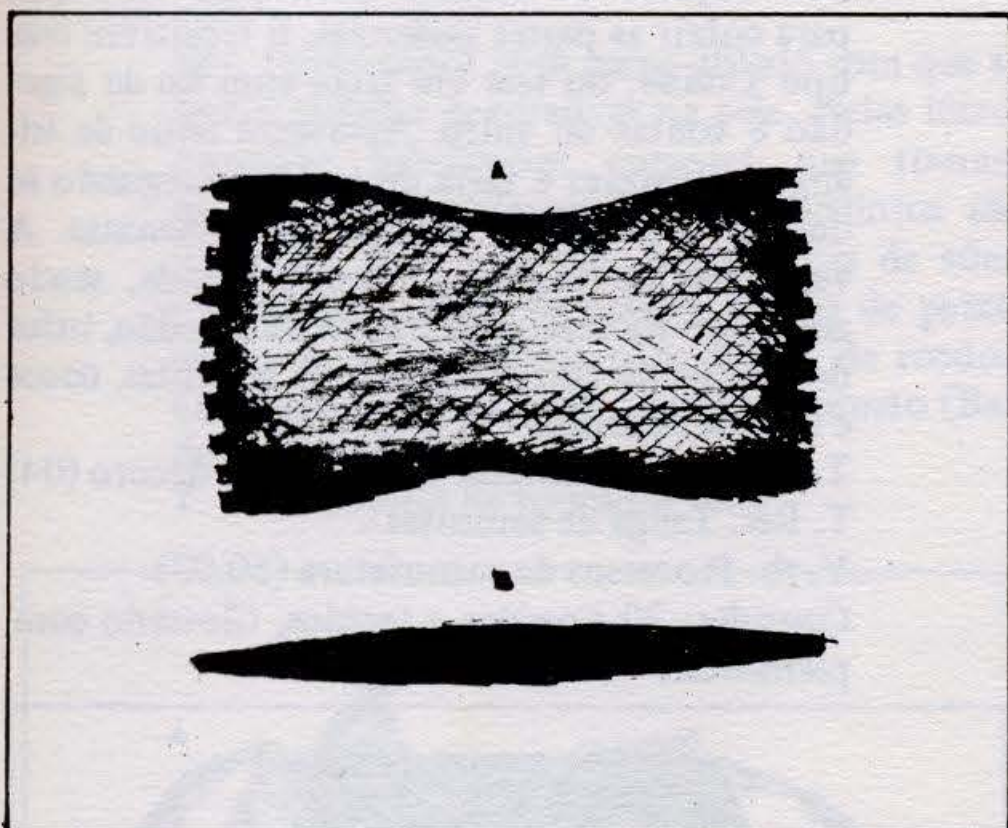
Def. Adorno do pulso formado pela união de figurinhas talhadas no endocárpio do fruto da palmeira tucum combinadas com enfiadura de sementes negras ou de miçangas.

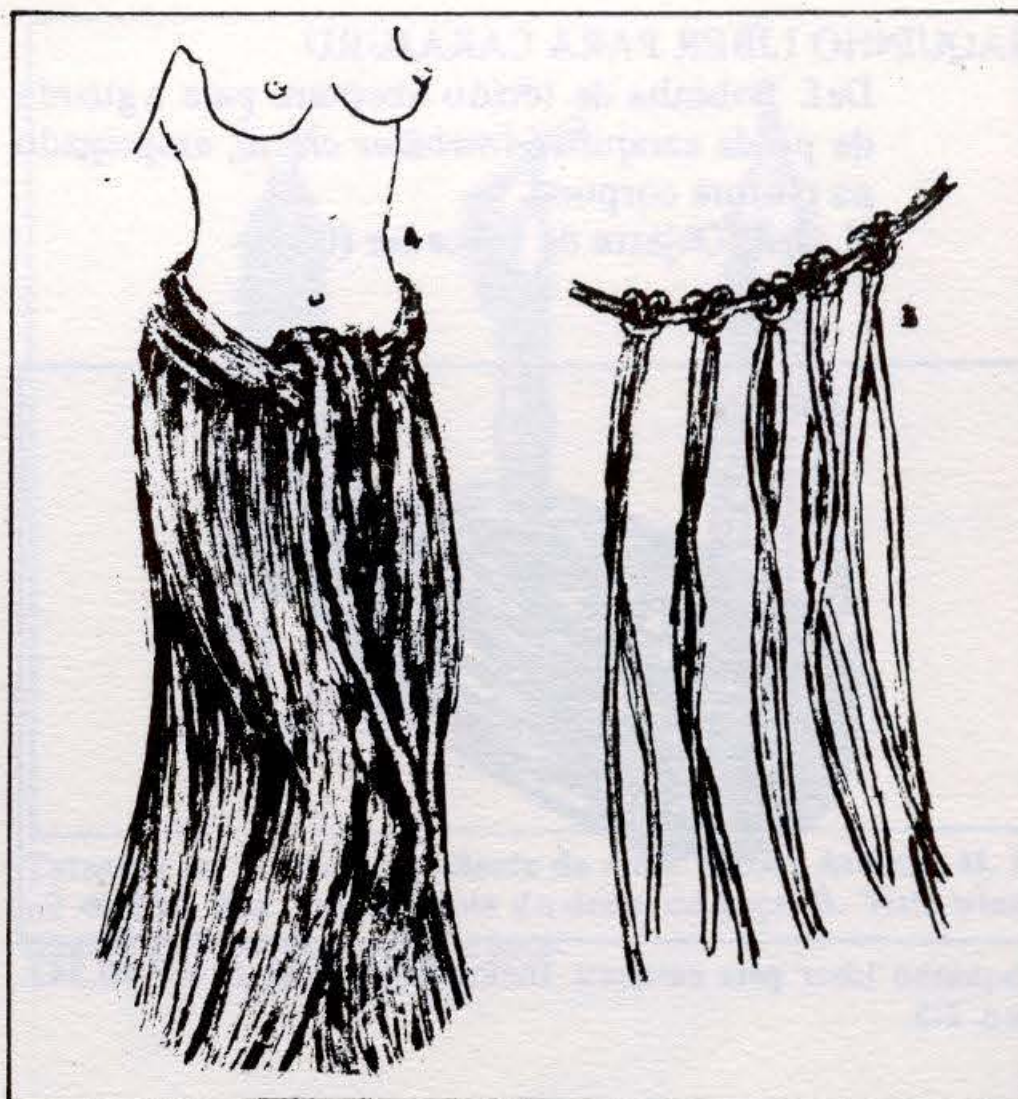
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)

Pulseira recortes coco de tucum. Índios Trumái. *Apud* Hartmann 1986:192. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação das plaquetas de tucum.

RECIPIENTE PRODUTOS DE TOUCADOR

Receptáculos feitos de cabaça, de ouriço de castanha sapucaia ou de castanha-do-pará são usados para guardar tinta de jenipapo, de breu, empregadas na pintura corporal, ou óleo de coco de palmeira, com que se unta o corpo e o cabelo.

T. Gen. Objetos de toucador (05)

Cabacinha para guardar tinta de breu. Índios Tiriyó, *apud* Frikel 1973:312 fig. 36b. A. Vista da peça. B. Perfil.

Cabacinha para guardar óleo de untar cabelo ou tinta de jenipapo. Índios Karajá, *apud* Krause 1941-44 vol. 79:270 fig. 39b. Esc. 1:1,5.

RISCADOR PARA PINTURA CORPORAL
Def. Lasca de madeira ou de taquara de forma retangular com recortes denteados na borda. Pintado o corpo de jenipapo, aplica-se o riscador sobre a tinta ainda úmida a fim de formar listas paralelas negro-brancas. Empregado pelos índios Xikrin (Frikel 1968:55).
T. Gen. Objetos de toucador (05)
T. Rel. Carimbo-garfo

Riscador para pintura corporal. Índios Menkragnotíre, M. I. nº 76.3.24. Esc. 1:2.

SAIA FRANJAS DE LÍBER
Def. Franjas de líber desfiado presas a um cordel, contornam o corpo abaixo da cintura sendo sujeitas por uma faixa do mesmo material. Registrado o uso dessa saia por mulheres Karajá. (Krause 1941-44 vol. 79:263-4).
T. Gen. Indumentária e arranjos de decoro (04)

Saia franjas de líber. Desenho segundo foto de Krause 1941-44, prancha 18. Índios Karajá. A. Vista da peça e modo de uso. B. Detalhe da confecção.

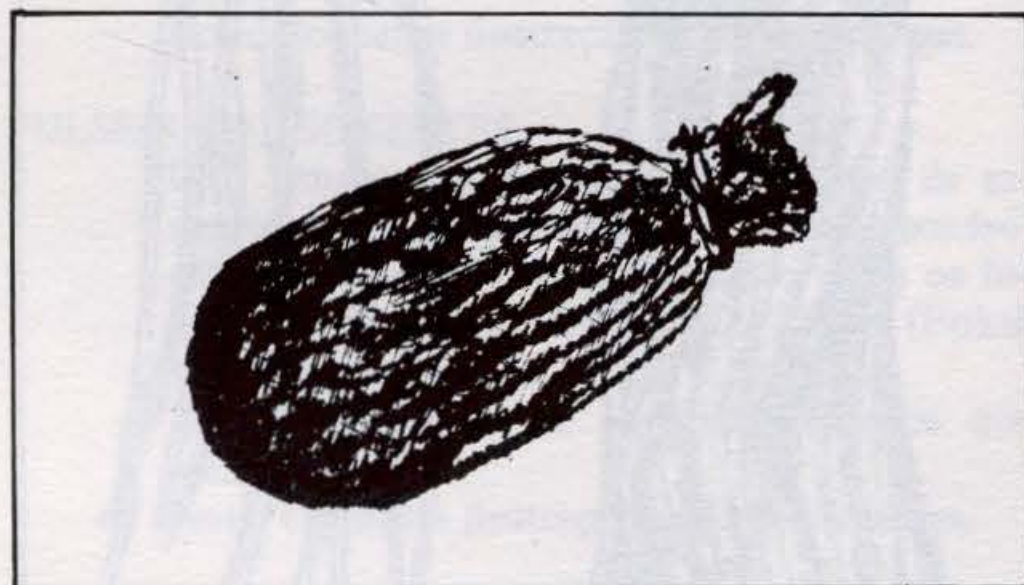
SANDÁLIA DE BORRACHA NATIVA
Def. Calçado constituído de sola e tiras para prender o pé feito de borracha nativa.
T. Gen. Indumentária e arranjos de decoro (04)
Nota: Consultar ilustração sandália medula de buriti.

SANDÁLIA MEDULA DE BURITI
Def. Calçado cuja sola é recortada de uma lâmina da medula do pecíolo do buriti presa por correias de fibras da mesma palmeira. Eventualmente encontram-se sandálias do mesmo tipo, nas coleções, feitas de couro ou de borracha nativa.
T. Gen. Indumentária e arranjos de decoro (04)
T. Rel. Sandália de borracha nativa

Sandália medula de buriti. Índios Makuxí, *apud* Roth 1970 pr. 158A. A. Vista frontal. B. Vista da sola.

SAQUINHO LÍBER PARA CARAJURU

Def. Bolsinha de tecido liberiano para a guarda de pó de carajuru *(Arrabidae chica)*, empregado na pintura corporal.

T. Gen. Objetos de toucador (05)

Saquinho líber para carajuru. Índios Baníwa, M. N. nº 40.342. Esc. 1:5.

SARJADOR

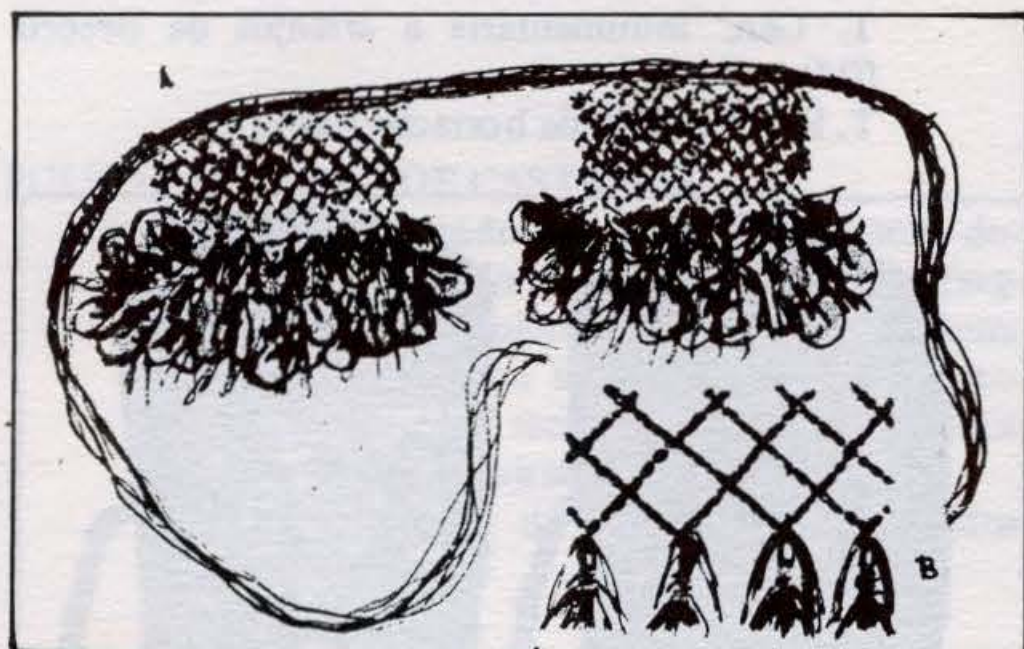
Use: ESCARIFICADOR

SOBRECINTO DE MIÇANGAS

Def. Prolongamento vertical do cinto que adorna os quadris. É formado de tecido aberto ou compacto de miçangas com arremate de tufos de plumas. Encontrado entre os Tiriyó e outros grupos Karib. Designado anquinhas por Frikel (1973:172-173).

Sin. Anquinhas

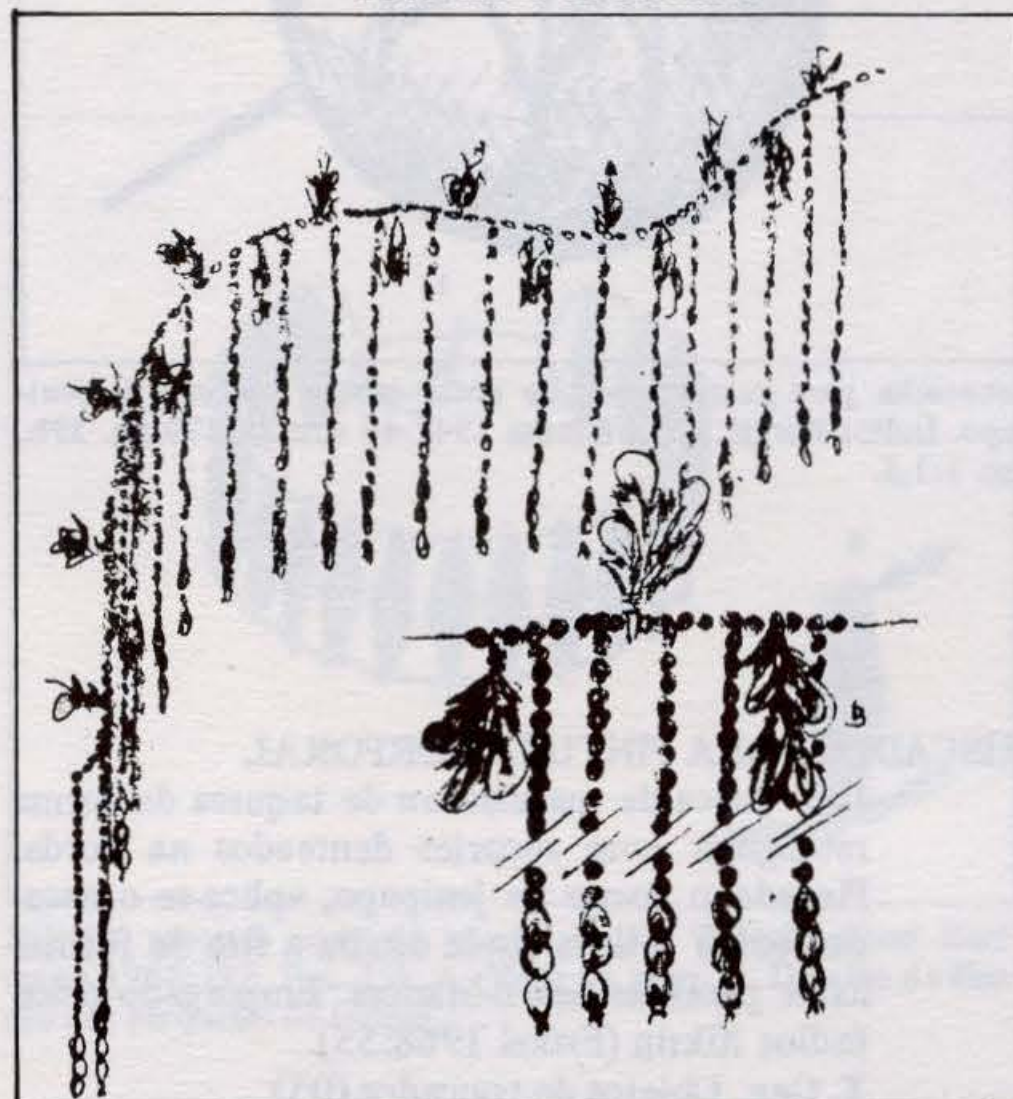
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

T. Rel. Sobrecinto de sementes

Sobrecinto de miçangas. Índios Waiwai, M. N. nº 41.152. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da manufatura.

SOBRECINTO DE SEMENTES

Def. Prolongamento vertical do cinto que adorna os quadris. É formado de pingentes de sementes negras, ou negras e brancas, perfuradas, com ou sem ornamento plumário. Os sobrecintos das índias Kaapor dão toda a volta à cintura; os das índias Xikrin, consistem de um quadrado que cobre parte das nádegas, sendo usado, às vezes, como bandoleira (Frikel 1968:68 est. 10b).

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos do tronco (02)

T. Rel. Bandoleira de sementes
Sobrecinto de sementes

Sobrecinto de sementes. Índios Kaapor, M. I. nº 7.094. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe da confecção.

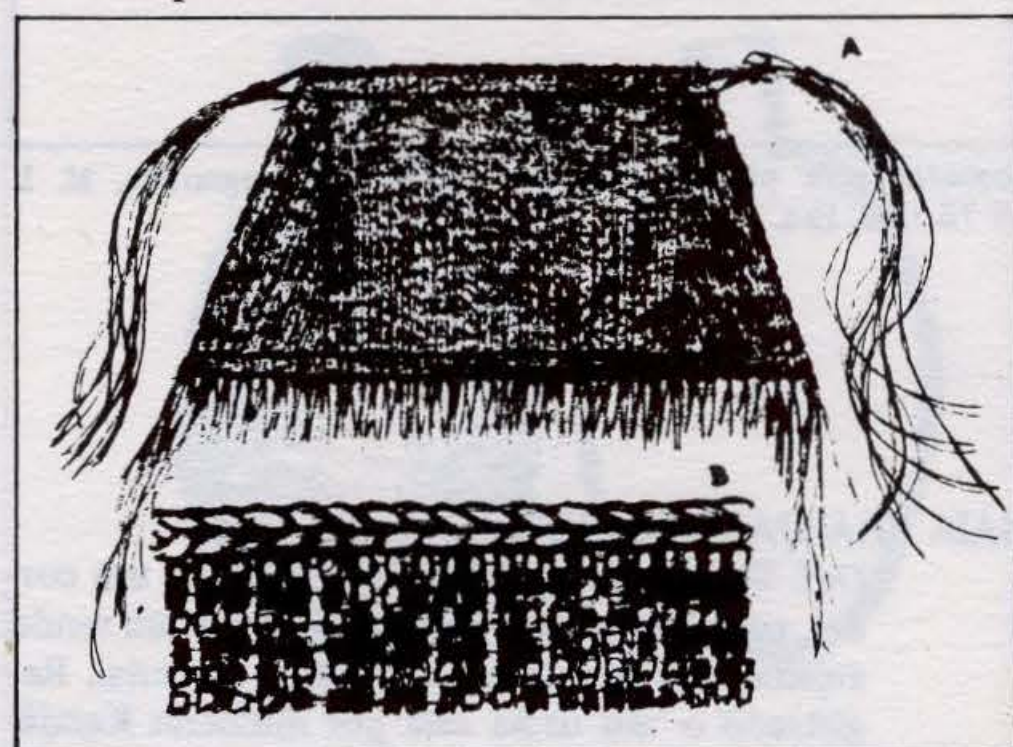
TANGA DE MIÇANGAS

Def. Espécie de avental usado pelas mulheres para cobrir as partes pudendas. É tecido em tear tipo Ucaiali, ou tear em arco, com fio de algodão e contas de vidro. Apresenta feitio de triângulo isósceles e varia de tamanho segundo se destine a mulheres adultas ou a meninas. A variedade de padrões é muito grande, sendo adornado na orla com franjas de algodão, tufos de plumas ou guizos sonoros de sementes, cocos e asas de besouro.

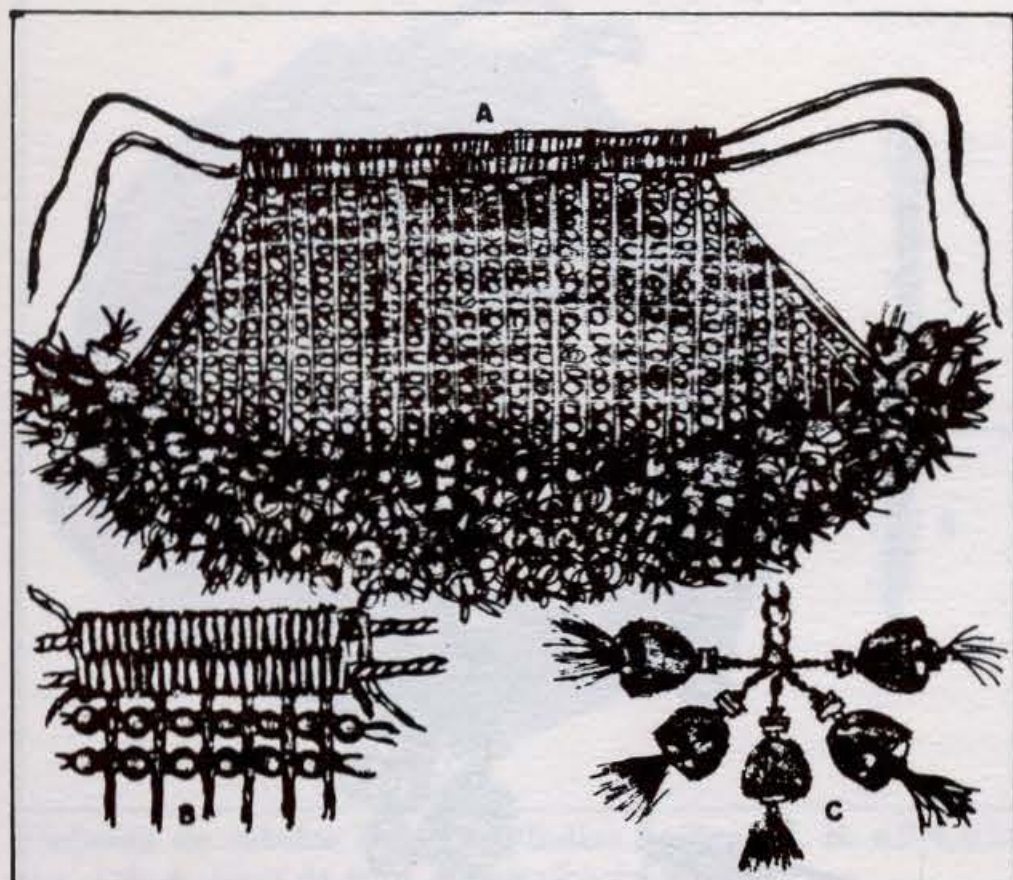
T. Gen. Indumentária e arranjos de decoro (04)

T. Rel. Tanga de sementes

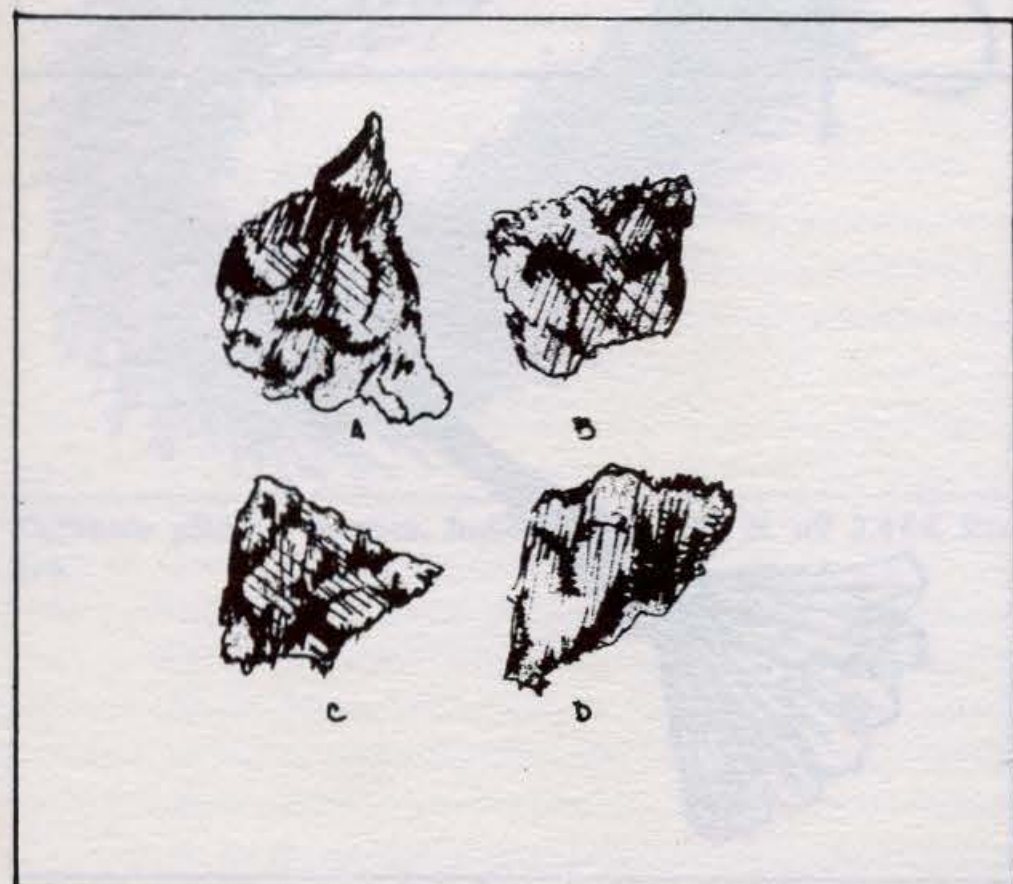
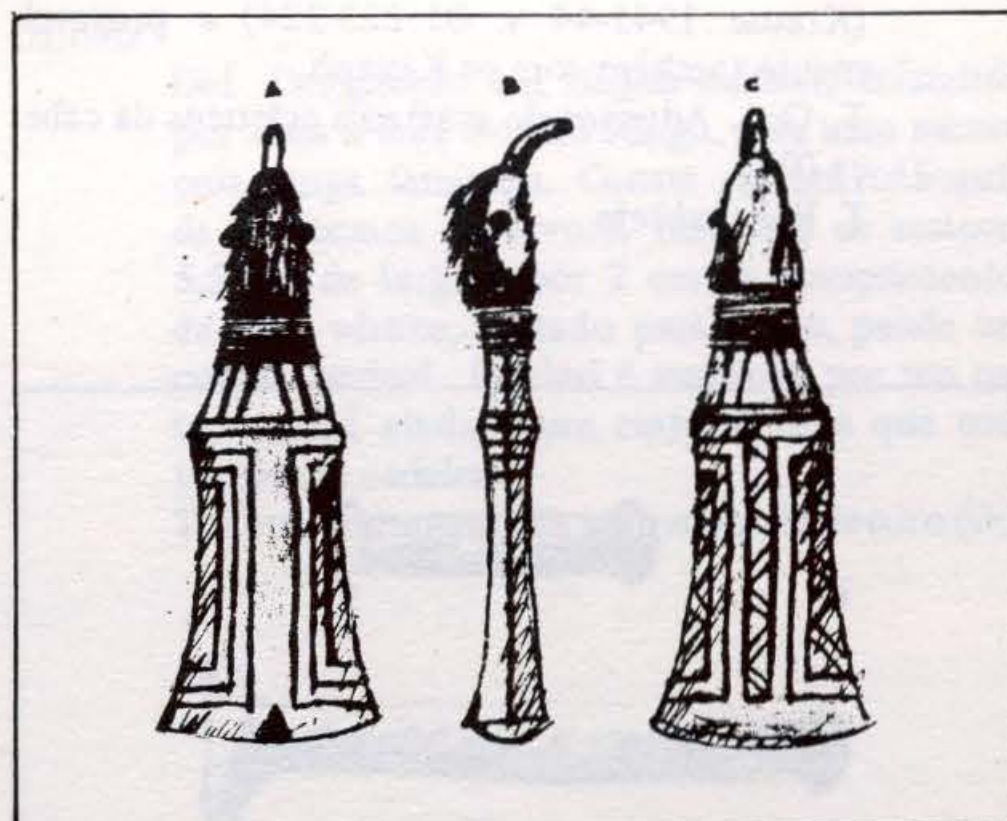
V. tb. Processos de manufatura (50.03)

Consulte: 30 Cordões e tecidos, Glossário complementar.

Tanga de miçangas. Índios Mayongong, M. N. nº 20.010. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do tecido e do cos.

TANGA DE SEMENTES

Def. Espécie de avental usado pelas mulheres para cobrir as partes pudendas. É tecido em tear tipo Ucaiali, ou tear em arco, com fio de algodão, sementes negras e arremate de coquinhos cortados ao meio.
T. Gen. Indumentária e arranjos de decoro (04)
T. Rel. Tanga de miçangas
Consulte: 30 Cordões e tecidos, Glossário complementar.

Tanga de sementes. Índios Wapitxâna, M. N. nº 277. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe de fixação das sementes. C. Detalhe do acabamento.

TATUADOR

Def. Implemento com gume afilado com que se fazem incisões decorativas na pele. Nelas introduzem-se substâncias corantes que tornam os desenhos indeléveis. Objetos distintos são utilizados com esse fim, desde lascas de sílex ou quartzo, unhas de gavião, dentes de peixe-cachorro, até tabuletas com dentes de roedor. Os Tapirapé empregam o próprio formão (Baldus 1970:105 foto 18).
T. Gen. Objetos de toucador (05)

Tatuador de núcleo de pedra. Índios Karajá, *apud* Krause 1941-44 vol. 79:277 fig. 52. Tamanho natural.

Tatuador de madeira com dente de cutia. Índios Asuriní, M. N. nº 40.882. Esc. 1:3. A. Vista do dorso da peça. B. Vista lateral direita. C. Vista do ventre da peça.

TEMBETÁ

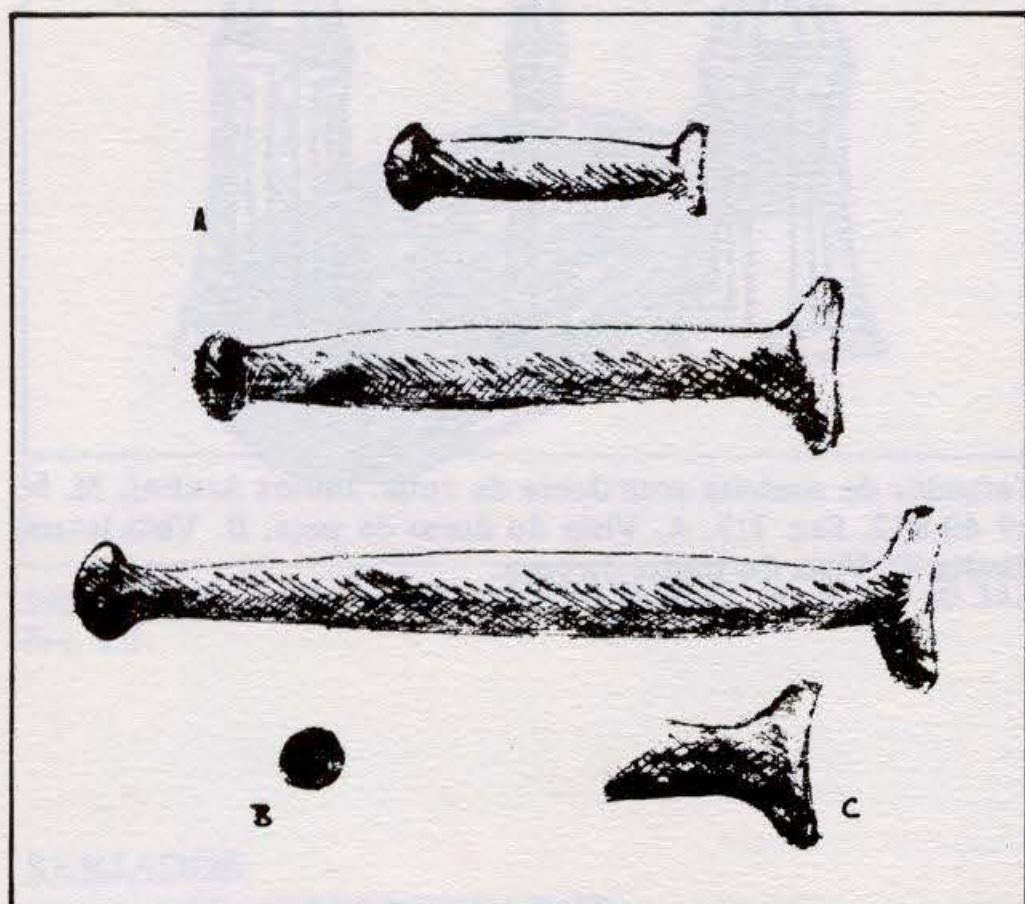
Def. "Do tupí e do guaraní (. . .) composto de *tembé*, seu lábio inferior, e *itá*, pedra. (. . .) Tornou-se costume chamar de tembetá todo o objeto duro e inflexível que os índios se introduzem no furo artificial do beiço inferior, com exceção do botoque. O tembetá, quanto sabemos até agora, é privilégio exclusivo do sexo masculino. Em geral, a sua forma e a espécie de material (osso, concha, pedra, resina endurecida e madeira) variam segundo a idade do portador". (Baldus, H & Willems, E. 1939:218), Reservamos o vocábulo tembetá apenas para os confeccionados com matéria-prima mineral. Outros adornos labiais, de conformação alongada, são chamados labrete, adjetivados segundo os materiais de que são feitos.
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)
T. Rel. Labrete
Botoque
V. tb. Matérias primas (50.02)

TEMBETÁ DE QUARTZO

Def. Adorno labial roliço, com um prolongamento em "T" na extremidade que se introduz no furo do beiço, e a ponta oposta rombuda ou com saliência em forma de cogumelo. É feito de cristal de rocha, quartzo hialino ou leitoso. Especialidade dos Tapirapé (Baldus 1970:126) que o intercambiam com os Karajá

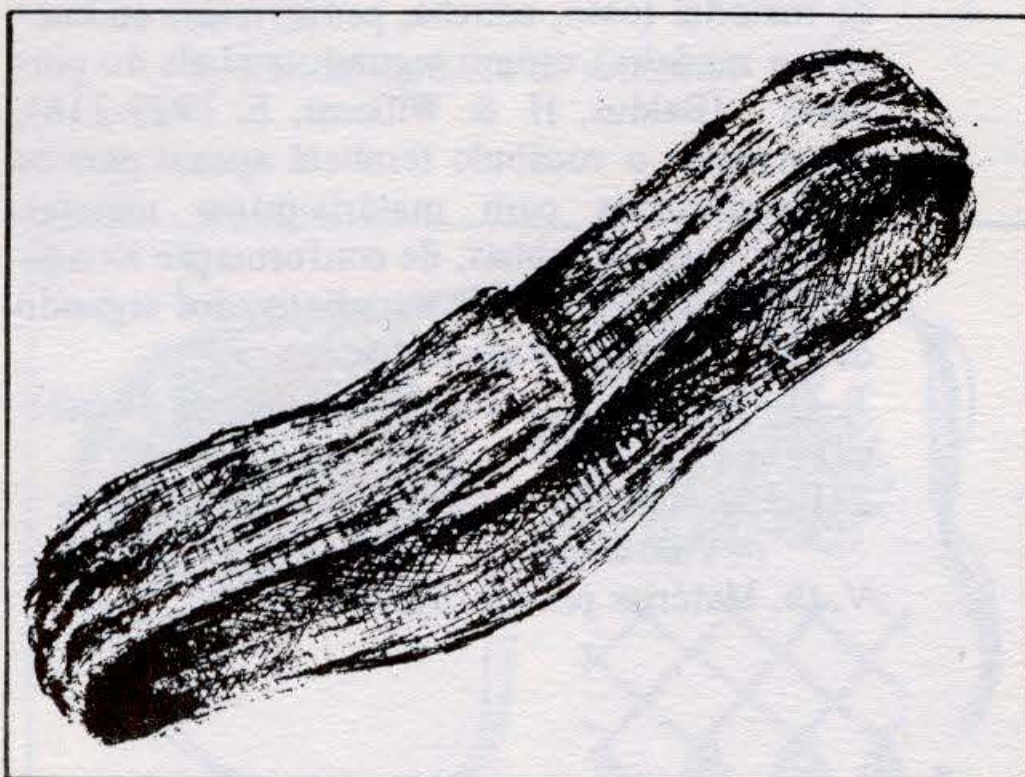
(Krause 1941-44 v. 81:223-224) e provavelmente também com os Kayapó.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

T. Rel. Labrete

Tembetás de quartzo hialino e leitoso. Índios Tupi (Tapirapé?), M. N. ns. 30.685, 30.686, 30.687. Esc. 1:2. A. Vista das peças. B. Secção reta transversal-circular. C. Detalhe do ápice da peça.

TIPÓIA DE LÍBER

Def. Faixa de tecido liberiano, de largura variada, que se usa a tira-colo como porta-criança.

T. Gen. Objetos de uso pessoal (06)

Tipóia de líber. Índios Waiwai, M. I. nº 79.5.55. Esc. 1:7,5.

TORNOZELEIRA DE MIÇANGAS

Def. "Adorno do tornozelo consistindo num enrolamento mais ou menos extenso de um cordão de miçangas" (Frikel 1973:172). Usado pelas mulheres Tiriyó.

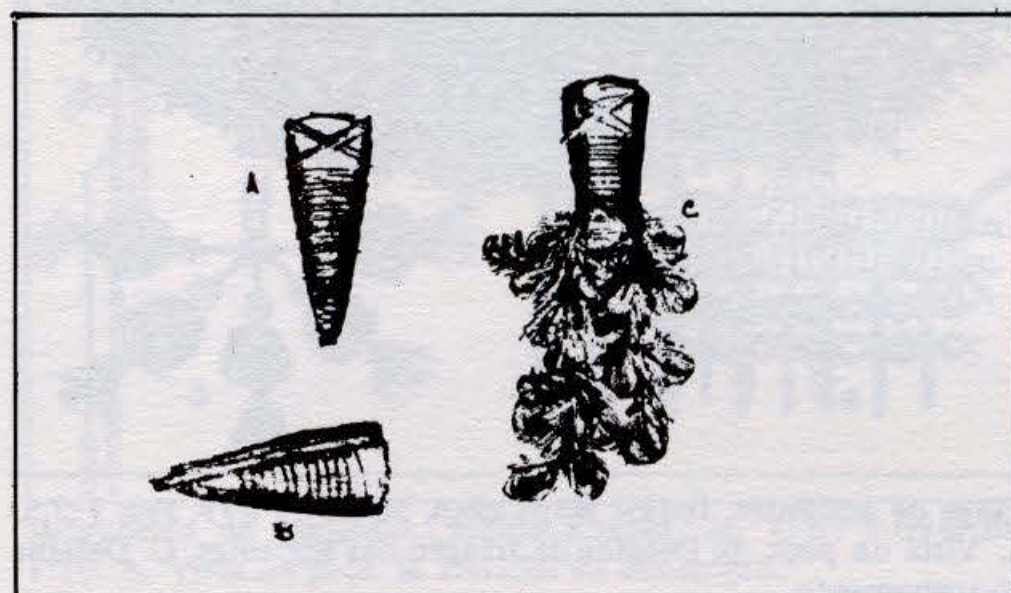
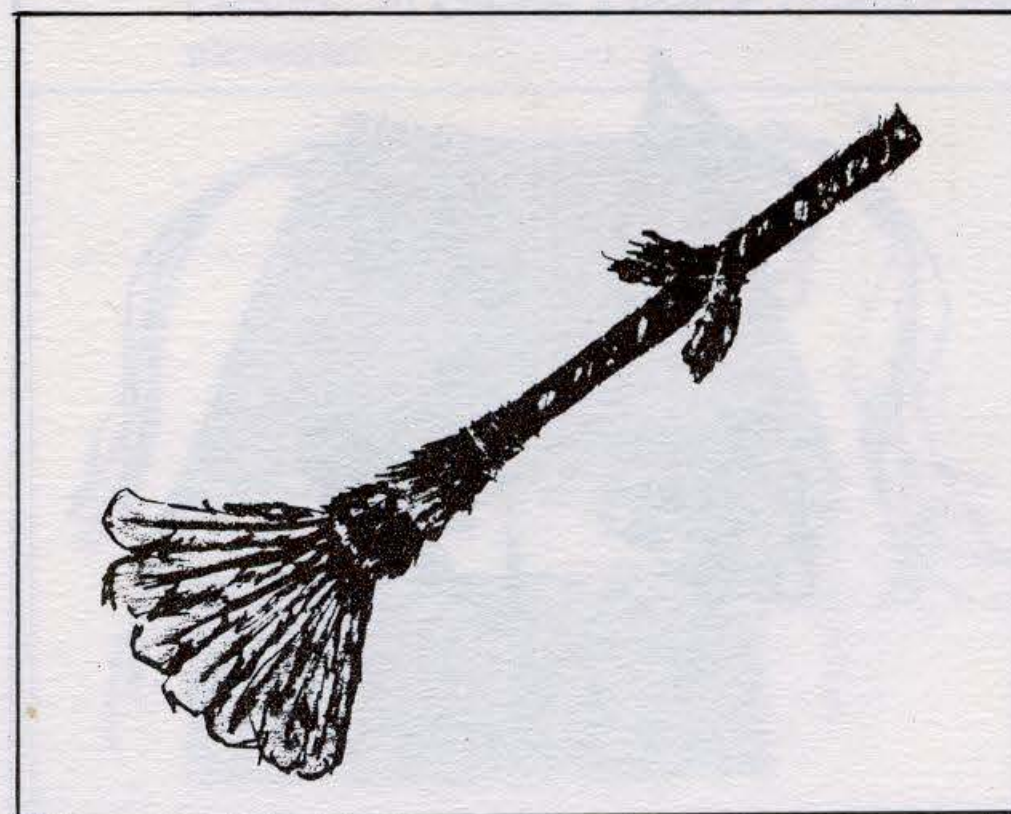
T. Gen. Adornos de materiais ecléticos dos membros (03)

T. Rel. Jarreteira de miçangas

Nota: Sem protótipo nas coleções consultadas.

TUBO PENDENTE DA CABELEIRA

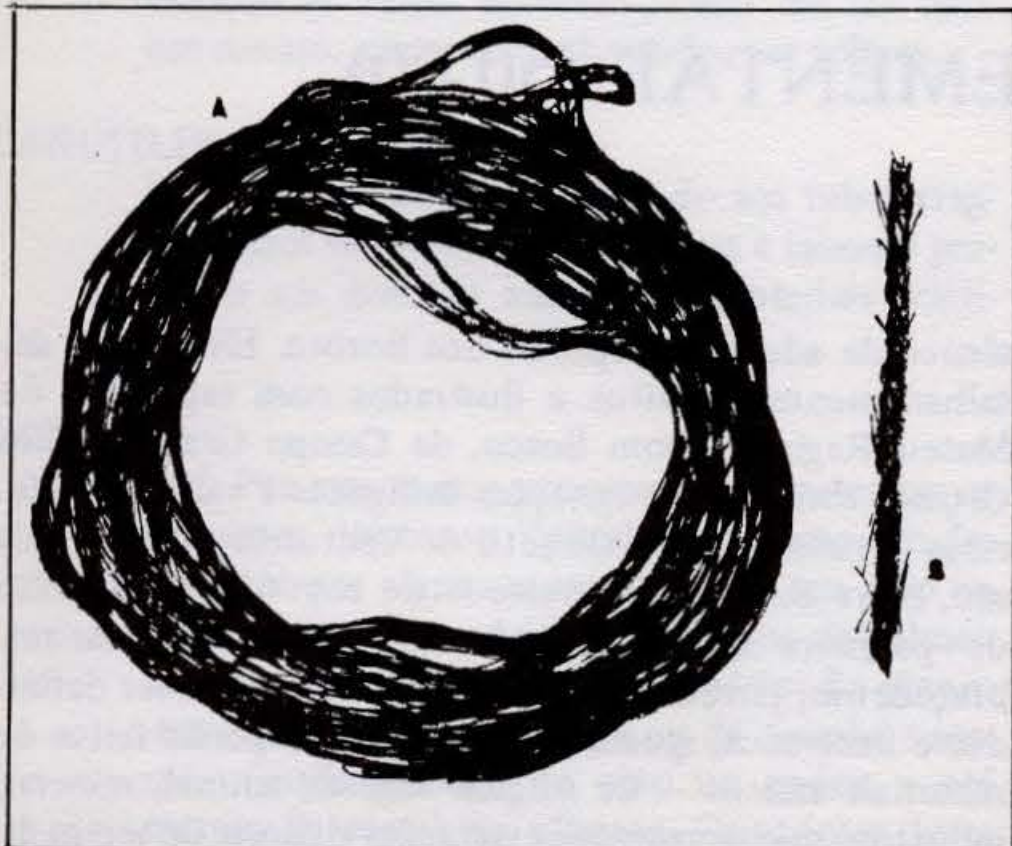
Def. Tubo afunilado, feito de folíolo de olho de palmeira, no qual se introduz a ponta das mechas de cabelo que pende nas costas. Encontrado entre os Tiriyó (Frikel 1973:176 est. 34b-c) e outros grupos Karib. Existem variantes ornadas de miçangas entre os Xarumá, que alcançam cerca de 15 cm de comprimento (ibidem), bem como tubos de taboca bem mais longos, entre os Waiwai.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Tubo pendente da cabeleira. Índios Tiriyó, *apud* Frikel 1973: 176 est. 34b-c. A. B. Vista da peça em dois ângulos. C. Peça com ornato plumário.

Tubo pendente da cabeleira. Índios Waiwai, M. N. nº 39.631. Esc. 1:6.

TURBANTE DE CABELOS HUMANOS

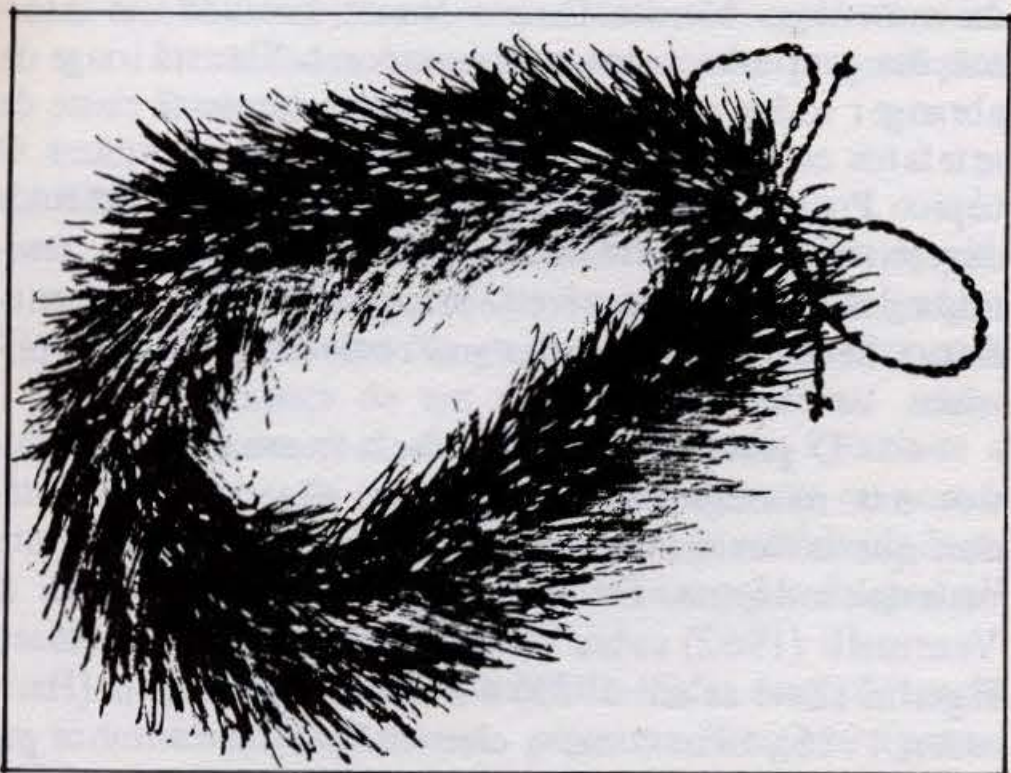
Def. Cordel de cabelos humanos, que alcança até 16 m de comprimento é usado como coroa ao redor da cabeça, ou no birote do occipício, pelos índios Borôro. (Albisetti & Venturelli 1962:419). Registrado também entre os Umotína.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

T. Rel. Turbante de pêlo de macaco

Turbante de cabelos humanos. Índios Borôro, M. N. nº 4.034. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe do fio.

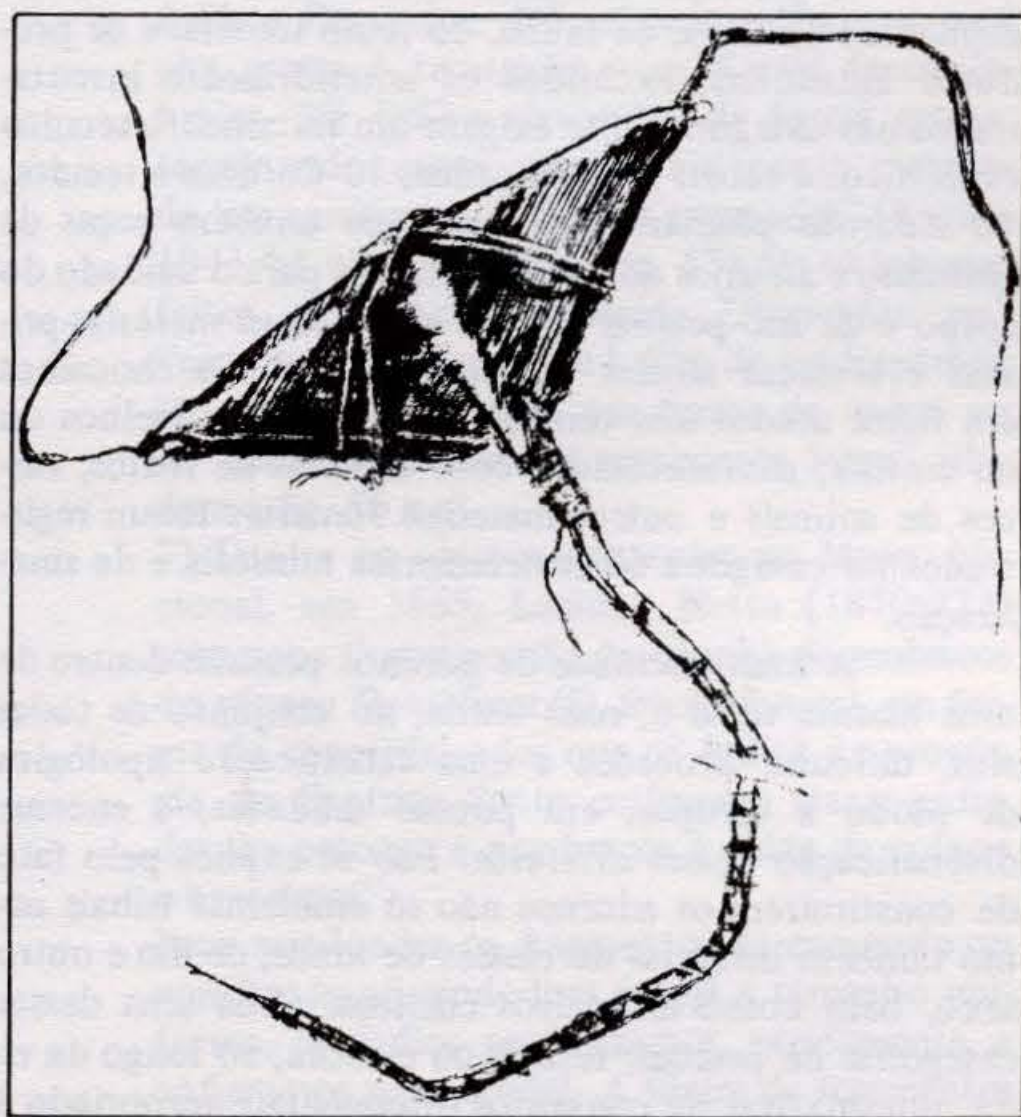
TURBANTE PÊLO DE MACACO

Def. Várias voltas de fio torcido de pêlo de macaco amarradas num ponto único entre si são usadas à maneira de coroa ao redor da cabeça ou no birote do occipício pelos índios Borôro. (Albisetti & Venturelli 1962:399). Ocorre também entre os Umotína.

T. Gen. Adornos de materiais ecléticos da cabeça (01)

Turbante pêlo de macaco. Índios Borôro, M. N. nº 3.444. Esc. 1:5.

ULURI

Def. Designação em língua bakairí, difundida por toda a área do alto Xingu, para uma minúscula tanga feminina. Consta de um triângulo de entrecasca de árvore, medindo os maiores 5,5 cm de largura por 2 cm de comprimento, de cujo vértice, voltado para baixo, pende um cordel perinal. O uluri é suspenso por um outro cordel atado a um cinto de fios que contornam as cadeiras.

T. Gen. Indumentária e arranjos de decoro (04)

Uluri. Índios Kalapálo, M. N. nº 35.766. Esc. 1:1.

VESTE PÚDICA

Use: ESTOJO PENIANO

50 ADORNOS DE MATERIAIS ECLÉTICOS, INDUMENTÁRIA E TOUCADOR

GLOSSÁRIO COMPLEMENTAR (50.00)

A presente categoria inclui adornos feitos de elementos da flora, da fauna, do reino mineral e de produtos industriais, excluídos os anteriormente inventariados nas categorias que exigem um tratamento técnico específico, a saber: 20 Trançados, 30 Cordões e tecidos, 40 Adornos plumários. Compreende também peças de vestuário e arranjos de decoro, objetos para o cuidado do corpo e de uso pessoal em que se emprega matérias-primas e técnicas alheias às acima citadas. Os chocalhos em fieira usados nos tornozelos, abaixo dos joelhos ou na cintura, manufaturados com cápsulas de frutos, cascos de animais e outros materiais sonantes foram registrados na categoria 60 Instrumentos musicais e de sinalização.

A multiplicidade de adornos pessoais dentro de uma mesma tribo e, mais ainda, no conjunto de todas elas, dificulta proceder a uma classificação tipológica de modo a agrupar, em poucas unidades, a enorme diversificação desses artefatos. Isso se explica pelo fato de constituírem os adornos não só emblemas tribais como também insígnias de classes de idade, de um e outro sexo, bem como distintivos clânicos. Cada uma dessas categorias de pessoas, recebe ou elabora, ao longo da vida, um enxoval de conjuntos ornamentais apropriado à sua condição social. Ele é tanto mais rico e variado quanto mais complexos forem a organização social e a encenação ritual de que os indivíduos participam desde o nascimento até as várias fases do ciclo de vida.

A exemplo do que fazem outros autores (Frikel 1973:163) deixamos de estabelecer uma distinção entre adornos cotidianos e os de ocasiões especiais, uma vez que não cabe no presente trabalho. Como se sabe, os adornos corporais – sejam os de cordéis e tecidos, trançados, os plumários ou os da presente categoria – possuem, a par do seu valor estético-decorativo, propriedades adicionais mágico-religiosas. Aqueles que, na bibliografia ou nos catálogos dos museus figuram como explicitamente de caráter mágico, ou seja, com caráter de amuletos, foram compendiados na categoria 90 Objetos rituais, mágicos e lúdicos.

Distinguimos indumentária de adorno embora seja difícil estabelecer os limites entre ambos. A tanga de sementes ou de miçangas, por exemplo, poderia figurar num ou noutro grupo. Colocamo-la no grupo do vestuário, uma vez que nele elencamos o que se costuma chamar "arranjos de decoro".

Para não sobrecarregar a nomenclatura e por não comparecerem, geralmente, nas coleções dos museus, deixaram de ser inventariados alguns itens do vasto elenco de adornos corporais dos Borôro. Eles foram detalhadamente descritos e ilustrados com espécimes do Museu Regional Dom Bosco, de Campo Grande, Mato Grosso, com suas designações indígenas e variantes referidas a subclãs, por Albisetti & Venturelli (1962). Tais são, entre outros, os ornatos feitos com folíolos do olho de palmeira usados como coroas, labretes, pulseiras, braçadeiras, jarreteiras e colares. Deixaram de ser definidos e ilustrados, igualmente, ornatos corporais feitos de materiais mistos – de origem vegetal, animal, mineral, industrial que apresentam variações difíceis de serem dicionarizadas. Deles damos apenas alguns exemplos. Por não comparecerem nas coleções de museus deixaram de ser desenhados – embora inventariados – alguns dos inúmeros adornos feitos com miçangas (bandoleiras, colares, pulseiras, jarreteiras) que substituiram os que eram feitos de sementes e coquinhos antes do contato com o branco.

No tópico Definições genéricas (50.01) explicitamos o que entendemos por materiais ecléticos e outros termos globalizantes. O tópico Matérias-primas (50.02) relaciona as que foram levantadas na bibliografia consultada, bem como as do fichário do Museu do Índio, da museóloga Marília Duarte Nunes, baseado nas informações prestadas pelos colecionadores. Ele está longe de abranger todas as substâncias empregadas nessa classe de artefatos compendiando, no entanto, as mais comuns. O tópico Processos de manufatura (50.03) ilustra a técnica de construção de artefatos tecidos com miçangas, resumida das fontes disponíveis. Informações sobre a manufatura de contas são dadas nas respectivas matérias-primas.

O presente capítulo baseia-se em dados recolhidos nas monografias etnográficas, anteriormente citadas, que incluem informações detalhadas sobre a cultura material indígena. De grande valia foram: Albisetti & Venturelli (1962) sobre os Borôro; o catálogo do Museu Pigorini (Zevi et alii 1983) e do Museu de Berlim (Hartmann 1986), bem como a classificação dos carimbos para pintura corporal de Baldus (1961-2), e a dos pentes do Pe. W. Schmidt (1942), que adotamos. Ao setor de malacologia, do Museu Nacional, devemos a identificação e atualização dos nomes científicos dos moluscos.

DEFINIÇÕES GENÉRICAS (50.01)

ADORNOS DE MATERIAIS ECLÉTICOS

Def. Compreendemos por essa expressão os objetos que ornamentam o corpo feitos de ma-

térias-primas da flora, fauna, minerais e produtos industriais, excluídos aqueles que, como os adornos plumários, os de cordame e tecidos e os trançados, foram inventariados nas respectivas categorias. Não obstante serem os atavios do presente elenco providos de cordéis, tecidos ou apêndices plumários, esses suportes ou complementos não representam a matéria ou a técnica fundamental. Por outro lado, o vocábulo "eclético" tem o propósito de enfatizar a combinação de várias matérias-primas em um mesmo ornato, presentes, sobretudo, em colares.

CANUTILHOS

Def. Esse vocábulo é reservado aos tubos fragmentados de ossos longos de aves e tabocas presentes em diversos adornos de materiais ecléticos.

CONTAS

Def. Por esse termo procuramos caracterizar os pequenos discos ou "pérolas" – como são designados por alguns autores – com um furo no centro feitos de endocárpio do coco de palmeira, principalmente das várias espécies do gênero *Astrocaryum*, de caramujo ou de concha nacarada (madrepérola), de osso ou pedra, e até mesmo de metal ou plástico. Quando se trata de contas de vidro ou porcelana empregamos a palavra miçanga.

MATÉRIAS-PRIMAS (50.02)

I. Matérias-primas de origem animal

ACÚLEOS DE OURIÇO CACHEIRO

O mamífero roedor ouriço cacheiro, da família dos Eretizontídeos, cuja denominação científica é *Coendou prehensis* (Albisetti & Venturelli 1962:672) fornece os acúleos com que são confeccionados inúmeros ornamentos pessoais dos Borôro.

CARAMUJO E CONCHA

1) Segundo Karl v.d. Steinen, os colares de plaquetas retangulares – especialidade dos grupos Karib do alto Xingu – são confeccionados com a carapaça de um caramujo *(Orthalicus melanostomus)*, da família Bulimulidae. "Fazia-se a perfuração com o dente do peixe-cão ou com o pequeno fuso rotatório em cuja extremidade se atava uma pequena lasca triangular de pedra" (Steinen 1940:225).

2) Os colares de contas discóides eram feitos de caramujo *Bulimus*, segundo Steinen, (posteriormente designado *Strophocheilus* e, atualmente, *Megalobulimus)*, um molusco gastrópode, cujo nome vulgar é caramujo-do-mato (R. v. Ihering 1968:204).

3) Os inúmeros adornos de concha dos índios Marúbo estão registrados no Museu do Índio, pelos seus colecionadores, sob o nome vulgar de aruá que, segundo Ihering (1968:112), designa vários caracóis de água doce do gênero *Ampullaria*.

4) Os colares de concha de madrepérola dos índios Xikrin são feitos de itã, informa Frikel (1968:73). "Itã é o nome que na Amazônia e no Nordeste se dá às conchas dos moluscos bivalves" (Ihering 1968:362), classificados como sendo dos gêneros *Glabaris* (atualmente *Anodontites)* e *Castalia*, pelo mesmo autor.

5) Os ornatos de madrepérola dos Borôro, bastante variados, incluindo colares, labretes, auriculares e outros, são confeccionados com a carapaça do caramujo do gênero *Corona* (família Bulimulidae), fotografado por Albisetti & Venturelli (1962:515).

6) As conchas fotografadas por Krause, entre os Karajá, reproduzidas na prancha 45 figs. 1a, b, c (1941-44 vol. 81) foram identificadas pelo Setor de Malacologia do Museu Nacional como sendo, respectivamente, dos gêneros *Callonaia*, *Leila* e *Paxyodon*. Do primeiro gênero – concha grossa e triangular – os Karajá fazem labretes "de brilho alvacento, de forma grossa, terminando quase sempre em ponta recurvada, ou apresentando formas arqueadas" (Krause 1941-44 vol. 81:188-9, fig. 55a-c); os labretes feitos de concha bicúspide *(Paxyodon* sp.) "caracterizam-se por um brilho de madrepérola, são chatos e estreitos, em forma de vareta ou de cunha com remate geralmente largo" (ibidem e fig. 56 a-c).

7) Dentre os objetos existentes no Museu Nacional, em 1865, Ladislau Netto (1870:273) menciona "uma porção de concha de moluscos do gênero *Dentalium (D. fasciculatum)*, em forma de cones delgados que os índios da província do Espírito Santo costumam trazer enfiadas ao pescoço e nos braços à guiza de colares e braceletes".

Para arredondar os fragmentos de caramujo ou concha, imprimindo-lhes forma e tamanho uniforme, os índios perfuram-nos, previamente, e enfiam-nos num cordel. A fileira de fragmentos quadrangulares é colocada numa calha de taquara, tendo as arestas polidas pacientemente com um seixo rolado ou um caco de cerâmica, rodando-se continuamente a fileira no interior da calha. Da mesma maneira são arredondados os fragmentos de osso ou coco tucum até adquirirem a forma de pequenos discos ou contas.

CARAPAÇA

A couraça do tatupeba e de outros tatus é usada para fazer bolsas, enquanto que as placas soltas da cauda desta e de outras espécies (família Dasipodídeos) são preparadas para servir de pulseiras. Da pele caudal do camaleão *(Iguana tuberculata)* e do teiú *(Tupinambis tequixin)* fazem anéis os Canela (Nimuendaju 1946:56) e os Karajá (Krause 1941-44 vol. 82:286).

COURO

Couro de onça *Felis onsa* L.) é empregado pelos Nambikuára para fazer capacetes (Roquette-Pinto 1917:187), pelos Borôro para braçadeiras (Albisetti & Venturelli 1962:317), pelos índios do alto Xingu e vários outros para fazer cintos ou fitas frontais. Para os mesmos fins

emprega-se alternativamente couro de jaguatirica ou maracajá *(Felis pardalis chibigouazou)*.

DENTES

Para escarificar a pele utiliza-se um triângulo de cuia *(Crescentia cujete)* que tem encravada uma série de dentes de peixe-cachorro, da família Caracídeos, subfamília Hidrocioníneos, com vários gêneros e espécies; ou os dentes do peixe traíra, subfamília Eritriníneos *(Erythrinus* sp.) (v. d. Steinen 1940:252). Também os dentes da cutia, roedor da família Caviídeos *(Dasyprocta aguti)* se prestam a esse fim. Dentes de mamíferos são amplamente empregados na confecção de colares e cintos, notabilizando-se os da onça, da família dos Felídeos *(Felis onsa)*, da jaguatirica *(Felis pardalis chibigouazou)*, macacos, da família dos Cebídeos, dentre os quais são mais citados, o macaco-prego *(Cebus apella* e *C. macrocephalus)*, os bugios ou guaribas, do gênero *Alouatta* (antigamente conhecido como *Mycetes)*. Dentes de queixada *(Tayassu albirostris)* e de caititu *(Tayassu tayassu)*, da família dos Suídeos são também largamente empregados na confecção de colares. Excepcionalmente são citados para esse fim dentes de jacaré, réptil da família Crocodilídeos, gênero *Caiman*.

ÉLITROS

As asas coriáceas iridiscentes de algumas espécies da ordem zoológica dos Coleópteros, bem como suas partes bucais mordentes (mandíbulas), são empregadas como arremate de diversos ornatos e também como colares em algumas tribos. Na bibliografia é mencionado apenas o gênero e a espécie *Euchroma gigantea* L. (Koch-Grünberg 1982 vol. 3:41) da família dos Buprestídeos, cuja designação vulgar é mãe-de-sol (Ihering 1968:428)

GALHAS DE INSETOS

Galhas ou cecídios, que são excrescências produzidas por insetos, em grandes quantidades, na porção inferior das folhas de *Licania cecidiophora* Prance (família Chrysobalanacea), constituem, a par das sementes de *Canna* spp., a matéria-prima favorita dos índios Aguarana (grupo Jívaro), e talvez de outros grupos, para a confecção de colares e bandoleiras. Segundo Prance (1986:133), de quem tomamos essas informações, as galhas são "de conformação redonda, com um orifício no meio, medem aproximadamente 4mm de diâmetro, têm cor chocolate escuro e são bastante regulares". Os colares mais fartos são constituídos por 40 fios entrelaçados com aproximadamente 130 cm de comprimento. Cerca de oito galhas cobrem um centímetro e uma vez que cada fio contém 1.040 exemplares, um colar de 40 voltas teria aproximadamente 41.600 galhas. (Prance 1986:133).

GARRAS

As unhas de felinos são empregadas para fazer coroas e colares entre os Borôro, Tapirapé e índios do alto Xingu. Em alguns colares aparecem também unhas de gavião. As do tatu canastra, da família dos Dasipodídeos *(Priodontes giganteus)*, são usadas nos peitorais dos Borôro e outras tribos.

OSSOS

Os pentes dos Tiriyó, Waiwai e outros grupos de língua Karib possuem um cabo de osso oco de macaco coatá (gênero *Ateles)* ou do urubu-rei *(Gypagus papa)*. Corta-se o osso longitudinalmente, enche-se com cerol e nessa abertura são embutidos os dentes do pente (Frikel 1973:159). Canutilhos de ossos são enfiados em cordéis para construir colares e pulseiras; fragmentos de ossos são colados sobre um aro de ouriço de castanha. Neste caso trata-se de ossos de mutum *(Crax* sp.) empregados pelos *Asuriní* para fazer pulseiras, os quais também perfuram e arredondam esses fragmentos para fazer contas dos colares. (B. Ribeiro 1982:49). Os Asuriní recortam ossos longos de anta *(Tapirus americanus)*, para imitar dentes incisivos e molares de macacos, na construção de colares (B. Ribeiro *op. cit.:* 49). Da mesma forma procedem outras tribos imitando dentes de felinos. Na manufatura de colares e pulseiras são empregados ainda: costelas e vértebras de cobras, pássaros e peixes. Ossos de jaguar pontiagudos e de outros animais de maior porte (veado, ema) são empregados como furadores de lábio, orelhas e septo nasal.

PÊLOS

Cintos, braçadeiras e coroas são feitos de pêlo de animais. Do pêlo do jupará, também conhecido como japurá ou "macaco da meia noite" *(Potos flavus,* antigamente *Cercoleptes caudivolvulos)*, da família dos Procionídeos, os índios do alto rio Negro fazem braçadeiras e a entramação da placa emplumada do occipício (Verthem 1975:17). Para o mesmo fim, isto é, entretecer adornos plumários, os grupos dessa região utilizam o pêlo do macaco cuxiú *(Pithecia satanas)* (ibidem). Da mesma matéria-prima os Nambikuára fazem cordas para atavios (Roquette-Pinto 1917:185). Os Umotína e Borôro fazem turbantes de pêlo de macaco não identificado; os Tiriyó e outros grupos Karib empregam o pêlo negro do macaco coatá (gênero *Ateles,* provavelmente *A. paniscus)* na confecção de cintos (Roth 1970:439; Frikel 1973:164).

RAQUES DE PENAS

A parte córnea, oca, das penas é enfiada em cordel para construir colares e pingentes. Os canutilhos são geralmente entremeados de sementes, miçangas, etc.

II. Matérias-primas de origem vegetal

BABAÇU *(Orbignya speciosa* (Mart.) Barb. Rodr.)

O endocárpio do coco dessa palmeira, seccionado ao meio e embebido no sumo de jenipapo misturado com carvão (feito de pau-marfim verdadeiro – *Agonandra brasiliensis* Miers – no caso dos Xikrin, segundo Frikel (1968:55),

serve para carimbar desenhos estrelários na pele. Este tipo de carimbo é registrado entre os Canela-Ramkokamekra por Nimuendaju (1946:54) e entre os Borôro por Albisetti & Venturelli (1962:75). Os folíolos do broto dessa palmeira, também conhecida como curuá, na Amazônia, como acuri, pindoba ou uauaçu, proporcionam a matéria-prima para os estojos penianos dos Borôro (Albisetti & Venturelli 1962:814). Os Nambikuára utilizam o coco da pindoba – que Roquette-Pinto (1917:187) registra sob o nome científico de *Attalea speciosa* – para fazer pulseiras.

BÁLSAMO DE TOLÚ *(Myroxylon toluifera* H. B. K.)
Família das leguminosas pipilionáceas. Roth (1970:434) identifica as sementes de colares usados pelas mulheres Wapitxâna como sendo desse gênero e espécie.

BAMBU
Uma espécie de bambu de tamanho médio é usada para fazer os tubos para prender os cabelos dos Waiwai e outros grupos Karib. (Yde 1965:86). O autor menciona a planta *Cuatrecasea spruceana* para esse fim. *(op. cit.*:93).

CABAÇA AMARGOSA *(Lagenaria vulgaris* Ser.)
A casca do pequeno fruto elipsóide cortada ao meio, em sentido transversal, é empregada como arremate dos pingentes de sementes e miçangas de diversos adornos. Planta da família das Cucurbitáceas.

CANA DA ÍNDIA *(Canna indica* Lind.)
Família das Canáceas, também conhecida como bananeirinha da Índia. Fornece sementes pretas globosas, muito duras, empregadas na confecção do sobrecinto das índias Urubus-Kaapor (informação pessoal de William Balée). Essa matéria-prima é largamente empregada por outras tribos para ornatos diversos.

CASTANHA DO PARÁ *(Bertholletia excelsa* H. B. K.)
O ouriço, ou cápsula lenhosa que contém as castanhas é cortado em círculos usados para pulseiras. O óleo da castanha é empregado na pintura facial e corporal e para lustrar os adornos do endocárpio do tucum. (Yde 1965:87). O ouriço é empregado como receptáculo para produtos de toucador.

CASTANHA SAPUCAIA *(Lecythis* sp.)
O ouriço dessa árvore grande e volumosa é empregado como recipiente para tinta ou óleo usados no cuidado do corpo. Planta da família das Lecitidáceas.

CAXIRAMA *(Bactris chloracantha* Poepp.)
Família das palmáceas. "Os caroços são usados como enfeites pelos indígenas" (Le Cointe 1947:339).

COMADRE DE AZEITE *(Omphalea diandra* Aubl.)
Família das Euforbiáceas. Os Tiriyó e outros grupos Karib fazem colares das sementes desse fruto esférico, de 10 a 14 cm de diâmetro, amarelo, deiscente, contendo três a quatro sementes cujas amêndoas são oleaginosas. Cf. Roth 1970: 434; Le Cointe 1947:151).

CORAÇÃO DA ÍNDIA *(Cardiospermum microcarpum* H. B. K.)
Família das Sapindáceas. Erva cultivada no quintal e nas roças empregada na feitura dos brincos com arremate de plumas pelos índios Araweté (informação pessoal de William Balée).

INAJÁ *(Maximiliana martiana* Karst.)
Palmácea, cujo coco marrom claro é empregado para fazer anéis e figuras escultóricas para colares por diversas tribos.

LÁGRIMA DE NOSSA SENHORA *(Coix lacryma-jobi* L.)
Erva da família das Gramíneas que alcança até 2 m de altura. "Os frutos esbranquiçados, ligeiramente azulados, lustrosos, são usados pelos índios e pelas populações do interior na confecção de ornamentos, colares, rosários, etc." (Silva et alii 1977:51). Essa planta, nativa do Velho Mundo, aclimatizou-se na América tropical (Glenboski 1975:125).

LÍBER
Entrecasca de árvore das famílias Lecitidáceas, Sterculiáceas, e Moráceas. Na Amazônia, o líber (ou tapa) é conhecido sob a alcunha de tururi. É empregado pelos índios para a indumentária cotidiana e, sobretudo, a ritual de dança, para fazer painéis decorativos para divisórias das malocas, escabelos, aventais pintados masculinos, tipóias, saquinhos, etc. O método de preparo é descrito com detalhes por Gastão Cruls (1952:94), como segue: "O processo (de obtenção) consiste em raspar primeiro a epiderme da casca de uma árvore ainda de pé, de maneira a colocar à mostra a sua parte interior, branca e mais tenra. Depois faz-se nessa uma incisão longitudinal, maior ou menor, mas que, em profundidade atinja apenas a superfície do lenho e, a seguir, duas outras transversais, partindo dos dois extremos da primeira e abrangendo a circunferência do tronco. Assim, dada a distância entre os dois cortes transversais e paralelos e tomada em consideração a grossura do tronco, ter-se-á um pano retangular de tamanho proporcional àquelas. Entre os lábios da ferida longitudinal o operador introduz então uma espátula de madeira, que age à maneira de cunha, e com a qual, a golpes delicados, para não ferí-la, vai destacando a estopa. Uma vez conseguida esta, é logo – enquanto ainda úmida – aberta sobre um plano duro e horizontal, e submetida a demorado processo de batimento, feito com o auxílio de um macete, também de madeira, e que apresenta, na superfície cilíndrica, vários entalhes ao comprido. Essa operação visa a fazer com que o primitivo pano, sempre grosso e de aspecto esponjoso, pela desagregação das fibras, dispostas em camadas regulares, se desdobre em uns tantos panos, já

então de natureza mais delgada. São estes que, depois de secos ao sol, vão servir à confecção dos vários artefatos. Por vezes, como no caso das máscaras, os panos, enquanto úmidos, já são moldados nas várias formas que deverão tomar, e só depois é que são levados à secagem. Quando se desejam peças inteiriças, em forma de manga ou cilindro, e é ainda o caso das máscaras e das roupas, então se torna necessário abater a árvore para conseguir um bom toro e praticar a operação de desprendimento da entrecasca, não por meio do corte longitudinal, mas pelo rebordo da superfície de secção".

No alto rio Negro é a caxinguba *(Ficus anthelminthica* Mart.), uma Morácea do subgênero *Pharmacosycea* que fornece o líber para a feitura das indumentárias de dança; entre os Tukúna emprega-se, para o mesmo fim, a *llanchama* branca *(Ficus radula* Willd (também *Pharmacosycea radula* Liebm.) e a *llanchama* vermelha *(Poulsenia armata* (Miq.) Standl.), ambas da família das Moráceas, segundo Glenboski (1975:112, 113). Da família das Sterculiáceas, Le Cointe (1947:475) menciona o tururi propriamente dito, do gênero *Sterculia*. Os Waiwai extraem o líber da copaíba *(Copaifera multijuga* Hayne) (ou *Copaifera pubiflora)* (Yde 1965:86), e os Borôro do pau-de-jangada, da família das Tiliáceas.

Consulte: 80 Utensílios e implementos de madeira e outros materiais, e 90 Objetos rituais, mágicos e lúdicos, Glossários complementares.

MULUNGU *(Erythrina cristagalli* L.)
A semente do mulungu, vermelha com pinta preta, é utilizada para fazer colares pelos índios Pankararu. Para isso esquentam um arame e furam a semente. A árvore pertence à família das Leguminosas papilionoideas. (Informação da índia Pankararu Quitéria Maria de Jesus).

MUMBACA *(Astrocaryum mumbaca* Mart.; *Bactris* sp.)
Família das Palmáceas. As cascas do coco partidas ao meio são usadas pelos Kashuyéna nos pingentes de miçangas arrematados por penas (Yde 1965:91).

OURICURI *(Cocos coronata* M.)
Os Pankararu, de Pernambuco, empregam o coquinho dessa palmeira para fazer colares. O fio utilizado é da fibra do ouricuri.

PAXIÚBA BARRIGUDA *(Iriartea ventricosa* Mart.)
Família das Palmáceas. Os palitos dos pentes de diversas tribos são constituídos das raízes aéreas dessa palmeira. Com o mesmo objetivo emprega-se a nervura da folha dessa e de outras palmeiras (inajá, bacaba). Uma vareta de paxiúba com pendentes de miçangas e cascas de frutos arrematadas por plumas é introduzida no centro do disco de madeira do botoque Xikrin.

PERIQUITEIRA DA MATA *(Cochlospermum orinoccense* (H. B. K.) Stend)
Família das Coclospermáceas. Árvore mediana freqüente nas capoeiras de terra firme. Sementes helicoidais com pêlos longos são preparadas para uso em colares pelos índios Araweté (informação pessoal de William Balée).

TENTO
"Nome em geral aplicado às espécies *Ormosia*, com sementes geralmente coloridas (bicolores), brilhantes" (Silva et alii 1977:196). A propósito do seu emprego pelos Tiriyó, informa Frikel (1973:168): "Ocasionalmente, também fazem colares de *wétao*, conhecido como "tento". Embora tenham uma cor vermelha viva com uma cabecinha preta, não são muito procuradas, por serem extremamente duras. Para prepará-las, são primeiro cozidas, perfuradas e depois enfiadas". Da mesma forma preparam os Waiwai as sementes de um arbusto não identificado para fazer colares e tangas. Elas são colhidas verdes, cozidas durante muitas horas, e depois postas a secar no sol, adquirindo cor castanha. São furadas com arame, enfiadas com agulhas e tecidas em tear-em-arco, a exemplo das tangas de miçangas. (Informação pessoal de Catherine Howard).

TENTO AMARELO *(Ormosia excelsa* Benth)
Família das leguminosas papilionáceas. "Frutos com sementes unicolores, amarelo-alaranjado pálido, com pouco brilho" (Silva et alii 1977: 196). São usadas por diversas tribos para fazer colares.

TENTO GRANDE *(Ormosia nitida* Vog.)
Da família Leguminosas papilionáceas. "Fruto (vagem) oblongo e comprimido, contendo 1-3 sementes grandes, vermelhas ou bicolores, que os índios utilizam na confecção de colares e outras aplicações" (Pio Correa 1978 vol. VI: 223). Sinônimos: olho-de-cabra, olho-de-onça, olho-de-pato, jandu. Essa espécie é citada por Lévi-Strauss (1986:38) como matéria-prima para colares.

TENTO PEQUENO *(Rhynchosia phaseoloides* DC.)
"Fruto vagem com sementes bicolores (vermelho e preto), ligeiramente comprimidas lateralmente". (Silva et alii 1977:197). Essa espécie é citada sob o nome vernáculo de "olho-de-pombo" para fazer colares pelos Borôro (Albisetti & Venturelli 1962:870).

TIRIRICA *(Scleria pratensis* Lindl.)
As sementes dessa erva graminiforme, da família das Ciperáceas, conhecida também como capim tiririca ou capim navalha, são largamente empregadas pelos grupos Timbíra em seus adornos pessoais. "Para perfurá-las, é necessário submetê-las a um polimento com uma pedra de amolar num único ponto. Isto se faz com a ajuda de um fragmento de cabaça que tenha uma abertura na medida certa para conter a curva-

tura da semente, a qual se projeta para fora quando colocada no orifício". (Nimuendaju 1946:55).

TUCUM (*Astrocaryum* spp.)
Do coco de diversas espécies dessa palmeira, os Tukúna e outros grupos esculpem figurinhas para colares e anéis. Da fibra fazem-se os cordões para as enfiadas.

TUCUM-MIRIM (*Bactris* sp.)
Família das palmáceas. O coco dessa palmeira foi identificado num colar dos índios das Guianas (M.N. nº 8.215).

URICURI (*Scheclia excelsa* Carst.)
Família das palmáceas. O coco dessa palmeira foi identificado em colares dos índios Tukúna (M. N. nº 40.741).

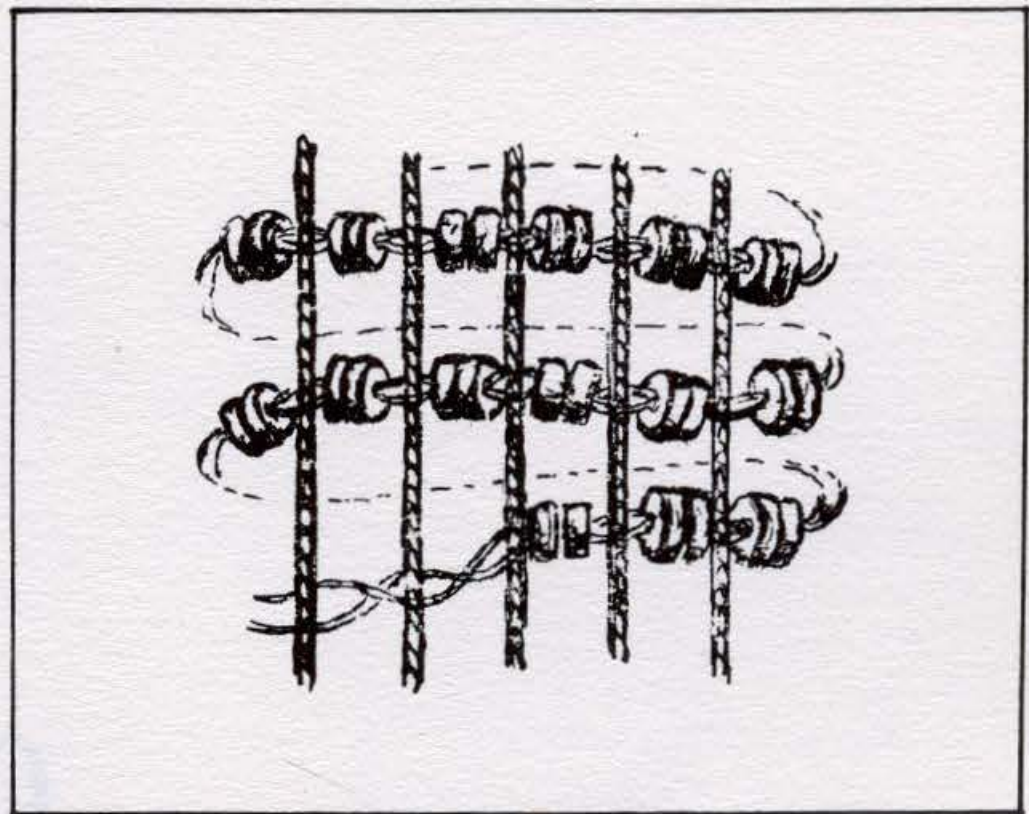
(?) *Dacryodes* sp
Árvore com pequenas sementes, cujas cascas lenhosas marrons são cortadas ao meio, assumindo a forma de sinos apensos às tangas femininas de miçangas ou de sementes, sendo encastoadas com tufos de plumas. (Yde 1965:86).

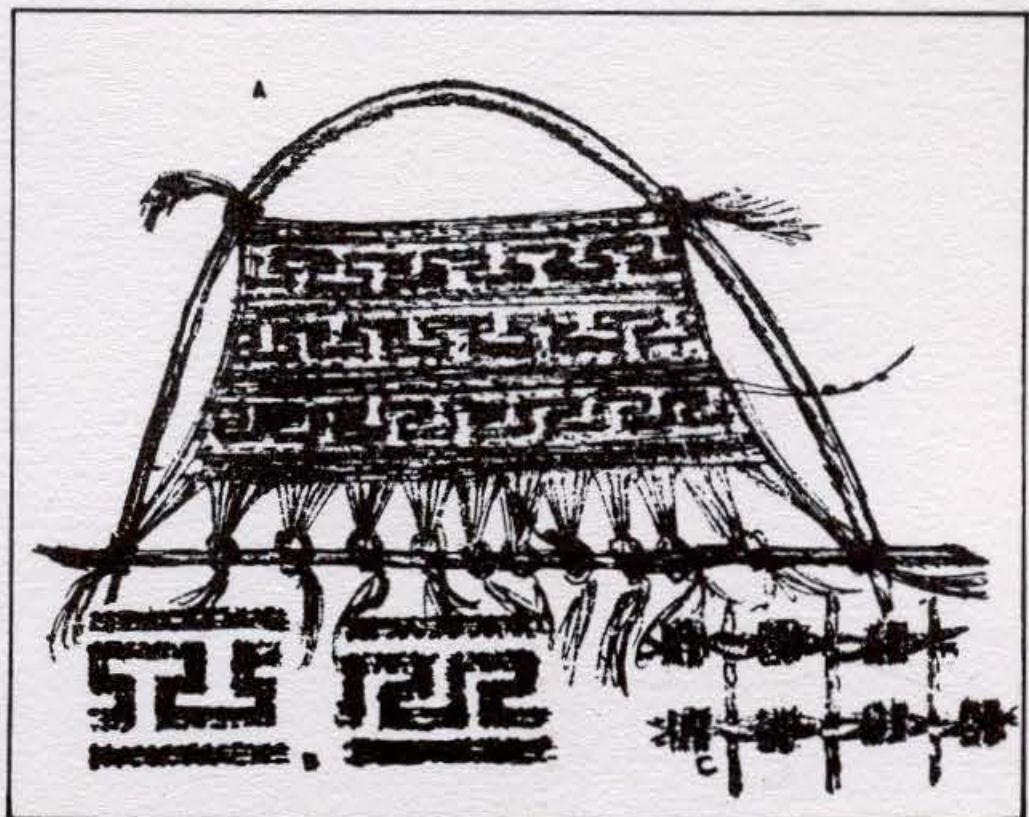
(?) *Lucuma* sp.
Roquette-Pinto (1917:187) informa que os Nambikuára utilizam as sementes de uma Sapotácea (*Lucuma* sp.) e de uma Ciperácea (não identificando o gênero) para fazer colares.

III. Matérias-primas de origem mineral
Segundo estudo de Ladislau Neto (1877:36), os tembetás eram feitos, em sua maior parte de "... nefrita, beril, quartzo hialino, ortrose verde, isto é, rochas de um colorido mais ou menos verdacento cuja dureza deveria exigir esforços inusitados por parte do artesão que não tinha outros instrumentos que o saibro e a água e algumas folhas silicosas de nossas florestas, e cujo mecanismo era o frotamento do saibro ou o dessas mesmas folhas, empregadas durante vários anos contra o objeto que se desejava transformar numa preciosa jóia" (Netto 1877:36). Para a manufatura das contas de pedra, os minerais empregados são: granito, gnaisse, diabásio, primordialmente, e sílex, no Sul.

IV. Matérias-primas de origem humana
Como resultado de espólios de guerra, alguns grupos indígenas empregavam dentes humanos para fazer colares. Com cabelos humanos, os Borôro, Umotína e outros grupos fazem turbantes de cordas enroladas em volta da cabeça, ou como arremate dos labretes.

PROCESSOS DE MANUFATURA (50.03)

CINTO DE MIÇANGAS
Def. A urdidura, composta de uma série de cordéis de algodão mais grossos que os da trama, é montada em tear amazônico, isto é, com urdume na vertical. A entramação se processa por meio de dois fios que, após enlaçar o elemento da urdidura e ensartar duas miçangas, se entrecruzam segundo a técnica de entretorcer. A alternância de cores e a disposição das contas de vidro permitem desenvolver desenhos ornamentais provenientes do trançado, enriquecidos daqueles passíveis de efetuar-se com este tipo de material.
Consulte: 30 Cordões e tecidos. Glossário complementar.

Processo de manufatura do cinto de miçangas. Índios Taulipáng, *apud* Koch-Grünberg 1982:34 prancha III fig. 4. Esc. 1:2.

TANGA DE MIÇANGAS
Def. A tecedura das tangas de miçangas (ou de sementes) se processa em tear em arco (ou tear tipo Ucaiali). Monta-se o urdume na urdideira superior e amarram-se as pontas soltas, em grupos, na urdideira inferior. As enfiadas de miçangas são entramadas da maneira descrita para o cinto de miçangas. No bordo inferior, o urdume é deixado solto em forma de franja.
Consulte: 30 Cordões e tecidos. Glossário complementar.

Tanga de miçangas em processo de manufatura. Índios Waiwai, M.N. nº 41.161. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do motivo decorativo. C. Entramação das miçangas.

60

INSTRUMENTOS MUSICAIS E DE SINALIZAÇÃO

60

INSTRUMENTOS MUSICAIS E DE SINALIZAÇÃO

GRUPOS GENÉRICOS

Nº	Grupo
01	Aerofone
02	Cordofone
03	Idiofone
04	Membranofone

AEROFONE (01)

Def. Instrumentos que produzem som mediante a vibração do ar soprado no interior de um receptáculo (instrumentos de sopro) ou através da vibração do ar, quando postos a girar em torno de seu eixo (aerofones livres, como os zunidores). Os instrumentos de sopro podem ser feitos de madeira, taquara, barro, etc.; foram classificados como flautas e apitos, trompetes e instrumentos de palheta. Os zunidores são feitos geralmente de madeira.

Uso: instrumento musical e sonoro.

T. Esp. Aerofone de palheta
Apito de cabaça
Apito de cerâmica
Flauta com aeroduto externo
Flauta de pã
Flauta dupla com aeroduto externo
Flauta globular com aeroduto externo
Flauta globular sem aeroduto
Flauta nasal
Flauta reta com aeroduto
Flauta reta de osso
Flauta reta sem aeroduto
Flauta reta sem orifícios
Flauta transversa com orifícios
Flauta transversa sem orifícios
Trompete poliglobular
Trompete politubular
Trompete reto
Trompete transverso
Trompete transverso de cerâmica
Zunidor

CORDOFONE (02)

Def. Instrumentos que produzem som mediante a vibração de uma ou mais cordas estendidas entre dois pontos fixos.

Uso: instrumento musical

T. Esp. Arco de boca
Arco musical
Viola

IDIOFONE (03)

Def. Instrumentos que soam mediante a vibração da própria matéria de que são feitos.

Uso: Instrumentos sonoros e de sinalização.

T. Esp. Bastão maciço de ritmo
Bastão oco de ritmo
Chocalho de vara
Chocalho em cacho
Chocalho em fieira
Chocalho globular
Chocalho tubular
Chocalho tubular duplo
Idiofone de fricção
Lança-chocalho
Paus entrechocantes
Reco-reco
Sistro
Taça-chocalho de cerâmica
Tambor de carapaça
Tambor de fenda
Tambor de madeira oca
Tambor de tábua de madeira

MEMBRANOFONE (04)

Def. Instrumentos dotados de membrana e caixa de ressonância que soam quando percutidos.

Uso: instrumento sonoro.

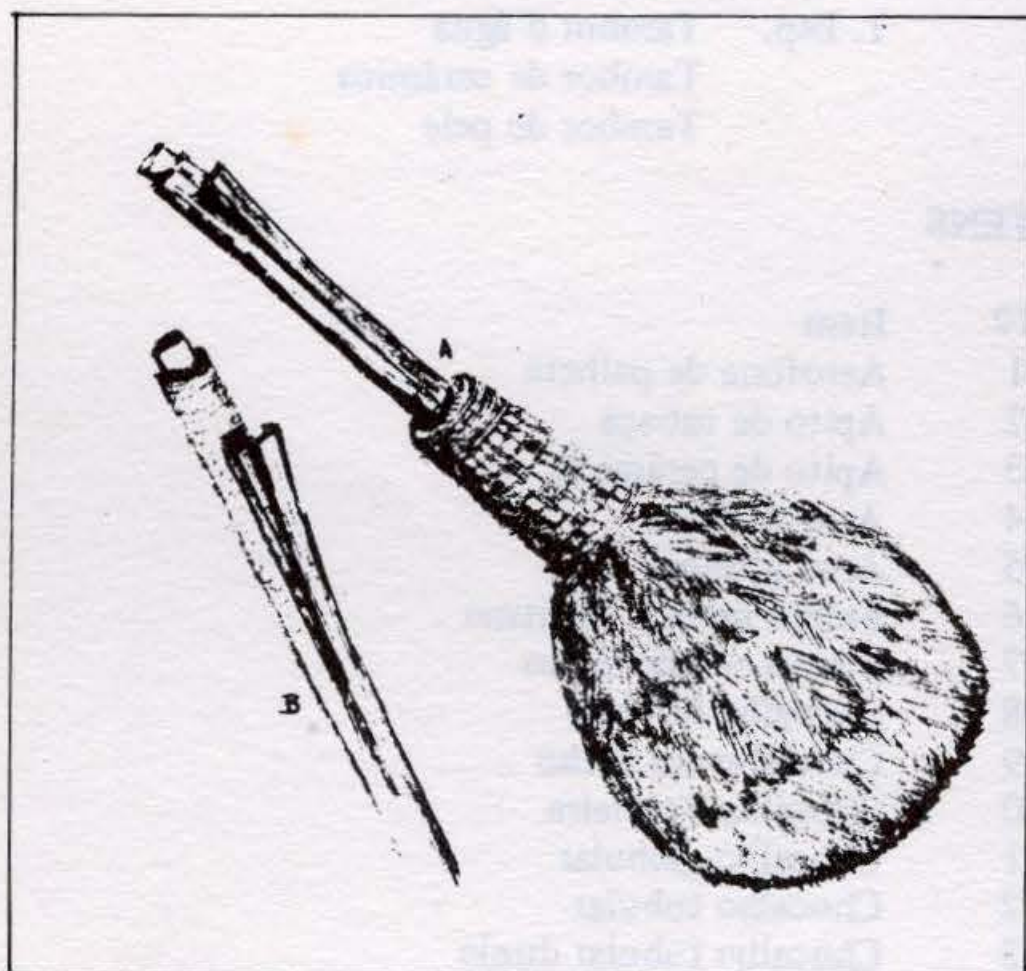
T. Esp. Tambor d'água
Tambor de cerâmica
Tambor de pele

ITENS

Nº	Item
01	Aerofone de palheta
02	Apito de cabaça
03	Apito de cerâmica
04	Arco de boca
05	Arco musical
06	Bastão maciço de ritmo
07	Bastão oco de ritmo
08	Chocalho de vara
09	Chocalho em cacho
10	Chocalho em fieira
11	Chocalho globular
12	Chocalho tubular
13	Chocalho tubular duplo
14	Idiofone de fricção
15	Flauta com aeroduto externo

16 Flauta de pã
17 Flauta dupla com aeroduto externo
18 Flauta globular com aeroduto externo
19 Flauta globular sem aeroduto
20 Flauta nasal
21 Flauta reta com aeroduto
22 Flauta reta de osso
23 Flauta reta sem aeroduto
24 Flauta reta sem orifícios
25 Flauta transversa com orifícios
26 Flauta transversa sem orifícios
27 Lança-chocalho
28 Paus entrechocantes
29 Reco-reco
30 Sistro
31 Taça-chocalho de cerâmica
32 Tambor d'água
33 Tamor de carapaça
34 Tambor de cerâmica
35 Tambor de fenda
36 Tambor de madeira oca
37 Tambor de pele
38 Tambor de tábua de madeira
39 Trompete poliglobular
40 Trompete politubular
41 Trompete reto
42 Trompete transverso
43 Trompete transverso de cerâmica
44 Viola
45 Zunidor

AEROFONE DE PALHETA

Def. Instrumento de palheta feito de um tubo estreito de taquara acoplado a um ressonador por meio de outro tubo pequeno ligado com cera. A palheta é talhada lateralmente na taquara ou introduzida no orifício superior perfurado.
T. Gen. Aerofone (01)
V. tb. Definições genéricas (60.01)

Aerofone de palheta. Índios Borôro, M.N. nº 38.421. Esc. 1:2,5.
A. Vista da peça. B. Detalhe da palheta.

APITO

Def. Flauta globular sem aeroduto, com ou sem orifícios de digitação. É construída de materiais de forma naturalmente arredondada ou nos quais se possa imprimir essa forma: frutos, conchas, cerâmica, madeira. O sopro do ar, dirigido contra um gume em um orifício no corpo do instrumento, produz som. Quando não dispõe de outros orifícios para digitação, produzindo um único som, esse tipo de flauta é chamado apito. Recebe a mesma designação, embora com orifício, se for usado como sinalizador. Apitos, usados freqüentemente como colares nas viagens para chamar os companheiros, ou como pio para atrair animais de caça, não são exatamente instrumentos musicais, mas sim instrumentos sonoros de sinalização. Integram o grupo dos aerofones.

APITO DE CABAÇA *(Gourd whistle,* i.)

Def. Flauta sem aeroduto, provida ou não de orifícios, de forma geralmente arredondada, usada como sinalizador para chamar companheiros em viagens ou como arremedo para atrair animais de caça. Para isso o apito pende de um colar.
Sin. Pio de cabaça
T. Gen. Aerofone (01)
T. Rel. Apito de cerâmica
Flauta globular sem aeroduto

Apito de cabaça. Índios Kaiwá, M.N. nº 33.649. Esc. 1:1.

APITO DE CERÂMICA

Def. Instrumento de cerâmica em que uma corrente de ar dirigida contra um gume do receptáculo faz o ar vibrar dentro dele, produzindo som. Distingue-se da flauta por produzir um único som. É modelado, às vezes, em forma de animal ou vegetal e usado para comunicação humana e/ou para imitar o pio de aves ou o grunhido de outros animais.
Sin. Pio de cerâmica
T. Gen. Aerofone (01)
T. Rel. Apito de cabaça

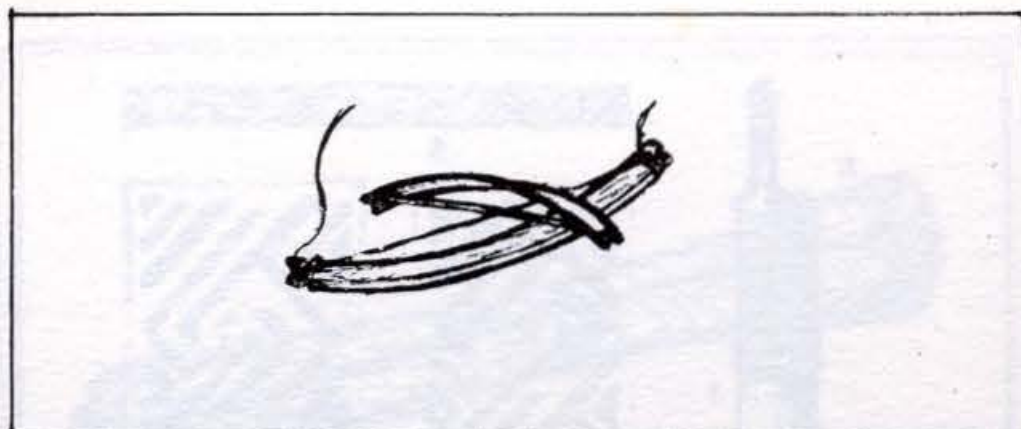
Apito de cabaça preso a colar emplumado. Índios Apinayé, M.N. nº 25.643. Esc. 1:2.

Apito de cerâmica. Índios Tukúna, M.N. nº 33.475. Esc. 1:1, Representa um tracajá.

ARCO DE BOCA *(Arc musical à bouche,* f.)

Def. Arco musical. A caixa de ressonância, que amplia o som, é a boca do executante. Ele segura a vara entre os dentes ou deixa vibrar a corda na abertura da cavidade da boca com a vara voltada para fora. A corda é friccionada por outro arco, de pequenas dimensões (no caso do exemplo abaixo). Embora de difícil aprendizagem, é comum entre os Kaiwá e outros grupos indígenas.

T. Gen. Cordofone (02)

T. Rel. Arco musical

Arco de boca. Índios Kaiwá, M.N. nº 33.644. Esc. 1:7,5.

ARCO MUSICAL *(Musical bow,* i.; *arc musical,* f.; *arco musical,* e.)

Def. Vara flexível curvada em arco, com uma corda amarrada aos dois extremos e uma caixa de ressonância. É tocada com um bastão, percutindo ou friccionando; ou então vibrada com as unhas ou palhetas, ou, ainda, soprada.

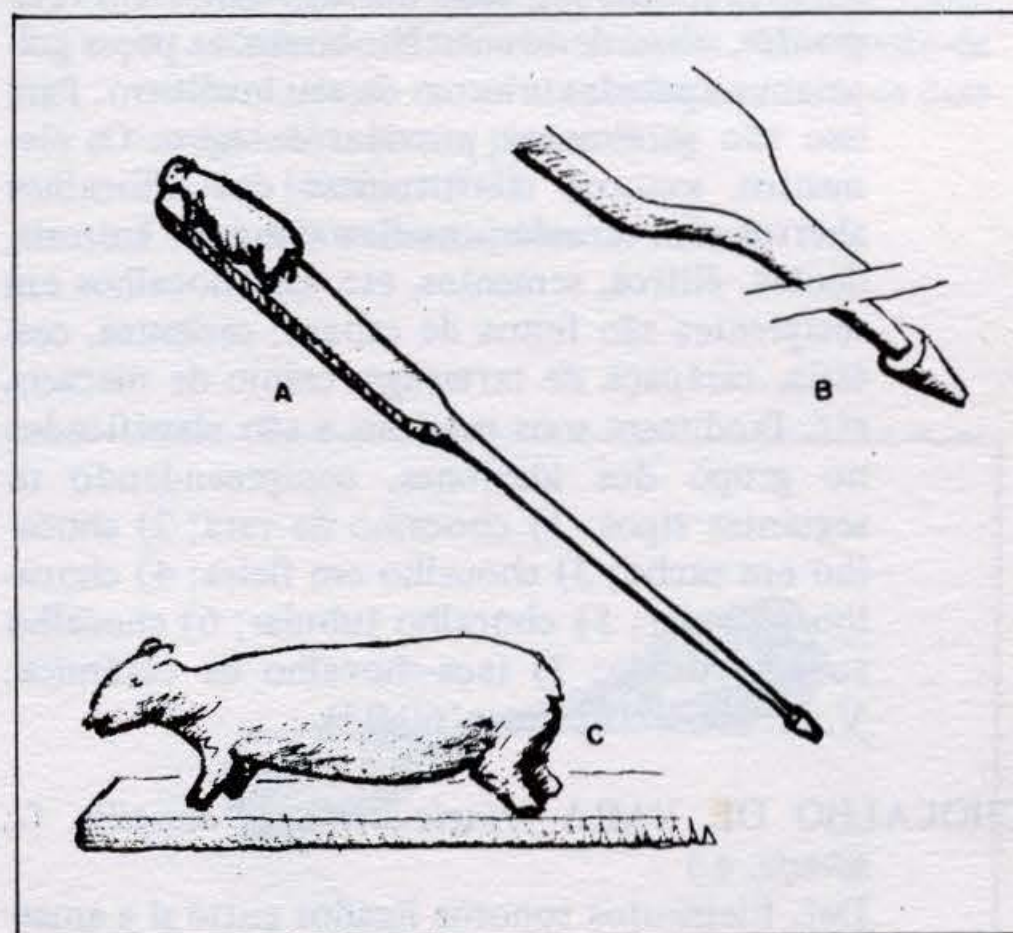
T. Gen. Cordofone (02)

T. Rel. Arco de boca

BASTÃO MACIÇO DE RITMO

Def. Vara maciça de madeira leve, com ornato escultórico, percutida verticalmente contra o solo. O bastão maciço de ritmo pode ter chocalhos em fieira amarrados no corpo do instrumento que lhe acrescentam efeitos sonoros.

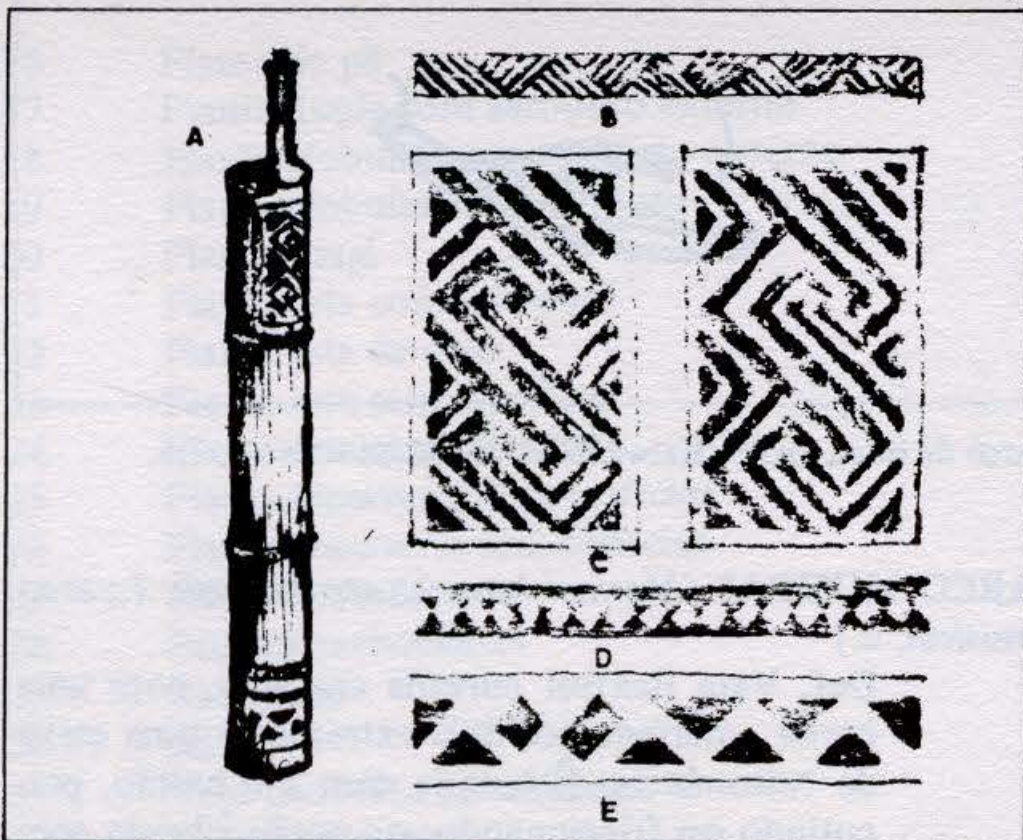
T. Gen. Idiofone (03)

T. Rel. Bastão oco de ritmo

Bastão maciço de ritmo. Índios Tukúna, M.N. nº 33.386. Esc. 1:20. A. Vista da peça. B. Detalhe da extremidade inferior. C. Detalhe da escultura decorativa.

BASTÃO OCO DE RITMO *(Stamping tube,* i.; *bâton de rythme,* f.; *baston ritmico* ou *pisón,* e.)

Def. Tubo oco de madeira leve ou bambu percutido verticalmente contra o solo. O instrumento tem a sonoridade ampliada pelo ressonador formado no interior do tubo, ou por material sonante adicional.

T. Gen. Idiofone (03)

T. Rel. Bastão maciço de ritmo

Bastão oco de ritmo. Índios Baníwa, M.N. nº 20.389. Esc. 1:20. A. Vista da peça. B. C. D. E. Detalhe da decoração de cima para baixo.

CARACAXÁ

Use: RECO-RECO

CHOCALHO

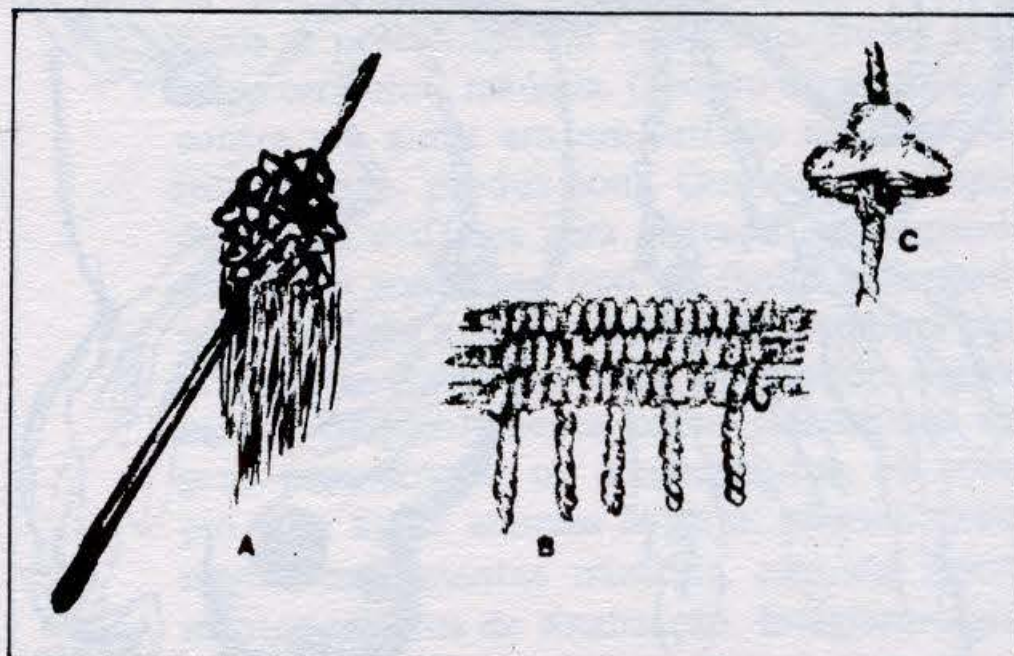
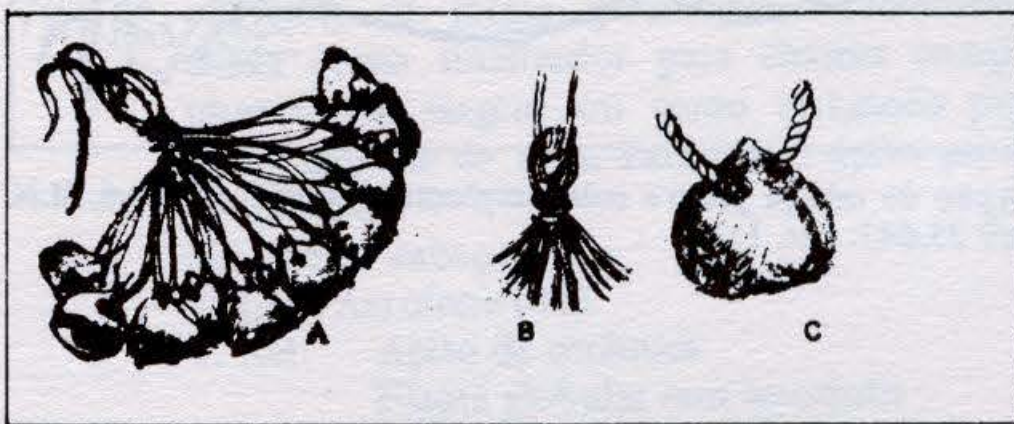
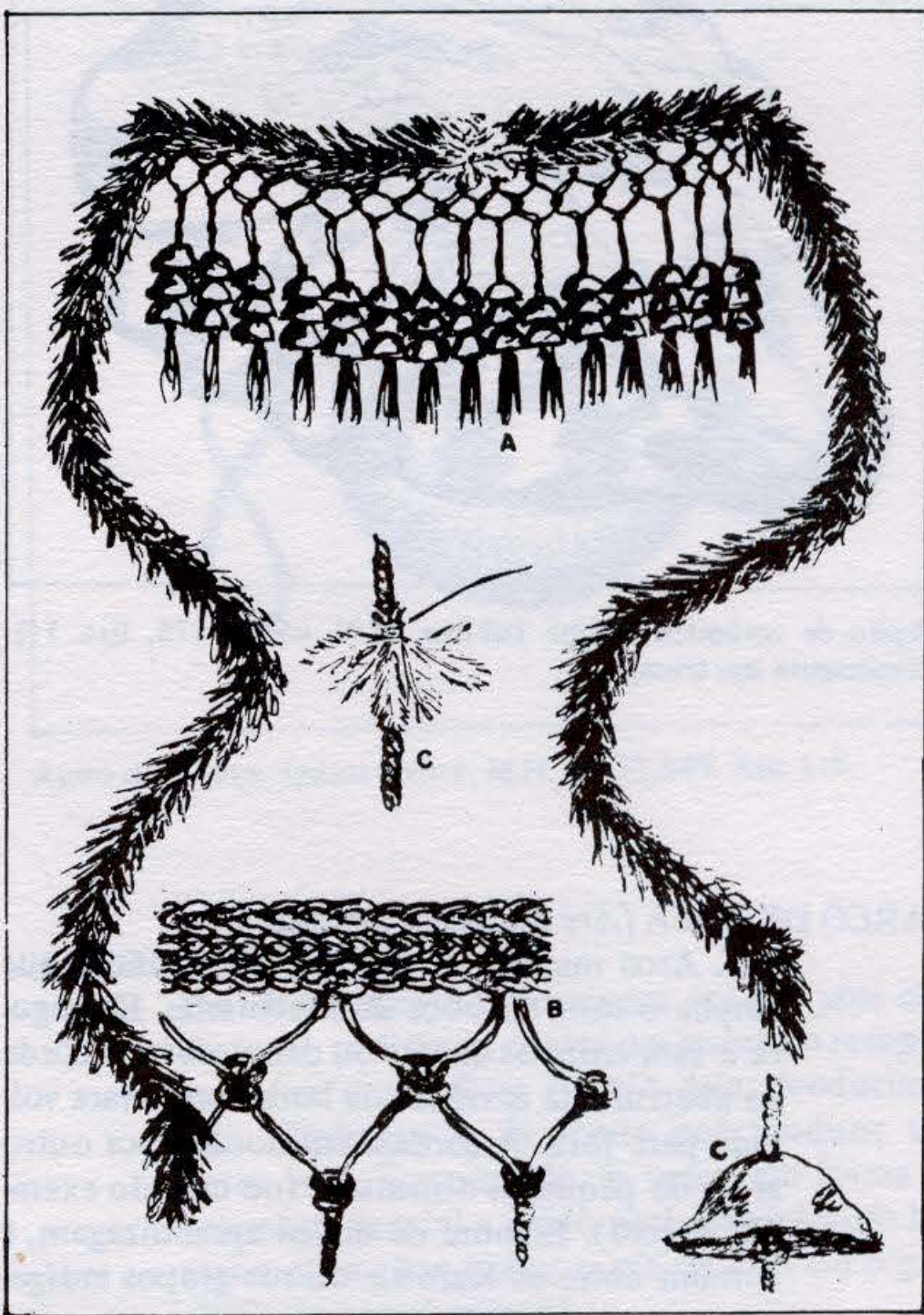
Def. Dividem-se em dois grandes grupos: chocalhos abertos e chocalhos em recipientes. No caso dos chocalhos abertos, várias peças sonoras são amarradas com cordéis em forma de fieira, de cacho ou ao longo de uma vara, entrechocando-se quando sacudidas pelo corpo ou a mão do executante. No caso dos chocalhos em recipientes, além de se entrechocarem, as peças golpeiam as paredes internas de seu invólucro. Para isso são geralmente providas de cabo. Os elementos sonoros constituintes dos chocalhos abertos são: caracóis, cascos e unhas de animais, dentes, élitros, sementes, etc. Os chocalhos em recipientes são feitos de cabaça, cerâmica, cestaria, carapaça de tartaruga, crânio de macaco, etc. Produzem sons musicais e são classificados no grupo dos idiofones, compreendendo os seguintes tipos: 1) chocalho de vara; 2) chocalho em cacho; 3) chocalho em fieira; 4) chocalho globular; 5) chocalho tubular; 6) chocalho tubular duplo; 7) taça-chocalho de cerâmica.
V. tb. Matérias-primas (60.02)

CHOCALHO DE VARA *(Jingle-rattle,* i.; *sonaille,* f.; *sonaja,* e.)

Def. Elementos sonoros ligados entre si e amarrados em torno de uma vara que serve de cabo. As peças sonoras se entrechocam, quando sacudidas pelo executante, ou quando percutidas contra o solo. São constituídas, geralmente, de frutos secos ou cascos de animais.
T. Gen. Idiofone (03)
T. Rel. Chocalho em cacho
Chocalho em fieira

CHOCALHO EM CACHO

Def. Peças sonoras, geralmente cascos de animais ou capsulas de frutos secos, são reunidas por um suporte usado no corpo (pulseiras, jarreteiras, tornozeleiras) ou sacudidas manualmente, produzindo um som ao compasso da dança.

T. Gen. Idiofone (03)
T. Rel. Chocalho de vara
Chocalho em fieira

Chocalho de vara Índios Makuxí, M.N. nº 25.367, Esc. 1:20: A. Vista da peça. B. Detalhe de amarração de elementos sonoros. C. Detalhe do elemento sonoro.

Chocalho em cacho. Índios Canela-Ramkokamekra, M.N. nº 27.094. Esc. 1:3,3. A. Vista da peça. B. Detalhe da alça do chocalho. C. Detalhe da fixação do coco de tucum.

Chocalho em fieira. Índios Mundurukú, M.N. nº 783. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do suporte tecido. C. Detalhe da emplumação. D. Detalhe do elemento sonoro.

CHOCALHO EM FIEIRA

Def. Amarrado de frutos, caracóis, cabacinhas, garras de animais, élitros, etc. usado como braçadeira, pulseira, jarreteira, tornozeleira, colar, tanga, etc. ou vibrado diretamente na mão do dançarino em eventos musicais.

T. Gen. Idiofone (03)

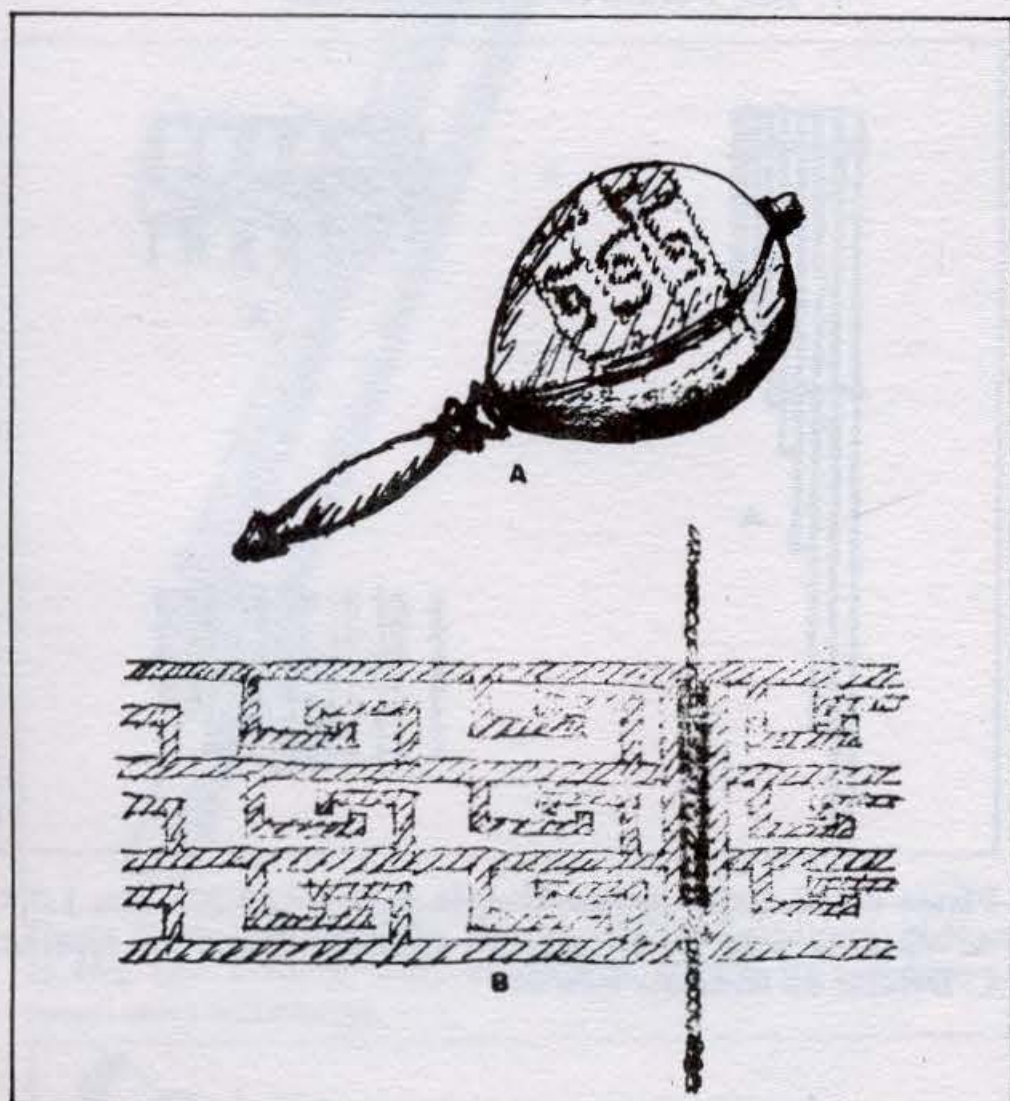
T. Rel. Chocalho de vara
Chocalho em cacho

CHOCALHO GLOBULAR *(Gourd-rattle,* i.; *hochet,* f.; *sonajero,* e.)

Def. Recipiente fechado, que pode ser de cabaça ou cuia, ovos de ema ou de jacaré, crânio de macaco, cerâmica, carapaça de tartaruga, etc., provido de um cabo. Os elementos sonoros contidos no recipiente podem ser as próprias sementes do fruto, pedrinhas, outras sementes, élitros de coleóptero, etc. A forma varia entre globular e ovoide.

Sin. Maracá

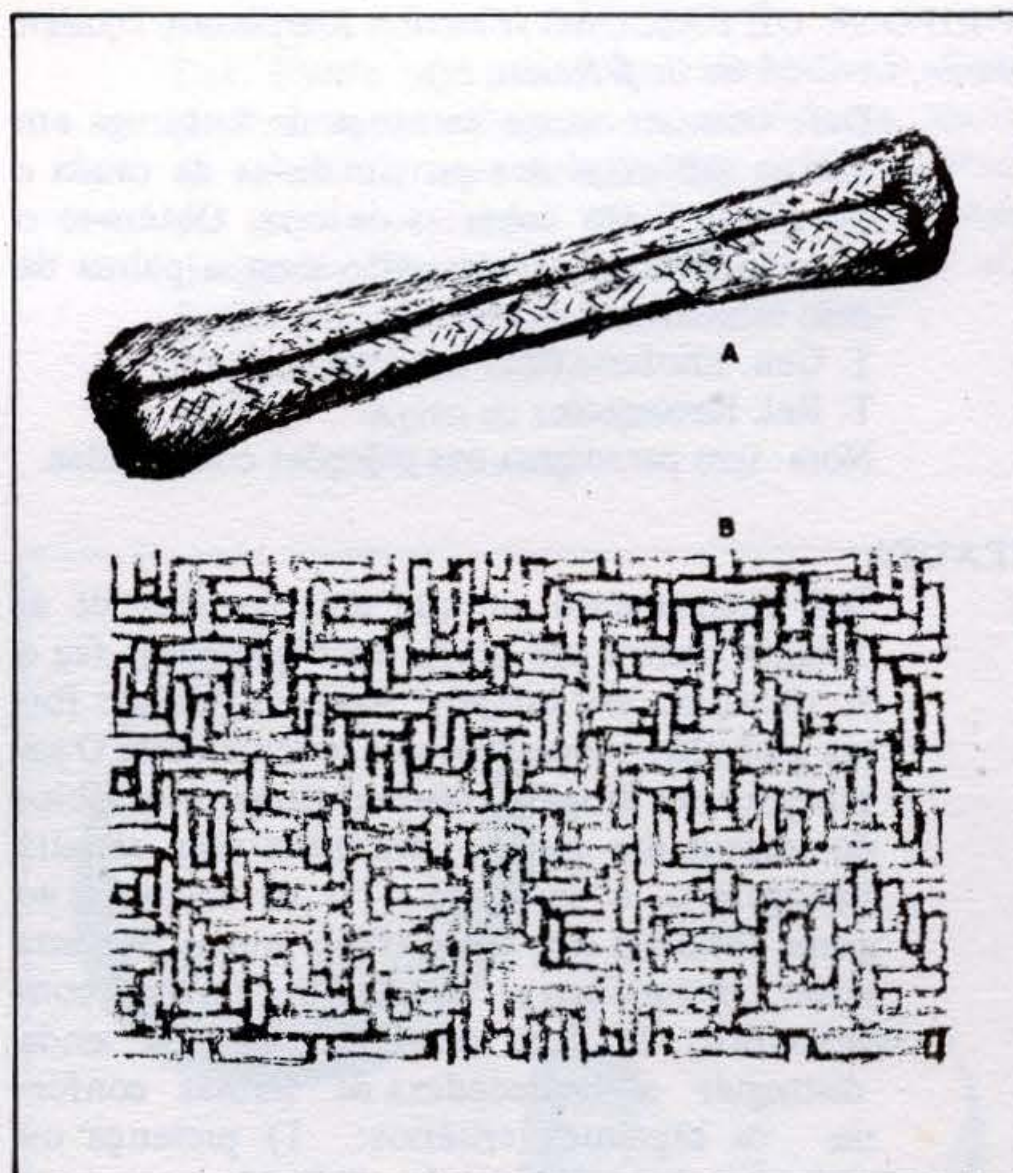
T. Gen. Idiofone (03)

T. Rel. Taça-chocalho de cerâmica

Chocalho globular. Índios Tukâno, M.N. nº 20.447. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da pirogravura da cabaça e da fenda para a fixação do cabo.

CHOCALHO TUBULAR

Def. Recipiente fechado de forma tubular constituído de: taquarinha trançada, bambu, madeira revestida de trançado. Os elementos sonoros contidos no receptáculo podem ser: seixos, sementes, dentes, élitros. O chocalho tubular conhecido como "pau de chuva" (índios Mawé) contém, na parte interna, em sentido horizontal, espinhos ou bastões que freiam a passagem do material sonoro no interior do tubo, produzindo sons adicionais, além do entrechoque das partículas ali encerradas.

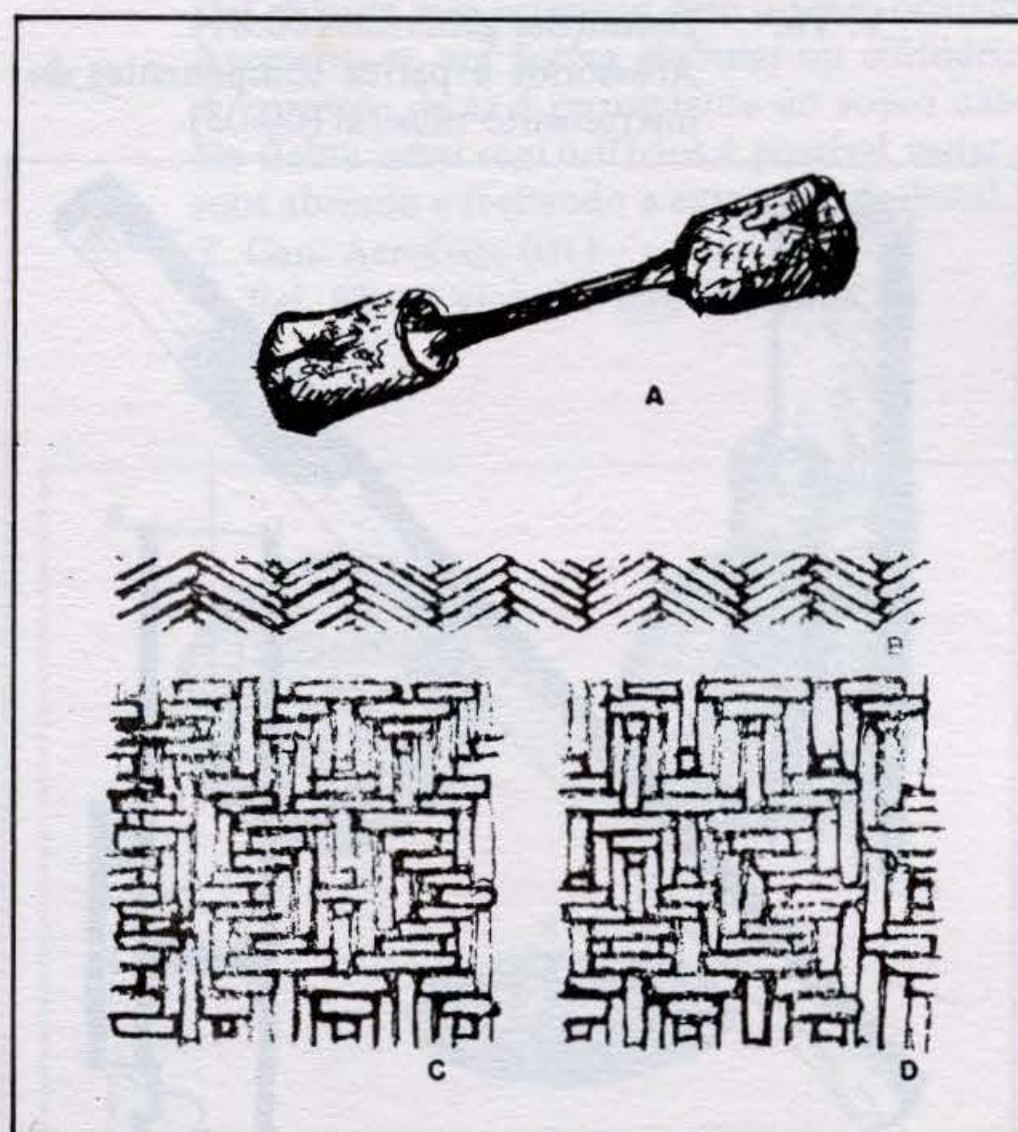
T. Gen. Idiofone (03)

T. Rel. Chocalho tubular duplo

Chocalho tubular. Índios do rio Branco, M.N. nº 1.082. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado que a envolve.

CHOCALHO TUBULAR DUPLO

Def. Recipiente duplo, fechado, de forma tubular, contendo elementos sonoros. Uma haste de madeira, usada como empunhadura, une os dois receptáculos para a percussão.

T. Gen. Idiofone (03)

T. Rel. Chocalho tubular

Chocalho tubular duplo. Índios do rio Branco, M.N. nº 1.080. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado que reveste a haste que une os dois tubos. C. D. Detalhe do trançado de um e outro tubo.

IDIOFONE DE FRICÇÃO *(Friction idiophone*, i.; *idiophone*, f.; *idiofone de fricción*, e.)

Def. Consiste numa carapaça de tartaruga em que as saliências nas proximidades da cauda e do pescoço são cobertas de cera. Obtém-se o som friccionando essa parte com a palma da mão úmida.

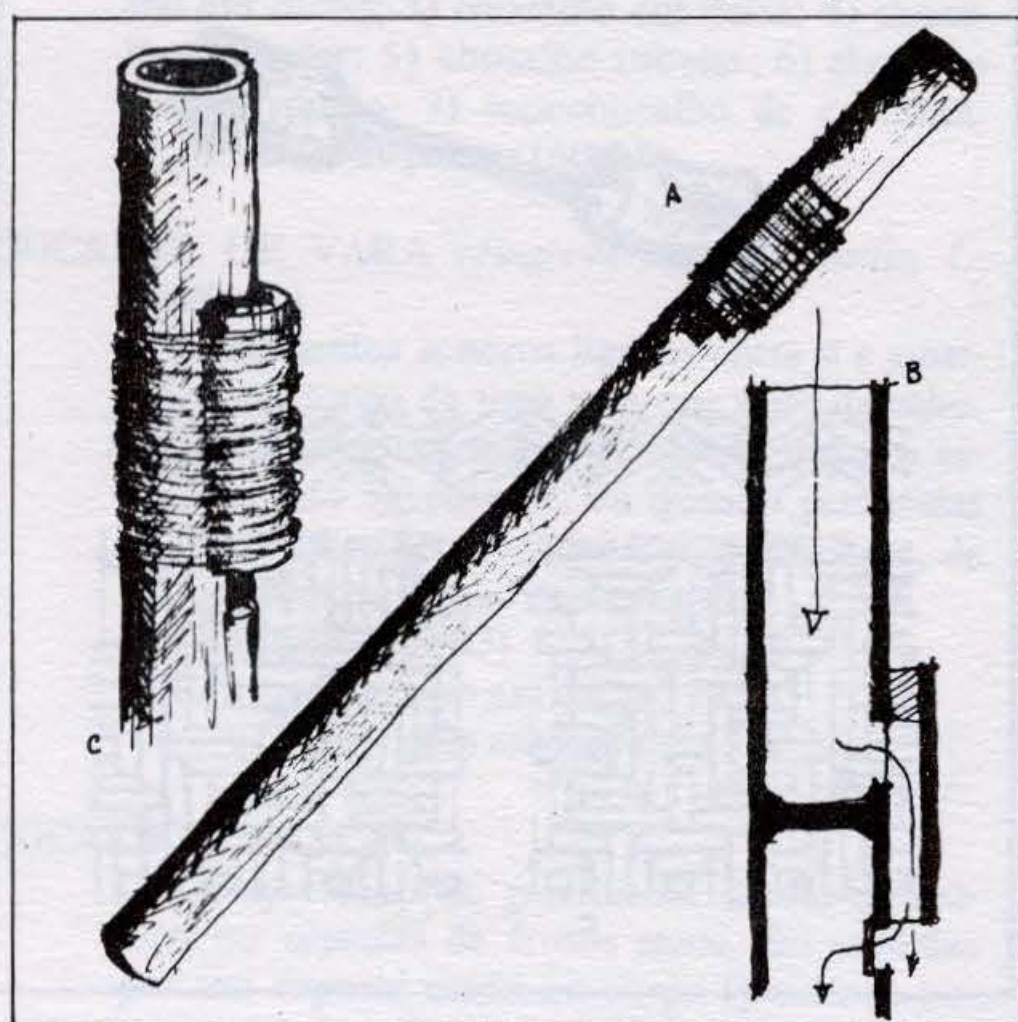
T. Gen. Idiofone (03)

T. Rel. Reco-reco

Nota: sem paradigma nas coleções consultadas.

FLAUTA

Def. Instrumento em que uma corrente de ar dirigida contra um gume do receptáculo faz o ar vibrar no seu interior. Apresenta-se sob forma globular, tubular, cônica, circular, etc. O sopro pode ser dirigido contra o gume pelos lábios do executante ou, ao atravessar uma estreita passagem – o aeroduto – ir de encontro ao gume formado por um orifício lateral. Por esta razão, distinguem-se as flautas em: 1) com aeroduto; 2) sem aeroduto. Pode-se ainda distinguir as variedades de flautas conforme os seguintes critérios: 1) presença ou ausência de orifícios de digitação, que permitem a variação dos sons; 2) forma do receptáculo (globular, cilíndrico, etc.); 3) localização do orifício de soprar (reta, transversa); 4) modo de soprar (bocal, nasal); 5) presença ou ausência de defletor; 6) quantidade de tubos conjugados (flauta dupla, de pã). Por constituirem um grupo definido pela matéria-prima, além de outras particularidades, distinguimos, através de verbetes específicos, as flautas de osso das de taquara, e os apitos de cerâmica dos de cabaça. Alguns tipos de flauta são chamados "apito", seja porque produzem um único som, seja porque são usados como instrumento de sinalização. As flautas participam do grupo dos aerofones.

V. Tb. Definições genéricas (60.01)
Acessórios e partes componentes do instrumento musical (60.03)

Flauta com aeroduto externo. Índios Ipurinã. M.N. nº 3.020. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe interno do aeroduto. C. Detalhe externo do aeroduto.

FLAUTA COM AERODUTO EXTERNO

Def. Instrumento de sopro caracterizado pela presença de um conduto que dirige o ar contra um gume em um orifício lateral da cânula. O conduto, ou aeroduto externo, é um pequeno tubo acoplado à parte superior da flauta. Pode ter ou não orifícios para a variação dos sons.

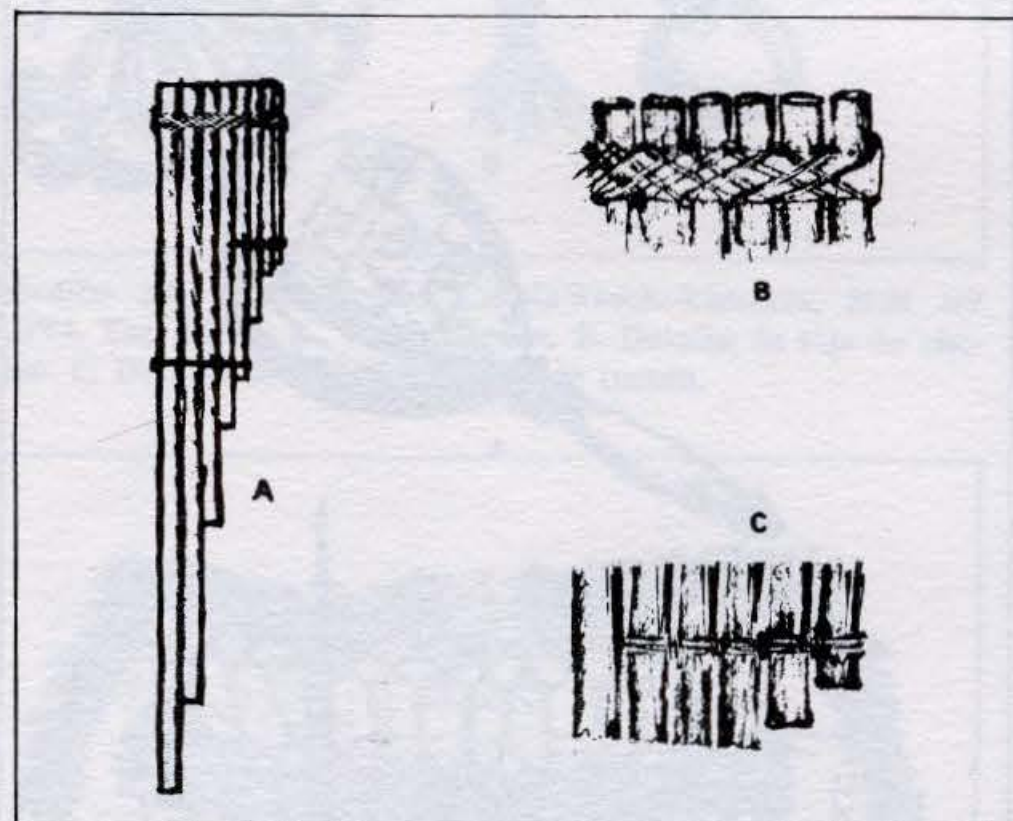
T. Gen. Aerofone (01)

T. Rel. Flauta dupla com aeroduto externo

FLAUTA DE PÃ

Def. Constituída de uma série de tubos, comumente de taquara, reunidos para formar um todo, produzindo, cada qual, um som diferente. A extremidade proximal é enrolada com fibras ou fios para evitar rachaduras nos tubos. O comprimento dos mesmos está em relação direta com a altura dos sons: quanto maior o tubo, mais grave o som. Tubos muito estreitos provocam a geração de harmônicos. Os tubos são geralmente fechados na extremidade distal pelo septo do bambu e amarrados com fios em ordem de comprimento.

T. Gen. Aerofone (01)

T. Rel. Flauta reta sem orifícios

Flauta de pã. Índios do rio Uaupés, M.N. nº 40.203. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do arremate decorativo superior. C. Detalhe do arremate inferior.

FLAUTA DUPLA COM AERODUTO EXTERNO

Def. Instrumento de sopro feito de cânulas longas de bambu, de diâmetro regular, sem orifícios de digitação, provido de aeroduto acoplado. Tocadas geralmente aos pares (macho e fêmea), as flautas produzem sons musicais.

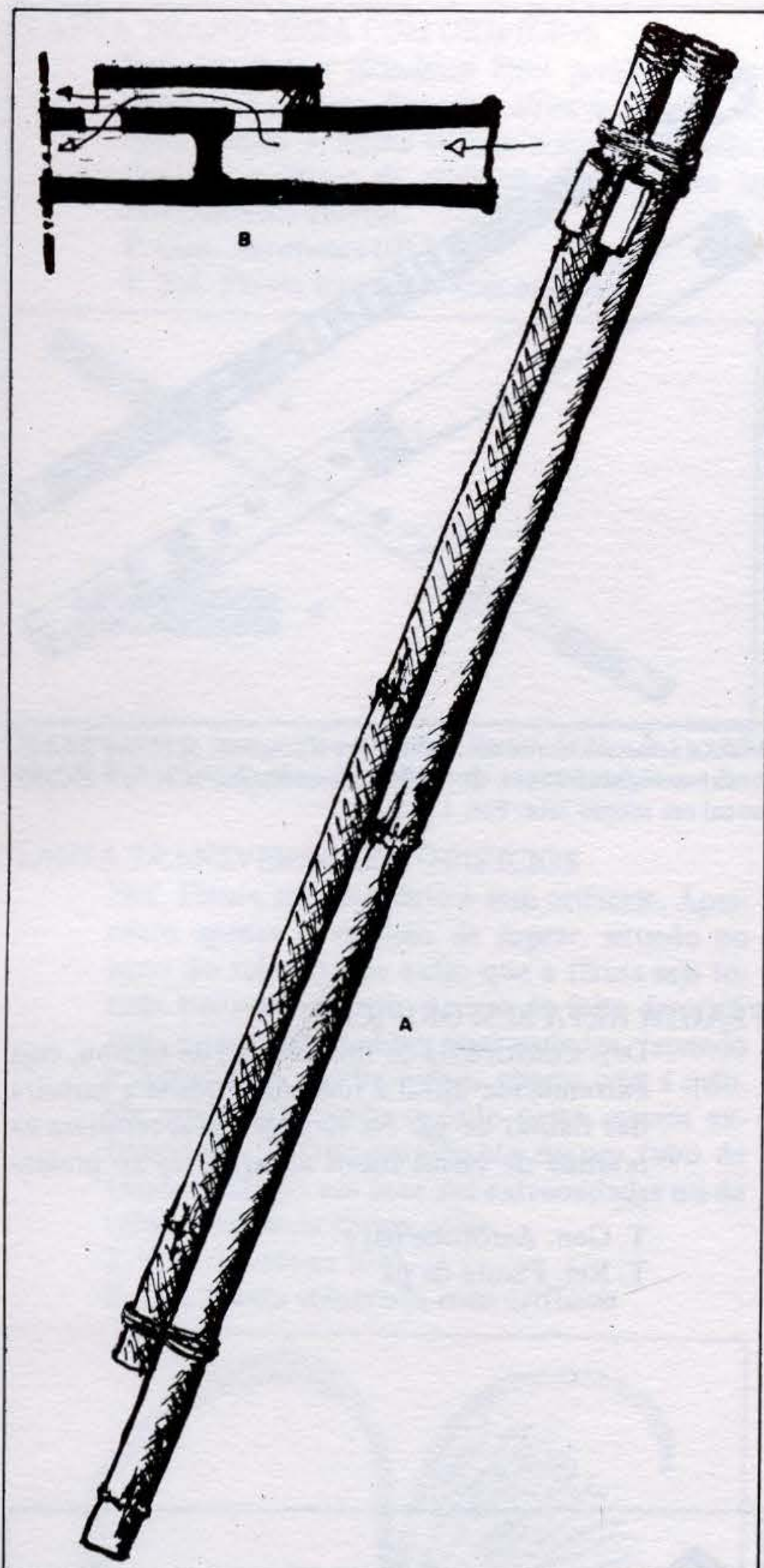
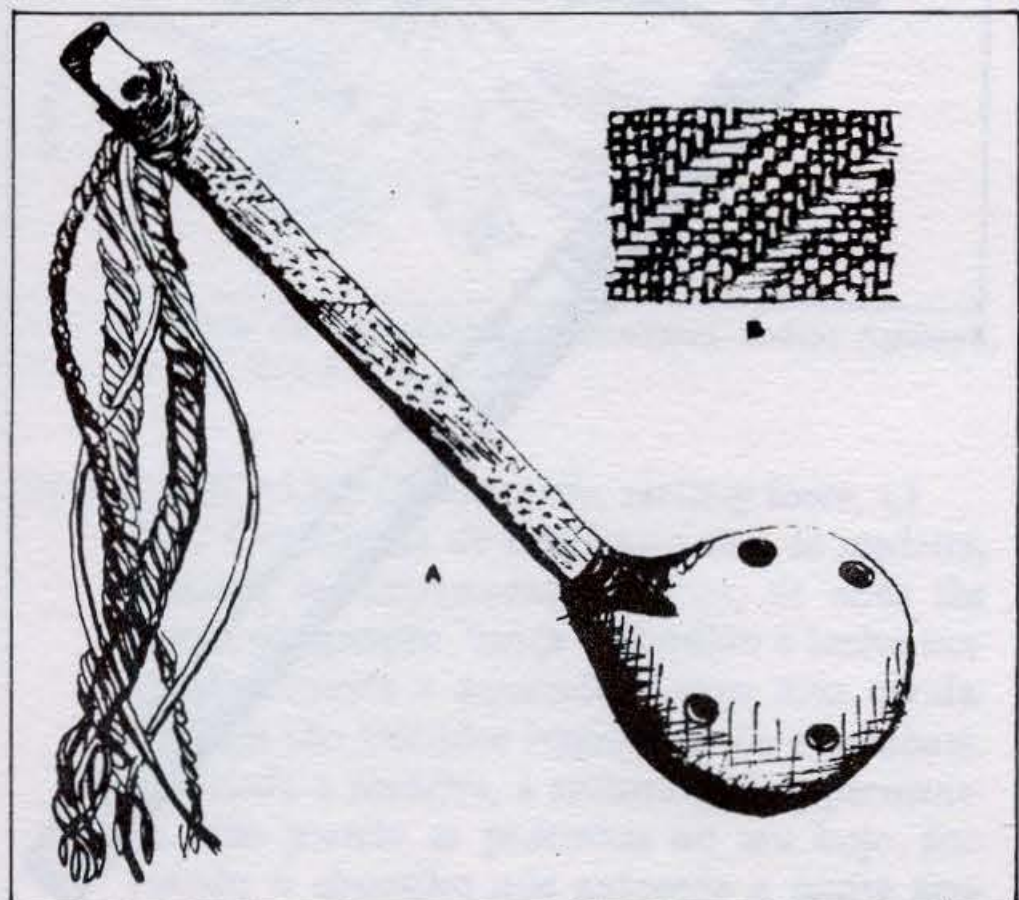
T. Gen. Aerofone (01)

T. Rel. Flauta com aeroduto externo

FLAUTA GLOBULAR COM AERODUTO EXTERNO

Def. Flauta com aeroduto externo e com orifícios. Estes são abertos na pequena cabaça à qual é acoplado um tubo (aeroduto externo) que tem um corte oblíquo onde se situa o defletor de cera.

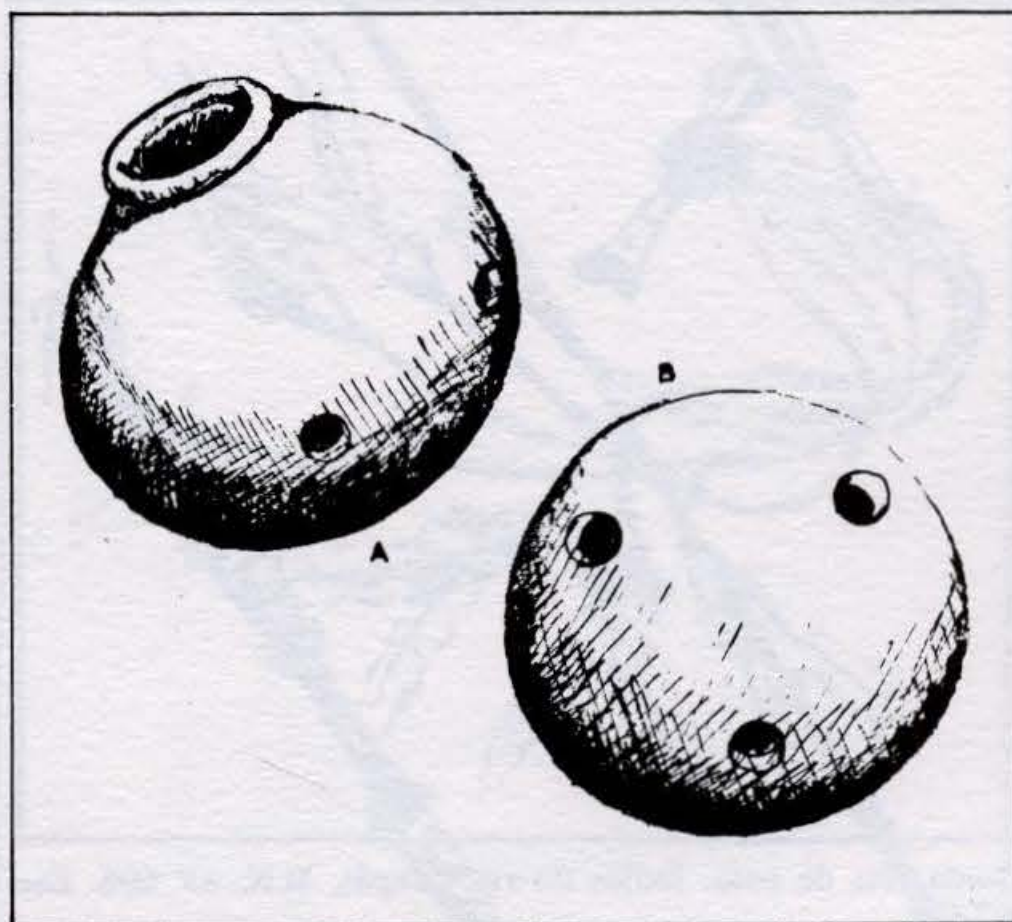
T. Gen. Aerofones (01)

T. Rel. Flauta com aeroduto externo
Flauta dupla com aeroduto externo

Flauta dupla com aeroduto externo. Índios Kamayurá, M.N. nº 35.466. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do aeroduto externo: corte transversal.

Flauta globular com aeroduto externo. Índios Apinayé, M.N. 25.662. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado que reveste a cânula.

FLAUTA GLOBULAR SEM AERODUTO

Def. Flauta sem aeroduto com orifícios. Feita geralmente de cabaça ou de madeira ou, ainda, de cerâmica, com dois ou três orifícios. Pode ser tocada por sopro nasal, sendo, nesse caso, designada "flauta nasal". A flauta globular utilizada para sinalização é chamada "apito".

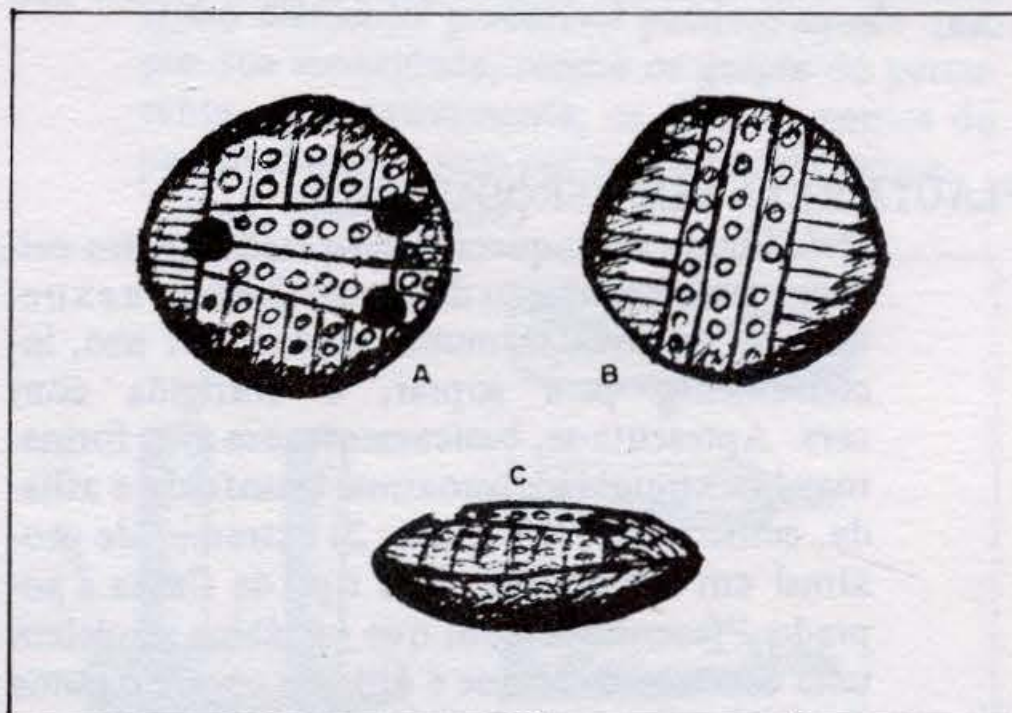
T. Gen. Aerofone (01)

T. Rel. Apito de cabaça
Flauta nasal

Flauta globular sem aeroduto. Índios do Amazonas, M.N. nº 5.656. Esc. 1:1. A. Vista da embocadura. B. Vista dos furos na parte inferior.

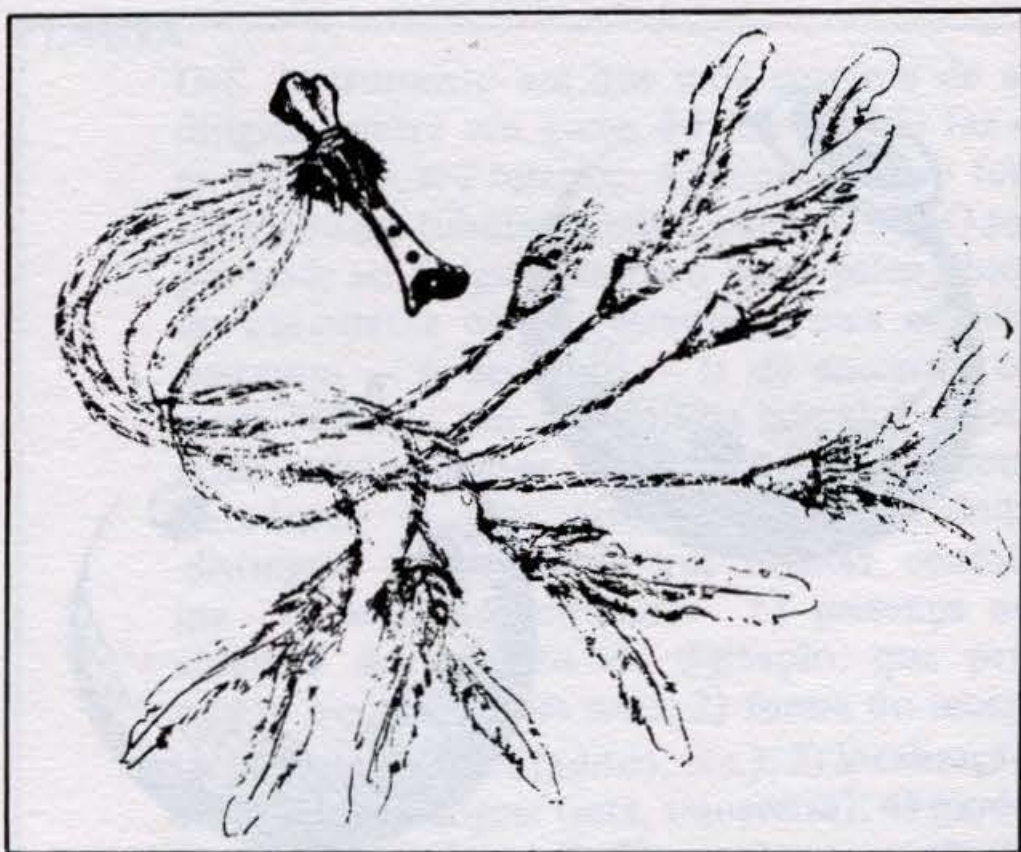
FLAUTA NASAL

Def. Flauta sem aeroduto com ou sem orifícios. Apresenta-se em forma globular ou clilíndrica. A corrente de ar é proveniente do sopro nasal. Na flauta nasal sem orifícios é possível variar os sons abrindo e fechando a extremidade distal.

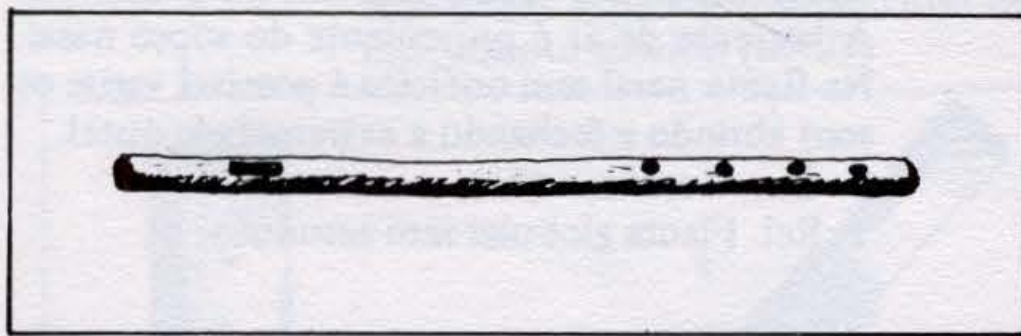
T. Gen. Aerofone (01)

T. Rel. Flauta globular sem aeroduto

Flauta nasal. Índios Nambikuára, M.N. nº 38.819. Esc. 1:3,3. A. Vista superior da peça. B. Vista do lado oposto. C. Vista lateral direita.

FLAUTA RETA DE OSSO

Def. Instrumento de sopro feito de rádio de ave ou de fémur de mamífero caracterizado pela presença de um canal e um orifício na epífise superior. O aeroduto é uma porção do tubo da flauta (aeroduto interno) mais o defletor, geralmente de cera, que desvia o ar contra o gume. Tem, comumente, três ou mais orifícios, abertos a fogo, para a variação dos sons.
T. Gen. Aerofone (01)
T. Rel. Flauta reta com aeroduto

Flauta reta de osso. Índios do rio Uaupés, M.N. nº 606. Esc. 1:7,5.

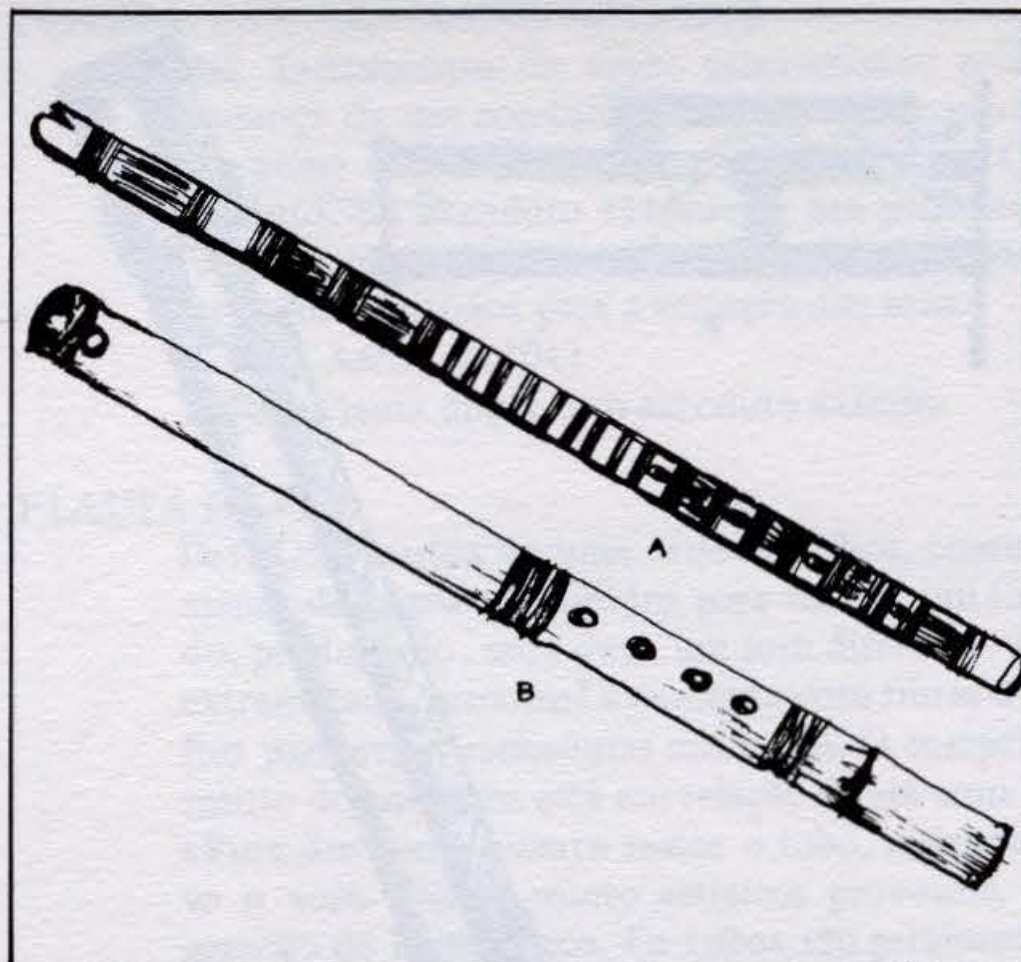
FLAUTA RETA COM AERODUTO

Def. Instrumento de sopro caracterizado pela presença de um aeroduto, que é a secção do tubo através da qual a corrente de ar é dirigida contra o gume, mais o defletor. Pode ter ou não outros orifícios para a variação dos sons.
T. Gen. Aerofone (01)
T. Rel. Flauta reta de osso

Flauta reta com aeroduto. Índios Apinayé, M.N. 25.651. Esc. 1:7,5.

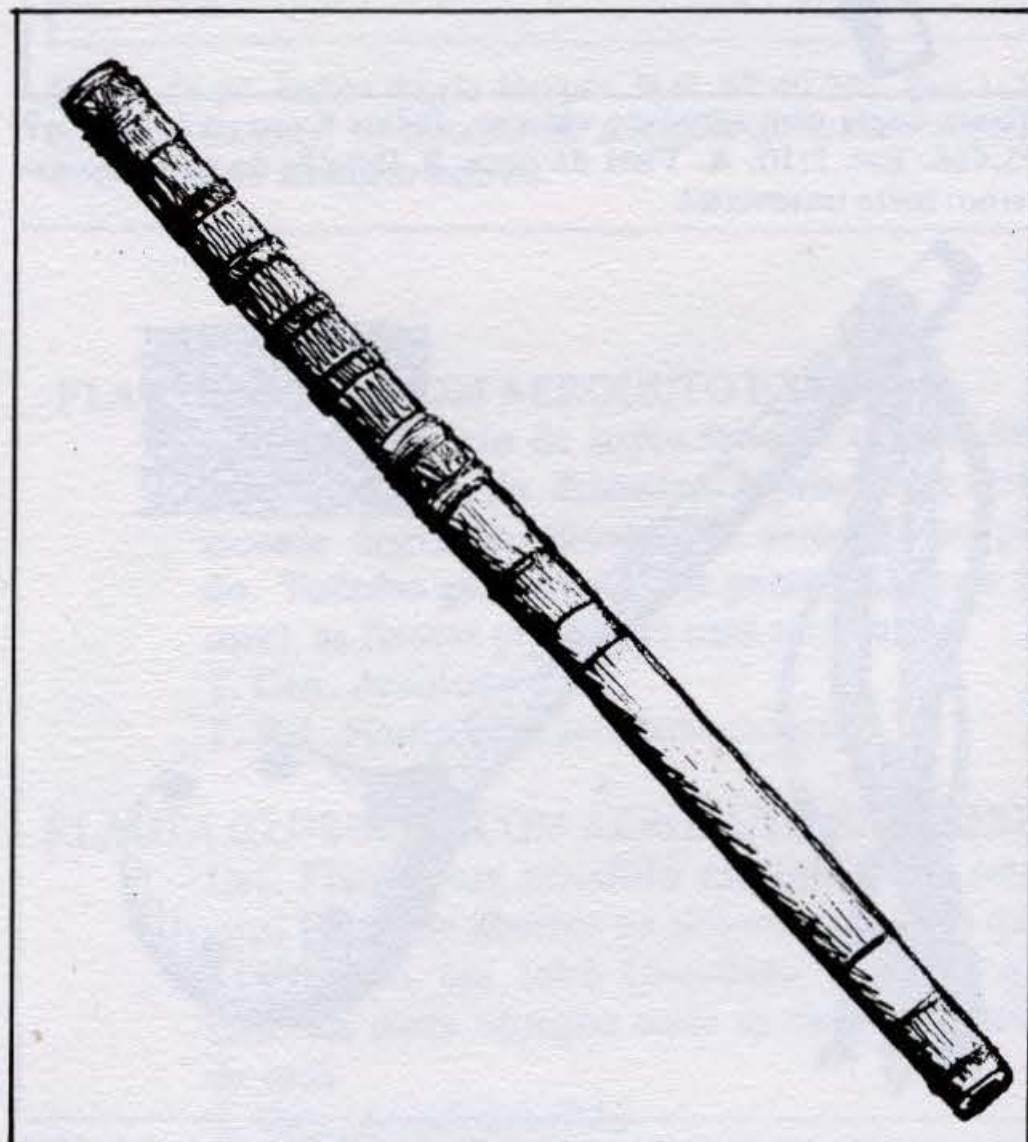
FLAUTA RETA SEM AERODUTO

Def. Flauta de taquara, tendo três a quatro orifícios para a variação dos sons. Quando a extremidade proximal é muito larga e, por isso, inconveniente para soprar, é corrigida com cera. Apresenta-se, basicamente, em dois formatos: 1) extremidade proximal chanfrada e afilada, constituindo um gume; 2) extremidade proximal em secção reta. Esse tipo de flauta é soprado "fazendo-se com que os lábios modelem uma corrente de ar que é dirigida contra o gume do orifício de soprar" (Izikowitz 1970:350).
T. Gen. Aerofone (01)
T. Rel. Flauta globular sem aeroduto

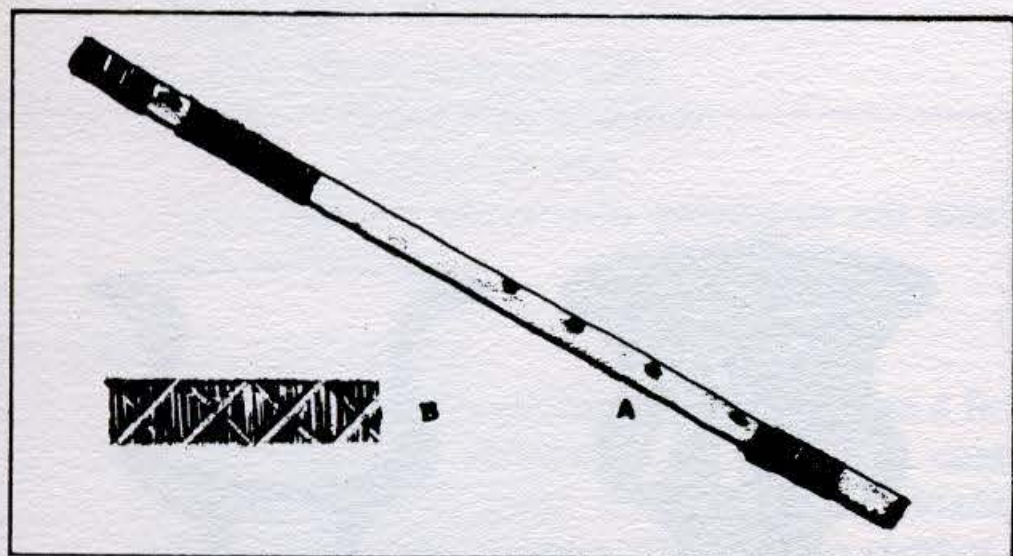
A

B

Flauta reta sem aeroduto. A. Índios Kaingáng, M.N. nº 34.442: bocal em chanfradura. B. Índios Nambikuára, M.N. nº 39.390: bocal em secção reta. Esc. 1:7,5.

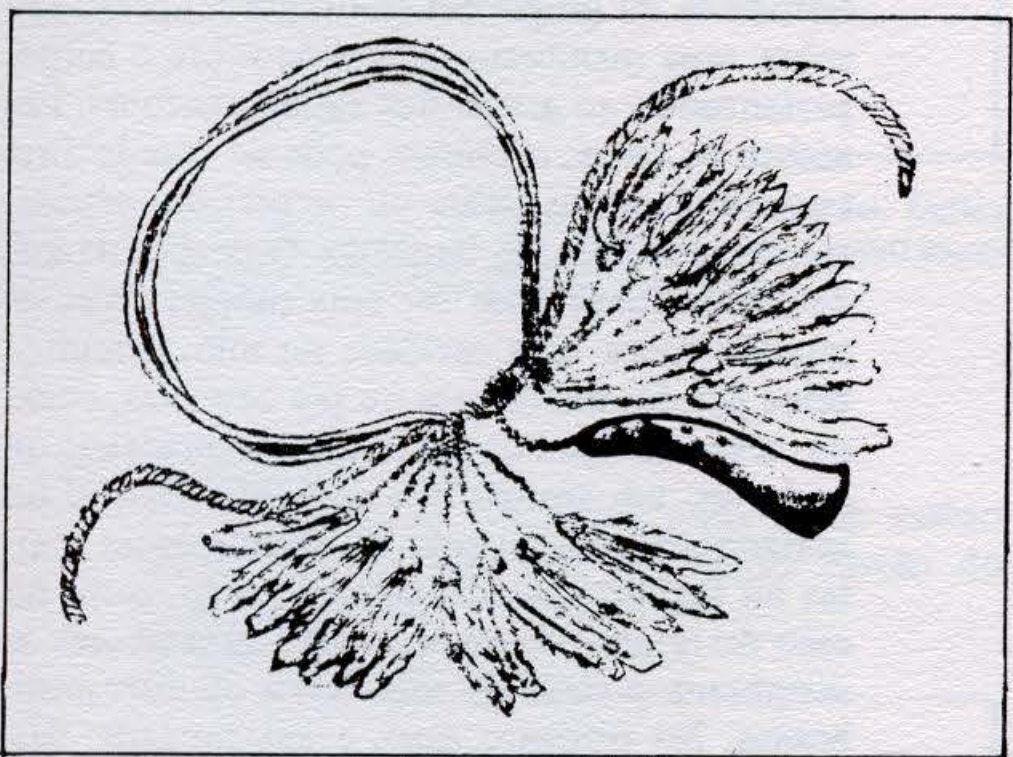
FLAUTA RETA SEM ORIFÍCIOS

Def. Constituída de um cilíndro de bambu, cuja extremidade distal é fechada. Toca-se à maneira das flautas de pã. Na verdade, estas resultam da reunião de vários tubos semelhantes ao presente.
T. Gen. Aerofone (01)
T. Rel. Flauta de pã

Flauta reta sem orifícios. Índios Guaraní, M.N. nº 15.750. Esc. 1:7,5.

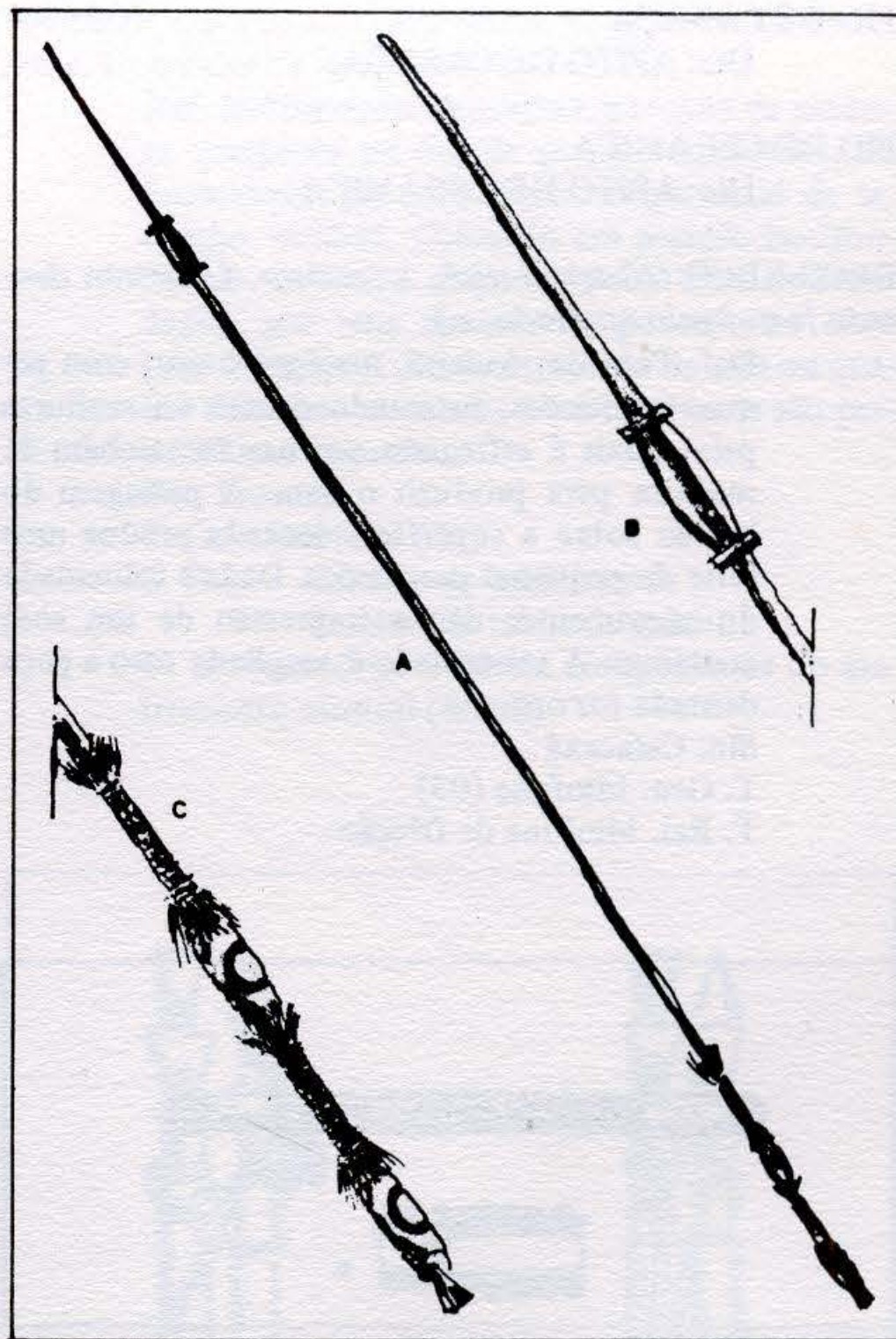
FLAUTA TRANSVERSA COM ORIFÍCIOS

Def. De forma cilíndrica feita geralmente de bambu. O orifício de soprar situa-se no lado do tubo, sendo a flauta tocada transversalmente. Contém orifícios de digitação e apresenta as extremidades abertas.
T. Gen. Aerofones (01)
T. Rel. Flauta transversa sem orifícios

Flauta transversa com orifícios. Índios Paresí, M.N. nº 11.230. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da ornamentação em fio.

FLAUTA TRANSVERSA SEM ORIFÍCIOS

Def. Flauta sem aeroduto e sem orifícios. Apresenta apenas o orifício de soprar, situado no meio do tubo, o que exige que a flauta seja tocada transversalmente. Apesar da falta de orifícios, é possível produzir sons variados, tapando e destapando a extremidade aberta com a mão. Ou ainda, colocando o dedo nessa mesma extremidade. É feita geralmente de um tubo de bambu fechado em uma das extremidades ou de cabaça, suspensa de um colar.
T. Gen. Aerofone (01)
T. Rel. Flauta transversa com orifícios

Flauta transversa de cabacinha sem orifícios. Índios Apinayé, M.N. nº 25.651. Esc. 1:7,5.

LANÇA-CHOCALHO (*Spear-rattle, rattling lance,* i.)

Def. Constituída de uma longa vara de madeira, aguçada na extremidade inferior, de onde lhe vem a designação "lança". Fendido o lenho longitudinalmente e aquecido, forma uma cavidade onde são inseridos fragmentos de calcedônia. Resfriada a madeira, a entumescência permanece, mas prende as pedrinhas no seu bojo, formando o chocalho que antecede a ponta aguçada.
Sin. Murucu-maracá
T. Gen. Idiofone (03)

Lança-chocalho. Índios Tukâno, M.N. nº 25.257. Esc. 1:20. A. Vista da peça. B. Detalhe do chocalho com ponteira. C. Detalhe do cabo entalhado e emplumado.

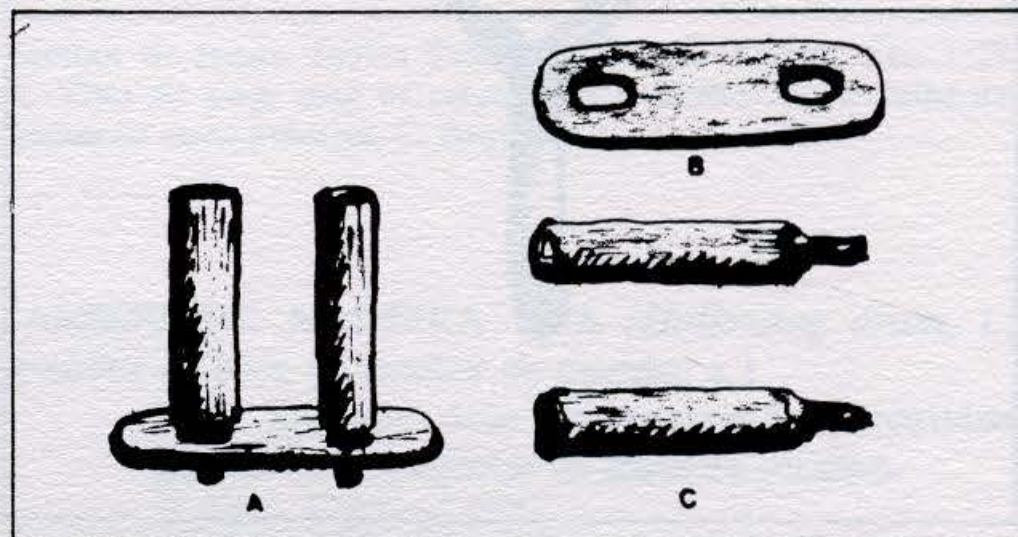
MARACÁ

Use: CHOCALHO GLOBULAR

MURUCU-MARACÁ

Use: LANÇA-CHOCALHO

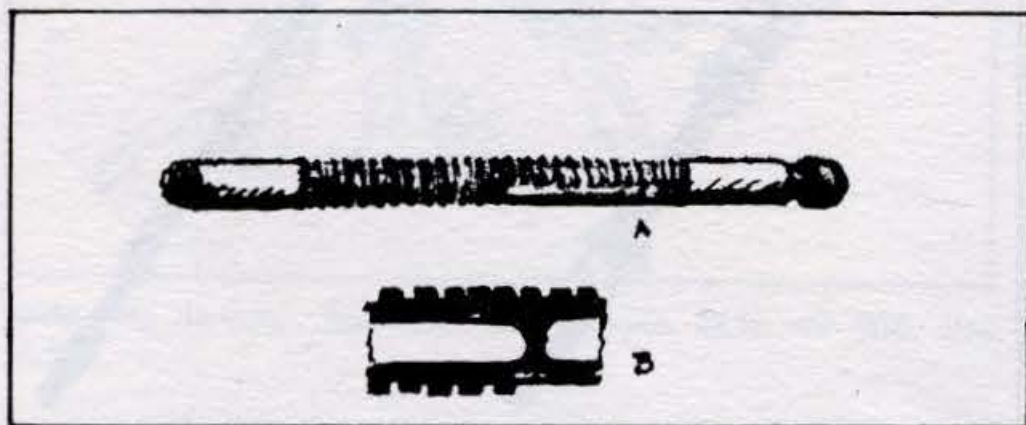
PAUS ENTRECHOCANTES (*Clappers,* i.; *cliquettes,* f.; *palos entrechocantes,* e.)

Def. Pares de bastões de madeira que produzem som quando percutidos um contra o outro. O rendimento sonoro – intensidade e timbre – depende de: 1) forma e tipo da madeira; 2) local onde ocorre o entrechoque; 3) força da percussão. Um dos bastões do par pode funcionar como elemento percutível passivo: aquele que, por sua sonoridade, recebe os golpes do percucente. Alternativamente, os dois elementos do par produzem o som por percussão recíproca.
T. Gen. Idiofone (03)

Paus entrechocantes. Índios Maxakalí, M.N. nº 37.513. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Base de apoio. C. Hastes.

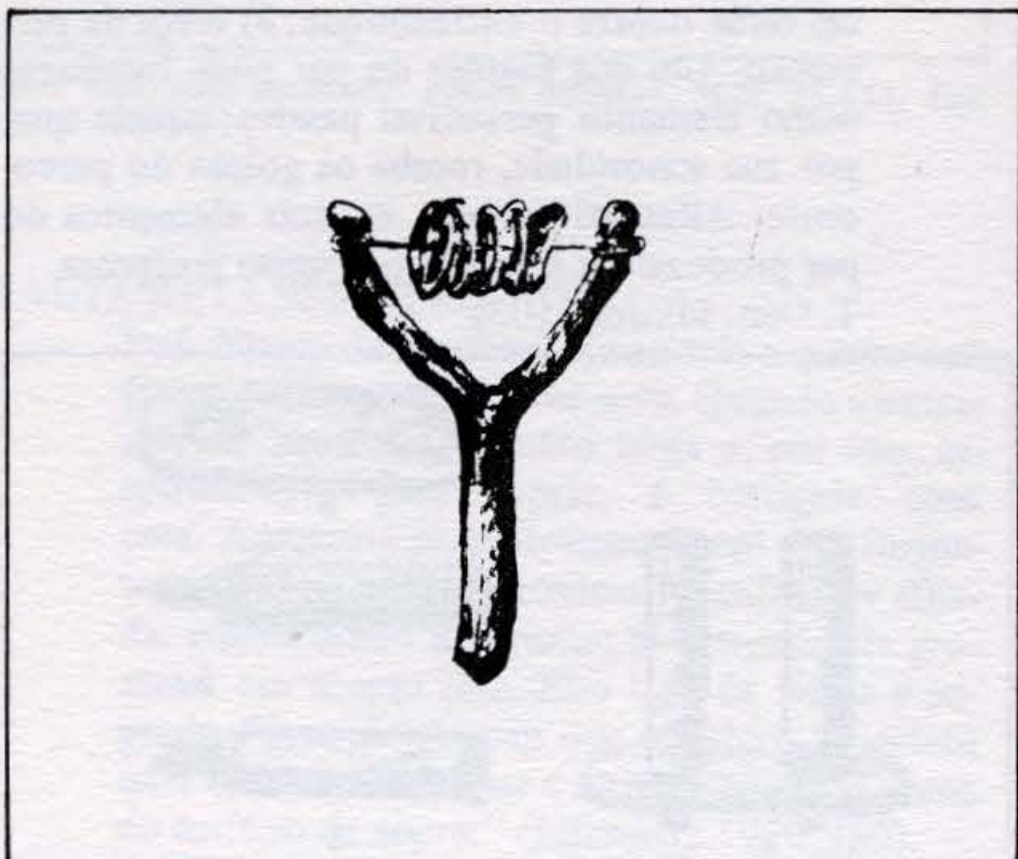
PIO DE CABAÇA
Use: APITO DE CABAÇA

PIO DE CERÂMICA
Use: APITO DE CERÂMICA

RECO-RECO *(Notched-stick,* i.; *racleur,* f.; *bastón dentado /e-ou/ palo ranurado,* e.)

Def. Peça de madeira, maciça ou oca, com pequenas incisões, formando dentes ou ranhuras pelas quais é esfregado um bastão também de madeira para produzir o som. A passagem do bastão sobre a superfície dentada produz uma série de pequenas percussões. Dada a velocidade do movimento, dão a impressão de um som contínuo. A sonoridade é ampliada caso a peça dentada for oca.
Sin. Caracaxá
T. Gen. Idiofone (03)
T. Rel. Idiofone de fricção

Reco-reco. Índios do alto Xingu, M.N. nº 13.585. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhamento do entalhe.

SISTRO *(Sistrum,* i., *sistre,* f.)

Def. Consiste em uma forquilha em cujas extremidades é esticada uma corda. Nela são enfiados alguns discos que se entrechocam quando o instrumento é sacudido. Registrado apenas entre os Kadiwéu entre grupos indígenas da América do Sul.
T. Gen. Idiofone (03)

Sistro. Fora de escala, sem registro nas coleções. Apud Izikowitz 1970 fig. 70. Índios Kadiwéu.

TAÇA-CHOCALHO DE CERÂMICA

Def. Instrumento de percussão de cerâmica, em forma de taça, em cujo pedestal se alojam bolinhas de barro que se entrechocam ao ser movimentada a peça, produzindo som. Encontrada apenas entre os índios do alto Xingu.
T. Gen. Idiofone (03)
T. Rel. Chocalho globular

Taça-chocalho de cerâmica *(sak'sakyanã).* Índios Waurá, M.N. nº 35.411. A. Vista da peça. B. Corte longitudinal vendo-se os elementos de percussão.

TAMBOR *(Drum,* i.; *tambour,* f.)

Def. Em sentido amplo, é um instrumento musical cujo som obtém-se por: 1) percussão sobre qualquer parte do corpo oco e ressonante, inserindo-se no grupo dos idiofones; 2) percussão sobre uma membrana estendida sobre o corpo, pertencendo ao grupo dos membranofones. Em ambos os casos, o tambor pode ser tocado diretamente (com as mãos ou os pés) ou indiretamente, por meio de baquetas. O tambor de madeira (idiofone) pode ser uma simples tábua estendida sobre uma cavidade no solo, percutida pelos pés dos dançarinos ou por baquetas, como no caso do tambor de tábua de madeira; ou pode ser um tronco oco colocado vertical ou horizontalmente no solo, de extremidades abertas ou fechadas, soado por percussão, como no caso do tambor de madeira oca. Os tambores de membrana podem ter uma única ou duas membranas. No primeiro caso, a extremidade, desprovida de membrana, pode ser aberta ou fechada. Nesses tambores, a sonoridade depende do tamanho, espessura e tensão das membranas. Outra distinção assinalável é quanto à maneira de fixação das membranas no corpo do tambor. Dentre os tambores classificados como idiofones, incluem-se: 1) tambor de carapaça; 2) tambor de fenda; 3) tambor de madeira oca; 4) tambor de tábua de madeira. No grupo dos membranofones, contam-se os seguintes tipos: 1) tambor de pele; 2) tambor d'água; 3) tambor de cerâmica.

V. tb. Matérias-primas (60.02)
Acessórios e partes componentes do instrumento musical (60.03)

TAMBOR D'ÁGUA *(Water drum,* i.; *tambour d'eau,* f.)

Def. Vaso de cerâmica cheio de água, com a abertura fechada por um couro e percutido por meio de uma cabaça. A função da água é controversa: serviria para regular a altura do som ou manter a pele úmida, quando da construção do instrumento, para que possa ser esticada sobre a caixa. Ocorre entre algumas tribos indígenas brasileiras.

T. Gen. Membranofone (04)

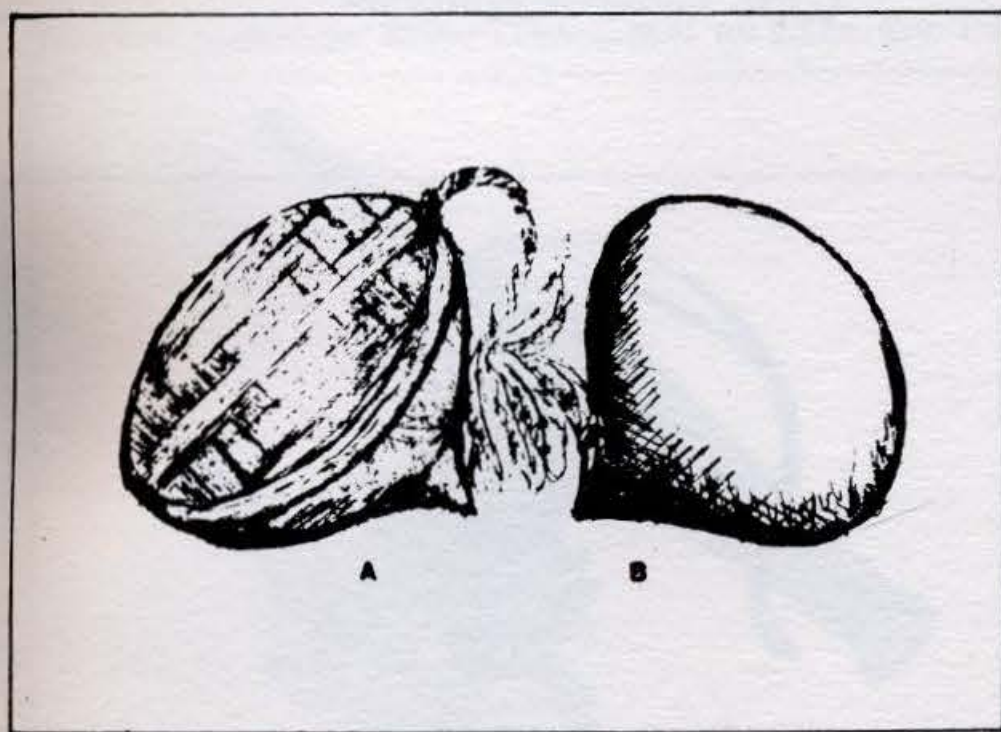
T. Rel. Tambor de cerâmica
Tambor de pele

Nota: Não foi encontrado paradigma nas coleções consultadas.

TAMBOR DE CERÂMICA

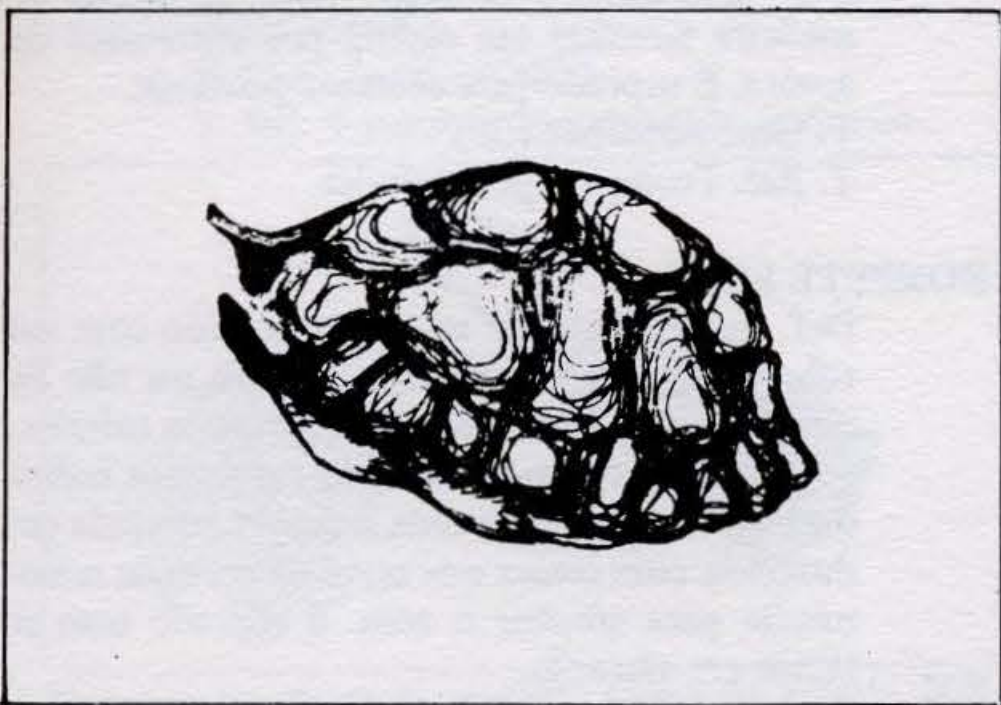
Def. Peça de barro piriforme, cuja abertura é fechada por uma membrana. É percutido com uma pequena baqueta de madeira terminada por um coco de palmeira. O corpo do tambor, inclusive a membrana é revestido de látex.

T. Gen. Membranofone (04)

T. Rel. Tambor d'água
Tambor de pele

Tambor de cerâmica. A. Vista da peça com membrana. Índios Pakaa-nova M.N. nº 38.941. B. Peça de barro sem o revestimento. Índios Pakaa-nova, M.N. nº 38.940. Esc. 1:7,5.

TAMBOR DE CARAPAÇA

Def. Carapaça de tartaruga presa a um bastão de madeira e percutida por outro bastão do mesmo material.

T. Gen. Idiofone (03)

Tambor de carapaça. Índios Baníwa, M.N. nº 21.884. Vista da peça faltando o bastão. Esc. 1:7,5.

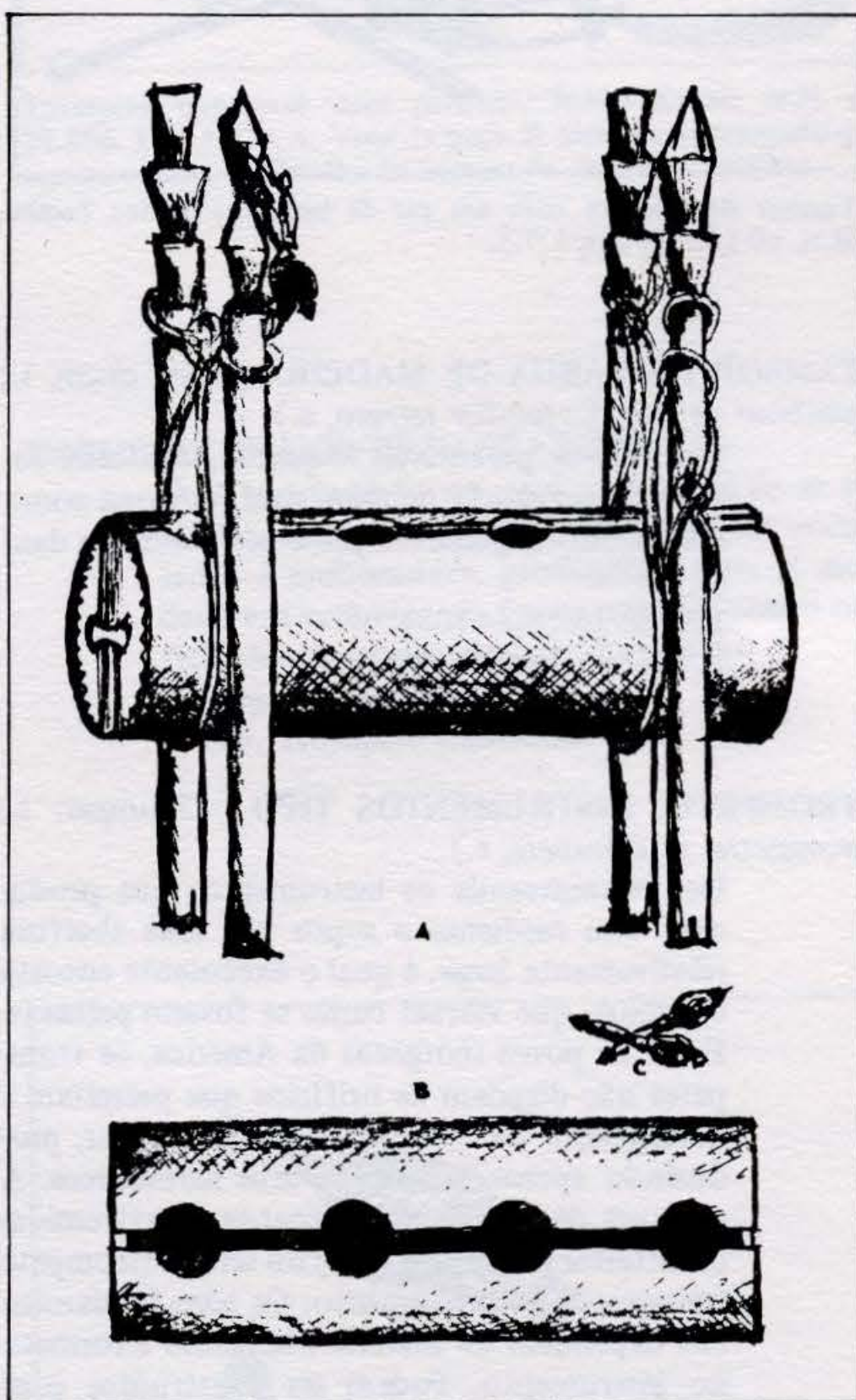
TAMBOR DE FENDA *(Slit drum,* i.; *tambour de bois à fente,* f.; *tambor de hendidura,* e.)

Def. Instrumento escavado em tronco de madeira compacto ou oco de grandes dimensões, caracterizado por uma fenda longitudinal de tamanho variável. Colocado em posição horizontal ou vertical é suspenso pelas duas extremidades, por uma apenas, ou pousado no chão (alto Xingu). A fenda é provida de três ou quatro aberturas circulares e é o local onde são percutidas as baquetas.

Sin. Trocano

T. Gen. Idiofone (03)

T. Rel. Tambor de madeira oca
Tambor de tábua de madeira

V. tb. Acessórios e partes componentes do instrumento musical (60.03)

Tambor de fenda. Índios Tukâno, M.N. nº 23.169. Esc. 1:20. A. Vista da peça com os respectivos andaimes. B. Detalhe das fendas na caixa acústica. C. Baquetas.

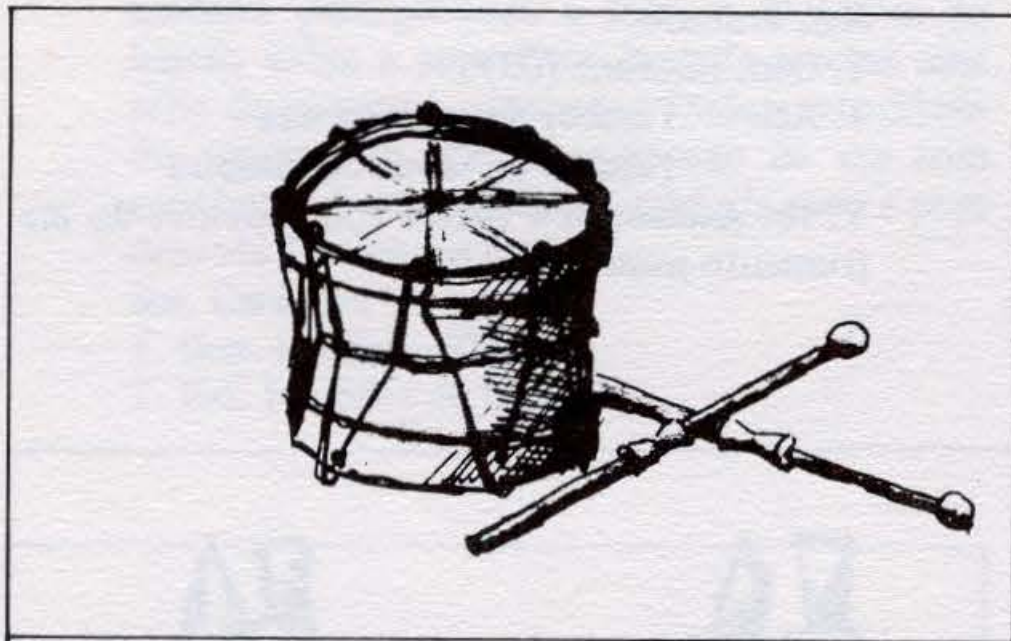
TAMBOR DE MADEIRA OCA *(Hollowing drum,* i.; *tambour de bois,* f.; *tambor de madera,* e.)

Def. Troncos ocos ou escavados percutidos por meio de baquetas de madeira ou osso.

T. Gen. Idiofone (03)

T. Rel. Tambor de fenda
Tambor de tábua de madeira

TAMBOR DE PELE *(skin drum,* i.)

Def. Cilindro de madeira, fechado num ou nos dois lados com uma ou duas membranas, fixadas por compressão por cipós ou bastonetes. É tocado com uma ou duas baquetas.
T. Gen. Membranofone (04)
T. Rel. Tambor d'água
Tambor de cerâmica
V. tb. Acessórios e partes componentes do instrumento musical (60.03)

Tambor de madeira com um par de baquetas. Índios Tembé, M.N. nº 15.219. Esc. 1:7,5.

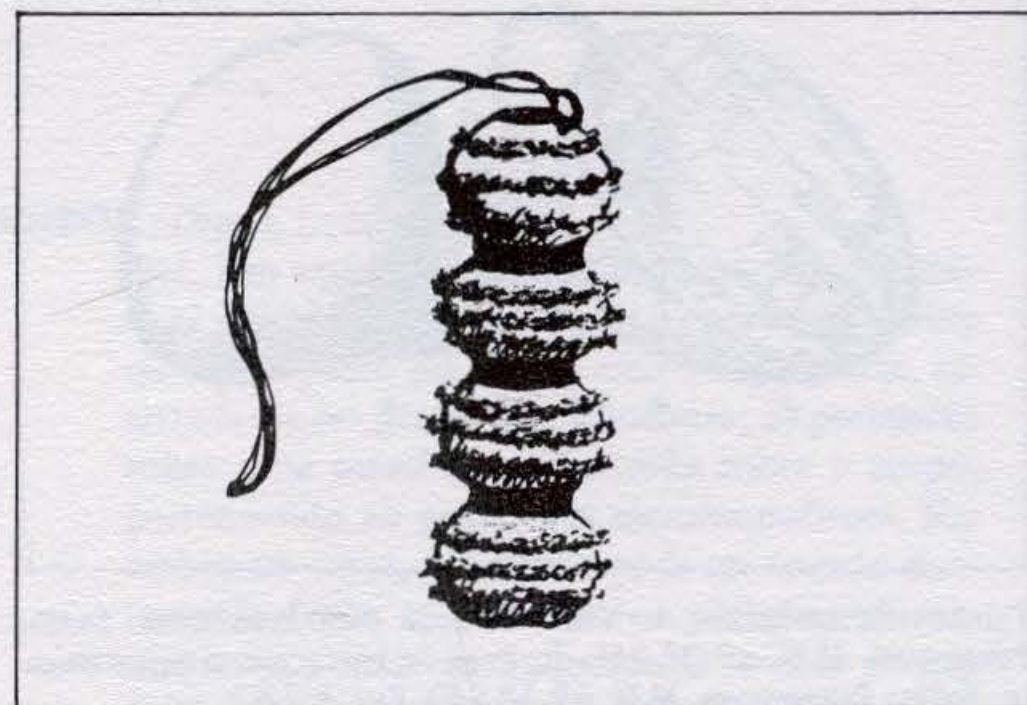
TAMBOR DE TÁBUA DE MADEIRA *(Plank drum,* i.; *tambour de bois,* f.; *tambor terrero,* e.)

Def. Tábua percutível, arqueada, colocada sobre uma cavidade no solo, que funciona como ressonador. É golpeada pelos pés durante a dança.
T. Gen. Idiofone (03)
T. Rel. Tambor de fenda
Tambor de madeira oca

TROMPETE, INSTRUMENTOS TIPO *(Trumpet,* i.; *trompette,* f.: *trompete,* e.)

Def. Compreende os instrumentos que produzem som mediante o sopro por uma abertura relativamente larga, à qual o executante encosta os lábios, que vibram como se fossem palhetas. Entre os povos indígenas da América, os trompetes não dispõem de orifícios que permitam a modificação da extensão da coluna de ar, produzindo apenas um som e seus harmônicos. A abertura de soprar pode situar-se na extremidade anterior (trompete reto) ou lateral (trompete transverso) do instrumento. Os sons fundamentais dependem do material, tamanho e formato do instrumento. Podem ser construídos com uma peça única, tubular, reta ou curva, ou mais de uma; ou com um tubo provido de pavilhão, isto é, uma peça acoplada à extremidade inferior do tubo, de diâmetro maior. Basicamente apresentam-se as seguintes variantes: 1) simples cabaça alongada; 2) chifre de boi provido de pequena cânula; 3) tubo de taquara simples ou provido de cabaça de várias dimensões; 4) tubo preso a caixa acústica trançada, a crânio de animal (no caso dos índios Jurúna, a crânio humano), à cauda de tatu, bambu oco ou de madeira oca; 5) tubo formado por entrecasca de árvore enrolada espiraladamente sobre suporte de varas (Tukâno, Tukúna). Nos tipos 3 e 4 o pavilhão apenso serve de caixa de ressonância. Os trompetes indígenas são feitos, preferencialmente, de bambu oco ou tronco de palmeira. Os sons harmônicos variam segundo a pressão do sopro e a tensão dos lábios. Helza Cameu (1977:236) distingue os trompetes (ou trombetas, em sua nomenclatura) das buzinas, por serem os primeiros de maior tamanho, isto é, mais alongados que estas últimas. Na nossa nomenclatura empregamos apenas o termo trompete para designar todos os formatos, distinguindo o reto do transverso, o de cerâmica, o poliglobular e o politubular.
T. Gen. Aerofones (01)
V. tb. Definições genéricas (60.01)

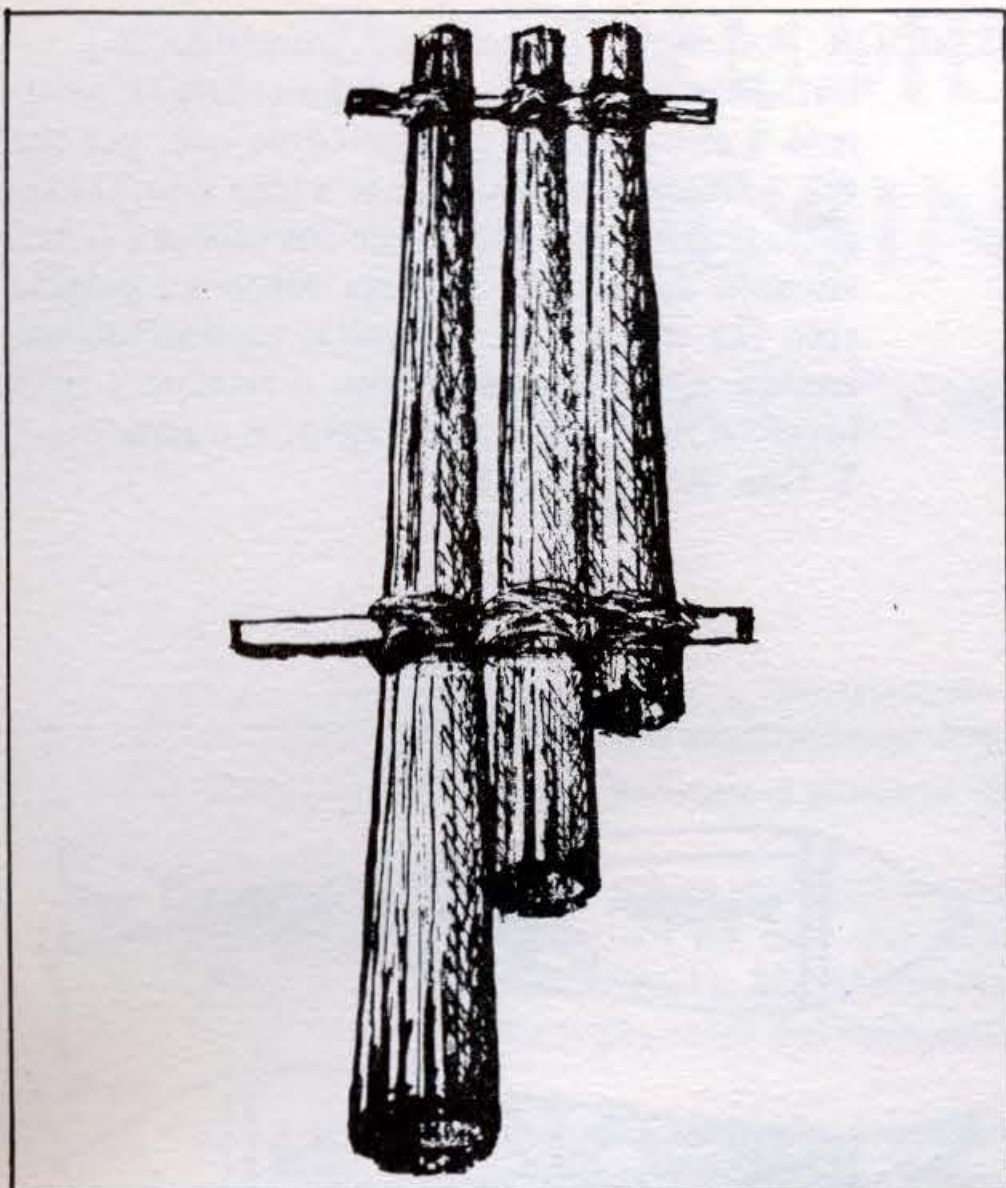
TROMPETE POLIGLOBULAR

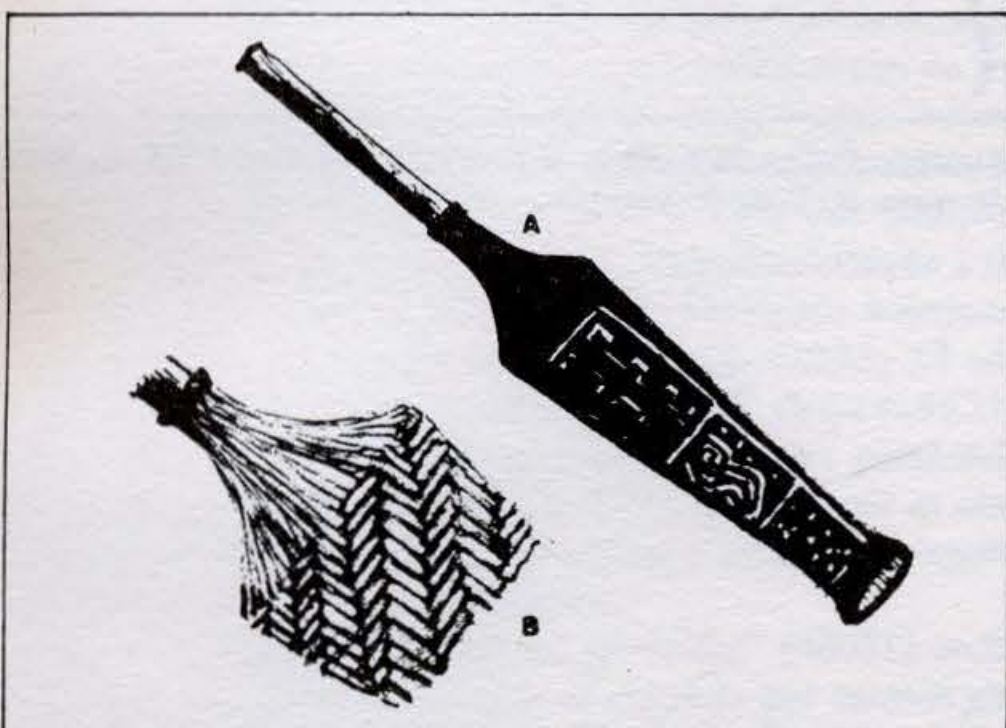
Def. Três ou quatro cabaças reunidas por meio de cera e perfuradas de forma a permitir a passagem interna do ar. Esta espécie de trompete é soprado pela abertura proximal.
T. Gen. Aerofone (01)
T. Rel. Trompete politubular

Trompete poliglobular. Índios Borôro, M.N. nº 17.710. Esc. 1:7,5.

TROMPETE POLITUBULAR

Def. Instrumento de sopro feito de varetas de madeira envoltas em espiral por entrecasca de árvore. É soprado pela abertura proximal.
T. Gen. Aerofone (01)
T. Rel. Trompete poliglobular

TROMPETE RETO

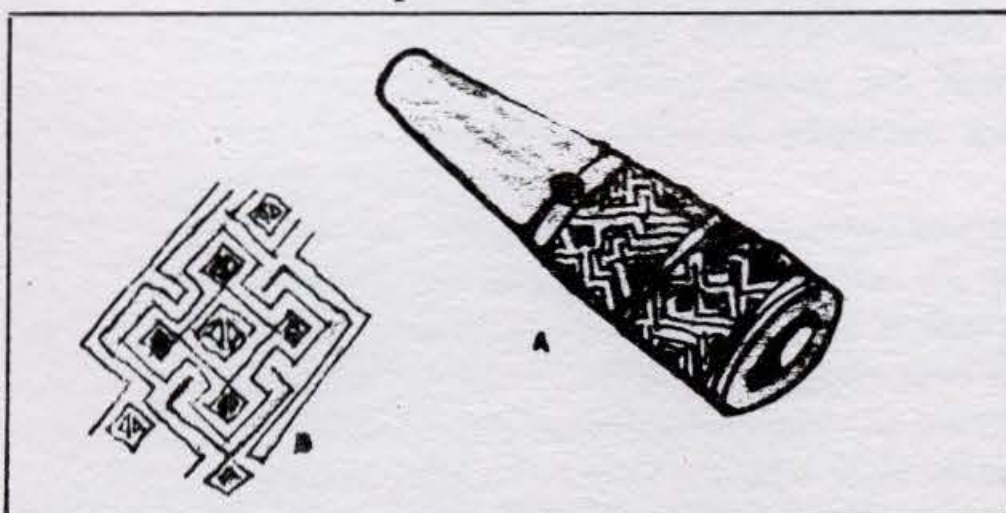
Def. Instrumento de sopro construído com um tubo único, sem orifícios, provido ou não de um tubo de diâmetro maior na parte inferior, constituído, como no caso do surubi dos índios do alto rio Negro, de uma armação trançada endurecida com resina que serve de caixa de ressonância para ampliar o som. É soprado com os lábios em vibração.
T. Gen. Aerofone (01)
T. Rel. Trompete reto de cerâmica

Trompete politubular. Índios Tukúna, M.N. nº 8.186. Esc. 1:10.

Trompete transverso com pavilhão. Índios Krahó, M.N. nº 29.806. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado que reveste o tubo. C. Detalhe do encaixe da cânula no pavilhão.

Trompete reto. Índios Sucuriju-tapuia, M.N. 19.575. Esc. 1:20. A. Vista da peça. B. Detalhe da estrutura da caixa acústica.

TROMPETE TRANSVERSO

Def. Instrumento de sopro construído com uma peça única que pode ser tubular, reta ou curva. A abertura de soprar situa-se na parte lateral do tubo, sendo por isso tocado transversalmente com os lábios em vibração. Pode ou não ser provido de caixa acústica acoplada à extremidade distal do tubo.

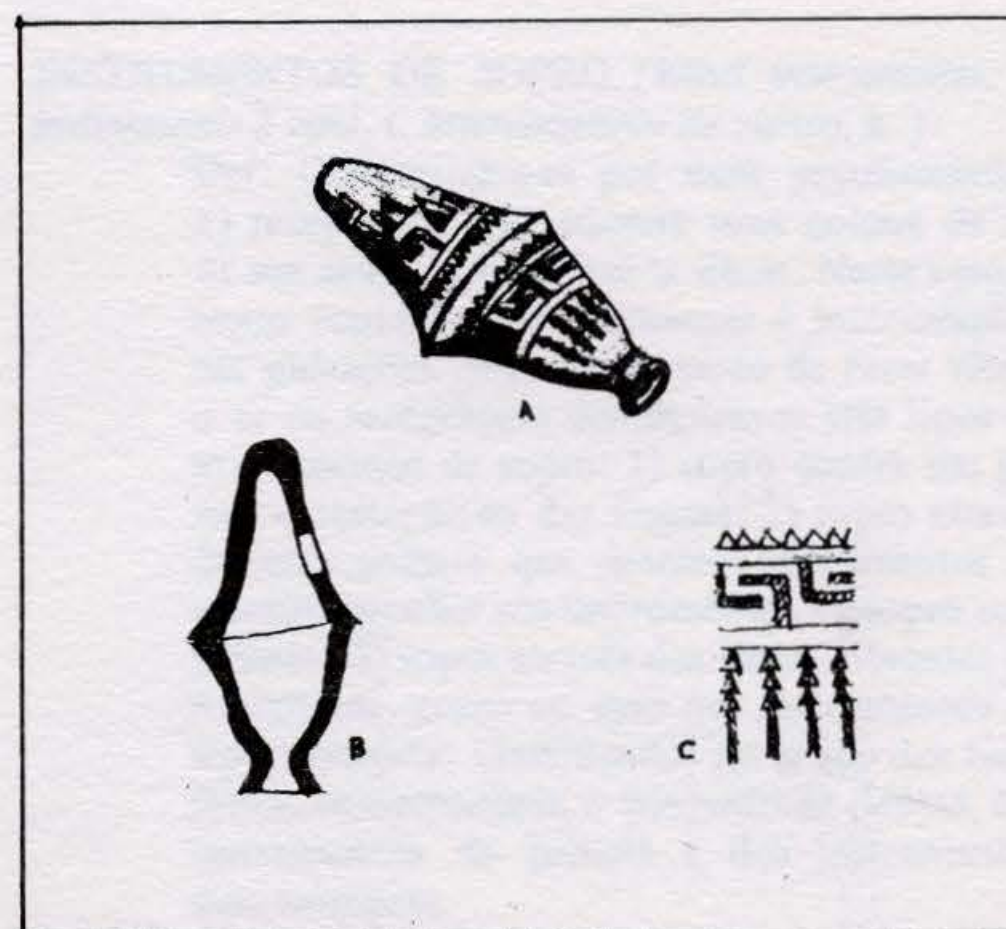
T. Gen. Aerofone (01)

T. Rel. Trompete transverso de cerâmica

Trompete transverso de madeira. Índios do Uaupés, M.N. nº 21.635. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Padrão ornamental gravado.

TROMPETE TRANSVERSO DE CERÂMICA

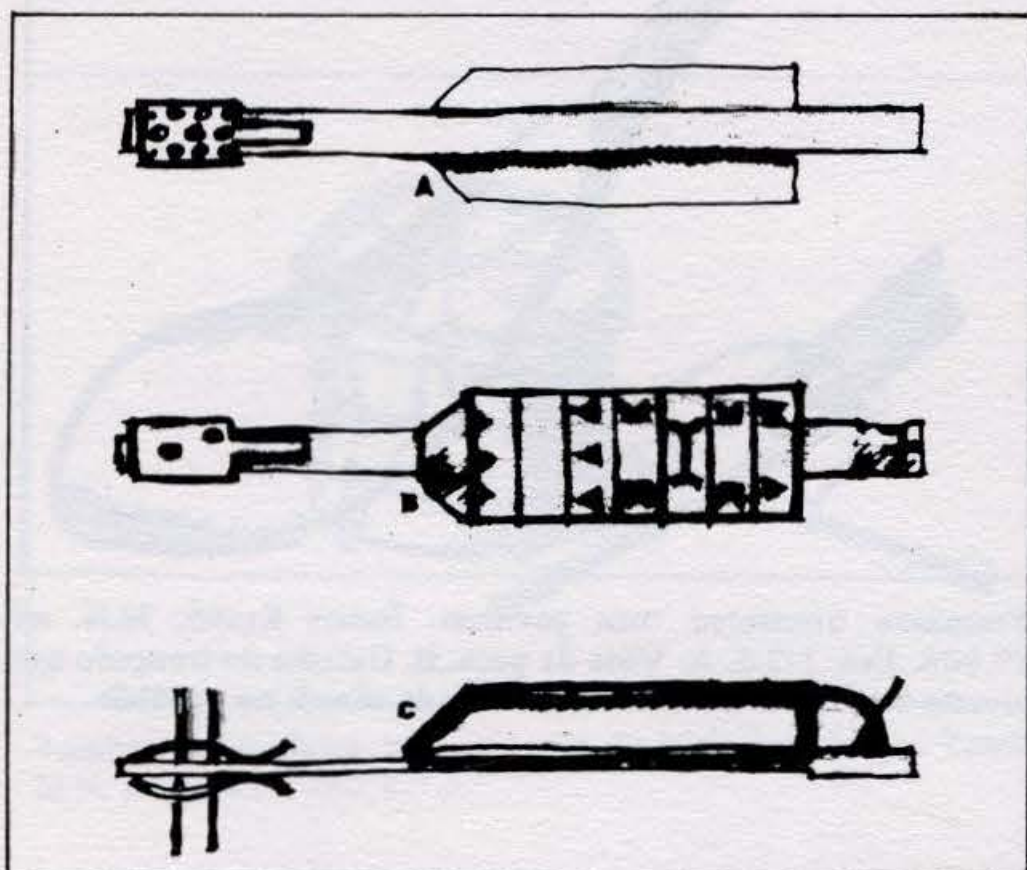
Def. Instrumento no qual a corrente de ar soprada faz vibrar rapidamente os lábios encostados à embocadura, produzindo som. É moldado em cerâmica, de forma ovalada, com o orifício de soprar situado lateralmente.

T. Gen. Aerofone (01)

T. Rel. Trompete transverso

Trompete transverso de cerâmica. Índios do rio Uaupés, M.N. nº 525. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Corte longitudinal. C. Detalhe da decoração incisa.

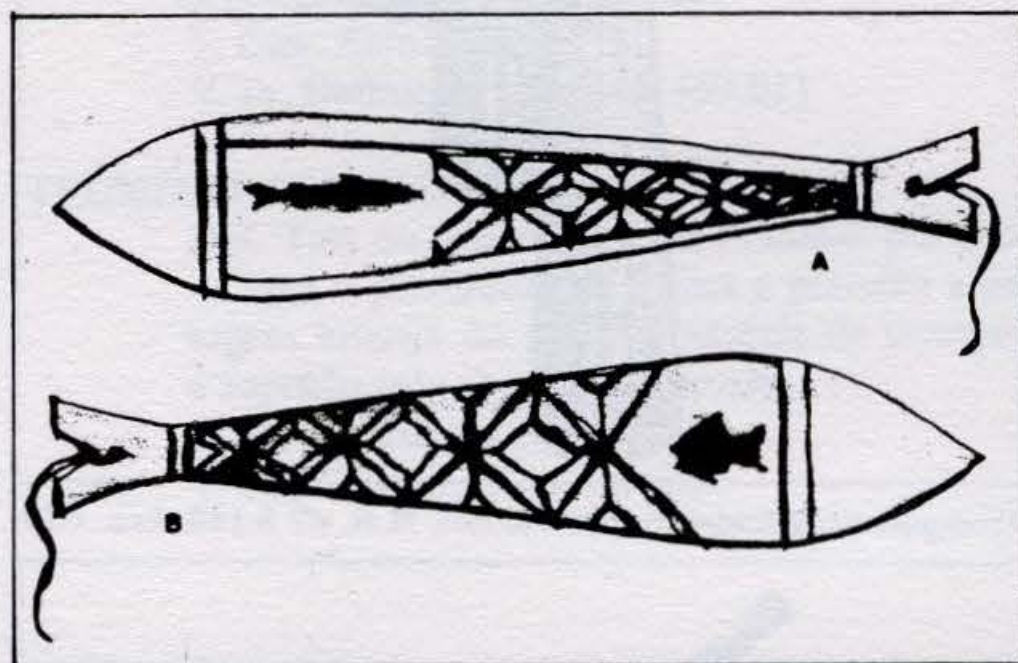
VIOLA

Def. Designação comum a instrumentos de cordas dedilháveis, introduzidos no Brasil pelos jesuítas, e encontrados, com pequenas variações de forma, entre algumas tribos indígenas. Assemelha-se pelo feitio à viola tendo caixa de ressonância e braço longo.

T. Gen. Cordofone (02)

Viola. Índios Ramkokamekra-Canela, M.N. nº 37.955. Esc. 1:7,5. A. Vista de costas. B. Vista de frente. C. Vista de lado.

ZUNIDOR *(Bull roarer,* i.; *rhombe,* f.; *zumbador,* e.)

Def. Peça de madeira oblonga e achatada, amarrada à extremidade de uma corda que, por sua vez, é fixada freqüentemente a uma vara. O executante gira o zunidor sobre sua cabeça e o movimento de rotação da peça sobre seu próprio eixo faz vibrar o ar em volta, produzindo um zunido. Quanto mais estreito o artefato e mais rápido o movimento, mais agudo é o zunido.

T. Gen. Aerofone (01)

Zunidor. Índios Mehináku, M.N. nº 38.474. Esc. 1:7,5. A. Vista do verso. B. Vista do anverso.

60 INSTRUMENTOS MUSICAIS E DE SINALIZAÇÃO

GLOSSÁRIO COMPLEMENTAR (60.00)

Com o objetivo de facilitar a identificação e descrição dos instrumentos musicais explicitam-se, aqui, definições complementares que clarificam o glossário dos itens.

Os termos são reunidos sob as seguintes secções correspondentes a grupos genéricos no caso dos itens. Tais são: Definições genéricas (60.01); Matérias-primas (60.02); Acessórios e partes componentes dos instrumentos musicais (60.03).

Este glossário é um desdobramento e complementação do que elaborou Elizabeth Travassos (1986: 180-188). Feito com a assistência da autora, cabe-lhe, de direito, plena autoria. Na seleção dos paradigmas de cada instrumento musical contamos com a colaboração de Fátima de Nascimento e Lúcia Bastos, museólogas, respectivamente, do Museu Nacional e Museu do Índio que, ao testarem o glossário de Travassos, à vista das coleções desses museus, procederam à sua complementação e retificação. O trabalho de Elizabeth Travassos baseia-se, por sua vez, nos estudos de G. Izikowitz (1935, 2ª edição, 1970, Helza Cameu (1977, 1979), F. Ortiz (1952) e C. Sachs (1947). Ele complementa o artigo publicado por Anthony Seeger (1986:173-179), que discute as classificações dos instrumentos musicais e enfatiza a importância da música na vida indígena.

A secção "Definiçoes genéricas" (60.01) inclui verbetes que explicitam o que se entende por termos globalizantes como instrumentos de sopro e de palheta. As características mais gerais dos inúmeros tipos de flautas, chocalhos, tambores e trompetes, são definidas em verbetes específicos e exemplificadas, a seguir, nos itens.

O grupo "Matérias-primas" (60.02) informa as mais comuns empregadas na construção dos instrumentos musicais constantes na bibliografia e, sobretudo, no fichário das coleções do Museu Nacional e do Museu do Índio devido a Helza Cameu. O grupo é dividido em matérias-primas de origem animal, vegetal e mineral, citando-se alguns artefatos em que são empregados, a título de exemplificação.

Finalmente, a secção "Acessórios e partes componentes dos instrumentos musicais" (60.03) explicita o que se entende por aeroduto, defletor, gume, etc. Nesse grupo são incluídos acessórios, como as baquetas, que formam parte do instrumento.

Instrumentos musicais feitos primacialmente de cerâmica – apito de cerâmica, taça-chocalho de cerâmica, tambor de cerâmica e trompete reto de cerâmica – recebem essa qualificação no título do verbete para diferenciá-los de instrumentos semelhantes feitos de outros materiais. As flautas com conotações rituais mais ostensivas, a exemplo da denominada *jakuí* pelos Kamayurá do alto Xingu e da "jurupari" (alto rio Negro), proibidas ambas de serem vistas pelas mulheres, não têm destaque especial na nomenclatura, estando incluídas no item que corresponde à sua caracterização. É dado destaque, no entanto, mediante item especial, à flauta de osso (ênfase na matéria-prima empregada), às flautas duplas e aos trompetes poliglobular e politubular (ênfase na forma).

Do glossário dos itens constam instrumentos que não se encontram nas coleções dos museus, uma vez que só podem ser construídos no local. Tais são: tambor de madeira oca, tambor de tábua de madeira, o chamado arco musical, o idiofone de fricção e o tambor d'água, definidos mas não ilustrados, por não ter sido encontrado nenhum protótipo nas coleções consultadas.

DEFINIÇÕES GENÉRICAS (60.01)

INSTRUMENTOS DE PALHETA *(Reed instruments,* i.; *instruments à anche,* f.)

Def. Neste tipo de instrumento de sopro, o ar é movimentado pelas pulsações de uma palheta ou lingüeta. Esta tanto pode ser uma peça introduzida no instrumento, quanto recortada no tubo em que se sopra. Classificados no grupo dos aerofones esses instrumentos receberam a designação: "aerofones de palheta".

T. Rel. Instrumentos de sopro

V. Tb. Acessórios e partes componentes do instrumento musical (60.03).

INSTRUMENTOS DE SOPRO *(Wind instruments,* i.; *instruments à vent,* f. *instrumientos de viento,* e.)

Def. Caracterizam-se por duas peculiaridades: 1) receptáculo que encerra uma coluna de ar; 2) um artifício para fazê-la vibrar. Neste caso, o sopro contínuo do executante é interrompido em pulsações. Segundo o modo de fazer vibrar o ar no receptáculo distinguem-se três tipos de instrumentos de sopro: 1) sopro contra um gume, característico das flautas; 2) sopro através de uma palheta que descreve movimentos de vaivém, peculiar aos instrumentos de sopro com palheta; 3) sopro através dos lábios vibrantes do executante, como no caso dos instrumentos de tipo trompete. Classificados no grupo dos aerofones, compreendem o conjunto de flautas, dos instrumentos de palheta e dos instrumentos tipo trompete.

T. Rel. Instrumentos de palheta

V. tb. Acessórios e partes componentes do instrumento musical (60.03).

TÉCNICAS DE ALTERNAÇÃO *(Hocket technique,* i.)
Def. Grupo de instrumentos iguais tocados alternadamente por executantes de modo a constituir uma melodia.

MATÉRIAS-PRIMAS (60.02)

I. Matérias-primas de origem animal

CARACOL
Nos chocalhos de fieira, a exemplo do espécime dos índios Tukúna, M. N. nº 21.514, são utilizados caracóis: "moluscos gastrópoles pulmonados de concha fina" (Dicionário Aurélio).

CARAPAÇA
Carapaças de quelônios (cágados, tracajás, tartarugas), ou seja, "o revestimento gutinoso ou calcário que protege o tronco de certos animais" (Dic. Aurélio) são empregados para fazer tambores.

CASCA
A casca do ovo da ema *(Rhea americana)* é empregada como receptáculo de peças sonantes, a exemplo do chocalho M. N. nº 30.852, índios Javaé.

CASCO
Nos chocalhos (de fieira, vara, cacho) são usados cascos de: anta *(Tapirus terrestris,* L.), caitetu *(Tayassu tajacu,* L.), queixada *(Tayassu pecari* Link), de cervídeos e bovinos.

CAUDA
Na confecção de instrumentos do tipo trompete emprega-se a cauda do tatu (da família dos dasipodídeos) como caixa de ressonância.

CHIFRE
O chifre de boi é empregado na confecção de instrumentos musicais tipo trompete. Para isso é provido de pequena cânula, servindo o chifre como caixa acústica.

COURO
Utiliza-se o couro de caitetu, cervo e do boi para revestir o tambor de pele, a exemplo da peça M.N. nº 1.435, índios Tukâno.

CRÂNIO
A calota craniana de macacos *(Cebus* sp.) é utilizada por algumas tribos para fazer chocalho globular, a exemplo da peça M.N. nº 3.533, índios Karajá. Os índios Jurúna oferecem o único exemplo de uso de crânio humano para fazer trompete, o qual serve como ressonador.

DENTES
Utiliza-se, no interior de chocalhos globulares, a par de sementes, élitros, pedrinhas, dentes de mamíferos: macacos, porcos do mato, quatis *(Nassua nassua,* L.)

ÉLITROS
Utiliza-se asas de coleópteros (élitros) na manufatura de chocalhos em fieira, como é o caso do exemplar M.N. nº 532, proveniente do alto rio Negro, e também no interior de chocalhos globulares.

OSSO
Na confecção de flautas utiliza-se a tíbia e o fêmur de cervídeos e felinos e, ainda, os ossos da asa (rádio, cúbito) de aves: jaburu *(Jabiru mycteria,* L.), gavião real *(Harpia harpyja.* L.), urubu-rei *(Sarcoramphus papa,* L.).

UNHAS
Nos chocalhos – de fieira, de vara, de cacho – emprega-se unhas de tatu (mamífero desdentado da família dos dasipodídeos).

II. Matérias-primas de origem vegetal

BAMBU
Gramínea com e sem nós, de gêneros e espécies não identificadas, é empregada na confecção de instrumentos de sopro. De diâmetro maior que a taquara.

CABAÇA
A casca lenhosa e algonada do fruto de uma trepadeira da família das Cucurbitáceas *(Lagenaria vulgaris,* Ser.; *Cucurbita lagenaria)* serve de caixa de ressonância do trompete. A mesma matéria-prima é empregada para fazer flautas e chocalhos.
Sin. Porongo

COCO
Astrocaryum spp., família Palmae. O envoltório córneo das amêndoas é cortado ao meio para servir de chocalho em fieira, ou deixado inteiro e perfurado para usar como apito.

CUITÉ
O fruto arredondado da cuieira *(Crescentia cujete.* L.) é cultivado para fazer chocalhos e flautas globulares.

FRUTO
Na feitura de chocalhos de vara, cacho e fieira emprega-se a cápsula perfurada e partida ao meio de diversos frutos: 1) jatobá *(Hymeneae courbaril.* L.), a exemplo do chocalho em fieira M.N. nº 2.835, índios Mawé. Sin.: jutaí-açu. 2) Chapéu de Napoleão *(Thevetia neriifolia,* Juss), a exemplo do chocalho em fieira M.N. nº 2.837, índios Guajajara. Sin.: jorro-jorro. 3) Baba de boi *(Arecastrum romanzofianum* Barb. Rodr.), da família Palmae, exemplificado pelo chocalho em fieira M.N. nº 30.530 índios Gorotíre. Sin.: Gerivá, cheribão, cocô de cachorro. 4) Juqueri grande *(Machaerium ferox* (Mart.) Ducke), da família Leg. Faboideae, identificado no chocalho em fieira M.N. nº 33.196, índios Guajajara. 5) Inajarana (ou guarariba) *(Quararibea guianensis* Aubl.) identificada no chocalho dos índios Mundurukú, M.N. nº 783. 6) Endocárpio do fruto do pequi *(Caryocar brasiliense,* Acm), comum nos chocalhos dos índios Karajá. 7) Na feitura de chocalhos globulares utilizam o endocárpio do fruto do cupuaçu

(Theobroma grandiflorum (Willd. ex Spreng.) Schum.) alguns grupos Jê do Tocantis. 8) Dentre os apitos (ou pios) registra-se o uso da cápsula do jatobá, do caroço do umari *(Poraqueiba* spp.), além de outros frutos não identificados.

LÁTEX

Tiras de látex, cujos componentes mais importantes são resinas e borracha, são usadas para formar a membrana e revestir o corpo do tambor de cerâmica, bem como das baquetas do tambor de fenda. É referido freqüentemente na bibliografia como látex cernambi (borracha de qualidade inferior).

MADEIRA

Na feitura de flautas, principalmente as secretas, na dos bastões de ritmo, de lança-chocalho, do reco-reco, das violas e tambores utiliza-se o lenho de algumas madeiras, a exemplo de: 1) Paxiúba *(Socratea exorrhiza* (Mart.) H. Wendl.) da família Palmae. 2) Maçaranduba *(Manilkara* sp.) da família Sapotaceae. 3) Muirapiranga *(Brosimum rubescens* Taub.) da família Moraceae. Sin.: pau-brasil, pau-rainha. 4) Pau de balsa *(Ochroma lagopus* Sw.) da família Bombacaceae. Sin.: Pau de jangada. 5) Imbaúba *(Cecropia* sp.).

NOZES

O endocárpio da amêndoa da castanha-do-pará *(Bertholletia excelsa* H.B.K.) da família Lecitidaceae é partido ao meio e usado como chocalho em fieira a exemplo da peça M.I. nº 77.3.48, índios Kayapó.

PORONGO

Use: CABAÇA

SEMENTE

Sementes são usadas no interior dos chocalhos globulares para produzir o som por percussão. A bananeirinha de jardim *(Canna glauca,* L.), da família das Canáceas, é a mais comumente citada. Sin.: coquilho, erva dos feridos, albará, imbiri. Identificada no espécime M.N. nº 1.015, índios Tukúna.

TAQUARA

O colmo de diversas espécies do gênero Bambusa *(B. vulgaris* Schrad) e outras, da família das Gramíneas é empregado como instrumento de sopro. Os sinônimos mais comuns citados nos fichários das coleções são: bambu, taboca.

TAQUARI

Taquara pequena *(Mabea angustifolia,* Benth.) da família das Euforbiáceas. A cânula fina é utilizada para a construção de flautas, principalmente a flauta de pã. Os orifícios são abertos a fogo.

TAQUARUÇU

Também conhecida como taboca grande *(Guadua superba,* Hub), da família das Gramíneas, com colmos de 6 a 12 m de altura e 15 a 20 cm de diâmetro é empregada para instrumentos de sopro.

III. Matérias-primas de origem mineral

CALCEDÔNIA

Usada como percussor nos chocalhos globulares é definida como "variedade de sílica microcristalina, transparente ou translúcida" pelo Dic. Aurélio.

ACESSÓRIOS E PARTES COMPONENTES DO INSTRUMENTO MUSICAL (60.03)

AERODUTO

Def. Presente em alguns tipos de flauta, o aeroduto canaliza o ar de encontro a um gume formado por um orifício afilado na parede do instrumento. Distinguem-se dois tipos: 1) o aeroduto (interno) é uma secção do próprio tubo da flauta, por onde o ar é dirigido ao defletor, geralmente de cera, que desvia o ar contra o gume; 2) o aeroduto (externo) é um pequeno tubo acoplado à flauta, cuja função é a mesma. Izikowitz (1970:331) assim o define: "A outra possibilidade é que o aeroduto consista de um pequeno tubo separado, o qual é acoplado ao corpo da flauta, em um ângulo apropriado, ou é parte de uma peça única, juntamente com a câmara de ar. Neste caso, tanto o aeroduto quanto a câmara de ar são feitos do mesmo material."

ANDAIME

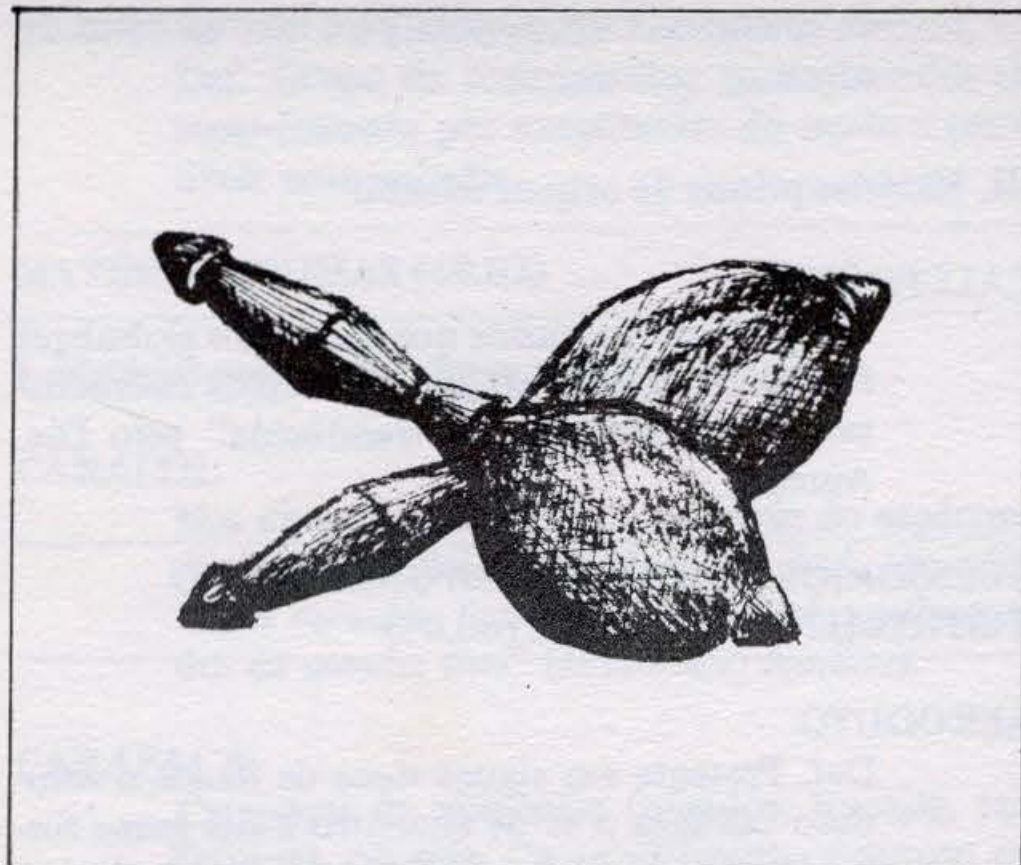
Def. Armação de quatro estacas unidas por tiras de cipó ou entrecasca de árvore sobre a qual é suspenso o tambor de fenda.

APÊNDICES DECORATIVOS

Def. Ornatos apendiculares, geralmente feitos de tufos de plumas ou outros pingentes, e trançados que recobrem o instrumento mas não interferem na produção do som.

BAQUETA

Def. Pequena vara de madeira com que se percutem os tambores. No caso do tambor de fenda, as baquetas são revestidas na extremidade de percussão com um capeamento de látex.

Baqueta. Índios Moré, M.N. nº 28.860. Esc. 1:7,5.

Baquetas. Índios Tukâno, M.N. 23.169. Esc. 1:5.

BOCAL
Use: EMBOCADURA

CAIXA DE RESSONÂNCIA
Def. A caixa acústica da maioria dos instrumentos de cordas ou de outros tipos de instrumentos.

DEFLETOR
Def. Componente de flautas, feito geralmente de cera, que desvia o ar em direção a um orifício afilado aberto no tubo do instrumento, constituindo o gume.
Sin. Diafragma

DIAFRAGMA
Use: DEFLETOR

EMBOCADURA
Def. Parte proximal dos instrumentos de sopro.
Sin. Bocal

GUME
Def. O lado afilado de um orifício aberto na parede da flauta para onde é dirigido o ar soprado através da embocadura do instrumento. Izikowitz (1970:331) denomina-o "orifício sonoro".

LINGUETA
Use: PALHETA

PALHETA
Def. Lâmina de madeira ou taquara que se aplica na embocadura de certos instrumentos de sopro – os instrumentos de palheta – ou que se secciona na própria matéria desses instrumentos, cujas vibrações produzem um som tanto mais agudo quanto mais freqüentes forem as batidas.
Sin. Lingüeta

PAVILHÃO
Def. "A parte inferior, mais larga, do tubo de alguns instrumentos de sopro e cuja largura é calculada de modo que se assegure a exatidão dos harmônicos" (Dic. Aurélio).

70
ARMAS

70
ARMAS

GRUPOS GENÉRICOS

Nº	Grupo
01	Armas de arremesso complexas
02	Armas de arremesso simples
03	Armas contundentes de choque
04	Armas de sopro com setas ervadas
05	Apetrechos de defesa

ARMAS DE ARREMESSO COMPLEXAS (01)

Def. Armas arremessadas por meio de um engenho – arco ou o propulsor – combinadas com um projétil, a flecha ou o dardo. Inclui também o bodoque.

Uso: atividades de subsistência e práticas de combate.

T. Esp.
Arco canelado
Arco circular
Arco côncavo-convexo
Arco cuneiforme
Arco elipsoidal
Arco plano-côncavo
Arco quadrangular
Arco retangular
Arco triangular
Bodoque
Dardo de propulsor
Flecha-curabi farpada
Flecha-curabi lanceolada
Flecha encaixe de osso
Flecha espeque
Flecha esporão de raia
Flecha farpada
Flecha fisga
Flecha fisga bifurcada
Flecha fisga trifurcada
Flecha foliácea pedunculada
Flecha foliácea pedunculada com aletas
Flecha lanceolada arqueada
Flecha lanceolada barbelada
Flecha lanceolada biconvexa
Flecha lanceolada prismática
Flecha polipontas
Flecha ponta dupla
Flecha rombuda bolota
Flecha rombuda cruzeta
Flecha rombuda virote
Flecha-sararaca espeque
Flecha-sararaca fisga
Flecha-sararaca triangular com aletas
Flecha serrilhada bilateral
Flecha serrilhada unilateral
Flecha triangular pedunculada
Propulsor de dardos

ARMAS DE ARREMESSO SIMPLES (02)

Def. Armas perfuradoras, cuja ponta aguçada é encabada, ou faz parte integrante de uma vara mais longa, arremessada à mão. Inclui a boleadeira, arma de projeção direta.

Uso: atividades de subsistência e práticas de combate.

T. Esp.
Boleadeira
Lança encaixe de osso
Lança espeque
Lança foliácea pedunculada com aletas
Lança gancho unilateral
Lança lanceolada arqueada
Lança lanceolada barbelada
Lança polifarpada
Lança serrilhada bilateral
Murucu

ARMAS CONTUNDENTES DE CHOQUE (03)

Def. Armas de mão defensivas, predominantemente contundentes, providas de maior peso na porção basal e, eventualmente, de ponteira perfuratriz.

Uso: atividades de subsistência e práticas de combate.

T. Esp.
Borduna circular estriada
Borduna circular lisa
Borduna circular semi-estriada
Borduna côncavo-convexa espatulada
Borduna cuneiforme espatulada
Borduna losangular prismática
Borduna ovalada
Borduna quadrangular
Clava circular
Clava côncavo-convexa ampulhetada
Clava losangular espatulada
Clava retangular concavolínea
Clava retangular espatulada
Maça

ARMAS DE SOPRO COM SETAS ERVADAS (04)

Def. Arma ofensiva formada de tubo oco no qual se introduzem setas envenenadas com curare impelidas pelo sopro contra o alvo e transportadas em carcás.

Uso: atividades de caça a pássaros e pequenos animais arborícolas.

T. Esp.
Sarabatana reforçada bipartida
Sarabatana reforçada inteiriça
Sarabatana reforçada semi-inteiriça

Sarabatana singela bipartida
Sarabatana singela inteiriça
Setas de sarabatana

APETRECHOS DE DEFESA (05)

Def. Artifícios defensivos, como o nome indica, compreendendo os anteparos destinados a defender o corpo ou ocultá-lo, bem como os estrepes para defender a aldeia. Segundo Nordenskiöld (1924:104), o escudo seria uma arma defensiva contra a lança ou o dardo atirado do propulsor.

Uso: arma de defesa pessoal e coletiva

T. esp. Escudo de couraça
Escudo de couro
Escudo-disfarce
Estrepes

ITENS

Nº	Item
01	Arco canelado
02	Arco circular
03	Arco côncavo-convexo
04	Arco cuneiforme
05	Arco elipsoidal
06	Arco plano-côncavo
07	Arco quadrangular
08	Arco retangular
09	Arco triangular
10	Bodoque
11	Boleadeira
12	Borduna circular estriada
13	Borduna circular lisa
14	Borduna circular semi-estriada
15	Borduna côncavo-convexa espatulada
16	Borduna cuneiforme espatulada
17	Borduna losangular prismática
18	Borduna ovalada
19	Borduna quadrangular
20	Clava circular
21	Clava côncavo-convexa ampulhetada
22	Clava losangular espatulada
23	Clava retangular concavolínea
24	Clava retangular espatulada
25	Dardo de propulsor
26	Escudo de couraça
27	Escudo de couro
28	Escudo-disfarce
29	Estrepes
30	Flecha-curabi farpada
31	Flecha-curabi lanceolada
32	Flecha encaixe de osso
33	Flecha espeque
34	Flecha esporão de raia
35	Flecha farpada
36	Flecha fisga
37	Flecha fisga bifurcada
38	Flecha fisga trifurcada
39	Flecha foliácea pedunculada
40	Flecha foliácea pedunculada com aletas
41	Flecha lanceolada arqueada
42	Flecha lanceolada barbelada
43	Flecha lanceolada biconvexa
44	Flecha lanceolada prismática
45	Flecha polipontas
46	Flecha ponta dupla
47	Flecha rombuda bolota
48	Flecha rombuda cruzeta
49	Flecha rombuda virote
50	Flecha-sararaca espeque
51	Flecha-sararaca fisga
52	Flecha-sararaca triangular com aletas
53	Flecha serrilhada bilateral
54	Flecha serrilhada unilateral
55	Flecha triangular pedunculada
56	Lança encaixe de osso
57	Lança espeque
58	Lança foliácea pedunculada com aletas
59	Lança gancho unilateral
60	Lança lanceolata arqueada
61	Lança lanceolada barbelada
62	Lança polifarpada
63	Lança serrilhada bilateral
64	Maça
65	Murucu
66	Propulsor de dardos
67	Sarabatana reforçada bipartida
68	Sarabatana reforçada inteiriça
69	Sarabatana reforçada semi-inteiriça
70	Sarabatana singela bipartida
71	Sarabatana singela inteiriça
72	Setas de sarabatana

ARCO

Def. Arma com a qual se atiram flechas. É constituída de uma ripa de madeira, recurvada por desbastamento e pela ação do calor, sendo provida de corda. Entre os grupos indígenas do Brasil, encontram-se unicamente arcos simples (em oposição aos compostos), isto é, de um único segmento curvo de madeira flexível. Os segmentos laterais afinam-se continuamente até formar uma ponta (o ombro do arco) onde é engatado o laço da corda. O recorte da ponta serve de escora à corda. Os cortes transversais do arco podem variar desde a empunhadura até as pontas. Para fins de classificação, distingue-se a secção reta transversal do segmento central (empunhadura) do arco. Essa classificação não leva em conta a espessura, isto é, o diâmetro maior ou menor do arco. Discriminam-se os seguintes tipos principais: 1) canelado; 2) circular; 3) côncavo-convexo; 4) cuneiforme; 5) plano-côncavo; 6) elipsoidal; 7) quadrangular; 8) retangular; 9) triangular.

T. Gen. Armas de arremeso complexas (01)

V. tb. Acessórios e partes componentes das armas (70.03)

ARCO CANELADO

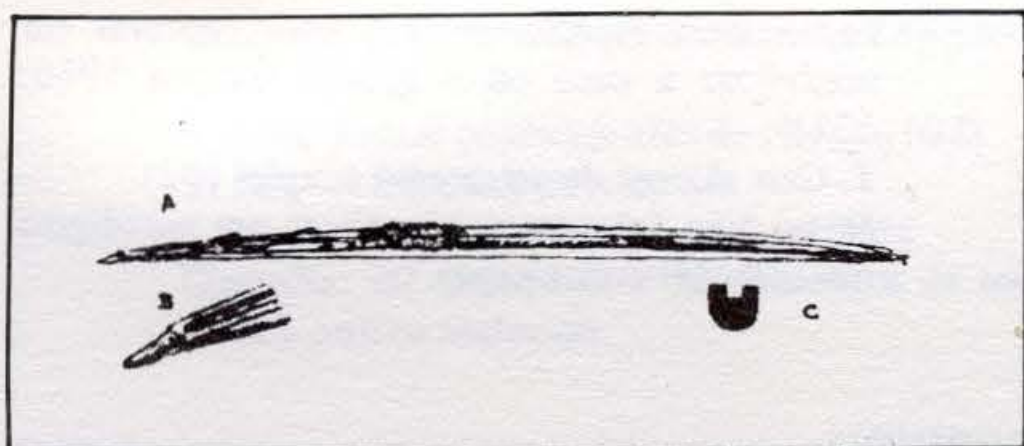
Def. Arco cuja secção reta transversal apresenta uma canelura, ou seja um sulco aberto na face interna relativamente largo e profundo.

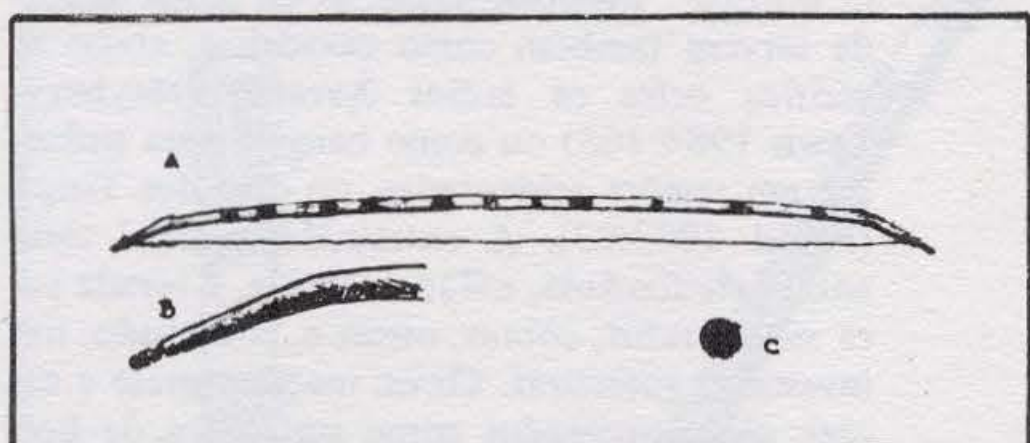
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

ARCO CIRCULAR

Def. Arco cuja secção reta transversal na altura da empunhadura apresenta forma circular.

T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

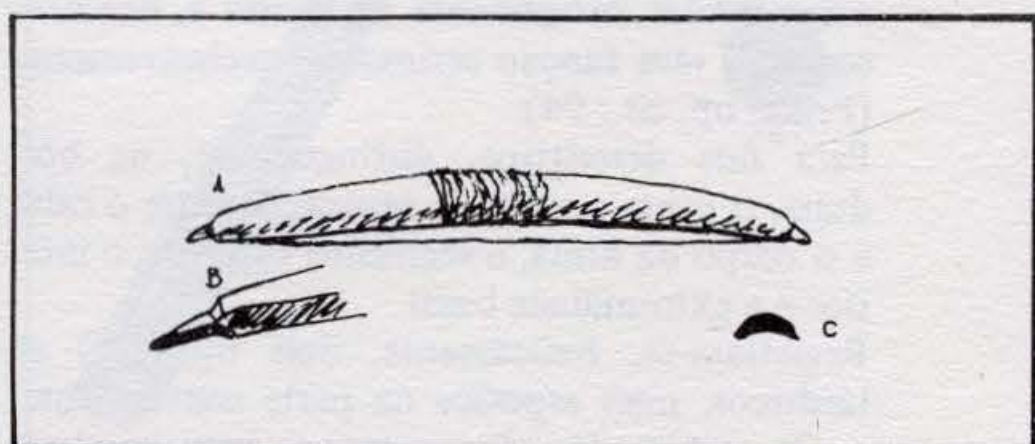
A
B C

Arco canelado. Índios do rio Madeira, M.N. nº 2.686. Esc.: 1:33,3. A. Vista da peça. B. Detalhe do ombro e da canelura. C. Corte transversal.

A
B C

Arco circular. Índios Patoxó-Hãhã-hãi, M.N. nº 14.777. Esc. 1:33,3. A. Vista da peça. B. Detalhe do ombro e da curvatura do arco. C. Corte transversal.

ARCO CÔNCAVO-CONVEXO

Def. Arco que apresenta a forma côncava-convexa quando visto em corte transversal. A concavidade interna aprofunda-se, às vezes, formando um sulco.

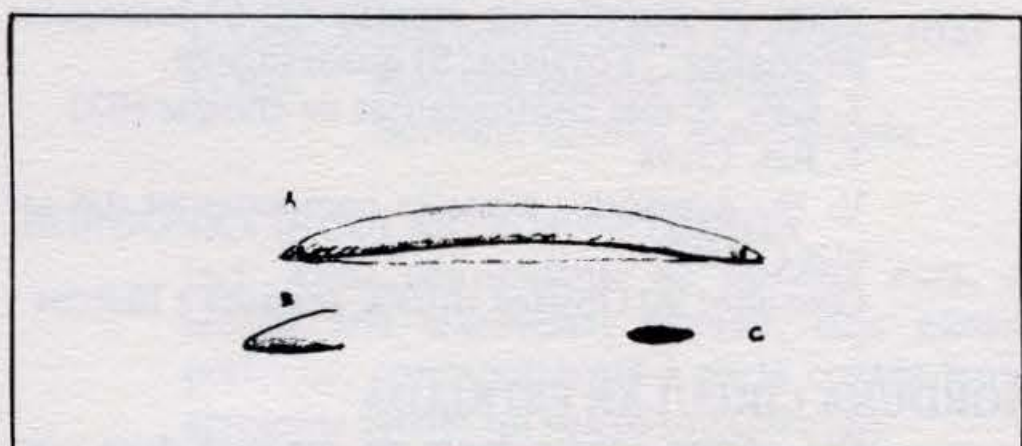
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

A
B C

Arco côncavo-convexo. Índios Araweté, M.N. nº 40.760. Esc. 1:33,3. A. Vista da peça. B. Detalhe do ombro. C. Corte transversal.

ARCO CUNEIFORME

Def. Arco cuja secção reta em corte transversal apresenta a forma de uma cunha de pequena espessura, bordas arredondadas e porções externas mais ou menos agudas.

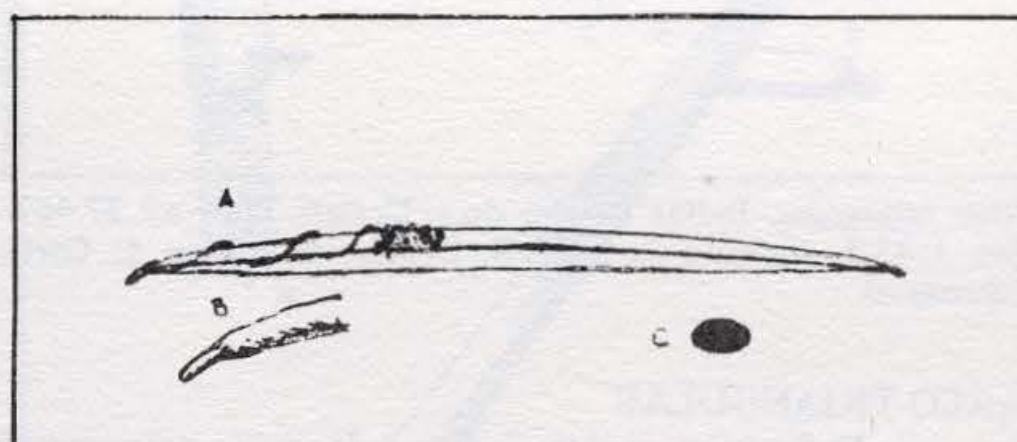
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

A
B C

Arco cuneiforme. Índios Araras do rio Madeira, M.N. nº 367. Esc. 1:33,3. A. Vista da peça desprovida de corda. B. Detalhe do ombro. C. Corte transversal.

ARCO ELIPSOIDAL

Def. Arco cujo corte transversal assemelha-se a uma elipse, isto é, achatado com as arestas arredondadas.

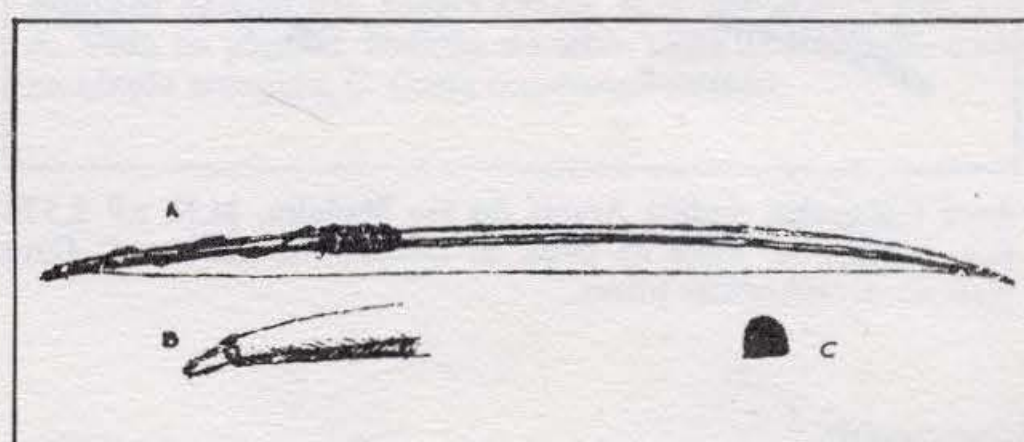
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

A
B C

Arco elipsoidal. Índios do Brasil, M.N. s/nº Esc. 1:33,3. A. Vista da peça. B. Detalhe do ombro. C. Corte transversal.

ARCO PLANO-CÔNCAVO

Def. Arco cujo corte transversal apresenta uma forma plana na face interna e côncava na externa.

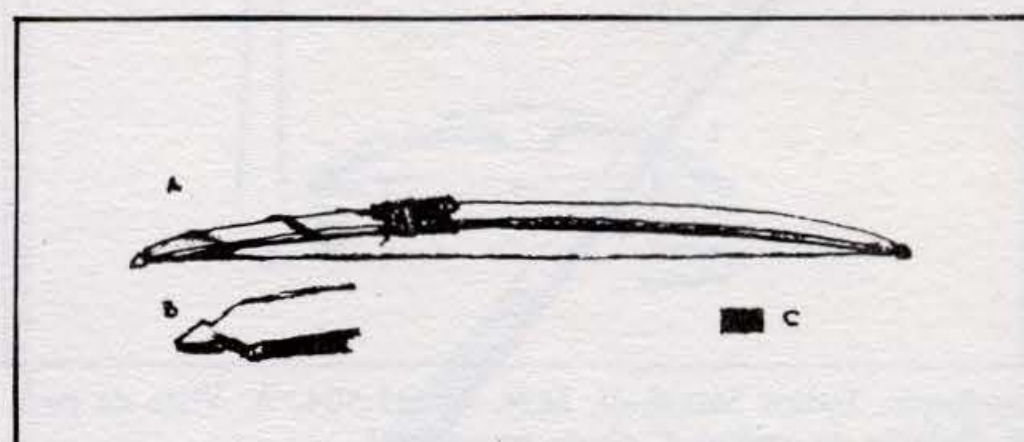
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

A
B C

Arco plano-côncavo. Índios Parintintín, M.N. nº 19.631. Esc. 1:33,3. A. Vista da peça. B. Detalhe do ombro. C. Corte transversal.

ARCO QUADRANGULAR

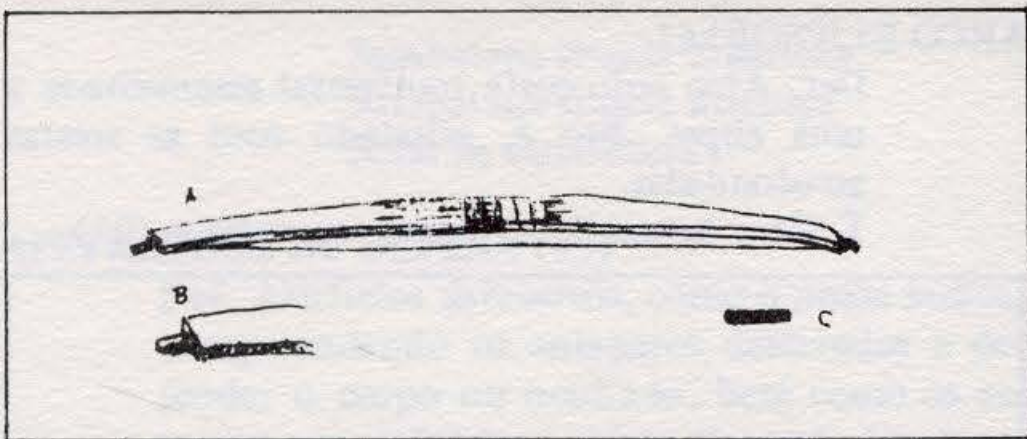
Def. Arco cuja secção reta transversal conforma um paralelograma com as arestas vivas.

T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

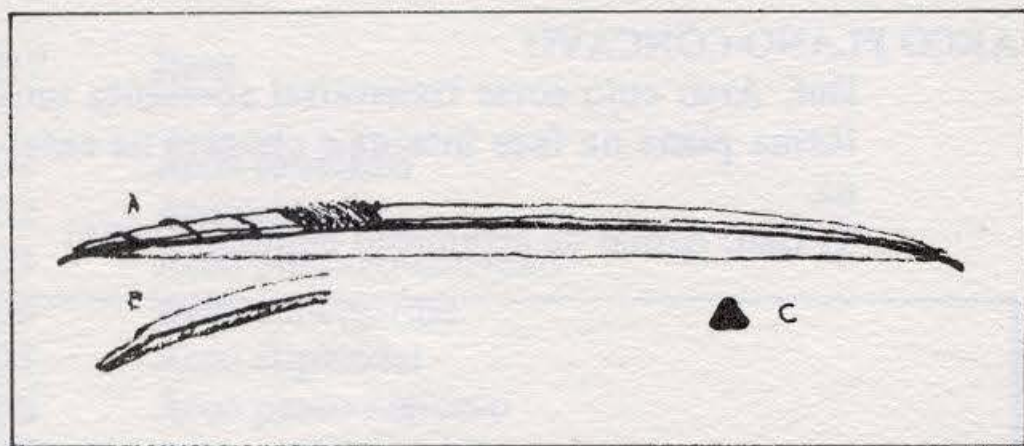
A
B C

Arco quadrangular. Índios Kuruaya, M.N. nº 20.377. E. 1:33,3. A. Vista da peça. B. Detalhe do ombro. C. Corte transversal.

ARCO RETANGULAR

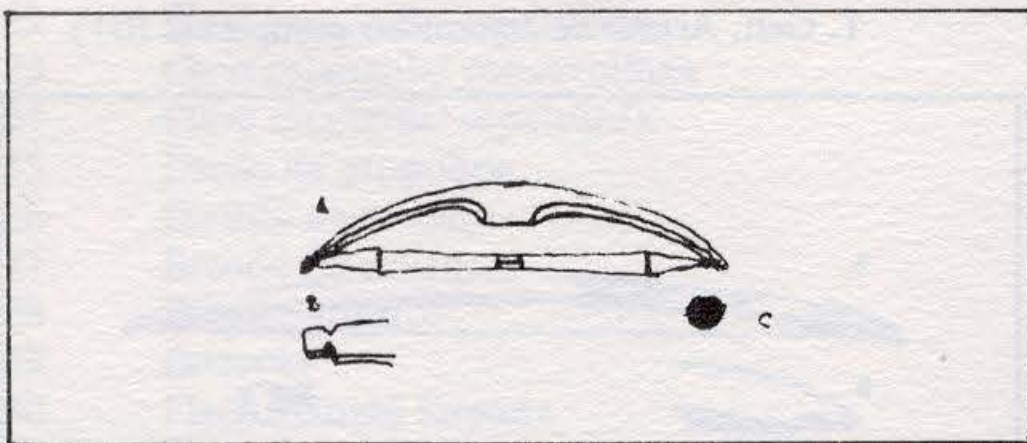
Def. Arco caracterizado pela largura excepcional (de 6 a 7 cm), de secção reta retangular, porção interna aplanada e externa encurvada.

T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

Arco retangular. Índios Kaxibo do r. Ucaiale, M.N. nº 27.467. Esc. 1:33,3. A. Vista da peça. B. Detalhe do ombro. C. Corte transversal.

ARCO TRIANGULAR

Def. Arco caracterizado pelo corte transversal triangular. A face interna é achatada, ou com uma leve concavidade; a externa apresenta arestas, imprimindo perfil triangular à secção reta.
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

Arco triangular. Índios Araras do rio Madeira, M.N. nº 3.573. Esc. 1:33,3. A. Vista da peça. B. Detalhe do ombro. C. Corte transversal: triangular plano.

BODOQUE

Def. O bodoque é uma combinação de funda e arco servindo para atirar bolas de barro endurecidas ao fogo, colocadas em um invólucro de pano entre as cordas do arco. É provável que os índios o tenham recebido da população regional (Krause 1941-4 vol. 84:188). As crianças empregam-no para matar passarinhos.
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

Bodoque. Índios Maxakalí, M.N. nº 37.504. A. Vista da peça. B. Detalhe do ombro. C. Corte transversal.

BOLEADEIRA

Def. "Consiste de três peças esféricas de pedra ligadas por três cordas, uma delas mais curta, que o boleador empunha para manejar o conjunto. As bolas diferenciam-se pela presença ou ausência de um sulco na sua "linha equatorial". Esse detalhe informa se era atada diretamente ou envolvida em couro ou outro material. Lançada à altura dos pés, a boleadeira funciona como uma espécie de laço para capturar ou imobilizar a caça ou o gado". (Chiara 1986: 121).
T. Gen. Armas de arremesso simples (02)
Nota: Não foi possível localizar um paradigma nas coleções consultadas.

BORDUNA

Def. Termo genérico atribuído a todas as armas contundentes feitas de madeira dura usadas para bordoar. Eventualmente, as de ponta aguçada servem também como cavadeiras, como se verifica entre os índios Xavante (Maybury-Lewis 1984:105) ou como bengala para andanças em regiões acidentadas, no caso dos Tiriyó (Frikel 1973:93). A extremidade distal varia entre arredondada, afilada, cavada. É levada para matar ratos, cobras, onças e, sobretudo, nas investidas guerreiras. Clava, maça, porrete e cacete são empregados como sinônimos de borduna. Macana é a palavra Taino (Métraux 1986:156) usada pelos cronistas espanhóis; tacape é o equivalente em língua geral, o tupi modificado pelos missionários. Reservamos o vocábulo *maça* para as bordunas cuja ponta contundente é esculpida em forma de bola ou feita de uma madeira com essa forma natural reaparelhada. O termo *clava* é aqui atribuído às bordunas mais curtas, geralmente espatuladas, e, em casos raros, circulares, sendo quase sempre providas de ornamentação. As clavas eram usadas antigamente na guerra e, nos nossos dias, têm função cerimonial exclusivamente (Frikel op. cit.: 94).
Para fins descritivos, distinguem-se, na borduna, o cabo, o cinto de separação entre o cabo e o corpo da arma, o segmento superior, o inferior e a extremidade basal.
Registram-se, basicamente, dois tipos: 1) cilíndricos, mais espessos na parte contundente, e, 2) espalmados. Empregam-se para combate ou caça à pequena distância embora a bibliografia (Métraux loc. cit.) registre "bordunas de arremesso" entre algumas tribos e usadas como baionetas, quando pontudas, por outras. As bordunas são classificadas segundo o corte transversal da metade inferior do corpo da peça, primordialmente. Subsidiariamente, levam-se em conta algumas características marcantes que dizem respeito à forma e à decoração. Dentro desse critério distinguem-se os seguintes tipos de bordunas: 1) circular estriada; 2) circular lisa; 3) circular semi-estriada; 4) côncavo-convexa; 5) cuneiforme espatulada; 6) losangular prismática; 7) ovalada; 8) quadrangular.
T. Gen. Armas contundentes de choque (03)
T. Rel. Clava
V. tb. Acessórios e partes componentes das armas (70.03)
Consulte: 90 Objetos rituais, mágicos e lúdicos

BORDUNA CIRCULAR ESTRIADA

Def. Arma contundente de madeira dura cuja superfície é ornamentada com sulcos feitos em todo o seu comprimento com formão-cavador

de dente de roedor. O corte transversal apresenta-se circular.
T. Gen. Armas contundentes de choque (03)
T. Rel. Borduna circular lisa
Borduna circular semi-estriada
Consulte: 80 Utensílios e implementos de madeira e outros materiais

Borduna circular lisa. Índios Krahó, M.N. nº 38.067. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do cabo, cinto de separação e ornamentação trançada. C. Corte transversal circular.

Borduna circular estriada. Índios Mundurukú, M.N. nº 34.209. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do cabo, cinto de separação e estrias. C. Secção reta transversal do segmento inferior.

BORDUNA CIRCULAR LISA

Def. Arma contundente de madeira pesada, de secção reta transversal circular, alisada na superfície externa.
T. Gen. Armas contundentes de choque (03)
T. Rel. Borduna circular estriada
Borduna circular semi-estriada

BORDUNA CIRCULAR SEMI-ESTRIADA

Def. Arma contundente de madeira dura, de secção reta transversal circular, cuja metade posterior, correspondente à parte contundente, apresenta estrias ou sulcos ornamentais.
T. Gen. Armas contundentes de choque (03)
T. Rel. Borduna circular estriada
Borduna circular lisa

Borduna circular semi-estriada. Índios Krixaná, M.N. nº 7.315. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do cabo e do segmento superior liso. C. Detalhes das duas secções retas transversais circulares: lisa e estriada.

BORDUNA CÔNCAVO-CONVEXA ESPATULADA

Def. Arma contundente de madeira dura com empunhadura revestida de trançado. A parte inferior apresenta corte transversal côncavo na face interna e convexo na externa, alargando-se em forma de pá.

T. Gen. Armas contundentes de choque (03)

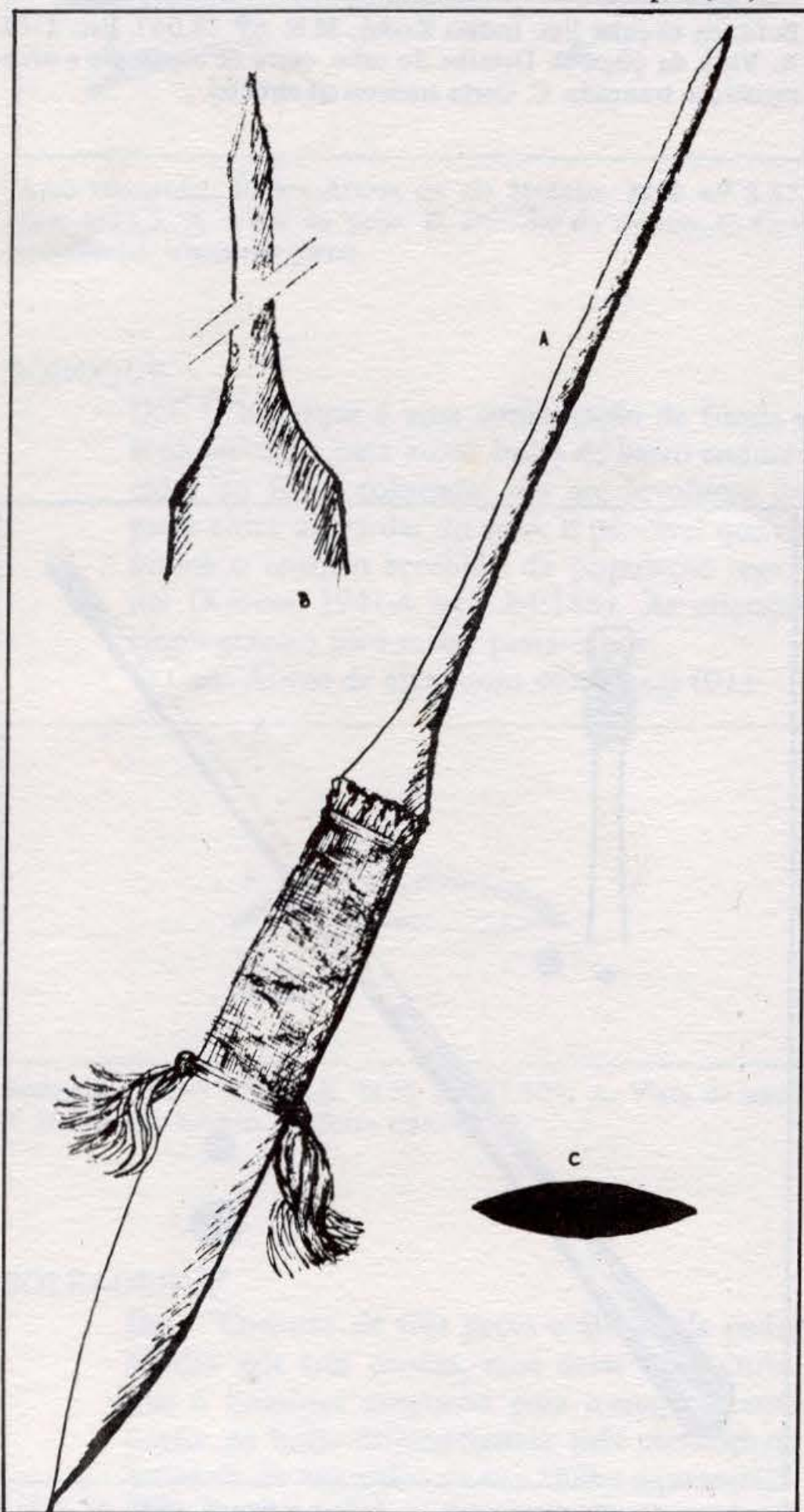
BORDUNA CUNEIFORME ESPATULADA

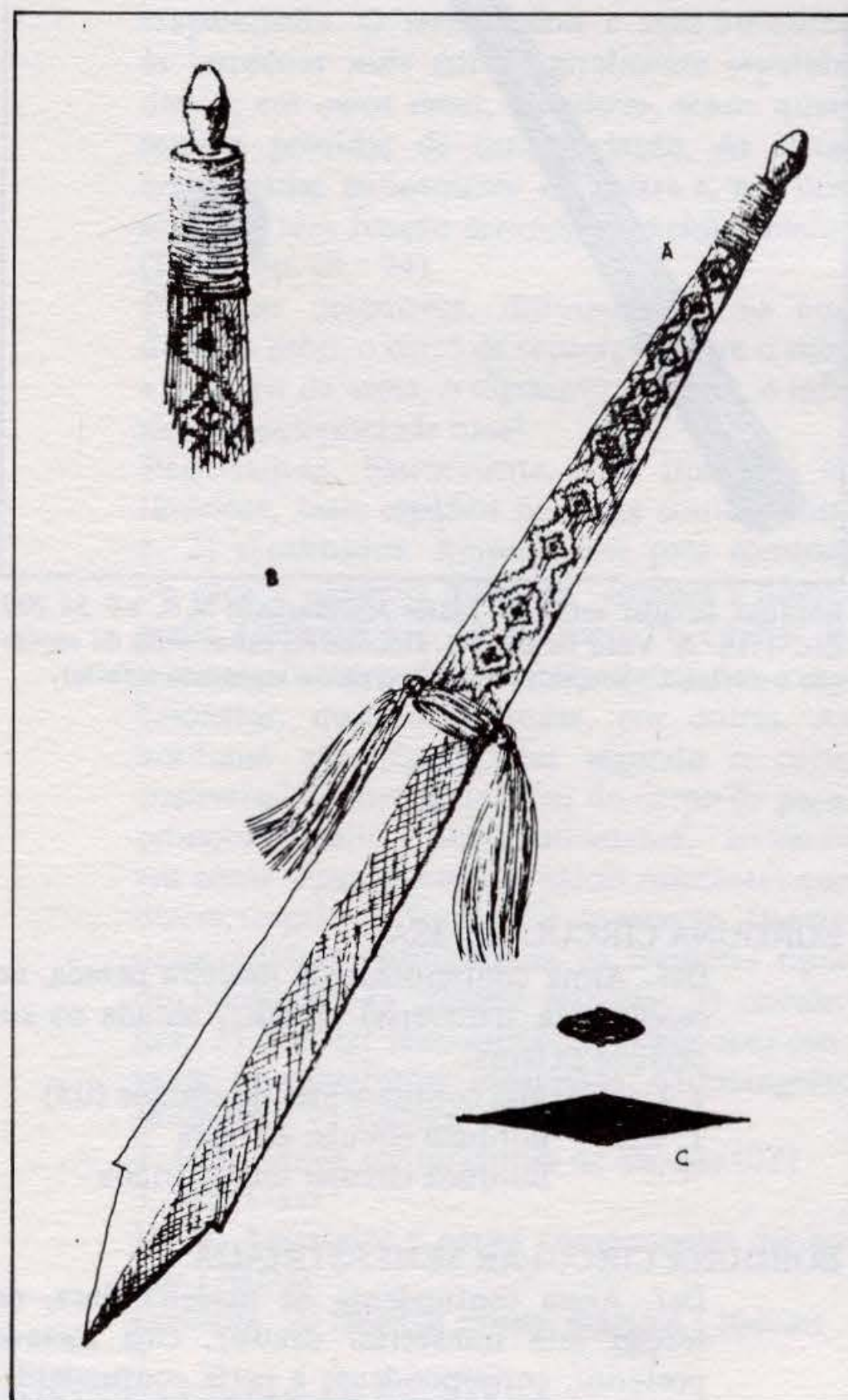
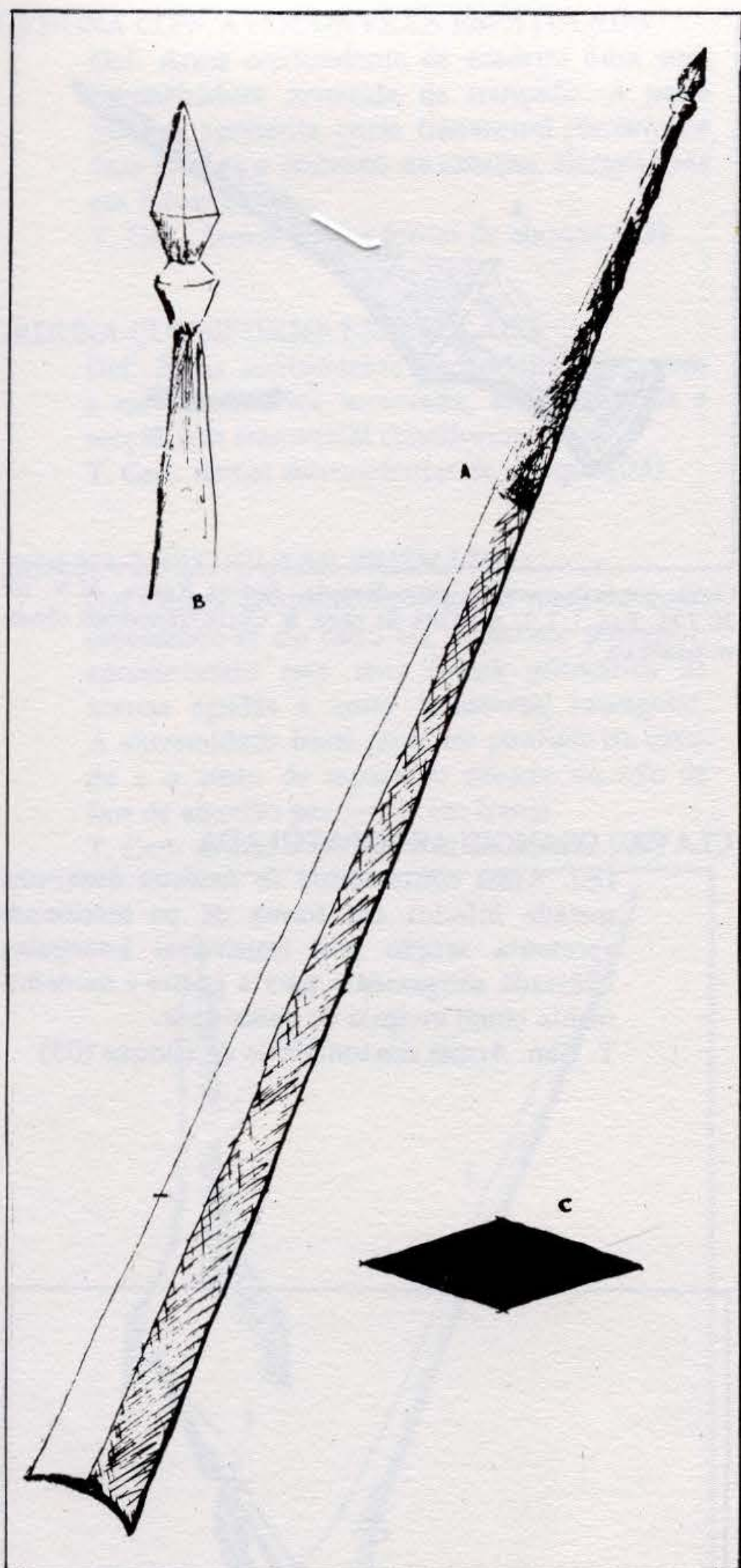
Def. Arma contundente de madeira dura, com a metade inferior recurvada, arestas agudas e secção reta transversal cuneiforme.

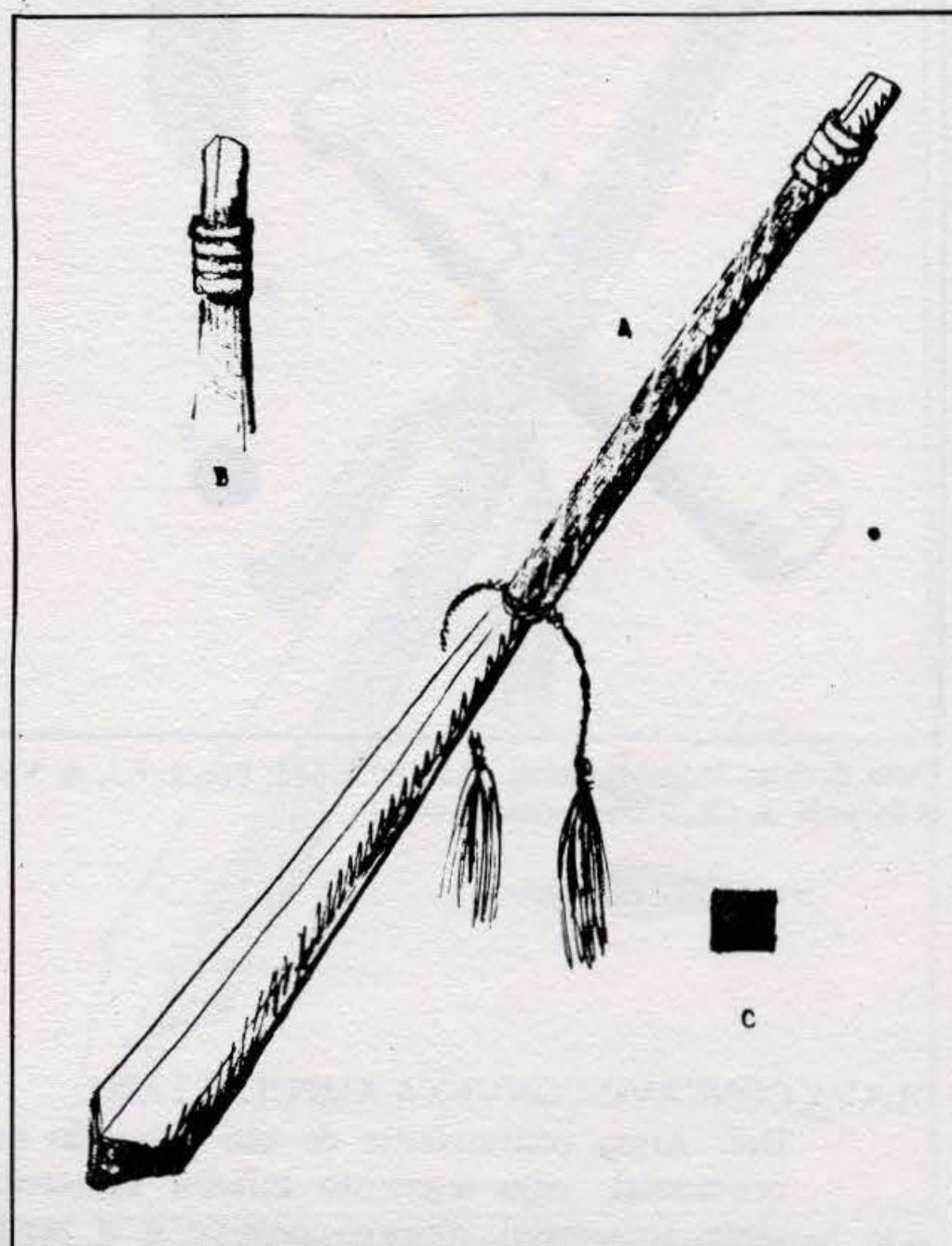
T. Gen. Armas contundentes de choque (03)

BORDUNA LOSANGULAR PRISMÁTICA

Def. Arma contundente feita de madeira dura, espessando-se do cabo até a metade posterior, apresentando esta uma forma prismática de arestas agudas e corte transversal losangular. A extremidade basal pode ser pontuda ou cavada e o cinto de separação ornado ou não de fios de algodão pendentes em franja.

T. Gen. Armas contundentes de choque (03)

Borduna cuneiforme espatulada. Índios Canela-Ramkokamekra, M.N. nº 38.315. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do cabo e do início da espátula. C. Secção reta transversal cuneiforme.

Borduna côncavo-convexa espatulada. Índios Kayabí, M.N. nº 39.648. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado ornamental da empunhadura. C. Corte transversal côncavo-convexo.

Borduna losangular prismática. Índios Gorotíre-Kayapó, M.N. nº 38.321. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe da empunhadura e cabo. C. Secção reta transversal losangular dos segmentos superior e inferior da borduna.

Borduna losangular prismática. Índios Konibo, M.N. nº 2.799. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do cabo. C. Secção reta transversal losangular.

Borduna ovalada. Índios do Amazonas (?), M.N. nº 25.258. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhes das extremidades superior e inferior. C. Secção reta transversal ovalada.

Borduna quadrangular. Índios Karajá, M.N. nº 7.219, Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do cabo. C. Secção reta transversal quadrangular.

BORDUNA OVALADA

Def. Arma contundente de madeira dura, cuja metade inferior apresenta secção reta de forma ovalada.

T. Gen. Armas contundentes de choque (03)

BORDUNA QUADRANGULAR

Def. Arma contundente de madeira dura, espessando-se da parte anterior para a inferior, apresentando esta secção reta transversal quadrada com aresta viva.

T. Gen. Armas contundentes de choque (03)

CLAVA

Def. Arma contundente para combate próximo e para uso cerimonial, predominantemente. Tal como no caso das bordunas, registram-se via de regra dois tipos: 1) roliço, pouco difundido; 2) chato, espalmando-se na extremidade destinada a contundir. O corte transversal varia entre retangular, circular, côncavo-convexo; e o corte longitudinal apresenta a forma de ampulheta, de pá ou de espátula. Ambos são levados em conta para fins de classificação e nomenclatura. A empunhadura é provida, às vezes, de ornamentação de fios e uma alça para carregar e o segmento inferior de decoração gravada. Atualmente as clavas são menores, mais leves e usadas exclusivamente nos rituais (Frikel 1973:94). Pelo exame da bibliografia e das coleções distinguimos os seguintes tipos: 1) circular; 2) côncavo-convexa ampulhetada; 3) losangular espatulada; 4) retangular concavolínea; 5) retangular espatulada.

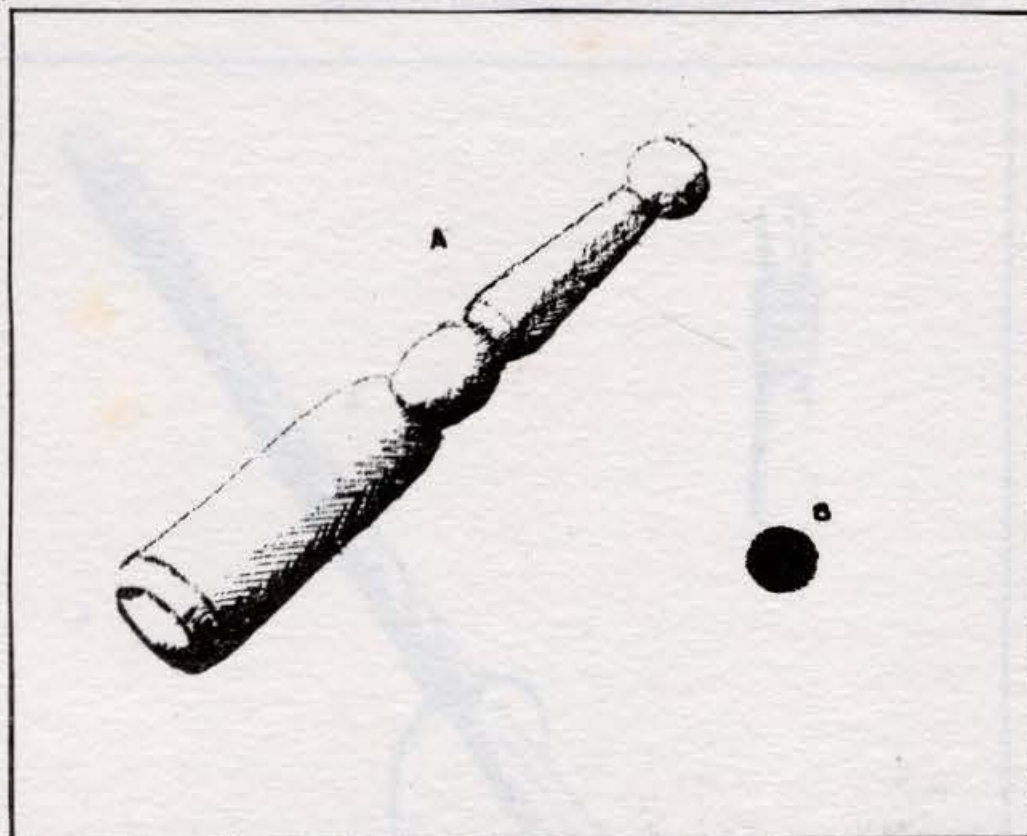
T. Gen. Armas contundentes de choque (04)

T. Rel. Borduna

Consulte: 90 Objetos rituais, mágicos e lúdicos

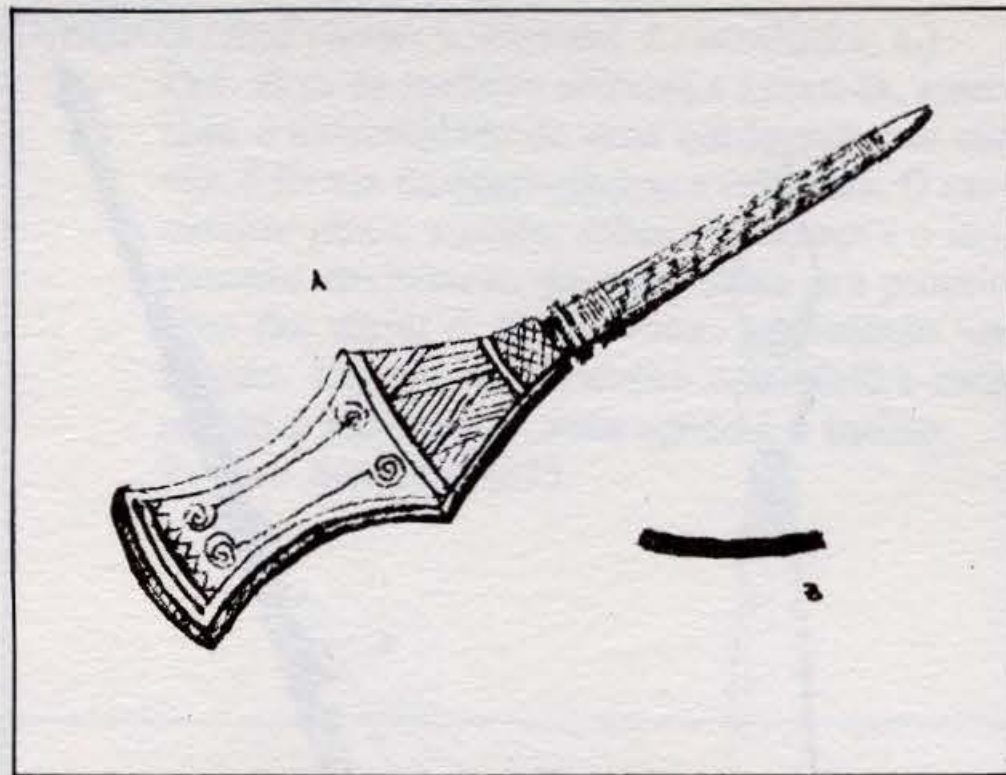
CLAVA CIRCULAR

Arma contundente para combate próximo ou para uso cerimonial caracterizada pela secção reta transversal circular do segmento inferior.

T. Gen. Armas contundentes de choque (03)

Clava circular. Índios Xokléng, M.N. nº 7.673. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Corte transversal circular.

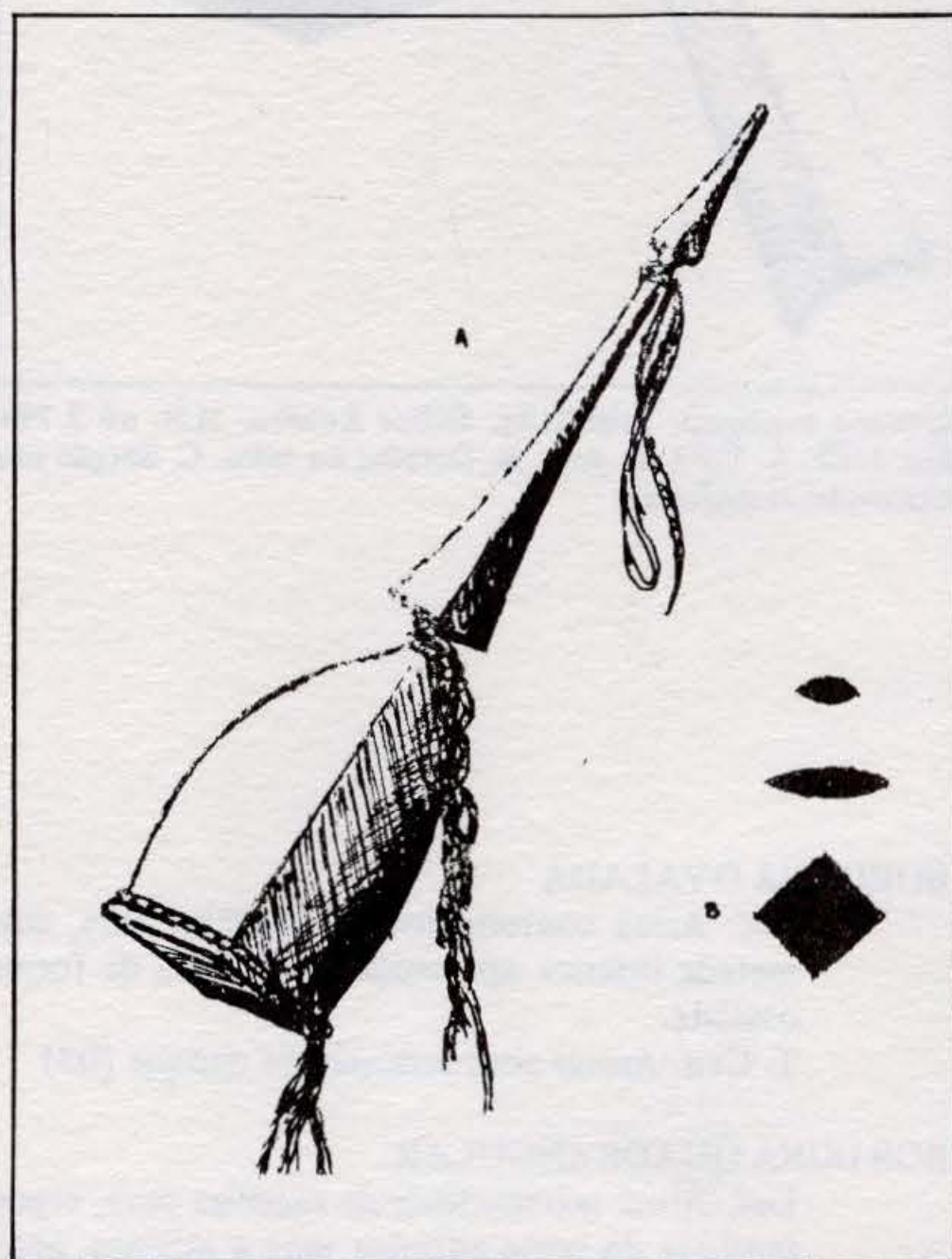
CLAVA CÔNCAVO-CONVEXA AMPULHETADA

Def. Arma contundente de uso guerreiro ou cerimonial, cujo segmento inferior apresenta corte transversal côncavo-convexo e o perfil longitudinal a forma de ampulheta com desenhos gravados.

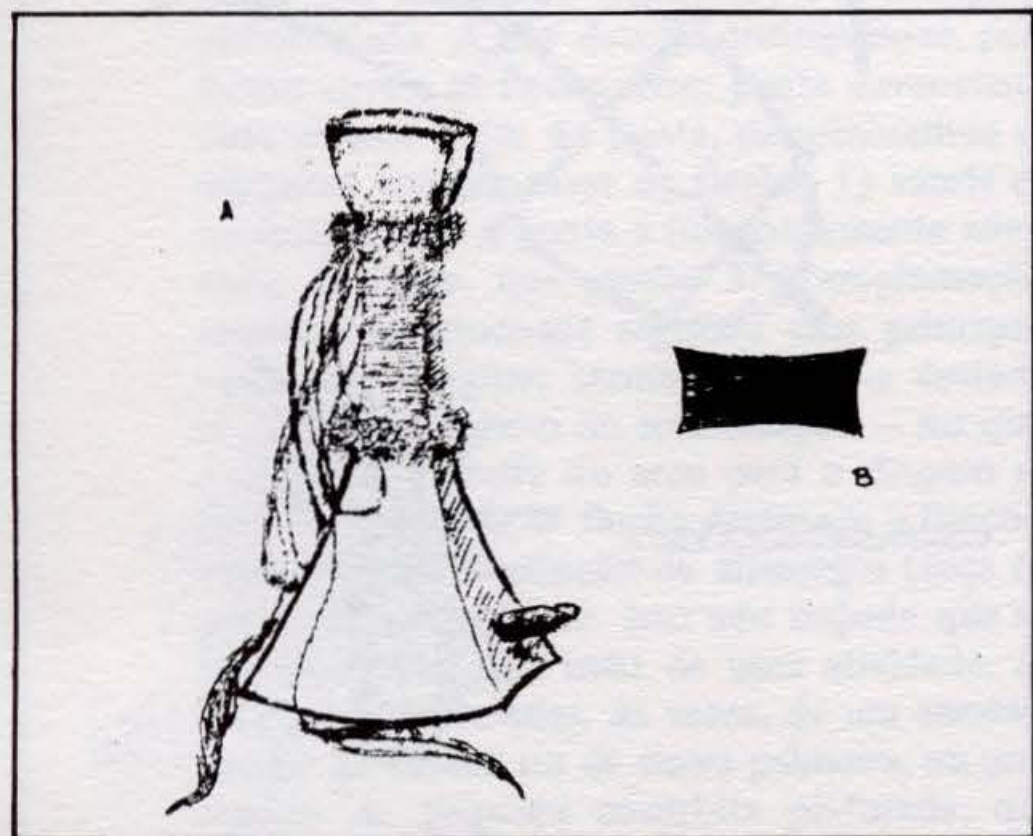
T. Gen. Armas contundentes de choque (03)

Clava côncavo-convexa ampulhetada. Índios Rangu, M.N. nº 20.777. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Corte transversal côncavo-convexo.

CLAVA LOSANGULAR ESPATULADA

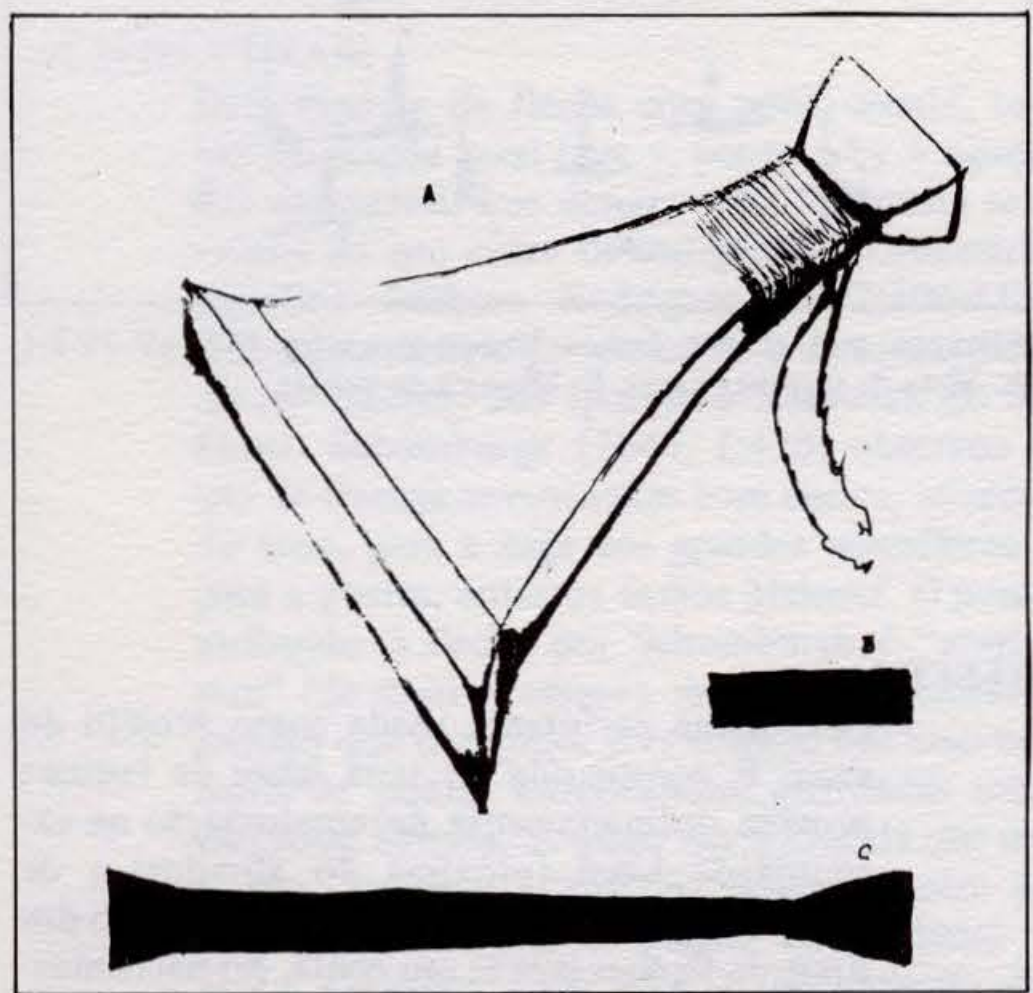
Def. Arma contundente de madeira dura, cuja metade inferior em forma de pá seccionada apresenta secção reta transversal losangular. Utilizada antigamente para a guerra e modernamente como insígnia de autoridade.

T. Gen. Armas contundentes de choque (03)

Clava losangular espatulada. Índios Makuxí, *apud* Koch-Grünberg 1982 *3*:68 pr. 15 (1/6 do tamanho natural). A. Vista da peça. B. Detalhes das secções retro-transversais da empunhadura, haste e base da clava.

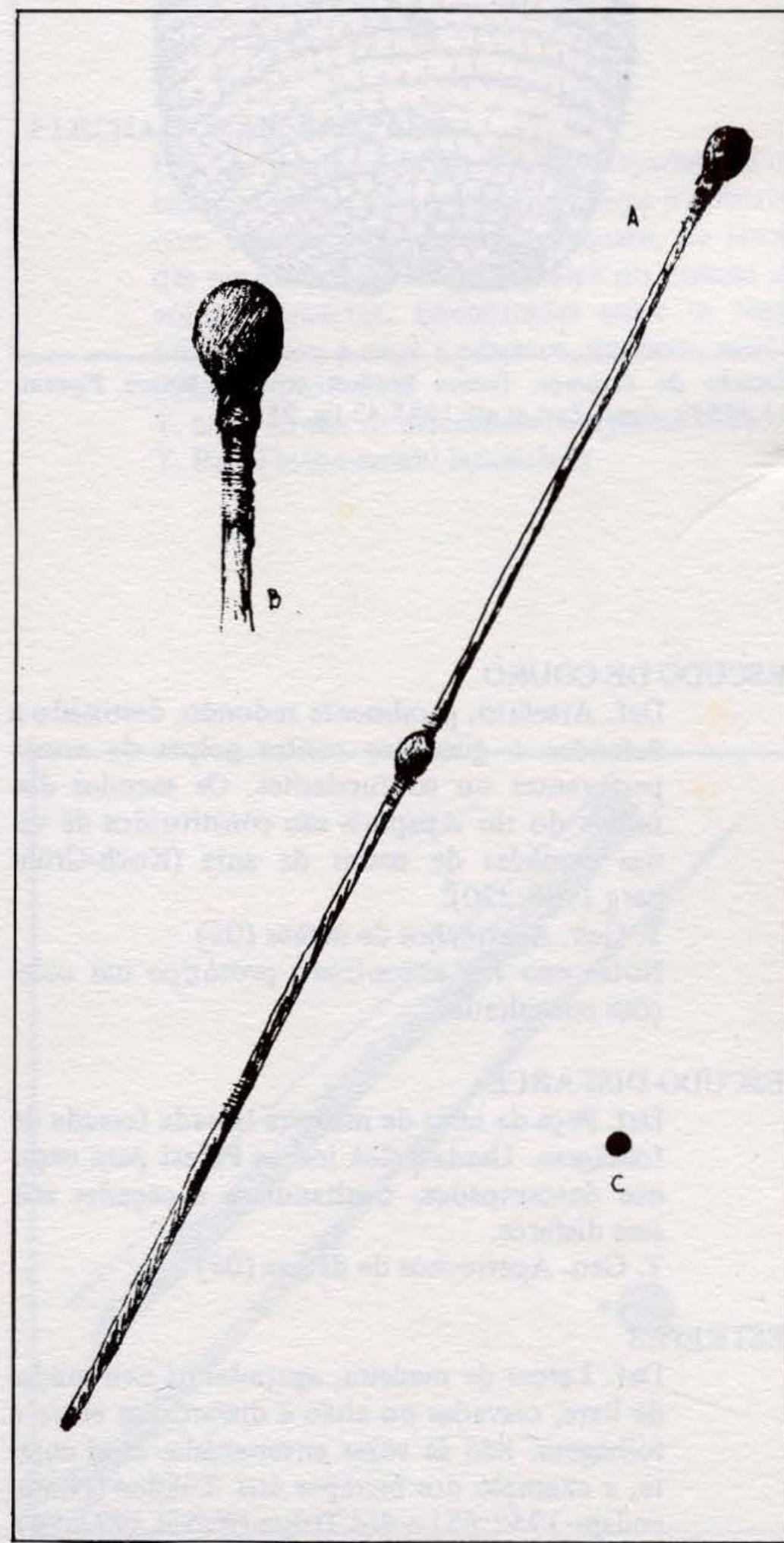
CLAVA RETANGULAR CONCAVOLÍNEA

Def. Arma contundente de madeira dura, cujo segmento inferior apresenta-se em forma concavolínea (Leroi-Gourhan 1974:182), isto é, com os lados menores côncavos e o corte transversal retangular. Utilizada antigamente para a guerra e hoje para fins cerimoniais.
T. Gen. Arma contundente de choque (03)
T. Rel. Clava retangular espatulada

Clava retangular concavolínea com esporão. Índios do rio Uaupés, M.N. nº 21.638. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Corte transversal retangular de lados côncavos (segmentos de parábola).

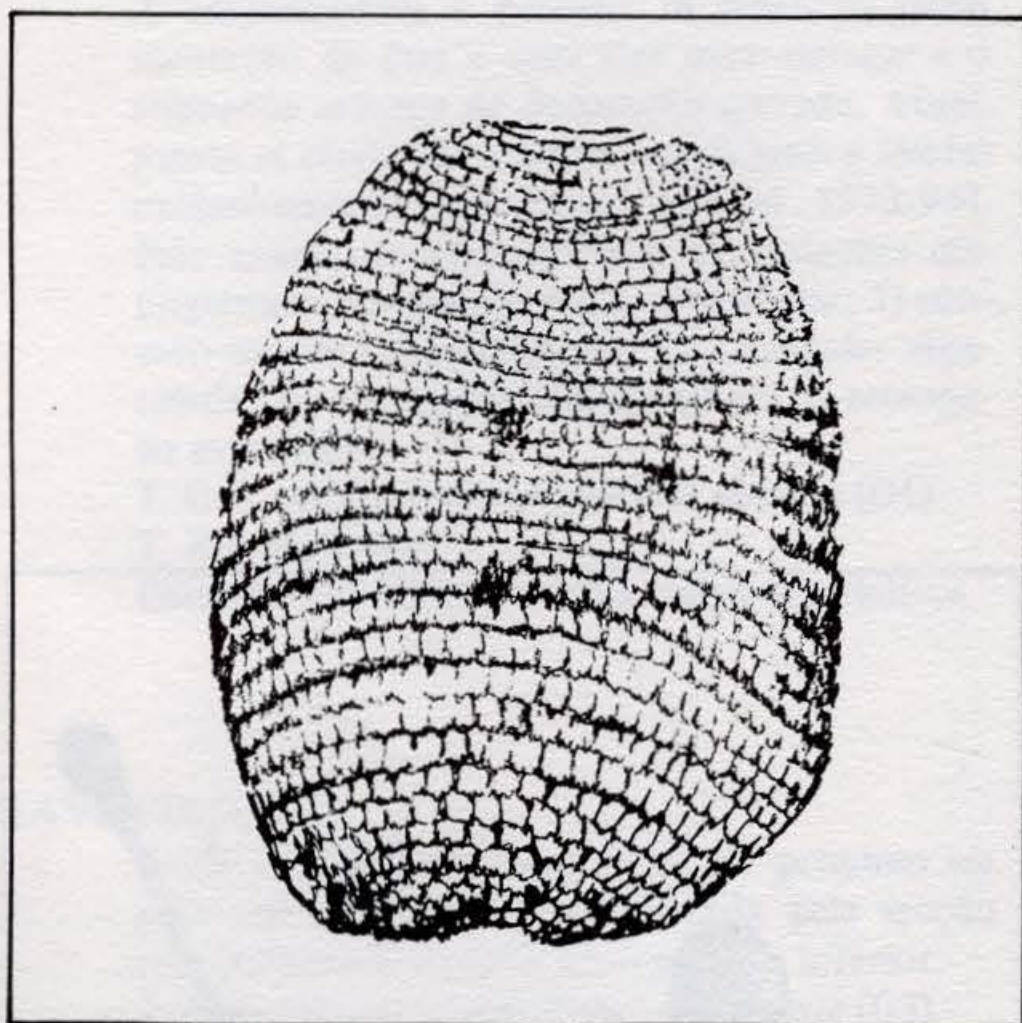
CLAVA RETANGULAR ESPATULADA

Def. Arma contundente de madeira dura, cuja metade posterior assemelha-se à pá de remo e cujo corte transversal é retangular. Servia, outrora, como arma contundente de guerra.
T. Gen. Armas contundentes de choque (03)
T. Rel. Clava retangular concavolínea

Clava retangular espatulada. Índios do R. Uaupes, M.N. nº 676. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Secção reta transversal retangular. C. Corte longitudinal.

DARDO DE PROPULSOR

Def. Espécie de flecha de ponta rombuda (botão de cera envolvendo uma pedra) feita de haste de canabrava ou de camaiuva (Krause 1941-4, *84*:186). Atira-se o dardo com o propulsor.
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)
T. Rel. Propulsor de dardo.

Dardo de propulsor. Índios Yawalapiti, coleção particular. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe da cabeça do dardo. C. Corte transversal.

ESCUDO DE COURAÇA

Def. Anteparo defensivo constituído da couraça de tatu. É provido de dois orifícios por onde passa a corda de suspensão.
T. Gen. Apetrechos de defesa (05)

Escudo de Couraça. Índios Borôro, coleção Museu Pigorini 15.475/G. *Apud* Zevi et alii 1983:42 fig. 94.

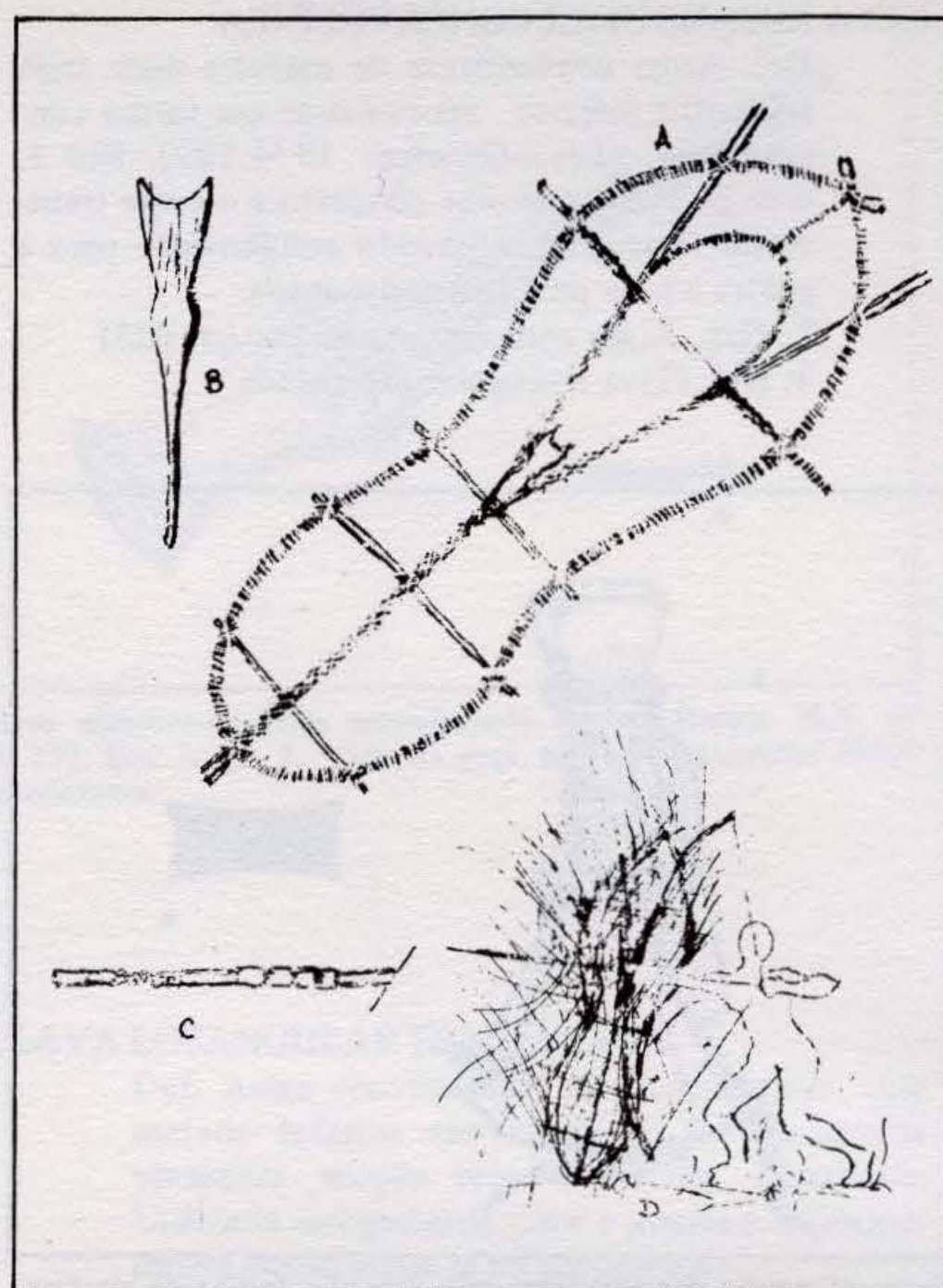
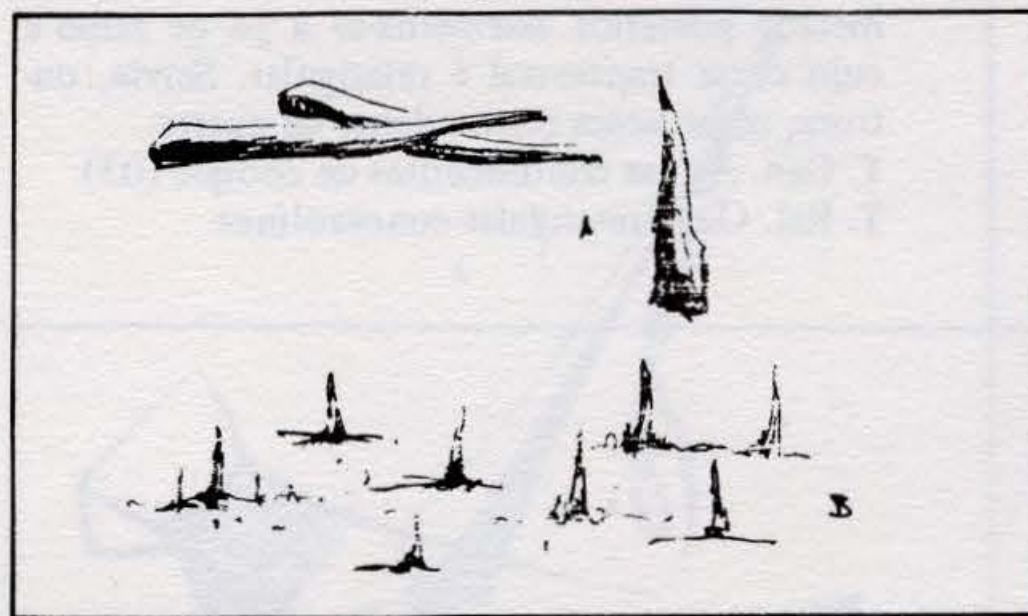
ESCUDO DE COURO

Def. Artefato, geralmente redondo, destinado a defender o guerreiro contra golpes de armas perfurantes ou contundentes. Os escudos dos índios do rio Apaporis são constituídos de várias camadas de couro de anta (Koch-Grünberg 1908:220).
T. Gen. Apetrechos de defesa (05)
Nota: não foi encontrado protótipo nas coleções consultadas.

ESCUDO-DISFARCE

Def. Peça de talos de madeira lavrada forrada de folhagem. Usada pelos índios Paresí para caçar nos descampados, ocultando-se o caçador sob esse disfarce.
T. Gen. Apetrechos de defesa (05)

ESTREPES

Def. Lascas de madeira, aguçadas na extremidade livre, cravadas no chão e disfarçadas entre a folhagem. São às vezes envenenadas com curare, a exemplo dos estrepes dos Tukúna (Nimuendaju 1952:65) e dos Tiriyo (Frikel 1973:96). Constituem uma armadilha defensiva destinada a dificultar o acesso às aldeias.
T. Gen. Apetrechos de defesa (05)

Escudo-disfarce. Índios Paresí, coleção particular. Esc. 1:20. A. Vista da peça. B. Detalhe da alça de mira e apoio da flecha. C. Detalhe da vareta transversal superior. D. Modo de uso do escudo (desenho segundo foto de Marco Antonio Gonçalves).

Estrepes sem curare. Índios Uru-eu-wau-wau, M.I. nº 79.2.4. A. Vista de algumas peças. B. Maneira de usá-las.

FLECHA

Def. Arma perfurante usada como projétil do arco. É constituída de uma haste de taquara provida ordinariamente de emplumação na extremidade basal (próxima do atirador) e de ponteira aguçada na distal. Na classificação dos tipos de flechas leva-se em conta, primacialmente a forma e, subsidiariamente, a matéria-prima empregada na ponteira. Deste ponto de vista, distinguem-se as pontas com: 1) encaixe de

osso; 2) esporão de raia; 3) espeque; 4) farpada; 5) fisga; 6) fisga bifurcada; 7) fisga trifurcada; 8) foliácea pedunculada; 9) foliácea pedunculada com aletas; 10) lanceolada arqueada; 11) lanceolada barbelada; 12) lanceolada biconvexa; 13) lanceolada prismática; 14) polipontas; 15) ponta dupla; 16) rombuda bolota; 17) rombuda cruzeta; 18) rombuda virote; 19) sararaca espeque; 20) sararaca fisga; 21) sararaca triangular com aletas; 22) serrilhada bilateral; 23) serrilhada unilateral; 24) triangular pedunculada. A par destas, distinguem-se pelo termo curabi as flechas com ponta envenenada com curare. Além da ponta, discriminam-se os seguintes componentes da flecha: 1) vareta de madeira à qual a ponta é freqüentemente adaptada; 2) haste, que recebe 3) a emplumação, também discriminada segundo suas principais variantes; 4) como término da haste destaca-se o encaixe – com ou sem tampão – no qual é ajustada a corda do arco para o disparo da flecha. Cada tipo de flecha destina-se a funções específicas de aquisição de alimentos (caça ou pesca) ou de combate. Isso não impede que sejam utilizadas para mais de uma atividade. As de caça são providas, às vezes, de um assobio: caroço de tucum ou de outra palmeira, ou uma espécie de pequena cucurbita perfurada, que produz um silvo quando em vôo. As flechas de pesca são desprovidas de emplumação. Quase todas possuem ponta de ferro que substitui as de osso e concha. As flechas de tipo sararaca têm a ponteira solta presa à haste por um fio. As flechas envenenadas possuem também às vezes, pontas destacáveis guardadas em pequenos carcases.

T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)
V. tb. Matérias-primas (70.02)
Acessórios e partes componentes da arma (70.03)

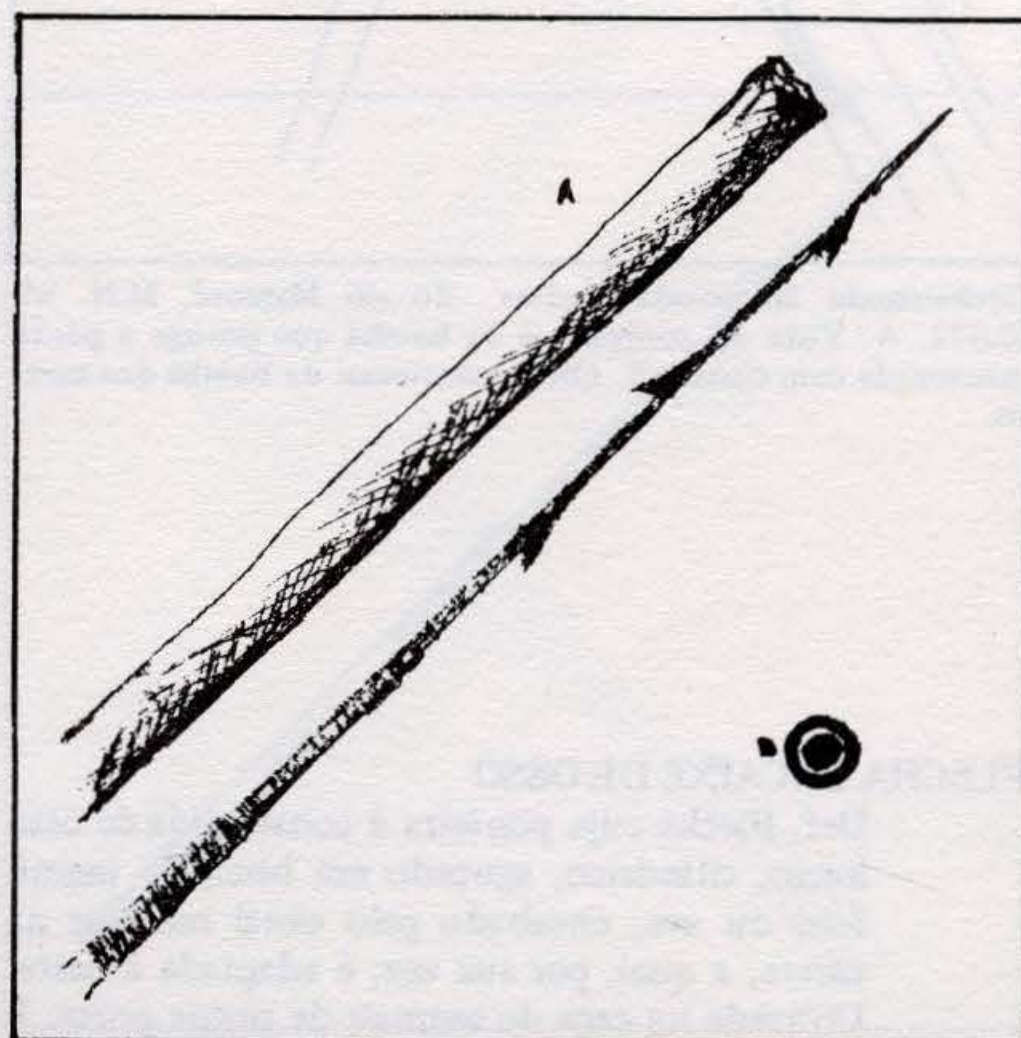
FLECHA-CURABI

Def. Espécie de flecha com ponta-curabi, termo em lingua geral *(ker* = ponta; oby = aguçada) destacável, que designa uma "pequena seta ervada de uso entre os indígenas" (Dicionário Aurélio). Barbosa Rodrigues (1892:106-112) menciona curabis pertencentes a diversas tribos do rio Uaupés, aos Ipurinã e Katawixi, do rio Purus. Schomburgk (1847, I:428) observou o uso de flechas envenenadas com curare, atiradas do arco, para a caça aos grandes mamíferos e para a guerra, entre os índios Makuxí. O nome atribuído à flecha por Schomburgk é "urariepou" (de urari = curare). Adianta o naturalista alemão que o caçador leva consigo um bom número de pontas envenenadas, guardadas num carcás de bambu, as quais usa à medida que necessita. Farabee (1918:68) relata-as entre os Wapitxâna, Makuxí e Waiwai (cf. Ribeiro e Mello Carvalho 1959:41-45). Na coleção do Museu Nacional pudemos identificar curabis envenenados com curare – alguns providos de emplumação porém sem o encaixe anterior para ajustar a corda do arco – atribuídos aos índios Ipurinã (n.os 3.615, 5.023, 7.589) e Siusí (n.º 22.059), entre outros. São constituídos de uma haste de canabrava e uma longa ponta de madeira, que corresponde a um quinto do tamanho da flecha, gradualmente afilada como um lápis, de secção quadrangular, incisa anelarmente. As incisões na ponta picante determinam maior aderência do veneno e, sobretudo, a quebra no corpo do alvo. São levadas em maços de três ou mais curabis com as pontas embainhadas como proteção contra o auto-ferimento e para que a chuva não lave o veneno.

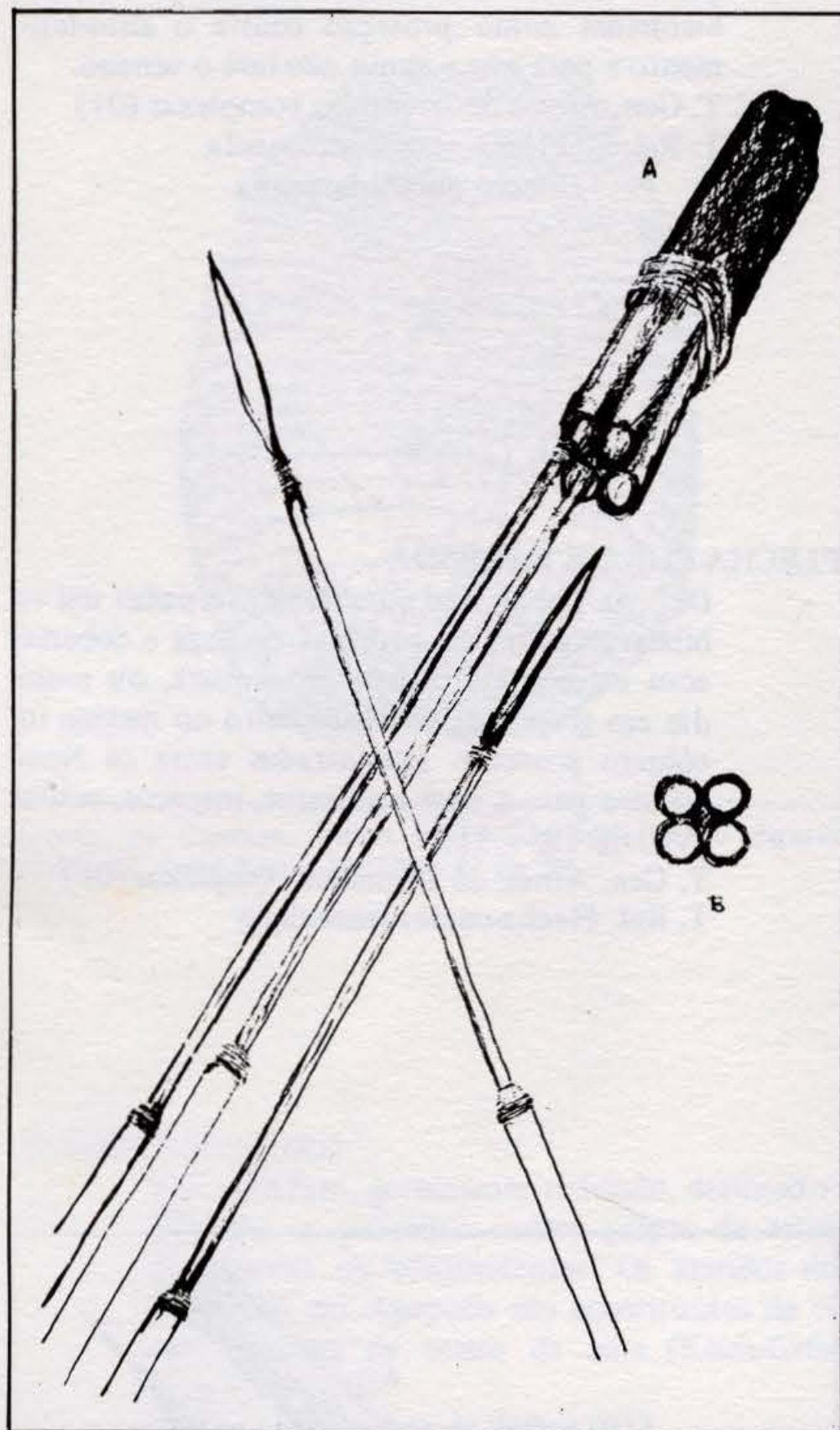
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)
T. Rel. Flecha-curabi lanceolada
Flecha-curabi farpeada

FLECHA-CURABI FARPADA

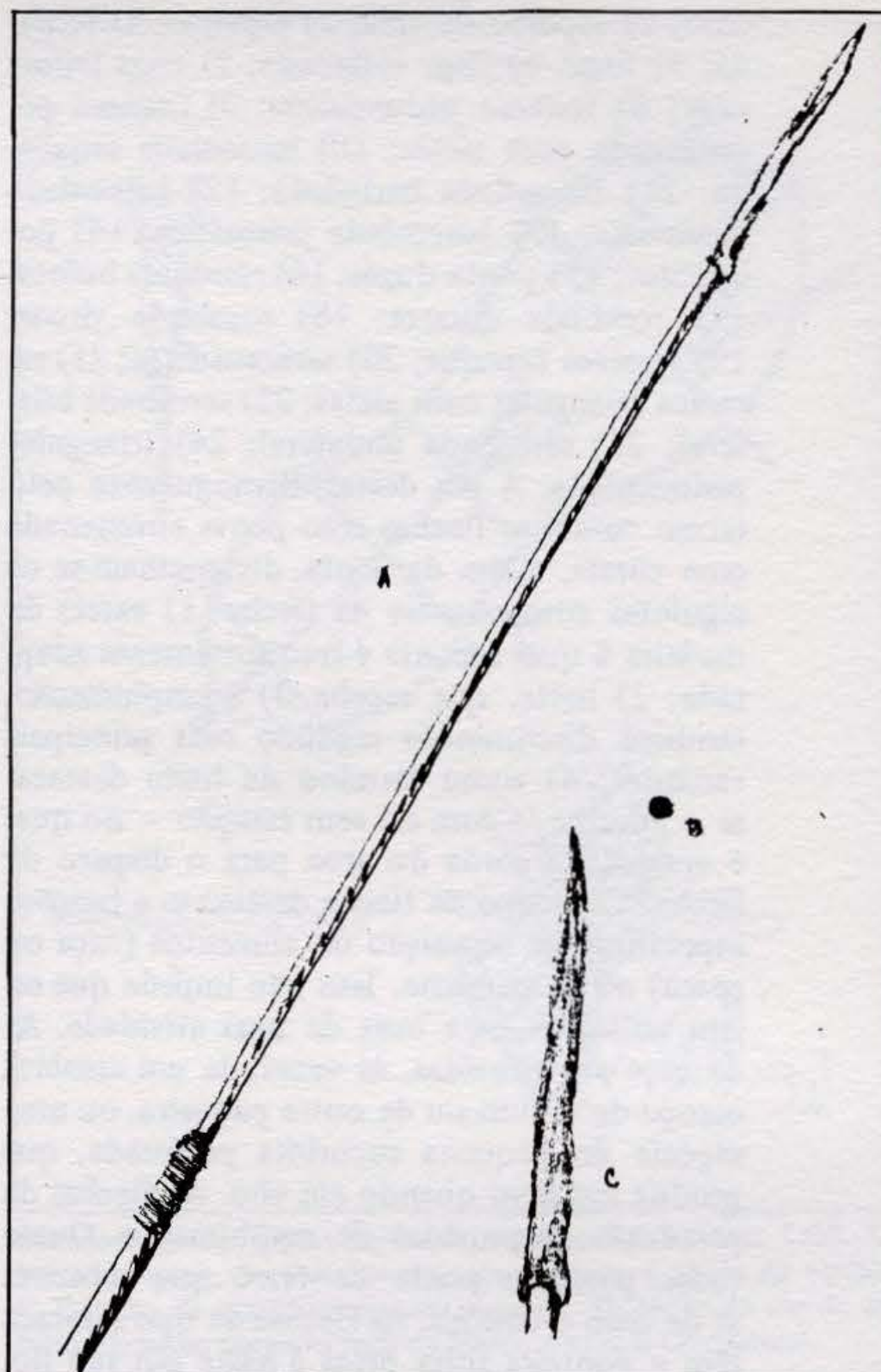
Def. As pontas dos curabis são farpadas uni ou bilateralmente, ou providas de fisga e cobertas com estojos individuais de taquara, ou reunidas em grupos de três ou quatro no mesmo invólucro protetor. Encontradas entre os Nambikuára para a caça a pássaros, macacos, veados (Vellard 1939:11).

T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)
T. Rel. Flecha-curabi lanceolada

Flecha-curabi farpada. Índios Nambikuára, M.N. nº 2.006. A. Vista da ponta e da bainha que a protege. B. Corte transversal da bainha.

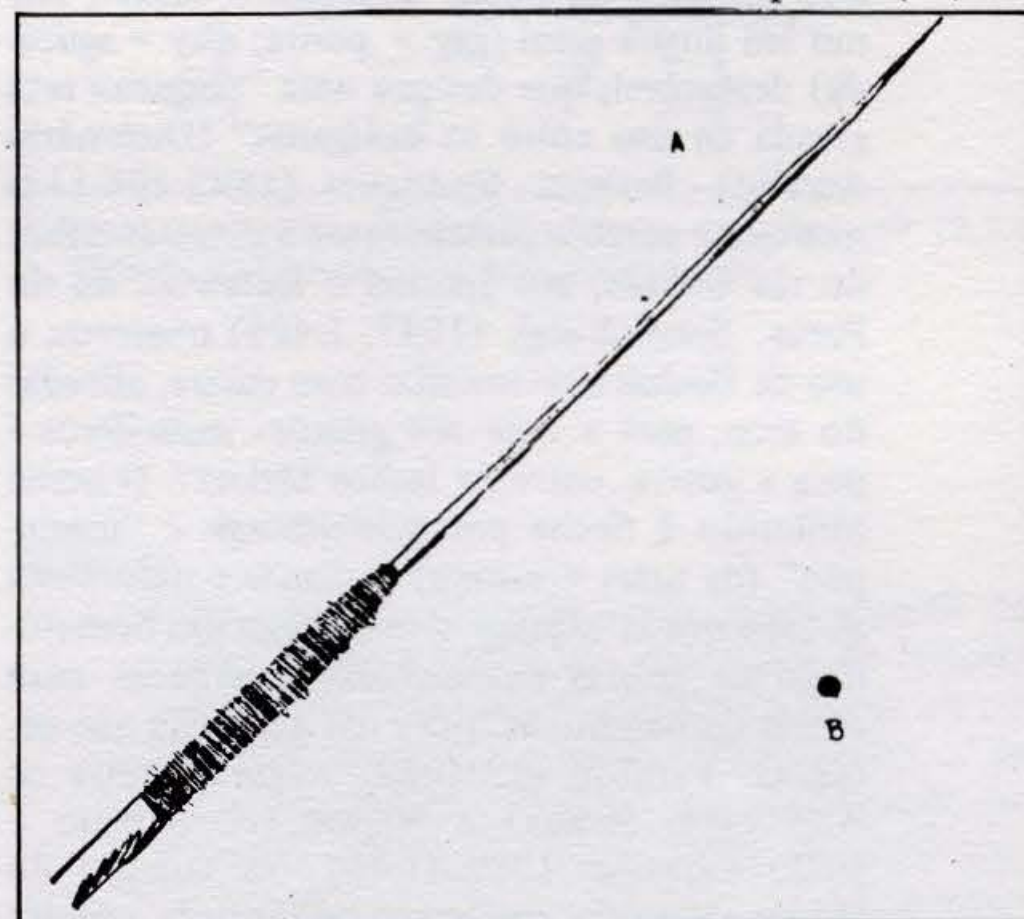
FLECHA-CURABI LANCEOLADA

Def. Flecha com ponta de taquara lanceolada untada com curare. Levada em maço de três a quatro protegida de bainha.
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)
T. Rel. Flecha-curabi farpada

Flecha-curabi lanceolada. Índios do rio Mamoré, M.N. nº 20.071. A. Vista do conjunto e da bainha que protege a ponta envenenada com curare. B. Corte transversal da bainha dos curabis.

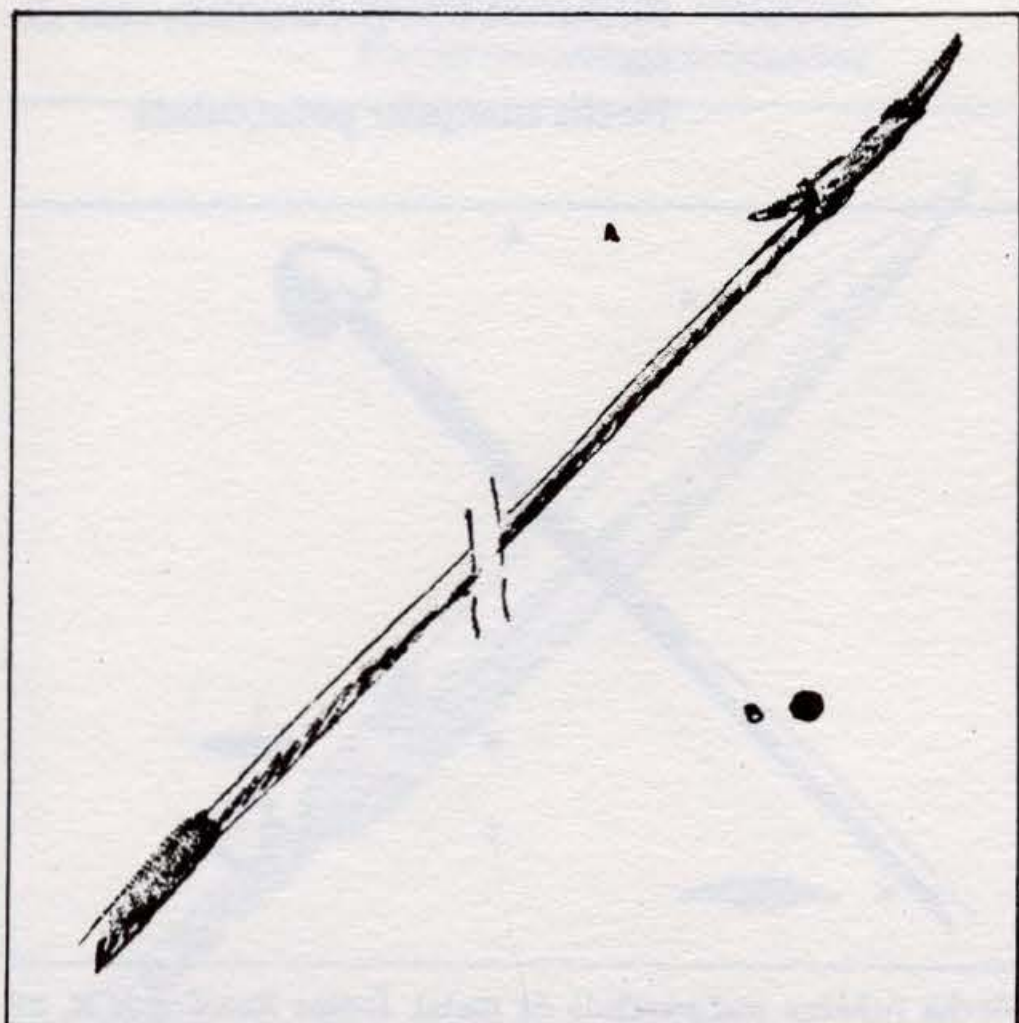
FLECHA ENCAIXE DE OSSO

Def. Flecha cuja ponteira é constituída de osso longo, cilíndrico, aguçado em bisel, de mamífero ou ave, encabado pelo canal medular na vareta, a qual, por sua vez, é adaptada à haste. Utilizada na caça de animais de maior porte. É designada ponta simples por Rohr (1976-7:18, pr. VI,4).
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

Flecha encaixe de osso. Índios Kayapó, *apud* Krause 1943 vol. 93:177 fig. 249f. A. Vista da peça. B. Corte transversal. C. Detalhe da ponta.

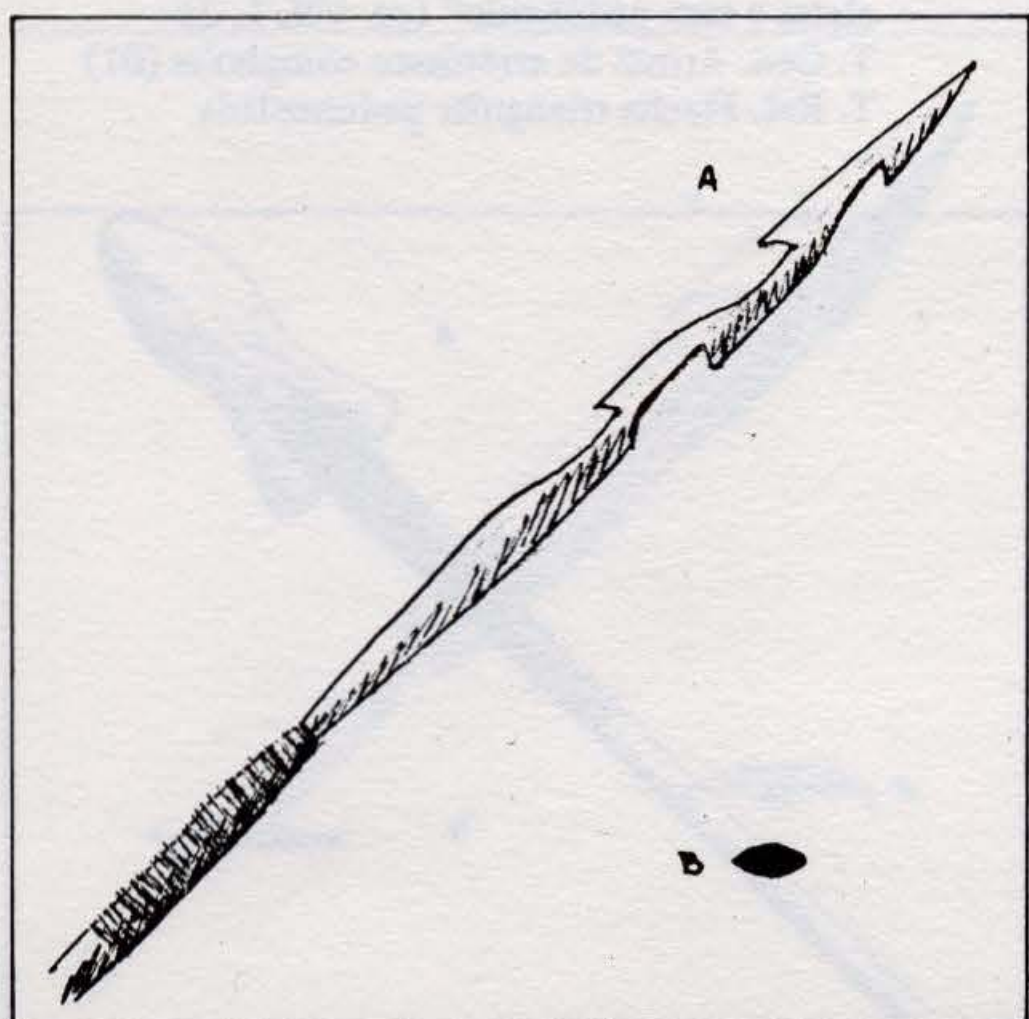
FLECHA ESPEQUE

Def. Flecha provida de ponta de madeira aguçada e endurecida ao fogo, carecendo de vareta. O termo espeque é tomado de Frikel (1973:78) que o define: "É uma flecha do tipo comumente denominada de espeque, com ponta de madeira afilada, lisa e sem farpas. Serve, principalmente, para espetar ratos, lagartixas e outros animais pequenos". (Cf. *op. cit.* fig. 14j).
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

Flecha espeque. Índios Matipu-Nahukúa, M.N. nº 39.187. Esc. 1:5. A. Vista da ponta. B. Corte transversal.

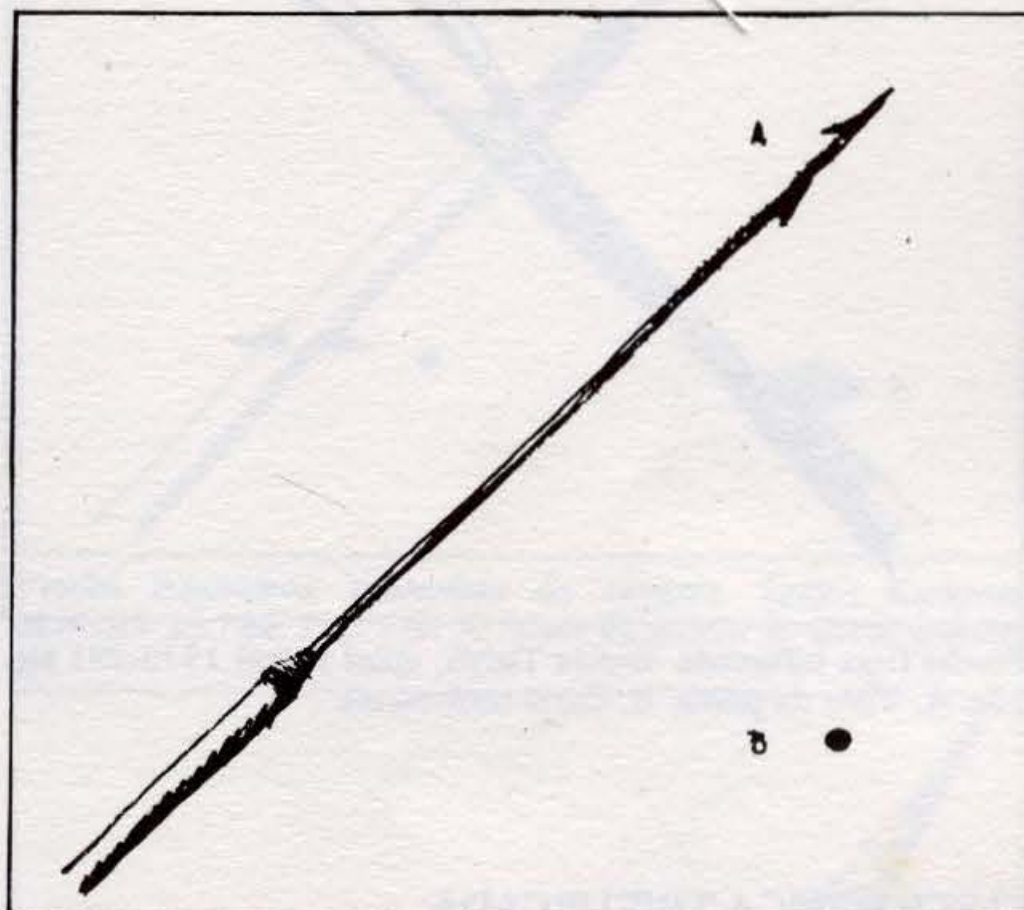
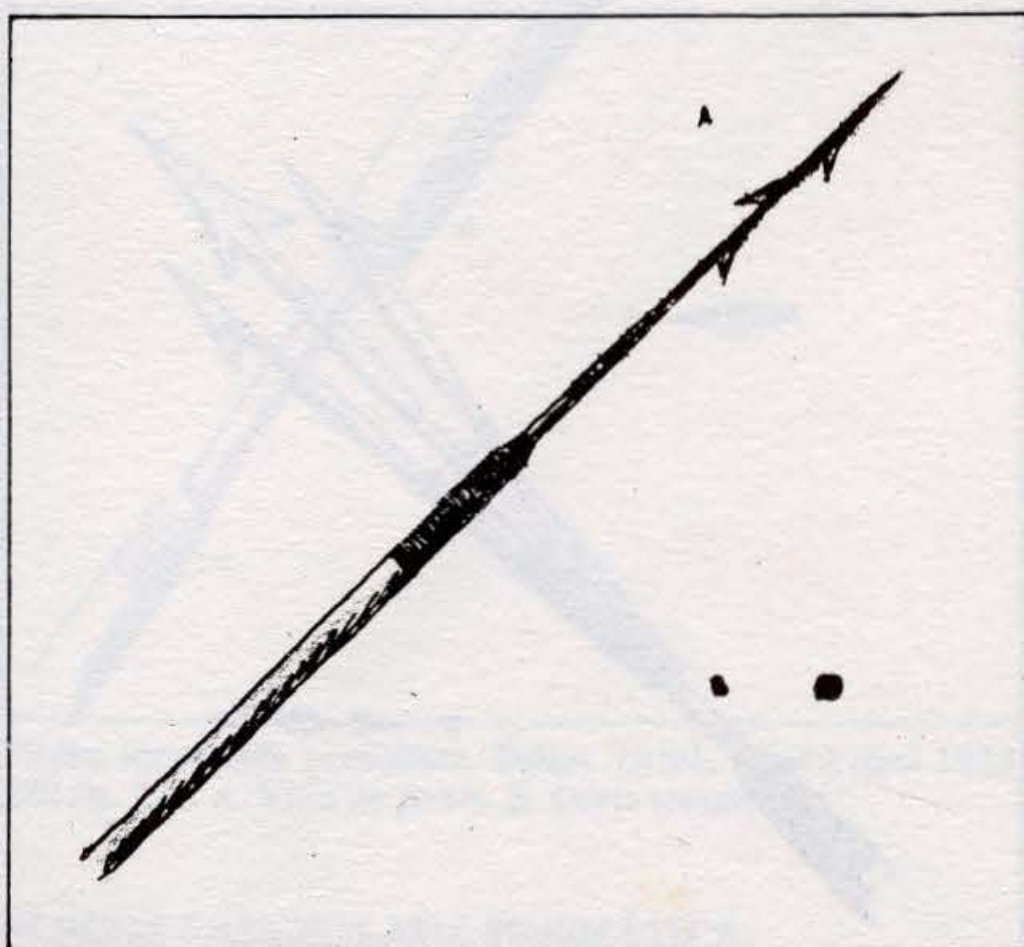
FLECHA ESPORÃO DE RAIA

Def. Flecha com ponteira proveniente da parte óssea serrilhada da cauda da raia. É utilizada para a caça e a pesca.
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

Flecha esporão de raia. Índios Karajá, *apud* Krause 1941-4 vol. 84:179. A. Vista da ponta. B. Corte transversal da vareta.

FLECHA FARPADA

Def. Ponta de flecha de madeira, osso ou metal provida de fisga terminal e farpas distribuídas de um ou dos dois lados da mesma.
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)
T. Rel. Curabi farpado

Flecha farpada. Índios Kadiwéu, M.N. nº 37.540. Esc. 1:5. A. Vista da ponta. B. Corte transversal.

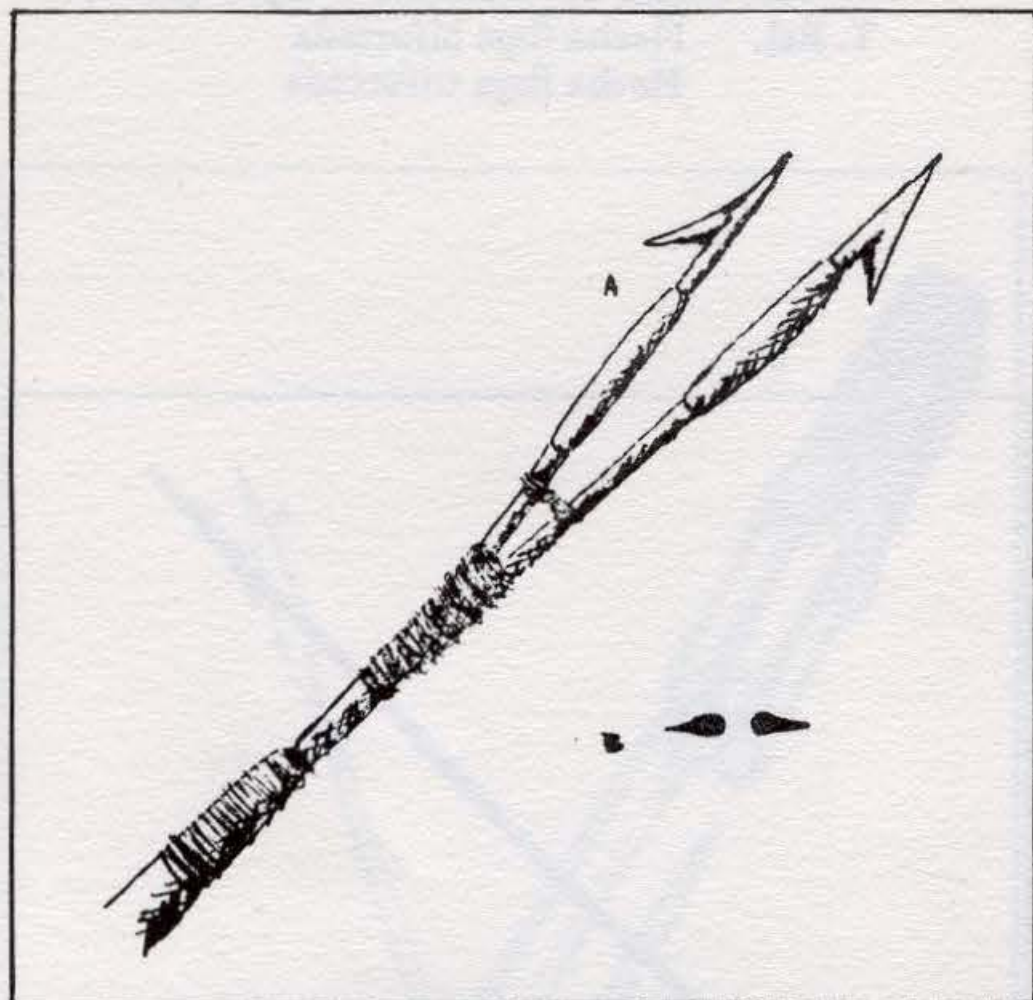
FLECHA FISGA

Def. Flecha provida de ponta em fisga, isto é, monofarpada, podendo ser de madeira, osso ou metal. É unida à vareta pelo enrolamento de embira revestido de resina. Freqüentemente comparecem fisgas adicionais que reforçam a terminal. Esse tipo de flecha é usado comumente para a pesca.
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)
T. Rel. Flecha fisga bifurcada
Flecha fisga trifurcada

Flecha fisga. Índios do rio Ucaiali, M.N. nº 18.592. Esc. 1:5. A. Vista da ponta com fisga adicional. B. Corte transversal.

Flecha fisga. Índios Mamaindé-Nambikuára, M.N. nº 17.105. Esc. 1:5. A. Vista da ponta com duas fisgas adicionais. B. Corte transversal.

FLECHA FISGA BIFURCADA

Def. Flecha provida de duas pontas de madeira cada qual arrematada por uma fisga de osso ou metal. Empregada para a pesca.

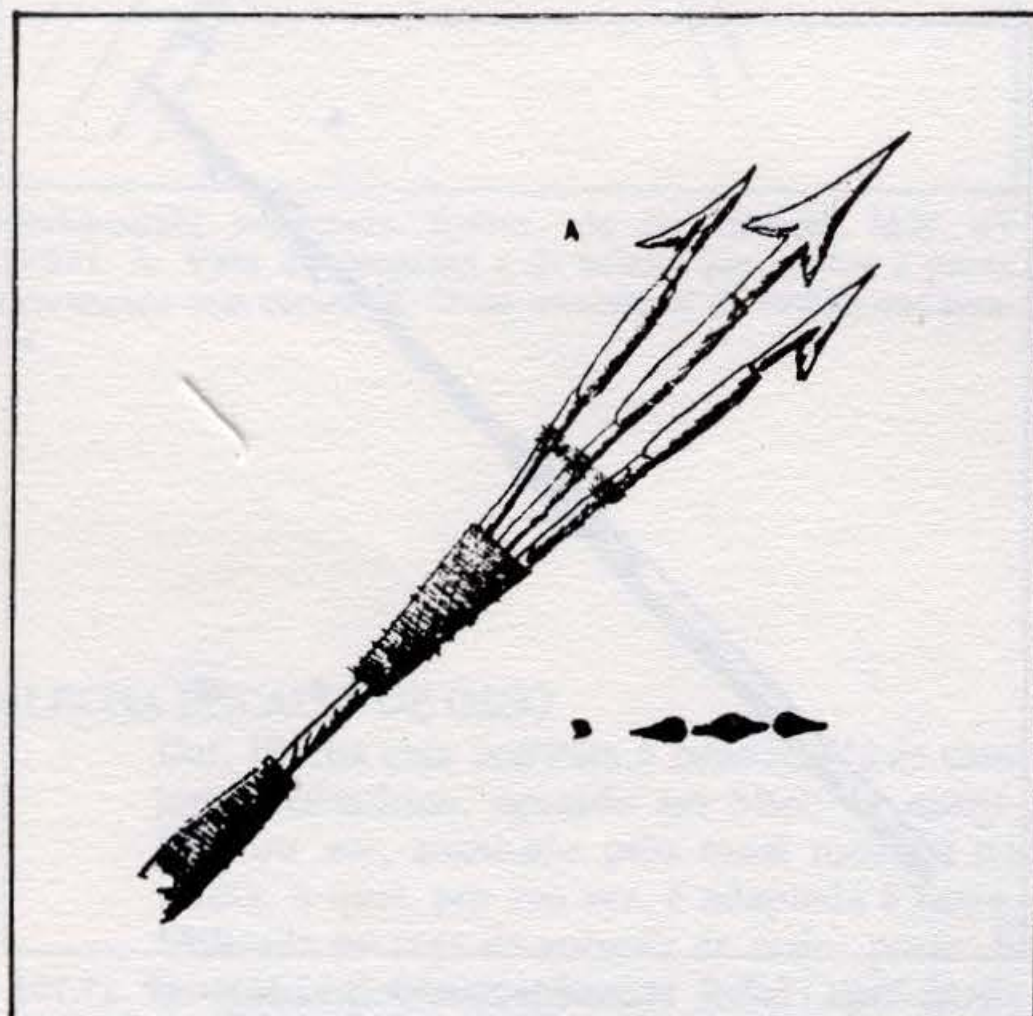
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

T. Rel. Flecha fisga
Flecha fisga trifurcada

Flecha fisga bifurcada. Índios Tiriyó, *apud* Frikel 1973:291 fig. 15c. A. Vista da ponta. B. Corte transversal.

FLECHA FISGA TRIFURCADA

Def. Flecha provida de três pontas de madeira cada qual arrematada por uma fisga e/ou um perfurador triangular de osso ou metal. Empregada para peixe grande.

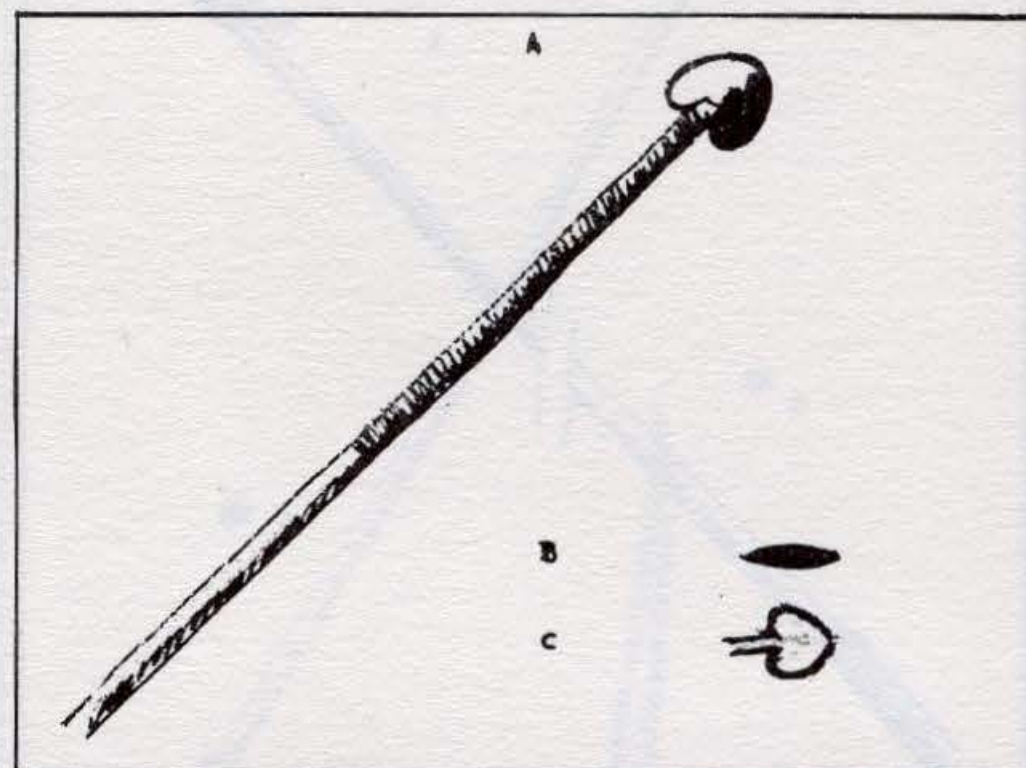
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

T. Rel. Flecha fisga
Flecha fisga bifurcada

Flecha fisga trifurcada. Índios Tiriyó, *apud* Frikel 1973:291 fig. 15d. A. Vista da ponta. B. Corte transversal.

FLECHA FOLÍACEA PEDUNCULADA

Def. Flecha com ponta que se assemelha à forma da folha, com gume aguçado e pedúnculo. É feita de madeira ou metal e, antigamente de material lítico, sendo usada para a caça grande e a guerra.

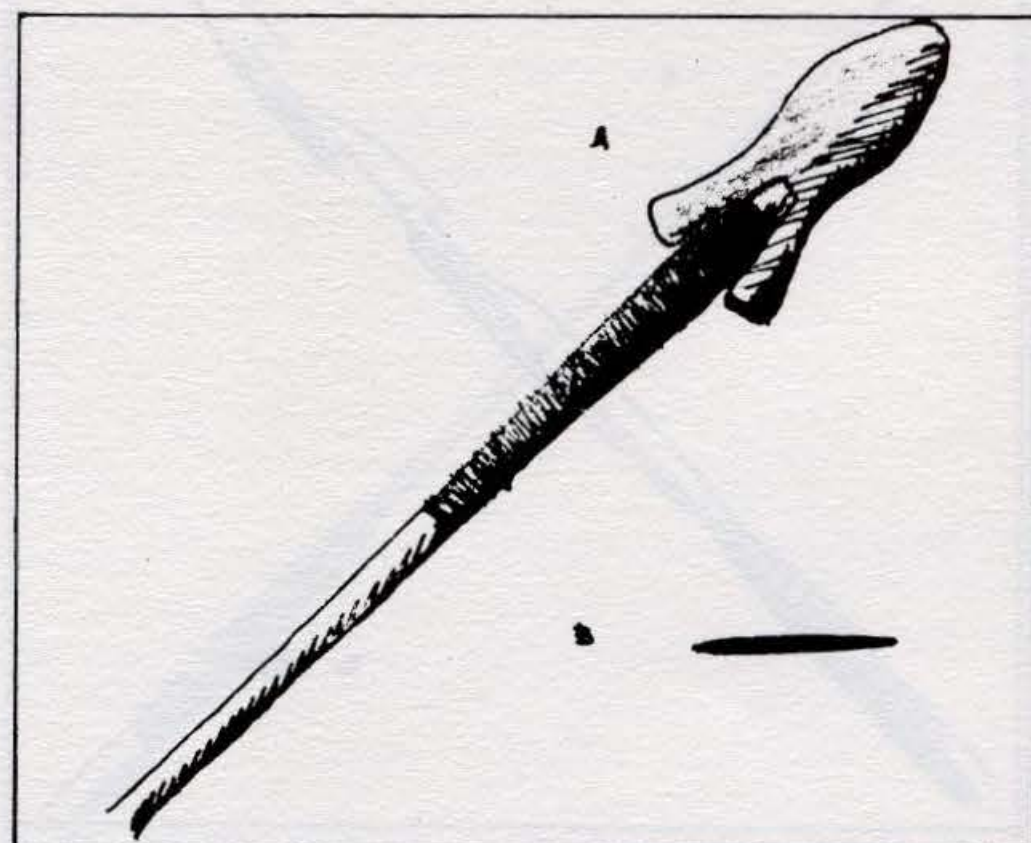
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

T. Rel. Flecha foliácea pedunculada com aletas
Flecha triangular pedunculada

Flecha foliácea pedunculada de metal. Índios Xokléng M.N. nº 15.442. Esc. 1:5. A. Vista da ponta. B. Corte transversal. C. Detalhe do pedúnculo.

FLECHA FOLIÁCEA PEDUNCULADA COM ALETAS

Def. Flecha com ponta em forma de folha, provida de aletas e de pedúnculo inserido na vareta e esta, por sua vez, encastoada na haste. É feita de madeira ou metal e, antigamente, de material lítico, sendo usada para a caça grande e a guerra. Segundo Rohr (1976-7:18) "na indústria lítica são freqüentes as pontas de flecha com pedúnculo e aletas. Na indústria óssea são mais freqüentes as pontas de flecha sem aletas e sem pedúnculo" (pr. VII, 1, 2).

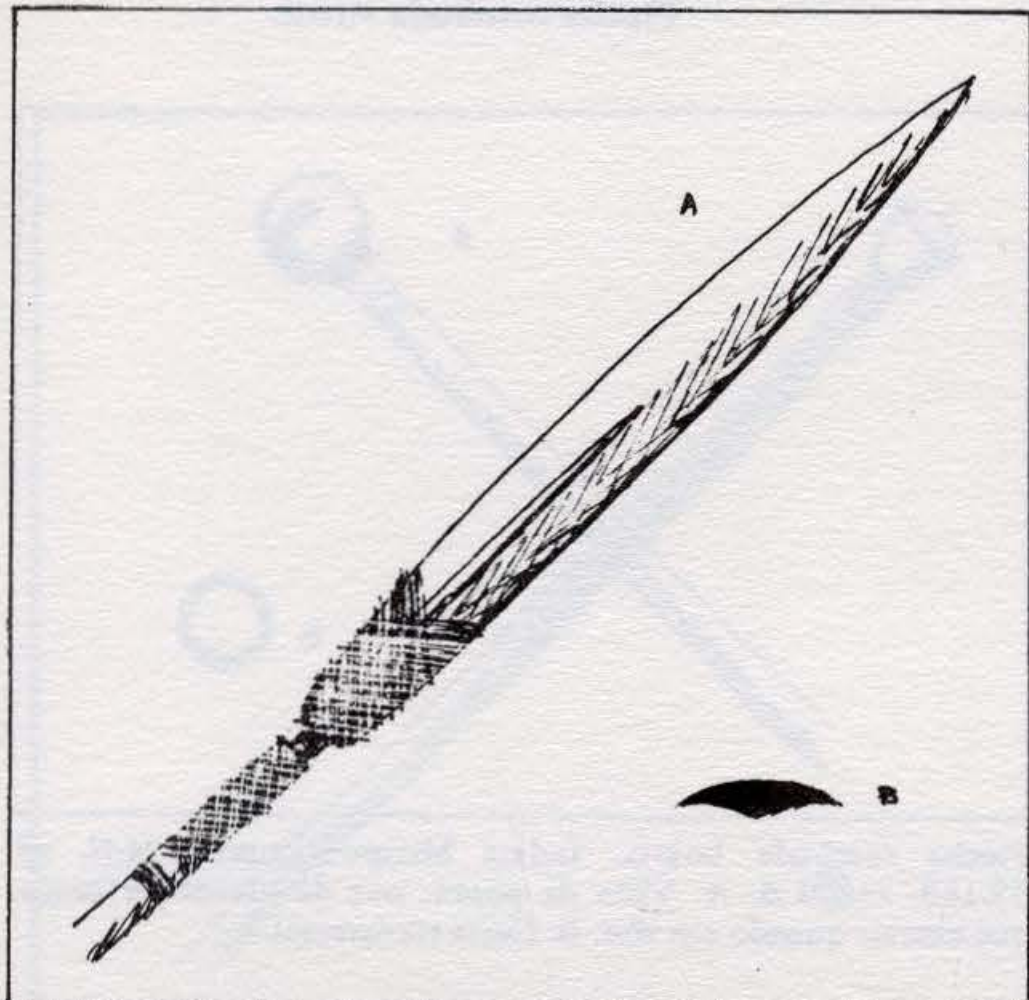
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

T. Rel. Flecha triangular pedunculada

Flecha foliácea pedunculada com aletas. Índios Xokléng, M.N. 4.773. Esc. 1:5. A. Vista da ponta. B. Corte transversal.

FLECHA LANCEOLADA ARQUEADA

Def. Flecha provida de ponta de taquara lanceolada arqueada. É fixada à vareta com envoltório de embira, a qual, por sua vez, é encastoada na haste.

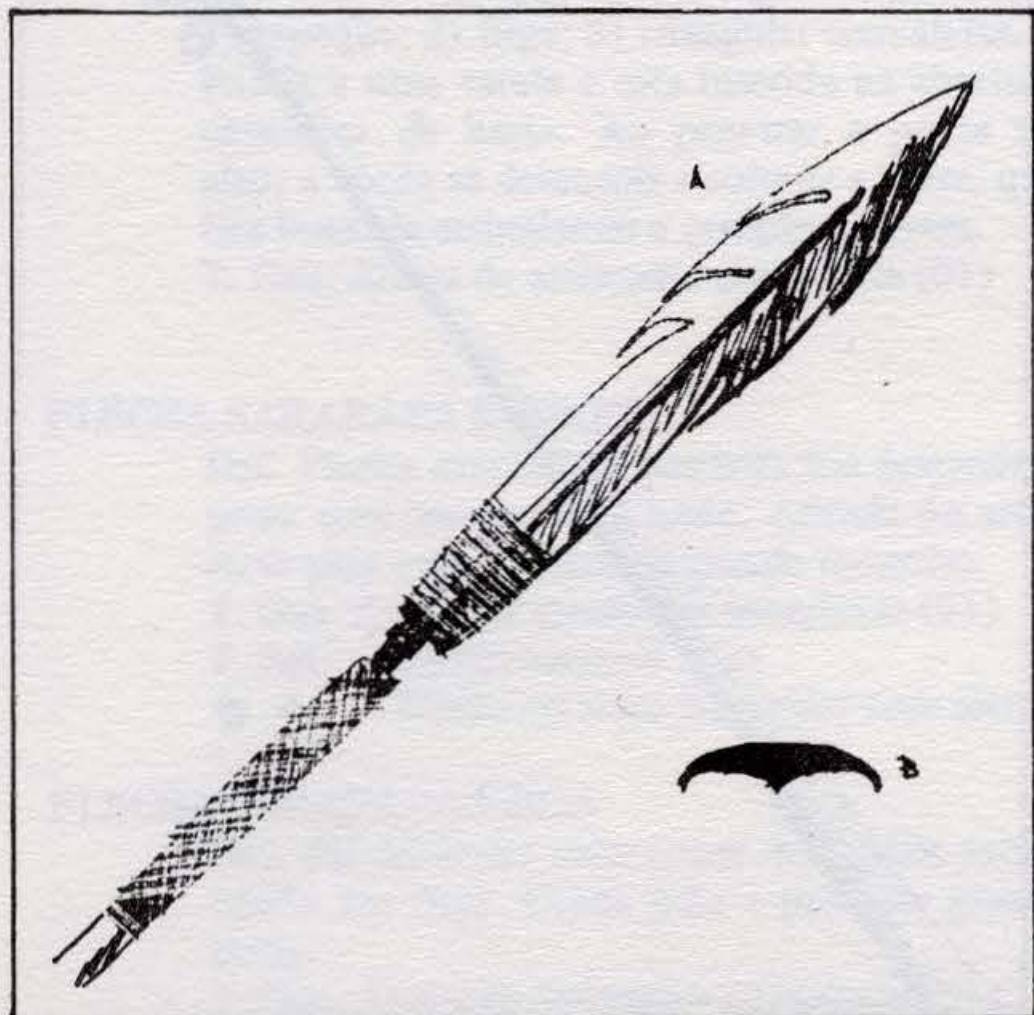
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

T. Rel. Flecha lanceolada barbelada
Flecha lanceolada biconvexa
Flecha lanceolada prismática

Flecha lanceolada arqueada. Índios Suruí (de Rondônia), M.N. nº 40.633. Esc. 1:5. A. Vista da ponta. B. Corte transversal.

FLECHA LANCEOLADA BARBELADA

Def. Flecha provida de ponta de taquara lanceolada, possuindo entalhes que produzem farpas nas arestas, geralmente de belo efeito ornamental. Usada para caça grande.

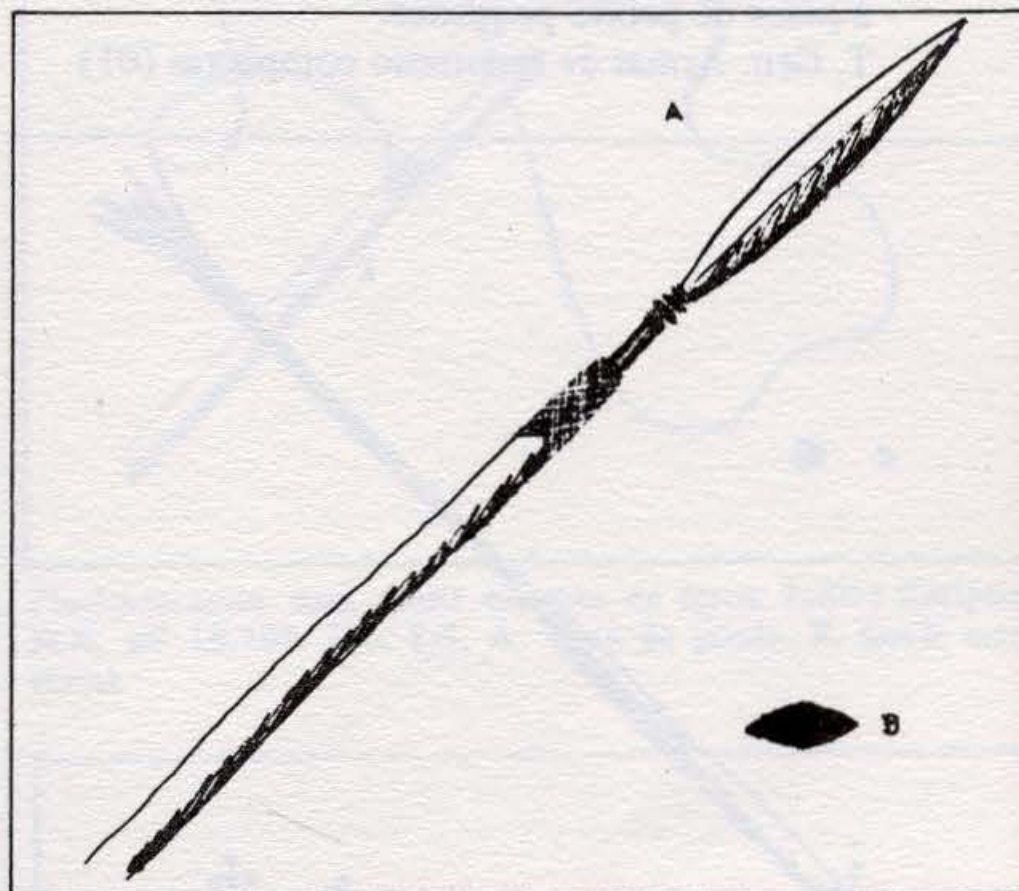
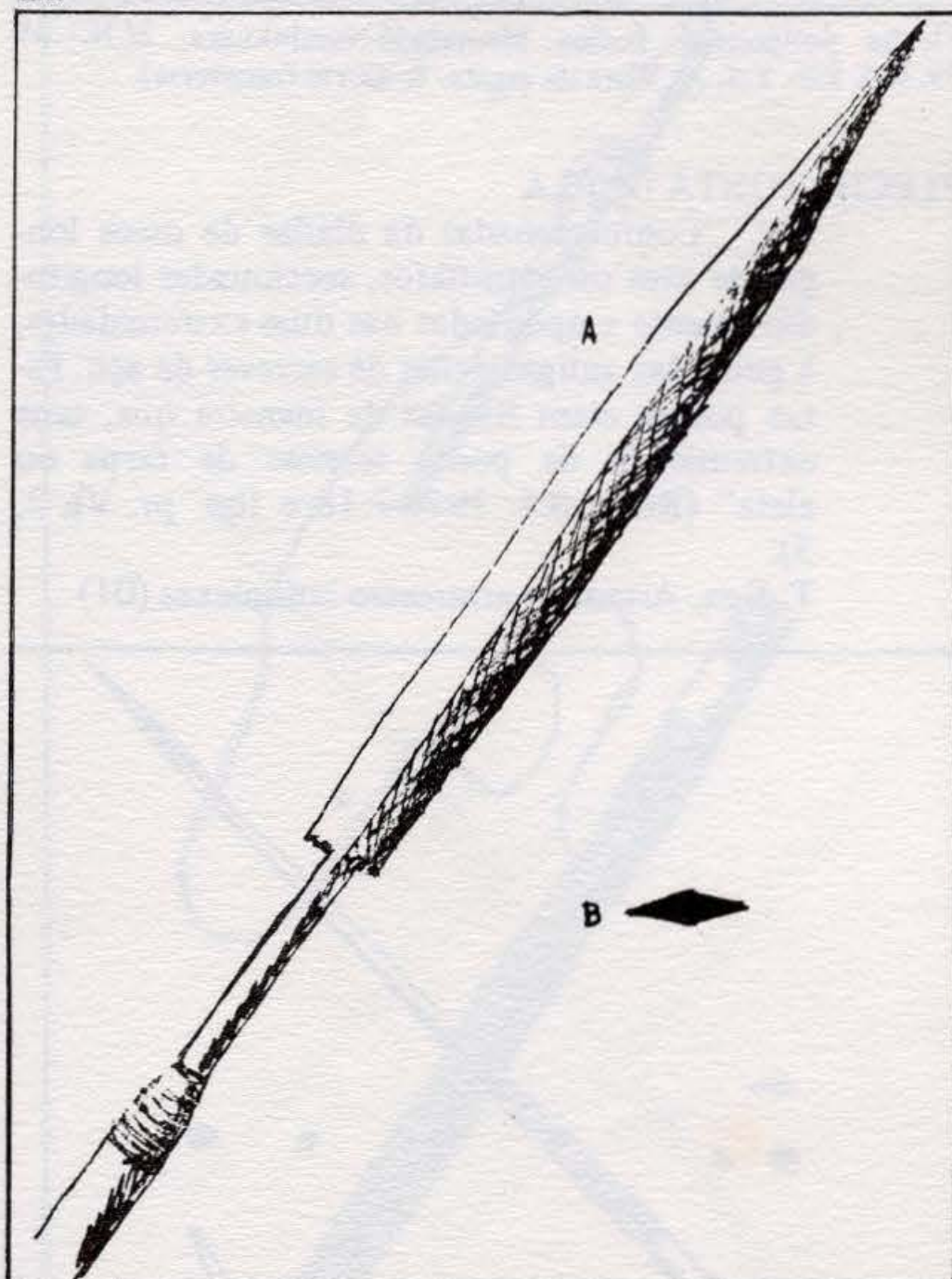
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

T. Rel. Flecha lanceolada arqueada
Flecha lanceolada biconvexa
Flecha lanceolada prismática

Flecha lanceolada barbelada. Índios Suruí (de Rondônia), M.N nº 40.632. Esc. 1:5. A. Vista da ponta. B. Corte transversal.

FLECHA LANCEOLADA BICONVEXA

Flecha provida de ponta de taquara talhada em bisel duplo, aguçada nas arestas. Usada para caça de porte e para a guerra. Ocorre também a ponta lanceolada de metal.

T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

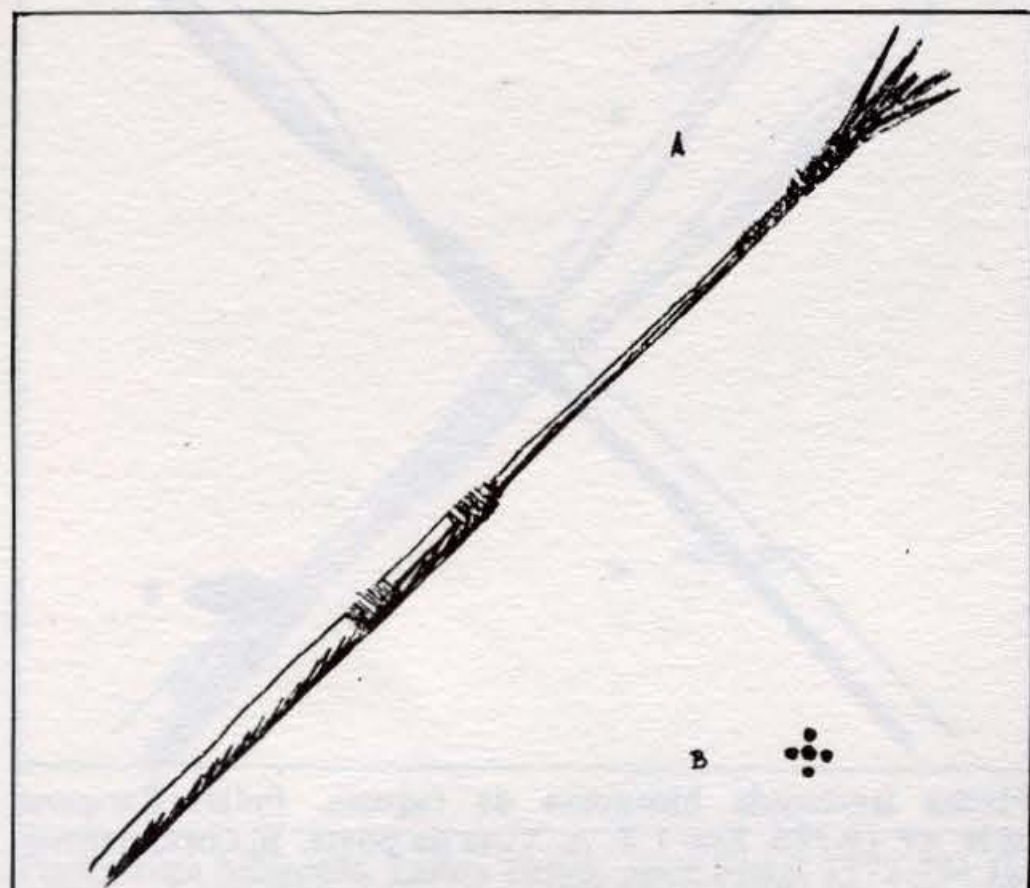
T. Rel. Flecha lanceolada arqueada
Flecha lanceolada barbelada
Flecha lanceolada prismática

Flecha lanceolada biconvexa de taquara. Índios Karipuna. M.N. nº 19.786. Esc. 1:5. A. Vista da ponta. B. Corte transversal.

Flecha lanceolada prismática. Índios Tiriyó, *apud* Frikel 1973: 289 fig. 13c. A. Vista da ponta. B. Corte transversal.

FLECHA LANCEOLADA PRISMÁTICA

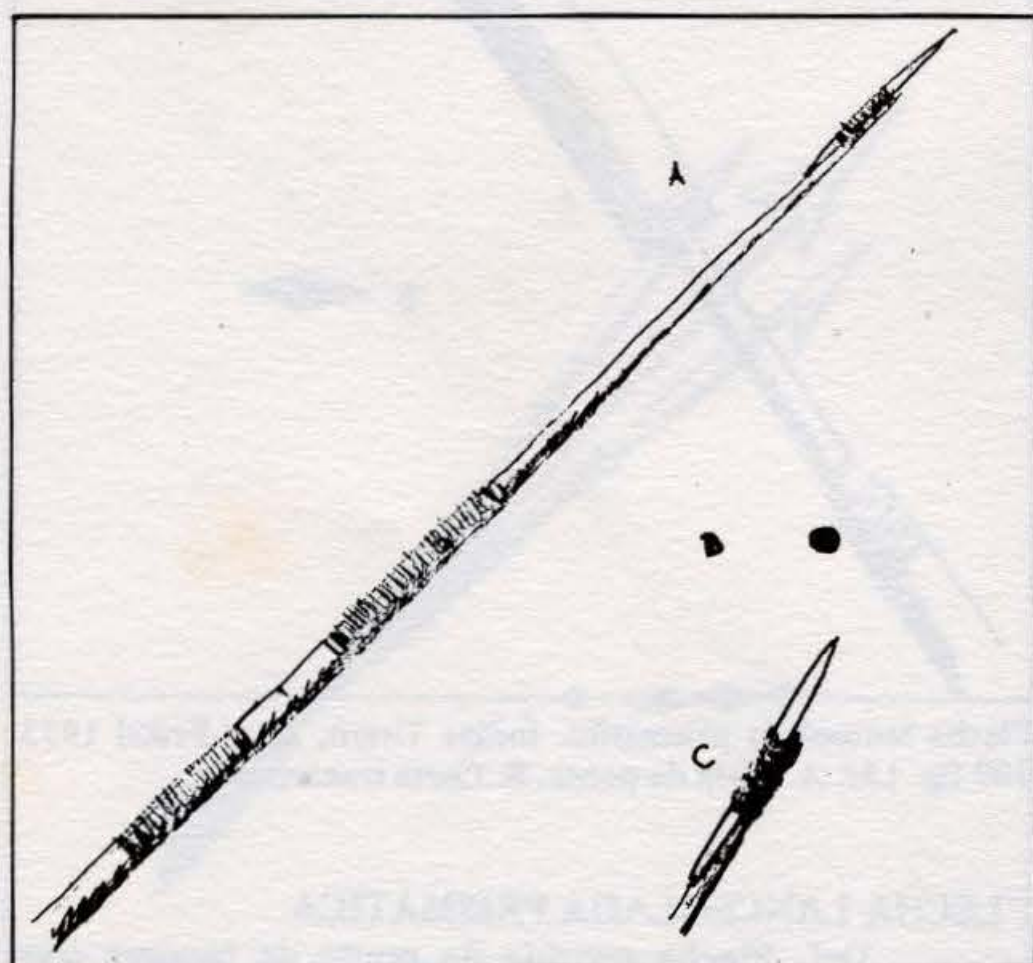
Def. Flecha provida de ponta de taquara com talhe em chanfradura dupla, arestas aguçadas e secção reta transversal em forma de prisma.

T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)
T. Rel. Flecha lanceolada arqueada
Flecha lanceolada barbelada
Flecha lanceolada biconvexa

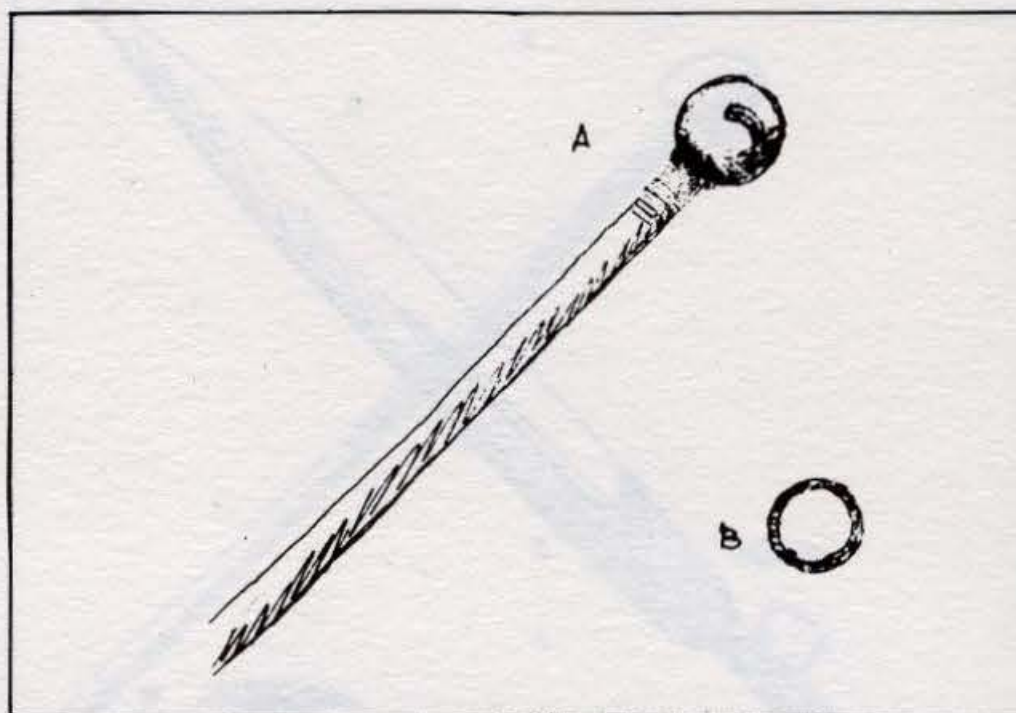
FLECHA POLIPONTAS

Def. Flecha munida de vareta de madeira à qual se adaptam estiletes pontudos. Destinada à pesca de peixes pequenos.
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

Flecha polipontas. Índios Mamaindé-Nambikuára, M.N. nº 39.380. Esc. 1:5. A. Vista da ponta. B. Corte transversal.

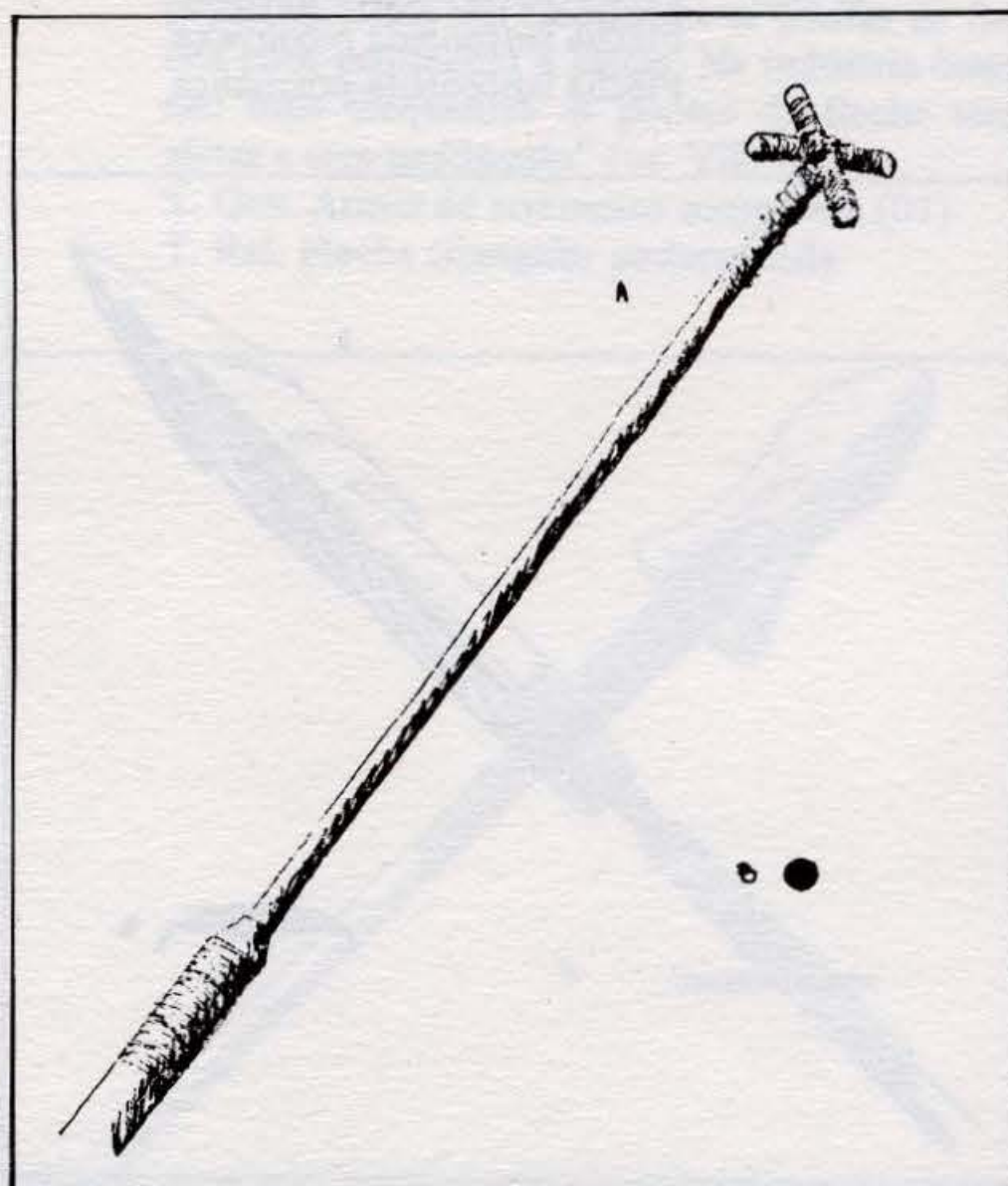
FLECHA PONTA DUPLA

Def. "Confeccionadas da diáfise de ossos longos de aves ou mamíferos, seccionadas longitudinalmente e apontadas nas duas extremidades, à guisa das antigas penas de escrever de aço. Estas pontas eram fixadas de maneira que, uma extremidade da ponta servisse de farpa ou aleta" (Rohr, S.J. 1976-7:18 e figs. pr. VI, 2, 3).
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

Flecha ponta dupla. Índios Bakairí, M.N. nº 13.666. Esc. 1:5. A. Vista da ponta com lasca de osso. B. Corte transversal. C. Detalhe da ponteira.

FLECHA ROMBUDA BOLOTA

Def. Flecha cuja ponta apresenta-se em forma de bolota de cera compacta, contendo ou não material mais pesado no seu interior. Utilizada na caça às aves. A mesma designação aplica-se à ponta de bolota feita com outras matérias-primas, como a noz do tucum.
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)
T. Rel. Flecha rombuda cruzeta
Flecha rombuda virote

Flecha rombuda bolota. Índios Matipu-Nahukuá, M.N. nº 39.188. Esc. 1:5. A. Vista da ponta: noz de tucum perfurada, que assovia quando em vôo. B. Corte transversal.

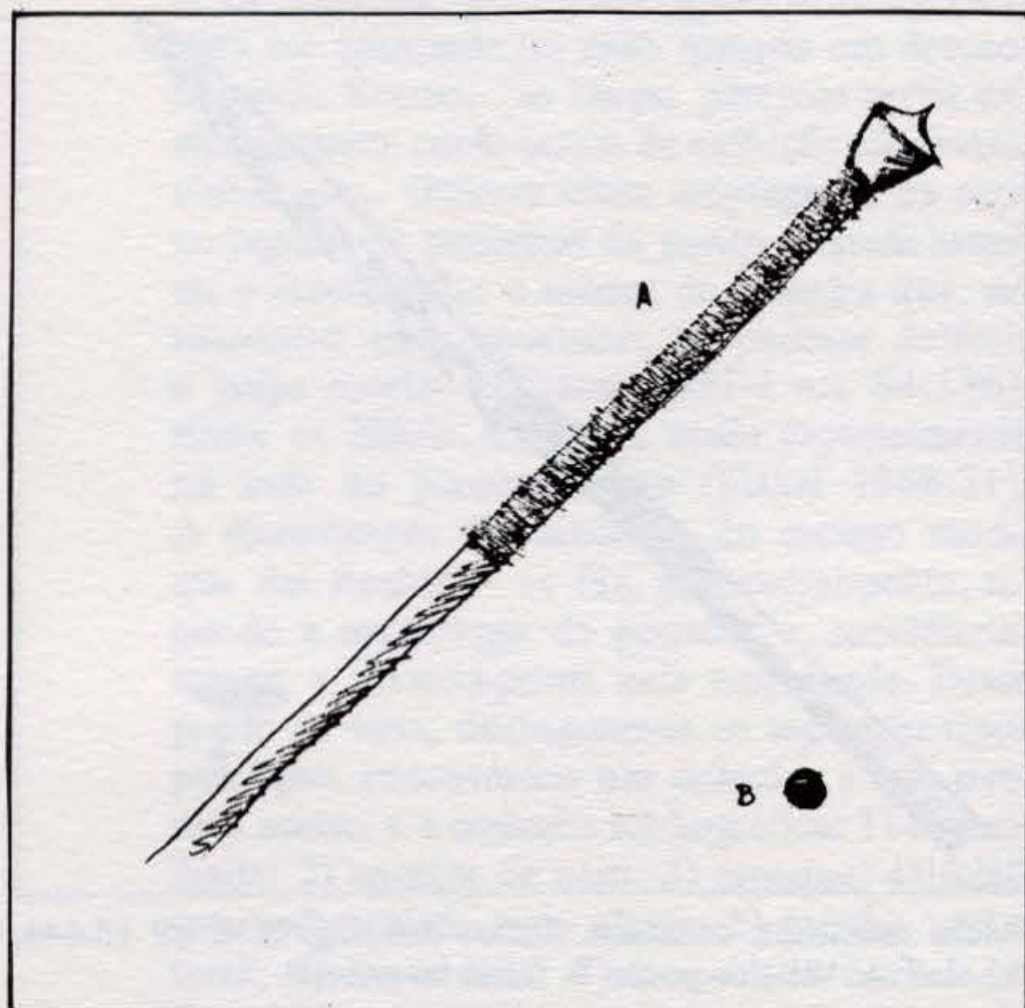
FLECHA ROMBUDA CRUZETA

Def. Flecha com protuberância na ponta constituída de pauzinhos cruzados ou raiz de planta. Usada na caça a pássaros.
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)
T. Rel. Flecha rombuda bolota
Flecha rombuda virote

Flecha rombuda cruzeta. *Apud* Métraux 1986:144 fig. 65a. A. Vista da ponta. Corte transversal da vareta.

FLECHA ROMBUDA VIROTE

Flecha cuja ponta é formada de um virote de madeira dura terminando em ponta, na parte posterior, encastoado na haste. Utilizada na caça às aves. Não fica cravada na copa das árvores.

T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

T. Rel. Flecha rombuda bolota
Flecha rombuda cruzeta

Flecha rombuda virote. Índios Botocudos, M.N. nº 7.320. Esc. 1:5. A. Vista da ponta. B. Corte transversal.

FLECHA-SARARACA

Def. Flecha com ponta removível, presa à haste por uma corda, com a qual se pesca pirarucu, tartaruga, peixe-boi, etc. A ponteira, geralmente de ferro, apresenta as seguintes variantes: 1) espeque; 2) fisga; 3) triangular com aletas. É fixada a uma vareta e esta inserida na abertura cilíndrica da haste. Ao penetrar a ponta no alvo, a corda se desenrola e solta-se a haste, que fica boiando assinalando a posição da presa.

T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

FLECHA-SARARACA ESPEQUE

Def. Flecha munida de ponteira lisa destacável, presa com um cordel à haste. Atirada do arco, serve para matar peixes de grande tamanho.

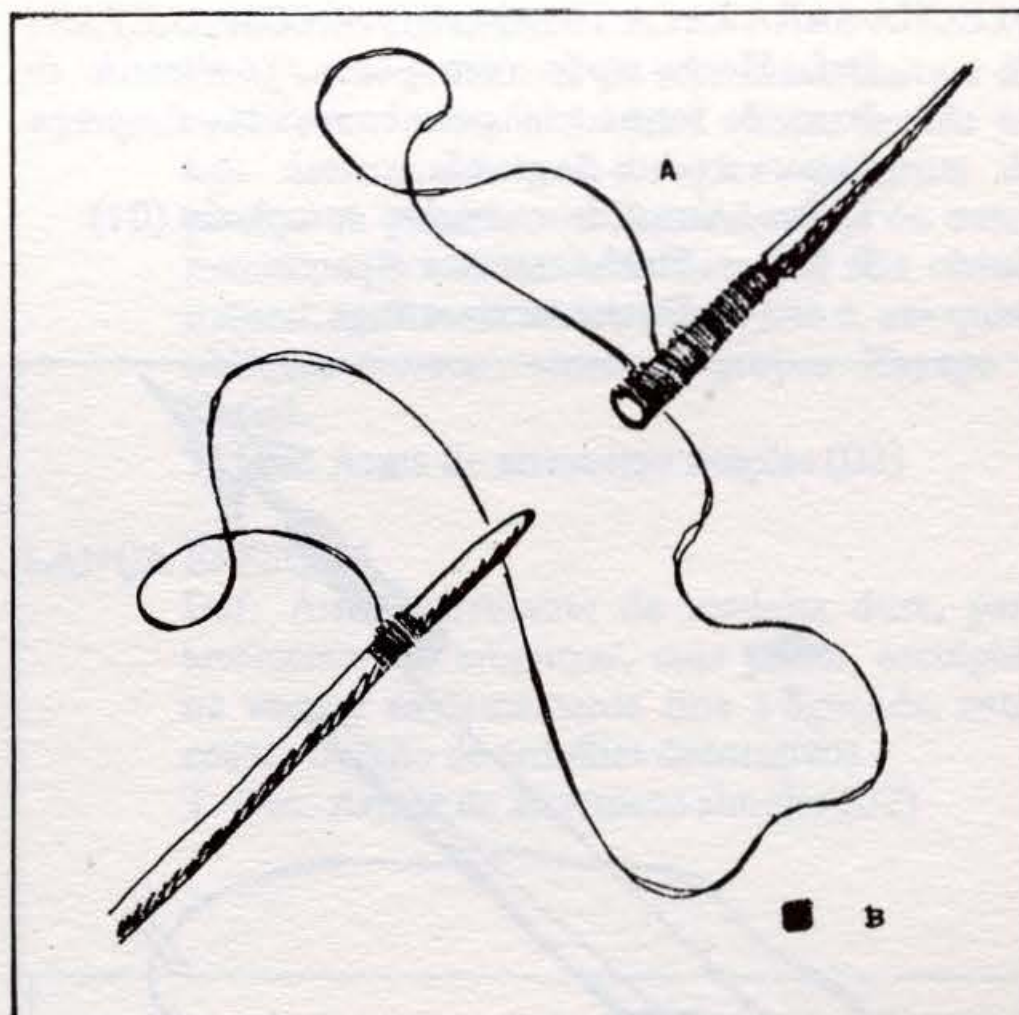
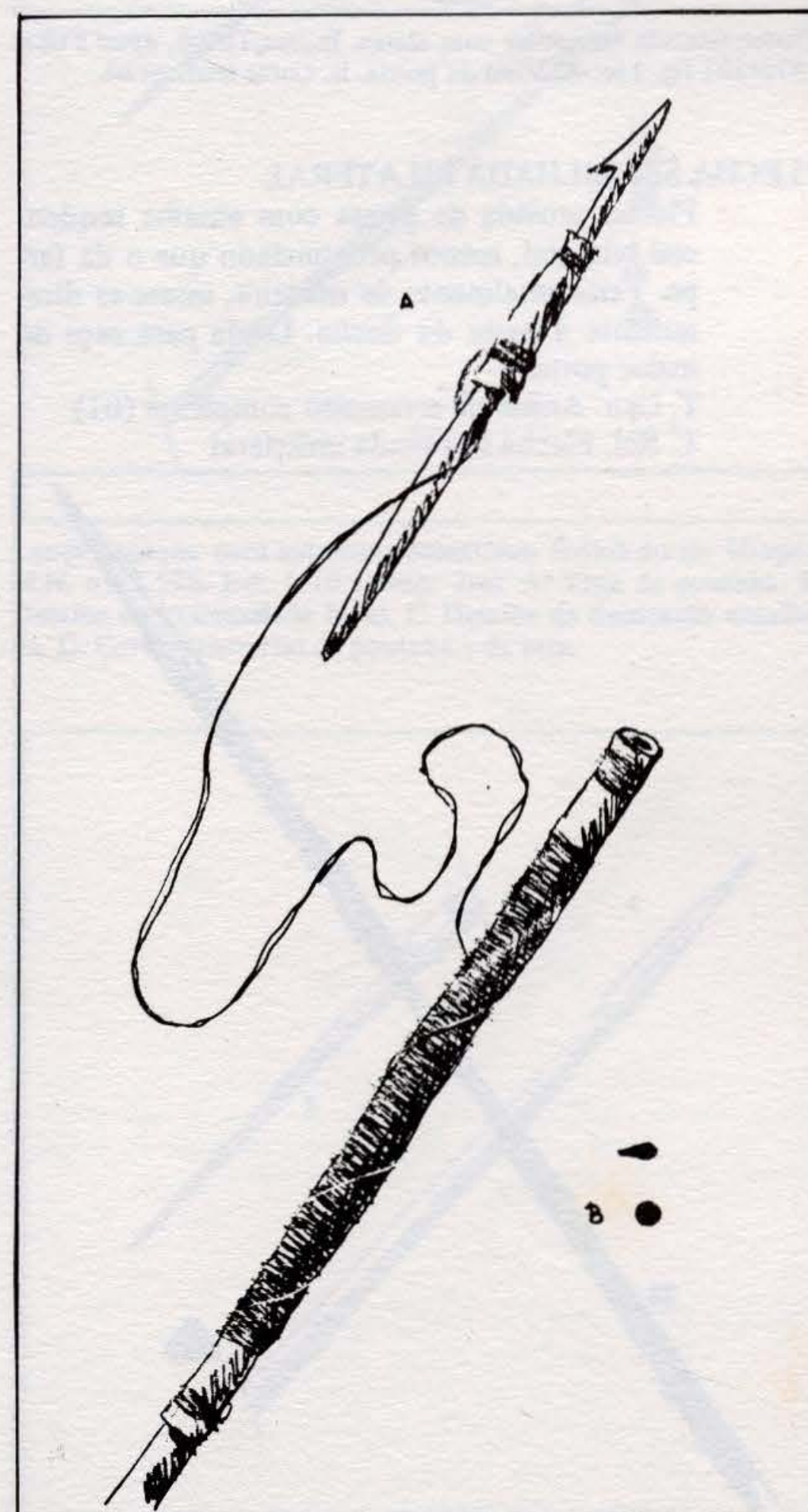
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

T. Rel. Flecha-sararaca fisga
Flecha-sararaca triangular com aletas

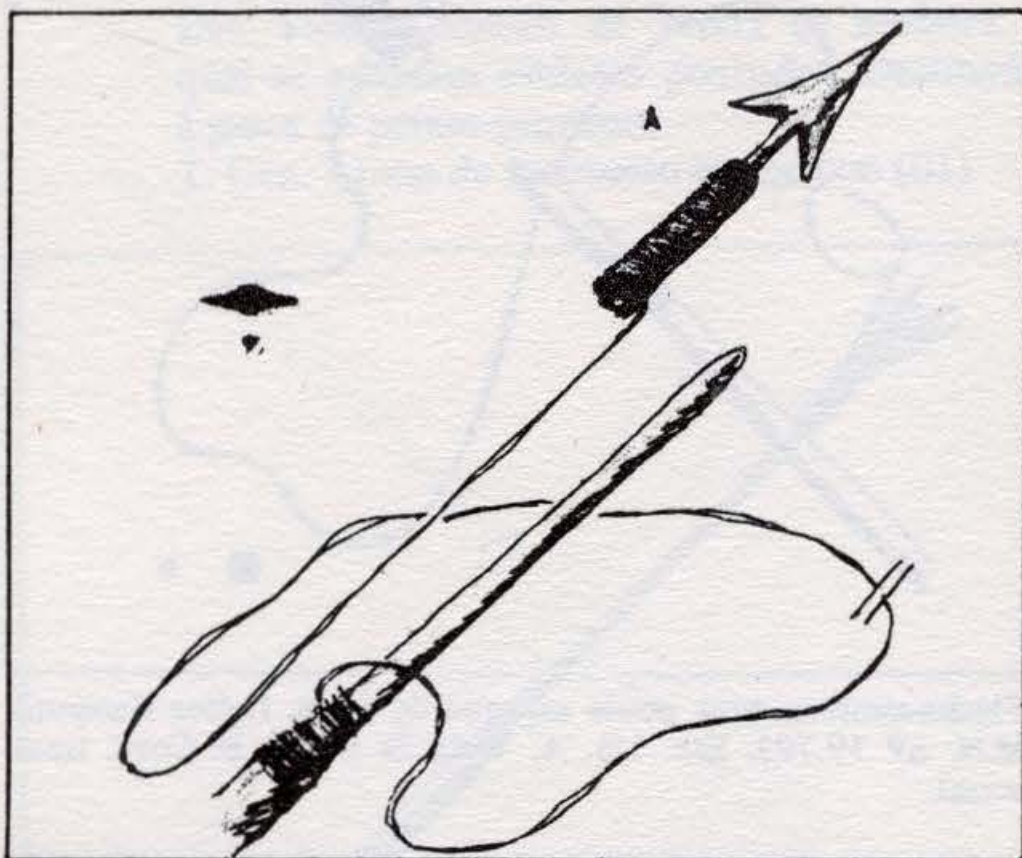
FLECHA-SARARACA FISGA

Def. Flecha-arpão com ponta destacável terminando em fisga. Usada para a pesca de grande porte.

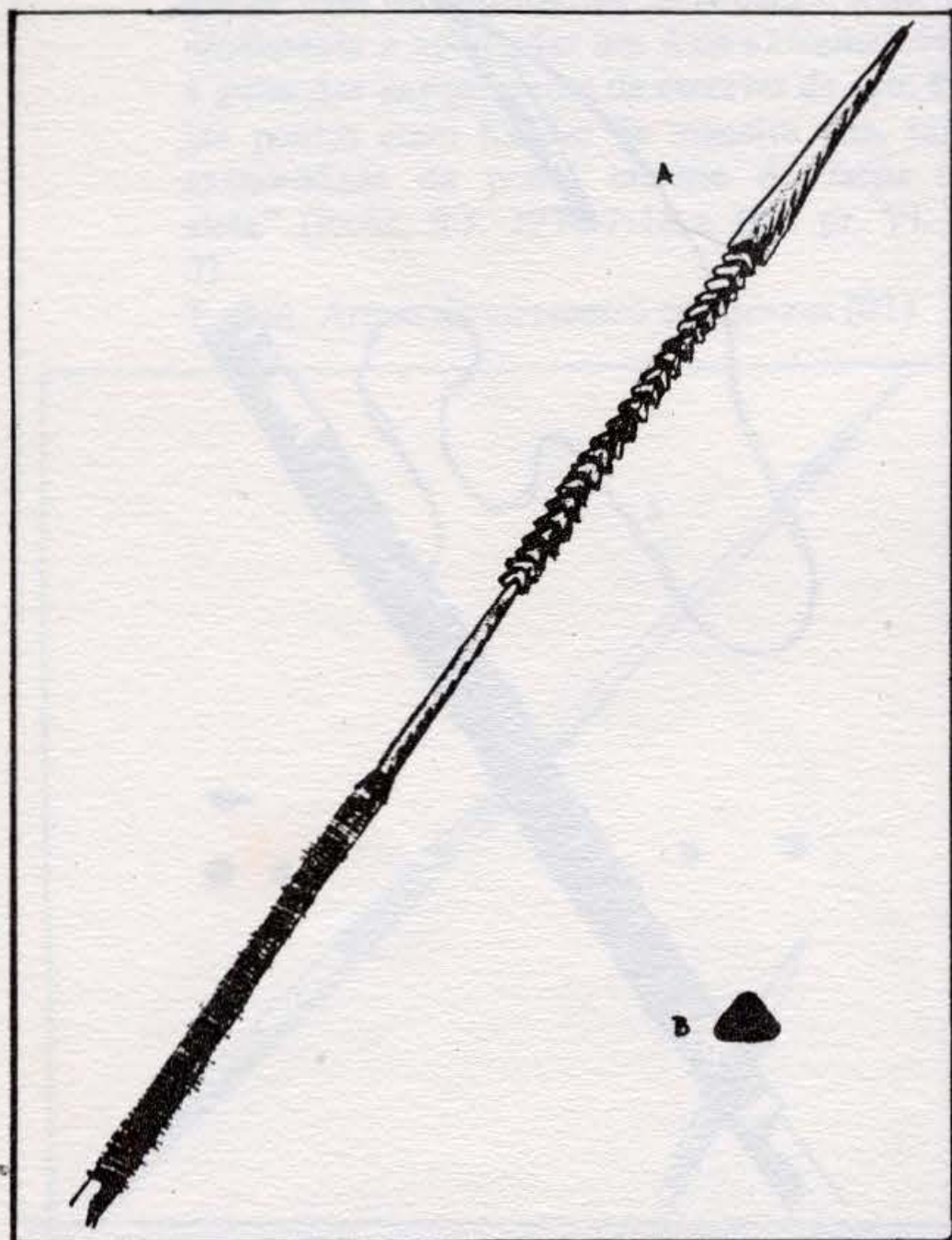
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

T. Rel. Flecha-sararaca espeque
Flecha-sararaca triangular com aletas

Flecha-sararaca com ponta espeque de ferro. Índios Karipuna, M.N. nº 19.793. Esc. 1:5. A. Vista da ponta. B. Corte transversal.

Flecha-sararaca fisga de metal. Índios Mundurukú, Museu Pigorini nº 15.522/G. *Apud* Zevi et alii 1983:35, fig. 77. A. Vista da ponta. B. Corte transversal da ponta e da haste.

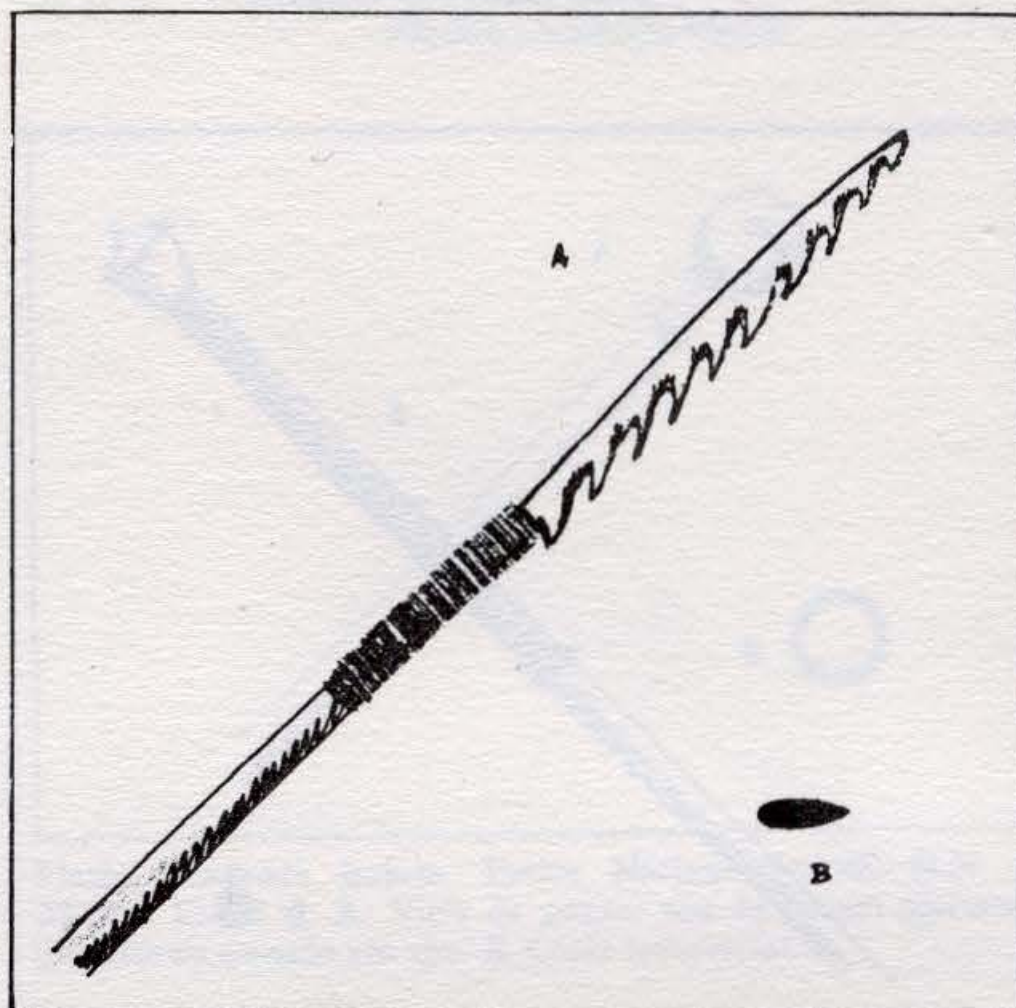
FLECHA-SARARACA TRIANGULAR COM ALETAS

Def. Flecha-arpão com ponta, geralmente de ferro, de forma triangular com aletas. Empregada para a pesca de grande porte.
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)
T. Rel. Flecha-sararaca espeque
Flecha-sararaca fisga

Flecha-sararaca triangular com aletas. Índios Tiriyó, *apud* Frikel 1973:291 fig. 15e. A. Vista da ponta. B. Corte transversal.

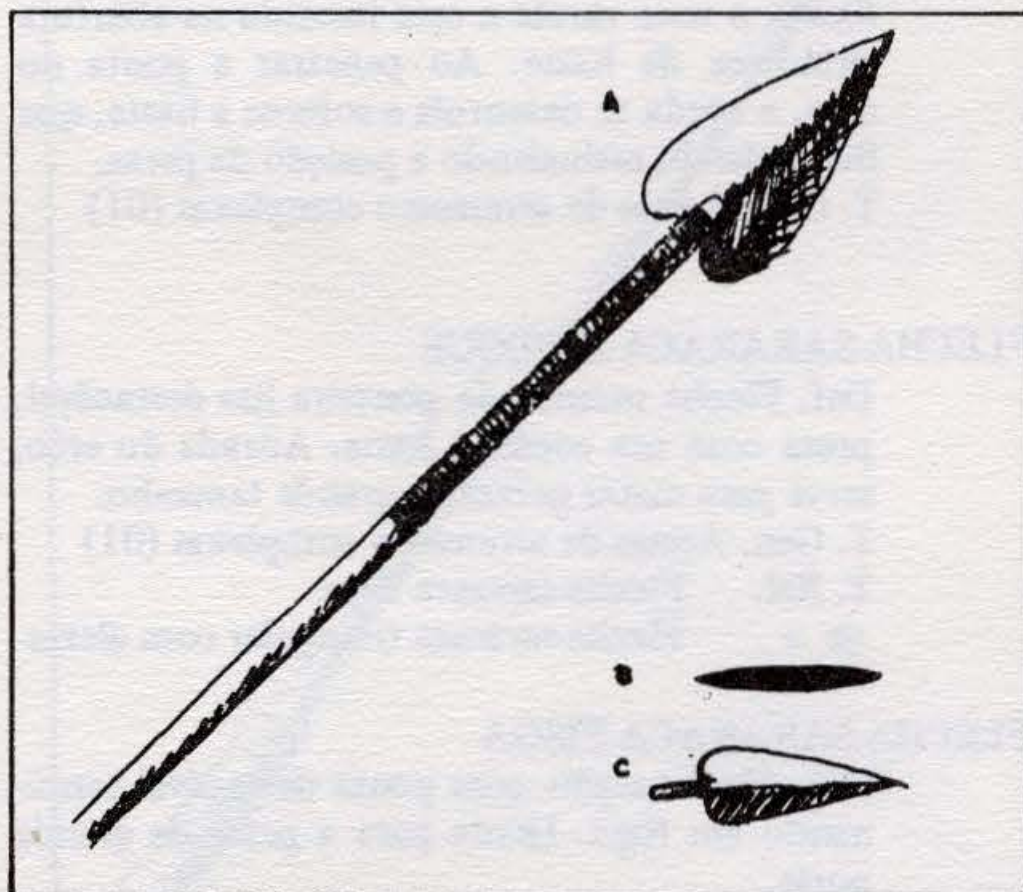
FLECHA SERRILHADA BILATERAL

Flecha provida de ponta com entalhe seqüencial bilateral, menos pronunciado que o da farpa. Feita geralmente de madeira, insere-se diretamente à haste da flecha. Usada para caça de maior porte.
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)
T. Rel. Flecha serrilhada unilateral

Flecha serrilhada bilateral. Índios Erigpatsa, M.N. nº 39.422. Esc. 1:5. A. Vista da ponta. B. Corte transversal.

FLECHA SERRILHADA UNILATERAL

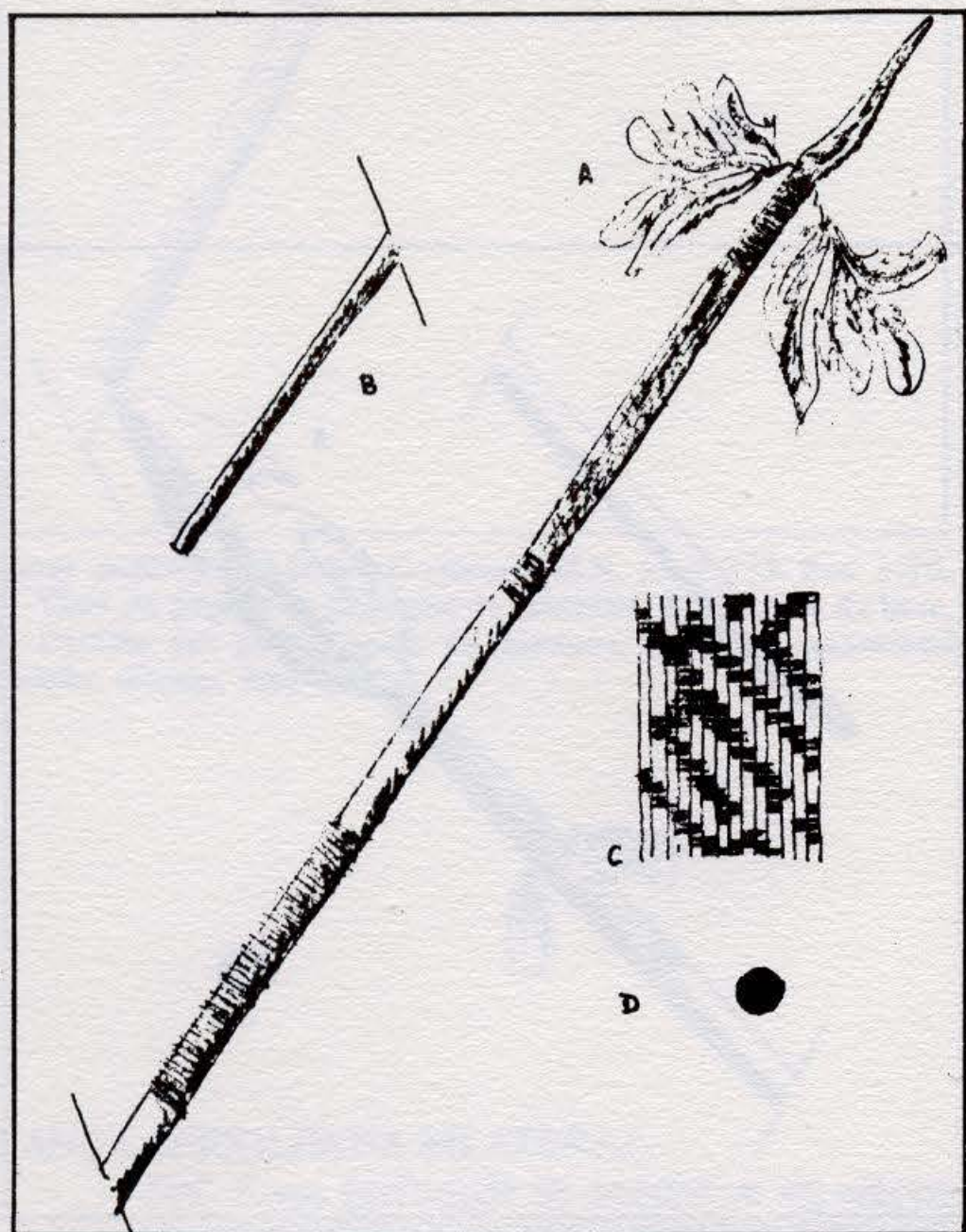
Def. Flecha provida de um entalhe em serrinha numa das bordas. É feita geralmente de madeira, prescindindo de vareta intermediária entre a ponta e a haste. Varia o número e a disposição dos dentes. Usada para caça grande.
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)
T. Rel. Flecha serrilhada bilateral

Flecha serrilhada unilateral. Índios Xokléng, M.N. nº 15.444. Esc. 1:5. A. Vista da ponta. B. Corte transversal.

FLECHA TRIANGULAR PEDUNCULADA

Flecha com ponta à maneira de seta, de arestas aguçadas, provida de pedúnculo. É feita de madeira ou metal e, antigamente, de pedra, sendo usada para caça grande. Essa forma é designada "língua de áspide" por Leroi-Gourhan (1974: 184 e ss.).
T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)
T. Rel. Flecha foliácea pedunculada

Flecha triangular pedunculada de metal. Índios Xokléng, M.N. nº 15.442. Esc. 1:5. A. Vista da ponta. B. Corte transversal. C. Detalhe do pedúnculo.

LANÇA (*Spear*, i.; *lance*, f.; *speer*, al.)

Def. Arma perfurante de arremesso manual direto, morfologicamente semelhante a uma flecha, porém, de madeira, mais grossa, e sem emplumação funcional. De uma maneira geral, a ponta forma uma só peça com a vara. As exceções são as lanças com ponta de taquara lanceolada, as que têm embutimento da cânula medular de um osso longo afilado, principalmente fêmur de onça. As lanças dos índios Xokléng têm ponta foliácea pedunculada com aletas. A extremidade proximal é igualmente aguçada para ser enterrada no chão quando em desuso. Segundo Krause, "as lanças parecem servir exclusivamente como armas de exibição em festas, visitas, etc.. Outrora eram empregadas na caça ao jaguar. Os penachos da ponta visavam assustar e fazer vacilar o animal de maneira que, no momento mais oportuno, se pudesse desferir o golpe mortal". (Krause 1941-4 vol. 84:186). Entre os Xikrin, a lança é usada especialmente na caça ao porco-do-mato (Frikel 1968:31). A classificação das lanças – do mesmo modo que das flechas – se faz, primordialmente, segundo a morfologia da ponteira e, subsidiariamente, a matéria-prima nela empregada. Desse ponto de vista, distinguem-se os seguintes tipos principais encontrados nas coleções a que tivemos acesso e a consulta bibliográfica: 1) biserrilhada; 2) encaixe de osso; 3) espeque; 4) foliácea pedunculada com aletas; 5) gancho unilateral; 6) lanceolada; 7) lanceolada barbelada; 8) polifarpada. O nono tipo é representado pelo murucu, que é uma lança com ponta espeque ervada e desmontável.

T. Gen. Armas de arremesso simples (02)

Lança encaixe de osso. Índios Karajá, M.N. nº 40.006. Esc. 1:10. A. Vista do segmento perfurador. B. Detalhe da extremidade basal. C. Detalhe do trançado ornamental. D. Secção reta transversal circular.

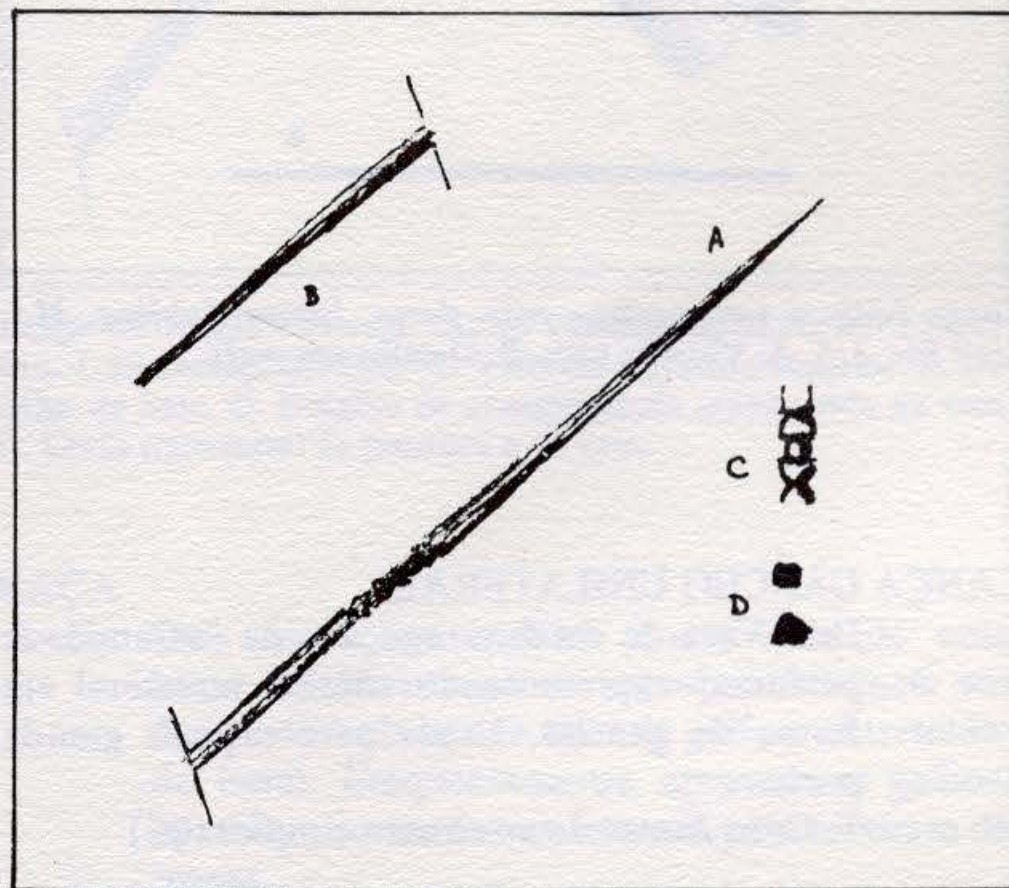
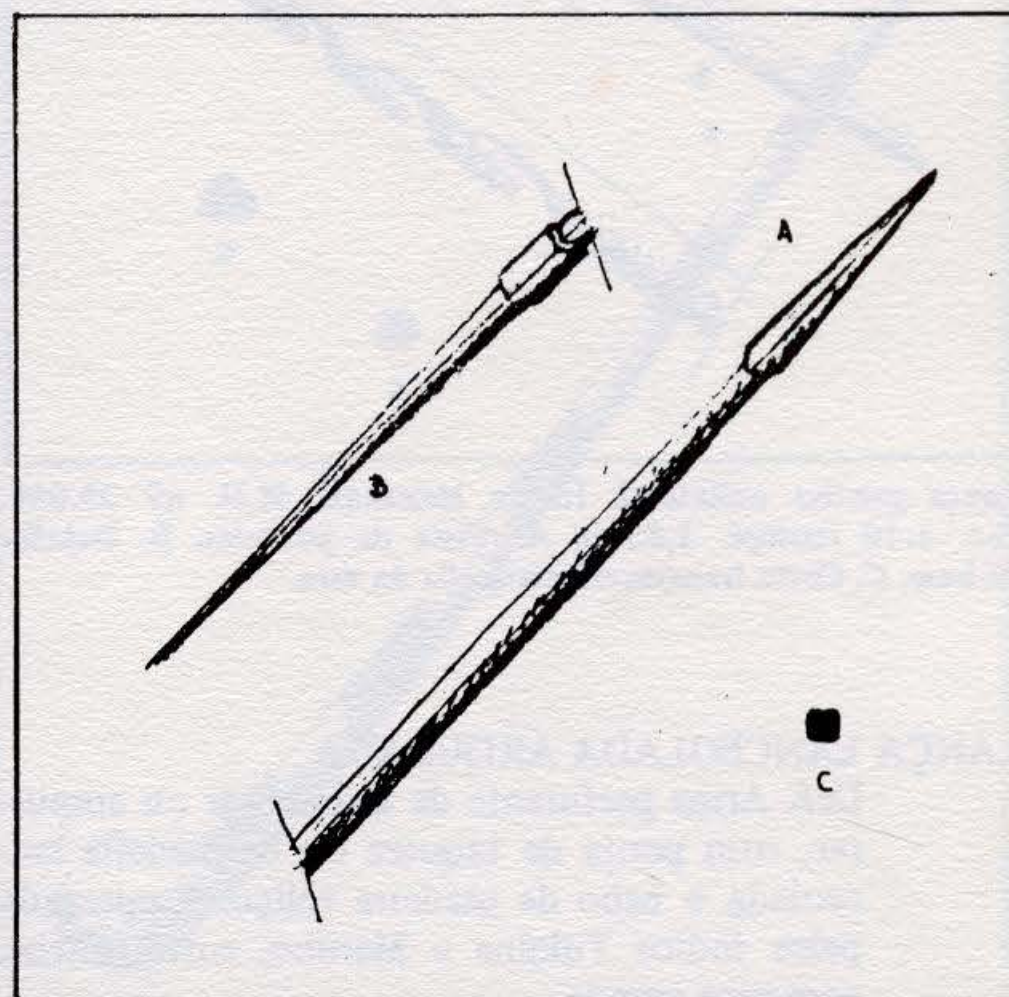
LANÇA ENCAIXE DE OSSO

Def. Arma perfurante de arremesso manual direto, com haste de madeira roliça, ornada ou não de trançado marchetado e pingente de plumas. A ponteira de fêmur de onça ou outro mamífero é encaixada à haste por sua cânula natural, sendo afilada em bisel, isto é, em quina oblíqua. Comum entre os grupos Kayapó e Karajá.

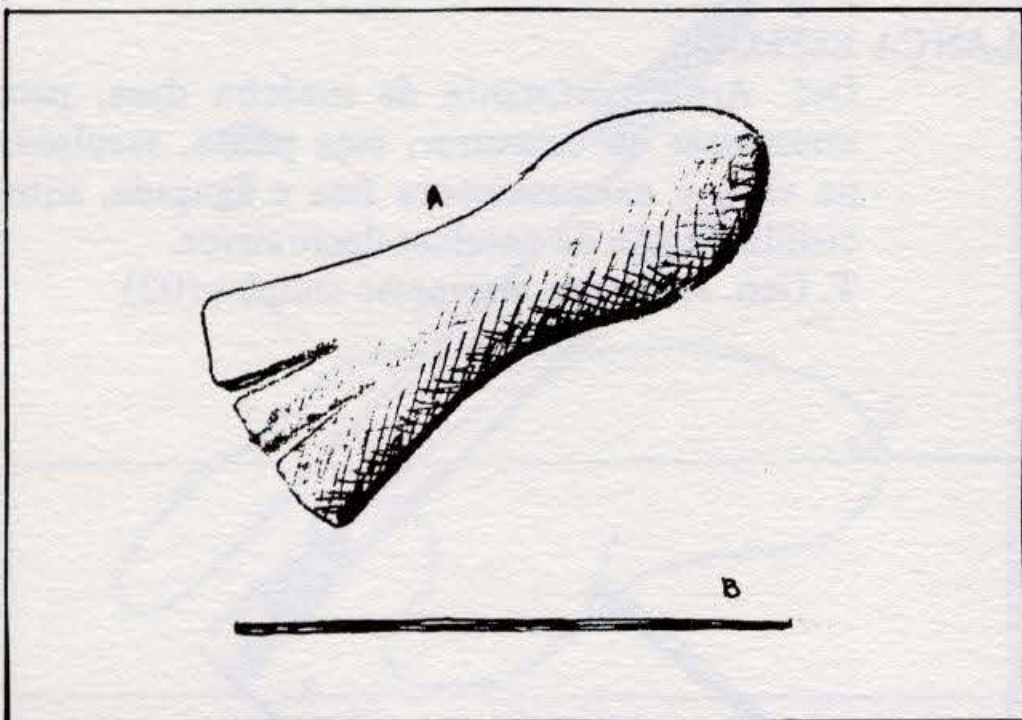
T. Gen. Arma de arremesso simples (02)

LANÇA ESPEQUE

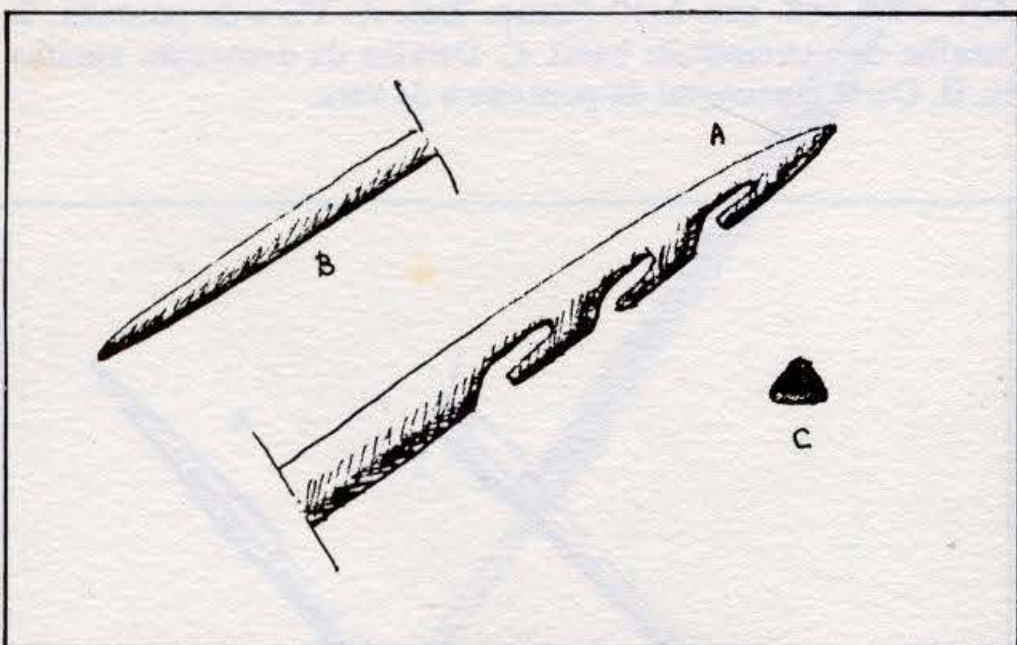
Def. Arma perfurante de madeira dura, para arremessar ou empurrar, cuja ponta, esculpida na vara, é extremamente fina e aguçada, antecedida ou não de entalhes decorativos.

T. Gen. Armas de arremesso simples (02)

Lança espeque com entalhes decorativos. Índios do rio Uaupés, M.N. nº 3.568. Esc. 1:10 (comp. 2m). A. Vista da ponteira. B. Detalhe da extremidade basal. C. Detalhe da decoração entalhada. D. Corte transversal da ponteira e da vara.

Lança espeque. Índios Yamamadí, M.N. nº 13.691. Esc. 1:10 (Comp. 1,86m). A. Vista da ponteira. B. Detalhe do segmento basal. C. Corte transversal da vara.

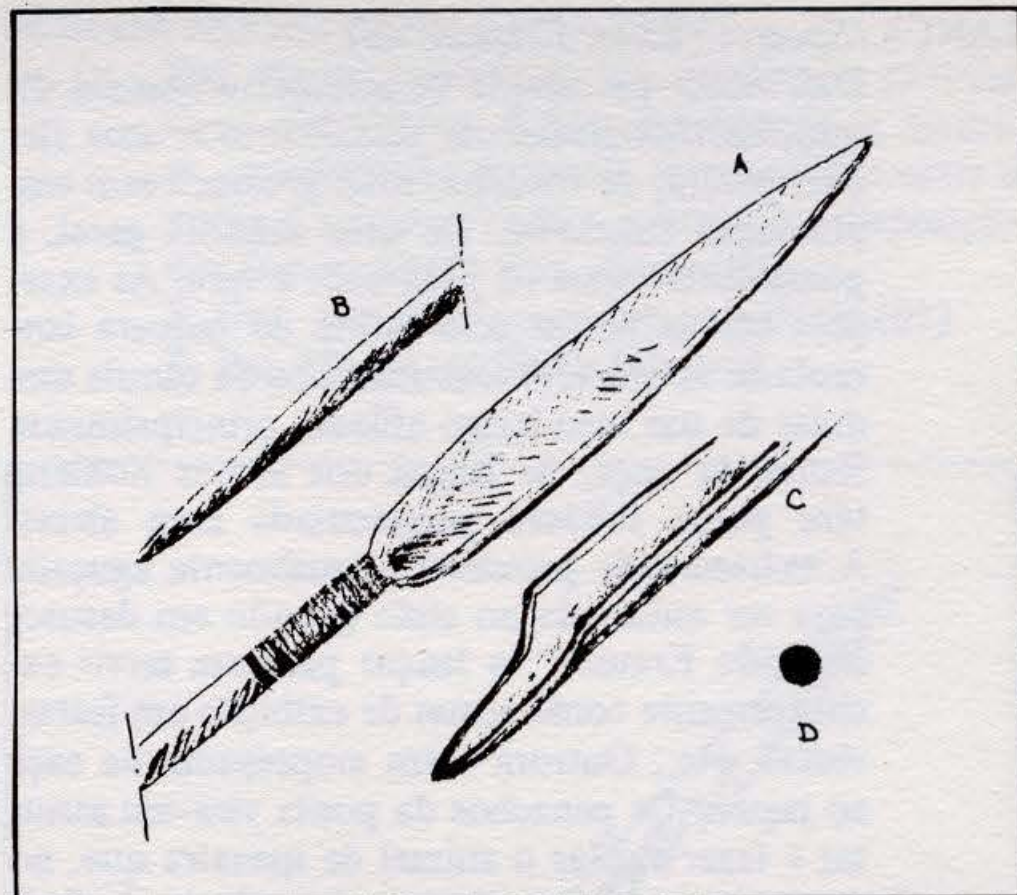
LANÇA FOLIÁCEA PEDUNCULADA COM ALETAS

Def. Arma perfurante de arremessar ou empurrar, com ponta de ferro martelado a partir de armas brancas, recortada em forma de folha com pedúnculo e aletas. Empregada pelos índios Xokléng na caça grande e na guerra.
T. Gen. Armas de arremesso simples (02)

Lança foliácea pedunculada com aletas. Índios Xokléng, M.I. s/nº Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe em perfil.

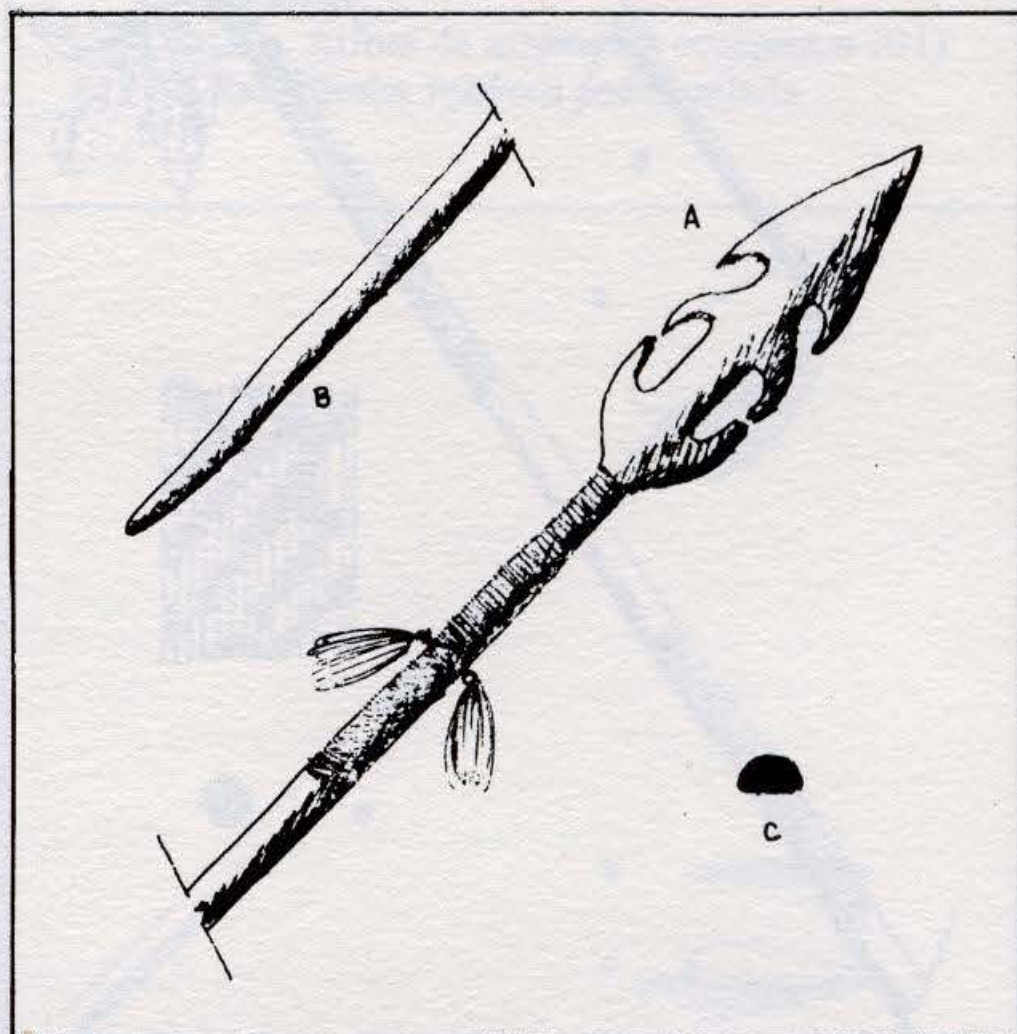
LANÇA GANCHO UNILATERAL

Def. Vara de madeira aguçada na extremidade perfurante apresentando entalhe unilateral em forma de gancho. Usada para caça de grande porte.
T. Gen. Armas de arremesso simples (02)

Lança gancho unilateral. Índios Maxakalí, M.N. nº 29.086. Esc. 1:10 (compr. 1,85m). A. Vista da ponteira. B. Detalhe da base. C. Corte transversal triangular da vara.

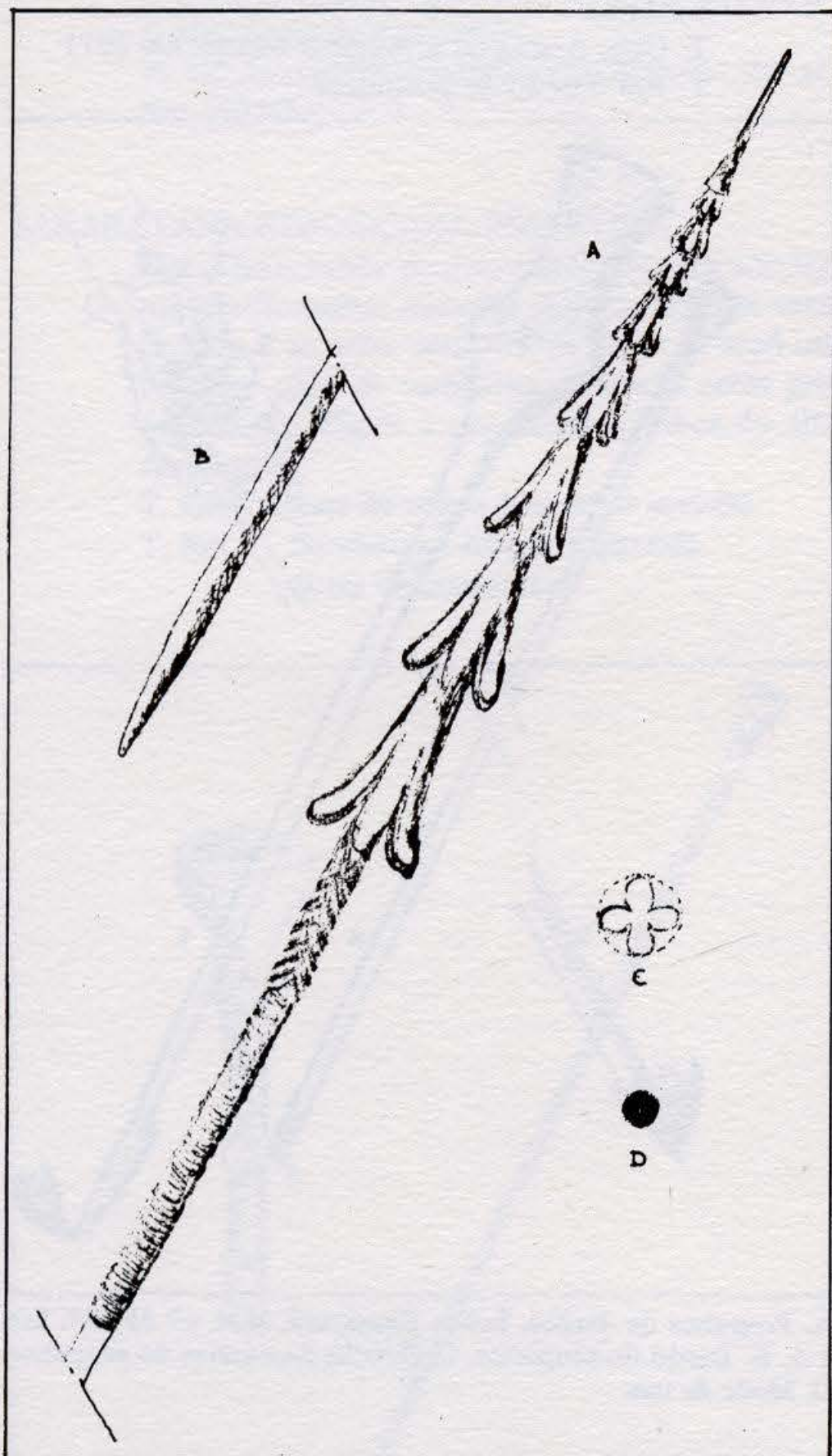
LANÇA LANCEOLADA ARQUEADA

Def. Arma perfurante de arremessar ou empurrar, com ponta de taquara ou de madeira lanceolada e cabo de madeira roliço. Empregada pelos índios Tukúna e Marúbo, entre outros, para caça grande.
T. Gen. Armas de arremesso simples (02)
T. Rel. Lança lanceolada barbelada

Lança lanceolada arqueada. Índios do rio Ucaiali, M.N. nº 27.471. Esc. 1:10 (comp. 2,38m). A. Vista da ponteira. B. Detalhe da base. C. Detalhe do verso da ponteira. D. Corte transversal da vara circular.

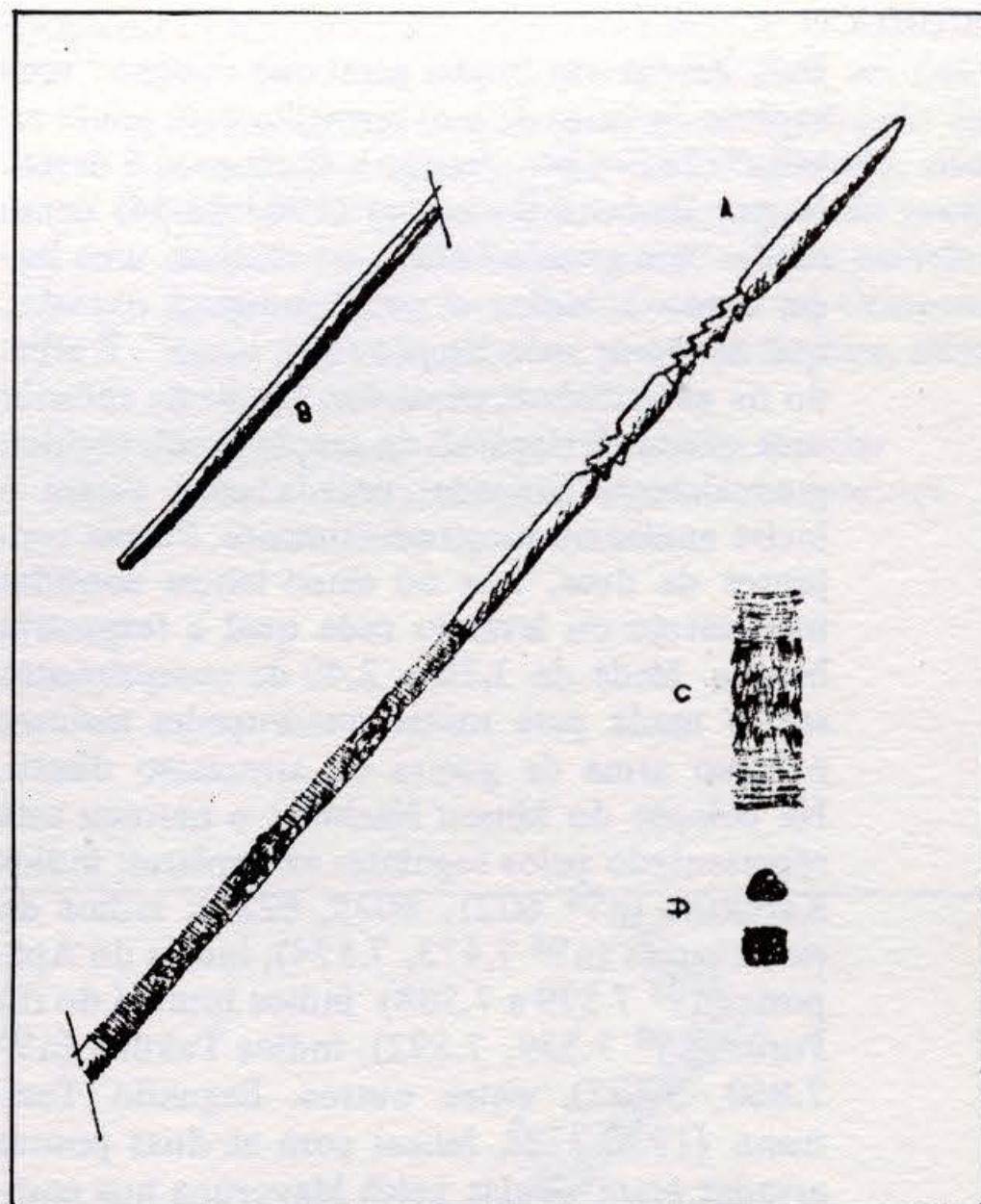
LANÇA LANCEOLADA BARBELADA

Def. Arma perfurante, de arremessar ou empurrar, com ponta feita unicamente de taquara lanceolada e recortes barbelados. Empregada para a caça de maior porte.
T. Gen. Armas de arremesso simples (02)
T. Rel. Lança lanceolada arqueada

Lança lanceolada barbelada. Índios do Amazonas, M.N. nº 25.995. Esc. 1:10 (comp. 1,80m). A. Vista da peça. B. Detalhe da ponta inferior. C. Detalhe do corte transversal da vara: plano-côncavo.

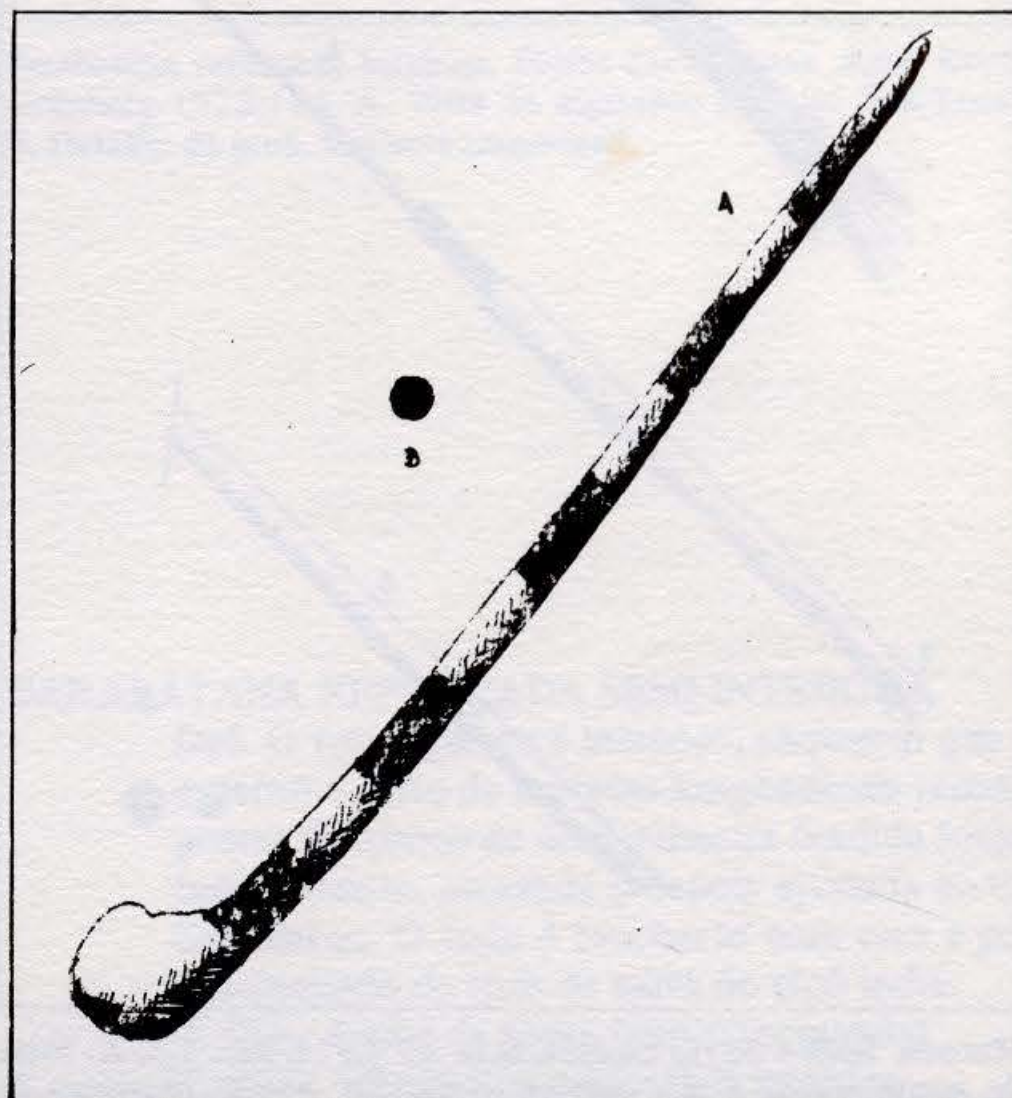
LANÇA POLIFARPADA

Def. Vara de madeira com ponta aguçada na extremidade perfurante, apresentando recortes salientes ao redor da vara à maneira de esporões.
T. Gen. Armas de arremesso simples (02)

Lança polifarpada. Índios Guaikurú, M.N. nº 7.733. Esc. 1:10. A. Vista da peça com destaque da ponteira. B. Detalhe da base. C. Detalhe em planta baixa da ponteira. D. Corte transversal circular. (Comp. 3m).

LANÇA SERRILHADA BILATERAL

Def. Arma perfurante de arremessar ou empurrar com ponta de madeira lanceolada e bisserrilhada a intervalos. A base é aguçada para que possa ser enterrada no chão quando em desuso.
T. Gen. Armas de arremesso simples (02)

Lança serrilhada bilateral. Índios Parintintin, M.N. nº 22.049. Esc. 1:10 (comp. 2,53m). A. Vista do segmento superior. B. Detalhe da base. C. Detalhe da ornamentação emplumada da vara. D. Corte transversal da ponteira e da vara.

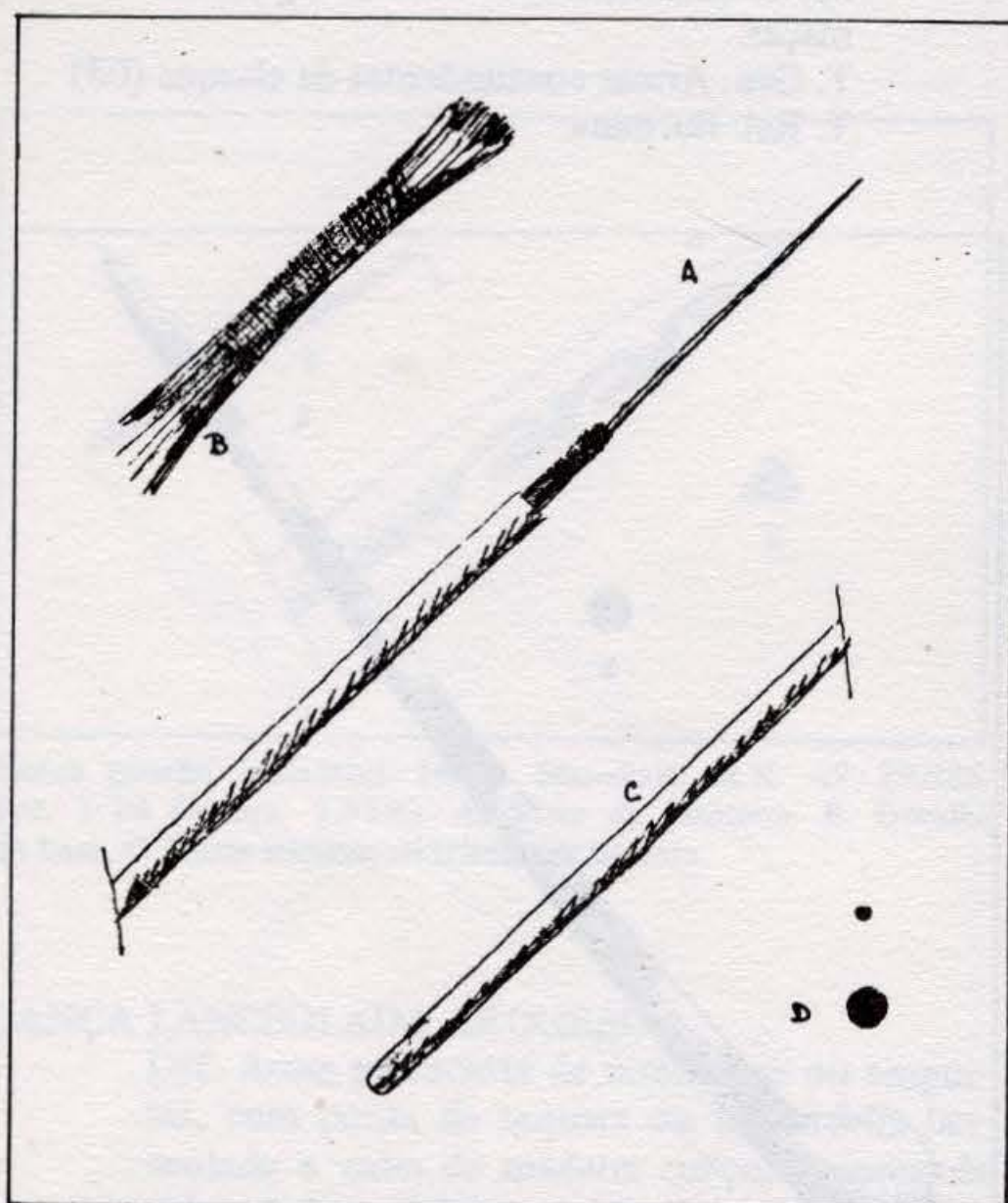
MAÇA

Def. Arma contundente constituída de uma haste de madeira com uma proeminência em forma de bola ou de taco de golf na extremidade basal. Freqüentemente aproveita-se galhos, aparelhando sua forma natural, para servirem de maças.
T. Gen. Armas contundentes de choque (03)
T. Rel. Borduna

Maça. Índios Apinayé, M.N. nº 28.357. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Corte transversal circular.

MURUCU

Def. Termo em língua geral que designa "uma espécie de lança de pau vermelho com ponta ervada" (Dicionário Aurélio). O murucu é descrito por Barbosa Rodrigues (1903:43-44) como sendo "um grande *kurabi*, ou melhor, uma lança, como o indica o nome indígena *muruku*, que deriva de *min*, lança e *rucu*, longa". É afilado na extremidade posterior, tendo na anterior uma ponta destacável, de secção quadrangular, gradualmente aguçada, untada com curare e incisa anular ou longitudinalmente. Forma conjuntos de duas, três ou cinco lanças contidas num estojo ou levando cada qual a respectiva bainha. Mede de 1,70 a 2,40 de comprimento sendo usada para matar quadrupedes maiores e como arma de guerra de arremesso direto. Na coleção do Museu Nacional o murucu está representado pelos seguintes exemplares: índios Katukína (n.ºs 6021, 6025, 6222); índios do rio Uaupés (n.ºs 7.473, 7.574); índios do Apaporis (n.ºs 7.579 a 7.588) índios Ipuriná do rio Purus (n.ºs 7.539, 7.592); índios Tukúna (n.ºs 7.860, 3.582), entre outros. Segundo Tessmann (1930:372), lanças com as duas pontas ervadas eram usadas pelos Mayorúna nos combates e para abater antas, veados e porcos selvagens. A ponta destacável, amarrada ao cabo com fio de algodão, e ervada, era empregada prioritariamente. Partindo-se esta, ervava-se a ponta oposta.

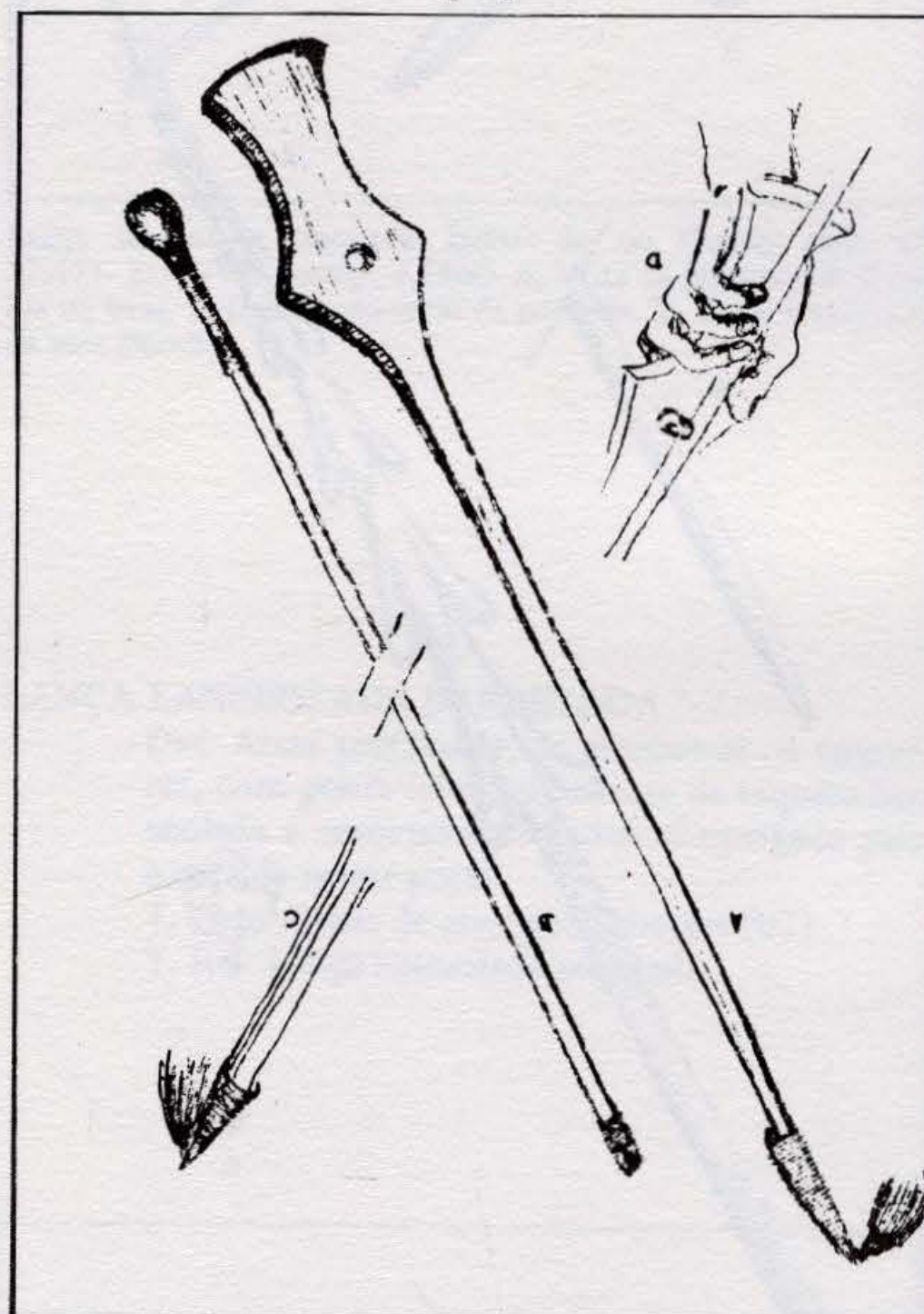
T. Gen. Armas de arremesso simples (02)

T. Rel. Flecha-curabi lanceolada
Flecha-curabi farpeada
Lança

Murucu. Índios do rio Uaupés, M.N. n.º 7.574. Esc. 1:5. A. Vista da ponta ervada e seu encaixe na vara. B. Bainha protetora da ponta. C. Extremidade proximal. D. Corte transversal da ponta e da vara.

PROPULSOR DE DARDOS

Def. Tabuleta de madeira talhada em forma de ampulheta (alto Xingu, Tapirapé, Javahé) ou de forma ovalada (Karajá) com um furo na parte mediana, afinando na sua parte distal e prolongando-se em vara que termina com um gancho. O furo serve para introduzir o indicador que facilita o arremesso do dardo. Tanto entre os alto-xinguanos quanto entre os Karajá, Javahé e Tapirapé o propulsor de dardos passou a ser uma arma esportivo-ritual. (Krause 1941-44 *84*:188).

T. Gen. Armas de arremesso complexas (01)

T. Rel. Dardo de propulsor

A. Propulsor de dardos. Índios Kamayurá, M.N. n.º 35.099. Esc. 1:5. B. Dardo do propulsor. C. Detalhe do encaixe do propulsor. D. Modo de uso.

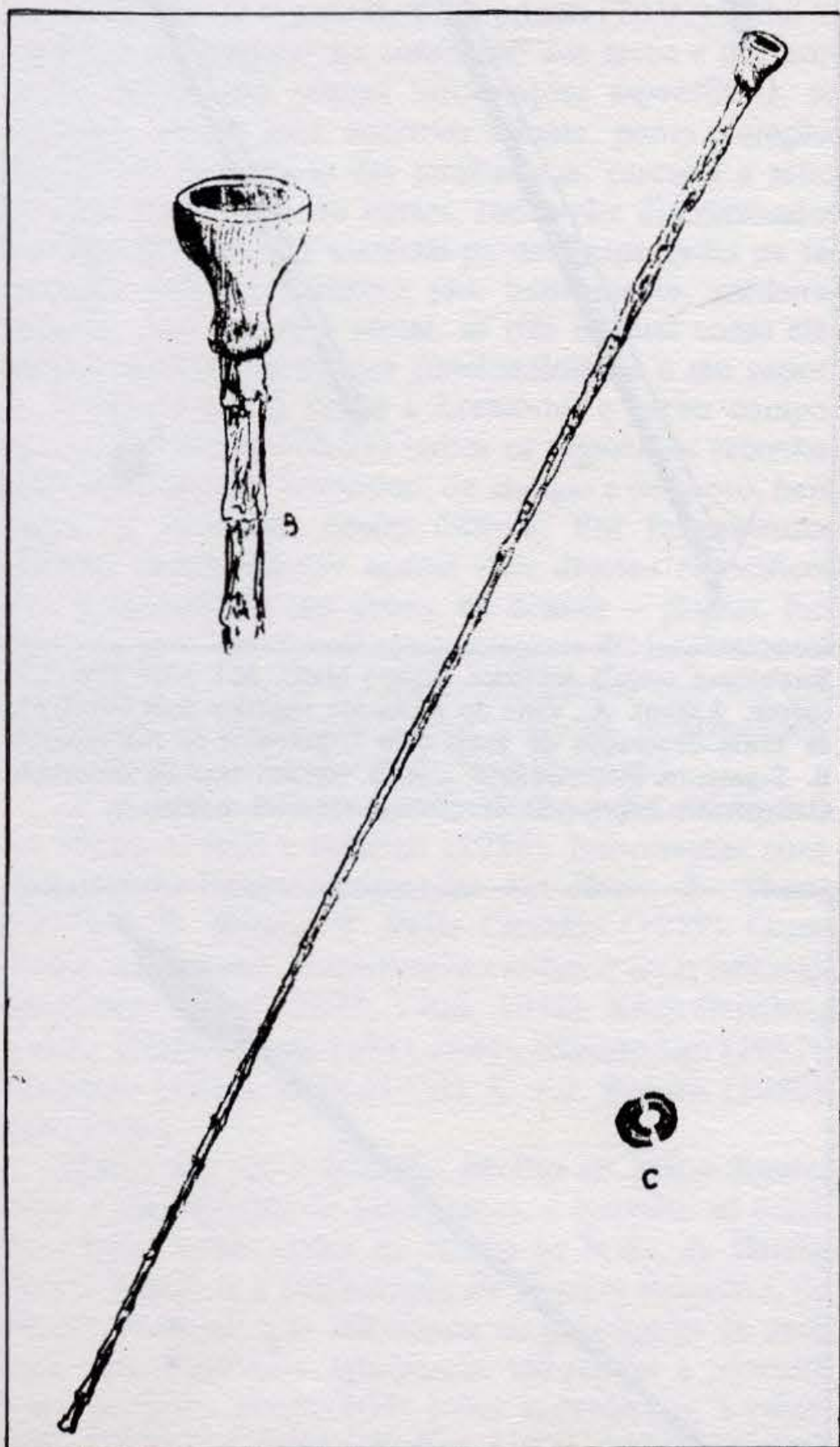
SARABATANA

Def. Propulsor de pequenas setas envenenadas com curare. É constituído de um tubo medindo, aproximadamente, dois, três ou até quatro metros de comprimento, reforçado externamente, às vezes, por outro, provido e bocal e, freqüentemente, de mira. Nele é introduzida e soprada a seta. O revestimento com paina da extremidade proximal da seta bloqueia o ar soprado pelo bocal e armazenado para o lance final. A sarabatana exige bastante força para atirar. A posição ideal é em sentido vertical, um pouco inclinada, com a mira para cima. O índio segura a sarabatana com ambas as mãos na altura do bocal; desce a arma de sua posição vertical até que o alvo apareça na mira. Dá um sopro forte e seco. Segura o carcás entre as coxas para remuniciar a arma. Assim atinge uma distância de 30 a 40 metros (Koch-Grün-

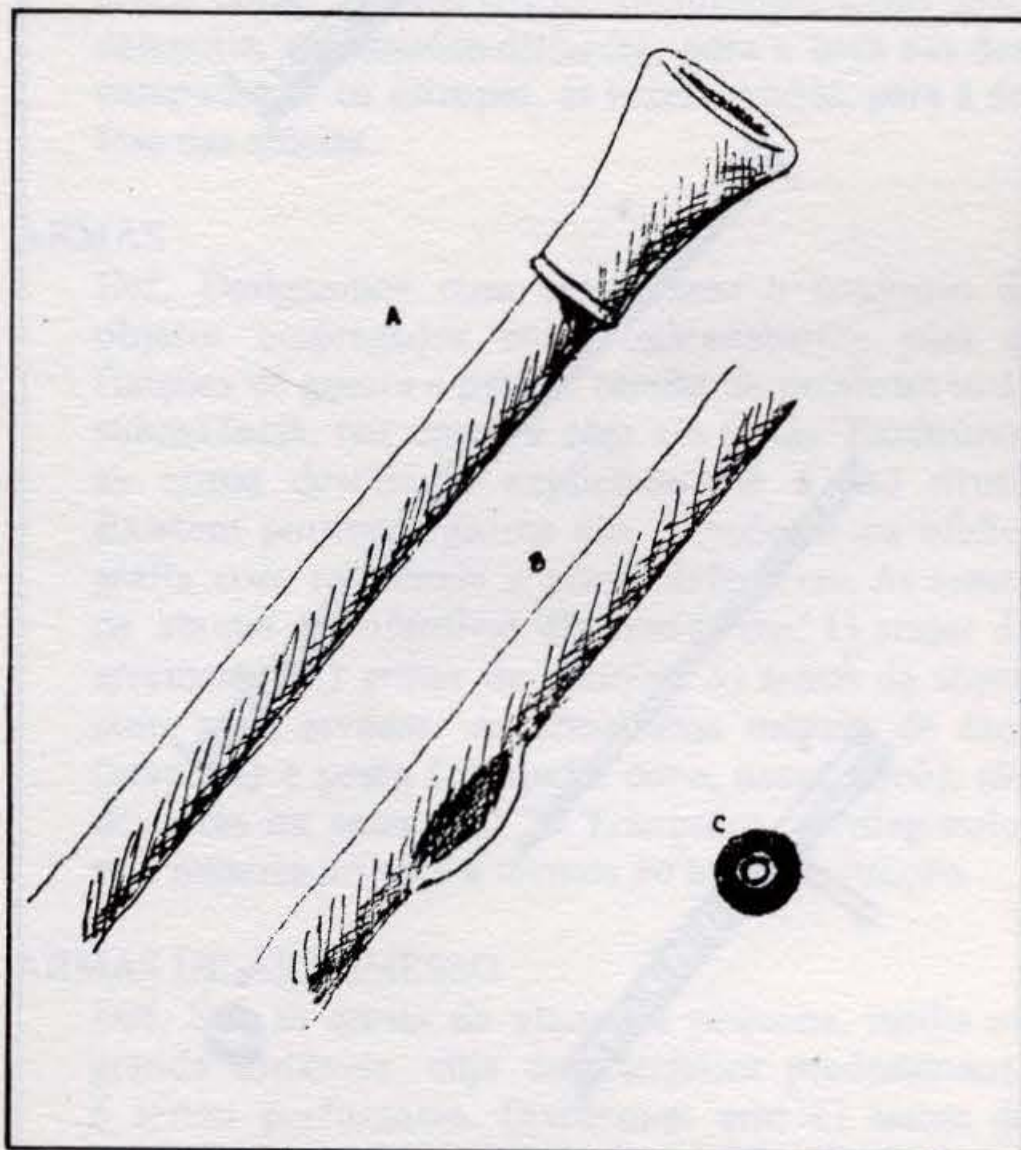
berg 1909, 1:100 fig. 55). O alcance da sarabatana está na razão direta do seu comprimento, quanto mais longa mais certeiro o tiro e maior o alcance, sendo o máximo, segundo Stirling (1938:83) de 45 jardas. Considerando-se a constituição do tubo, distinguem-se, segundo Mário Simões (ms), os seguintes tipos de sarabatana: 1) reforçada bipartida; 2) reforçada inteiriça; 3) reforçada semi-inteiriça; 4) singela bipartida; 5) singela inteiriça.

T. Gen. Armas de sopro com setas ervadas (04)
T. Rel. Setas de sarabatana
V. tb. Acessórios e partes componentes das armas (70.03)

SARABATANA REFORÇADA BIPARTIDA

Def. Constituída de dois tubos, interno e externo, sendo ambos metades reajustadas com cera. O todo é envolto com tira de casca de cipó imbé. Esse tipo de sarabatana é usado pelos grupos do rio Tiquié e por diversas tribos do alto Amazonas.
T. Gen. Armas de sopro com setas ervadas
T. Rel. Sarabatana singela bipartida
Setas de sarabatana

Sarabatana reforçada bipartida. Índios Hohodene, M.N. nº 40.323. Esc. 1:20. A. Vista da peça, faltando o revestimento de tiras de cipó imbé. B. Bocal. C. Corte transversal.

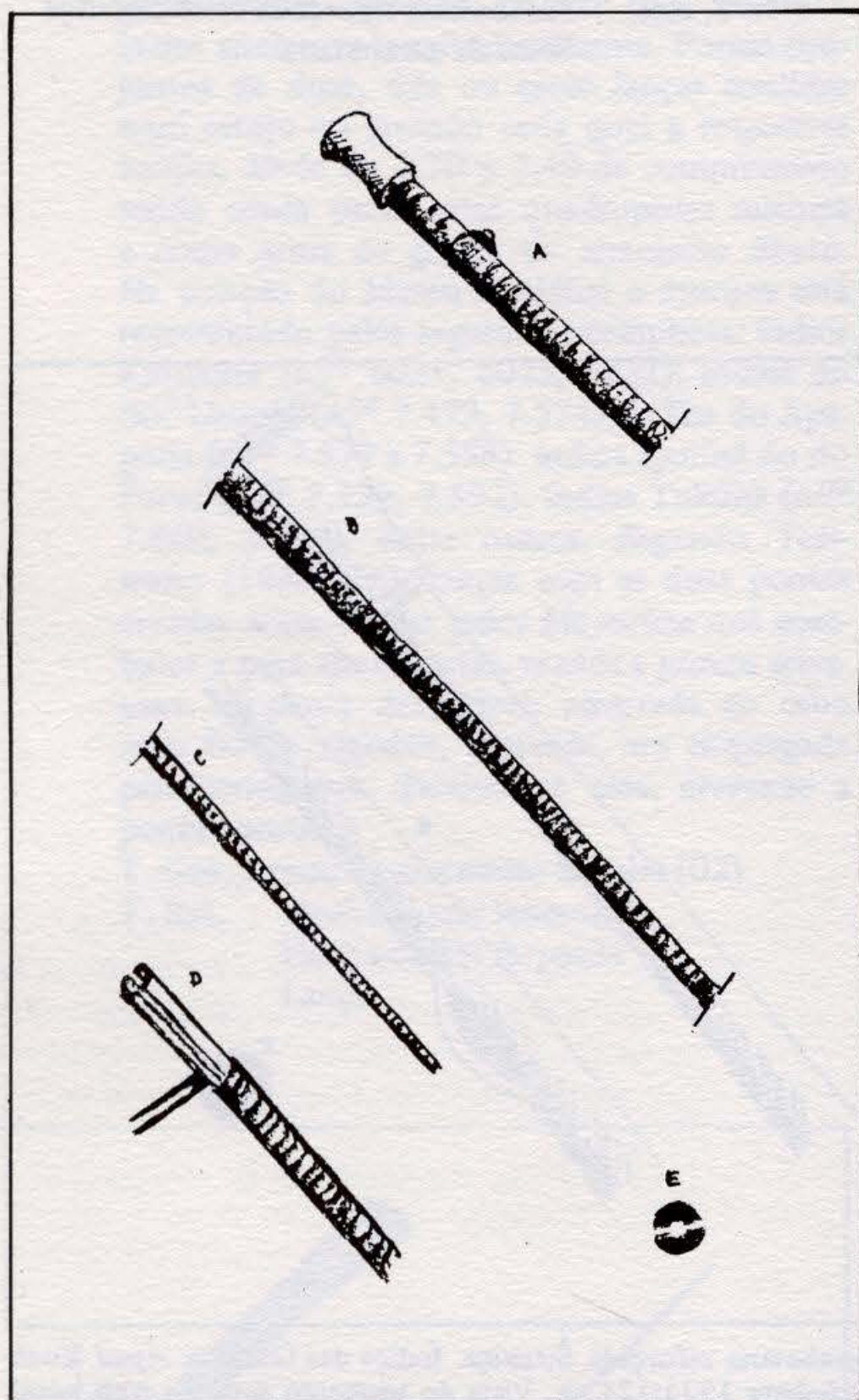
SARABATANA REFORÇADA INTEIRIÇA

Def. Formada de dois tubos ajustados um dentro do outro. O tubo interno é constituído de *Arundinaria* sp. que, por sua fragilidade, não pode ser usado sozinho, e, o externo, do caule da palmeira paxiúba, do qual se retira a medula. Encontrada na área das Guianas e no Orinoco. Neste tipo é freqüente a presença da mira, além do bocal. (Roth 1924:145-148).
T. Gen. Armas de sopro com setas ervadas
T. Rel. Sarabatana reforçada semi-inteiriça
Setas de sarabatana

Sarabatana reforçada inteiriça. Índios das Guianas. *Apud* Koch-Grünberg 1923:124. A. Vista do segmento superior com bocal. B. Detalhe da mira. C. Corte transversal.

SARABATANA REFORÇADA SEMI-INTEIRIÇA

Def. O tubo interno é inteiriço, enquanto que o externo é feito de metades longitudinais recompostas de tronco de uma palmeira fendida longitudinalmente, escavada e depois ajustada ao tubo interno. O todo é recoberto com cera e por um enrolado de tiras da casca do cipó imbé.
T. Gen. Armas de sopro com setas ervadas
T. Rel. Sarabatana reforçada inteiriça
Setas de sarabatana
Nota: Sem paradigma nas coleções consultadas.

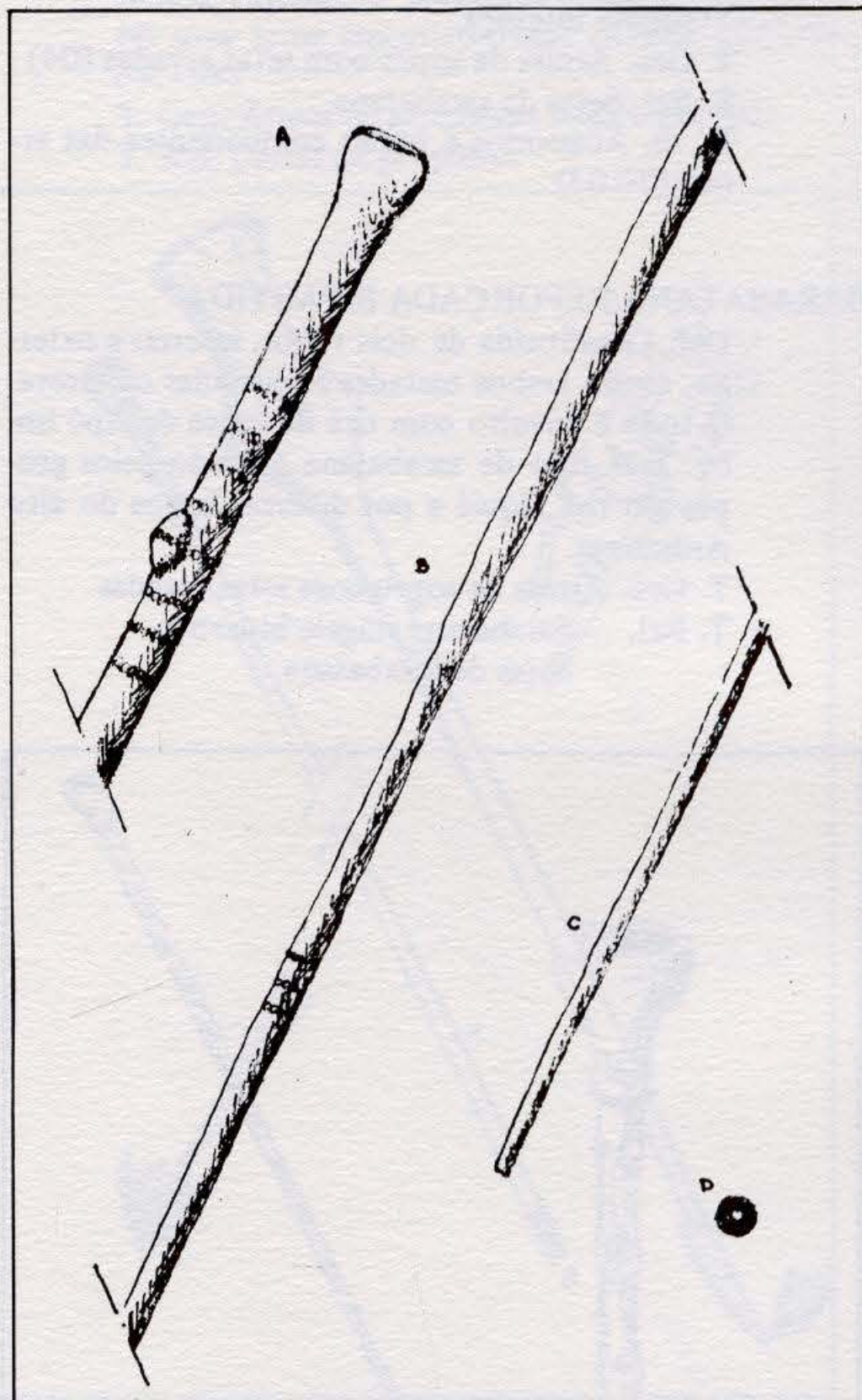
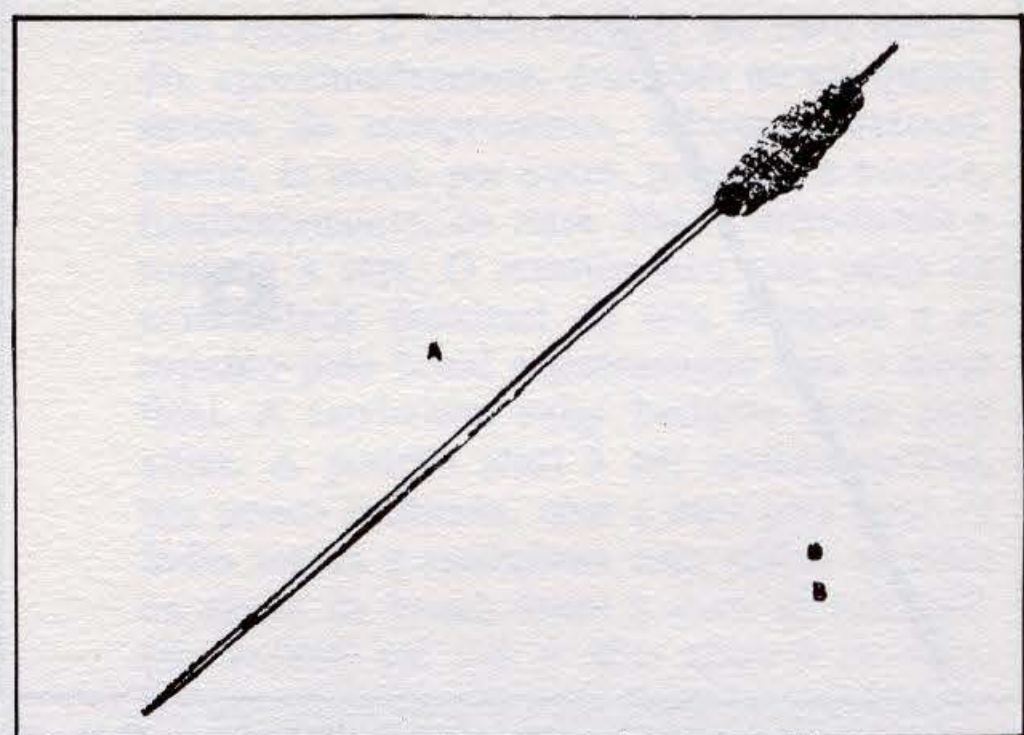
SARABATANA SINGELA BIPARTIDA

Def. Duas calhas lavradas do cerne da palmeira paxiúba, coladas com cera e entaniçadas com casca de cipó imbé. É encontrada no alto Amazonas, entre os Tukúna, Yamamadí, bem como entre os Jívaro do Equador e do Peru.
T. Gen. Armas de sopro com setas ervadas
T. Rel. Sarabatana singela
Setas de sarabatana

Sarabatana singela bipartida. M.N. nº 32.749, índios Tukúna. Esc. 1:20 (comp. 2,80m). A. Bocal e alça de mira. B. Segmento central. C. Segmento basal. D. Detalhe da construção. E. Corte transversal.

SETAS DE SARABATANA

Def. Finos estiletes de madeira ou de raízes-escoras da palmeira paxiúba barriguda aguçados como agulhas na extremidade picante e besuntados com curare. Um invólucro de paina de sumaúma recobre a extremidade proximal do pequeno dardo, servindo de bucha para comprimir o ar dentro da sarabatana e dar impulso ao projétil quando soprado. A ponta ervada é incisa anularmente no ato de atirar com maxilares de piranha, para quebrar-se no ferimento. As setas são conduzidas em carcazes.
T. Gen. Armas de sopro com setas ervadas
T. Rel. Sarabatana
V. tb. Matérias-primas (70.02)
Acessórios e partes componentes das armas (70.03)

SARABATANA SINGELA INTEIRIÇA

Def. Compreende um tubo simples, com ou sem bocal, com ou sem mira, feito de bambu. É usada pelos Huanyam, de Rondônia, e pelos índios Mojo e Huarí, da Bolívia, bem como os Matis do vale do Javari.
T. Gen. Armas de sopro com setas ervadas
T. Rel. Sarabatana singela bipartida
Setas de sarabatana

Sarabatana singela inteiriça. Índios Matis, M.I. s/nº Esc. 1:20 (comp. 3,80m). A. Vista do segmento superior com bocal, alça de mira, decoração de anéis com fragmentos de madrepérola. B. Segmento intermediário com o mesmo tipo de decoração. C. Segmento inferior. D. Secção reta em anel circular.

Seta de sarabatana. Índios Hohodene, M.N. nº 40.336. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Corte transversal.

70 ARMAS

GLOSSÁRIO COMPLEMENTAR (70.00)

Incluímos nesta categoria todas as armas perfuradoras, seja as de arremesso simples, arrojadas manualmente como as lanças, seja as de arremesso complexo, lançadas do arco. E, ainda, os dardos atirados do propulsor, as armas de sopro (sarabatanas) com setas ervadas, as armas contundentes, bem como os anteparos destinados a ocultar ou defender o corpo do atirador, e os estrepes para a defesa das aldeias. Não distinguimos as armas de guerrear das de caça, uma vez que, tanto as armas quanto as táticas se confundem. As "armas" flagrantemente rituais são descritas na categoria: 90 Objetos rituais, mágicos e lúdicos. A borduna, arma contundente e, às vezes, também perfuradora, pode auxiliar na tarefa de caça (e eventualmente nas de agricultura), mas sua função precípua é operar em certas práticas de combate.

No tópico Definições genéricas (70.01) são explicitadas as designações do armamento ofensivo – contundente ou perfurador – de projeção direta ou indireta, e o defensivo. O tópico Matérias-primas (70.02) inclui as madeiras empregadas na confecção dos arcos e das bordunas (estas com poucas informações específicas), os materiais usados para construir a haste, ponta e emplumação das flechas, os das sarabatanas, carcases e setas ervadas, bem como do curare, todos eles discriminados por tipo de arma. As matérias-primas empregadas na fabricação desse armamento são, basicamente, madeira, taquara, osso, pedra e metal, as três últimas como elementos atuantes coligados funcionalmente a seu suporte. O tópico que se refere a Acessórios e partes componentes das Armas (70.03) indica os segmentos reconhecidos nas armas de arremesso, de choque e de sopro, bem como os acessórios destas últimas. Em Implementos (70.04) discriminam-se apenas dois objetos específicos para a manufatura das armas. Os demais – plainas, formões, puas – são descritos na categoria 80 Implementos e utensílios de madeira e outros materiais, uma vez que se prestam ao preparo de outros artefatos, principalmente de madeira, e não apenas os desta categoria.

A presente classificação baseia-se primordialmente em Chiara (1986) e Métraux (1986). Informações complementares foram recuperadas de: Heath & Chiara (1977), B. G. Ribeiro & Mello Carvalho (1959). Como fontes subsidiárias concernentes a tribos e áreas culturais utilizamos: Frikel (1953, 1968, 1973), Koch-Grünberg (1908, 1909), Krause (1941-1944), Nimuendaju (1952), Tessmann (1930), Roth (1924), K. v.d. Steinen (1940), Yde (1965).

Muito útil foi o trabalho inédito de Mário Simões sobre a classificação de sarabatanas, a consulta ao fichário e notas sobre armas do Museu do Índio, de Marília Duarte Nunes, e a colaboração de Thereza Baumann, do Museu Nacional, que selecionou os paradigmas de cada item para ilustração. Igualmente valiosa foi a consulta à terminologia desenvolvida pelos arqueólogos, a saber, Rohr (1976-7) e Leroi-Gourhan (1974, 1974a) que me foi indicada por Eliana Carvalho, que ainda teve a gentileza de ler e comentar os verbetes.

DEFINIÇÕES GENÉRICAS (70.01)

APETRECHOS DE DEFESA
Def. Como implementos de defesa individual registram-se os escudos de couro ou de couraça. Os escudos trançados dos índios do alto rio Negro são descritos como objetos rituais. Incluem-se, ainda nesta categoria, os escudos-disfarces, para a caça em descampados, e os estrepes, às vezes ervados, para a defesa das aldeias.

ARMAS
Def. Designamos com esse termo o conjunto de objetos empregados indiscriminadamente para as funções de guerra e para as tarefas de provimento da subsistência, tais como a caça e a pesca. Excluímos as armas destinadas explicitamente a uso ritual. Existem poucos registros nas coleções e na bibliografia com referência a armas defensivas. As armas de ataque ou ofensivas dividem-se em: 1) armas de arremesso; 2) armas de choque; 3) armas de sopro com setas ervadas. As armadilhas móveis, de caça (arapuca) e pesca (caniçada, covo, nassa, socó), são descritas na categoria: 20 Trançados, privilegiando-se a matéria-prima e a técnica ao invés da função.

ARMAS DE ARREMESSO
Def. São as armas de ataque a pequena, média ou grande distância, cuja característica predominante é serem perfurantes. Dividem-se em: 1) armas de arremesso simples, porque formadas de um único elemento, a exemplo da lança, boleadeira e do murucu, que é um tipo de lança com ponta ervada; 2) armas de arremesso complexas, formadas de dois elementos: os arcos e as flechas, inclusive as flechas ervadas, denominadas curabis. Dentro desta categoria incluem-se, ainda, os propulsores de dardos, restritos, na atualidade, a funções esportivo-rituais e os bodoques, de origem provavelmente forânea.

ARMAS DE CHOQUE
Def. Armas ofensivas, principalmente contundentes, para combate próximo e/ou para a caça a animais de maior porte. São exemplificadas pelas bordunas com suas variantes determinadas pelo corte transversal da metade inferior da arma. E, ainda, por algum detalhe ornamental: sulcos no todo ou na maior parte da superfície. Em alguns casos, as bordunas pontiagudas podem ser usadas para perfurar, ao invés de contundir, e, até mesmo, para cavar o solo. Nesta categoria incluímos as clavas, que são bordunas curtas, atualmente de uso ritual exclusivamente; e as maças, caracterizadas por uma dilatação na extremidade destinada a contundir.

ARMAS DE SOPRO

Def. Compreende unicamente a sarabatana que consiste num tubo longo que, através do sopro de ar comprimido, expele dardos envenenados com curare.

MATÉRIAS-PRIMAS (70.02)

ARCOS

Corda dos arcos

Feita de fibras de Palmáceas, Bromeliáceas e Moráceas. Não se registra o uso do algodão (família das Malváceas) para esse tipo de cordame. Consulte: 30 Cordões e tecidos, Glossário complementar: matérias-primas (30.02)

Madeira dos arcos

Família das Anacariáceas: 1) aroeira – *Astronium* spp. usada pelos Borôro; Família das Bigoniáceas: 2) pau d'arco – *Tecoma* af. *conspicua* DC.; 3) ipê – *Tabebuia* sp.; 4) caraúba – *Jacarandá copaia* (Aubl.); Família das Cariocaráceas: 5) piquiá – *Caryocar villosum* (Aubl.); Família das Leguminosas: 6) paricá-grande – *Piptadenia suaveolens* Miq.; 7) escada de jaboti – *Bauhinia macrostachya* Benth.; 8) pau-roxo *Peltogyne catingae;* 9) caviúna *(Dalbergia* spp.). Família das moráceas: 10) muirapinima *(Brosimum guianense* (Aubl.) Hub; 11) pau-cobra *(Brosimum aubletii.* Poepp & Endl.) usada pelos índios das Guianas; Família das Leg. caesalp.: 12) copaíba *(Copaifera* spp.); Família das Lecítidáceas: 13) castanha sapucaia – *Lecythis paraensis* Hub. Família das Palmáceas: 14) pupunha – *Bactris speciosa* (Mart.) (Karst); 15) patuá – *Jessenia bataua* (Mart) Burret; 16) paxiúba – *Socratea exhorriza* (Mart.) H. Wendl.; 17) paxiúba barriguda – *Iriartea ventricosa* Mart.; 18) tucum *Astrocaryum* spp.

BORDUNAS E LANÇAS

Feitas de algumas das madeiras mencionadas para a confecção dos arcos, principalmente do lenho do cerne das palmeiras paxiúba e tucum, bem como de pau-santo *(Zollernia paraensis* Hub). As pontas das lanças são manufaturadas de ossos afilados em bisel de onça e outros mamíferos.

FLECHAS

Emplumação das flechas

Empregam-se, comumente, penas inteiras ou partidas ao meio de: mutum, gavião real, araras, bacurau, urubu, urubu-rei (Frikel 1973:83).

Consulte: 40 Adornos plumários, Glossário complementar: matérias-primas (40.02)

Haste das flechas

Família das Gramíneas, subfamília das Bambusáceas: 1) taquara – *Guadua angustifolia* Kunth.; subfamília das Arundinárias: 2) flecha verdadeira – *Gynerium saccharoides* H.B.K. .

Ponta das flechas: matéria-prima vegetal, animal, metal.

Família das Gramíneas: 1) taboca – *Guadua glomerata* Munro aff. *Macrostachya* Rupr.; 2) madeiras não identificadas; 3) ossos longos (fêmur, tíbia, rádio de macacos, onças, antas, veados e outros mamíferos) são laminados e ajustados em forma de fisga ou encastoados, por seu canal medular, sobre a ponta em pino de uma vareta intermediária entre a haste da flecha e a referida ponta (Steinen 1940: 247-256); 4) pregos, arame ou facas de metal são martelados para fazer farpas, fisgas ou pontas foliáceas, triangulares com ou sem aletas. Para a fixação da ponteira é empregada resina clara de jatobá *(Hymenaea courbaril* L.). O ponto de inserção é recoberto com tiras estreitas da casca do cipó ambé-açu *(Philodendron imbe* Schott). (Krause 1941-44, vol. 84:179, 183).

SARABATANA

Bocal da sarabatana

Esculpido da noz da palmeira jarina *(Phytelephas microcarpa* R. e P. (E. Perez-Arbelaez 1959:64), ou de madeiras não identificadas (Roth 1924:147).

Carcás para setas ervadas de sarabatana

1) Arumã *(Ischnosiphon* spp.) da família das Marantáceas. O colmo do arumã é laminado em talas e estas trançadas e revestidas por inteiro ou até a metade inferior do carcas de cerol (cera de abelha misturada com fuligem), ou de breu *(Protium* spp.) ou outro impermeabilizante. 2) Taquaruçu *(Guadua superba* Hub) da família das Gramíneas, com tampa de pele de anta, veado, preguiça, macaco, etc. (Roth 1970:152-3); 3) madeiras não identificadas; 4) folhas de palmeiras não identificadas.

Curare para flechas e setas de sarabatana

Paul Le Cointe (1947:51, 424, 482, 485) cita várias espécies da família das Loganiáceas que entram na composição do curare: arimaru – *Strychnos cogens* Schomb.; ruamon – *Strychnos rouhamon* Benth.; urari-uva – *Strychnos castelanei* Wedd. e/ou *Strychnos toxifera* Schomb. e várias outras espécies. Da família das Menispermáceas são citadas igualmente diversas espécies do gênero *Chondodendron (C. tomentosum* e outras) que, no entanto, jogam um papel acessório no preparo do curare (Vellard 1959: 13). Prance (1986:125-129) relaciona diversas espécies vegetais como ingredientes na produção do curare para flechas e setas de sarabatana. Os Yamamadí empregam as seguintes: 1) da família Loganiácea, *Strychnos solimoesana* Krukoff; 2) da família Menispermácea, *Curarea toxicofera* (Wedd.) e *Abuta splendida* Krukoff & Moldenke; 3) da família Meliácea, *Guarea carinata* Ducke e *Guarea* cf *grandifolia* C. DC.; 4) da família Simarubácea, *Picrolemma sprucei* Benth; 5) da família Anonacea, *Duguetia asterotricha* Diels. Segundo Prance, "a casca desta última é queimada e as pontas das flechas colocadas sobre a fumaça. Os índios insistem veementemente que as flechas untadas de veneno tornam-se mais eficazes após este tratamento" *(op. cit.:* 127). Os Jarawara empregam ingredientes aproximadamente semelhantes aos dos Yamamadí na confecção do curare (cf. Prance, 1986 Tabela VI). O curare dos Makú é muito mais simples comportando um único ingre-

diente: o látex de *Naucleopsis mello-barretoi* (Standl.) C.C. Berg, árvore da família das Moráceas. "Essa substância é aplicada diretamente sobre os dardos da sarabatana e não exige processos intermediários de aquecimento ou de concentração" (Prance 1986: 129). Os Yanomâmi empregam a casca da *Virola* sp., família Miristicácea, como veneno de flechas. "A casca é retirada da árvore, aquecida ao fogo e a resina que flui é colhida em uma cabaça ou panela. É então fervida até formar uma pasta pegajosa empregada como veneno de flecha ou é secada para fazer o rapé" (Ibidem). Os Kaxuyâna, grupo Karib do rio Trombetas, empregam a entrecasca de um cipó que cresce em lugares úmidos, cujo sumo é concentrado por cocção, para envenenar as pontas de suas flechas-curabis (Frikel 1953:257-274). É chamado *kamáni* na língua Kaxuyâna. Substâncias curarizantes foram registradas por seus nomes indígenas na língua Tiriyó por Frikel (1973:69-70), e na língua Waiwai por Yde (1965:113-114).

Setas de sarabatanas

Estiletes afinados como agulhas, besuntados com curare, são feitos das seguintes matérias-primas: raízes-escoras da palmeira paxiúba barriguda e/ou, segundo Le Cointe (1947:352), do pecíolo das folhas dessa Palmácea *(Iriartea ventricosa* Mart.); de lascas de canabrava (flecha verdadeira – *Gynerium saccharoides* H. B. K., da família das Gramíneas; ou, ainda, segundo Roth (1970:148), da nervura da folha nova da palmeira miriti *(Mauritia flexuosa* L.) e da palmeira pataua *(Jessenia bataua* Mart.) Burret. A ponta picante é incisa anularmente com a mandibula da piranha e a romba revestida de: paina de sumaúma *(Ceiba sumahuma* Schumb., *Bombax* sp., *Ceiba petandra* Gartn.) da família das Bombáceas; ou ainda, da paina de *Cochlosperum hibiscoides*, uma espécie de periquiteira da família das Cochlopermáceas (E. Perez-Arbelaez 1959:64).

Tubo da sarabatana

A bibliografia menciona o emprego da haste da *Arundinaria schomburgkii* Benth para a feitura do tubo interno da sarabatana por diversos grupos indígenas das Guianas (Roth 1970:146). O tubo externo é feito do cerne da palmeira paxiúba *(Socratea exhorriza* (Mart.) Wendl. talhado em duas calhas cimentadas por breu e envoltas com tiras de cipó ambé *(Phylodendron imbe* Schott). E, mais comumente, do tronco da palmeira jupati ou paxiubinha *(Iriartella setigera* (Mart.) H. Wendl.) conhecida, por isso, como caruatana. Trata-se de uma palmeira de 3 a 5 m de altura por 4 a 5 cm de diâmetro. Segundo Le Cointe (1947:353): "os índios partem o tronco desta palmeira, raspam a medula, unem outra vez as duas metades, entaniçando-as com envira, de modo a formar um longo tubo que constitui a sarabatana com que atiram flechas envenenadas com curare".

ACESSÓRIOS E PARTES COMPONENTES DAS ARMAS (70.03)

ALJAVA

Use: CARCÁS

ARCO

Ombros do arco

Def. Designa-se "ombro" a parte terminal dos segmentos superior e inferior do arco. Distinguem-se as seguintes variantes principais: 1) pontiagudo; 2) rombudo; 3) em cabo; 4) com entalhe unilateral; 5) com entalhe bilateral; 6) com entalhe decorativo. A corda do arco é fixada ao ombro mediante um nó, que deve ser simples para que o arco possa ser rapidamente armado. A corda sobressalente envolve o segmento superior do arco servindo de reserva no caso de partir-se a que estiver em uso. (Ver fig. 1).

Segmentos do arco

Def. Além do ombro, distinguem-se, no corpo do arco, o segmento central, chamado empunhadura, e os segmentos superior e inferior que se seguem ao do centro. O segmento superior recebe o excedente do enrolamento da corda. O corpo do arco pode receber, ainda, um revestimento de tiras da casca de cipó imbé, decoração emplumada, como no caso dos arcos cerimoniais dos índios Borôro, e trançada. As características do corte transversal do segmento central do arco determinam sua nomenclatura.

BAINHA DO CURABI

Def. Complemento da flecha curabi, isto é, de ponta ervada, constituído de um envoltório de folhas, talas de taquara ou tubo de taboca. As bainhas são adaptadas para agasalhar uma ou mais flechas-curabi.
T. Rel. Bainha do murucu

BAINHA DO MURUCU

Def. complemento do murucu constituído de um invólucro de folhas ou trançado, em forma de cone truncado, ajustado para receber as pontas de sete murucus (seis rodeando o sétimo), cujos interstícios são vedados com breu. Este impermeabilizante é aplicado também ao cume da bainha para evitar que as pontas furem o envoltório. Registram-se também bainhas individuais ou duplas para proteger a ponteira dos murucus.
T. Rel. Bainha do curabi

BORDUNA

Cabo da borduna

Def. O cabo corresponde a uma das cinco partes que se destacam na borduna, segundo Frikel (1968:30-31). Corresponde à extremidade anterior, proximal do usuário, podendo apresentar as seguintes variantes principais: a) reto; b) curvo; c) em espigão; d) com entalhes decorativos. (Ver fig. 2).

Cinto de separação da borduna

Def. A argola ou cinto de separação vem a ser a saliência (ou saliências) que marcam o término do cabo

e o início do corpo da borduna. Freqüentemente encontra-se aí uma amarração de fios de algodão que findam em franja ou uma alça para carregar. Nem todas as bordunas apresentam esse elemento. Não raro ele se situa numa porção bem abaixo do cabo.

Pontal da borduna

Def. Na extremidade basal da borduna distinguem-se algumas variantes, sendo as mais gerais as seguintes: a) ponta aguda; b) ponta rombuda; c) ponta em espigão; d) ponta reta.

Segmento inferior da borduna

Def. Espessando-se, geralmente, na parte inferior, o corte transversal desse segmento determina o tipo de borduna e sua nomenclatura.

Segmento superior da borduna

Def. O corpo da borduna pode ser dividido em duas partes: superior e inferior. O segmento superior é geralmente mais fino que o inferior, podendo ou não ser decorado com trançado ou com estrias. Corresponde à empunhadura da borduna que se segue ao cinto de separação.

CARCÁS

Def. Complemento da sarabatana em que são acondicionadas as pequenas setas envenenadas com curare. Registram-se os seguintes tipos: 1) de madeira; 2) de palha dobrada; 3) de taboca com tampa; 4) de taquaruçu; 5) trançado impermeabilizado; 6) trançado semi-impermeabilizado. As pontas de flechas ou as setas de sarabatana são colocadas no carcás com a parte perfurante besuntada de curare para baixo dentro de um emaranhado de fibra ou amarradas (as setas) seqüencialmente umas às outras. Acompanha o carcás, freqüentemente, um recipiente contendo paina de sumaúma, usado para encapar as extremidades não perfurantes das setas, bem como um implemento cortante – em geral mandíbula de piranha – para fazer uma incisão na seta, no momento de atirar. Dessa forma, a ponta se quebra permanecendo no corpo da vítima. O carcás é provido de uma alça para carregar.

Sin. Aljava

V. tb. Sarabatana
Setas de sarabatana

CARCÁS DE MADEIRA

Def. Recipiente escavado em madeira leve, pondendo assumir forma cilíndrica ou ampulhetada. É munido de alça para transportar setas de sarabatana envenenadas com curare. (Ver figs. 3 e 4).

CARCÁS DE PALHA DOBRADA

Def. Cesto piriforme feito de folíolos de folha de palmeira segundo a técnica de trançado dobrado. É dotado de alça para carregar no seu interior setas ervadas de sarabatana. (Ver figs. 5 e 6).

T. Rel. Sarabatana

Consulte: 20 Trançados

CARÇÁS DE TABOCA COM TAMPA

Def. Recipiente constituído de uma secção de taboca esvaziada do respectivo miolo. É provido de tampa de couro (de anta, veado, etc.) e de alça para transportar nele as pontas destacáveis das flechas-curabi envenenadas com curare. (Ver fig. 7).

T. Rel. Carcás de taquaruçu sem tampa
Flecha-curabi

CARCÁS DE TAQUARUÇU SEM TAMPA

Def. Recipiente constituído de uma secção de taquaruçu esvaziada do respectivo miolo servindo para transportar nele as setas envenenadas de curare da sarabatana. (Ver fig. 8).

T. Rel. Carcás de taboca com tampa
Sarabatana

CARCÁS TRANÇADO IMPERMEABILIZADO

Def. Recipiente cilíndrico trançado de arumã revestido de cerol em toda a sua extensão para efeito de impermeabilização. Nele são portadas as setas de sarabatana envenenadas com curare. (Ver fig. 9).

T. Rel. Carcás trançado semi-impermeabilizado
Sarabatana

Consulte: 20 Trançados

CARCÁS TRANÇADO SEMI-IMPERMEABILIZADO

Def. Cesto cilíndrico duplo de trançado sarjado e/ou quadricular, impermeabilizado com cerol até a metade da altura tendo fundo de madeira ou de cuia. Nele são alojadas as setas envenenadas com curare, que são os projéteis da sarabatana. São colocadas com as pontas ervadas para baixo em meio a um emaranhado de palha. É levado ao ombro, nas expedições de caça, suspenso por uma alça. (Ver fig. 10).

T. Rel. Carcás de trançado impermeabilizado
Sarabatana

Consulte: 20 Trançados

FLECHA

Emplumação da flecha

Def. A emplumação constitui um procedimento técnico destinado a dar equilíbrio à flecha e controlar sua trajetória. Somente as penas inteiras, atadas à haste da flecha por suas extremidades, apresentam posição espiralada. Mais comumente empregam-se meias-penas atadas à haste por suas extremidades, ou atadas por inteiro. Os métodos de fixação da pena à haste variam segundo: 1) a posição da pena em relação à haste; 2) a maneira de fixar a pena à haste. A combinação das duas características determina três tipos principais de emplumação. O primeiro tipo – emplumação radial ou paralela – caracteriza-se pela utilização de duas meias-penas fixadas paralelamente à haste; no segundo tipo – emplumação tangencial ou espiralada – verifica-se o emprego de penas inteiras atadas pelas extremidades; no terceiro tipo – emplumação mista – à emplumação tangencial ou espiralada segue-se a radial ou paralela de penas inteiras, igualmente atadas por suas extremidades e reforçadas, numa delas, de atadura cerrada. Na emplumação do primeiro tipo, isto é, a radial ou paralela, distinguem-se variantes de ataduras, a saber: 1) contínua espaçada; 2) contínua cerrada; 3) contínua cerrada e cimentada, isto é, recoberta por uma camada de cerol; 4) cerrada com intervalos; 5) atada nas duas extremidades; 6) atada nas duas extremidades e reforçada, parcialmente, por atadura cerrada;

7) atada nas duas extremidades, fixada por ataduras cerradas com intervalos e, parcialmente, cimentada; 8) ataduras cerradas nas extremindades e agrupadas, com intervalos, na parte mediana; 9) atadura costurada, isto é, o atilho atravessa a haste perfurada para esse fim. Na emplumação do segundo tipo – tangencial ou espiralada – com emprego de penas inteiras constatam-se duas variantes de ataduras: 1) as penas são atadas simplesmente nas duas extremidades; 2) a pena é atada à extremidade distal da haste da flecha sendo depois virada para ser atada à outra extremidade. As meias-penas são em geral retocadas, apresentando as seguintes variantes: a) arredondada; b) parcialmente arredondada; c) em elipse; d) em semi-elipse; e) ondulada; f) em paralelograma; g) trapezoidal. As penas inteiras costumam ser, também, recortadas, apresentando, às vezes, um dos bordos serrilhado. Ocorre, freqüentemente, uma emplumação complementar com plumas coloridas com fins decorativos ou de identificação do dono da flecha. (Ver figs. 11 a 26).

Haste da flecha

Def. Constituída geralmente de taquara, a haste corresponde à secção mais longa da flecha. Recebe, na extremidade proximal, a emplumação bem como o recorte para o encaixe da corda do arco. Freqüentemente, para evitar que o caniço se parta, é introduzido um tampão de madeira chanfrada. Na secção distal da haste é encastoada a vareta de madeira, suporte da ponta, ou a ponta propriamente dita. Todas essas emendas são reforçadas por envoltórios decorativos. (Ver figs. 27 a 30).

Ponta da flecha

Def. É a porção perfurante do projétil. Suas variações de forma e matérias-primas empregadas determinam o tipo e a nomenclatura das flechas. (Ver fig. 27).
V. tb. Matérias-primas (70.02)

Silvo da flecha

Def. Constituída de noz de tucum perfurada é colocada num segmento da haste ou da vareta fazendo a flecha silvar quando em vôo. (Ver fig. 28).

Tampão da flecha

Def. Ocorre, freqüentemente, a presença de uma bucha de madeira leve embutida na extremidade basal da haste da flecha, a qual desaparece dentro da cana ou sobressai ligeiramente. Esse tampão, ou na sua falta, a própria haste, recebem um entalhe para o assentamento da corda do arco e um reforço de amarração de fios, por vezes, encerados. (Ver fig. 29).

Vareta da flecha

Def. Talhada em madeira, a vareta corresponde à parte intermediária entre a haste e a ponta perfuradora da flecha. Freqüentemente a ponta e a vareta constituem uma única peça adaptada diretamente à haste. A função da vareta é servir de apoio à ponta e equilibrar a flecha. Os pontos de junção entre a vareta e a haste são reforçados por envoltórios decorativos. (Ver fig. 30).

PANELINHA PARA CURARE

Def. Acessório de sarabatana constituído de um pequeno recipiente de barro, vasiforme, destinado à guarda do curare. Os índios Matís utilizam uma tigelinha de cerâmica para esse fim (ver fig. 8). O curare empregado para untar as pontas de flechas-curabis e das lanças-murucus é consumido integralmente logo após ser produzido. (Ver fig. 31).
T. Rel. Sarabatana
Consulte: 10 Cerâmica

PINCEL PARA CURARE

Def. Acessório de flechas-curabis feito de pêlo de macaco atado à ponta de três ou mais varetas armadas em forma de leque. Usado para untar de curare, logo depois de produzido, as pontas destacáveis das flechas-curabis. (Cf. Frikel 1973:70 fig. 16k; Yde 1965:115 fig. 34). (Ver fig. 32).

SARABATANA

Bocal da sarabatana

Def. Extremidade proximal, ajustada ao tubo, feita de madeira de noz de palmeira. Facilita a aplicação da sarabatana à boca para soprar.
V. tb. Matérias-primas (70.02)

Mira da sarabatana

Def. Saliência aplicada longitudinalmente ao tubo na forma de um ou dois dentes recurvados de cutia, paca ou capivara, presos com cerol. Enquadrando o alvo na mira, o caçador faz a pontaria com tiro certeiro. No entanto, nem todas as sarabatanas são providas de mira.

Tubo da sarabatana

Def. Composto de uma gramínea sem nós (*Arundinaria schomburgkii* Benth) encontrada somente nas serras do alto Orinoco e no alto Uaupés, onde era amplamente negociada, e/ou de duas calhas lavradas do cerne da palmeira paxiúba, coladas e entaniçadas com casca de cipó imbé. As variantes do tubo – singular, duplo, isto é, com reforço interno, inteiriço ou bipartido – determinam o tipo e a nomenclatura da sarabatana.

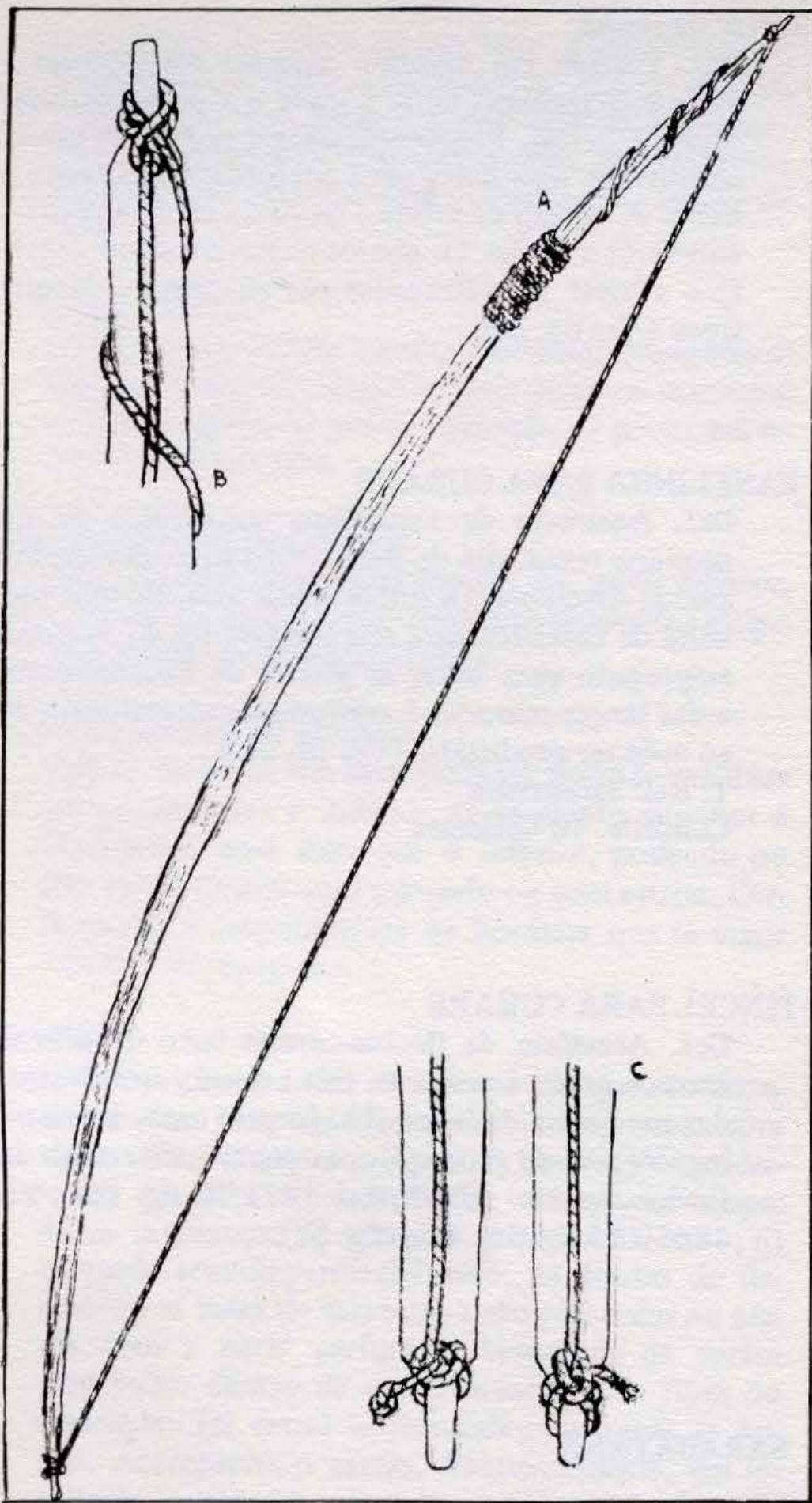



Fig. 1 – Partes componentes do arco. A. Vista da peça. B. Detalhe da amarração da corda do arco no segmento superior, que pode ser facilmente desfeita. C. Detalhe da amarração fixa no segmento inferior do arco.

Fig. 2 – Partes componentes da borduna. A. Empunhadura ou segmento superior. A1. Cabo e cinto de separação. A2. Detalhe do revestimento trançado do segmento superior. B. Segmento inferior. B1. Secção reta transversal próximo à extremidade basal. Índios Karajá, M.N. nº 7.220. Esc. 1:10.

Fig. 3 – Carcás cilíndrico de madeira. Índios do Uaupés, M.N. nº 21.616. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Seta ervada.

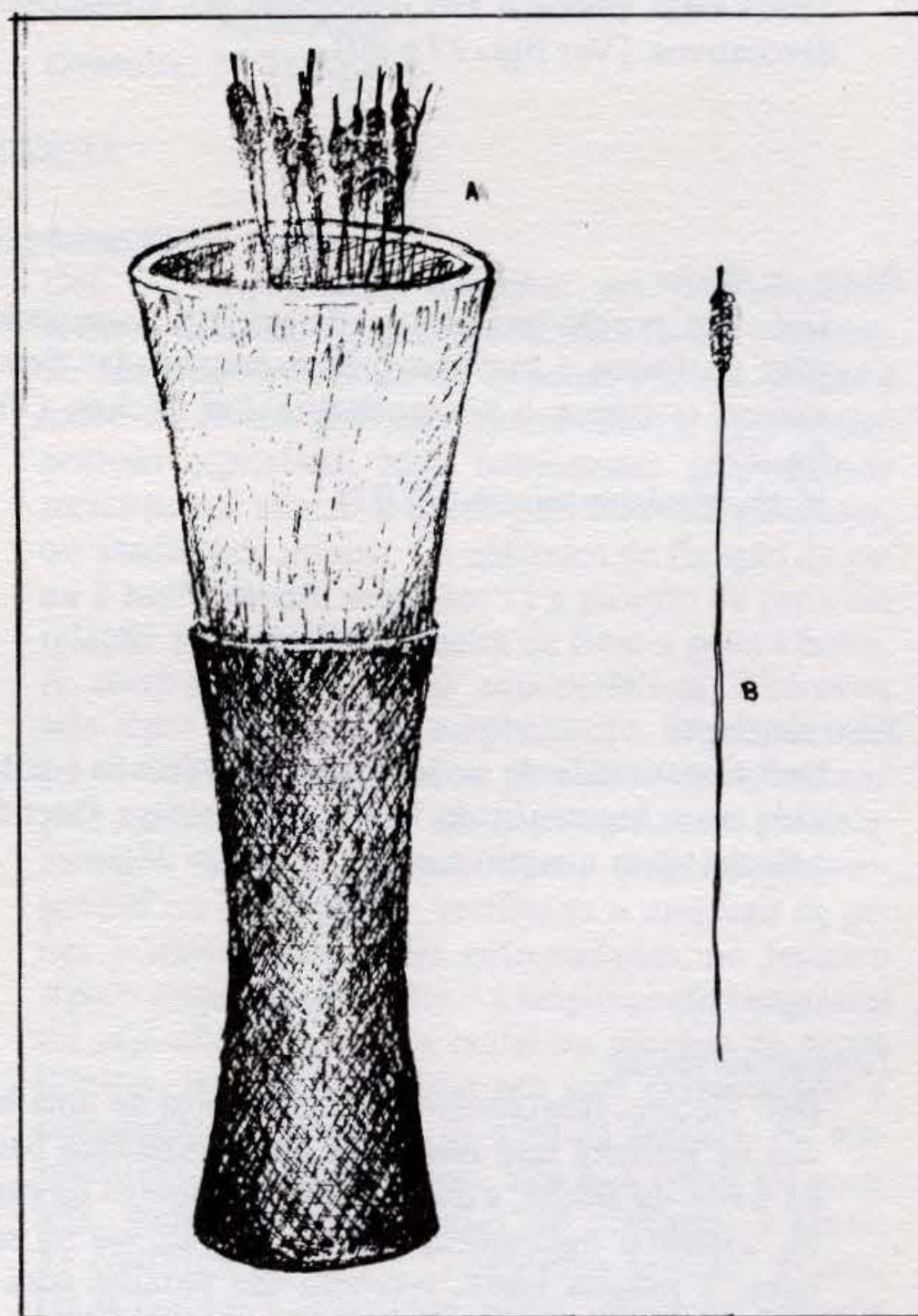



Fig. 4 – Carcás de madeira ampulhetado. Índios Hohodene-Baníwa, M.N. nº 40.324. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Vista da seta ervada.

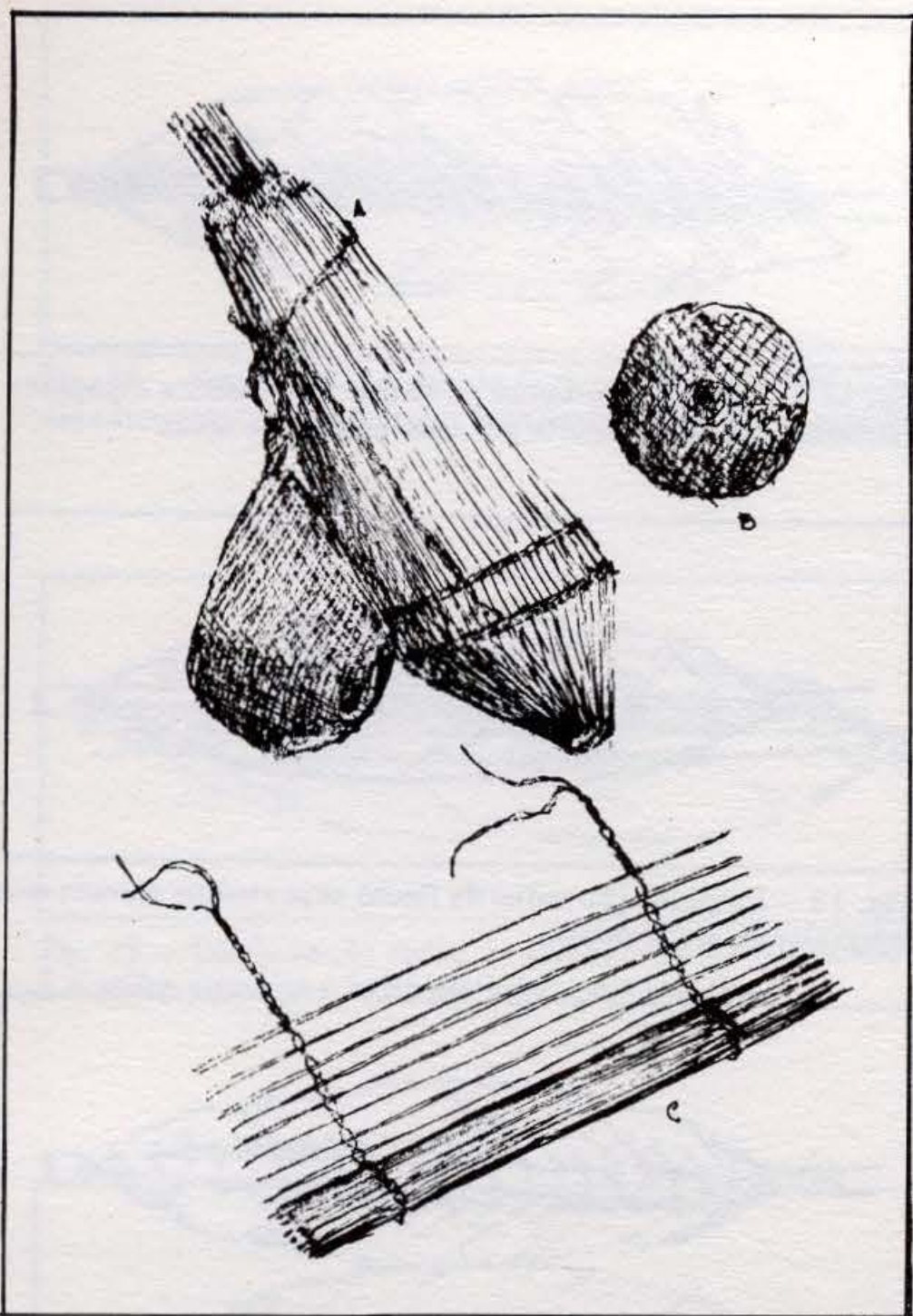



Fig. 5 – Carcás de palha dobrada. Índios do r. Negro, M.N. nº 34.004. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da bolsa depósito de paina de sumaúma. C. Série de setas envenenadas acondicionadas ao modo de esteira.

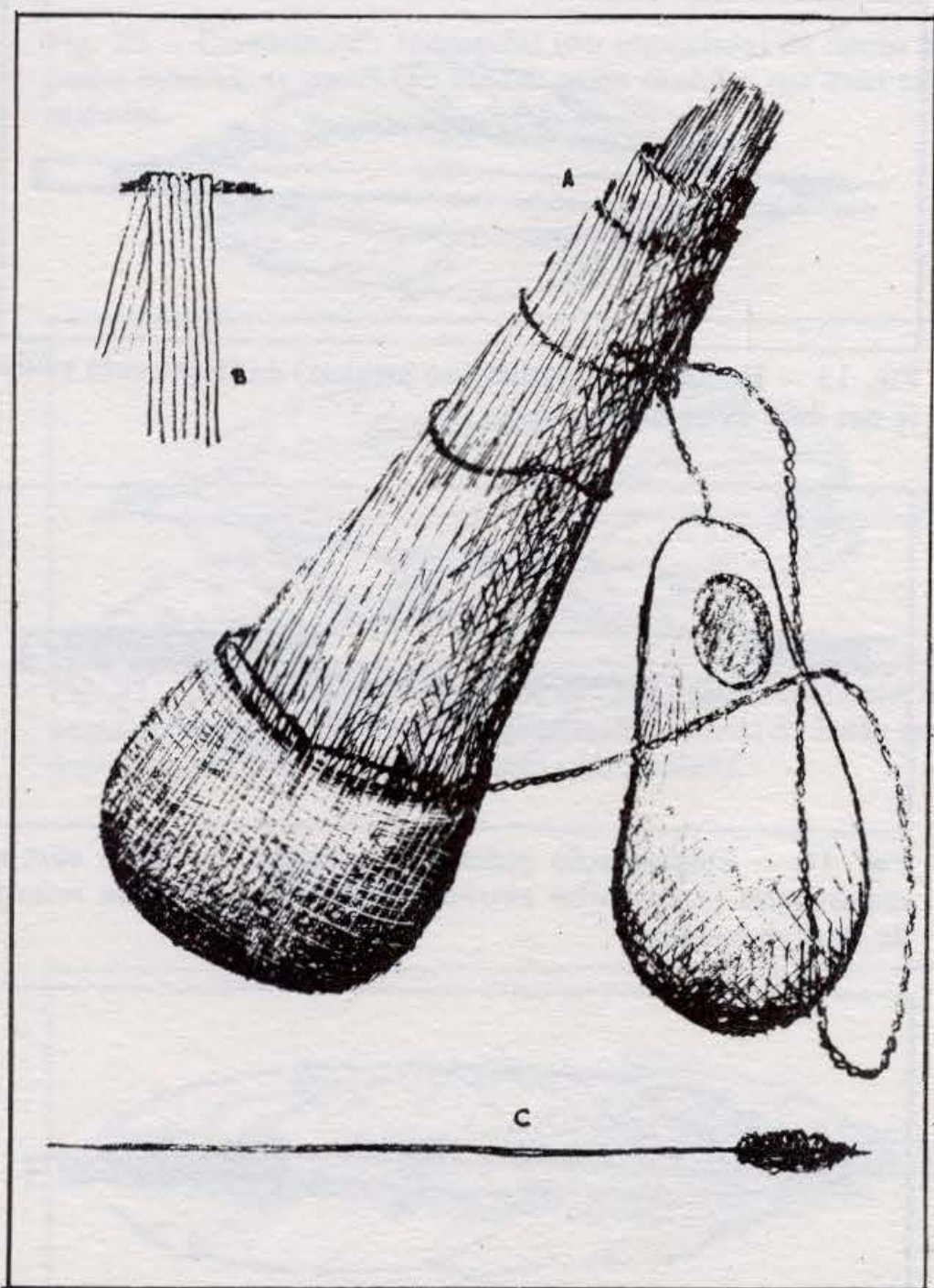



Fig. 6 – Carcás de palha dobrada com reforço trançado e depósito de cabaça para a paina de sumaúma. Índios Makú, M.N. nº 3.528. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado dobrado. C. Vista da seta ervada.

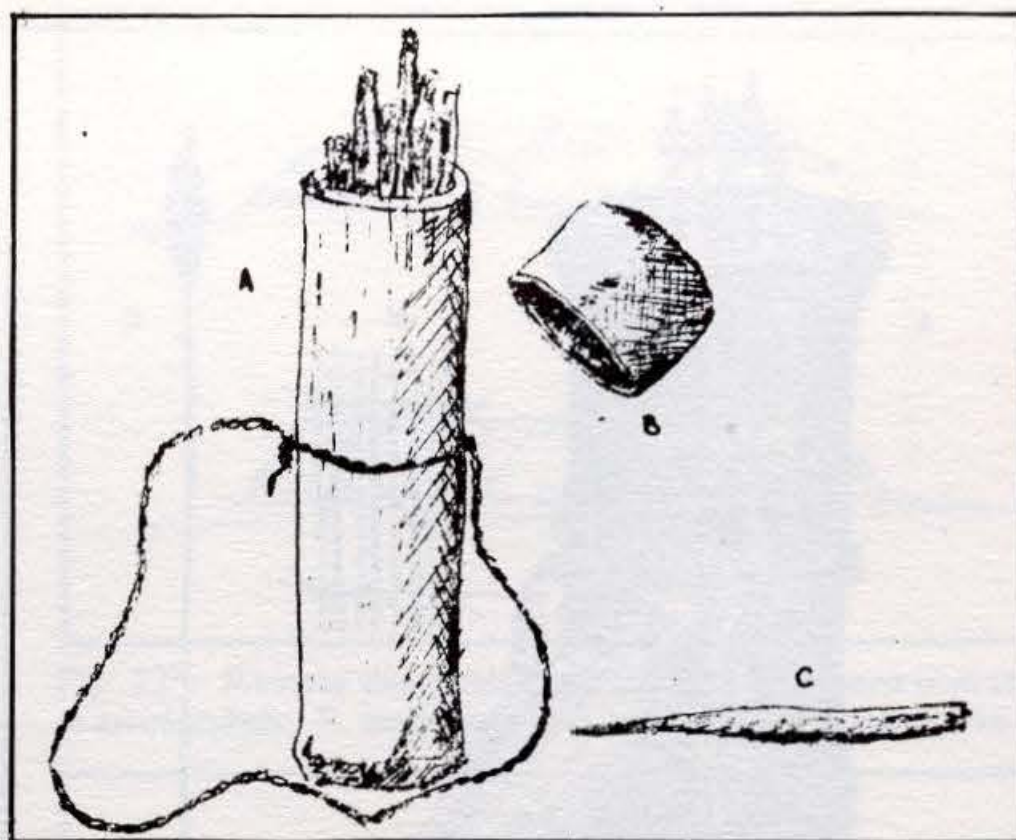



Fig. 7 – Carcás de taboca com tampa de couro. Índios Waiwai, M.I. nº 79.5.63. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Tampa de couro. C. Ponta de flecha-curabi espeque ervada.

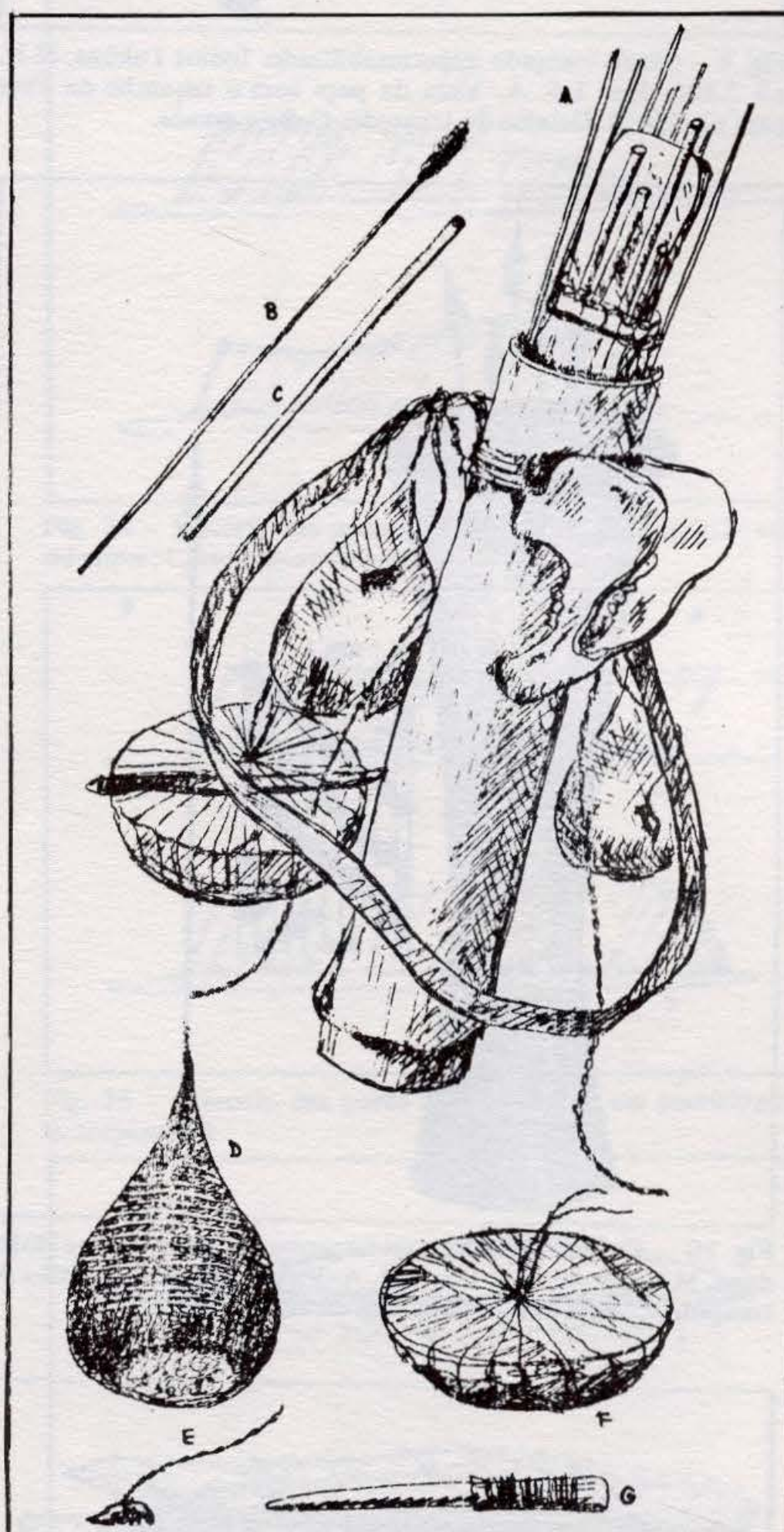



Fig. 8 – Carcás de taquaruçu sem tampa. Índios Matis, M.I. s/nº. Esc. 1:10. A. Vista da peça com todos os acessórios. B. Seta de sarabatana encapada e envenenada. C. Seta a preparar. D. Bolsa tecida contendo paina de sumaúma. E. Mandíbula de piranha para afilar e fazer incisão circular na seta. F. Tijelinha de curare. G. Bastonete para aplicar curare.

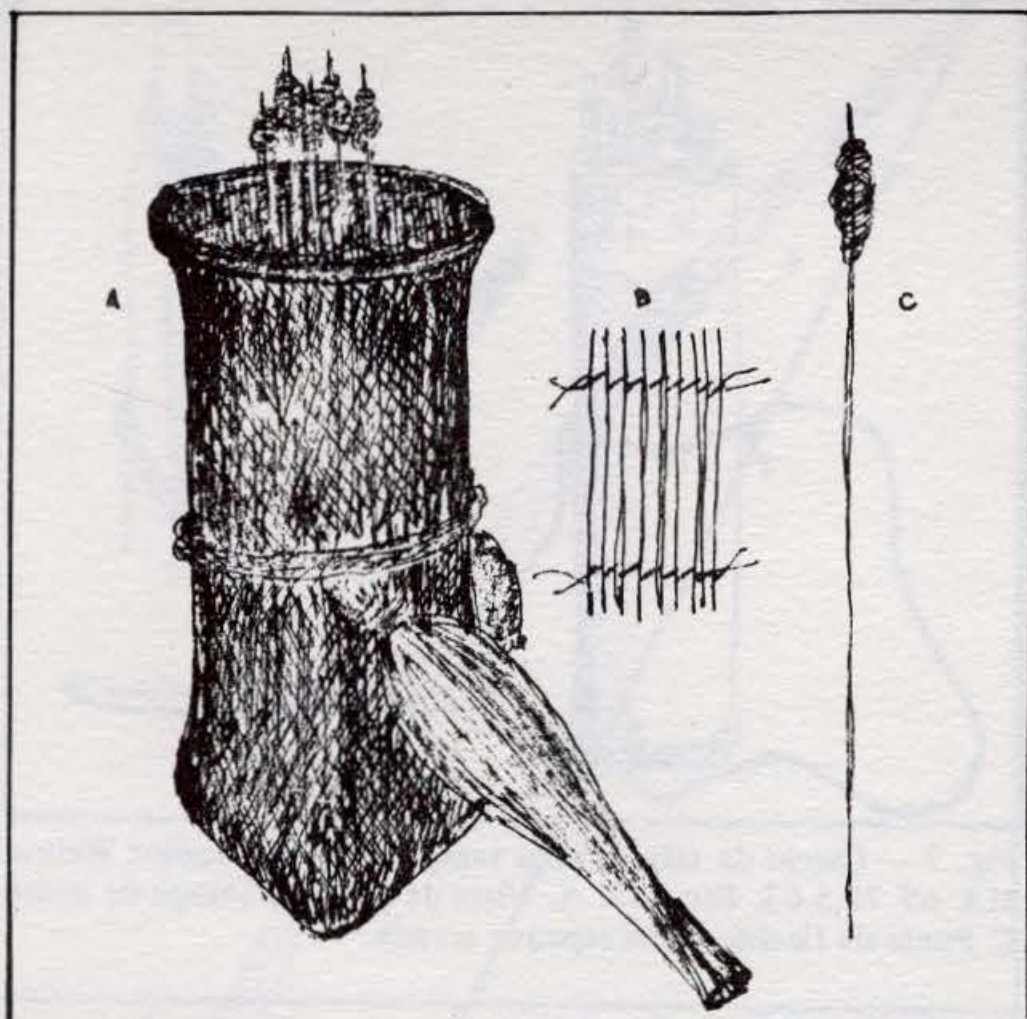



Fig. 9 – Carcás trançado impermeabilizado. Índios Tukúna, M.N. nº 2.580. Esc. 1:5. A. Vista da peça com o saquinho de líber para a paina. B. Detalhe do trançado. C. Seta ervada.

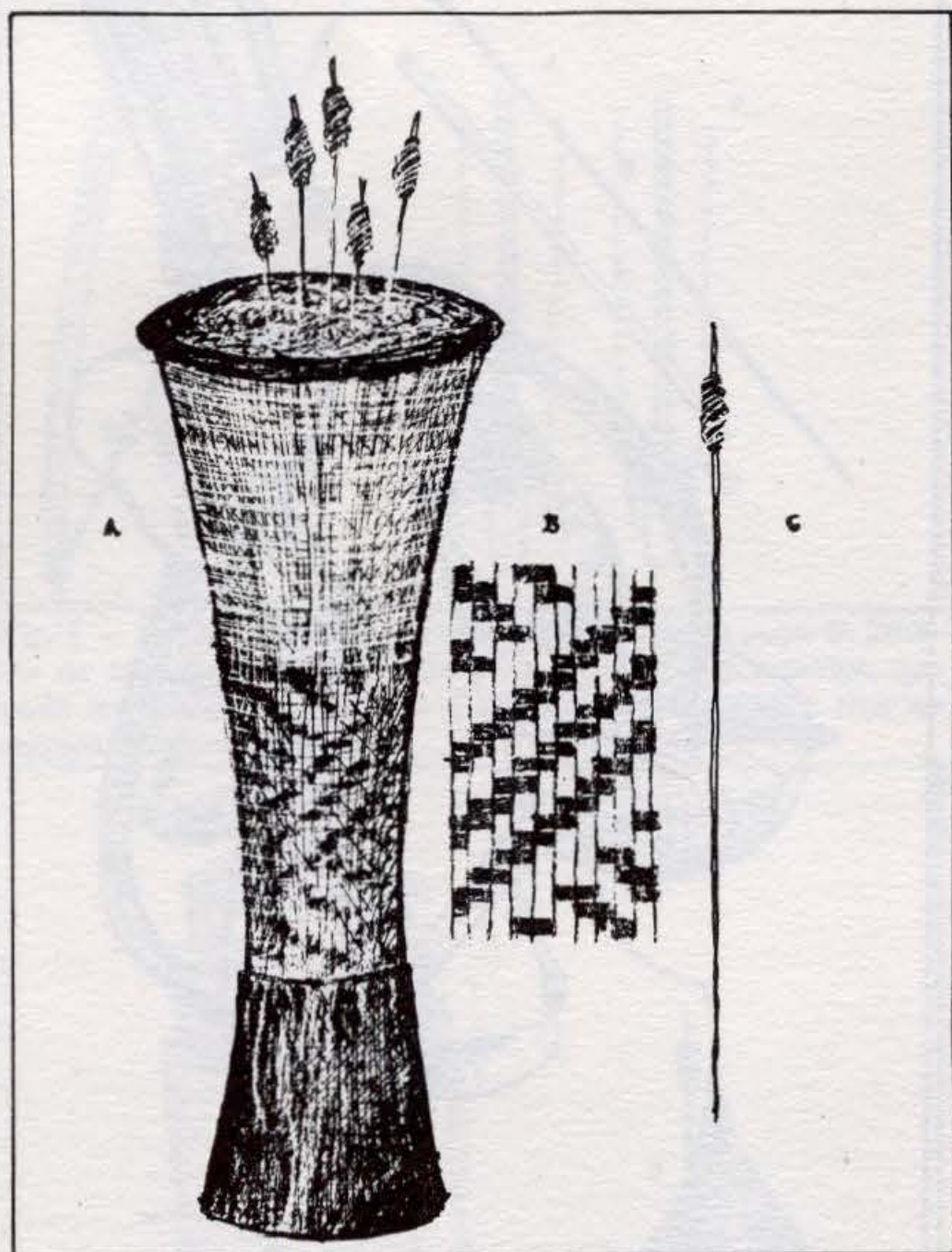



Fig. 10 – Carcás trançado semi-impermeabilizado. Índios Hohodene, M.N. nº 40.336. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe do trançado. C. Seta envenenada com curare.

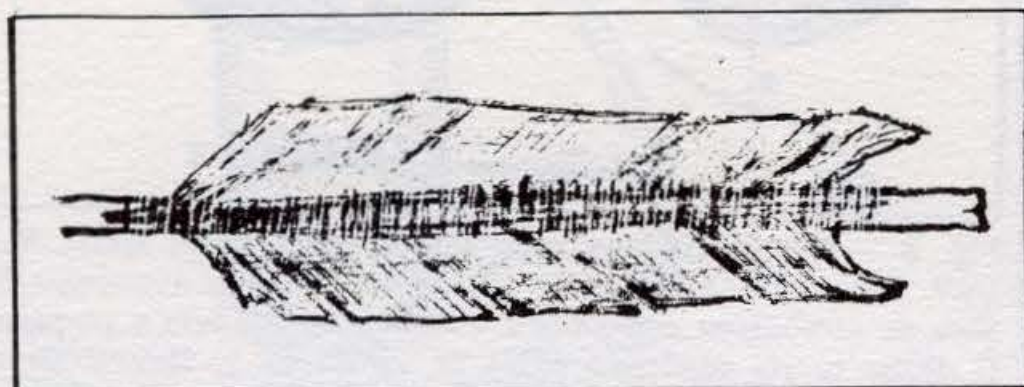



Fig. 11 – Emplumação radial da flecha com atadura cerrada contínua de meias-penas.

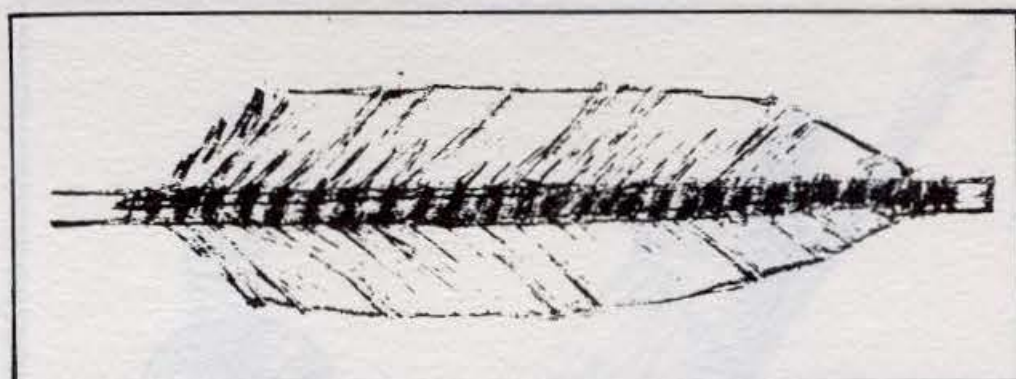



Fig. 12 – Emplumação radial da flecha com atadura espaçada e cimentada, isto é, recoberta por uma camada de cerol.

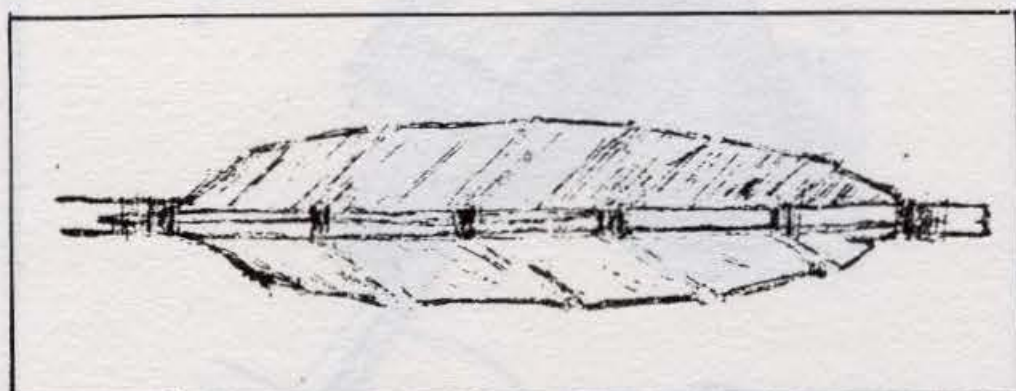



Fig. 13 – Emplumação radial da flecha com atadura cerrada com intervalos de meias-penas.

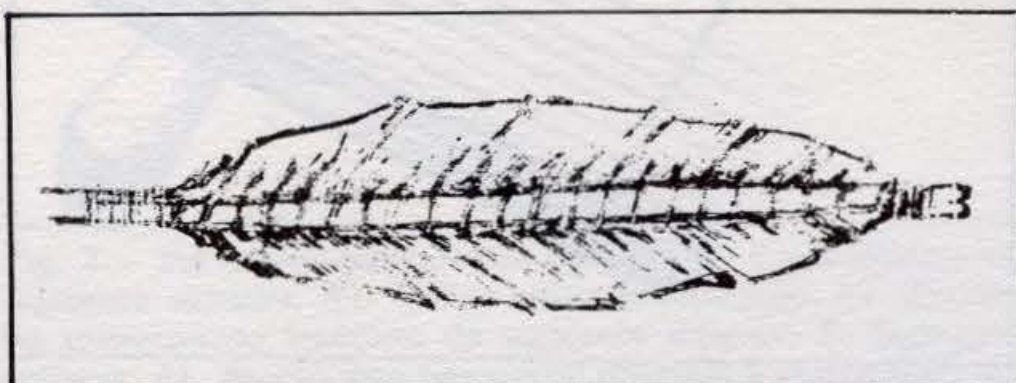



Fig. 14 – Emplumação radial da flecha com atadura contínua espaçada de meias-penas.

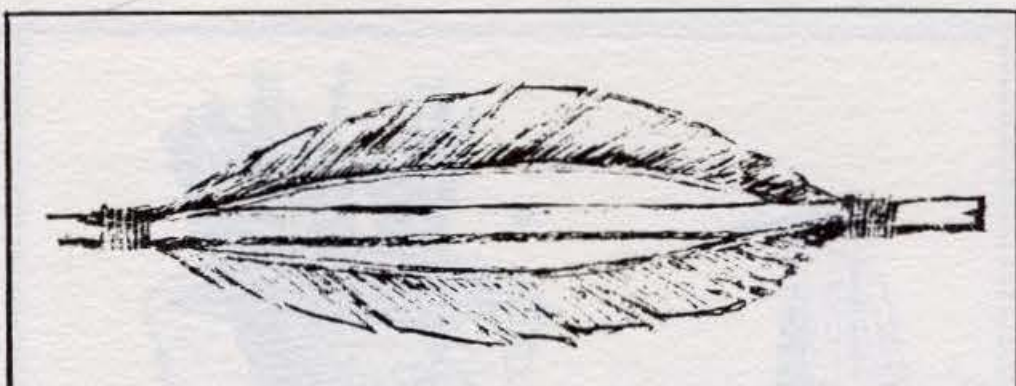



Fig. 15 – Emplumação radial (ou paralela) da flecha com atadura nas duas extremidades.

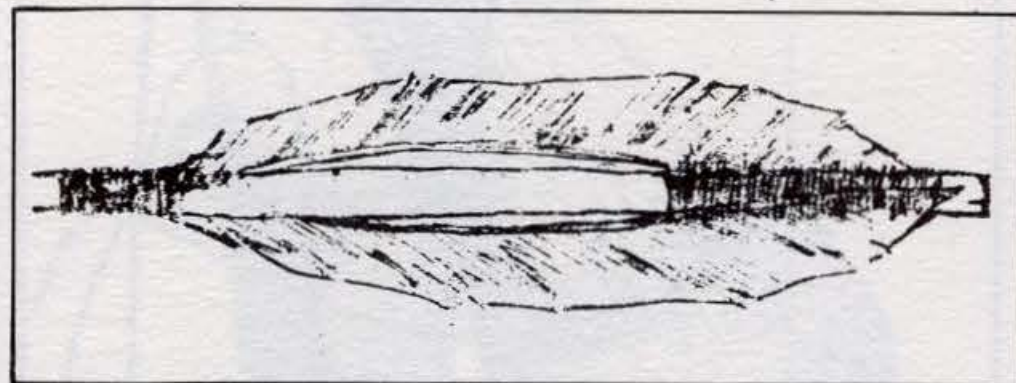



Fig. 16 – Emplumação radial (ou paralela) da flecha com as meias-penas atadas pelas extremidades, uma delas com reforço de atadura cerrada.

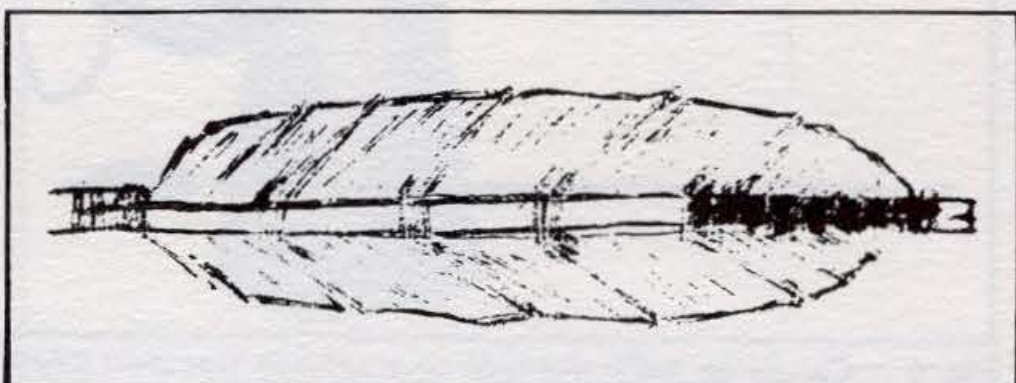



Fig. 17 – Emplumação radial da flecha com ataduras cerradas a intervalos e cimentadas (recobertas com cerol) numa das extremidades.

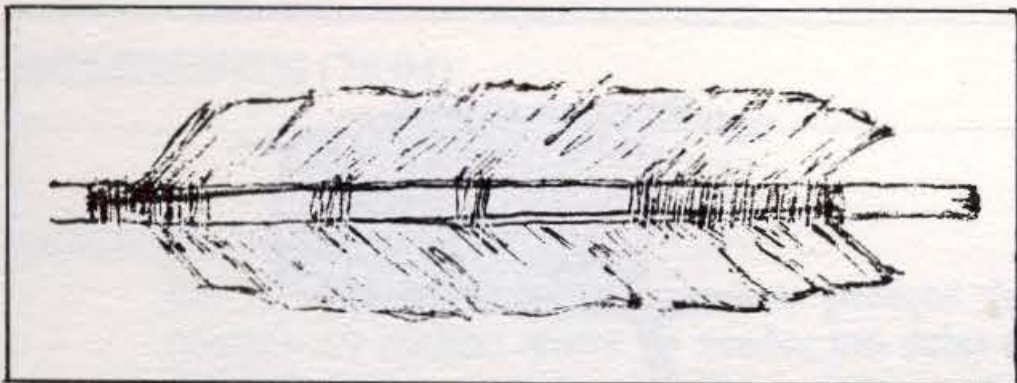



Fig. 18 – Emplumação radial da flecha. As ataduras são cerradas nas extremidades e agrupadas com intervalos na parte mediana.

Fig. 23 – Recorte das penas de flechas: A. meia-pena com recorte arredondado. B. meia pena com recorte semi-arredondado.

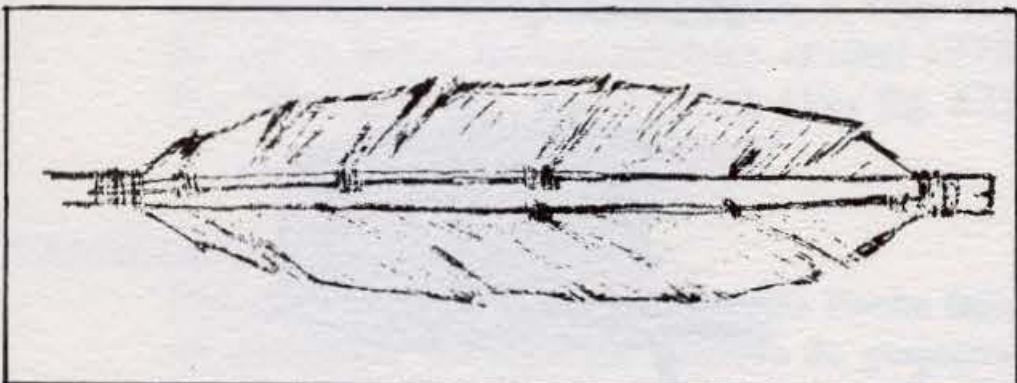



Fig. 19 – Emplumação radial da flecha: atadura costurada, isto é, o atilho atravessa a haste perfurada para esse fim.

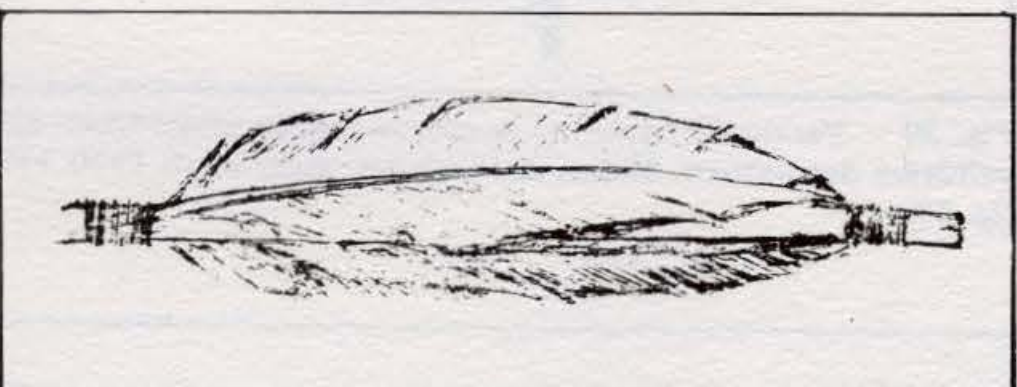



Fig. 20 – Emplumação tangencial (ou espiralada) da flecha com penas inteiras: as penas são atadas pelos canhões nas duas extremidades.

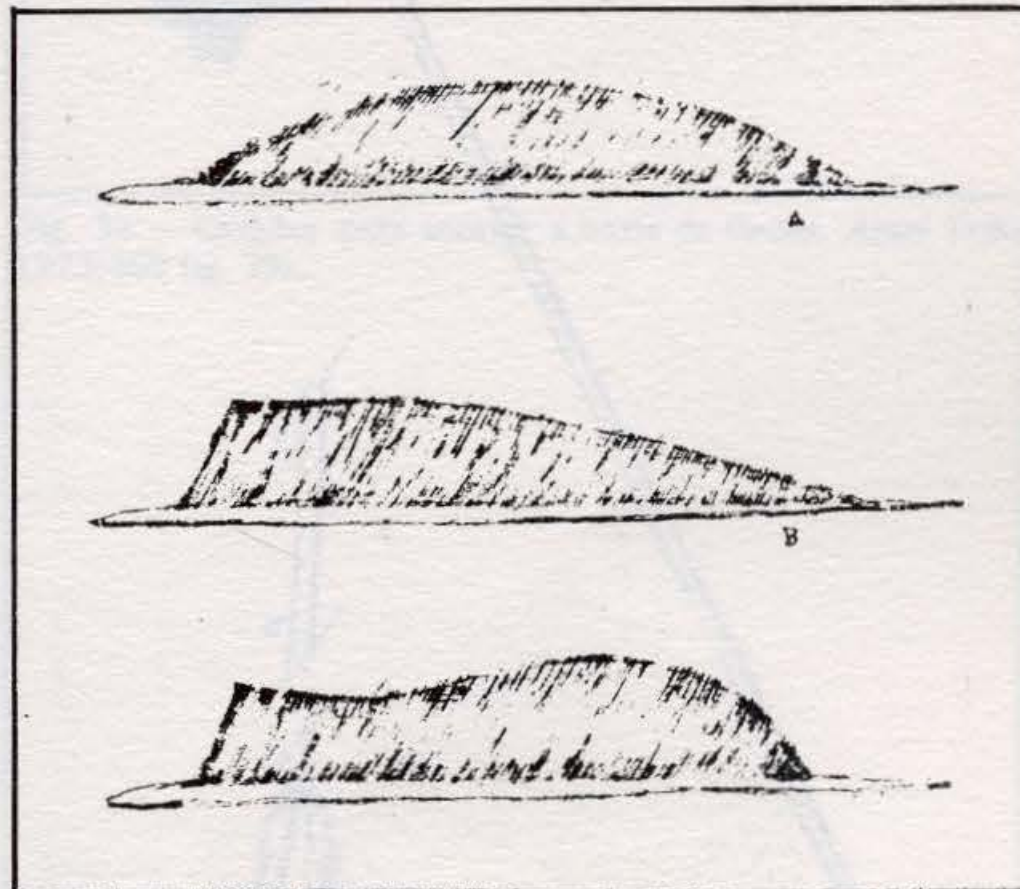



Fig. 24 – Recorte das penas das flechas. A. em elipse; B. em semi-elipse; C. recorte ondulado.

Fig. 21 – Emplumação tangencial (ou espiralada) da flecha com penas inteiras: a pena é atada à extremidade distal da haste sendo depois virada para ser atada à outra extremidade.

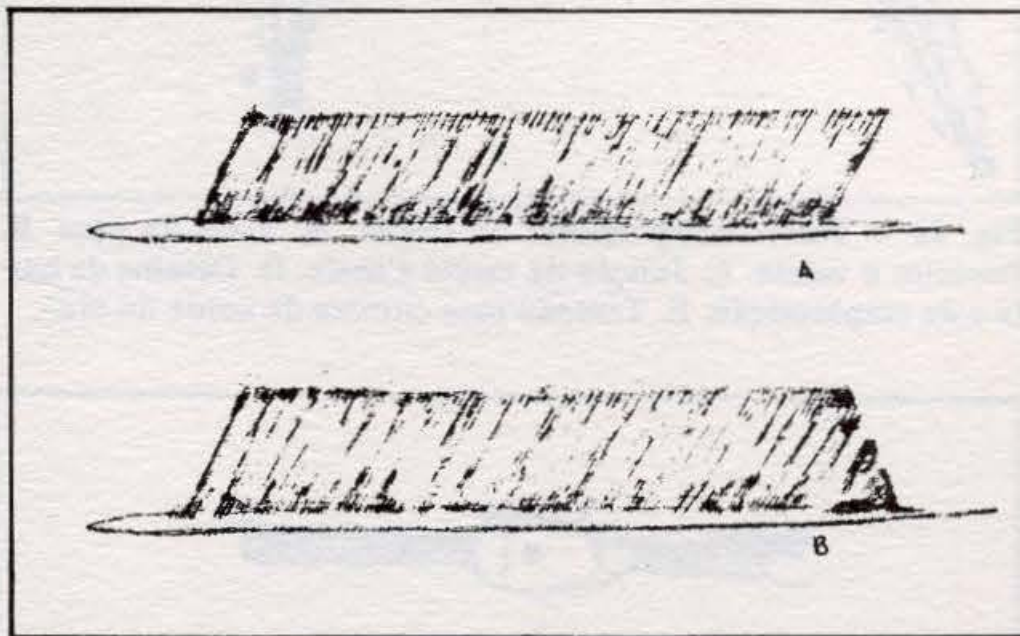



Fig. 25 – Recorte das penas das flechas. A. em paralelograma; B. trapezoidal.

Fig. 22 – Emplumação mista (radial e tangencial) com emprego de penas inteiras: o canhão da pena é atado numa das extremidades e a outra munida de atadura cerrada.

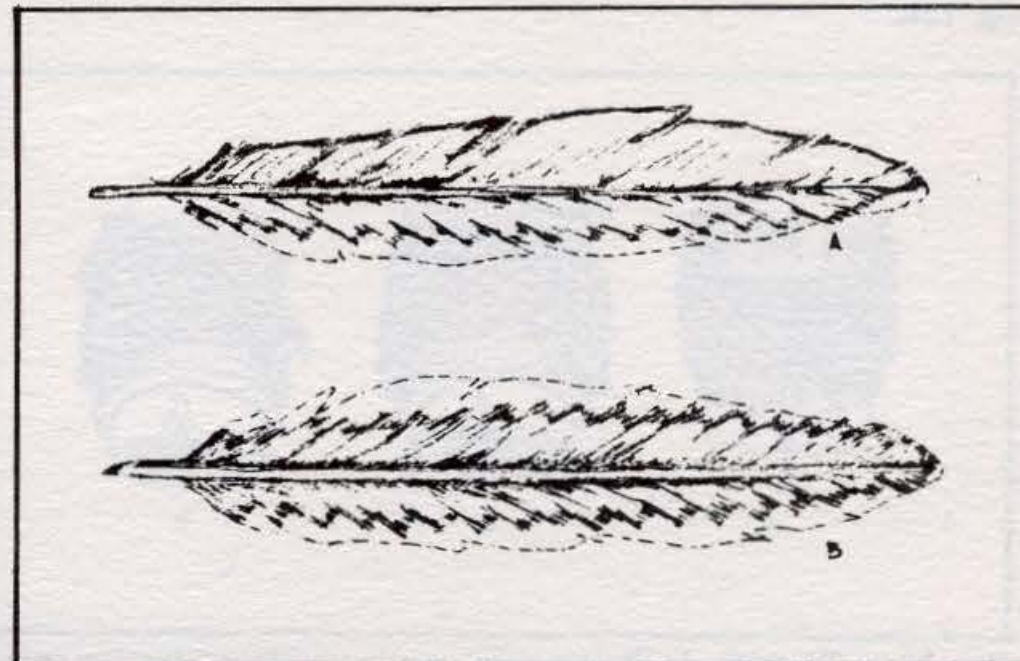



Fig. 26 – Recorte das penas das flechas. A. recorte uni-serrilhado; B. recorte bi-serrilado.

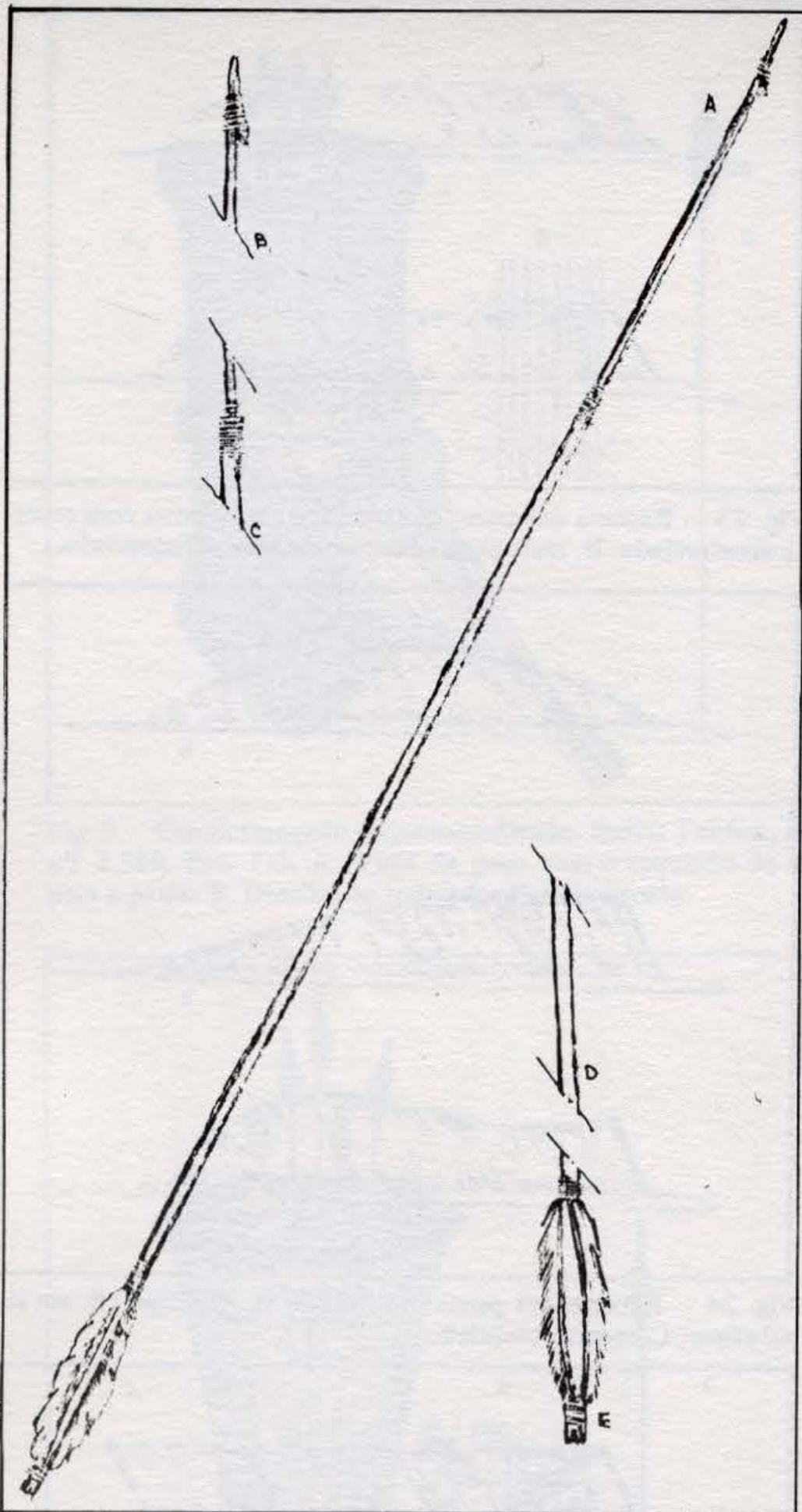



Fig. 27 – Partes componentes da flecha. A. Vista da peça. B. Ponteira e vareta. C. Junção da vareta à haste. D. Detalhe da haste e da emplumação. E. Tampão para encaixe da corda do arco.

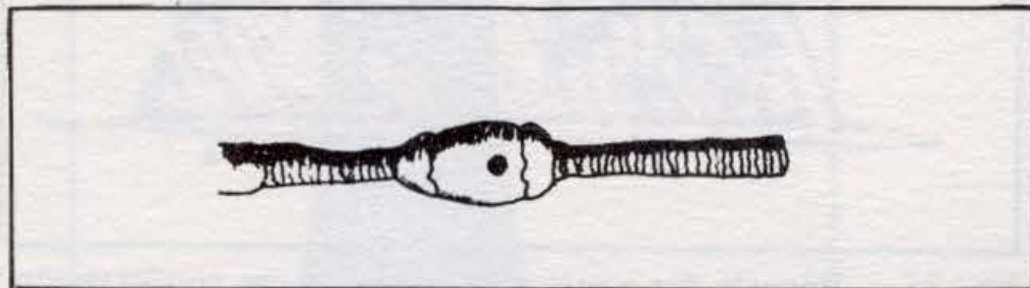



Fig. 28 – Silvo da flecha. Índios Tiriyó, *apud* Frikel 1973:291 fig. 15h.

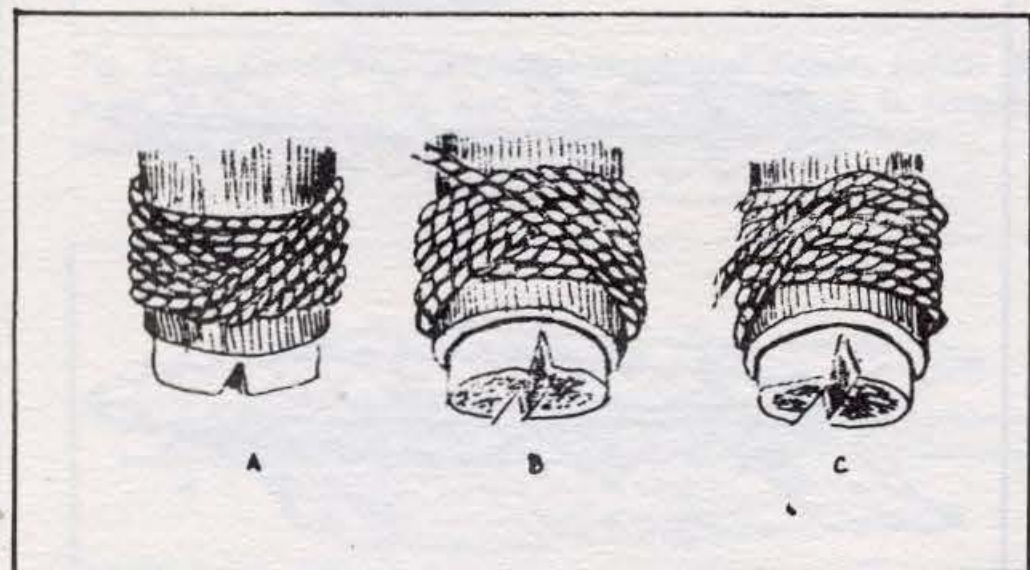



Fig. 29 – Tampão da flecha com encaixe onde se ajusta a corda do arco reforçado com envoltórios decorativos. Índios das Guianas, *apud* Roth 1970:158 fig. 46.

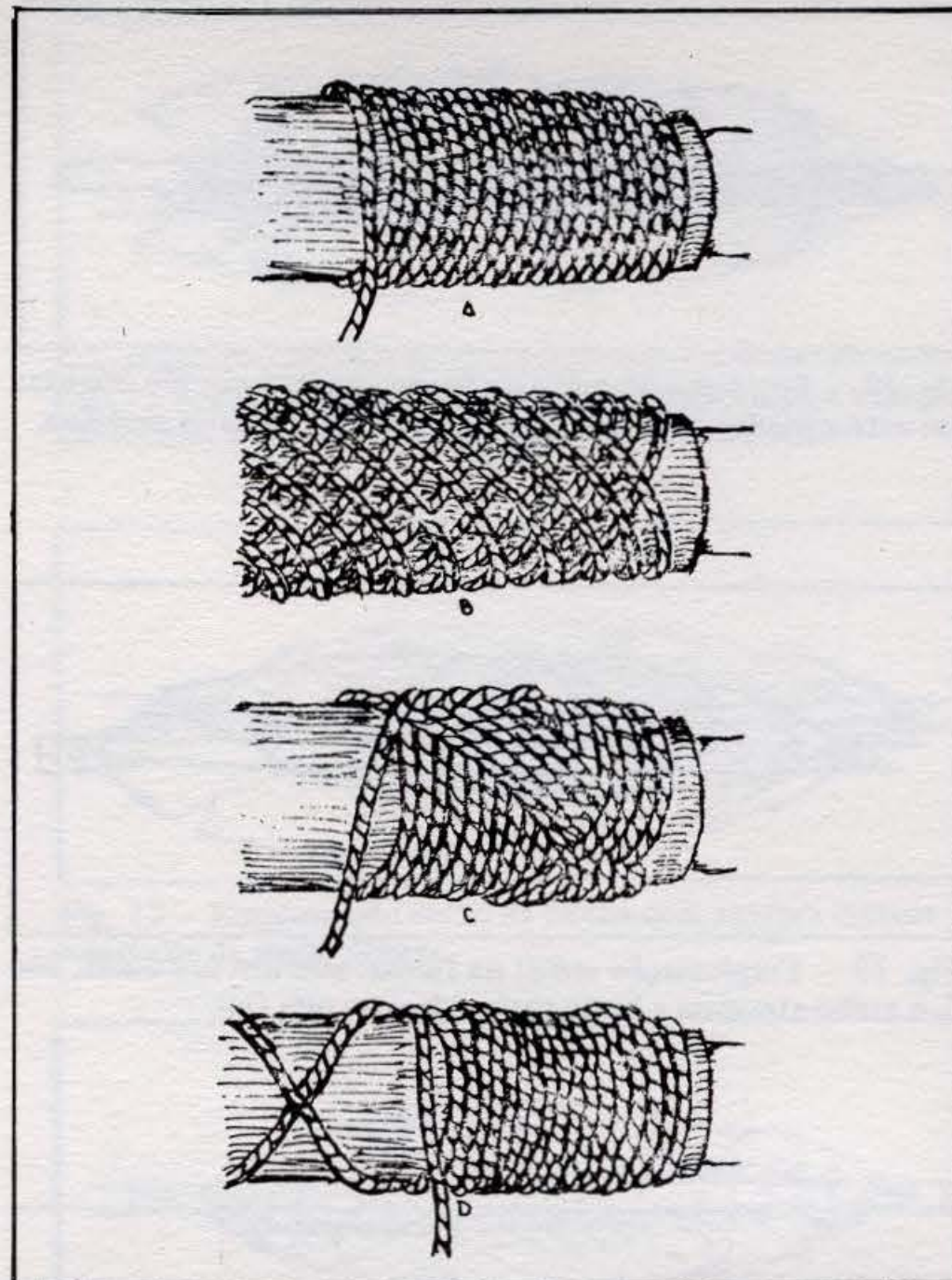



Fig. 30 – Vareta da flecha no ponto de junção com a haste: envoltórios decorativos. Índios das Guianas, *apud* Roth 1970:159 fig. 48.

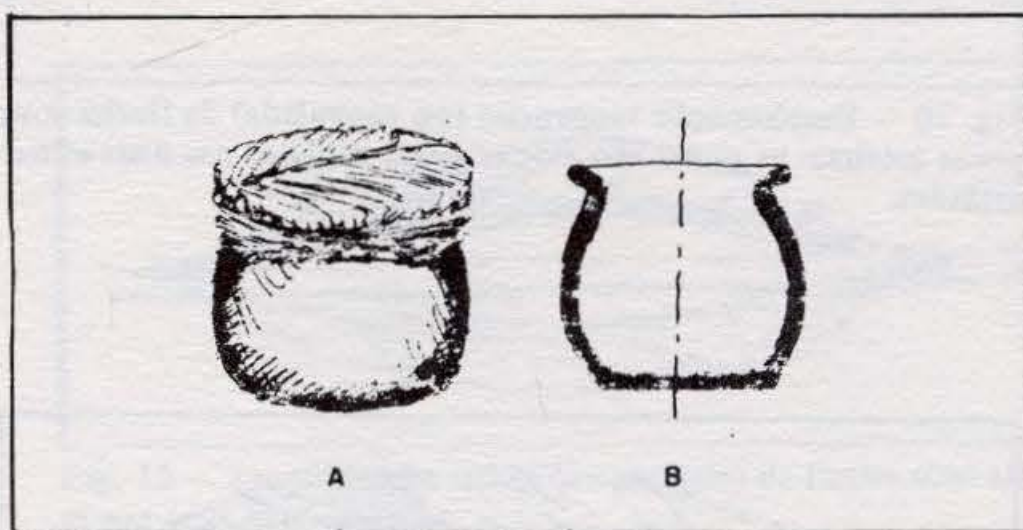



Fig. 31 – Panelinha de curare. Índios Tukúna, M.N. nº 32.607. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da secção reta transversal.

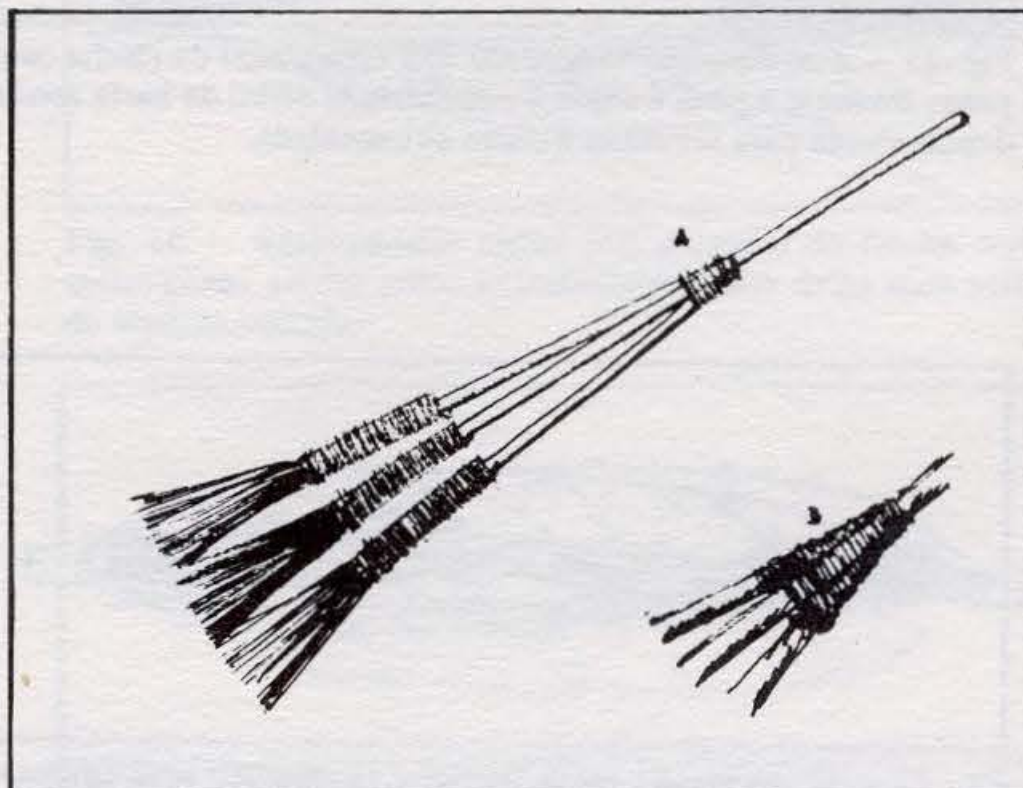



Fig. 32 – Pincel para curare. Índios Waiwai, M.I. nº 79.5.60. Esc. 1:2,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da trifurcação.

ARROCHO DE FLECHA

Def. Cordel preso a duas varetas, pedaços de taquara ou mesmo chifre de veado; um deles é sujeitado entre os dedos da mão, o outro, entre os dedos do pé. O cordel, assim aparelhado, serve para fazer o envolvimento da flecha nos pontos de junção da haste com a ponteira, com a vareta intermediária ou o tampão para o encaixe basal da haste, a fim de estreitá-la, impedindo que as beiras fiquem salientes. (Frikel 1973: 81; Yde 1965:107, figs. 31, 32). (Ver fig. 33).

Fig. 33 – Arrocho de flecha. *Apud* Yde 1965:108 fig. 31.

CAVADOR HASTE DA FLECHA

Def. Extrator do miolo da haste da flecha feito da barbatana do surubim provida de pequenas farpas. (Frikel 1973:157 fig. 33k). (Ver fig. 34).

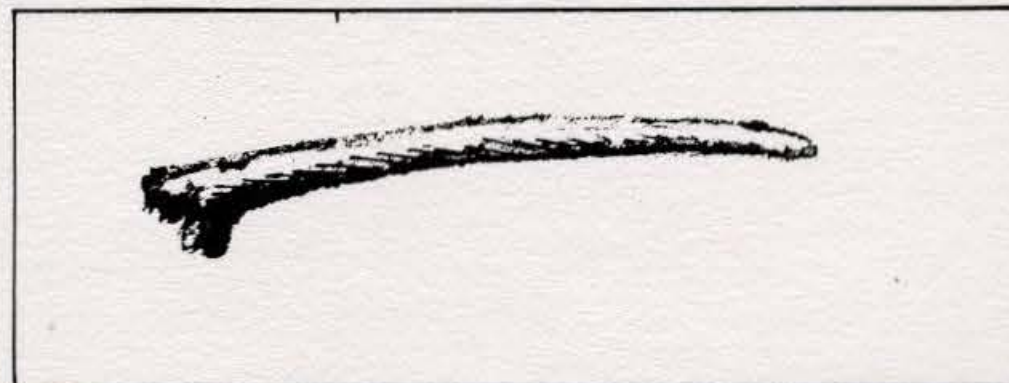



Fig. 34 – Cavador para escavar a haste da flecha. *Apud* Frikel 1973:309 fig. 33k.

80

UTENSÍLIOS E IMPLEMENTOS DE MADEIRA E OUTROS MATERIAIS

80

UTENSÍLIOS E IMPLEMENTOS DE MADEIRA E OUTROS MATERIAIS

GRUPOS GENÉRICOS

Nº	Grupo
01	Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos
02	Utensílios de madeira e outros materiais para a guarda e serviço de alimentos
03	Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico
04	Implementos de madeira e outros materiais para o trabalho agrícola
05	Implementos de madeira e outros materiais para o trabalho artesanal
06	Implementos de madeira para a navegação

UTENSÍLIOS DE MADEIRA E OUTROS MATERIAIS PARA O PREPARO DE ALIMENTOS (01)

Def. Apetrechos destinados a transformar alimentos por processos mecânicos (raspagem, corte, trituração, moagem) ou químicos (cozimento) e para revolvê-los na panela ou no torrador. Exclui os utensílios de cozinha feitos segundo os processos da cerâmica e dos trançados. E, ainda, alguns itens de pequena elaboração artesanal, descritos e ilustrados por Frikel (1973:156, fig. 33a, 32g,h): espeto de carne, pincel para chupar mel.
Uso: apetrechos de cozinha.
T. Esp. Almofariz
Colher de pau espatulada
Colher de pau polidental
Faca de material inorgânico
Faca de material orgânico
Fogão
Moenda de cana
Moquém
Pá de virar beiju ornitomorfa
Pá de virar beiju semilunar
Pau ignígero
Pilão alguidariforme
Pilão vasiforme
Pinça
Ralador de lata
Ralador língua de pirarucu
Ralador raiz de angico
Ralador raiz de paxiúba
Ralador retangular côncavo
Ralador retangular plano
Raspador de concha
Raspador dente de capivara
Tripé
V. tb. Utensílios de madeira e outros materiais para a guarda e serviço de alimentos (02)
Consulte: 10 Cerâmica; 20 Trançados

UTENSÍLIOS DE MADEIRA E OUTROS MATERIAIS PARA A GUARDA E SERVIÇO DE ALIMENTOS (02)

Def. Apetrechos utilizados para a armazenagem e serviço de alimentos feitos com materiais ecléticos com exclusão dos cerâmicos e trançados.
Uso: recipientes para a guarda e serviço de alimentos.
T. Esp. Cocho
Colher de cabaça
Colher de concha
Colher de pau côncava
Cuia
Escumadeira
Recipiente de cabaça
Recipiente de taboca
Recipiente espata de palmeira
Recipiente ouriço de castanha
V. tb. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)
Consulte: 10 Cerâmica; 20 Trançados

UTENSÍLIOS DE MADEIRA E OUTROS MATERIAIS PARA O CONFORTO DOMÉSTICO (03)

Def. Utensílios para conforto pessoal e doméstico incluindo os que servem para iluminação, assento e limpeza.
Uso. Apetrechos de uso caseiro.
T. Esp. Banco circular
Banco concavolíneo
Banco concavo-ovalado
Banco cupular
Banco ictiomorfo
Banco ornitomorfo

Banco representando quadrúpede
Banco retangular
Banco trípode
Divisória interna de líber
Escabelo de carapaça
Escabelo de couro
Escabelo de líber
Escabelo pecíolo de buriti
Facho
Roda suspensa para bebê
Rodilha de cesto-cargueiro
Vassoura

Consulte: 20 Trançados, 30 Cordões e tecidos.

IMPLEMENTOS DE MADEIRA E OUTROS MATERIAIS PARA O TRABALHO AGRÍCOLA (04)

Def. Apetrechos aparelhados para derrubar árvores, cavar, plantar, arrancar tubérculos e apanhar frutos.
Uso: implementos ligados à atividade agrícola
T. Esp. Cavador garras de tatu canastra
Machado de pedra encabado-cimentado
Machado de pedra encabado-dobrado
Machado de pedra encabado-embutido
Machado de pedra encabado-traspassado
Pá de cavouco
Pau de cavouco

IMPLEMENTOS DE MADEIRA E OUTROS MATERIAIS PARA O TRABALHO ARTESANAL (05)

Def. Instrumentos aparelhados para produzir artefatos mediante corte, perfuração, raspagem e alisamento. Exclui os implementos de fiação, tecelagem, cerâmica, bem como alguns específicos para armas. São referidos na bibliografia como implementos primitivos ou arcaicos.
Uso: implementos para produzir artefatos.
T. Esp. Batedor de líber
Broca
Formão
Perfurador dente de peixe-cachorro
Plaina de caramujo
Plaina mandíbula de caititu
Tesoura mandíbula de piranha

Consulte: 10 Cerâmica; 30 Cordões e tecidos; 70 Armas.

IMPLEMENTOS DE MADEIRA PARA A NAVEGAÇÃO (06)

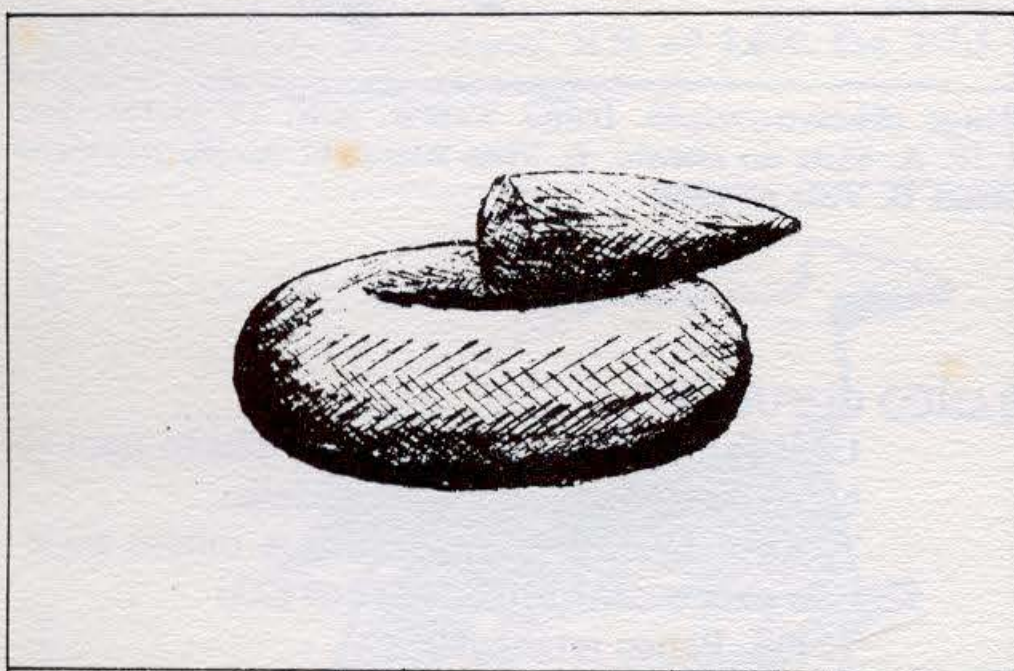
Def. Artefatos aparelhados para o transporte por água de pessoas e carga.
Uso: navegação.
T. Esp. Balsa
Igara
Remo cordiforme
Remo espatular
Remo foliáceo
Remo retangular
Ubá

ITENS

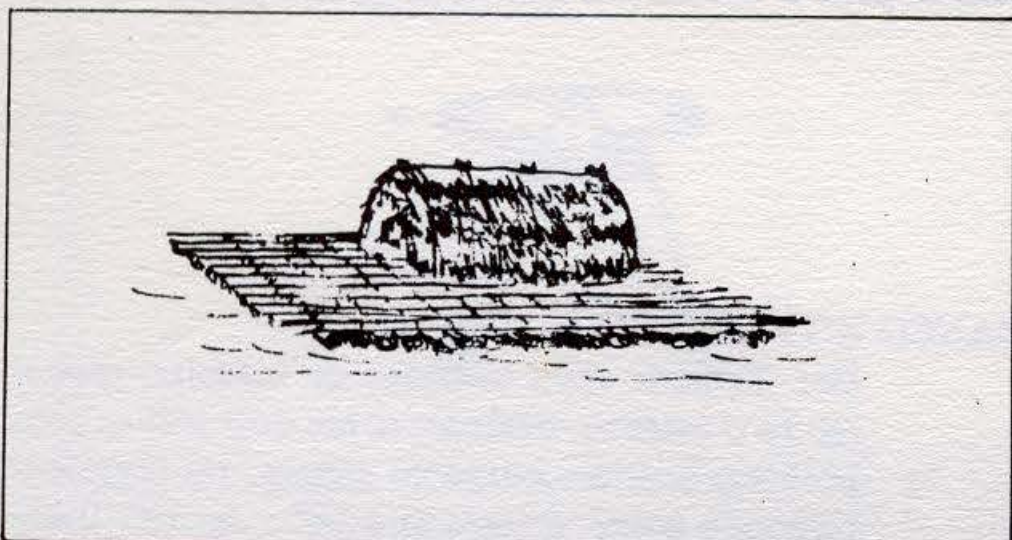
Nº:	Item
01	Almofariz
02	Balsa
03	Banco circular
04	Banco concavolíneo
05	Banco côncavo-ovalado
06	Banco cupular
07	Banco ictiomorfo
08	Banco ornitomorfo
09	Banco representando quadrúpede
10	Banco retangular
11	Banco trípode
12	Batedor de líber
13	Broca
14	Cavador garras de tatu canastra
15	Cocho
16	Colher de cabaça
17	Colher de concha
18	Colher de pau côncava
19	Colher de pau espatulada
20	Colher de pau polidental
21	Cuia
22	Divisória interna de líber
23	Escabelo de carapaça
24	Escabelo de couro
25	Escabelo de líber
26	Escabelo pecíolo do buriti
27	Escumadeira
28	Faca de material inorgânico
29	Faca de material orgânico
30	Facho
31	Fogão
32	Formão
33	Igara
34	Machado de pedra encabado-cimentado
35	Machado de pedra encabado-dobrado
36	Machado de pedra encabado-embutido
37	Machado de pedra encabado-traspassado
38	Moenda de cana
39	Moquém
40	Pá de cavouco
41	Pá de virar beiju ornitomorfa
42	Pá de virar beiju semilunar
43	Pau de cavouco
44	Pau ignígero
45	Perfurador dente de peixe-cachorro
46	Pilão alguidariforme
47	Pilão vasiforme
48	Pinça
49	Plaina de caramujo
50	Plaina mandíbula de caititu
51	Ralador de lata
52	Ralador língua de pirarucu
53	Ralador raiz de angico
54	Ralador raiz de paxiúba
55	Ralador retangular côncavo
56	Ralador retangular plano
57	Raspador de concha
58	Raspador dente de capivara
59	Recipiente de cabaça
60	Recipiente de taboca
61	Recipiente espata de palmeira
62	Recipiente ouriço de castanha
63	Remo cordiforme

64 Remo espatular
65 Remo foliáceo
66 Remo retangular
67 Roda suspensa para bebê
68 Rodilha de cesto-cargueiro
69 Tesoura mandíbula de piranha
70 Tripé
71 Ubá
72 Vassoura

ALMOFARIZ

Def. Aparelho constituído de uma pedra com concavidade central e outra, alongada, com a qual se quebra cocos ou se tritura alimentos sólidos.
T. Rel. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)
T. Rel. Pilão alguidariforme
Pilão vasiforme
Sin. Morteiro

Almofariz e mão de pilão. Museu Paulista 1984:31. Peça arqueológica de basalto, Minas Gerais.

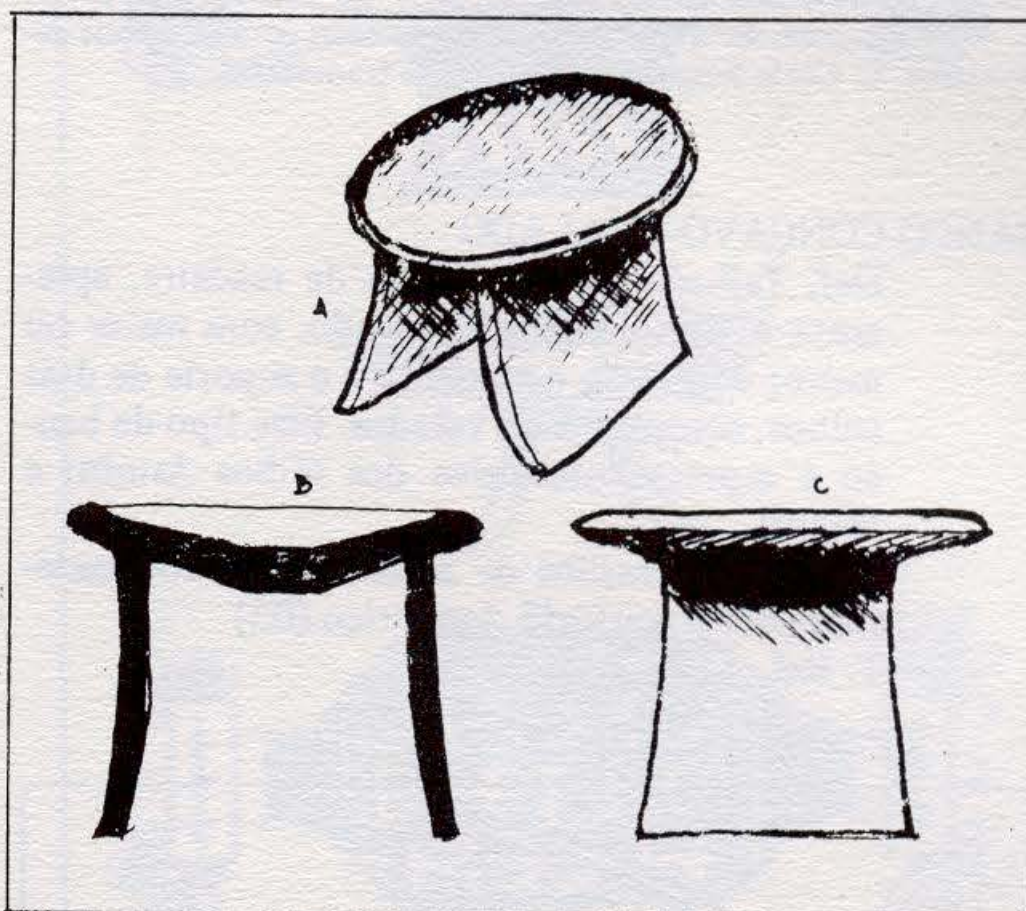
BALSA

Def. Espécie de jangada construída com toras de madeira leve pelos índios Paumarí, provida ou não de "maloca" para abrigar carga e navegantes (*Apud* Alves Câmara 1976:33). Esse tipo de casa-embarcação é utilizado, segundo o mesmo autor, pelos Paumarí, durante as enchentes.
T. Gen. Implementos de madeira para a navegação (06)
T. Rel. Igara
Ubá

Balsa dos índios Paumarí. *Apud* Alves Câmara 1976:33.

BANCO

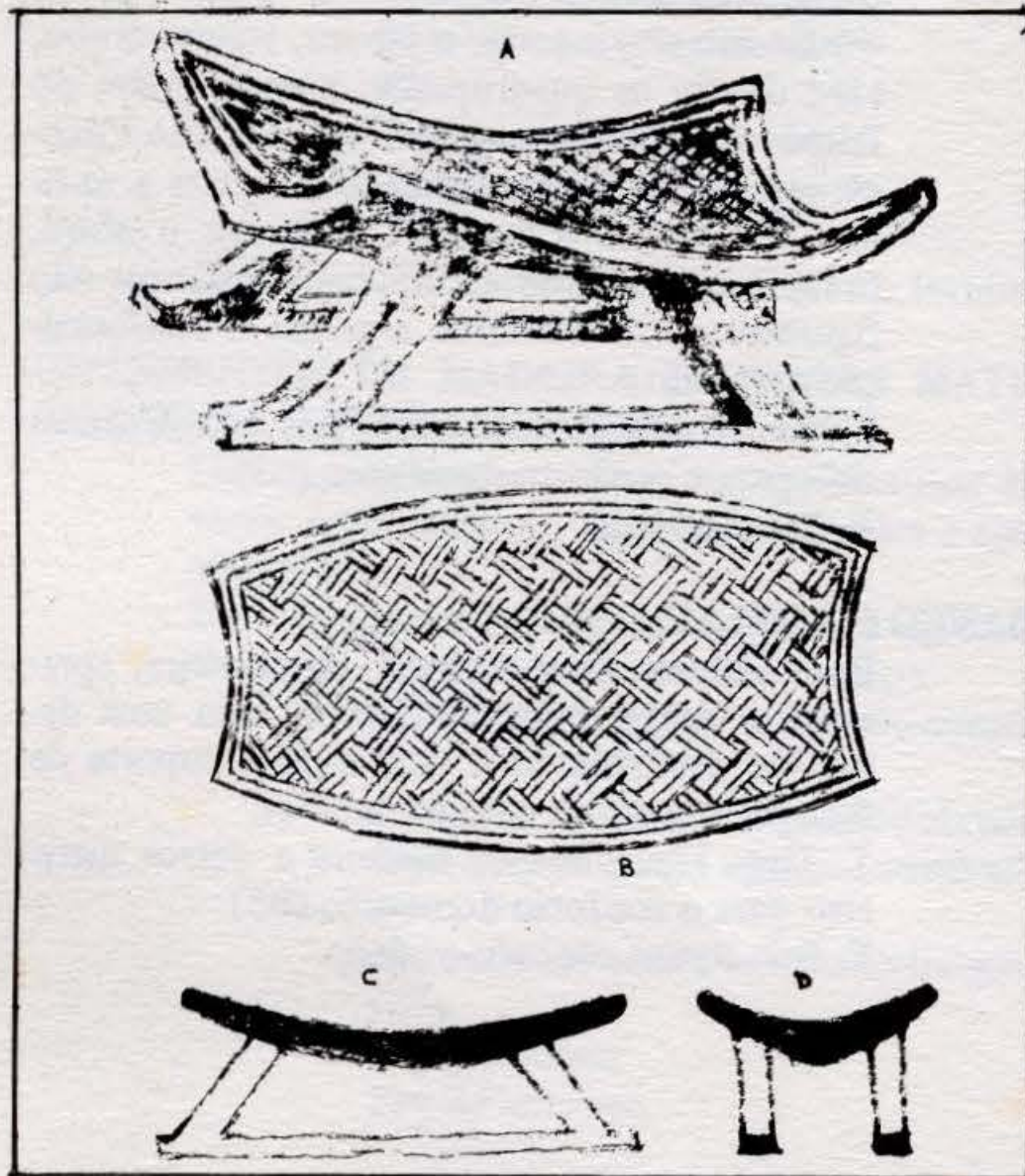
Def. Os bancos talhados em madeira destinam-se aos chefes, pajés e visitantes, sendo prerrogativa masculina. Apresentam-se nas mais variadas formas. Quando figurativos, representam, preferencialmente, animais de maior porte: dentre as aves, a arara, o jaburu, tuiuiu, urubu, etc.; dentre os quadrúpedes, a onça. Além do felino, incluem-se no grupo denominado "Banco representando quadrúpede", répteis e anfíbios, tais como o jacaré, a tartaruga, o jabuti, o sapo, comumente esculpidos. Os bancos não figurativos são descritos segundo a conformação do assento.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico (03).
T. Rel. Escabelo

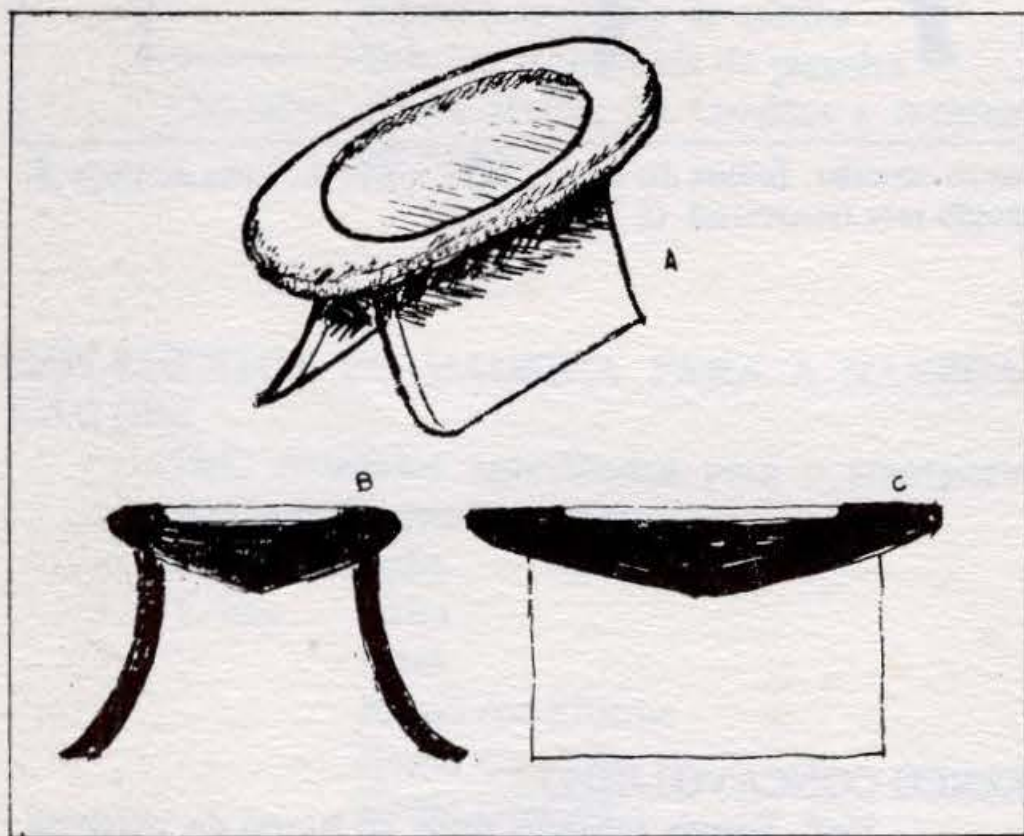
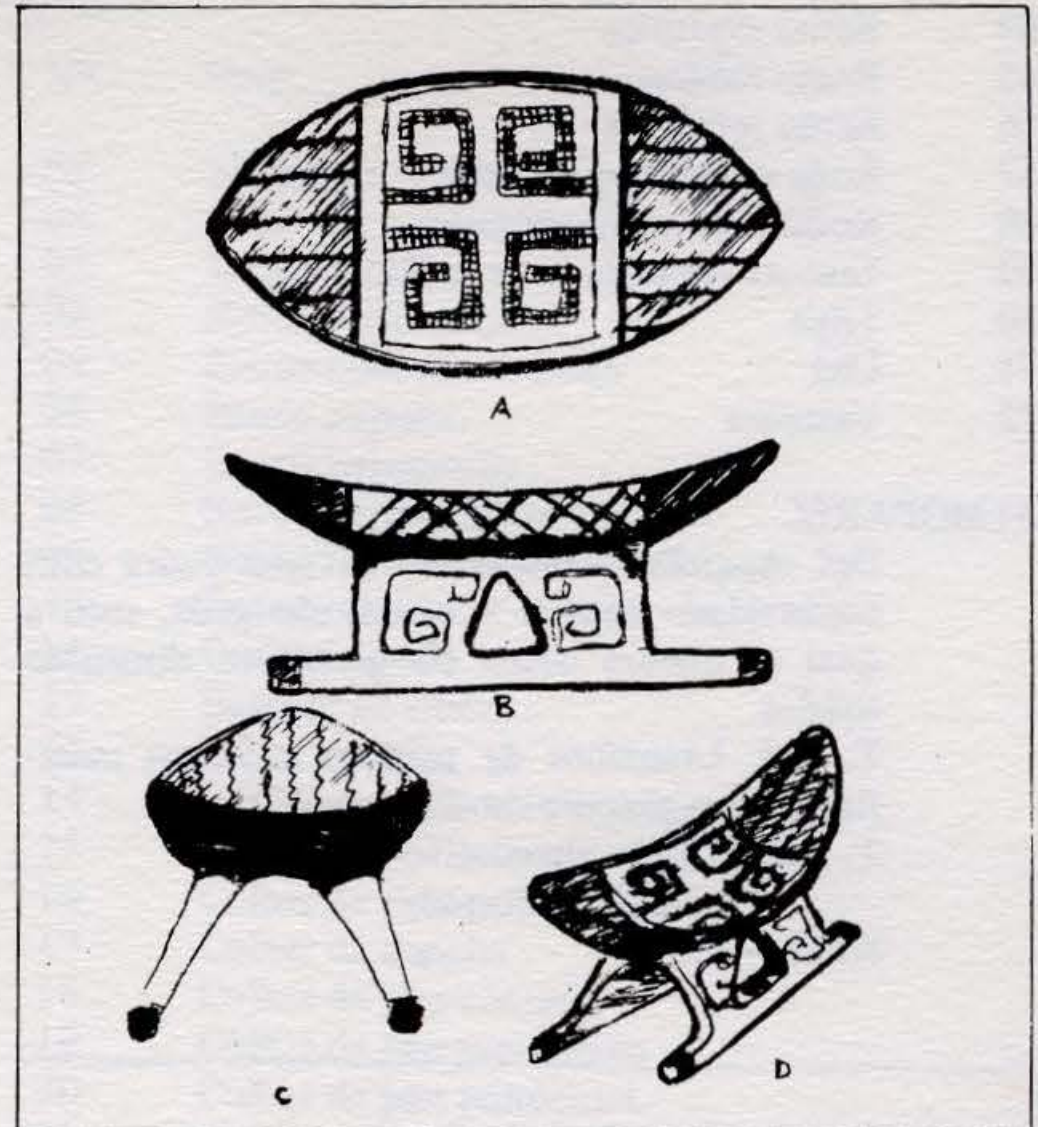
BANCO CIRCULAR

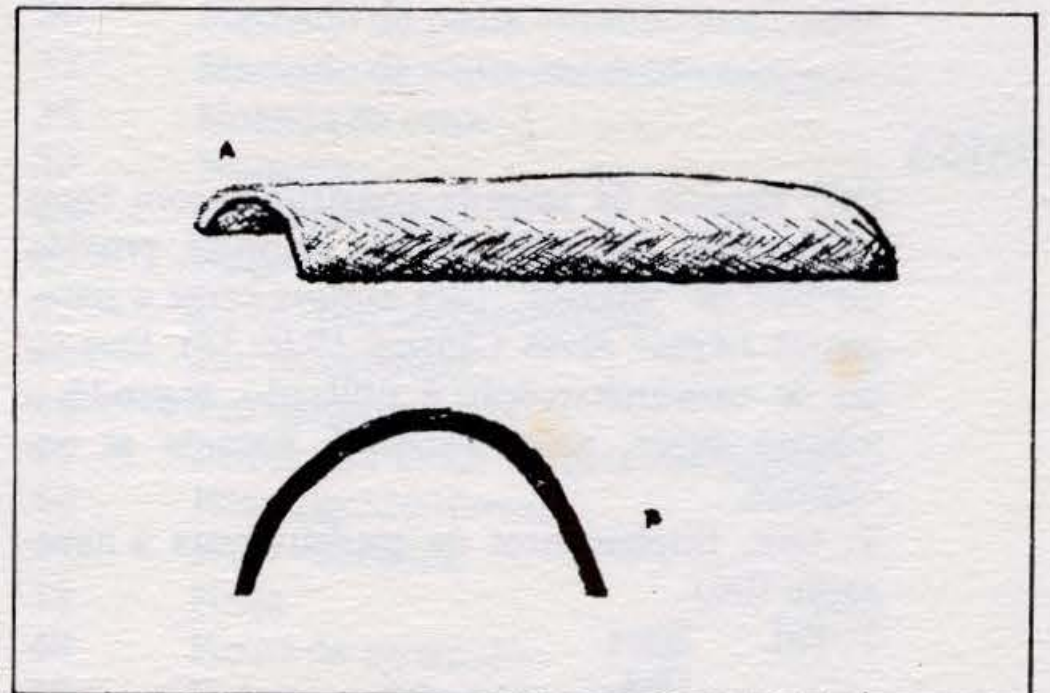
Def. Talhado num só bloco de madeira, apresenta o plano superior circular com uma depressão escavada para o assento e suporte de dois trilhos, geralmente compactos.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico (03)
T. Rel. Banco côncavo-ovalado

Banco circular. Índios do Brasil, M.N. s/nº. A. Vista da peça. B. Secção reta transversal. C. Vista lateral.

BANCO CONCAVOLÍNEO

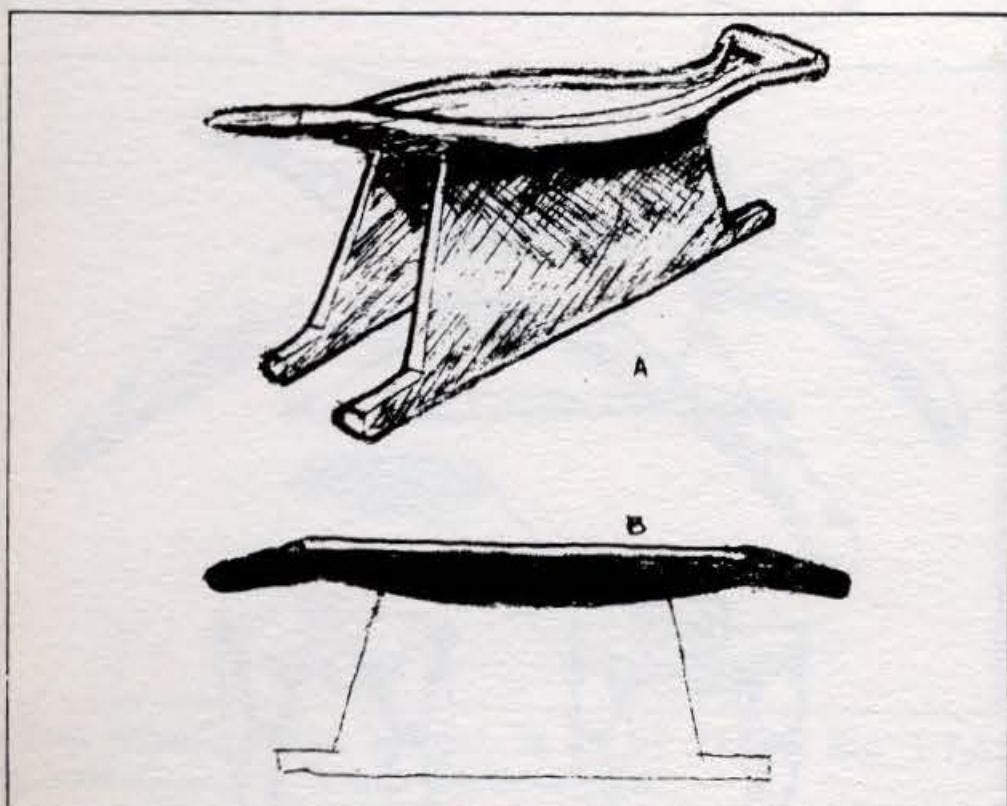
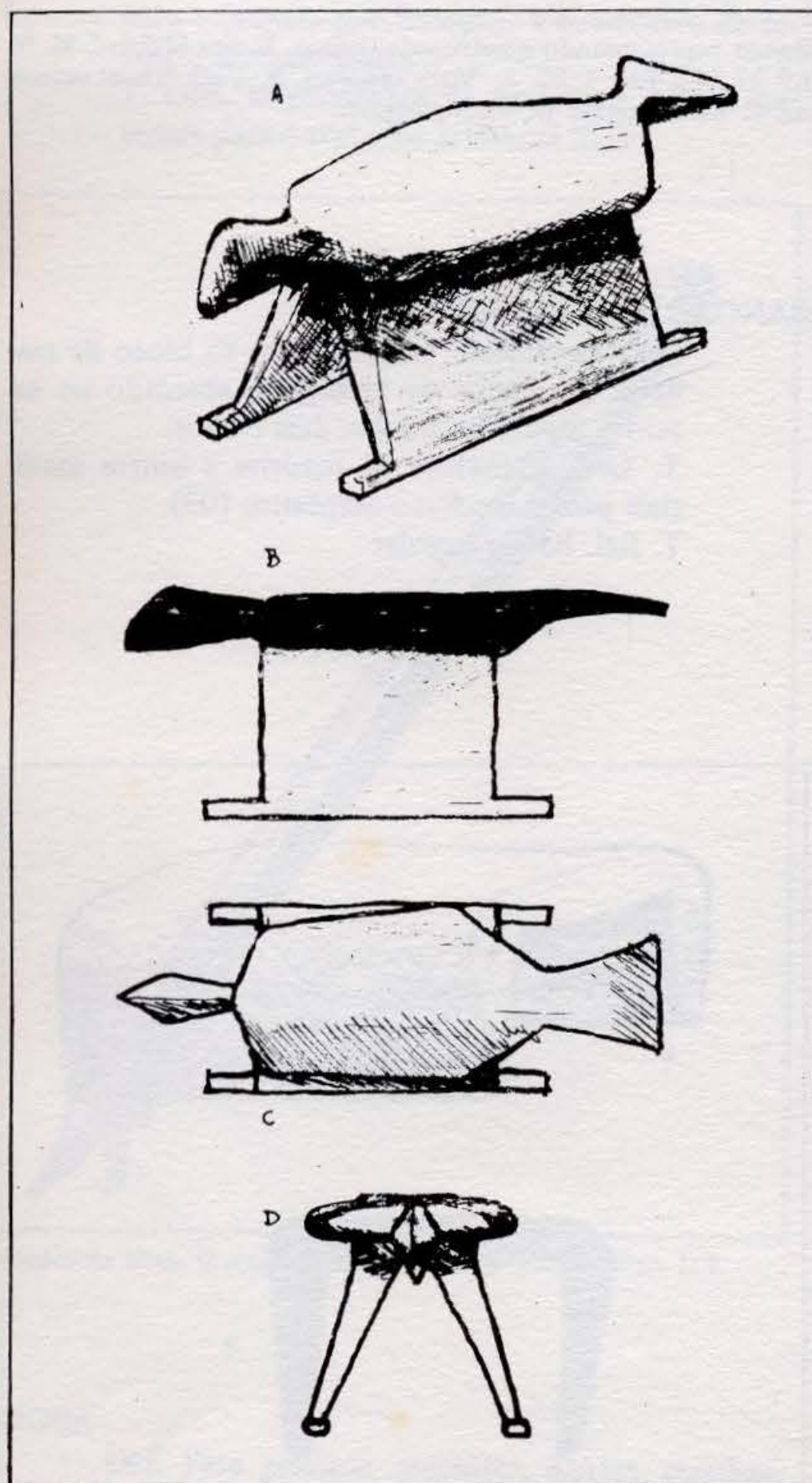
Def. Banco talhado num só bloco de madeira, cujo assento oblongo e encurvado tem as extremidades côncavas e é sustentado sobre dois

trilhos vasados com prolongamentos. É representado pelo banco Tukâno.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico (03)
T. Rel. Banco côncavo-ovalado

Banco concavolíneo. Índios Tukâno, M.N. nº 19.564. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Vista superior do assento com desenhos decorativos. C. Corte longitudinal. D. Corte transversal.

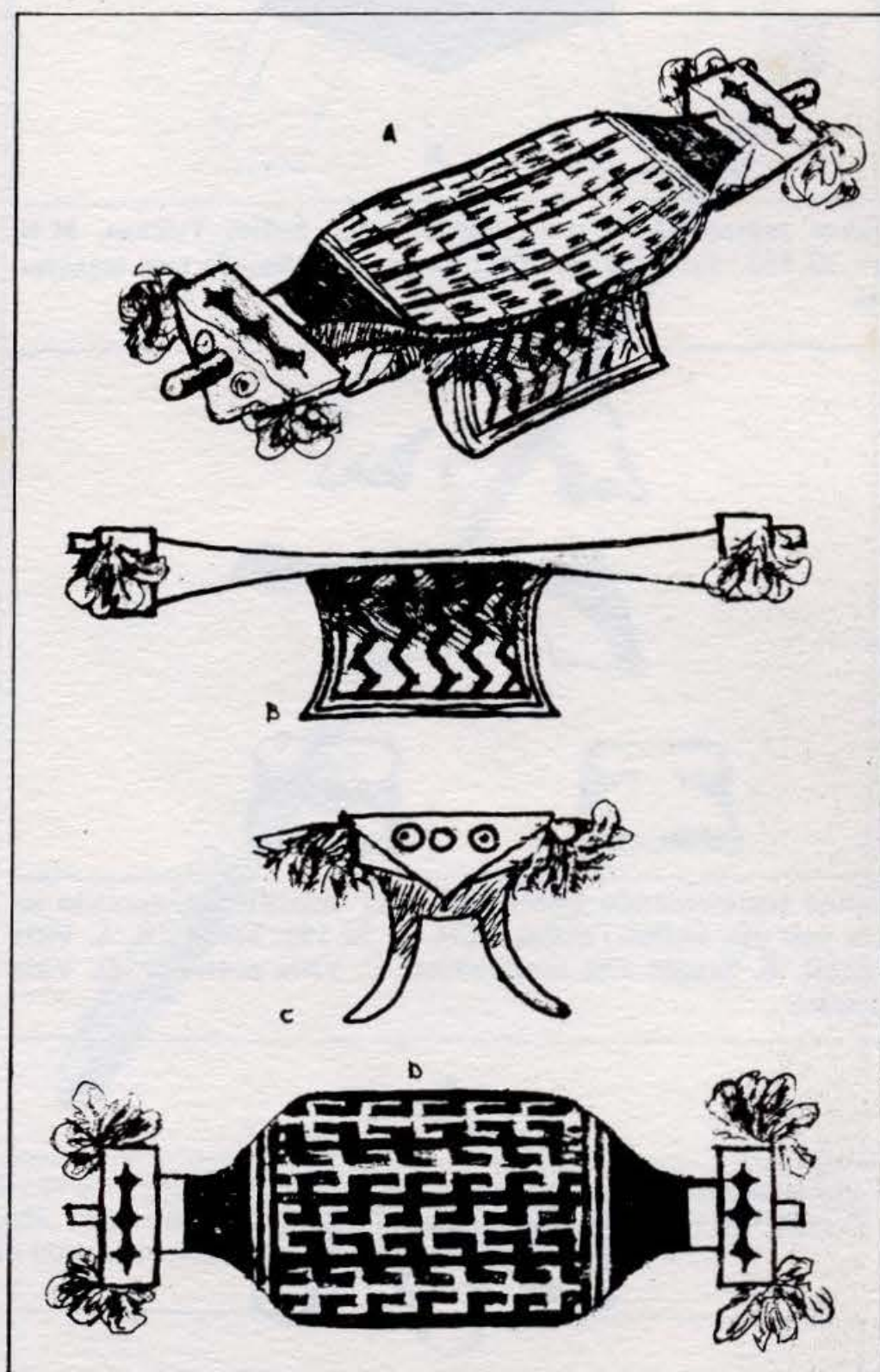
BANCO CÔNCAVO-OVALADO
Def. Talhado num só bloco de madeira, apresenta o plano superior ovalado, com maior ou menor depressão no assento e o suporte de dois trilhos, compactos ou vasados. Esse tipo de banco é representado pelos dos índios Asuriní e Waiwai.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico (03)
T. Rel. Banco circular
Banco concavolíneo

Banco côncavo-ovalado. Índios Asuriní, M.N. nº 40.851. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Secção transversal. C. Secção longitudinal.

Banco côncavo-ovalado. Índios Waiwai, M.N. nº 41.135. Esc. 1:10. A. Vista do assento. B. Vista lateral. C. Secção reta transversal. D. Vista da peça.

BANCO CUPULAR
Def. Tamborete não figurativo talhado num só bloco de madeira em forma de calha.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico (03)
T. Rel. Banco retangular

Banco cupular. Índios Tukúna, M.N. nº 32.732. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Secção reta transversal em arco pleno.

BANCO ICTIOMORFO
Def. Talhado num só bloco de madeira, repousando o assento, ovalado, sobre dois trilhos com prolongamentos, como os trenós. Na representação do peixe destaca-se a talha de dois triângulos dispostos nos extremos do assento oval.

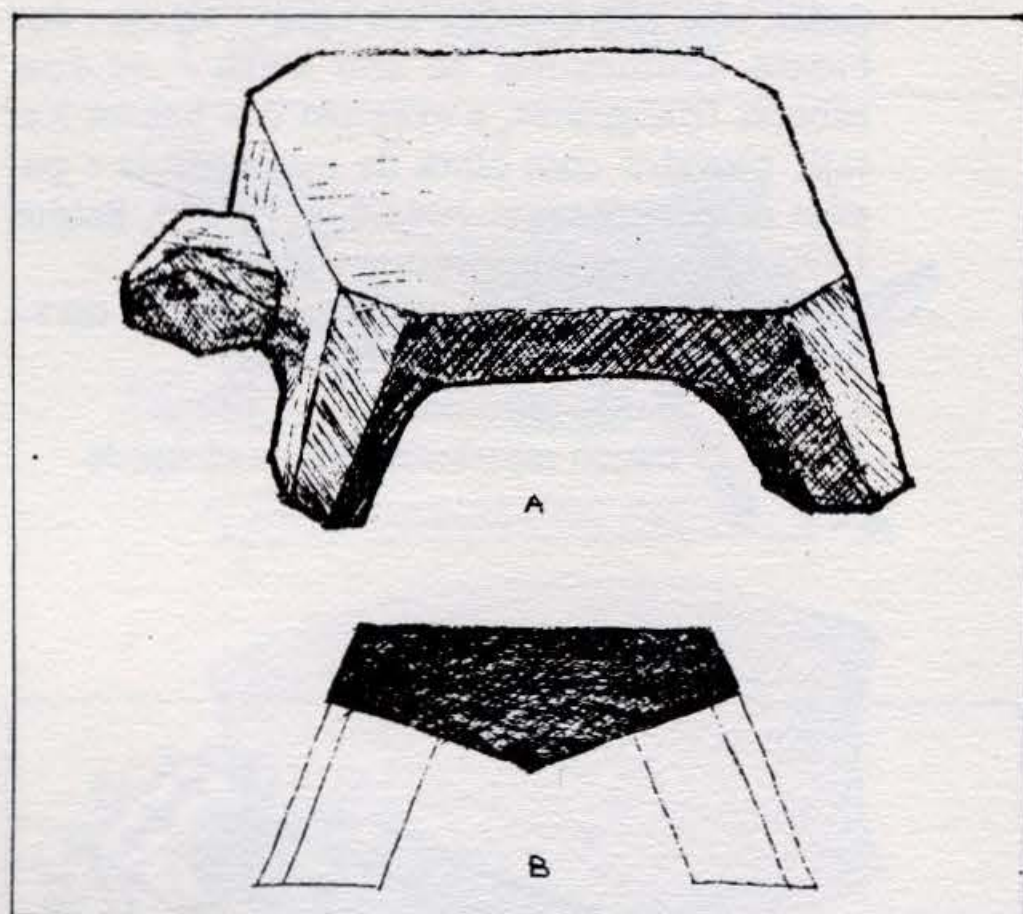
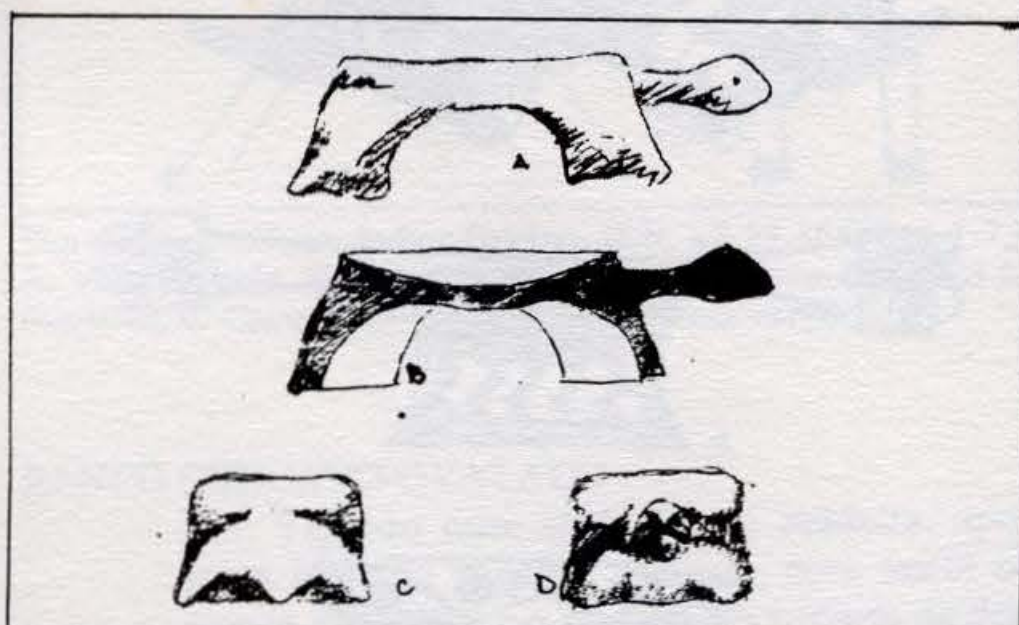
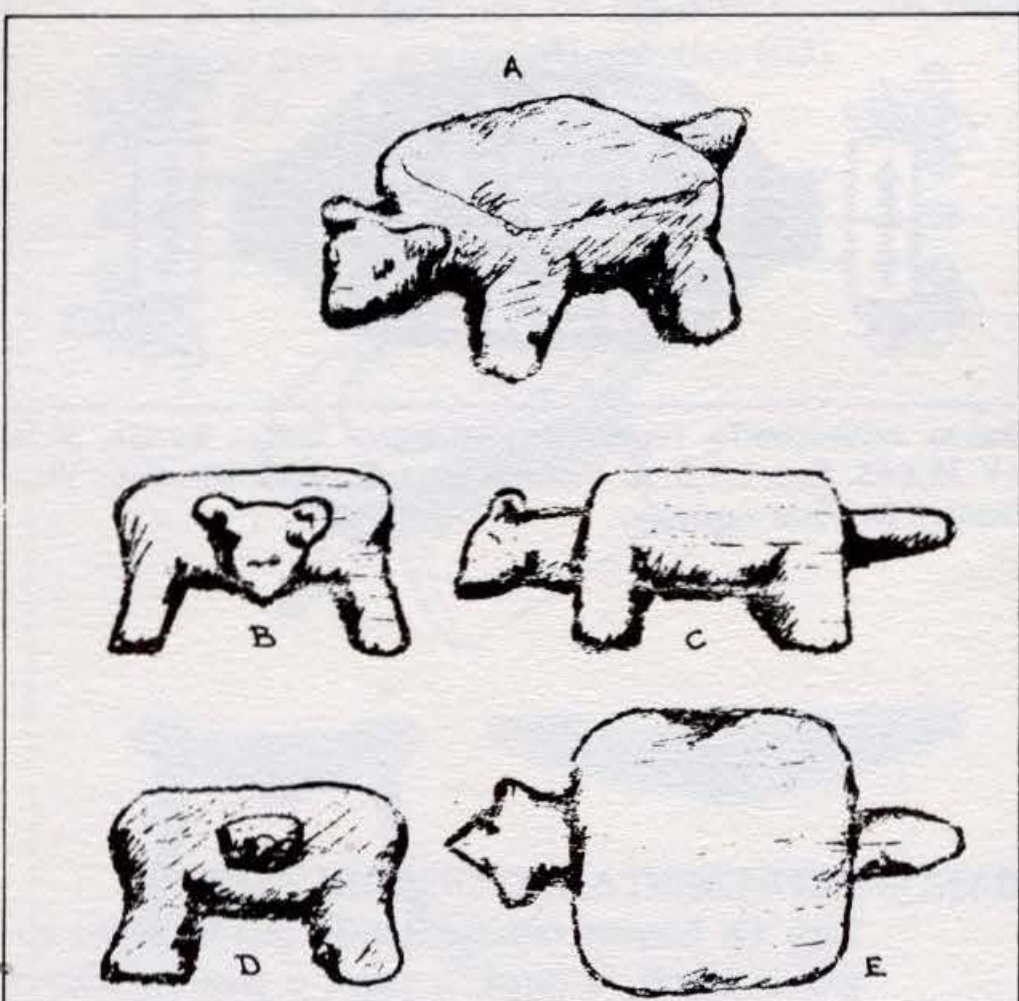
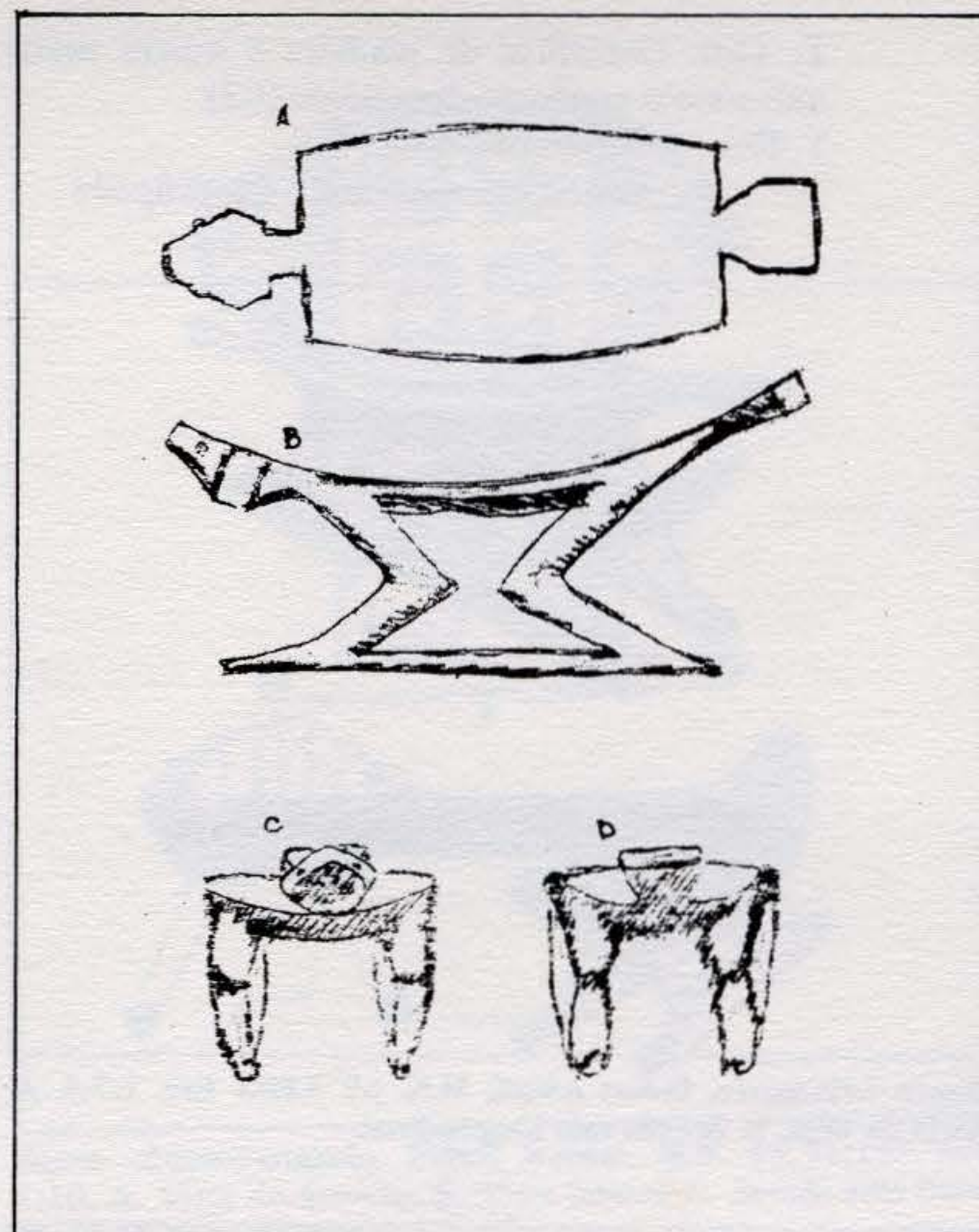
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico (03)
T. Rel. Banco ornitomorfo
Banco representando quadrúpede

Banco ictiomorfo. Índios Awetí, M.N. nº 3.800. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Secção reta longitudinal.

Banco ornitomorfo. Índios do alto Xingu, M. N. nº 37.414. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Secção longitudinal. C. Vista superior. D. Vista frontal.

BANCO ORNITOMORFO

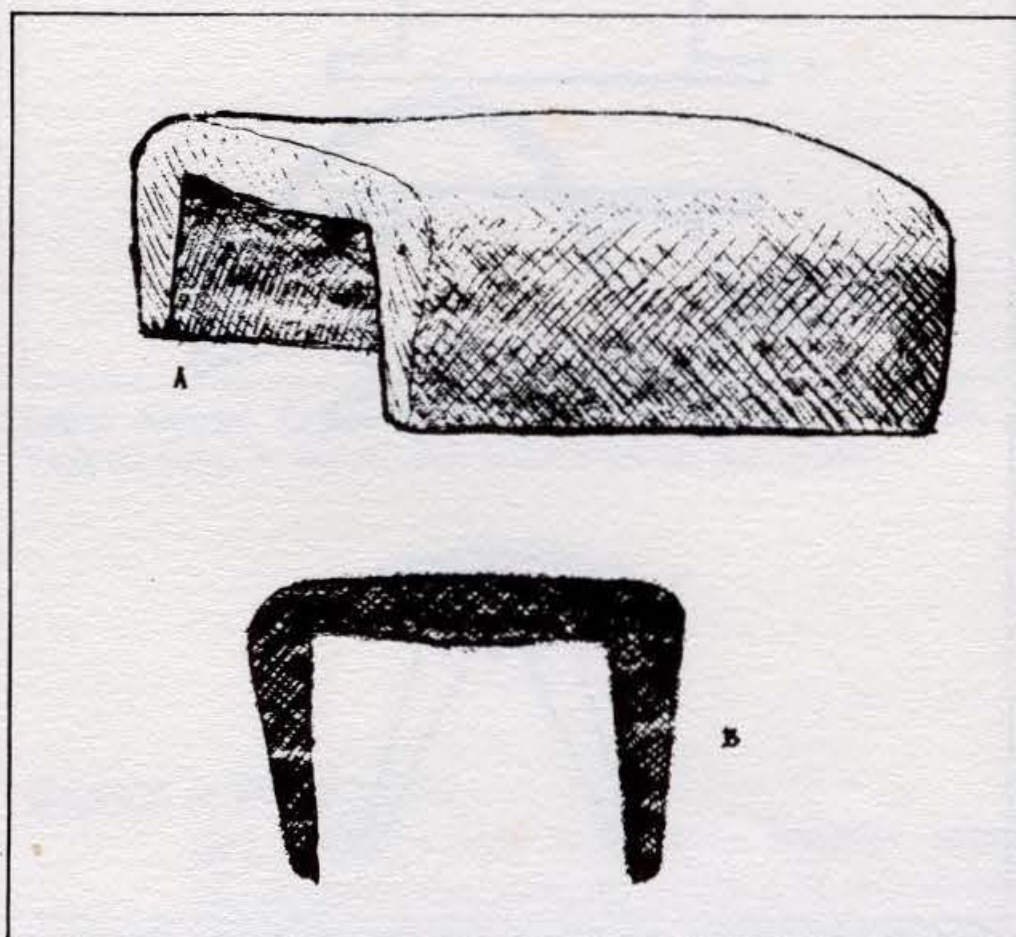
Def. Talhado num só bloco de madeira, repousando o assento sobre dois trilhos com prolongamentos. O assento termina, nas duas extremidades, com uma cabeça e um rabo – no caso dos bancos ornitomorfos do alto Xingu – ou duas cabeças triangulares, a exemplo dos bancos Karajá, providos com olhos de madrepérola e pupilas de cera (Krause 1941-4, v. 78:249, Baldus 1970:158), que representam a arara.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico (03)
T. Rel. Banco ictiomorfo
Banco representando quadrúpede

Banco ornitomorfo representando arara. Índios Karajá, M.N. nº 38.645. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Vista lateral. C. Vista frontal. D. Vista superior.

BANCO REPRESENTANDO QUADRÚPEDE

Def. Os bancos representando quadrúpedes como o jabuti, a onça, o sapo, o jacaré e outros são, normalmente, apoiados sobre quatro pés, destacando-se os traços característicos na cabeça do animal figurado.

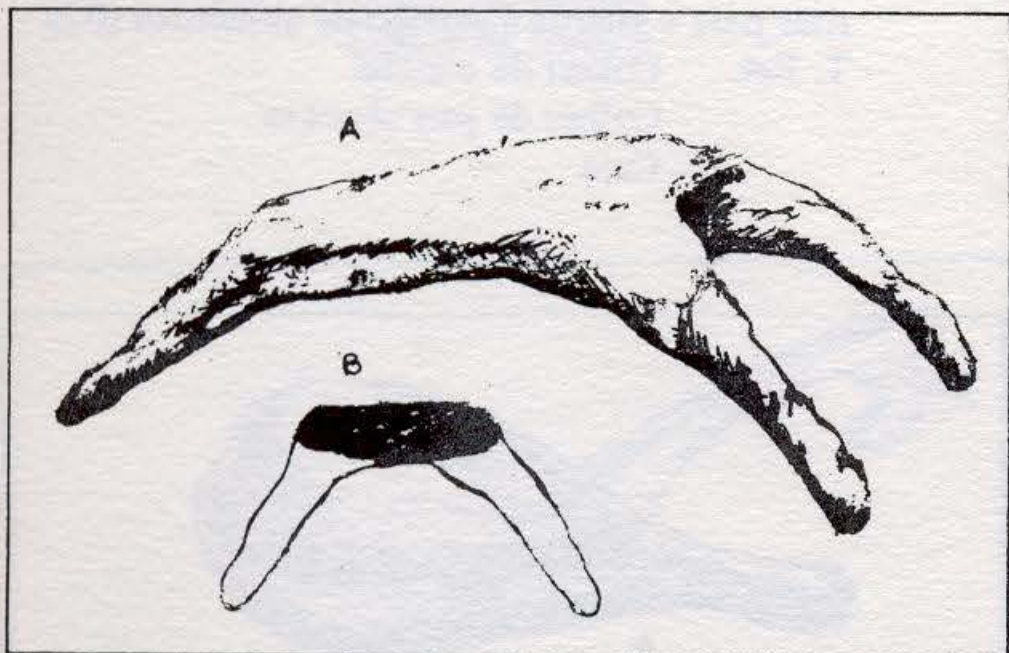
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico (03)
T. Rel. Banco ictiomorfo
Banco ornitomorfo

Banco representando quadrúpede: sapo. Índios Tukúna, M.N. nº 32.585. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Secção reta transversal.

Banco representando quadrúpede não identificado, apoiado sobre dois pés. Índios Tukúna, M.N. nº 32.586. Esc. 1:10. A. Vista lateral. B. Secção reta longitudinal. C. Vista posterior. D. Vista frontal.

Banco representando quadrúpede: tatu. Índios Jurúna, M.N. nº 35.249. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Vista anterior. C. Vista lateral esquerda. D. Vista posterior. E. Vista superior.

Banco representando quadrúpede: jaguar. Índios Makuxí, M. N. nº 27.542. Esc. 1:10. A. Vista superior, B. Vista lateral esquerda. C. Vista frontal. D. Vista posterior.

BANCO RETANGULAR

Def. Tamborete talhado num só bloco de madeira em forma de retângulo, abaulado no assento, repousando sobre dois trilhos.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico (03)
T. Rel. Banco cupular

Banco retangular não figurativo. Índios Kaiwá, M. N. nº 33.564. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Corte transversal.

BANCO TRÍPODE

Def. Assento talhado em madeira, não figurativo, apoiado sobre três pés.

T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico (03)

Banco trípode. Índios Makuxí, M. N. nº 27.541. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Secção reta transversal.

BATEDOR DE LÍBER

Def. Rolo de madeira devidamente aparelhado para espichar, por bateção, a entrecasca de árvore e formar "panos".

T. Gen. Implementos de madeira e outros materiais para o trabalho artesanal (05)

Batedor de líber. Índios Tukâno, M. N. nº 40.278. Esc. 1:3.

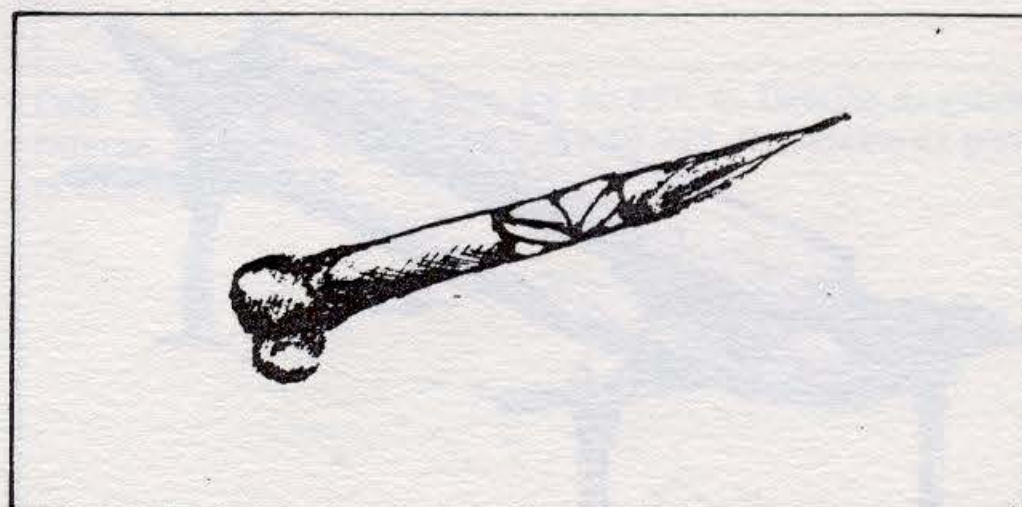
BROCA

Def. Para perfurar sementes, dentes, conchas, caramujos, pedra e outros materiais de que são feitos os adornos, utilizava-se o osso de macaco *(Lagothrix* sp.) o qual era rodado em vai-e-vem com as duas mãos como se faz com o ignígero. (Roth 1970:78). Karl v. den Steinen fala de um perfurador giratório com pontas de pedra, assim descrito: "As conchas e as pedras eram perfuradas com virote. Entalava-se numa varinha — em cada extremidade, para que se pudessem usar as duas — um pedacinho triangular de pedra dura presa por meio de um fio. A varinha media mais ou menos 1/2 m e girava entre as mãos. Para perfurar-se a pedra juntava-se areia". (1940:249-250). Os Borôro ainda utilizam um implemento idêntico para os mesmos fins (Albisetti & Venturelli 1962:502).

T. Gen. Implementos de madeira e outros materiais para o trabalho artesanal (05)

T. Rel. Perfurador dente de peixe-cachorro

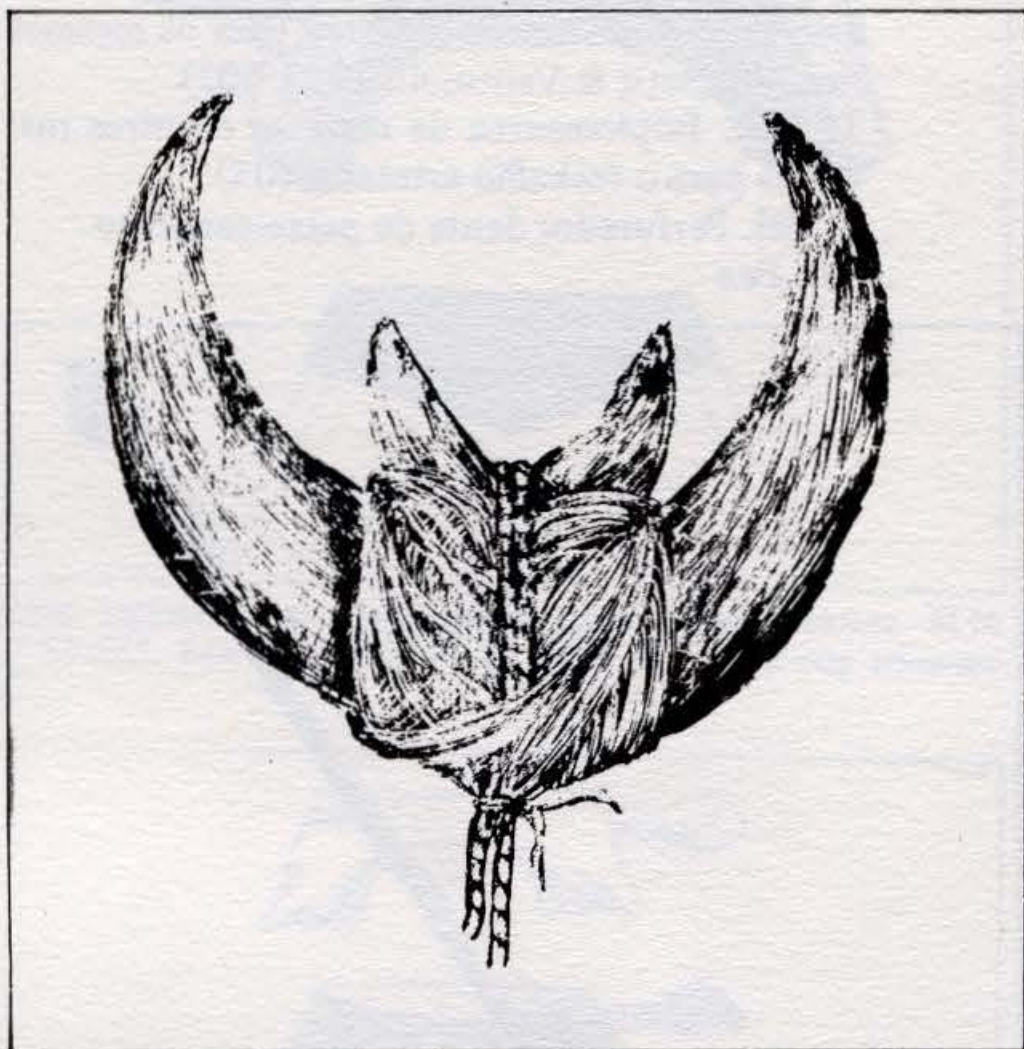
Sin. Pua

Broca ou "perfurador giratório" com duas cabeças de pedra aguçada. Índios do alto Xingu, *apud* Steinen 1940:250 fig. 21 (1/3 do tamanho natural).

Broca (ou furador?) de fêmur de macaco. Índios Krixaná, Museu Pigorini nº 11.582/G, *apud* Zevi et alii 1983:34.

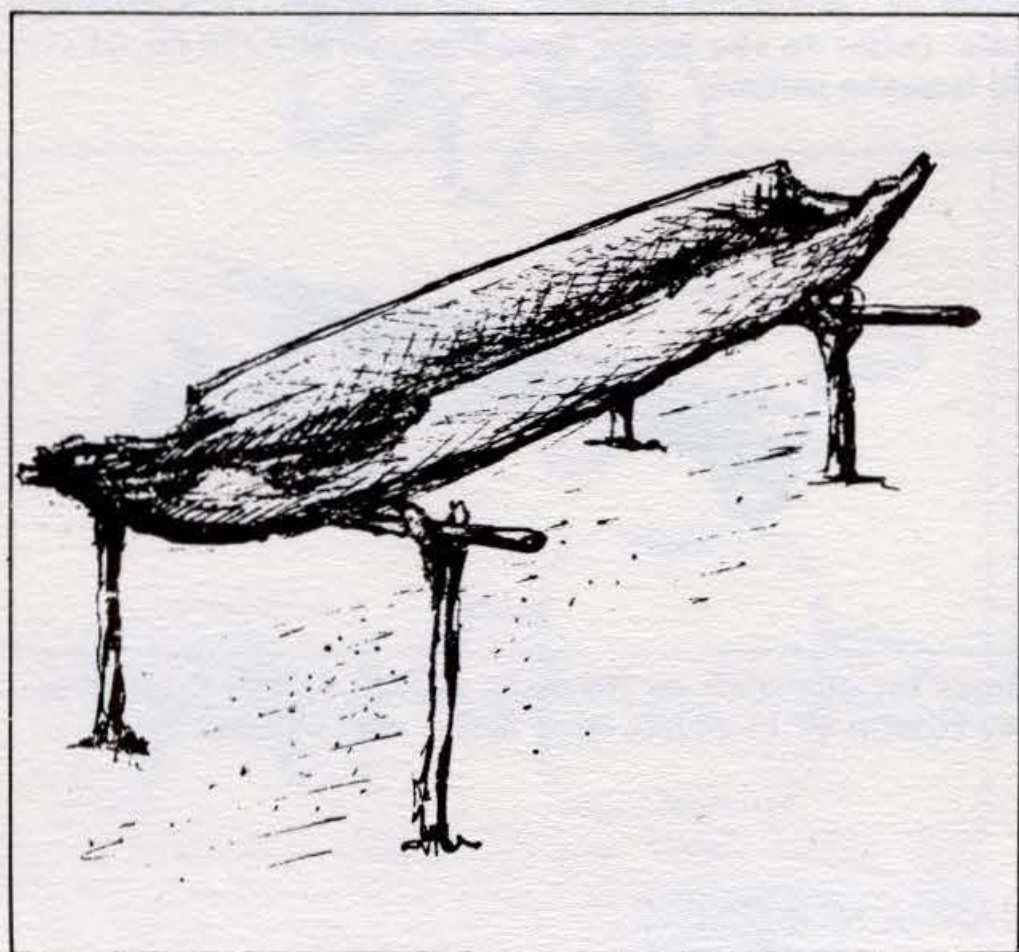
CANOA MONÓXILA

Use: IGARA

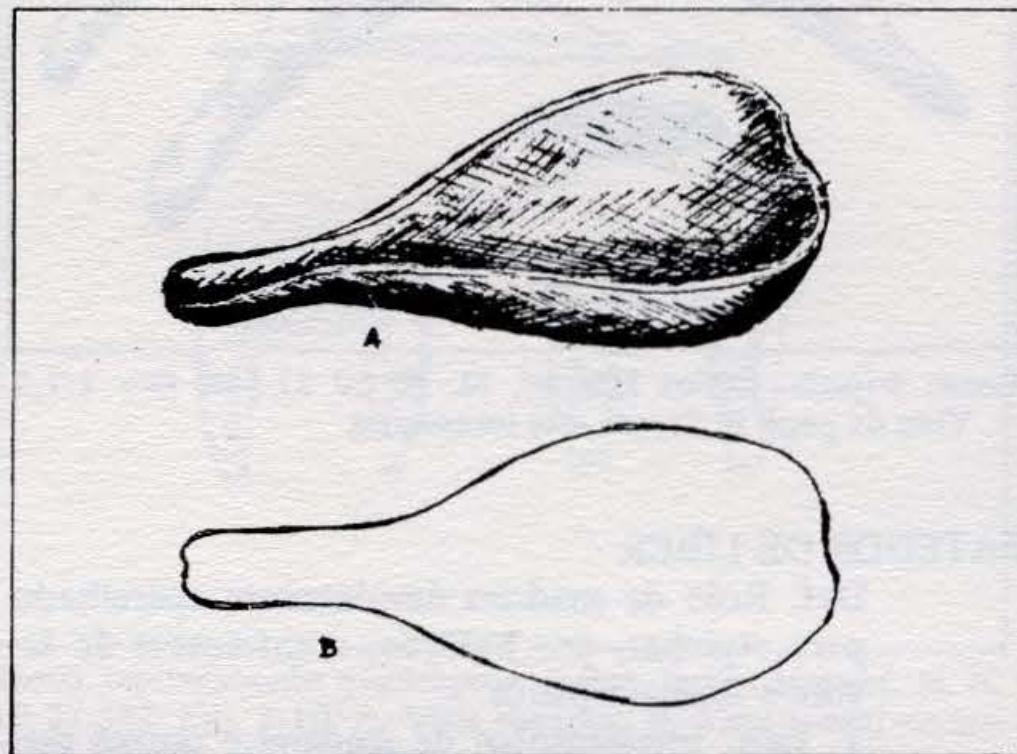
CAVADOR GARRAS DE TATU-CANASTRA

Def. Implemento agrícola arcaico constituído das garras médias dianteiras do tatu canastra *(Priodontes giganteus)*. Segundo von den Steinen, "servia ao homem como ao próprio animal, para cavar e revolver a terra; constituía a enxada dos índios" (1940:253).
T. Gen. Implementos de madeira e outros materiais para o trabalho agrícola (04)

Cavador garras de tatu-canastra. Índios do alto Xingu. *Apud* Steinen 1940:252 fig. 25. (2/5 do tamanho normal).

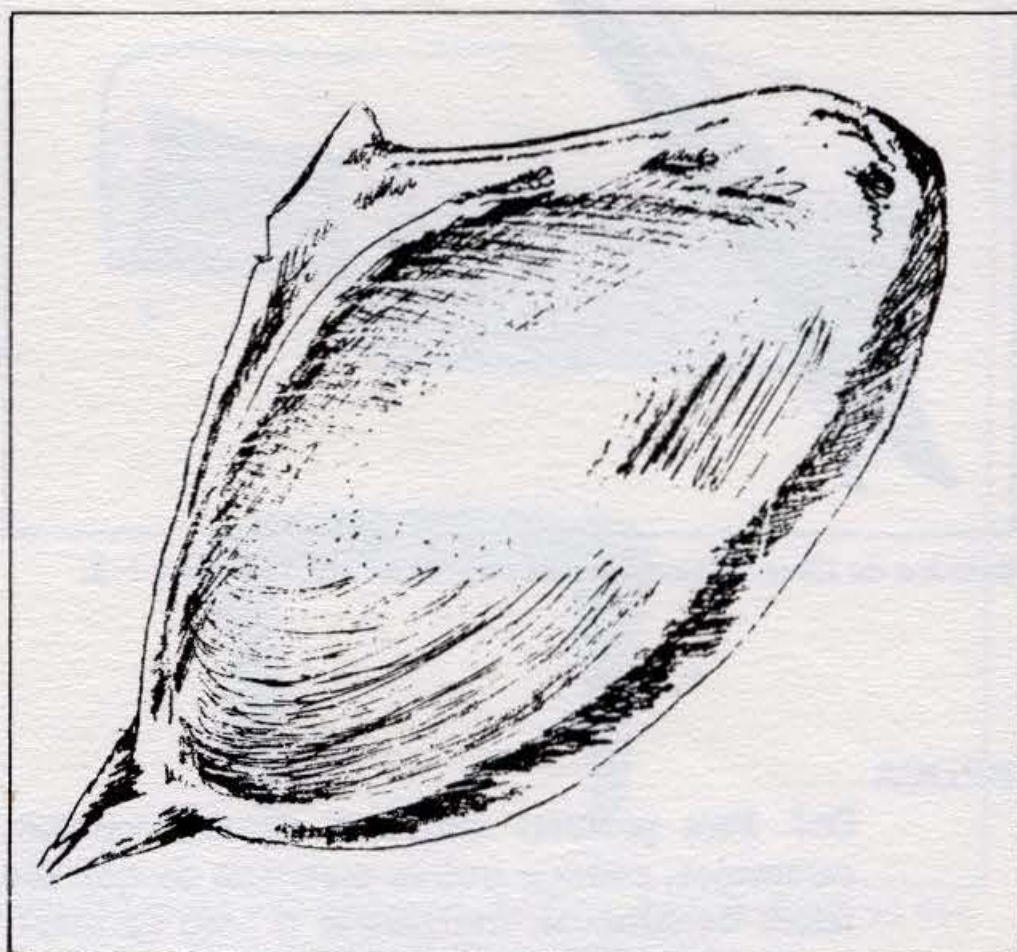
COCHO

Def. Grande peça escavada num tronco de árvore, ou canoa velha, onde se fermenta e armazena bebidas inebriantes.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para a guarda e serviço de alimentos (02)

Cocho. Desenho segundo foto. Índios Jurúna.

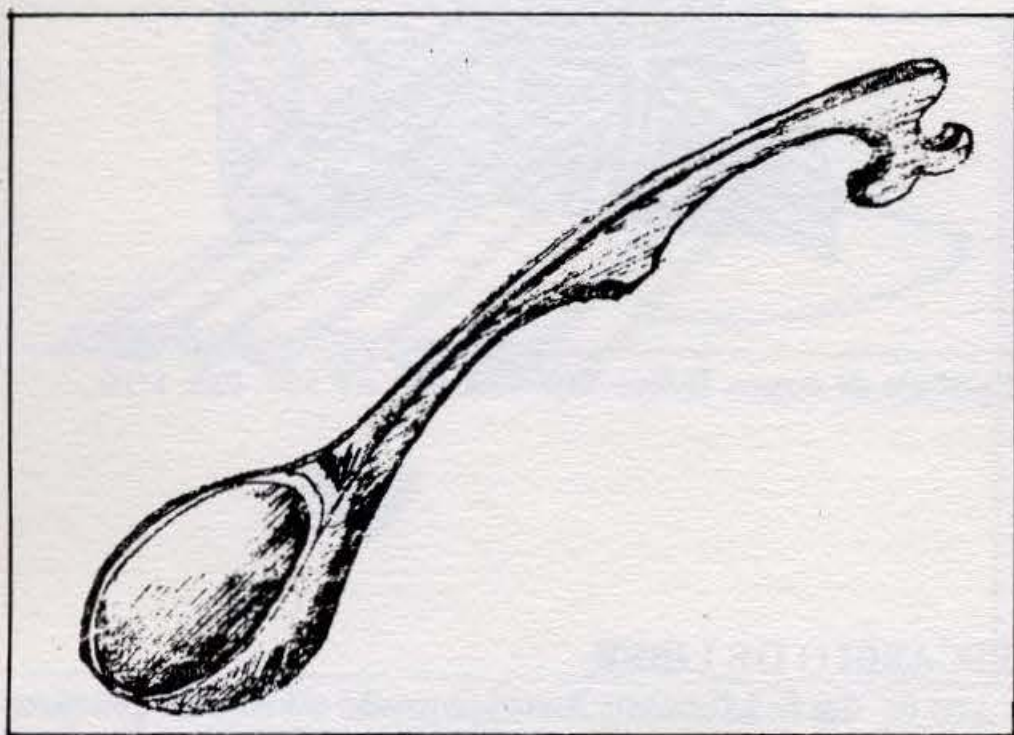
COLHER DE CABAÇA

Def. Cucurbitácea piriforme, da espécie chamada porongo, cortada ao meio, servindo a parte oblonga de cabo e a redonda de concha para se levar a comida à boca.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para a guarda e serviço de alimentos (02)
T. Rel. Colher de concha
Colher de pau côncava
Cuia

Colher de cabaça. Índios Kamayurá, M.N. nº 35.186. Esc. 1:5.
A. Vista da peça. B. Perfil.

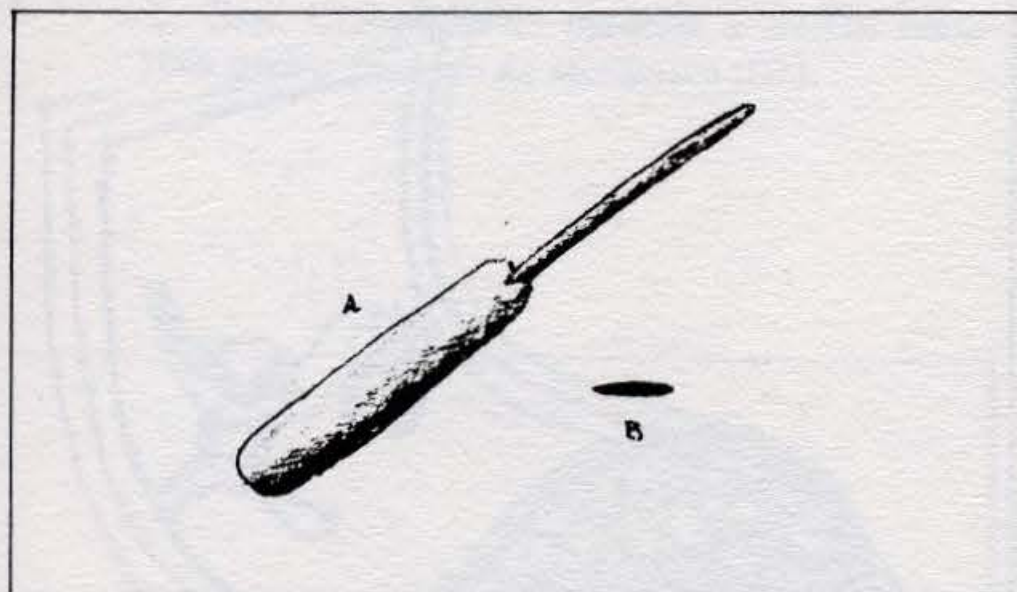
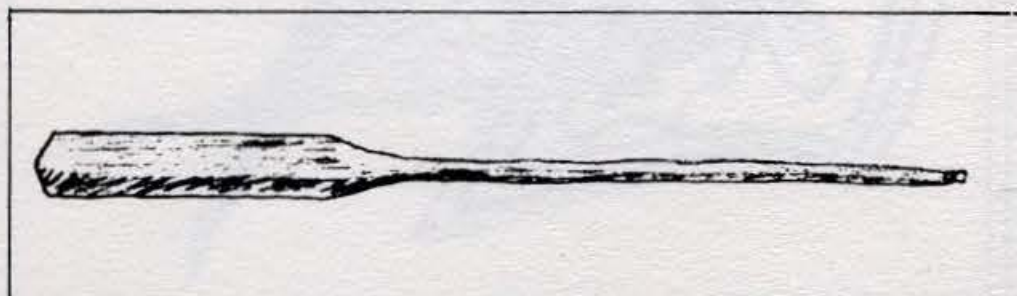
COLHER DE CONCHA

Def. Utensílio feito do invólucro calcário de molusco bivalve utilizado como colher para levar comida à boca.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para a guarda e serviço de alimentos (02)
T. Rel. Colher de cabaça
Colher de pau côncava

Colher de concha. Índios Marúbo, M.I. nº 75.4.10. Esc. 1:3.

COLHER DE PAU CÔNCAVA

Def. Utensílio talhado em madeira, de feitio análogo ao da concha, e provido de cabo para levar alimentos à boca ou mexer iguarias.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o serviço de alimentos (02)
T. Rel. Colher de cabaça
Colher de concha

Colher de pau côncava. Índios Krahó, M. I. nº 75.6.207. Esc. 1:7,5.

COLHER DE PAU ESPATULADA

Def. Utensílio para mexer a farinha torrada no tacho ou a comida em ebulição constituído de um pequeno remo de madeira espatulado.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)
T. Rel. Colher polidental

Colher de pau espatulada. Índios Jahuna, M.N. nº 21.667. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Corte transversal.

Colher de pau espatulada. Índios Tiriyó, *apud* Frikel 1973:309 fig. 33c.

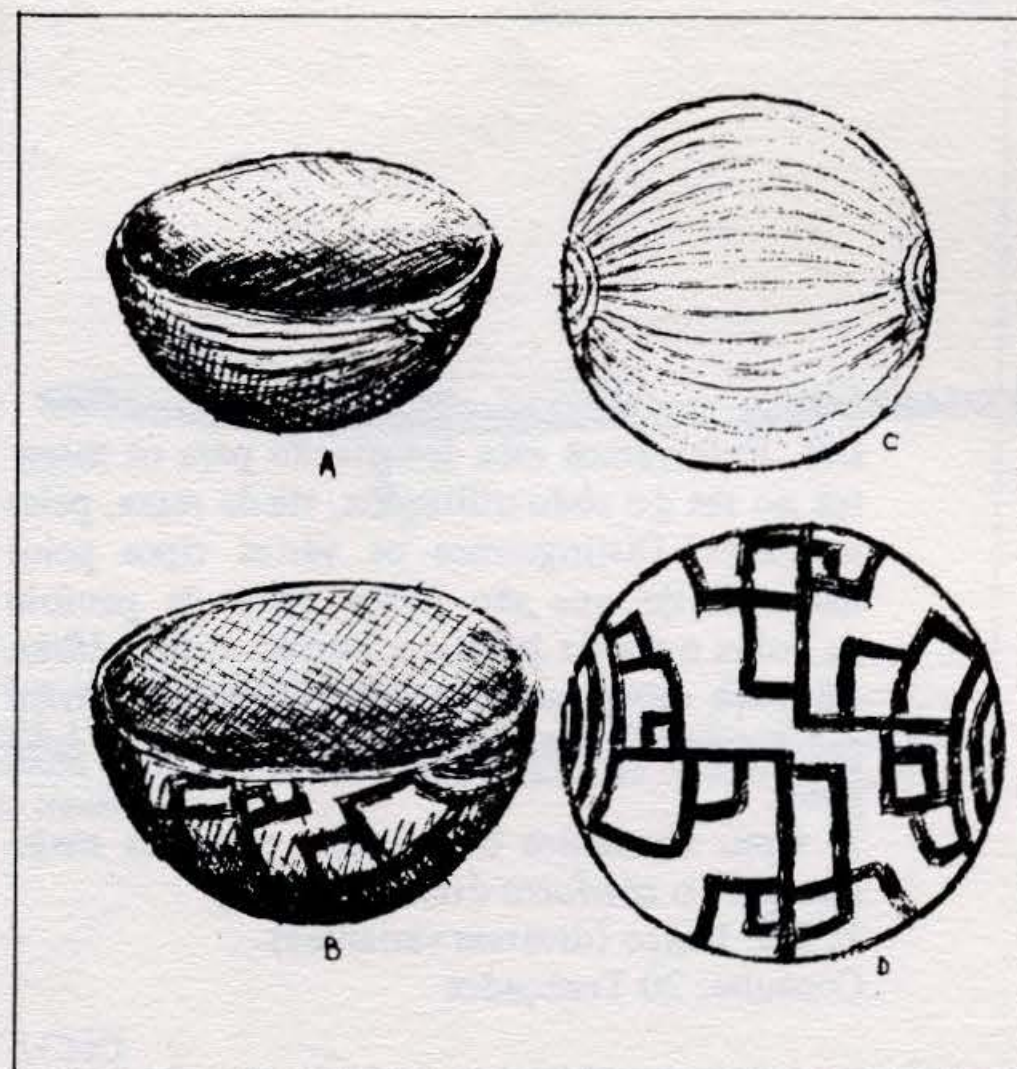
COLHER DE PAU POLIDENTAL

Def. Utensílio para mexer a comida em ebulição constituído de galho e/ou raiz tri ou polidental.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)
T. Rel. Colher de pau espatulada
Nota: não foi encontrado paradigma nas coleções consultadas.

CUIAMBUCA

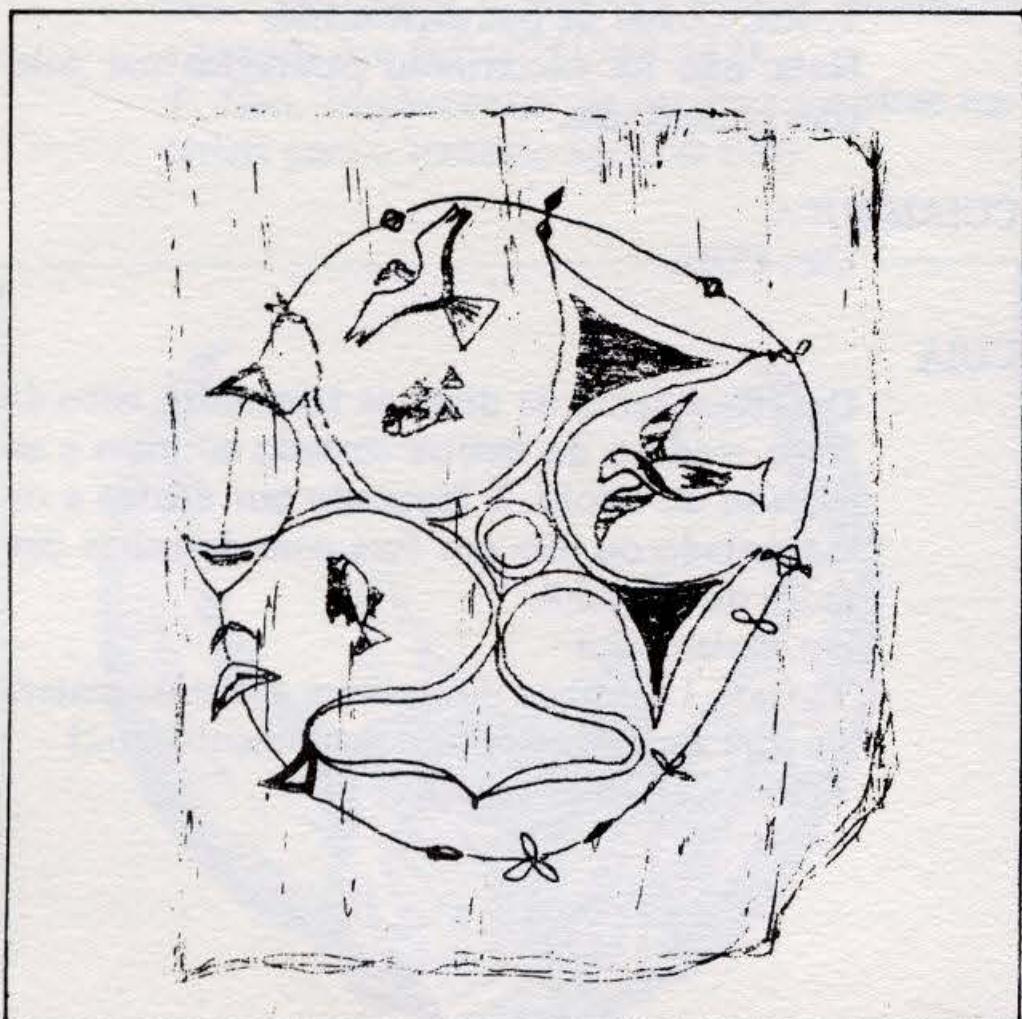
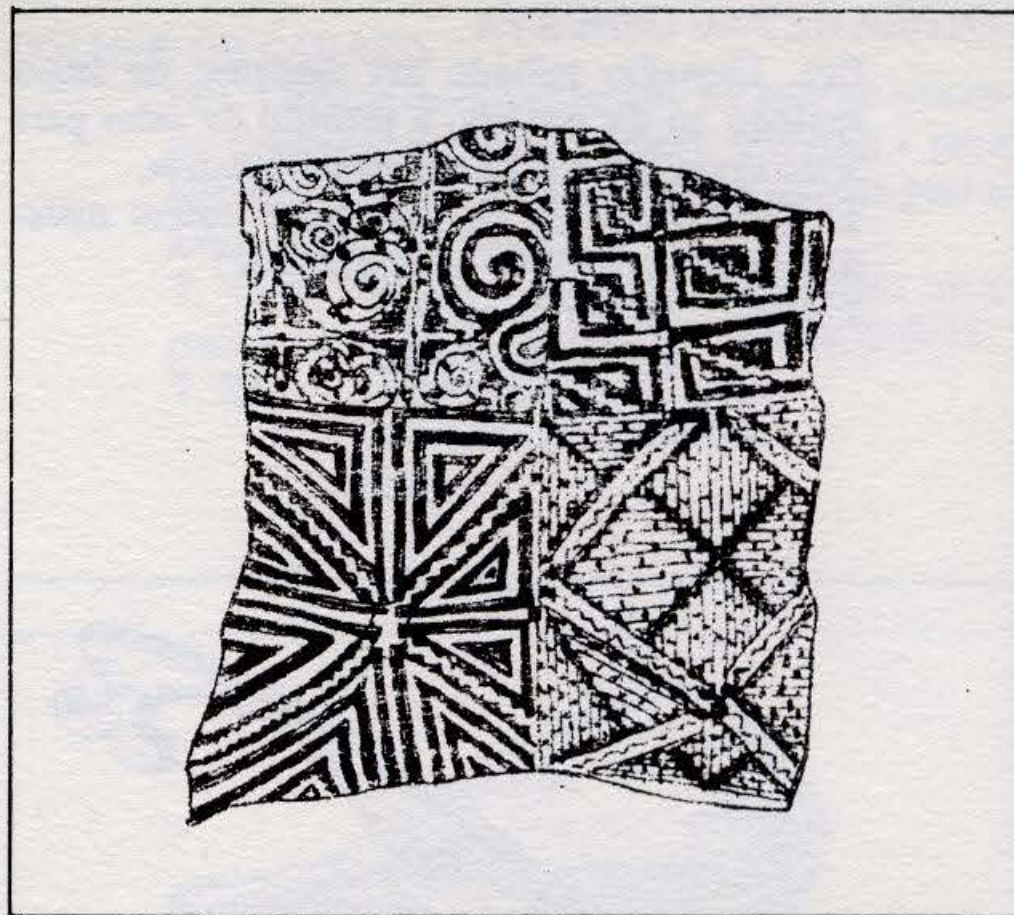
Use: CUIA

CUIA

Def. Recipiente de diversos tamanhos, feito do fruto maduro da cuieira cortado ao meio e esvaziado do miolo. É laqueado por dentro e ornamentado ou não por fora com desenhos pintados ou gravados.
Sin. Cuiambuca
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para a guarda e serviço de alimentos (02)
T. Rel. Colher de cabaça

Cuia. A. Índios Asuriní, M.N. nº 40.897. C. Detalhe da gravura externa. B. Índios Asuriní, M.N. nº 40.929. D. Detalhe da gravura externa. Esc. 1:5.

DIVISÓRIA INTERNA DE LÍBER

Def. Painel de líber de grande dimensão utilizado para isolar compartimentos internos na maloca.

T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico (03)
T. Rel. Assento de líber

Divisória interna de líber. Índios Pianokotó, M.I. nº 8.565. Esc. 1:33,3.

Escabelo de couro. Índios Kadiwéu, M.I. nº 501. Esc. 1:10.

ESCABELO DE LÍBER

Def. Líber ou tururi, ornado ou não de pintura, usado para assento ao rés do chão. Geralmente de uso feminino ou infantil, registra-se entre os Borôro (Albisetti & Venturelli 1962:357), índios do alto rio Negro e outros.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico (03)
T. Rel. Escabelo de couro
Divisória de líber

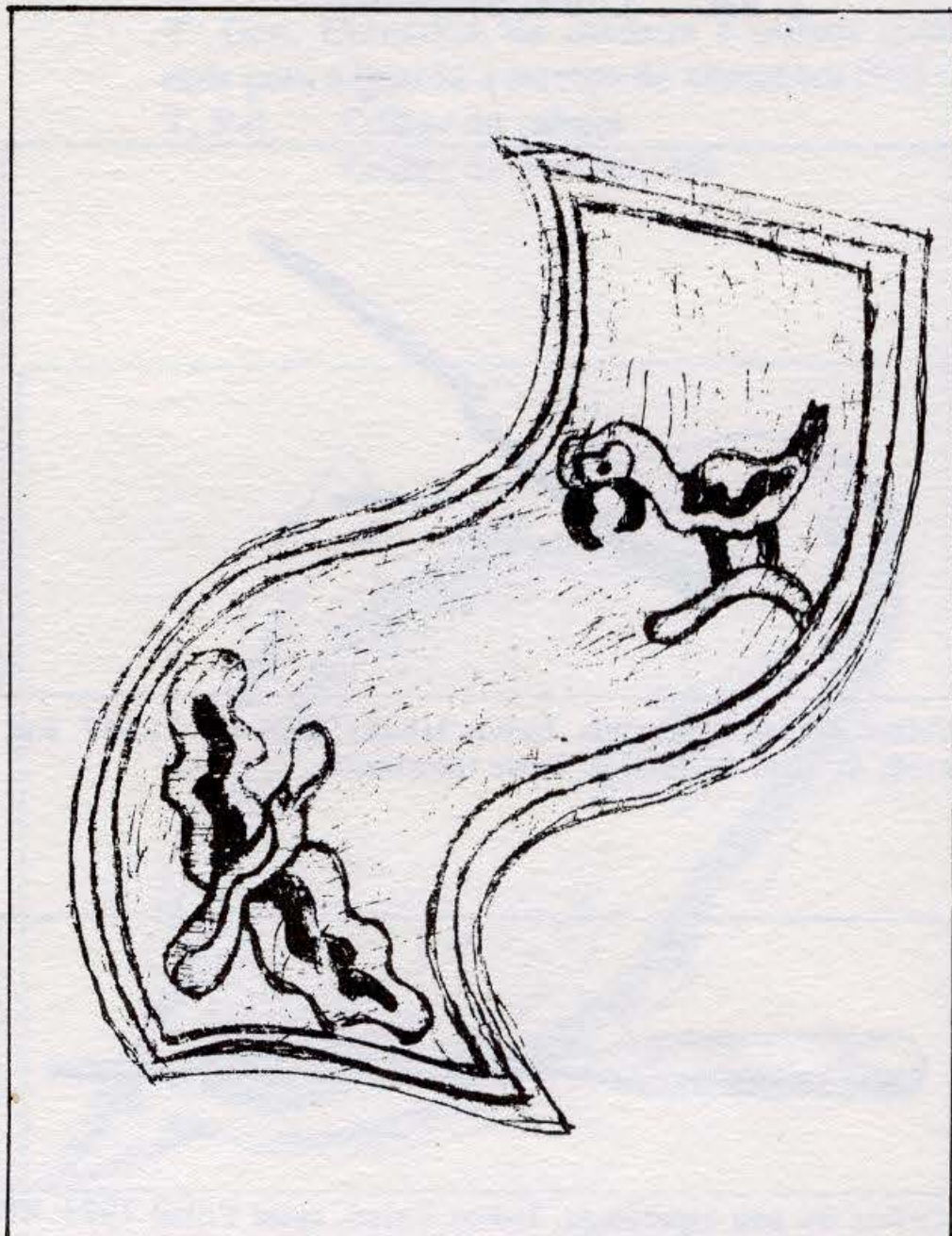
ESCABELO

Def. Reservamos essa designação para os assentos ao rés do chão utilizados, via de regra, pelas mulheres. Distinguimos os vários tipos pelos materiais de que são feitos: talos de pecíolo da folha nova da palmeira buriti; couros, líber, carapaça de tartaruga e tatu. Os assentos trançados (esteiras) são descritos na respectiva categoria.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico (03)
T. Rel. Banco (diversas variantes)
Consulte: 20 Trançados

ESCABELO DE CARAPAÇA

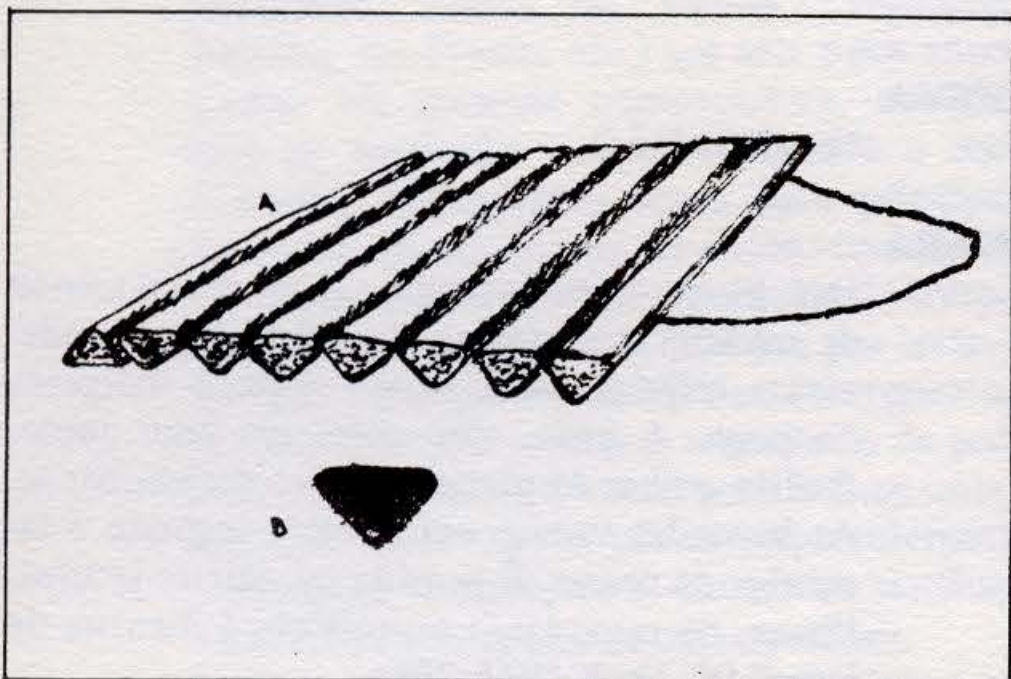
Def. A carapaça dorsal da tartaruga ou do tatu serve de assento improvisado, corrente em todas as aldeias. (Yde 1965:160).
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para conforto doméstico (03)
Nota: não foi encontrado paradigma nas coleções consultadas.

ESCABELO DE COURO

Def. Couro curtido, ornamentado ou não de pintura, usado para assento ao rés do chão. Comum entre os índios Kadiwéu, Borôro e outros.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico (03)
T. Rel. Escabelo de líber

Escabelo de líber. Índios Tukúna, M.N. nº 40.674. Esc. 1:10.

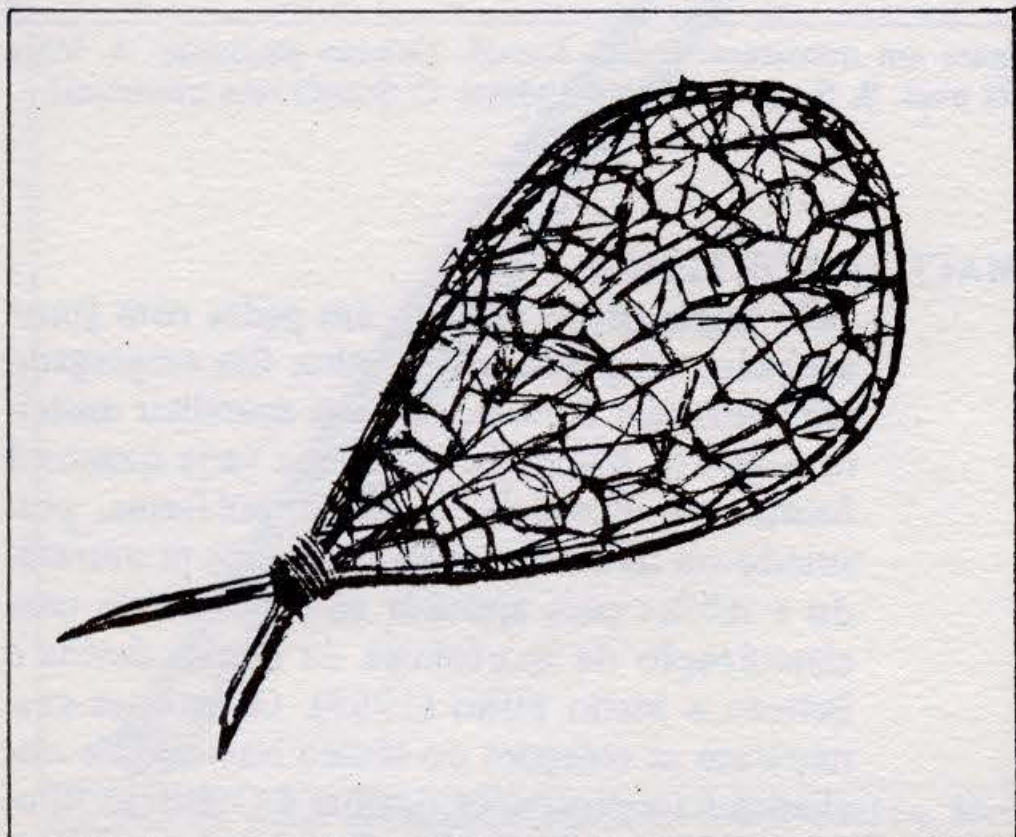
ESCABELO PECÍOLO DO BURITI

Def. Assento raso, ao rés do chão, geralmente de uso feminino, a exemplo do que constróem os índios do alto Xingu com pecíolo de buriti. (*Mauritia flexuosa* Mart.)

T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico (03)

Escabelo pecíolo do buriti. Índios Kuikúro, M.N. nº 39.075. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe de cada unidade.

ESCUMADEIRA

Def. Utensílio de cozinha semelhante a raqueta de tênis. É feito de um aro vergado de madeira flexível, cujo vazio interior é preenchido pelo entrelace de tiras de embira. Usado para retirar alimentos sólidos do caldo. Encontrado apenas entre os Borôro (Albisetti & Venturelli 1962: 321).

T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)

Escumadeira. Índios Borôro, M.N. nº 32.986. Esc. 1:5.

FACA DE MATERIAL INORGÂNICO

Def. Instrumento de corte feito de lasca de sílex ou quartzo com gume nas arestas para uso culinário. (Cf. Roth 1970:76 pr. 6). Encontrada em uso entre os Waiwai no começo do século (ibidem).

T. Gen. Implementos de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)

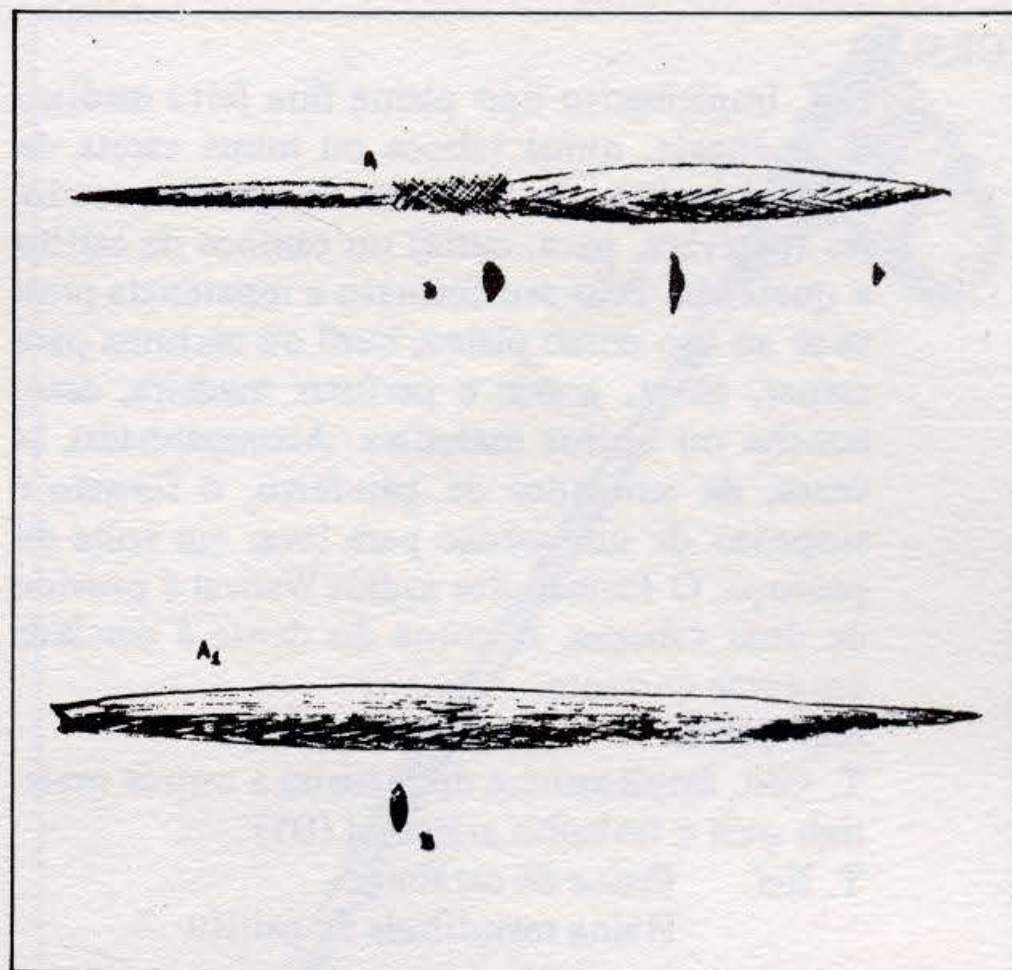
T. Rel. Faca de material orgânico

Nota: Não foi encontrado nenhum espécime nas coleções consultadas.

FACA DE MATERIAL ORGÂNICO

Def. Instrumento de corte feito de lâmina de taboca presa a um cabo de madeira para uso culinário. É acompanhado ou não de bainha.

T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)

T. Rel. Faca de material inorgânico

Faca de material orgânico. Índios Xirianá. *Apud* Koch-Grünberg 1982:264 pr. XLVIII, 6 e 7. A. Vista da peça: lâmina de bambu e cabo de madeira; A_1 Detalhe da lâmina. B. Secções retas transversais.

FACHO

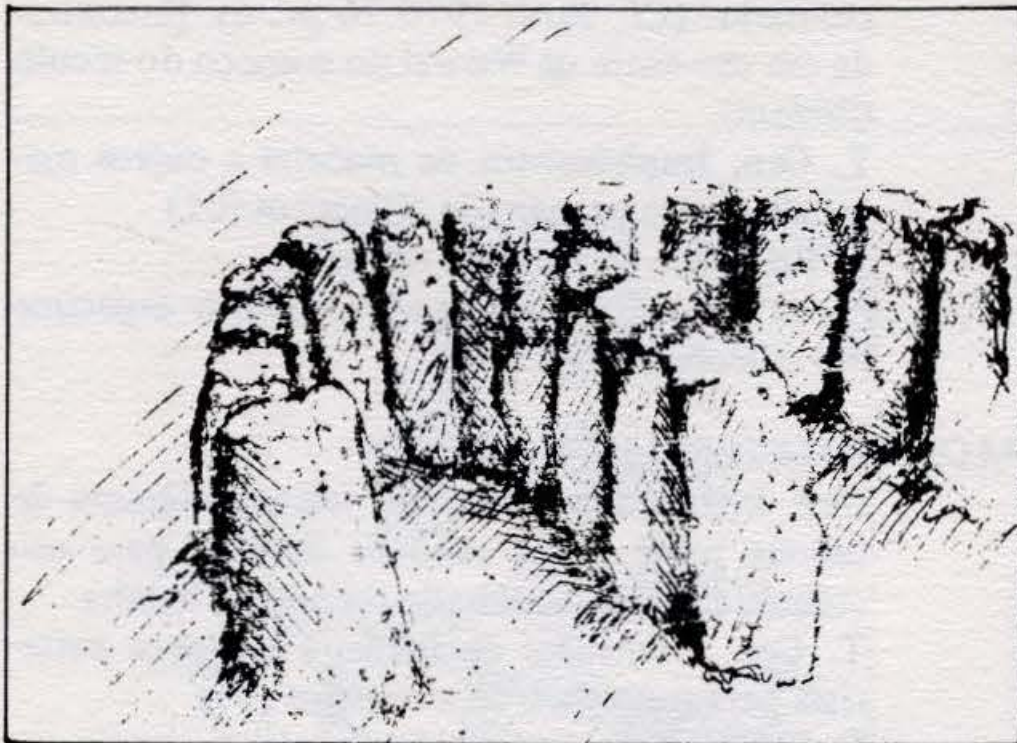
Def. Resina vegetal colada na ponta de uma acha de madeira (Baldus 1942:169). Para iluminação servem, também, lascas de ripeiro, conhecido como turi.

T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para uso e conforto doméstico (03)

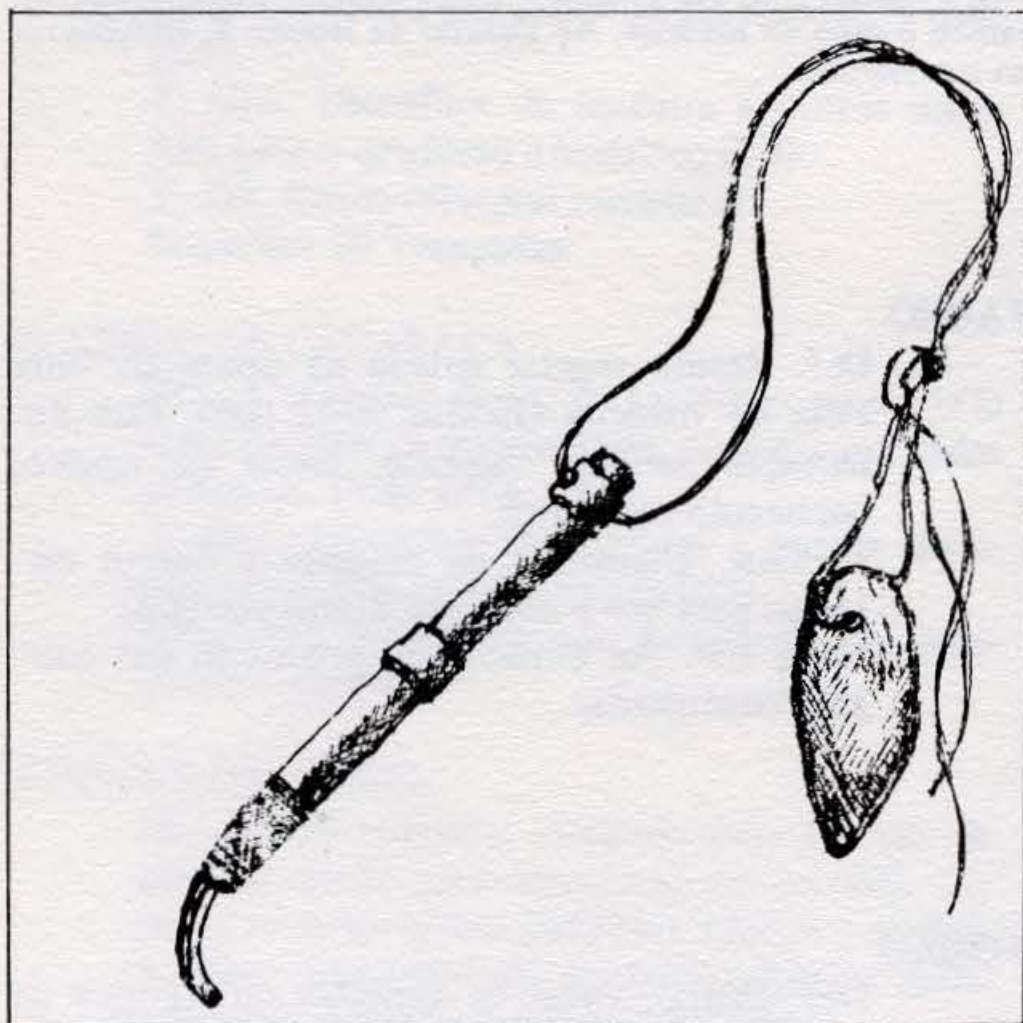
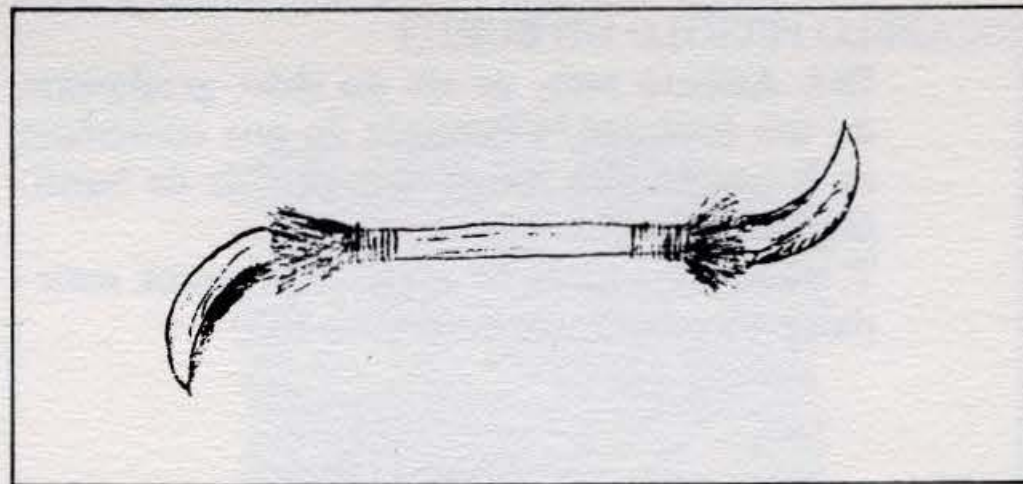
Nota: não foi encontrado protótipo nas coleções consultadas.

FOGÃO

Def. Pedras, casas de térmites ou trempes de cerâmica usadas para equilibrar a panela que vai ao lume.

T. Gen. Utensílios de madeira ou outros materiais para o preparo de alimentos (01)
Consulte: 10 Cerâmica

Fogão constituído de casas de térmites. Índios Kaapor, M.I. nº 6.150. Desenho segundo duas das peças e foto. Esc. 1:7,5.

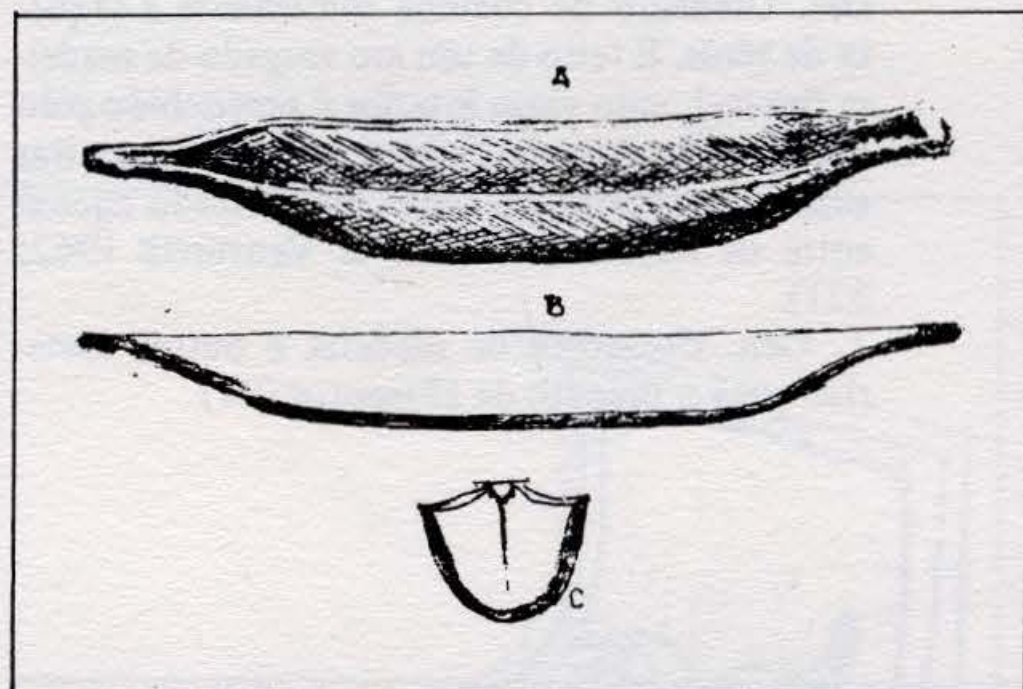
FORMÃO

Def. Implemento tipo plaina fina feito mediante o engate, numa taboca ou numa vareta de madeira roliça, de incisivos de grandes roedores (capivara, paca, cutia) ou caninos de caititu e queixada. Pelo seu formato e resistência presta-se ao uso como plaina, buril ou verruma para raspar, alisar, gravar e perfurar madeira, osso, concha ou outros materiais. Acompanhado, às vezes, de amolador de pau-ferro, o formão é suspenso de um cordão para levar em volta do pescoço. O formão dos índios Waiwai é provido de duas cabeças. A coroa do dente é amolada em gume cortante.
Sin. Goiva.
T. Gen. Implementos de madeira e outros materiais para o trabalho artesanal (05)
T. Rel. Plaina de caramujo
Plaina mandíbula de caititu

Formão de dente de cutia com amolador de pau-ferro. Índios Asuriní, M.N. nº 40.945. Esc. 1:5.

Formão duplo. Índios Waiwai, M.I. nº 79.5.72. Esc. 1:5.

GOIVA

Use: FORMÃO

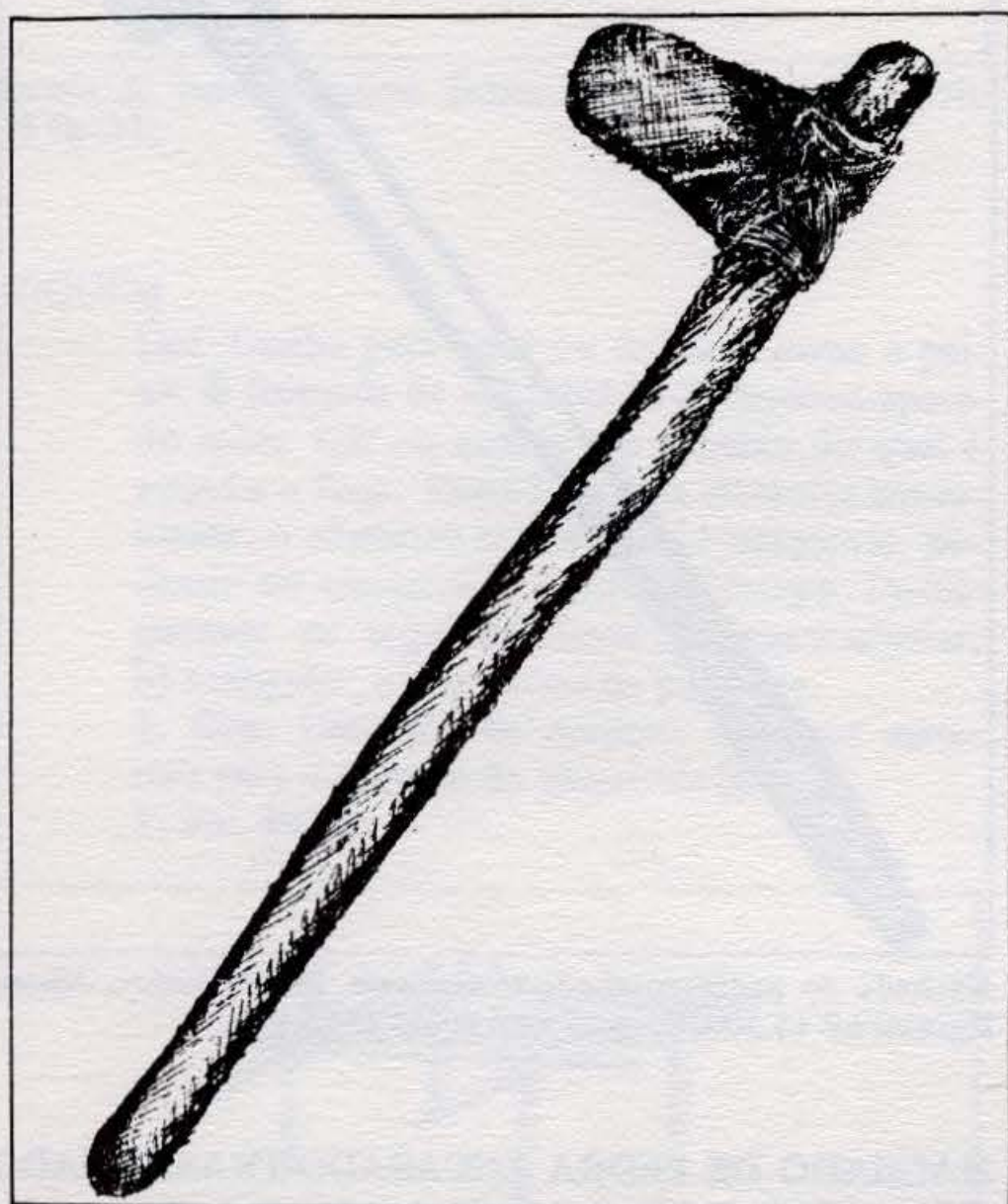
IGARA

Def. Embarcação escavada em um único tronco de madeira (monóxila), de forma aproximadamente elíptica, rasa, fundo chato e soerguida na popa. A proa, com corte em bisel duplo, facilita arribar às praias ou delas desprender-se. As bancadas variam em número segundo o tamanho da canoa. É provida ou não de jacumã; "leme, ou remo largo manobrado à maneira de leme" (G. Cruls 1945:286).
Sin. Canoa monóxila
T. Gen. Implementos de madeira para a navegação (06)
T. Rel. Ubá
V. tb. Acessórios e partes componentes da embarcação (80.02)

Igara em miniatura. Índios Karajá. Coleção particular. A. Vista da peça. B. Secção reta longitudinal. C. Secção reta transversal.

MACHADO DE PEDRA

Def. Implemento talhado em pedra com gume aguçado, adaptado a um cabo. Era empregado para derrubar árvores, rachar e aparelhar madeira e outros materiais. A lâmina varia quanto à forma em: retangular, ovalada, piriforme, possuindo ou não sulco mais ou menos pronunciado e rebites para ajustá-la ao cabo. Existe uma classificação da morfologia da lâmina devida a Beltrão e Mello Filho (1963). Os autores examinaram as coleções do Museu Nacional de machados não encabados devidas à Comissão Rondon e a Jaramillo Taylor. Levam em conta, em

primeiro lugar, a existência ou não de "uma porção bem demarcada com a finalidade específica de reter um cabo, isto é, entalhe, sulco ou ombro" (1963:439). Não distinguem, do ponto de vista tipológico, os machados lascados dos polidos. Para fins descritivos, dividem a lâmina do machado de pedra em: talão, corpo e gume, este último diametralmente oposto ao talão, o qual pode ter ombros, isto é, prolongamentos que determinam "a medida máxima do eixo transverso da peça" (id.: 442). Descrevem, atribuindo nomes de regiões (Trombetas, Itaituba, rio Fresco, etc.) aos sete tipos encontrados. Na presente nomenclatura, classificamos os machados de pedra segundo o encabamento, distinguindo como tipos principais: 1) encabado-cimentado; 2) encabado-dobrado; 3) encabado-embutido); 4) encabado-traspassado. Esta classificação se justifica por tratar-se de uma tipologia etnográfica e não arqueológica. Não obstante prestar-se o machado de pedra à atividade artesanal, tanto quanto à agrícola, é incluído nesta última por ser, aparentemente, a precípua. O machado-de-âncora ou semilunar é descrito na categoria de objetos rituais.
T. Gen. Implementos de madeira e outros materiais para o trabalho agrícola (04)
Consulte: 90 Objetos rituais, mágicos e lúdicos.

MACHADO DE PEDRA ENCABADO-CIMENTADO
Def. Pedra de conformação, tamanho e peso variado, dotada de corte na extremindade livre, com ou sem entalhe na porção anterior. Essa lâmina é ajustada a um cabo – vara de madeira inteiriça – mediante uma ligadura de fibra vegetal recoberta de látex ou de cerol.
T. Gen. Implementos de madeira e outros materiais para o trabalho agrícola (04)

Machado de pedra encabado-cimentado. Índios Baníwa, Museu Pigorini nº 11.164/G, *apud* Zevi et alii 1983:31.

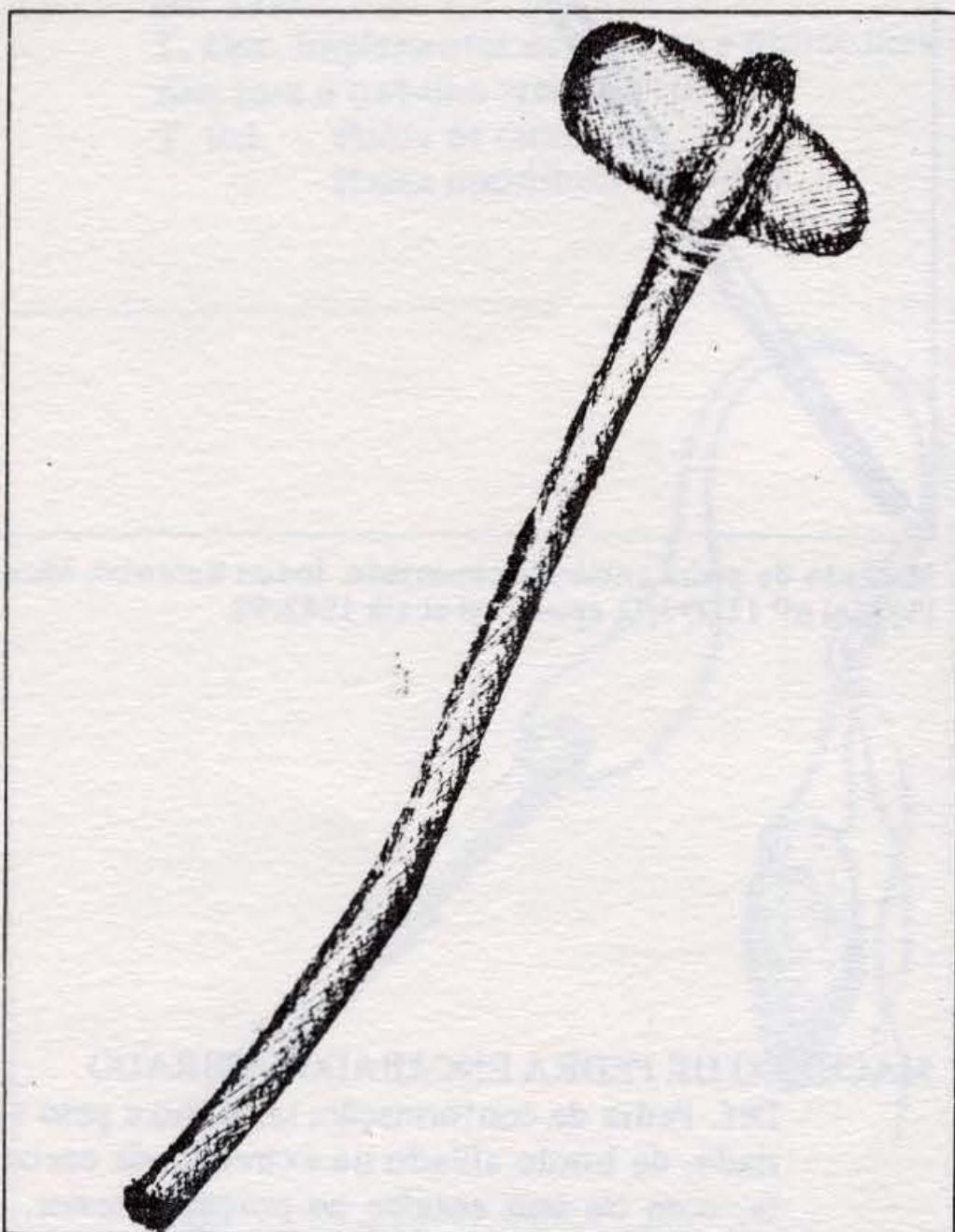
Machado de pedra encabado-cimentado. Índios do r. Padauari, alto r. Negro. M.N. nº 1.225. Esc. 1:10.

Machado de pedra encabado-cimentado. Índios Katawixi, Museu Pigorini nº 11.293/G, *apud* Zevi et alii 1983:98.

MACHADO DE PEDRA ENCABADO-DOBRADO
Def. Pedra de conformação, tamanho e peso variado, de bordo afilado na extremidade cortante, com ou sem entalhe na porção anterior. A lâmina é encaixada num cabo de vara de madeira dobrada ao meio e fortemente amarrada para

sujeitá-la, despontando na extremidade anterior. A amarração é reforçada com cerol.

T. Gen. Implementos de madeira e outros materiais para o trabalho agrícola (04)

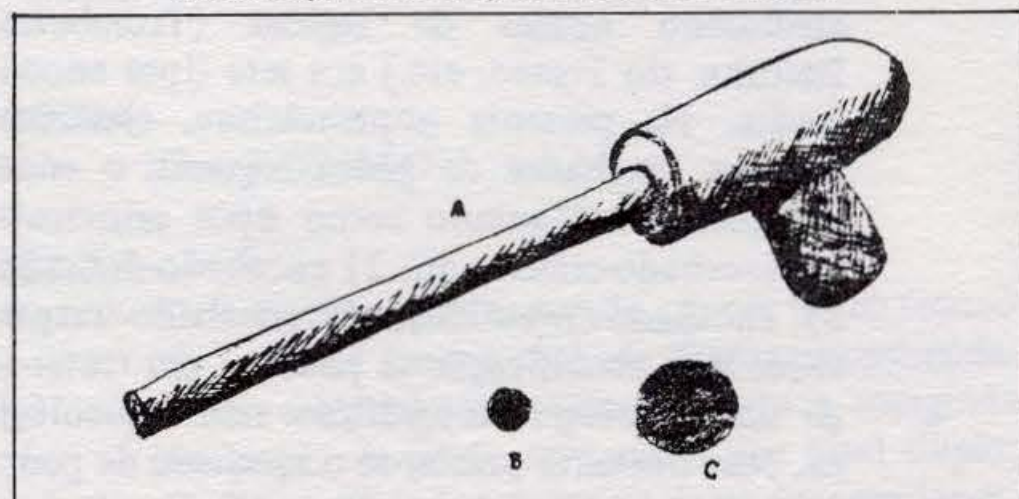
Machado de pedra encabado-dobrado. Índios Nambikuára, M.N. nº 11.961. Esc. 1:7,5.

Machado de pedra encabado-dobrado. Índios Araras, Museu Pigorini nº 15.108/G, *apud* Zevi et alii 1983:125.

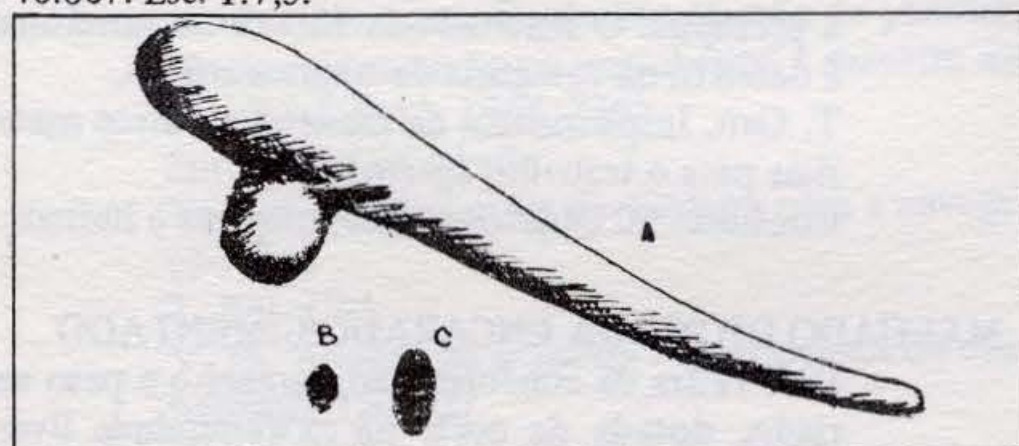
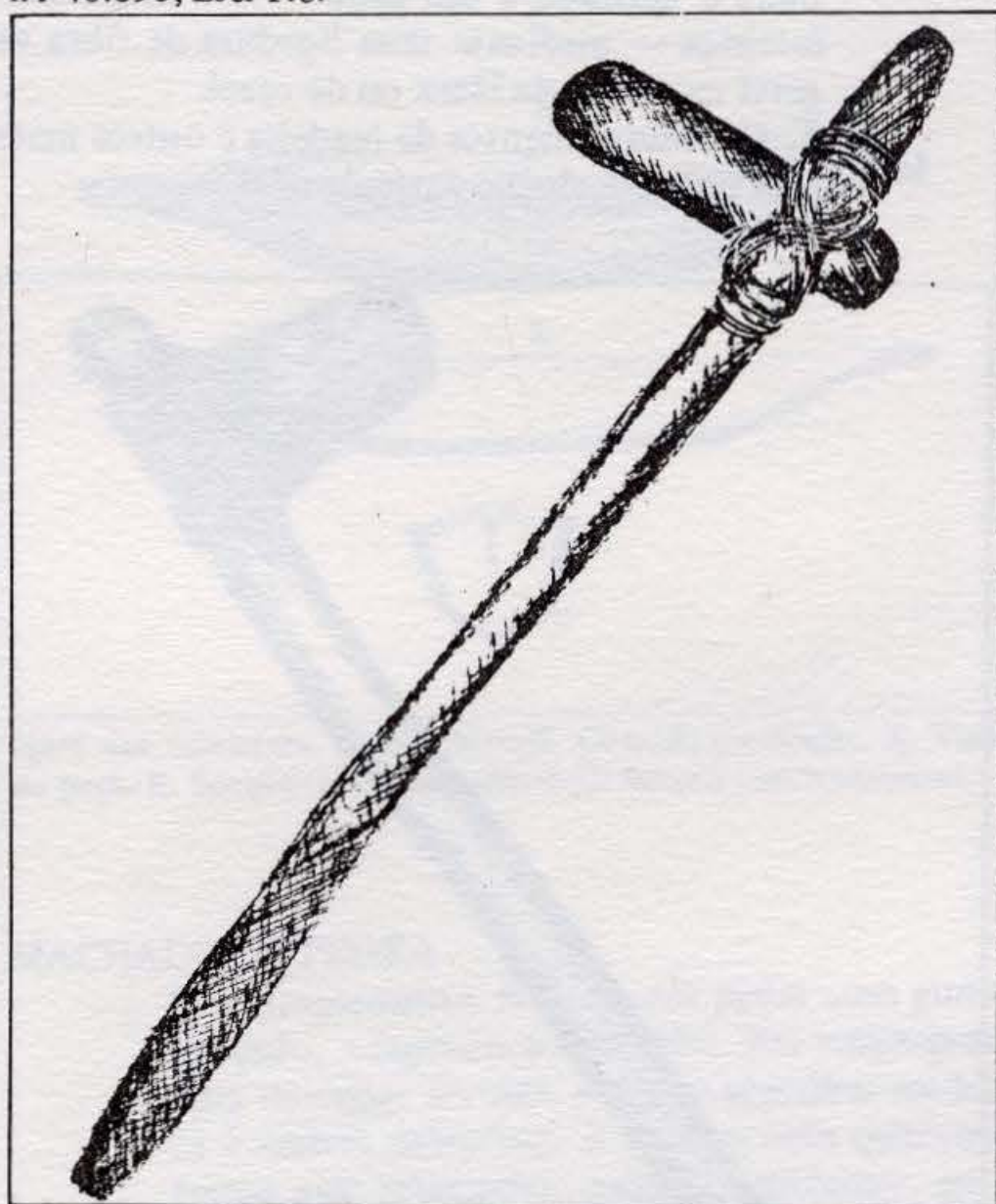
MACHADO DE PEDRA ENCABADO-EMBUTIDO

Def. Pedra de conformação, tamanho e peso variado, de bordo aguçado na extremidade cortante, incrustada num oco feito no cabo de madeira roliça.

T. Gen. Implementos de madeira e outros materiais para o trabalho agrícola (04)

Nota: As lâminas dos machados que servem de paradigma e esse verbete foram encontradas na roça e encabadas a pedido da coletora, B. G. Ribeiro, em 1981, na aldeia Araweté.

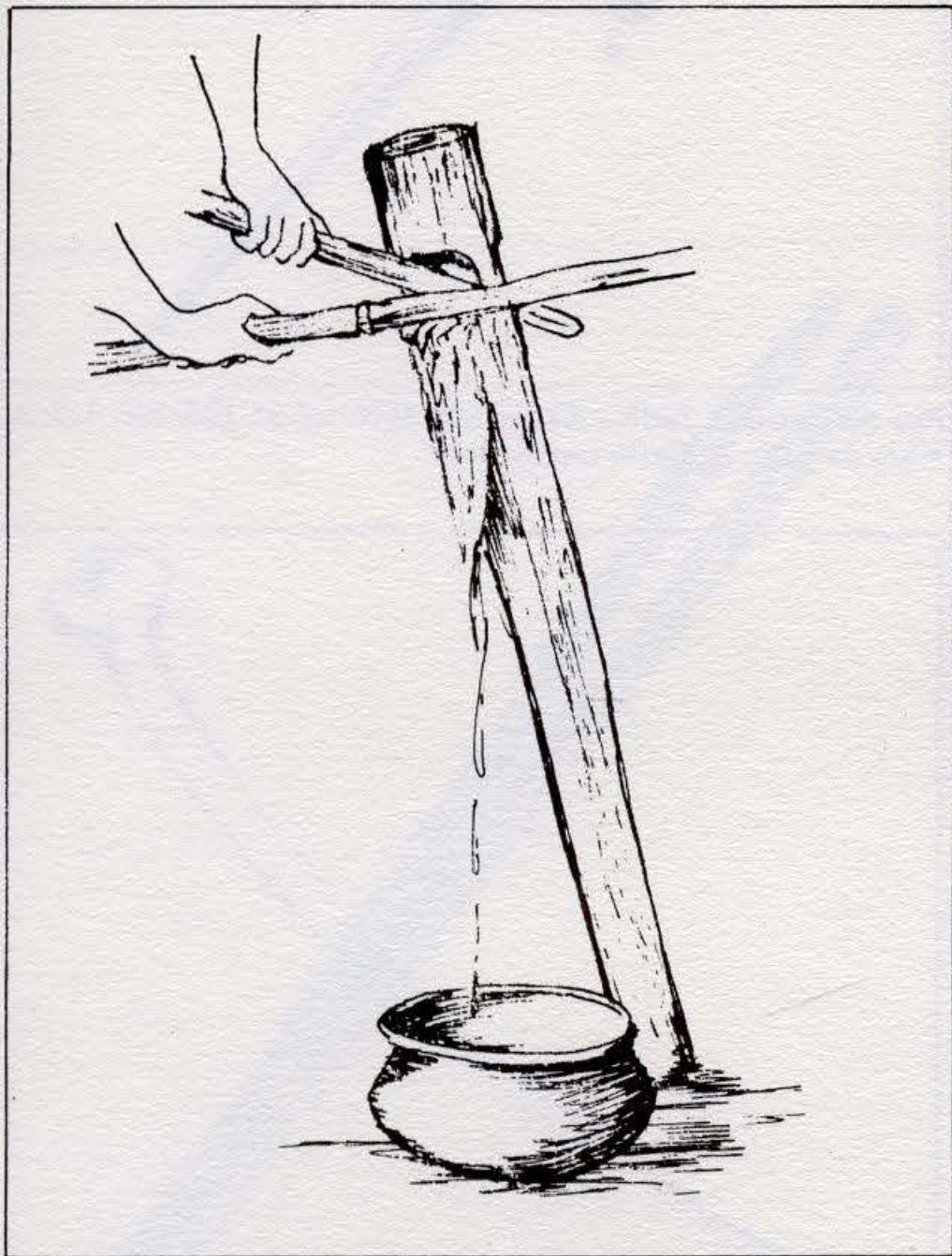
A B C

Machado de pedra encabado-embutido. Índios Araweté, M.N. nº 40.807. Esc. 1:7,5.

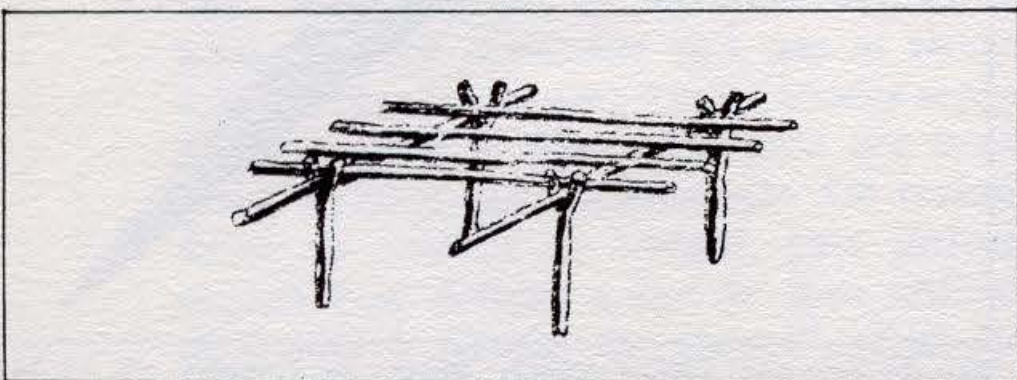
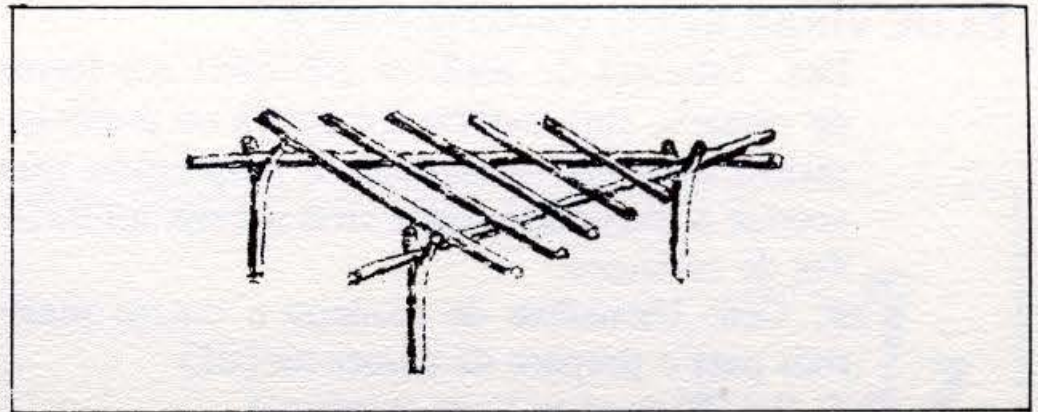
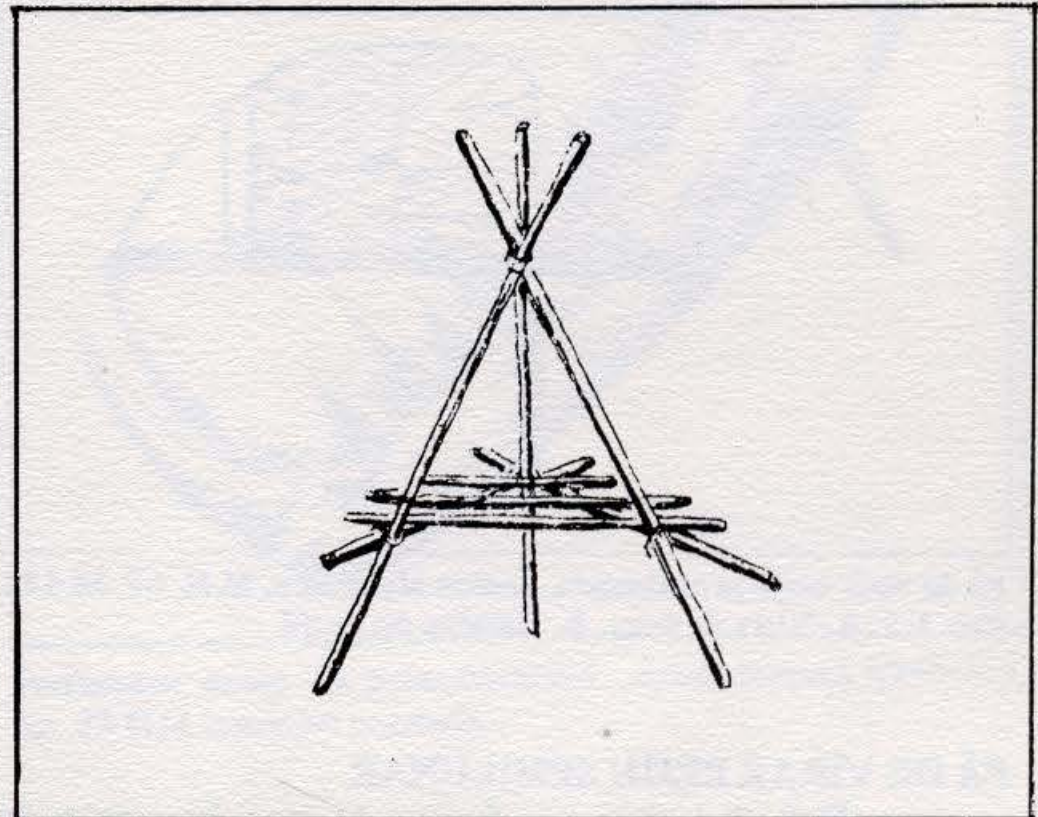
A B C

Machado de pedra encabado-embutido. Índios Araweté, M.N. nº 40.893, Esc. 1:5.

Machado de pedra encabado-traspassado. Índios Borôro, Museu Pigorini nº 15.504/G, *apud* Zevi et alii 1983:116.

MACHADO DE PEDRA ENCABADO-TRASPASSADO

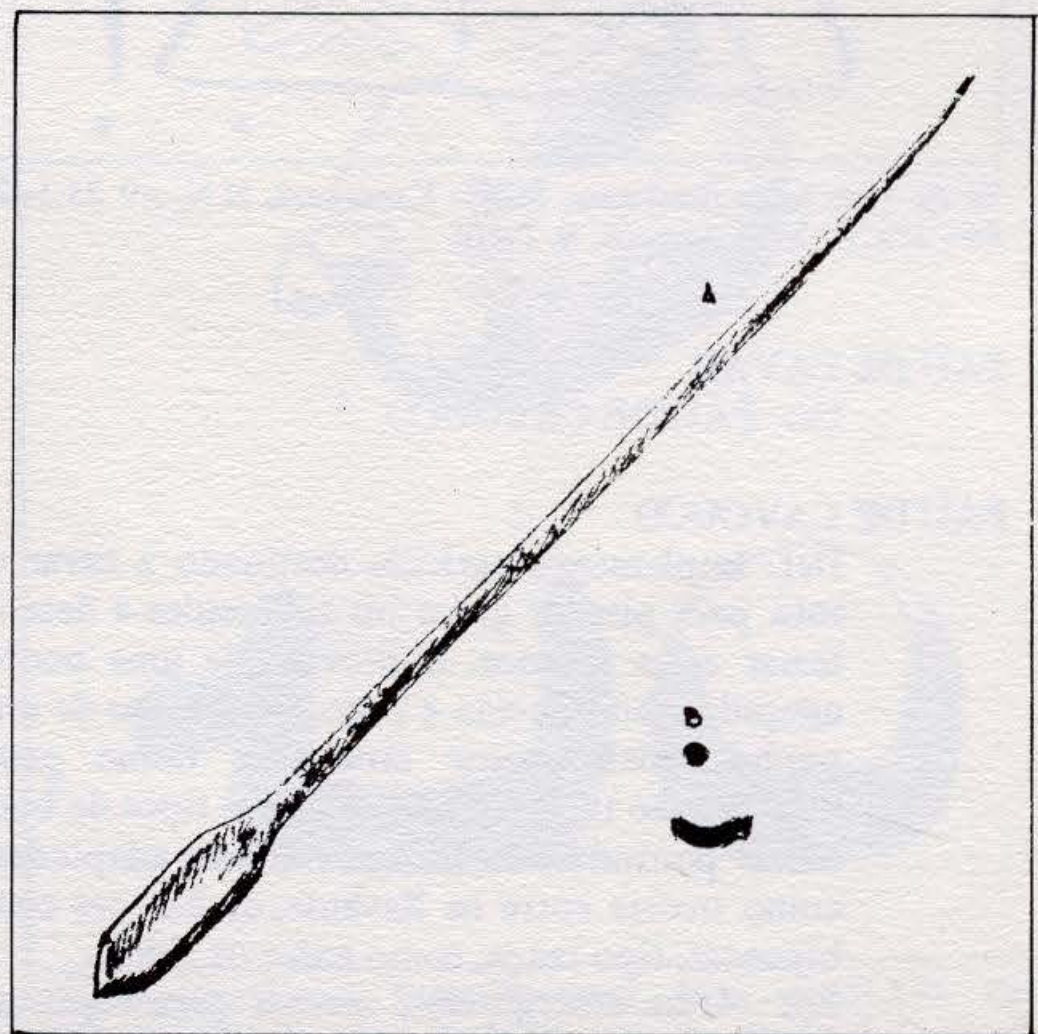
Def. Pedra de conformação, tamanho e peso variado, de bordo aguçado na extremidade cor-

tante, que penetra e traspassa o orifício feito no cabo, ao qual é subseqüentemente amarrada.
T. Gen. Implementos de madeira e outros materiais para o trabalho agrícola (04)

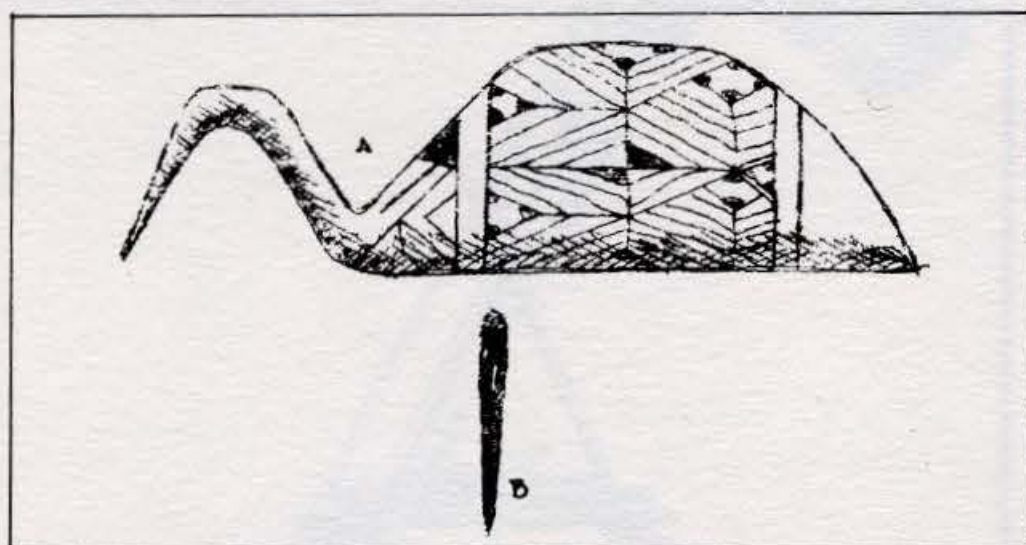
MOENDA DE CANA
Def. Aparelho de madeira usado para moer cana-de-açúcar introduzido pelos brancos e adaptado segundo o tipo regional.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)

Moenda de cana de açúcar. Índios Tiriyó. *Apud* Frikel 1970: 308 fig. 32i.

MOQUÉM
Def. Grelha para assar ou defumar carne e peixe. É formada de um tablado de madeira apoiado sobre três ou quatro pés debaixo do qual é atiçado o fogo. Mantido a uma distância conveniente, o alimento se desidrata lentamente, podendo ser conservado por longo tempo. Distinguem-se os seguintes tipos: a) quadrangular; b) triangular; c) em forma de pirâmide.
T. Gen. Utensílio de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)
T. Rel. Fogão

Moquém quadrangular. *Apud* Frikel 1973:286, fig. 10b.

Moquém triangular. *Apud* Frikel 1973:286, fig. 10a.

Moquém piramidal. *Apud* Frikel 1973:286, fig. 10c. Índios Tiriyó.

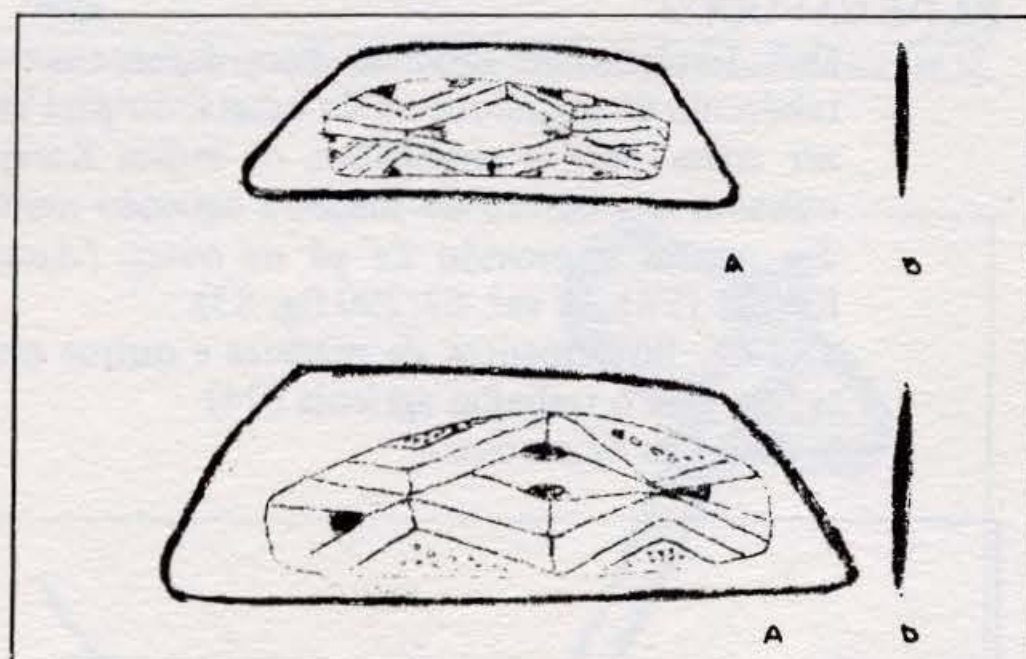
MORTEIRO
Use: ALMOFARIZ

PÁ DE CAVOUCO
Def. Implemento agrícola. Para desenterrar o tubérculo da mandioca ou da batata, ou para fazer covas para a semeadura, os índios Karajá utilizam um bastão de madeira aguçado numa das pontas e provido de pá na outra. (*Apud* Krause 1941-44 vol. 82:290 fig. 83).
T. Gen. Implementos de madeira e outros materiais para o trabalho agrícola (04)
T. Rel. Pau de cavouco

Pá de cavouco. Índios Karajá. *Apud* Krause 1941-44, vol. 82:290 fig. 83. A. Vista da peça. B. Corte transversal.

PÁ DE VIRAR BEIJU ORNITOMORFA

Def. Tabuleta de madeira esculpida em forma de pássaro, cuja espécie é definida no prolongamento do corpo semilunar. É empregada para acertar a circunferência e virar o beiju no torrador de cerâmica.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)
T. Rel. Pá de virar beiju semilunar
Consulte: Cerâmica (10)

Pá de virar beiju ornitomorfa. Índios Mehináku, M.N. nº 38.482. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe do perfil.

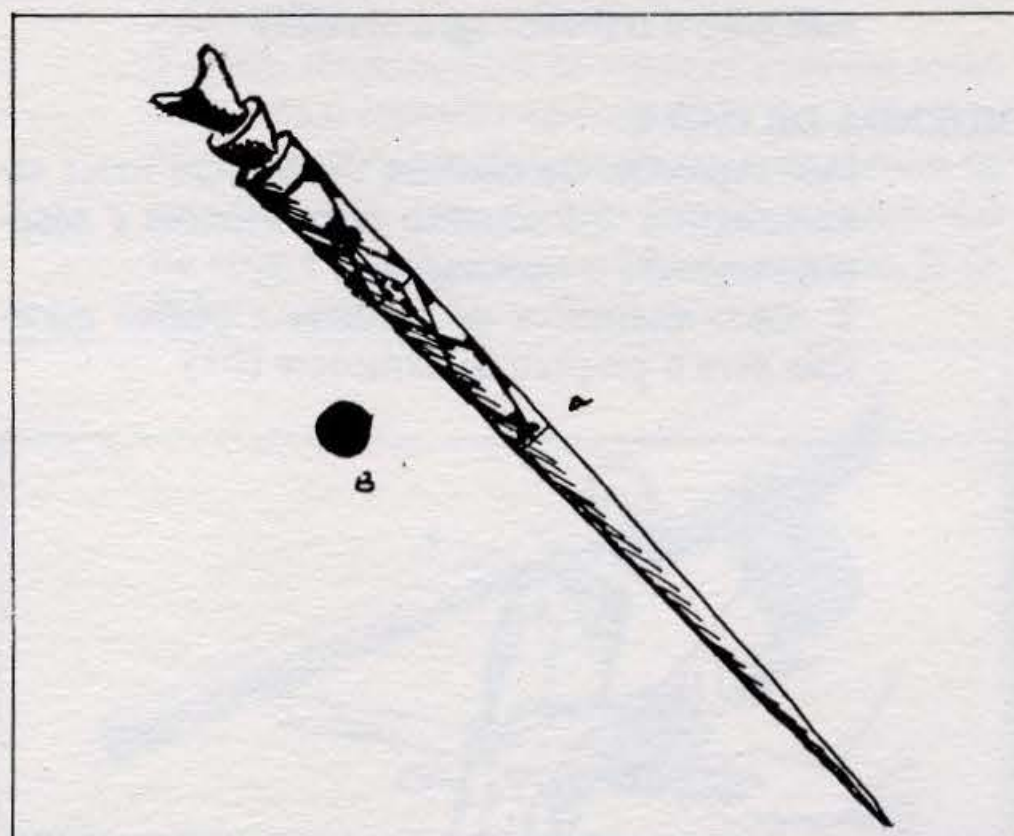
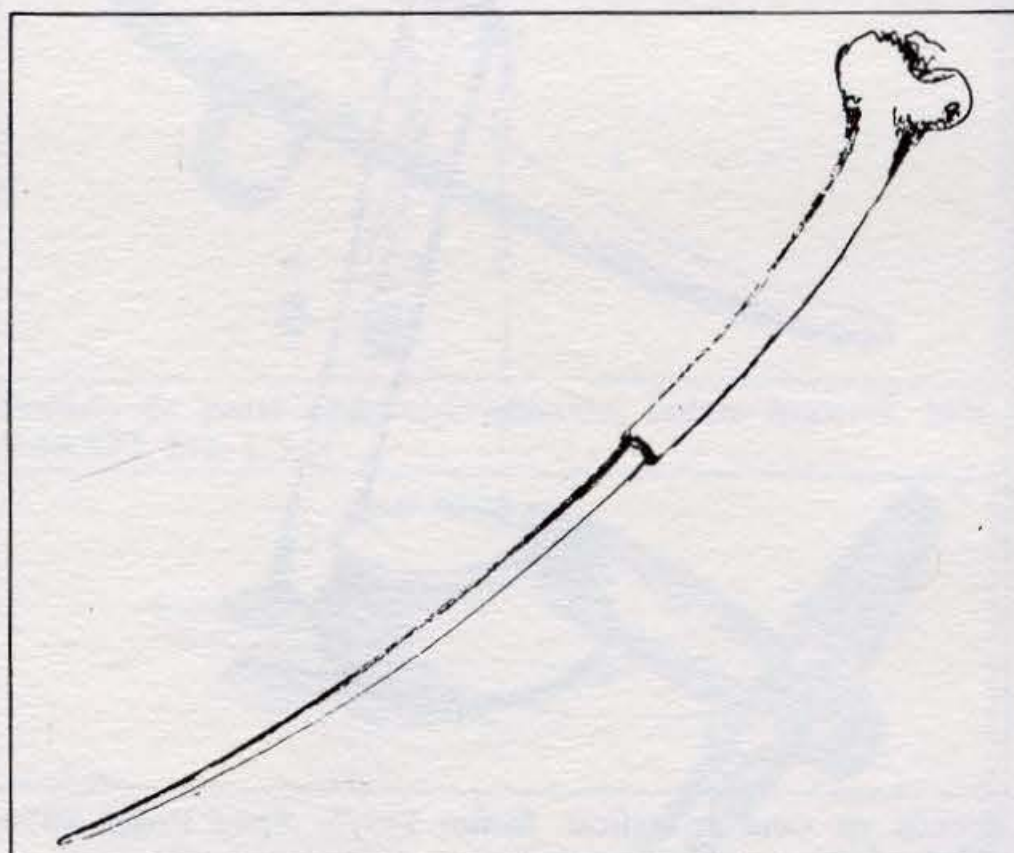
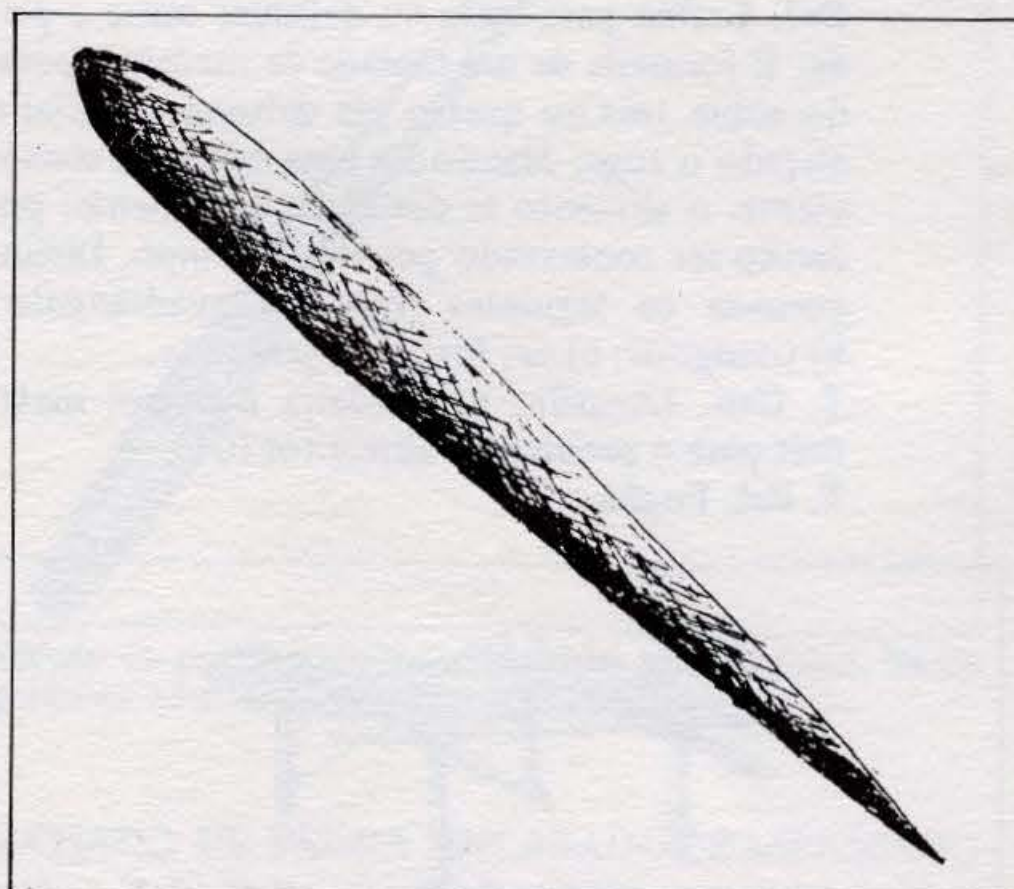
PÁ DE VIRAR BEIJU SEMILUNAR

Def. Tabuleta em forma de meia-lua, com ou sem decoração pintada, usada para acertar a circunferência e virar o beiju no torrador.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)
T. Rel. Pá de virar beiju ornitomorfa

Pá de virar beiju semilunar. Índios Kamayurá, M.N. nº 35.142. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Perfil.

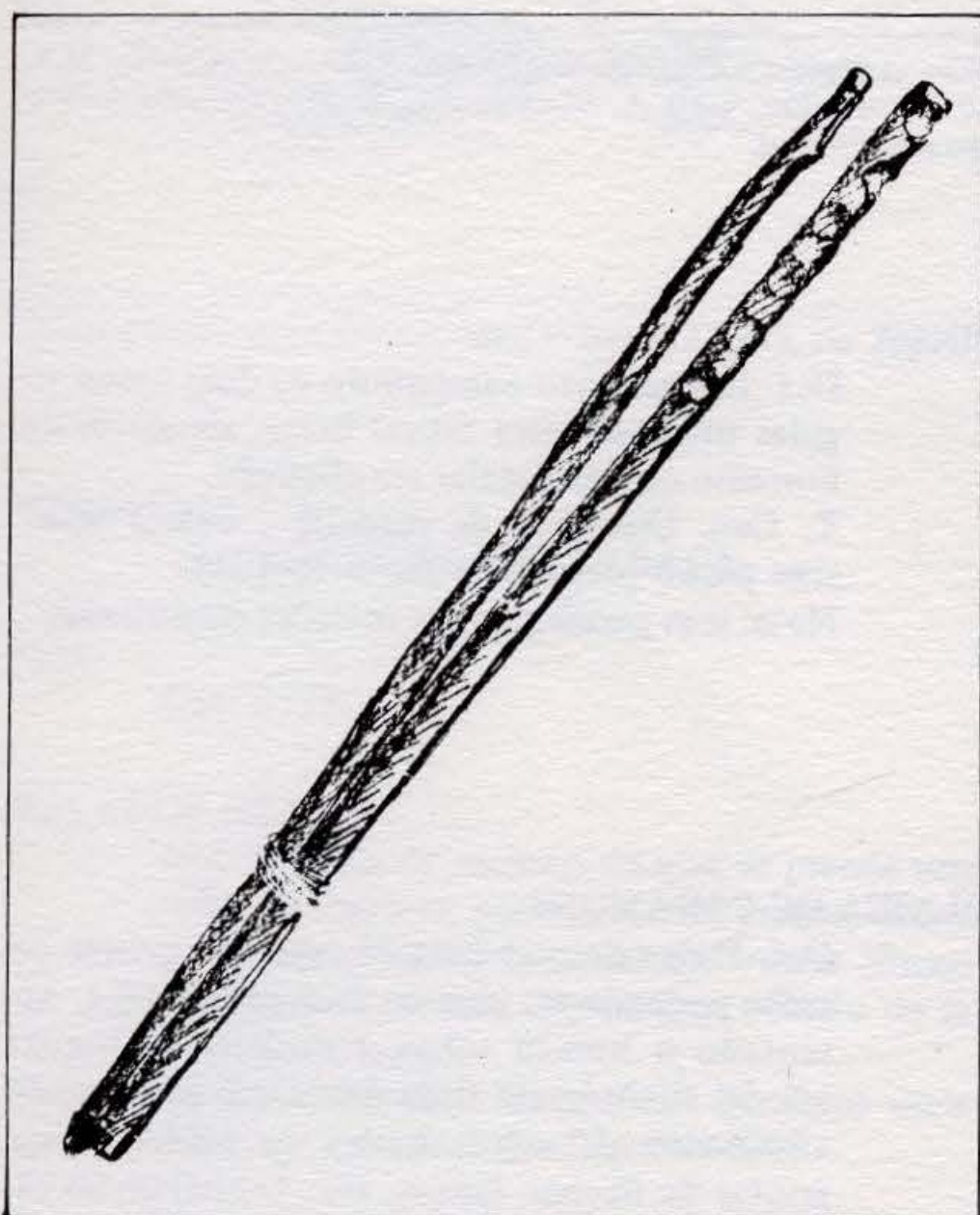
PAU DE CAVAR

Use: PAU DE CAVOUCO

PAU DE CAVOUCO

Def. Implemento agrícola destinado a cavar o solo para plantar grãos ou tubérculos e desenterrar estes últimos. É provido de uma ponta aguçada e endurecida a fogo, bem como de um punho artisticamente esculpido. Como paus de cavar são também usados certos tipos de bordunas pontudas, ou formas naturais adaptadas, como ocorre entre os Xavante, ou bastões com bipontas, tipo lança, como entre os Xikrin.
Em certas emergências, servem para espantar cachorro e como defesa contra cobras e outros animais.
Sin. Pau de cavar
T. Gen. Implementos de madeira e outros materiais para o trabalho agrícola (04)
T. Rel. Pá de cavouco

Pau de cavouco. Índios Kamayurá, M.N. nº 35.123. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Corte transversal.

Pau de cavouco apresentando a forma natural da madeira. Índios Xavante, coleção particular. Esc. 1:10.

Pau de cavouco. Índios Xikrin, Museu de Genebra nº 33.348, *apud* Fuerst 1967:30 fig. 29.

PAU IGNÍGERO

Def. Aparelho constituído de duas varetas roliças, uma delas provida de concavidades, tendo papel passivo em relação à outra. Posta a girar a vareta "ativa", dentro da concavidade da "passiva", produz-se uma faísca que inflama a fina serragem acumulada pela fricção e a isca de palha ou algodão adrede preparada. Os paus ignígeros são guardados, muitas vezes, em um estojo protetor de taquara.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)

Pau ignígero. Índios Kamayurá, M.N. nº 13.592. Esc. 1:5.

PERFURADOR DENTE DE PEIXE-CACHORRO

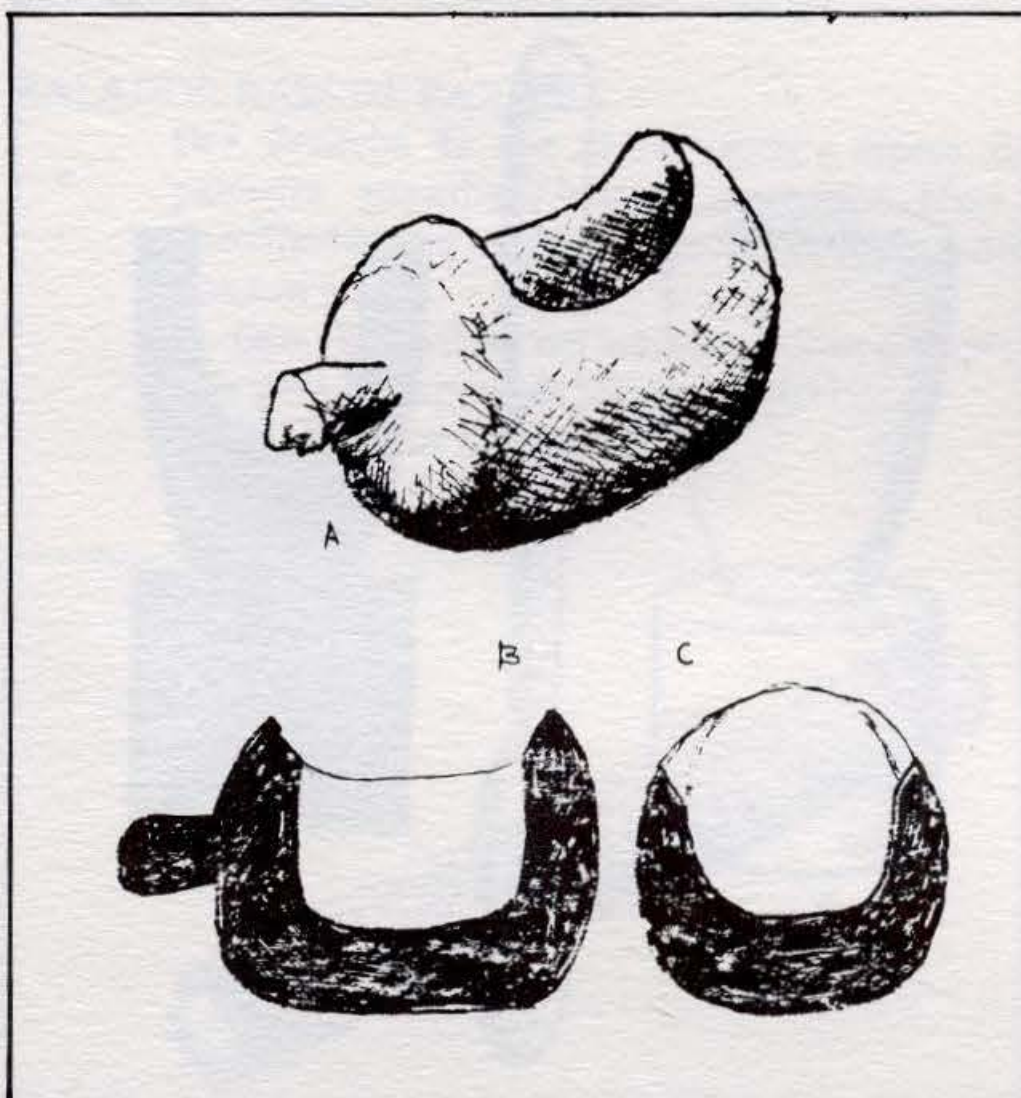
Def. "Os dois dentes da mandíbula inferior do peixe-cachorro (*Cynodon* sp.) que se elevam a 3, 3,5 cm, tinham seus bordos afiados servindo para cortar e, sobretudo, picar (na tatuagem), arranhar (na ornamentação dos tortuais feitos de couraça de tracajá), para perfurar taquara (nas flechas) a fim de abrir orifícios destinados à fixação das plumas". (Karl von den Steinen 1940:247-256).
T. Gen. Implementos de madeira e outros materiais para o trabalho artesanal (05)

Perfurador dente de peixe-cachorro. *Apud* Steinen 1940:252, fig. 23 (1/4 tamanho normal).

PILÃO ALGUIDARIFORME

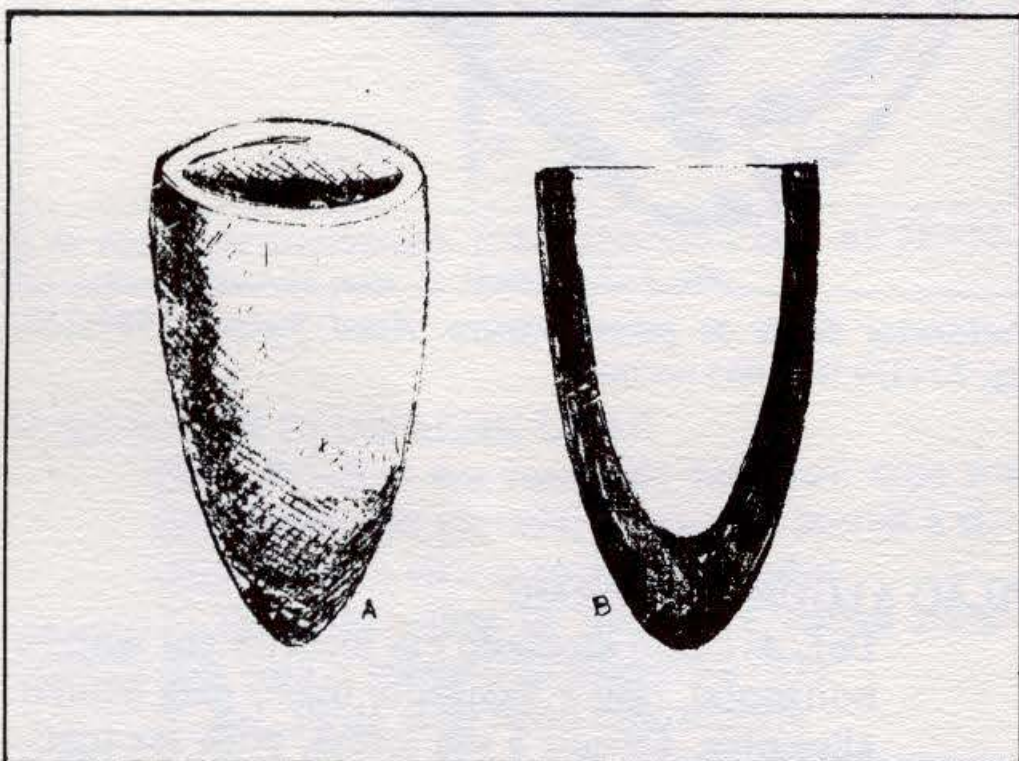
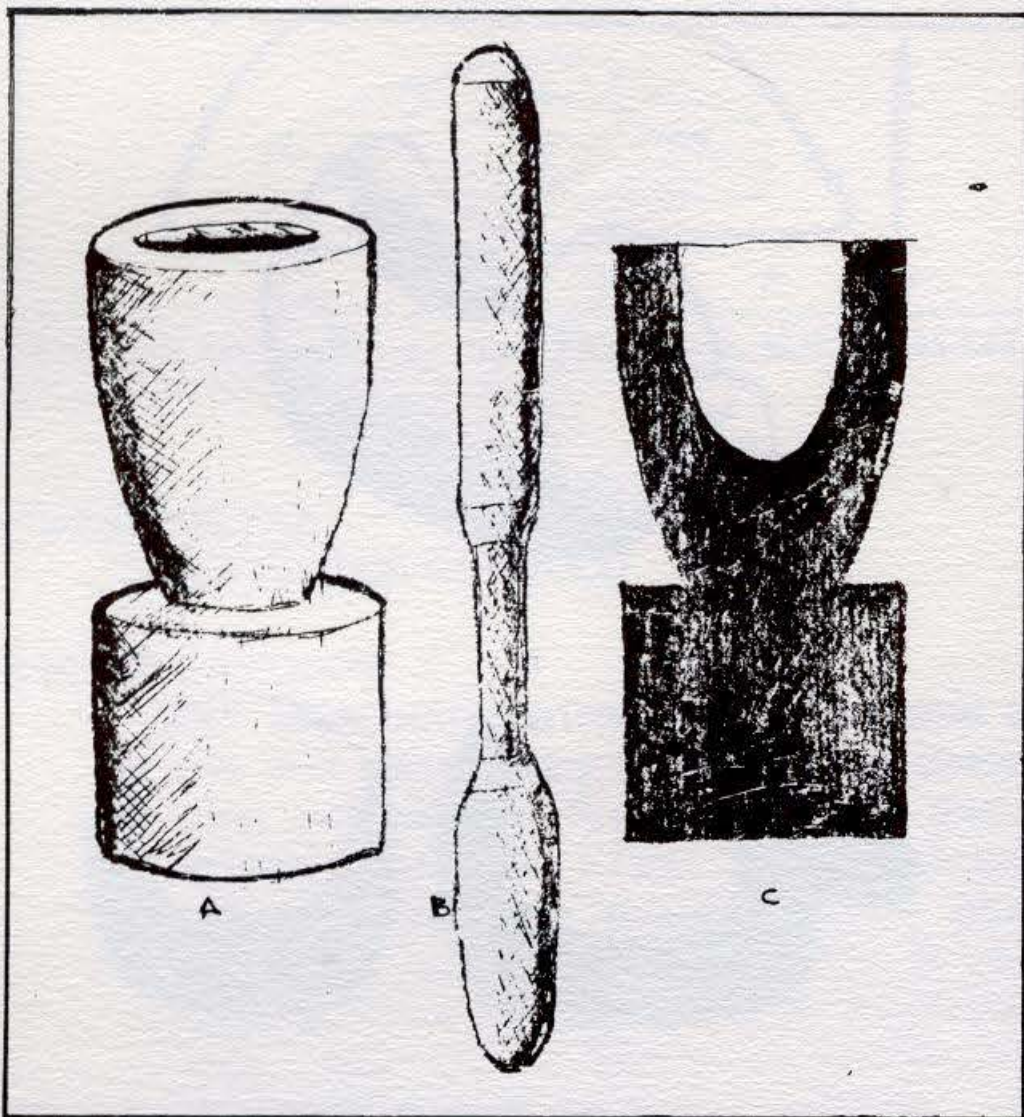
Def. Artefato escavado em madeira em sentido horizontal, raso e alongado, usado para triturar alimentos. Devido à sua leveza, pode ser transportado quando necessário.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)
T. Rel. Pilão vasiforme

A

B C

Pilão alguidariforme. Índios Retuana, M.N. nº 21.675. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Secção reta longitudinal. C. Secção reta transversal.

PILÃO VASIFORME

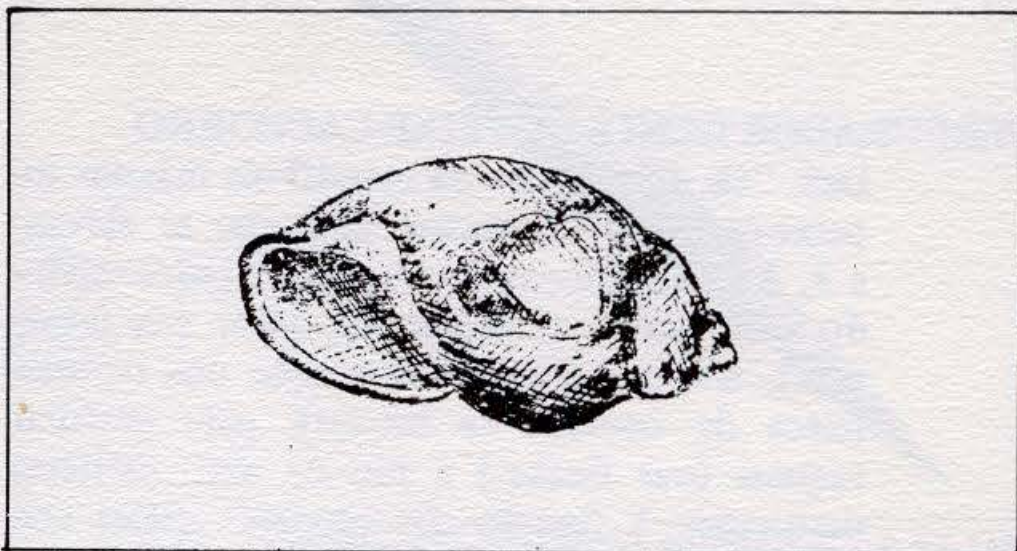
Def. Artefato escavado a fogo e a machete em tronco de madeira, em sentido vertical. Apresentam-se os seguintes subtipos principais: 1) fundo cônico, 2) com pedestal, 3) cilíndrico. A mão de pilão pode ser lisa ou provida de saliências numa ou em ambas as extremidades. É usado para moer grãos, sementes, castanhas, pães de mandioca ou de milho e todo tipo de alimento sólido que se queira triturar.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)
T. Rel. Pilão alguidariforme

Pilão vasiforme cilíndrico. Índios Ramkokamekra-Canela, M.N. nº 28.700. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Mão do pilão. C. Secção reta vertical.

Pilão vasiforme de fundo cônico. Índios do Amazonas, M.N. nº 6.003. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Secção reta vertical.

Pilão vasiforme com pedestal. Índios Kaiwá, M.N. nº 33.608. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Vista da mão do pilão. C. Secção reta vertical.

PINÇA

Def. Instrumento constituído de duas hastes rígidas utilizado para retirar brasa, alimentos do borralho ou das panelas em ebulição.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)
Nota: sem paradigma nas coleções consultadas.

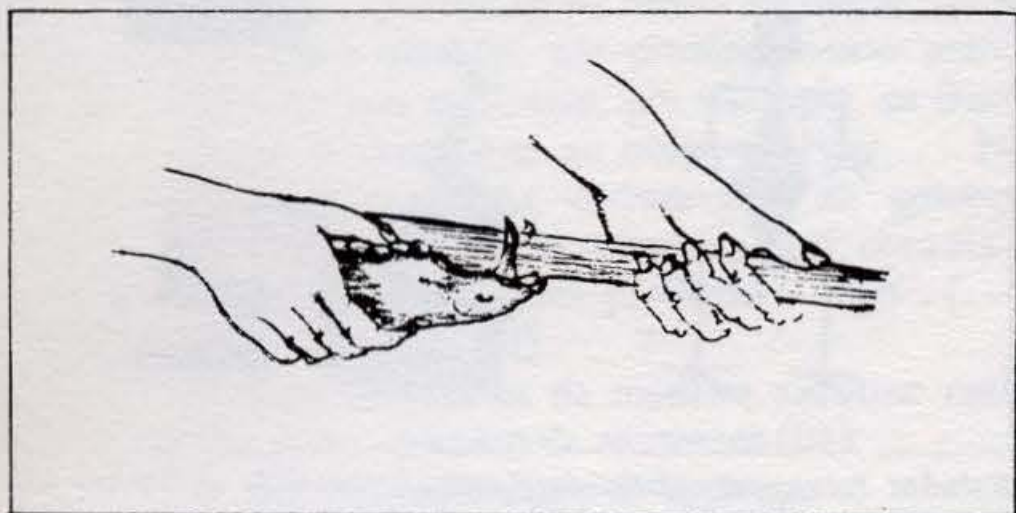
PLAINA DE CARAMUJO

Def. Plaina natural feita de caramujo grande do mato podendo ter uma ou duas perfurações. Assentado o buraco sobre a madeira, as bordas afiadas tiram lascas finas durante o processo de alisamento de arcos, hastes de madeira para pontas de flechas, lanças, etc.. O orifício no caramujo é obtido golpeando-o com um coco da palmeira acuri (Albisetti & Venturelli 1962 vol. 1:76).
T. Gen. Implementos de madeira e outros materiais para o trabalho artesanal (05)
T. Rel. Formão
Plaina mandíbula de caititu

Plaina de caramujo. Índios Xikrin, M.I. nº 70.7.100. Esc. 1:3.

PLAINA MANDÍBULA DE CAITITU

Def. A mandíbula do caititu *(Tayassu tajacu)* ou da queixada *(Tayassu pecari)* é usada como instrumento para alisar artefatos de madeira, principalmente arcos. Pela curva própria das presas, previamente amoladas extraem-se cavacos muito finos arredondando-se as faces interna e externa do arco. (Frikel 1973:74).

T. Gen. Implementos de madeira e outros materiais para o trabalho artesanal (05)

T. Rel. Plaina de caramujo
Formão

Plaina mandíbula de caititu. *Apud* Frikel 1973:288, fig. 12e.

PORONGO

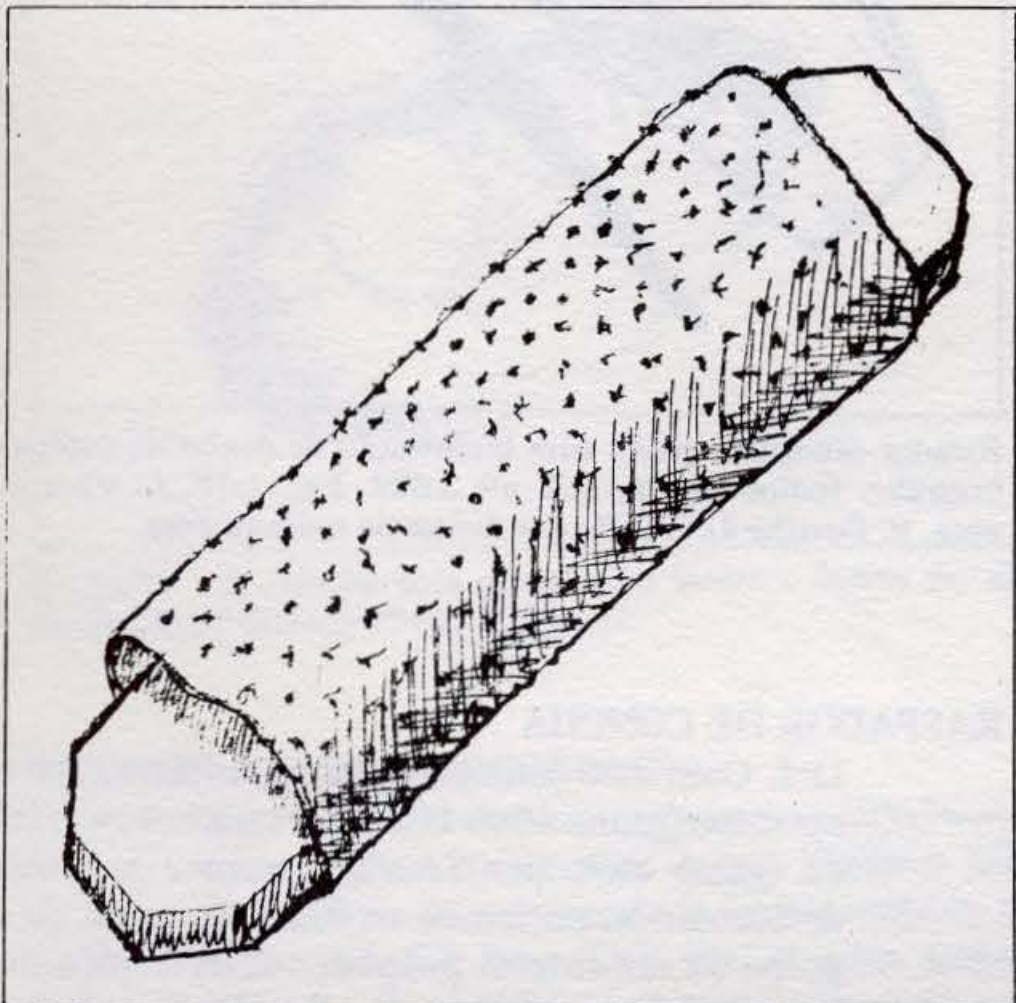
Use: RECIPIENTE DE CABAÇA

PUA

Use: BROCA

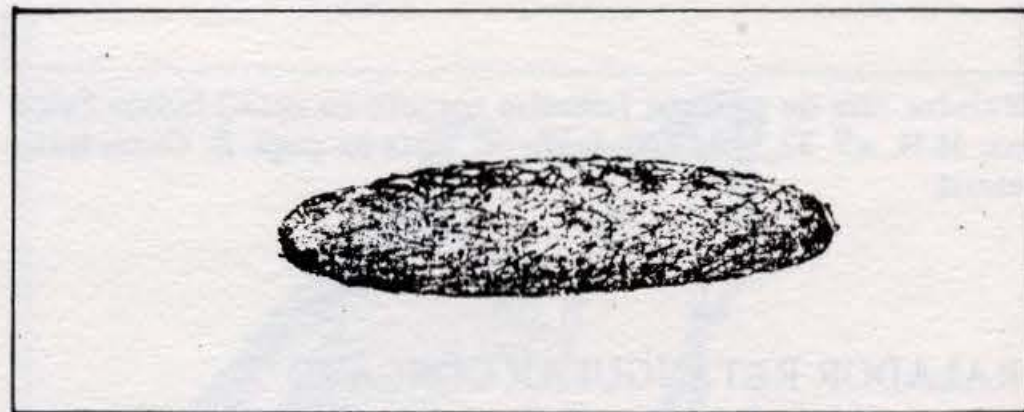
RALADOR DE LATA

Def. Prancha de madeira na qual se prende uma folha de flandres, perfurada com pregos, utilizada como ralador de mandioca e outros alimentos. Trata-se de um objeto improvisado de influência forânea.

T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)

Ralador de lata. Índios Tukúna, M.N. nº 40.543. Esc. 1:10.

RALADOR LÍNGUA DE PIRARUCU

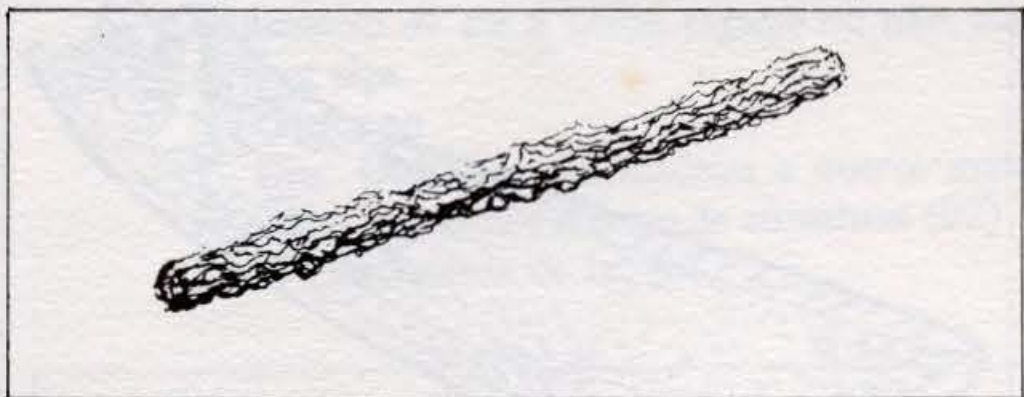
Def. Ralador de bastão de guaraná, e de outros produtos, constituído da parte óssea da língua do pirarucu *(Arapaima gigas)*.

T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)

Ralador língua de pirarucu. Índios Mawé, M.N. nº 14.804. Esc. 1:3.

RALADOR RAIZ DE ANGICO

Def. Parte da raiz com casca rugosa de angico *(Piptadenia* sp.) aparelhada para servir de ralador.

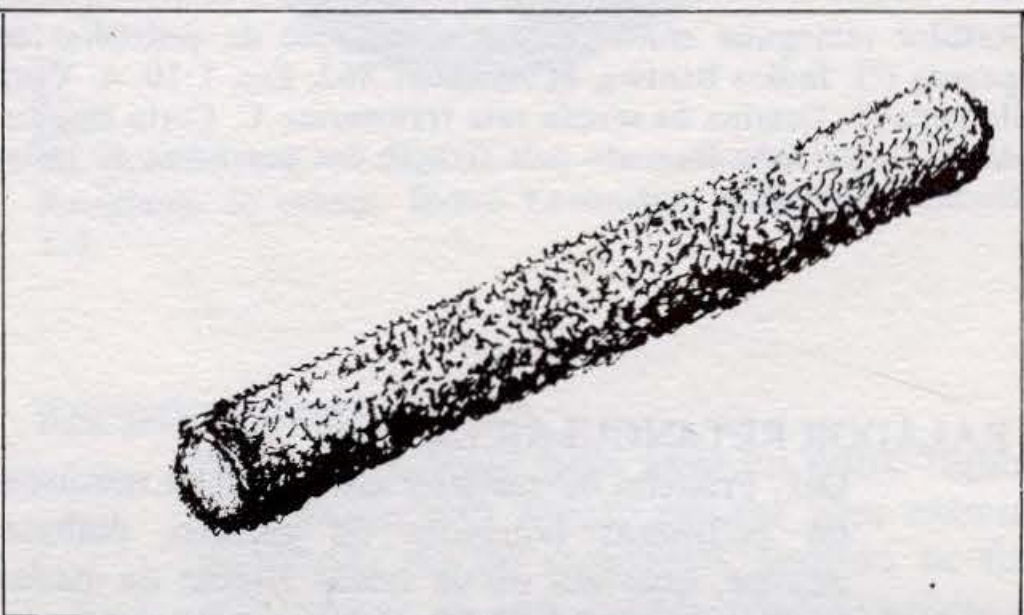
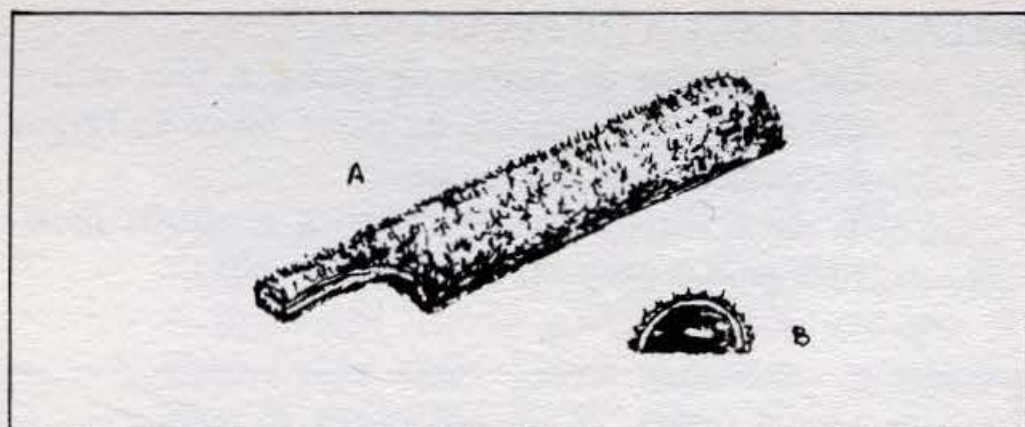
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)

T. Rel. Ralador raiz de paxiúba

Ralador raiz de angico. Índios Borôro, M.N. nº 32.997. Esc. 1:10.

RALADOR RAIZ DE PAXIÚBA

Def. Prancha da raiz aérea, rígida e áspera, da palmeira paxiúba *(Iriartea exorrhiza* Mart.) aparelhada para servir de ralador. Comum entre diversas tribos.

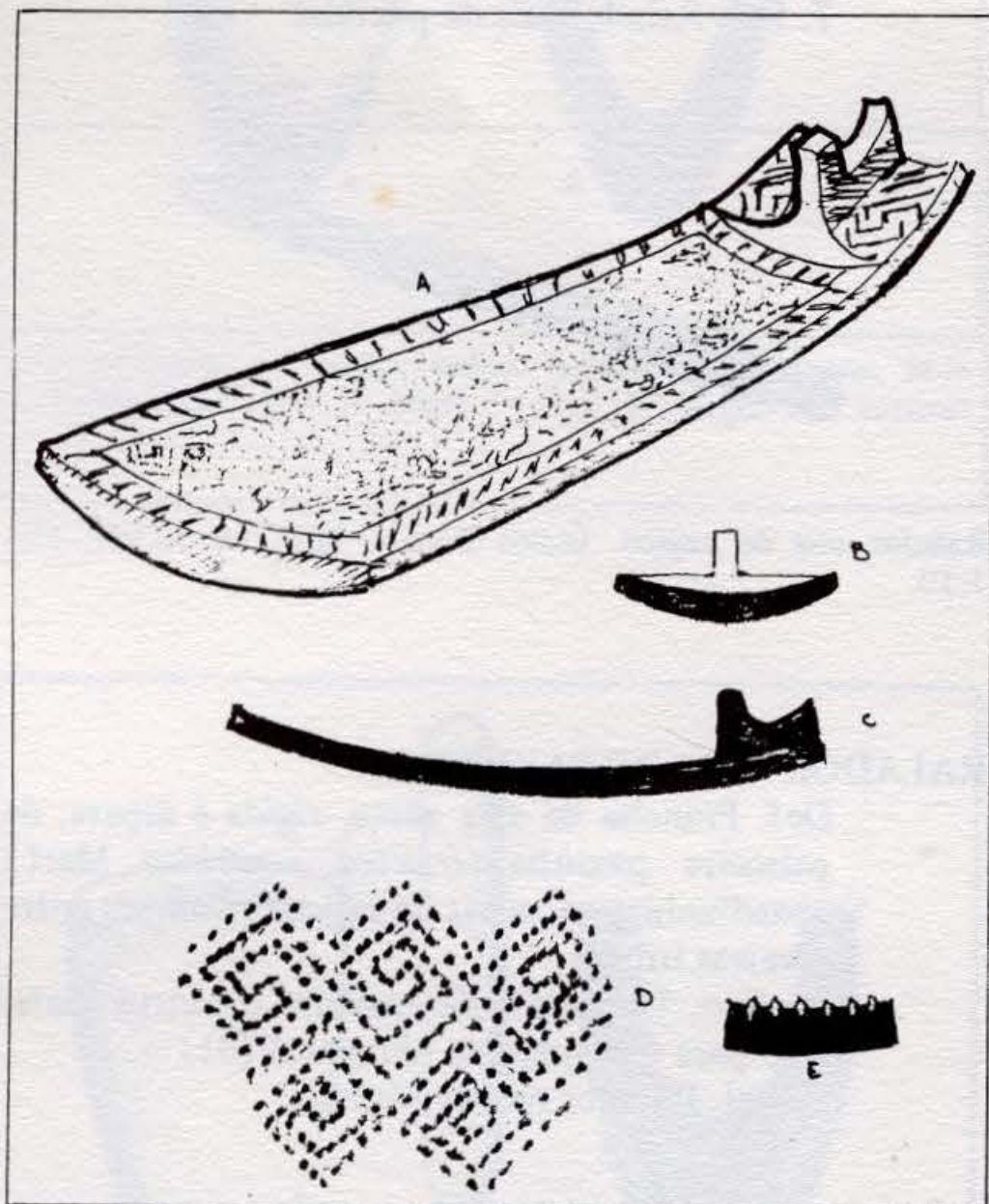
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)

T. Rel. Ralador raiz de angico.

Ralador raiz de paxiúba (cilindro inteiriço). Índios Asuriní, M.N. nº 40.902. Esc. 1:10.

Ralador raiz de paxiúba (cilindro cortado ao meio) Índios Tukúna, M.N. nº 32.590. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Corte transversal.

RALADOR RETANGULAR CÔNCAVO

Def. Prancha de madeira retangular aconcavada, embutida de minúsculas pedrinhas pontudas de gnaisse ou quartzito, tendo uma saliência (nariz da prancha) para soerguê-la. Representada pelo ralador dos grupos Baníwa.

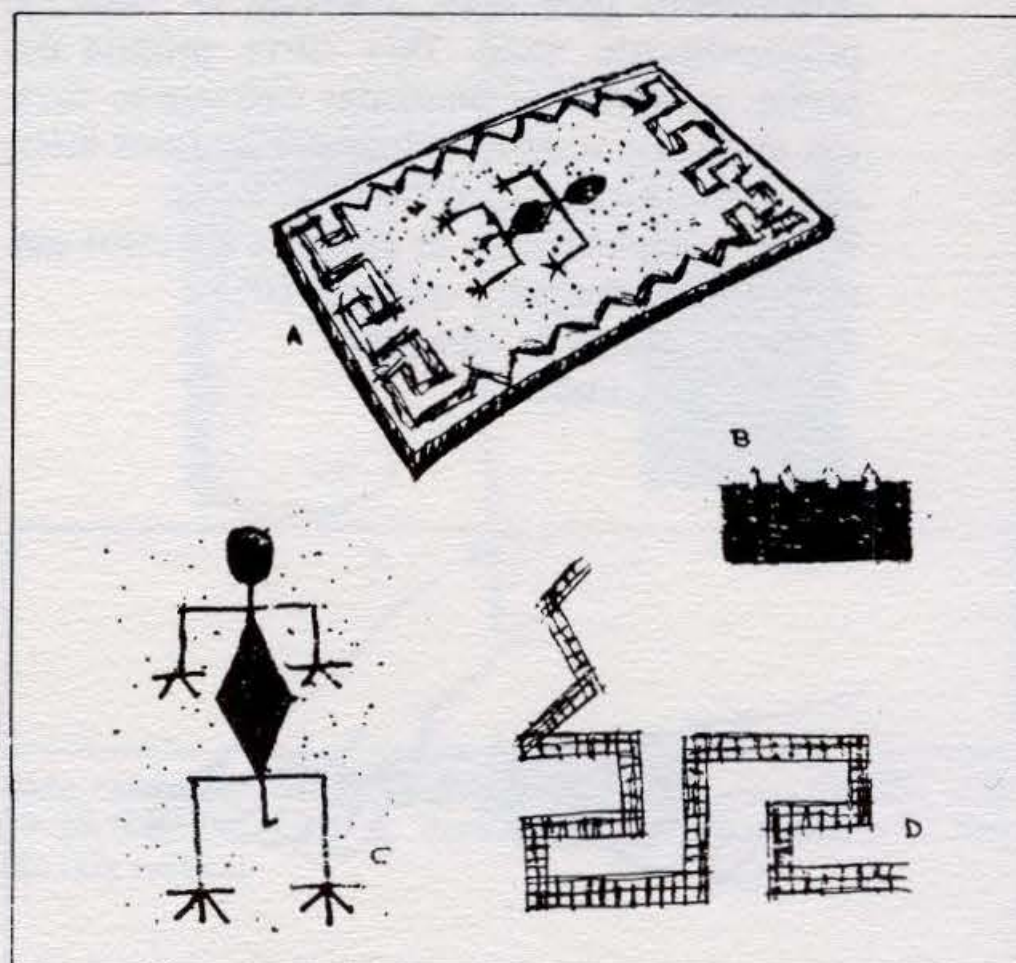
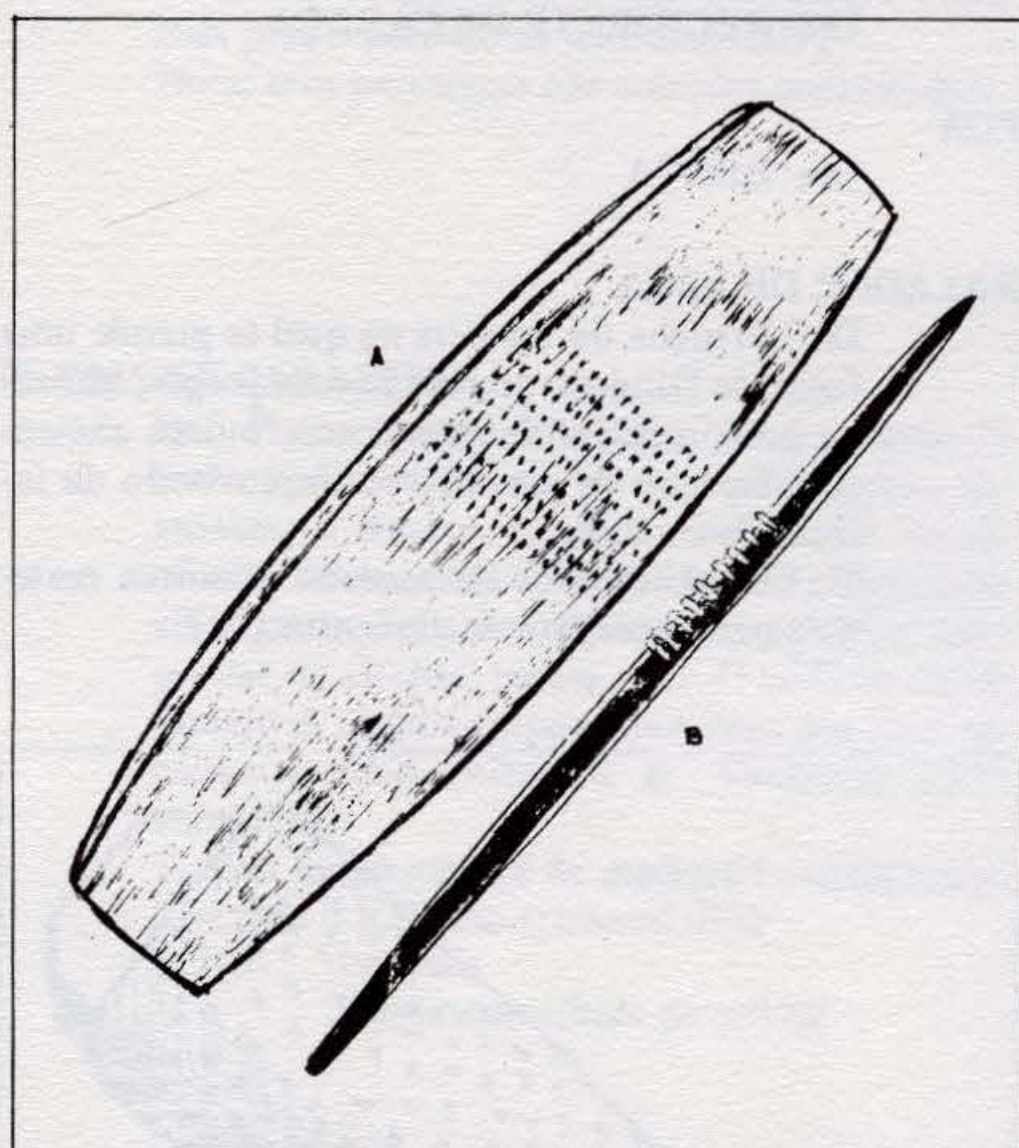
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)

T. Rel. Ralador retangular plano

Ralador retangular côncavo com incrustação de pedrinhas de gnaisse (?). Índios Baníwa, M.N. nº 21.862. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe da secção reta transversal. C. Corte longitudinal. D. Desenho formado pela fixação das pedrinhas. E. Detalhe da incrustação.

RALADOR RETANGULAR PLANO

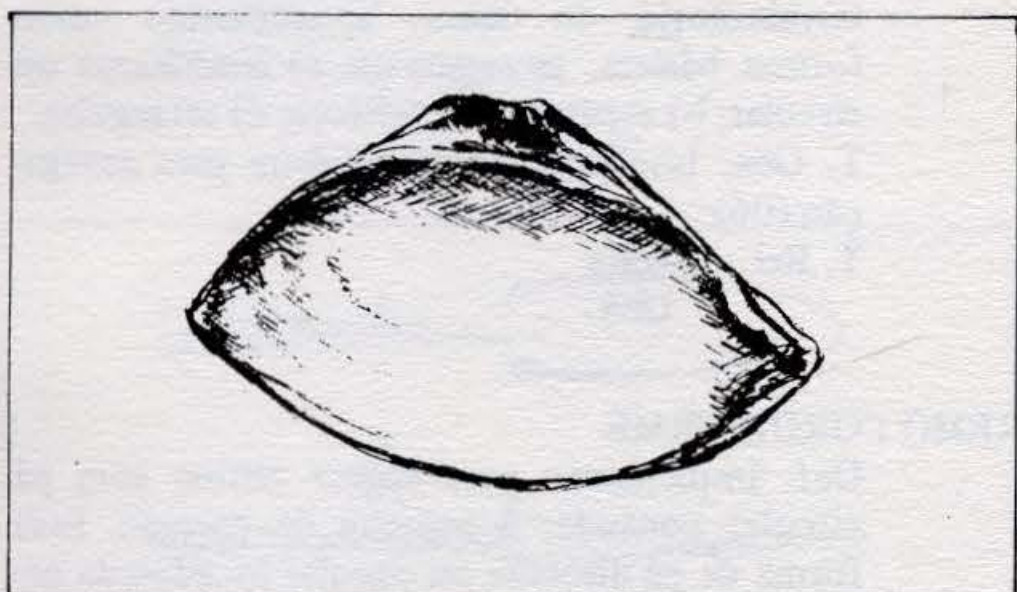
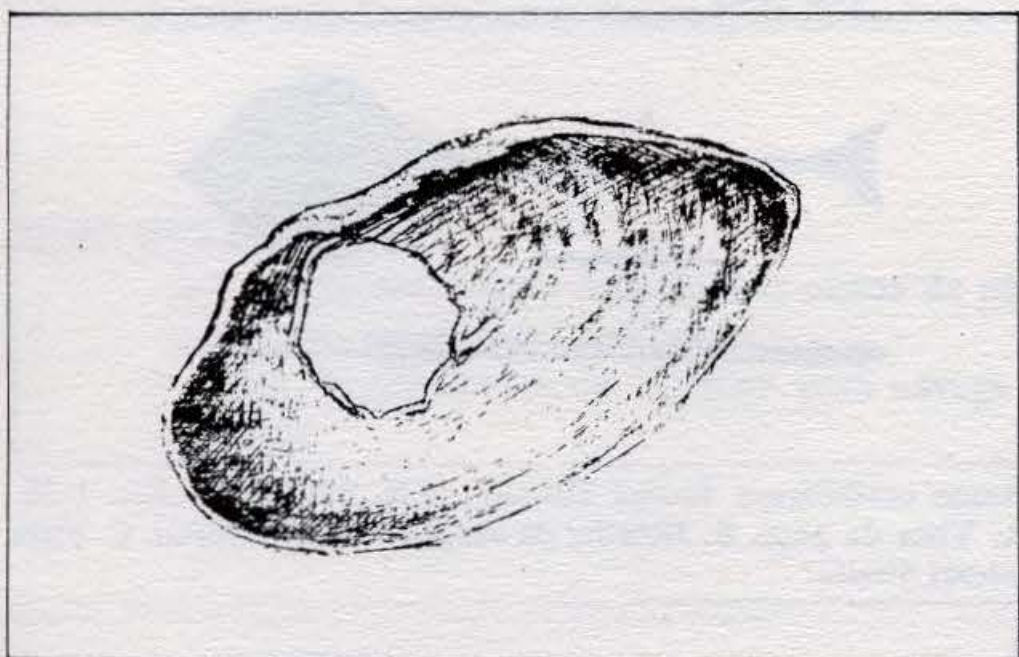
Def. Prancha de madeira embutida de minúsculas pedrinhas pontudas de granito, diabase, gnaisse, quartzo, ou de lascas afiadas de madeira dura, sem ou com desenhos ornamentais pintados, a exemplo dos raladores Waiwai.

T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)

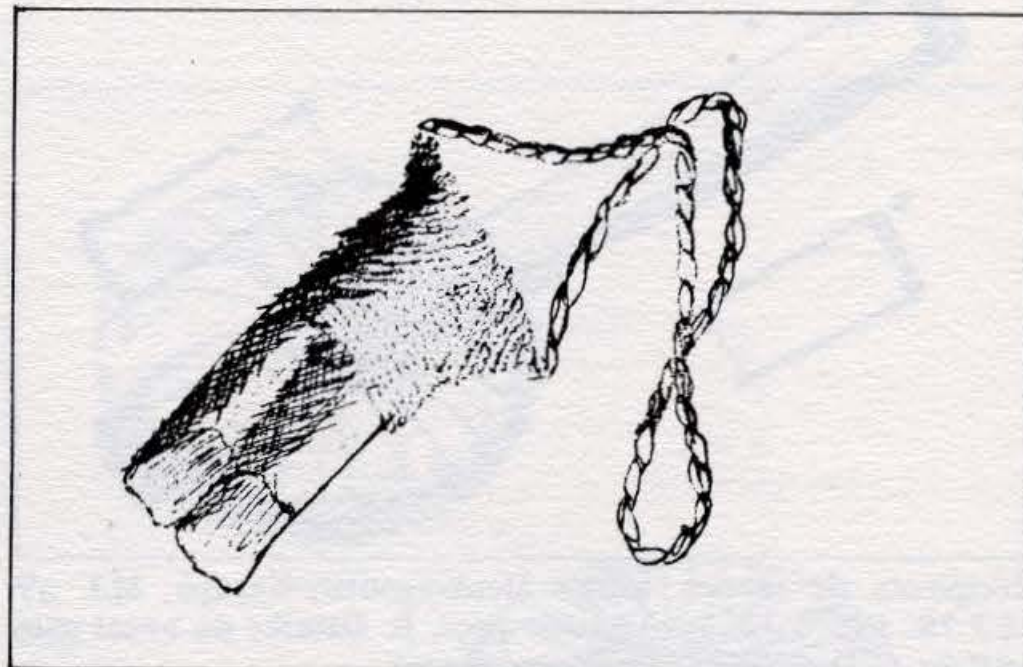
T. Rel. Ralador retangular côncavo

Ralador retangular plano com embutimento de pedrinhas não identificadas. Índios Waiwai, M.N. nº 41.132. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe da endentação. C. Ornamentação pintada no centro da prancha. D. Ornamentação pintada nas extremidades superior e inferior.

Ralador retangular plano com incrustação de dentes de madeira brejaúba. Índios Karajá, M.I. nº 3.089. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe da fixação dos dentes de madeira dura.

RASPADOR DE CONCHA

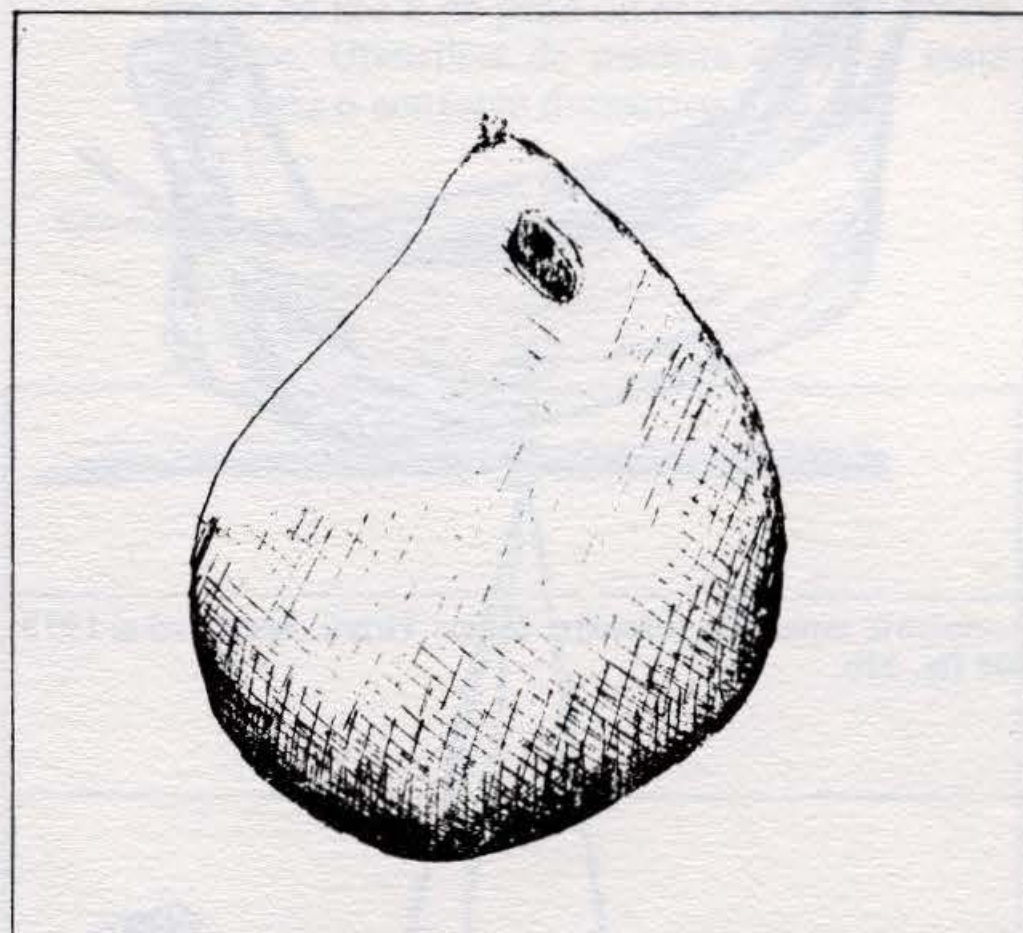
Def. Com uma concha tendo um orifício aberto no meio (gume ativo interno), ou a borda afilada (gume ativo periférico), raspam-se as raízes de mandioca, cortam-se os frutos do pequi ou a polpa da semente. A propósito desse implemento, ainda hoje comum no alto Xingu, informa

K. v.d. Steinen: "Conchas chatas, colhidas no rio, serviam em grande escala para cortar (menos no intuito de separar do que em vista de incisões longitudinais), raspar, aplainar, alisar. (. . .) *Anodonta* era a concha usada para raspar a raiz da mandioca (. . .). Essa concha servia também de plaina para alisar o cabo do machado de pedra, ou o remo; o trabalho, porém, não era feito com o bordo, mas com o orifício aberto no meio da concha. Os índios tiravam com os dentes a casca externa, fazendo, em seguida, o orifício de plaina com a noz pontuda do acuri. Com uma outra espécie de *Anodonta, itá-i,* 'concha pequena', alisava-se igualmente a madeira. (. . .) Uma *Hyria* chata, *itá mukú,* era interessante por ter um prolongamento pontudo com que se abriam, por exemplo, os frutos pequi. Corresponde ao nosso canivete. . . Nas viagens, a concha carregava-se ao pescoço; abriam-se com ela os peixes e a caça; com ela se escavava na vara para produzir o fogo". (. . .) (Steinen 1940:254).
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)
T. Rel. Raspador dente de capivara
V. tb. Matérias-primas (80.01)

Raspador de concha com gume ativo periférico. Índios Kuikúro, M.N. nº 35.949. Esc. 1:3.

Raspador de concha com gume ativo interno. Índios do alto Xingu. *Apud* Steinen 1940:253 fig. 27.

RASPADOR DENTE DE CAPIVARA

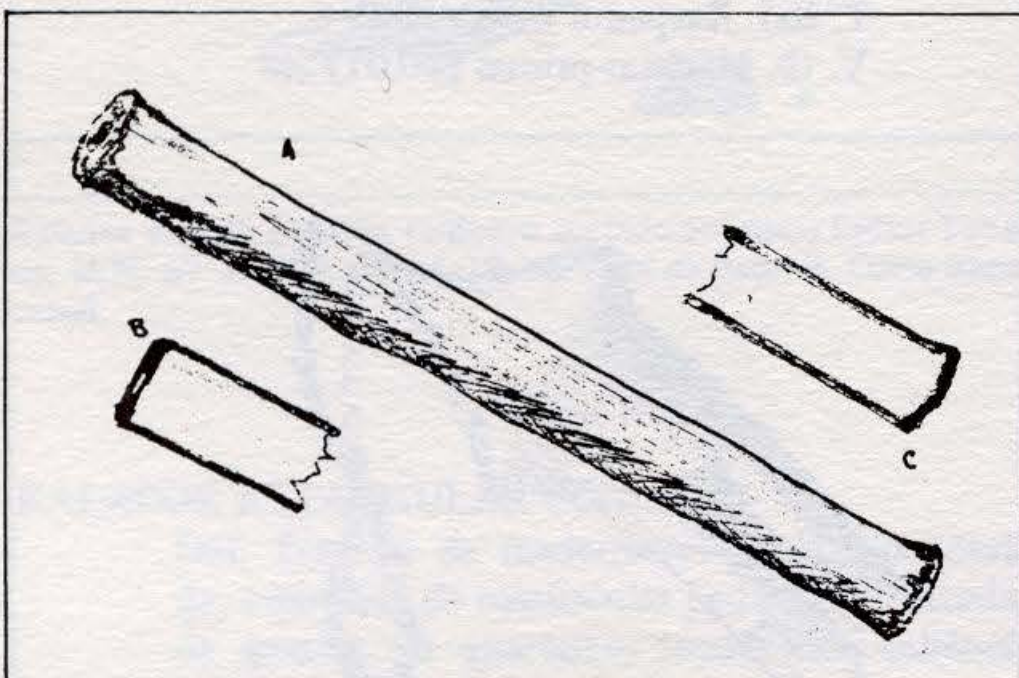
Def. "Entre os roedores, a capivara *(Hydrochoerus capybara),* com seus dentes incisivos inferiores, fornecia os raspadores indispensáveis. Os dentes, de 6-8 cm, eram atados pelos índios, por meio de um fio de algodão, num pequeno canudo de ubá, ou eram amarrados ou unidos, dois juntos, com um pouco de cera". (K. v. d. Steinen 1940:252).
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)
T. Rel. Raspador de concha
V. tb. Matérias-primas (80.01)

Raspador dente de capivara. *Apud* Steinen 1940:253 fig. 26. (1/2 tamanho normal).

RECIPIENTE DE CABAÇA

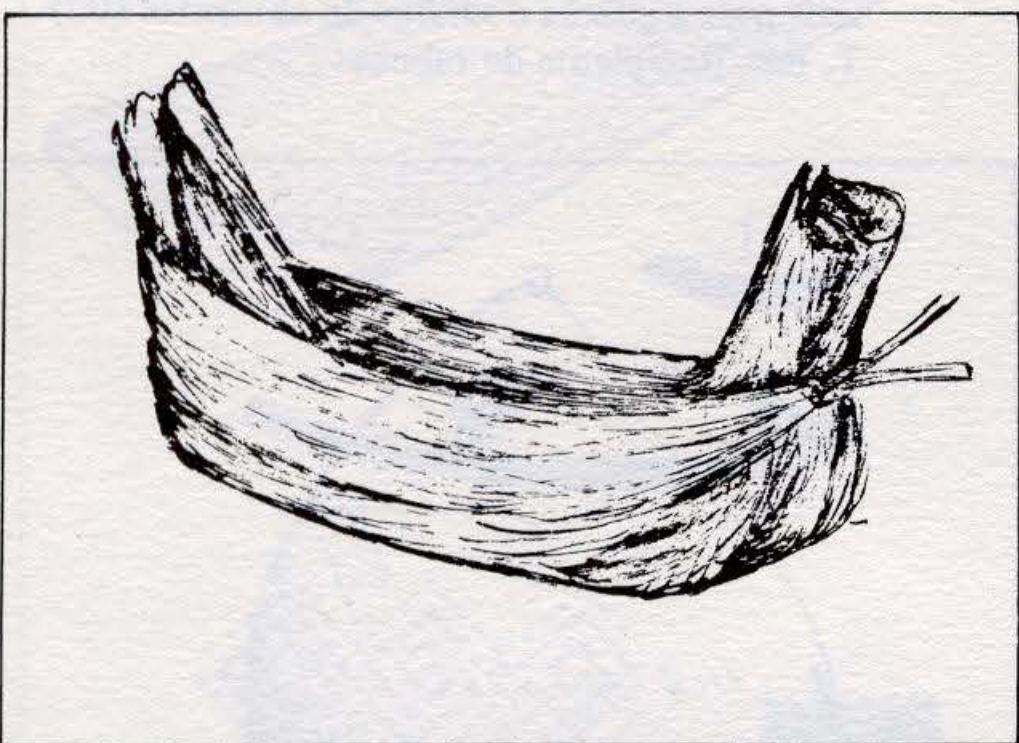
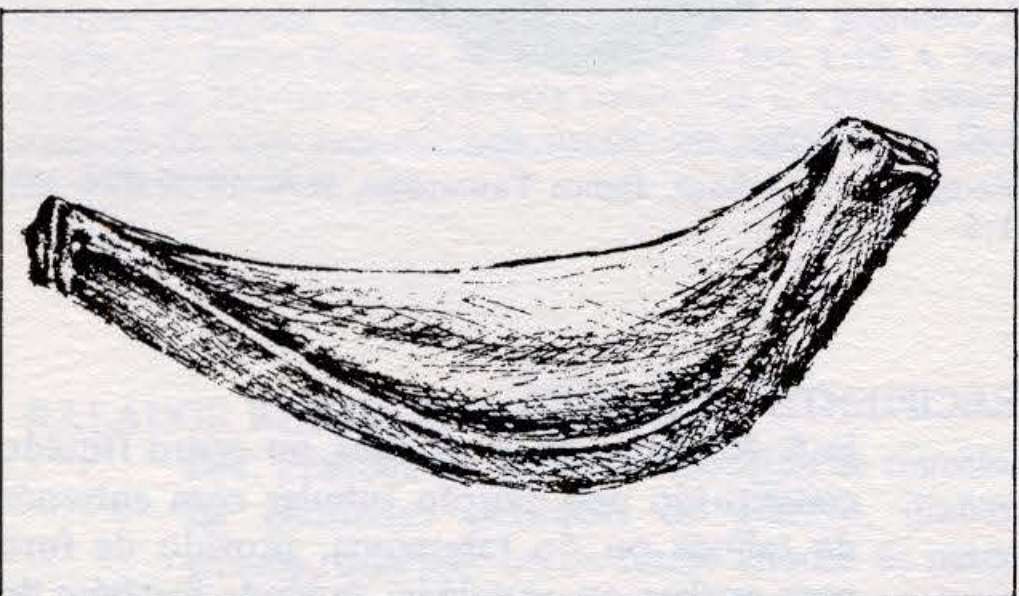
Def. Recipiente vasiforme ou piriforme para água e outros líquidos, preparado da casca lenhosa de uma Cucurbitácea, que pode alcançar o tamanho de até 8 litros, tapado ou não, com ou sem alça.
Sin. Porongo
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para a guarda e serviço de alimentos (02)
T. Rel. Recipiente de taboca

Recipiente de cabaça. Índios Yanomâmi, M.N. nº 39.024. Esc. 1:6.

RECIPIENTE DE TABOCA

Def. Receptáculo para água ou outro líquido constituído pela porção tubular com entrenós da taboca ou do taquaruçu, provido de furo para encher ou esvaziá-lo, servindo também de boquilha para beber.

T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para a guarda e serviço de alimentos (02)
T. Rel. Recipiente de cabaça

Recipiente de taboca. Índios Menkragnotire-Kayapó, M.I. nº 76.2.78. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe do bocal com orifício. C. Detalhe da extremidade basal.

RECIPIENTE ESPATA DE PALMEIRA

Def. Bainha de folha de palmeira (inajá ou babaçu) utilizada como recipiente para fins culinários e outros fins.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para a guarda e serviço de alimentos (02)

Recipiente espata de palmeira. Índios Tiriyó, *apud* Frikel 1973: 308 fig. 32b.

Recipiente espata de palmeira. Índios Canela-Ramkokamekra, M.N. nº 26.969. Esc. 1:10.

RECIPIENTE OURIÇO DE CASTANHA

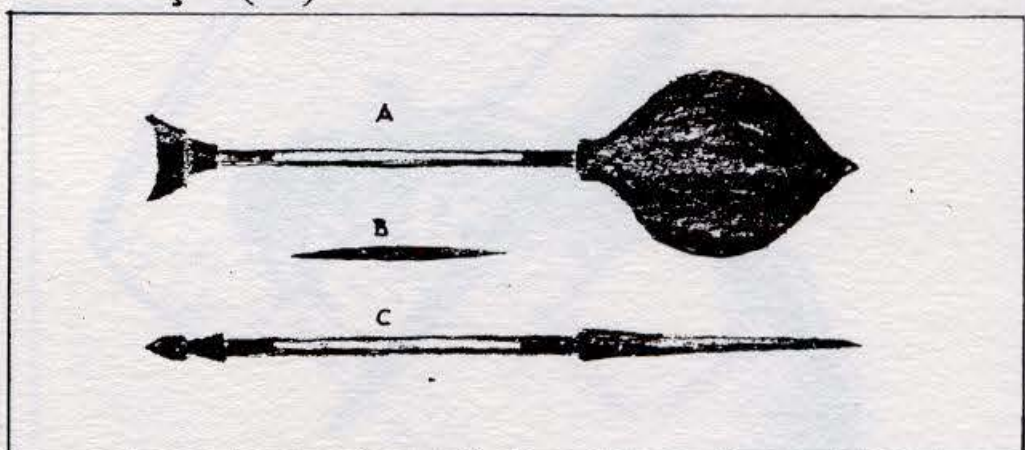
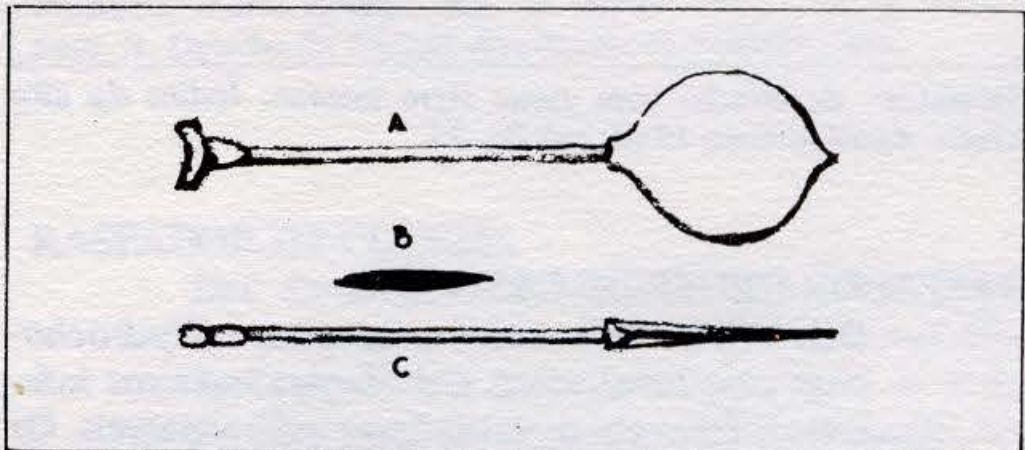
Def. Artefato feito de ouriço da castanha-do-pará ou da castanha sapucaia usado como recipiente ou pilão.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para a guarda e serviço de alimentos (02)

Recipiente ouriço de castanha. Índios Ipurinã, M.N. nº 3.082. Esc. 1:5.

REMO

Def. Implemento de madeira destinado a mover a embarcação. Distinguem-se no remo basicamente três componentes: 1) punho, que corresponde à cabeça ou à extremidade proximal do remo, podendo ser em forma de muleta ou plano, com ou sem entalhes decorativos; 2) cabo, que corresponde à vara roliça que intermedia o punho e a pá; 3) pá, que determina a terminologia do remo, apresentando como formas básicas, as seguintes: a) cordiforme ou circular; b) espatular; c) foliácea; d) retangular.
T. Gen. Implementos de madeira para navegação (06)
T. Rel. Igara
Ubá

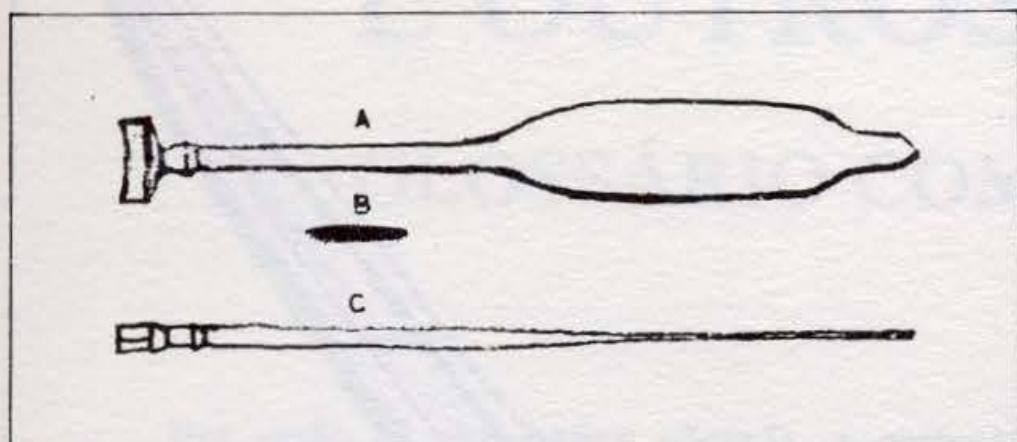
REMO CORDIFORME

Def. Implemento para mover canoas com pá circular pontuda, à maneira de coração. Essa forma de pá discóide ou circular foi adotada pela população regional da Amazônia.
T. Gen. Implementos de madeira para navegação (06)

Remo cordiforme. Índios Tukúna, M.N. nº 40.532. Esc. 1:20. A. Vista da peça. B. Detalhe da secção reta transversal. C. Vista lateral direita.

Remo cordiforme. Índios do Amazonas, M.N. nº 15.419. Esc. 1:20. A. Vista da peça. B. Corte transversal. C. Vista lateral direita.

REMO ESPATULAR

Def. Implemento para mover canoas com pá em forma de espátula terminando em ponta triangular.

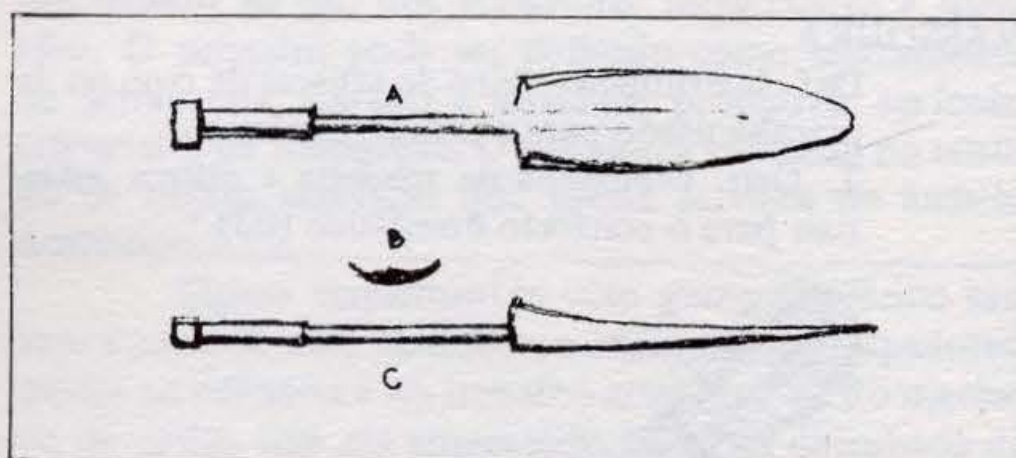
T. Gen. Implementos de madeira para navegação (06)

T. Rel. Remo foliáceo

Remo espatular. Índios Karajá, M.N. nº 27.389. Esc. 1:20. A. Vista da peça. B. Corte transversal. C. Vista lateral direita.

REMO FOLIÁCEO

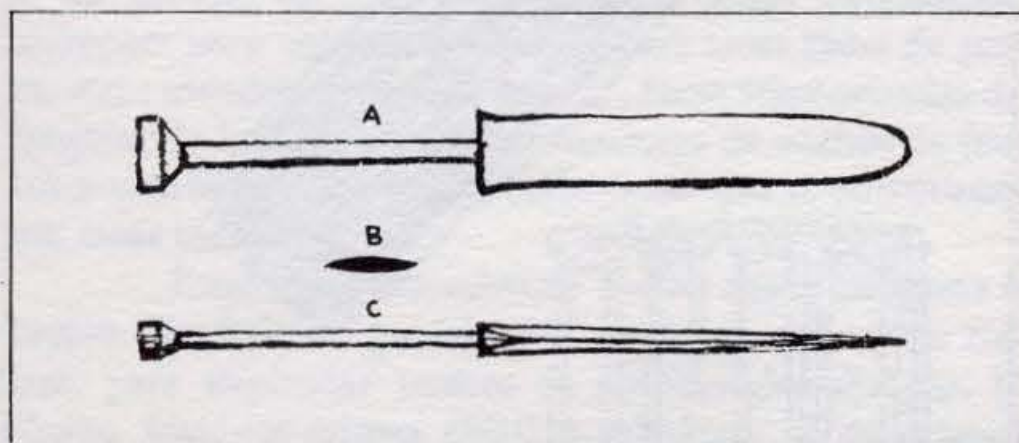
Def. Implemento para mover canoas com pá em forma de folha. Distingue-se do remo espatular por ter a extremidade da pá arredondada e o corte transversal aconcavado.

T. Gen. Implementos de madeira para navegação (06)

T. Rel. Remo espatular

Remo foliáceo. Índios Parintintín, M.N. nº 1128. Esc. 1:20. A. Vista da peça. B. Corte transversal. C. Vista lateral direita.

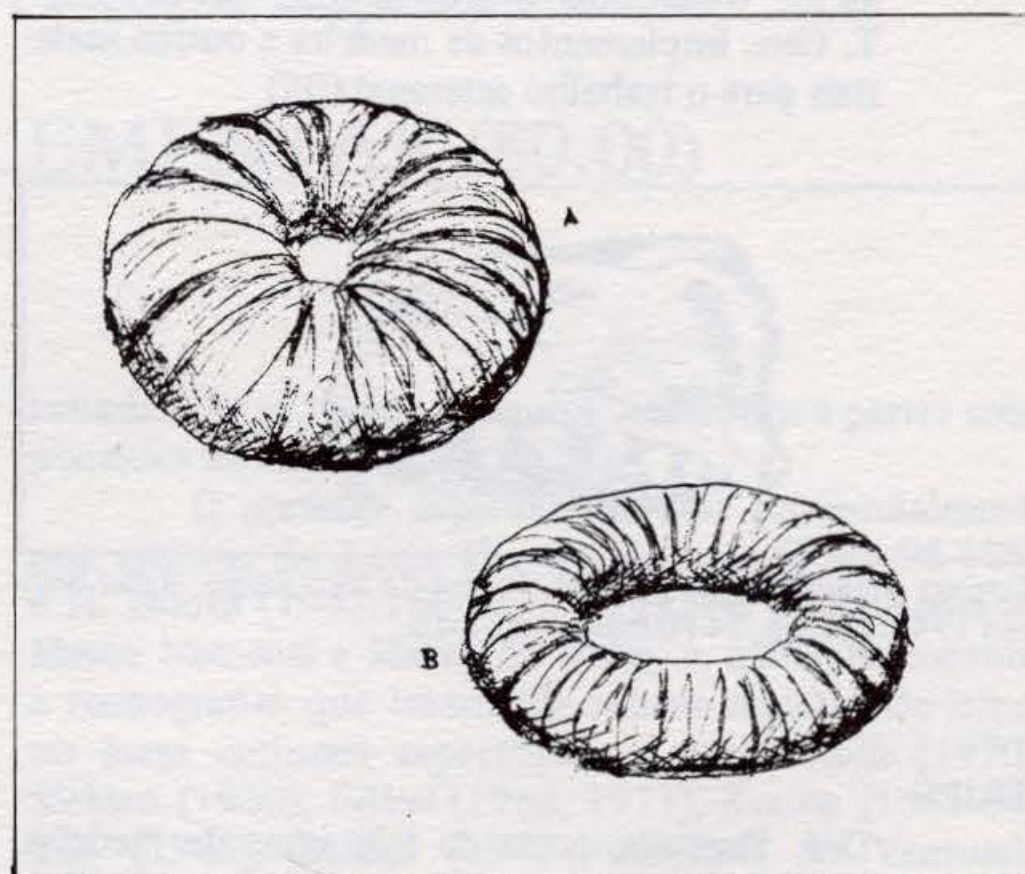
REMO RETANGULAR

Def. Implemento para impulsionar canoa de pá retangular, arredondada na ponta.

T. Gen. Implementos de madeira para navegação (06)

Remo retangular. Índios do Brasil, M.N. nº 1.129. A. Vista da peça. B. Corte transversal. C. Vista lateral direita.

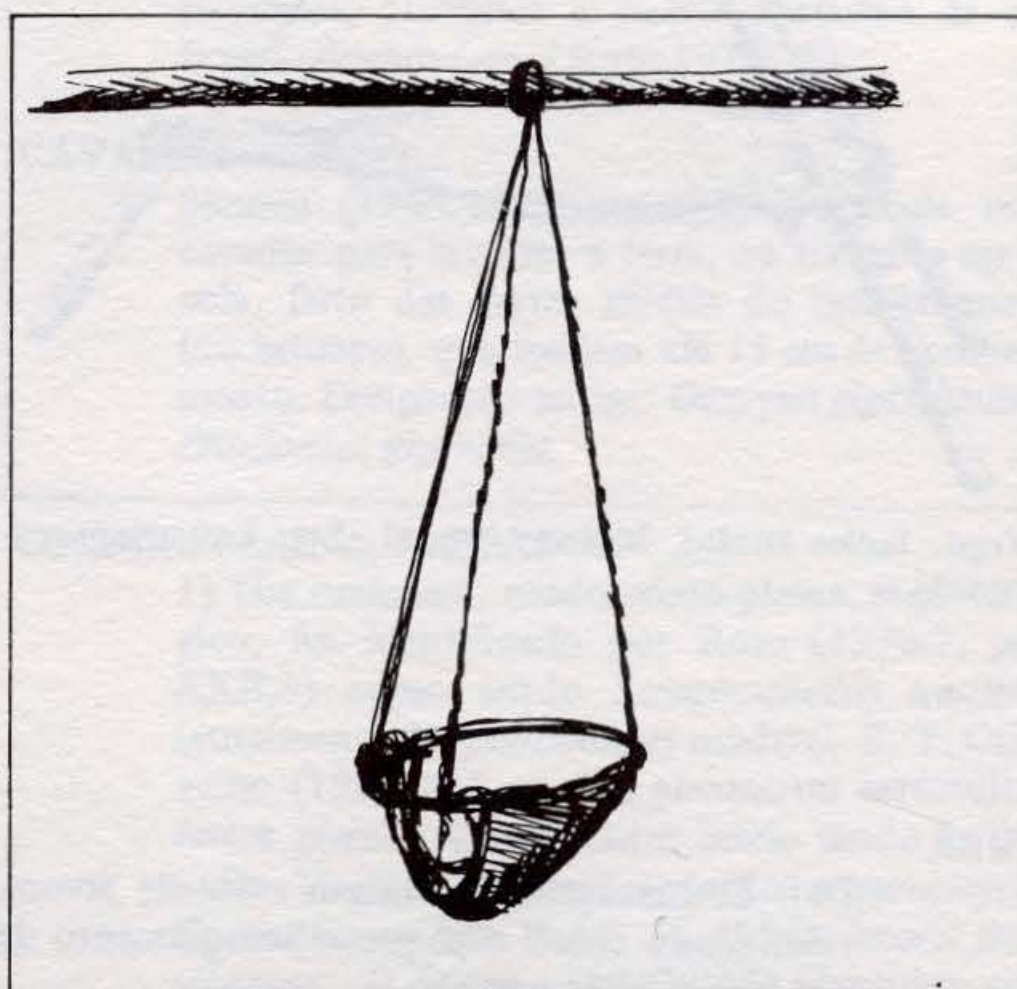
RODILHA DE CESTO-CARGUEIRO

Def. Espécie de "almofada" circular de embira com que as índias do alto Xingu calçam o cesto-cargueiro para equilibrá-lo na cabeça.

T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico (03)

Rodilha de cesto-cargueiro. Índios Yawalapití, A. M. N. nº 39.492, B. M. N. nº 39.079. Esc. 1:3.

RODA SUSPENSA PARA BEBÊ

Def. Constituída de um aro circular de madeira suspenso por três cordas a uma viga. O assento preso ao aro é de pano ou entrecasca de árvore.

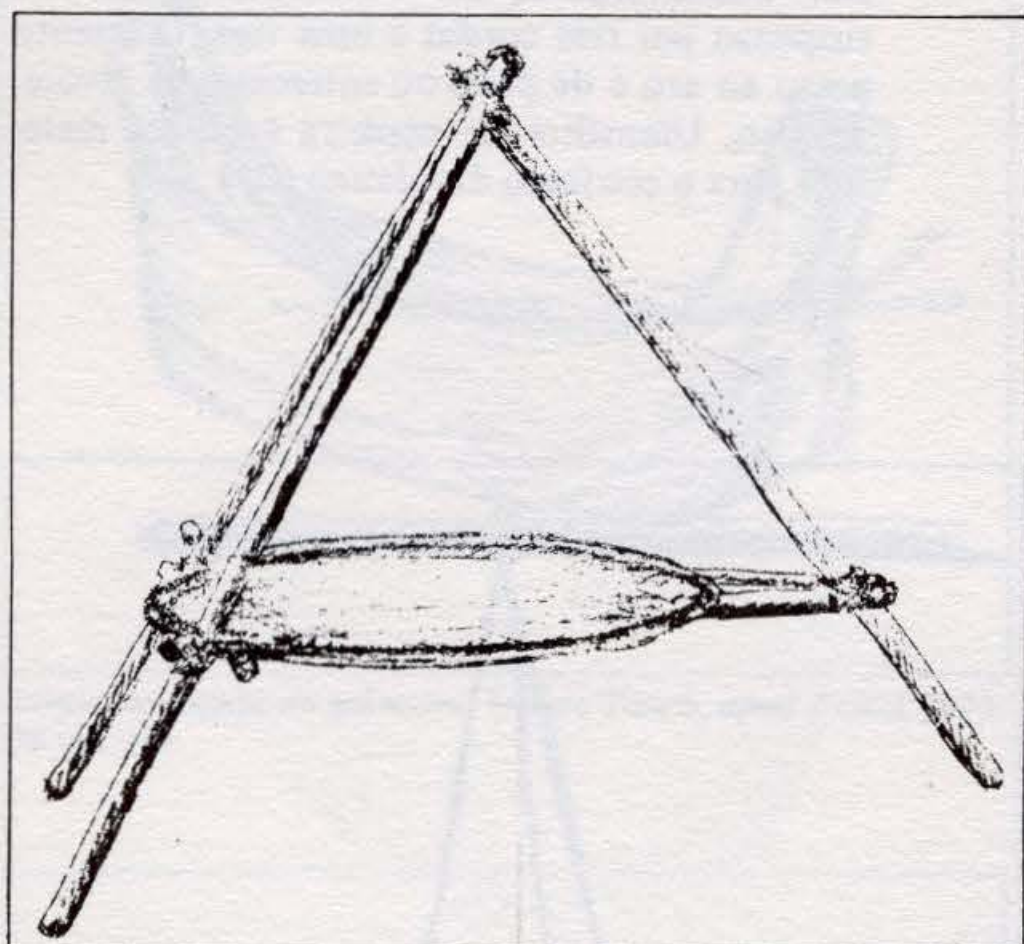
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico (03)

Roda suspensa para bebê. Índios Tariâna, M.N. nº 40.165. Esc. 1:10.

TESOURA MANDÍBULA DE PIRANHA

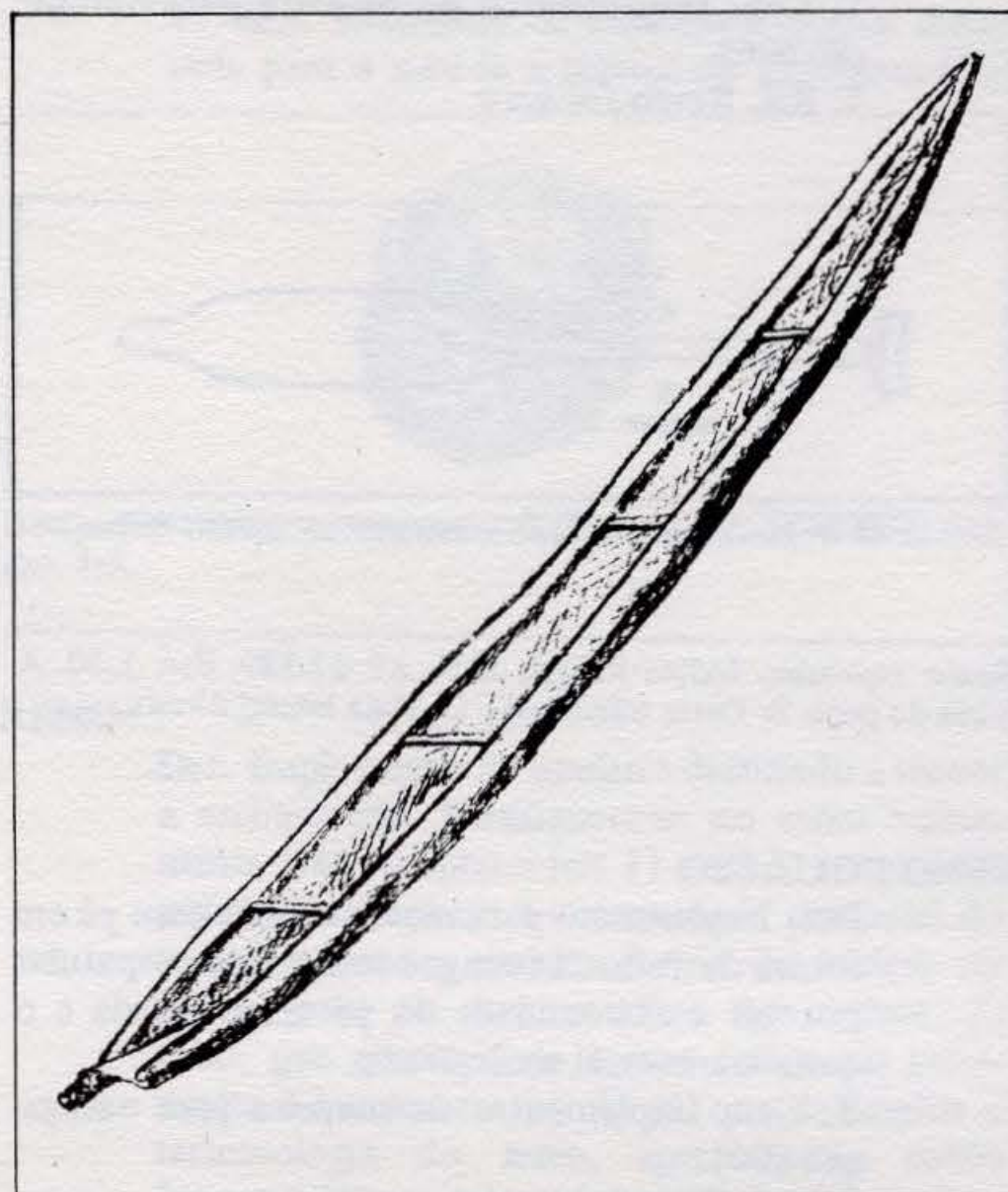
Def. Implemento constituído pela mandíbula do peixe piranha, usado para fazer incisões que facilitam o corte de: taboca, nervura da folha do buriti, linha, cabelo, etc., de modo a cortá-los ou quebrá-los mais facilmente. Os índios do alto Xingu deram o nome de "dentes de piranha" à tesoura que viram pela primeira vez usada por v. den Steinen. (Steinen 1940:256).
T. Gen. Implementos de madeira e outros materiais para o trabalho artesanal (05)

Tesoura mandíbula de piranha. Índios do alto Xingu. *Apud* Steinen 1940:252 fig. 24 (tamanho normal).

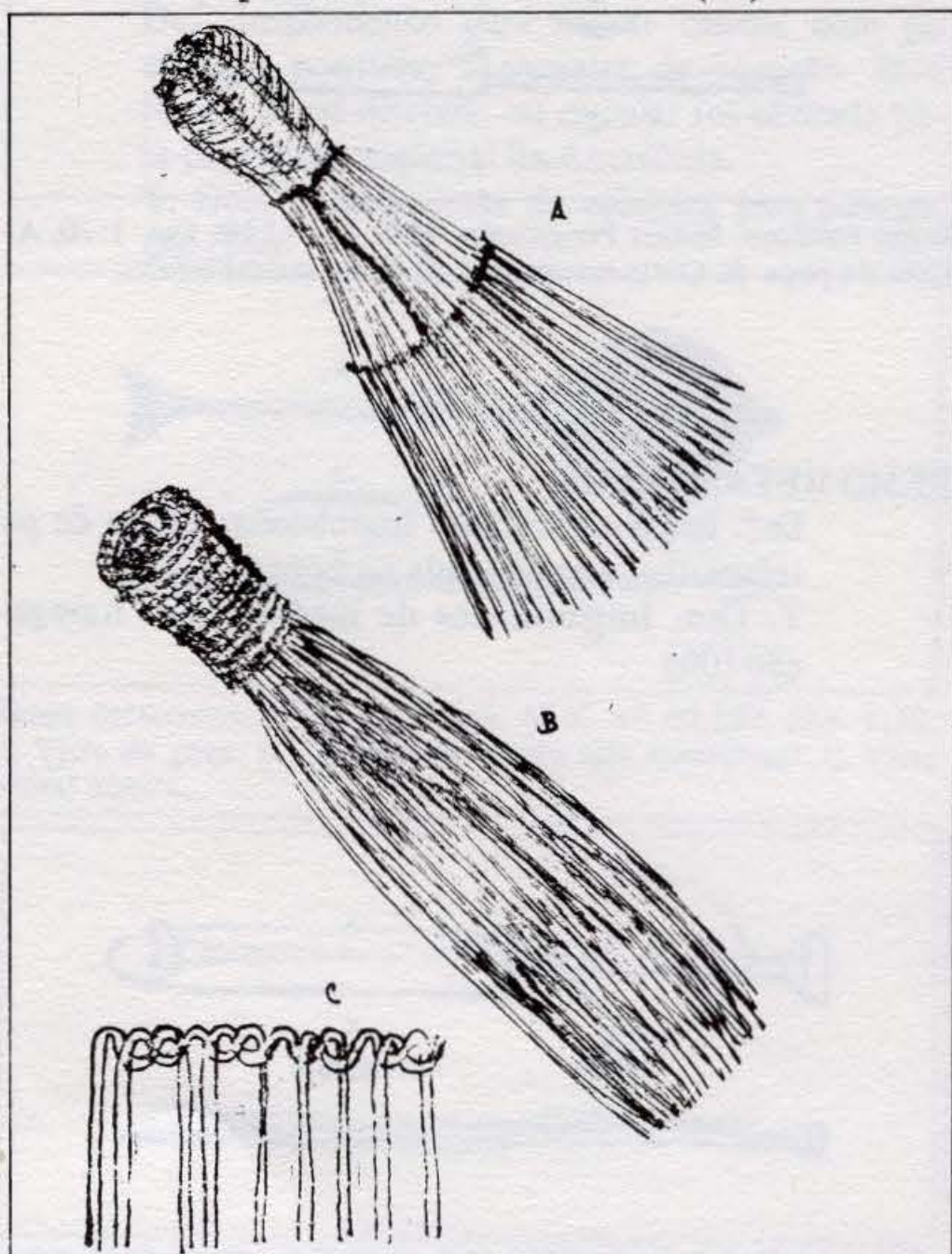
TRIPÉ

Def. Peça composta de três varas de madeira, que se entrecruzam na vertical, e uma tábua disposta na horizontal, na qual se apoia o cestocoador cumatá, que filtra o sumo venenoso da mandioca brava ou outros líquidos.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o preparo de alimentos (01)
Consulte: 20 Trançados

Tripé. Índios Desâna, M.N. nº 40.171. Esc. 1:20. Note-se a cumatá.

UBÁ

Def. Embarcação talhada em casca de árvore, rasa, fundo chato e pequeno soerguimento da bordadura, proa e popa.
T. Gen. Implementos de madeira para navegação (06)
T. Rel. Igara
Remo (e suas variantes)
V. tb. Acessórios e partes componentes da embarcação (80.02)

Ubá de casca de jatobá. Índios Kamayurá, M.N. nº 35.464. Esc. 1:50. A. Vista da peça. B. Detalhe da popa. C. Detalhe da proa.

VASSOURA

Def. Instrumento feito de taliscas de cipó ou de piaçaba usado para o asseio doméstico.
T. Gen. Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico (03)

Vassoura. *Apud* Kensinger et alii 1975:214. A. B. Vista das peças. C. Detalhe da técnica de confecção.

80 UTENSÍLIOS E IMPLEMENTOS DE MADEIRA E OUTROS MATERIAIS

GLOSSÁRIO COMPLEMENTAR (80.00)

Em razão da sistemática adotada, a presente categoria incorpora os *utensílios* que guarnecem a casa indígena, com exceção dos que foram inventariados nos capítulos referentes a: 10 Cerâmica, 20 Trançados, 30 Cordões e tecidos. São também abstraídos os *implementos* utilizados na confecção da cerâmica, dos cordões e tecidos, bem como os específicos para a manufatura das armas. Todos eles são descritos no tópico "implementos" do glossário complementar das respectivas categorias. Deixou-se de incluir, igualmente, alguns itens mencionados e ilustrados por Frikel (1973:156-8) e por Yde (1965:118) de pequena elaboração, tais como, pau com corda para segurar cachorro, coletor de lixo e poucos outros. Incluem-se os implementos de navegação.

Cabe recordar a advertência feita na Introdução quanto ao uso dos vocábulos: implemento e utensílio. O primeiro pode ser definido como instrumento ou ferramenta voltado à atividade produtiva: agrícola, artesanal e de navegação. O segundo é utilizado no sentido de objeto utilitário que presta serviços no âmbito doméstico.

Alguns implementos com gume periférico servem a mais de uma atividade, a exemplo dos raspadores, usados na culinária e no trabalho artesanal, ou do machado de pedra, que era empregado tanto na derrubada da mata para o cultivo quanto na confecção de artefatos. O mesmo ocorre em relação a outros implementos, como o pau ignígero. Entretanto, cada um deles foi alocado a um único grupo genérico, aquele em que seu emprego é decisivo.

Por razões óbvias, são aqui incluídos apenas os objetos móveis, passíveis de colecionamento e guarda em museus. Em conseqüência, faz-se abstração de objetos mais ou menos fixos como: fogões altos, tipo mesa, feitos de barro; pedras ou toras de lenha que servem de fogões e suporte de panelas; camas-plataformas, jiraus, ganchos e espetos; troncos de madeira usados como assento; toras cilíndricas do mesmo material, ou do miolo do pecíolo do buriti, empregadas como travesseiros; armações para colocar flechas ou para secar linha de pesca, etc.; escadas; pedras de amolar; facas improvisadas de fasquias de bambu ou capim; vassouras de cachos de frutos e outros objetos pouco elaborados que se encontram nas casas indígenas.

Julgamos desnecessário incluir nesta categoria o tópico "Definições genéricas", constante em várias outras, para explicitar termos de sentido globalizante. O tópico Matérias-primas (80.01) relaciona as de origem vegetal, animal e mineral empregadas em cada tipo de artefato, segundo dados disponíveis na bibliografia consultada. Outro tópico trata dos Acessórios e partes componentes da embarcação (80.02).

O presente capítulo baseia-se primordialmente nos estudos de Lúcia H. van Velthem (1986:95-108). e H. Baldus (1942:166-172); no exame das coleções do Museu Nacional e Museu do Índio; e, ainda, na consulta a monografias que tratam da cultura material de tribos ou áreas culturais específicas, a saber: Roth (1970), Steinen (1940), Frikel (1968, 1973), Krause (1941-44), Yde (1965), Baldus (1970), Albisetti & Venturelli (1962); e com referência à navegação, em Alves Câmara (1976). As matérias-primas foram identificadas em Rohr (1976), von Ihering (1968), Carvalho (1984), Le Cointe (1947) e Glenboski (1975). Para conferir os nomes científicos dos moluscos recebemos a ajuda do Setor de Malacologia do Museu Nacional.

MATÉRIAS-PRIMAS (80.01)

I. Matérias-primas de origem animal discriminadas por tipo de artefato

BROCA

Artefato talhado de osso longo de macaco barrigudo *(Lagothrix* sp.), ou outro mamífero, empregado como pua ou verruma para perfurar moluscos, sementes e outros materiais de se fazem adornos *(apud* Roth 1970:78).

CAVADOR

Steinen (1940:252) menciona o uso de um cavador para revolver a terra, no trabalho agrícola, feito das garras médias do tatu-canastra (ou tatuaçu), que medem até 15 cm de comprimento. Designação antiga: *Dasypus gigas;* atual: *Priodontes giganteus.*

COLHER, PLAINA, RASPADOR

1) Um caramujo, usado como plaina, arqueológico, foi identificado por Rohr (1976-7, pr. XXII,5) como sendo *Strophocheilus mulleri* (atualmente *Megalobulimus mulleri).* E. T. Carvalho (1984:164 pr. 40) encontrou caramujos feitos plainas, identificados como sendo da família Megalobulimidae, no sítio arqueológico Corondó, em São Pedro da Aldeia, litoral fluminense. 2) Steinen (1940:254) identifica como sendo do gênero *Anodonta* (atualmente *Anodontites)* as conchas usadas como raspa-

dores e plainas pelos índios do alto Xingu. 3) Esse autor refere-se, ainda, à concha empregada para raspar o tubérculo da mandioca "da variedade *Leila pulvinata* Hupé, trazida do Araguaia por Castelnau", conhecida pelos índios como *itá*. 4) Segundo Karl v. d. Steinen, "com uma espécie maior, *(itá kuraa)* – *Unio orbignyanus*, atualmente *Castalina orbignyanus* – eram alisados os arcos; empregava-se, para isso, a superfície externa da concha" (ibidem). 5) Informa o mesmo autor que, o gênero *Hyria* (atualmente *Prisodon)* – uma concha chata com uma extremidade pontuda – servia para abrir o fruto do pequi, correspondendo ao nosso canivete *(op. cit.:* 254). 6) E. T. Carvalho encontrou artefatos de conchas bivalves da família Veneridae no sítio arqueológico do litoral fluminense acima citado: *Macrocallista maculata* L. (93,29% do total) e, em proporções menores: *Lucina pectinata* (Gmelin), *Amiantis purpurata* (Lamarck) e *Iphigenia brasiliana* (Lamarck) (Carvalho 1984:157 pr. 36).

ESCABELO

Como assentos empregam os índios carapaças de jabuti, tatu e da tartaruga da Amazônia *Padocnemis expanda)*, bem como o couro curtido de diversos animais: veado, cervo, anta, onça, jaguatirica, boi.

FORMÃO

A parte atuante do formão é feita de: 1) incisivos de grandes roedores – capivara *(Hydrochoerus hydrochoerus*, antigamente, *H. capybara)*; cutia *(Dasyprocta aguti* e *D. azarae)*; paca *(Coelogenis paca*, antigamente *Agouti paca)*; 2) caninos do caititu *(Tayassu tayassu)* e da queixada *(Tayassu albirostris)*, que é a espécie maior de porco-do-mato, caracterizada pelo queixo e colarinho brancos, daí o nome.

PERFURADOR

K. v. d. Steinen (1940:251-252) menciona o uso pelos índios do alto Xingu de perfuradores feitos de dentes pontudos e fortes de *Cynodon*, nome científico do peixe-cachorro, segundo esse autor. Trata-se, certamente, das espécies *Hydrolycus scomberoides* ou *Rhaphiodon vulpinus* da família dos Caracídeos (R. v. Ihering 1968:518-519).

RALADOR

A língua do pirarucu *(Arapaima gigas)* é utilizada por índios e caboclos para ralar o bastão do guaraná, principalmente.

TESOURA

"As dentaduras da piranha *serrasalmo* serviam para cortar", escreveu Steinen (1940:251). Trata-se de um peixe de água doce da família dos Caracídeos, subfam. Serrassalmíneos. É provável que a piranha preta ilustrada por Steinen (1940:251 fig. 22) seja a espécie *Pygocentrus piraya*.

II. Matérias-primas de origem vegetal discriminadas por tipo de artefato

BANCO

Existem poucas referências na bibliografia sobre a madeira empregada para talhar os bancos. Os Asuriní empregam mogno *(Swietenia krukovii* Gleason), da família das Meliáceas; os Tukâno utilizam o lenho da sorva-grande *(Couma macrocarpa* Barb. Rodr.), uma Apocinácea; outros grupos usam o cedro bordado *(Cedrela odorata* L.), família Meliáceas. Na pintura da madeira dos bancos (e também dos raladores), os Waiwai empregam a cinza da folha da palmeira ubím *(Geonoma paniculigera* Mart.) dissolvida num mordente: amapá doce *(Macoubea guianensis* Aubl.), uma Apocinácea (Yde 1965:80, 82). Os Tukâno empregam o látex da sorva-pequena, árvore da mesma família, *(Couma utilis* Mart.), misturado com barro preto para cobrir o assento do banco; os desenhos são traçados com tinta vermelha de carajuru *(Arrabidaea chica* (H. B. K.), uma Bigoniácea.

CABAÇA E CUIA

Parte do vasilhame de uso doméstico é feito de: cabaça amargosa *(Lagenaria vulgaris* Ser., ou *L. sicerari* (ver Lizot 1980:23), da família das Cucurbitáceas, também conhecida como puranga ou porongo. Prestam-se para depósitos de água e outros líquidos, por sua forma oblonga e tamanhos variados. A casca lenhosa da cuieira *(Crescentia cujete* L.), da família das Bigoniáceas, cultivada por quase todos os grupos indígenas do Brasil, ou intercambiada, é de grande serventia para uso doméstico, como colher, concha, copo, prato, etc. A parede interna da cuia é laqueada com a seiva da entrecasca de *Miconia* sp., árvore da família das Melastomáceas, pelos Desâna do rio Tiquié. Mantêm a peça emborcada, durante vários dias, sobre folha podre de mandioca até que o interior adquira cor negra brilhante. Para o mesmo fim, Le Cointe (1947:169) cita o cumaté ou araçá do campo *(Myrcia atramentifera* Barb. Rodr.), uma Mirtácea e o achuá *(Saccoglottis guianensis* Benth var. *Dolichocarpa* Ducke), uma Humiriácea *(op. cit.:* 16).

CANOAS E REMOS

Impermeabilizantes

Materiais resinosos e pigmentos são empregados para curtir a madeira dos cascos a fim de protegê-los contra o apodrecimento. Os mais comuns, de origem vegetal, são, segundo Alves Câmara (1976:77): 1) anil e outras féculas vegetais; 2) látex de: a) sorva-pequena *(Couma utilis* (Mart.); b) sorva-grande *(Couma macrocarpa* Barb. Rodr.); c) maçaranduba *(Mimusops excelsa* Ducke); 3) resina para calafetar a embarcação de: a) breu branco verdadeiro *Protium heptaphyllum* (Aubl.) March (= *Icica heptaphylla* Aubl.), família das Burseráceas; b) anani *(Symphonia globulifera* L.), família das Gutiferáceas. A essas substâncias são adicionados, às vezes, corantes de origem mineral.

ACARIÚBA *(Minquartia guianensis* Aubl.)
Madeira pardo-clara usada pelos Waiwai para a manufatura de remos (Yde 1965:77). Família das Oleráceas.

ANDIROBA *(Carapa guianensis* Aubl.)
Família das Meliáceas. Madeira castanho-vermelha brilhante, semelhante ao cedro, mas de qualidade superior. Usada pelos índios das Guianas para construir canoas (Roth 1970:613).

ANGÉLICA *(Guettarda speciosa* Aubl.)
Madeira branca e pouco compacta empregada para fazer canoas pelos índios Waiwai (Yde 1965:77).

ANGELIM PEDRA *(Hymenolobium petraeum* Ducke)
Família Leg. pap. dalb., alcançando mais de 50 m de altura por 70 cm de diâmetro, prestando-se para o fabrico de canoas de grandes dimensões (Alves Câmara 1976:63-64).

ATANÁ *(Dimorphandra mora* Benth)
Madeira castanho-clara da família Legum. caesalp. empregada na manufatura de canoas pelos índios das Guianas (Roth 1970:613).

BREU BRANCO VERDADEIRO *(Protium heptaphyllum* (Aubl.) March)
A madeira dessa espécie e da *Protium (Icica) altissima* são citadas por Roth (1970:613) como de uso dos Aparai e Wapitxâna no fabrico de canoas.

CARAPANAÚBA *(Aspidosperma nitidum* (Benth)
Chamada "árvore do remo" pelos Waiwai; usada para esse fim também pelos *créole* da Guiana Francesa (Yde 1965:86) e pelos Marúbo, segundo D. Melatti. Família das Apocináceas.

CEDRO BORDADO *(Cedrela odorata* L.)
Variedade de cedro vermelho. Usado na feitura de canoas pelos índios das Guianas (Roth 1970:613) e Waiwai (Yde 1965:80). Família das Meliáceas.

CEDRO ? *(Cedrela fissilis* Vell.)
Família das Meliáceas. A madeira do tronco é escavada para construir igaras. Remos com pás cordiformes são talhados desse cedro, tingidos de jenipapo *(Genipa americana* L.) pelos índios Tukúna. (Glenboski 1975:102).

COPAÍBA *(Copaifera pubiflora* Benth)
Família Leg. caesalp.. Madeira resinosa pardo-amarelada de textura semelhante à do cedro. Usada para fazer canoas pelos índios das Guianas (Roth 1970:613).

CUPIÚBA *(Goupia glabra* Aubl.)
Da família das Celastráceas. Madeira de dureza média, vermelho-castanho-claro, fácil de trabalhar para fazer igaras. Citada por Roth (1970:613). índios das Guianas.

JATOBÁ *(Hymenaea courbaril* L.)
Conhecida também como jutaí-açu, jataí ou jutaizeiro. Com a casca espessa constróem-se ubás: índios do alto Xingu (Steinen 1940:193); índios Tiriyó (Frikel 1973:41), entre outros. O diâmetro do tronco alcança 1,22cm. Família Legum. caesalp..

LOURO *(Nectandra* spp.)
Família das Lauráceas, é considerada a madeira mais apropriada para a construção naval, com a vantagem de dificilmente rachar. Empregada, entre outros, pelos índios das Guianas (Roth 1970:613).

MUIRAPIRANGA *(Brosimum paraense* Huber)
Família das Moráceas, conhecida como guariuba no Peru. Empregada pelos índios Tukúna para fazer igaras. O cerne é vermelho-escuro vivo, duro e pesado, mas bom para trabalhar (Glenboski 1975:116).

PAU D'ARCO *(Tecoma* sp.)
Da família das Bigoniáceas, madeira castanho-pardo, dura, boa para a construção naval. Empregada pelos Karajá na construção da igara (Ehrenreich 1948:43).

PAXIÚBA BARRIGUDA *(Iriartea ventricosa* Mart.)
Palmeira medindo 15 a 20 m de altura por 30 a 35 cm de diâmetro, formando no meio uma dilatação de 1 a 1,20cm de diâmetro. Como a espécie *I. exorrhiza* é sustentada por um pedestal de raízes aéreas. Usada no fabrico de igaras (Câmara 1976:63-64).

QUARUBA *(Vochysia tetraphylla* Aubl.)
Família das Vosquisiáceas, semelhante ao cedro mas de qualidade inferior. Madeira fácil de trabalhar mas pouco durável.

QUINA *(Ogcodeia ulei* (Warb.) Macbr.)
Família das Moráceas, utilizada pelos Tukúna para a manufatura de igaras (Glenboski 1975:116).

SUMAÚMA *(Bombax globosum* Aubl.)
Da família das Bombáceas. Madeira leve própria para jangadas. Algumas igaras grandes são feitas de sumaúma (Roth 1970:613).

DIVISÓRIA DE LÍBER
Líber ou entrecasca de árvore, dos gêneros *Ficus* (principalmente *Ficus radula* Willd.), *Poulsenia* (especialmente *Poulsenia armata* (Miq.) Standl.) (Glenboski 1975:112, 113) e *Sterculia* (Le Cointe 1947:475), das famílias Moráceas e Sterculiáceas, é conhecido na Amazônia sob a alcunha de tururi. Raspando a epiderme e batendo a entrecasca umedecida obtém-se um "pano" macio que serve para a feitura de indumentária ritual e cotidiana, tipóias, "panos" pintados para guarnecer as divisórias dos iniciandos dentro das malocas, escabelos, saquinhos para a guarda de material de pintura, bolsas, etc. Os métodos de preparo são descritos, entre outros, por Koch-Grünberg (1909

II:169), para os índios do alto rio Negro; por Albisetti & Venturelli (1962 I:906) para os Borôro, por Nimuendaju (1952:80) e Glenboski (1975:112), para os Tukúna; por Frikel (1973:107) para os Tiriyó e por Cruls (1952: 94) para diversas tribos. Retirado de árvores de variados tamanhos e espécies, o líber apresenta-se nas cores branco-amarelada, vermelho-ferrugem e castanho-cinzenta.

Consulte: 50 Adornos de materiais ecléticos, indumentária e toucador; 90 Objetos rituais, mágicos e lúdicos, Glossários complementares.

ESCABELOS

Assento ao rés do chão feito do pecíolo da pré-foliação do buriti (*Mauritia vinifera* Mart.) é usado pelas mulheres no alto Xingu. Muito comuns são os escabelos de líber.

ESPATA-RECIPIENTE

A bainha da folha da palmeira babaçu (*Orbignya speciosa* (Mart.) Barb. Rodr.) (= *Attalea speciosa* Mart.), a da palmeira inajá *Maximiliana regia* Mart.) e a da palmeira paxiúba (*Iriartea* sp.) (Glenboski 1975:106) são empregadas para fazer recipientes de uso doméstico.

FACA

Diversas espécies de tabocas (*Guadua* spp.) da família das Gramíneas são aparelhadas para se obter um gume periférico e servirem como facas de uso doméstico.

FACHO PARA ILUMINAÇÃO

A resina de duas espécies de breu – *Protium heptaphyllum* (Aubl.) March e *Icica heptaphylla* Aubl. é usada pelos índios Waiwai para a iluminação das malocas (Yde 1965:90). Para o mesmo fim empregam-se lâminas de ripeiro (*Eschweilera polyantha* A. C. Smith), da família das Lecitidáceas, árvore conhecida também sob a alcunha de turi, e resina seca de *Dacryodes* aff. *belemensis* Cuatr. (Glenboski 1975:108), da família das Burseráceas.

OURIÇO DE CASTANHA RECIPIENTE

Retirada a "tampa" do fruto esférico (ouriço) da castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa* H.B. K.), que mede 11 a 14 cm de diâmetro, ou da castanha sapucaia (*Lecythis paraensis* Hub.), ambas da família das Lecitidáceas, cujo diâmetro varia entre 18 a 22 cm, obtém-se um recipiente para uso doméstico.

PAU DE CAVOUCO

As madeiras utilizadas para talhar esse implemento agrícola, registradas na bibliografia, são: palmeira açaí (*Euterpe oleracea* Mart.), no caso dos índios Xikrin (Frikel 1968:103) e da palmeira pupunha (*Guilielma gasipaes* (H. B. K.) Bailey), no caso dos Marúbo.

PAU IGNÍGERO

Os registros bibliográficos informam que os paus de ignição são feitos das seguintes matérias-primas: 1) bastão girador de taquara (*Guadua angustifolia* Kunth.), da família das Gramíneas, e rolete com cavidades de urucu (*Bixa orellana* L.) (índios Karajá, *apud* Krause 1941-44 vol. 83:148); 2) gameleira (*Ficus* sp.) e imbaúba (*Cecropia* spp.) para ambas as peças do aparelho (Baldus 1942:168): os gravetos em que se manifesta o fogo são de pau d'estopa (*Lecythis* sp.) (ibidem); 3) bolaina (*Guazuma rosea* Popp & Endl., da família das Esterculiáceas (índios do Ucaiali, *apud* Tessmann 1930: 91); 4) os Makuxí utilizam o lenho de *Apeiba glabra* Aubl. (Roth 1970:70) como matéria-prima ignígera; e 5) os Kaapor, uma Anonácea (*Guatteria* sp.) (Inf. pes. William Ballé); os Borôro, canela brava (*Pseudocaryophyllus sericeus* (Steinen 1940:620); os Nambikuára, bastões da árvore do breu (*Protium* sp.) (Roquette-Pinto 1917:186).

PILÃO

Os Waiwai empregam a madeira vermelha do cedro bordado (*Cedrela odorata* L.), uma Meliácea, e da cupiúba (*Goupia glabra* Aubl.) (família das Celastráceas), na feitura do pilão (Yde 1965:80, 89). Para o mesmo artefato, os Desâna utilizam pau-amarelo (*Euxylophora paraensis* Hub.) e pau-brasil (*Sickingia tinctoria* (H.B.K.) K. Sch.) (observação pessoal); os Tapirapé, o lenho do pequi (*Caryocar brasiliensis* Camb) da família das Cariocaráceas (Baldus 1970:241) e os Tukúna, a madeira de *Coumarouna micrantha* (Harms) Ducke, segundo Glenboski (1975:109).

RALADOR

Registra-se o uso de cedro (*Cedrela odorata* L.) e carapanaúba (*Aspidosperma excelsum* Benth), uma Apocinácea, na feitura das pranchas dos raladores de mandioca entre os Waiwai (Yde 1965:80, 86); os dentes do ralo Karajá são de lascas da palmeira brejaúba ou airi (*Astrocaryum auri*), segundo Krause (1941-44 v. 83:150); a madeira do ralo Baníwa é de marupá (*Simaruba amara* Aubl.) da família das Simarubáceas. As raízes aéreas, rígidas e ásperas da palmeira paxiúba (*Socratea exorrhiza* (Mart.) Wendl.) servem de ralo a diversas tribos. Com o mesmo propósito, os Borôro utilizam a casca de angico ou paricá-branco (*Acacia* sp.). Para fazer a tábua do ralo, os índios da Guiana empregam o cerne da copaíba (*Copaifera pubiflora* (Roth 1970:277).

III. Matérias-primas de origem mineral.

É indeterminada a classificação da pedra para a maioria dos artefatos líticos (machados, raspadores, pontas de flechas, almofarizes, mãos de pilão) catalogados nos museus, provenientes de contextos arqueológicos ou etnográficos. As rochas mais citadas são: granito, basalto, diabásio, gnaisse, quartzo leitoso, quartzo hialino e sílex. Dos autores consultados, Roth é o único a especificar, com referência aos índios das Guianas, os minérios de que são feitos os dentes dos raladores: gnaisse, granito, quartzito (Roth 1970: 277-278). Os raladores e bancos são decorados com tintas – amarela e vermelha – extraídas de

argilas ricas em óxido de ferro (tauá). A broca (ou perfurador giratório) de madeira é provida de ponta de quartzo, segundo Albisetti & Venturelli (1962:502) no caso dos Borôro e, de ponta de "pedra dura", segundo Steinen (1940: 250-251), no caso dos índios do alto Xingu.

ACESSÓRIOS E PARTES COMPONENTES DA EMBARCAÇÃO (80.02)

ABÓBADA
Def. Armação arqueada coberta de folha de palmeira ou de esteiras que protegem a carga das canoas.

BANCADAS
Def. Paus atravessados no sentido da largura do casco, que servem de assento ou para conduzir a carga nas canoas.

BORDADURA
Def. Limite superior do casco da canoa.

CANOA
Def. Termo genérico dado às embarcações indígenas. Distinguem-se dois tipos: ubá e igara.

CASCO
Def. Corpo da canoa, incluindo popa e proa.

JACUMÃ
Def. Leme ou remo para governar a embarcação.

POPA
Def. Parte posterior oposta à proa da embarcação.

PROA
Def. Parte anterior da embarcação oposta à popa.

VARA
Def. Implemento medindo 4 a 5 m de comprimento por 3 cm de largura usado para desencalhar ou impulsionar a embarcação em águas rasas.

90

OBJETOS RITUAIS, MÁGICOS E LÚDICOS

90

OBJETOS RITUAIS, MÁGICOS E LÚDICOS

GRUPOS GENÉRICOS

Nº	Grupo
01	Indumentária ritual de dança
02	Insígnias de status diferenciado
03	Instrumentália do pajé
04	Instrumentos cirúrgicos e rituais de mortificação
05	Aparelhos para estimulantes e narcóticos
06	Amuletos de uso pessoal
07	Utensílios mnemônicos e de comunicação
08	Utensílios funerários
09	Utensílios mágico-lúdicos
10	Utensílios lúdicos infantis

INDUMENTÁRIA RITUAL DE DANÇA (01)

Def. Vestimenta-disfarce composta de máscara – solta ou parte integrante da vestimenta – que figura seres sobrenaturais antropomorfos ou zoomorfos; e/ou simples capa de fibras vegetais que oculta o usuário.
Uso: ritual ou profano, para lazer do usuário e dos circunstantes.
T. Esp. Capa cortina de franjas
Capa pele de onça
Máscara anta Juri-taboca
Máscara antropomorfa rio Negro
Máscara antropomorfa Tukúna
Máscara borboleta rio Negro
Máscara capacete-plumário Pankararú
Máscara cara-de-cuia Kaxináwa
Máscara cara-de-cuia Timbíra
Máscara cara grande Tapirapé
Máscara cilíndrica Tapirapé
Máscara de aruanã
Máscara de líber Wayâna-Aparai
Máscara-esteira Timbíra
Máscara jacaré Tukúna
Máscara macaco-prego Xikrin
Máscara onça Juri-Taboca
Máscara onça Tukúna
Máscara peixe Juri-Taboca
Máscara roda-de-líber Tukúna
Máscara tamanduá Xavante/Xerente
Máscara tecida rio Negro
Máscara trançada calça-e-camisa
Máscara trançada tamanduá bandeira
Máscara xinguana cabeça-de-cabaça
Máscara xinguana capacete trançado
Máscara xinguana capuz tecido
Máscara xinguana cara-de-macaco
Máscara xinguana escultura antropomorfa
Máscara xinguana escultura ictióide
Máscara xinguana roda-capuz
Saia franjas de palha

INSÍGNIAS DE STATUS DIFERENCIADO (02)

Def. Compreende a grande variedade de objetos que representavam – ou ainda representam – papel importante nas atividades produtivas ou guerreiras, e que simbolizam essas funções em determinados rituais, qualificando seus portadores com status diferenciado. Na medida em que recordam a vida e atividades pregressas da tribo, tais artefatos contribuem para reforçar a identidade étnica. Outra característica marcante de alguns desses objetos é que, embora utilizados na vida diária, são dotados de maior elaboração artística e requinte de execução. É o caso dos arcos, lanças, machados e enxós cerimoniais incluídos nesta categoria.
Uso: exclusivamente ritual.
T. Esp. Arco cerimonial
Bastão cerimonial Timbíra
Cabeça mumificada Mundurukú
Cetro emplumado
Cetro Ipurinã
Cetro Palikúr
Cetro Waiwai
Enxó ritual de pedra
Escudo ritual trançado
Gravata emblema Xavante
Lança cerimonial Kaxináwa
Lança cerimonial Timbíra
Machado de pedra semilunar
Punhal ritual Tapirapé

INSTRUMENTÁLIA DO PAJÉ (03)

Def. Compreende os objetos – excluídos os maracás (instrumentos musicais) – passíveis de serem trazidos aos museus, mediante os quais o xamã pratica ritos de cura ou feitiços de malefício. A instrumentália do pajé é difícil de ser

inventariada, uma vez que se distribui por várias categorias de artefatos e, mesmo dentro de um mesmo artefato, existiriam "encantamentos" mágicos difíceis de definir. É o que diz Zerries a propósito do maracá: "O conteúdo do maracá, que compreende diversos tipos de pedrinhas, sementes, etc, forneceria material para toda uma dissertação" (Zerries 1981:333).

Uso: práticas xamanísticas

T. Esp. Bastão xamânico Kaxuyâna
Bolsa líber remédios do pajé
Cabacinha remédios do pajé
Estojo remédios do pajé
Feitiço de morte Karajá
Feitiço pajé Tenetehara
Pedra do pajé Suruí
Tubo do pajé Marúbo

INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS E RITUAIS DE MORTIFICAÇÃO (04)

Def. Compreende implementos utilizados na medicina indígena e instrumentos de ordália a que são submetidos os jovens nos ritos de iniciação com o objetivo de incutir-lhes resistência à dor.

Uso: produzir curas e/ou ordálias em ritos específicos.

T. Esp. Cauterizador de feridas Karajá
Instrumento cirúrgico Nambikuára
Instrumento corte cordão umbilical
Látego para flagelação Yekuana
Moldura trançada para tocandiras
Tridente para mortificação Waiká

APARELHOS PARA ESTIMULANTES E NARCÓTICOS (05)

Def. Utensílios usados para o preparo, guarda e consumo de diversos tipos de estimulantes psicoativadores e narcotizantes: tabaco (para fumo e aspiração nasal); caapi (para ingerir em forma de bebida); paricá (para inalação nasal); pó de ipadu (coca) para mascar.

Uso: profano e ritual nas festas e funções xamanísticas.

T. Esp. Aspirador rapé de taboca
Bandeja para paricá
Cachimbo de cerâmica
Cachimbo de jequitibá
Cachimbo de madeira
Cachimbo noz de tucum
Caramujo para paricá
Cigarro
Mó de paricá
Porta-cigarro
Pote cerimonial bebida alucinógena
Sacola de ipadu
Tabaqueira de cabaça
Tabaqueira de taboca

AMULETOS DE USO PESSOAL (06)

Def. Os adornos – principalmente infantis – incluídos neste grupo, de uso diário ou festivo, são qualificados como "remédios" ou "encantamentos" destinados a prevenir doenças ou feitiços que comprometam a saúde dos adultos ou o crescimento dos imaturos.

Uso: talismãs preservativos

T. Esp. Adorno-amuleto heteróclito
Amuleto Apinayé goela-de-guariba
Amuleto Ipurinã
Colar-amuleto de casulo
Colar-amuleto dentes, sementes

UTENSÍLIOS MNEMÔNICOS E DE COMUNICAÇÃO (07)

Def. Objetos que ajudam a fazer associações, tendentes a reter fatos ou números na memória, ou a transmitir mensagens.

Uso: artifícios para memorizar e comunicar.

T. Esp. Convite de festa
Cordão estatístico
Tabuleta calendário

UTENSÍLIOS FUNERÁRIOS (08)

Def. Compreende cestos para o acondicionamento dos ossos para o sepúlcro definitivo, registrados entre os Borôro e os Wayâna-Aparai. E, ainda, urnas de cerâmica para o mesmo fim.

Uso: enterramento secundário de restos mortais

T. Esp. Cesto funerário
Urna funerária de cerâmica

UTENSÍLIOS MÁGICO-LÚDICOS (09)

Def. Objetos com fascínio mágico, que se acredita possuam poderes para alterar as leis naturais; e/ou objetos com finalidade lúdico-estético-desportiva.

Uso: propiciatório e lúdico-desportivo.

T. Esp. Abano plumário Kaxinâwa
Cordão mágico de caça
Cruz de fios
Escultura zoomorfa ritual Ipurinã
Escultura zoomorfa ritual Timbíra
Escultura magia-de-caça Kaxuyâna
Feitiço-de-chuva Karajá
Miniatura de *Kwarïp*
Prestidigitador Kaxináwa para disciplinar esposa
Roda casa-de-festas Wayâna
Toras para corrida

UTENSÍLIOS LÚDICOS INFANTIS (10)

Def. Compreende a vasta gama de brinquedos socializadores – miniaturas de arcos, flechas, bancos, panelas, cestos, etc. – que ensinam as crianças de cada sexo a se familiarizarem com o patrimônio de cultura material de cada tribo e a se exercitarem nas tarefas que serão chamadas a desempenhar quando adultas. E, ainda, objetos fabricados por adultos, ou crianças mais velhas, para lazer e prazer cotidiano. Aqui inventariamos apenas estes últimos.

Uso: lúdico e socializador

T. Esp. Bola de borracha
Brinquedo aviãozinho
Brinquedo boneco buriti Borôro
Brinquedo boneco buriti Timbíra
Brinquedo boneco cabaça Borôro
Brinquedo boneco de madeira
Brinquedo boneco de pano
Brinquedo de barro
Brinquedo em dobraduras
Brinquedo máscara de aruanã

Brinquedo trançado
Brinquedo trançado pega-moça
Cama de gato
Corrupio
Figura de cera
Figura de embira
Peteca
Pião noz de tucum
Utensílio lúdico infantil de caracóis

ITENS

Nº	Item
01	Abano plumário Kaxináwa
02	Adorno-amuleto heteróclito
03	Amuleto Apinayé goela-de-guariba
04	Amuleto Ipurinã
05	Arco cerimonial
06	Aspirador rapé de taboca
07	Bandeja para paricá
08	Bastão cerimonial Timbíra
09	Bastão xamânico Kaxuyâna
10	Bola de borracha
11	Bolsa líber remédios do pajé
12	Brinquedo aviãozinho
13	Brinquedo boneco buriti Borôro
14	Brinquedo boneco buriti Timbíra
15	Brinquedo boneco cabaça Borôro
16	Brinquedo boneco de madeira
17	Brinquedo boneco de pano
18	Brinquedo de barro
19	Brinquedo em dobraduras
20	Brinquedo máscara de aruanã
21	Brinquedo trançado
22	Brinquedo trançado pega-moça
23	Cabacinha remédios do pajé
24	Cabeça mumificada Mundurukú
25	Cachimbo de cerâmica
26	Cachimbo de jequitibá
27	Cachimbo de madeira
28	Cachimbo noz de tucum
29	Cama de gato
30	Capa cortina de franjas
31	Capa pele de onça
32	Caramujo para paricá
33	Cauterizador de feridas Karajá
34	Cesto funerário
35	Cetro emplumado
36	Cetro Ipurinã
37	Cetro Palikúr
38	Cetro Waiwai
39	Cigarro
40	Colar-amuleto de casulo
41	Colar-amuleto dentes, sementes
42	Convite de festa
43	Cordão estatístico
44	Cordão mágico de caça
45	Corrupio
46	Cruz de fios
47	Enxó ritual de pedra
48	Escudo ritual trançado
49	Escultura zoomorfa ritual Ipurinã
50	Escultura zoomorfa ritual Timbíra
51	Escultura magia-de-caça Kaxuyâna
52	Estojo remédios do pajé
53	Feitiço de chuva Karajá
54	Feitiço de morte Karajá
55	Feitiço pajé Tenetehara
56	Figura de cera
57	Figura de embira
58	Gravata emblema Xavante
59	Instrumento cirúrgico Nambikuára
60	Instrumento corte cordão umbilical
61	Lança cerimonial Kaxináwa
62	Lança cerimonial Timbíra
63	Látego para flagelação Yekuana
64	Machado de pedra semilunar
65	Máscara anta Juri-Taboca
66	Máscara antropomorfa rio Negro
67	Máscara antropomorfa Tukúna
68	Máscara borboleta rio Negro
69	Máscara capacete-plumário Pankararú
70	Máscara cara-de-cuia Kaxináwa
71	Máscara cara-de-cuia Timbíra
72	Máscara cara-grande Tapirapé
73	Máscara cilíndrica Tapirapé
74	Máscara de aruanã
75	Máscara de líber Wayâna-Aparai
76	Máscara-esteira Timbíra
77	Máscara jacaré Tukúna
78	Máscara macaco-prego Xikrin
79	Máscara onça Juri-Taboca
80	Máscara onça Tukúna
81	Máscara peixe Juri-Taboca
82	Máscara roda-de-líber Tukúna
83	Máscara tamanduá Xavante/Xerente
84	Máscara tecida rio Negro
85	Máscara trançada calça-e-camisa
86	Máscara trançada tamanduá bandeira
87	Máscara xinguana cabeça-de-cabaça
88	Máscara xinguana capacete trançado
89	Máscara xinguana capuz tecido
90	Máscara xinguana cara-de-macaco
91	Máscara xinguana escultura antropomorfa
92	Máscara xinguana escultura ictióide
93	Máscara xinguana roda-capuz
94	Miniatura de *kwaríp*
95	Mó de paricá
96	Moldura trançada para tocandiras
97	Pedra do pajé Suruí
98	Peteca
99	Pião noz de tucum
100	Porta-cigarro
101	Pote cerimonial bebida alucinógena
102	Prestidigitador Kaxináwa para disciplinar esposa
103	Punhal ritual Tapirapé
104	Roda casa-de-festas Wayâna
105	Sacola de ipadu
106	Saia franjas de palha
107	Tabaqueira de cabaça
108	Tabaqueira de taboca
109	Tabuleta calendário
110	Toras para corrida
111	Tridente para mortificação Waiká
112	Tubo do pajé Marúbo
113	Urna funerária de cerâmica
114	Utensílio lúdico infantil de caracóis

ABANO PLUMÁRIO KAXINÁWA

Def. Para ocasiões cerimoniais, os Kaxináwa manufaturam abanos de penas caudais de mutum ou de gavião justapostas e atadas pelos

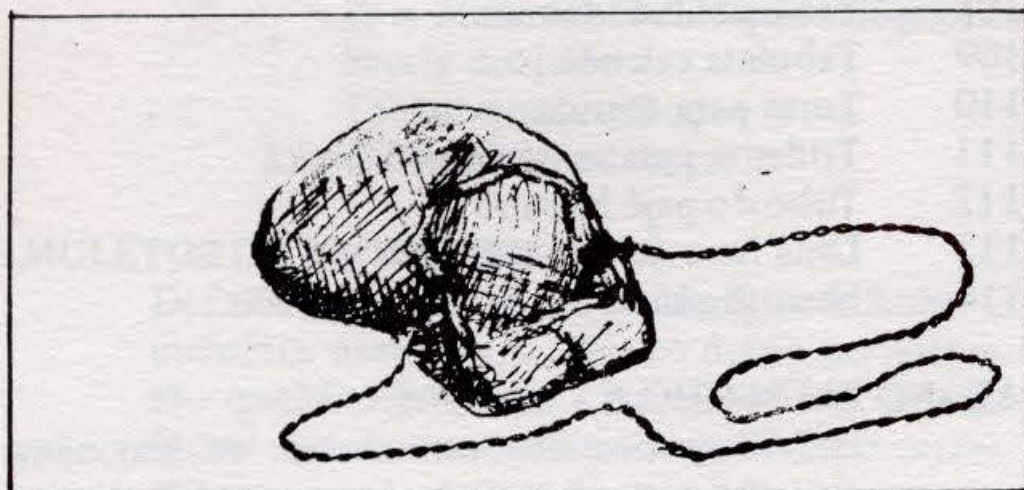
canhões (Kensinger et alii 1975:215). Esses abanos são usados para avivar o fogo.
T. Gen. Utensílios mágico-lúdicos (09)

Abano plumário Kaxináwa. Museu Haffenreffer de Antropologia nº 69-10068. *Apud* Kensinger et alii, 1975:215.

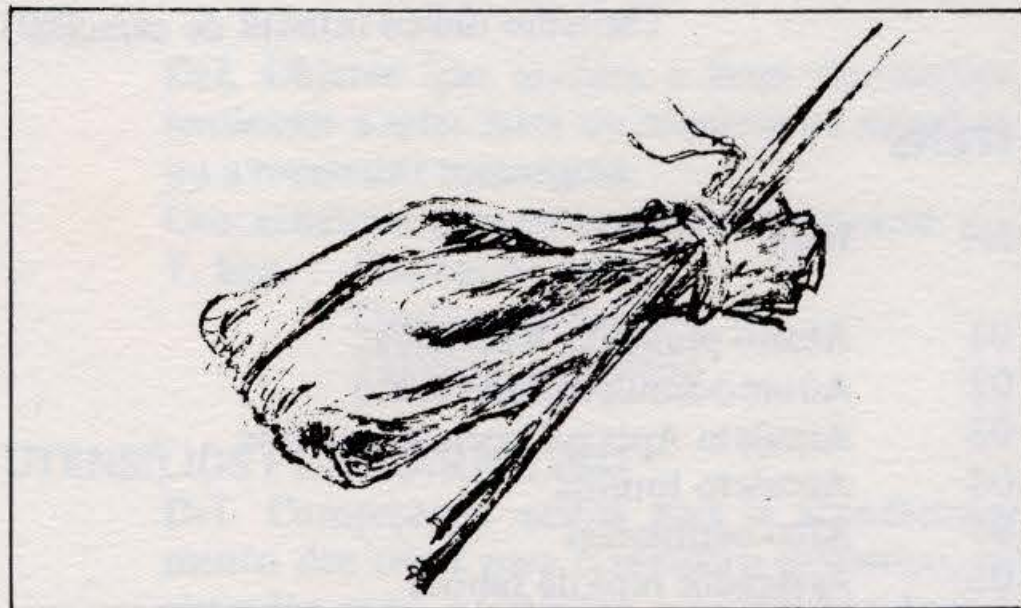
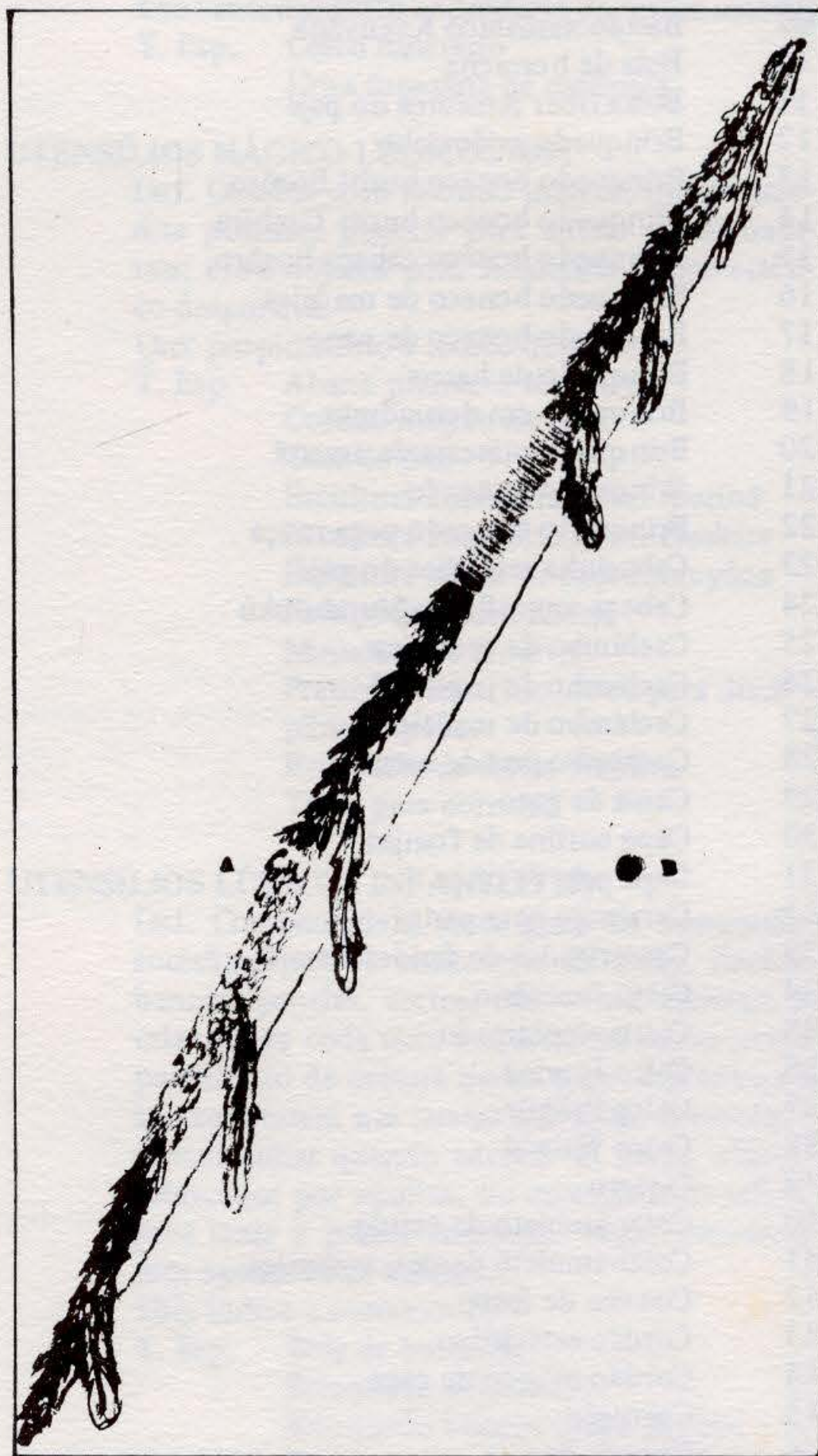
ADORNO-AMULETO HETERÓCLITO

Def. "As crianças usam freqüentemente pulseiras ou tornozeleiras com penduricalhos formados de fragmentos de toda a sorte de madeiras, raízes ou pequenos ossos e sementes, às quais se atribuem virtudes medicinais" (Nimuendaju 1946:55). Registrado entre os grupos Timbíra.
T. Gen. Amuletos de uso pessoal (06)
Nota: sem paradigma nas coleções consultadas.

AMULETO APINAYÉ GOELA-DE-GUARIBA

Def. Artefato destinado a prevenir doenças ou feitiços em crianças. É constituído da "cápsula de ressonância da goela do guariba (macaco da família dos cebídeos, do gênero *Allouatta)*. Pendura-se ao pescoço das crianças que sofrem de coqueluche para que bebam nela" (informação do colecionador Curt Nimuendaju, Livro de Tombo do Museu Nacional nº 25.919).
T. Gen. Amuletos de uso pessoal (06)

Amuleto Apinayé goela-de-guariba. Índios Apinayé, M.N. nº 25.919. Esc. 1:2.

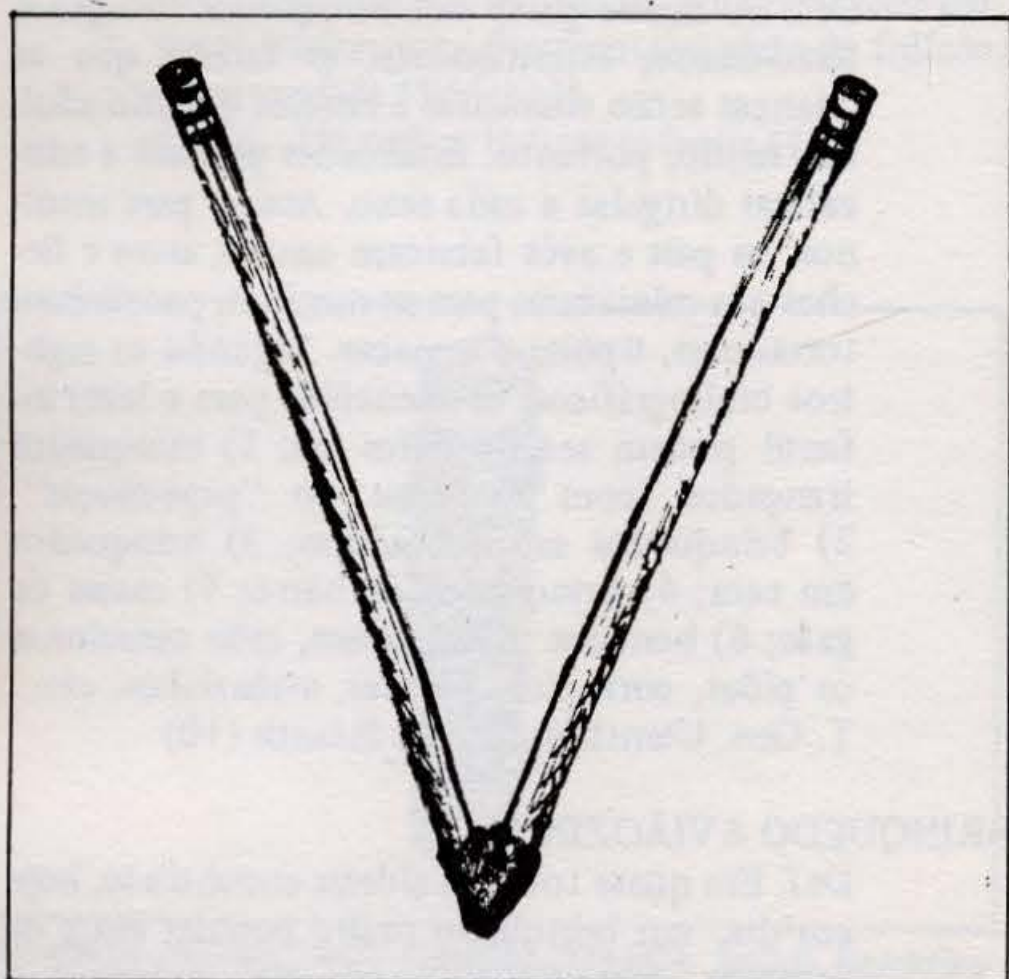
AMULETO IPURINÃ

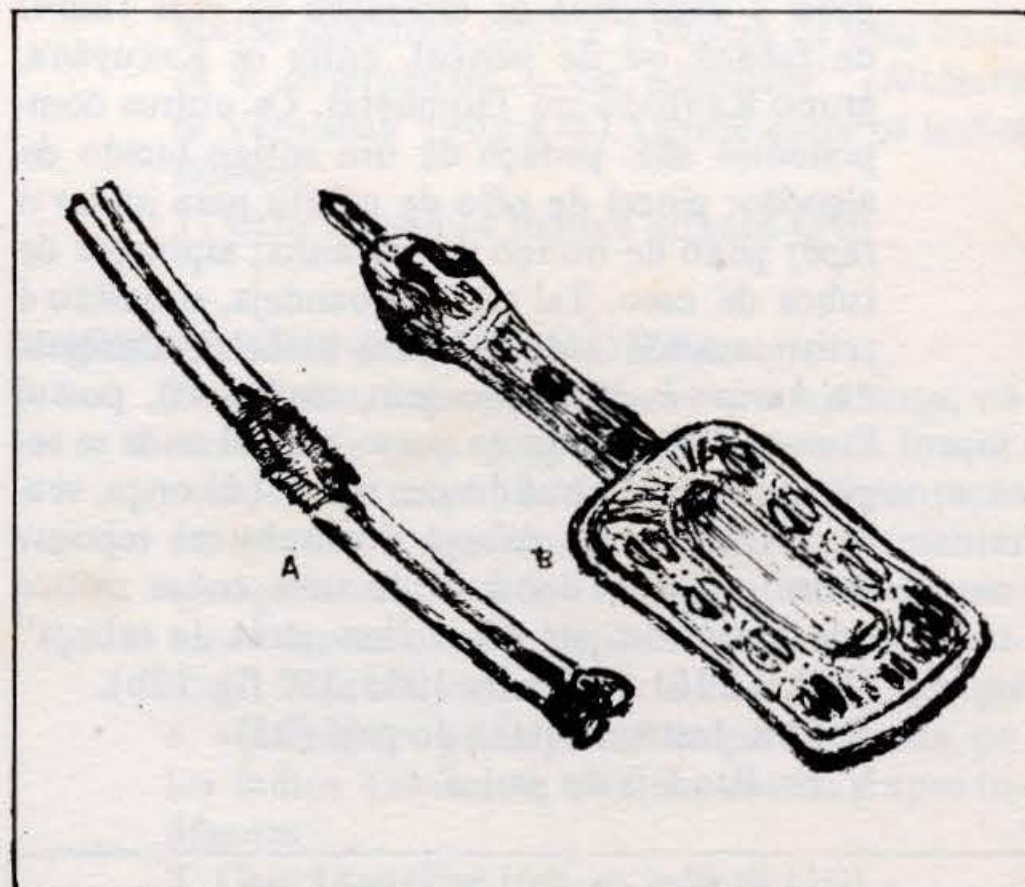
Def. Artefato destinado a prevenir doenças ou feitiços. No caso dos Ipurinã registra-se um invólucro de palmeira amarrado na borda juntamente com dois espinhos aguçados de palmeira.
T. Gen. Amuletos de uso pessoal (06)

Amuleto Ipurinã. Índios Ipurinã, M.N. nº 3.042. Esc. 1:1.

Arco cerimonial. Índios Borôro, M.N. nº 38.446. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Corte transversal.

ARCO CERIMONIAL

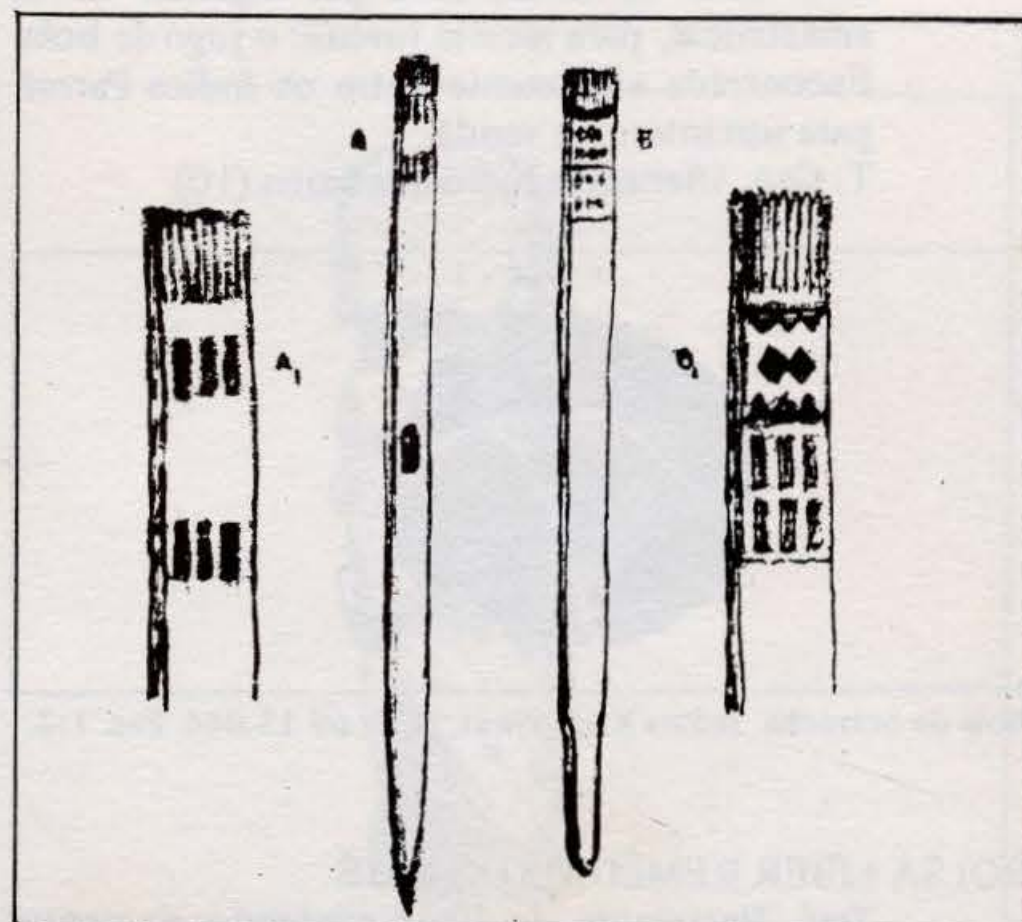
Def. "Os arcos que denominamos festivos ou enfeitados caracterizam-se pela abundância de

ornamentos: plumas coladas ou penas penduradas ao longo de seu comprimento; anéis de folíolos de broto de palmeiras, ou de peles de animais, ou de metal, ou de segmentos de carapaça de tatus; fragmentos de conchas; trançados de acúleos brancos de ouriço; desenhos obtidos por maceração parcial da madeira. Todos apresentam, na extremidade superior, um rico tufo de plumas de penas de arara, gaviões e, às vezes, lascazinhas de taquara com trançado de acúleo de ouriço, ou folíolos de broto de palmeiras pintados, e até madeixas de cabelos humanos" (Albisetti & Venturelli 1962:488). Registram-se arcos cerimoniais em vários outros grupos indígenas, além dos Borôro.
T. Gen. Insígnias de status diferenciado (02)

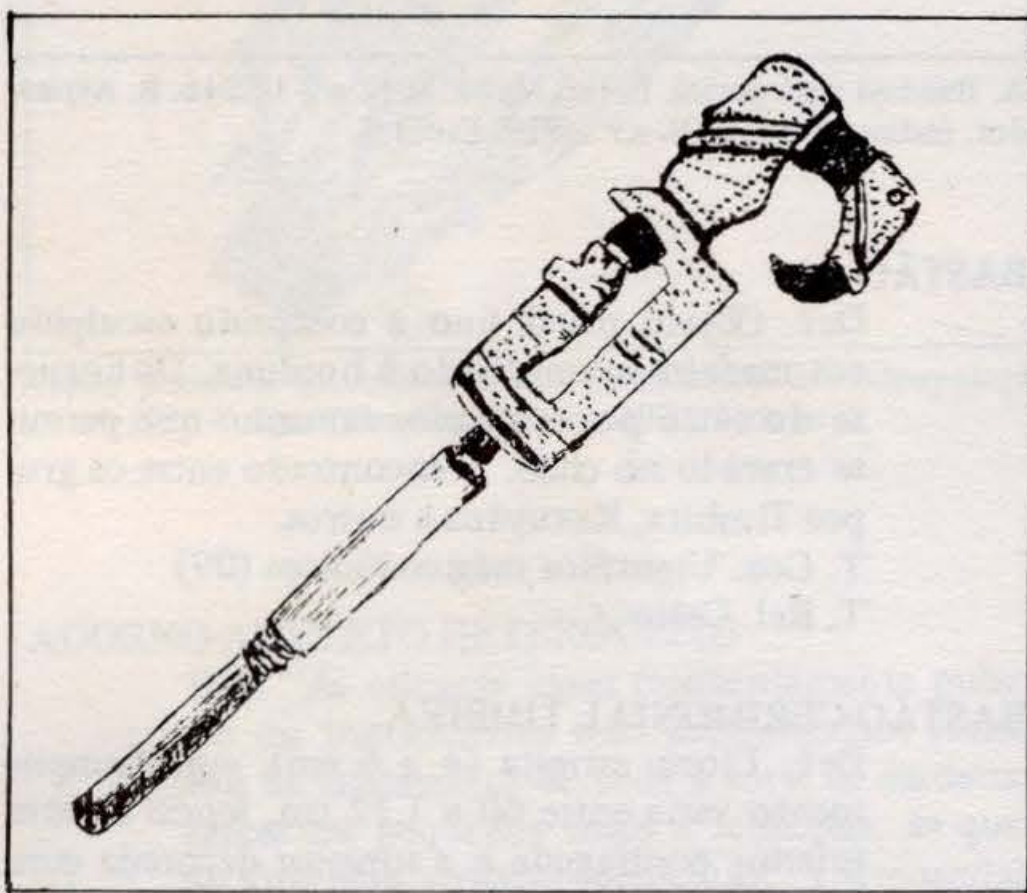
ASPIRADOR RAPÉ DE TABOCA
Def. Em forma de "V", é feito de duas tabocas presas no vértice por uma mistura de cera de abelha, resina e balata. Usado por dois homens, um dos quais sopra o rapé na narina do outro.
T. Gen. Aparelhos para estimulantes e narcóticos (05)

Aspirador rapé de taboca. Índios Kaxináwa, Museu Haffenreffer de Antropologia nº 69-10016b, *apud* Kensinger 1975:227 fig. 228. Esc. 1:2.

BANDEJA PARA PARICÁ
Def. Tabuleta de madeira, altamente elaborada, tendo no meio um retângulo escavado para colocar o paricá. O cabo é esculpido em forma de cabeça de cobra ou de jacaré com olhos de madrepérola. Os primeiros exemplares foram recolhidos entre os Mawé pela expedição de Spix e Martius. Acompanha a bandeja um aspirador de osso de ave.
T. Gen. Aparelhos para estimulantes e narcóticos (05)

A. Bandeja para paricá. Índios Mawé, M.N. nº 17.246. B. Aspirador, índios Mawé, M.N. nº 2.919. Esc. 1:3.

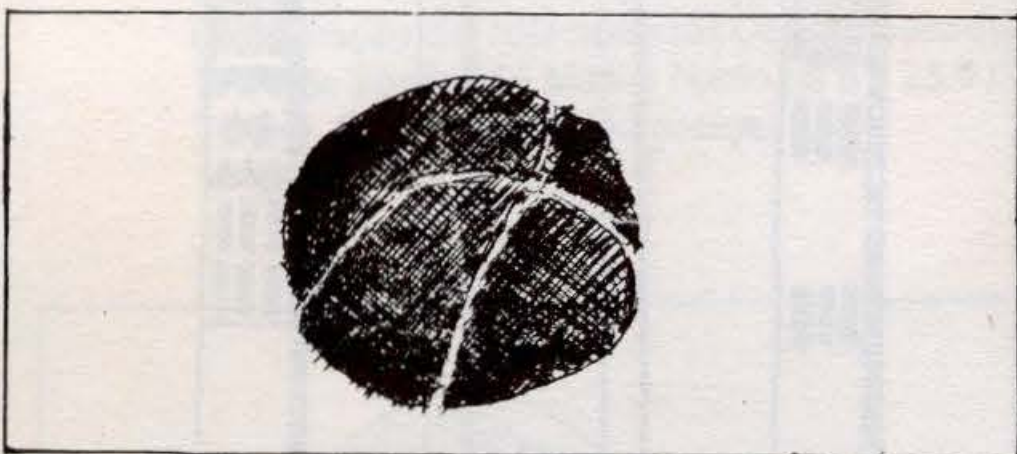
BASTÃO
Def. Objeto ritual fino e comprido esculpido em madeira assemelhado à borduna. Distingue-se do cetro por seu maior tamanho que permite cravá-lo no chão. É encontrado entre os grupos Timbíra, Kaxuyâna e outros.
T. Gen. Utensílios mágico-lúdicos (09)
T. Rel. Cetro

BASTÃO CERIMONIAL TIMBÍRA
Def. Tábua estreita (4 a 6 cm), cujo comprimento varia entre 60 a 1.12 cm, tendo a parte inferior pontiaguda e a superior decorada com entalhes e "dentes" à maneira dos pentes. Objeto cerimonial dos iniciandos *pepyé*, Timbíra orientais (Nimuendaju 1946:185-6).
T. Gen. Insígnias de status diferenciado (02)

Bastão cerimonial Timbíra. Índios Timbíra, M.N. nºs 26.637, 26.638. A.B. Vista das peças. A_1 B_1 Detalhe das empunhaduras. Esc. 1:20.

BASTÃO XAMÂNICO KAXUYÂNA

Def. O bastão e a bandeja de paricá constituem uma unidade e fazem parte do equipamento ligado à cerimônia de aspiração de rapé (*mori*: de tabaco ou de paricá), entre os Kaxuyâna, grupo Karib do rio Trombetas. Os outros componentes são: pedaço de um antigo tecido de algodão; pincel de pêlo de caititu para juntar o rapé; pilão de ouriço de castanha; aspirador de tubos de osso. Tal como a bandeja, o bastão é artisticamente esculpido em madeira. Designado *kurum-kukúru* (imagem, urubu-rei), possui "um cabo liso, mas na parte central onde se segura, acha-se imbutido um osso" (de onça, veado ou porco). A cabeça do urubu-rei repousa sobre o corpo dobrado de uma cobra mítica que "tem um par de orelhas atrás da cabeça" (Frikel 1961:8. Zerries 1981:337 fig. 12b).
T. Gen. Instrumentália do pajé (03)
V. tb. Bandeja de paricá

Bastão xamânico Kaxuyâna. *Apud* Frikel 1961:8 fig. A.

BOLA DE BORRACHA

Def. Bola de látex, feita por algumas tribos amazônicas, para recreio juvenil: o jogo de bola. Encontrada atualmente entre os índios Paresí, para uso interno e venda.
T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

Bola de borracha. Índios Kepkiriwát, M.N. nº 15.044. Esc. 1:2.

BOLSA LÍBER REMÉDIOS DO PAJÉ

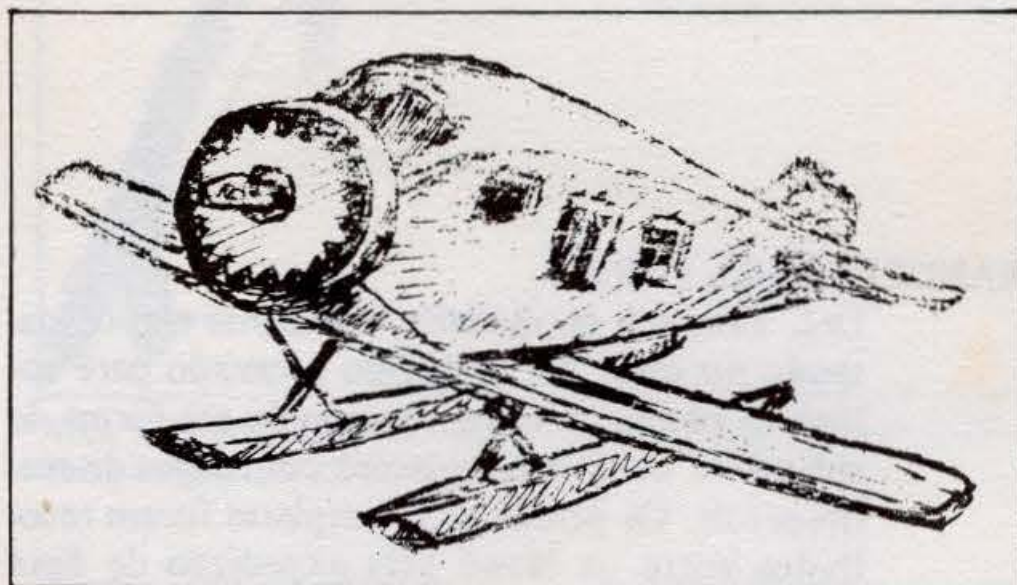
Def. Recipiente de líber contendo elementos utilizados nos exorcismos do pajé. No caso dos índios Ipurinã, esse artefato é adornado de recortes de madrepérola e conchinhas inteiras, tendo no seu interior espinhos de palmeira "para escarificação", segundo registro do Livro do Tombo do Museu Nacional (nº 3.076).
T. Gen. Instrumentália do pajé (03)

Bolsa líber remédios do Pajé. Índios Ipurinã, M.N. nº 3.076. Esc. 1:5.

BRINQUEDOS

Def. A maior parte dos brinquedos indígenas relaciona-se, estreitamente, às tarefas que as crianças serão chamadas a exercer quando adultas, tendo, portanto, finalidades práticas e educativas dirigidas a cada sexo. Assim, para meninos, os pais e avós fabricam canoas, arcos e flechas em miniatura; para as meninas, panelinhas, torradores, tipóias e bonecas. Segundo os registros bibliográficos, os utensílios para o lazer infantil podem ser divididos em: 1) brinquedos trançados, com destaque ao "pega-moças"; 2) brinquedos em dobraduras; 3) brinquedos em cera; 4) brinquedos de barro; 5) camas de gato; 6) bonecos. Além desses, cabe mencionar os piões, corrupios, petecas, aviõezinhos, etc...
T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

BRINQUEDO AVIÃOZINHO

Def. Em quase todas as aldeias encontra-se, hoje em dia, um brinquedo muito popular entre os meninos, manufaturado por eles próprios: o aviãozinho de madeira, da medula do buriti ou de cera.
T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

Brinquedo aviãozinho de madeira. Índios Tukúna, M.N. nº 30.321. Esc. 1:10.

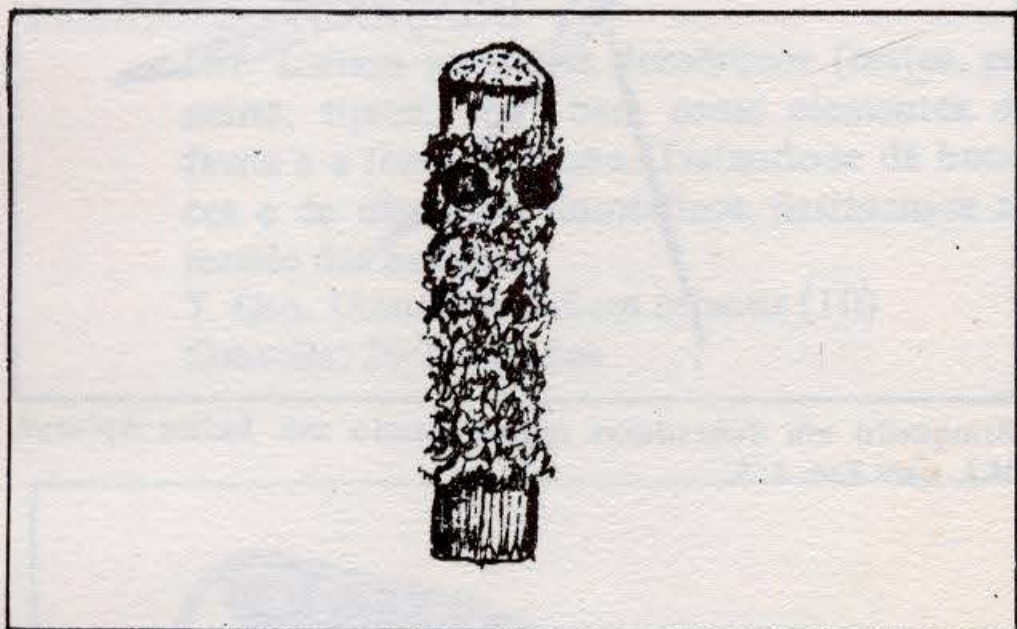
BRINQUEDO BONECO BURITI BORÔRO

Def. "É um pequeno brinquedo da largura de um semifolíolo ou de um folíolo de broto de palmeira babaçu, querendo imitar uma criança do sexo feminino. Tem o comprimento de 6 a 10 cm e se origina de um ou mais folíolos ou semifolíolos enrolados sobre si mesmos" (Albisetti & Venturelli 1962:477).

Brinquedo boneco buriti Borôro. Índios Borôro, M.N. nº 4.759. Esc. 1:4.

BRINQUEDO BONECO BURITI TIMBÍRA

Def. Brinquedo de meninas entre os grupos Timbíra. Constituído de um pedaço de pecíolo de buriti provido de seios, para indicar boneca de sexo feminino, cinto de cordões, pintura em vermelho e negro e penugem de gavião. Os bonecos que representam o sexo masculino, além das citadas características de ornamentação corporal trazem uma fita frontal e cinta de folíolo. (Nimuendaju 1946:111).

T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

Brinquedo boneco buriti feminino Timbíra. Índios Ramkokamekra-Canela, M.I. nº 27.062. Esc. 1:4.

Brinquedo boneco cabaça Borôro. Índios Borôro, M.N. nº 38.425. Esc. 1:5.

BRINQUEDO BONECO CABAÇA BORÔRO

Def. "É uma pequena cucurbitácea silvestre na qual pinturas faciais e plumas habilmente dispostas imitam o rosto e a cabeça de uma boneca e determinam o clã possuidor" (Albisetti & Venturelli 1962:478). Ocorre entre os índios Borôro.

T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

BRINQUEDO BONECO DE MADEIRA

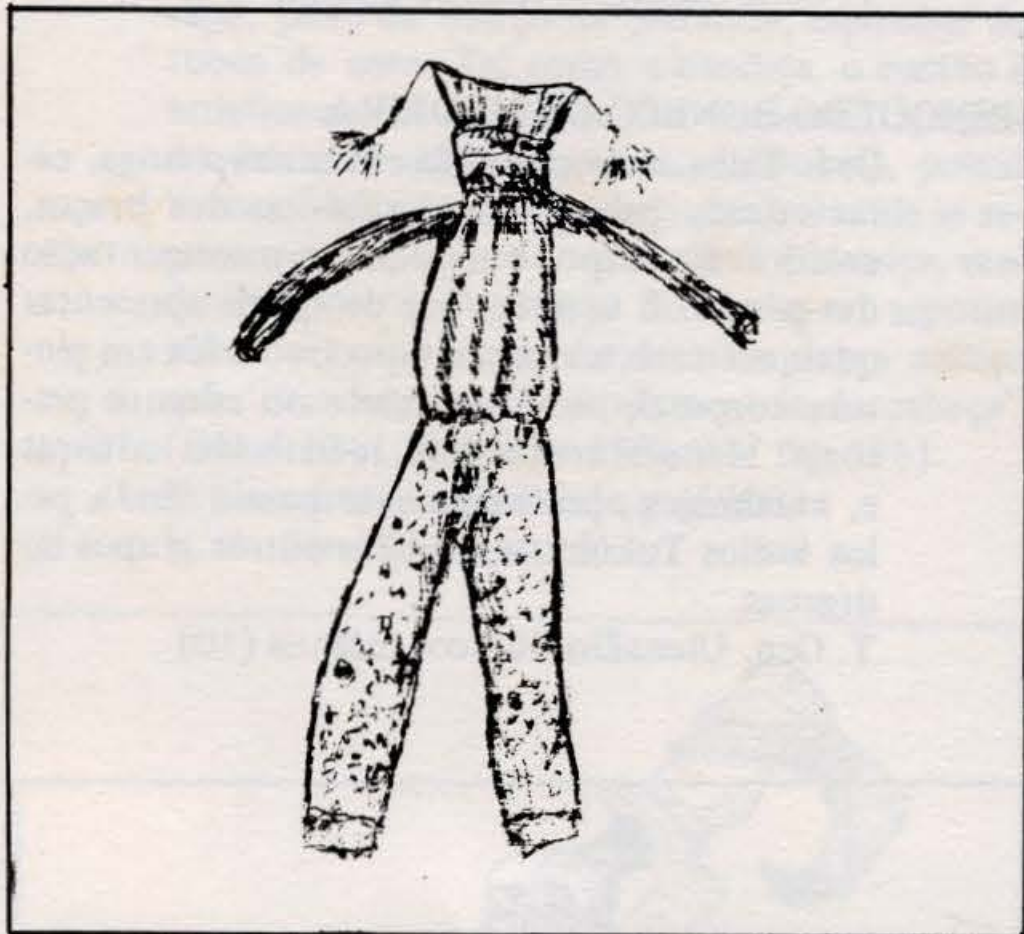
Def. Talha antropomorfa em muirapiranga, caracterizada pela pequena saliência dos braços, colados ao corpo, e a pequena movimentação das pernas. E também por deixar de apresentar qualquer característica étnica traduzida em pintura corporal, corte de cabelo ou adornos pessoais. Manufaturado para recreio das crianças e, atualmente, principalmente para a venda, pelos índios Tukúna, e também outros grupos indígenas.

T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

Brinquedo boneco de madeira. Índios Tukúna, N.N. nº 33.407. Esc. 1:5.

Brinquedo boneco de madeira. Índios Kadiwéu, M.I. nº 1.533. Esc. 1:5.

BRINQUEDO BONECO DE PANO

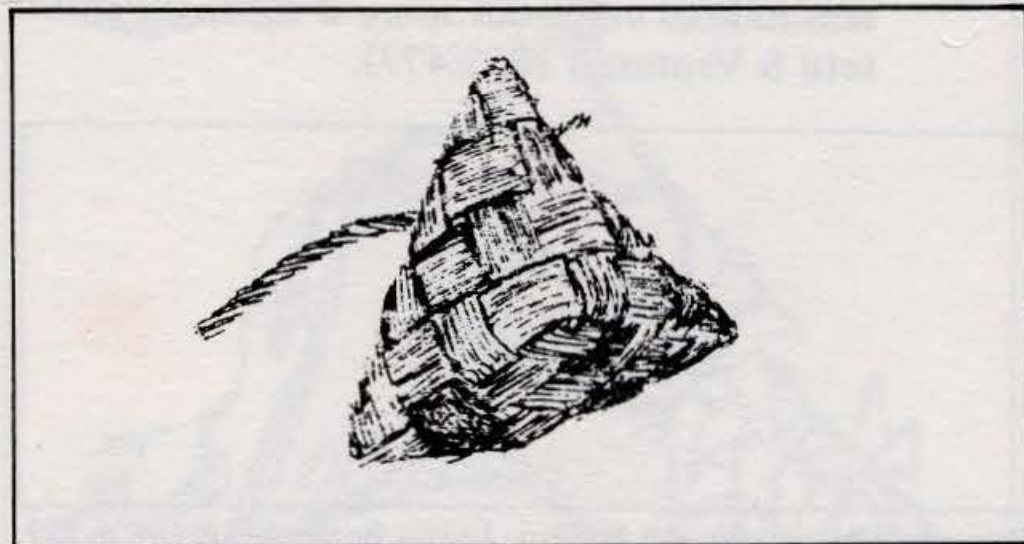
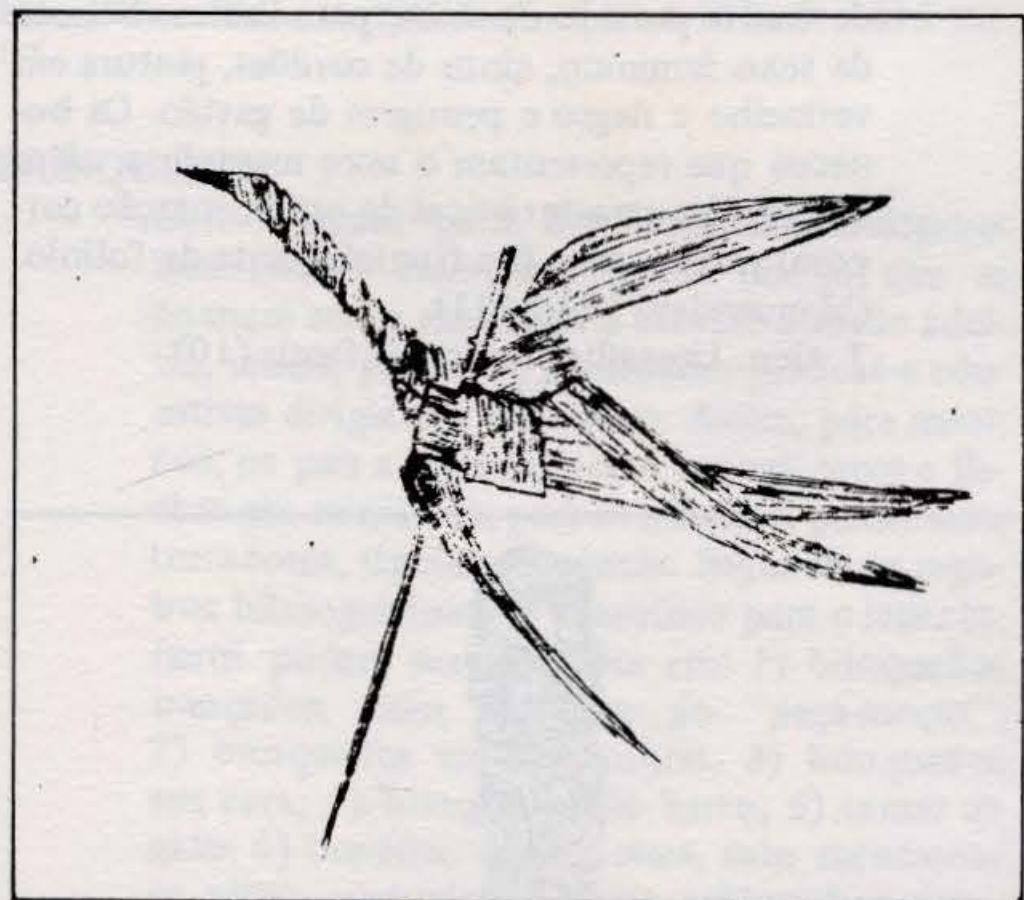
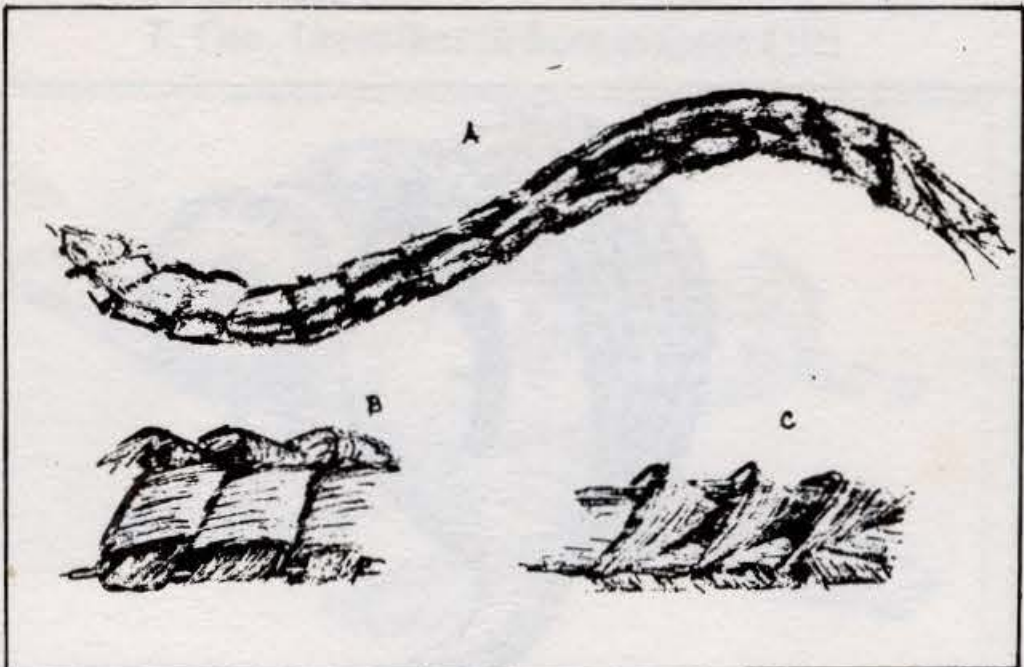
Def. Figura de trapo, que imita a forma humana, e serve de brinquedo às meninas. Estranho à cultura indígena, foi adotado e aculturado segundo o ethos de cada tribo.
T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

Brinquedo boneco de pano, representando um sobrenatural. Índios Karajá, M.N. nº 33.272. Esc. 1:2.

BRINQUEDO DE BARRO

Def. Modelagens de argila – na forma de miniaturas de panelas, torradores, colheres, etc. – são feitas para as meninas brincarem de "donas de casa". Com a mesma finalidade são modeladas figuras de animais. "Figuras antropomorfas de barro são usadas como 'filhos na tipóia' " (Frikel 1973:207, índios Tiriyó; Roth 1970:494, índios das Guianas).
T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

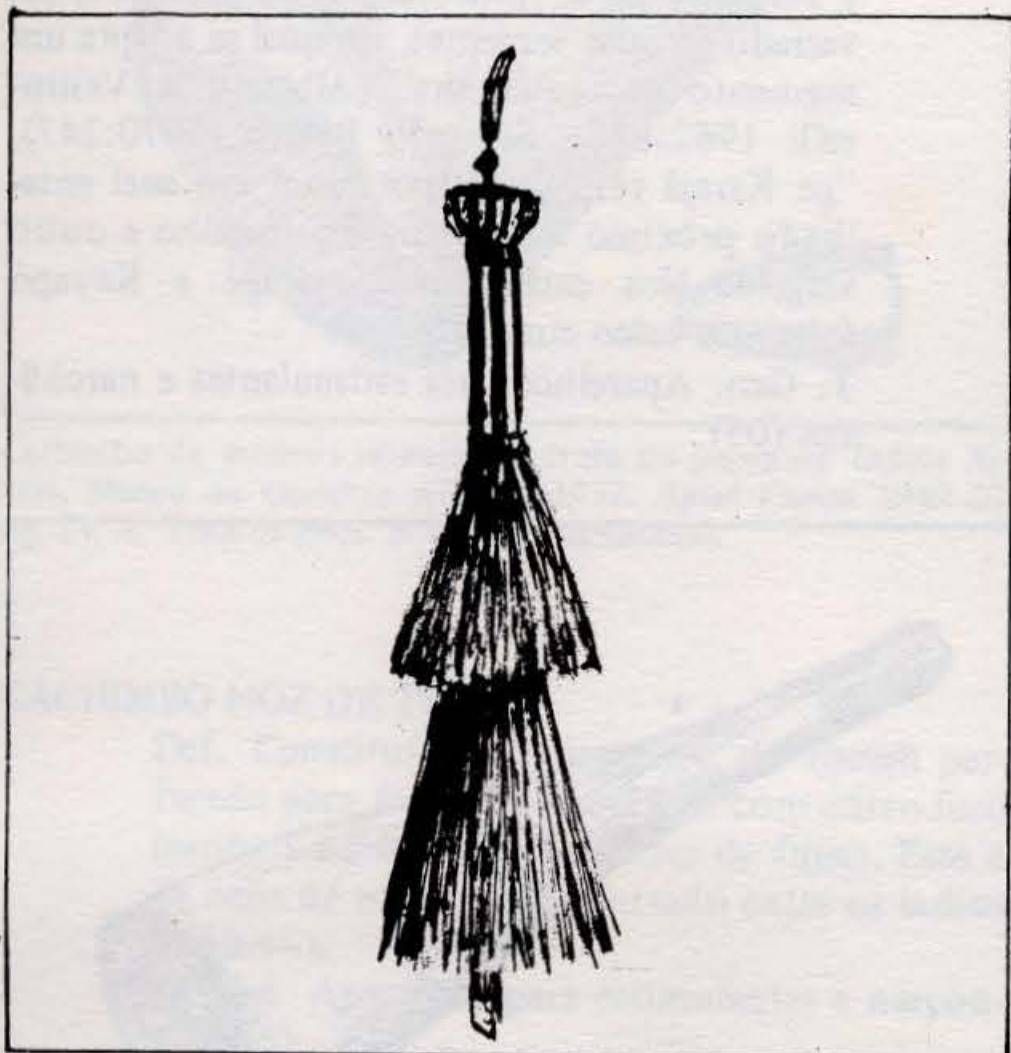
Brinquedo de barro representando o jacaré. Índios Kadiwéu, M.N. nº 38.567. Esc. 1:4.

BRINQUEDO EM DOBRADURAS

Def. Confeccionados com pínulas de folha nova de palmeira (babaçu, buriti, tucum) assumem as formas mais variadas interpretadas como pássaros, peixes, partes de animais, utensílios, etc. Registrado o uso em diversas tribos, a exemplo de: Tenetehara (Wagley & Galvão 1961:201 est. xi); Tiriyó (Frikel 1973:206 fig. 47a a j); Borôro (Albisetti & Venturelli 1962:476-477); índios das Guianas (Roth 1970:497 e ss. fig. 241 a 244).
T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

Brinquedo em dobraduras. Índios Ramkokamekra-Canela, *apud* Museu Goeldi 1986:86.

Brinquedo em dobraduras representando ave. Índios Apinayé, M.I. s/nº Esc. 1:5.

Brinquedo em dobraduras, representando o rabo do jacaré. Índios Apinayé, M.N. nº 27.700. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe do anverso. C. Detalhe do verso.

BRINQUEDO MÁSCARA DE ARUANÃ

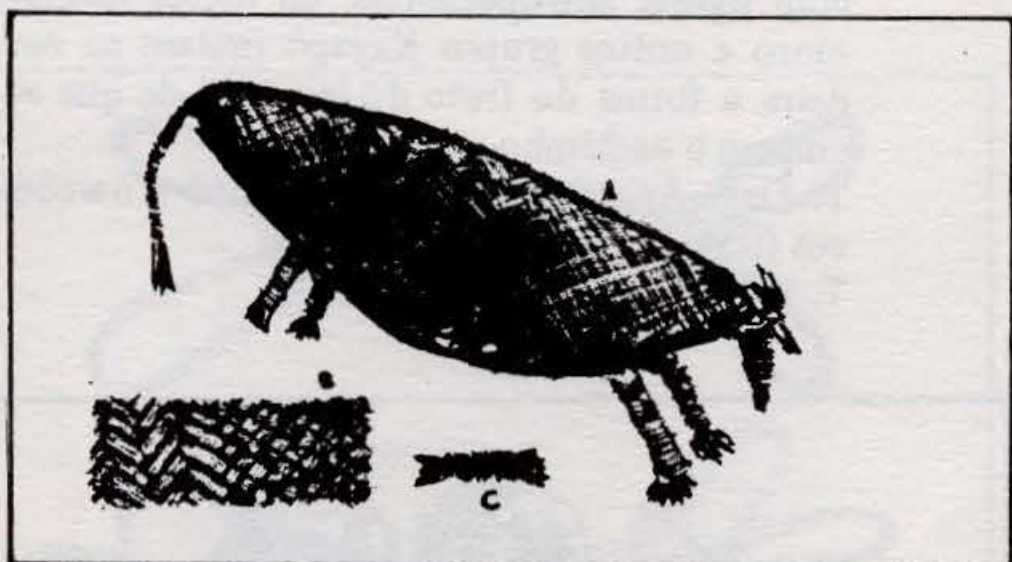
Def. A reprodução, para fins lúdicos, de máscaras de aruanã feitas em palha ou em barro, ou mesmo de vários mascarados embarcados em canoa, é comum entre os Karajá, a julgar pelas coleções dos museus.

T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

Brinquedo máscara de aruanã. Índios Karajá, M.N. nº 37.719. Esc. 1:3.

BRINQUEDO TRANÇADO

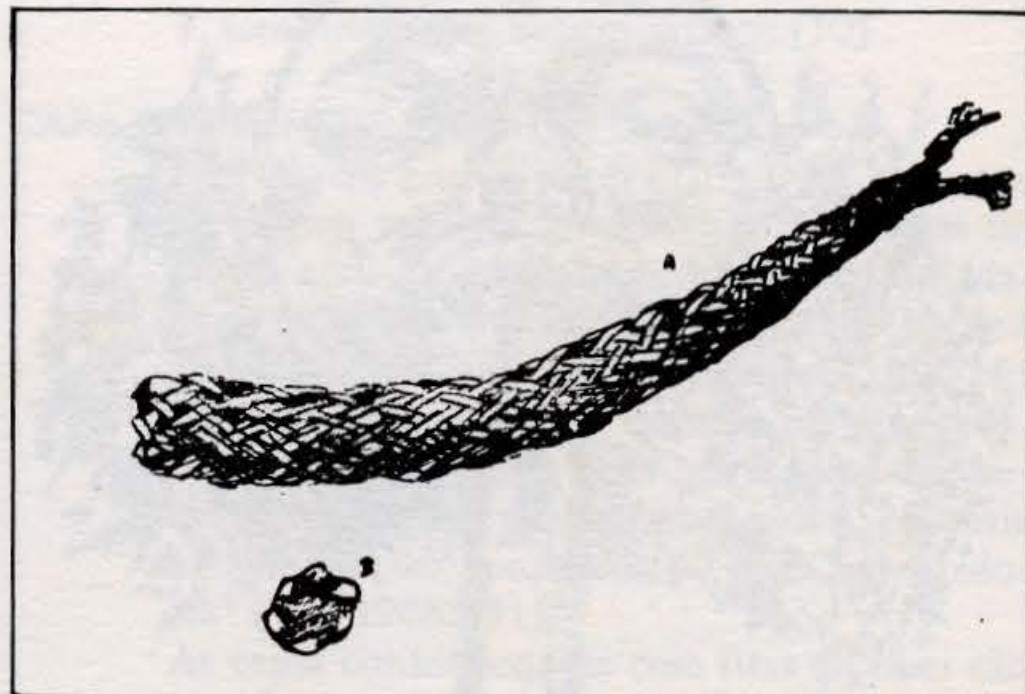
Def. Imitam utensílios domésticos (cestos, peneiras, tipitis, etc.) bem como elementos da fauna e a forma humana. Tratando-se de bonecos e de utensílios domésticos, destinam-se ao recreio das meninas.

T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

Consulte: 20 Trançados

Brinquedo trançado. Índios Apinayé, Museu Goeldi nº 10.941. *Apud* Museu Goeldi 1986:86. A. Vista da peça. B. C. Detalhe do trançado.

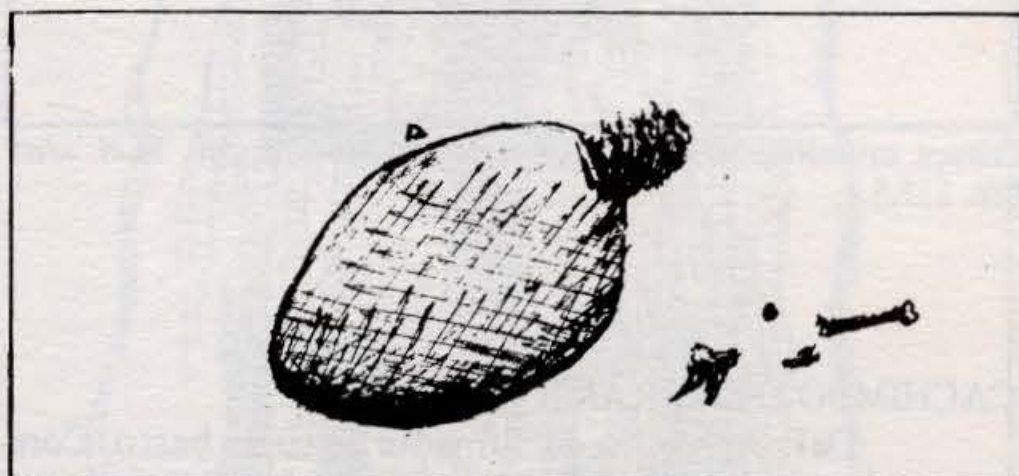
BRINQUEDO TRANÇADO PEGA-MOÇA

Def. Espécie de mini-tipiti que, quando pressionado encolhe, e quando nele se agarra o dedo é impossível soltá-lo, exceto se encolhido novamente para alargar-se. Ocorre entre os índios do alto rio Negro. A designação em tukâno do rio Tiquié *(pinó pawë numeié* = cobra, nome, pegar-moça) explicita a forma e a finalidade do brinquedo (informação pessoal). Registrado por Roth (1970:497) entre os índios das Guianas (v. tb. Koch-Grünberg 1909 vol. 1:274 fig. 152).

T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

Brinquedo trançado pega-moça. Índios Tukâno, M. I. s/nº Esc. 1:2,5. A. Vista da peça. B. Corte transversal.

CABACINHA REMÉDIOS DO PAJÉ

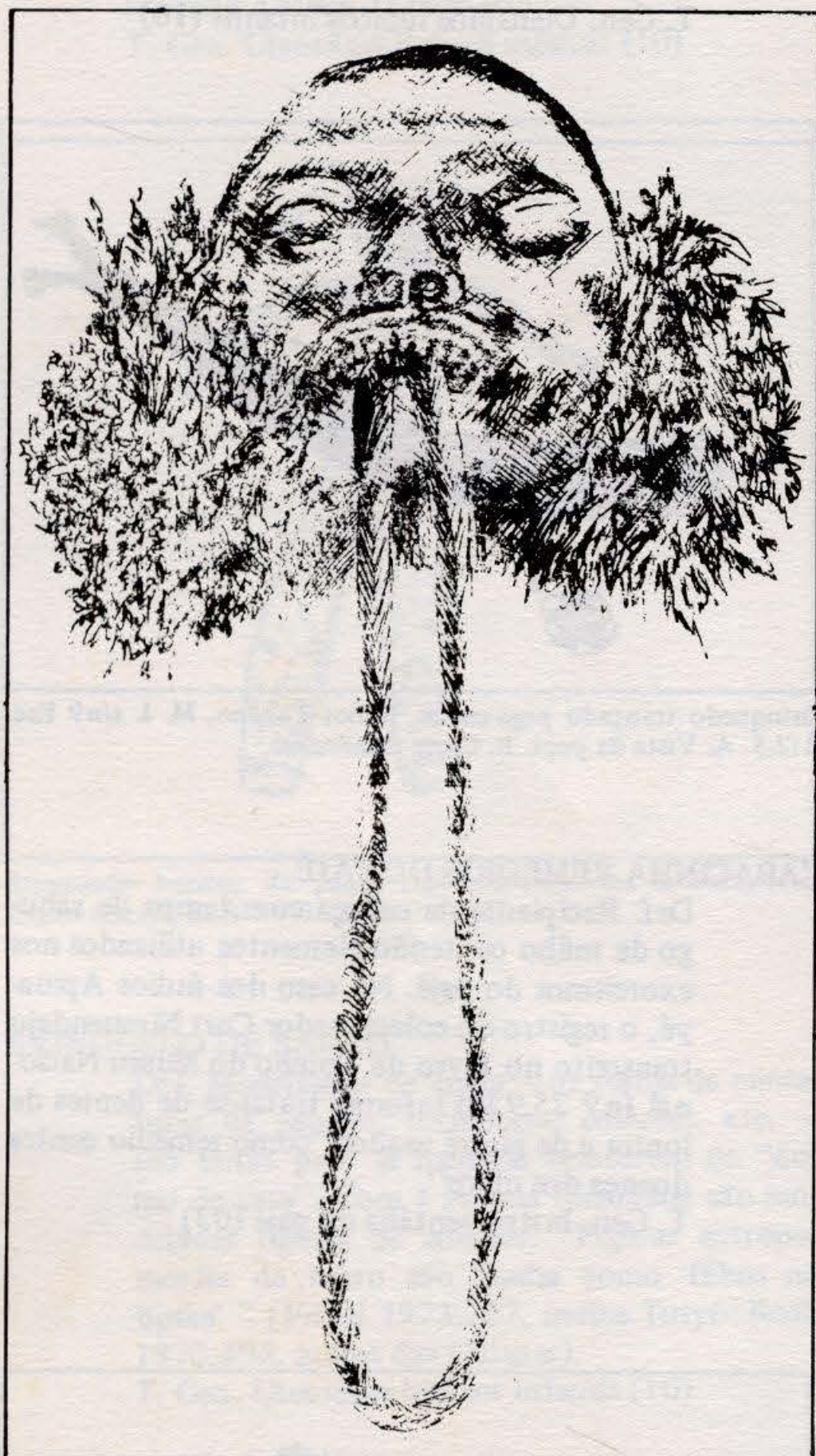
Def. Recipiente de cabaça com tampa de sabugo de milho contendo elementos utilizados nos exorcismos do pajé. No caso dos índios Apinayé, o registro do colecionador Curt Nimuendaju transcrito no Livro de Tombo do Museu Nacional (nº 25.926) informa tratar-se de dentes de lontra e de jacaré usados "como remédio contra doença dos olhos".

T. Gen. Instrumentália do pajé (03)

Cabacinha remédios do pajé. Índios Apinayé, M.N. nº 25.925. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Vista do conteúdo: dentes de lontra e de jacaré.

CABEÇA MUMIFICADA MUNDURUKÚ

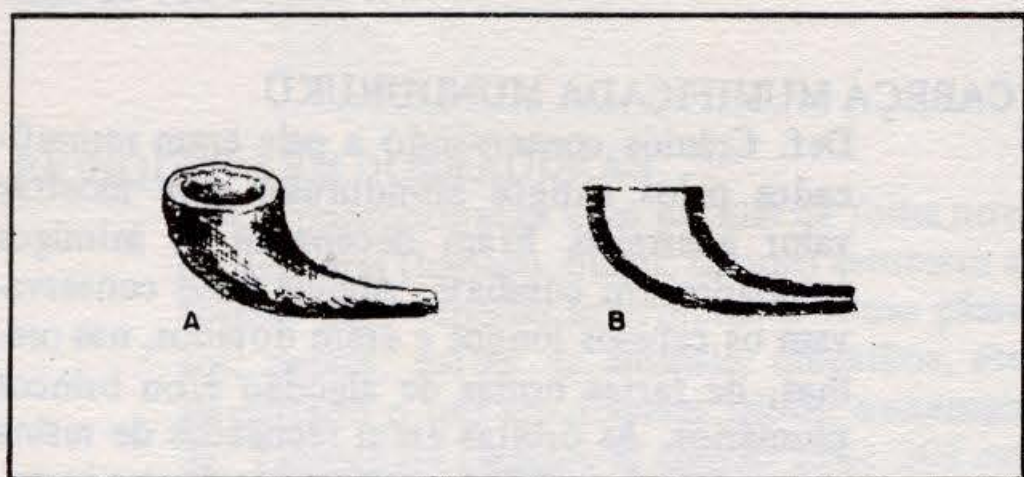
Def. Crânios conservando a pele eram mumificados pelos antigos Mundurukú para mostrar valor guerreiro. Eram decepados de inimigos tombados em combate. Alguns deles conservavam os cabelos longos e eram dotados, nas orelhas, de fartas borlas de algodão e/ou brincos plumários. As órbitas eram recheadas de resina para servir de adesivo a um par de dentes incisivos de roedor. Da boca entreaberta pendiam

franjas ou tão somente um grosso cordão que permitia ao dono da cabeça carregá-la nas costas.

T. Gen. Insígnias de status diferenciado (02)

Cabeça mumificada Mundurukú. Índios Mundurukú, M.N. s/nº Esc. 1:7,5.

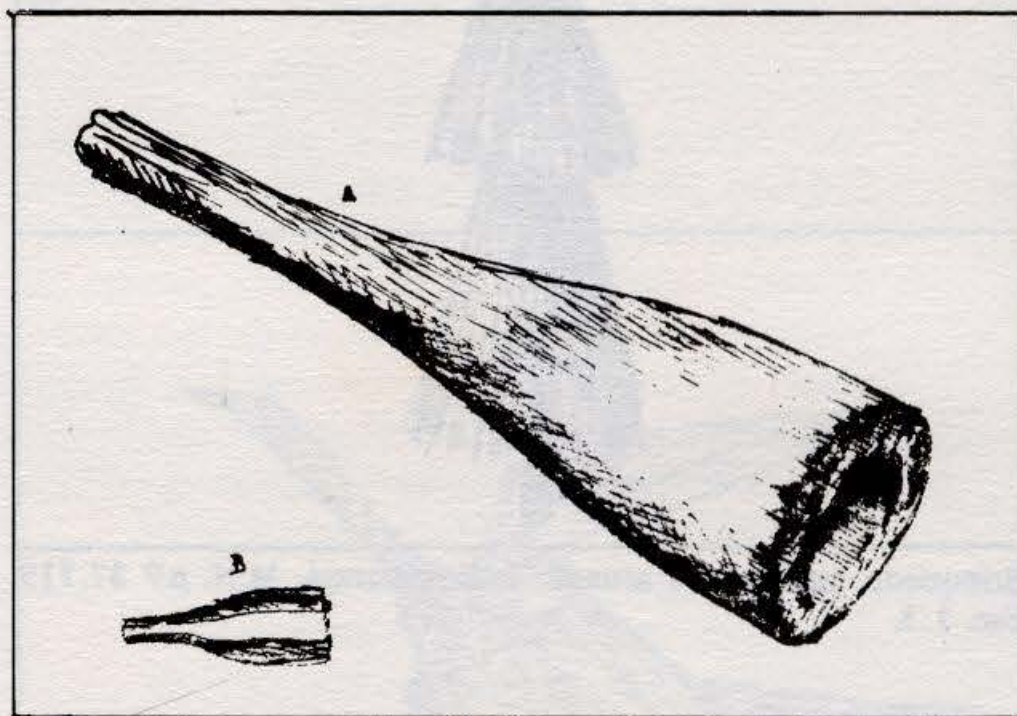
CACHIMBO DE CERÂMICA

Def. Aparelho de fumador feito de barro. Compõe-se de um fornilho onde se coloca o tabaco e de um aspirador. Às vezes é confeccionado em forma de chifre.

T. Gen. Aparelhos para estimulantes e narcóticos (05)

Cachimbo de cerâmica. Índios do Uaupés, M.N. nº 40.234. Esc. 1:3,3. A. Vista da peça. B. Secção longitudinal.

CACHIMBO DE JEQUITIBÁ

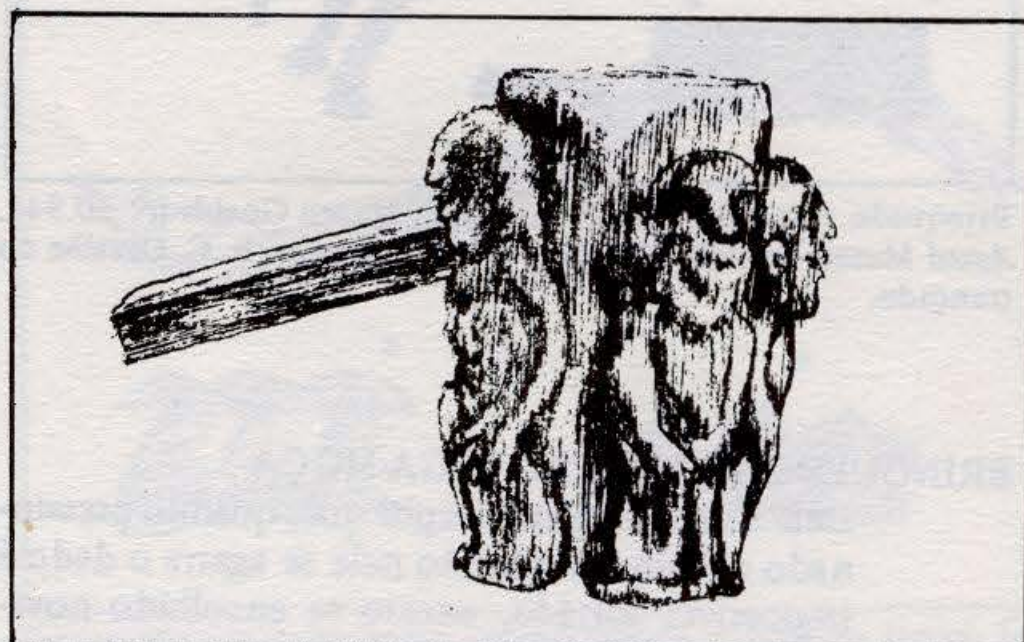
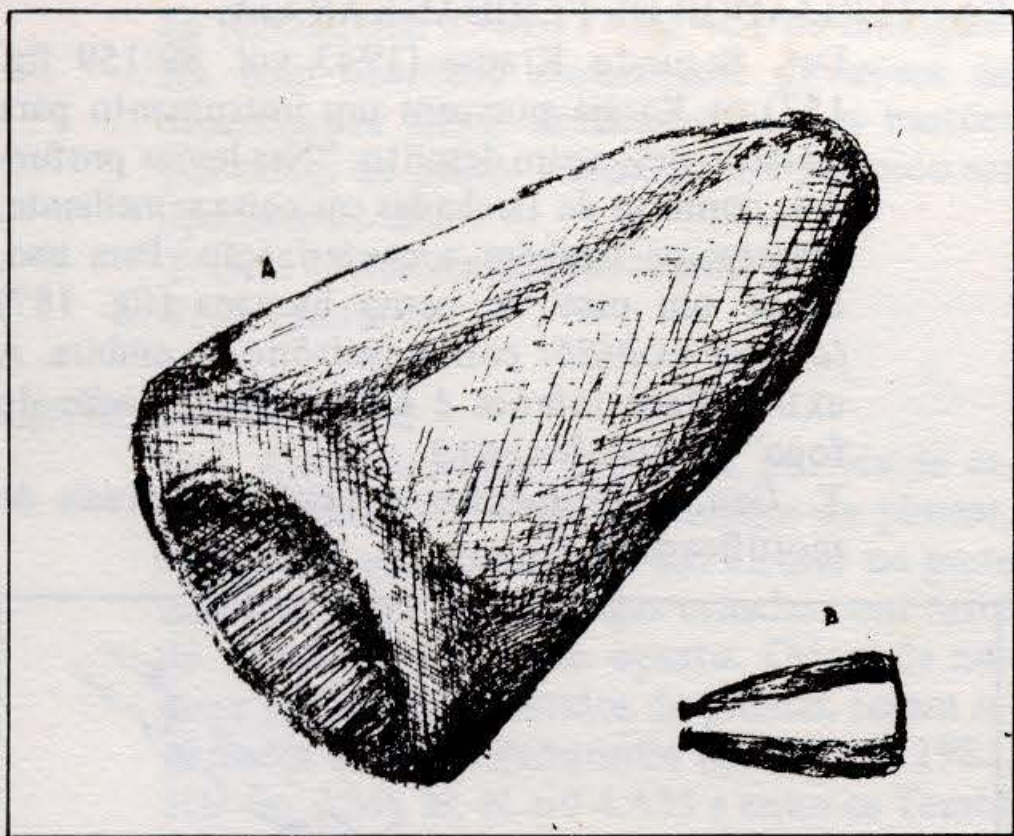
Def. Aparelho de fumante feito do fruto do jequitibá conhecido regionalmente como "cachimbeiro". Entre os Xikrin, "a casca da fruta, bem dura, é alisada, especialmente por dentro. A fumaça é sugada e aspirada pelo orifício da haste ou do caule que liga a fruta ao galho" (Frikel 1968:51). Entre os Borôro, o cachimbo é formado pelo "picnocárpio do jequitibá, esvasiado de suas sementes, no qual se adapta um segmento de taquarinha" (Albisetti & Venturelli 1962:838). Segundo Baldus (1970:247), "os Karajá têm dois tipos: com um anel entalhado próximo à abertura do fornilho e outro singelo. Nos cachimbos Tapirapé e Kayapó falta este sulco circular".

T. Gen. Aparelhos para estimulantes e narcóticos (05)

Cachimbo de jequitibá. Índios Menkragnotire, M. I. nº 75.2.40. Esc. 1:2. A. Vista da peça. B. Corte longitudinal.

CACHIMBO DE MADEIRA

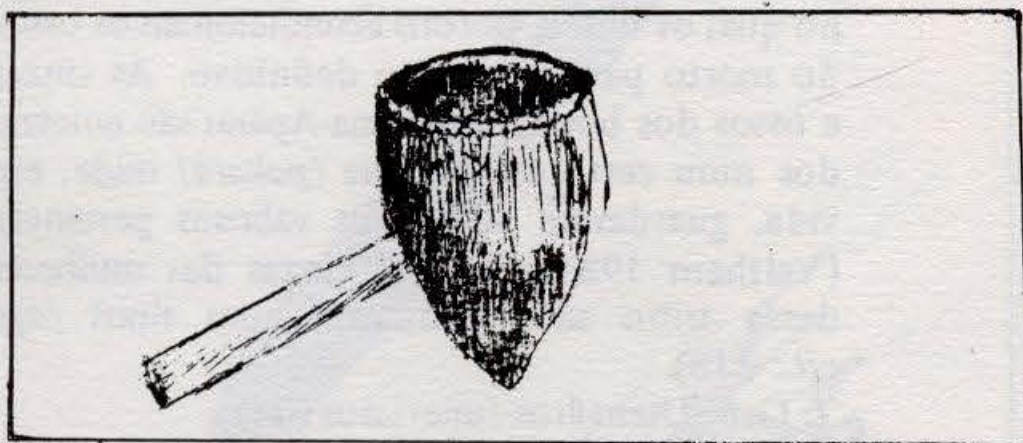
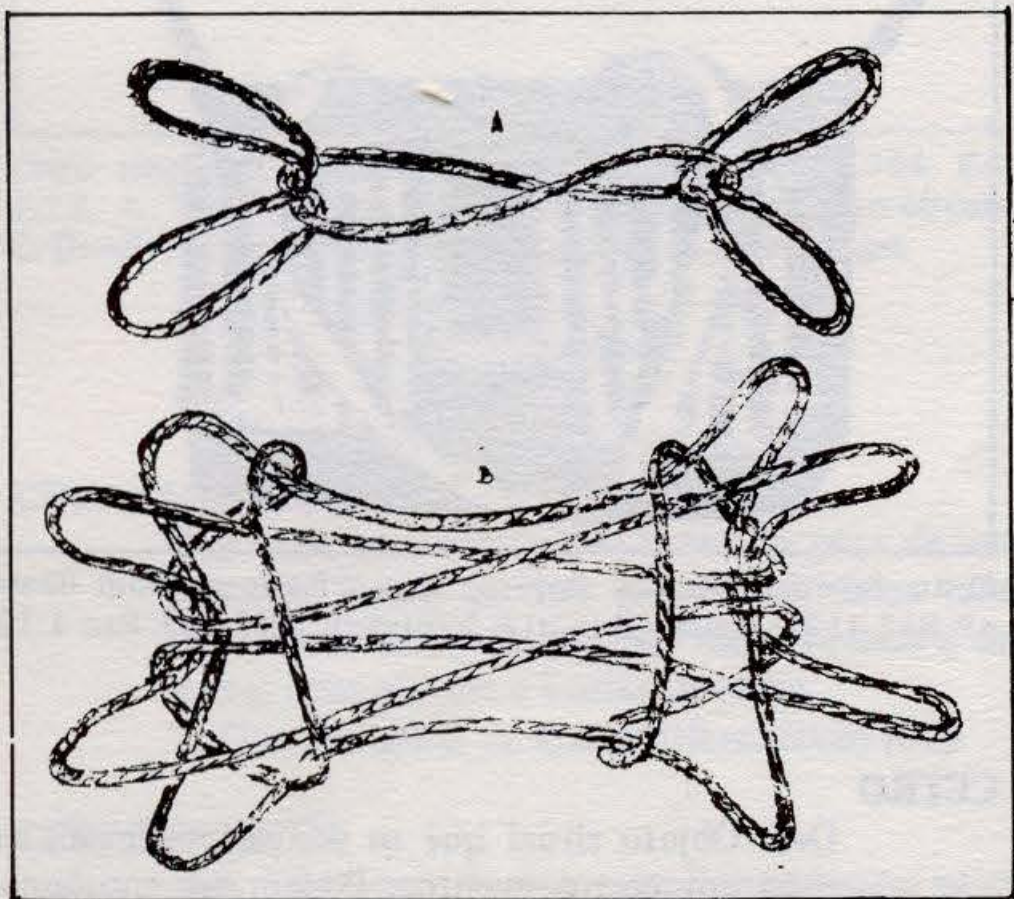
Def. Aparelho de fumador esculpido em madeira com um tubo da mesma matéria-prima para aspirar a fumaça. Os cachimbos de madeira dos índios Kadiwéu são laboriosamente entalhados com figuras antropomorfas. Os índios Kokraimoro e outros grupos Kayapó imitam na madeira a forma do fruto do jequitibá de que esculpem o cachimbo.

T. Gen. Aparelhos para estimulantes e narcóticos (05)

T. Rel. Cachimbo de jequitibá

Cachimbo de madeira com figuras antropomorfas. Índios Kadiwéu. Desenho sobre foto do Museu do Índio.

Cachimbo de madeira imitando o fruto do jequitibá. Índios Xikrin, Museu de Genebra nº. 16.33432. *Apud* Fuerst 1967:32 fig. 24. A. Vista da peça. B. Corte longitudinal.

CACHIMBO NOZ DE TUCUM

Def. Constituído de uma noz de tucum perfurada para formar o fornilho e com outro furo menor para enfiar o aspirador de fumo. Este é de osso de macaco. Encontrado entre os índios Kaxináwa.

T. Gen. Aparelhos para estimulantes e narcóticos (05)

Cachimbo noz de tucum. Índios Kaxináwa, Museu Haffenreffer de Antropologia nº 69-10016a, *apud* Kensinger et alii 1975:227, fig. 228. Esc. 1:1.

A. Cama de gato com o significado de "pé de ema". Índios Ramkokamekra-Canela, M.N. nº 27.138. B. "Cama de gato" interpretada como "casa". Índios Ramkokamekra-Canela, M.N. nº 27.133. Esc. 1:5.

CAMA DE GATO

Def. "Brinquedo infantil com um barbante a que se ataram as pontas e que duas pessoas vão tirando uma dos dedos da outra, alternadamente, dando ao cordel disposição variada e simétrica" (Dicionário Aurélio). Comum a diversas tribos que formam figuras às quais são atribuídas designações e significados os mais variados.

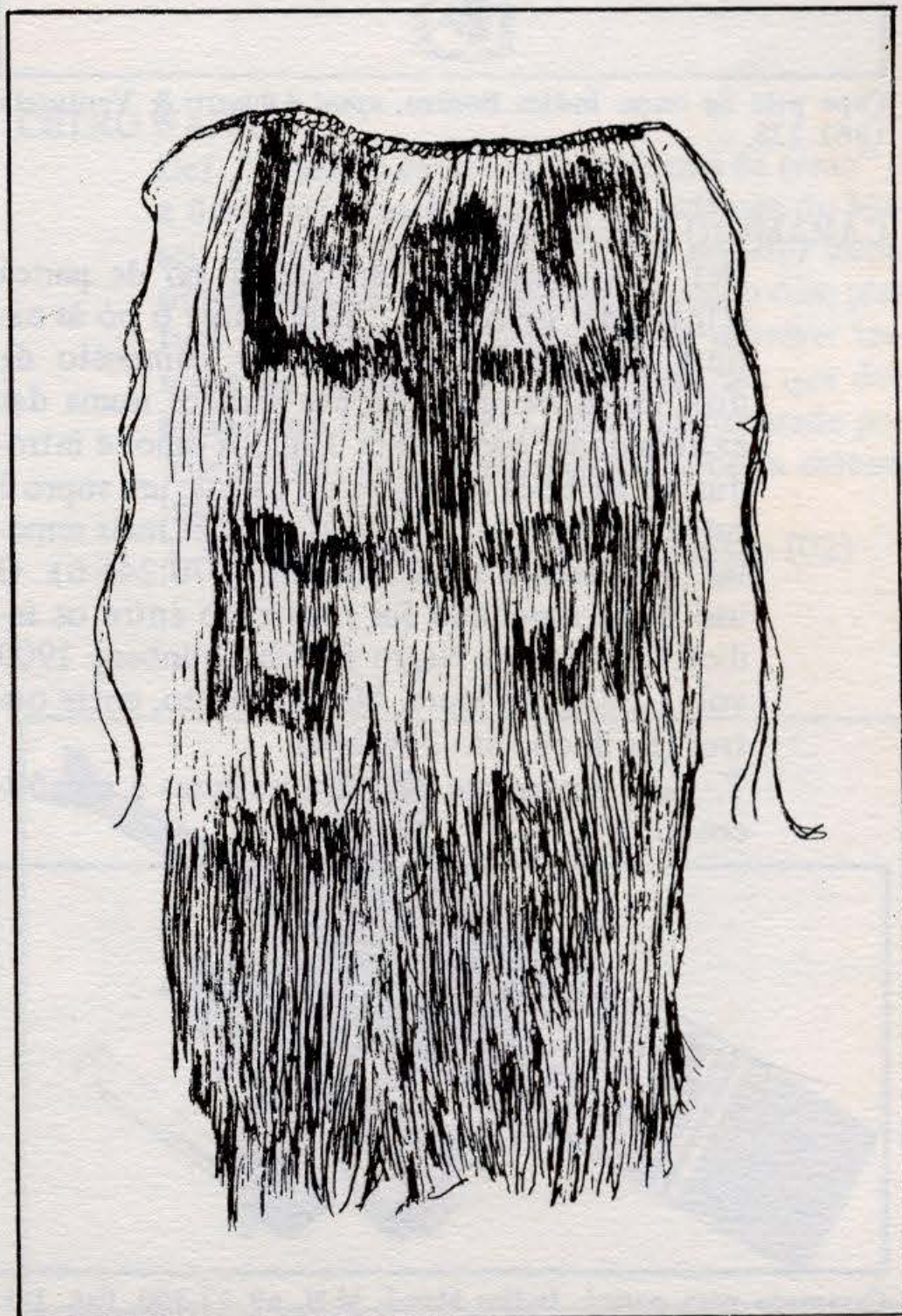
T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

CAPA CORTINA DE FRANJAS

Def. Alguns grupos Karib (Tiriyó, Waiwai) confeccionam mantos descartáveis de folíolos de miriti e/ou de entrecasca de árvore desfiada. Esses mantos formam uma espécie de cortina sustentada na cabeça ou nos ombros, caso em que são acompanhados de capacete trançado. Segundo os Waiwai, seus portadores "representam espíritos que visitam a aldeia, os quais não devem ser reconhecidos pelos espectadores" (Yde 1968:231).

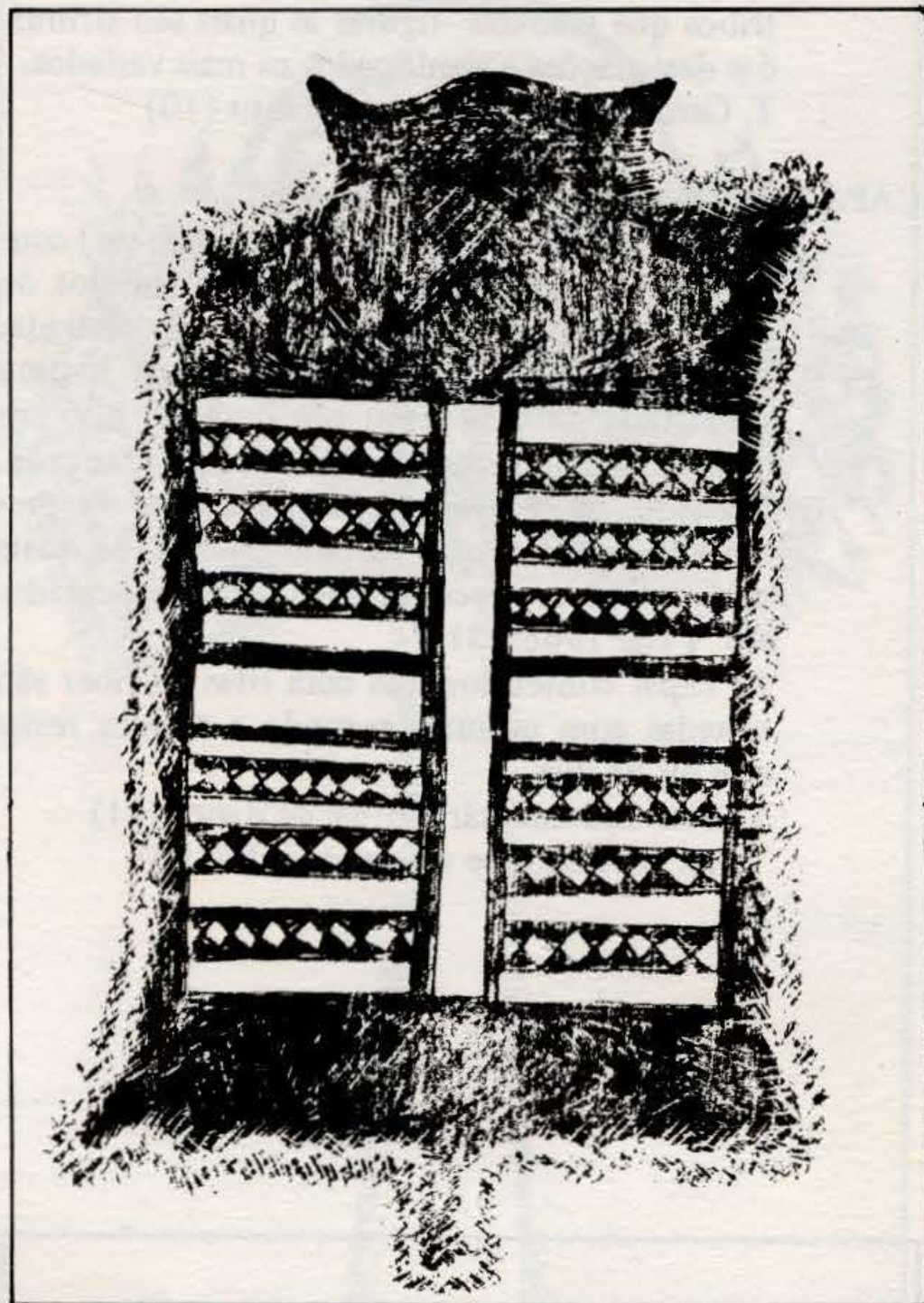
As capas confeccionadas com fitas de líber são ornadas com pinturas segundo a técnica *resist dye* ou *tie dye*.

T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

V. tb. Processos de manufatura (90.03)

Capa cortina de franjas. Índios Waiwai, *apud* Yde 1968:275 fig. 128. Esc. 1:10.

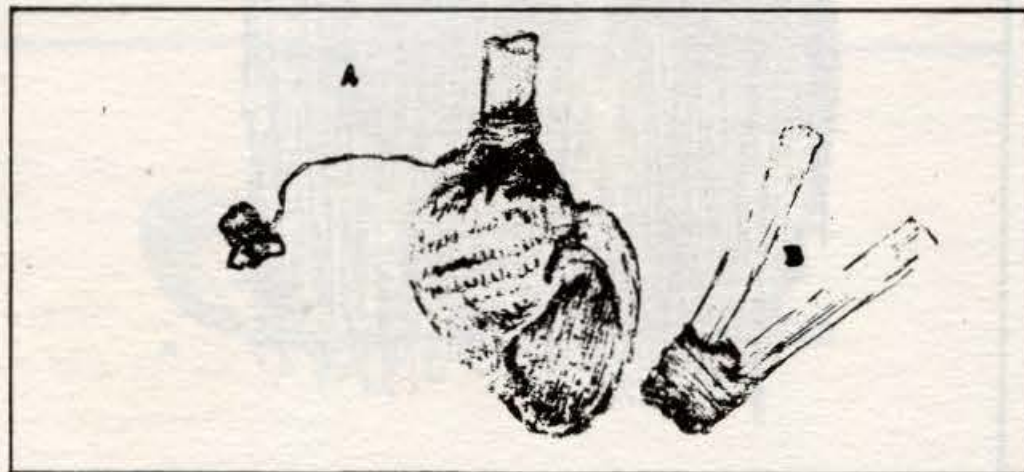
CAPA PELE DE ONÇA

Def. Indumentária ritual constituída da pele – às vezes com a cabeça – de onça, representando o espírito desse carnívoro. Usada em rituais dos índios Borôro.

T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Capa pele de onça. Índios Borôro, *apud* Albisetti & Venturelli 1962:238.

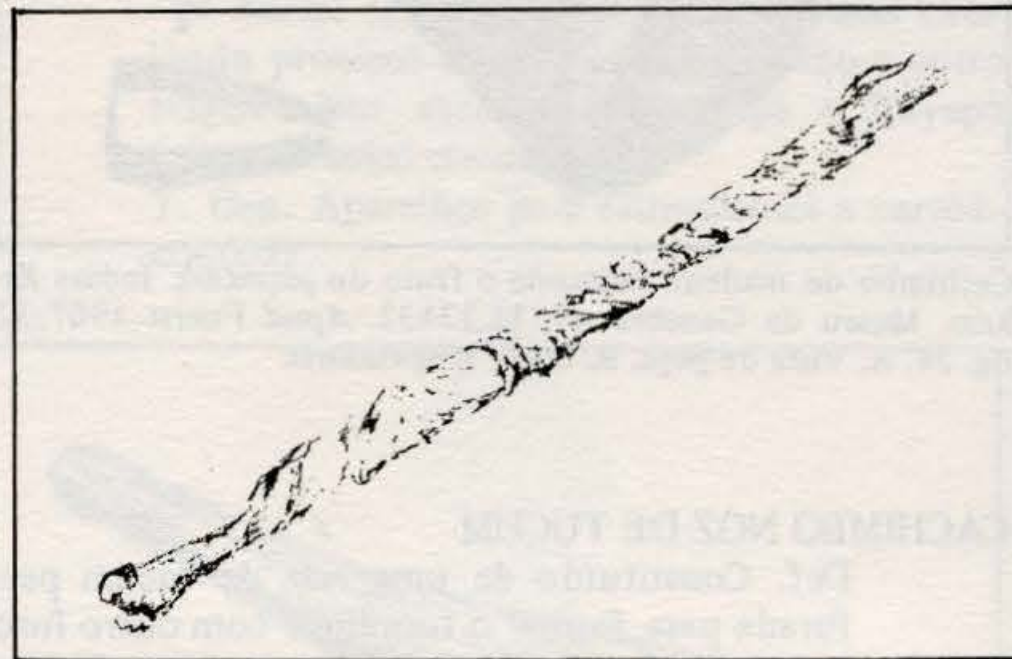
CARAMUJO PARA PARICÁ

Def. Recipiente para armazenar pó de paricá *(Piptadenia peregrina)*. "Para trazer o pó às narinas emprega-se um aspirador composto de dois canos de ossos de ave fixados numa das extremidades com balata. Um dos canos é introduzido na boca e o outro na narina; um sopro é suficiente para levar o pó às porções mais remotas da mucosa nasal" (Roth 1970:245-6). O uso desse narcótico foi registrado entre os índios do alto rio Negro (Koch Grünberg 1909 vol. 1:323), os Mura, Mawé, Witoto, entre outros (Roth op. cit.: 244-246).

T. Gen. Aparelhos para estimulantes e narcóticos (05)

Caramujo para paricá. Índios Mawé, M.N. nº 17.300. Esc. 1:3. A. Vista do caramujo com osso embutido e tampa. B. Vista do aspirador.

CAUTERIZADOR DE FERIDAS KARAJÁ

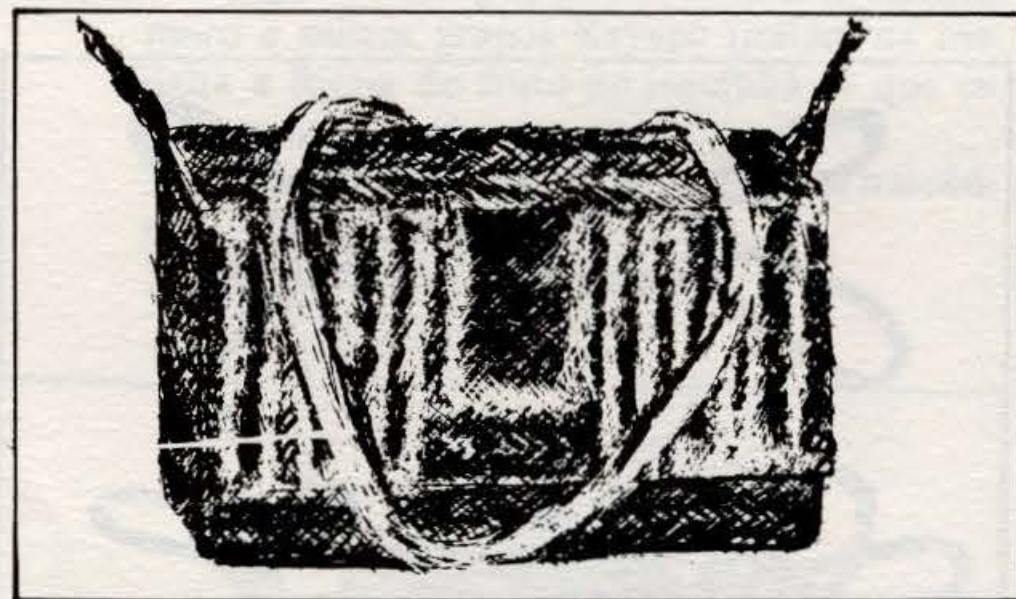
Def. Segundo Krause (1943 vol. 89:159 fig. 157) os Karajá possuem um instrumento para tratar lesões, assim descrito: "Nas lesões profundas, como as de flechadas ou coisa semelhante, emprega-se também a cauterização. Para isso, usa-se um osso de perna humana (fig. 187) *(déi* ou *wolisõli)* com envoltório de embira. A extremidade inferior é negrejada pela ação do fogo" (Krause loc. cit.).

T. Gen. Instrumentos cirúrgicos e rituais de mortificação (04)

Cauterizador de feridas Karajá. Índios Karajá, *apud* Krause 1943 vol. 89:92 fig. 187.

CESTO FUNERÁRIO

Def. Cesto alguidariforme adornado de penas no qual os índios Borôro acondicionam os ossos do morto para o enterro definitivo. As cinzas e ossos dos homens Wayâna-Aparai são enterrados num cesto estojiforme *(pakará)* onde, em vida, guardavam seus mais valiosos pertences (Velthem 1984:254). As cinzas das mulheres dessa tribo são sepultadas num tipiti *(op. cit.:* 236).

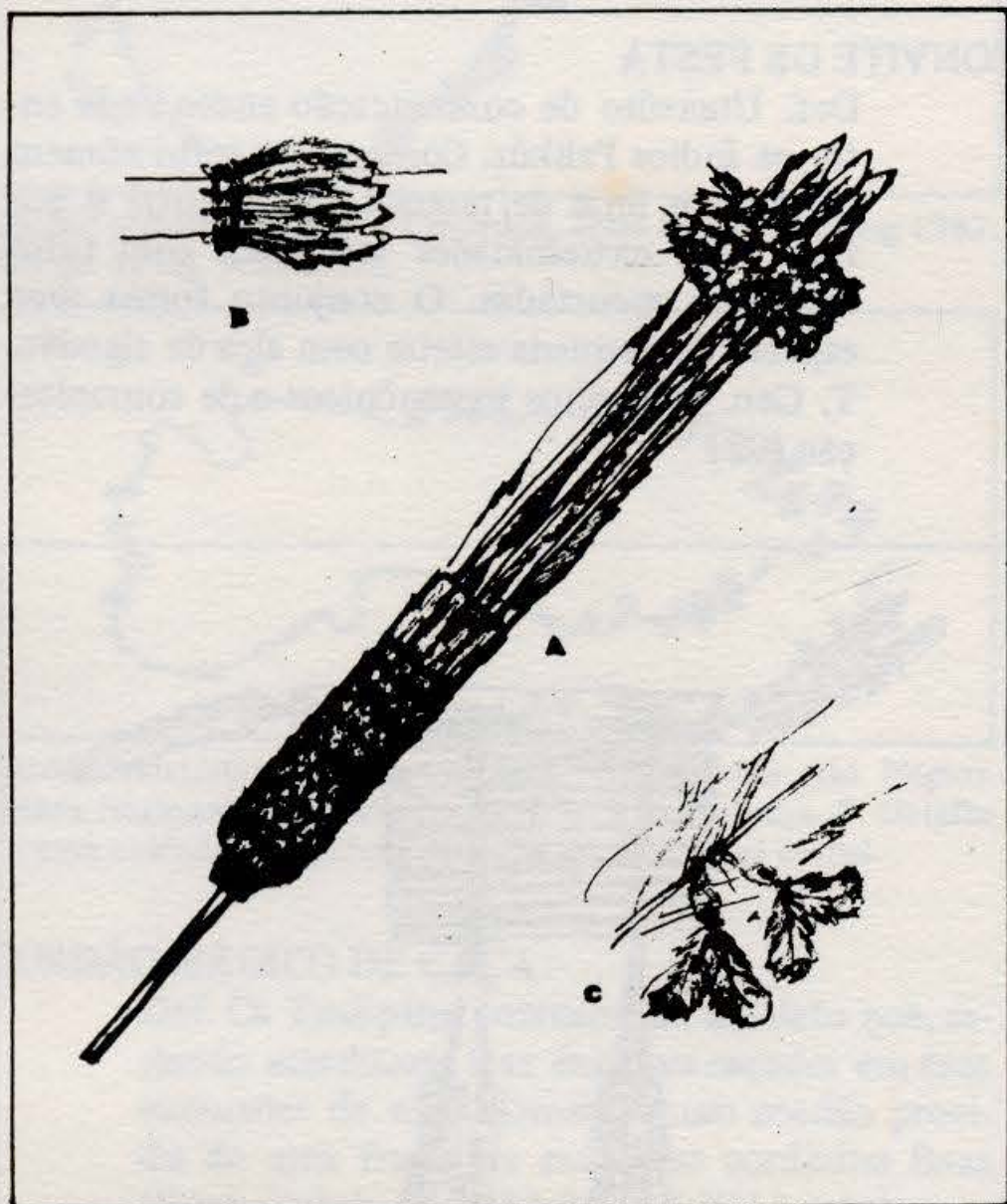
T. Gen. Utensílios funerários (08)

Consulte: 20 Trançados

Cesto funerário. Índios Borôro, Museu Regional Dom Bosco nº B53 1583. *Apud* Albisetti & Venturelli 1962:163. Esc. 1:10.

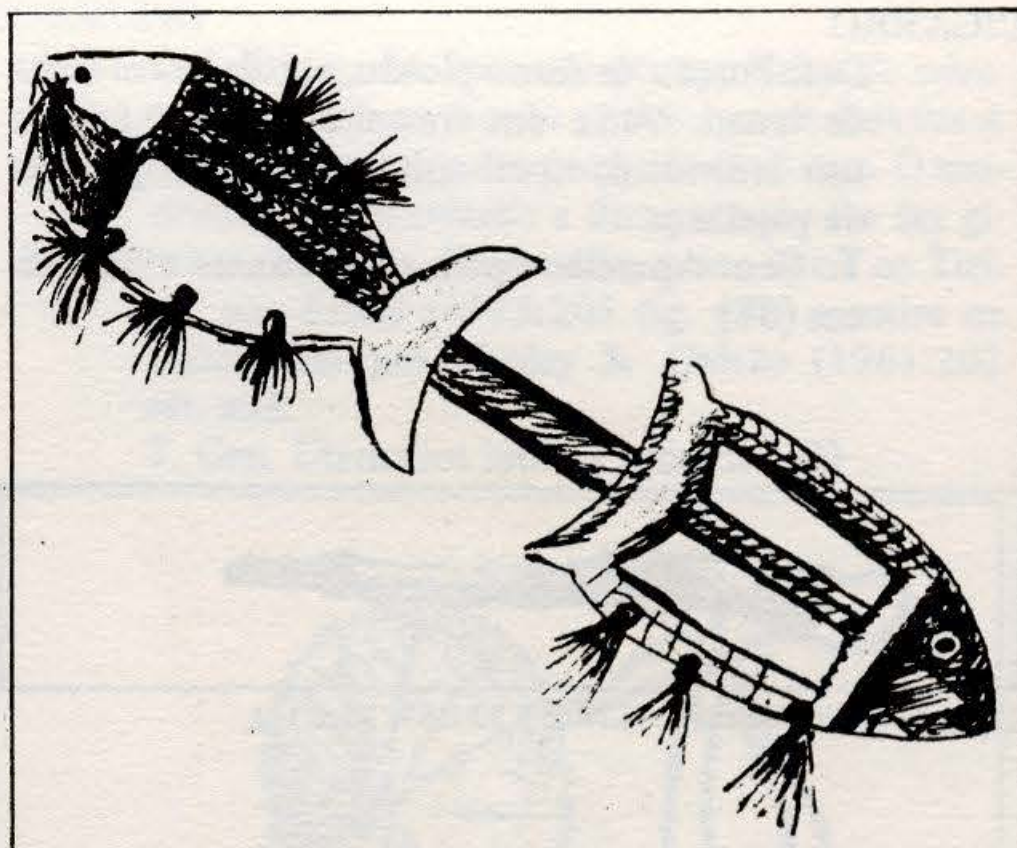
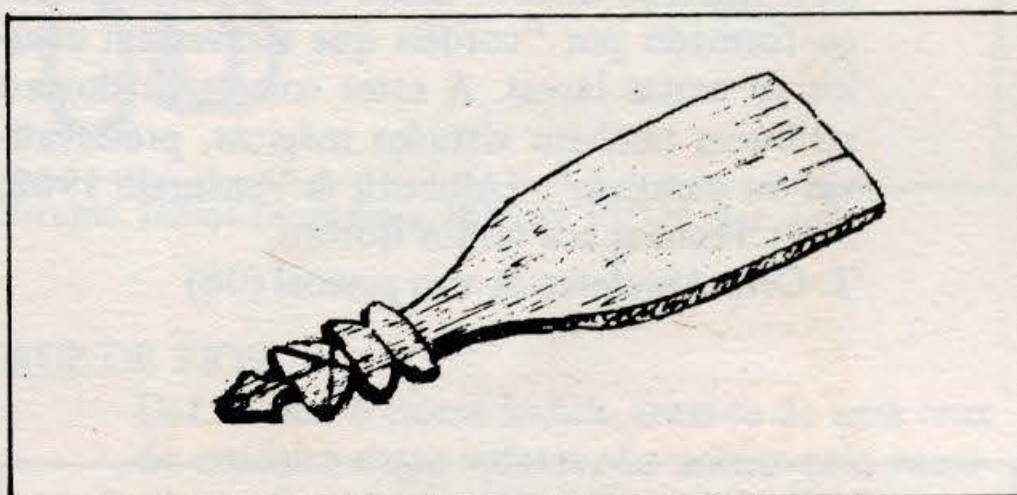
CETRO

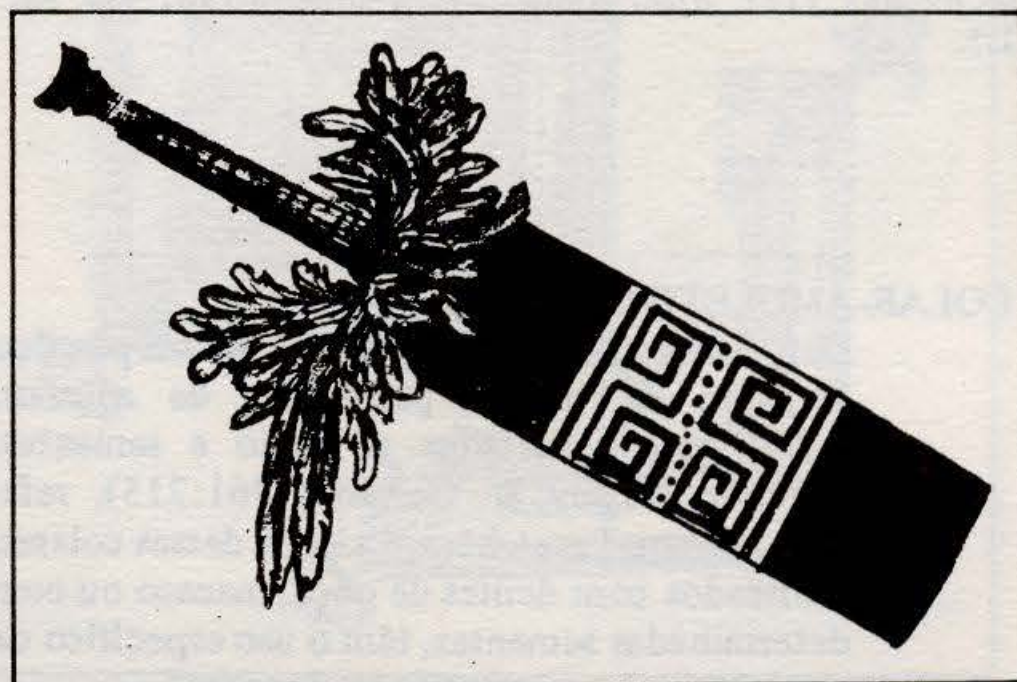
Def. Objeto ritual que os dançarinos levam na mão em certos eventos. Podem ser emplumados, a exemplo dos cetros dos índios Mundurukú, Parintíntin e Tembé, esculpidos em madeira na forma de bichos, como os dos índios Ipuri-

nã (Ehrenreich 1948:127 fig. 46), ou retangulares com desenhos ornamentais privativos de determinada tribo. Distinguem-se dos bastões por serem de menor tamanho não podendo ser apoiados no chão.
T. Gen. Utensílios mágico-lúdicos (09)
T. Rel. Bastão

CETRO EMPLUMADO
Def. Armação sólida, cilíndrica, provida de cabo, circundado por várias camadas de plumas, amarradas por embricação em círculo na parte inferior, e por penas longas ornadas com tufos de plumas, no extremo oposto. Cetros de madeira cilíndrica, revestidos de plumas, foram registrados entre os Parintintin (Zevi et alii 1983: 109 fig. 224). M. N. nº 4.435 e entre os Tembé (M. N. nºs 15.136, 15.137).
T. Gen. Insígnias de status diferenciado (02)
Consulte: 40 Adornos plumários

Cetro emplumado. Índios Mundurukú, M.N. nº 5.964. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da embricação em círculo. C. Detalhe da fixação dos tufos de plumas às penas longas.

CETRO IPURINÃ
Def. Artefatos esculpidos numa só peça de madeira na forma de dois peixes, um deles vasado, unidos um ao outro por uma travessa e ornados com pintura e borlas de palha.
T. Gen. Insígnias de status diferenciado (02)

CETRO PALIKÚR
Def. Distintivo de status usado nas danças pelos índios Palikúr. Talhado em madeira com cabo esculpido e corpo espatulado.
T. Gen. Insígnia de status diferenciado (02)

Cetro Ipurinã. Índios Ipurinã, Museu Goeldi nº 3.664. *Apud* MPEG 1986:100 e 258. Comprimento: 87 cm.

Cetro Palikúr. Índios Palikúr, M.N. nº 20.062, Esc. 1:4.

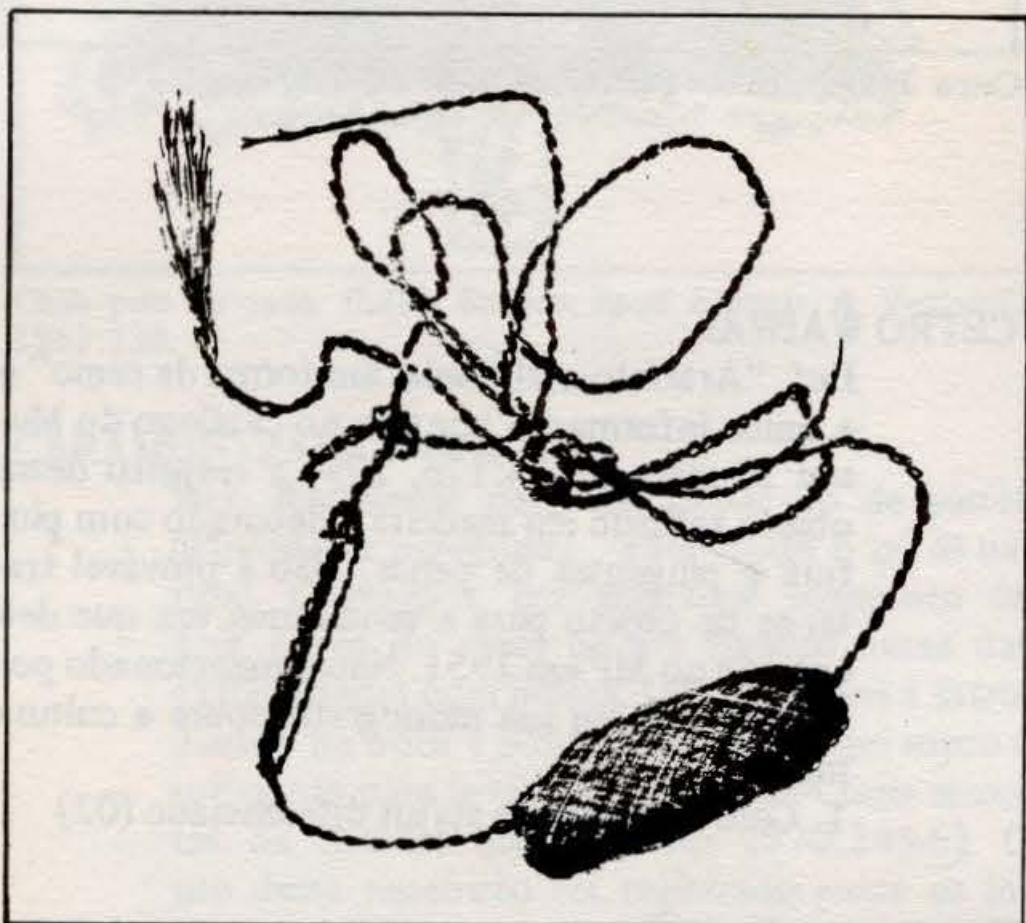
CETRO WAIWAI
Def. "Artefato cerimonial em forma de remo" é a única informação contida no catálogo do Museu Paulista (1984:126, 279) a respeito desse objeto talhado em madeira e decorado com pintura e pingentes de penas. Não é provável tratar-se de objeto para a venda uma vez que deu entrada no MP em 1951. Não é mencionado por Yde (1965) em sua monografia sobre a cultura material Waiwai.
T. Gen. Insígnias de status diferenciado (02)

Cetro Waiwai. Índios Waiwai, Museu Paulista nº 6.476. *Apud* MP/USP 1984:126, 279. Comp. 54 cm.

CIGARRO

Def. Porção de fumo picado, enrolado em folha de tauari. Varia em tamanho, segundo seja de uso individual, ritual coletivo, ou para práticas de pajelança.
T. Gen. Aparelhos para estimulantes e narcóticos (05)

Cigarro. Índios Borôro, M.N. nº 33.069. Esc. 1:4.

COLAR-AMULETO DE CASULO

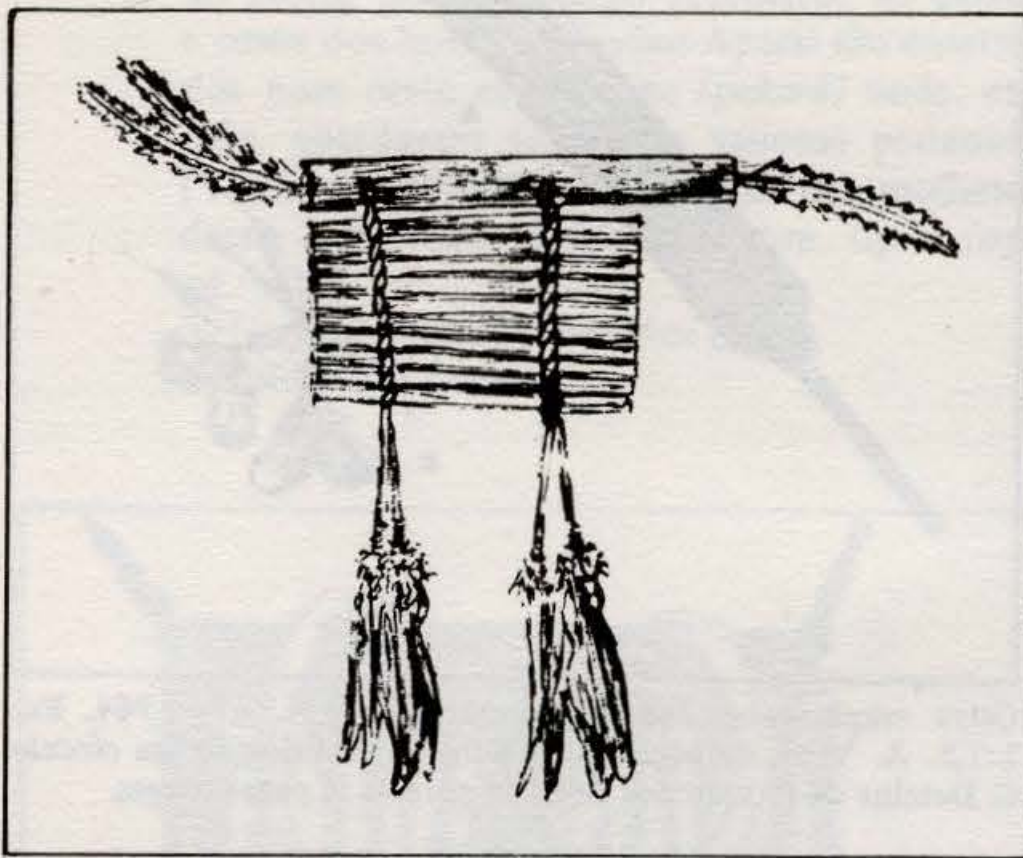
Def. Adereço infantil usado em volta do pescoço formado por "cordéis que atravessam casulos de certas larvas. A estes colares os Borôro atribuem também virtudes mágicas, preservativas ou curativas". (Albisetti & Venturelli 1962: 360). Peculiar aos índios Borôro.
T. Gen. Amuletos de uso pessoal (06)

Colar-amuleto de casulo. Índios Borôro, Museu Regional D. Bosco nº B55 1725. *Apud* Albisetti & Venturelli 1962:359. Esc. 1:5.

COLAR-AMULETO DENTES. SEMENTES

Def. Adereço infantil usado à volta do pescoço formado de dentes perfurados de animais, unhas, cocos cortados ao meio e sementes. Segundo Wagley & Galvão (1961:215), referindo-se aos Tenetehara, "alguns desses colares, fabricados com dentes de onça, macaco ou com determinadas sementes, têm o uso específico de servirem como preventivos a doenças".
T. Gen. Amuletos de uso pessoal (06)

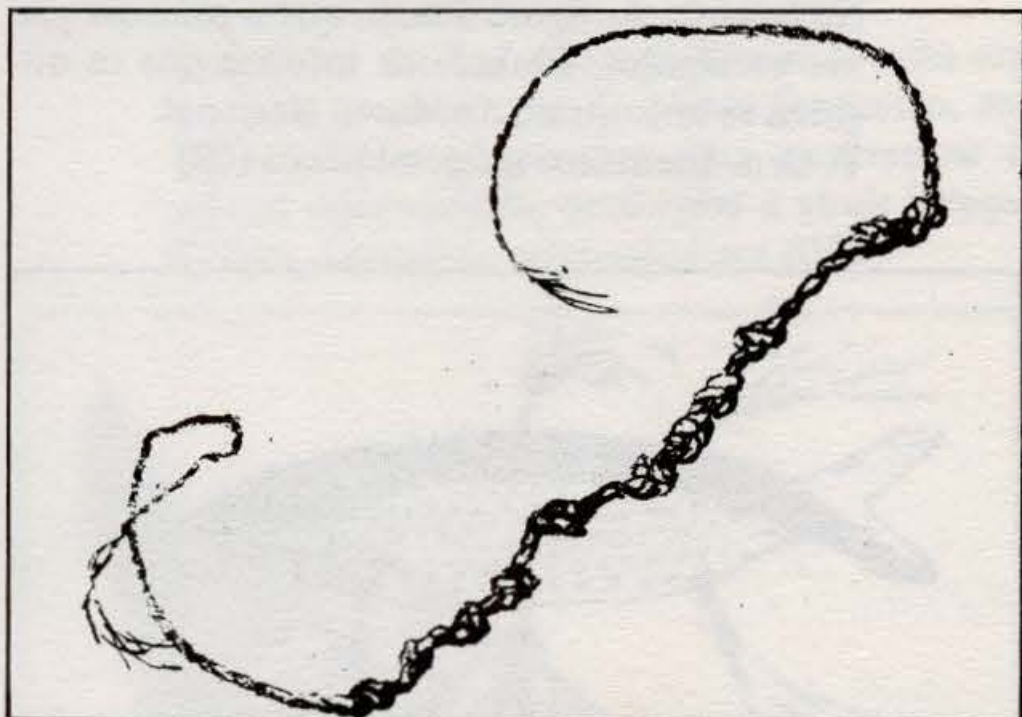
Colar-amuleto dentes, sementes. Índios Tenetehara, M.N. nº 32.660. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Detalhe da perfuração de meio coco de tucum.

CONVITE DE FESTA

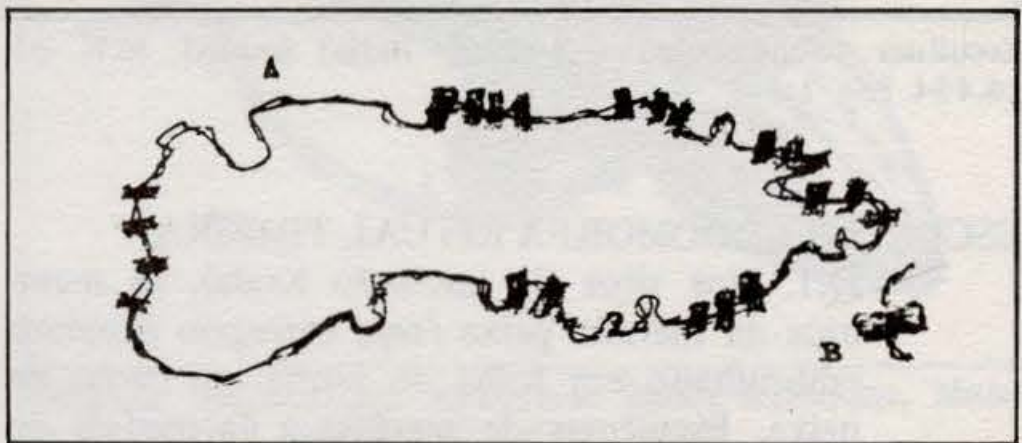
Def. Utensílio de comunicação encontrado entre os índios Palikúr. Consiste em certo número de lâminas finas de taquara ligadas entre si por fios cujas extremidades terminam com tufos de penas recortadas. O conjunto forma uma espécie de pequena esteira com alça de algodão.
T. Gen. Utensílios mnemônicos e de comunicação (07)

Convite de festa. Índios Palikúr, M.I. nº 8.165. Esc. 1:3.

CORDÃO ESTATÍSTICO

Def. Dispositivo mnemônico composto de cordéis enodados. Registrado por Koch Grünberg entre os Taulipáng e outras tribos vizinhas. O autor denomina-o "cordão de memória, cada nó significa um dia" (1982:235 pr. 41 fig. 3). Ladislau Netto refere-se a "cordéis estatísticos" entre os Bafuaná (?) do vale do Amazonas. "Estes cordéis são diferentes entre si, tanto na espessura como na cor e natureza da fibra de que foram confeccionados. Parece que

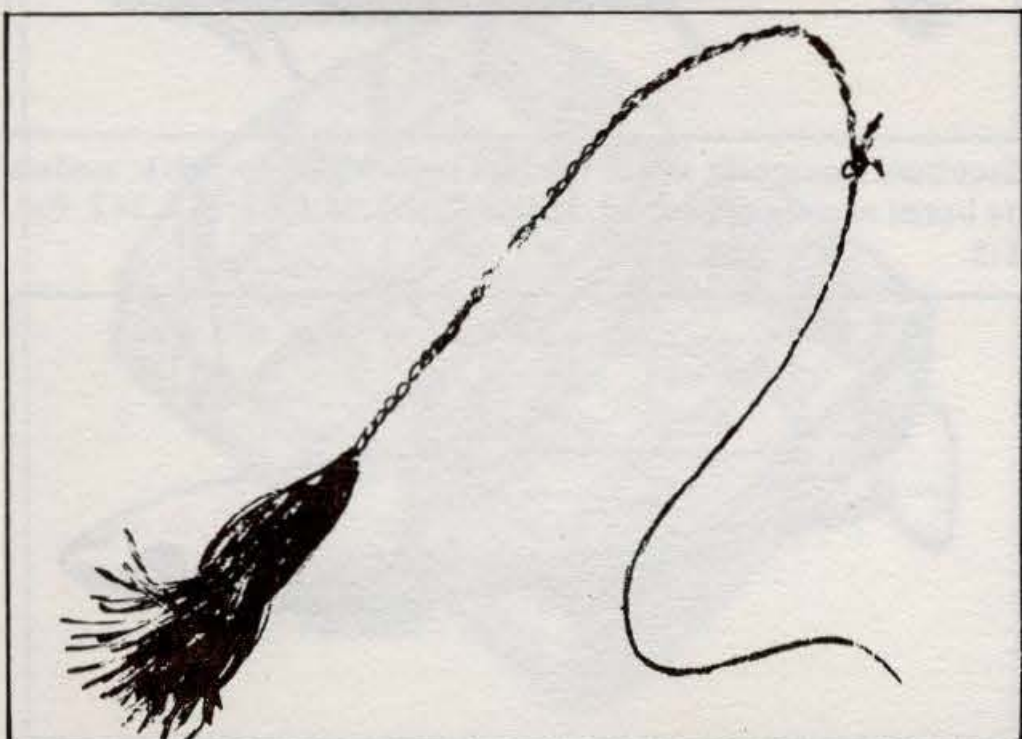
cada uma das classes e talvez das idades desta tribo tem, ao perder membro, o seu cordel peculiar em que o falecimento é registrado por meio de um nó. No entanto, é para supor que não só de obtuário sirvam estas cordas, senão também no cômputo dos nascimentos (Ladislau Netto 1870:275). No Museu Nacional encontram-se quatro artefatos desse tipo procedentes dos Bafuaná (ns. 5.196 a 5.199, coleção Gonçalves Dias, 1861). Os três primeiros assemelham-se ao cordão estatístico divulgado por Koch-Grünberg (loc. cit.).

Cordão estatístico. Índios Taulipáng, *apud* Koch Grünberg 1982: 235 pr. 41 fig. 3. Esc. 1:3.

A

B

Cordão estatístico. Índios Bafuaná, rio Demeni (rio Negro). Museu Nacional nº 5.199. Esc. 1:3. A. Vista da peça. B. Detalhe de uma unidade: dobradura de palha amarrada por cordel.

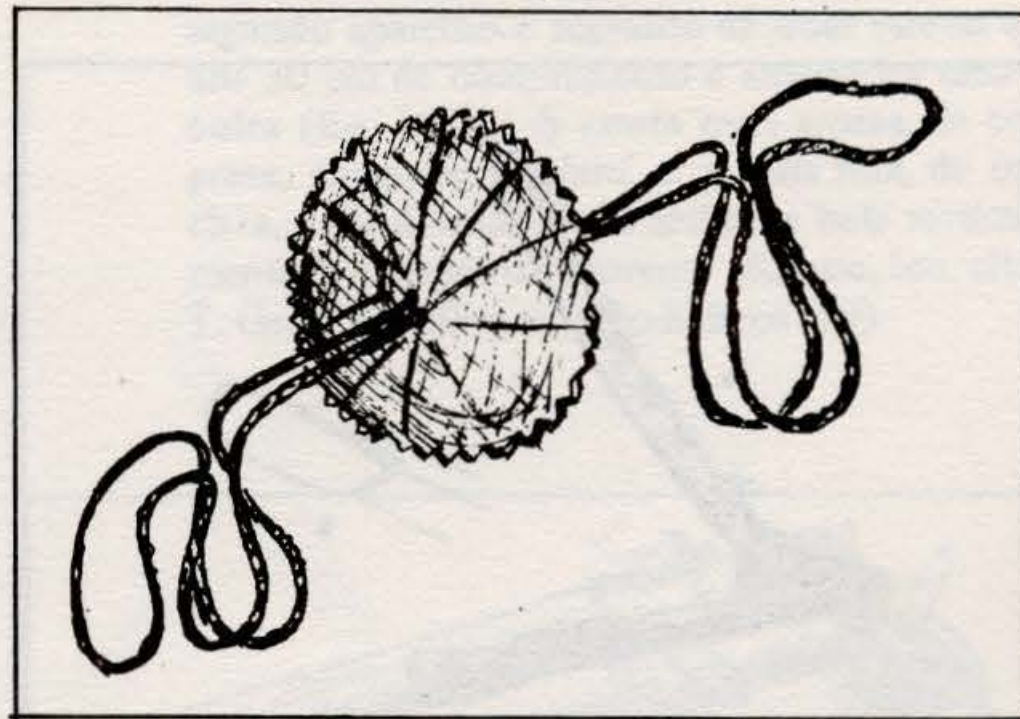
CORDÃO MÁGICO DE CAÇA

Def. Os Taulipáng possuem um amuleto que, segundo acreditam, traz êxito ao caçador em suas excursões de caça. Consiste num cordão provido de uma franja de múltiplas cordinhas finas (Koch-Grünberg 1982:235 pr. XV 1 e 1a).

T. Gen. Utensílios mágico-lúdicos (09)

Cordão mágico de caça. Índios Taulipáng, *apud* Koch-Grünberg 1982:235 pr. XV, 1 e 1a. Esc. 1:10.

CORRUPIO

Def. Brinquedo formado por um disco de cabaça, denteado no bordo externo, com dois furos no centro pelos quais passa um fio longo. O movimento de enrolação e distensão do fio faz girar o corrupio. Registrado o uso entre os Tiriyó por Frikel (1973:205 fig. 47k) e entre os Tenetehara por Wagley & Galvão (1961:202 est. xii).

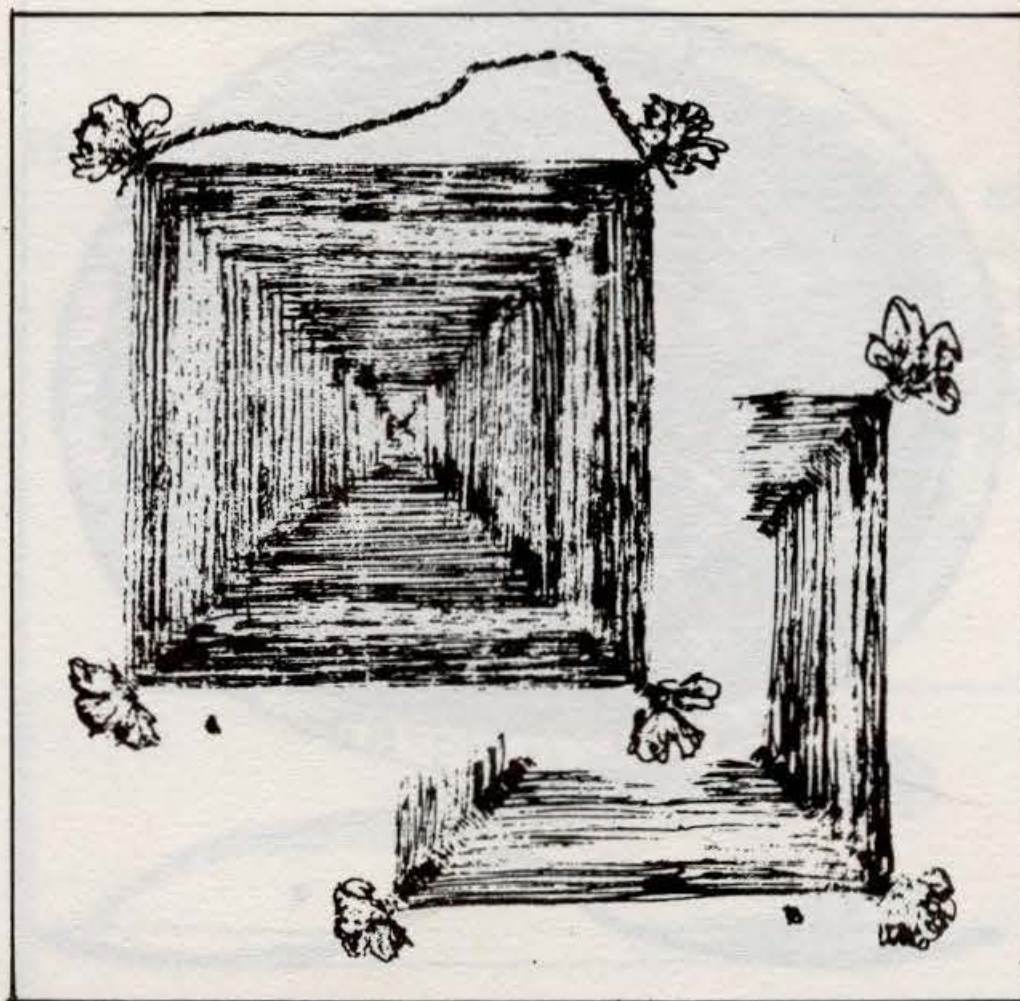
T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

Corrupio. Índios Tenetehara, M.N. nº 25.720. Esc. 1:3.

CRUZ DE FIOS

Def. Como o nome indica, trata-se de uma cruz de madeira cujas varetas são unidas pela sucessão de fios, formando um quadrado. Encontrada por Baldus entre os Tapirapé como um ornamento da casa para prevenir doenças e maus espíritos (Baldus 1970:256). É designada *anyrã* que significa morcego. Curt Nimuendaju recolheu um objeto semelhante *(thread cross)* entre os Ramkokamekra-Canela que representaria a "asa do morcego". Qualifica-o como brinquedo de criança. Baldus (loc. cit.) informa a existência de "cruz de fios" como enfeite de cabeça combinado com outros adornos entre os Kayapó, Karajá e Borôro.

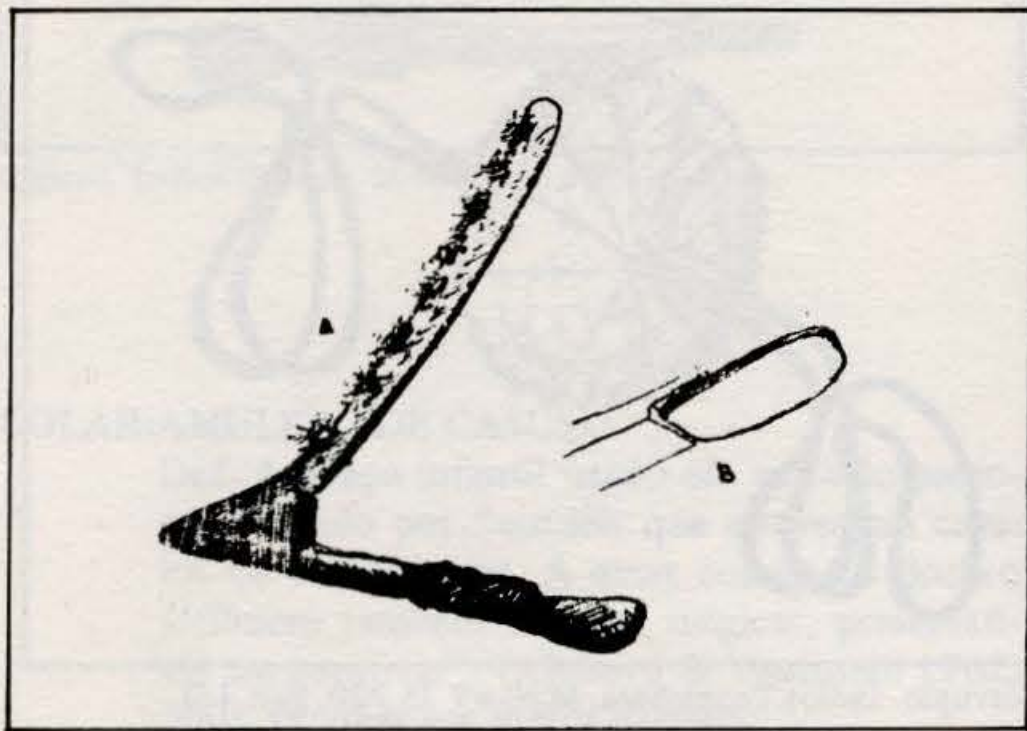
T. Gen. Utensílios mágico-lúdicos (09)

A

B

Cruz de fios. Índios Ramkokamekra-Canela, M.N. nº 27.098. Esc. 1:2. A. Anverso. B. Verso.

ENXÓ RITUAL DE PEDRA

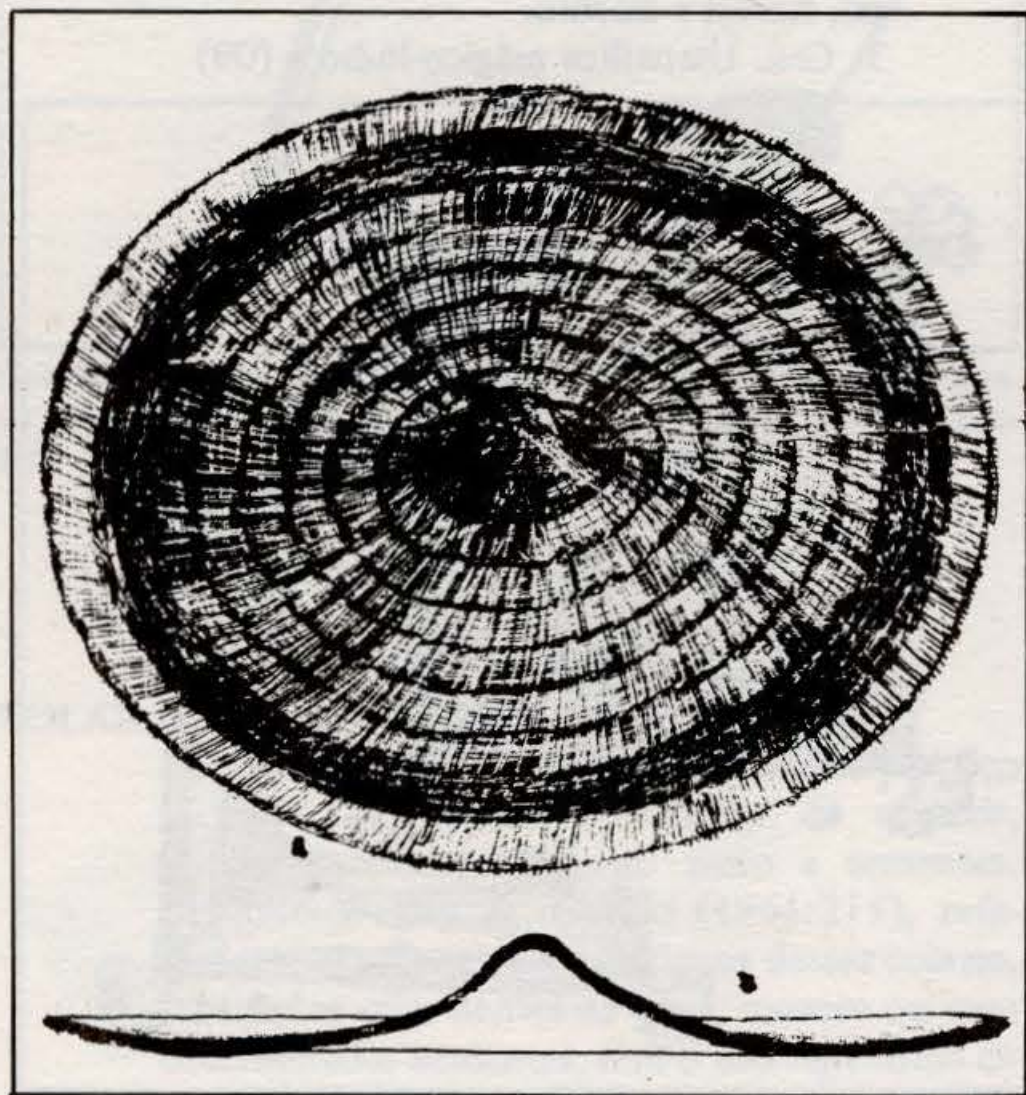
Def. Implemento de cabo curto em forma de forquilha, tendo uma lâmina cortante de pedra afilada. Antes do contato com os brancos, era usado para desbastar a madeira na confecção de canoas, trocanos, bancos, raladores, pilões, etc. Mais tarde, adquiriu a função de objeto ritual levado ao ombro durante as danças.

T. Gen. Insígnias de status diferenciado (02)

Enxó ritual de pedra. Índios Tariâna, M.N. nº 19.557. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. Detalhe da ponteira de pedra. Esc. 1:5.

ESCUDO RITUAL TRANÇADO

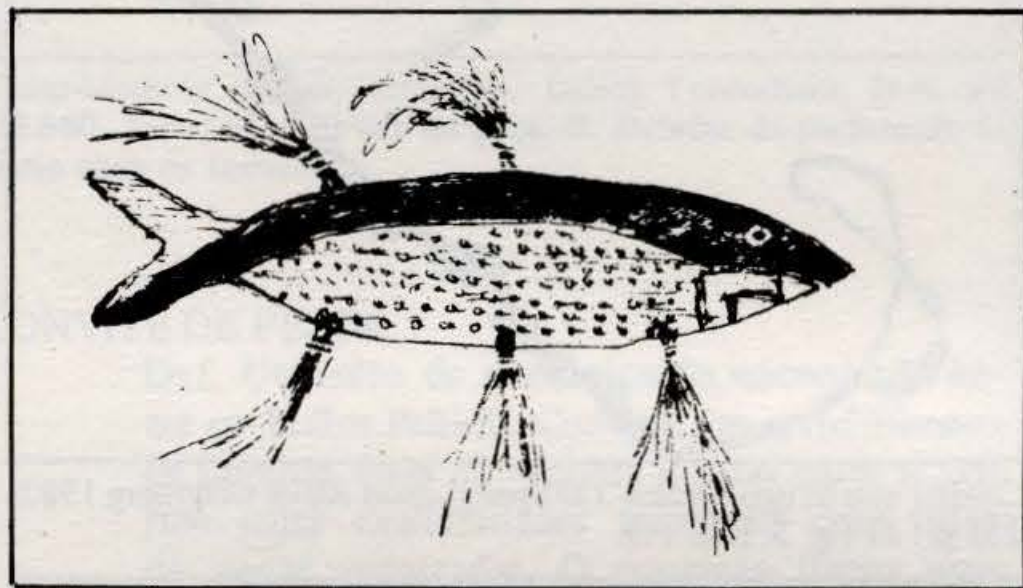
Def. Peça plana circular, com uma protuberância no centro, feita segundo a técnica de trançado torcido. Usada antigamente como escudo de guerra (?) e/ou escudo ritual e emblema tribal pelos grupos indígenas do alto rio Negro. Acompanhava o escudo, como insígnia complementar, a lança chocalho (ou murucu-maracá).

T. Gen. Insígnias de status diferenciado (02)

Consulte: 20 Trançados.

Escudo ritual trançado. Índios Desâna, M.N. nº 856. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Secção reta transversal.

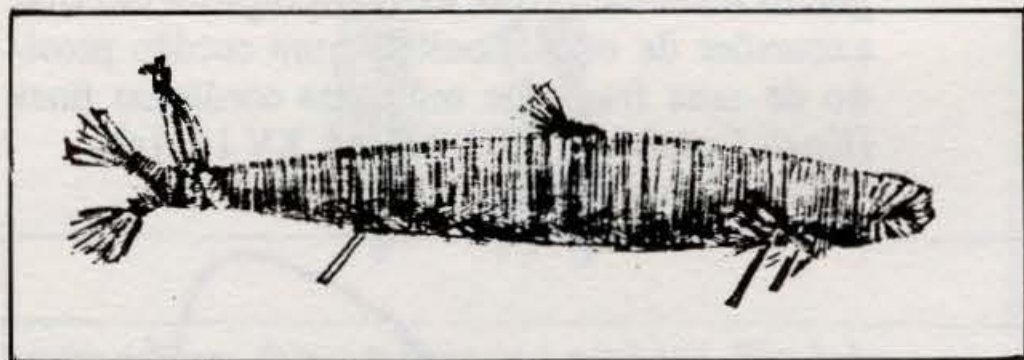
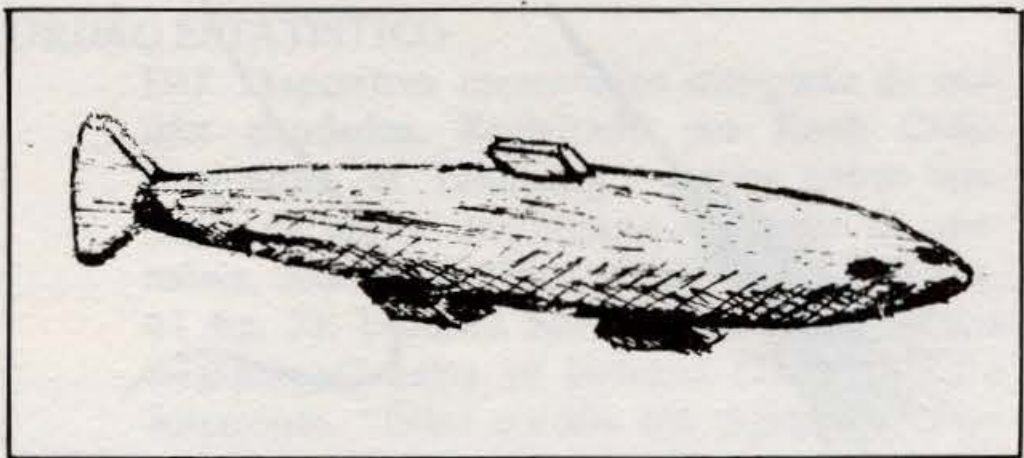
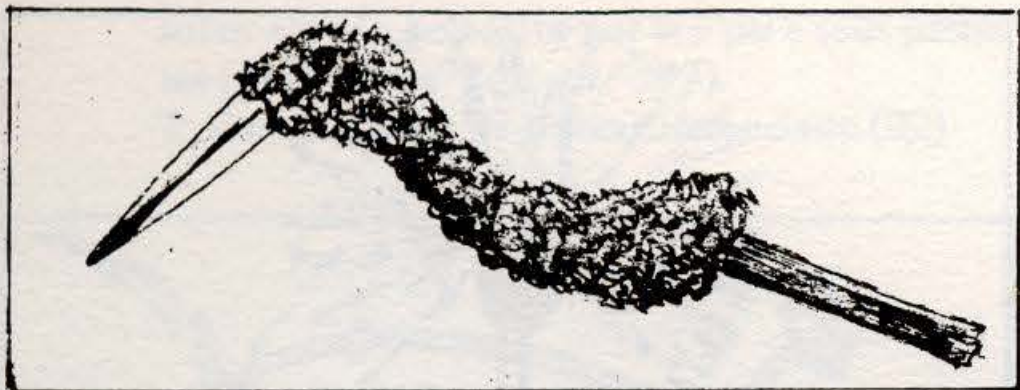
ESCULTURA ZOOMORFA RITUAL IPURINÃ

Def. Escultura de madeira, registrada como ornamento de casa por Ehrenreich, que assim a descreve: "No teto de muitas cabanas estão suspensas figuras de peixe que se formam de espigas de milho ou que se fazem de casca de árvore recortada e pintada (fig. 40a, b)" (Ehrenreich 1948:119). Acrescenta, a seguir, o mesmo autor: "A cumeeira é enfeitada, às vezes, com figuras humanas trançadas de palha, representando flechadores assim como Crévaux os encontrou entre as tribos da Guiana" (ibidem). Na legenda da figura 40a, b, que representa peixes esculpidos, Ehrenreich informa que os originais se encontram no Museu Nacional.

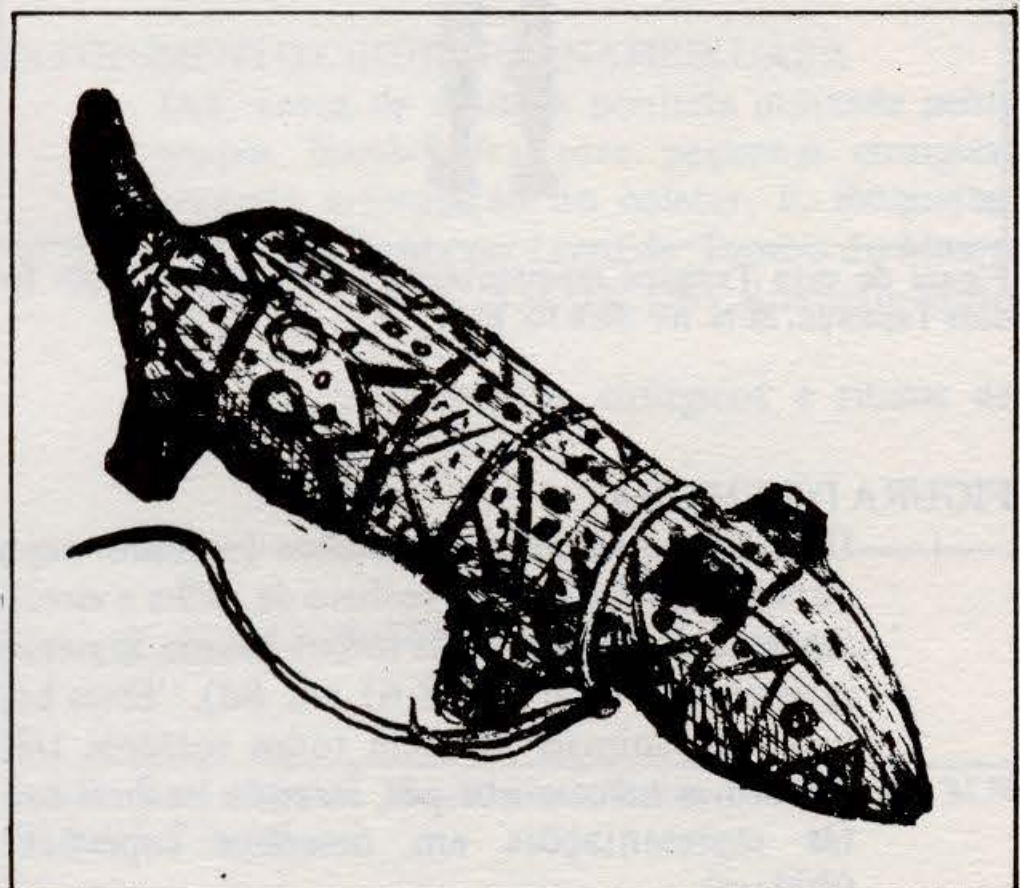
T. Gen. Utensílios mágico-lúdicos (09)

Escultura zoomorfa ritual Ipurinã. Índios Ipurinã, M.N. nº 16.454. Esc. 1:5.

ESCULTURA ZOOMORFA RITUAL TIMBÍRA

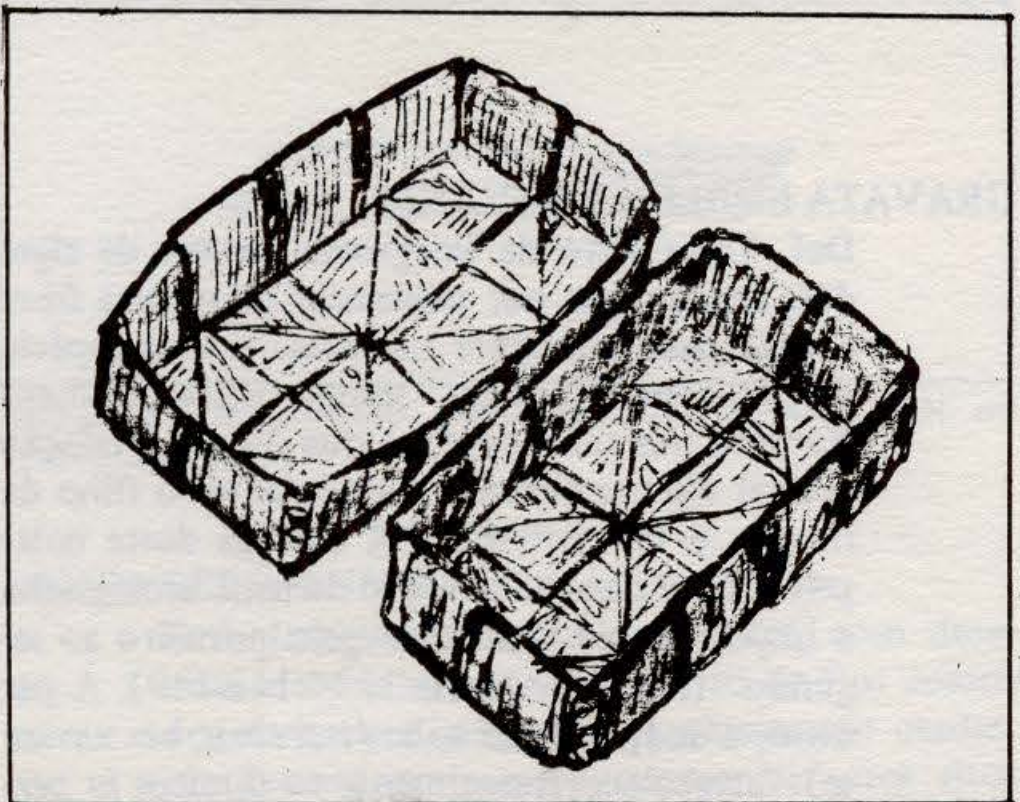
Def. Nos ritos de iniciação Krahó, os membros da metade peixe *(tep)* carregam alimento embrulhado em folha de buriti em forma de peixe. Esculturas de madeira e da medula do buriti ictioformes são desfiladas também nesses eventos. E, ainda, uma escultura de madeira em forma de garça, com penas coladas, como representação do personagem garça.

T. Gen. Utensílios mágico-lúdicos (09)

Escultura zoomorfa ritual Timbíra representando peixe: medula de buriti envolta em cordel. Índios Krahó, M.I. nº 75.6.242. Esc. 1:5.

Escultura zoomorfa ritual Timbíra representando peixe: talha em madeira. Índios Krahó, M.I. nº 75.6.240. Esc. 1:5.

Escultura zoomorfa ritual Timbíra representando uma garça. Índios Krahó, M.I. nº 75.6.2. Esc. 1:5.

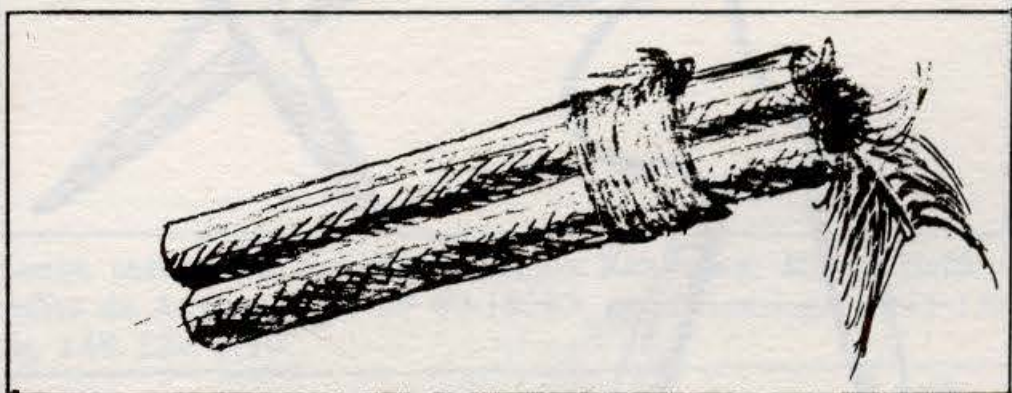
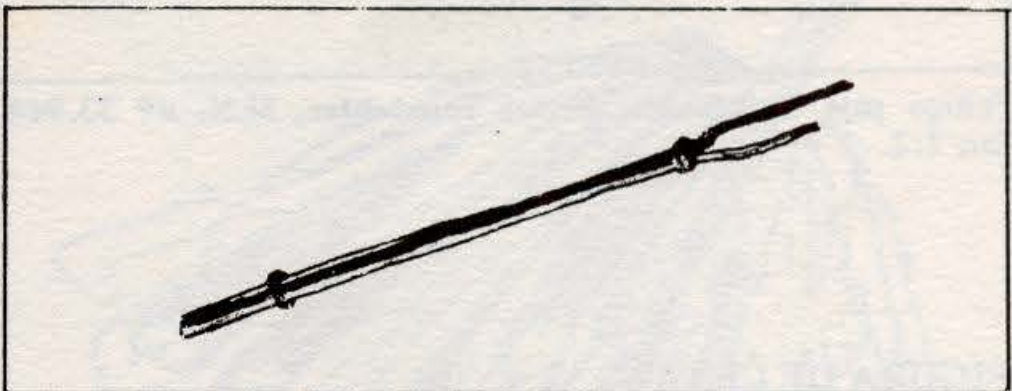
ESCULTURA MAGIA-DE-CAÇA KAXUYÂNA

Def. Entre os Kaxuyâna registra-se a talha em madeira de esculturas de bichos (cachorro, anta), devidamente pintadas para caracterizar o animal representado, destinadas a atrair a caça.
T. Gen. Utensílios mágico-lúdicos (09)

Escultura magia-de-caça Kaxuyâna. Índios Kaxuyâna, Museu Goeldi nº 7241. *Apud* MPEG 1986:87 e 255.

ESTOJO REMÉDIOS DO PAJÉ

Def. Utensílio para práticas xamanísticas, constituído de um cesto estojiforme que "contém, além de espinhos mágicos, sementes de feijões de plantas alucinógenas, pedaços de resina amarela e perfumada e diversos cristais de rocha" (Zerries 1981:333 e fig. 8).
T. Gen. Instrumentália do pajé (03)

Estojo remédios do pajé. Índios Tukâno, Museu de Munique, *apud* Zerries (1981:333 e fig. 8).

FEITIÇO DE CHUVA KARAJÁ

Def. Krause (1943 vol. 89:159 fig. 182a, b) registra dois artefatos mágicos entre os Karajá, assim definidos: "*Hetjiwá*. Duas hastezinhas de taquara amarradas uma à outra; na extremidade anterior, uma camada de cera em que estão coladas penas. As varinhas estão cortadas; o seu tamanho normal é de um metro mais ou menos (fig. 182a). Os instrumentos deste tipo agitam-se contra as nuvens, para afastar a chuva. Um segundo aparelho é formado de duas varetas de uns 50 cm de comprimento e amarradas uma à outra (fig. 182b). A vareta mais grossa, de cor preta, chama-se *kuoluní*, e a mais fina, de cor clara, *nohõdämudá*. Com ambas se bate verticalmente na direção das nuvens" (Krause, loc. cit.)
T. Gen. Utensílios mágico-lúdicos (09)

Feitiço de chuva Karajá. Índios Karajá, *apud* Krause 1943 vol. 89:159 fig. 182a. Esc. 1:20.

Feitiço de chuva Karajá. Índios Karajá, *apud* Krause 1943 vol. 89:159 fig. 182b. Esc. 1:10.

FEITIÇO DE MORTE KARAJÁ

Def. Registrado por Krause (1943 vol. 89: 159 fig. 185) entre os Karajá e assim definido: "Para matar alguém há vários recursos. Trança-se de embira um pênis de macaco (*noó kraobé*, fig. 185a, b) que se passa furtivamente ao inimigo. Este, então, precisa morrer" (Krause loc. cit.).
T. Gen. Instrumentália de pajé (03)

Feitiço de morte Karajá. Índios Karajá, *apud* Krause 1943 vol. 89:160 fig. 185a, b.

FEITIÇO PAJÉ TENETEHARA

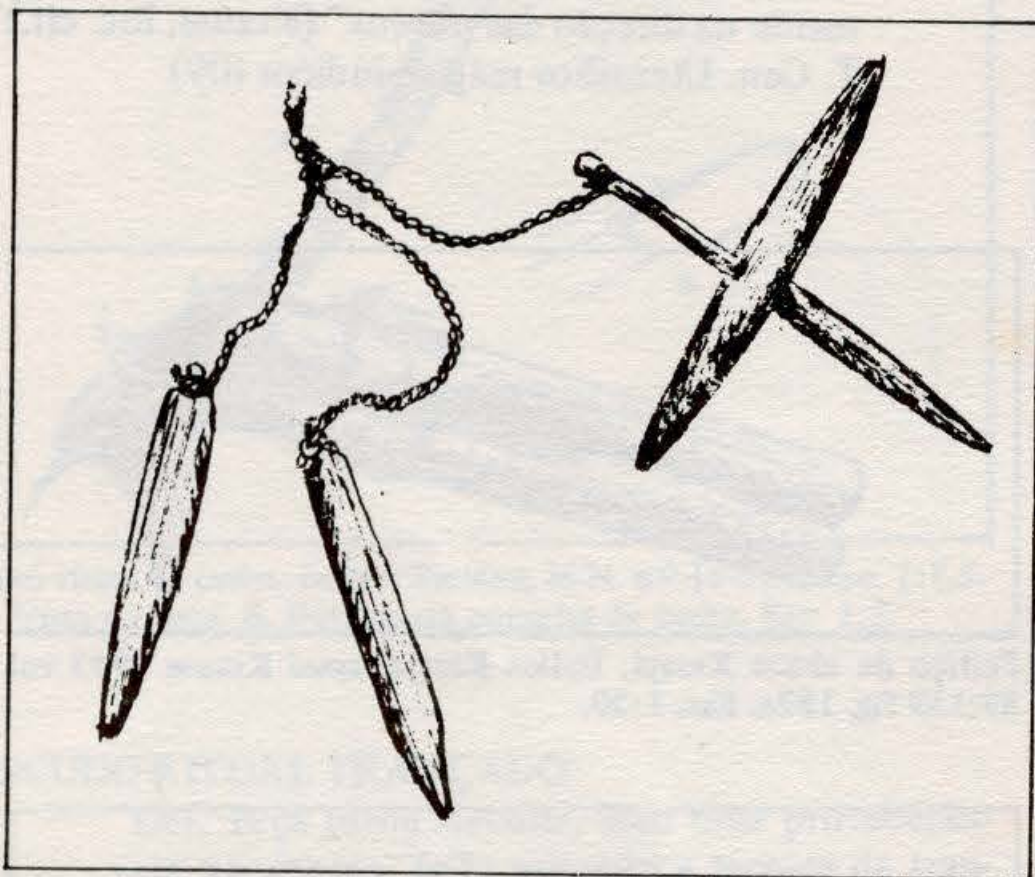
Def. Pedaços de madeira fusiformes, revestidos de resina, unidos entre si com fios de algodão. "Fabricados pelos pajés, são usados por estes nas suas demonstrações de poder xamanístico, ou para feitiçaria, fazendo-os penetrar no interior do corpo das vítimas. Dizem os Tenetehara que os pajés sabem 'amolecer a madeira'. Quanto mais complexa a forma, mais difíceis são de extrair" (Wagley & Galvão 1961:221 est. XXXI).
T. Gen. Instrumentália do pajé (03)

Feitiço pajé Tenetehara. Índios Tenetehara, M.N. nº 33.944. Esc. 1:2.

FIGURA DE CERA

Def. Para o lazer infantil, os Xikrin confeccionam figuras de cera representando, geralmente, animais de caça (Frikel 1968:63). Os Karajá (Krause 1941-44 pr. 45 fig. 7) confeccionam figuras antropomorfas de cera, com os caracteres distintivos da tribo, e também modelagens de animais. Os Tapirapé representam em cera o sobrenatural *Topy* "que tem a propriedade de percorrer o céu durante a tempestade" (Baldus 1970:406). Sua característica mais remarcável é a representação dos testículos e do pênis em tamanho exagerado, não faltando o estojo peniano. (Cf. Baldus 1970:424 foto 72).
T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

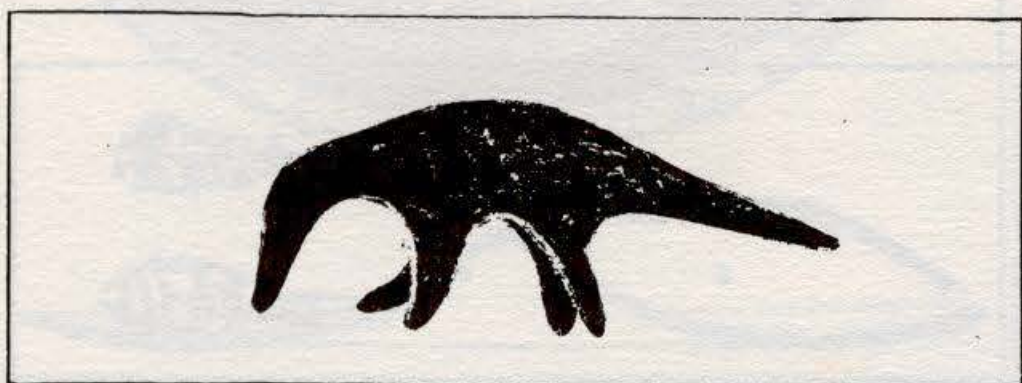



Figura de cera zoomorfa representando o tamanduá. Índios Apinayé, M.N. nº 25.680. Esc. 1:1.

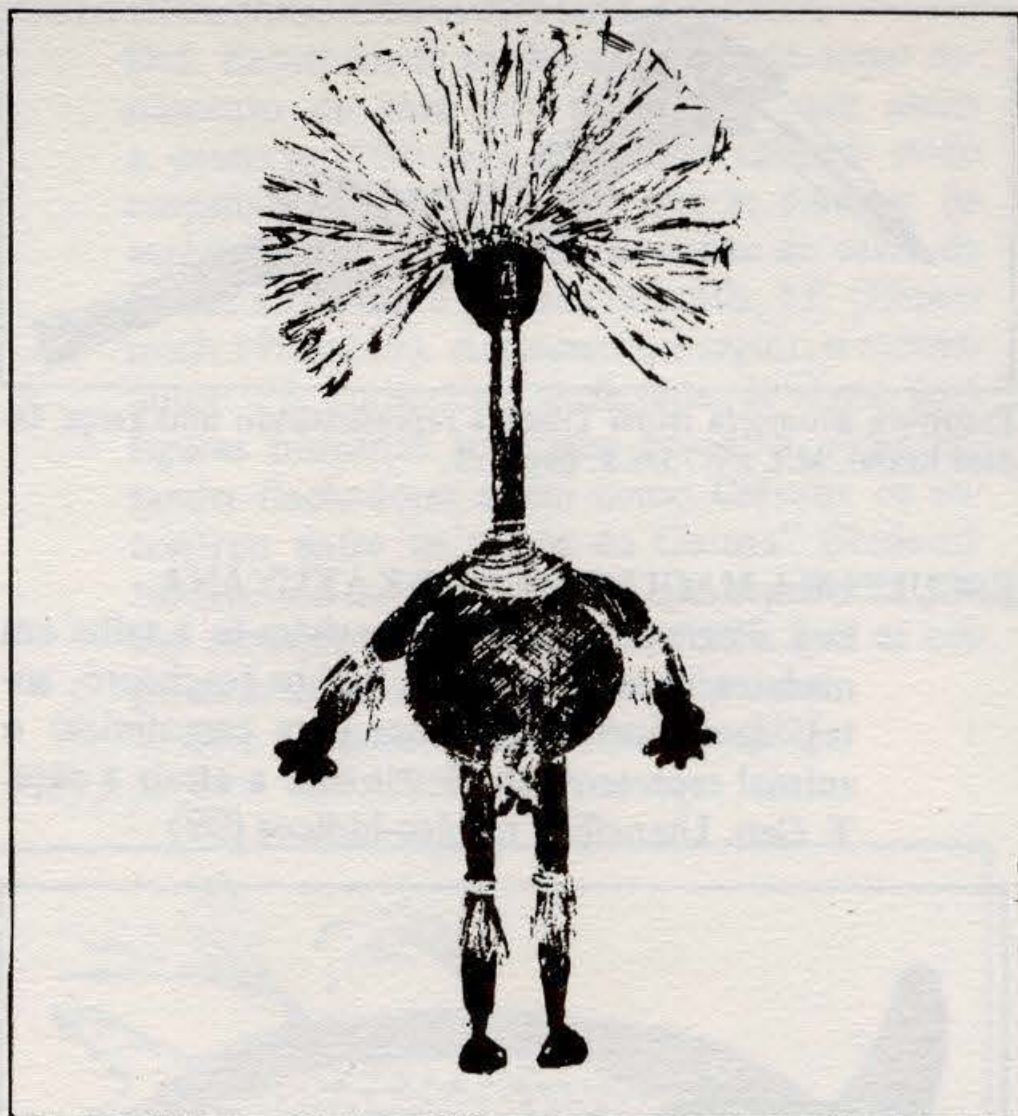



Figura de cera Tapirapé representando o sobrenatural *topy*. Índios Tapirapé, M.N. nº 38.870. Esc. 1:3.

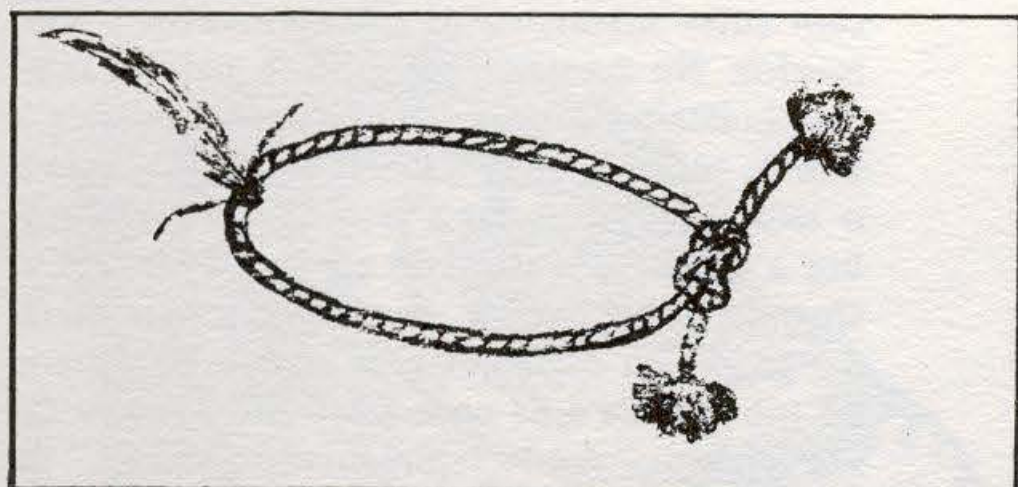
FIGURA DE EMBIRA

Def. Representações de bichos (macaco, sapo cururu) são feitas com recheio de palha e envolvimento de embira pelos índios Xikrin, segundo registro de Frikel (1968:61 est. 8d). "Estes bonecos de animais possuem todos somente três dedos nas mãos e nos pés, fazendo lembrar certas representações em desenhos rupestres" (ibidem).
T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

Figura de embira representando macaco-prego. Índios Xikrin, Museu Paulista nº 12.750, *apud* MP/USP 1984:93 e 274. Esc. 1:5.

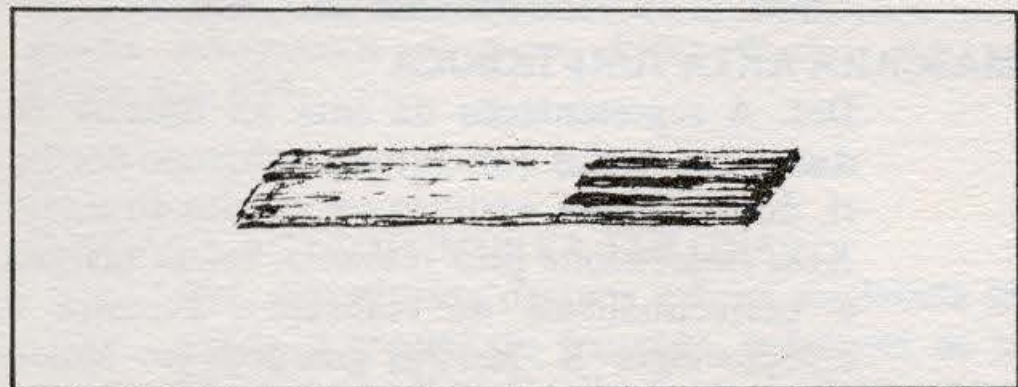
GRAVATA EMBLEMA XAVANTE

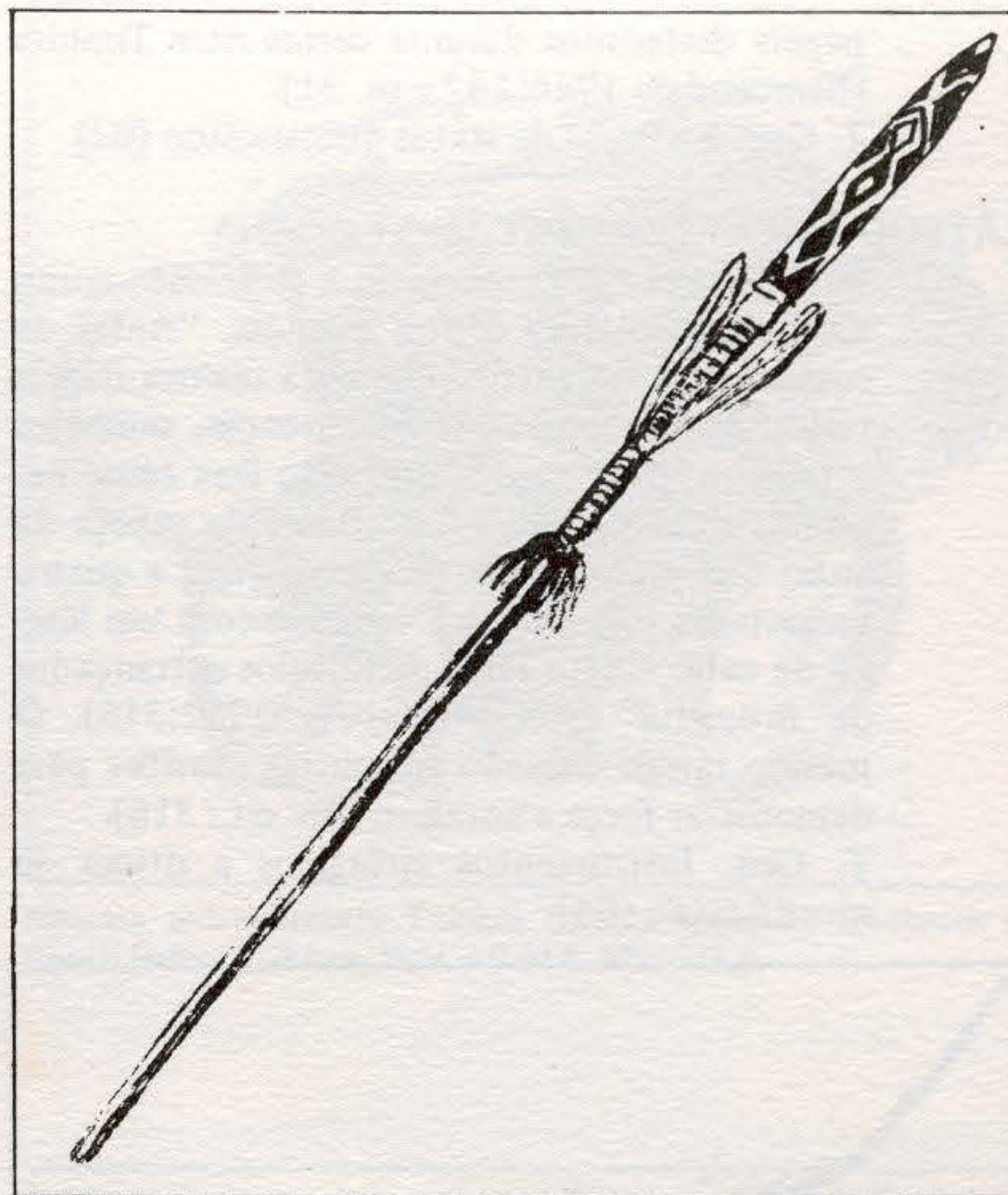
Def. Colar feito de fio grosso torcido de algodão arrematado por chumaços da mesma fibra e uma pena pendente na nuca. É uma espécie de emblema étnico, usado pelos homens Xavante nos cerimoniais, e que denota a relação crucial vigente nessa sociedade entre o filho da irmã e o tio materno. "A entrega deste colar pelo irmão da mãe ao filho da irmã acompanha a imposição de um nome pelo primeiro ao segundo" (Maybury-Lewis 1974:118-119). A par disso, a doação desse colar (*tsõrebzu*, em xavante) "estabelece formalmente os direitos *in personam* sobre o menino, por parte do irmão da mãe" E "equivale à limitação dos direitos que

sobre ele são exercidos por seu pai e seus parentes patrilineares" (*op. cit.*: 297).
T. Gen. Insígnias de status diferenciado (02)

Gravata emblema Xavante. Índios Xavante, coleção particular. Esc. 1:5.

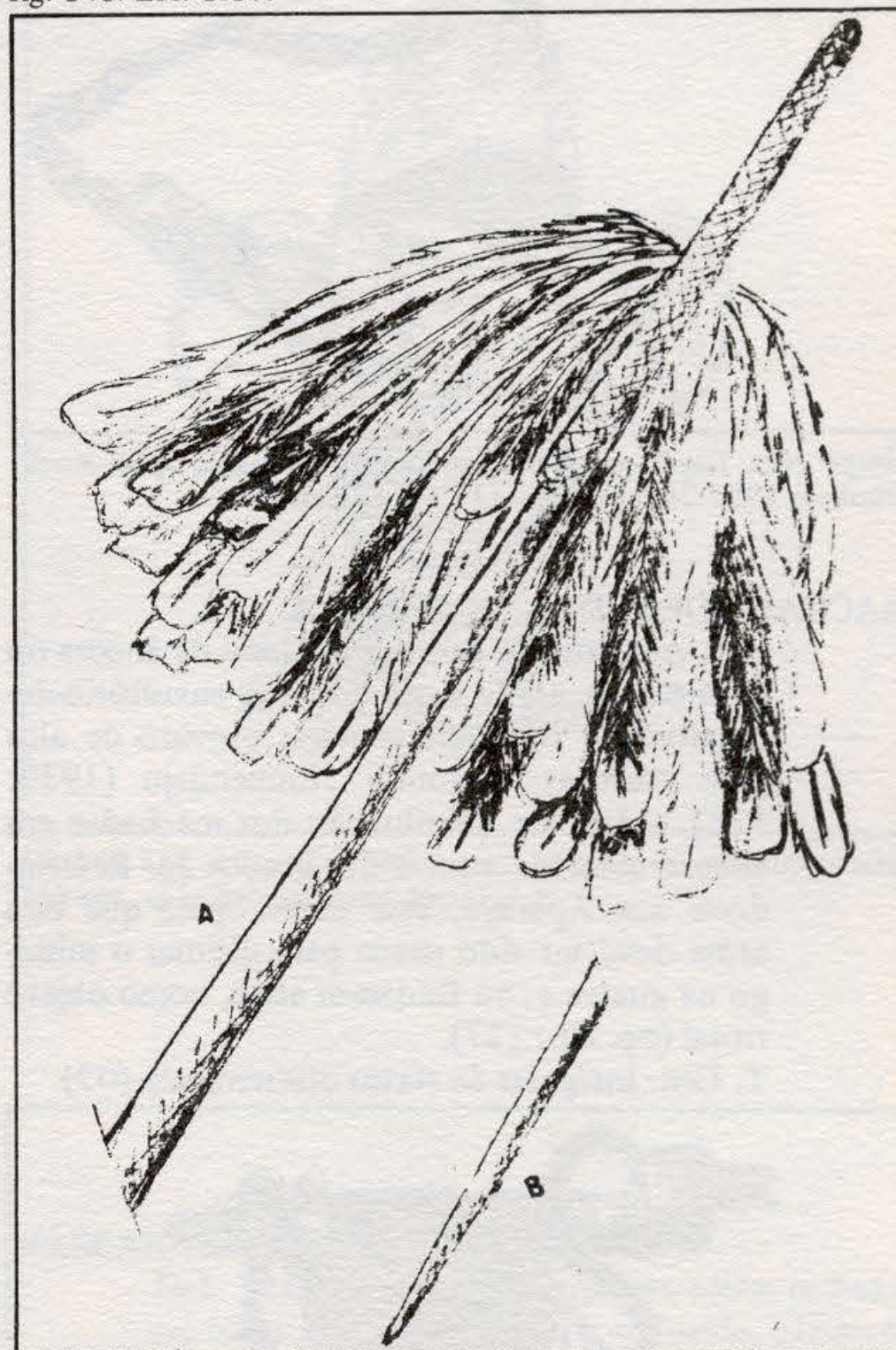
INSTRUMENTO CIRÚRGICO NAMBIKUÁRA
Def. Lasca de madeira pontuda utilizada pelos grupos Nambikuára para pequenas cirurgias, segundo informação do coletor, E. Roquette-Pinto, registrada no Livro de Tombo do Museu Nacional (nº 5.755). (V. tb. Roquette-Pinto 1917-133 fig. 61).
T. Gen. Instrumentos cirúrgicos e rituais de mortificação (04)

Instrumento cirúrgico Nambikuára. Índios Nambikuára, M.N. nº 5.755. Esc. 1:1.

INSTRUMENTO CORTE CORDÃO UMBILICAL
Def. Instrumento feito de bambu destinado a cortar o cordão umbilical dos recém-nascidos. "A parteira amarra o cordão umbilical com um fio de algodão e corta-o com uma pequena faca de bambu; um instrumento de ferro inibiria definitivamente o crescimento da criança" (Nimuendaju 1939:101).
T. Gen. Instrumentos cirúrgicos e rituais de mortificação (04)

Instrumento corte cordão umbilical. Índios Apinayé, M.N. nº 25.926. Esc. 1:3.

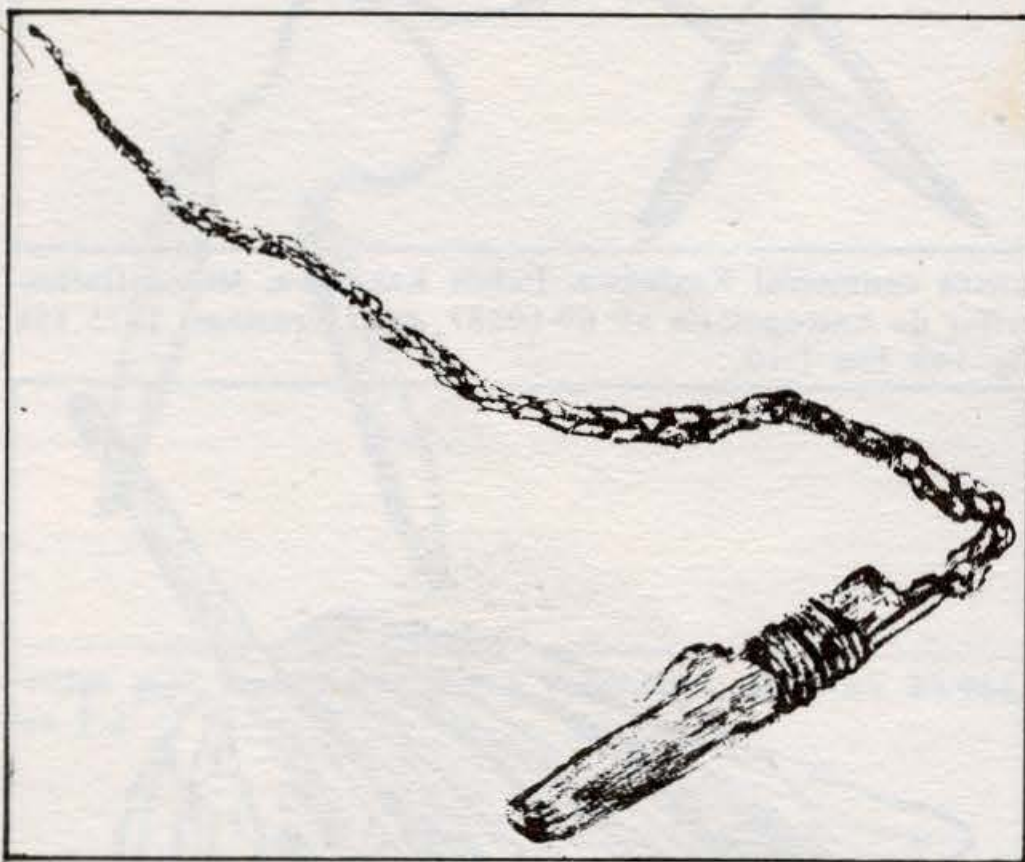
LANÇA CERIMONIAL KAXINÁWA
Def. Lanças altamente elaboradas, com desenhos na ponteira, envolvimento de fios coloridos na haste e pingentes de plumas são usadas, juntamente com arcos cerimoniais, nos ritos de fertilidade (Kensinger et alii 1975:158).
T. Gen. Insígnias de status diferenciado (02)

Lança cerimonial Kaxináwa. Índios Kaxináwa, Museu Haffenreffer de Antropologia nº 69-10187, *apud* Kensinger 1975:158 fig. 148. Esc. 1:10.

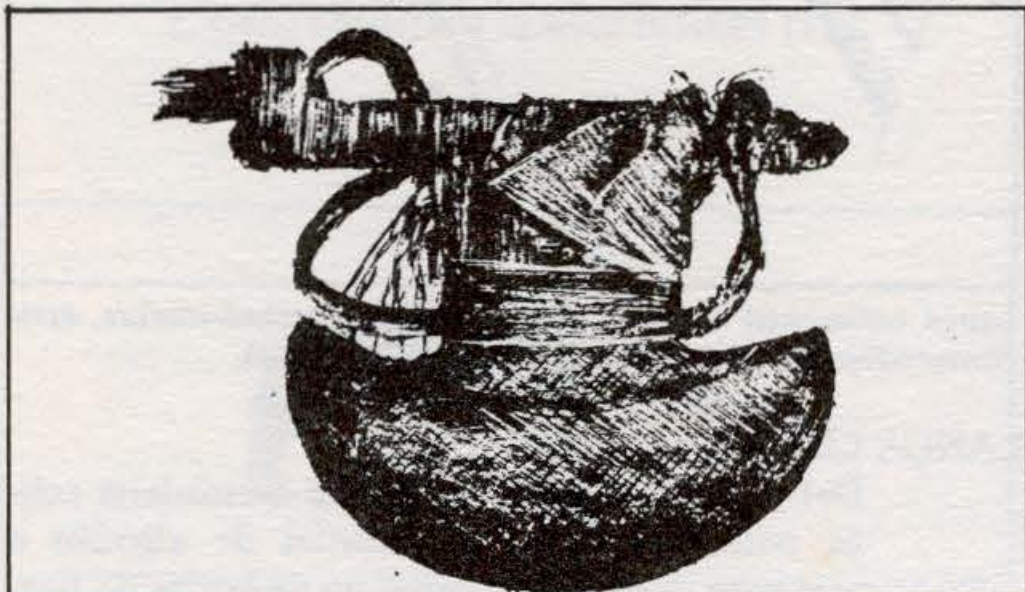
A

B

Lança cerimonial Timbíra. Índios Canela-Ramkokamekra, *apud* Nimuendaju pr. 31a. (Desenhada a partir de foto).

LANÇA CERIMONIAL TIMBÍRA
Def. Constituída de uma vara de madeira roliça com envoltório ornamental de algodão e arremate de tufos de penas ou de borlas de fios. É ofertada aos indivíduos que desempenham

papéis destacados durante certos ritos Timbíra (Nimuendaju 1946:147 e pr. 31).
T. Gen. Insígnias de status diferenciado (02)

LÁTEGO PARA FLAGELAÇÃO YEKUANA
Def. Os Yekuana empregam a flagelação como método profilático contra doenças. "Antes de comer carne de anta, o chefe da maloca flagela todos os habitantes jovens, crianças, mulheres e rapazes 'para que a carne não lhes cause nenhuma doença'. Postam-se diante da cabeça da anta, que jaz no solo, e recebem três a quatro vergastadas nas pernas e cadeiras com um látego de cabo curto feito de folíolos entrançados de Bromélia" (Koch-Grünberg 1982:315). O mesmo látego é usado em outras ocasiões para demonstrar força e coragem (op. cit.: 316).
T. Gen. Instrumentos cirúrgicos e rituais de mortificação (04)

Látego para flagelação Yekuana. Índios Yekuana, *apud* Koch-Grünberg 1982:284, prancha LIX fig. 6. Esc. 1:4.

MACHADO DE PEDRA SEMILUNAR
Def. Artefato de pedra, em forma de âncora ou de meia lua, atado a um cabo por envoltório decorativo de fios de algodão e provido de alça para carregar. Segundo Nimuendaju (1939: 126), a área de distribuição dos machados em âncora coincide com a dos grupos Jê. Referindo-se aos Apinayé, esse autor opina que essa arma deve ter sido usada para ultimar o inimigo na guerra e, ao findarem estas, como objeto ritual (op. cit.: 127).
T. Gen. Insígnias de status diferenciado (02)

Machado de pedra semilunar. Índios Apinayé, Museu Goeldi nº 2.292. *Apud* MPEG 1986:43 e 260. Esc. 1:2,5.

MÁSCARA
Def. Entendemos por esse termo – empregado, geralmente, como sinônimo de indumentária ritual – os disfarces de dança que personificam entes sobrenaturais antropomorfos e zoomorfos. No presente contexto, a palavra máscara indica todo o traje e não apenas a "cara". Isto é, inclui a veste tubular de líber, a gola e o saiote de palha, ou a veste trançada que cobre a quase totalidade do corpo do dançarino. Quando peças únicas, peculiares a determinado grupo ou região, levam no título o nome da tribo ou da área onde ocorrem. Além de caracterizar o duende representado na "cara" da máscara, os índios recorrem a desenhos no todo para a identificação do símile, a gestos, sons e posturas para simular a aparência do ente representado. As máscaras do alto Xingu encarnam entidades aquáticas, sobretudo peixes, sendo de um modo geral feitas aos pares: macho e fêmea. Em outras tribos, "são concebidas como receptáculos da alma dos mortos, espíritos de plantas e animais, seres mitológicos, demônios ou fenômenos da natureza" (*Museu Paulista* 1984:120). Diante dessa multiplicidade de caracteres figurados, e da impossibilidade de inventariá-los em sua totalidade, optamos por um critério morfológico, que leva em conta as matérias-primas e, conseqüentemente, as técnicas compatíveis. Desse ponto de vista, distinguimos os seguintes macrotipos: 1) máscaras trançadas, registradas entre diversos grupos do tronco Jê (Timbíra, Kayapó, Xerente, Xavante), índios do alto Xingu, Karajá e Tapirapé; 2) máscaras de líber encontradas nos rios Japurá, Solimões e no noroeste amazônico (Juri-taboca (extintos), Tukúna, índios do alto rio Negro); 3) máscaras tecidas (alto Xingu, alto Rio Negro); 4) máscaras com "cara" de madeira (alto Xingu, Tukúna, Tapirapé); 5) máscaras com "cara" de cabaça (alto Xingu, Kaxináwa, Timbíra); 6) máscaras compostas de capuz, calça e camisa (alto Xingu, Xikrin). Do ponto de vista geográfico, as três principais áreas de ocorrência de máscaras são: 1) norte do Amazonas; 2) alto Xingu; 3) Tocantins-Araguaia.
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

MÁSCARA ANTA JURI-TABOCA
Def. A representação da anta na máscara de dança dos índios Juri-Taboca, subgrupo dos Juri, do rio Japurá, extintos em meados do século XIX, impressiona pelo realismo, beleza plástica e perfectibilidade da realização. Pertence à coleção Spix & Martius guardada no Museu de Munique.
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

MÁSCARA ANTROPOMORFA RIO NEGRO
Def. Composta de uma veste inteiriça de líber pintado, que cobre a cabeça e o tronco, bem como de mangas soltas enfiadas nos buracos dos braços e que terminam em franjas, as quais também orlam o aro inferior da indumentária. Os olhos, o nariz e a boca aparecem pintados no lugar próprio. Manufaturada pelos Kobéwa

e usada por todos os grupos da região do alto rio Negro em rituais fúnebres.
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Máscara anta Juri-taboca. Índios Juri-taboca, Museu de Munique, *apud* Zerries 1980:126 fig. 62. Esc. 1:10.

Máscara antropomorfa Tukúna (molde trançado recoberto de líber). Índios Tukúna, M.N. nº 918. Esc. 1:7,5.

Máscara antropomorfa rio Negro. Índios Wanâna, M.N. nº 20.550. Esc. 1:20.

Máscara antropomorfa Tukúna (cara talhada em madeira). Índios Tukúna, coleção particular. Esc. 1:7,5.

MÁSCARA ANTROPOMORFA TUKÚNA

Def. Constituída de uma cabeça modelada segundo a técnica do trançado, recoberta de líber, ou uma "cara" talhada em madeira e ajustada a complementos – orelhas, pescoço – também de entrecasca de árvore. Esta cabeça é acompanhada por uma vestimenta tubular pintada, terminando em franjas, dotada ou não de mangas da mesma matéria prima. Ocorrem também peças inteiriças. As máscaras Tukúna são usadas nas festas de iniciação feminina para afastar os espíritos malígnos que elas representam.

T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

MÁSCARA BORBOLETA RIO NEGRO

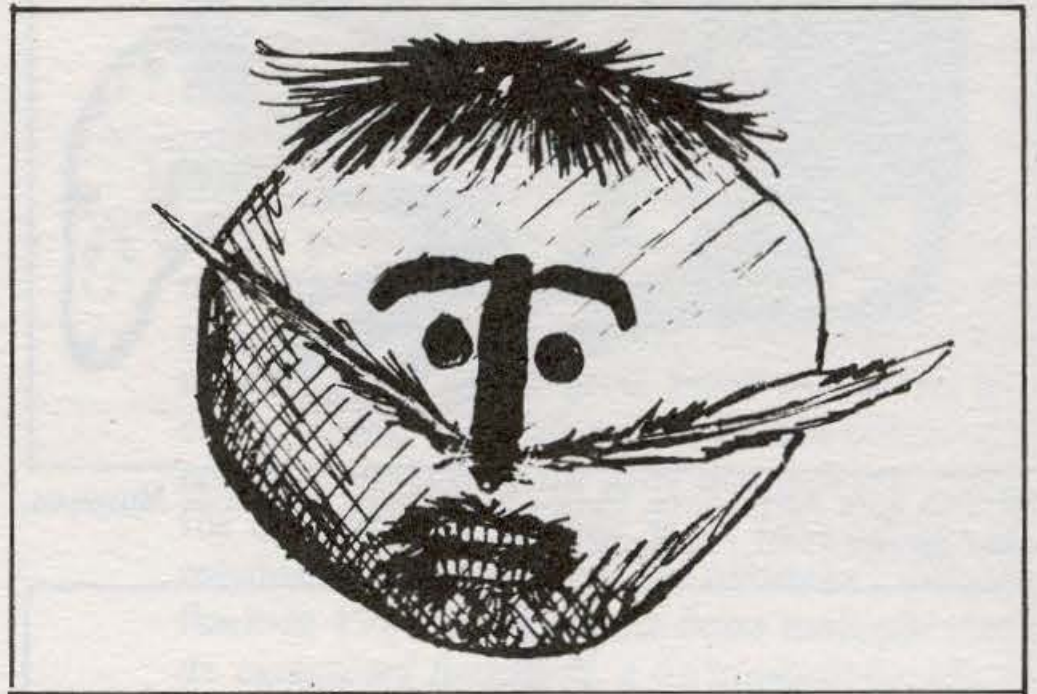
Def. Veste de líber com mangas soltas enfiadas no lugar dos braços. A cara, reduzida, é ladeada por duas asas reproduzidas esquematicamente na pintura da vestimenta. Segundo Goldman (1963:222), nas máscaras do alto rio Negro, "cada painel é pintado com um desenho geométrico que retrata as características físicas do ser que se deseja representar. Os peixes, por exemplo, têm desenhos de escamas, enquanto que as aves e os insetos voadores têm desenhos de

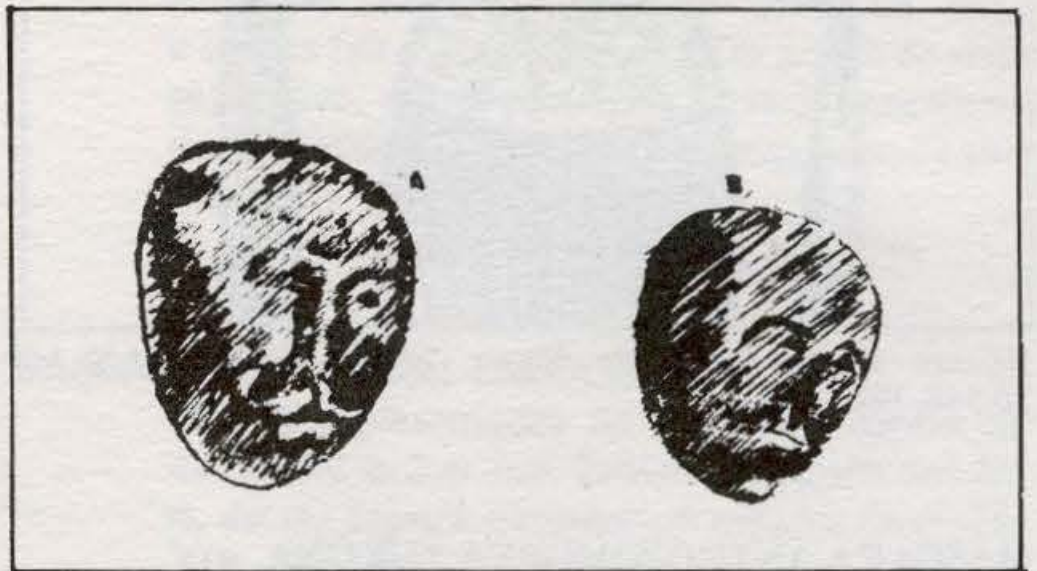
asas. Os motivos obedecem a formas tradicionais".
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Máscara borboleta rio Negro. Índios Wanâna, M.N. nº 20.571. Esc. 1:20.

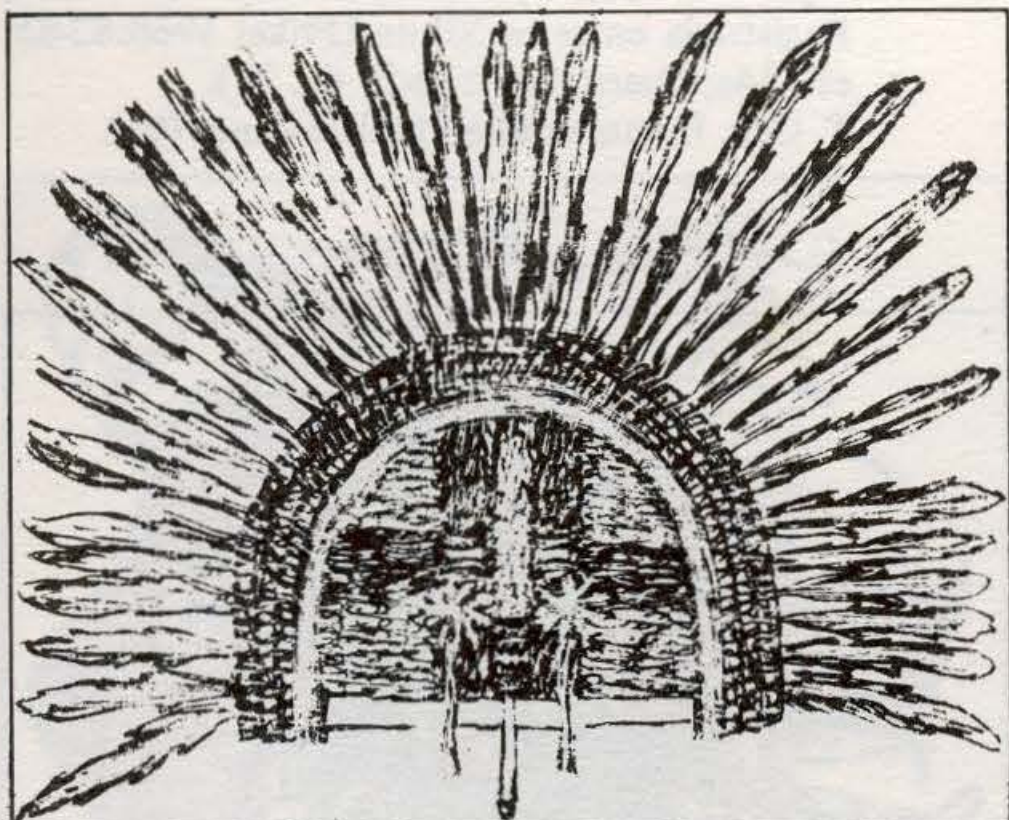
MÁSCARA CAPACETE-PLUMÁRIO PANKARARÚ
Def. Indumentária de dança dos índios Pankararú composta de três unidades: 1) capacete circular trançado revestido de uma fieira de penas de galo doméstico e penas de peru fixas no eixo superior do capacete; 2) gola de caraguatá ou agave que cobrem os ombros; 3) saiote da mesma fibra pintado de anilina. Acompanha a indumentária um bordão e chocalho para marcar o ritmo da dança.
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Máscara capacete-plumário Pankararú. Índios Pankararú, M.I. nº 77.1.1. Esc. 1:20. A. Vista de costas. B. Vista de frente.

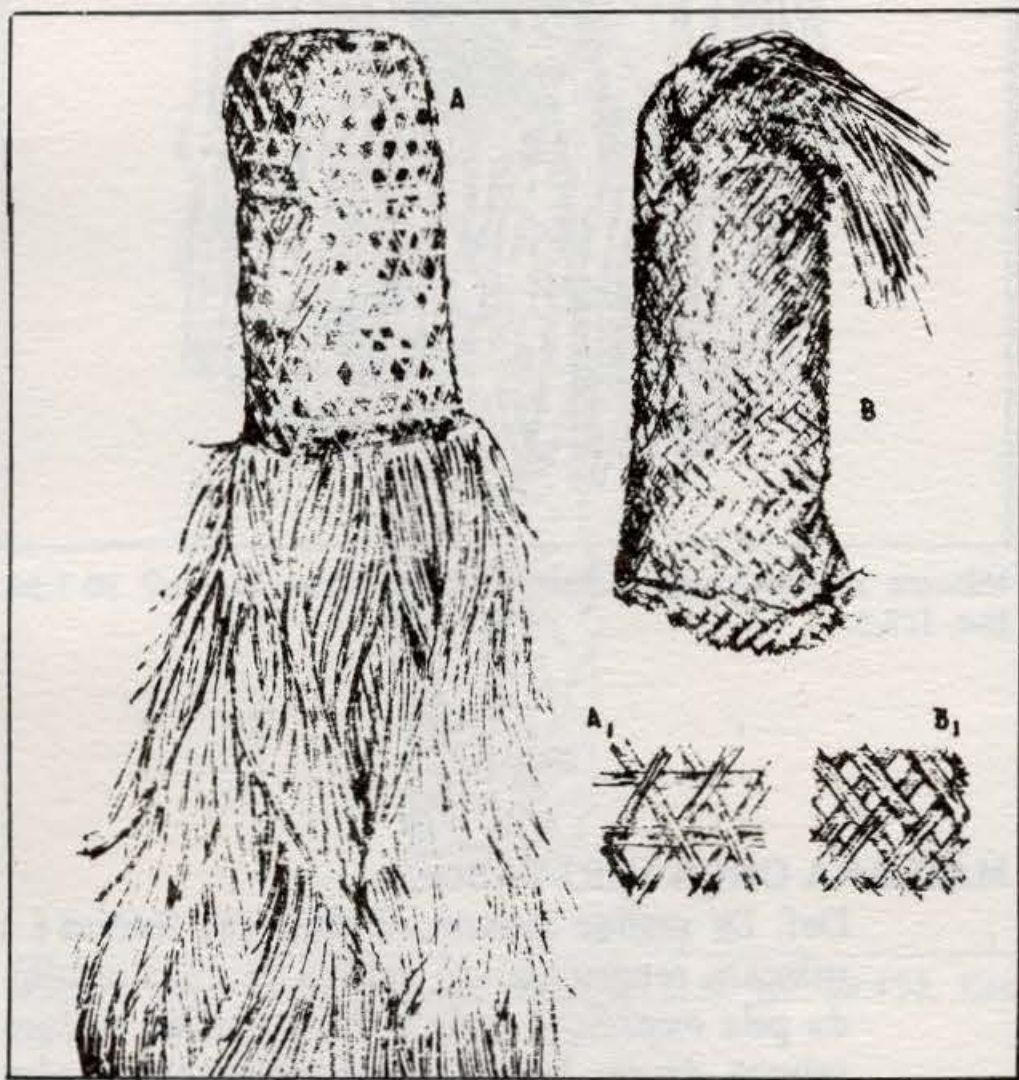
MÁSCARA CARA-DE-CUIA KAXINÁWA
Def. Cucurbitácea de tamanho avantajado, cortada ao meio em sentido longitudinal, decorada com pintura e adornos faciais peculiares aos Kaxináwa. O portador da máscara encarna o sobrenatural que ela representa. É usada nos ritos de fertilidade. Nos dois furos laterais é passado um cordel de algodão que mantém a máscara aderente ao rosto (Kensinger et alii 1975:153 fig. 43)
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Máscara cara-de-cuia Kaxináwa. Índios Kaxináwa, M.I. s/nº Esc. 1:5.

MÁSCARA CARA-DE-CUIA TIMBÍRA
Def. Feita de cuia redonda, seccionada longitudinalmente. Apresenta duas aberturas para os olhos e uma terceira, denteada, para a boca. A superfície é pintada de branco e vermelho, segundo os padrões de pintura facial Timbíra. A máscara é mantida no rosto por uma corda que volteia a cabeça. (Nimuendaju 1946:219 e pr. 40b).
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Máscara cara-de-cuia Timbíra. Índios Ramkokamekra-Canela, M.N. nºs 26.867, 26.869. Esc. 1:10.

MÁSCARA CARA-GRANDE TAPIRAPÉ
Def. Semicírculo de madeira recamado com um mosaico de plumas peitorais de arara, terminando com um remate de penas caudais dessa ave à maneira de raios. A representação dos olhos é feita com retângulos de madrepérola, ladeando os respectivos orifícios; a do nariz, com uma protuberância de madeira; a da boca, com dentes de osso ou de pau. Chamada *ypé*, pelos Tapira-

pé, e conhecida como cara grande pelos regionais.
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Máscara cara-grande Tapirapé. Índios Tapirapé, M.I. nº 73.3.1. Esc. 1:20.

MÁSCARA CILÍNDRICA TAPIRAPÉ

Def. Capacete cônico, trançado com palha de folha de palmeira, terminando em franja que cobre o corpo do usuário. Usadas aos pares, essas máscaras Tapirapé representam espíritos de animais (Wagley 1977:216).
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Máscara cilíndrica Tapirapé. Desenho segundo foto *apud* Baldus 1970:271 foto 60. A.B. Variantes do trançado. A_1 B_1: detalhe da técnica do trançado. Esc. 1:20.

MÁSCARA DE ARUANÃ

Def. São conhecidas por essa designação as indumentárias de dança dos índios Karajá e Javahé, usadas no ritual do mesmo nome. Consiste num capacete trançado, recamado por um mosaico de plumas, olhos de madrepérola e uma fieira de penas apensa, às vezes, em sentido vertical, ou horizontal. E, ainda, de uma gola de folíolos de buriti e um saiote da mesma matéria-prima. Variantes dessa forma ocorrem entre os índios Tapirapé (Wagley 1977:110, 219), e entre os Xikrin (Frikel 1968:81-82, est. 13b).
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Máscara de aruanã. Índios Javahé, M.N. nº 30.908. Esc. 1:10.

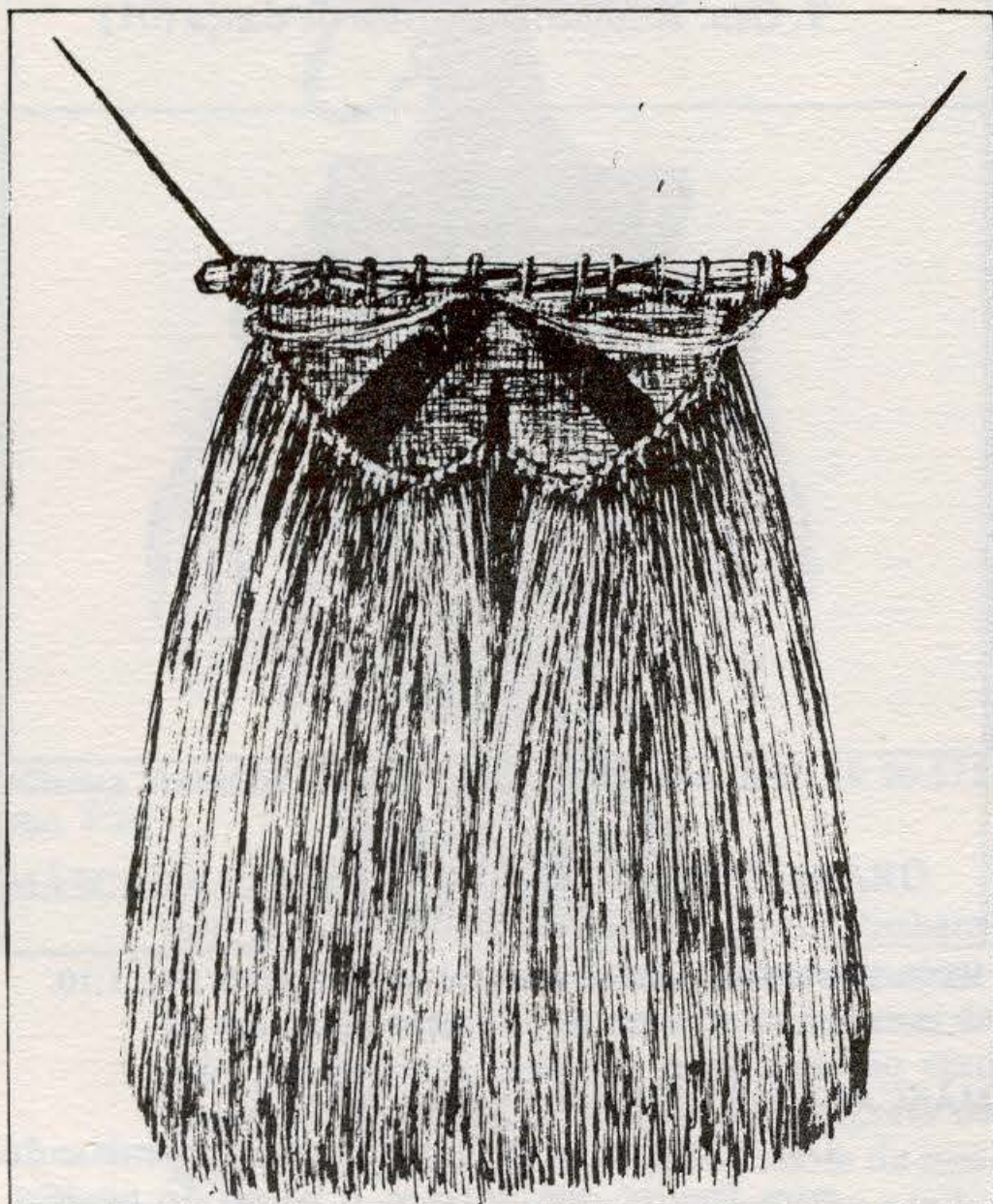
MÁSCARA DE LÍBER WAYÂNA-APARAI

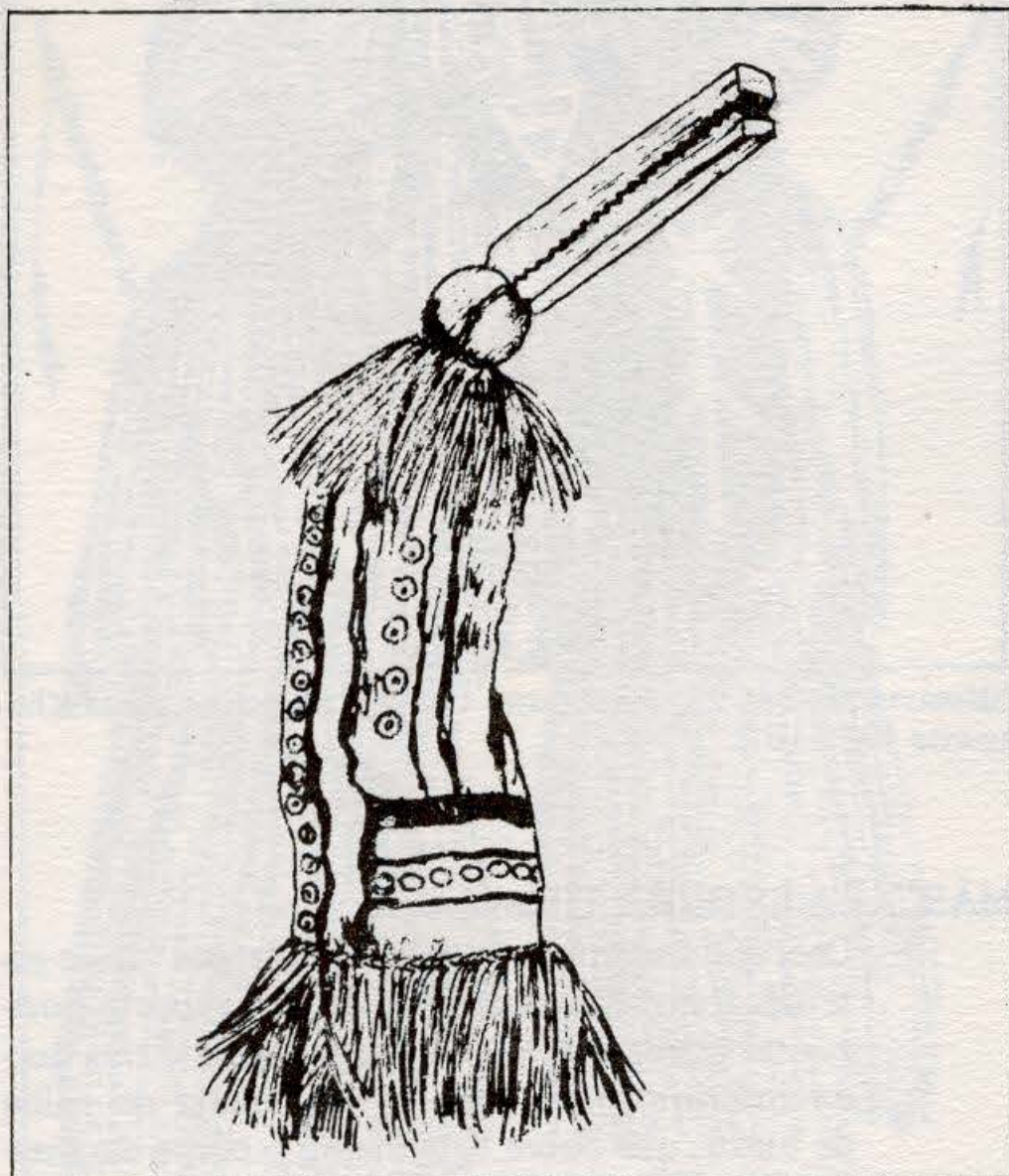
Def. Capacete com "cara" pintada culminando com franjas que cobrem o corpo do usuário. Peculiar aos Wayâna-Aparai, essa máscara comparece em coleções particulares recentes.
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

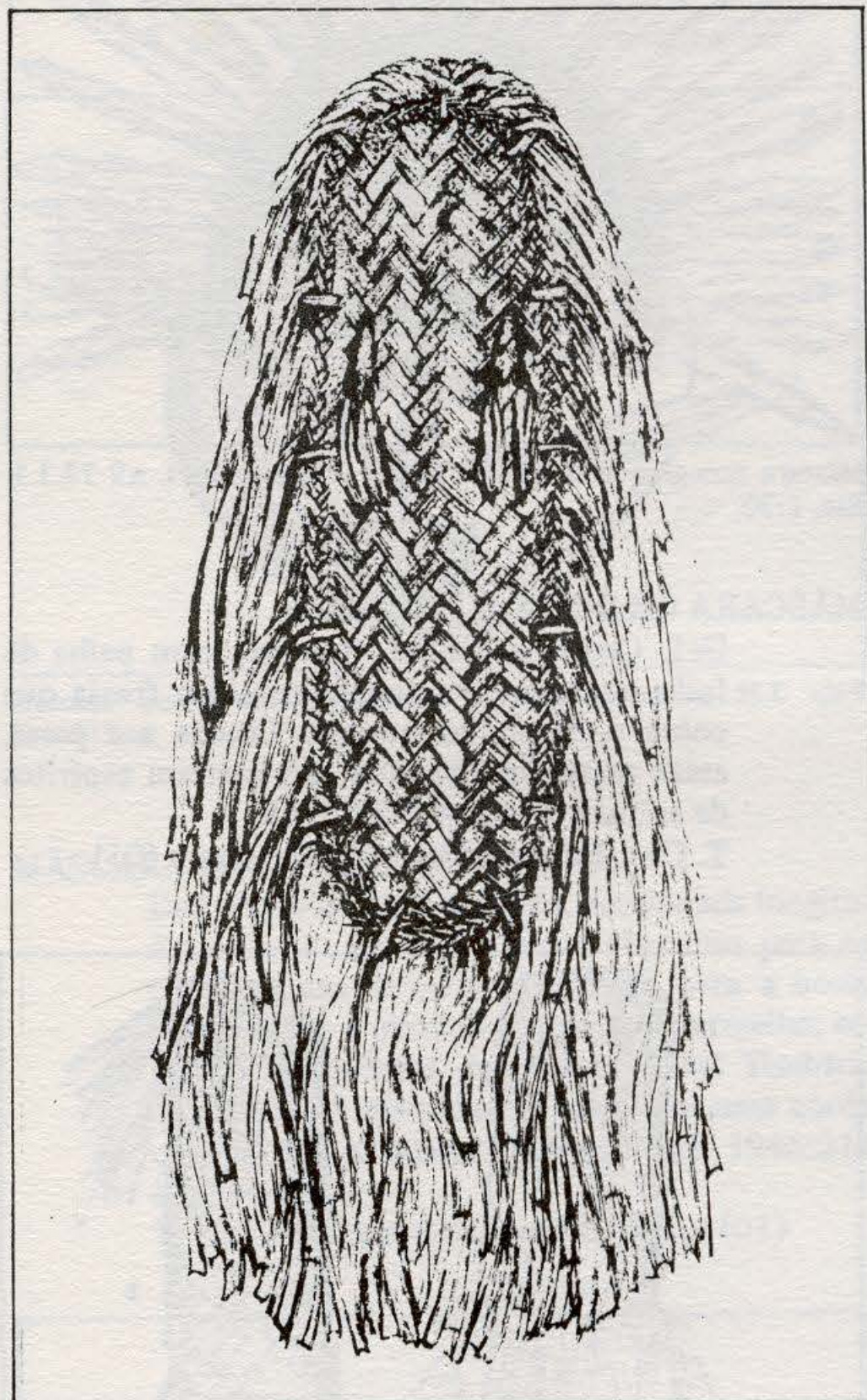
Máscara de líber Wayâna-Aparai. Coleção particular, *apud* Klintowitz 1986:107.

MÁSCARA-ESTEIRA TIMBÍRA

Def. Indumentária ritual formada por "duas esteiras trançadas suspensas de um suporte horizontal posto sobre a cabeça do usuário. Da borda inferior pende uma pesada franja de palha de buriti, que cobre totalmente o corpo do mascarado. Dois 'chifres' de pau roxo, de aproximadamente dois metros de comprimento, pro-

jetam-se da parte superior da máscara, a qual é geralmente pintada de maneira esquemática para representar um rosto'' (Vincent 1986:157). Ver também Nimuendaju 1946:201-212.
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Máscara-esteira Timbíra. Índios Timbíra, M.N. nº 27.027. Esc. 1:20.

MÁSCARA JACARÉ TUKÚNA
Def. Carantona de madeira figurando a cabeça com mandíbula e dentes de jacaré; gola de franja de líber, veste tubular do mesmo material, com pintura icônica, terminando em franja.
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Máscara jacaré Tukúna. Índios Tukúna, M.N. nº 32.691. Esc. 1:20.

MÁSCARA MACACO-PREGO XIKRIN
Def. Traje de dança constituído de uma esteira de forma oval, trançada com palha de babaçu e provida de franjas de embira de castanheira. Registrada entre os Xikrin (Frikel 1968:82-83, est. 14a; Fuerst 1967:26-27 fig. 31).
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Máscara macaco-prego Xikrin. Índios Xikrin, M.I. nº 70.7.56. Esc. 1:7,5.

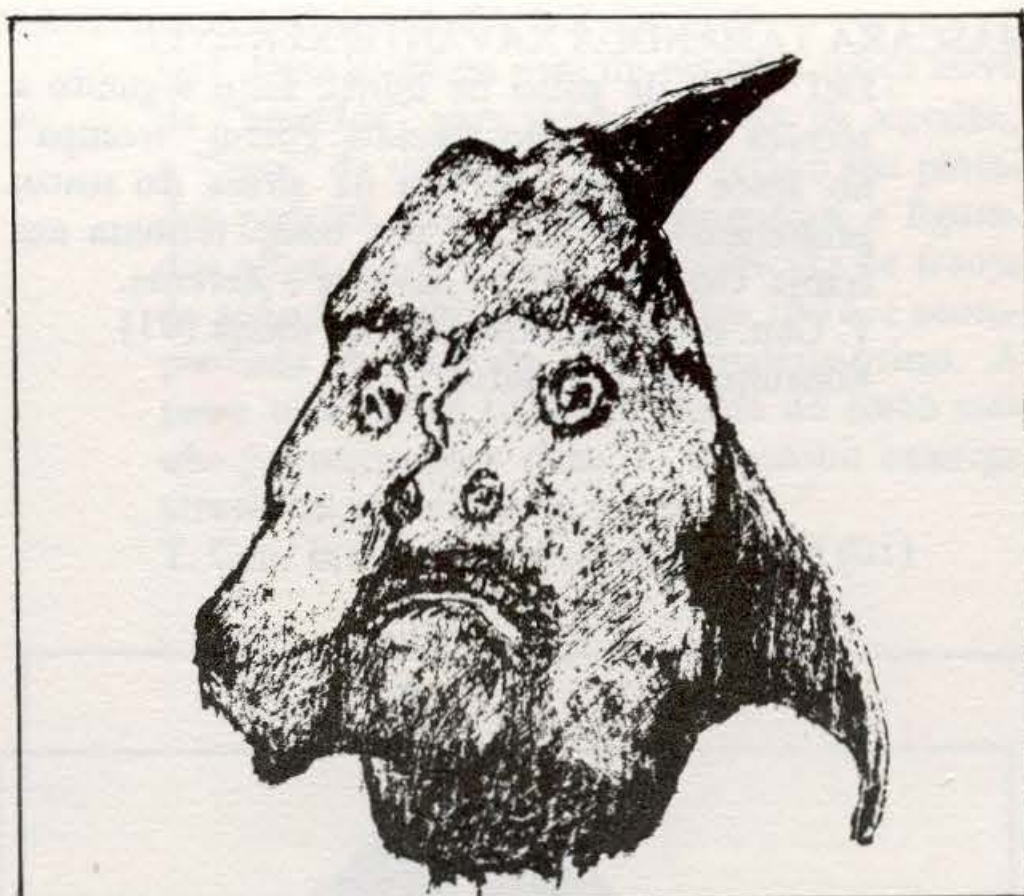
MÁSCARA ONÇA JURI-TABOCA
Def. De grande realismo e perfeição técnica é a máscara representando cabeça de onça recolhida pela expedição Spix e Martius entre os Juritaboca, do rio Japurá, tribo extinta em meados do século XIX. Pela técnica (suporte de trançado), matéria-prima (revestimento de líber) e estilo aproxima-se das máscaras dos índios Tukúna do rio Solimões.
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

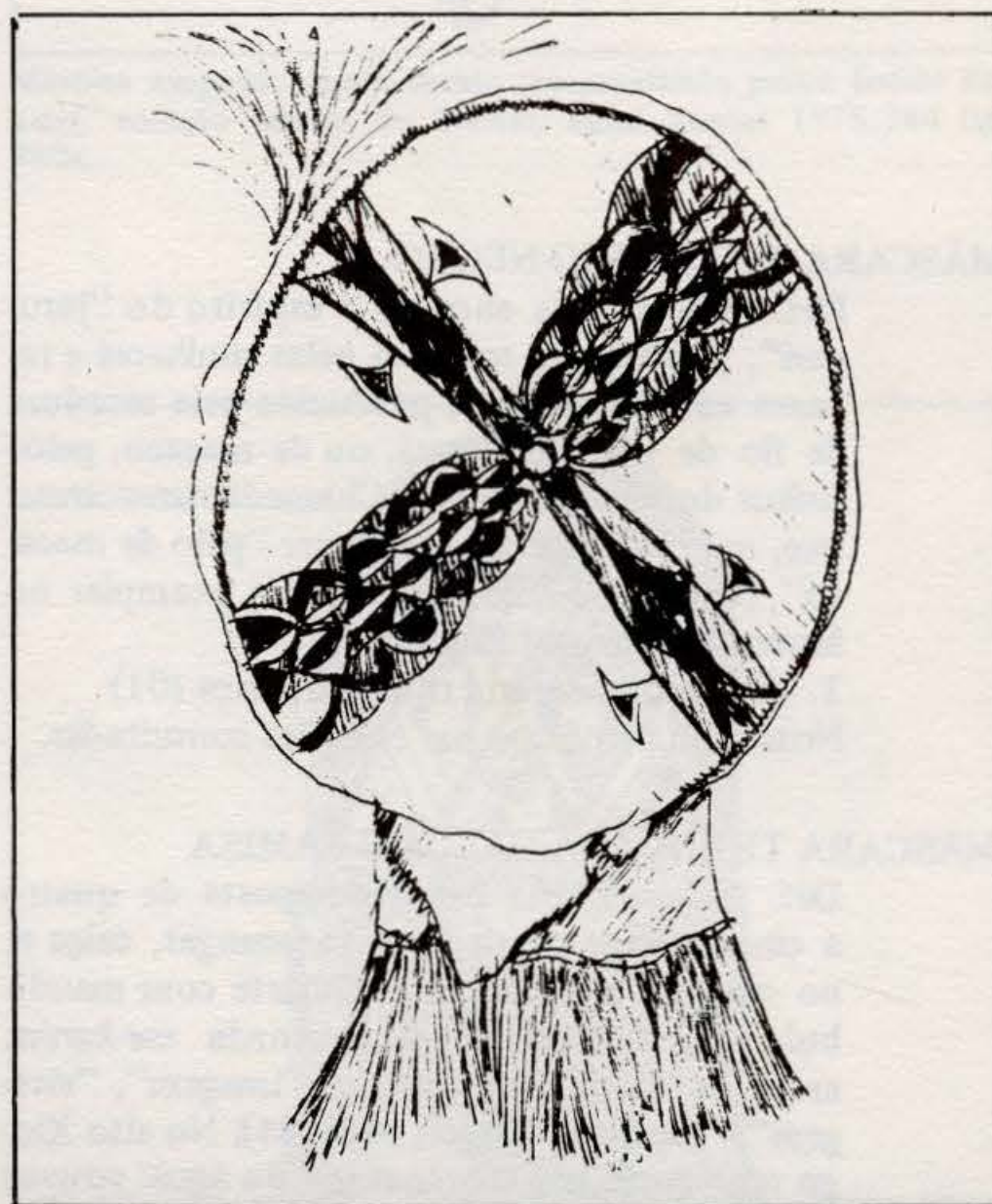
MÁSCARA ONÇA TUKÚNA
Def. Máscara símile de um animal duende identificado com a onça. É construída numa só peça de fibra liberiana, sendo a cabeça modelada sobre base trançada. Toda ela é pintalgada de oce-

los para caracterizar iconicamente as manchas do pêlo do felino.
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Máscara onça Juri-taboca. Índios Juri-taboca, Museu de Munique, *apud* Zerries 1980:105, fig. 41.

Máscara onça Tukúna. Índios Tukúna, M.N. nº 33.433. Esc. 1:20.

MÁSCARA PEIXE JURI-TABOCA
Def. Molde executado em trançado, recoberto de líber, representando a cabeça de um peixe sobrenatural. Esse disfarce de dança foi recolhido por Spix e Martius (1817-1820) entre os Juri-taboca, tribo extinta do rio Japurá, pertencendo ao acervo do Museu Etnográfico de Munique.
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Máscara peixe Juri-taboca. Índios Juri-taboca. Museu de Munique, *apud* Zerries 1978:284 e fig. 379. Esc. 1:10.

MÁSCARA RODA-DE-LÍBER TUKÚNA
Def. Indumentária ritual de dança constituída de um pano de entrecasca de árvore, pintado e armado sobre um bastidor de madeira, suspenso sobre a cabeça do usuário. Usado pelos índios Tukúna no ritual da "moça nova".
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Máscara roda-de-líber Tukúna. Índios Tukúna, desenho sobre foto de Jussara Gruber. Esc. 1:20.

MÁSCARA TAMANDUÁ XAVANTE/XERENTE

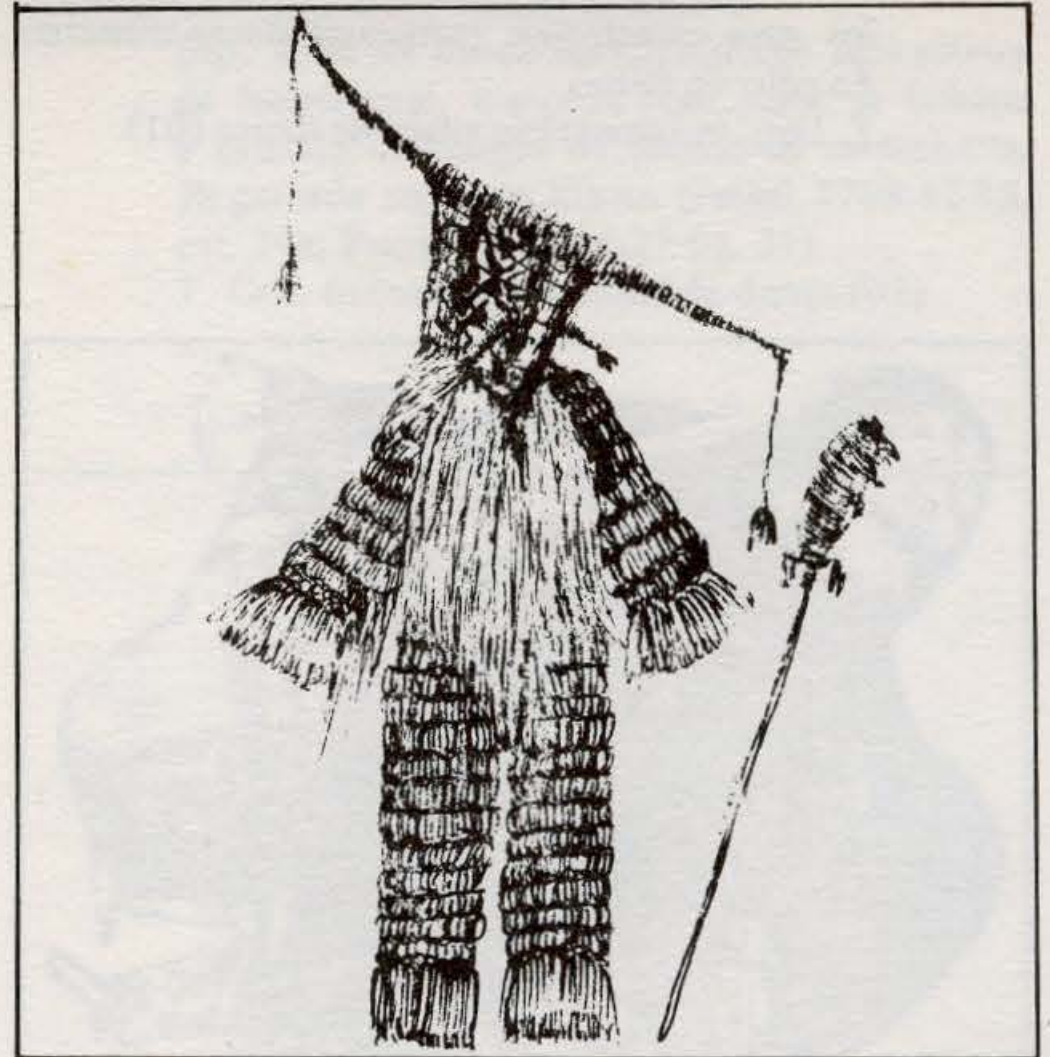
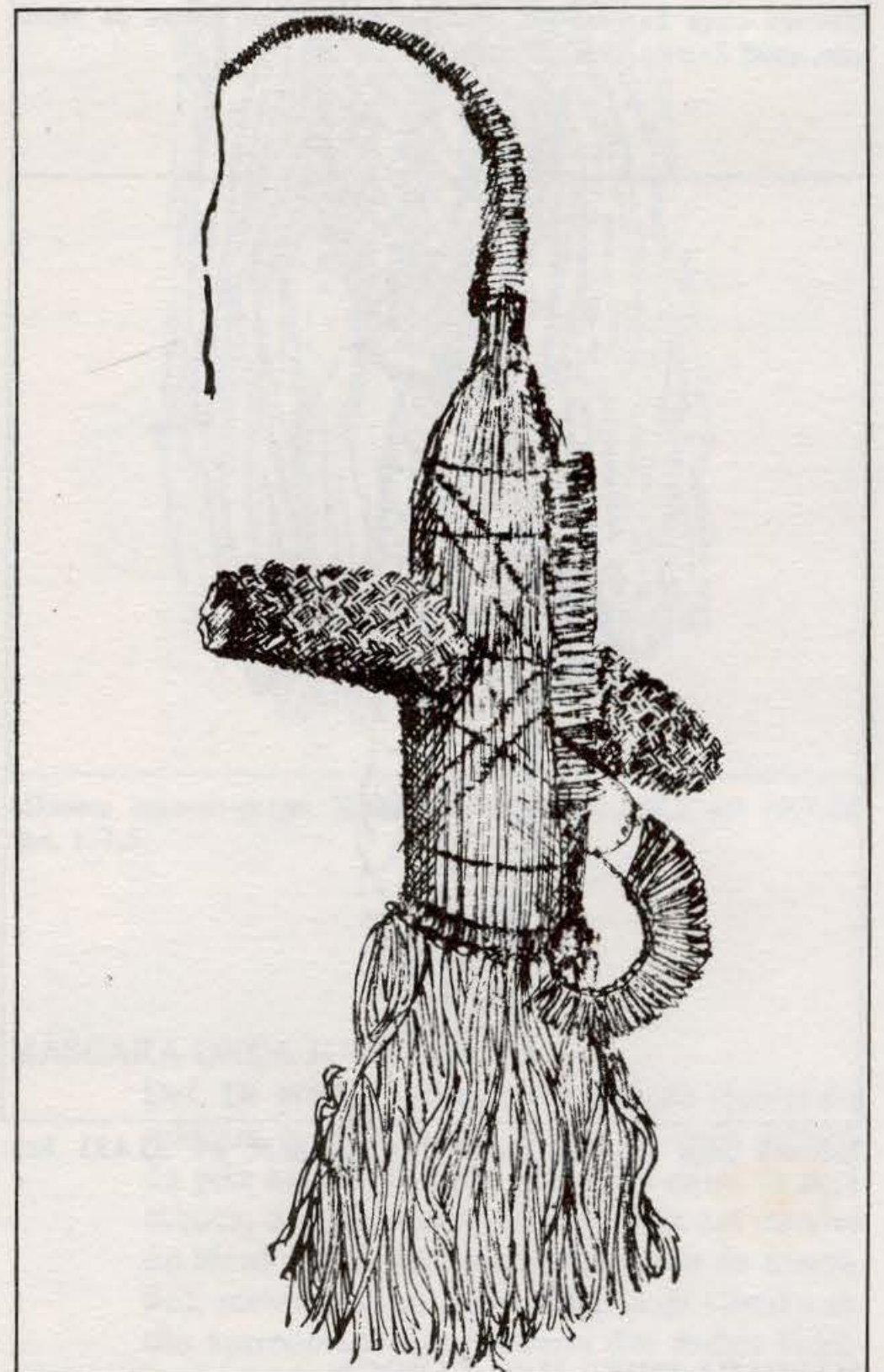
Def. Cône de palha de buriti, feito segundo a técnica de trançado torcido. Possui "trompa" no ápice e uma abertura na altura do rosto, prolongando-se até os pés onde termina em franja. Ocorre entre os Xavante e Xerente.
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)
Consulte: 20 Trançados

Máscara tamanduá Xavante/Xerente. Índios Xerente, M.N. nº 28.267. Esc. 1:25.

MÁSCARA TECIDA RIO NEGRO

Def. Máscara que encarna o espírito do "jurupari", proibida de ser vista pelas mulheres e rapazes não iniciados. É produzida pela tecedura de fio de pêlo de jupará, ou de macaco, pelos índios do alto rio Negro. Chamada *macacaraua* que, em língua geral, quer dizer "pêlo de macaco" (Cruls 1952:98). Existe um exemplar no Museu Pigorini, de Roma.
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)
Nota: sem protótipo nas coleções consultadas.

MÁSCARA TRANÇADA CALÇA-E-CAMISA

Def. Indumentária ritual composta de quatro a cinco peças: capuz, camisa, mangas, calça e, no caso do alto Xingu, estandarte com mandíbula de pirarara. É denominada *me-karón*, entre os Xikrin, que significa "imagem", "visagem", "espírito" (Frikel 1968:84). No alto Xingu representa um sobrenatural da água: *yowma* (peixe pirarara), em língua aruak.
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Máscara trançada calça-e-camisa. Índios Mehináku, M.N. nº 38.464. Esc. 1:20.

Máscara trançada tamanduá-bandeira. Índios Xikrin, *apud* Frikel 1968 est. 14b. Esc. 1:20.

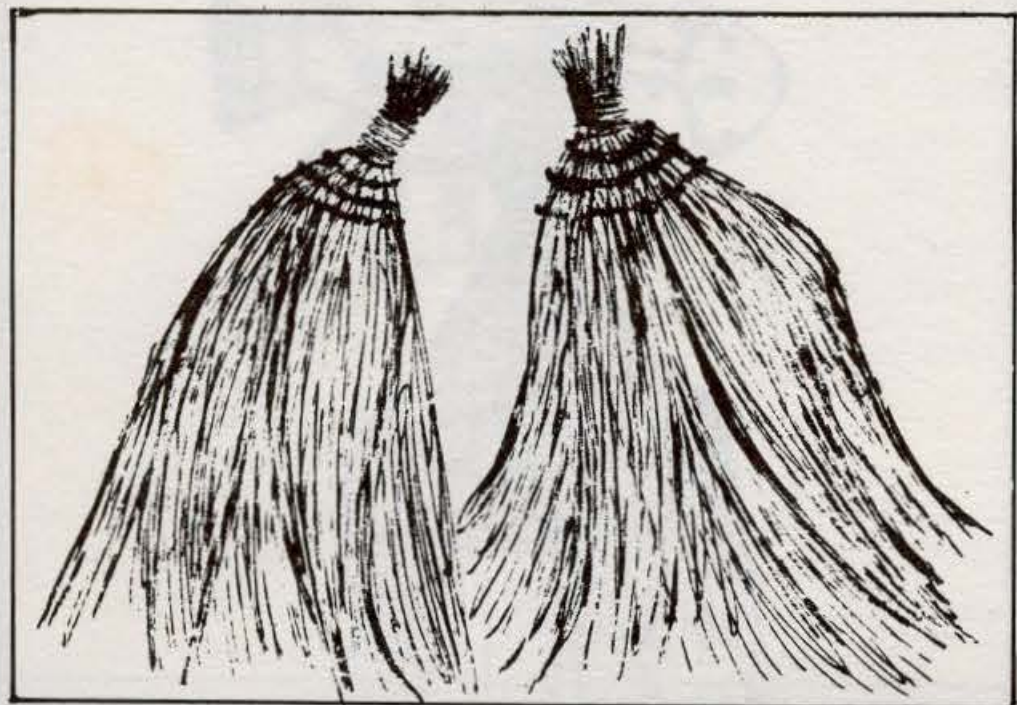
MÁSCARA TRANÇADA TAMANDUÁ-BANDEIRA

Def. Traje de dança para mascarados feito de palha trançada. A cabeça da máscara, em forma de funil, braços e uma espécie de trompa comu-

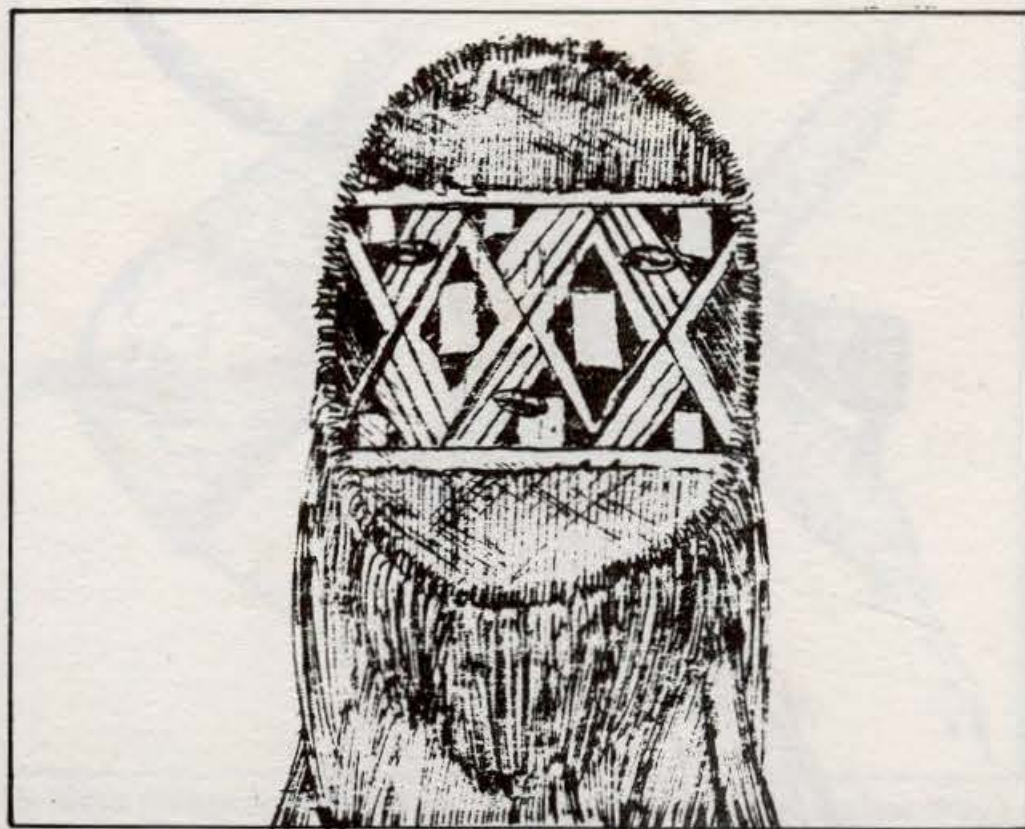
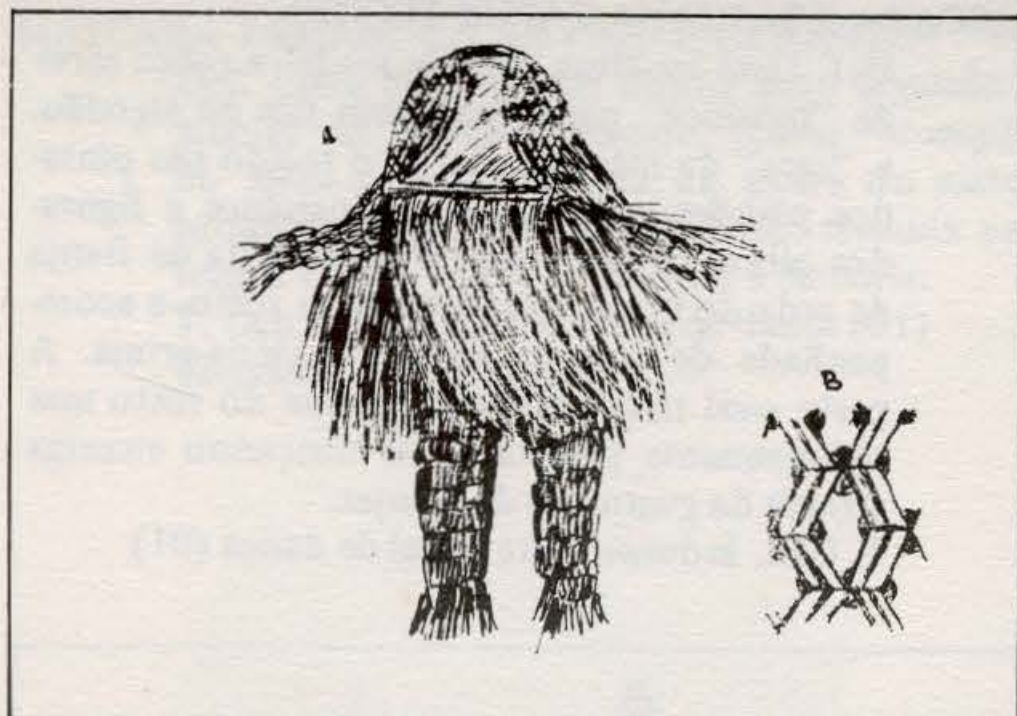
nica, iconicamente, as características do animal representado. Registrado o uso entre os Xikrin (Frikel 1968:83-4 est. 14b; Fuerst 1967:26-27 fig. 31), os Apinayé e Xerente (Vincent 1986: 156). O traje completo inclui saia de palha.
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

MÁSCARA XINGUANA CABEÇA-DE-CABAÇA
Def. Cabaça inteira, ou cortada ao meio, com dois furos redondos representando os olhos, figuração de boca, nariz e pintura facial, culminando com uma franja de palha e tendo orelhas trançadas. Segundo M.H. Fénelon Costa o nome em Mehináku dessa máscara é *njamalú* ("o muito feio"). É provável que v.d. Steinen se refira a esse tipo de máscara quando diz: "com cabaças pintadas de preto e branco ou de preto e vermelho representam-se cabeças de homens e de mulheres, cujo cabelo é tirado de bromélias" (1940:386).
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Máscara xinguana cabeça-de-cabaça. Índios do alto Xingu, M.N. nº 38.651. Esc. 1:10.

MÁSCARA XINGUANA CAPACETE TRANÇADO
Def. Capacete conoidal, manufaturado segundo a técnica de trançado torcido com palha de buriti, tendo uma a três pontas no ápice e um véu de folíolos dessa palmeira na base. É usado com um saiote de palha de buriti.
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)
Consulte: 20 Trançados

Máscara xinguana capacete trançado. Índios Kamayurá, M.N. nº 37.860. Vista no verso e anverso. Esc. 1:20.

MÁSCARA XINGUANA CAPUZ TECIDO
Def. Uma moldura oval de madeira roliça serve de "bastidor" para tecer, com fios de algodão, a "cara" da máscara. Sobre o tecido são pintados padrões convencionais xinguanos e figurados olhos, nariz e boca. É guarnecida de franja de seda de buriti, para ocultar o rosto, e acompanhada de saia da mesma matéria-prima. A parte oval não é colocada diante do rosto mas obliquamente para cima. O dançarino enxerga através da guarnição de franjas.
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Máscara xinguana capuz tecido representando peixe. Índios Bakairí, coleção Museu de Berlim, *apud* Zerries 1978:284 fig. 380a.

Máscara xinguana capuz tecido. Índios Kamayurá, M.N. nº 35.775. Esc. 1:10.

Máscara xinguana capuz-tecido. Desenho sobre foto do Museu do Índio. A. Vista do dançarino com capuz e calça. B. Detalhe do padrão de desenho pintado na "cara" da máscara. Esc. 1:25.

MÁSCARA XINGUANA CARA-DE-MACACO

Def. Modelagem trançada representando macaco, o qual tem a cara plana, quadrada, modelada em cera negra. Tem dentes de piranha, olhos circulares de madrepérola de concha fluvial. Saem-lhe da boca cordéis de algodão tingidos de vermelho. O corpo é constituído de armação de fasquias da nervura da folha do buriti presas entre si mediante trançado torcido semi-rígido. As fasquias são enfeixadas em espiral para formar o rabo. Toda a peça é coberta de algodão não fiado, dando idéia de carne e couro revestindo o esqueleto. Do aro terminal pende uma cortina de franjas que cobre o rosto do portador.

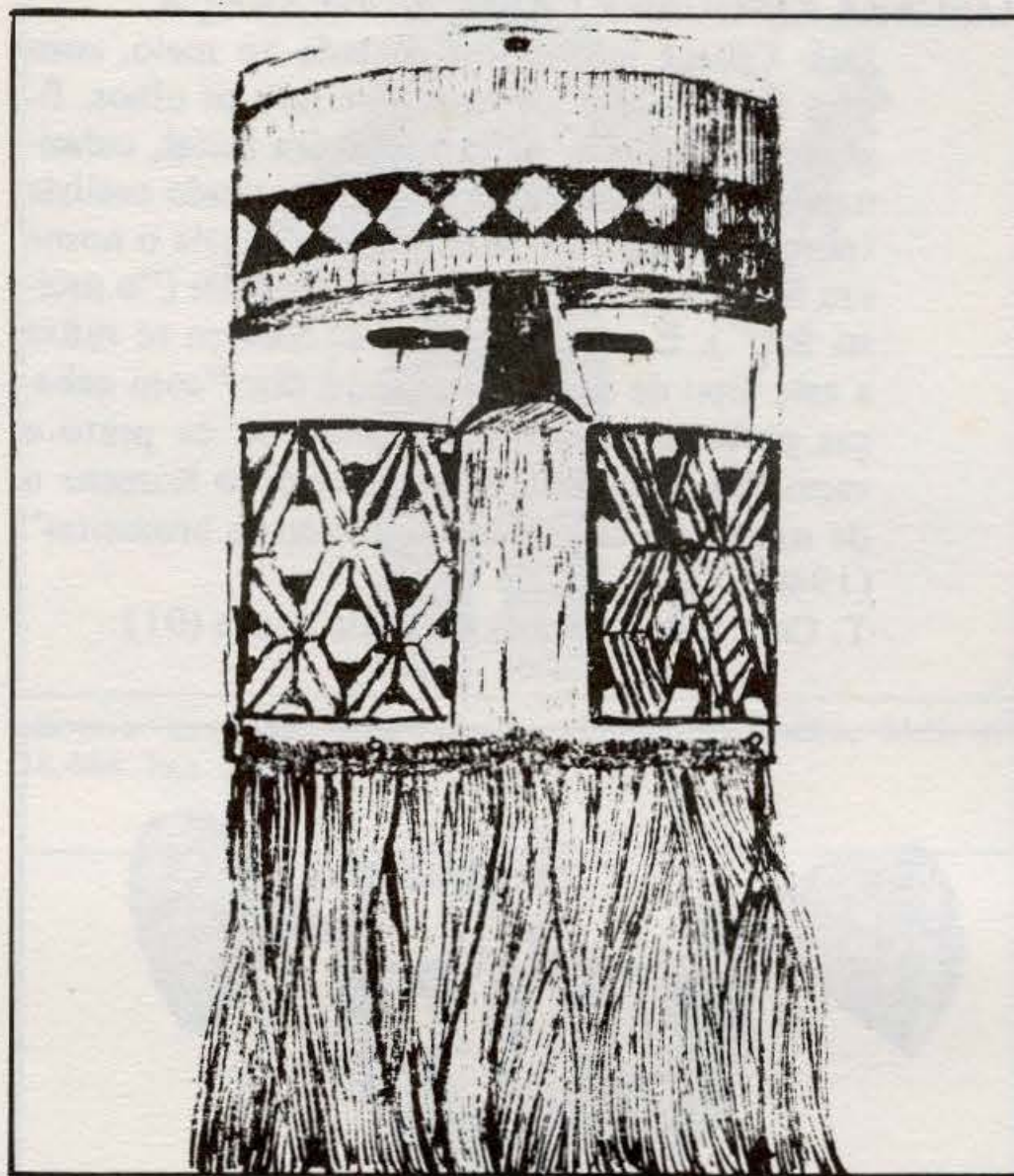
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Consulte: 20 Trançados

Máscara xinguana cara-de-macaco. Índios Mehináku, M.N. nº 38.477. Esc. 1:10.

MÁSCARA XINGUANA ESCULTURA ANTROPOMORFA

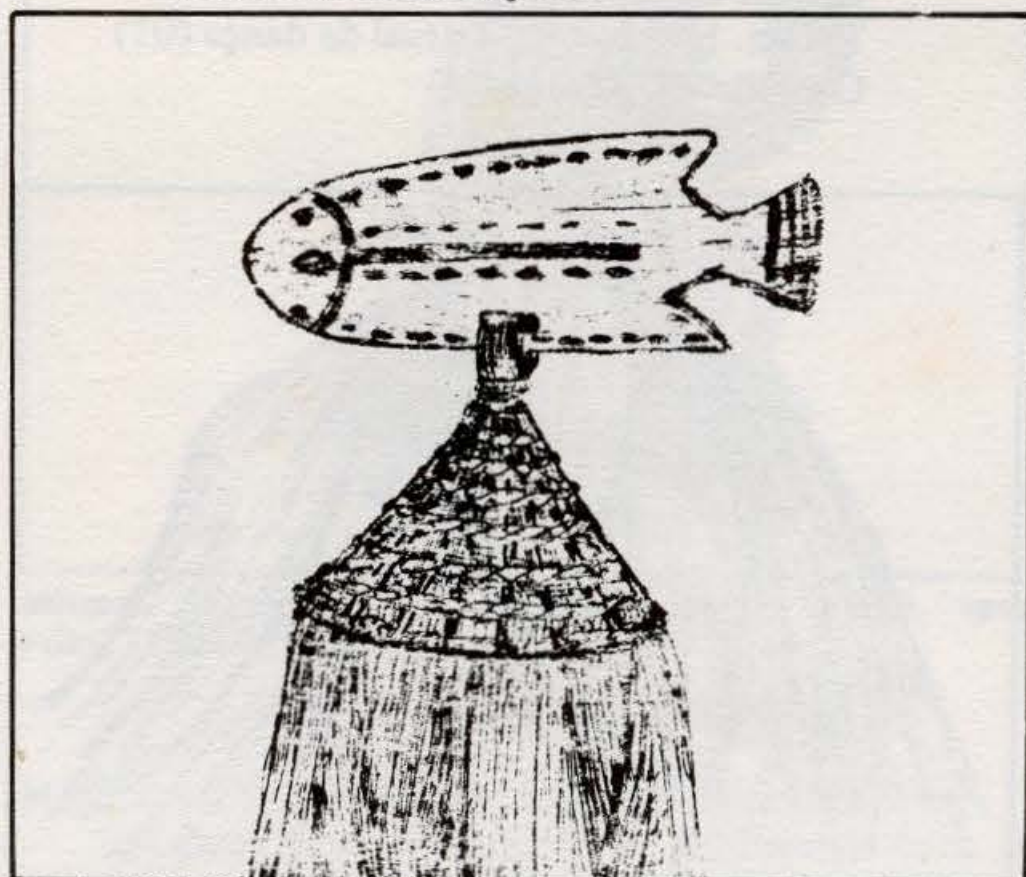
Def. Talha retangular de madeira na forma de um rosto humano com nariz esculpido em relevo. Pintura convencional do alto Xingu representando certos animais ou peixes.

T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Máscara xinguana escultura antropomorfa. Índios Kamayurá, M.N. nº 38.652. Esc. 1:6.

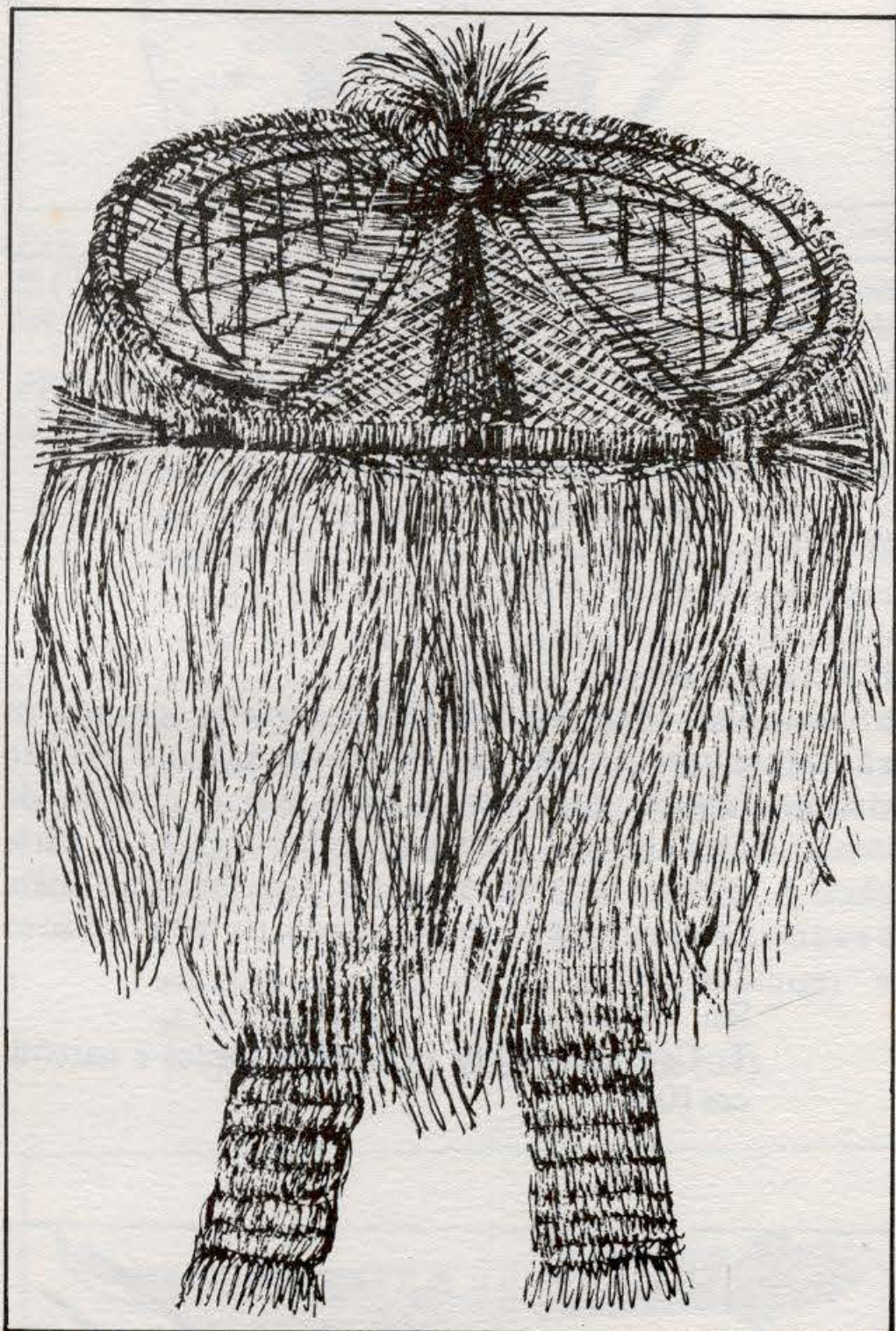
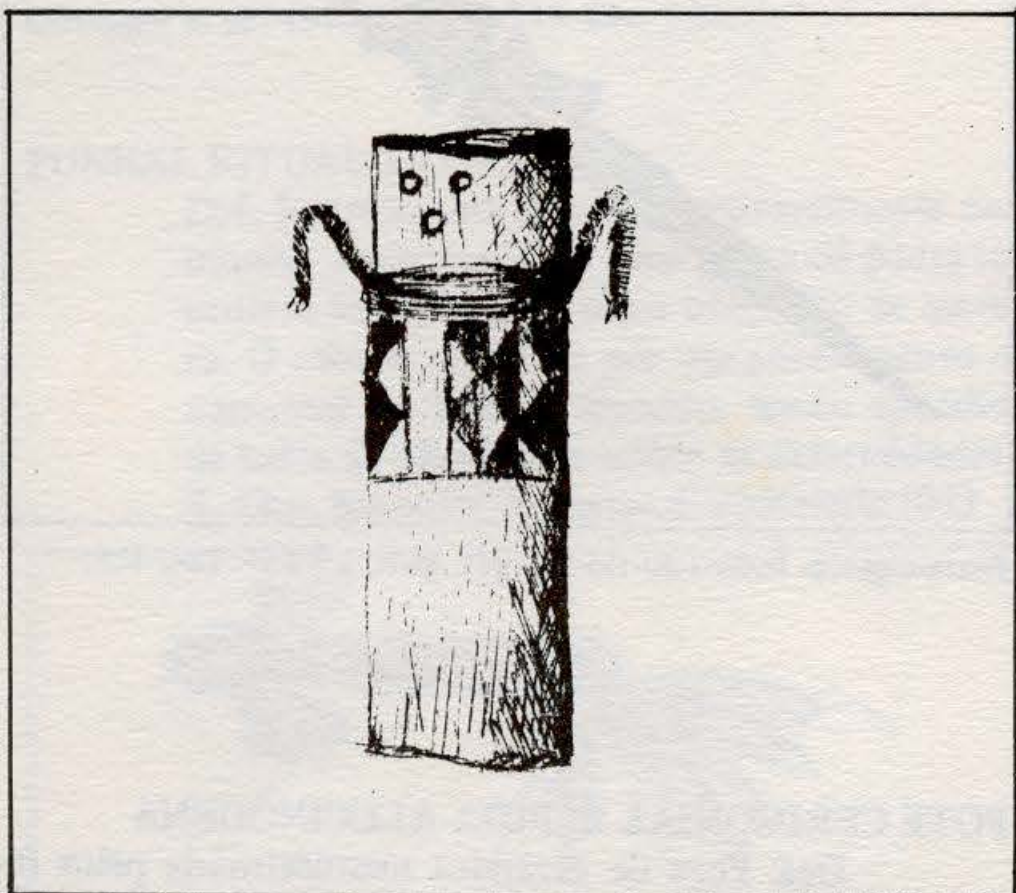
MÁSCARA XINGUANA ESCULTURA ICTIÓIDE

Def. Capacete afunilado construído pelo entrançamento de fasquias da nervura da folha do buriti em trançado torcido. No ápice é fixada uma escultura em madeira pintada representando um peixe. Segundo von den Steinen, esta máscara é usada na dança *Yutúka*, dança dos peixes: "peixes de madeira são levados à cabeça, principalmente o pacu e o matrinchã" (1940:386).

T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Consulte: 20 Trançados

Máscara xinguana escultura ictióide. Índios Bakairi, M.N. nº 17.549. Esc. 1:7,5.

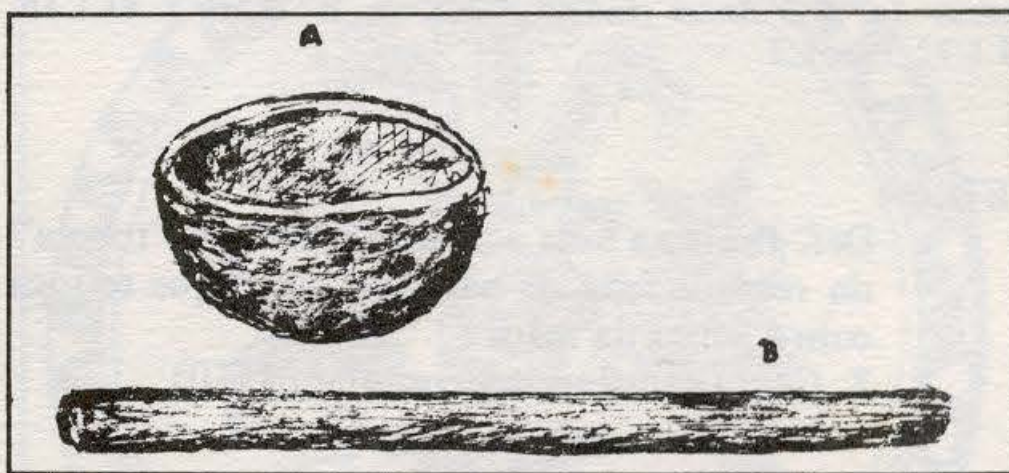
MÁSCARA XINGUANA RODA-CAPUZ

Def. Disfarce de grandes dimensões (diâmetro 1.540 mm), denominado *tukuse* pelos índios Waurá, de caráter profano. "Dada sua função recreativa, fazem-se inúmeras brincadeiras, tendo como alvo principal as mulheres" (*MP/USP* 1984:120). É composto de capuz circular e calças, ambos trançados de flabelos de buriti, segundo a técnica de entretorcimento.
T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)
Consulte: 20 Trançados

Máscara xinguana roda-capuz. Índios Waurá, M.N. nº 41.004. Esc. 1:25.

Miniatura de *kwarìp*. Índios Kamayurá, M.N. nº 35.573. Esc. 1:5.

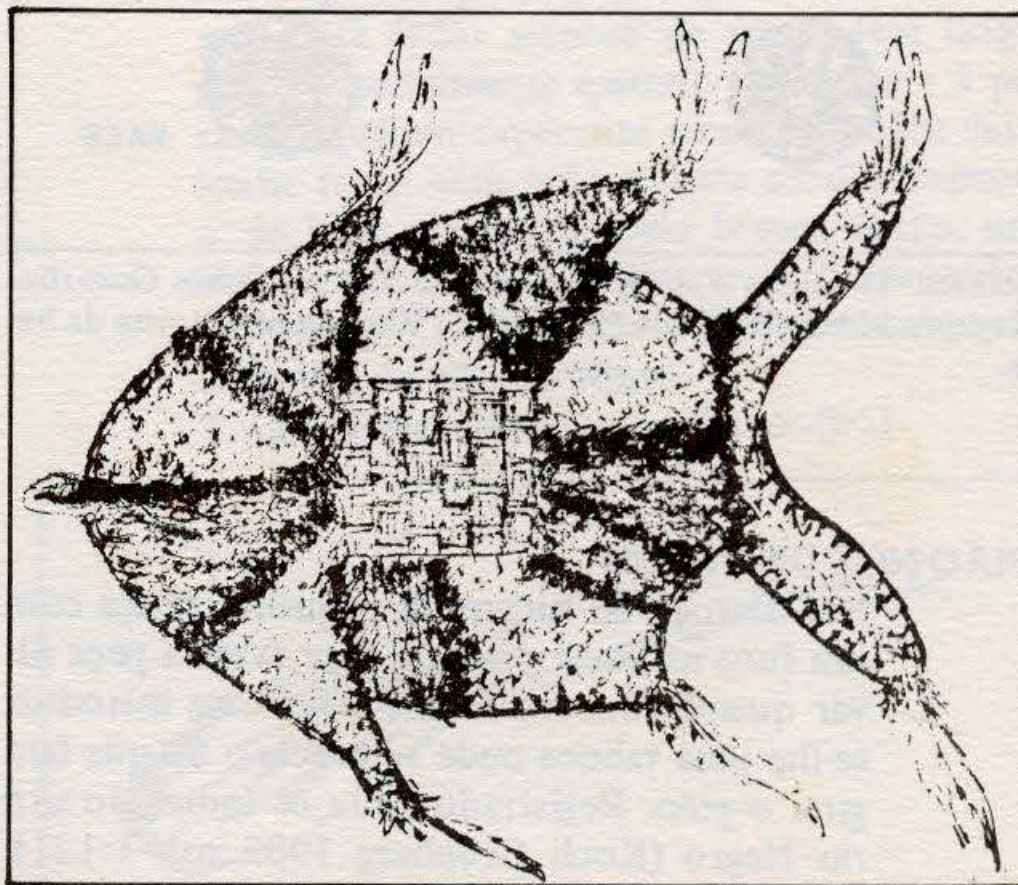
MINIATURA DE *KWARÌP*

Def. Símile miniaturizado dos postes preparados no ritual fúnebre dos índios do alto Xingu no qual se reconstitui a criação da humanidade a partir dos *kwarìp*.
T. Gen. Utensílios mágico-lúdicos (09)

MÓ DE PARICÁ

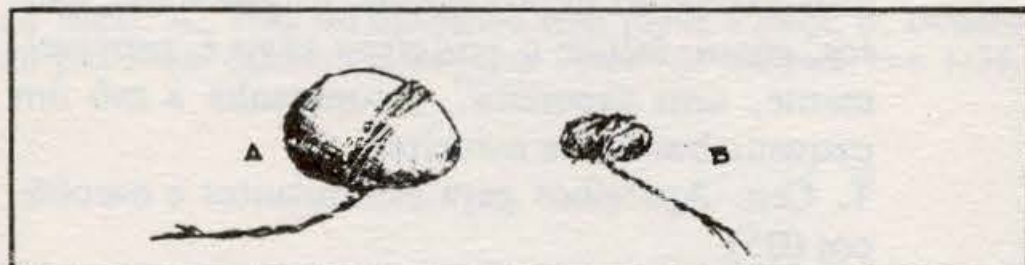
Def. Pequeno pilão feito do endocárpio de fruto não identificado empregado pelos índios Mawé para moer o paricá (*Piptadenia peregrina* (L.) Benth. A respeito desse rapé escreve Le Cointe (1947:390): "Com as sementes torradas, os índios do alto rio Negro fabricam uma sorte de rapé, o *niopô;* as sementes são secas ao sol e trituradas; o pó soprado nas ventas produz uma excitação muito grande, loquacidade, cantos, gritos, saltos; o princípio ativo é, provavelmente, uma saponina". Acompanha a mó um pequeno bastão de madeira.
T. Gen. Aparelhos para estimulantes e narcóticos (05)

A. Mó de paricá, M.N. nº 5.192. B. Bastão usado com a mó, M.N. nº 2.928. Índios Mawé, esc. 1:3.

MOLDURA TRANÇADA PARA TOCANDIRAS

Def. Objeto cerimonial trançado de formas variadas, representando onça, peixe, entes mitológicos, onde se colocam formigas tocandiras para ferrar as crianças púberes nos ritos de iniciação. Ocorre entre os Wayâna-Aparai, Tiriyó, Mawé, índios das Guianas.
T. Gen. Instrumentos cirúrgicos e rituais de mortificação (04)

Moldura trançada para tocandiras figurando peixe. Índios Wayâna. *Apud* Schoepf 1971:55 fig. 48, Museu de Genebra nº 34.382. Esc. 1:5.

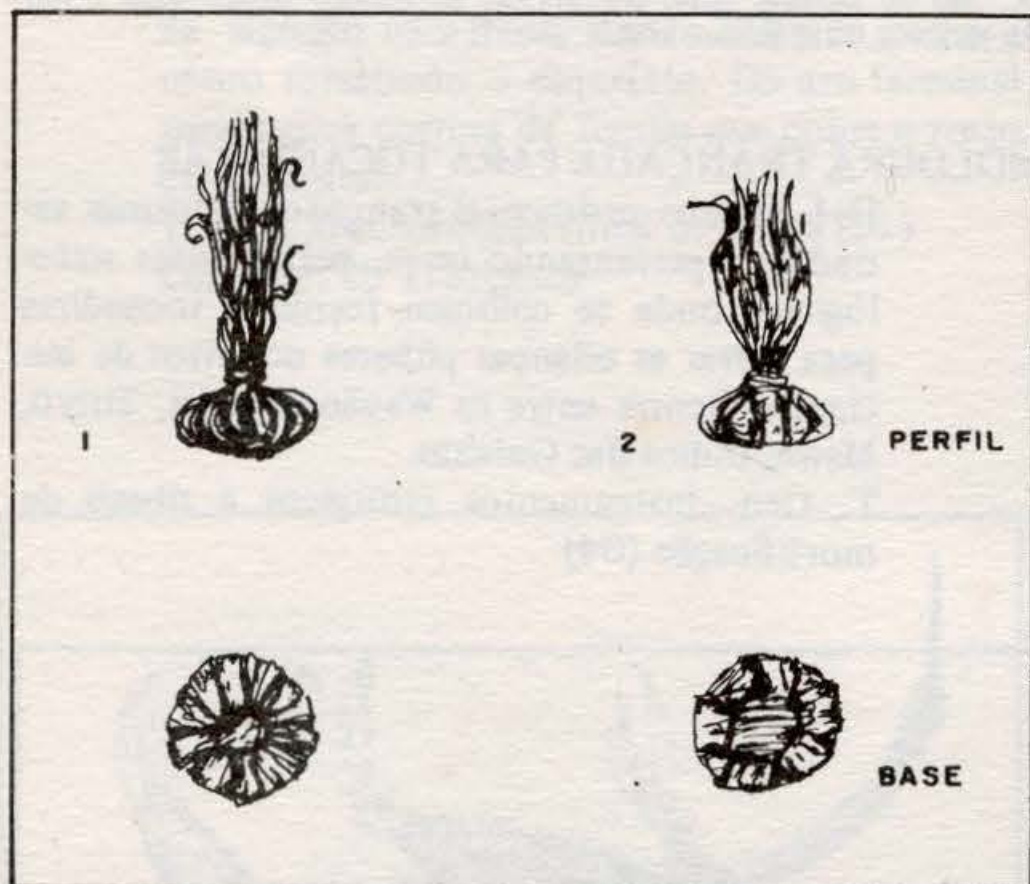
PEDRA DO PAJÉ SURUÍ

Def. Pedra de calcedônia (tipo quartzo), coletada pelo pajé Suruí nas nascentes dos igarapés, amarrada a um fio de algodão enegrecido com resina de jatobá. É usada como colar nas funções xamanísticas. (Informação do coletor: Carlos Coimbra). A propósito de seixos transparentes e brilhantes – encontrados no interior do maracá do pajé – observa Zerries (1981: 333): "Se focalizarmos apenas os minerais translúcidos, verifica-se que a sua transparência representa a transcendência, ou seja, a transição do mundo natural para o metafísico, em especial para o céu como fonte de luz".

T. Gen. Instrumentália do pajé (03)

Pedras do pajé Suruí. Índios Suruí, A. B. M.I. nº 81.1.16, 81.1.22. Esc. 1:2

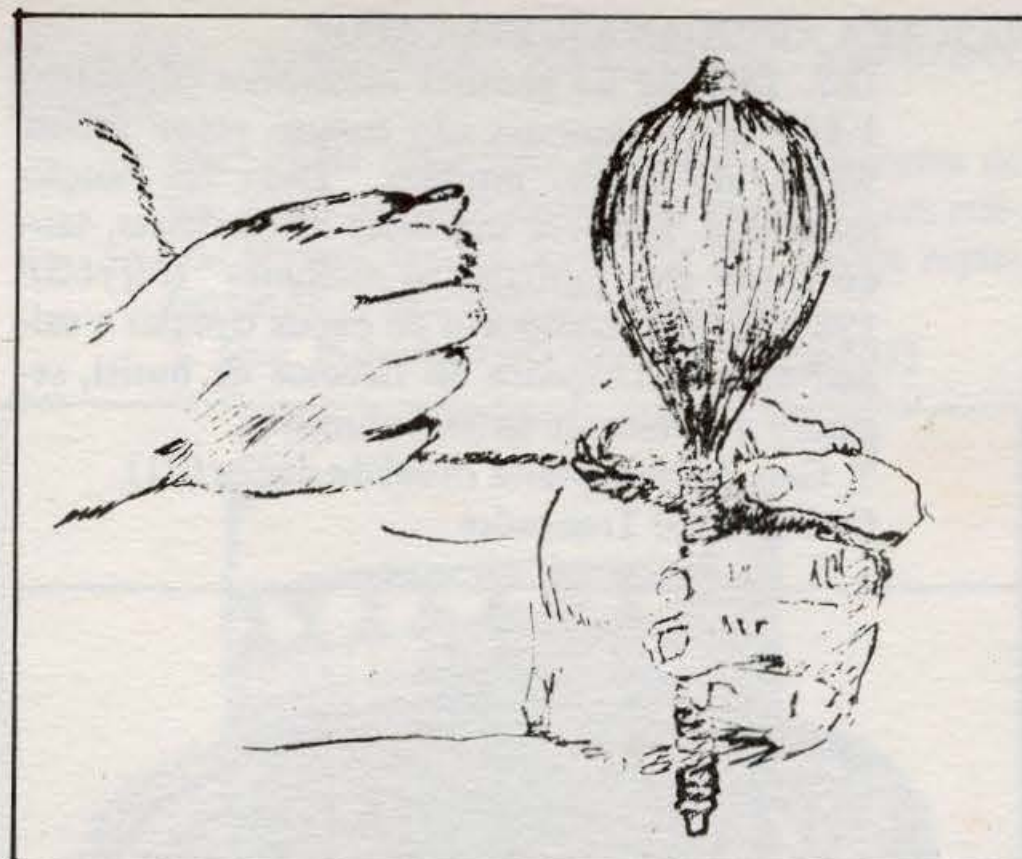
PETECA

Def. Pequena bola achatada, com um "topete" no centro, feita de palha de milho que se joga com a palma da mão.

T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

Petecas. 1) Índios Karajá, M.N. nº 35.310. 2) Índios Gorotíre-Kayapó, M.N. nº 35.546. Esc. 1:7,5. Vista de perfil; vista da base.

PIÃO NOZ DE TUCUM

Def. Caroço de tucum ou pequena cabaça com um furo na parte dilatada para fazer a peça silvar quando em movimento. Na base introduz-se-lhe uma taboca onde se enrola o fio que fará girar o pião. Registrado entre os índios do alto rio Negro (Koch Grünberg 1909 vol. 1:121), das Guianas (Roth 1970:496 fig. 240), os Tiriyó (Frikel 1973:205 fig. 46c), além de outros.

T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

Pião noz de tucum. Índios Tukâno, M.N. nº 40.205. Esc. 1:2. Modo de uso segundo desenho de Koch Grünberg 1909 vol. 1:121.

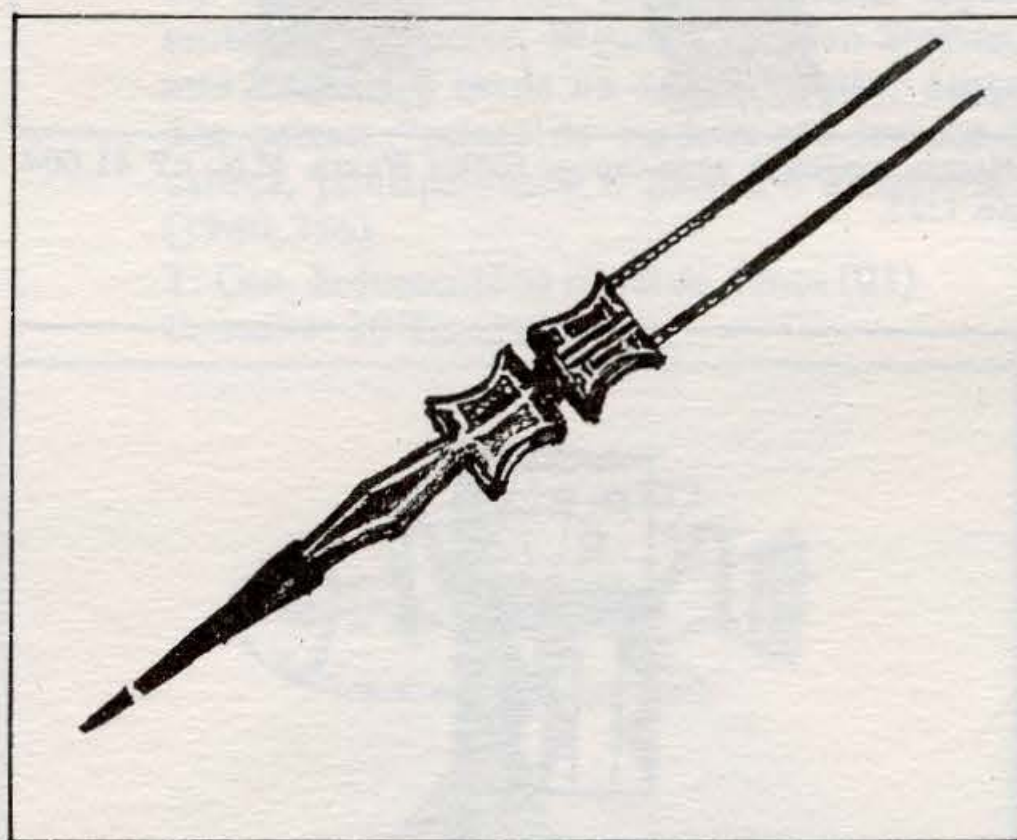
PITEIRA

Use PORTA-CIGARRO

PORTA-CIGARRO

Def. Utensílio talhado em madeira com que os grupos do alto rio Negro sustentam o charuto fumado ritualmente. Para isso é provido de duas varetas dispostas verticalmente. A parte inferior termina em ponta para fincar no chão. Lateralmente, é representado, na talha, o banco Tukâno.

Sin. Piteira

T. Gen. Aparelhos para estimulantes e narcóticos (05)

Porta-cigarro. Índios do rio Uaupés, M.N. nº 655. Esc. 1:5.

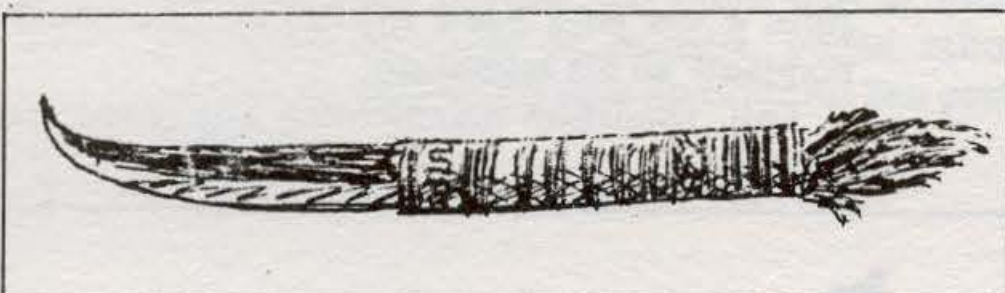
POTE CERIMONIAL BEBIDA ALUCINÓGENA

Def. Peça de cerâmica manufaturada pelos índios do alto rio Negro para conter uma bebida alucinógena feita à base de um cipó *(Baniste-*

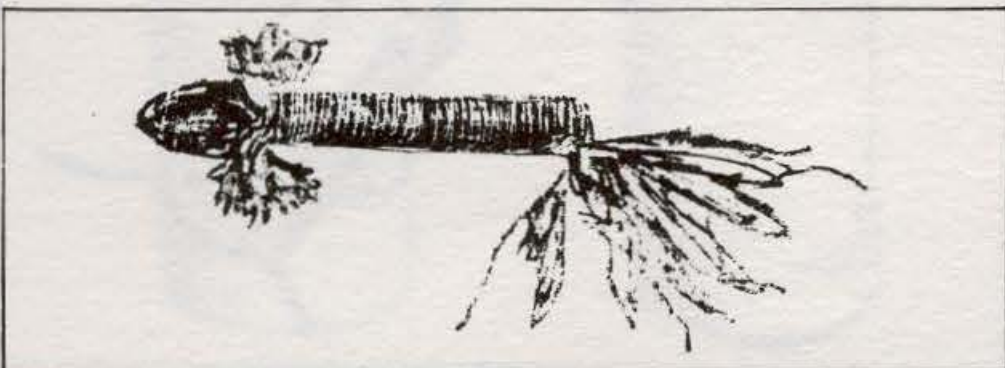
riopsis caapi) ingerida ritualmente pelos homens.
T. Gen. Aparelhos para estimulantes e narcóticos (05)

Pote cerimonial bebida alucinógena. Índios Tukâno, Museu Goeldi nº 8.563. Esc. 1:10. *Apud* MPEG 1986:108 e 260.

PRESTIDIGITADOR KAXINÁWA PARA DISCIPLINAR ESPOSA

Def. Os Kaxináwa preparam um artefato mágico com a finalidade de disciplinar o comportamento feminino. É composto de unha do tamanduá-bandeira ou do bico do tucanuçu esgastados num cabo de madeira. Este é decorado com enrolamento de fio, capim-navalha e plumas. "O disciplinador da esposa é suspenso dos esteios da casa como um lembrete à mulher das expectativas do marido quanto a seu comportamento. Pode também ser usado como adorno pelos homens nos rituais da fertilidade. A tradução literal da designação em língua Kaxináwa é: esposa-bom-causa-fazer-coisas" (Kensinger et alii 1975:226).
T. Gen. Utensílios mágico-lúdicos (09)

Prestidigitador Kaxináwa para disciplinar esposa. Índios Kaxináwa, Museu Haffenreffer de Antropologia nº 69-10097, *apud* Kensinger et alii 1975:226 fig. 227. Esc. 1:6.

PUNHAL RITUAL TAPIRAPÉ

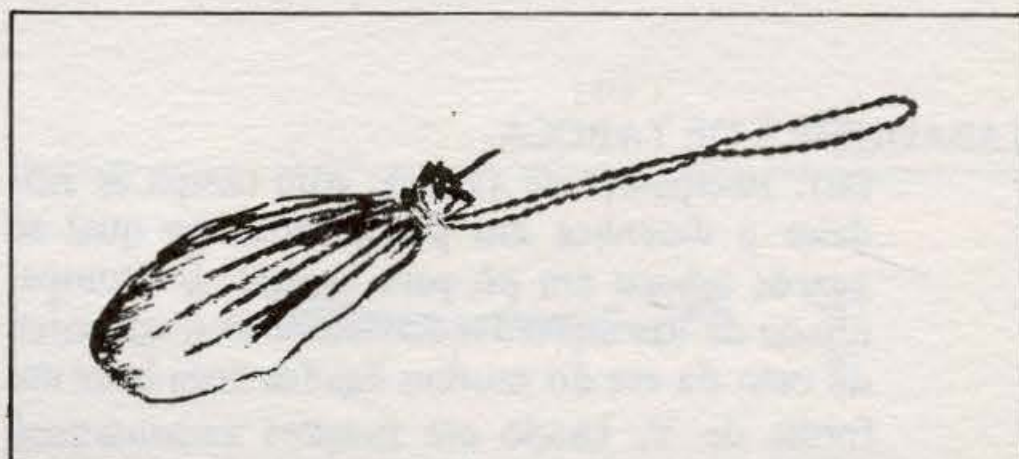
Def. Instrumento de corte, provavelmente cerimonial, constituído de uma ponta de pedra lanceolada inserida num cabo cilíndrico de madeira. O cabo é revestido por um enrolamento ornamental de fios de algodão, tendo apêndices de tufos de plumas em ambas as extremidades.
T. Gen. Insígnias de status diferenciado (02)

Punhal ritual Tapirapé. Índios Tapirapé, Museu Pigorini nº 11.170/G, *apud* Zevi et alii 1983:123 fig. 256. Esc. 1:7,5.

RODA CASA-DE-FESTAS WAYÂNA

Def. Disco de madeira, de aproximadamente 81 cm de diâmetro, colocado na cumeeira da casa de festas Wayâna-Aparai, com pinturas figurativas feitas com tintas minerais: branca, preta, cinzenta, ocre e vermelho-castanho. A representação retrata uma entidade mítica bicéfala, cujas linhas sinuosas lembram as da cobra ou da lagarta. É um ente sobrenatural presente na mitologia que "virava as canoas e devorava seus ocupantes" (Velthem 1976:64). A mesma temática – sobrenatural bicéfalo cobra/lagarta – é representada na cestaria, nos adornos de miçangas, peças de cerâmica e na pintura corporal, mediante expressões gráficas distintas (Velthem *op. cit.:* 12).
T. Gen. Utensílios mágico-lúdicos (09)

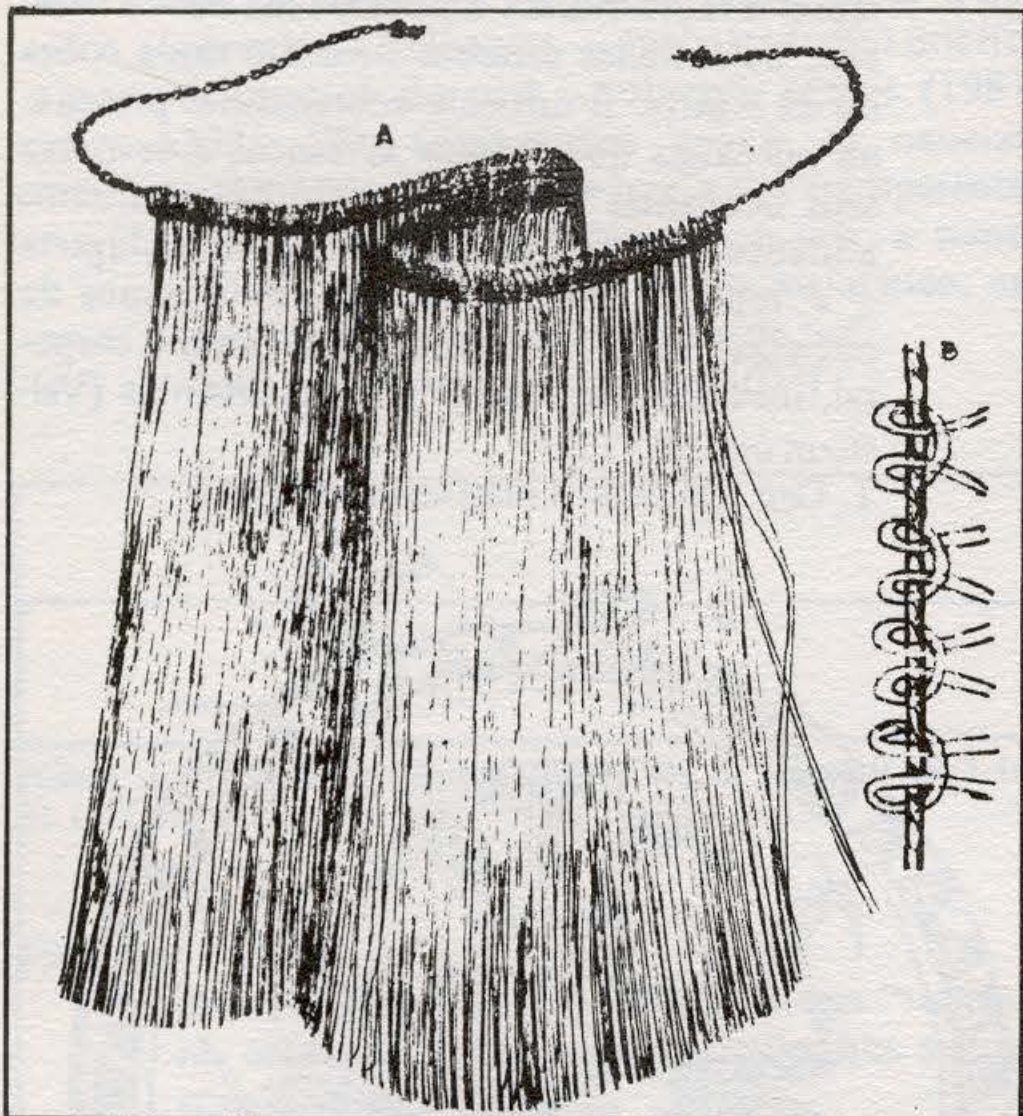
Roda casa de-festas Wayâna. Índios Wayâna-Aparai, Museu de Berlim, *apud* Zerries 1978:288 fig. 392.

SACOLA DE IPADU

Def. Pequena sacola feita de líber onde se deposita o pó de ipadu (coca) que se leva nas viagens. "O índio serve-se de *ipadu* (em língua geral) especialmente quando vai à caça e à pesca, porque, entorpecente como é, não lhe deixa sentir fome nem sede e deste modo, dispensa-o de levar alimentos. Dele fazem, então, uma bola, num canto da boca, e vão chupando-o aos poucos" (Bruzzi 1977:208). Corrente entre os índios do alto rio Negro.
T. Gen. Estimulantes e narcóticos (05)

Sacola de ipadu. Índios do alto rio Negro. *Apud* Bruzzi 1977: 208 fig. 17.

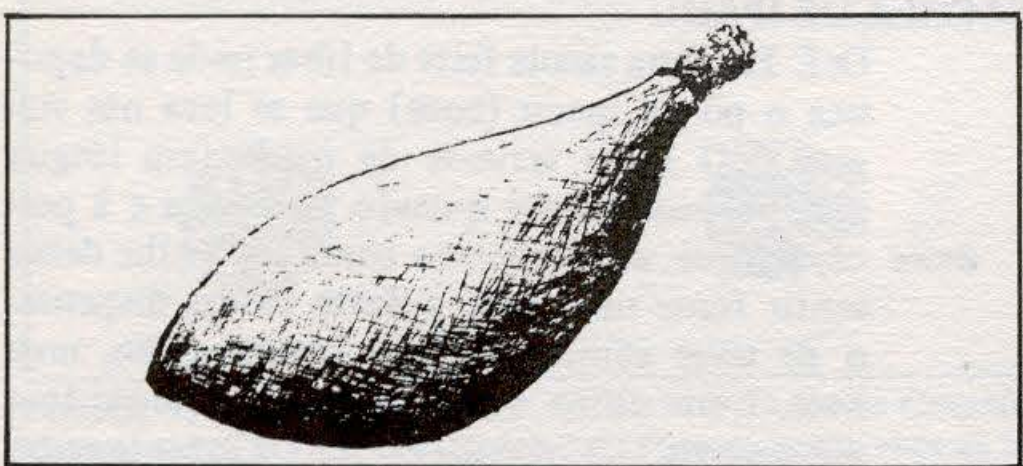
SAIA FRANJAS DE PALHA

Def. Indumentária que cinge o meio do corpo feita de folíolos do olho da palmeira babaçu ou buriti, descendo da cintura até uma altura variável das pernas.

T. Gen. Indumentária ritual de dança (01)

Saia franjas de palha. Índios Karajá M.I. nº 7878. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Detalhe da armação dos folíolos.

TABAQUEIRA DE CABAÇA

Def. Recipiente de folhas secas pulverizadas de tabaco. É constituído de uma cabaça alongada cujo gargalo é fechado com uma tampa. Registrado entre os Nambikuára e outros grupos indígenas.

T. Gen. Aparelhos para estimulantes e narcóticos (05)

Tabaqueira de cabaça. Índios Nambikuára, M.N. nº 12.022. Esc. 1:3.

TABAQUEIRA DE TABOCA

Def. Recipiente de taboca, com tampa de madeira e desenhos em pirogravura, no qual se guarda tabaco em pó para cheirar. É acompanhado de um aspirador feito de dois fragmentos de osso da asa do mutum ligados com breu em forma de V. Usado em funções xamanísticas pelos índios Marúbo. (Informação dos coletores: Delvahir e J. C. Melatti).

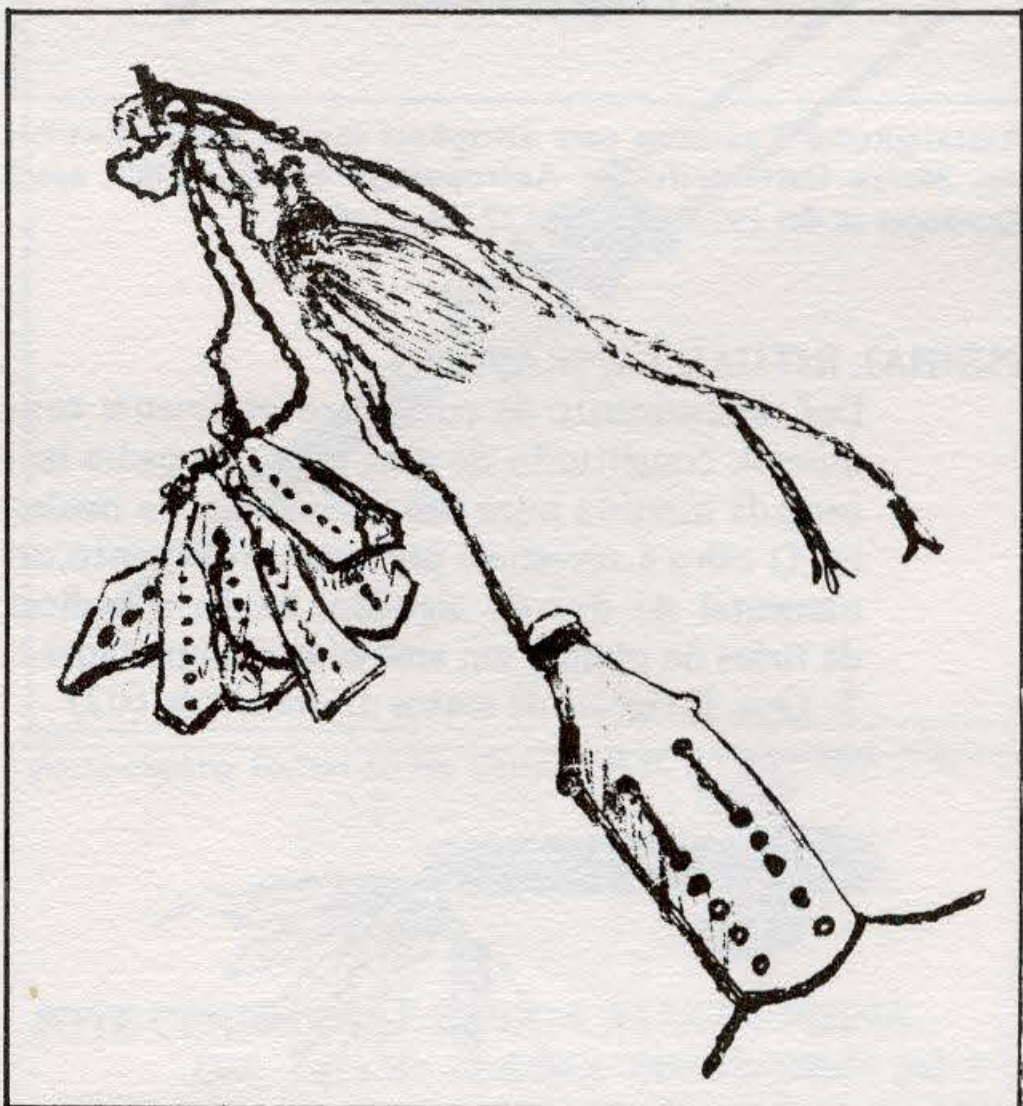
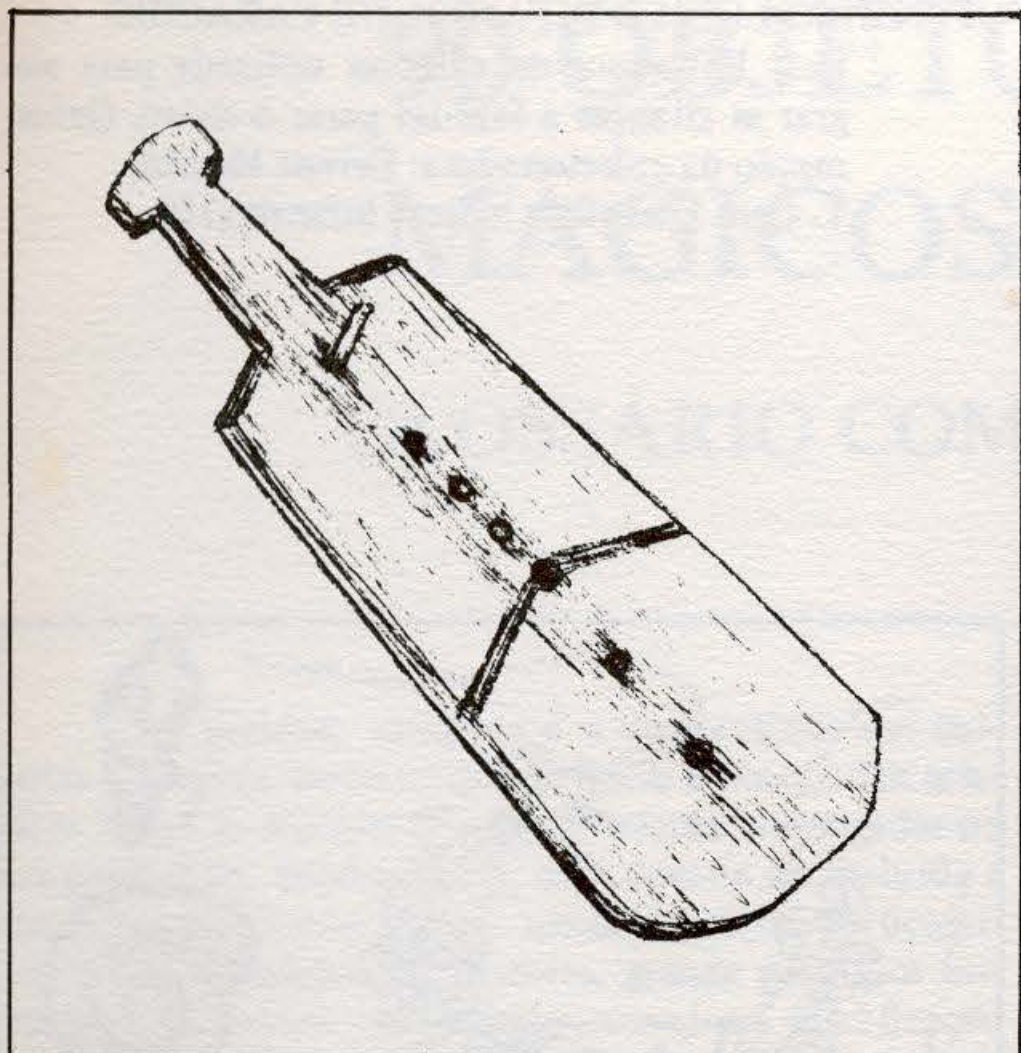
T. Gen. Aparelhos para estimulantes e narcóticos (05)

T. Rel. Caramujo-recipiente e aspirador de paricá

Tabaqueira de taboca. Índios Marúbo, M.I. 75.4.12, 75.4.12a. Esc. 1:6. A. Recipiente de taboca e tampa. C. Corte transversal. B. Aspirador de rapé.

TABULETA CALENDÁRIO

Def. Dispositivo mnemônico composto de uma ou mais tabuinhas de madeira ou osso com furos simetricamente alinhados. Na coleção do Museu Pigorini, de Roma, encontra-se um objeto desse tipo atribuído aos Wapitxâna que, segundo a etiqueta que o acompanha, era "usado para computar dias, pessoas e coisas" (Zevi et alii 1983:94 fig. 183). Ladislau Neto menciona um "calendário grosseiro, mas bastante original, feito de madeira" assim descrito: "É uma taboinha retangular, crivada de pequenos furos equidistantes, indicando, ao que nos parece, uma certa e determinada divisão do tempo, talvez em dias e em épocas lunares, etc." (Ladislau Netto 1870:276). Wagley & Galvão (1961:219 fig. 19) encontraram um calendário entre os Tenetehara para marcar os dias da semana. É constituído de uma prancheta de madeira com sete furos e um pino que é enfiado no furo correspondente ao dia assinalado.

T. Gen. Utensílios mnemônicos e de comunicação (07)

Tabuleta calendário de osso. Índios Wapitxâna, Museu Pigorini nº 11.581/G. *Apud* Zevi et alii 1983:93-94 fig. 183.

Tabuleta calendário de madeira. Índios Tenetehara, M.N. nº 33.850. Esc. 1:3.

Tora para corrida com cabo. Índios Krahó, M.I. nº 75.6.231. Esc. 1:6.

TORAS PARA CORRIDA

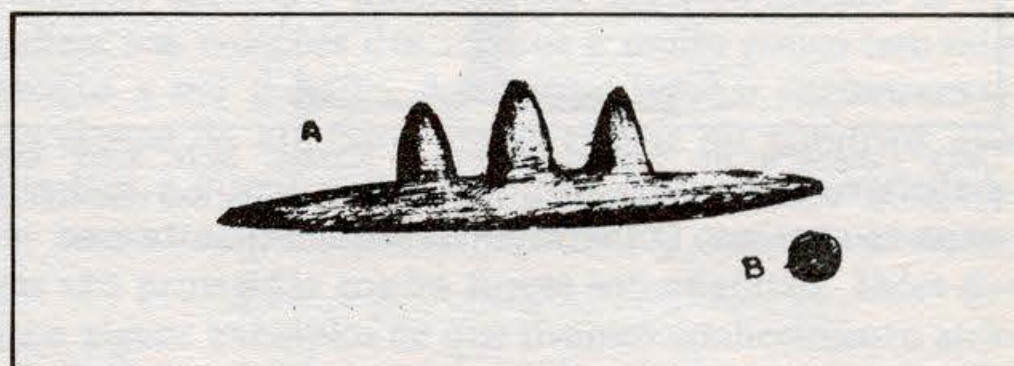
Def. As toras mais comuns são talhadas do tronco cilíndrico do buriti, medindo cerca de 1m de comprimento, 40-50cm de diâmetro e um peso estimado em 100 kg. (Nimuendaju 1946:137). Segundo Nimuendaju (1946:136) "as corridas de tora constituem o esporte nacional não somente dos Timbíra, inclusive dos Apinayé, como, provavelmente, de todos os grupos Jê setentrionais e centrais". O outro tipo de tora, esculpido do cerne de madeira, possui cabos laterais no sentido do eixo do cilindro. Seu peso é ínfimo.

T. Gen. Utensílios mágico-lúdicos (09)

Tora cilíndrica de corrida. Índios Krahó, M.I. s/nº Esc. 1:25.

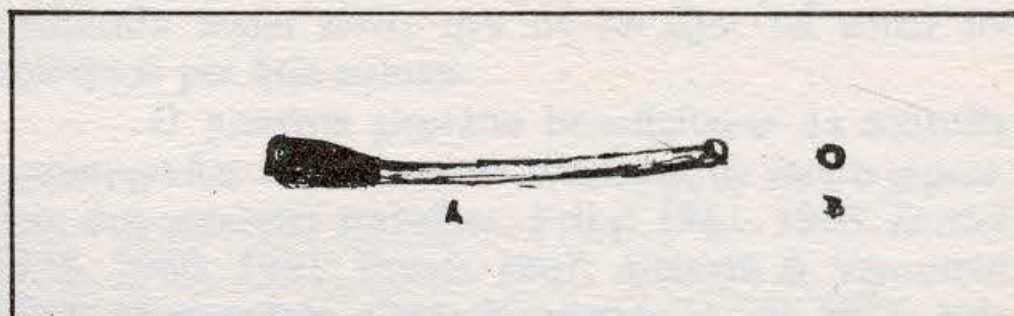
TRIDENTE PARA MORTIFICAÇÃO WAIKÁ

Def. Bastão de madeira do cerne da palmeira tucum com três dentes entalhados usado para mortificação ritual pelos índios Waiká. (Informação do catálogo).

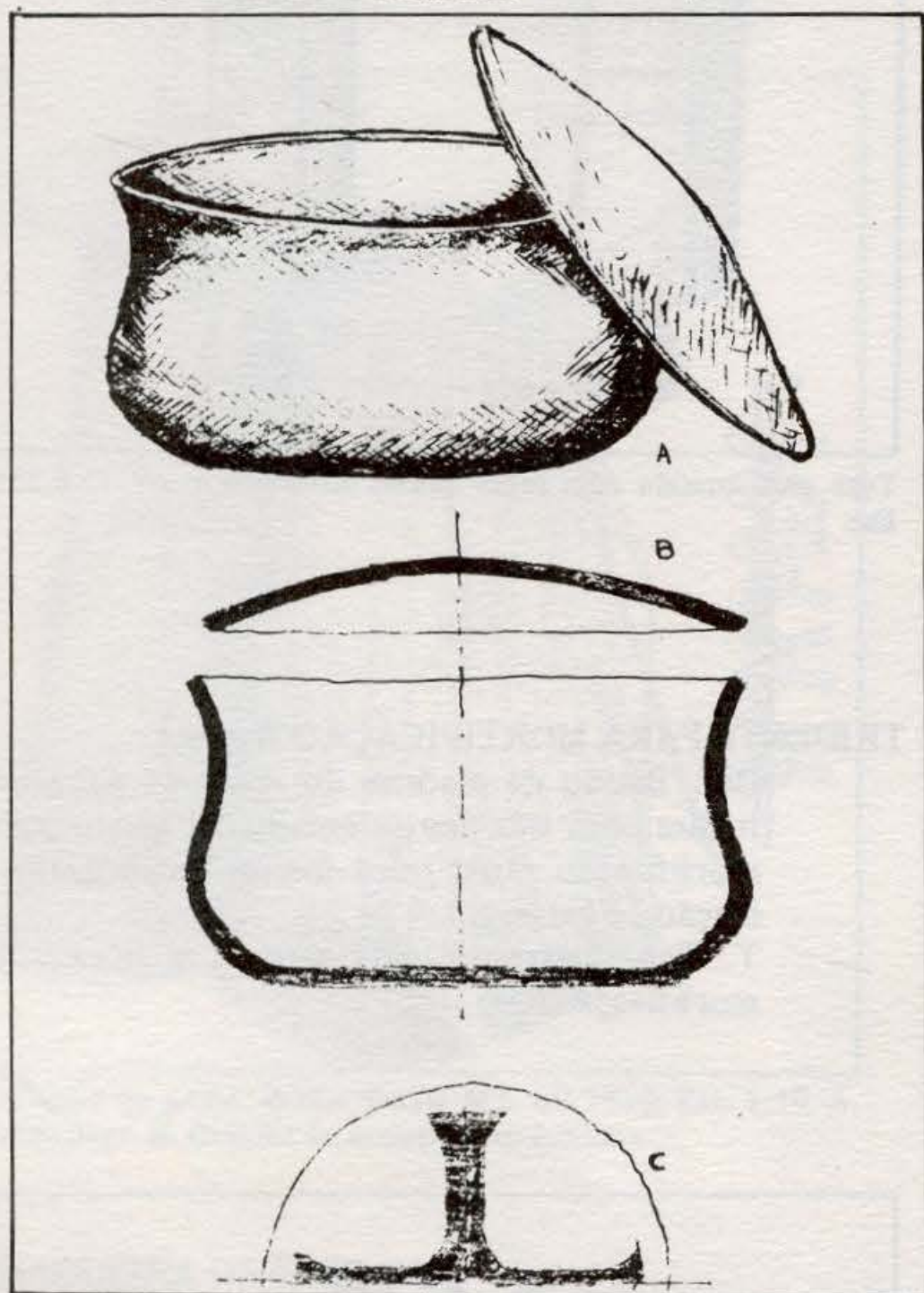
T. Gen. Instrumentos cirúrgicos e rituais de mortificação (04)

Tridente para mortificação Waiká. Índios Waiká-Yanomâmi, M.I. nº 8.345. Esc. 1:10. A. Vista da peça. B. Corte transversal.

TUBO DO PAJÉ MARÚBO

Def. Peça usada nas curas xamanísticas do pajé Marúbo constituída de pequena haste de taboca recoberta de breu e embutida em osso da asa do urubu. (Informação dos colecionadores: Delvahir e J. C. Melatti).

T. Gen. Instrumentália do pajé (03)

Tubo do pajé Marúbo. Índios Marúbo, M.I. nº 75.4.18. Esc. 1:5. A. Vista da peça. B. Corte transversal.

URNA FUNERÁRIA DE CERÂMICA

Def. Vasilha gameliforme avantajada com tampa, receptáculo de restos mortais.
T. Gen. Utensílios funerários
Consulte: 10 Cerâmica

Urna funerária de cerâmica. Índios Karajá, M.N. s/nº Esc. 1:7,5. A. Vista da peça com a tampa. B. Detalhe das respectivas secções transversais. C. Decoração no fundo interno da urna.

UTENSÍLIO LÚDICO INFANTIL DE CARACÓIS

Def. Enfiadura de caracóis utilizada para alegrar as crianças e fazê-las parar o chôro. (Informação da colecionadora: Delvair Melatti).
T. Gen. Utensílios lúdicos infantis (10)

Utensílio lúdico infantil de caracóis. Índios Marúbo, M.I. nº 75.4.51. Esc. 1:7,5. A. Vista da peça. B. C. Detalhe dos caracóis.

90 OBJETOS RITUAIS, MÁGICOS E LÚDICOS

GLOSSÁRIO COMPLEMENTAR (90.00)

A presente categoria é a mais eclética das descritas até agora, tanto no que se refere à função dos artefatos como às técnicas e matérias-primas empregadas na sua confecção. Teoricamente, nela deveria ser incluída a maioria dos adornos móveis usada nos ritos, particularmente, os plumários. E, também, grande parte dos instrumentos musicais, os bancos associados à qualificação do status e à atividade xamanística, e até mesmo algumas clavas, atualmente de uso cerimonial, inventariadas na categoria 70 Armas. Razões anteriormente expostas recomendaram a inserção dos referidos objetos em outras categorias.

Basicamente são aqui inventariados os "instrumentos" necessários à realização dos rituais e à pajelança. Esses artefatos caracterizam-se por serem elaboradamente decorados, a exemplo dos arcos e lanças cerimoniais; por representarem emblemas de status, ao modo dos cetros; ou peças peculiares a certas tribos empregadas somente em eventos especiais.

As indumentárias de dança respondem, com maior propriedade, a estas últimas características. Mas a categoria inclui, também, objetos como o machado de pedra semilunar, a enxó cerimonial de pedra, o escudo trançado, que teriam outras aplicações no curso da história tribal. Abrange igualmente certos emblemas de comando, ornamentos de casa e, até mesmo, o que chamamos "Prestidigitador para disciplinar esposa" encontrado entre os Kaxináwa, além de objetos cirúrgicos e curativos, destinados a estimulantes e narcóticos, lúdicos infantis, mágicos e mnemônicos.

As máscaras são os artefatos rituais por excelência, constituindo o grupo mais extenso. Não foi possível dicionarizar a sua totalidade e sim os exemplares mais conhecidos e estudados. Por seus referenciais icônicos, esses objetos comunicam um conjunto de idéias ligadas aos mitos e ritos. Sua utilização, bem como a de outros objetos rituais, exige a associação de gestos, de cantos e música que transmitem aos circunstantes sensações visuais, táteis e auditivas.

Além das máscaras, outros artefatos rituais presentes nas culturas indígenas estão pejados de simbolismo que só pode ser entendido dentro de cada contexto e não à vista do artefato isolado. Em certos casos, o objeto pode ser incluído em mais de um grupo genérico em virtude do uso que lhe é dado. Acontece que esse uso varia segundo a tribo ou o autor que anotou o dado a respeito. A cruz de fios, por exemplo, é descrita como ornamento de casa para prevenir doenças e maus espíritos (Tapirapé), como brinquedo de crianças (Apinayé) ou como enfeite de cabeça (Kayapó, Karajá, Borôro). Em virtude dessa ambigüidade, decidimos alocá-lo no grupo dos utensílios mágico-lúdicos, que é o mais abrangente.

O Grupo genérico denominado Instrumentália do pajé compreende artefatos usados nas curas. São bolsinhas ou estojos com miudezas tais como: seixos rolados, espinhos, pequenas miniaturas de arcos-e-flechas empregados, ao que tudo indica, como feitiço ou exorcismo de cura. O critério de Otto Zerries (1981:319-360) é bem mais amplo. No artigo intitulado "Atributos e instrumentos rituais do xamã na América do Sul não-andina e o seu significado", Zerries inclui, além dos adornos plumários, os maracás (chocalhos), instrumental para o uso de drogas (recipientes e bandejas para pós narcóticos), bastões cerimoniais e bancos zoomorfos. Ou seja, leva em conta toda a parafernália do pajé envolvida na atividade xamanística.

Como seria de se esperar, não foi possível compulsar no presente inventário todos os objetos rituais, mágicos, lúdicos e mnemônicos. Eles são difíceis de localizar nas coleções dos museus e muito pouco tem sido escrito a seu respeito. As maiores lacunas encontram-se no elenco de artefatos propiciatórios ou punitivos que formam a instrumentália do pajé e na grande variedade de amuletos, principalmente infantis, com que as crianças são protegidas contra forças sobrenaturais. Deles damos alguns exemplos de que tivemos conhecimento através da bibliografia e da consulta aos fichários das coleções. Com efeito, só foi possível dicionarizar aqueles artefatos que traziam informações confiáveis dos colecionadores e que se encontravam disponíveis nos acervos do Museu Nacional e Museu do Índio.

Devido à sua natureza "personalizada" por tribo, o objeto ritual traz no descritor, isto é, na sua designação, geralmente o nome do grupo onde foi registrado. Isso só não ocorre quando o mesmo artefato, por exemplo a chamada "Máscara de aruanã", participa do elenco de objetos rituais de mais de uma tribo; no caso, dos Karajá e seus subgrupos Javahé e Xambioá, dos Tapirapé e Xikrin.

No grupo Definições genéricas (90.01) definimos o que se entende por objeto ritual. Em Matérias-primas (90.02) agrupamos, por tipo de artefato, aquelas que, segundo a bibliografia, são empregadas na sua confecção. Finalmente, em Processos de manufatura (90.03) descrevemos a técnica de tingimento de franjas de líber conhecida como *resist dye* ou *tie dye*, tal como foi observada por dois autores.

O presente glossário beneficiou-se da consulta a monografias anteriormente citadas e, de modo específico, dos seguintes trabalhos: Frikel 1961, 1968; Zerries 1978, 1980, 1981; Fuerst 1967; Albisetti & Venturelli 1962; Nimuendaju 1946; Kensinger et alii 1975; Yde 1968; Wagley & Galvão 1961; Ehrenreich 1948.

DEFINIÇÕES GENÉRICAS (90.01)

OBJETO RITUAL

Def. Como o nome indica, trata-se de objetos exibidos em cerimônias sagradas e/ou profanas que, em seu conjunto, mapeiam os limites identificadores de uma tribo indígena. Sob esse ponto de vista, o objeto ritual contém um componente ideológico da maior importância: reforça a identidade étnica. Em função disso, requer uma adjetivação que explicite a sua origem. Com efeito, mais que o objeto utilitário ele "personaliza" o grupo, diferenciando-o de outros. Contribui, dessa forma, para a coesão social. Por outro lado, a posse e uso de certos objetos rituais confere ao indivíduo a legitimação do seu status. Em conseqüência, por seus conteúdos simbólicos e estéticos, o objeto ritual e a atividade ritualística a que está associado comunicam a identidade pessoal, social e étnica do indivíduo, como uma linguagem visual ou um texto iconográfico. A par da mitologia e das crenças religiosas, fundamenta valores e ideais de cada tribo.

MATÉRIAS-PRIMAS (90.02)

CACHIMBOS

Os Tapirapé, Karajá e Kayapó fazem cachimbos do fruto do jequitibá *(Cariniana* aff *C. domesticae* (Mart.) Miers, da família das Lecitidáceas, esvaziado dos caroços, conservando aproximadamente a forma original (Baldus 1970:244). Os Borôro também empregam o endocarpo do mesmo fruto no qual adaptam uma taquarinha para aspirar a fumaça (Albisetti & Venturelli 1962:838). Fabricam-se igualmente cachimbos de barro e de madeira.

CORANTES

Na pintura das máscaras Timbíra emprega-se resina de breu almecega *(Tetragastris trifoliolata* (Engl.) Cuatr. (= *Protium trifoliolatum* Engl)., da família das Burseráceas misturado com urucu *(Bixa orellana* L.) para obter corante vermelho; e a mesma resina com carvão, para o negro (Nimuendaju 1946:203). Os Tiriyó empregam a tinta de breu vermelho *(Protium apiculatum* Swartz) e breu preto *(Tetragastris panamensis* (Engl.) O. Kuntze, da mesma família, para tingir os flabelos transversais que unem as capas de franjas de miriti *(Mauritia flexuosa* L.) (Frikel 1973:179). A pintura das máscaras Tukúna se faz com resina preta de anani *(Moronobea* sp.), da família das Gutiferáceas, e pintura branca de argila (tabatinga) (Museu Paulista/USP 1984:125). Os Tukúna empregam, ainda, argila terrosa para o amarelo e, os Pankararú, o pó vermelho da pedra toá, moída, dissolvido na água.

FIGURAS DE CERA

Cera de abelha é empregada para fazer figurinhas (Frikel 1973:207, Roth 1970:495). Para o mesmo fim emprega-se o cerol, constituído de cera de abelha misturado com látex da árvore do breu, balata, da família das Sapotáceas, além de outras gomas.

INDUMENTÁRIA DE DANÇA

Para talhar a cara das máscaras, os Tukúna empregam o pau-de-balsa ou pau-de-jangada *(Ochroma lagopus* Swartz), da família das Bombacáceas. Trata-se de madeira muito leve e elástica empregada também para construir os compartimentos das moças púberes dessa tribo (Glenboski 1975:122). As caras das máscaras do alto Xingu, dos Kaxináwa e dos Timbíra são feitas de cabaça *(Lagenaria vulgaris* Ser.), uma Cucurbitácea, e de cuieira *(Crescentia cujete* L.), uma Bigoniácea. Na confecção da indumentária ritual, os Tukúna empregam a entrecasca da caxinguba (também conhecida como gameleira ou figueira branca – em espanhol *llanchama blanca* – *Ficus radula* Willd), da família das Moráceas (Glenboski 1975: 112). A *llanchama roja* (sorvinha?), da mesma família, cuja entrecasca é vermelha é igualmente usada para fazer a indumentária dos mascarados Tukúna (Glenboski 1975:113). As franjas da mesma são feitas de matá-matá branco *(Chytroma turbinata* (Berg) Miers, da família das Lecitidáceas. A mesma entrecasca serve a fins domésticos: alças dos cestos-cargueiros, amarrados de lenha (Glenboski 1975:102, 110, 123).

As capas de franjas ou os capuzes-máscaras de entrecasca de árvore dos índios Waiwai são confeccionados de quatro espécies do gênero *Eschweilera,* além do líber do tauari *(Couratari* spp.), todas da família das Lecitidáceas (Yde 1968:89-90).

As máscaras trançadas ou de folíolos soltos são feitas de flabelos de Palmáceas: miriti *(Mauritia flexuosa* L.), buriti *(Mauritia vinifera* Mart.), babaçu *(Orbignya speciosa* (Mart.) Barb. Rodr. = *Attalea speciosa* Mart.) por diversos grupos indígenas. Os Pankararú empregam para esse fim uma planta da família das Bromeliáceas, o caraguatá acanga *(Bromelia pinguin* L.), ou o agave *(Agave americana* L.) cultivado nas roças (informação pessoal da índia Pankararú Quitéria Maria de Jesus).

MORTALHA DE CIGARRO

Líber mais fino de tauari *(Couratari* spp.), uma Lecitidácea, é empregado para envolver o tabaco do cigarro (Gastão Cruls 1952:94).

PIÕES

O pião dos índios Deni é feito do fruto do *(Anthodiscus amazonicus* Gleason). Retira-se o miolo do fruto maduro e insere-se uma haste de madeira no centro. Abrem-se também dois furos laterais para que o pião possa silvar (Prance 1986:132). O pião dos grupos indígenas do alto rio Negro é feito de noz de tucum *(Astrocaryum* sp.) (observação pessoal).

PROCESSOS DE MANUFATURA (90.03)

RESIST DYE

Def. Uma espécie de "pintura em negativo" das franjas de líber que compõem a Capa cortina de franjas dos Tiriyó é processada do seguinte modo, segundo Frikel (1973:139): "As fibras da capa são firme e densamente enfaixadas em embiras nos lugares que não devem ser tintos, enquanto que as fibras ficam descobertas nos trechos que devem mostrar-se coloridos. Depois a capa é colocada dentro de uma certa lama (uma espécie de tijuco) durante dois a três dias. Soltam-se então as faixas de embira e lava-se a peça na água corrente do rio. O desenho aparece, então, em preto, devido à ação da lama". O processo, observado por Yde entre os Waiwai, é descrito do seguinte modo: "Cada franja (de líber) pendente ou melhor dito, certo número delas de cada vez – é amarrada em círculo com fitas de entrecasca, em alturas variadas e a certos intervalos. Terminada a amarração, toda a cortina é levada a um pântano. Aí ela é imersa na água por várias horas. No caso em que presenciei o procedimento, ela foi deixada no pântano pelo espaço de quatro horas. Depois, disso, a cortina é retirada da água, trazida de volta para casa e suspensa entre os postes como antes. As fitas de líber são desamarradas e removidas, exibindo-se as partes das fibras que haviam sido amarradas, as quais mantêm a cor amarela original, enquanto que as partes que não haviam sido amarradas adquirem uma coloração negro-azulada pela exposição à água do pântano" (Yde 1968:273 e fig. 128). Citando Linné (1934:162-167) e Ryden (1943), Yde conclui que a técnica encontra paralelo na pintura em negativo, de cerâmica, e na de ikat, dos tecidos, sendo pouco comum na América da Sul.

ÍNDICES

A elaboração deste índice tem por objetivo sistematizar a matéria de que trata o DICIONÁRIO, segundo o uso e a função dos artefatos, com subordinação herárquica a duas macro-divisões ou classes:

I. Utensílios e implementos ligados às atividades de subsistência, conforto doméstico e pessoal; transporte;
II. Adornos e objetos de uso pessoal, artefatos rituais, mágicos e lúdicos.

A primeira classe inclui utensílios para as atividades de subsistência, preparo e serviço de alimentos e conforto doméstico. Inclui, portanto, os implementos agrícolas, as armas de caça e pesca (extensivas às práticas guerreiras), os utensílios domésticos, fogões e os implementos para a manufatura de artefatos. A segunda macrodivisão engloba a parafernália vinculada ao embelezamento e personalização do corpo, os objetos rituais, curativos, mágicos, mnemônicos e lúdicos. A primeira grande divisão está para a perpetuação física do indivíduo na mesma proporção em que a última para o processo de socialização e reprodução social.

Embora pareça pobre, a cultura material indígena, aqui inventariada, soma um total de 598 itens. Se considerarmos que alguns grupos, como os Timbíra, antes do contato com o branco, dificilmente possuíam objetos de valor permanente – mesmo porque as regras de herança eram muito frouxas e os indivíduos eram enterrados com a maioria dos seus bens (Nimuendaju 1946:158) – esse número parece avultado.

Na tabela abaixo, oferecemos um quadro numérico dos descritores distribuídos do modo como comparecem no glossário. Isto é, com as informações que ajudam a definir cada objeto: aparência, matéria-prima, manufatura, uso e função. Nos índices, menciona-se a página onde o descritor pode ser consultado.

O presente DICIONÁRIO consta de 1.307 verbetes. Destes, 598 nomeiam e descrevem os Itens, ou seja, os artefatos, incluindo seus acessórios e os implementos para produzi-los, que costumam ser recolhidos aos museus, tais como, teares, fusos e outros, com exceção dos descartáveis. Dos 709 restantes, 49 são Grupos genéricos onde são reunidos artefatos de uma determinada categoria que servem a funções similares; 141 são as Definições genéricas, a exemplo de, cestaria, vasilhame, arte plumária, etc. As Matérias-primas arroladas somam um total de 276, os Processos de manufatura, 108 e as partes componentes do artefato são descritas em 60 verbetes. A par disso, 60 outros definem, no caso da Cerâmica, o Tratamento e acabamento da superfície, os Tipos de decoração e os Motivos decorativos. A estes últimos se agregam sete verbetes referentes a Motivos específicos do trançado. No caso da Cerâmica são descritos, ainda, oito implementos descartáveis.

Como se sabe, os elementos materiais de uma cultura são interdependentes. A distinção entre seus componentes serve a fins de classificação e de exposição indispensáveis ao estudo e à catalogação das coleções. Tendo em vista esse objetivo, procedemos à indexação que se segue, mencionando a página onde o respectivo descritor pode ser consultado. Encerra o volume o índice alfabético geral dos itens.

TABELA NUMÉRICA DE DESCRITORES E VERBETES

DESCRITORES e VERBETES	Grupos Genéricos	Itens	Definições Genéricas	Matérias-primas	Processos de manufatura	Implementos	Acessórios	Partes componentes do artefato	Tratamento e acabamento da superfície	Tipos de decoração	Motivos decorativos	Totais
10 CERÂMICA	5	21	5	14	5	9*	–	11	8	25	27	130
20 TRANÇADOS	6	51	33	43	31	–	–	5	–	–	7	176
30 CORDÕES E TECIDOS	4	30	45	27	35	12	–	8	–	–	–	161
40 ADORNOS PLUMÁRIOS	3	41	19	68	34	–	–	–	–	–	–	165
50 ADORNOS DE MATERIAIS ECLÉTICOS, INDUMENTÁRIA E TOUCADOR	6	128	10	41	2	–	–	–	–	–	–	187
60 INSTRUMENTOS MUSICAIS E DE SINALIZAÇÃO	4	45	8	25	–	–	1	9	–	–	–	92
70 ARMAS	5	72	13	11	–	2	8	18	–	–	–	129
80 UTENSÍLIOS E IMPLEMENTOS DE MADEIRA E OUTROS MATERIAIS	6	65	4	41	–	7	–	9	–	–	–	132
90 OBJETOS RITUAIS, MÁGICOS E LÚDICOS	10	114	4	6	1	–	–	–	–	–	–	135
TOTAIS	49	567	141	276	108	30	9	60	8	25	34	1.307

** Dos nove implementos para a manufatura da cerâmica apenas um é arrolado entre os itens; os demais são descartáveis.*

ÍNDICE ANALÍTICO DOS ITENS

USO DOMÉSTICO E PESSOAL

7. Utensílios para uso doméstico e conforto pessoal

TRANSPORTE

8. Transporte por terra de crianças e carga

9. Navegação

ADORNOS E OBJETOS DE USO PESSOAL. ARTEFATOS RITUAIS, MÁGICOS E LÚDICOS

ADORNOS E OBJETOS DE USO PESSOAL

1. Adornos da cabeça e da face

2. **Adornos do tronco**

2.1 Adornos trançados do tronco

2.2 Adornos de cordame e tecidos do tronco

2.3 Adornos plumários do tronco

2.4 Adornos de materiais ecléticos do tronco

3. **Adornos dos membros**

3.1 Adornos trançados dos membros

3.2 Adornos de cordame e tecidos dos membros

3.3 Adornos plumários dos membros

3.4 Adornos de materiais ecléticos dos membros

9. Insígnias de status diferenciado

10. Instrumentália do pajé

11. Instrumentos cirúrgicos e rituais de mortificação

12. Aparelhos para estimulantes e narcóticos

13. Amuletos de uso pessoal

14. Utensílios mnemônicos e de comunicação

15. Utensílios funerários

16. Utensílios mágico-lúdicos

17. Utensílios lúdicos infantis

ÍNDICE ALFABÉTICO DOS ITENS

BIBLIOGRAFIA CITADA

Achero, C. A.
1973 Los motivos labirínticos en América. *Relaciones de la Soc. Argentina de Antropologia,* N. S. VII:259-275, Buenos Aires.

Adovasio, J. M.
1977 *Basketry technology: a guide to identification and analysis.* Chicago. Aldine Manuals in Archeology, 182 p.

Albisetti, C.; Venturelli, A. J.
1962 *Enciclopédia Borôro.* Vol. I – *Vocabulários e Etnografia.* Campo Grande, Museu Regional Dom Bosco, 1.047 p.

Alves Câmara, Antônio
1976 *Ensaio sobre construções navais indígenas do Brasil.* Rio de Janeiro, Cia. Ed. Nacional, 3ª ed., 174 p.

Amsden, Charles
1932 The loom and its prototypes. *American Anthropologist 34* (2): 216-235.

Andrade, A. A. de
1926 Estudo das matérias corantes de origem vegetal, em uso entre os índios do Brasil, e das de que procedem. *Archivos do Museu Nacional* XXVII: 177-199, Rio de Janeiro.

Baldus, Herbert
1942 Aldeia, casa, móveis e utensílios entre os índios do Brasil. *Sociologia* IV (2): 157-172, São Paulo.
1971-2 Os carimbos dos índios do Brasil. *Rev. Mus. Paulista,* N. S. *13*:7-69, São Paulo.
1970 *Tapirapé. Tribo tupí do Brasil central.* São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 511 p.

Baldus, H.; Willems, E.
1939 *Dicionário de etnologia e sociologia.* São Paulo, Bibl. Pedag. Bras. vol. 17, 245 p.

Balfet, Helène
1952 La vannerie: essai de classification. *L'Anthropologie 56*:260-280, Paris. Tradução ao inglês e prefácio de M. A. Baumhoff *in* 1957 *Reports of the Univ. of California Survey* nº 37.
1974 Terminologia de la cerámica. *In:* Leroi-Gourhan et alii p. 186-191.

Barbosa Rodrigues, J.
1892 Museu botânico do Amazonas. Catálogo da Secção Ethnogr. e Archeologia. *Vellosia 7:* 106-112, Rio de Janeiro.
1903 *L'Uiraery ou curare.* Bruxelas.

Baudrillard, Jean
1973 *O sistema dos objetos.* São Paulo, Ed. Perspectiva, 235 p.

Belelli, Celina
1980 La decoración de la cerámica gris incisa de Patagonia (Rep. Argentina). *Rev. Mus. Paulista,* N.S. XXVII: 199-225, São Paulo.

Beltrão, M. da C.; Mello Filho, D.
1963 Ensaios de tipologia lítica brasileira. *Rev. Mus. Paulista,* N. S. XIV: 439-454, São Paulo.

Bird, Junius
1973 Héta weaving. *In: The Héta indians: fish in a dry pond,* Wladimir Kozak et alii. Separata de *Anthropological papers of the Museum of Natural History* vol. 5 parte 6, p. 425-434, N. York.

Bovet, D; Bovet-Nitti, F. & G. B. Marini-Bettolo (Eds.)
1959 *Curare and curare-like agents.* Amsterdam, Elsvier Publ., 478 p.

Bruzzi, Alcionílio
1977 *A civilização indígena do Uaupés.* 2ª ed., Roma, Libreria Ateneo Salesiano, 443 p. (1ª ed. 1962, São Paulo).

Burnham, Dorothy
1980 *Warp and weft: a textile terminology.* Toronto, Royal Ontario Museum, 215 p.

Cameu, Helsa
1977 *Introdução ao estudo da música indígena brasileira.* Rio de Janeiro, Cons. Fed. de Cultura, 295 p.
1979 *Instrumentos musicais dos indígenas brasileiros.* Catálogo de exposição, Rio de Janeiro, FUNARTE.

Carvalho, Eliana T. de
1984 *Estudo arqueológico do sítio Corondó.* Missão de 1978. Rio de Janeiro, Inst. de Arqueologia Brasileira (IAB), série Monografias nº 2, 243 p.

Cavuscens, S.; Neves, L. J. de O.
1986 *Povos indígenas do vale do Javari.* Manaus, Campanha Javari, 60 p.

Chiara, Vilma
1986 Armas: bases para uma classificação. *In:* D. Ribeiro (ed.) vol. 2: 117-137.

Chmyz, Igor et alii
1966 *Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica.* Curitiba, Univ. Fed. Paraná, Parte I: 34 p.; Parte II: 10 p.

Costa, M. H. Fénelon; Monteiro, M. H. Dias
1968-69 Dois estilos plumários: barroco e clássico no Xingu. *Rev. Mus. Paulista,* N. S., *18*: 127-143, São Paulo.

Cruls, Gastão
1945 *A Amazônia que eu vi.* 3ª ed., São Paulo, Melhoramentos.

1952 Arte indígena. *In: As artes plásticas do Brasil,* Rodrigo M. F. de Andrade (ed.), Rio de Janeiro, p. 73-110.

Damy, A. S. A.; Hartmann, Thekla
1986 As coleções etnográficas do Museu Paulista: composição e história. *Rev. Museu Paulista,* N. S. XXXI: 220-273, S. Paulo.

Dorst, J.; Erard, C.
1985 Les oiseaux du Brésil et leur utilisation par les indiens dans l'art plumassier: le point de vue de l'ornithologiste. *In:* D. Schoepf p. 29-40.

Dorta, Sonia Ferrato et alii
1980/
1981 *Arte plumária do Brasil.* Catálogo da exposição. Brasília, Fund. Nacional pró-Memória/SPHAN, 76 p.
1981 *Paríko. Etnografia de um adorno plumário.* São Paulo, Col. Mus. Paulista, Etnologia 4, USP, 269 p.
1986 Plumária Borôro. *In:* D. Ribeiro (Ed.) vol. 3: 227-236.

Ehrenreich, Paul
1948 Contribuições para a etnologia do Brasil. *Rev. Mus. Paulista,* N. S. II: 7-136, São Paulo.

Emery, Irene
1966 *The primary structures of fabrics.* An illustrated classification. Washington, The Textile Museum, 339 p.

Emery, I.; Fiske, Patrícia (Eds.)
1977 *Ethnographic textiles of the Western hemisphere.* Washington, The Textile Museum, 535 p.

Farabee, W. C.
1918 *The central Arawaks.* Univ. of Pennsylvania. The University Museum. Philadelphia, Anthropological publications vol. IX, 288 p.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda
s/d *Dicionário Aurélio. Novo dicionário da língua portuguesa.* 1ª ed. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1.517 p.

Frikel, Protásio
1953 Kamáni. *Rev. Mus. Paulista,* N. S. VII: 252-274. São Paulo.
1961 Mori, a festa do rapé. Índios Kachuyana, rio Trombetas. *Bol. Museu Emílio Goeldi,* Antropologia 12, Belém, 34 p.
1968 *Os Xikrin.* Equipamento e técnicas de subsistência. Publ. avulsas Museu Emílio Goeldi 7, Belém, 119 p.
1973 *Os Tiriyó.* Seu sistema adaptativo. Hannover, Münstermann-Druck K. G., 323 p.

Frödin, O.; Nordenskiöld, E.
1918 Über swimen und spinnen bei den indianern südamerikas. Göteborg, *Göteborg Kungl. Vet. Vitt. Sam. Handl.* ser. 4, vol. 19, 118 p.

Fuerst, René
1967 Dissemblances matérielles chez les indiens Kayapó du Brésil central. *Bulletin Societé Suisse des Américanistes, 31:* 17-34, Genebra.

Gallois, Dominique et alii
1986 Exposição do acervo etnográfico do Depto. de ciências sociais, FFLCH, Universidade de São Paulo. Mimeogr., 27 p.

Garcia, Marcolina M.
1981 *Tecelagem artesanal. Goiás.* Goiânia, Ed. Univ. Fed. de Goiás, 188p.

Glenboski, Linda L.
1975 *Ethnobotany of the Tukuna indians, Amazonas, Colombia.* Dissertação de doutorado, Univ. Alabama. Univ. Microfilms, Ann Arbor, Michigan, 270 p. 2ª ed. 1983, Univ. Nac. Colombia, Bogotá, Inst. Ciências Naturales, Bibl. J. J. Triana nº 4.

Goldman, Irving
1963 *The Cubeo. Indians of the northwest Amazon.* Illinois Studies in Anthropology nº 2. Urbana, The Univ. of Illinois Press, 305 p.

Gomes, Hagar Espanha
s/d Elaboração de tesauros e a necessidade de definir /inédito/ 17 p. dat.

Gomes Hagar E. et alii
1984 Diretrizes para a elaboração de tesauros monolingües /inédito/ Brasília, IBICT, 70 p. datil.

Gruber, Jussara
1982 Arte e tecnologia dos índios Tukúna. I. Cerâmica. Museu Nacional, Rio de Janeiro /inédito/ datil.
s/d Tecidos e corantes dos índios Tukúna. Museu Nacional, Rio de Janeiro /inédito/ datil.

Grünberg, Friedl & Georg
1967 Die materielle kultur der Kayabí-indianern. Bearbeitung einer ethnographischen sammlung. Separata de: *Archiv für Völkerkunde,* Museum für Völkerkunde im Selbstverlag, Viena, 89 p.

Hartmann, Günther
1986 *Unter indianern in zentral-Brasilien.* Berlin, Dietrich Reimer Verlag, 323 p.

Heath, E. G.; Chiara, Vilma
1977 *Brazilian indian archery.* A preliminary ethnotoxological study of the archery of the Brazilian indians. Manchester, The Simon Archery Foundation, Manchester Museum, 188 p.

Hodges, Henry
1964 *Artifacts. An introduction to early materials and technology.* Londres, J. Baker.

Ihering, Rodolfo von
1968 *Dicionário dos animais do Brasil,* Brasília, Univ. de Brasília, 2ª ed. 790 p.

Izikowitz, Karl G.
1970 *Musical instruments of the South American Indians.* Reimpressão E. P. Group of Companies, Londres. 1ª ed.: 1935, Goteborg.

Kensinger, Kenneth M. et alii
1975 *The Cashinahua of eastern Peru.* The Haffenreffer Museum of Anthropology, Brown University. Studies in anthropology and material culture, Bristol, 237 p.

Klintowitz, Jacob
1986 *Máscaras brasileiras.* S. Paulo, Projeto cultural Rhodia, 217 p.

Koch-Grünberg, Theodor
1908 Jadg und waffen bei den indianern Nordwestbrasiliens. *Globus* XCIII: 197-203, 215-221, Braunschweig.

1909/
1910 *Zwei jahre unter den indianern nordwest Brasiliens.* Reisen in Nordwest Brasilien 1903/1905. Vol. I: 1929, 355 p.; vol. II: 1910 413 p. Berlim. Edição resumida: 1923, Stuttgart.
1982 *Del Roraima al Orinoco.* Vol. 3. *Etnografia.* Caracas. Ed. Banco Central de Venezuela, 368 p. Trad. do original em alemão: *Vom Roraima zum Orinoco,* 1917-1918, Berlim.

Krause, Fritz
1941/
1944 *Nos sertões do Brasil.* Publicado em capítulos pela *Rev. Archivo Municipal de S. Paulo,* vols. LXVI-XCV, São Paulo. Original em alemão: *In den wildnissen Brasiliens,* 1911, Berlim.

La Penha, Guilherme de (Ed.)
1986 *O Museu Paraense Emílio Goeldi.* Belém, Banco Safra, 287 p.

Le Cointe, Paul
1947 *Árvores e plantas úteis (indígenas e aclimadas) Amazônia brasileira.* São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 2ª ed., 506 p.

Leroi-Gourhan, André et alii
1974 *La prehistoria.* Nueva Clio: la historia y sus problemas. Barcelona, Ed. Labor, 331 p.

Leroi-Gourhan, André
1974 Terminología de la piedra y el hueso. *In:* Leroi-Gourhan et alii, p. 154-187.
1974a Cuadros de morfología descriptiva. *In:* Leroi-Gourhan et alii, p. 157-185.

Lévi-Strauss, C.
1986 O uso das plantas silvestres na América do Sul tropical. *In:* D. Ribeiro (Ed.) vol. 1:29-46. Tradução do original em inglês: *Handbook of South American Indians,* 1949 V:465-486. Washington.

Lima, Tânia Andrade
1985 Cerâmica indígena brasileira. *In:* D. Ribeiro (Ed.), vol. 2:173-229.

Ling Roth, H.
1916/
1918 Studies in primitive looms. *Journal Anthropological Institute 46:* 284-308, 1ª parte, 47:103-144, 2ª parte, Londres.

Linné, Sigvald
1934 Archaeological researches at Teotihuacan, Mexico. *The Ethnographical Museum of Sweden* (Riksmuseet Etnografiska Avdelning), N. S. publ. nº 1.

Lizot, Jacques
1980 La agricultura Yanomami. *Antropologica 53:* 3-93, Caracas.

Marois, R.; Scatamacchia, M. C. M.
1986 Estudo comparativo de termos franceses, ingleses, espanhóis e portugueses relacionados com as técnicas decorativas da cerâmica pré-histórica /inédito/ São Paulo.

Mason, Otis T.
1976 *Aboriginal american indian basketry.* Studies in a textile art without machinery. 2ª ed., Santa Barbara, Peregrine Smith. 1ª ed.: 1904.

Maybury-Lewis, David
1984 *A sociedade Xavante.* Rio de Janeiro, Francisco Alves Ed., 400 p. Edição original em inglês: 1967, Londres.

Meggers, Betty J.; Evans, Clifford
1970 *Como interpretar a linguagem da cerâmica.* Manual para arqueólogos. Washington, Smithsonian Institution, mimeogr., 111 p.

Melatti, Delvahir M.
1985 *O mundo dos espíritos. Estudo etnográfico dos ritos de cura Marúbo.* Dissertação de doutorado, Univ. de Brasília, Brasília, mimeogr., 601 p.

Métraux, Alfred
1928 Une découverte biologique des indiens de l'Amérique du Sud: la décoloration artificielle des plumes sur les oiseaux vivantes. *Journal de la Société des Américanistes de Paris,* N. S., XX: 181-192, Paris.
1986 Armas. *In:* D. Ribeiro (Ed.) vol. 2:139-161. Tradução do original em inglês: *Handbook of South American Indians* 1949, V: 229-263, Washington.

Montandon, George
1934 *Traité d'ethnologie culturelle.* L'ologènése culturelle. Cyclo-culturelle et d'ergologie systématiques. Paris, Payot, 778 p.

Netto, Ladislau
1870 *Investigações históricas e scientificas sobre o Museu Imperial e Nacional,* Rio de Janeiro, Inst. Philomatico, 310 p. apêndice.

1877 Apontamentos sobre os tembetás da coleção archeologica do Museu Nacional. *Archivos do Museu Nacional*, II: 105-141. Rio de Janeiro.

Newton, Dolores
1971 *Social and historical dimensions of Timbíra material culture*. Dissertação de doutorado, Harvard University, Cambridge, Mass., 342 p. /inédito/

Nicola, Norberto; Dorta, Sonia F.
1986 *Aroméri. Arte plumária indígena*. São Paulo, Mercedes-Benz do Brasil, 128 p.

Nimuendaju, Curt
1939 *The Apinayé*. Washington, The Catholic Univ. of America Press, Anthrop. series nº 8, 189 p. Edição em português. 1956, Museu Goeldi, Belém.
1946 *The eastern Timbira*. Trad. e ed. de Robert Lowie. Berkeley, Univ. of California Press, Publ. in Archaeol. & Ethnol. 357 p.
1952 *The Tukuna*. Berkeley, Univ. California Press, Publ. in Archaeol. and Ethnol. vol. 45, 209 p.

Nordenskiöld, Erland
1924 *The ethnography of South America seen from Mojos in Bolivia*. Comparative ethnographical studies nº 3. Göteborg.

Oliveira, J. C. Barbosa de et alii
1985 *Memória da farmácia*. Glossário de termos farmacêuticos. Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho/Lab. Roche /inédito/ 287 p. datil.

O'Neale, Lila
1986 Cestaria. *In:* D. Ribeiro (Ed.) vol. 2:323-349. Tradução do original em inglês: *Handbook of South American Indians*, V:69-96, Washington.

Ortiz, Fernando
1952/
1955 *Los instrumentos de la musica afro-cubana*. Havana, Dir. Cultura, Min. Ed., 5 volumes.

Paiva, Orlando Marques (Ed.)
1984 *O Museu Paulista da Universidade de São Paulo*. São Paulo, Banco Safra, 317 p.

Perez-Arbelaez, E.
1959 Curares in northwest Colombia. *In:* D. Bovet et alii (Eds.) p. 60-66.

Pinto, Estevão
1953 As máscaras de dança dos Pancaruru de Tacarutu. *Bol. Soc. Geogr. de Lisboa 1* (3): 35-44. Lisboa.

Pio Correa, M
1926/
1978 *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. vol. 1: 1926; vol. 2: 1931; vol. 3: s/d; vol. 4: 1969; vol. 5: 1978; vol. 6; 1978. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura/IBDF.

Prance, Ghillean T.
1986 Etnobotânica de algumas tribos brasileiras. *In:* D. Ribeiro (Ed.), vol. 1:119-133.

Real Instituto de Antropologia da Grã-Bretanha e Irlanda
1973 *Guia prático de Antropologia*. S. Paulo, Cultrix, 431 p. Tradução do original em inglês: *Notes & Queries in Anthropology*. Londres.

Ribeiro, Berta G.
1957 Bases para uma classificação dos adornos plumários dos índios do Brasil. *Arquivos do Museu Nacional 43:*59-128. Reedição revista *In:* D. Ribeiro (Ed.) vol. 3:189-226. 1986.
1980 *A civilização da palha. A arte do trançado dos índios do Brasil*. Dissertação de doutorado, Fac. Fil. Letras e C. Humanas, Univ. de S. Paulo, São Paulo /inédito/ 451 p. datil., apêndice.
1982 A oleira e a tecelã: o papel social da mulher na sociedade Asuriní. *Rev. de Antropologia 25:* 25-61, São Paulo.
1983 Araweté: a índia vestida. *Rev. de Antropologia 26:* 1-38, São Paulo.
1984/
1985 Tecelãs Tupi do Xingu: Kayabí, Jurúna, Asuriní, Araweté. *Rev. de Antropologia 27-28:* 355-402, São Paulo.
1985 *A arte do trançado dos índios do Brasil*. Um estudo taxonômico. Belém, Museu Goeldi/INF/MEC, 165 p.
1986a A arte de trançar: dois macro-estilos, dois modos de vida. Glossário dos trançados. *In:* D. Ribeiro (Ed.) vol. 2: 283-321.
1986b Artes têxteis indígenas do Brasil. Glossário dos tecidos. *In:* D. Ribeiro (Ed.) vol. 2:351-395.

Ribeiro, Berta G.; Mello Carvalho, J. C.
1959 Curare: a weapon for hunting and warfare: *In:* D. Bovet et alii p. 34-59.

Ribeiro, Darcy
1980 *Kadiwéu. Ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza*. Petrópolis, Vozes, 318 p. Reedição de: Arte dos índios Kadiwéu, *Cultura*, Rio de Janeiro, 1950, *4:* 145-190.

Ribeiro, Darcy (Ed.)
1986 *Suma etnológica brasileira*. Edição atualizada do *Handbook of South American Indians*. Vol. 1: *Etnobiologia*, 302 p.; vol. 2: *Tecnologia indígena*, 446 p.; Vol. 3: *Arte índia*, 300 p. Coordenação de Berta G. Ribeiro, Petrópolis, Vozes/FINEP.

Ribeiro, Darcy; Ribeiro, Berta G.
1957 *Arte plumária dos índios Kaapor*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 146 p.

Ridgway, Robert
1912 *Color standards & color nomenclature*. Washington.

Rodrigues, Ivelise; Figueiredo, Napoleão
1982 *Catálogo das coleções etnográficas do Museu Paraense Emílio Goeldi e Universidade Federal*

do *Pará.* Série Guias n? 5. Belém, MPEG/CNPq, 35 p.

Rohr, João Alfredo, S. J.
1976/
1977 Terminologia queratosseodontomalogológica. *Anais do Museu de Antropologia,* da Univ. Fed. Sta. Catarina *9-10:* 5-81, Florianópolis.

Roquette-Pinto, Edgar
1917 *Rondonia.* Antropologia. Etnographia. *Archivos do Museu Nacional,* XX: 1-252. Rio de Janeiro, Imprensa oficial.

Roth, Walter E.
1924 *An introductory study of the arts, crafts and customs of the Guiana indians. 38th. Ann. Rep. Bur. Amer. Ethnology,* 1916-17, p. 25-745. Washington, Smithsonian Institution. *Segunda edição facsimilar:* 1970, Johnson's Reprint, N. York.
1929 Additional studies of the arts, crafts and customs of the Guiana Indians. *Bur. Amer. Ethnology,* Bull. 91, Washington, 110 p.

Ryden, Stig
1943 Negative painting among South American Indians. *Ethnos* VIII: 96-103, Stocolmo.

Sachs, Curt
1947 *Historia universal de los instrumentos musicales.* Buenos Aires, Centurion.

Schmidt, Max
1913/
1914 Die Paresí-Kabisi. *Baessler-Archiv 4* (1): 167-251, Berlim.
1942 Los Kayabis en Mato Grosso (Brasil). *Rev. de la Sociedad Científica del Paraguay 5* (6): 1-34, Assunção.

Schmidt, Wilhelm Pe.
1942 *Ethnologia sul-americana.* Trad. de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo, Cia. Ed. Nac., 245 p. Título original em alemão: *Kulturkreise und kulturschichte in Südamerika,* 1913, Berlim.

Schoepf, Daniel
1971 Essai sur la plumasserie des indiens Kayapó, Wayana et Urubu, Brésil. *Bull. Annuel du Musée d'Ethnographie de Genéve, 14:* 15-68. Genebra.
1985 *L'art de la plume chez les indiens de l'Amazonie.* Catalogue d'expositions. Musée d'Ethnographie de Genéve. Genebra, 157 p.

Schomburg, Richard
1847 *Reisen in British Guiana in den jahren 1840-1844.* Vol. I, Leipzig, J. J. Weber.

Seeger, Anthony
1986 Novos horizontes na classificação dos instrumentos musicais. *In:* D. Ribeiro (Ed.) vol. 3:173-179.

Seiler-Baldinger, Annemarie
1979 *Classification of textile techniques.* Ahmebadad, India, Museum of Textiles, 114 p. Edição original em alemão: 1973, Basiléia, Suiça.
1979a Hangematten-Kunst: textile ausdrucksform bei Yagua und Ticuna-indianern Nordwest-Amazonies. *Verth. Naturf. Gessells. in Basel 90:* 61-130, Basiléia.

Silva, Marlene Freitas da; Lisboa, Pedro L. B.; Lisboa, Regina C. L.
1977 *Nomes vulgares de plantas amazônicas.* Manaus, INPA/CNPq, 222 p.

Simões, Mário F.
1963 Guia para a classificação e descrição de material etnográfico: arco, flecha, zarabatana. Belém, Museu Goeldi /inédito/.

Steinen, Karl von den
1940 *Entre os aborígenes do Brasil central.* Separata da *Revista do Archivo Municipal* de S. Paulo, vols. XXXIV a LVIII, São Paulo, Dept. de Cultura, 714 p.

Stirling, M. W.
1938 Historical and ethnographical materials on the Jivaro indians. *Bur. of American Ethnology,* Bull. 117, Washington.

Sturtevant, William C.
1969 *Guide to field collecting of ethnographic specimens.* Smithsonian Institution, 69 p.

Taveira, Edna de Melo
1982 *Etnografia da cesta Karajá.* Col. Teses, Goiânia, Univ. Fed. Goiás Ed. 210 p.. Edição consultada: 1978 (datil.).

Teixeira, Dante Martins
1983 Um estudo da etnozoologia Karajá: o exemplo das máscaras de aruanã. *In:* B. G. Ribeiro et alii, *O artesão tradicional e o seu lugar na sociedade contemporânea,* Rio de Janeiro, INF/FUNARTE, p. 213-232.
1984 Tapiragem. *Ciência hoje 3* (15): 42-46. Rio de Janeiro, SBPC.

Tessman, Günther
1930 *Die indianer nordost-Perus.* Hamburgo, 856 p.

Travassos, Elizabeth
1986 Glossário dos instrumentos musicais. *In:* D. Ribeiro (Ed.) vol. 3:180-188.

Vellard, J.
1959 La préparation des curares indiens: légendes et réalités. *In:* D. Bovet et alii p. 3-33.

Velthem, Lúcia H. van
1975 Plumária Tukâno. *Bol. Mus. Par. Emílio Goeldi,* N. S., Antropologia n.º 57, Belém, 29 p.
1976 Representações gráficas Wayâna-Aparai. *Bol. Mus. Par. Emílio Goeldi,* N. S. Antropologia n.º 64, Belém, 19 p.
1984 *A pele de Tulupere: estudos dos trançados Wayana-Aparai.* Dissertação de mestrado, Fac. F. L. e C. Humanas, Univ. S. Paulo, 307 p. apêndice.

1986 Equipamento doméstico e de trabalho. *In:* D. Ribeiro (Ed.) vol. 2:95-108.

Viet, Jean (Org.)
1983 *Thesaurus internacional de desenvolvimento cultural.* Rio de Janeiro, Fundação Rui Barbosa, MEC/SEC, 503 p.

Vincent, William Murray
1986 Máscaras. Objetos rituais do alto rio Negro. *In:* D. Ribeiro (Ed.) vol. 3:151-171.

Wagley, Charles
1977 *Welcome of tears. The Tapirapé indians of central Brazil.* N. York, Oxford Univ. Press, 328 p.

Wagley, Charles; Galvão, Eduardo
1961 *Os Tenetehara. Uma cultura em transição.* Rio de Janeiro, Min. Educ. e Cult., 236 p.

Yde, Jens
1965 *Material culture of the Waiwai.* Copenhague, The National Museum of Copenhage, 329 p.

Zerries, Otto
1978 Das ausserandine Südamerika. *In:* Elsy Leuzer (Ed.): *Die kunst der naturvölker.* Propyläenkunstgeschichte, p. 271-288, Berlim, Propyläen Verlag.
1980 *Unter indianern Brasiliens.* Sammlung Spix und Martius 1817-1820. Austria, Pinguin-Verlag, 282 p.
1981 Atributos e instrumentos rituais do xamã na América do Sul não-andina e o seu significado. *In:* T. Hartmann & V. P. Coelho (org.), *Contribuições à antropologia em homenagem ao professor Egon Schaden,* Col. Museu Paulista, série Ensaios nº 4:319-359, São Paulo.

Zevi, Fausto et alii
1983 *Indios del Brasile. Culture che scompaiono.* Catálogo da exposição na Curia del Senato ao Foro Romano, setº/1983-Janº/1984. Roma, De Luca Editore, 161 p.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

10 CERÂMICA
Prancha I

1. Arapaí, índia Asuriní, aplicando o padrão *taingawa* (sobrenatural antropomorfo) com pigmento de óxido de ferro sobre pote de cerâmica. Aldeia Koatinemo, igarapé Ipiaçava, médio Xingu, sul do Pará. Foto Fred Ribeiro, 1981.
2. Close do tracejamento na peça da figura. 1.
3. Vitrificação com resina de jatobá na peça da figura 1.
4. Ceramista dando os últimos retoques em Boneca Karajá. Índios Karajá, ilha do Bananal, Goiás. Foto Pedro Lobo.
5. Tigela e bilha pintadas com padrões labirínticos e vitrificadas. Índios Konibo, rio Ucaiali. Coleção particular, foto Pedro Lobo.
6. Tigela com pintura em negativo. Índios Kaxináwa, Acre. Cortesia de Regina Müller.

Prancha II

7. Mbuiá espremendo o ácido prússico da polpa da mandioca em panela gameliforme. Índios Asuriní, foto Fred Ribeiro, 1981.
8. Teporí assando beiju em torrador de cerâmica sustentado sobre trempe de barro. Notar as panelas gameliformes usadas no processamento da mandioca. Índios Yawalapití, Parque Indígena do Xingu, foto Fred Ribeiro, 1980.
9. Trempes de barro ornadas com pintura de padrões característicos do alto Xingu: motivos cobra e peixe pacu. Índios Yawalapití, col. particular, foto Pedro Lobo.
10. Vasilhas Waurá, coleção particular. Seqüência da esquerda para a direita: tigela cabaciforme, duas panelas gameliformes em miniatura, taça-chocalho de cerâmica. Foto Pedro Lobo.
11.
12. Tigelas dos índios Kadiwéu com ornamentação gravada e pintada. Coleção particular, foto Pedro Lobo.

20. TRANÇADOS
Prancha III

13. Ipó, índio Kayabí descorticando a taquarinha *(Arundinaria* sp.) para extrair uma finíssima tala a ser usada no trançado de apá. Posto Indígena Diauarum, Parque Indígena do Xingu, foto Fred Ribeiro, 1980.
14. Apás dos índios Kayabí: trançado de taquarinha, pintura com seiva de jequitibá dos motivos *taangap* (sobrenatural), a apá maior, e sementes de milho, a menor. Coleção particular, foto Pedro Lobo.
15. Colmos de arumã *(Ischnosiphon* sp.) descascados, prontos para serem reduzidos a talas. Índios Tukâno, Missão Salesiana Iauareté, rio Uaupés, Amazonas. Foto B. G. Ribeiro, 1978.
16. Cestos tigeliformes em miniatura, trançado costurado com palha de folha de buriti. Índios Krahó, col. Museu Nacional, Foto Pedro Lobo.
17. Cestos-cargueiros gameliformes no interior da casa de Kanato. Foram confeccionados para um *moitará* (ritual de troca). Índios Yawalapití, sul do Parque Indígena do Xingu. Foto Fred Ribeiro, 1980.
18. Cesto bornaliforme com tampa. Índios Xerente, coleção particular, foto Pedro Lobo.

Prancha IV

19. Abano trançado de folha flabeliforme de carandá. Índios Kadiwéu, coleção particular, foto Pedro Lobo.
20. Lavagem da polpa da mandioca com uso da esteirinha *tuaví.* Índios Yawalapití, foto Fred Ribeiro, 1980.
21. Cesto estojiforme trançado com talas de arumã. Índios das Guianas, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
22. Cesto-cargueiro coniforme trançado hexagonal com talas de arumã. Índios Paresí, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
23. Coroa trançada em processo de confecção: talas do pecíolo do buriti entramadas com casca de cipó imbé *(Philodendron* sp.). Índios Jurúna, rio Manitsauá-missu, Parque Indígena do Xingu, foto Fred Ribeiro, 1980.
24. Patrona (cesto estojiforme). Trançado enlaçado flexível com talas de taquarinha e fio de algodão. Índios Asuriní, coleção particular, foto Domingos Lamônica.

30 CORDÕES E TECIDOS
Prancha V

25. Tepori retirando a seda do olho da folha nova do buriti para fiar linha. Desse broto ainda serão extraídos a palha e a nervura para os trançados. Índios Yawalapití, foto Fred Ribeiro, 1980.
26. Tximaio fiando a seda do buriti. Ao lado, um novelo dessa fibra. Índios Yawalapití, foto Fred Ribeiro, 1980.
27. Fusos usados na fiação do algodão. Índios Kayabí, col. particular, foto Pedro Lobo.
28. Pausa na fiação do algodão. Índia Araweté, igarapé Ipixuna, tributário do médio Xingu, sul do Pará. Foto Fred Ribeiro, 1981.
29. Braçadeira tecida pela técnica de croché com fio de algodão sendo pintada de urucu. Índios Mentuktíre (ou Txukahamãe), aldeia Kretíre, norte do Parque Indígena do Xingu. Foto Fred Ribeiro, 1980.
30. Agulhas de croché de osso de mutum. Índios Asuriní, col. Museu Nacional, foto Domingos Lamônica.

Prancha VI

31. Apeona terminando a tecedura de uma rede de algodão, já em uso, mediante entretorcido compacto. Índios Asuriní, foto Fred Ribeiro, 1981.
32. Detalhe da tecedura da rede da foto 31.

33.
34. Trabalho em malha: início e término de tecelagem (enlace interconectado figura-de-8) de saco-cargueiro com fio de tucum. Índios Txikão, sul do Parque Indígena do Xingu, foto Fred Ribeiro, 1980.

Prancha VII

35. Mulheres Araweté com traje completo — saia-cinta, saia, tipóia (também usada como tubo-lenço para a cabeça) — a caminho da aldeia. Foto Fred Ribeiro, 1981.
36. Tear com varas alçadas e urdidura na horizontal. Tecelagem de saia segundo a técnica de entretorcimento. Índios Araweté, foto Fred Ribeiro, 1981.
37. Tecedura de tipóia de algodão (entretecido sarjado) em tear em arco (ou tipo Ucaiali). Índios Txikão, sul do Parque Indígena do Xingu, foto Fred Ribeiro, 1980.
38. Detalhe de tipóia: tecido sarjado de algodão. Repare-se o padrão labirinto e a faixa amarelo-mostarda obtida com açafrão-da-terra. Índios Jurúna, foto Fred Ribeiro, 1980.

40 ADORNOS PLUMÁRIOS

Prancha VIII

39. Coifa com cobre-nuca: plumagem peitoral e caudal de araracanga com arremate de tufos de plumas de mutum. Índios Mundurukú, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
40. Grinalda com cobre-nuca: penas e plumas de arara e mutum. Índios Mundurukú, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
41. Jarreteira emplumada: plumas de araracanga, arara canindé e mutum. Índios Mundurukú, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
42. Toucado em processo de confecção: penas caudais de araracanga e arara azul. Índios Mentuktíre, aldeia Kretíre, Parque Indígena do Xingu, foto Fred Ribeiro, 1980.
43. Emplumação de coifa com penas de garça e de gavião. Índios Jurúna, rio Manitsauá-missu, Parque Indígena do Xingu, foto Fred Ribeiro, 1980.

Prancha IX

44. Coroa vertical emplumada com plumas peitorais de araracanga. Índios Karajá, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
45. Menina Karajá usando brincos com pingentes de rosetas de plumas de araracanga. Foto Pedro Lobo.
46. Leque do occipício: penas de arara azul, gavião e garça. Índios Karajá, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
47. Brincos de plaquetas emplumadas. Índios Borôro, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
48. Diadema verticial rotiforme: penas longas de arara e papagaio. Índios Borôro, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.

Prancha X

49. Braçadeiras emplumadas: plumas do papo do tucano, urupígeas e abdominais (esfiapadas) de araracanga. Índios Kaapor, col. particular, foto Pedro Lobo.
50. Diadema horizontal: penas caudais de japu, peitorais de arara, mutum e pomba trocal; pingentes de plumas de cerebídeos e de cotingídeos. Índios Kaapor, col. particular, foto Pedro Lobo.
51. Colar-apito emplumado: penas de araracanga, anambé azul, saí e ararimba grande. Índios Kaapor, col. particular, foto Pedro Lobo.
52. Índio do Nordeste usando coroa horizontal e pingente dorsal emplumado. Óleo do pintor holandês Albert Eckhout, vindo ao Brasil com Maurício de Nassau (1637-1644). Cortesia de *Ciência Hoje.*
53. Colares emplumados femininos: plumas do papo de tucano, caudais e peitorais de anambé azul e de saurá. Índios Kaapor, col. particular, foto Pedro Lobo.
54. Labretes emplumados: pena longa de arara com recamo em mosaico de plumas de anambé azul e de saí. Índios Kaapor, col. particular, foto Pedro Lobo.

50 ADORNOS DE MATERIAIS ECLÉTICOS, INDUMENTÁRIA E TOUCADOR

Prancha XI

55. Índio Suyá com botoque. Ao fundo, a cobertura de sapé de maloca do tipo xinguano. Aldeia Suyá, norte do Parque Indígena do Xingu, foto Fred Ribeiro, 1981.
56. Colar pingente de quartzo e ornato plumário. Índios do rio Uaupés, afluente do alto rio Negro, Amazonas. Col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
57. Coroa garras de onça. Índios Borôro, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
58. Colar dentes recortados de osso. Índios Makuxí, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.

Prancha XII

59. Colar dentes em camadas superpostas. Índios Kayabí; col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
60. Menino Mentuktíre (ou Txukahamãe) paramentado com colar dentes de mamífero, bem como colar, braçadeiras e brincos de miçangas. Aldeia Kretíre, PIX, foto Fred Ribeiro, 1980.
61. Ayupu, índio Kamayurá envergando paramentos de festa: colar plaquetas retangulares de caramujo, diadema vertical e brincos emplumados. Aldeia Yawalapití, Parque Indígena do Xingu, foto Fred Ribeiro, 1981.
62. À esquerda: colar plaquetas retangulares de caramujo pronto para o uso; à direita, um colar contas de caramujo, pronto, e outro faltando limar. Na foto vêem-se, ainda: pedra esculpida em diabásio de machado arqueológico e pedaço de machado; contas discóides e peças retangulares soltas, bem como o caramujo de que são feitas (provavelmente do gênero *Megalobulimus).* Índios Yawalapití, PIX, foto Fred Ribeiro, 1980.

Prancha XIII

63. Mará, índia Asuriní, exibindo a joalheria de sua tribo: colares dentes recortados de osso e colares fragmentos de coco e mutum. Foto Fred Ribeiro, 1981.
64. Fragmentos de coco tucum e de osso de mutum, perfurados e enfiados em cordel, colocados na calha aberta num pedaço de pecíolo da folha de babaçu, a fim de receber um polimento que os arredonde. Antigamente isso era feito com pedras, hoje com esmeril. Índios Asuriní, foto Fred Ribeiro, 1981.
65. Pente duplo de uma haste. Índios Desâna, col. particular, foto Pedro Lobo.

66. Pente singelo de uma haste com pingentes de rosetas de plumas. Índios Kaapor, col. particular, foto Pedro Lobo.

Prancha XIV

67. Uakunapu (Waurá casado com Txikão), mostrando dois cintos de miçangas com desenho de bandeira brasileira. Aldeia Txikão, sul do Parque Indígena do Xingu, foto Fred Ribeiro, 1980.
68. Avental de líber ornamentado com padrões geométricos, de uso masculino. Índios do rio Uaupés, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
69. Peitoral unhas tatu canastra. Índios Borôro, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
70. Sobrecinto de sementes negras de cana da índia *(Cana indica)* e brancas de lágrimas de N. Senhora, arrematadas com flores de plumas. Índios Kaapor, col. particular, foto Pedro Lobo.

60 INSTRUMENTOS MUSICAIS

Prancha XV

71. Índios Yawalapití, durante um ritual, tocando flauta reta sem orifícios. Aldeia Yawalapití, Parque Indígena do Xingu, foto Fred Ribeiro, 1980.
72. Flautas retas de osso, índios Tukâno, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
73. Flauta nasal de cabaça e flauta reta de taquara sem aeroduto, índios Nambikuára, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
74. Chocalho globular de cabaça gravada ornado de plumas. Índios Borôro, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.

70 ARMAS

Prancha XVI

75. Bordunas côncavo-convexas espatuladas: detalhe das empunhaduras com revestimento trançado. Índios Kayabí, col. particular, foto Pedro Lobo.
76. Bordunas circulares lisas. Índios Karajá, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
77. Clava retangular cồncavolínea. Índios do rio Uaupés, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
78.
79 Flecha serrilhada bilateral e flecha lanceolada-biserrilhada; emplumação tangencial de penas inteiras. Col. Museu Nacional, sem identificação de tribo, foto Pedro Lobo.
80. Modo de uso de arco e flecha: demonstração feita com flecha de ponta lanceolada arqueada. Índios Araweté, igarapé Ipixuna, afluente do médio Xingu, sul do Pará, foto Fred Ribeiro.

80 UTENSÍLIOS E IMPLEMENTOS DE MADEIRA E OUTROS MATERIAIS

Prancha XVII

81. Tiramidi, garoto de 10 anos, socando grãos de milho maduro em pilão vasiforme. Índios Araweté, Igarapé Ipixuna, afluente do médio Xingu, sul do Pará. Foto Fred Ribeiro, 1981.
82. Pemeri ralando milho em ralador raiz de paxiúba para preparar mingau. Índios Asuriní, foto Fred Ribeiro, 1981.
83. Machado de pedra encabado-cimentado. Índios Nambikuára, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
84. Remo espatular com decoração pintada. Índios Karajá, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
85. Índia Tupí do Nordeste portando cabaça para transporte de água, o filho de colo e um cesto-cargueiro. Óleo do pintor holandês Albert Eckhout (1637-1644) vindo ao Brasil com Maurício de Nassau. Cortesia de Leonel Kaz.
86. Formão e respectivo amolador. Índios Araweté, col. Museu Nacional, foto Domingos Lamônica.
87. Tsoaviné usando o formão de dente de cotia para afilar a ponta da flecha. Índios Araweté, foto Fred Ribeiro, 1981.

90 OBJETOS RITUAIS, MÁGICOS E LÚDICOS

Prancha XVIII

88. Cetro emplumado: plumagem de araracanga, papagaio e mutum. Índios Mundurukú, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
89. Máscara antropomorfa rio Negro feita de líber – entrecasca de árvore do gênero *Ficus* – com ornamentação de padrões convencionais. Índios do Uaupés, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
90. Escudo trançado de uso cerimonial. Índios Desâna, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
91. Máscara cara-grande Tapirapé revestida de mosaico de plumagem de araracanga e arara azul. Índios Tapirapé, col. Museu Nacional, foto Ricardo Moderno.

Prancha XIX

92.
93. Máscaras de aruanã com capacete emplumado envergadas por índios Karajá durante um ritual. Aldeia Karajá, ilha do Bananal, foto Pedro Lobo.

Prancha XX

94. Máscara antropomorfa Tukúna: base trançada revestida de líber pintado. Col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
95. Saia franjas de palha usada como complemento de indumentária de dança. Índios Yawalapití, Parque Indígena do Xingu, foto Fred Ribeiro, 1980.
96. Figura de cera: objeto para folguedo infantil. Índios Tapirapé, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.
97. Porta-cigarro esculpido em madeira. Índios do rio Uaupés, afluente do alto rio Negro, col. Museu Nacional, foto Pedro Lobo.

A presente edição de DICIONÁRIO DO ARTESANATO INDÍGENA, de Berta G. Ribeiro, Apresentação de Theka Hartmann, do Museu Paulista e Prefácio da Autora. Projeto: Nomenclatura das Coleções Etnográficas, apoio da Coordenadoria Geral de Acessos Museológicos, Fundação Pró-Memória – Ministério da Cultura, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu do Índio e Fundação Nacional do Índio. É o volume número 4 da Coleção "Reconquista do Brasil" (Série Especial), dirigida por Antonio Paim, Roque Spencer Maciel de Barros e Ruy Afonso da Costa Nunes, diretor, até o volume 3, Mário Guimarães Ferri (1918-1985), da Universidade de São Paulo. Foi composta com tipos da Família Press Roman, corpo 10/12. Notas em corpo 8/8, os títulos dos capítulos em corpo 18 da mesma família. A coordenação gráfica, diagramação, composição e Arte-final, Line's Studio Ltda. do Rio de Janeiro (021-263-1029). A mancha tipográfica é de 37,5 x 61 paicas. O papel do texto é de fabricação nacional, Westerprint, 110 g/m², branco tipo 234 Esp., e o das ilustrações a cores é couché Matt 120 g/m², fabricados e fornecidos pela Cia. Industrial de Papel Pirahy, Santanésia – Estado do Rio de Janeiro. Foram impressos 100 exemplares, numerados de 001 a 100, destinados a subscritores e fora do comércio, o texto impresso em papel vergê creme 120 g/m², também de fabricação da Cia. Industrial de Papel Pirahy, que também fabricou o papel Matt para as ilustrações a 4 cores. A capa foi concebida pelo artista plástico Cláudio Martins. As ilustrações 1.430 em preto no texto são de autoria do Antropólogo, arquiteto e desenhista Hamilton Botelho Malhano que também diagramou a iconografia a cores. A documentação fotográfica, deve-se ao Dr. Frederico F. Ribeiro, Pedro Lobo e Domingos Lamônica e Ricardo Moderno. Os fotolitos do texto foram confeccionados por Linolivro S/C Composições Gráficas Ltda., à Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 – Benfica, Rio de Janeiro. Os fotolitos da capa e das pranchas coloridas foram executadas pela Multicor Ltda., à Rua Carijós, 840 – Belo Horizonte, com a supervisão do gerente industrial Altair Reis da Silva (Marreco). Planejamento gráfico de Alceu Letal. Impressa na Gráfica Bisordi Ltda., à Rua Santa Clara, 54 – Brás – São Paulo. As ilustrações a cores foram impressas pela Gráfica Planalto Ltda., de Abrão de Castro Belkerman à Rua Lima Duarte, 73 – Belo Horizonte, para a Editora Itatiaia Limitada, à Rua São Geraldo 67 – Belo Horizonte e, em regime de co-edição com a EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo. No Catálogo Geral leva o número 1010.

COLEÇÃO RECONQUISTA DO BRASIL (Formato 18 x 27) – 1ª Série

1. LAGOA SANTA E A VEGETAÇÃO DE CERRADOS BRASILEIROS – Eugênio Warming e Mário G. Ferri.
2. A VEGETAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL – C. A. M. Lindman e Mário G. Ferri.
3. ECOLOGIA: temas e problemas brasileiros – Mário Guimarães Ferri.
4. VIAGEM PELAS PROVÍNCIAS DO RIO DE JANEIRO E MINAS GERAIS – Auguste de Saint-Hilaire.
5. VIAGEM PELO DISTRITO DOS DIAMANTES E LITORAL DO BRASIL – Auguste de Saint-Hilaire.
6. VIAGEM AO ESPÍRITO SANTO E RIO DOCE – Auguste de Saint-Hilaire.
7. VIAGEM ÀS NASCENTES DO RIO SÃO FRANCISCO – Auguste de Saint-Hilaire.
8. VIAGEM À PROVÍNCIA DE GOIÁS – Auguste de Saint-Hilaire.
9. VIAGEM A CURITIBA E PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA – Auguste de Saint-Hilaire.
10. VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL – Auguste de Saint-Hilaire.
11. SEGUNDA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO A MINAS GERAIS E A SÃO PAULO (1822) – Auguste de Saint-Hilaire.
12. VIAGEM AO BRASIL (1865-1866) – Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz.
13. VIAGEM AO INTERIOR DO BRASIL – George Gardner.
14. VIAGEM NO INTERIOR DO BRASIL – J. Emanuel Pohl.
15. HISTÓRIA DOS FEITOS RECENTEMENTE PRATICADOS DURANTE OITO ANOS NO BRASIL – Gaspar Barléu.
16. O SELVAGEM – General Couto de Magalhães.
17. DUAS VIAGENS AO BRASIL – Hans Staden.
18. VIAGEM PELA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO – Auguste de Saint-Hilaire.
19. HISTÓRIA DA MISSÃO DOS PADRES CAPUCHINHOS NA ILHA DO MARANHÃO – Claude d'Abbeville.
20. MEMÓRIAS PARA A HISTÓRIA DA CAPITANIA DE SÃO VICENTE – Frei Gaspar da Madre de Deus.
21. NOTAS SOBRE O RIO DE JANEIRO – John Luccock.
22. OS CADUVEOS – Guido Boggiani.
23. PEREGRINAÇÃO PELA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO – Augusto Emílio Zaluar.
24. CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE O BRASIL E BUENOS AIRES – Por uma Testemunha Ocular.
25. MEMÓRIA SOBRE A VIAGEM DO PORTO DE SANTOS À CIDADE DE CUIABÁ – Luís d'Alincourt.
26. MEMÓRIAS DO DISTRITO DIAMANTINO – Joaquim Felício dos Santos.
27. COROGRAFIA BRASÍLICA – Aires de Casal.
28. A VIDA NO BRASIL – Thomas Ewbank.
29. VIAGEM PITORESCA ATRAVÉS DO BRASIL – Alcide D. Orbigny.
30. A SELVA AMAZÔNICA: DO INFERNO VERDE AO DESERTO VERMELHO? – Robert Goodland e Howard Irwin.
31. HISTÓRIA DA GUERRA DO PARAGUAI – Max von Versen.
32. HISTÓRIA DA AMÉRICA PORTUGUESA – Sebastião Rocha Pita.
33. VIAGENS AO INTERIOR DO BRASIL – John Mawe.
34. BRASIL: AMAZONAS – XINGU – Príncipe Adalberto da Prússia.
35. NAS SELVAS DO BRASIL – Theodore Roosevelt.
36. VIAGEM DO RIO DE JANEIRO A MORRO VELHO – Richard Burton.
37. VIAGEM DE CANOA DE SABARÁ AO OCEANO ATLÂNTICO – Richard Burton.
38. IV SIMPÓSIO SOBRE O CERRADO – Bases para utilização agropecuária.

39/41. VIDA DE D. PEDRO II – Ascensão(1825-1870), Fastígio (1870-1880), O Declínio (1880-1891) – 3 vols. – Heitor Lyra.

42. HISTÓRIA DO MOVIMENTO POLÍTICO DE 1842 – José Antônio Marinho.
43. O PAÍS DAS AMAZONAS – Barão de Santa Anna Nery.
44. VIAGEM AO TAPAJÓS – Henri Coudreau.
45. AS SINGULARIDADES DA FRANÇA ANTÁRTICA – André Thevet.
46. BRASIL – Ferdinand Denis.
47. EXPLORAÇÃO DA GUIANA BRASILEIRA – Hamilton Rice.

*48. DIÁRIO DO BRASIL – W. L. von Eschwege.

49. VIAGEM AO XINGU – Henri Coudreau.
50. VIAGENS PELOS RIOS AMAZONAS E NEGRO – Alfred Russel Wallace.
51. A CAPITANIA DAS MINAS GERAIS – Augusto de Lima Júnior.
52. ECOLOGIA DO CERRADO – R. Goodland e M. G. Ferri.
53. UM NATURALISTA NO RIO AMAZONAS – Henry Walter Bates.
54. HISTÓRIA DAS ÚLTIMAS LUTAS NO BRASIL ENTRE OS HOLANDESES E OS PORTUGUESES – Pierre Moreau e RELAÇÃO DA VIAGEM AO PAÍS DOS TAPUIAS – Roulox Baro.
55. FESTAS E TRADIÇÕES POPULARES NO BRASIL – Mello Moraes Filho.

56/57. VIAGEM PITORESCA E HISTÓRICA AO BRASIL – 2 vols. – Jean Baptiste Debret.

58/59. PLUTO BRASILIENSIS – 2 vols. – W. L. von Eschwege.

60. VIAGEM A ITABOCA E AO ITACAIÚNAS – Henri Coudreau.

COLEÇÃO RECONQUISTA DO BRASIL (Nova Série)

1. DOCUMENTÁRIO ARQUITETÔNICO – José Wasth Rodrigues.
2. VIAGEM PITORESCA ATRAVÉS DO BRASIL – João Maurício Rugendas.

3/4. PROVÍNCIA DE SÃO PAULO – 2 vols. – M. E. Azevedo Marques.

5/7. NOBILIARQUIA PAULISTANA HISTÓRICA E GENEALÓGICA – 3 vols. – Pedro Taques de Almeida Paes Leme.

8. VIDA E MORTE DO BANDEIRANTE – Alcântara Machado.
9. ARRAIAL DO TIJUCO CIDADE DIAMANTINA – Aires da Mata Machado Filho.
10. VIAGEM À TERRA DO BRASIL – Jean de Léry.
11. MEMÓRIAS DE UM COLONO NO BRASIL – Thomas Davatz.
12. TRATADO DA TERRA DO BRASIL – HISTÓRIA DA PROVÍNCIA DE SANTA CRUZ – Pero de Magalhães Gândavo.
13. TRATADOS DA TERRA E GENTE DO BRASIL – Padre Fernão Cardim.
14. VIAGEM ÀS PROVÍNCIAS DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO – J. J. Tschudi.
15. REMINISCÊNCIAS DE VIAGENS E PERMANÊNCIAS NAS PROVÍNCIAS DO SUL DO BRASIL – Daniel P. Kidder.
16. REMINISCÊNCIAS DE VIAGENS E PERMANÊNCIAS NAS PROVÍNCIAS DO NORTE DO BRASIL – Daniel P. Kidder.
17. VIAGEM PELA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL (1858) – Robert Avé-Lallemant.
18. VIAGENS PELAS PROVÍNCIAS DE SANTA CATARINA, PARANÁ E SÃO PAULO (1858) – Robert Avé-Lallemant.
19. VIAGENS PELAS PROVÍNCIAS DA BAHIA, PERNAMBUCO, ALAGOAS E SERGIPE – Robert Avé-Lallemant.
20. NO RIO AMAZONAS – Robert Avé-Lallemant.
21. VIAGEM ÀS MISSÕES JESUÍTICAS E TRABALHOS APOSTÓLICOS – Padre Antônio Sepp, S. J.
22. IMAGENS DO BRASIL – Carl von Koseritz.
23. VIAGEM AO BRASIL – Hermann Burmeister.
24. DEZ ANOS NO BRASIL – Carl Seidler.
25. SÃO PAULO DE OUTRORA – Paulo Cursino de Moura.
26. VEGETAÇÃO BRASILEIRA – Mário Guimarães Ferri.
27. NOTÍCIAS DAS MINAS DE SÃO PAULO E DOS SERTÕES DA MESMA CAPITANIA – Pedro Taques de Almeida Paes Leme.
28. NA CAPITANIA DE SÃO VICENTE – Washington Luís.

29/30. BRASIL PITORESCO – 2 vols. – Charles Ribeyrolles.

31. VIAGEM DE UM NATURALISTA INGLÊS AO RIO DE JANEIRO E MINAS GERAIS – Charles James Fox Bumbury.
32. PASSEIO A OURO PRETO – Lúcia Machado de Almeida.
33. RELATOS MONÇOEIROS – Afonseo D'E. Taunay.
34. RELATOS SERTANISTAS – Afonso D'E. Taunay.
35. MEMORÁVEL VIAGEM MARÍTIMA E TERRESTRE AO BRASIL – Joan Nieuhof.

36/37. MEMÓRIAS PARA SERVIR À HISTÓRIA DO REINO DO BRASIL – 2 vols. – Luís Gonçalves dos Santos.

38. DESCRIÇÃO DOS RIOS PARNAÍBA E GURUPI – Gustavo Dodt.

39/40. HISTÓRIA DO IMPÉRIO – A ELABORAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA 2 vols. – Tobias Monteiro.

41/42. HISTÓRIA DO IMPÉRIO – O PRIMEIRO REINADO – 2 vols. – Tobias Monteiro.

43. VIAGEM MILITAR AO RIO GRANDE DO SUL – Conde D'Eu.
44. HISTÓRIA DO RIO TIETÊ – Mello Nóbrega.
45. HISTÓRIA DO BRASIL – João Armitage.

46/48. VIAGEM PELO BRASIL – 3 vols. – Spix e Martius.

49. HISTÓRIA DO BRASIL – Frei Vicente do Salvador.

50/54. HISTÓRIA GERAL DO BRASIL – 5 vols. – Francisco Adolfo de Varnhagen.

55. HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL – Francisco Adolfo de Varnhagen.
56. O DIABO NA LIVRARIA DO CÔNEGO – Eduardo Frieiro.

57. VIAGEM AO INTERIOR DO BRASIL – G. W. Freireyss.
58. O ESTADO DE DIREITO ENTRE OS AUTÓCTONES DO BRASIL – C. F. von Martius.
59. OS CIGANOS NO BRASIL E CANCIONEIRO DOS CIGANOS – Mello Moraes Filho.
60. PESQUISAS E DEPOIMENTOS PARA HISTÓRIA – Tobias Monteiro.
61/62. COROGRAFIA HISTÓRICA DA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS – 2 vols. – Cunha Matos.
63/64. HISTÓRIA DO BRASIL-REINO E BRASIL-IMPÉRIO – 2 vols. – Mello Moraes.
65/66. HISTÓRIA DO BRASIL – 2 vols. – H. Handelmann.
67/69. HISTÓRIA DO BRASIL – 3 vols. – Robert Southey.
70. CULTURA E OPULÊNCIA DO BRASIL – André João Antonil.
71. VILA RICA DO PILAR – Fritz Teixeira de Salles.
72. FEIJÃO, ANGU E COUVE – Eduardo Frieiro.
73. OS CINTAS-LARGAS – Richard Chapelle.
74/75. NOTÍCIAS DO BRASIL (1828-1829) – 2 vols. – R. Walsh.
76. O PRESIDENTE CAMPOS SALLES NA EUROPA – Tobias Monteiro.
77. HISTÓRIA DA SIDERURGIA BRASILEIRA – Francisco de A. Magalhães Gomes.
78. GEOGRAFIA DOS MITOS BRASILEIROS – Luis da Camara Cascudo.
79/80. HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO NO BRASIL – 2 vols. – Luis da Camara Cascudo.
81. VAQUEIROS E CANTADORES – Luis da Camara Cascudo.
82. O COMÉRCIO PORTUGUÊS NO RIO DA PRATA (1580-1640) – Alice Piffer Canabrava.
83. EPISÓDIOS DA GUERRA DOS EMBOABAS E SUA GEOGRAFIA – Eduardo Canabrava Barreiros.
84. LITERATURA ORAL NO BRASIL – Luis da Camara Cascudo.
85. O MARQUÊS DE OLINDA E SEU TEMPO – Costa Porto.
86. CANTOS POPULARES DO BRASIL – Sílvio Romero.
87. CONTOS POPULARES DO BRASIL – Sílvio Romero.
88. O NEGRO E O GARIMPO EM MINAS GERAIS – Aires da Mata Machado Filho
89. TIRADENTES – Oiliam José
90. GONZAGA E A INCONFIDÊNCIA MINEIRA – Almir de Oliveira
91. SUPERSTIÇÃO NO BRASIL – Luis da Camara Cascudo
92. TRADIÇÕES E REMINISCÊNCIAS PAULISTANAS – Affonso A. de Freitas
93. LOCUÇÕES TRADICIONAIS NO BRASIL – Luis da Camara Cascudo
94. ESTUDOS – Literatura Popular em Verso – Manuel Diégues Júnior e outros
95. ANTOLOGIA – Literatura Popular em Verso – M. Cavalcanti Proença
96. CONTOS TRADICIONAIS DO BRASIL – Luis da Camara Cascudo
97. IDÉIAS FILOSÓFICAS E POLÍTICAS EM MINAS GERAIS NO SÉCULO XIX – José Carlos Rodrigues
98. IDÉIAS FILOSÓFICAS NO BARROCO MINEIRO – Joel Neves
99. GETÚLIO VARGAS E O TRIUNFO DO NACIONALISMO BRASILEIRO – Ludwig Lauerhass
100/101. RÉPLICA – 2 vols. – Rui Barbosa
102/103. O VALEROSO LUCIDENO – Frei Manuel Calado
104. HISTÓRIA DOS NOSSOS GESTOS – Luis da Camara Cascudo
105/106. INSTITUIÇÕES POLITICAS BRASILEIRAS – Oliveira Vianna – 2 vols.
107/108. POPULAÇÕES MERIDIONAIS DO BRASIL – Oliveira Vianna – 2 vols.
109/110. HISTÓRIA SOCIAL DA ECONOMIA CAPITALISTA NO BRASIL – Oliveira Vianna – 2 vols.
111. INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA ECONOMIA PRÉ-CAPITALISTA NO BRASIL – Oliveira Vianna
112. NA PLANÍCIE AMAZÔNICA – Raymundo de Moraes
113. AMAZÔNIA – A Ilusão de um Paraíso – Betty Meggers
114. PANORAMA DO BRASIL – José Maria Bello
115. ADAGIÁRIO BRASILEIRO – Leonardo Mota
116/118. HISTÓRIA CRÍTICA DO ROMANCE BRASILEIRO – 3 vols. – Temístocles Linhares
119. CAPÍTULOS DE HISTÓRIA COLONIAL – J. Capistrano de Abreu
120. MIRANDA AZEVEDO E O DARWINISMO NO BRASIL – Terezinha Alves Ferreira Collichio
121. FRONTEIRAS SETENTRIONAIS – 3 Séculos de Lutas no Amapá – Sílvio Meira

DICIONÁRIO DO ARTESANATO INDÍGENA BERTA G. RIBEIRO

EDITORA ITATIAIA LIMITADA
EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO